TOM CLANCY

DÍVIDA DE HONRA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

TOM CLANCY

DÍVIDA DE HONRA

Tradução de Ronaldo S. Biasi

Formatação Original de Clubinho
Formatação de LeYtor

RECORD
1996

Título original:
DEBT OF HONOR
1994

Para Mamãe e Papai

“O caráter de um homem é o seu destino”
– HERÁCLITO

AGRADECIMENTOS

A Carter e Wox, pelos procedimentos
A Russ, mais uma vez, pela física
A Tom, Paul e Bruce, pela melhor cartografia do mundo
A Keith, pelo ponto de vista do piloto
A Tony, pela atitude
A Piola e seus amigos de Saipan, pela cor local
E a Sandy, por um ótimo passeio numa cobra.

PRÓLOGO
CREPÚSCULO, AMANHECER

Analisando o que passou, a impressão que se tem é de que foi um jeito muito estranho de começar uma guerra. Apenas um dos participantes fazia ideia do que estava realmente acontecendo, e mesmo assim por mero acaso.

A passagem da escritura tinha sido antecipada por causa de uma morte na família do advogado, que tomaria um voo noturno para o Havaí dali a duas horas.

Era a primeira vez que o Sr. Yamata fechava um negócio em solo americano. Embora fosse dono de muitas propriedades nos Estados Unidos, os detalhes legais tinham sido sempre deixados por conta de outros advogados, invariavelmente cidadãos americanos, que faziam exatamente o que eram pagos para fazer, em geral sob a supervisão de um dos empregados do Sr. Yamata. Dessa vez, porém, era diferente. Havia várias razões para isso. Uma delas era que a compra era pessoal, e não jurídica. Outra, era que não precisaria se afastar muito de casa; duas horas, no máximo, em um jato executivo. O Sr. Yamata explicara ao advogado que a propriedade seria usada como casa de campo para os fins de semana. Com o preço do metro quadrado atingindo níveis astronômicos em Tóquio, poderia comprar centenas de hectares pelo preço de um apartamento de cobertura não muito grande em sua cidade de residência. A vista da casa que pretendia construir no promontório seria deslumbrante, o Pacífico azul, as outras ilhas do arquipélago das Marianas no horizonte, o ar tão puro como em nenhum outro lugar da terra. Por todas essas razões, o Sr. Yamata oferecera uma soma principesca, com um sorriso nos lábios.

Havia, porém, mais uma razão.

Os vários documentos circularam pela mesa redonda, parando diante de cada assento para que as assinaturas pudessem ser apostas nos lugares corretos, marcados com papéis adesivos amarelos, e depois chegou a hora de o Sr. Yamata enfiar a mão no bolso do paletó e tirar um envelope. Ele retirou um cheque de dentro do envelope e entregou-o ao advogado.

— Obrigado, senhor — disse o advogado, no tom respeitoso que os americanos sempre adotavam quando havia muito dinheiro envolvido. Era interessante como seriam capazes de fazer qualquer coisa por dinheiro. Até três anos antes, a compra de terras naquela ilha por um cidadão japonês teria sido

ilegal, mas o advogado certo, o caso certo e a quantidade certa de dinheiro haviam mudado as coisas. — A transferência de propriedade será registrada esta tarde.

Yamata olhou para o vendedor com um sorriso cordial, despediu-se com um aceno de cabeça, levantou-se e deixou o escritório. Havia um carro à sua espera do lado de fora. Yamata sentou-se no banco do carona e fez um gesto seco para o motorista. O negócio estava concluído; não havia mais necessidade de ser simpático.

Como a maioria das ilhas do Pacífico, Saipan é de origem vulcânica.

Um pouco a leste fica a fossa das Marianas, um abismo de onze quilômetros de profundidade que marca o local onde uma placa tectônica mergulha debaixo de outra. O resultado é uma coleção de montanhas gigantescas em forma de cone, das quais as ilhas constituem apenas a parte visível. O Toyota Land Cruiser seguiu uma estrada em um estado razoável de conservação na direção norte, contornando o monte Achuago e o Mariana Country Club para chegar à ponta Marpi, onde parou.

Yamata saltou do veículo, varrendo com o olhar algumas construções que logo seriam demolidas, mas em vez de caminhar até o local onde seria construída sua nova casa, dirigiu-se para a beira do penhasco. Embora já tivesse mais de sessenta anos, caminhava com passos firmes e decididos no terreno irregular. Se aquilo tinha sido uma fazenda, pensou, jamais passara de uma fazenda pobre, pouco hospitaleira. Como tinha sido toda aquela ilha, mais de uma vez e por mais de um motivo.

O rosto do japonês estava impassível quando chegou à beira do que os locais chamavam de pedra Banzai. Uma brisa marinha soprava, e ele podia ver e ouvir as ondas marcharem em fileiras infindáveis até se chocarem com as pedras na base do rochedo as mesmas pedras que haviam dilacerado os corpos dos seus pais e irmãos quando eles, como tantos outros, preferiram pular a ser capturados pelos fuzileiros navais americanos. O suicídio coletivo deixara os americanos chocados, mas isso era uma coisa que o Sr. Yamata jamais admitiria.

O empresário bateu palmas e fez uma mesura, tanto para chamar a atenção dos espíritos desencarnados para sua presença como para mostrar que reconhecia a influência desses espíritos sobre seu próprio destino. Era apropriado, pensou, que com essa transação 50,016% das terras de Saipan estivessem em mãos japonesas, mais de cinquenta anos depois que sua família morrera nas mãos dos americanos.

Sentiu um súbito arrepio e atribuiu-o à emoção do momento, ou talvez à proximidade dos espíritos dos ancestrais. Embora os corpos tivessem sido levados pelas ondas, certamente seu kami jamais deixara esse lugar, e esperara

pela sua volta. Estremeceu e abotoou o paletó. Sim, construiria uma casa, mas só depois de fazer o que era necessário.

Primeiro, tinha de destruir.

Do outro lado do mundo, era um daqueles momentos perfeitos. O taco recuou, afastando-se da bola, em um arco perfeito, parou por um momento, e depois refez o caminho, no sentido oposto, ganhando velocidade. O homem que o segurava deslocou o peso de uma perna para a outra. No momento apropriado, suas mãos fizeram a cabeça do taco girar em torno de um eixo vertical, de modo que, ao atingir a bola, estivesse exatamente perpendicular à trajetória desejada. O ruído foi revelador — uma tacada perfeita (era um taco de cabeça de metal). Isso, e o choque transmitido pelo cabo de grafite, disseram ao golfista tudo que queria saber. Não precisava nem olhar. Completou o golpe antes de voltar a cabeça para acompanhar a trajetória da bola.

Infelizmente, não era Ryan que segurava o taco.

Jack balançou a cabeça com um sorriso amarelo enquanto se abaixava para colocar sua bola no lugar.

— Boa bola, Robby.

O contra-almirante Robert Jefferson Jackson, da Marinha dos Estados Unidos, ficou por um instante em silêncio, os olhos de aviador observando a bola começar a descida e depois rolar pelo fairway, a uns duzentos e cinquenta metros de onde se encontravam. O impulso ainda a fez percorrer uns trinta metros. Ele só falou quando a bola parou, bem no centro.

— Eu preferia que ela tivesse ido um pouco mais longe.

— Uma pena, não é? — observou Ryan, enquanto se preparava para jogar. Joelhos dobrados, costas retas, cabeça baixa mas não muito, mão firme no taco, sim, acho que está tudo certo. Tentou fazer o que o professor do clube lhe ensinara na semana anterior, e na outra semana, e na outra... levantando o taco... e tornando a baixá-lo...

...não foi de todo mau; apenas alguns metros à direita do fainvay, cobrindo uma distância de cento e oitenta metros, a melhor primeira tacada que dera em... em todos os tempos. Atingira a mesma distância que Robby teria conseguido com um taco número sete. A única coisa boa era que eram apenas 7:45 da manhã e não havia ninguém por perto para ver o vexame.

Pelo menos a bola não caiu na água Há quanto tempo você joga, Jack? Faz mais de dois meses.

Jackson sorriu enquanto se dirigia para o carrinho.

— Comecei no meu segundo ano em Annapolis. Tenho mais experiência que você. Não esquente a cabeça e aproveite o dia.

O dia realmente estava lindo. O Greenbrier fica no meio das montanhas da Virgínia Ocidental, um refúgio que data do final do século XVIII.

Naquela manhã de outubro, o grande vulto branco do prédio principal do hotel estava emoldurado por amarelos e vermelhos, as árvores decíduas entrando no seu ciclo anual de fogo outoniço.

— Eu não tinha esperança de derrotá-lo — admitiu Ryan, entrando no carrinho.

O outro olhou para ele e riu.

— Não tem a menor chance. Faça como eu, Jack. Agradeça a Deus por não ter que trabalhar hoje.

Nenhum dos dois se encontrava de férias, embora ambos estivessem necessitados. Também não estavam satisfeitos com os cargos que ocupavam no momento. Robby fora indicado para um posto burocrático no Pentágono. No caso de Ryan, para sua surpresa, tinha sido uma volta ao mundo dos negócios em vez do lugar de professor que desejara — ou pelo menos julgara desejar — quando estava na Arábia Saudita, fazia dois anos e meio.

Talvez fosse a ação, pensou... ela se tornara um vício?, perguntou-se Jack, escolhendo um taco de ferro número três. Não seria suficiente para chegar ao green, mas era o que sabia usar melhor. Sim, era da ação que sentia mais falta no momento.

— Leve o tempo que quiser, e não tente matar a bola. Ela já está morta, entende?

— Sim, senhor. Tem razão, almirante.

— Não levante a cabeça. Deixe que eu olho para você.

— Está bem, Robbie. — Saber que Robbie não riria dele, por pior que fosse a tacada, só servia para piorar as coisas. Mudando de ideia no último momento, aprumou um pouco mais o corpo antes de desferir o golpe. A recompensa foi um som gratificante: Pá. A bola estava a trinta metros de distância quando ergueu os olhos para acompanhar a trajetória, um pouco à esquerda do alvo... mas começando a descrever uma curva para a direita.

Jack? O que foi? — perguntou Ryan, sem virar a cabeça.

— Você se dá bem com o número três — respondeu Jackson, rindo, enquanto tentava avaliar onde cairia a bola. — Talvez seja melhor usá-lo para todas as tacadas.

Jack teve que se controlar para guardar o taco sem tentar enrolar o cabo no pescoço do amigo. Deu uma gargalhada quando o carrinho se pôs de novo em movimento, subindo a colina em direção à bola de Robby, um pontinho branco no tapete verde.

— Sente falta de pilotar? — perguntou, com ar inocente.

Robby olhou para ele.

— Você também sabe jogar sujo — comentou. Mas era verdade. Cumprira a última missão como piloto, fora promovido e se candidatara ao posto de comandante do Centro de Testes da Aviação Naval, na Base Aeronaval de Patuxent River, Maryland, onde seu título real teria sido Primeiro Piloto de Testes da Marinha dos Estados Unidos. Em vez disso, porém, Jackson estava trabalhando no J-3, a diretoria de operações do Estado-Maior Conjunto. Planos de Guerra, uma função estranha, que exigia um guerreiro em um mundo onde a guerra estava se tornando uma coisa do passado. Era melhor para sua carreira, mas muito menos satisfatório do que a posição que postulara. Jackson tentou afastar a frustração com um encolher de ombros. Afinal, já pilotara muito na vida. Começara com os Phantom e fora promovido para os Tomcat. Comandara uma esquadrilha, depois um grupo de esquadrilhas, e fora promovido a oficial superior ainda jovem, com base em uma carreira irrepreensível. Na posição para a qual se candidatara, seria sido comandante de um grupo de combate, algo que no passado lhe parecera um sonho inatingível. Agora, perguntava-se para onde tinha ido todo aquele tempo e o que o esperava no futuro. — O que acontece quando envelhecemos? Alguns se dedicam ao golfe, Rob.

— Ou voltam a se interessar pelo mercado financeiro — replicou Jackson.

Um taco número oito, pensou. Ryan acompanhou-o até onde estava a bola.

— Mercado futuro — lembrou Jack. — Você não tem queixas, não é? O comentário fez o piloto — na ativa ou não, Robby seria sempre um piloto para si mesmo e para os amigos — levantar a cabeça e sorrir.

— Fez muita coisa pelos meus cem mil, Sir John — admitiu Jackson, dando sua tacada. Era uma forma de se desforrar. A bola tocou a grama, quicou, e rolou até parar a cinco metros do buraco.

— O suficiente para me dar aulas de golfe de graça?

— Está mesmo precisando. — Robby parou e sua fisionomia mudou de expressão. — Fizemos muita coisa juntos, Jack. Mudamos o mundo. E para melhor, não foi?

— De certa forma, você tem razão — concordou Jack, com um sorriso contrafeito. Alguns rotulavam isso de acabar com a história, mas o doutorado de Ryan era nessa área, e a ideia despertava nele sentimentos ambivalentes.

— Você gosta do que está fazendo agora?

— Volto para casa toda noite, geralmente antes das seis. Tenho tempo de ver todos os jogos da liga infantil no verão e quase todos os jogos de futebol no outono. Quando Sally começar a namorar, não estarei em um maldito VC-20B a caminho do fim do mundo para uma reunião que no final não vai servir para nada — declarou Jack, com um largo sorriso. — Acho que isso para mim é mais

importante até do que ser um bom golfista.

— É melhor que pense assim, porque acho que nem Arnold Palmer, nosso famoso jogador de golfe, conseguiria corrigir seus vícios. Mas vou tentar — acrescentou Robby — porque Cathy me pediu.

Jack bateu na bola com muita força e teve que dar outra tacada para chegar ao green — em uma posição desfavorável — onde três putts o deixaram com uma contagem de sete, contra quatro de Robby, o par para aquele buraco.

— Se eu jogasse como você, viveria xingando a mim mesmo — observou Jackson, a caminho do segundo tee. Ryan não teve tempo de retrucar. Estava usando um bip no cinto, é claro. Era um bip via satélite, do tipo que pode localizá-lo praticamente em qualquer lugar. Túneis profundos ou grandes massas de água ofereciam alguma proteção, mas não muita. Jack tirou-o do cinto. Devia ser o negócio com a Silicon Alchemy, embora tivesse deixado instruções. Talvez alguém estivesse precisando de clipes. Olhou para o número que aparecera no visor de cristal líquido.

— Pensei que a sede da sua empresa ficasse em Nova York — comentou Robby. O código de área que o visor estava mostrando era 202, não o 212 que Jack esperava ver.

— E fica. Faço a maior parte do meu trabalho de Baltimore, via computador, mas uma vez por semana tenho que pegar o trem e ir até lá. — Ryan franziu a testa. 757-5000. O telefone do Serviços de Mensagens da Casa Branca. Olhou para o relógio. Eram 7:55 da manhã, uma hora que deixava clara a urgência da mensagem. Mas não era exatamente uma surpresa, era?, perguntou-se. Não para ele, que todo dia lia os jornais. Na verdade, estava admirado de que não o tivessem chamado mais cedo. Esperava que o chamassem antes. Foi até o carrinho e tirou do saco de tacos um telefone celular. Na verdade, era a única coisa que havia no saco que sabia usar direito.

Levou apenas três minutos para combinar os detalhes, enquanto Robby esperava a seu lado, curioso. Sim, estava no The Greenbrier. Sim, sabia que havia um aeroporto não muito longe dali. Quatro horas? Menos de uma hora para ir e voltar, não mais do que uma hora no local de destino. Estaria de volta na hora do jantar. Teria tempo até mesmo para terminar a partida de golfe, tomar um banho e trocar de roupa antes de partir, disse Jack a si mesmo, fechando o telefone e guardando-o no saco de tacos. Era uma das vantagens de dispor do melhor serviço de táxi do mundo. O problema era que depois que o fisgavam, não o deixavam mais em paz. A mordomia servia apenas para tornar a escravidão mais confortável. Jack sacudiu a cabeça enquanto se preparava para encarar o segundo buraco, e a interrupção teve um estranho efeito. A tacada em direção ao segundo fairway terminou na grama, a cento e noventa metros, e

Ryan caminhou em silêncio de volta para o carrinho, imaginando o que diria a Cathy.

As instalações eram novas e imaculadas, mas tinham algo de obsceno, pensou o engenheiro. Seus compatriotas odiavam o fogo, mas detestavam ainda mais o tipo de objeto que aquela sala tinha sido projetada para fabricar. Não conseguia tirar uma coisa da cabeça. Era como se houvesse um inseto zumbindo no aposento — algo extremamente improvável, já que cada molécula de ar daquela sala limpa passara pelo melhor sistema de filtragem que seu país fora capaz de desenvolver. A competência dos colegas engenheiros era motivo de orgulho para esse homem, especialmente porque ele próprio podia ser enquadrado entre os melhores. Era esse orgulho que o fazia seguir em frente, pensou, tentando esquecer o zumbido imaginário enquanto inspecionava os instrumentos. Afinal, se os americanos eram capazes, e também os russos, os ingleses, os franceses, os chineses e até mesmo os indianos e paquistaneses, por que não eles? Tinha de haver uma simetria, afinal.

Em outra parte do edifício, o material especial estava sendo grosseiramente moldado naquele exato momento. Agentes de compra tinham levado muito tempo para adquirir os preciosos componentes. Eles eram escassos.

A maioria fora fabricada em outros países, mas alguns tinham sido feitos no próprio país para serem usados no exterior. Tinham sido inventados para uma finalidade, depois adaptados para outras, mas a possibilidade sempre existira — distante, porém real — de que a aplicação original os atraísse de volta. Aquilo se tornara uma brincadeira institucional para o pessoal de produção das várias empresas, algo para não ser levado a sério.

Agora, porém, eles levariam isso a sério, pensou o engenheiro. Apagou as luzes e fechou a porta. Tinha um prazo a cumprir, e começaria naquele mesmo dia, depois de algumas horas de sono.

Embora já tivesse estado ali muitas vezes, Ryan jamais perdera um respeito quase religioso pelo lugar, e a maneira como chegara naquele dia não contribuía para torná-lo mais prosaico. Um carro discreto tinha ido buscá-lo no hotel e o levara ao aeroporto. A aeronave estava à sua espera, naturalmente, um bimotor executivo na extremidade da pista, sem nada de especial a não ser as insígnias da Força Aérea dos Estados Unidos e o fato de que a tripulação usava uniformes verde-oliva. Sorrisos cordiais, mas respeitosos.

Um sargento para assegurar que ele sabia usar o cinto de segurança corretamente e discorrer mecanicamente a respeito dos procedimentos de segurança e emergência. Um olhar para trás de um piloto que tinha um horário a

cumprir e estavam a caminho, com Ryan imaginando onde estavam os papéis que o prepariam para o encontro e bebericando uma Coca-Cola da Força Aérea dos Estados Unidos. Arrependeu-se de não ter vestido o terno mais novo e lembrou-se de que decidira deliberadamente não fazê-lo. Uma coisa estúpida, indigna de alguém como ele. Quarenta e sete minutos de voo e pista livre na base de Andrews. A única coisa que deixaram de fora foi o voo de helicóptero, porque daria muito na vista.

Recebido com deferência por um major da Força Aérea, que o encaminhara a um carro oficial barato com um motorista lacônico, Ryan recostou-se no assento e fechou os olhos enquanto o major ocupava o lugar do carona.

Tentou dormir. Já vira a Suitland Parkway e conhecia o caminho de cor. Da Suitland Parkway para a 1-295, saindo logo depois para entrar na 1395; pegar a saída da Maine Avenue. Naquela hora do dia, logo depois do almoço, o trânsito era calmo; não levaram muito tempo para chegar à guarita da West Executive Drive, onde o sentinela, para surpresa de Ryan, limitou-se a acenar para que passassem. A entrada com um toldo do porão da Casa Branca o esperava com um rosto familiar.

— Olá, Arnie — disse Jack, estendendo a mão para o secretário do presidente. Arnold van Damm era muito bom no que fazia, e Roger Durling precisara de sua ajuda na fase de transição. Mais tarde, o presidente Durling comparara seu secretário com Arnie, e este levara vantagem na comparação.

Não mudara muito, observou Ryan. As mesmas camisas L.L. Bean, a mesma expressão de honestidade no rosto, mas Arnie estava mais velho e mais cansado que da última vez que o vira. Ora, quem não estava?

— A última vez que conversamos, você me liberou de todas as amarras — disse Jack, para se pôr logo a par da situação.

— Todos cometemos enganos, Jack.

Oh-oh. Ryan se colocou imediatamente em guarda, mas mesmo assim o aperto de mão o fez transpor o umbral. Os agentes do Serviço Secreto que estavam de guarda tinham um passe pronto para ele, e tudo correu bem até que o detector de metais começou a apitar. Ryan entregou a chave do hotel e tentou de novo, disparando mais uma vez o alarma. A única outra peça de metal que tinha no corpo, com exceção do relógio, era um pivô.

— Desde quando você joga golfe? — perguntou van Damm, com uma risada que combinava com a expressão do agente mais próximo.

— É bom saber que vocês não andam me espionando. Há dois meses, e ainda não passei da barreira dos cento e dez.

O secretário indicou com um gesto a escadaria da esquerda.

— Sabe por que chamam o esporte de “golfe”?

— Sei, porque a palavra “merda” já estava tomada. — Ryan parou no patamar. — O que está acontecendo, Arnie?

— Acho que você sabe — foi tudo que conseguiu como resposta.

— Olá, Dr. Ryan! — A agente especial Helen D'Agustino continuava bonita como sempre e ainda trabalhava para a Segurança do Presidente. — Venha comigo, por favor.

A presidência não é um trabalho que mantenha um homem jovem.

Roger Durling tinha sido um paraquedista acostumado a galgar colinas no Planalto Central do Vietnã, ainda fazia seu cooper e, segundo a imprensa, gostava de jogar squash para manter a forma, mas, naquela tarde, parecia um homem cansado. Mais importante, refletiu Jack rapidamente, era o fato de que fora levado sem demora para ver o presidente, sem ter que esperar em uma das muitas antessalas, e os sorrisos nos rostos das pessoas com quem estivera no caminho tinham uma mensagem inconfundível. Durling levantou-se com uma presteza destinada a mostrar a satisfação que sentia em revê-lo. Ou talvez algo mais.

— Como vai o negócio de corretagem, Jack? O aperto de mão que acompanhou a pergunta foi firme e seco, mas tinha um quê de urgência.

— Ele me mantém ocupado, Sr. presidente.

— Nem tanto. Estava jogando golfe na Virgínia Ocidental? — perguntou Durling, convidando Ryan com um gesto a sentar-se perto da lareira. — Isto é tudo — disse aos dois agentes do Serviço Secreto que tinham entrado com Ryan. — Obrigado.

— É o meu vício mais recente, senhor — explicou Ryan, ouvindo a porta se fechar atrás dele. Era estranho que o deixassem ficar tão perto do chefe do Executivo sem a presença protetora dos agentes do Serviço Secreto, especialmente depois de ficar tanto tempo fora do governo.

Durling sentou-se e recostou-se no assento. Sua linguagem corporal mostrava vigor, do tipo que emanava mais da mente do que do corpo.

Chegara a hora de falar de negócios.

— Eu podia dizer que lamento interromper suas férias, mas não vou fazer isso — declarou o presidente dos Estados Unidos. — Teve dois anos de férias, Dr. Ryan. Agora elas terminaram.

Dois anos. Durante os primeiros dois meses, não fizera absolutamente nada, a não ser examinar algumas propostas de emprego como professor universitário, levar a mulher até a porta de manhã cedo (ela estava fazendo residência médica no Johns Hopkins), preparar a merenda das crianças e dizer a si mesmo como era bom relaxar. Levara esses dois meses para admitir a si mesmo que a falta de atividade era mais enervante do que qualquer atividade que desempenhara na

vida. Apenas três entrevistas depois, estava de volta ao ramo de investimentos, podia apostar corrida com a mulher de manhã para ver quem saía primeiro de casa, queixar-se da corrida de ratos... e provavelmente preservar a sanidade. Ao mesmo tempo, ganhara algum dinheiro, mas mesmo isso, admitiu a si mesmo, não tinha mais muita graça.

Não, ainda não encontrara seu lugar, e começava a duvidar de que um dia fosse encontrá-lo.

— Sr. presidente, já faz algum tempo que o recrutamento terminou — protestou Jack, com um sorriso.

Era um comentário atrevido; arrependeu-se quase de imediato de ter falado naquele tom.

— O senhor já disse "não" uma vez ao seu país.

A censura pôs um fim aos sorrisos. Será que Durling estava tão estressado assim? Bem, tinha todo o direito de estar, e com a tensão viera a impaciência, o que era estranho em um homem cuja função principal diante do público era ser cordial e tranquilizador. Mas Ryan não fazia parte do público, fazia?

— Senhor, naquela ocasião eu estava exausto. Não acha que eu seria o último a...

— Acho. Conheço muito bem sua ficha — declarou Durling. — O suficiente para saber que talvez não estivesse aqui hoje se não fosse pelo que fez na Colômbia há alguns anos. Prestou bons serviços à pátria, Dr. Ryan, e agora que teve algum tempo de folga, e a oportunidade de se divertir no mercado financeiro... com grande sucesso, pelo que me consta... acho que chegou a hora de o recebermos de volta.

— Em que posto, senhor? — quis saber Jack.

— No final do corredor, dobrando à direita. Os últimos ocupantes não se saíram muito bem — observou Durling. Cutter e Elliot já não eram grande coisa; o conselheiro de Segurança Nacional escolhido por Durling se revelara um desastre. Seu nome era Tom Loch, e estava demissionário, segundo o jornal que lera naquela manhã. Parecia que a imprensa estava certa, para variar. — Não vou perder mais tempo. Precisamos do senhor. Eu preciso do senhor.

— Sr. presidente, sinto-me lisonjeado, mas a verdade é que...

— A verdade é que tenho uma agenda cheia, o dia tem apenas vinte e quatro horas e minha administração já vacilou várias vezes. No processo, não servimos ao país tão bem como deveríamos. Não posso dizer isso fora desta sala, mas posso e devo dizer aqui. O Departamento de Estado vai mal. O Departamento de Defesa vai mal.

— Fiedler está indo muito bem no Tesouro — objetou Ryan. — E se está com dificuldades no Departamento de Estado, por que não promove Scott Adler?

Ele é jovem, mas tem muita visão.

— Não sem uma supervisão direta deste escritório, e não tenho tempo para isso. Vou contar a Buzz Fiedler que ele conta com sua aprovação — acrescentou Durling com um sorriso.

— Ele é um técnico brilhante, e é disso que precisamos do outro lado da rua. Se é necessário combater a inflação, pelo amor de Deus, muito melhor fazer a coisa de uma vez...

— ... e assumir os riscos políticos — completou Durling. — Foi exatamente o que eu disse a ele. Proteja o dólar e reduza a inflação a zero, custe o que custar. Acho que é a pessoa indicada para isso. Os resultados iniciais são animadores.

Ryan fez que sim com a cabeça. — Acho que o senhor está certo.

— Está bem, vá em frente.

Durling entregou-lhe uma pasta.

— Leia.

— Sim, senhor.

Jack começou a folhear as páginas, passando rapidamente pelas advertências de praxe a respeito do que aconteceria se revelasse a alguém o que estava prestes a ler. Como de costume, as informações protegidas pela Lei de Segurança dos Estados Unidos não eram muito diferentes das que qualquer cidadão poderia conseguir no Time, mas não tão bem escritas. Estendeu a mão direita para a xícara de café. Estava mais acostumado com canecas sem asa. A porcelana da Casa Branca podia ser fina, mas não era nada prática. Estar ali era como visitar um patrão muito rico. Aqueles encontros eram simplesmente...

— O assunto não me é estranho, mas não pensei que fosse tão... interessante — murmurou Jack.

— “Interessante”? — repetiu Durling, com um sorriso que passou despercebido. — Está sendo gentil.

— Mary Pat agora é vice-diretora de Operações? Ryan levantou os olhos para ver o presidente assentir secamente.

— Ela esteve aqui faz um mês para defender uma expansão do seu setor.

— Foi muito convincente. Al Trent acaba de conseguir a autorização do comitê.

Jack riu.

— Do Departamento da Agricultura ou do Interior, desta vez? —Aquela parte do orçamento da CIA nunca era aprovada abertamente. A Diretoria de Operações sempre conseguia parte dos fundos por vias tortuosas.

— Saúde e Serviços Humanos, penso eu.

— Mas ainda vai levar dois ou três anos para...

— Eu sei. — Durling remexeu-se no assento. — Escute, Jack, se era tão importante para você, por que...

— Senhor, se conhece bem minha ficha, sabe por quê.

— Faça-me o favor, Jack teve vontade de dizer, quanto espera que eu... Mas não, não podia, não ali, não para aquele homem, de modo que voltou a concentrar a atenção na pasta, lendo o mais rapidamente possível.

— Eu sei, foi um erro desprezar a prata da casa. Foi o que Trent e Fellows me disseram. Foi o que a Sra. Foley me disse. Este cargo às vezes pode ser um peso, Jack Ryan levantou os olhos e estava prestes a sorrir quando viu o rosto do presidente. Havia um cansaço em volta dos olhos que Durling era incapaz de esconder. Foi então que Durling viu a expressão no rosto de Jack.

— Quando pode começar? — perguntou o presidente dos Estados Unidos.

O engenheiro estava de volta, acendendo as luzes e olhando para as máquinas-ferramentas. O escritório do supervisor tinha paredes de vidro e era ligeiramente elevado, de modo que podia observar todas as atividades da oficina sem um esforço maior do que o de levantar a cabeça. Em poucos minutos, os técnicos começariam a chegar; sua presença no escritório antes do restante do pessoal — em um país onde chegar duas horas mais cedo era considerado normal — mostraria a seriedade com que encarava aquele trabalho. O primeiro homem chegou apenas dez minutos depois, pendurou o casaco e foi fazer café. Café, e não chá, pensaram os dois ao mesmo tempo.

Surpreendentemente ocidental. Os outros chegaram em bando, ao mesmo tempo ressentidos e invejosos do colega, pois todos notaram que o escritório do chefe estava aceso e ocupado. Poucos fizeram ginástica nos postos de trabalho, tanto para relaxar como para mostrar sua dedicação. Quando faltavam exatamente duas horas para o serviço começar, o chefe saiu do escritório e reuniu a equipe para a primeira palestra da manhã a respeito do que estavam fazendo. Todos sabiam, é claro, mas mesmo assim tiveram de ouvir. A fala levou dez minutos, e em seguida foram trabalhar. Não era absolutamente um jeito estranho de começar uma guerra.

O jantar foi elegante, servido em um enorme salão de teto muito alto, ao som de piano, violino e o ocasional tilintar de cristal. A conversa à mesa foi superficial, ou pelo menos assim pareceu a Jack, enquanto ele saboreava o vinho e degustava o prato principal. Sally e o pequeno Jack estavam indo bem na escola e Kathleen faria dois anos dali a um mês. Já se tornara a rainha da casa de Peregrine Cliff, a menina dos olhos do pai e o terror da creche. Robby e Sissy, que não tinham filhos apesar de todos os esforços, eram tios honorários dos

filhos de Ryan e se orgulhavam tanto das crianças como Jack e Cathy. Havia um resquício de tristeza nisso, pensou Jack, mas a vida era assim mesmo, e imaginou se Sissy ainda chorava quando pensava no assunto e Robby estava ausente em alguma missão. Jack, que não tinha irmãos, sentia-se mais próximo do amigo do que se ele fosse seu irmão e achava que ele merecia melhor sorte. Quanto a Sissy... bem, Sissy era um anjo de mulher. Imagino como o governo estará se saindo.

— Provavelmente estão preparando um plano para invadir Bangladesh — observou Jack, levantando os olhos e entrando outra vez na conversa.

— Isso foi na semana passada — informou Jackson, com um sorriso.

— Como eles conseguem passar sem nós? — perguntou Cathy, em tom distraído, provavelmente preocupada com um paciente.

— Seja como for, a temporada de concertos só começa no mês que vem — declarou Sissy.

— Mmmmm — fez Ryan, baixando os olhos para o prato, sem saber como contar a novidade.

— Jack, eu já sei — disse Sally, finalmente. — Você não sabe disfarçar.

— Quem...

— Ela perguntou onde você estava — explicou Robby. — Um oficial de marinha não mente.

— Achou que eu ficaria zangada? — perguntou Cathy ao marido.

— Achei.

— Vocês não sabem como é — explicou Cathy aos amigos. — Toda manhã, ele pega o jornal e começa a resmungar. Toda noite, assiste ao noticiário da TV e começa a resmungar. Todo domingo, passa horas vendo os programas de entrevistas e não para de resmungar. Jack — perguntou, sem levantar a voz —, você acha que eu conseguiria viver sem praticar medicina?

— Acho que não, mas não é a mesma...

— Não, não é, mas entendo como se sente. Quando vai começar? — quis saber Caroline Ryan.

1
EX-ALUNOS

Havia uma universidade em algum lugar do Meio Oeste, ouvira Jack uma vez no rádio, que projetara um instrumento para medir as condições no interior de um tornado. Toda primavera, alunos de pós-graduação e um professor ou dois escolhiam uma faixa promissora de terra e, ao observar a chegada de um tornado, tentavam colocar o instrumento, chamado “Toto” — que outro nome poderia ter? — diretamente no caminho da tempestade que se aproximava. Até o momento, não tinham conseguido sucesso. Talvez houvessem escolhido o lugar errado, pensou Ryan, olhando pela janela para as árvores sem folhas do Lafayette Park. O escritório do conselheiro de Segurança Nacional do presidente era mais ciclônico do que a maioria das regiões da Terra, e, infelizmente, muito mais fácil de entrar.

— Você sabe — disse Ryan, recostando-se no assento —, as coisas deviam ser mais simples do que são. — E eu pensei que fossem, absteve-se de acrescentar.

— Antigamente, o mundo tinha regras — observou Scott Adler. — Agora, não tem mais.

— Como está se saindo o presidente, Scott?

— Quer saber a verdade? — perguntou Adler, querendo dizer: Estamos na Casa Branca, lembra-se? e imaginando se a conversa estaria sendo gravada. — Metemos os pés pelas mãos na Coreia, mas conseguimos sair a tempo. Graças a Deus que soubemos contornar a situação na Iugoslávia, porque não teríamos a mesma sorte naquele maldito lugar. Nossas relações com a Rússia não vão lá muito bem. Todo o continente africano é um saco de gatos. A única coisa que fizemos certo ultimamente foi aquele tratado comercial...

— Que não inclui o Japão e a China — completou Ryan.

— Ei, você e eu demos um jeito no Oriente Médio, lembra-se? Aquele foi um bom trabalho.

— Qual é o lugar mais quente no momento? — Ryan não queria elogios pelo trabalho que fizera no Oriente Médio. O “sucesso” tivera consequências muito desagradáveis e era a principal razão para seu afastamento do governo.

— É melhor colocar isso no plural — sugeriu Adler.

Ryan concordou com a cabeça.

— O que me diz do secretário de Estado?

— Henson? É um político — respondeu o agente de carreira do Serviço Secreto.

E orgulhoso da profissão, pensou Jack consigo mesmo. Adler começara a trabalhar para o Departamento de Estado logo depois de se formar no primeiro lugar da turma na Fletcher School, e galgara todos os postos da carreira, passando por todos os percalços e politicagens internas que lhe custaram o amor da primeira mulher e boa parte do cabelo. Tinha de ser o amor à pátria que lhe dava forças, pensou Jack. Filho de um sobrevivente de Auschwitz, Adler se importava com a América de uma forma que poucos podiam imitar. Melhor ainda: seu amor não era cego, mesmo agora que ocupava um cargo de confiança e não uma posição de carreira. Como Ryan, estava à disposição do presidente, e mesmo assim tivera a honestidade de responder às perguntas de Jack com franqueza.

— Pior ainda — emendou Ryan. — É advogado. Eles sempre atrapalham a vida da gente.

— O velho preconceito — observou Adler, com um sorriso, antes de usar um pouco dos próprios poderes de análise. — Você está maquinando alguma coisa, não está? Ryan fez que sim com a cabeça.

— Um ajuste de contas. Tenho dois homens trabalhando nele no momento.

A tarefa combinava perfuração e extração de petróleo, a ser seguida por um trabalho delicado de acabamento, e tinha de ser terminada a tempo. Os furos estavam quase prontos. Não fora fácil perfurar a rocha basáltica do vale nem mesmo uma vez, quanto mais dez, cada poço com quarenta metros de profundidade por dez de diâmetro. Entretanto, uma turma de novecentos homens, trabalhando em três turnos, conseguira superar o cronograma oficial em duas semanas, isso sem abrir mão de nenhuma das precauções.

Seis quilômetros de trilhos tinham sido instalados a partir da linha de Shin-Kansen mais próxima; em cada centímetro desses trilhos, as torres que seriam normalmente usadas para sustentar a rede elétrica serviam de apoio para seis quilômetros de redes de camuflagem.

A história geológica daquele vale japonês devia ter sido interessante, pensou o superintendente de obras. As montanhas a leste eram tão íngremes, que só se via o sol uma hora depois de nascer. Não admira que os engenheiros de estradas de ferro tivessem olhado para aquele vale e escolhido outro trajeto.

A estreita garganta — que, em certos locais, não chegava a ter dez metros de largura na base — tinha sido aberta por um rio, há muito represado, e o que restara era essencialmente uma trincheira cavada na pedra, como se fosse o

resíduo de uma guerra. Ou o preparativo para uma, pensou. Aquilo era óbvio, afinal, apesar do fato de que ninguém lhe dissera nada a não ser para se manter de boca fechada a respeito do projeto. Só havia duas maneiras de sair daquele lugar: diretamente para cima ou pelas extremidades. Um helicóptero seria capaz da primeira proeza, um trem da segunda, mas para conseguir qualquer outra coisa seria preciso violar as leis da balística, o que certamente constituía uma empreitada muito difícil.

Enquanto olhava, uma grande escavadeira Kowa despejou mais uma carga de pedra britada em um vagão aberto. Era o último carro da composição, e logo a locomotiva diesel levaria o comboio até a linha principal, onde seria substituída por uma máquina elétrica convencional, de bitola larga.

— Está pronto — disse-lhe o empregado, apontando para o buraco.

No fundo do poço, um homem segurava a ponta de uma trena. Quarenta metros, exatamente. A profundidade já tinha sido medida com o auxílio de um laser, é claro, mas a tradição exigia que a medição fosse verificada pelas mãos humanas de um profissional experiente, e por isso lá embaixo estava um mineiro de meia-idade, cujo rosto brilhava de contentamento. E que não tinha a menor ideia da finalidade do projeto.

— Hai — disse o superintendente, com um gesto de cabeça e depois uma mesura mais formal de aprovação para o homem, que se apressou em responder ao cumprimento. O próximo trem traria uma grande misturadora de cimento. As peças de revestimento pré-moldado já estavam empilhadas ao lado daquele poço... e, para dizer a verdade, ao lado de todos os outros, prontas para serem instaladas. Ao terminar o primeiro furo, aquele grupo superara o competidor mais próximo em cerca de seis horas e o mais atrasado em não mais do que dois dias — irregularidades nas rochas do subsolo tinham sido um problema no Poço Número 6; era de admirar que o atraso não fosse maior. Teria de conversar com eles, congratulá-los pelo esforço hercúleo, para que não se envergonhassem por terem sido os últimos. Os operários do Poço 6 eram sua melhor turma; pena que tivessem encontrado um terreno tão adverso.

— Ainda temos três meses; vamos cumprir o prazo — declarou o capataz, com confiança.

— Quando o Número Seis estiver pronto, vamos dar uma festa para os operários. Eles merecem.

— Isto não é nada agradável — observou Chávez.

— Além do mais, faz calor — concordou Clark.

O ar-condicionado do Range Rover estava enguiçado, ou talvez tivesse morrido de desespero. Felizmente, tinham água à vontade em garrafas.

— Mas é um calor seco — replicou Ding, como se isso importasse quando

estava fazendo quarenta e cinco graus à sombra.

— Hoje de noite vai esfriar. Talvez a temperatura chegue a uns vinte e cinco graus.

— Anda bem que me lembrei de trazer um suéter, Sr. C.

Chávez enxugou o suor da testa antes de usar de novo os binóculos. Apesar de serem de boa qualidade, não ajudavam muito, pois permitiam apenas uma visão melhor do ar trêmulo que se agitava como a superfície de um mar tempestuoso. Não havia seres vivos naquela região, a não ser um ou outro abutre, e àquela altura eles certamente haviam limpado as carcaças de todas as criaturas que tivessem cometido o erro de nascer ali. E dizer que achara estéril o deserto de Mojave, pensou Chávez. Pelo menos era habitado por coiotes...

Era sempre a mesma coisa, pensou Clark. Vinha fazendo trabalhos como aquele havia... trinta anos? Não tanto tempo assim, mas quase. Por Deus, trinta anos! Anda não tivera chance de exercer suas habilidades em um lugar onde realmente se sentisse bem, mas isso não lhe parecia terrivelmente importante no momento. Não era fácil manter a missão em segredo. A traseira do Rover estava coalhada de equipamentos de prospecção e caixas com amostras de rocha, o suficiente para convencer os analfabetos locais de que poderia haver um enorme depósito de molibdênio naquela montanha isolada. Os locais conheciam perfeitamente o aspecto do ouro — quem não conhecia? — mas o mineral chamado afetuosamente pelos mineiros de “Molly-be-damned” era um mistério para os não iniciados, exceto pelo valor de mercado, que todos sabiam ser considerável. Clark usava essa desculpa com frequência. Uma descoberta geológica oferecia às pessoas o tipo correto de sorte para despertar sua inevitável ambição. Eles simplesmente adoravam a ideia de que havia algo valioso debaixo dos seus pés, e John Clark gostava de desempenhar o papel de geólogo, comunicando a boa nova com uma expressão séria e honesta e pedindo o maior sigilo possível.

Olhou para o relógio. O encontro fora marcado para dentro de noventa minutos, na hora do crepúsculo, mas chegara mais cedo, para examinar a área.

O local era quente e deserto, o que não chegava a ser surpresa, e ficava a trinta quilômetros da montanha que estariam discutindo em alguns momentos.

Havia um cruzamento nas proximidades, entre duas estradas de terra, uma na direção genérica norte—sul e outra na direção leste—oeste, ambas claramente visíveis, apesar da areia e cascalho soprados pelo vento, que deveriam ter coberto todos os vestígios de presença humana. Clark estava intrigado. A seca prolongada não ajudara em nada, mas mesmo com chuvas ocasionais era difícil imaginar que alguém se dispusesse a viver ali. Mesmo assim, algumas pessoas tinham feito essa opção, e, até onde sabia, podiam muito bem continuar a fazê-

lo, nas ocasiões em que havia capim para as cabras comerem... e não havia bandidos com armas para roubar as cabras e matar os pastores. Os dois agentes da CIA não tinham mais o que dizer um ao outro e ficaram sentados no carro, com as janelas abertas, bebendo água e suando.

Quando os caminhões apareceram, o sol estava quase se pondo. Viram primeiro as nuvens de poeira, como esteiras de lanchas a motor, amarelas à luz mortiça do fim do dia. Em um país tão vazio e atrasado, como era possível que soubessem fazer os caminhões andarem? Alguém devia ser capaz de mantê-los em funcionamento, o que era algo notável. Ironicamente, significava que nem tudo estava perdido para aquele lugar desolado. Se os bandidos podiam fazer isso, os mocinhos também seriam capazes. E era essa a razão para Clark e Chávez estarem ali, não era? O primeiro caminhão chegou bem antes dos outros. Era antigo, provavelmente um caminhão militar, embora, no estado em que se encontrava a carroçaria, o país de origem e o nome do fabricante fossem impossíveis de identificar. Circulou o Rover dos agentes a cerca de cem metros, enquanto os ocupantes observavam-nos de uma distância prudente, entre eles um homem atrás do que parecia uma metralhadora russa de 12,7mm montada na traseira do caminhão. “Policiais”, era como o chefe os chamava. Antes, o nome tinha sido “técnicos”. Depois de algum tempo, pararam, saltaram do veículo e ficaram ali parados, olhando para o Rover, segurando os rifles G3, velhos, sujos, mas provavelmente ainda funcionando. Os homens logo seriam menos importantes. Afinal, o caq já começara a circular. Chávez avistou um homem sentado à sombra de um dos caminhões, mascando a erva.

— Os filhos da puta não podiam pelo menos fumar a droga? — perguntou o agente, irritado.

— Faz mal aos pulmões, Ding. Você sabe disso.

A pessoa que iriam encontrar naquela noite ganhava um bom dinheiro com a droga. Na verdade, quase dois quintos do produto nacional bruto do país eram investidos naquele comércio, sustentando uma pequena frota de aviões que a trazia da Somália. Isso deixava Clark e Chávez indignados, mas sua missão nada tinha a ver com o fato. Estavam ali para cobrar uma dívida antiga. O general Mohammed Abdul Corp — a patente fora inventada pelos repórteres, que não sabiam como chamá-lo — tinha sido uma vez o responsável pela morte de vinte soldados americanos. Para ser mais exato, isso acontecera fazia dois anos, um tempo longo o suficiente para que o caso tivesse sido esquecido pela imprensa, principalmente porque, depois de matar os soldados americanos, o general voltara à sua atividade normal, que era matar os compatriotas. Era por essa última razão que Clark e Chávez estavam nominalmente no caso, mas a justiça assumia muitas formas e muitas cores, e Clark não tinha nenhuma objeção em

executar uma tarefa paralela. O fato de que Corp também era traficante de tóxicos parecia um presente especial de um Deus bem-humorado.

— Vamos lavar o rosto antes que ele chegue aqui? — perguntou Ding, mais tenso agora, e demonstrando isso apenas um pouco.

Os quatro homens continuavam sentados perto do caminhão, mascando o caq e olhando para eles, com os rifles no colo, a metralhadora do caminhão totalmente esquecida. Eram a guarda avançada do general.

Clark sacudiu a cabeça.

— Perda de tempo.

— Merda, estamos aqui há seis semanas.

— Tudo para um único encontro. Mas era assim que as coisas funcionavam, não era? Eu estava mesmo precisando suar três quilos — observou Clark, com um sorriso também tenso. Provavelmente mais do que três, pensou. — E preciso tempo para fazer essas coisas direito.

— Como será que Patsy está se saindo na faculdade? — murmurou Ding, quando mais nuvens de poeira se aproximaram.

Clark não respondeu. Parecia-lhe vagamente impróprio que a filha achasse o parceiro exótico, interessante... e charmoso, admitiu Clark para si mesmo. Embora Ding fosse mais baixo que a moça — Patsy saíra à mãe, alta e esguia — e tivesse uma educação cheia de lacunas, John tinha de reconhecer que Chávez trabalhara mais duro que qualquer homem que conhecera para se transformar em algo que o destino fizera o possível para lhe negar. O rapaz estava com trinta e um anos. Rapaz?, perguntou-se Clark. Dez anos mais velho que sua filhinha querida, Patrícia Dóris Clark. Poderia ter falado muita coisa a respeito de como era difícil a vida de um agente, mas Ding teria argumentado que a decisão não era sua, e não era mesmo. Sandy também pensava assim. O que Clark não podia aceitar era a ideia de que Patricia, sua menina, pudesse fazer sexo com... Ding? Sua parte de pai achava a ideia desagradável, mas o restante dele tinha que admitir que um dia também fora jovem. As filhas, repetiu para si mesmo, eram o castigo de Deus por você ser homem; você vivia com medo de que elas encontrassem acidentalmente alguém como... como você naquela idade. No caso de Patsy, a semelhança em questão era simplesmente grande demais para que a aceitasse com facilidade.

— Concentre-se na missão que temos pela frente, Ding.

— Entendido, Sr. C.

Clark não precisou virar a cabeça. Podia ver o sorriso no rosto do amigo. Também o sentiu evaporar-se quando novas nuvens de poeira apareceram no horizonte.

— Vamos pegar você, seu filho da mãe — murmurou Ding, de volta à

realidade do momento. Não eram apenas os soldados americanos mortos.

Pessoas como Corp destruíam tudo que tocavam, e aquela parte do mundo precisava de uma oportunidade. Aquela oportunidade poderia ter chegado dois anos antes, se o presidente tivesse ouvido seus generais, e não as Nações Unidas. Bem, pelo menos ele parecia estar aprendendo, o que não era mau para um presidente.

O sol estava quase se pondo, e a temperatura começara a cair. Mais caminhões. Torceram para que não fossem muitos mais. Chávez desviou o olhar para os quatro homens que estavam a cem metros de distância.

Discutiam animadamente, embriagados pelo caq. Normalmente, seria perigoso aproximar-se de homens drogados armados com rifles, mas naquela noite o perigo estava do lado contrário, como às vezes acontecia. O segundo caminhão agora estava claramente visível e aproximou-se bem rápido. Os dois agentes da CIA saltaram do Rover para esticar as pernas e cumprimentar os recém-chegados, com cautela, é claro.

A guarda pessoal do general, constituída por "policiais" de elite, não era melhor do que a guarda avançada, embora alguns homens desse último grupo usassem a camisa desabotoada. Q primeiro a se aproximar cheirava a uísque, provavelmente roubado do estoque particular do general. Isso era uma afronta direta ao Corão... mas o tráfico de drogas também era. Uma das coisas que Clark apreciava nos sauditas era a forma direta e peremptória como castigavam esse tipo de criminoso.

— Olá. — Clark sorriu para o homem. — Meu nome é John Clark. Este é o Sr. Chávez. Estamos à espera do general, como ficou combinado.

— O que estão carregando? — perguntou o "policial", surpreendendo Clark com seu conhecimento de inglês. John levantou o saco de amostras de rochas, enquanto Ding mostrava um par de instrumentos eletrônicos.

Depois de um exame sumário do veículo, eles foram poupados até mesmo de uma revista séria, o que foi uma surpresa agradável.

Corp chegou logo depois, acompanhado por sua força de segurança mais confiável, se é que se podia chamá-la assim. Viajavam em um jipe russo tipo ZIL O "general" estava em um Mercedes que pertencera a um burocrata do governo antes que o governo do país se desintegrasse.

Conhecera melhores dias, más provavelmente ainda era o melhor automóvel do país. Corp usava seu melhor uniforme, uma camisa caqui do lado de fora de calças cotelê, com algo parecido com divisas nos ombros e botas que tinham sido engraxadas na semana anterior. O sol acabara de se pôr. Logo estaria escuro; várias estrelas já eram visíveis na atmosfera transparente do deserto.

O general era um homem elegante, pelo menos em sua própria opinião.

Aproximou-se com passos firmes e estendeu a mão. Enquanto a apertava, Clark imaginou o que teria sido feito do dono do Mercedes. Provavelmente fora assassinado com os outros membros do governo. Tinham morrido em parte por incompetência, mas principalmente de barbarismo, provavelmente nas mãos do homem cuja mão firme e amistosa estava agora apertando.

— Terminaram o levantamento? — perguntou Corp, surpreendendo outra vez Clark com seu inglês.

— Sim, senhor. Terminamos. Posso lhe mostrar?

— É claro.

Corp acompanhou-os até o Rover. Chávez pegou um mapa topográfico e algumas fotos de satélite comerciais.

— Este pode ser o maior depósito desde aquele do Colorado, e a pureza é extraordinária. Bem aqui — mostrou Clark, apontando para o mapa com uma vareta de metal.

— A trinta quilômetros de onde estamos...

Clark sorriu.

— O senhor sabe de uma coisa? Estou há muitos anos neste negócio, mas até hoje essas coisas me deixam fascinado. Há bilhões de anos, uma grande bolha desse material deve ter subido do centro da Terra. — Sua aula era poética. Tinha muita prática, e a verdade era que Clark lia livros de geologia como passatempo, guardando as frases de mais efeito para seu trabalho.

— Seja como for — interveio Ding, aproveitando sua deixa minutos depois —, a cobertura não vai ser problema, e conhecemos a localização exata do depósito.

— Como conseguiram isso? — quis saber o general. Os mapas do seu país eram produto de outra época, muito menos sofisticada.

— Com isto, general — afirmou Ding, entregando-lhe um pequeno aparelho.

— O que é? — perguntou Corp.

— Um localizador GPS — explicou Chávez. — E assim que sabemos onde estamos, general. Basta apertar este botão.

Corp apertou o botão indicado e observou o visor da caixa de plástico verde. Primeiro ele forneceu a hora exata e depois começou a calcular a posição, revelando que estava captando os sinais de um, depois três e finalmente quatro satélites do sistema global de posicionamento.

— Um aparelhinho incrível — observou o general, embora conhecesse apenas metade da história. Ao apertar o botão, também enviara um sinal de rádio. Era muito fácil esquecer que se encontravam a menos de duzentos quilômetros do oceano Indico e que logo além do horizonte podia haver um

navio com uma grande plataforma no convés. Plataforma que estava vazia no momento, porque o helicóptero que costumava ocupá-la decolara fazia uma hora e estava agora pousado em local seguro, sessenta quilômetros ao sul.

Corp olhou mais uma vez para o localizador GPS antes de devolvê-lo.

— Que barulho foi esse? — perguntou, quando Ding pegou o aparelho.

— As pilhas estão soltas, general — explicou Chávez, com um sorriso.

— Era a única pistola de que dispunham, e não era muito grande. O general ignorou a irrelevância e voltou-se para Clark.

— Quanto? — perguntou de forma lacônica.

— Bem, para determinar o tamanho exato do depósito, vamos levar...

— Estou falando de dinheiro, Sr. Clark.

— A Anaconda está disposta a lhe oferecer cinquenta milhões de dólares, general. Vamos lhe pagar em quatro prestações de doze milhões e quinhentos mil dólares, mais dez por cento do lucro líquido das operações de mineração. Tudo em dólares.

— A jazida vale mais do que isso. Eu conheço o valor do molibdênio.

O general tinha lido um exemplar do Financial Times a caminho da reunião.

— Mas vamos levar dois anos no mínimo, talvez três, para começar as operações. Anda não decidimos qual o melhor meio de levar o minério até a costa. De caminhão, talvez, ou pode ser que valha a pena construir uma via férrea, se o depósito for tão grande como pensamos. O investimento inicial será da ordem de trezentos milhões de dólares.

— Preciso de mais dinheiro para manter meus homens satisfeitos. Você precisa entender isso — argumentou Corp.

Se o general fosse um homem honrado, pensou Clark, aquela poderia ser uma negociação interessante. Corp queria o dinheiro para a compra de armas e reconquistar a nação que tinha sido dele um dia. A ONU o afastara do poder, mas não conseguira neutralizá-lo. Relegado a uma perigosa obscuridade no interior do país, sobrevivera durante o último ano do tráfico de caq, e conseguira recursos suficientes para tornar-se novamente uma ameaça para o estado. Com as novas armas, poderia retomar o governo e pedir um preço muito maior pela exploração das jazidas de molibdênio. Era um plano diabólico, pensou Clark, mas relativamente óbvio, imaginado por ele próprio para tirar aquele filho da mãe do buraco onde se escondia.

— Entendo, general, nós também estamos preocupados com a estabilidade política da região — concordou John, com um sorriso de cumplicidade para mostrar que sabia aonde o outro queria chegar. Os americanos eram pessoas pragmáticas; pelo menos, assim pensavam Corp e os outros.

Chávez estava mexendo no localizador GPS, atento ao mostrador de cristal líquido. Um retângulo preto apareceu no canto superior direito. Ding tossiu para limpar a garganta da areia do deserto e coçou o nariz.

— Está bem — disse Clark. — O senhor é um homem sério, e apreciamos isso. Vamos pagar os cinquenta milhões de uma vez. Em uma conta na Suíça? Assim é melhor — admitiu Corp, fazendo suspense. Foi até a traseira do Rover e apontou para o bagageiro.

— Essas são as amostras de rocha?

— São, general — respondeu Clark, fazendo que sim com a cabeça.

Passou-lhe uma pedra de um quilo de minério de "Molly-be-damned" de alta pureza, que fora encontrada no Colorado e não na África. — Quer mostrá-la aos seus homens?

— O que é aquilo? — perguntou o general, apontando para dois objetos no bagageiro.

— Nossas lanternas, general. — Clark sorriu enquanto pegava uma delas. Ding imitou-o.

— Você tem uma arma aí dentro! — exclamou Corp, surpreso, apontando para um fuzil de ferrolho. Dois dos guarda-costas aproximaram-se.

— Estamos na África, general. Precisávamos de alguma coisa para nos defendermos dos...

— Leões? — Corp achou muito engraçado. Voltou-se e explicou aos "policiais", que começaram a rir da estupidez dos americanos.

— Nós matamos todos os leões — explicou o general, quando os risos cessaram. — Não existem animais selvagens nesta região.

Clark, pensou o general, tinha aceitado a gozação sem se perturbar, ali de pé, com a lanterna na mão. Parecia uma lanterna potente.

— Para que serve isso?

— Bem, não gostamos muito de ficar no escuro, e quando acampamos fora, costumo tirar fotos à noite.

— Isso mesmo — confirmou Ding. — Essas belezinhas funcionam muito bem.

Voltou-se e verificou onde estavam os seguranças do general. Havia dois grupos, um de seis homens, outro de quatro, mais os dois guarda-costas e Corp em pessoa.

— Quer que eu tire um retrato dos seus homens? — perguntou Clark, sem pegar a câmara.

Nesse momento, Chávez acendeu a lanterna e apontou-a para o maior dos dois grupos distantes. Clark cuidou dos três homens reunidos em torno do Rover. As "lanternas" funcionaram perfeitamente. Em menos de três segundos, os dois

agentes da CIA puderam desligá-las e começar a amarrar as mãos dos homens.

— Pensou que tínhamos esquecido? — perguntou a Corp o agente da CIA quinze minutos depois, quando ouviram o ruído de rotores.

Àquela altura, os doze seguranças de Corp estavam deitados de bruços na areia, as mãos amarradas atrás das costas com o tipo de cordas de plástico usadas pelos policiais quando estão sem algemas. Tudo que o general podia fazer era gemer e contorcer-se no chão. Ding acendeu vários sinalizadores e distribuiu-os em círculo, perto do Rover. O primeiro helicóptero Blackhawk UH-60 circulou com cautela o local, iluminando o solo com um holofote.

— PERDIGUEIRO, aqui é CAIXEIRO VIAJANTE.

— Boa noite, CAIXEIRO VIAJANTE, aqui é PERDIGUEIRO. Podem descer! — disse Clark pelo rádio.

O helicóptero pousou bem longe da área iluminada. Os comandos surgiram da escuridão como fantasmas, as armas prontas para disparar.

— Clark? — chamou uma voz muito tensa.

— Aqui! — respondeu John, acenando. — Nós o pegamos.

Um capitão dos comandos aproximou-se: um jovem de tipo latino, o rosto sujo de tinta de camuflagem, usando um uniforme especial para o deserto. Era tenente da última vez que pisara no continente africano e se lembrava muito bem da missa pela alma dos colegas de pelotão. Trazer os comandos de volta fora ideia de Clark, uma ideia fácil de concretizar. Mais quatro soldados foram se juntar ao capitão Diego Checa. Os outros se dispersaram para revistar os “policiais”.

— O que vamos fazer com esses caras? — perguntou um deles, apontando para os dois guarda-costas do general.

— Deixe-os onde estão — respondeu Ding.

— Sim, senhor — disse o soldado, tirando do cinto um par de algemas de aço, apesar de já estarem com as mãos amarradas. O capitão Checa encarregou-se de algemar Corp pessoalmente. Ele e um sargento carregaram o homem, enquanto Clark e Chávez apanhavam a bagagem pessoal no Rover e acompanhavam os soldados até o Blackhawk. Um dos comandos ofereceu um cantil a Chávez.

— Oso mandou lembranças — disse o segundo-sargento.

Ding olhou para ele.

— O que ele está fazendo no momento?

— Frequentando a Escola de Primeiros-Sargentos. Ficou muito triste por não poder vir. Sou Gomez, R., segundo-sargento do Um-Sete-Cinco. Também estava aqui naquele dia.

— Você faz a coisa parecer muito fácil — estava dizendo Checa a Clark, a

alguns metros de distância.

— Seis semanas — respondeu o agente, em um tom casual cuidadosamente estudado, como exigiam as regras. — Quatro semanas para montar a armadilha, duas semanas para marcar o encontro, seis horas de espera e uns dez segundos para imobilizá-los.

— Tudo de acordo com o figurino — observou Checa, oferecendo a Clark um cantil com Gatorade.

Os olhos do capitão fixaram-se no agente. Independentemente de quem fosse, pensou Checa, parecia velho demais para aquele tipo de atividade.

Foi então que reparou melhor nos olhos de Clark.

— Como vocês conseguem fazer essas coisas? — perguntou Gomez para Chávez, na porta do helicóptero.

Os outros se aproximaram para ouvir a resposta. Ding deu uma olhada no seu equipamento e respondeu: — Somos mágicos! Gomez pareceu frustrado com a resposta.

— Vamos deixar todos esses caras aí? — perguntou.

— Vamos. Não passam de traficantes. — Chávez olhou para trás pela última vez. Mais cedo ou mais tarde, um deles conseguiria soltar as mãos, pegaria uma faca e cortaria as amarras dos outros "policiais"; então eles poderiam se preocupar com as algemas de aço dos dois guarda-costas. — É no chefão que estamos interessados.

Gomez voltou-se e olhou para o horizonte.

— Existem leões ou hienas por aqui? Ding sacudiu a cabeça. "Que pena", pensou o sargento.

Os comandos estavam sacudindo as cabeças quando afivelaram os cintos no helicóptero. Assim que decolaram, Clark colocou na cabeça um par de fones e esperou que a ligação fosse completada.

— PEDRA-CHAVE, aqui é PERDIGUEIRO — começou.

Por causa da diferença de fuso horário, passava um pouco do meio-dia em Washington. A transmissão em UHF do helicóptero foi captada pelo USS Tripoli e enviada para um satélite. Chegando aos Estados Unidos, a mensagem foi encaminhada diretamente para o telefone da mesa de Ryan.

— Sim, PERDIGUEIRO, aqui é PEDRA-CHAVE.

Ryan não reconheceu a voz de Clark, mas as palavras eram inteligíveis, apesar da estática: — Está na gaiola. Nenhum dos nossos se machucou. Repito: o passarinho está na gaiola e nenhum dos nossos se machucou.

— Entendido, PERDIGUEIRO. Faça a entrega como planejado.

Não é para isso que estou aqui, pensou Jack, colocando o fone no gancho. Em princípio, não devia se envolver em operações daquele tipo, mas o

presidente insistira. Levantou-se e dirigiu-se à Sala Oval.

— Conseguiram pegá-lo? — perguntou Helen D'Agustino, ao cruzar com ele no corredor.

— Você não devia saber de nada — protestou Jack.

— O chefe está preocupado — explicou Helen, sem se perturbar.

— Diga a ele que pode parar de se preocupar.

— Essa era uma conta que precisávamos acertar. Bem-vindo de volta ao governo, Dr. Ryan.

O passado assombraria outro homem naquele dia.

— Prossiga — disse a psicóloga.

— Foi horrível — declarou a mulher, baixando os olhos. — Nunca tinha me acontecido nada semelhante e... — embora falasse em um tom monótono, sem demonstrar emoção, foi a aparência que deixou a médica mais preocupada.

A paciente tinha trinta e cinco anos e deveria ser esbelta, miúda e loura, mas em vez disso tinha o rosto inchado pela comida e bebida em excesso e os cabelos muito maltratados. A pele, que poderia ser clara, era apenas pálida e refletia a luz como gesso, de uma forma baça que nenhuma maquilagem conseguiria disfarçar. Apenas a dicção revelava o que a paciente tinha sido um dia, e sua voz rememorava os acontecimentos de três anos atrás como se a mente estivesse funcionando em dois níveis, o da vítima e o de um observador, imaginando, de forma fria e distante, se aquilo teria se passado realmente com ela.

— Eu sei quem ele é, trabalhei para ele, gostava dele... — A mulher fez uma pausa e engoliu em seco antes de prosseguir. — O que estou querendo dizer é que o admiro, admiro todas as coisas que faz, todas as coisas que defende. — Levantou os olhos e parecia estranho que estivessem secos como celofane, refletindo a luz em uma superfície lisa, isenta da lágrimas. — Ele é tão atraente, tão participante, tão...

— Está tudo bem, Barbara.

Como acontecia com frequência, a psicóloga teve de lutar contra o impulso de estender a mão para a paciente, mas sabia que era preciso permanecer isenta, era preciso esconder a revolta que estava sentindo com o que acontecera àquela mulher inteligente e capaz. Acontecera nas mãos de um homem que usava sua posição e poder para atrair mulheres como uma lâmpada atraía mariposas, girando em torno do seu brilho em espirais, aproximando-se mais e mais até serem destruídas. A imagem era tão parecida com a da vida naquela cidade! Desde então, Barbara rompera com dois homens, ambos os quais poderiam ter sido bons parceiros, com os quais poderia levar uma vida feliz. Aquela era uma

mulher brilhante, que cursara a Universidade de Pensilvânia, com um mestrado em ciências políticas e um doutorado em administração pública. Não era nenhuma secretária deslumbrada ou estagiária inexperiente e talvez fosse mais vulnerável por causa disso, pois tinha qualificações para subir na carreira e consciência da própria capacidade, precisando apenas de um pequeno empurrão para chegar ao topo, cruzar a linha de chegada ou qualquer que fosse o eufemismo da moda na capital. O problema é que a linha só podia ser cruzada num sentido, e o que ficava além não era fácil de ver do outro lado.

— Sabe de uma coisa? Eu acabaria cedendo — declarou Barbara, em um rompante de franqueza. — Ele não precisava...

— Sente-se culpada por causa disso? — perguntou a Dra. Clarice Golden. Barbara Linders assentiu. A médica sufocou um suspiro e prosseguiu, com suavidade: — Você acha que de alguma forma o...

— Se o encorajei? — A moça fez que sim com a cabeça. — Foi o que ele me disse. Você me encorajou. Deve ser verdade.

— Não, não é, Barbara. Agora precisa me contar tudo que aconteceu — insistiu Clarice. Eu simplesmente não estava no clima. Não que não fosse capaz de fazer isso com ele, em outro dia, em outras circunstâncias, mas naquele dia não estava me sentindo bem. Não tinha nada quando cheguei ao escritório, mas acho que estava ficando resfriada ou coisa parecida, porque depois do almoço fiquei um pouco enjoada e pensei em ir para casa mais cedo. Entretanto, era o dia em que estávamos preparando as emendas da lei de direitos civis que ele apoiava, de modo que tomei dois comprimidos de Tylenol e por volta das nove só restávamos nós dois no escritório. Minha especialidade era direitos humanos — explicou Barbara. — Eu estava sentada no sofá do escritório, e ele estava andando para lá e para cá, como costuma fazer quando põe a cabeça para funcionar. De repente, colocou-se atrás de mim e disse, sem mais nem menos: “Você tem cabelos lindos, Barbara”, e eu respondi: “Obrigada.” Perguntou como eu estava me sentindo e eu disse que não estava passando muito bem. Ele disse que conhecia um remédio muito bom para isso: conhaque — contou a moça, falando cada vez mais rápido, como se quisesse passar por aquela parte da narrativa o mais depressa possível, como uma pessoa apertando a tecla fast forward de um videocassete durante os comerciais.

— Não o vi colocar nada no meu drinque. Havia sempre uma garrafa de Rémy no aparador ao lado da escrivaninha, e mais algumas coisas, também, acho. Bebi de um gole só. “Ele ficou ali parado, me olhando, sem dizer nada, só olhando para mim, como se soubesse o que estava para acontecer. Foi como... não sei. Percebi que alguma coisa não estava certa, que eu estava ficando tonta, fora de controle.

A paciente interrompeu-se por alguns segundos, e a Dra. Golden teve oportunidade de observá-la... como ele havia feito, pensou. A ironia a deixou envergonhada, mas aquela era a sua profissão; estava fazendo isso para ajudá-la, não para magoá-la. A moça estava vendo de novo a cena. Era possível perceber isso nos seus olhos. Como se sua mente fosse em videocassete, a cena desfilou diante dela, e Barbara Linders estava simplesmente descrevendo o que via e não relatando a terrível experiência a que fora submetida. Durante dez minutos, contou exatamente o que ocorrera, com todos os detalhes, a mente de profissional treinada assumindo o controle. Apenas quando terminou foi que as emoções voltaram à tona.

— Ele não precisava me violentar. Podia ter... pedido. Eu teria... quero dizer, em outro dia, no fim de semana... eu sabia que ele era casado, mas gostava dele, e...

— O fato é que ele a violentou, Barbara. Primeiro a drogou, depois a violentou.

Desta vez, a Dra. Golden se inclinou para a frente e apertou a mão de Barbara entre as suas, porque agora estava tudo terminado. Barbara Linders contara toda a sórdida história, provavelmente pela primeira vez desde que acontecera. Durante todo aquele tempo, provavelmente revivera alguns segmentos, em especial a pior parte, mas aquela era a primeira vez que recapitulava os eventos em ordem cronológica, do começo ao fim, e o impacto da narrativa fora tão traumático e catártico como tinha de ser.

— Tem de haver mais — disse a Dra. Golden, quando a moça parou de chorar.

— Tem razão — respondeu Barbara, imediatamente, sem parecer surpresa com a afirmação da psicóloga. — Aconteceu com pelo menos outra mulher do escritório, Lisa Beringer. Ela... ela se matou um ano depois. Bateu com o carro no pilar de uma ponte. Pareceu acidente, Lisa tinha bebido, mas deixou um bilhete. Fui arrumar a mesa dela... e encontrei isto.

Para surpresa da médica, Barbara Linders abriu a bolsa e tirou alguma coisa. A “mensagem” estava em um envelope azul, seis páginas de papel de carta personalizado cobertas com a letra miúda e regular de uma mulher que decidira acabar com a vida, mas queria que alguém soubesse por quê.

Clarice Golden, Ph.D., tinha visto outros bilhetes de suicidas e lamentava que as pessoas pudessem agir de forma tão precipitada. Os bilhetes quase sempre falavam de uma dor grande demais para ser suportada, mas em geral revelavam a mente desesperada de alguém que poderia ter sido salvo, curado e devolvido a uma vida feliz e produtiva se tivesse a iniciativa de dar um simples telefonema ou conversar com um amigo íntimo. Foram necessários apenas dois parágrafos

para a doutora perceber que Lisa Beringer tinha sido apenas mais uma dessas vítimas desnecessárias. Uma mulher que se sentia infeliz, fatalmente infeliz, em um escritório cheio de pessoas que teriam todo o prazer em ajudá-la.

Os especialistas em saúde mental são treinados para esconder as emoções, um talento necessário por motivos óbvios. Clarice Golden trabalhava no ramo havia pouco menos de trinta anos e a seus dons naturais acrescentara uma vida de experiência profissional. Especialmente capaz no auxílio a vítimas de abusos sexuais, sabia mostrar compaixão, compreensão e apoio em grande quantidade e surpreendente qualidade, mas, embora real, tudo aquilo era um disfarce para seus verdadeiros sentimentos. A médica odiava os predadores sexuais tanto quanto qualquer policial, talvez até mais.

Um guarda via o corpo da vítima, via seus hematomas e suas lágrimas, ouvia seus soluços. A psicóloga ia mais fundo, explorava suas memórias malditas, tentando encontrar um meio de exorcizá-las. O estupro era um crime contra a mente, não contra o corpo, e por mais chocantes que fossem os sinais visíveis de violência, piores ainda eram as feridas ocultas que Clarice Golden dedicara a vida a curar. Um pessoa doce, sensível, que jamais seria capaz de usar de violência para vingar os crimes, mesmo assim não podia deixar de odiar aquelas criaturas.

Entretanto, aquele era um caso especial. Mantinha um relacionamento de trabalho com as divisões de crimes sexuais de todas as delegacias de polícia em um raio de cem quilômetros, mas aquele crime ocorrera em um prédio federal e teria que descobrir a quem cabia a responsabilidade pela investigação. Para isso, conversaria com o vizinho, Dan Murray, do FBI.

Além disso, havia mais uma complicação. O criminoso em questão era senador na época, e por isso tinha direito a um escritório no Capitólio.

Desde então, porém, mudara de emprego. Em vez de senador pela Nova Inglaterra, agora era vice-presidente dos Estados Unidos.

O ComSubPac fora um dos cargos mais importantes de toda a Marinha, mas isso era coisa do passado. O primeiro grande comandante fora o vice-almirante Charles Lockwood, e de todos os homens que derrotaram o Japão, apenas Chester Nimitz e talvez Charles Layton haviam gozado de maior prestígio. Foi Lockwood, naquele mesmo escritório nas colinas perto de Pearl Harbor, que enviou Mush Morton, Dick C. Kane, Gene Fluckey e os outros heróis legendários para fazer a guerra em seus submersíveis. O mesmo escritório, a mesma porta, até mesmo uma placa idêntica — Comandante da Força de Submarinos da Esquadra do Pacífico —, mas o posto agora era mais baixo. O contra-almirante Bart Mancuso, da Marinha dos Estados Unidos, sabia

que tivera sorte de chegar até onde chegara. Essa era a boa notícia.

A má notícia era que comandava uma força em vias de extinção.

Lockwood administrara uma frota autêntica de submarinos e embarcações de apoio. Mais recentemente, Austin Smith coordenara os movimentos de quarenta submarinos no maior oceano do mundo, mas Mancuso estava reduzido a dezenove submarinos ligeiros e seis submarinos lança-mísseis, sendo que os últimos tinham sido todos retirados de serviço e estavam em Bremerton, esperando para ser desmontados. Nenhum deles seria conservado, nem mesmo como peça de museu, o que não deixava Mancuso aborrecido, como seria de esperar. Jamais gostara dos submarinos lança-mísseis, nem do propósito a que se destinavam, nem do tedioso programa de patrulha, nem da obstinação dos comandantes. Criado a bordo de submarinos ligeiros, sempre preferira estar onde havia ação.

Estava. Porque agora tudo terminara. A missão dos submarinos ligeiros movidos a energia nuclear mudara muito desde o tempo de Lockwood.

Depois de serem caçadores de embarcações de superfície, como navios de guerra e navios mercantes, tinham-se especializado na eliminação de submarinos inimigos, da mesma forma como os aviões de caça eram dedicados ao extermínio dos primos estrangeiros. Com a especialização viera um reforço nos equipamentos e no treinamento da tripulação, até que se haviam tornado os mestres supremos daquela arte. Nada podia suplantar um submarino nuclear na caça a outro submarino.

O que ninguém esperava era que os submarinos nucleares do inimigo deixassem de existir. Mancuso passara a vida se preparando para algo que esperava que jamais viesse a acontecer: detectar, localizar, perseguir e destruir submarinos soviéticos, fossem eles lança-mísseis ou submarinos ligeiros. Na verdade, conseguira uma proeza de que nenhum outro comandante de submarino podia se orgulhar: ajudara a capturar um submarino russo, um feito que ainda estava entre as realizações mais secretas do seu país — capturar era muito mais valioso do que destruir, não era? Logo depois, porém, o mundo mudara. Ele contribuíra para isso, e com orgulho. A União Soviética não existia mais.

Infelizmente, com o fim da União Soviética, a Marinha Soviética também encerrara suas atividades, e sem submarinos inimigos para se preocupar, o país, como fizera muitas vezes no passado, agradecera aos seus guerreiros esquecendo-os totalmente. Não havia mais missões para os submarinos. A outrora poderosa Marinha Soviética não passava de uma lembrança. Na semana anterior, examinara fotos tiradas por satélites das bases de Petropavlovsk e Vladivostok. Todas as embarcações conhecidas dos soviéticos — dos russos! — estavam ancoradas; em alguns cascos já se podia ver manchas avermelhadas de

ferrugem.

As outras possíveis missões? Falar em perseguir navios mercantes, só como piada — pior ainda, os porta-aviões da classe Orion, com uma carga de aeronaves P-3C, também projetadas para caçar submarinos, tinham modificado havia muito tempo os aviões para transportar mísseis terra-ar e podiam viajar dez vezes mais depressa do que qualquer submarino; na hipótese improvável de alguém querer afundar um navio mercante, podiam fazê-lo melhor e mais depressa.

O mesmo se podia dizer dos navios de guerra, ou pelo menos do que restava deles. A triste verdade, se é que se podia falar assim, era que a Marinha dos Estados Unidos, mesmo depois de todos os cortes de verbas, era capaz de destruir quaisquer outras três marinhas do mundo em menos tempo que os inimigos levariam para reunir as forças e distribuir uma nota à imprensa comunicando sua intenção de atacar.

Sendo assim, o que fazer? Mesmo quando se ganha o campeonato, ainda existem adversários para enfrentar na próxima temporada. Neste jogo, porém, o mais sério dos jogos humanos, a vitória era definitiva. Não havia mais inimigos no mar, restavam muito poucos em terra, e no caminho do novo mundo, a força de submarinos seria o primeiro de muitos grupos uniformizados a ficar sem trabalho. A única razão pela qual o ComSubPac continuava a existir era a inércia da burocracia. Havia um Com-alguma-coisa-Pac para todas as outras forças, de modo que a força de submarinos precisava de um oficial graduado no mesmo nível militar e social das outras forcas, aérea, de superfície e de serviços.

Dos dezenove submarinos ligeiros, apenas sete se encontravam no momento em serviço no mar. Quatro estavam sendo reformados, e os estaleiros estavam prolongando o trabalho o máximo possível para justificar a própria existência. Os outros permaneciam ancorados no porto, enquanto a tripulação e o pessoal de apoio encontravam coisas novas e interessantes para fazer, de modo a justificar a sua existência e identidade militar/civil. Dos sete submarinos em serviço, um estava seguindo um submarino ligeiro nuclear chinês; aqueles submarinos eram tão barulhentos, que Mancuso torcia para que o operador de sonar não voltasse com os tímpanos estourados. Espreitá-los era uma tarefa tão difícil quanto vigiar um cego em um estacionamento vazio ao meio-dia. Os outros dois estavam envolvidos em pesquisa ambiental, rastreando cardumes de baleias em alto-mar, não para os caçadores de baleias, mas para a comunidade ecológica. Com isso, os submarinos tinham feito uma grande descoberta para os ecologistas. Havia muito mais baleias do que se pensava. Elas não estavam tão ameaçadas de extinção como se dizia, e em consequência as contribuições para os vários grupos de defesa do meio ambiente tinham diminuído. Para Mancuso,

não fazia a menor diferença. Ele não tinha nada a favor ou contra as baleias.

Os outros quatro submarinos passavam o tempo fazendo exercícios, em geral uns contra os outros. Entretanto, os ecologistas também não haviam esquecido a Força de Submarinos da Esquadra do Pacífico dos Estados Unidos. Depois de protestarem contra a construção e operação dos submarinos durante trinta anos, agora estavam protestando contra sua retirada de serviço. Mais da metade do tempo de trabalho de Mancuso era dedicada a escrever relatórios, responder a perguntas e explicar as respostas com maiores detalhes.

— Esses caras são uns ingratos — rosnou Mancuso. Ele estava ajudando com as baleias, não estava? O almirante bebeu um gole de café e pegou mais uma pasta no arquivo.

— Boas notícias, marujo — disse uma voz conhecida.

— Quem deixou você entrar?

— Sou amigo do seu chefe — respondeu Ron Jones. — Ele me disse que você está enterrado em papéis até o pescoço.

— Ele está certo — concordou Mancuso, levantando-se para cumprimentar o recém-chegado. O Dr. Jones também tinha seus problemas. O fim da Guerra Fria levara o governo a não renovar muitos contratos com as empreiteiras, e Jones era especialista em sistemas de sonar para uso em submarinos. A diferença era que Jones ganhara muito dinheiro nos bons tempos. — Quais são as boas notícias? Nosso novo software de processamento foi otimizado para localizar mamíferos marinhos de grande porte. O Chicago acaba de chamar. Eles localizaram mais vinte jubartes no golfo do Alasca. Acho que vou conseguir o contrato com a Administração Nacional do Oceano e da Atmosfera. Agora posso pagar seu almoço — concluiu Jones, acomodando-se em um sofá de couro. Gostava do Havaí, e estava vestido de acordo, com uma camisa esporte e tênis Reebok de passeio, sem meias.

— Não sente saudade dos bons tempos? — perguntou Bart, com um ar de aborrecimento.

— Está falando de passar dois meses no fundo do mar, dentro de um tubo de aço, cheirando como o interior de uma lata de óleo, tendo como vista um quarto cheio de armários, comendo a mesma comida toda semana, vendo filmes antigos em uma televisão do tamanho de uma folha de papel, trabalhando seis horas sim e doze horas não, conseguindo talvez cinco horas de sono decente por noite, sentindo-me mais tenso do que um neurocirurgião na hora de operar? Sim, Bart, sinto saudade. — Jones parou por um segundo para refletir. — Saudade do tempo em que era suficientemente jovem para achar tudo isso divertido. Nós nos saímos bem, não foi?

— Melhor do que a média — admitiu Mancuso. — Como é essa história de

baleias? O novo software que meu pessoal preparou consegue captar a respiração e os batimentos cardíacos dos animais. O sinal é bem claro.

— Quando esses camaradas estão nadando... bem, se você encostasse um estetoscópio neles, provavelmente os tímpanos se encontrariam no meio da sua cabeça.

— O software foi desenvolvido inicialmente com que objetivo? Rastrear submarinos da classe Kilo, é claro. — Jones riu e olhou pela janela para a base naval quase deserta. — Mas isso é confidencial. Trocamos algumas centenas de linhas do programa, mudamos a embalagem e oferecemos o produto à Administração do Oceano e da Atmosfera Nacional.

Mancuso poderia ter dito alguma coisa a respeito de levar aquele software para o golfo Pérsico para seguir os submarinos da classe Kilo dos iranianos, mas o serviço de inteligência comunicara que um deles estava desaparecido.

Provavelmente atravessara no caminho de um superpetroleiro e fora esmagado, simplesmente imprensado contra o fundo raso daquele golfo por petroleiro cuja tripulação nem chegara a notar o desastre. Independentemente do que tivesse ocorrido, todos os outros submarinos estavam no cais. Talvez os iranianos simplesmente tivessem desistido de usar os submarinos, quem sabe? — As coisas por aqui estão muito paradas —comentou Jones, apontando para o que fora um dia uma das maiores bases navais de todo o planeta.

Não havia um único porta-aviões à vista, apenas dois cruzadores, meia divisão de contratorpedeiros, aproximadamente o mesmo número de fragatas, cinco navios de serviço. — Quem comanda hoje em dia a Esquadra do Pacífico, um suboficial? — Fale baixo, Ron, que alguém pode gostar da sua ideia!

2
FRATERNIDADE

— Conseguiu falar com ele? — quis saber o presidente Durling.

— Há menos de meia hora — respondeu Ryan, sentando-se.

— Ninguém se feriu? Aquilo era importante para o presidente. Era importante para Ryan, também, mas não com a mesma intensidade mórbida.

— Clark disse que não houve baixas entre o nosso pessoal.

— E quanto ao outro lado? A pergunta viera de Brett Hanson, o atual secretário de Estado. Choate School e Yale. O governo estava ficando cheio de ex-alunos de Yale, pensou Ryan, mas Hanson não era tão bom quanto o último

com quem trabalhara.

Baixo, magro e muito ativo, Hanson era um homem cuja carreira oscilara entre o serviço público, trabalhos de consultoria, um bico como comentarista do PBS, a rede de TV educativa americana — posição de grande prestígio —, e uma clientela lucrativa em uma das firmas de advocacia mais conceituadas da cidade. Era especialista em legislação comercial e internacional, uma habilidade que já usara para negociar contratos entre empresas multinacionais. Era muito bom nisso, reconhecia Jack. Infelizmente, aceitara o cargo de secretário de Estado pensando que poderia usar as mesmas táticas para lidar com outros países.

Ryan levou um segundo ou dois para responder.

— Não perguntei.

— Por quê? Jack poderia ter dito várias coisas, mas achou que era hora de tomar uma atitude. Por isso, optou por uma alfinetada: — Por que isso não era importante. O objetivo da operação, senhor secretário, era capturar Corp. Isso foi conseguido. Daqui a cerca de trinta minutos, ele será entregue às autoridades do seu país para ser julgado de acordo com a lei, seja ela qual for. — Ryan não se dera ao trabalho de descobrir.

— Isso é a mesma coisa que matá-lo.

— Não é culpa minha se não é popular em seu próprio país, senhor secretário. Também foi responsável pela morte de soldados americanos. Se decidíssemos eliminá-lo nós mesmos, não teria sido assassinato, e sim uma simples operação de defesa nacional. Pelo menos, seria assim em outra época — admitiu Ryan. As coisas tinham mudado, e Ryan precisava se adaptar à nova realidade. — Em vez disso, estamos agindo como bons cidadãos do mundo, capturando um perigoso bandido internacional e entregando-o ao governo do seu país, que o submeterá a julgamento por tráfico de drogas, considerado um crime muito grave em todas as nações civilizadas. O que vai acontecer em seguida é problema da justiça local. Estamos falando de um país com o qual mantemos relações diplomáticas e outros acordos informais de assistência, e cujas leis, portanto, devemos respeitar.

Hanson não gostou. Isso ficou óbvio pela forma como se remexeu na cadeira. Entretanto, teve de ouvir tudo calado, porque não tinha escolha.

Nos últimos meses, o Departamento de Estado anunciara meia dúzia de vezes que os americanos apoiavam aquele governo. O que mais incomodava Hanson era o fato de um novato passar-lhe a perna.

— Pode ser que agora esse país tenha uma chance de se aprumar, Brett — observou Durling, colocando seu selo pessoal de aprovação na operação WALKMAN. — Oficialmente, não tivemos nada a ver com o que aconteceu.

— Sim, senhor presidente.

— Jack, acertou em cheio quando escolheu esse tal de Clark. O que vamos fazer com ele?

— Eu deixaria isso por conta do DCI, senhor. Talvez outra Intelligence Star... — propôs Ryan, torcendo para que Durling transmitisse a sugestão a Langley. Senão, poderia dar um telefonema discreto para Mary Pat. Mas estava na hora de aparar as arestas, uma atividade nova para Ryan. — Senhor secretário, caso não saiba, nossos homens receberam ordens para só matar o inimigo em defesa própria.

— Preferia que tivesse submetido o plano ao nosso departamento — resmungou Hanson.

Respire fundo, disse Ryan a si mesmo. A confusão fora culpa do Departamento de Estado e do antecessor de Ryan. Depois de invadir o país para restabelecer a ordem, ameaçada pelos comandantes militares — um termo inventado pela imprensa para rotular criminosos comuns —, as grandes potências tinham decidido, depois que a missão esbarrara em sérias dificuldades, que os "comandantes militares" em questão tinham de fazer parte da "solução política" do problema. O fato de que o problema fora criado pelos comandantes militares em primeiro lugar foi convenientemente esquecido. Era a falta de lógica de tudo aquilo que deixava Ryan mais irritado. Será que não ensinavam lógica em Yale? Provavelmente era uma disciplina opcional, pensou. No Boston College, era obrigatória.

— Está feito, Brett — declarou Durling, tranquilamente. — Ninguém vai lamentar a morte do Sr. Corp. Qual o próximo item na agenda? — perguntou o presidente a Ryan.

— Os indianos estão ficando agitados. Colocaram a marinha de prontidão e estão realizando operações perto da fronteira com o Sri Lanka...

— Já fizeram isso antes — interveio o secretário de Estado.

— Não na presente escala, e não gosto da forma como estão conduzindo as conversações com os "Tigres do Tâmil", ou qualquer que seja o nome que esses maníacos estão usando agora. Negociar com um grupo de guerrilheiros que operam no território de um vizinho não pode ser considerado como uma demonstração de amizade.

Aquela era uma nova preocupação do governo americano. As relações entre as duas ex-colônias inglesas sempre tinham sido cordiais, mas havia anos que os tamis da ilha de Sri Lanka se rebelavam contra o governo central. Os habitantes do Sri Lanka, que tinham parentes da Índia, pediram ao país vizinho que enviasse tropas para auxiliá-los. A Índia concordara, mas o que começara como uma operação de paz estava se tornando uma ocupação forçada. Havia rumores

de que o governo do Sri Lanka pediria em breve que os soldados indianos se retirassem. Havia também rumores de que os indianos alegariam “dificuldades técnicas” para adiar a retirada.

Somado a isso, havia o que o ministro do Exterior da Índia dissera ao embaixador dos Estados Unidos durante uma recepção, em Nova Déli.

— Como o senhor sabe — dissera o ministro, depois de alguns drinques a mais, mas provavelmente de forma premeditada —, aquele oceano ao sul do nosso país é chamado de oceano Índico, e criamos uma marinha para defendê-lo. Com o fim da ameaça da antiga União Soviética, não entendemos por que a Marinha dos Estados Unidos julga necessário manter uma força na região.

O embaixador dos Estados Unidos era uma indicação política — por alguma razão, o posto na Índia se tornara uma posição de prestígio, apesar do clima — mas também constituía uma exceção notável à imagem que Scott Adler fazia da profissão. O ex-governador da Pensilvânia sorrira e murmurara alguma coisa a respeito da liberdade dos mares, mas enviara uma mensagem cifrada para os Estados Unidos antes de se recolher naquela noite. Adler precisava aprender que nem todos eram estúpidos.

— Não vemos nenhuma indicação de atos agressivos por parte da Índia — afirmou Hanson, depois de um momento de reflexão.

— O elemento étnico é preocupante. A Índia não pode se expandir para o norte, com as montanhas no caminho. O oeste está fora de questão; os paquistaneses também possuem artefatos nucleares. A leste fica Bangladesh — para que arranjar problemas? O Sri Lanka oferece possibilidades estratégicas concretas, talvez como um trampolim.

— Para onde? — quis saber o presidente.

— Para a Austrália. Muito espaço, muitos recursos naturais, uma população relativamente pequena e um exército insignificante.

— Não acredito que isso seja possível — declarou o secretário de Estado.

— Se os Tigres aprontarem mais alguma, é provável que a Índia envie mais tropas para Sri Lanka. O passo seguinte pode ser a anexação, e de repente nos veremos diante de uma potência imperialista fazendo um jogo perigoso do outro lado do mundo e deixando nervosos nossos aliados históricos.

— E não seria difícil para os indianos ajudar os Tigres a aprontarem mais alguma. Era tão fácil usar fanáticos como bucha de canhão... A história mostra que é muito mais simples abortar essas ambições no nascedouro.

— E por isso que a Marinha não se retira do oceano Índico — observou Hanson.

— Verdade — admitiu Ryan.

— Temos força suficiente para impedir que eles saiam da linha? No

momento, sim, senhor presidente, mas não gosto da forma como os recursos da Marinha estão sendo usados até o limite. Todos os porta-aviões, a não ser os dois que foram para o estaleiro, ou estão em missão ou se preparando para alguma missão. Nossas reservas estratégicas foram reduzidas praticamente a zero. — Ryan fez uma pausa antes de prosseguir, sabendo que estava indo longe demais, mas disposto a fazê-lo. — Os cortes foram excessivos, senhor. Nossos homens fazem o que podem, mas não sei até quando poderemos aguentar.

— Eles simplesmente não são tão poderosos quanto pensávamos. A situação mudou muito — afirmou Raizo Yamata. Estava usando um elegante quimono de seda e sentava-se no chão, em frente à tradicional mesa baixa.

Os outros convidados olharam discretamente para os relógios. Eram quase três horas da manhã, e embora aquela fosse uma das melhores casas de gueixas da cidade, estava ficando tarde. Raizo Yamata, entretanto, era um anfitrião cativante. Um homem de grande riqueza e sagacidade, pensaram os outros. Ou pelo menos a maioria deles.

— Eles vêm nos protegendo há várias gerações — argumentou um homem.

— De quem? De nós mesmos? — protestou Yamata, em tom inflamado.

Isso agora era permitido.

Embora os homens reunidos em torno da mesa fossem muito bem-educados, eram todos velhos conhecidos, quando não amigos íntimos, e tinham consumido uma quantidade considerável de álcool. Nessas circunstâncias, as regras do convívio social mudavam um pouco. Podiam falar abertamente.

Palavras que normalmente seriam consideradas insultuosas agora seriam aceitas com naturalidade, contestadas com veemência, e no final ninguém ficaria magoado. Isso também era uma regra, mas, como acontece com a maioria das regras, existia apenas na teoria. Embora nenhuma amizade fosse acabar por causa daquelas palavras, tampouco elas seriam esquecidas.

— Quantos de nós — prosseguiu Yamata — foram vítimas desses indivíduos? Os japoneses presentes notaram que Yamata evitara usar o termo ”bárbaros”. O motivo era a presença dos outros dois homens. Um deles, o vice-almirante V. K. Chandraskatta, era um comandante-de-esquadra da Marinha da Índia, atualmente de licença. O outro, Zhang Han San (o nome queria dizer “Montanha Gelada” e não tinha sido escolhido pelos pais) era um veterano diplomata chinês que trabalhava para a missão comercial em Tóquio. O segundo era aceito com mais facilidade do que o primeiro. Com sua pele morena e feições angulosas, Chandraskatta era tolerado pelos japoneses com fria polidez. Embora se tratasse de um aliado em potencial, além de ser uma pessoa culta e extremamente inteligente, era ainda mais gaijin do que o chinês, e os oito

zaibatsu reunidos em torno da mesa imaginavam poder sentir o cheiro do indiano, apesar de haverem bebido muito saque, o que entorpecia os sentidos. Por essa razão, Chandraskatta ocupava o lugar de honra, à direita de Yamata, e o zaibatsu imaginou se ele desconfiaria de que a suposta homenagem era na verdade uma forma sofisticada de mostrar que não se sentiam totalmente à vontade na sua presença. Provavelmente, não. Tratava-se de um bárbaro, afinal.

— Eles não são tão poderosos como no passado, admito, mas posso lhe assegurar, Yamata-san — observou Chandraskatta, no seu melhor inglês britânico —, que ainda conservam um poderio naval considerável. Os dois porta-aviões que mantêm no meu oceano são suficientes para infundir respeito à minha marinha.

Yamata olhou para ele.

— Não poderiam derrotá-los, nem com submarinos? Não — respondeu o almirante, com toda a franqueza, ainda sóbrio, apesar de toda a bebida, e imaginando aonde o outro estava querendo chegar com toda aquela conversa. — E preciso que entenda que esta discussão é meramente especulativa... uma experiência científica, digamos assim. — Chandraskatta ajeitou o quimono que Yamata lhe dera, para torná-lo um membro do grupo, como explicara na ocasião. — Se queremos derrotar uma esquadra inimiga, devemos aproximar-nos o bastante para que os navios estejam ao alcance dos nossos armamentos. Com os dispositivos eletrônicos de que dispõem, eles podem acompanhar nossos movimentos a grande distância; sabem de tudo que está acontecendo em um raio de, digamos, seiscentos quilômetros. Como não somos capazes de manter uma cobertura equivalente, como poderíamos intimidá-los? Foi por isso que ainda não invadiram o Sri Lanka? — perguntou Tanzan Itagake.

— E uma das razões — concordou o almirante.

— De quantos porta-aviões eles dispõem no momento? — prosseguiu Itagake.

— Na Esquadra do Pacífico? Quatro. Dois no nosso oceano e dois no Havaí.

— E os outros dois? — quis saber Yamata.

— O Kitty Hawk e o Ranger estão passando por grandes reformas e não voltarão a navegar a não ser daqui a um e três anos, respectivamente. Todos esses porta-aviões pertencem à Sétima Esquadra. A Primeira Esquadra não tem nenhum. A Marinha dos Estados Unidos conta apenas com mais cinco porta-aviões. Estão lotados na Segunda e na Sexta Esquadras, mas um deles vai parar para reformas daqui a seis semanas. — Chandraskatta sorriu. Suas informações estavam perfeitamente atualizadas e fazia questão de que os outros soubessem disso. — Quero que compreendam que por mais desfalcada que a Marinha dos

Estados Unidos pareça estar, em comparação com o que era há apenas... quanto tempo? cinco anos atrás? Comparada com o que era há cinco anos, ela pode parecer enfraquecida, mas comparada com qualquer outra marinha do mundo, ainda é extremamente poderosa. Um dos seus porta-aviões poderia fazer frente a todos os outros porta-aviões existentes no mundo.

— Você concorda, então, que os porta-aviões são a arma mais poderosa de que eles dispõem? — perguntou Yamata.

— Naturalmente. — Chandraskatta mudou a posição dos objetos que estavam sobre a mesa. No centro, colocou uma garrafa vazia de saque. — Imagine que isso aqui seja um porta-aviões. Desenhe um círculo de mil quilômetros em torno dele. Nada pode penetrar nesse círculo sem permissão do porta-aviões e suas aeronaves. Caso necessário, eles podem aumentar o raio para mil e quinhentos quilômetros com relativa facilidade. Mesmo que isso não aconteça, porém, ainda são capazes de controlar uma vasta região. Acabe com esses porta-aviões e eles serão apenas mais uma marinha de fragatas. O difícil é acabar com eles — concluiu o almirante, usando uma linguagem simples, para que os industriais entendessem.

Chandraskatta estava certo ao supor que aqueles financistas não conheciam muita coisa a respeito de assuntos militares. Entretanto, subestimara sua capacidade de aprender. O almirante vinha de um país com uma tradição guerreira pouco conhecida fora de suas fronteiras. Os indianos haviam detido Alexandre o Grande, enfraquecido seu exército, ferido o conquistador da Macedônia, talvez mortalmente, e colocado um ponto final na sua expansão, algo que nem os persas nem os egípcios tinham sido capazes de fazer. Tropas indianas haviam lutado ao lado de Montgomery, ajudando-o a derrotar Rommel... e tinham esmagado o Exército japonês em Imphal, um fato que não tinha intenção de mencionar, pois um dos presentes pertencera àquele exército na condição de soldado raso. Imaginou o que teriam em mente, mas no momento estava contente em desfrutar da sua hospitalidade e responder a suas perguntas, por mais elementares que fossem. O orgulhoso oficial se remexeu, sentindo falta de uma cadeira e de uma bebida decente. O saque que aqueles civis serviam estava mais para água do que para gim, sua bebida preferida.

— E se isso fosse possível? — perguntou Itagake.

— Nesse caso, como eu já disse — respondeu o almirante, pacientemente —, estariam reduzidos a uma marinha de fragatas. Naves esplêndidas, reconheço, mas a “bolha” que cada navio controla é muito menor. Uma fragata pode ser usada para proteger uma posição, mas jamais para projetar o poder a distância.

Percebeu que sua escolha de palavras interrompera a discussão por um

instante. Um dos japoneses encarregou-se de esclarecer as sutilezas linguísticas, e Itagake logo levantou a cabeça com um longo “Ahhhh”, como se tivesse acabado de aprender uma verdade profunda. Chandraskatta encarava o que acabava de dizer como um fato óbvio, esquecendo-se por um momento de que as coisas profundas em geral são óbvias. Entretanto, reconheceu que algo de importante acabara de ocorrer.

O que vocês querem? Daria muita coisa para conhecer a resposta a essa pergunta. Independentemente do que fosse, poderia ser útil para os seus propósitos, contanto que soubesse que terreno estava pisando. Não lhe passou pela cabeça que os japoneses estavam pensando exatamente a mesma coisa a seu respeito.

— Eles estão queimando bastante óleo — observou o chefe de operações, iniciando a reunião da manhã.

O USS Dwight D. Eisenhower estava em um curso de zero-nove-oito graus, leste quarta a sudeste, duzentas milhas náuticas a sudeste do atol de Felidu. A velocidade da esquadra era de dezoito nós, mas aumentaria quando as operações de voo estivessem para começar. O mapa de operações principal fora atualizado quarenta minutos antes a partir dos dados de radar de uma aeronave de observação E-3C Hawkeye, e, realmente, a Marinha da Índia estava queimando muito óleo combustível, ou o que quer que estivessem usando para mover os navios.

A formação que tinha diante dos olhos poderia ser muito bem a de um Grupo de Combate da Marinha dos Estados Unidos. Os dois porta-aviões indianos, Viraat e Vikrant, estavam no centro de uma formação circular, padrão inventado por um americano chamado Nimitz havia quase oitenta anos. Eram escoltados de perto pelos contratorpedeiros lança-mísseis Delhi e Misore, construídos na Índia e armados com um sistema SAM (Surface-Air Missile, ou seja, Míssil Terra-Ar), a respeito do qual havia poucas informações disponíveis... o que era sempre uma preocupação para os pilotos. O segundo anel era composto pela versão indiana dos velhos contratorpedeiros russos da classe Kashin, também equipados com sistemas SAM. Mais interessantes, porém, eram dois outros fatores.

— Os navios de reabastecimento Rajaba Gan Palan e Shakti se juntaram ao grupo de combate depois de uma breve parada em Trivandrum...

— Quanto tempo passaram no porto? — perguntou Jackson.

— Menos de vinte e quatro horas — respondeu o comandante Ed Harrison, o chefe de operações. — Fizeram um serviço rápido, senhor.

— Provavelmente se limitaram a encher os tanques. Qual a capacidade

deles? Treze mil toneladas de óleo combustível cada um, mais mil e quinhentas toneladas de querosene de jato. O Deepak, que é da mesma classe, separou-se do grupo e rumou para noroeste, provavelmente em direção a Trivandrum, depois de conduzir operações de reabastecimento.

— Então eles estão fazendo o possível para manter os tanques cheios.

— Interessante. Prossiga — ordenou Jackson.

— Parece que quatro submarinos estão acompanhando o grupo. Temos a posição aproximada de um deles e perdemos outros dois por aqui — Harrison desenhou com a mão um círculo no mapa. — Desconhecemos a localização do quarto submarino, senhor. Estamos trabalhando nisso.

— E quanto aos nossos submarinos? — perguntou Jackson ao comandante do grupo.

— O Santa Fé está próximo de nós e o Greeneville se mantém entre nós e eles. O Cheyenne está mais próximo do grupo de combate, como guarda avançado — respondeu o contra-almirante Mike Dubro, entre dois goles de café.

— O plano para hoje, senhor — prosseguiu Harrison —, é lançar quatro F/A-l 8E e aviões-tanque com instruções para se dirigirem para leste até este ponto, denominado PONTO BAUXITA, de onde rumarão para noroeste, depois se aproximarão até uma distância de cinquenta quilômetros do grupo de combate dos indianos, voarão em círculos durante meia hora e por fim voltarão ao PONTO BAUXITA para se reabastecer e voltar para bordo, depois de um tempo de voo de quatro horas e quarenta e cinco minutos. Para que os quatro aviões pudessem cumprir a missão, seriam necessários oito aviões-tanque para reabastecê-los em pleno ar, tanto na ida como na volta. Isso correspondia a quase todos os aviões-tanque a bordo do lhe. Então queremos que eles pensem que ainda estamos daquele lado. — Jackson assentiu e sorriu, sem comentar a respeito do esforço extra que isso exigiria dos pilotos. — Continua fazendo das suas, pelo que vejo, Mike.

— Eles ainda não conhecem nossa posição. Queremos que as coisas continuem assim — acrescentou Dubro.

— Como estão carregados os Insetos? — perguntou Robby, usando o apelido do F/A-l8 Hornet, “Inseto de Plástico”.

— Quatro Harpoon cada um. Dos brancos — acrescentou Dubro. Na Marinha, os mísseis de treinamento eram pintados de azul e os mísseis de verdade recebiam a cor branca. Os Harpoon eram mísseis terra-ar. Jackson não precisava perguntar pelos mísseis ar-ar Sidewinder e AMR, que faziam parte do equipamento básico do Hornet.

— O que eu gostaria de saber é o que pretendem com isso — observou o comandante do grupo.

Era o que todos gostariam de saber. O grupo de combate indiano — era assim que o chamavam, na falta de um nome melhor — estava no mar fazia oito dias, navegando ao largo da costa meridional do Sri Lanka. O grupo tinha a missão ostensiva de apoiar as forças de paz do Exército da Índia, empenhadas em combater os Tigres do Tâmil. Só havia um senão: as bases dos Tigres do Tâmil ficavam na parte norte da ilha, e a esquadra indiana se aproximara pelo sul. Os dois porta-aviões manobravam frequentemente para se manter afastados dos navios mercantes, permanecendo fora do alcance visual da ilha, mas dentro do alcance aéreo. Não era difícil evitar a Marinha do Sri Lanka. O maior vaso de guerra de que o país dispunha poderia ser um excelente iate a motor para um novo-rico, mas não passava disso. Para resumir: a Marinha da Índia estava executando uma operação secreta muito longe do local onde costumava conduzir seus treinamentos.

A presença de navios de reabastecimento significava que pretendiam permanecer ali por um tempo considerável, e também que os indianos poderiam executar levantamentos da ilha sem nenhuma pressa. Na verdade, a Marinha da Índia estava operando exatamente como a Marinha dos Estados Unidos vinha fazendo havia várias gerações. Acontece que os Estados Unidos não tinham nada a fazer no Sri Lanka.

— Estão realizando exercícios diariamente? — perguntou Robby.

— Não falharam nem uma vez — confirmou Harrison. — Daqui a pouco um par de Harrier vai se perfilar como os nossos Hornet, de maneira amistosa, é claro.

— Não gosto disso — interveio Dubro. — Conte sobre o exercício da semana passada.

— Foi interessante de ver. — Harrison chamou os registros computadorizados, que podiam ser mostrados em uma velocidade maior que a normal.

— Pegamos o exercício praticamente desde o início, senhor.

Olhando para a tela, Robby viu o grupo de contratorpedeiros destacar-se da formação principal e rumar para sudoeste, o que naquela ocasião significava dirigir-se quase diretamente para o Lincoln, despertando a atenção dos americanos. De repente, os contratorpedeiros indianos dispersaram-se e rumaram para o norte em alta velocidade. Com os radares e os rádios desligados, os navios dirigiram-se então para leste, ainda se movendo bem rápido.

— O comandante do grupo de contratorpedeiros usou uma tática para despistar. Os porta-aviões evidentemente esperavam que os navios rumassem para leste e usassem essa frente estacionária para se esconder. Como pode ver, foi para lá que os aviões se dirigiram. — O erro permitira que os

contratorpedeiros se aproximassem bastante dos porta-aviões antes que os Harrier decolassem para enfrentá-los.

Nos dez minutos da gravação, Robby teve certeza de que acabara de assistir a um ataque simulado contra um grupo de porta-aviões inimigo, lançado por um grupo de contratorpedeiros cuja disposição de sacrificar as naves e as vidas dos tripulantes em uma missão suicida era evidente. O mais preocupante era que o ataque fora um sucesso. Embora todos os contratorpedeiros provavelmente teriam sido afundados, alguns deles, pelo menos, conseguiriam penetrar nas defesas locais dos porta-aviões e danificar os alvos. Por maiores e mais resistentes que fossem os porta-aviões, não era preciso infligir muitos danos para tornar impossíveis as operações de pouso e decolagem. E isso era tão bom como afundá-los.

Os indianos possuíam os únicos porta-aviões daquele oceano, exceto pelos americanos, cuja presença, Robby sabia, os incomodava. A finalidade do exercício não era afundar seus próprios porta-aviões.

— Não tem a sensação de que não somos queridos por aqui? — perguntou Dubro, com um sorriso irônico.

— Tenho a sensação de que precisamos conhecer melhor suas intenções. Ainda estamos no escuro, Mike.

— Pensa que não sei? — observou Dubro.

— Quais são as intenções deles em relação ao Ceilão? — O nome antigo do país era mais fácil de lembrar.

— Não temos nenhuma informação a respeito. — Como suplente da J-3, a diretoria de planejamento do Estado-Maior Conjunto, Robby tinha acesso a praticamente todos os dados conseguidos pela comunidade de informações dos Estados Unidos. — Mas o que você acaba de me mostrar é muito eloquente.

Bastava olhar para a tela, observar onde estava o mar, onde estava a terra, onde estavam os navios. A Marinha da Índia estava manobrando de modo a colocar-se entre o Sri Lanka e qualquer um que tentasse aproximar-se do Sri Lanka vindo do sul. Como a Marinha dos Estados Unidos, por exemplo. Praticara um ataque contra uma força desse tipo. Pretendia permanecer no mar por um longo tempo. Se fosse apenas um exercício, tratava-se de um exercício extremamente oneroso.

— E se não fosse? Como saber a diferença? Onde estão os anfíbios? Não estão aqui — respondeu Dubro.

— Fora disso, não sei. Não tenho recursos para investigar e não há informações disponíveis. Os indianos contam com um total de dezesseis naves anfíbias LST e imagino que pelo menos doze deles possam operar em conjunto. O suficiente para transportar uma brigada pesada em uma operação de

desembarque. Existem algumas praias favoráveis no litoral norte da ilha. Não podemos alcançá-las daqui, pelo menos não tão bem como eu gostaria. Preciso de mais recursos, Robby.

— Sabe que não posso atendê-lo, Mike.

— Dois submarinos. Você pode ver que não estou exagerando. — Os dois submarinos nucleares seriam usados para cobrir o golfo de Mannar, o ponto mais provável de desembarque. — Também preciso de mais informações, Rob.

— Entendo. — Jackson fez que sim com a cabeça. — Verei o que posso fazer. Quando partirei?

— Daqui a duas horas.

Jackson estaria voando em um jato antissubmarino S-3 Viking. O ”Hoover”, como era conhecido, tinha uma grande autonomia de voo. Isso era importante. Seu destino era Cingapura, para dar a impressão de que o grupo de combate de Dubro se encontrava a sudeste do Sri Lanka e não a sudoeste. Jackson refletiu que voara quarenta mil quilômetros apenas para assistir a uma exposição de meia hora e ouvir a opinião de um militar experiente. Chegou a cadeira um pouco para trás, enquanto Harrison mudava a tela para uma escala menor. Ela agora mostrava o Abraham Lincoln rumando para nordeste a partir de Diego Garcia, contribuindo com mais um grupo de esquadrilhas para o poder aéreo sob o comando de Dubro.

Iria precisar dele. As operações necessárias para vigiar os indianos — especialmente para fazê-lo sem serem percebidos — estavam exigindo um grande esforço por parte de pilotos e aeronaves. Havia simplesmente oceanos demais no mundo para ser cobertos por apenas oito porta-aviões, mas ninguém em Washington parecia estar ligando para isso. O Enterprise e o Stennis estavam sendo reformados para substituir o Ike e o Abe dali a alguns meses, mas mesmo assim haveria um período durante o qual a presença americana naquela parte do mundo ficaria reduzida ao mínimo.

Os indianos não podiam deixar de saber. Afinal, era impossível esconder das famílias o dia em que os grupos de combate voltariam para casa. Os indianos ficariam sabendo, e o que fariam com base nessa informação?

— Olá, Clarice.

Murray levantou-se para cumprimentar a convidada para o almoço.

Pensava nela como a sua Dra. Ruth particular. Baixinha, ligeiramente acima do peso, a Dra. Golden era cinquentona, com olhos azuis e a eterna expressão de quem está prestes a contar uma piada particularmente engraçada. Tinha sido a semelhança entre eles que consolidara a amizade.

Ambos eram profissionais sérios e competentes, e ambos se disfarçavam como pessoas extremamente sociáveis. Eram a vida de qualquer festa a que

comparecessem, mas por trás das gargalhadas e sorrisos estavam mentes aguçadas que perdiam muito pouco e colecionavam muito. Murray pensava em Clarice como uma eficiente detetive, e Clarice tinha exatamente a mesma opinião a respeito de Murray.

— A que devo esta honra, madame? — perguntou Dan, com a educação de costume.

O garçom apareceu com os cardápios, e a médica esperou pacientemente que ele se afastasse. Foi a primeira indicação para Murray de que o caso era sério, e embora o sorriso permanecesse nos seus lábios, os olhos se estreitaram um pouco, fixando-se na recém-chegada.

— Preciso da alguns conselhos, Sr. Murray — respondeu a Dra. Golden.

— De quem é a jurisdição para um crime cometido em um prédio federal?

— Do FBI, sem dúvida alguma — respondeu Dan, recostando-se no assento e apalpando a pistola de serviço. Tratar de negócios para Murray era sinônimo de tratar de crimes violentos, e verificar que a pistola ainda estava no lugar de costume funcionava como uma espécie de pedra de toque pessoal, um lembrete de que, por mais pomposo que fosse o título pendurado na porta do seu escritório, começara investigando assaltos a bancos na Divisão de Campo da Filadélfia, e a arma e a insígnia ainda faziam dele um membro efetivo na melhor força policial do país.

— Mesmo no Capitólio? — perguntou Clarice.

— Mesmo no Capitólio — repetiu Murray. O silêncio que se seguiu o deixou surpreso. A Dra. Golden não costumava ser reticente. Sempre era possível saber o que ela estava pensando... bem, corrigiu Murray, sempre era possível saber o que ela queria revelar. A médica, como ele, tinha seus pequenos truques. — Conte-me tudo, Dra. Golden.

— Estou falando de estupro.

Murray assentiu e pousou o cardápio sobre a mesa.

— Está certo. Em primeiro lugar, fale-me da sua paciente.

— Trinta e cinco anos, solteira, nunca se casou. Quem me indicou foi uma ginecologista, uma velha amiga minha. Quando me procurou, estava extremamente deprimida. Já tivemos três consultas.

Apenas três consultas, pensou Murray. Clarice era uma pessoa extremamente perspicaz. Por Deus, seria boa nos interrogatórios, com aquele sorriso suave, aquela voz maternal...

— Quando foi que aconteceu? — Os nomes podiam ficar para depois. Murray começaria com os fatos.

— Há três anos.

O agente do FBI — ele ainda preferia ser chamado de “Agente Especial”,

em lugar do título oficial de vice-diretor assistente — franziu a testa. — É um longo tempo, Clarice. Não há provas materiais, suponho.

— Não, é a palavra dela contra a dele... a não ser por uma coisa. — A médica enfiou a mão na bolsa e tirou fotocópias ampliadas da carta de Lisa.

Murray leu as páginas devagar, enquanto a Dra. Golden o observava, à espera de uma reação.

— Que merda! — suspirou Dan, enquanto o garçom os rondava a cinco metros de distância, pensando que se tratasse de um repórter e uma informante, o que era relativamente comum em Washington. — Onde está o original? No meu escritório. Tomei muito cuidado com ele — afirmou a médica.

A afirmação trouxe um sorriso aos lábios de Murray. O fato de se tratar de papel personalizado já ajudava em alguma coisa. Além disso, o papel conservava relativamente bem as impressões digitais, especialmente quando conservado em um lugar frio e seco, como costumava acontecer com as cartas. As impressões digitais da assessora legislativa em questão certamente teriam sido recolhidas como parte do processo de admissão, o que significava que a autora provável daquele documento poderia ser positivamente identificada. A carta continha datas, lugares, eventos, e também anunciava o desejo de morrer. Isso tornava o documento equivalente ao depoimento de um moribundo e portanto aceitável como prova em um processo criminal. O advogado de defesa protestaria (eles sempre protestavam), o protesto seria recusado pelo juiz (isso acontecia sempre), e os jurados ouviriam cada palavra, inclinando-se para a frente a fim de ouvir melhor a voz vinda do túmulo. Só que nesse caso não haveria jurados, pelo menos a princípio.

Murray não gostava de casos de estupro. Como homem e como policial, aquele tipo de crime deixava-o revoltado. Considerava uma ofensa ao seu sexo que alguém pudesse cometer tamanha covardia. Mais irritante, do ponto de vista profissional, era o fato de que na maioria das vezes os casos de estupro se resumiam à palavra da vítima contra a palavra do agressor.

Como a maioria dos investigadores, Murray encarava com reservas o depoimento das testemunhas. As pessoas não eram boas observadoras, e as vítimas de estupro, traumatizadas pela experiência, eram péssimas testemunhas, ainda mais quando pressionadas pelo advogado de defesa. As provas materiais, por outro lado, eram alguma coisa concreta, indiscutível.

Murray adorava aquele tipo de prova.

— Isto é suficiente para começar um processo? Murray olhou para ela e afirmou, com convicção: — Sim, senhora.

— E quem vai...

— Minha posição atual... bem, sou uma espécie de versão para uso externo

de assistente executivo de Bill Shaw. Conhece Bill, não conhece?

— Apenas de nome.

— Tudo que ouviu falar sobre ele é verdade — assegurou-lhe Murray. — Fomos colegas de turma em Quântico e começamos da mesma forma, no mesmo lugar, fazendo a mesma coisa. Um crime é um crime, somos policiais e este é o nome da música, Clarice.

Entretanto, no mesmo momento em que a boca proclamava sua fé no órgão a que pertencia, o cérebro estava dizendo: Que merda! As repercussões políticas seriam imprevisíveis. O presidente não merecia um abacaxi daqueles. Entretanto, quem merecia? Barbara Linders e Lisa Beringer não mereciam ser violentadas por alguém em quem confiavam. A conclusão era simples: trinta anos antes, Daniel E. Murray se formara na Academia do FBI, em Quântico, Virgínia; levantara a mão direita para o céu e prestara um juramento. Havia certas escolhas duvidosas. Sempre haveria. Um bom agente tinha que usar o bom senso, saber quais as leis que podiam ser ignoradas e até que ponto. Entretanto, não até este ponto, não esta lei. Bill Shaw pensava igual a ele. Abençoado pelo destino para ocupar uma posição tão apolítica quanto era possível em Washington, D.C., Shaw construíra sua reputação com base na integridade e estava velho demais para mudar.

Um caso como esse teria de começar em seu escritório do sétimo andar.

— Preciso perguntar-lhe: acha que ela está falando a verdade?

— Falando como profissional, tenho todas as razões para acreditar que minha paciente está contando a verdade em todos os detalhes.

— Ela está disposta a testemunhar?

— Está.

— O que acha da carta?

— Também bastante autêntica, psicologicamente falando.

Murray pensava o mesmo, mas alguém — primeiro ele, depois outros agentes e finalmente os jurados — precisava ouvir a opinião de um especialista.

— E agora? — perguntou a psicóloga.

Murray se levantou, para surpresa e decepção do garçom, que aguardava, solícito.

— Agora vamos direto à nossa sede falar com Bill. Ele não hesitará em abrir um processo e nomear um investigador para o caso. Eu, Bill e o investigador atravessaremos a rua para conversar com o secretário de Justiça. Depois disso, é difícil dizer. Nunca tivemos um caso parecido, pelo menos no passado recente, e não sei exatamente como proceder. Sua paciente receberá o tratamento padrão. Extenuantes e difíceis interrogatórios. Vamos entrevistar a família e os amigos da Sra. Beringer, procurar cartas, diários. Mas isso é apenas

o lado técnico. O lado político vai ser muito delicado. — E por essa razão, como Dan bem sabia, ele ficaria responsável pelo caso. Outro Que merda! cruzou-lhe a mente quando se lembrou da parte da Constituição em que se basearia a investigação. A Dra. Golden viu a hesitação em seus olhos e interpretou-a erradamente, o que para ela era muito raro.

— Minha paciente merece...

Murray piscou os olhos com força. E daí? perguntou-se. Um crime é um crime.

— Eu sei, Clarice. Ela merece justiça. O mesmo acontece com Lisa Beringer. Sabe de uma coisa? O mesmo se pode dizer dos Estados Unidos da América.

Ele não parecia um engenheiro de software. Não tinha nada de desleixado.

Usava ternos listrados e andava sempre com uma maleta de executivo.

Alguém poderia achar que se tratava de um disfarce imposto pela clientela a que servia e pela atmosfera profissional da região, mas a verdade pura e simples era que gostava de se vestir bem.

A operação seria bem simples. O cliente usava computadores de grande porte Stratus, máquinas compactas, possantes, que podiam ser facilmente ligadas em rede — na verdade, eram a plataforma escolhida para muitas BBS por causa do preço acessível e alta confiabilidade. Havia três deles na sala.

”Alpha” e “Beta” — cujos nomes apareciam em letras brancas nos painéis frontais de plástico azul — eram os principais e assumiam o trabalho em dias alternados, com um sempre funcionando como reserva do outro. A terceira máquina, “Zulu”, fora reservada para emergências; quando Zulu estava funcionando, era sinal de que havia uma equipe de manutenção trabalhando no local ou a caminho de lá. Outra instalação, idêntica sob todos os aspectos, exceto quanto ao número de funcionários, ficava do outro lado do East River, em um endereço diferente, com uma fonte de energia diferente, linhas telefônicas diferentes e ligações diferentes via satélite. Os dois edifícios eram estruturas resistentes ao fogo, de vários andares, com um sistema automático convencional de combate ao fogo do lado de fora da sala do computador e um sistema DuPont 1301 no interior da sala, capaz de debelar um incêndio em questão de segundos. Os computadores dispunham de baterias capazes de mantê-los funcionando durante doze horas.

Infelizmente, por razões ambientais e de segurança, o código de construção civil de Nova York não permitia que os edifícios contassem com geradores próprios, o que era uma dor de cabeça para os engenheiros de sistemas, pagos para se preocupar com essas coisas. E eles se preocupavam, apesar do fato de

que a duplicação, as elaboradas redundâncias que em um contexto militar eram chamadas de “defesa em profundidade” protegiam o sistema contra qualquer perigo imaginável.

Bem, quase qualquer perigo.

No painel frontal de cada um dos computadores havia uma porta SCSI (Small Computer Systems Interface, ou Interface para Pequenos Computadores). Aquilo era uma novidade dos modelos mais recentes, um reconhecimento implícito ao fato de que os microcomputadores tinham se tornado tão potentes que eram capazes de carregar informações com mais facilidade do que o velho método de fita magnética.

Neste caso, o terminal de entrada estava sempre ligado ao sistema.

Acoplado ao painel geral de controle do sistema, que controlava Alpha, Beta e Zulu, havia um Power PC de terceira geração, ao qual estava ligada uma unidade de disco removível Bernoulli. Conhecida como “torradeira”, porque seu disco se parecia com uma fatia de pão de forma, a máquina tinha uma capacidade de armazenamento de um gigabyte, muito maior do que o necessário para carregar aquele programa.

— Tudo bem? — perguntou o engenheiro.

O controlador do sistema usou o mouse para selecionar Zulu em um menu. Um operador sênior atrás dele confirmou que ele fizera a opção correta. Alpha e Beta estavam envolvidos em um trabalho de rotina e não podiam ser perturbados.

— O Zulu é todo seu, Chuck.

— Entendido — respondeu Chuck com um sorriso. O engenheiro que gostava de ternos listrados enfiou o cartucho no receptáculo e esperou que o ícone apropriado aparecesse na tela. Selecionou-o com o mouse, abrindo uma nova janela onde aparecia o conteúdo de PORTA-1, o nome que escolhera para o cartucho.

A nova janela indicava apenas dois arquivos: INSTALL e ELECTRACLERK-2.4.0. Um programa antivírus automático imediatamente examinou os dois arquivos, declarando que estariam limpos depois de cerca de cinco segundos.

— Tudo em ordem, Chuck — informou o controlador do sistema. O supervisor concordou com a cabeça.

— Posso fazer a alteração?

— Vá em frente.

Chuck Searls clicou duas vezes com o mouse no ícone INSTALL. Uma mensagem apareceu no monitor: Are you sure vou want to replace “Electra-Clerk 2.3.1” with the new program “Electra-Clerk 2.4.0”? (Tem certeza de que

deseja substituir “ElectraClerk 2.3.1” pelo novo programa “Electra-Clerk 2.4-0”?) Searls escolheu com o mouse a opção “YES”. Apareceu outra mensagem: Are You Really Sure???? (Tem realmente certeza????)

— Quem colocou isso aí?

— Fui eu — respondeu o controlador do sistema, com um sorriso.

— Engraçadinho — resmungou Searls, escolhendo de novo a opção YES.

A torradeira entrou em ação. Searls gostava de sistemas que podia ouvir enquanto funcionavam, o clic-clic das cabeças se combinando com o zumbido do disco girando. O programa tinha apenas cinquenta megabytes e foi copiado em apenas alguns segundos, menos tempo que o engenheiro levou para abrir uma garrafa de água mineral e beber um gole.

— Pronto — disse Searls, afastando a cadeira do teclado. — Quer fazer um teste? Voltou-se para olhar pela janela. A sala do computador era cercada por paredes de vidro, mas ao longe podia ver o porto de Nova York. Um navio de passageiros de porte médio, pintado de branco, estava deixando o cais.

Qual seria seu destino?, pensou. Algum lugar quente, com areia branca, céu azul e sol o tempo todo. Um lugar muito diferente de Nova York, com certeza. Ninguém faria um cruzeiro para um lugar como a Big Apple. Como seria bom estar a bordo daquele navio, fugindo do vento gelado do outono.

Melhor ainda seria não voltar nele, pensou Searls, com um sorriso amargo.

Bem, os aviões eram mais rápidos, e também vendiam passagens só de ida...

Usando o console de controle, o controlador do sistema colocou Zulu em paralelo com os outros computadores. As 16:10:00, horário de Nova York, a máquina começou a reproduzir o trabalho executado simultaneamente por Alpha e Beta, com uma diferença. Segundo o monitor, o Zulu rodava ligeiramente mais depressa. Naquele tipo de tarefa, o Zulu normalmente ficaria para trás, mas agora estava tão rápido que tinha de “esperar” pelos outros computadores por alguns segundos a cada minuto.

— Que beleza, Chuck! — observou o controlador do sistema.

Searls esvaziou a garrafa de água mineral, jogou-a na cesta de papéis e aproximou-se.

— Pois é. Tirei umas dez mil linhas de código. Não eram as máquinas, era o programa. Levei algum tempo para encontrar os atalhos certos. Acho que agora está tudo funcionando bem.

— O que foi exatamente que mudou? — perguntou o operador sênior, que entendia muito d<* programação.

— Alterei a hierarquia do sistema, a forma e o modo como os dados são encaminhados às diferentes placas para serem processados em paralelo. O

sincronismo ainda precisa de alguns ajustes. Acho que posso resolver isso em um mês ou dois, além de cortar um pouco de gordura da interface de entrada.

O controlador do sistema rodou o primeiro programa de teste. O resultado apareceu quase de imediato.

— Seis por cento mais rápido que o dois-ponto-três-ponto-um. Nada mau.

— Precisávamos desses seis por cento — comentou o supervisor, dando a entender que aquilo ainda não era suficiente. O serviço às vezes era pesado, e, como todo mundo na Depository Trust Company, vivia com medo de não conseguir os resultados a tempo.

— Mande-me alguns dados no final da semana e talvez eu consiga arranjar para você mais alguns pontos percentuais — prometeu Searls.

— Bom trabalho, Chuck.

— Obrigado, Bud.

— Quem mais está usando o programa?

— Esta versão? Ninguém. Uma versão parecida, desenvolvida sob medida, está rodando nas máquinas do CHIPS.

— Bem, ninguém entende tanto do programa quanto você — observou o supervisor, de forma magnânima.

Teria sido menos magnânimo se refletisse um pouco a respeito da situação.

O supervisor ajudara a projetar todo o sistema. Todas as redundâncias, todos os sistemas de segurança, a forma como as fitas eram removidas das máquinas à noite e transportadas para outras cidades. Fizera parte de uma comissão encarregada de estabelecer as salvaguardas necessárias para o negócio em que estava envolvido. Entretanto, a busca de eficiência — além, ironicamente, da busca de segurança — tinha criado uma vulnerabilidade da qual, compreensivelmente, não se dava conta. Todos os computadores usavam os mesmos programas. Isso era inevitável. Diferentes programas em diferentes computadores, como línguas diferentes sendo faladas em um escritório, dificultariam ou mesmo impediriam a comunicação entre as máquinas, o que seria intolerável. Em consequência, apesar de todas as salvaguardas, as seis máquinas sob sua responsabilidade tinham um ponto fraco: todas falavam a mesma língua. Tinham de falar. Elas constituíam o elo mais importante, embora o menos conhecido, do comércio americano.

Mesmo nesse caso, a DTC não ignorava totalmente os perigos em potencial. O ELECTRA-CLERK 2.4.0 não seria carregado em Alpha e Beta até que tivesse passado uma semana funcionando no Zulu, e esperariam mais uma semana antes de carregá-lo nos computadores do outro prédio, que eram chamados de “Charlie”, “Delta” e “Tango”. Essa medida tinha por objetivo assegurar que a versão 2.4.0 era eficiente e “robusta”, um termo de engenharia

adotado pelo pessoal de informática. Em pouco tempo, todos se acostumariam com a nova versão, mais rápida e eficiente.

Todas as máquinas Stratus falariam exatamente a mesma linguagem, trocando informações em uma conversação eletrônica de uns e zeros, como amigos reunidos em torno de uma mesa para falar de negócios.

Em pouco tempo todos conheceriam a mesma piada. Alguns poderiam achar graça, mas não os empregados da DTC.

3
CONGREGAÇÃO

— Então, estamos todos de acordo? — perguntou o chairman da Federal Reserve Board.

Os presentes fizeram que sim com a cabeça. Não fora uma decisão difícil. Pela segunda vez nos últimos três meses, o presidente Durling dera a conhecer discretamente, através do secretário do Tesouro, que não teria objeções a outro aumento de meio ponto no Discount Rate, isto é, na taxa de juros que a Federal Reserve cobrava dos bancos a que emprestava dinheiro — de quem mais tomariam emprestadas somas tão vultosas, a não ser do governo federal? Qualquer aumento dessa taxa, naturalmente, era repassado imediatamente ao público em geral.

Os homens e mulheres reunidos em torno da mesa de carvalho polido praticavam um jogo delicado. Eles controlavam a quantidade de dinheiro presente na economia americana. Como se estivessem abrindo e fechando as comportas de uma represa, tinham o poder de regular o meio circulante, procurando mantê-lo em níveis adequados.

O processo, naturalmente, era bem mais complexo do que esta imagem poderia sugerir. A maior parte desse dinheiro na verdade não existia. O órgão responsável pela impressão da moda, o Bureau of Engraving and Printing, localizado a menos de dois quilômetros de distância dali, não dispunha de papel e tinta suficientes para imprimir as notas correspondentes às quantias que a Federal Reserve liberava diariamente. “Dinheiro”, no caso, era apenas uma expressão eletrônica, uma forma de enviar a seguinte mensagem: Você, o First National Bank of Podunk, dispõe a partir de agora de mais três milhões de dólares, soma que pode emprestar à Mercearia do Joe, ou ao posto de gasolina de Jeff Brown, ou a qualquer um que se disponha a construir uma casa no regime de

hipoteca, financiada em vinte anos. Poucas dessas pessoas eram pagas em dinheiro — com cartões de crédito, o risco de roubo era menor, os desfalques tornavam-se quase impossíveis e, mais importante ainda, não era preciso dispor de funcionários para contar e recontar as notas e transportá-las de um lado para outro. Em consequência, o que aparecia pela mágica de uma mensagem de fax ou correio eletrônico era emprestado por escrito, para ser pago mais tarde por outra expressão teórica, em geral um cheque preenchido em uma pequena tira de papel especial, frequentemente decorada com a imagem de uma águia ou um barco de pesca em um lago imaginário, porque a competição entre os bancos era intensa e as pessoas gostavam desses pequenos detalhes.

O poder das pessoas presentes naquela sala era tão grande, que mesmo elas raramente paravam para pensar a respeito. Através de uma simples decisão, acabavam de tornar mais caros todos os produtos americanos. Todos os empréstimos para a compra da casa própria, todas as prestações das vendas a prazo, todos os saldos devedores dos cartões de crédito tinham aumentado de imediato. Graças a essa decisão, todas as pessoas físicas e jurídicas dos Estados Unidos dispunham de menos dinheiro para gastar em benefícios para os empregados ou presentes de Natal. O que começara com uma nota para a imprensa atingiria em breve todas as carteiras do país. Os preços de todos os bens de consumo, de microcomputadores a chicle de bola, sofreriam um aumento inevitável, reduzindo ainda mais o poder aquisitivo da população.

E isso era ótimo, pensou o chairman. Todos os indicadores sugeriam que a economia estava ligeiramente superaquecida. Havia um risco real de que a inflação aumentasse. Na verdade, um pouco de inflação era inevitável, mas o aumento da taxa de juros a manteria dentro de limites toleráveis. Os preços teriam que subir um pouco, e o aumento da taxa de juros faria com que subissem ainda mais.

Era um exemplo de combater fogo com fogo. Com o aumento dos juros, o número de empréstimos e de vendas a prazo tenderia a cair, diminuindo a quantidade de dinheiro em circulação e portanto a pressão da demanda, o que a longo prazo faria os preços estabilizarem-se, evitando algo que todos eles consideravam muito mais nocivo para a economia do que uma flutuação momentânea da taxa de juros.

Como ondas se irradiando de uma pedra atirada no meio de um lago, haveria muitos outros efeitos. Os juros dos bônus do Tesouro teriam um aumento. Esses bônus representavam a dívida interna do governo. Os cidadãos — na verdade, instituições, como bancos, fundos de pensão e firmas de investimentos, que tinham que manter aplicado o dinheiro dos clientes enquanto aguardavam uma boa oportunidade no mercado de ações — emprestavam

dinheiro, eletronicamente, ao governo, por um prazo que variava de três meses a trinta anos; em troca, o governo pagava juros (que, naturalmente, esperava recuperar através dos impostos). Na prática, o aumento da taxa de juros da Federal Reserve obrigaria o governo a oferecer uma taxa de juros mais atraente no próximo leilão de bônus do Tesouro. Assim, o custo de rolagem da dívida interna também aumentaria, forçando o governo a reduzir os gastos, diminuindo o meio circulante e aumentando a taxa de juros para o público em geral para um valor maior do que o sinalizado pela Federal Reserve.

Finalmente, o simples aumento das taxas de juros seria suficiente para tornar o mercado acionário menos atraente para os investidores, já que os juros oferecidos pelo governo eram mais "seguros" do que os lucros, mais especulativos, esperados por uma empresa cujos produtos e/ou serviços tinham que competir no mercado.

Em Wall Street, investidores individuais e analistas financeiros, que acompanhavam os indicadores econômicos, aceitaram fleumaticamente a notícia, que chegou no final da tarde (em geral, os aumentos da taxa de juros eram anunciados depois do fechamento dos mercados) e se programaram para "desovar" (vender) suas posições em alguns itens. Isso faria com que as cotações de várias ações caíssem no dia seguinte, provocando uma queda da Média Industrial Dow Jones. Na verdade, esse indicador não era uma média, mas a soma do valor de mercado de trinta ações muito negociadas, com a Allied Signal em uma das extremidades do alfabeto, a Woolworth's na outra e a Merck no meio. Sua utilidade principal era fornecer à imprensa alguma coisa para divulgar à população, que em sua maioria não sabia exatamente o que ele representava. A queda do "Dow" deixaria algumas pessoas nervosas, aumentando a oferta de ações e levando a novas quedas na bolsa, até que outros investidores entrevissem a oportunidade de comprar ações por um preço mais barato do que seu valor real. Isso faria com que o Dow (e outros indicadores do mercado) aumentasse novamente até atingir um ponto de equilíbrio, restaurando a confiança do mercado. E dizer que todas essas mudanças tinham sido impostas por um punhado de pessoas em uma sala de reuniões em Washington, D.C., pessoas cujos nomes não eram conhecidos pela maioria dos analistas de investimentos e muito menos pelo público em geral! O interessante era que todos aceitavam o processo como uma coisa tão normal como as leis da física, apesar do fato de se tratar de algo tão etéreo quanto um arco-íris. O dinheiro não existia em termos concretos. Mesmo o dinheiro "de verdade" não passava de um papel impresso com tinta especial. O que lastreava o dinheiro não era ouro ou outro bem valioso, mas apenas a crença coletiva de que o dinheiro valia alguma coisa porque todos

os outros aceitavam aquele valor.

Em última análise, o sistema monetário dos Estados Unidos e de todos os outros países do mundo era um grande exercício de psicologia, um estado mental que se refletia em todos os outros setores da economia. Se o dinheiro era simplesmente uma questão de fé coletiva, então o mesmo se podia dizer de todo o resto.

O que a Federal Reserve fizera naquela tarde era uma experiência controlada de primeiro abalar essa fé e depois permitir que se restabelecesse sozinha, de acordo com a disposição natural dos crentes. Entre esses crentes podiam ser incluídos os membros da própria Federal Reserve Board, porque eles sabiam como funcionava o sistema... ou pelo menos julgavam saber. Individualmente, podiam afirmar, de brincadeira, que ninguém compreendia como o sistema operava, da mesma forma como nenhum deles seria capaz de explicar a natureza de Deus, mas, da mesma forma como os teólogos estavam sempre procurando investigar e explicar a outros a natureza de uma divindade, era sua missão manter as coisas em andamento, tornar a estrutura abstrata uma coisa real e tangível, sem jamais admitir que se baseava em algo ainda menos concreto do que as notas que levavam no bolso para as poucas ocasiões em que o uso de um cartão de crédito seria inconveniente.

A eles fora confiada, da mesma forma distante com que as pessoas confiavam nos eclesiásticos, a missão de manter a estrutura em que sempre se baseara a fé profana, proclamando a realidade de algo que não se podia ver, uma estrutura cujas manifestações palpáveis eram encontradas apenas em edifícios de concreto e nas pessoas que neles trabalhavam. E tudo funcionava muito bem, repetiam para si próprios. Não funcionava? Sob vários aspectos, Wall Street era a parte dos Estados Unidos onde os japoneses, em especial os que vinham de Tóquio, se sentiam mais à vontade.

Os edifícios eram tão altos que escondiam quase totalmente o céu; as ruas, tão engarrafadas, que um visitante de outro planeta poderia ter a impressão de que os táxis amarelos e limusines eram a forma de vida dominante na região. As pessoas caminhavam anonimamente nas calçadas sujas, com passos firmes e olhar distante, tanto para mostrar que tinham o que fazer como para evitar até mesmo o contato visual com possíveis competidores, que, na maioria dos casos, não passavam de simples transeuntes. A cidade inteira de Nova York tirara o seu comportamento daquele lugar: brusco, rápido, impessoal, duro na forma, mas não na substância. Os habitantes gostavam de pensar que estavam no centro da ação e se preocupavam tanto com seus objetivos individuais e coletivos que se ressentiam de que os outros pensassem exatamente da mesma forma. Nesse sentido, era um mundo perfeito. Todos se pareciam. Ninguém dava a mínima

para seu semelhante. Pelo menos, a impressão era essa. Na verdade, as pessoas que trabalhavam ali tinham cônjuges e filhos, interesses e passatempos, desejos e sonhos, como em qualquer outro lugar do mundo; entre oito da manhã e seis da tarde, porém tudo estava subordinado às regras do negócio. O negócio, naturalmente, era dinheiro, um tipo de produto que não conhecia limites nem lealdades. E era assim que no quinquagésimo oitavo andar do número seis da Columbus Lane, no novo edifício-sede do Columbus Group, uma mudança na direção estava ocorrendo.

A sala era impressionante sob todos os aspectos. Duas das paredes eram feitas de nogueira maciça, e não lambris, conservada com aparência impecável por uma equipe de artesãos muito bem remunerados. As outras duas eram grossas placas de vidro que iam do carpete até o teto falso de Celotex, oferecendo uma vista panorâmica do porto de Nova York e adjacências. O carpete era espesso o suficiente para engolir sapatos... e produzir um desagradável choque elétrico, que os frequentadores habituais tinham aprendido a tolerar. A mesa de reuniões era coberta com granito vermelho de doze metros de comprimento e as cadeiras em volta valiam quase dois mil dólares cada uma.

O Columbus Group, fundado havia apenas onze anos, passara sucessivamente de mais um pequeno empreendimento para enfant térrible, sério competidor e um dos melhores do setor até chegar à posição atual de liderança na comunidade dos fundos de investimentos. Fundada por George Winston, a empresa agora controlava um verdadeiro exército de equipes de gerenciamento de fundos. As três equipes principais eram chamadas de Santa Maria, Pinta e Nina, porque quando Winston fundara a empresa, com vinte e nove anos de idade, acabara de ler o livro A Descoberta do Novo Mundo pela Europa, de Samuel Eliot Morison, e, maravilhado com a coragem, visão e puro espírito de aventura dos incansáveis navegadores da escola do infante Dom Henrique, decidira traçar seu próprio curso com base no exemplo daqueles homens notáveis. Agora, com quarenta anos e imensamente rico, achava que chegara a hora de se aposentar, cultivar rosas, fazer longos cruzeiros no seu iate de noventa pés. Na verdade, seus planos imediatos envolviam passar os próximos meses aprendendo a pilotar o Cristobal com a mesma competência com que dirigira sua firma, e depois reproduzir as viagens de descobrimento, uma a cada verão, até esgotar os exemplos a seguir e talvez escrever um livro contando suas experiências.

Winston era um homem de estatura modesta, que parecia bem maior por causa de sua personalidade. Um fanático pela forma física — a tensão era a grande assassina de Wall Street —, o homem positivamente brilhava com a confiança infundida por seu soberbo condicionamento. Entrou na sala de

reuniões já repleta com o ar do presidente eleito chegando à sede da campanha para comemorar a vitória, com passos rápidos e seguros, um leve sorriso nos lábios. Satisfeito com aquele momento de glória de sua vida profissional, cumprimentou com a cabeça o convidado principal.

— Yamata-san, é um prazer tornar a vê-lo — disse George Winston, estendendo a mão. — Sinto que tenha tido que vir de tão longe para se encontrar comigo.

— Nenhuma distância é muito grande para um evento desta importância — replicou o industrial japonês.

Winston acompanhou o outro até a extremidade mais distante da mesa antes de voltar ao seu lugar à cabeceira. Havia hordas de advogados e executivos de investimentos entre os dois — como times de futebol prestes a se defrontar, pensou Winston, enquanto passava por eles, procurando não demonstrar o que sentia.

Era a única maneira de cair fora, disse Winston a si mesmo. Nada mais teria funcionado. Os primeiros seis anos da empresa tinham sido a maior alegria de sua vida. Começar com menos de vinte clientes, ganhar dinheiro e estabelecer uma sólida reputação ao mesmo tempo. Trabalhar em casa, recordou, o cérebro à frente dos passos que cobriam a distância entre o computador e o telefone, preocupar-se com o sustento da família, consolar-se com o apoio da esposa, sempre a seu lado apesar de estar grávida pela primeira vez — e de gêmeos, ainda por cima!—sem jamais desperdiçar uma oportunidade de demonstrar seu amor e confiança, apostando na sua capacidade e instinto profissional. Com trinta e cinco anos, sua obra já estava praticamente concluída. Dois andares de um edifício de escritórios no centro da cidade, uma equipe de jovens e brilhantes “cientistas de foguetes” para cuidar dos detalhes. Foi então que pensou pela primeira vez em se aposentar.

Além de aplicar o dinheiro dos clientes, Winston investira também seu próprio dinheiro, é claro, de modo que sua fortuna pessoal, descontados os impostos, chegava a seiscentos e cinquenta e sete milhões de dólares. Não tinha confiança suficiente para deixar todo esse dinheiro nas mãos de outrem; além disso, estava preocupado com os rumos atuais do mercado. Por isso, resgatara todas as suas cotas e pretendia investir o dinheiro em aplicações de risco mínimo. Parecia um estranho curso de ação para uma pessoa como ele, mas a verdade era que não queria mais se preocupar com negócios. Tornar-se ”conservador” podia ser monótono, implicaria necessariamente renunciar a grandes oportunidades futuras, mas, como vinha se perguntando havia anos, para que continuar a luta? Era dono de seis mansões, cada uma com dois automóveis de luxo, um helicóptero, um jatinho executivo que ainda não terminara de pagar

e o iate Cristobal, seu brinquedo favorito. Tinha tudo que jamais desejara, e mesmo em investimentos conservadores, sua fortuna pessoal continuaria a crescer mais depressa do que a taxa de inflação porque não tinha como gastar nem mesmo os juros das aplicações.

Assim, dividira seus recursos em pacotes de cinquenta milhões de dólares, aplicando em todos os segmentos do mercado através de colegas do ramo de investimentos que ainda não tinham ficado famosos mas em cuja integridade e discernimento podia confiar. Vinha fazendo esses investimentos fazia três anos, com muita discrição, enquanto procurava um sucessor à altura a quem transferir a propriedade do Columbus Group.

Infelizmente, o único que se apresentara fora aquele japonês baixinho.

"Propriedade" não era bem o termo. Os verdadeiros donos eram os investidores que deixavam seu dinheiro sob custódia nos fundos pertencentes ao grupo, em uma demonstração de confiança que Winston sempre fora o primeiro a reconhecer. Mesmo depois de tomar a decisão, a consciência ainda o incomodava. Aquelas pessoas acreditavam nele e em sua equipe, mas principalmente nele, porque a porta mais importante tinha o seu nome escrito. A confiança de tanta gente era uma carga pesada que suportara por muito tempo com orgulho e dedicação, mas agora estava na hora de parar.

Chegara o momento de pensar na família, cinco filhos e uma esposa fiel que estavam cansados de "compreender" que o papai tinha de passar a maior parte do tempo longe de casa. As necessidades de muitos. As necessidades de poucos. Mas os poucos estavam mais próximos, não estavam? Raizo Yamata teria de empenhar boa parte da fortuna pessoal e uma parcela considerável dos recursos de suas numerosas indústrias para cobrir os fundos que Winston estava retirando. Por mais discretamente que Winston se portasse, e por mais compreensível que fosse sua atitude para alguém familiarizado com o mundo dos negócios, mesmo assim a mudança causaria inquietações. Assim, era necessário que o substituto se apressasse a cobrir todas as retiradas com seu próprio dinheiro. Com isso, a confiança seria automaticamente restaurada. Além disso, a operação serviria para consolidar o casamento entre os sistemas financeiros japonês e americano.

Enquanto Winston observava, foram assinados instrumentos que "permitiam" a transferência internacional de fundos que mantivera os executivos dos bancos trabalhando até tarde da noite em seis países. Um homem de coragem, esse Raizo Yamata.

Não, corrigiu-se Winston, só podia ter certeza de que Yamata era um homem extremamente rico. Desde que deixara a Wharton School, conhecera muitos operadores brilhantes e ambiciosos, todos eles pessoas astutas,

inteligentes, que procuravam esconder sua natureza predatória por trás de uma fachada de despreocupação e bom humor. Logo desenvolvera um instinto para reconhecer aquele tipo de gente. Não era difícil. Talvez Yamata pensasse que sua herança racial o tornava indecifrável, da mesma forma como sem dúvida se considerava mais esperto do que os americanos. Talvez sim, talvez não, pensou, olhando para o outro lado da mesa de doze metros.

Por que o homem não demonstrava nenhum contentamento? Os japoneses também tinham emoções. Aqueles com quem fizera negócios no passado tinham sido muito afáveis, satisfeitos como qualquer outro homem por fechar um bom negócio na Street. Depois de alguns drinques, não eram muito diferentes dos americanos. Oh, um pouco mais reservados, um pouco tímidos, talvez, mas sempre educados. Apreciava as boas maneiras dos japoneses, uma área em que os nova-iorquinos certamente deixavam muito a desejar. Era isso, pensou Winston. Yamata era educado, mas de uma forma forçada. Comportava-se como mandava o figurino, e a timidez não tinha nada a ver com isso. Parecia um pequeno robô...

Não, também não era isso, pensou Winston, quando os papéis foram empurrados em sua direção. As barreiras de Yamata simplesmente eram mais espessas do que a média, para esconder melhor o que ele sentia. Por que levantara essas barreiras? Não eram necessárias naquele caso, eram? Naquela sala, encontrava-se entre iguais; mais do que isso, estava cercado por sócios. Acabara de aplicar boa parte do seu dinheiro, colocar seu bem-estar pessoal no mesmo barco que muitos dos presentes. Ao transferir quase duzentos milhões de dólares para o país, tornara-se proprietário de mais de 1% dos fundos administrados pelo Columbus Group, o que o tornava o maior investidor da empresa. Com isso, controlava cada dólar, ação e opção administrados pelo grupo. O Columbus Group não era a maior empresa da Street, mas tinha uma posição de liderança. As pessoas olhavam para a Columbus em busca de ideias e tendências. Yamata adquirira mais do que uma firma de investimentos. Agora ocupava uma posição de destaque na hierarquia dos financistas americanos. Seu nome, praticamente desconhecido nos Estados Unidos até recentemente, seria agora pronunciado com respeito, o que merecia pelo menos um sorriso de sua parte, pensou Winston. Mas Yamata não estava sorrindo.

A última folha de papel foi colocada à frente de Winston por um dos seus principais assistentes, que, assim que assinasse, passaria a prestar serviços a Yamata. Parecia tão fácil! Uma assinatura, uma pequena quantidade de tinta azul disposta de uma certa maneira, e lá se iam onze anos de sua vida. Uma assinatura transferia seu negócio para um homem que se recusava a se deixar conhecer.

Ora, para que preciso conhecê-lo? Ele vai tentar ganhar dinheiro para si mesmo e para os outros, como eu fiz. Winston pegou a caneta e assinou sem levantar os olhos. Por que você não investigou primeiro? Ouviu o espocar da rolha de uma garrafa de champanha e levantou a cabeça para ver os sorrisos nos rostos dos ex-empregados. Ao consumar o negócio, tornara-se um símbolo para eles. Quarenta anos de idade, rico, realizado, aposentado, com muito tempo ainda para se divertir sem ter de trabalhar; era a esse ponto que todos que ali trabalhavam gostariam de chegar.

Por mais brilhantes que fossem, poucos teriam coragem de tentar. Mesmo assim, quase todos os que tentassem seriam malsucedidos, pensou Winston, mas ele era a prova viva de que era possível. Por mais cínicos e calejados que fossem esses analistas de investimentos — ou fingissem ser —, todos no fundo alimentavam o mesmo sonho, o de acumular uma fortuna e cair fora, afastar-se da tensão quase insuportável de estar constantemente à procura de oportunidades de investimentos em pilhas de relatórios e análises, criar uma reputação, atrair pessoas e seu dinheiro, fazer coisas boas para eles e para si próprio... e cair fora. O pote de ouro estava no arco-íris, e o fim do arco-íris representava uma saída. Um barco a vela, uma casa na Flórida, outra nas ilhas Virgens, outra em Aspen... dormir até as oito quando sentisse vontade; jogar golfe. Era uma visão do futuro muito agradável.

Mas por que não agora? Meu Deus, o que estava fazendo? Amanhã de manhã, acordaria e não saberia o que fazer. Era possível se desligar do mundo dos negócios como quem fecha uma torneira? É um pouco tarde para se arrepender, George, disse para si próprio, estendendo a mão para receber a taça de Moèt e bebendo o gole de praxe.

Levantou a taça para brindar a Yamata, porque isso também era de praxe.

Foi então que viu o sorriso, esperado mas surpreendente. Era o sorriso de um homem vitorioso. Por quê? perguntou-se Winston. Tinha sido um negócio justo, sem “ganhadores” nem “perdedores”. Winston estava tirando seu dinheiro, Yamata entrando com o dele. Mas lá estava aquele sorriso nos seus lábios. Era uma nota discordante, principalmente porque se sentia incapaz de interpretá-lo. Começou a pensar furiosamente, enquanto a champanha borbulhante lhe queimava a garganta. Se ao menos o sorriso fosse amistoso e cordial... mas não era. Seus olhos se encontraram, a doze metros de distância, em um olhar que ninguém mais percebeu, e embora não tivesse ocorrido nenhuma batalha e fosse impossível identificar um vencedor, era como se uma guerra estivesse sendo travada.

Por quê? Instintos. Winston logo recorreu ao seu. Havia uma coisa... o quê? Algo de desagradável em Yamata. Seria ele um daqueles que encaravam

qualquer transação como um combate? Winston tinha sido assim, havia muito tempo, mas amadurecera. A competição era sempre dura, mas tinha de ser travada em termos civilizados. Na Street, todo mundo competia com todo mundo, também, por segurança, por conselhos, por consensos, mas era uma competição amistosa, em que todos obedeciam às mesmas regras.

Você não está no mesmo jogo que nós, não é?, teve vontade de perguntar, tarde demais.

Winston experimentou um novo truque, interessado no jogo que começara de forma tão inesperada. Levantou a taça e brindou em silêncio ao sucessor, enquanto os outros conversavam sobre trivialidades. Yamata imitou o gesto, e sua postura se tornou ainda mais arrogante, mostrando claramente que sentia desprezo pelo homem que acabara de se vender a ele.

Você teve tanto cuidado para esconder seus sentimentos ate agora... por que não julga mais necessário fazê-lo? Está claro que se considera um vencedor, que acabou de conquistar algo muito importante que eu desconheço. O que pode ser? Winston desviou os olhos para as águas do porto, lisas como um espelho. Sentiu-se subitamente entediado com o jogo, pouco interessado na competição que aquele japonês baixinho considerava como vencida. Droga, disse para si próprio, eu estou de fora. Não perdi nada. Conquistei a liberdade. Fiquei com meu dinheiro. Fiquei com tudo. Está bem, você pode ficar com a empresa e ganhar muito dinheiro, ter lugar garantido em qualquer clube ou restaurante da cidade, repetir para si mesmo como você é importante, e se considera isso como uma vitória, tudo bem. Mas não se trata de uma vitória sobre ninguém, concluiu Winston.

Foi uma pena. Winston pegara as coisas no ar, como costumava fazer; identificara todos os elementos importantes. Entretanto, pela primeira vez em muitos anos, não conseguira reuni-los para formar um todo coerente.

Não era culpa sua. Entendia profundamente do seu jogo e simplesmente supusera, de forma errada, que não havia outro jogo na cidade.

Chet Nomuri se esforçava muito para não ser um cidadão americano. A sua era a quarta geração da família nos Estados Unidos; o primeiro ancestral chegara à América logo depois da virada do século, antes que o “acordo de cavalheiros” entre Japão e Estados Unidos restringisse as imigrações. A lembrança fazia-o sentir-se ofendido. Mais desagradável ainda era o que ocorrera com os avós e bisavós, apesar de gozarem de plena cidadania americana. O avô estava disposto a provar sua lealdade ao país e servira no 4422 Regimento de Combate, voltando para casa com duas condecorações Coração Púrpura e divisas de primeiro-

sargento apenas para descobrir que o negócio da família — materiais de escritório — tinha sido desapropriado por uma ninharia e a família enviada para um campo de internação. Com paciência estoica, começara tudo de novo, fundara uma nova firma, Móveis para Escritório do Veterano de Guerra, e ganhara dinheiro suficiente para mandar os filhos para a universidade. O pai de Chet era cirurgião vascular, um homem pequeno, jovial, que nascera no cativeiro e cujos pais, por essa razão — e para agradar aos seus pais — tinham mantido algumas das antigas tradições, como a língua.

E haviam feito um bom trabalho, pensou Nomuri. Conseguira superar o problema do sotaque em questão de semanas e agora, sentado na casa de banhos de Tóquio, todos à sua volta tentavam adivinhar em que região do Japão ele nascera. Nomuri levava consigo várias identidades diferentes. Ele era agente da CIA, ironicamente a serviço do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e sem o conhecimento do Departamento de Estado. Uma das coisas que aprendera com o pai cirurgião era olhar para a frente, para as coisas que ainda podia fazer, e não para trás, para o que não podia mais mudar. Era dessa forma que a família Nomuri conseguira vencer na América, em silêncio, discretamente, mas com muita competência, disse Chet para si próprio, mergulhado até o pescoço na água morna.

As regras da casa de banho eram simples. Você podia conversar sobre qualquer assunto que não fosse negócios e podia até mesmo falar de negócios, contanto que se limitasse a frivolidades. Dentro desses limites elásticos, praticamente tudo estava aberto a discussão naquele foro surpreendentemente descontraído dentro da mais formal de todas as sociedades.

Nomuri chegava ali todo dia à mesma hora, e vinha fazendo isso havia tanto tempo, que as pessoas que encontrava o conheciam e se sentiam à vontade com ele. Já sabia tudo que havia para saber a respeito das famílias dos outros frequentadores, e eles sabiam tudo a respeito da sua — ou melhor, da família fictícia que criara e que agora para ele era tão real quanto o bairro de Los Angeles onde passara a adolescência.

— Preciso arranjar uma amante — declarou Kazuo Taoka, pela décima vez. — Desde que nosso filho nasceu, minha mulher só quer saber de ficar vendo televisão.

— As mulheres gostam é de reclamar — concordou outro assalariado.

Houve uma série de murmúrios de aprovação por parte dos outros homens que estavam na piscina.

— Uma amante pode ser dispendiosa, tanto em termos de dinheiro como de tempo — observou Nomuri de um canto da piscina, imaginando de que as

esposas se queixariam em suas casas de banho.

Dos dois, o tempo era o mais importante. Todos aqueles jovens executivos — bem, eles não eram exatamente executivos, mas a fronteira entre o que na América pareceria um cargo subalterno e uma posição real de comando era pouco nítida no Japão — tinham uma boa vida, mas o preço para isso era uma lealdade à empresa a que serviam só comparável à dos mineiros de carvão de Tennessee Ernie Ford. Quando se levantavam, ainda estava escuro. Viajavam de trem até o centro da cidade, trabalhavam até tarde em escritórios acanhados e quando chegavam em casa, a esposa e os filhos já estavam dormindo. Apesar do que aprendera na TV e em relatórios antes de viajar para o Japão, Nomuri sentira um choque ao constatar de perto que as pressões dos negócios ameaçavam destruir a estrutura social do país e que a própria família estava em perigo. Aquilo o surpreendia ainda mais porque a força da tradicional família japonesa tinha sido a única coisa que permitira que seus próprios ancestrais sobrevivessem na América, onde o racismo se revelara um obstáculo aparentemente intransponível.

— Dispendiosa, sim — concordou Taoka, preguiçosamente —, mas onde mais um homem pode conseguir aquilo de que precisa? Isso é verdade — observou alguém, do outro lado da piscina. Não se tratava propriamente de uma piscina, mas era grande demais para ser chamada de banheira. — Custa muito dinheiro, mas acho que vale a pena.

— E mais fácil para os chefões — comentou Nomuri em seguida, imaginando até onde a conversa poderia chegar. Anda estava no início do trabalho, estabelecendo as bases antes de mergulhar na missão propriamente dita, prosseguindo sem pressa, de acordo com as recomendações de Ed e Mary Pat.

— Yamata-san é que é feliz — observou outro assalariado, com um risinho de despeito.

— Oh? — fez Taoka.

— Ele é amigo de Goto — prosseguiu o homem, em tom conspirador.

— O político... ah, sim, é claro! Nomuri relaxou o corpo e fechou os olhos, deixando que a água a mais de quarenta graus o envolvesse, fingindo desinteresse enquanto colocava para funcionar o gravador interno do seu cérebro.

— Político — murmurou, com ar sonolento. — Hum.

— Tive de entregar alguns papéis a Yamata-san no mês passado, em um lugar discreto, não muito longe daqui. Na verdade, os papéis diziam respeito ao negócio que ele fechou há algumas horas. Estava com Goto. Eles me mandaram entrar. Acho que Yamata-san queria me deixar com inveja. A garota que estava

com eles... — a voz assumiu um tom sonhador. — Alta e loura. Seios maravilhosos...

— Onde se pode comprar uma amante americana? — perguntou outro homem, de forma grosseira.

— E ela conhecia seu lugar — prosseguiu o narrador. — Ficou ali sentada, esperando pacientemente, enquanto Yamata-san examinava os papéis. Não parecia nada envergonhada. Tinha seios maravilhosos — repetiu.

Então o que dizem a respeito de Goto é verdade, pensou Nomuri. Como é que pessoas como ele conseguem chegar tão longe na política?, perguntou-se o agente. Menos de um segundo depois, estava se recriminando pela estupidez da pergunta. Desde a Guerra de Troia que os políticos vinham se comportando daquela forma.

— Continue falando — insistiu Taoka, em tom malicioso.

O homem descreveu a cena com mais detalhes, prendendo a atenção de todos, que já haviam ouvido tudo que havia para ouvir a respeito das esposas dos outros e se sentiam excitados com a descrição de uma "nova" mulher com todos os detalhes anatômicos.

— Quem está interessado nelas? — observou Nomuri, de olhos fechados. — São altas demais, têm pés muito grandes, não sabem se portar e...

— Deixe o homem contar sua história — repreendeu-o uma voz ansiosa.

Nomuri deu de ombros, rendendo-se ao entusiasmo juvenil da maioria, enquanto sua mente registrava cada palavra. O assalariado era uma pessoa observadora, e em menos de um minuto o agente dispunha de uma descrição bastante completa. O relatório iria parar em Langley, porque a CIA mantinha um arquivo a respeito dos hábitos pessoais dos políticos de todo o mundo. Não havia conhecimentos inúteis em sua profissão, embora estivesse atrás de informações de aplicação mais imediata do que as preferências sexuais de Goto.

A reunião teve lugar na Fazenda, oficialmente conhecida como Camp Peary, um centro de treinamento da CIA localizado à margem da Interstate 64 entre Williamsburg e Yorktown, na Virgínia. As latas de refrigerante circularam, enquanto os dois homens debruçavam-se sobre os mapas e falavam sobre a operação de seis semanas que tinha sido concluída de forma tão satisfatória. De acordo com a CNN, o julgamento de Corp começaria na semana seguinte. Ninguém tinha dúvidas a respeito do veredicto. Em algum lugar daquele país equatorial, alguém já comprara uns cinco metros de corda grossa, embora os dois agentes não soubessem de onde viria a madeira para construir a forca. Provavelmente teria de ser importada, pensou Clark. Não tinha visto uma única

árvore durante sua estada no país.

— Parece que foi um trabalho limpo, rapazes — observou Mary Patrícia Foley, depois de ouvir a versão final.

— Obrigado, madame — replicou Ding, polidamente. — John é um excelente professor.

— E Ding é um excelente aluno — observou Clark, com um sorriso. — Como vai Ed?

— Anda aprendendo qual é o seu lugar — respondeu a vice-diretora de Operações, com um sorriso malicioso. Ela e o marido haviam frequentado juntos a Fazenda, e Clark fora um dos seus instrutores. Uma das melhores duplas marido e mulher a serviço da CIA, a verdade era que Mary Pat tinha mais talento para serviços de campo, enquanto Ed se sentia mais à vontade em trabalhos de planejamento. Nessas circunstâncias, Ed deveria ocupar a posição mais graduada, mas as pressões para a nomeação de Mary Pat tinham sido irresistíveis, politicamente falando, e na verdade os dois trabalhavam juntos como vice-diretores, embora o título oficial de Ed fosse algo nebuloso. — Vocês dois merecem umas férias, e, a propósito, vão receber um elogio especial da presidência. — Aquilo não era novidade para os dois agentes.

— John, sabe de uma coisa? Acho que está na hora de voltar às origens. — Com isso, estava se referindo a uma posição permanente de instrutor ali na costa da Virgínia.

A CIA estava expandindo seus recursos humanos, o termo burocrático usado para designar um aumento do número de agentes (conhecidos como espiões entre os inimigos dos Estados Unidos). A Sra. Foley queria que Clark ajudasse a treinar esses agentes. Afinal, fizera um bom trabalho com ela e o marido, vinte anos antes.

— Nada feito, até eu me aposentar. Gosto de trabalhar na rua.

— Ele é teimoso assim mesmo, madame — comentou Chávez, com um sorriso. — Deve ser próprio da idade.

A Sra. Foley não insistiu. Os dois formavam uma das suas melhores duplas de agentes, e não estava ansiosa para acabar com a parceria.

— Está certo, rapazes. Estão dispensados. Oklahoma e Nebraska jogam esta tarde.

— Como vão as crianças, MP? — perguntou Clark, usando o apelido de Mary Pat, conhecido apenas pelos íntimos.

— Vão bem, John. Obrigada por perguntar. — A Sra. Foley levantou-se e dirigiu-se para a porta. Um helicóptero a levaria de volta para Langley.

Ela também não queria perder o jogo.

Clark e Chávez trocaram o olhar que acompanha a conclusão de um

trabalho bem feito. A operação WALKMAN era coisa do passado, aprovada oficialmente pela CIA e, no caso, também pela Casa Branca.

— Hora de comemorar, Sr. C.

— Quer uma carona? Até que seria bom — respondeu Ding.

John Clark examinou o parceiro da cabeça aos pés. Sim, estava com outro aspecto. Os cabelos pretos tinham sido aparados e penteados; não havia sinal da barba espessa que ocultara parte do seu rosto na África. Ele se dera ao luxo de vestir terno e gravata! Clark achou que estava procurando impressionar sua filha, mas, se pensasse um pouco, teria se lembrado que Ding fora um soldado, e que os soldados que voltavam da guerra gostavam de apagar todos os vestígios dos aspectos mais duros de sua profissão. Ora, não podia censurar o rapaz por procurar mostrar-se apresentável, podia? Independentemente de quais fossem os seus defeitos, Ding sempre tinha sido uma pessoa educada.

— Vamos.

A caminhonete Ford de Clark estava estacionada no lugar de costume e quinze minutos depois ele entrava na garagem da sua casa. Situada fora do perímetro de Camp Peary, era uma casa comum, de dois andares, mais vazia no momento do que estivera no passado. Margaret Pamela Clark, a filha mais velha, fora estudar longe de casa, na Marquette University. Patrícia Dóris Clark escolhera uma escola mais próxima, William and Mary, em Williamsburg, onde cursava o pré-médico. Patsy estava na porta, à espera.

— Papai! — Um abraço e um beijo, seguidos por algo que se tornara de repente muito mais importante. — Ding! — Apenas um abraço, dessa vez, observou Clark, sem se deixar enganar.

— Olá, Pats.

Ding não largou mais a mão da jovem quando os dois entraram juntos na casa.

4
ATIVIDADE

— Nossas necessidades são diferentes — insistiu um dos negociadores.

— Como assim? — perguntou o outro, pacientemente.

— O aço, o desenho do tanque, essas coisas não podem ser alteradas com facilidade. Não sou engenheiro, mas o pessoal encarregado do projeto me assegurou que é assim, e que o produto final será prejudicado se essas peças não

corresponderem às especificações. Além disso — prosseguiu, sem nenhuma pressa —, há a questão do intercâmbio das peças. Como sabe, muitos dos carros montados em Kentucky são exportados de volta para o Japão, e no caso de danos ou necessidade de substituição, é muito melhor poder contar com as peças de reposição locais. Se fôssemos usar os componentes americanos que está propondo, isso seria impossível. — Seiji, estamos falando de um tanque de gasolina. Ele é feito de... de quê? Cinco pedaços de aço galvanizado, estampados e soldados entre si, com uma capacidade interna total de noventa litros. Não existem peças móveis envolvidas — observou o representante do Departamento de Estado, intervindo no processo e desempenhando o papel que lhe cabia. Fizera um bom trabalho ao fingir irritação, usando o nome próprio do japonês. Acontece que o próprio aço, a fórmula, as proporções dos diferentes elementos na liga foram otimizados para atender às especificações do fabricante...

— Que são as mesmas no mundo inteiro.

— Infelizmente, não é bem assim. Nossas especificações são mais rigorosas, muito mais do que as de outros fabricantes e, sinto dizer, mais rigorosas do que as da Deerfield Autopeças. Por esse motivo, somos forçados a recusar sua proposta.

Isso colocava um ponto final nas negociações. O empresário japonês recostou-se no assento, muito elegante no seu terno Brooks Brothers e gravata Pierre Cardin, procurando não parecer excessivamente triunfante.

Tinha muita experiência naquele tipo de trabalho e se sentia perfeitamente à vontade. Afinal, o jogo estava ficando cada vez mais fácil.

— Estamos muito desapontados — declarou o representante do Departamento do Comércio dos Estados Unidos, que na verdade não esperava que as coisas terminassem de outra forma, virando a página para abordar o item seguinte da pauta de negociações do Programa de Nacionalização da Indústria. Era como uma peça grega, pensou consigo mesmo, uma mistura de tragédia de Sófocles com comédia de Aristófanes. Sabia-se exatamente qual seria o desfecho antes mesmo de começar. Estava absolutamente certo ao pensar assim, mas de uma forma que jamais poderia suspeitar.

O roteiro da peça fora determinado fazia vários meses, muito antes que as negociações se encaminhassem para aquela questão; analisando o que aconteceu, um observador isento certamente chegaria à conclusão de que tudo não passara de um mero acidente, apenas mais uma daquelas estranhas coincidências que ajudam a escrever a história das nações e dos seus líderes.

Como costuma ocorrer na maioria desses casos, as coisas começaram com um pequeno erro, difícil de evitar apesar de todas as precauções. Um fio elétrico em mau estado fez com que a corrente elétrica aplicada a um tanque de

galvanização fosse menor do que o normal. Em consequência, as chapas de aço receberam uma camada protetora mais fina que o previsto, embora à primeira vista parecessem perfeitamente normais. As chapas defeituosas foram empilhadas, envolvidas com cintas de aço e embrulhadas em plástico.

O erro iria se agravar durante os processos de acabamento e montagem.

A fábrica onde ocorreu o incidente não pertencia a nenhuma empresa automobilística. Como acontecia com as firmas americanas, as grandes montadoras de automóveis — que projetavam e comercializavam os veículos — compravam a maior parte dos componentes de pequenas empresas de autopeças. No Japão, a relação entre as montadoras e as fornecedoras de peças era ao mesmo tempo estável e implacável. Estável, porque os negócios entre as empresas geralmente duravam muitos anos; implacável porque as exigências das montadoras eram ditatoriais, pois havia sempre no ar a ameaça de que passassem a comprar as peças em outra firma, embora essa possibilidade jamais fosse discutida abertamente. As referências eram sempre indiretas, como comentários elogiosos a respeito de uma empresa menor, ou quanto à inteligência dos filhos do dono dessa empresa, ou com relação a encontros casuais com o dono da empresa em uma casa da banho ou estádio de beisebol. O tipo de referência era menos importante do que o conteúdo da mensagem, que era sempre bastante claro. Em consequência, as pequenas firmas de autopeças não correspondiam à imagem de indústria japonesa que os outros países estavam acostumados a ver e respeitar nas redes de televisão. Os operários não usavam guarda-pós com o logotipo da empresa, não almoçavam no mesmo refeitório que os executivos, não trabalhavam em oficinas imaculadamente limpas. Os salários também estavam um pouco aquém do que era pago pelas montadoras, e embora a estabilidade no emprego estivesse se tornando uma coisa do passado mesmo para os técnicos mais qualificados, ela nunca existira para esse tipo de operários.

Em uma dessas fábricas anônimas, as chapas de aço mal galvanizado foram desembrulhadas e introduzidas manualmente, uma a uma, nas máquinas de corte. Nessas máquinas, as chapas foram transformadas em peças retangulares e as bordas aparadas — o restante seria recolhido e enviado de volta à siderúrgica, para reciclagem — até que cada peça tivesse as dimensões exatas especificadas pelo projetista, sempre com uma tolerância menor que um milímetro, mesmo no caso desse componente relativamente grosseiro, no qual o dono do automóvel provavelmente jamais teria a oportunidade de pôr os olhos. As peças foram aquecidas e estampadas em outra máquina e soldadas para formar um cilindro oval. Em seguida, as outras peças foram ajustadas e soldadas no lugar por um processo mecânico que podia ser supervisionado por apenas um operário. O cano que seria usado para encher o tanque era adaptado a um furo preexistente em um

dos lados, enquanto o cano que levava ao motor se encaixava em um orifício quase na base. Antes de deixarem a fábrica, os tanques recebiam um revestimento de um composto anticorrosivo à base de cera e epóxi. O composto deveria aderir firmemente ao aço, protegendo assim o tanque de gasolina contra a corrosão e consequentes vazamentos de combustível.

Tratava-se de um exemplo típico da soberba engenharia japonesa, só que naquele caso específico não funcionou como devia por causa do fio elétrico em mau estado no tanque de galvanização. O revestimento não chegou a aderir ao aço, embora sua rigidez intrínseca lhe permitisse manter a forma por um tempo suficiente para passar na inspeção visual, terminada a qual os tanques foram transportados por uma esteira rolante para o setor de embalagens da fábrica. Ali, os tanques foram acondicionados em caixas de papelão fornecidas por outra empresa e levados de caminhão para um depósito, onde metade dos tanques fora colocada em outros caminhões para ser entregue à montadora e a outra parte despachada de navio para os Estados Unidos no interior de containers. Nos Estados Unidos, os tanques seriam montados em automóveis praticamente iguais aos fabricados no Japão, em uma fábrica pertencente à mesma empresa multinacional; a única diferença era que essa fábrica ficava nas colinas de Kentucky e não na planície de Kwanto, nos arredores de Tóquio.

Tudo isso ocorrera meses antes que a questão entrasse na pauta do Programa de Nacionalização da Indústria. Milhares de automóveis tinham sido montados com os tanques de gasolina defeituosos e todos haviam passado pelo excelente sistema de controle de qualidade das duas fábricas, separadas por dez mil quilômetros de terra e mar. Os veículos montados no Japão tinham sido carregados a bordo dos navios mais horríveis jamais fabricados, transportadores de automóveis parecidos com barcaças avantajadas, que em seguida foram enfrentar as tempestades outonais do Pacífico Norte. A maresia chegou aos automóveis através do sistema de ventilação dos navios. As consequências foram mínimas, até que um dos navios atravessou uma frente de alta pressão e a umidade do ar aumentou rapidamente. Com isso, o vapor de água condensou-se na superfície interna dos tanques, formando uma solução salina que penetrou no revestimento deficiente, logo começando a atacar o aço, corroendo e enfraquecendo a fina chapa de metal destinada a conter gasolina de noventa e duas octanas.

Independentemente dos seus defeitos, Corp enfrentara a morte com dignidade, observou Ryan. Acabara de assistir a uma gravação da CNN que a emissora julgara imprópria para ser colocada no noticiário regular. Depois que o general fez um discurso de duas páginas, cuja tradução estava no colo de Ryan,

colocaram-lhe o laço no pescoço e abriram o alçapão. A câmara da CNN mostrou o corpo balançando no ar, o que encerrava um capítulo na história do país. Mohammed Abdul Corp. Ditador, assassino, traficante de drogas. Morto por enforcamento.

— Espero que não tenhamos acabado de criar um mártir — observou Brett Hanson, quebrando o silêncio no escritório de Ryan.

— Senhor secretário — disse Ryan, voltando a cabeça para ver que o outro estava lendo a tradução das últimas palavras de Corp —, esse homem tem apenas uma coisa em comum com os mártires.

— Qual é, Ryan?

— Está morto. — Jack fez uma pausa, para que suas palavras produzissem mais efeito. — Esse cara não morreu por Deus ou pela pátria. Morreu porque cometeu muitos crimes. Também não foi executado por matar americanos, e sim por assassinar seus próprios compatriotas e vender narcóticos. Não vejo como alguém poderia considerá-lo um mártir. Caso encerrado — concluiu Jack, jogando as folhas de papel no lixo.

— O que nós temos sobre a Índia?

— Oficialmente, nenhuma novidade.

— Mary Pat? — perguntou Jack, dirigindo-se à representante da CIA.

— Uma brigada fortemente mecanizada está realizando exercícios intensivos no sul do país. Temos fotografias aéreas tiradas há dois dias. Eles parecem estar ensaiando uma grande manobra.

— Alguma informação local?

— Não dispomos de efetivos na área — admitiu a Sra. Foley, repetindo o que parecia ter se tornado a desculpa preferida da CIA. — Sinto muito, Jack. Sabe que vamos levar anos para ter agentes em todos os lugares que desejamos.

Ryan praguejou em silêncio. Fotos de satélites podiam ser muito valiosas, mas não passavam de fotos; mostravam apenas formas, não ideias.

Ryan precisava conhecer as ideias. Mary Pat estava fazendo o possível para remediar a situação, lembrou-se.

— Segundo a Marinha, a esquadra indiana tem se mantido muito ativa, e seu padrão de operações sugere uma missão de barragem.

As fotos dos satélites revelavam que as embarcações de guerra anfíbia da Marinha da Índia estavam divididas em dois grupos. Um deles se encontrava no mar, a cerca de trezentos quilômetros da base. O outro estava no momento na base, em operações de manutenção. A base ficava a uma boa distância do local onde a brigada mecanizada realizava seus exercícios, mas havia uma via férrea ligando a base do exército à base naval. Os analistas estavam no momento examinando os pátios de manobras daquela via férrea.

Pelo menos para isso serviam os satélites.

— Nada a informar, Brett? Pelo que eu me lembre, nosso embaixador na Índia é uma pessoa muito competente.

— Não quero que ele se exponha demais. Isso poderia prejudicar nossa posição — declarou o secretário de Estado.

A Sra. Foley teve de se conter para não rolar os olhos.

— Senhor secretário — insistiu Ryan, pacientemente —, em vista do fato de que no momento não podemos contar nem com informações nem com nenhum tipo de influência, qualquer coisa que conseguirmos poderá ser útil. Quer que eu me comunique com ele ou prefere fazê-lo? Ele é meu funcionário, Ryan.

Jack respirou fundo antes de responder à provocação. Detestava disputas territoriais, embora elas constituíssem aparentemente o esporte favorito dos membros do Poder Executivo.

— Ele é funcionário dos Estados Unidos. A rigor, trabalha para o presidente. Meu dever é informar o presidente a respeito do que está acontecendo na Índia, e para isso preciso de informações. Acione-o, por favor. Ele dispõe de um agente da CIA e três adidos militares. Quero que todos sejam acionados. O objetivo é caracterizar melhor os possíveis preparativos para a invasão de um país soberano. Não queremos que isso ocorra.

— Não acredito que a Índia fosse capaz de cometer tal loucura — afirmou Brett Hanson, sem muita convicção. — Jantei várias vezes com o ministro do Exterior e ele não me deu a menor indicação...

— Está certo — interrompeu Ryan, para que o outro não se expusesse ainda mais ao golpe que estava para desferir. — Está certo, Brett. Acontece que as pessoas mudam de ideia, e os indianos parecem ansiosos para ver nossa esquadra pelas costas. Preciso dessas informações. Estou lhe pedindo que acione o embaixador Williams para descobrir o que for possível. Ele é um homem inteligente e confio no seu discernimento. Este é um pedido pessoal de minha parte, mas o presidente pode transformá-lo em uma ordem. O que me diz, senhor secretário? Hanson pesou as alternativas e fez que sim com a cabeça com o máximo de dignidade que pôde aparentar. Ryan acabara de resolver um problema na África que vinha incomodando Roger Durling havia mais de dois anos e por isso estava nas boas graças do presidente. Não era todo dia que um empregado do governo aumentava as chances de reeleição de um presidente.

A suspeita de que a CIA tinha sido responsável pela prisão de Corp já chegara aos meios de comunicação e fora desmentida apenas para constar por um porta-voz da Casa Branca. Não era a maneira mais correta de conduzir a

política externa, mas era uma maneira que agradava ao público.

— Vamos falar da Rússia — disse Ryan em seguida, encerrando uma discussão e começando outra.

O engenheiro do complexo espacial de Yoshinobu sabia que não era o primeiro homem a refletir sobre a beleza do mal. Certamente não em seu país, no qual a paixão pelo artesanato provavelmente começara com a atenção dedicada às espadas, as katanas de um metro de comprimento dos samurais. Para fabricar esse tipo de espada, o aço era martelado, dobrado, martelado novamente e dobrado novamente vinte vezes, em um processo de laminação através do qual um milhão de camadas de aço se formavam a partir da peça original. O método exigia uma paciência quase infinita por parte do futuro proprietário, forçado a aguardar por um longo tempo até que sua arma ficasse pronta, exibindo uma resignação não muito condizente com aquele período histórico. Entretanto, não havia outra maneira, porque o samurai precisava da sua espada e apenas o mestre artesão era capaz de fabricá-la.

Hoje em dia, porém, as coisas eram diferentes. O samurai moderno — se é que se podia chamá-lo assim — usava telefone celular e exigia resultados imediatos. Bem, ele teria de esperar, pensou o engenheiro, olhando para o objeto que tinha diante dos olhos.

Na verdade, o objeto era falso, mas o engenheiro não podia deixar de admirar a perfeição da falsificação e a beleza de todo o projeto. Os conectores laterais não passavam de imitações, mas apenas seis funcionários sabiam disso, e o engenheiro foi o último deles a descer a escada que ligava o último andar da torre de lançamento ao nível imediatamente abaixo. Dali, usou o elevador para chegar à base de concreto, onde um ônibus esperava para levá-lo à casamata de controle. Depois de entrar no ônibus, o engenheiro tirou o capacete de plástico branco e começou a relaxar. Dez minutos depois, estava sentado em uma confortável cadeira giratória, bebendo chá. Sua presença ali e na torre de lançamento não era realmente necessária, mas quando se constrói alguma coisa, tem-se vontade de acompanhá-la até o fim, e, além disso, Yamata-san teria insistido.

O foguete lançador H-I 1 era um novo modelo. Aquele seria apenas o segundo teste. Ele se baseava na tecnologia russa, em um dos últimos projetos de míssil balístico intercontinental que os russos tinham desenvolvido antes que a União Soviética deixasse de existir, e Yamata-san conseguira comprar o projeto por uma ninharia (embora tivesse de pagar em dólares, avista), passando em seguida todos os planos e dados ao seu pessoal técnico para serem adaptados e melhorados. Tinha sido uma tarefa relativamente simples. O uso de um aço mais resistente na carcaça e equipamentos eletrônicos de última geração no sistema de

controle haviam economizado quase 1.200 quilogramas, e a substituição do combustível líquido por um composto mais avançado levara a um aumento teórico do empuxo do motor da ordem de 17%. Uma realização e tanto para a equipe de projeto, suficiente para atrair o interesse dos engenheiros americanos da NASA, três dos quais se encontravam ali na casamata, como observadores. Não era irônico? A contagem regressiva transcorreu sem novidades. O guindaste móvel foi retirado. Holofotes iluminavam o foguete, que se equilibrava na plataforma de concreto como um monumento... mas não do tipo que os americanos imaginavam.

— Não esperava que o pacote de instrumentos fosse tão grande — comentou um dos observadores da NASA.

— Queremos ter certeza de que estaremos em condições de lançar um satélite de grande porte — explicou um dos engenheiros japoneses.

— Bem, lá vamos nós...

A ignição do motor fez com que as imagens dos monitores de TV ficassem superexpostas por um momento, até que os circuitos eletrônicos compensassem automaticamente o aumento de luminosidade. O foguete H-l 1 saltou literalmente da plataforma, seguido por uma coluna de fogo e deixando uma trilha de fumaça.

— O que vocês fizeram com o combustível? — perguntou o engenheiro da NASA, surpreso.

— Melhoramos a química — respondeu o japonês, que, em vez de olhar para a tela, se concentrava em um painel de indicadores. — Usamos um controle de qualidade mais eficiente. Aumentamos a pureza do oxidante.

— Os russos nunca foram muito bons nessa parte — concordou o americano.

Ele está olhando mas não vê, disseram a si mesmos os dois engenheiros. Yamata-san estava certo. Era espantoso.

Câmaras controladas pelo radar acompanharam a trajetória do foguete no céu sem nuvens. O H-ll subiu verticalmente durante os primeiros trezentos metros e depois descreveu uma curva suave, elegante, enquanto sua imagem se reduzia a um ponto amarelo-claro. A trajetória de voo tornou-se cada vez mais horizontal, até que o foguete estava viajando quase paralelamente ao solo.

— BECO — murmurou o homem da NASA, exatamente no momento apropriado. BECO significava booster-engine cut off, a separação do foguete auxiliar, porque estava pensando em termos de um veículo lançador de satélites. — Separação... ignição do segundo estágio...

Acertara em cheio. Uma das câmaras mostrou a queda do primeiro estágio, ainda brilhando com a queima do combustível residual quando caiu no mar.

— Pretendem recuperá-lo? — perguntou o americano.

— Não.

Quando o contato visual foi perdido, todas as cabeças voltaram-se para os equipamentos de telemetria. O foguete ainda estava acelerando, exatamente no curso previsto, rumando para sudeste. Vários mostradores eletrônicos exibiam o progresso do H-ll, tanto de forma gráfica como numérica.

— A trajetória está um pouco alta, não está? Optamos por uma órbita muito excêntrica — explicou o gerente do projeto. — Assim, o tempo de vida do satélite será de apenas algumas semanas, apenas o tempo suficiente para verificarmos se os cálculos estão corretos. Já existe lixo suficiente lá em cima.

— Tem razão. Aqueles detritos em órbita acabarão colocando em risco nossas missões tripuladas. — O homem da NASA hesitou por um momento antes de fazer uma pergunta delicada: — Qual é a carga útil? — Cinco toneladas, aproximadamente.

O engenheiro da NASA assoviou.

— Tudo isso? — Quatro mil e quinhentos quilos era o número mágico. Se você era capaz de colocar uma massa dessa ordem em órbita de baixa altitude, estava em condições de lançar satélites geossíncronos de comunicações. Quatro mil e quinhentos quilos correspondiam ao peso do satélite mais o estágio necessário para atingir a altitude na qual o satélite permaneceria estacionário em relação à Terra. — Qual é o empuxo do terceiro estágio? Essa informação é confidencial — respondeu o japonês, com um sorriso.

— Bem, daqui a noventa segundos vamos ficar sabendo — replicou o americano, olhando para o painel de instrumentos.

Seria possível que os japoneses tivessem desenvolvido algo de novo? Não era provável, mas, na dúvida, a NASA estava com uma câmara de observação acompanhando o H-l 1. Os japoneses não sabiam disso, é claro.

A NASA dispunha de instalações de rastreamento no mundo inteiro para acompanhar as atividades espaciais americanas e também de outras nações.

As estações da ilha de Johnston e do atol de Kwajalein tinham sido montadas originalmente como parte do projeto Guerra nas Estrelas e para observar os lançamentos de mísseis soviéticos.

A câmara de rastreamento da ilha de Johnston se chamava Bola Âmbar. Os seis técnicos que a operavam não tiveram dificuldade para localizar o H-l 1, depois de serem alertados a respeito do lançamento por um satélite do Departamento de Defesa, que também tinha sido projetado e lançado para observar os testes dos mísseis soviéticos. Uma coisa do passado remoto, disseram para si mesmos.

— Parece mesmo um 19 — comentou o chefe da equipe, fazendo com que

todos concordassem com a cabeça.

— A trajetória também confere — observou outro técnico, depois de verificar o curso e a distância.

O segundo estágio foi ejetado. O terceiro estágio e a carga útil estão em trajetória balística... parece que eles ligaram o terceiro estágio... epa! A tela ficou vazia.

— Sinal perdido, sinal de telemetria perdido! — exclamou uma voz no alto-falante do centro de controle.

O engenheiro-chefe dos japoneses resmungou alguma coisa que soou como um palavrão para o representante da NASA, cujos olhos procuraram os indicadores do painel. Perda de sinal momentos após a ignição do terceiro estágio. Isso só podia querer dizer uma coisa.

— Já passamos por isso mais de uma vez — declarou o americano, como consolo. O problema era que os combustíveis de foguete, especialmente os combustíveis líquidos usados nos estágios finais, eram extremamente explosivos. O que poderia fazê-los explodir? A NASA e os militares dos Estados Unidos tinham passado os últimos quarenta anos tentando responder a essa pergunta.

O engenheiro de armamentos não perdeu a calma, como acontecera com o controlador de voo, o que o observador da NASA a seu lado atribuiu corretamente a puro profissionalismo. Entretanto, o homem da NASA não sabia que ele era um engenheiro de armamentos e que até aquele ponto tudo estava correndo exatamente de acordo com os planos. Os tanques de combustível do terceiro estágio tinham sido preparados para explodir assim que a carga útil fosse ejetada.

A carga útil era um objeto de forma cônica com cento e oitenta centímetros de diâmetro e duzentos e seis centímetros de altura. O objeto era feito de urânio-238, o que seria suficiente para deixar os homens da NASA ao mesmo tempo surpresos e preocupados. Um metal de alta densidade, o urânio também era um excelente refratário, o que queria dizer que resistia muito bem ao calor. O mesmo material fora usado em muitos veículos espaciais americanos, mas nenhum deles fora lançado pela NASA.

Na verdade, objetos de tamanhos e formas muito semelhantes tinham sido instalados nas ogivas das poucas armas estratégicas nucleares de que os Estados Unidos ainda dispunham e estavam desmontando para cumprir um tratado com a Rússia. Mais de trinta anos antes, um engenheiro da AVCO observara que como o urânio-238 constituía um excelente revestimento térmico para proteger as ogivas nucleares dos mísseis balísticos do calor gerado pela reentrada na atmosfera e ao mesmo tempo era necessário como invólucro dos artefatos nucleares, por que não fazer com que a carcaça da ogiva fosse parte integrante

da bomba? A ideia fora testada e aprovada; a partir da década de 1960, dispositivos desse tipo tinham sido incorporados ao arsenal estratégico dos Estados Unidos.

A carga útil instalada a bordo do H-l 1 era uma réplica exata de um artefato nuclear, e enquanto a Bola Âmbar e outros dispositivos de rastreamento acompanhavam os restos do terceiro estágio, o cone de urânio caía de volta na terra, sem que as câmaras americanas se interessassem em observá-lo, pois, afinal, era supostamente apenas um pacote de instrumentos que não conseguira atingir a velocidade necessária para entrar em órbita.

Os americanos também não sabiam que o navio Takuyo, que navegava em círculos a meio caminho entre a ilha da Páscoa e o litoral do Peru, não estava pesquisando os cardumes de peixes, como se supunha. Dois quilômetros a leste do Takuyo, flutuava no mar uma balsa de borracha contendo um transmissor de rádio e um localizador GPS. O navio não dispunha de um aparelho de radar capaz de rastrear mísseis balísticos, mas isso não era necessário; tornada incandescente pelo atrito com o ar, a ogiva surgiu como um meteoro no céu da madrugada, bem na hora marcada, deixando um rastro de fogo que assustou os tripulantes, embora tivessem sido alertados para o fenômeno. Todas as cabeças voltaram-se rapidamente para acompanhá-la até o ponto de impacto, a apenas duzentos metros da balsa. Os cálculos mostraram mais tarde que o impacto ocorrera a exatamente duzentos e sessenta metros do local programado. Não era um resultado perfeito, e, para decepção de alguns, o erro tinha sido uma ordem de grandeza maior do que para os mísseis americanos de última geração, mas, para os fins a que se propunha, o teste podia ser considerado plenamente satisfatório. Melhor ainda, a experiência fora realizada sem que ninguém desconfiasse de nada. Momentos depois, a ogiva liberou uma boia inflável, que serviu para mantê-la perto da superfície. Um bote lançado pelo Takuyo já estava a caminho a fim de recolhê-la para que os dados colhidos pelos seus instrumentos pudessem ser analisados.

— Vai ser muito difícil, não é? — perguntou Barbara Linders.

— É verdade — concordou Murray.

Não podia mentir para a moça. Nas últimas duas semanas, tinham ficado bons amigos. Mais próximos, na verdade, do que a Sra. Linders se sentia com sua analista. Durante aquele período, discutiram todos os aspectos da agressão mais de dez vezes, gravando em fita cada palavra, preparando transcrições das gravações, verificando todos os fatos, até a cor dos móveis e do carpete do escritório do ex-senador. Houve algumas discrepâncias, mas todas sem importância. A essência do caso não tinha sido afetada. Nada disso, porém, mudava o fato de que seria muito difícil.

Murray fora encarregado do caso, agindo como representante pessoal do diretor, Bill Shaw. Murray comandava uma equipe de vinte e oito agentes, dois dos quais inspetores e quase todos os outros homens experientes na faixa dos quarenta, escolhidos por sua competência (havia também meia dúzia de jovens agentes para fazer pequenos serviços). O próximo passo seria uma entrevista com um procurador da Justiça. Já haviam escolhido a pessoa: Anne Cooper, vinte e nove anos, formada em direito pela Universidade de Indiana, especialista em casos de agressão sexual. Uma mulher elegante, alta, negra e fervorosamente feminista, para ela o nome do réu não teria a menor importância em um caso como aquele.

Era a parte fácil.

Depois viria a parte difícil. O "réu" em questão era o vice-presidente dos Estados Unidos, e a Constituição dizia que ele não podia ser tratado como um cidadão comum. No seu caso, o "grande júri" seria a Comissão de Justiça da Câmara de Deputados. Oficialmente, Anne Cooper trabalharia em cooperação com o presidente e os membros da comissão, embora na prática ela fosse a responsável pelo processo; a "ajuda" da comissão se limitaria a algumas aparições públicas e ao vazamento de informações para a imprensa.

A tempestade começaria, explicou Murray, quando o presidente da comissão fosse informado a respeito do problema. As acusações logo viriam a público; a dimensão política tornava isso inevitável. O vice-presidente Edward J. Kealty negaria com veemência todas as acusações, e seus advogados começariam a investigar a vida de Barbara Linders. Descobririam as coisas que Murray já ouvira diretamente dos lábios da moça, muitas delas desagradáveis, e o público não seria informado, a princípio, de que as vítimas de estupro, especialmente as que não denunciavam o agressor, sofriam uma profunda perda da autoestima, frequentemente acompanhada por desvios do comportamento sexual. (Agindo sob a impressão de que a atividade sexual era a única coisa que os homens esperavam dela, a vítima se tornava promíscua, em uma busca frustrada de autoafirmação.) Barbara Linders passara por esse processo: tratamentos contra a depressão, meia dúzia de empregos, dois abortos. O fato de que tudo aquilo era consequência do ataque que sofrera, e não uma indicação de irresponsabilidade, tinha de ser demonstrado perante a comissão, porque uma vez que os fatos viessem a público, ela não teria como se defender, não poderia falar abertamente, enquanto os advogados e investigadores do outro lado teriam todas as oportunidades para atacá-la de forma tão covarde e cruel quanto Ed Kealty, só que em público. A imprensa estava ali para isso.

— Não é justo — declarou a moça, no final.

— Barbara, você está enganada. Não só é justo, como necessário —

explicou Murray. — Sabe por quê? Porque quando pedirmos o impeachment daquele filho da mãe, não haverá nenhuma dúvida quanto à sua culpa. O julgamento pelo Senado será mera formalidade. Depois que perder o cargo, poderemos colocá-lo diante de um júri de verdade e será condenado como criminoso que é. Vai ser duro para você, mas quando ele for para a cadeia, vai ser ainda mais duro para ele. E assim que o sistema funciona. Não é perfeito, mas é o melhor que temos. Quando estiver tudo terminado, Barbara, terá sua dignidade de volta, e ninguém jamais poderá tirá-la novamente de você.

— Tem razão. Chega de fugir, Sr. Murray.

A moça mudara muito em duas semanas. Parecia mais forte a cada dia que passava. Murray imaginou se continuaria assim durante o julgamento.

— Por favor, chame-me de Dan. E assim que meus amigos me chamam.

— O que foi que você não quis dizer em frente de Brett?

— Temos um agente no Japão... — começou a Sra. Foley, sem mencionar o nome de Chet Nomuri. A explicação levou alguns minutos.

Ryan não estava propriamente surpreso. Ele mesmo dera a ideia alguns anos antes, ali na Casa Branca, ao então presidente Fowler. Muitos altos funcionários do Executivo pediam demissão e imediatamente começavam a trabalhar como lobistas ou consultores de empresas japonesas, ou mesmo do governo japonês, por um salário muito maior do que o anterior. Isso deixava Ryan preocupado. Embora não fosse propriamente ilegal, podia ser considerado no mínimo pouco ético. Entretanto, havia mais. Ninguém muda de emprego e passa a receber imediatamente um salário dez vezes maior. Tinha de haver um processo de aliciamento, durante o qual o funcionário em questão seria instado a demonstrar sua utilidade. Acontece que a única forma de fazê-lo seria passar informações sigilosas aos futuros patrões, enquanto ainda se encontrava a serviço do governo americano. E isso era espionagem, um crime previsto no Capítulo 18 do Código Penal.

A CIA e o FBI haviam montado uma operação conjunta para investigar o assunto, cujo nome de código era Operação SÂNDALO. Era aí que entrava Nomuri.

— O que conseguimos apurar até o momento?

— Nada de importante — respondeu Mary Pat — Mas descobrimos algumas coisas interessantes sobre Horoshi Goto. Ele não é propriamente um santo.

Contou o que sabia a respeito do político.

— Ele não gosta muito de nós, não é? Exceto quando são americanas jovens e bonitas, ao que parece.

— Não é alguma coisa que a gente possa usar facilmente — observou

Ryan, recostando-se no assento. Sentia-se em uma posição desconfortável, especialmente porque sua filha mais velha estava na época de começar os namoros, coisa que os pais sempre tinham dificuldade para aceitar. — Existem muitos pecadores neste mundo, MP, e não podemos salvar a todos — afirmou, sem muita convicção.

— Alguma coisa cheira mal neste caso, Jack.

— Por que diz isso? Não sei. Talvez por Goto estar sendo aparentemente tão irresponsável. Daqui a algumas semanas, o cara pode ser o novo primeiro-ministro; conta com um apoio considerável no zaibatsu. O governo atual está enfraquecido. Devia estar bancando o estadista, e não o garanhão. Exibir a moça daquela forma...

— Outra cultura, outros costumes. — Ryan cometeu o erro de fechar por um momento os olhos cansados, e ao fazê-lo sua imaginação mostrou uma imagem que correspondia à descrição da Sra. Foley. Ela é uma cidadã americana, Jack. São pessoas como ela que pagam seu salário. Abriu os olhos.

— Confia no seu agente? E muito inteligente. Faz seis meses que está no Japão.

— Ele já recrutou alguém?

— Não, recebeu ordens para ir com calma. No Japão, isso é necessário. As regras daquela sociedade são diferentes das nossas. Mas já identificou alguns possíveis candidatos e está trabalhando neles.

— Yamata e Goto... isso não faz sentido! Yamata acaba de assumir o controle de um grupo da Street, o Columbus Group, que pertencia a George Winston. Conheço George pessoalmente.

— Um grupo de firmas de investimentos?

— Isso mesmo. George colocou-as à venda e Yamata resolveu comprá-las. Estamos falando de muito dinheiro, MP. Cem milhões de dólares, no mínimo. Agora você me diz que um político conhecido pelas suas posições contrárias aos Estados Unidos é amigo de um industrial que acaba de aderir ao nosso sistema... Quem sabe Yamata está apenas tentando explicar ao sujeito as verdades da vida?

— O que sabe sobre o Sr. Yamata? A pergunta pegou Jack de surpresa.

— Eu? Quase nada. Para mim, é apenas um nome. Sei que dirige um grande conglomerado de empresas. Ele é uma das pessoas que você está investigando?

— É, sim.

Ryan dirigiu-lhe um sorriso irônico.

— MP, tem certeza de que as coisas já estão suficientemente complicadas? Ou acha melhor acrescentar mais uma incógnita?

Em Nevada, os aviadores esperaram que o sol se pusesse atrás das montanhas antes que começar o que pretendiam que fosse um exercício de rotina, embora com algumas modificações de última hora. Os suboficiais do exército eram todos homens experientes, mas mesmo assim estavam empolgados com a primeira visita oficial à “Terra dos Sonhos”, como o pessoal da Força Aérea chamava as instalações secretas de Groom Lake. Ali eram testadas as aeronaves “invisíveis”; a região estava coalhada de sistemas de radar e outros dispositivos para testar até que ponto elas eram realmente invisíveis.

Quando finalmente escureceu, os pilotos decolaram para o teste daquela noite. A missão consistiria em voar até Nellis, executar um ataque simulado e voltar a Groom Lake, tudo isso sem serem detectados. Não seria fácil.

Jackson, usando seu capacete do J-3, estava observando a inclusão mais recente à frota de aeronaves invisíveis da Força Aérea. O Comanche poderia ter algumas aplicações interessantes, especialmente no setor de operações especiais, ao qual o Pentágono parecia atribuir importância cada vez maior.

Ouvira dizer que aqueles exercícios de treinamento eram um espetáculo digno de ser assistido, e estava ali para verificar se era verdade...

— Fogo, fogo, fogo! — disse o copiloto pelo canal reservado, noventa minutos depois. Em seguida, comentou com o piloto, através do intercomunicador: — Cara, que vista linda! A Base Aérea de Nellis abrigava o maior grupo de caças da Força Aérea, aos quais naquela noite tinham ido se juntar duas esquadrilhas visitantes que participavam da operação Bandeira Vermelha. Assim, o Comanche dispunha de mais de cem alvos para o canhão de vinte milímetros, e apontou sucessivamente a arma para várias filas de aviões. As luzes dos cassinos de Las Vegas eram visíveis a distância quando ele completou a manobra, deixando o caminho livre para os outros dois Comanches e voltando a uma altitude de quinze metros antes de tomar o rumo nordeste.

— Fomos apanhados de novo. Alguém continua nos rastreando — informou o copiloto.

— O suficiente para nos derrubar? Estão tentando, mas... minha nossa! Um caça F-15C passou por cima deles, tão perto, que a turbulência fez o Comanche sacudir um pouco. Uma voz se fez ouvir no canal reservado.

— Se eu estivesse pilotando um E, vocês estariam fritos.

— Ainda bem que não está. Vejo você em terra.

— Entendido. Desligo.

O caça afastou-se, balançando as asas em sinal de despedida.

— Sandy, temos boas e más notícias — comentou o copiloto.

Invisíveis, mas não o suficiente. Os dispositivos antidetecção instalados no Comanche eram suficientes para enganar os mísseis dirigidos pelo radar, mas

aqueles malditos aviões com suas grandes antenas e sofisticados sistemas eletrônicos continuavam recebendo sinais, provavelmente originários do rotor, pensou o piloto. Precisavam melhorar aquela parte da aeronave. A boa nova era que o F-15C não era capaz de derrubá-los com os mísseis guiados pelo radar, e usar um míssil rastreador de calor seria perda de tempo, mesmo no ar frio do deserto. Entretanto, o F-15E, que dispunha de equipamento de visão noturna, poderia abatê-los com seu canhão de vinte milímetros. Era algo para ser lembrado. Nada no mundo era perfeito, mas, assim mesmo, o Comanche era o helicóptero mais sofisticado jamais construído.

O suboficial Sandy Richter olhou para cima. No ar frio e seco do deserto, podia ver os pontinhos brilhantes que eram os satélites E-3A. Não estavam muito longe. Uns nove mil quilômetros, calculou. Foi então que uma ideia interessante lhe ocorreu. Aquele cara da Marinha parecia uma pessoa esclarecida. Talvez, se soubesse apresentar seus planos a ele, tivesse uma oportunidade de colocá-los em prática...

— Estou ficando cansado de tudo isso — estava dizendo o presidente Durling em seu escritório, que ficava diagonalmente oposto ao de Ryan, na Ala Oeste. Os primeiros dois anos tinham sido tranquilos, mas fazia alguns meses que nada parecia dar certo. — O que foi agora? Tanques de gasolina — respondeu Marty Caplan. — A Deerfield Autopeças, de Massachusetts, desenvolveu um método para fabricar tanques de praticamente qualquer forma e capacidade a partir de chapas comuns de aço. É um processo robotizado, extremamente eficiente. Eles se recusam a cedê-lo aos japoneses...

— Fica no distrito de Al Trent? — interrompeu o presidente.

— Fica.

— Desculpe. Continue, por favor. — Durling bebeu um pouco de chá.

O excesso de café começara a fazer mal ao seu estômago. — Qual o motivo da recusa? E uma das empresas que quase foram à falência por causa da competição dos japoneses. Esta conservou a antiga equipe administrativa. Eles enxugaram os quadros, contrataram alguns engenheiros jovens e brilhantes e arregaçaram as mangas. Acabaram conseguindo meia dúzia de inovações importantes.

— Acontece que esta é a mais importante para aumentar a eficiência do processo. Eles dizem que são capazes de fabricar os tanques, embalá-los, despachá-los para o Japão e vendê-los por um preço menor do que o do produto local. Os tanques também são mais resistentes. Mesmo assim, não conseguimos convencer os japoneses a usá-los nem nos carros que eles fabricam aqui. E uma repetição do caso das placas de computador — concluiu Caplan.

— Como é possível que o custo do frete não...

— É fácil de explicar, senhor presidente. — Foi a vez de Caplan interromper. — Os navios japoneses de transporte de automóveis chegam aqui repletos e voltam quase vazios. O custo do frete de retorno é ridiculamente pequeno. A Deerfield entrega o produto diretamente no cais. Chegou a desenvolver um sistema de carga e descarga que praticamente elimina o tempo de espera.

— Por que vocês não insistiram?

— Não sei por que eles não insistiram — observou Christopher Cook.

Estavam em uma luxuosa mansão a poucos metros da Kalorama Road.

Aquele bairro chique do Distrito de Columbia abrigava muitos diplomatas, além de funcionários do governo, lobistas, advogados e todos os que queriam estar perto, mas não demais, do lugar onde as coisas aconteciam, isto é, o centro da cidade.

Se a Deerfield pelo menos concordasse em ceder o direito de uso da patente... — suspirou Seiji. — Nossa oferta foi bastante razoável.

E verdade — concordou Cook, tornando a encher a taça de vinho branco. Poderia ter dito: Seiji, foram eles que inventaram o processo e têm direito de valorizá-lo ao máximo, mas não disse. — Por que vocês também não...

Foi a vez de Seiji Nagumo suspirar.

— Eles foram muito espertos. Contrataram um advogado particularmente esperto no Japão e conseguiram registrar a patente em tempo recorde.

— Poderia ter acrescentado que o fato de um dos seus compatriotas ser tão mercenário o deixava envergonhado, mas isso teria sido de mau gosto nas circunstâncias. — Talvez eles acabem se mostrando razoáveis.

— Seiji, acho que seria mais prudente vocês recuarem. Pelo menos, poderiam oferecer mais pela cessão de direitos.

— Por que, Chris?

— Porque o presidente se interessou pessoalmente pelo caso. — Cork fez uma pausa, percebendo que Nagumo não sabia aonde pretendia chegar. Ele podia conhecer muito bem o lado industrial da questão, mas ainda tinha muito que aprender em matéria de política.

— A sede da Deerfield fica no distrito eleitoral de Al Trent. Ele tem muita influência no Congresso. E presidente da Comissão de Inteligência.

— E daí?

— Daí que o presidente não gostaria de desagradá-lo.

Nagumo pensou no assunto por um minuto, bebendo o vinho e olhando pela janela. Se soubesse disso, poderia ter pedido permissão para concordar com os americanos, mas não sabia e por isso insistira na sua posição. Recuar agora seria admitir que errara, algo que, como era natural, desagradava profundamente

ao japonês. Decidiu que, em vez disso, recomendaria que a oferta pelos direitos de uso do processo fosse aumentada, sem saber que, para não passar por uma humilhação, estava contribuindo para uma situação que daria tudo no mundo para evitar.

5
TEORIA DA COMPLEXIDADE

As coisas raramente acontecem por uma única razão. Até mesmo os manipuladores mais espertos e habilidosos reconhecem que sua verdadeira arte está em fazerem uso do que não podem prever. Para Raizo Yamata, essa ideia muitas vezes servia de consolo. Em geral ele sabia como lidar com acontecimentos inesperados... mas nem sempre.

— Foram tempos difíceis, é verdade, mas já passamos por situações piores — estava dizendo um dos convidados. — E agora as coisas estão melhorando, não estão? Eles tiveram que recuar no caso das placas de computador — observou outro convidado, fazendo com que a maioria dos homens reunidos em torno da mesa baixa concordasse com a cabeça.

Eles não estavam entendendo, pensou Yamata consigo mesmo. As necessidades do país coincidiam exatamente com uma nova oportunidade.

Havia um novo mundo lá fora, e apesar das repetidas declarações dos americanos de que haveria uma nova ordem no novo mundo, apenas a desordem substituíra três gerações de... se não estabilidade, pelo menos previsibilidade. A simetria entre Leste e Oeste estava agora tão distante na história que parecia um sonho remoto e desagradável. Os russos ainda colhiam as consequências de uma experiência funesta, e o mesmo acontecia com os americanos, embora a maior parte dos seus sofrimentos fosse autoinfligida e tivesse ocorrido, ironicamente, depois que o equilíbrio se rompera. Em vez de conservarem o antigo poderio, os americanos, como já haviam feito outras vezes na história, tinham abdicado dele no momento em que sua supremacia era maior; era no declínio das duas antigas superpotências que estava a oportunidade para uma nação que merecia ser grande.

— Esses são apenas pequenos detalhes, meus amigos — afirmou Yamata, inclinando-se para a frente a fim de encher os cálices. — Nossa fraqueza é estrutural e não mudou nada nos últimos cem anos.

— Explique o que quer dizer, Raizo-chan — sugeriu um dos convivas mais amistosos.

— Enquanto não tivermos acesso direto aos recursos, enquanto não pudermos controlar esse acesso, enquanto funcionarmos apenas como comerciantes, continuaremos vulneráveis.

— Ah! — Do outro lado da mesa, um homem levantou a mão em sinal de discordância. — Eu não penso assim. Somos muito bons no que realmente é importante.

— O que é realmente importante? — perguntou Yamata.

— Acima de tudo, a diligência dos nossos operários, a capacidade dos nossos projetistas... — a ladainha continuou, enquanto Yamata e os outros escutavam educadamente.

— De que adianta tudo isso se não tivermos matéria-prima para nossos produtos, energia para nossas fábricas? — perguntou um dos aliados de Yamata.

— Está sugerindo que estamos de volta a mil novecentos e quarenta e um?

— Não, não é a mesma coisa... mas o espírito é o mesmo — afirmou Yamata, entrando de novo na conversa. — Naquela época, deixaram-nos sem petróleo porque eram eles que nos abasteciam. Hoje em dia, usam meios mais sutis. Naquela época, tiveram que se apropriar de nossas divisas para evitar que as gastássemos em outros mercados, certo? Hoje, desvalorizam o dólar em relação ao iene e nossas divisas ficam efetivamente retidas, não ficam? Hoje, eles nos convencem a investir no país deles e se queixam quando o fazemos. Não perdem nenhuma oportunidade para nos enganar. Quando nos vendem uma propriedade, ficam com o dinheiro e acabam tomando de volta o que nos venderam!

Os murmúrios de aprovação foram gerais, pois todos os presentes tinham passado por uma experiência semelhante. Aquele ali, pensou Yamata, havia comprado o Rockefeller Center, em Nova York, pagando o dobro do que realmente valia, mesmo naquele mercado imobiliário artificialmente inflacionado, graças às artimanhas dos corretores americanos. Em seguida, o iene valorizara-se em relação ao dólar, o que significava que o dólar valia menos do que na ocasião da compra. Se tentasse vender agora, todos sabiam, teria um enorme prejuízo. Primeiro, o mercado imobiliário em Nova York estava em baixa; em segundo lugar, e como consequência, os prédios valiam apenas metade da quantia em dólares que pagara por eles; terceiro, os dólares valiam apenas metade do que valiam em ienes na data da transação. Ele teria sorte se conseguisse recuperar metade do capital investido. Na verdade, o aluguel que estava recebendo mal cobria os juros da dívida.

Aquele outro, pensou Yamata, comprara um grande estúdio de cinema, no que fora imitado por um rival que estava sentado do outro lado da mesa. Raizo sentiu vontade de rir. O que os dois haviam adquirido? Isso era fácil de responder. Em ambos os casos, por um preço de bilhões de dólares, tinham comprado trezentos e poucos hectares de terra em Los Angeles e um pedaço de papel que os autorizava a fazer filmes. Em ambos os casos, os ex-proprietários

tinham recebido o dinheiro e começado a rir, e em ambos os casos os ex-proprietários tinham mais tarde se oferecido discretamente para comprar o estúdio de volta por menos de um quarto do que os japoneses tinham pagado por ele, apenas o suficiente para saldar a dívida pendente, nem um iene a mais.

A lista era interminável. Toda vez que uma firma japonesa conseguia lucrar nos Estados Unidos e tentava reinvestir o dinheiro nos Estados Unidos, os americanos queixavam-se de que os japoneses estavam querendo roubar o país. Em seguida, aumentavam os impostos. Depois, o governo formulava uma política destinada a assegurar que os japoneses tivessem um prejuízo certo, para que os americanos pudessem comprar tudo de volta a preços aviltados, queixando-se o tempo todo de que os preços estavam muito altos. Os Estados Unidos se congratulavam por haver recuperado o controle da sua cultura, quando na realidade estavam realizando o roubo mais escandaloso da história.

— Vocês não entendem? Eles estão tentando acabar conosco, e estão conseguindo — afirmou Yamata, em tom calmo e controlado.

Era o clássico paradoxo do mundo dos negócios que todos conhecem mas quase sempre esquecem. Havia até mesmo uma máxima simples para descrevê-lo: se você pedir um dólar emprestado, ficará nas mãos do banco; se pedir um milhão de dólares, o banco ficará nas suas mãos. O Japão investira no mercado automobilístico americano, por exemplo, em uma ocasião na qual a indústria americana, acostumada a contar com uma clientela rica e cativa, estava aumentando os preços e se descuidando da qualidade, enquanto os operários sindicalizados se queixavam dos aspectos desumanizantes do seu trabalho, embora recebessem os maiores salários de toda a indústria. Os japoneses tinham entrado no mercado com modelos ainda mais modestos que a Volkswagen, carros pequenos e feios, com um acabamento de terceira e que deixavam muito a desejar em termos de segurança, mas eram superiores aos modelos americanos em um aspecto importante: a economia de combustível.

Três acidentes históricos favoreceram os japoneses. O congresso americano, aborrecido com a “ganância” das companhias de petróleo, que queriam cobrar internamente pelos seus produtos um preço igual ao internacional, impôs um teto para o preço do petróleo cru na saída do poço.

Também congelou o preço da gasolina no valor mais baixo de todo o primeiro mundo, desencorajou novos investimentos em prospecção de petróleo e estimulou Detroit a fabricar veículos grandes, pesados, que consumiam muito combustível. Em 1973, a guerra entre Israel e os países árabes obrigou os motoristas americanos a fazerem fila nos postos de gasolina pela primeira vez em trinta anos, surpreendendo um país que se julgava acima dessas coisas. Foi então que os americanos perceberam que os veículos fabricados em Detroit

bebiam gasolina como se fosse água. Os carros “compactos” que os americanos tinham começado a fabricar na década anterior tinham evoluído rapidamente para veículos de porte médio, não mais eficientes do que os primos maiores. Pior ainda: todas as montadoras haviam investido recentemente em fábricas para carros grandes, o que quase levou a Chrysler à falência. O choque do petróleo não durou muito tempo, mas foi suficiente para que os americanos mudassem seus hábitos de consumo, e as empresas não tinham capital nem flexibilidade para atender rapidamente aos novos desejos do público, preocupado com a possibilidade de um novo choque do petróleo.

A consequência foi um aumento imediato nas vendas dos automóveis japoneses, especialmente nos importantes mercados da Costa Oeste, que ajudou a financiar a pesquisa e desenvolvimento de novos modelos pelas firmas japonesas, que também contrataram designers americanos para tornar seus produtos mais atraentes e utilizaram seus próprios engenheiros para melhorar a qualidade e segurança dos veículos. Assim, por ocasião do segundo choque de petróleo, em 1979, a Toyota, a Honda, a Dasun (depois Nissan) e a Subaru estavam no lugar certo com o produto certo. Foi uma época de euforia. O iene estava muito barato em relação ao dólar, o que queria dizer que os japoneses podiam conseguir bons lucros mesmo cobrando preços relativamente baixos. Os revendedores locais podiam se dar ao luxo de cobrar um ágio de mil dólares ou mais para permitir que os americanos comprassem aqueles automóveis maravilhosos. Os japoneses podiam contar, em suma, com um excelente mercado nos Estados Unidos.

O que jamais ocorrera aos homens que estavam ali reunidos, pensou Yamata, era a mesma coisa que também não ocorrera aos executivos da General Motors e aos líderes sindicais da indústria automobilística americana antes das crises do petróleo. Os dois grupos tinham suposto que a situação favorável duraria para sempre. Os dois grupos tinham se esquecido de que não existe nenhum Direito Divino dos Homens de Negócios, da mesma forma como não existe nenhum Direito Divino dos Reis. O Japão aprendera a explorar uma fraqueza da indústria automobilística americana.

Com o tempo, os Estados Unidos tinham aprendido com seus erros, e assim como as companhias japonesas tinham se aproveitado da arrogância dos americanos, da mesma forma elas quase imediatamente construíram (ou compraram) monumentos à sua própria arrogância. Enquanto isso, as companhias americanas estavam tratando de enxugar drasticamente tudo que era possível, desde os projetos dos automóveis até as folhas de pagamento, porque tinham aprendido a lição no mesmo tempo que os japoneses levaram para esquecê-la. O processo prosseguiu por algum tempo sem ser percebido,

especialmente pelos participantes, que não puderam contar com a ajuda dos "analistas" dos meios de comunicação porque estes estavam ocupados demais com as árvores para poderem apreciar a floresta.

Para complicar as coisas, o câmbio mudou, como não podia deixar de mudar com tanto dinheiro fluindo em um único sentido, mas, da mesma forma como Detroit tinha sido incapaz de antever os problemas do início da década de 1980, os industriais japoneses não perceberam a tempestade que se aproximava. O iene valorizou-se em relação ao dólar, apesar de todos os esforços do banco central japonês para sustentar a moeda americana. Com essa valorização, boa parte da margem de lucro das empresas japonesas esvaiu-se. Além disso, o valor das propriedades que os japoneses tinham comprado nos Estados Unidos caiu tanto, que elas passaram a ser consideradas como investimentos deficitários. De qualquer forma, teria sido impossível transportar o Rockefeller Center para Tóquio. Tinha que ser assim. Yamata estava certo disso, mesmo que os companheiros não concordassem. O mundo dos negócios funcionava em ciclos, como uma onda; ninguém sabia como evitar que esses ciclos acontecessem.

O Japão era ainda mais vulnerável, já que, por servir ao mercado americano, a indústria japonesa era na verdade parte da economia americana e estava sujeita a todas as suas flutuações. Os americanos não permaneceriam indefinidamente mais tolos do que os japoneses; com a volta à sanidade, voltariam a usar seu poder e seus recursos naturais em toda a plenitude, e a oportunidade de Yamata estaria perdida para sempre. A oportunidade do Japão, também, pensou Yamata consigo mesmo. Isso também era importante, mas não era o que fazia seus olhos faiscarem.

O Japão jamais ocuparia um lugar de destaque enquanto seus líderes (não os do governo, mas os que estavam reunidos em torno daquela mesa) não compreendessem onde estava a grandeza de um país. A capacidade industrial não era tudo. O simples ato de cortar o suprimento de matérias-primas poderia paralisar todas as indústrias do país, e a diligência e capacidade dos operários japoneses não teriam mais influência sobre a situação do que um haiku de Buson. Uma nação era grande por causa do poder, e o poder do Japão era tão artificial quanto um poema. Mais ainda: a grandeza nacional não era algo concedido, mas algo conquistado; precisava ser reconhecida por outra grande nação (ou mais de uma) que tivesse recebido uma lição de humildade. A grandeza não era resultado de uma única qualidade nacional, mas de várias. Podia ser considerada como a autossuficiência em todos os setores... bem, no maior número possível de setores. Os companheiros tinham de compreender isso para começar a agir em seu próprio benefício e no da nação a que pertenciam. Era dever de Yamata fazer tudo que pudesse para engrandecer seu país e

humilhar os países rivais, catalisar a energia dos colegas em benefício da pátria.

Entretanto, ainda não chegara a hora. Isso lhe parecia claro. Tinha muitos aliados, mas também muitos adversários, e os adversários eram difíceis de persuadir. Aceitavam alguns dos seus argumentos, mas não todos, e até que mudassem a maneira de pensar, não poderia fazer mais do que estava fazendo no momento, oferecendo conselhos, preparando o terreno.

Yamata-san era um homem de extrema paciência; sorriu educadamente e rangeu os dentes com a frustração do momento.

— Sabe de uma coisa? Acho que estou começando a pegar o jeito, declarou Ryan, sentando-se no sofá de couro à esquerda do presidente.

— Eu disse isso uma vez — observou Durling. — Custou-me um aumento de três décimos de um por cento na taxa de desemprego, uma briga com a Comissão de Meios da Câmara e uma queda de dez por cento no meu índice de popularidade. — Embora o tom de voz fosse grave, dissera isso sorrindo.

— O que houve de tão importante para você interromper meu almoço?

Jack foi direto ao assunto, embora a notícia fosse suficientemente importante para merecer um pouco de teatro: — Conseguimos um acordo com os russos e ucranianos a respeito dos últimos pássaros.

— A partir de quando? — perguntou Durling, inclinando-se para a frente e esquecendo a salada.

— O que me diz de segunda-feira que vem? — perguntou Ryan, com um sorriso vitorioso. — Aceitaram a proposta de Scott. Estão tão cansados das negociações para a limitação de armas estratégicas quanto nós. O que eles mais querem é acabar com os últimos mísseis que restam e esquecer o assunto. Nossos inspetores já estão lá e os deles estão aqui. Desta vez a coisa vai.

— Gostei de saber — afirmou Durling.

— Faz exatamente quarenta anos, chefe — disse Ryan, com entusiasmo.

— Eu era pequeno quando eles instalaram os SS-6 e nós instalamos os Atlas, pássaros muito feios com um objetivo mais feio ainda. Ajudar a acabar com eles... o seu feito vai figurar nos livros de história. Terei orgulho de contar aos meus netos que estava por perto quando isso aconteceu.

O fato de que a proposta de Adler aos russos e ucranianos tinha sido iniciativa de Ryan podia chegar a ser mencionado pela imprensa, mas provavelmente isso não aconteceria.

— Nossos netos não terão a menor ideia do que fizemos, nem vão estar interessados — interpôs Arnie van Damm, secamente.

— É verdade — admitiu Ryan.

Não havia ninguém como Arnie para colocar as coisas em termos realistas.

— Agora conte-me as más notícias — ordenou Durling.

— Isso vai nos custar cinco bilhões — declarou Jack, sem se deixar surpreender pela careta do presidente. — Vale a pena, chefe.

— Diga-me por quê.

— Presidente, desde que me conheço por gente que nosso país tem vivido sob a ameaça de armas nucleares em mísseis balísticos apontados para os Estados Unidos. Em menos de seis semanas, o último deles terá desaparecido.

— Eles já não estão apontados...

— Eu sei. Tanto os nossos como os deles estão apontados para o mar dos Sargaços, mas para mudar isso basta abrir uma janela de inspeção e mudar um circuito impresso do sistema de controle. A operação completa leva apenas dez minutos, desde o momento em que a porta de acesso ao silo é aberta, e requer apenas uma chave de fenda e uma lanterna. Na verdade, essa afirmação estava correta apenas no caso dos mísseis sovié... russos!, corrigiu-se Ryan pela milésima vez. Para os mísseis americanos, a troca de alvo exigiria mais tempo, porque os circuitos de controle eram muito mais sofisticados. Assim eram os caprichos da engenharia.

— Todos desativados, presidente, para sempre! — exclamou Ryan. — Eu sou o militarista aqui, lembra-se? O Congresso vai adorar. Asseguro-lhe que é uma pechincha! Como sempre, você sabe defender seu ponto de vista — observou van Damm.

— Onde é que o Departamento de Administração e Orçamento vai arranjar o dinheiro, Arnie? — perguntou Durling.

— Foi a vez de Ryan se encolher.

— No Departamento de Defesa, é claro.

— Antes de nos entusiasmarmos com a ideia, é bom nos lembrarmos de que já fomos bem longe.

— Quanto vamos economizar se eliminarmos nossos últimos mísseis? — perguntou van Damm.

— Vamos perder dinheiro — respondeu Jack — Já estamos pagando uma fortuna para desmontar os submarinos nucleares, e os ecologistas...

— Aquela gente maravilhosa — observou Durling.

—... mas será uma despesa isolada.

Os olhos voltaram-se para o chefe de gabinete. Seu discernimento político era invejável. O rosto cansado pesou os fatores e voltou-se para Ryan.

— Vale a pena comprar a briga. O Congresso vai contestar — informou ao presidente —, mas daqui a um ano o senhor estará dizendo ao povo americano que acabou com a espada...

—... de Dâmocles — completou Ryan.

—... dos colégios católicos — emendou Arnie, rindo. — A espada que está ameaçando os Estados Unidos há uma geração. Os jornais vão adorar, e aposto que a CNN vai aproveitar para fazer um documentário especial de uma hora, daqueles cheios de imagens bonitas e comentários inexatos.

— Que tal, Jack? — perguntou Durling, com um largo sorriso.

— Presidente, eu não entendo de política, está bem? Não basta que os últimos duzentos mísseis balísticos intercontinentais que existem no mundo estejam sendo desmontados? Não exagere, Jack. Ainda restam os chineses, ingleses e franceses. Entretanto os dois últimos fariam o que os americanos fizessem. Quanto aos chineses poderiam convencê-los a ser razoáveis, recorrendo, se necessário, a pressões comerciais. Afinal, que inimigos restariam para os chineses? — E preciso que as pessoas vejam e compreendam o que está acontecendo, Jack. — Durling voltou-se para van Damm. Ambos ignoraram as preocupações que Jack mal chegara a expressar. — Ponha a assessoria de imprensa para trabalhar no assunto. Vamos fazer a comunicação oficial em Moscou, Jack? Ryan fez que sim com a cabeça.

— Foi esse o trato, chefe.

Tudo começaria com boatos cuidadosamente plantados, que o governo a princípio se recusaria a confirmar. Mensagens sigilosas ao congresso para gerar mais boatos. Telefonemas discretos para as redes de televisão e repórteres de confiança, que estariam nos lugares certos na hora certa (o que era difícil, por causa da diferença de fuso horário de dez horas entre Moscou e as últimas bases de mísseis em território americano) a fim de registrar para a história o final do pesadelo. O processo de eliminação era um pouco complicado, razão pela qual os ecologistas americanos estavam causando problemas. No caso dos pássaros russos, as ogivas seriam removidas, o combustível líquido drenado dos tanques, os componentes eletrônicos valiosos e/ou secretos retirados e em seguida cem quilogramas de altos explosivos seriam usados para demolir a parte superior do silo, antes que ele fosse aterrado. Nos Estados Unidos, teriam de usar um processo diferente, porque os mísseis eram movidos a combustível sólido. Nesse caso, as carcaças dos mísseis seriam transportadas para Utah e abertas nas duas extremidades. Em seguida, os motores seriam ligados, transformando os mísseis nos maiores fogos de artifício do mundo e gerando nuvens de fumaça tóxica que provavelmente acabariam com alguns pássaros selvagens.

Os silos também seriam destruídos por explosões (a despeito de muitos protestos e recursos legais, a justiça decidira que as implicações para a segurança nacional do tratado internacional de desarmamento tinham precedência sobre quatro estatutos de proteção ambiental). A última explosão teria um significado especial, especialmente porque sua força seria aproximadamente igual a um

décimo milionésimo do potencial de destruição antes contido no silo. Alguns números, e alguns conceitos, pensou Jack, eram grandes demais para ser apreciados corretamente, mesmo por pessoas como ele.

A história de Dâmocles se referia a um membro da corte do rei Dionísio, da Sicília, que se declarara com inveja do rei. Para lhe dar uma lição à maneira cruel e agressiva dos "grandes" homens, Dionísio chamou o cortesão, Dâmocles, para um magnífico banquete e o fez sentar-se debaixo de uma espada suspensa do teto por um fio de lã. O objetivo era mostrar que a posição do rei era tão instável quanto a segurança do convidado.

O mesmo acontecia com os Estados Unidos. Tudo que o país possuía estava sob a ameaça da espada nuclear, algo que Ryan pudera perceber claramente em Denver não fazia muito tempo. Por essa razão, desde que voltara ao governo, fizera o possível para pôr fim àquela ameaça de uma vez por todas.

— Quer se encarregar de comunicar o acordo à imprensa?

— Com muito prazer, presidente — respondeu Jack, surpreso e agradecido com a súbita demonstração de generosidade por parte de Durling.

— "Campo do Norte"? — perguntou o ministro da Defesa da China. — É um modo interessante de descrever o lugar — acrescentou, secamente.

— Então, o que acham? — quis saber Zhang Han San, que vinha de mais um encontro com Yamata.

— É estrategicamente possível, pelo menos em teoria. Deixo as estimativas econômicas a cargo dos especialistas — respondeu o marechal, sempre cauteloso, apesar da quantidade de mao-tai que consumira naquela noite.

— Os russos contrataram três firmas japonesas de prospecção. É incrível, não acha? A Sibéria Oriental permanece um território praticamente inexplorado. Oh, sim, existem as minas de ouro de Kolyma, mas o interior...

— Fez com a mão um gesto de desdém. — Agora precisam pedir a outros que façam o trabalho para eles... — O ministro interrompeu suas divagações e olhou diretamente para Zhang Han San. — O que foi, afinal, que eles descobriram? — Nossos amigos japoneses? Para começar, reservas de petróleo maiores do que as da baía de Prudhoe. — Passou uma folha de papel ao marechal.

— Aqui estão as jazidas minerais que eles localizaram nos últimos nove meses.

— Tudo isto?

— A região é quase do tamanho da Europa Ocidental, e tudo que os russos fizeram foi construir estradas de ferro. — Que idiotas! — Zhang fez um muxoxo. — Desde que tomaram o poder do czar, a solução dos problemas

econômicos estava debaixo dos seus pés. Do ponto de vista de recursos minerais, a Sibéria é tão rica quanto a África do Sul, com a vantagem de possuir petróleo em abundância, coisa que falta aos sul-africanos. Como pode ver, quase todos os minérios estratégicos estão representados, e em grandes quantidades...

— Os russos já sabem?

— Em parte — declarou Zhang Han San. — Seria impossível esconder totalmente descobertas desse vulto, mas apenas metade das jazidas, as que estão assinaladas com uma estrela, chegaram ao conhecimento de Moscou.

— Então eles nada sabem a respeito das outras? Zhang sorriu.

— Exatamente.

Mesmo em uma cultura em que homens e mulheres aprendiam a controlar as emoções, o ministro não conseguiu esconder o contentamento que lhe trouxera o papel que tinha nas mãos. Elas não estavam trêmulas, mas usou-as para colocar a folha em cima da mesa e alisá-la como se fosse um pedaço da mais rica seda.

— Isso poderia duplicar a riqueza do nosso país.

— Está sendo modesto — observou o agente secreto, Zhang, que se fazia passar por diplomata e em geral se saía melhor do que a maioria dos diplomatas de carreira, para desespero destes. — Precisa se lembrar de que esta é a estimativa que nos foi fornecida pelos japoneses, camarada ministro.

— Eles reivindicam metade do que descobrirem, já que serão responsáveis pela maior parte dos investimentos...

... enquanto assumimos a maior parte dos riscos estratégicos — completou o ministro, com um sorriso. — Homenzinhos desagradáveis — acrescentou. Como aqueles com quem Zhang negociara em Tóquio, o ministro e o marechal, que continuava um pouco cético, eram veteranos. Eles também tinham memórias da guerra... mas não da guerra com os Estados Unidos.

O ministro deu de ombros. — O fato é que precisamos deles, não é mesmo?

— Podem nos superar em armamentos, mas não em número de homens — observou o marechal.

— Eles sabem disso — declarou Zhang Han San. — No momento, como diz meu contato, trata-se de uma aliança de conveniência, mas ele espera que se transforme com o tempo em um relacionamento cordial entre dois povos com os mesmos...

— Quem ficará na liderança? — interrompeu o marechal, com um sorriso cínico.

— Eles, naturalmente. Pelo menos, é o que pretendem — acrescentou Zhang Han San.

— Nesse caso, como são eles que estão nos propondo o negócio, vamos

esperar que tomem a iniciativa — declarou o ministro, definindo a política a ser seguida pelo país de uma forma que não desagradasse ao seu superior, um homem baixinho com olhos de criança e uma vontade férrea. Olhou para o marechal, que concordou com a cabeça. Sua tolerância ao álcool, pensaram os outros dois simultaneamente, era notável.

— Como eu esperava — anunciou Zhang, com um sorriso. — Na verdade, como eles esperavam, já que pretendem ganhar mais com isso do que nós.

— Eles têm direito de sonhar.

— Admiro a coragem de vocês — observou o engenheiro da NASA, que estava em um balcão para visitantes, observando a oficina. Também admirava a forma como tinham conseguido financiar o projeto. O governo limitara-se a avalizar o dinheiro para que aquele conglomerado industrial adquirisse o projeto soviético e o executasse. A indústria privada era muito forte naquele país, não era? — Acho que descobrimos o que houve de errado com o terceiro estágio.

— Uma válvula defeituosa — explicou o projetista japonês. — Era um projeto soviético.

— Como assim?

— Estou querendo dizer que copiamos as válvulas usadas por eles nos tanques de combustível do terceiro estágio dos seus foguetes, mas o projeto tinha falhas. Eles tentaram economizar o máximo possível de peso, mas...

O representante da NASA franziu a testa.

— Está querendo me dizer que toda a frota de mísseis soviéticos era...

— Isso mesmo. Pelo menos um terço deles teria explodido. Achamos que os mísseis para testes mereciam cuidados especiais, mas a produção normal era, bem, tipicamente russa.

— Hum. — O americano já fizera as malas e um carro estava à espera para levá-lo ao aeroporto de Narita, onde pegaria um longo voo para Chicago. Seus olhos percorreram a oficina lá embaixo. Não era muito diferente da General Dynamics na década de 1960, no auge da Guerra Fria. Os foguetes auxiliares estavam alinhados como salsichas, quinze deles em vários estágios de montagem, lado a lado, enquanto os técnicos de guarda-pó branco realizavam suas complicadas tarefas. — Aqueles dez parecem quase prontos.

— Estão — assegurou-lhe o gerente da fábrica.

— Quando será o próximo teste? Mês que vem. Nossos três primeiros pacotes de instrumentos já estão prontos — respondeu o projetista.

— Quando vocês resolvem fazer alguma coisa, não perdem tempo, não é mesmo?

— É mais eficiente trabalhar assim.

— Então os foguetes vão sair daqui totalmente montados?

— Isso mesmo. Os tanques de combustível estarão pressurizados com gás inerte, é claro, mas uma das vantagens deste projeto é que os foguetes já saem prontos da fábrica.

— Vão ser transportados de caminhão?

— Não. De trem.

— E os pacotes de instrumentos?

— Estão sendo montados em outra fábrica. Infelizmente, o projeto é confidencial.

A outra fábrica não era visitada por estrangeiros. Na verdade, tinha poucos visitantes, apesar de estar localizada nos subúrbios de Tóquio. O cartaz do lado de fora do edifício anunciava tratar-se de um centro de pesquisa e desenvolvimento de uma grande empresa; para os vizinhos, ali eram fabricadas placas para computadores ou coisa semelhante. As linhas de alimentação que entravam na fábrica não tinham nada de extraordinário, já que as unidades que mais consumiam energia elétrica eram os aparelhos de ar condicionado e calefação, localizados em um pequeno anexo nos fundos. O movimento de entrada e saída também era modesto. O estacionamento tinha capacidade para uns oitenta automóveis, mas passava o tempo quase todo com menos da metade das vagas ocupadas. Havia uma discreta cerca de segurança, parecida com a de qualquer outra indústria de pequeno porte, e uma guarita em cada uma das duas entradas. Carros e caminhões iam e viam, e isso era tudo para um observador casual.

Do lado de dentro, porém, as coisas eram bem diferentes. Embora as duas entradas estivessem guarnecidas por homens sorridentes, que forneciam informações com toda a boa vontade a motoristas perdidos, dentro da fábrica a história era outra. As mesas de controle dispunham de compartimentos ocultos que abrigavam pistolas P-38 de fabricação alemã e os guardas tinham cara de poucos amigos. Não sabiam o que estavam guardando, é claro. Os equipamentos eram estranhos demais para ser reconhecidos. Nunca houve um documentário na TV a respeito da fabricação de artefatos nucleares.

A oficina tinha cinquenta metros de comprimento por quinze de largura e havia duas filas de máquinas-ferramentas, envolvidas por gaiolas de plástico, com sistemas de ventilação independentes entre si e do sistema geral de ventilação da oficina. Os técnicos e cientistas usavam luvas e macacões brancos parecidos com os dos operários da indústria de semicondutores; na verdade, quando saíam para fumar, os pedestres julgavam que se tratasse exatamente desse tipo de trabalhadores.

Na sala limpa, hemisférios de plutônio semiacabados chegavam em uma extremidade, eram processados em vários estágios até atingir a forma final e

emergiam na outra ponta tão polidos que pareciam feitos de vidro. Cada um deles era então colocado em um suporte de plástico e carregado manualmente até um depósito fora da oficina, onde era depositado em uma prateleira individual feita de aço coberto com plástico. Qualquer contato com peças metálicas tinha de ser evitado a todo custo, porque o plutônio, além de ser radiativo e quente, devido à emissão de partículas alfa, era um metal reativo, pronto para emitir fagulhas se entrasse em contato com outro metal, o que poderia iniciar um incêndio. Na verdade, como o magnésio e o titânio, o metal era extremamente inflamável, e suas chamas, uma vez iniciadas, difíceis de apagar. Apesar de tudo, a manipulação dos hemisférios (havia vinte deles) já se tornara rotina para os engenheiros. Aquela tarefa fora concluída havia muito tempo.

A parte mais difícil eram as carcaças das ogivas, cones ocos de cento e vinte centímetros de altura e cinquenta centímetros de diâmetro na base, feitos de urânio-238, um metal vermelho-escuro e muito pesado. Com mais de quatrocentos quilogramas cada um, os cones tinham de ser perfeitamente simétricos. Como teriam de “voar”, primeiro no vácuo e depois na atmosfera, era preciso que estivessem perfeitamente equilibrados; caso contrário, a trajetória se tornaria instável. Para surpresa de todos, essa parte do projeto revelara-se a mais problemática de todas. O processo de fundição tinha sido reformulado duas vezes, e mesmo assim fazia-se girar periodicamente as carcaças, em um processo semelhante ao do balanceamento de um pneu de automóvel, mas com tolerâncias muito menores. A superfície externa das carcaças, embora lisa, não era tão bem acabada quanto as peças internas, que teriam de ser mantidas no lugar por pequenas saliências simétricas, enquanto o gigantesco fluxo de nêutrons “rápidos” bombardeava a carcaça, provocando uma reação de “fissão rápida” capaz de duplicar o poder explosivo da carga de plutônio, trítio e deutereto de lítio.

Aquela era a parte excelente, pensavam os engenheiros, especialmente aqueles que não conheciam física nuclear e tinham descoberto recentemente como o processo funcionava. O U-238, denso e difícil de usinar, era um refratário tão bom, que os americanos chegavam a usá-lo em blindagens para tanques. O atrito gerado pela reentrada na atmosfera a vinte e sete mil quilômetros por hora seria suficiente para destruir a maioria dos materiais, mas não aquele metal, pelo menos nos poucos segundos que duraria a parte final da viagem. Em seguida, o U-238 serviria para aumentar a potência da bomba. Uma solução elegante, que justificava o tempo e esforço gastos para implementá-la, pensavam os engenheiros, usando uma das palavras mais elogiosas da profissão. Depois de terminadas, as carcaças eram colocadas em um carrinho e levadas para o depósito. Só precisariam completar mais três. Para consternação geral,

aquela parte do projeto estava com duas semanas de atraso.

A carcaça número 8 começou a ser usinada. Quando a bomba explodisse, o urânio-238 de que era feita seria responsável pela maior parte da precipitação radiativa. Pelo menos, era o que previam as leis da física.

Foi apenas um acidente, talvez causado pelo fato de ainda ser muito cedo.

Ryan chegou à Casa Branca pouco depois das sete, cerca de vinte minutos antes do normal, porque o tráfego na Estrada 50 estava melhor do que de costume. Em consequência, não tivera tempo de ler no caminho todos os documentos que carregava debaixo do braço quando se encaminhou para a entrada oeste. Conselheiro de Segurança Nacional ou não, Jack tinha de passar pelo detector de metais, e foi ali que esbarrou nas costas de alguém.

Esse alguém estava entregando a pistola de serviço a um agente do Serviço Secreto.

— Vocês ainda não confiam no FBI, hein? — perguntou uma voz familiar ao agente.

— Especialmente no FBI! — foi a resposta bem-humorada.

— E acho que estão muito certos — acrescentou Ryan. — Examine também o tornozelo dele, Mike.

Murray voltou-se depois de passar pelo detector.

— Não preciso mais de uma arma de reserva. — O vice-diretor assistente apontou para os papéis debaixo do braço de Jack. — Isso é maneira de tratar documentos secretos? A brincadeira de Murray tinha sido automática, uma forma de cumprimentar o velho amigo. Ryan viu que o secretário da Justiça acabara de passar e estava olhando para trás com uma certa impaciência. O que fazia ali, àquela hora, um membro do gabinete? Se se tratasse de uma questão de segurança nacional, Ryan teria sido informado, e poucos crimes justificariam uma visita à Casa Branca antes das oito da manhã. Além disso, por que estava acompanhado por Murray? Helen D'Agustino os aguardava mais adiante para levá-los pessoalmente à presença de Durling. Tudo naquele encontro acidental despertou a curiosidade de Ryan.

— O chefe está esperando — explicou Murray, em tom defensivo, notando a expressão de Jack.

— Por que não dá uma passada no meu escritório quando terminar o que tem para fazer? Estou precisando discutir um assunto com você.

— Claro — disse Murray, afastando-se sem ao menos perguntar como estavam Cathy e as crianças.

Ryan passou pelo detector, dobrou à esquerda, subiu a escada, entrou no escritório e acabou de ler os documentos. Estava começando a despachar alguns

papéis quando a secretária entrou com Murray. Não havia necessidade de rodeios.

— É um pouco cedo para o S.J. aparecer por aqui, Dan. Alguma coisa que eu precise saber?

Murray sacudiu a cabeça.

— Ainda não. Sinto muito.

— Está certo — respondeu Ryan, mudando logo de tática. — É alguma coisa que eu provavelmente já sei?

— Provavelmente, mas o chefe me pediu para não comentar o assunto, e não tem nada a ver com a segurança nacional. O que você queria discutir comigo? Ryan levou um segundo ou dois para responder, enquanto pensava se valeria a pena insistir. Resolveu deixar o assunto de lado. Sabia que podia confiar na palavra de Murray... quase sempre.

— Isto é assunto sigiloso — começou Jack, antes de repetir o que Mary Pat lhe contara no dia anterior.

O agente do FBI fez que sim e escutou, impassível.

— Não é propriamente novidade, Jack Nos últimos anos, estivemos investigando discretamente vários casos em que jovens americanas foram... seduzidas? É difícil encontrar a palavra certa. As pessoas que as recrutam são muito cautelosas. As moças supostamente viajam para participar de desfiles de modas, trabalhar em comerciais, coisas assim. Algumas chegaram a fazer carreira como modelos. Por outro lado, existem indicações de que outras desapareceram. Uma delas, em particular, corresponde à descrição do seu agente. Ela se chama Kimberly alguma coisa. Não me recordo do sobrenome. O pai é capitão da polícia de Seattle e o vizinho do lado trabalha no nosso escritório em Seattle. Consultamos discretamente nossos contatos com a polícia japonesa, sem nenhum sucesso.

— Em sua opinião, o que aconteceu?

— Escute, Jack, o número de pessoas que desaparecem diariamente neste país é assombroso. Muitas jovens simplesmente fazem as malas e saem de casa para levar a vida. Acontece o tempo todo. Essa Kimberly não-sei-de-quê tem vinte anos, estava indo mal na escola e simplesmente desapareceu. Não há nenhum indício de que tenha sido sequestrada, e com vinte anos já é dona do próprio nariz, certo? Não temos direito de iniciar uma investigação criminal. Está bem, o pai dela é da polícia, o vizinho trabalha no FBI, e por isso andamos fazendo algumas perguntas aqui e ali, mas não conseguimos nenhuma pista sobre o paradeiro da moça e não há mais nada que possamos fazer, a menos que existam indicações de que algum tipo de crime foi cometido, o que não é o caso.

— Quer dizer que quando uma garota de mais de dezoito anos desaparece

vocês não podem...

— Não, não podemos, a não ser que haja indícios de que um crime foi cometido. Não temos pessoal suficiente para ir atrás de todos os rapazes e moças que resolvem viver sua própria vida sem pedir licença a papai e mamãe.

— Você não respondeu à minha pergunta inicial, Dan — queixou-se Jack.

— Muitos japoneses gostam de mulheres louras e de olhos grandes. A maioria das moças desaparecidas são louras. Isso não estava claro até que uma agente nossa se lembrou de perguntar às amigas se haviam pintado recentemente o cabelo. A resposta foi afirmativa em tantos casos que passou a fazer a pergunta regularmente. Os resultados não podem ser uma simples coincidência. Sim, acho que alguma coisa pode estar acontecendo, mas não temos elementos suficientes para prosseguir — afirmou Murray. Depois de um momento, acrescentou: — Se o caso tiver implicações para a segurança nacional... bem...

— O que devo fazer? — perguntou Jack.

— Por que não pede à CIA que dê uma olhada? Ryan jamais tinha ouvido um funcionário do FBI recomendar que a CIA investigasse alguma coisa. O Bureau defendia seu território mais ferozmente do que uma ursa defende seus filhotes.

— Continue falando, Dan — pediu.

— Os japoneses têm uma grande indústria de sexo e a pornografia que mais apreciam é a americana. As mulheres que aparecem nuas nas revistas são quase todas brancas. Acontece que o país mais próximo que dispõe desse tipo de mulheres somos nós. Acreditamos que nem todas essas moças sejam apenas modelos, mas, como já disse, ainda tão temos provas suficientes para iniciar uma investigação. — Havia outro problema, que Murray não se deu ao trabalho de mencionar. Se houvesse realmente alguma atividade criminosa em andamento, não estava totalmente certo de que poderia contar com a cooperação das autoridades locais. Por outro lado, se as suspeitas fossem infundadas e o episódio chegasse ao conhecimento dos meios de comunicação, provavelmente seria denunciado como mais um exemplo de preconceito contra os japoneses. — Seja como for, parece que a CIA já tem alguns agentes operando no Japão. Entre em contato com eles. Se quiser, posso colocá-los a par de tudo que sabemos. Não é muito, mas conseguimos algumas fotografias.

— Como sabe tanta coisa?

— Através de Chuck O’Keefe, nosso agente de Seattle. Trabalhamos juntos no passado. Ele me convenceu a falar com Bill Shaw, e Bill me autorizou a fazer uma investigação discreta, mas não levou a parte alguma.

— Vou conversar sobre isso com Mary Pat.

— E o outro assunto?

— Sinto muito, amigo, mas vai ter de perguntar diretamente ao chefe.

Que droga! pensou Ryan, depois que Murray foi embora. Por que vivia cercado de segredos?

6
OLHANDO PARA DENTRO, OLHANDO PARA FORA

Não era fácil trabalhar no Japão. Uma das razões, é claro, era o problema racial. Ao contrário do que muitos pensavam, a sociedade japonesa não tinha nada de homogênea. Os habitantes originais do país, os ainus, agora viviam quase que exclusivamente em Hokkaido, a ilha mais setentrional do arquipélago. Anda chamados de aborígines, eram mantidos à margem da sociedade japonesa de uma forma explicitamente racista. O Japão também abrigava uma minoria coreana cujos antepassados tinham sido importados na virada do século como mão de obra barata, da mesma forma como os Estados Unidos tinham estimulado a imigração, tanto na costa leste como na costa oeste. Ao contrário do que acontecera na América, o Japão negava direitos de cidadania a esses imigrantes, a menos que assumissem totalmente uma identidade japonesa, o que era estranho, pois os próprios japoneses descendiam dos coreanos, fato comprovado pelos exames de DNA, mas negado com veemência pelos japoneses das classes mais favorecidas. Todos os estrangeiros eram gaijin, um termo que, como a maioria das palavras em japonês, podia ter vários sentidos. Em geral traduzido inofensivamente como “estrangeiros”, o vocábulo tinha outras conotações... como o de ”bárbaros”, pensou Chet Nomuri, com toda a censura implícita associada ao termo inventado pelos gregos. A ironia estava no fato de que, como cidadão americano, ele próprio era um gaijin, apesar de seu sangue ser cem por cento japonês. Embora se ressentisse das políticas racistas do governo americano, que tanto mal tinham feito a sua família, bastou uma semana na terra dos ancestrais para sentir saudade do sul da Califórnia, onde a vida era simples e tranquila.

Viver e “trabalhar” ali era para Chester Nomuri uma estranha experiência. Tinha sido cuidadosamente investigado e entrevistado antes de ser aceito para participar da Operação SÂNDALO. Entrara para a CIA logo depois de se formar na Universidade da Califórnia em Los Angeles, movido apenas por um vago desejo de aventura combinado com uma tradição familiar de trabalhar para o

governo, e logo descobrira, com uma certa surpresa, que adorava o que fazia. Parecia-se muito com o trabalho da polícia, e Nomuri era fã de romances e filmes policiais. Além disso, era tão interessante! Todo dia aprendia coisas novas. Era como frequentar um curso prático de história. A lição mais importante que aprendera, porém, talvez fosse a de que o bisavô tinha sido um homem de visão. Nomuri não era cego aos defeitos dos americanos, mas preferia viver ali a viver em qualquer dos países que visitara, e a esse sentimento estava associado um orgulho pelo seu trabalho, embora não soubesse exatamente qual o objetivo do que fazia. Naturalmente, todos os funcionários da CIA, até mesmo os mais graduados, compartilhavam dessa ignorância, mas Nomuri jamais chegara a aceitar totalmente o fato, mesmo depois que o alertaram na Fazenda.

Como era possível? Na certa, estavam brincando.

Ao mesmo tempo, em um paradoxo que ainda não tinha maturidade suficiente para compreender, era mais fácil ocultar sua verdadeira identidade no Japão do que nos Estados Unidos. Um bom exemplo era o metrô. Os metrôs japoneses eram tão apinhados que chegava a sentir falta de ar. Não estava preparado para um país em que os estranhos eram forçados a entrar em contato pela própria densidade populacional. Logo percebera, porém, que em consequência dessa densidade os japoneses tinham adquirido uma obsessão pela higiene pessoal e uma forma extremamente educada de se comportar com desconhecidos. As pessoas viviam se esbarrando, se esfregando, tropeçando umas nas outras; se não se comportassem daquela forma, a sociedade em que viviam se tornaria mais violenta do que a mais violenta cidade americana. Uma combinação de polidez e reserva pessoal tornava possível a convivência dos locais com as multidões, embora fosse uma coisa que ainda deixava Nomuri pouco à vontade. “O fulano precisa de espaço” era uma frase comum da UCLA. No Japão, a expressão raramente era usada, simplesmente porque não havia espaço disponível para a população em geral.

Depois havia a forma como os japoneses tratavam as mulheres. Nos vagões apinhados, os trabalhadores que viajavam sentados ou de pé liam revistas em quadrinhos, chamadas manga, que eram positivamente estranhas. Recentemente, tinha sido relançado um personagem muito popular nos anos oitenta chamado Rin-Tin-Tin. Não o cachorro bem treinado da TV americana da década de 1950, mas um cachorro com uma amante, com quem conversava e com quem mantinha... relações sexuais. Aquele tipo de história não lhe agradava, mas ali, a seu lado, viajava um executivo de meia-idade, os olhos fixos na revista, enquanto uma japonesa olhava pela janela do trem, talvez notando o que ele estava lendo, talvez não. A guerra entre os sexos no Japão certamente tinha regras diferentes daquelas a que estava acostumado, pensou Nomuri. Era melhor

não pensar no assunto.

Afinal, não tinha nada a ver com sua missão... uma ideia que, como descobriria em breve, estava totalmente errada.

Não chegou a ver o mensageiro. Ali de pé no terceiro vagão do metrô, perto da porta traseira, segurando-se em uma barra presa no teto e lendo jornal, também não sentiu a introdução do envelope no bolso do sobretudo.

Era sempre assim: o sobretudo apenas ficava um pouquinho mais pesado.

Uma vez, voltara a cabeça, mas não vira absolutamente nada. Parecia que tinha escolhido a organização certa.

Dezoito minutos mais tarde, o trem chegou ao terminal, e os passageiros emergiram como uma avalanche horizontal, espalhando-se pela ampla estação.

O executivo guardou na maleta o “romance ilustrado” e foi para o trabalho, impassível como de costume. Nomuri tomou seu próprio caminho, abotoando o sobretudo e imaginando quais seriam as novas instruções.

— O presidente sabe? Ryan sacudiu a cabeça.

— Ainda não.

— Acha que deve saber? — perguntou Mary Pat Foley.

— No momento apropriado.

— Não gosto de colocar agentes em perigo por...

— Em perigo? — repetiu Jack. — Quero apenas que ele recolha algumas informações, sem fazer nenhum contato, sem expor sua identidade. De acordo com os relatórios que li até agora, tudo que tem a fazer é investigar um pouco mais a fundo.

— Sabe o que quero dizer — observou a vice-diretora de Operações, esfregando os olhos. Tinha sido um longo dia e estava preocupada com os agentes que trabalhavam para ela.

A Operação SÂNDALO começara inocentemente, se é que uma operação de espionagem em solo estrangeiro possa ser chamada de inocente.

A operação anterior fora executada conjuntamente pelo FBI e pela CIA, com resultados lamentáveis: um cidadão americano fora preso pela polícia japonesa de posse de ferramentas de arrombamento e um passaporte diplomático, que nas circunstâncias servira mais para comprometê-lo do que para ajudá-lo. A prisão tinha sido noticiada nos jornais, mas sem destaque.

Felizmente, os meios de comunicação não tinham percebido a extensão do incidente. Havia pessoas comprando informações. Havia pessoas vendendo informações. Na maioria das vezes, eram informações com o carimbo secreto , e o resultado era prejudicial aos interesses americanos, independentemente de quais fossem.

— Ele é um bom agente? — perguntou Jack.

A expressão no rosto de Mary Pat ficou um pouco mais descontraída.

— Muito bom. O garoto tem um talento natural. No momento, está aprendendo a se integrar na comunidade, desenvolvendo um círculo de amigos que lhe permita colher as informações que desejamos. Montamos um negócio de fachada para ele. Sabe que está dando lucro? Mas tem ordens para agir com extrema cautela — insistiu a Sra. Foley.

— Estou sabendo, MP — disse Ryan, com ar cansado. Mas isto é importante...

— Eu sei, Jack. Também não gostei das informações que Murray me passou.

— Acredita nelas? — perguntou Ryan, de fato interessado.

— Acredito, sim. — Fez uma pausa. — O que acontece se a investigação confirmar nossas suspeitas? Falarei com o presidente e trataremos de repatriar todas as moças que quiserem voltar.

— Eu me recuso a expor Nomuri desta forma! — protestou a Sra. Foley.

— Calma, Mary Pat Não estou sugerindo que você exponha seu agente. Ei, eu também estou cansado, certo? Então você quer que eu mande outra equipe para fazer o trabalho, com base nas informações que Nomuri conseguir?

— A operação é sua, certo? Posso lhe dizer o que fazer, mas não como.

— Faça o que achar melhor, MP.

A recomendação valeu ao Conselheiro de Segurança Nacional um sorriso amarelo e um quase pedido de desculpas.

— Está bem, Jack. Às vezes me esqueço de que sou mais antiga do que você neste trabalho.

— Os produtos químicos podem ser aproveitados — explicou o coronel russo ao coronel americano.

— Sorte de vocês. Tudo que podemos fazer é queimar os nossos, e a fumaça é altamente tóxica.

Enquanto observavam, os técnicos estenderam uma mangueira entre o puskatel do míssil e o caminhão que transportaria o tetróxido de nitrogênio para uma fábrica de produtos químicos. Mais abaixo, outra mangueira tinha sido ligada ao míssil para introduzir um gás pressurizado no tanque de oxidante, facilitando a remoção do líquido corrosivo. O corpo do míssil terminava abruptamente. Os americanos podiam ver o lugar onde estivera montada a ogiva nuclear. Agora ela se encontrava em outro caminhão, precedido por um par de carros de combate BTR-70 e seguido por outros três, a caminho do lugar onde seria desarmada para que seus componentes pudessem ser retirados. Os Estados

Unidos estavam comprando o plutônio.

O trítio ficaria na Rússia; tudo indicava que seria vendido clandestinamente para a indústria de mostradores de relógios e painéis de instrumentos. O trítio tinha um valor de mercado de cerca de cinquenta mil dólares o grama e renderia um bom dinheiro para todos os envolvidos. Talvez fosse por isso, pensou o americano, que os colegas russos estavam trabalhando com tanta disposição.

Aquele era o primeiro silo de SS-19 do 53Q Regimento de Foguetes Estratégicos a ser desativado. Era ao mesmo tempo parecido e diferente dos silos americanos que estavam sendo desativados sob supervisão dos russos.

Ambos consistiam em uma grande massa de concreto reforçado, mas o silo russo ficava no meio de uma floresta, enquanto os americanos estavam todos em campo aberto, refletindo diferentes ideias a respeito de segurança.

O clima era semelhante. Mais ventoso em Dakota do Norte, por causa dos espaços abertos. A temperatura média era um pouco menor na Rússia, o que compensava o efeito do vento. Finalmente, a válvula foi fechada, a mangueira removida e o caminhão se afastou.

— Importa-se se eu olhar? — perguntou o coronel da Força Aérea dos Estados Unidos.

— Vá em frente.

O coronel russo das Forças de Foguetes Estratégicos apontou para o buraco vazio. Chegou a oferecer uma lanterna ao colega americano. Então foi a sua vez de sorrir.

Seu filho da puta!, teve vontade de exclamar o coronel Andrew Malcolm.

Havia uma poça de água fria no fundo do puskatel. Os órgãos de informações mais uma vez estavam errados. Quem teria imaginado?

— Serviço de apoio? — perguntou Ding.

— Talvez não passe de uma viagem de turismo para vocês dois — afirmou a Sra. Foley, quase acreditando nas próprias palavras.

— Qual será exatamente a nossa missão? — perguntou John Clark, ansioso para ir direto ao assunto.

Afinal, era por sua culpa que ele e Ding tinham se tornado a melhor dupla de agentes da CIA. Olhou para Chávez. O garoto percorrera um longo caminho em cinco anos. Conseguira um diploma universitário e estava prestes a terminar o curso de mestrado em nada menos do que relações internacionais. Se os professores soubessem qual era o trabalho de Ding, provavelmente arrancariam os cabelos; a ideia que faziam de relações internacionais certamente não envolvia foder outras nações... uma piada que Domingo Chávez inventara nas planícies poeirentas da África, depois de ler um livro de história como dever de

casa. Precisava aprender a esconder suas emoções. Chávez ainda conservava alguma coisa do ambiente violento onde crescera, embora Clark imaginasse até que ponto aquilo seria autêntico. Em ambientes de trabalho como aquele, as pessoas precisavam de uma "reputação". John tinha a sua. As pessoas falavam sobre ele em sussurros, pensando, estupidamente, que os apelidos e boatos jamais chegavam ao seu conhecimento. Ding queria estabelecer uma reputação, também. Isso era normal.

— Tem fotografias? — perguntou Chávez, calmamente.

A Sra. Foley passou-lhe seis fotos. Ding examinou-as uma a uma antes de entregá-las ao parceiro mais velho. Parecia incapaz de esconder seu desagrado.

— O que devemos fazer se Nomuri localizar a garota? — perguntou.

— Vocês dois devem procurá-la e perguntar se está interessada em uma passagem de volta para casa — respondeu a Sra. Foley, sem acrescentar que a moça seria exaustivamente interrogada; a CIA não dava nada de graça.

— Qual vai ser nosso disfarce? — quis saber John.

— Ainda não decidimos. Antes de viajar, precisam estudar a língua.

— Em Monterey? — perguntou Chávez com um sorriso, porque era sua cidade preferida, especialmente naquela época do ano.

— Duas semanas. Imersão total. Voam para lá esta noite. O professor de vocês será um sujeito chamado Lyalin, Oleg Yurievich. Foi major da KGB. Comandou um grupo de espionagem chamado CARDO. Foi ele que conseguiu as informações que você e John usaram para colocar a escuta a bordo daquele avião...

— Ah! — exclamou Chávez. — Se não fosse ele...

A Sra. Foley fez que sim, satisfeita com o fato de Ding haver estabelecido a ligação em um piscar de olhos.

— Isso mesmo. Lyalin mora em uma bela casa à beira-mar. Revelou-se um excelente professor de línguas, talvez por ser forçado a aprender algumas delas em tempo recorde. — Tinha sido um ótimo negócio para a CIA.

Depois de passar para o lado dos americanos, o major da KGB fora contratado oficialmente para a Escola de Línguas das Forças Armadas, onde seu salário era pago pelo Departamento de Defesa.

— Quando estiverem em condições de usar a língua local para pedir o almoço e descobrir onde fica o banheiro, já teremos arranjado um disfarce para vocês.

Clark sorriu e se pôs de pé, compreendendo que estava na hora de retirar-se.

— De volta ao trabalho, então.

— Tudo para defender a América — observou Ding, com um sorriso,

deixando as fotografias na mesa da Sra. Foley, certo de que falar em defender o país era apenas uma metáfora.

Clark ouviu o comentário e também o interpretou como piada, até se lembrar de alguns fatos que apagaram o sorriso do seu rosto.

A culpa não era deles, mas da situação. Com quatro vezes a população dos Estados Unidos e apenas um terço do espaço vital, tinham de fazer alguma coisa. A população precisava de empregos, de produtos, da oportunidade de usufruir os bens de consumo que o restante do mundo apreciava. Os habitantes viam esses artigos nos aparelhos de TV, que pareciam estar presentes em toda parte, mesmo nos lugares onde não havia empregos; depois de vê-los, exigiam uma oportunidade de adquiri-los. Era só isso. É impossível dizer "não" a novecentos milhões de pessoas.

Especialmente se você é uma delas, pensou o vice-almirante V. K. Chandraskatta, sentado em uma poltrona de couro na ponte de comando do porta-aviões Viraat. Sua obrigação, expressa no juramento militar, era obedecer às ordens do governo, porém, mais do que isso, sentia-se responsável perante o povo. Bastava olhar em volta para compreender isso: oficiais e praças, especialmente os últimos, os melhores que o país conseguira reunir. Eram na maioria sinaleiros e ordenanças que haviam trocado a vida que possuíam no subcontinente pela vida do mar, e procuravam desempenhar suas tarefas o melhor possível, porque, por mais baixo que fosse o soldo, era preferível aos riscos de um mercado de trabalho em que a taxa de desemprego oscilava entre 20% e 25%. Para se tornar autossuficiente em matéria de comida, o país levara... quanto tempo? Vinte e cinco anos.

Mesmo para isso, fora preciso recorrer à caridade; o aumento da produção fora resultado da aplicação dos métodos agrícolas ocidentais, cujo sucesso ainda incomodava muitos indianos. A caridade, mesmo que bem-sucedida, era uma humilhação para o espírito nacional.

E agora, o que fazer? A economia do país estava voltando a crescer, finalmente, mas logo esbarraria em limites aparentemente intransponíveis.

A Índia necessitava de novos recursos, mas acima de tudo precisava de espaço e não tinha para onde se expandir. Ao norte ficava a maior cadeia de montanhas do planeta. A leste estava Bangladesh, um país com mais problemas do que a própria Índia. A oeste, o Paquistão, também superpovoado e um antigo inimigo religioso; qualquer conflito com esse país poderia resultar na interrupção do suprimento de petróleo aos estados muçulmanos do golfo Pérsico.

Estavam em uma situação difícil, pensou o almirante, pegando o binóculo e inspecionando a frota porque não tinha mais nada para fazer no momento. Se

não tomassem nenhuma atitude, o máximo que poderiam esperar era algo um pouco melhor do que a estagnação. Se adotassem uma política de expansão territorial... mas a “nova ordem mundial” impedia-os de fazê-lo. A Índia estava sendo barrada da corrida pela grandeza pelas mesmas nações que tinham disputado essa corrida no passado e não queriam novos concorrentes.

A prova disso estava diante dos seus olhos. A Marinha da Índia era uma das maiores do mundo, guarnecida, tripulada e treinada por um custo exorbitante, navegando em um dos sete oceanos do planeta, o único a merecer o nome de um país, e mesmo assim se via em segundo lugar, sobrepujada por uma pequena parcela da Marinha dos Estados Unidos.

Isso era uma humilhação maior ainda. Os Estados Unidos tinham a ousadia de dizer à Índia o que podia e o que não podia fazer. Os Estados Unidos, com uma história de... quantos anos? Pouco mais de duzentos. Novatos. Por acaso haviam lutado contra Alexandre da Macedônia ou o grande Gêngis Khan? O objetivo original das viagens de “descobrimento” dos europeus tinha sido chegar à Índia, e aquela terra encontrada por acaso agora se atrevia a negar à pátria do almirante seu destino de grandeza. Era muita coisa para esconder atrás de uma máscara de profissionalismo, enquanto os subordinados corriam de um lado para outro, atarefados.

— Contato no radar, direção um-três-cinco, distância duzentos quilômetros — anunciou uma voz no alto-falante. — Vem em nossa direção, com uma velocidade de quinhentos nós.

O almirante voltou-se para o oficial de operações da frota e fez que sim com a cabeça. O comandante Mehta disse algumas palavras ao microfone.

Nenhuma rota aérea comercial passava por ali. Pela hora, sabia exatamente do que se tratava. Quatro caças americanos F-l 8E Hornet, lançados por um dos porta-aviões americanos a sudeste. Apareciam todo dia, de manhã e de tarde, e às vezes também no meio da noite, para mostrar que podiam fazer isso a qualquer hora, para mostrar que os americanos sabiam onde eles se encontravam e lembrar que eles não sabiam, não podiam saber onde os americanos estavam.

Pouco depois, ouviu o ruído dos motores de dois Harrier sendo ligados.

Aeronaves sofisticadas, dispendiosas, mas que não eram páreo para os caças americanos. Despacharia quatro, dois do Viraat e dois do Vikrant, para interceptar os quatro, provavelmente quatro, Hornet americanos; os pilotos acenariam, em uma demonstração de bom humor, mas seria uma mentira recíproca.

— Poderíamos ativar nossos sistemas de mísseis antiaéreos para mostrar que estamos cansados deste jogo — sugeriu o comandante Mehta.

O almirante sacudiu a cabeça.

— Não. Eles pouco sabem a respeito dos nossos mísseis e é melhor que as coisas continuem assim. — A frequência, largura de pulso e taxa de repetição dos radares indianos eram informações sigilosas, que os serviços de espionagem americanos provavelmente ainda não tinham se dado ao trabalho de descobrir. Em consequência, os americanos talvez não conseguissem interferir nos sistemas de mísseis antiaéreos. Isso não os impediria de tentar, mas não estariam seguros dos resultados, e a incerteza os deixaria preocupados. Não representava muita coisa, mas era melhor do que nada. O almirante bebeu um gole de chá, procurando manter-se imperturbável. — Não, vamos mostrar que sabemos que estão chegando, recebê-los amistosamente e permitir que se vão sem serem incomodados.

Mehta fez que sim e retirou-se sem dizer uma palavra para expressar a irritação que sentia. Não era para menos. Como oficial de operações da frota, tinha obrigação de formular um plano para derrotar a esquadra americana, caso as coisas se encaminhassem para um confronto direto. O fato de que essa tarefa era praticamente impossível não diminuía a responsabilidade de Mehta. Não era de admirar que estivesse cada vez mais nervoso. Chandraskatta pousou a xícara para apreciar a decolagem vertical dos Harrier.

— Como estão se comportando os pilotos? — perguntou ao oficial de operações aéreas.

— Sentem-se um pouco frustrados, mas continuam apresentando um desempenho impecável.

A resposta tinha sido dada com orgulho, como não podia deixar de ser.

Os pilotos eram excelentes. O almirante, de vez em quando, jantava com eles e apreciava a maneira digna como se portavam. Não havia no mundo inteiro melhores profissionais. Mais ainda: estavam ansiosos para demonstrar sua capacidade. Entretanto, a Marinha da Índia dispunha apenas de quarenta e três caças Harrier FRS 51. Os trinta que participavam da operação a bordo do Viraat e do Vikrant não eram suficientes para fazer frente às aeronaves que guarneciam um único porta-aviões americano, nem em termos de números nem de desempenho. Tudo porque eles tinham entrado primeiro na corrida, vencido e dado as inscrições como encerradas, pensou Chandraskatta, escutando a conversa dos pilotos em um canal público. Simplesmente não era justo.

— O que você queria me contar? — perguntou Jack.

— Que foi tudo uma farsa — respondeu Robby. — Aqueles pássaros precisam de manutenção regular. Sabe de uma coisa? Há mais de dois anos que eles não faziam nenhuma manutenção. Andy Malcolm falou comigo esta noite, via satélite. Ele me contou que havia água no fundo do silo que foi esvaziado.

— E daí?

— Sempre me esqueço de que você não é do ramo — desculpou-se Robby com um sorriso angelical, ou melhor, como o sorriso de um lobo em pele de cordeiro. — Quando a gente faz um buraco no chão, mais cedo ou mais tarde ele se enche de água, certo? Se você não quer que isso aconteça, tem de bombear a água para fora. A presença de água no fundo do silo significa que há muito tempo não usavam as bombas. Significa que os mísseis estavam sujeitos à umidade, à corrosão.

Jack compreendeu aonde o outro estava querendo chegar.

— Quer dizer que os pássaros...

— Provavelmente não conseguiriam nem levantar voo. A corrosão é assim mesmo. Provavelmente tinham sido dados como perdidos, porque é quase impossível consertá-los depois que se estragam. Seja como for — concluiu Jackson, jogando uma pasta fina na mesa de Ryan —, essa foi a conclusão do J-3.

— E o J-2, o que acha? — quis saber Jack, referindo-se à diretoria de informações do Estado-Maior Conjunto.

— Eles pensavam diferente, mas espero que mudem de ideia agora que os silos estão sendo desocupados. O que eu acho? — O almirante Jackson deu de ombros. — Acho que se o primeiro estava nessas condições e Ivan não tentou esconder isso de nós, vamos encontrar a mesma coisa em toda parte. Eles simplesmente não estão mais se importando.

As informações podem vir de muitas fontes, e “operadores” como Jackson eram frequentemente a melhor de todas as fontes. Ao contrário dos oficiais de informações, cuja tarefa era avaliar a capacidade do inimigo, quase sempre de forma teórica, Jackson era um homem cujo interesse pelas armas estava em fazê-las funcionar, e aprendera por experiência própria que usá-las era muito mais difícil do que olhar para elas.

— Lembra-se do tempo em que os considerávamos um bicho-papão?

— Eu nunca pensei assim, mas um débil mental com uma pistola na mão pode estragar seu dia — observou Robby. — Quanto dinheiro eles arrancaram de nós?

— Cinco giga.

— Excelente negócio para fazer com o dinheiro público. Pagamos aos russos cinco bilhões de dólares para “desativar” mísseis que jamais sairiam dos silos, a não ser que primeiro eles detonassem as ogivas nucleares. Uma pechincha, Dr. Ryan.

— Eles precisam do dinheiro, Rob.

— Eu também, meu amigo. Cara, estou raspando o fundo do cofre para

conseguir combustível suficiente para manter nossos caças no ar!

Nem todos compreendiam que os tanques e navios das forças armadas dependiam de um orçamento. Embora os diferentes comandantes não sacassem exatamente de uma conta bancária, todos lançavam mão de um suprimento de materiais de consumo — combustíveis, munições, peças de reposição, até mesmo comida no caso de navios de guerra — que tinham que durar o ano inteiro. Não era incomum que um navio ficasse parado no porto durante as últimas semanas do ano fiscal porque não havia mais recursos para mantê-lo operando. Quando isso acontecia, um trabalho deixava de ser feito, uma tripulação deixava de ser treinada. De todos os órgãos federais, o Pentágono era o único que todos esperavam que sobrevivesse com um orçamento fixo, frequentemente inferior às necessidades reais do serviço.

— Até que ponto você acha que podemos continuar cortando as despesas?

— Vou falar com ele, Rob, está bem? O presidente da Comissão de Orçamento...

— Aqui entre nós, o presidente da Comissão de Orçamento pensa que operações são coisas que os médicos fazem nos hospitais. E se contar a ele que eu disse isso, pode dar adeus às aulas de golfe.

— Não vale a pena gastar um pouco para ver os russos fora do jogo? — perguntou Jack, tentando acalmar o amigo.

— Perdemos mais do que isso em cortes. Caso ainda não tenha percebido, minha Marinha está operando com quarenta por cento a menos do número total de navios. E o oceano não diminuiu de tamanho, certo? O Exército pode estar em melhor situação, reconheço, mas a Força Aérea não está, e os Fuzileiros, que são a nossa arma principal no caso de conflitos localizados, estão tirando leite de pedra.

— Está se queixando à pessoa errada, Rob.

— A coisa não fica por aí, Jack. Também estamos sobrecarregando nossos homens. Quanto menor o número de navios, mais tempo eles têm de passar fora do porto. Quando mais tempo passam fora, maiores as despesas de manutenção. É como nos dias negros do final dos anos setenta. Estamos começando a perder pessoal. É difícil convencer um homem a passar tanto tempo longe da mulher e dos filhos. Quando você perde os mais capazes, as despesas de treinamento tendem a subir. Por mais que se esforce, você começa a perder eficiência de combate — concluiu Robby, falando agora como almirante.

— Escute, Rob, eu disse praticamente a mesma coisa do outro lado do prédio, não faz muito tempo. Estou fazendo o que posso — declarou Jack, falando agora como funcionário graduado do governo.

Nesse momento, os amigos olharam um para o outro.

— Estamos ficando velhos.

Aconteceu muita coisa desde o tempo em que éramos professores da Escola Naval — admitiu Ryan. Sua voz reduziu-se a um sussurro. — Eu ensinava história e você rezava a Deus todas as noites que curasse sua perna.

— Devia ter feito mais do que isso. Estou com artrose no joelho — disse Robby. — Tenho um exame médico daqui a nove meses. Sabe o que isso significa?

— Vai ser cortado?

— Definitivamente — confirmou Jackson, impassível.

Ryan sabia o que isso significava. Para um homem que vinha pilotando jatos da Marinha havia mais de vinte anos, era sinal de que a idade finalmente o pegara. Não estava mais em condições de jogar com os garotos.

Podia explicar o cabelo grisalho como uma predisposição genética, mas ser cortado da lista de pilotos ativos significava guardar o traje de voo no armário, pendurar o capacete e reconhecer que não era mais capaz de fazer a única coisa pela qual se interessara desde os dez anos de idade e na qual se destacara durante quase toda a vida adulta. O mais irônico seria se recordar das coisas que dissera a respeito dos pilotos mais velhos quando era tenente, dos risinhos disfarçados, dos olhares que trocara com os colegas, nenhum dos quais esperara se ver na mesma situação.

— Rob, muitos caras competentes nunca tiveram chance de se candidatar ao comando de um esquadrão. Eles passam para a reserva com vinte anos de serviço, no posto de comandante, e acabam pilotando um cargueiro noturno da Federal Express.

— E ganhando um bom dinheiro.

— Já escolheu o caixão? — perguntou Jack, tentando quebrar o gelo.

Jackson levantou os olhos e sorriu.

— Merda. Se não estou mais em condições de dançar, pelo menos posso ficar olhando. Estou lhe dizendo, amigo, que se quer que a gente execute todas essas brilhantes operações que planejamos no meu escritório, vamos precisar de ajuda do outro lado do rio. Mike Dubro está fazendo um grande trabalho com os recursos de que dispõe, mas tudo tem seus limites, entende?

— Almirante, eu lhe prometo uma coisa: quando for nomeado para comandar um grupo de combate, terá um grupo de combate para comandar.

Podia não ser grande coisa, mas os dois sabiam que era o melhor que Ryan podia oferecer.

Ela era a quinta. O mais estranho era... que droga, pensou Murray no seu escritório, a seis quarteirões da Casa Branca, havia muita coisa estranha no caso.

O rumo que a investigação estava tomando o deixava muito preocupado. Ele e sua equipe tinham interrogado várias mulheres que admitiram ter ido para a cama com Ed Kealty, algumas timidamente, outras sem nenhuma emoção visível, outras com orgulho e humor, mas havia cinco para quem o ato não tinha sido totalmente voluntário. No caso daquela mulher, a última, as drogas constituíam um fator adicional, e ela se sentia envergonhada, como se tivesse sido a única a cair na armadilha.

— O que acha? — perguntou Bill Shaw, depois do que tinha sido também para ele um dia cansativo.

— O caso é firme. Temos agora cinco vítimas conhecidas, quatro das quais ainda vivem. Dois casos seriam reconhecidos como estupro em qualquer tribunal. Isso sem falar de Lisa Beringer. Os outros dois envolvem o uso de drogas em uma propriedade do governo federal. Esses dois são praticamente iguais. As vítimas mencionam o mesmo rótulo na garrafa de conhaque, os mesmos efeitos, tudo.

— São boas testemunhas? — quis saber o Diretor do FBI.

— Tão boas quanto se pode esperar neste tipo de caso. Acho que está na hora de irmos em frente — acrescentou Murray.

Shaw concordou com a cabeça. Era impossível manter em segredo por muito tempo uma investigação como aquela. Algumas das pessoas interrogadas conheciam bem o acusado, e por mais cuidado que tomassem ao formular as perguntas, não precisariam de muita imaginação para adivinhar aonde queriam chegar, especialmente se já suspeitassem de que algo semelhante estava ocorrendo. Essas não testemunhas se encarregariam de alertá-lo, fosse por acreditarem na sua inocência, fosse na esperança de conseguir alguma vantagem pessoal. Criminoso ou não, o vice-presidente era um homem de considerável poder político, capaz de recompensar generosamente aqueles que o apoiavam. Em outros tempos, o FBI provavelmente não teria conseguido chegar onde chegara. Depois de uma advertência discreta do presidente, ou talvez do secretário de Justiça, os próprios agentes procurariam as vítimas e lhes ofereceriam algum tipo de reparação. A único motivo pelo qual a investigação chegara tão longe era que o FBI contava com a permissão do presidente, o aval do S.J. e estava trabalhando em um clima jurídico e moral muito diferente.

— Assim que você falar com o presidente da Comissão...

— Sim, acho que devemos convocar a imprensa e tentar fornecer as provas de que dispomos de forma organizada — concordou Murray.

Naturalmente, isso seria muito difícil. Assim que revelassem os resultados da investigação aos políticos — no caso o presidente e o representante da minoria na Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados — o caso logo

chegaria aos meios de comunicação. A única margem de manobra de que Murray e sua equipe dispunham era quanto à hora do dia em que fariam a comunicação. Se ela fosse feita no final do expediente, os jornais não teriam tempo de divulgá-la na manhã seguinte, para frustração dos editores do Washington Post e do New York Times. O FBI tinha de respeitar as regras do jogo. Não podia fazer nenhuma declaração impensada, pois se tratava de um processo criminal e os direitos do acusado tinham que ser protegidos com o mesmo rigor — com maior rigor, na verdade — que os direitos das vítimas, para que não pairassem dúvidas quanto à lisura do julgamento.

Vamos receber a imprensa aqui mesmo, Dan — afirmou Shaw, decidindo-se. — Pedirei ao S.J. que telefone e marque a entrevista coletiva.

— Talvez isso os faça manter a notícia de molho por algum tempo. O que foi exatamente que o presidente disse outro dia? Ele é um sujeito correto — declarou o vice-diretor assistente. — As palavras foram: "Um crime é um crime." O presidente também dissera para lidar com o caso da forma mais discreta possível, mas isso era compreensível.

— Muito bem. Vou mantê-lo pessoalmente a par das investigações.

Nomuri foi direto para o trabalho, como de costume. Naquela noite, passaria algumas horas na casa de banho com os amigos; seu trabalho era provavelmente o mais limpo da CIA. Era também a forma mais fácil de conseguir informações que jamais descobrira, cuja eficácia aumentava fazendo-se acompanhar de uma grande garrafa de saque que agora se equilibrava, parcialmente vazia, na borda da tina de madeira.

— Preferia que você não tivesse me falado da americana — declarou Nomuri, de olhos fechados, sentado no canto de costume e deixando que o calor da água envolvesse seu corpo. A temperatura de quarenta e dois graus era suficiente para provocar uma queda na pressão arterial, que, combinada com os efeitos do álcool, produzia uma sensação de euforia.

Muitos japoneses apresentavam uma anormalidade genética chamada no Ocidente de "rubor oriental" ou, de uma forma mais politicamente correta, "embriaguez patológica". Tratava-se na verdade de uma deficiência enzimática em consequência da qual pequenas quantidades de álcool podiam produzir efeitos consideráveis. Felizmente, nenhum membro da família de Nomuri apresentava aquele tipo de problema.

Por quê? — perguntou Kazuo Taoka, do lado oposto.

— Porque agora não consigo tirar a gaijin da cabeça! — respondeu Nomuri, em tom bem-humorado.

Um dos efeitos da casa de banho era que estimulava a camaradagem.

O homem ao lado passou a mão na cabeça do agente da CIA e começou a rir, no que foi imitado pelo restante do grupo.

— Ah, e agora quer conhecer mais detalhes, não é? — Nomuri não precisou responder. Todos se inclinaram para a frente. — Sabe de uma coisa? Você estava certo. Elas têm pés grandes demais. Os seios, também. Mas os modos... bem, isso pode ser corrigido facilmente.

— Por que não vai direto ao que interessa? — interrompeu outro membro do grupo, fingindo irritação.

— Você me dá licença para fazer um pouco de suspense? — retorquiu o narrador, provocando risadas gerais. — Sim, é verdade que os seios das americanas são grandes demais, mas todos nós precisamos fazer sacrifícios na vida, e para dizer a verdade, já vi deformidades piores...

Ele é um bom contador de histórias, pensou Nomuri. Momentos depois, ouviu o barulho de uma rolha sendo arrancada, quando outro homem se dispôs a encher os cálices. As bebidas alcoólicas eram proibidas nas casas de banho, por razões de saúde, mas a lei era ignorada com frequência, coisa rara naquele país. Nomuri estendeu a mão para o cálice, com os olhos ainda fechados, deixando bem claro para todos que estava dando asas à imaginação, enquanto as palavras do narrador atravessavam a superfície fumegante.

A descrição tornou-se mais específica, e ele constatou que combinava perfeitamente com a fotografia e outros detalhes que lhe haviam passado durante a viagem matinal de metrô. As provas ainda não eram concludentes.

Milhares de moças poderiam corresponder à descrição, e Nomuri não estava particularmente revoltado com o que ocorrera. De uma forma ou de outra, a jovem era responsável pelo próprio destino. Entretanto, não deixava de ser uma cidadã americana, e ele faria o possível para ajudá-la. Parecia um desvio irrelevante de sua missão naquele país, mas pelo menos o levara a fazer uma pergunta que aumentaria ainda mais sua integração naquele grupo. Em consequência, teria mais facilidade ainda para extrair informações do grupo no futuro.

— Não temos escolha — disse um homem em outra casa de banho, não muito longe da primeira. — Precisamos da ajuda de vocês.

Não era totalmente inesperado, pensaram os outros cinco homens. Era apenas uma questão de saber quem chegaria primeiro ao fundo do poço.

O destino fizera com que fossem aquele homem e sua empresa. Isso não diminuía sua tragédia pessoal ao se ver forçado a pedir ajuda; os outros podiam perceber que estava sofrendo, apesar de tentar manter uma máscara de impassibilidade. Além de piedade, os homens que o escutavam sentiram outra emoção: medo. Agora que acontecera uma vez, seria muito mais fácil acontecer

de novo. Quem seria o próximo? Em geral, não havia uma forma mais segura de investimento do que bens imóveis, propriedades tangíveis, algo que o dono podia tocar e sentir, onde se podia construir, que os outros podiam ver e medir. Embora o Japão estivesse aumentando ligeiramente seu território através de aterros, para construir aeroportos, por exemplo, a regra ali era, como em qualquer outra parte do mundo: fazia sentido comprar terras porque a quantidade de terra disponível era limitada e porque, a longo prazo, o preço dos imóveis tendia a pelo menos acompanhar a inflação.

No Japão, porém, a situação fora distorcida por algumas peculiaridades. A política de uso da terra era caracterizada por um poder excessivo dos pequenos proprietários. Nas grandes cidades, muitos residentes dos subúrbios cultivavam legumes e verduras nos quintais. Além de pequeno — uma população equivalente à metade da população dos Estados Unidos vivia em uma área do tamanho da Califórnia —, o país não dispunha de muitas terras aráveis, e como as terras aráveis também tendiam a ser as terras que as pessoas preferiam para morar, a grande maioria da população estava concentrada nas cidades, onde o preço dos terrenos tornara-se ainda maior. O resultado da combinação de todos esses fatores aparentemente inócuos era que o valor comercial da terra ocupada apenas pela cidade de Tóquio era maior do que o de toda a terra ocupada pelos quarenta e oito estados contíguos dos Estados Unidos. E, o mais interessante, essa ficção absurda era aceita por todos como se fizesse algum sentido, quando na realidade se mostrava tão artificial quanto a mania de tulipas holandesas do século XVII.

Entretanto, como no caso da América, o que era uma economia nacional, afinal, senão uma crença coletiva? Ou assim todos haviam pensado durante uma geração. Os japoneses eram um povo frugal, que economizava boa parte da renda familiar. Essa renda era depositada nos bancos em quantidades tão grandes, que havia muito dinheiro disponível para empréstimos e portanto os juros desses empréstimos eram relativamente pequenos, o que permitia que as empresas comprassem terras e construíssem fábricas, apesar dos preços elevados. Como no caso de qualquer crescimento artificial, o processo tinha implicações perigosas. O valor inflacionado das terras era usado como garantia para outros empréstimos e para a compra de ações no mercado futuro, e assim homens de negócios supostamente inteligentes e progressistas haviam construído um elaborado castelo de cartas com base na crença de que a área metropolitana de Tóquio tinha mais valor do que toda a terra dos Estados Unidos entre Bangor e San Diego. (Os japoneses também ficaram com a impressão de que as terras americanas, que, afinal, eram muito parecidas com as japonesas, tinham que valer mais do que os americanos estavam pedindo por elas.) No início da década

de 1990, a situação começou a mudar. A bolsa de valores japonesa entrou em queda, e alguns investidores tentaram vender as terras que possuíam para cobrir os prejuízos.

Foi então que descobriram, surpresos, que ninguém estava disposto a pagar o valor de mercado pelas propriedades; embora todos na teoria aceitassem esse valor, pagá-lo em dinheiro vivo era, bem, não muito realista. O resultado foi que a carta que sustentava todo o castelo tinha sido discretamente removida da base da estrutura, e estava faltando apenas uma leve brisa para que toda a construção desabasse, uma possibilidade teimosamente ignorada nas discussões dos executivos.

Até agora.

Os homens reunidos na banheira eram velhos amigos e parceiros de negócios; na notícia comunicada com tanta dignidade por Kozo Matsuda de que sua empresa estava encontrando dificuldades para honrar os compromissos, vislumbraram o desastre coletivo em um horizonte que parecia subitamente muito mais próximo do que pensavam fazia apenas duas horas. Os banqueiros presentes podiam oferecer empréstimos, mas esses afetariam adversamente a lucratividade de suas operações, fazendo cair ainda mais os preços das ações. Sim, podiam salvar o amigo da falência, que, na sociedade em que viviam, seria acompanhada por um estigma pessoal que o removeria para sempre do seu convívio. Se não o fizessem, ele teria que colocar discretamente à venda alguns edifícios de escritórios, rezando para que alguém se dispusesse a adquiri-los por uma soma não muito inferior ao valor de mercado. Entretanto, sabiam que era pouco provável que o amigo fosse bem-sucedido, pois eles próprios jamais comprariam os imóveis por aqueles preços inflacionados. E se todos viessem a saber que o “valor de mercado” era tão fictício quanto as obras de Júlio Verne, eles também sairiam prejudicados. Os banqueiros teriam de admitir que a garantia dos empréstimos, e portanto a garantia do dinheiro dos investidores, também era uma ficção vazia. A quantidade de dinheiro envolvida era tão grande que só podia ser entendida como um número abstrato, número esse que podia desaparecer de um momento para outro, como num passe de mágica. Por todos esses motivos, fariam o que tinha de ser feito. Ajudariam Matsuda, recebendo compensações em troca, é claro, mas emprestando o dinheiro de que necessitava para salvar a empresa.

O problema era que poderiam fazer isso uma vez, provavelmente duas e talvez até mesmo três vezes, mas em breve todos estariam na mesma situação, e não haveria ninguém para socorrê-los. Os seis homens baixaram os olhos, envergonhados, porque a sociedade em que viviam não admitia facilmente que seus membros compartilhassem a emoção do medo, e medo era o que todos

estavam sentindo naquele momento. Em última análise, eram todos responsáveis pela situação. Governavam as empresas com mão de ferro, e a esse controle estavam associados uma vida luxuosa, um imenso poder pessoal e, naturalmente, uma responsabilidade total. Todas as decisões tinham sido tomadas por eles, afinal, e se essas decisões tinham sido errôneas, eram eles os responsáveis, em uma sociedade na qual o fracasso podia ser tão penoso quanto a morte.

— Yamata-san está certo — comentou um dos banqueiros, sem levantar a voz. — Eu é que estava errado.

Admirados com sua coragem, os outros concordaram em uníssono: — Hai.

Outro banqueiro acrescentou: — Acho que está na hora de nos aconselharmos com ele.

A fábrica estava trabalhando em dois turnos e mal conseguia dar conta das encomendas. Situada nas colinas de Kentucky, a construção ocupava quase cinquenta hectares e era cercada por um estacionamento para os operários e outro para os produtos, um pátio de manobras para os caminhões de entrega e outro para os trens de carga.

A vedete entre os carros recém-lançados nos Estados Unidos e no Japão, o Cresta, recebera o nome de uma pista de tobogã de St. Moritz, na Suíça, onde um executivo da indústria automobilística japonesa, depois de se exceder um pouco na bebida, resolvera arriscar a sorte em uma das rampas apenas para perder o controle em uma curva traiçoeira, transformando-se em um objeto balístico e deslocando o quadril no processo. Para homenagear a pista que lhe proporcionara uma lição de humildade, decidira, ainda no hospital, cultuar sua experiência em um novo carro, que na época ainda não passava de uma série de desenhos e especificações.

Como quase todos os produtos da indústria automobilística japonesa o Cresta era uma obra-prima de engenharia. Vendido a preços populares, era um veículo de tração dianteira com um moderno e econômico motor de quatro cilindros e dezesseis válvulas capaz de transportar com todo o conforto dois adultos no banco da frente e duas ou três crianças no banco traseiro. Tornara-se quase ao mesmo tempo o Carro do Ano da revista Motor Trena e a salvação de um fabricante japonês que havia três anos vinha amargando uma queda nas vendas em consequência dos esforços de Detroit para recuperar o mercado americano. O carro mais popular entre os casais jovens com filhos vinha ”carregado” de opcionais e era fabricado nos dois lados do Pacífico para atender a uma demanda mundial.

Aquela fábrica, localizada a cinquenta quilômetros de Lexington, Kentucky, era extremamente moderna sob todos os aspectos. Os empregados

recebiam os mesmos salários que os sindicalizados sem precisar entrar para a United Automobile Workers, UAW; nas duas tentativas de criar um sindicato local, supervisionadas pela Junta Nacional de Relações Trabalhistas, a poderosa organização não conseguira mais do que 40% dos votos e fora embora de mãos abanando, queixando-se da estupidez dos operários.

Como em qualquer indústria moderna, havia um quê de magia no processo. Autopeças entravam por um lado do prédio e carros prontos saíam pelo outro. Alguns componentes eram fabricados nos Estados Unidos, embora não tantos quanto o governo gostaria. Na verdade, o gerente da fábrica teria preferido trabalhar com mais peças americanas, especialmente no inverno, quando as tempestades do Pacífico podiam atrasar a entrega de componentes (um atraso de apenas um dia na chegada de um navio representava uma queda considerável dos estoques, pois a fábrica operava com estoques mínimos) e a demanda dos Cresta era maior do que a capacidade de produção. A maioria das peças chegava em containers, em portos localizados nas duas costas dos Estados Unidos; elas eram transportadas de trem até a fábrica, onde eram separadas por tipo e guardadas em depósitos próximos à linha de montagem. Boa parte do trabalho era realizada por robôs, mas não havia substituto para as mãos habilidosas de um operário com dois olhos e um cérebro, e na verdade as funções automatizadas eram quase sempre operações que os empregados não gostavam de executar. O baixo preço do Cresta devia-se em grande parte à eficiência da fábrica e ao horário rigoroso, com muitas horas-extras, a que se submetiam os operários, que, dispondo pela primeira vez naquela região de empregos realmente bem pagos, se dedicavam ao trabalho com tanta diligência quanto os colegas japoneses e, como reconheciam os supervisores japoneses tanto para si próprios como nos relatórios internos da empresa, com muito mais criatividade. Apenas naquele ano, uma dúzia de inovações importantes sugeridas pelos operários daquela linha de montagem tinham sido adotadas de imediato em fábricas semelhantes situadas a dez mil quilômetros de distância. Os supervisores estavam gostando da experiência de morar nos Estados Unidos. O preço das casas e o tamanho do terreno que vinha com elas tinha sido uma agradável surpresa, e depois de superarem o desconforto inicial de se encontrarem em um país estrangeiro, todos se renderam à hospitalidade local, juntando-se aos advogados nos clubes de golfe, parando no McDonald’s para comer um hambúrguer, vendo os filhos jogar bola com os garotos da vizinhança, satisfeitos com a boa acolhida. (A empresa local de TV a cabo chegara a incluir o canal NHK para que as duzentas famílias matassem as saudades de casa.) Ao mesmo tempo, proporcionavam lucros excelentes à empresa, que, infelizmente, estava agora reduzida a cobrir apenas os custos com os Cresta produzidos na Japão graças à produtividade inesperadamente elevada

da fábrica de Kentucky e à queda continuada do dólar em relação ao iene. Por esse motivo, estavam comprando mais terras naquela semana para aumentar a capacidade da fábrica em 60%. Um terceiro turno, embora possível, implicaria uma redução nos serviços de manutenção, com efeitos adversos para o controle de qualidade, um risco que a companhia não estava disposta a correr, em face da nova competição por parte de Detroit.

Logo no início da linha de montagem, dois operários eram encarregados de montar os tanques de gasolina nos chassis. Um deles, fora da linha, tirava o tanque da embalagem e o colocava em uma esteira rolante. O tanque era então transportado até o local onde se encontrava o segundo operário, cuja tarefa consistia em ajustar a peça leve mas volumosa no lugar. Suportes de plástico ajudavam a segurar o tanque até que o operário tornasse a ligação permanente; os suportes eram removidos antes que o chassi passasse para o estágio seguinte.

A mulher que trabalhava no depósito observou que uma das caixas de papelão estava úmida. Levou a mão ao nariz e sentiu cheiro de maresia. O container onde viajara aquela remessa de tanques de gasolina tinha sido mal fechado e fora invadido pela água do mar. Ainda bem, pensou a operária, que os tanques eram galvanizados e recebiam um tratamento anticorrosivo.

Parecia que uns quinze ou vinte tanques tinham sido expostos à água do mar. Pensou em contar o ocorrido ao supervisor, mas ele não estava por perto. Tinha autoridade para interromper o funcionamento da linha de montagem até que a questão dos tanques de gasolina fosse esclarecida. Ao contrário do que acontecia nas fábricas tradicionais, todos os operários tinham esse poder, mas a mulher era nova ali e o que realmente queria era contar ao supervisor o que ocorrera. Enquanto pensava no assunto, deixou a esteira vazia, o que provocou um assovio de protesto por parte do colega da linha de montagem. Afinal, chegou à conclusão de que estava se preocupando à toa. Colocou o tanque na esteira, abriu outra caixa e esqueceu o incidente. Jamais saberia que participara de uma cadeia de eventos que em breve culminaria com a morte de uma família e ferimentos em duas outras.

Dois minutos mais tarde, o tanque foi instalado no chassi de um Cresta e o conjunto continuou o caminho aparentemente interminável da linha de montagem, rumo a uma saída que nem podia ser vista daquele local. No devido tempo o restante do automóvel foi montado no chassi de aço, saindo finalmente da fábrica como um carro vermelho-maçã caramelada já encomendado por uma família de Greenville, Tennessee.

A cor tinha sido escolhida em homenagem à esposa, Candace Denton, que acabara de dar ao marido, Pierce, o primeiro filho, depois de duas filhas gêmeas, nascidas fazia três anos. Seria o primeiro carro zero quilômetro do jovem casal e

era a forma que o marido encontrara para demonstrar sua felicidade. Era uma extravagância, mas Pierce tinha certeza de que encontraria uma forma de pagá-lo. No dia seguinte, o carro foi carregado em um reboque para a curta viagem até uma revendedora em Knoxville. Um telex da fábrica para a revendedora informou que o veículo estava a caminho, e ela não perdeu tempo para telefonar ao Sr. Denton e transmitir-lhe a boa notícia.

Necessitariam de um dia para fazer a revisão da revendedora, mas o carro seria entregue, com uma semana de atraso por causa da demanda, com uma licença de para-brisa e o seguro já em vigor. E um tanque cheio de gasolina, selando um destino já decidido por uma miríade de fatores.

7
CATALISADOR

Era pior porque estavam trabalhando à noite. A luz dos holofotes (dezenas deles) não substituía o que o sol lhes teria fornecido de graça. A iluminação artificial produzia estranhas sombras que sempre pareciam estar nos lugares errados; além do mais, os homens em constante movimento também produziam sombras, distraindo a atenção dos operários de sua importante missão.

Cada um dos foguetes SS-19/H-11 vinha dentro de uma cápsula. Os planos de construção dessa cápsula (que ali era chamada de casulo) tinham sido enviados juntamente com os planos dos mísseis, mais ou menos como uma decisão de última hora; afinal, a companhia japonesa pagara por todos os planos e eles estavam na mesma gaveta, de modo que foram enviados juntos. Isso era ótimo, pensou o supervisor, porque aparentemente ninguém tomara a iniciativa de requisitá-los. O SS-19 tinha sido concebido como um míssil balístico intercontinental, uma arma de guerra, e como era um projeto russo, tinham levado em conta o fato de que seria manipulado por soldados convocados para o serviço militar, com pouquíssima experiência. Sob esse aspecto, admitiu o engenheiro, haviam se revelado simplesmente geniais. Seus compatriotas tinham mania de usar a mecânica de precisão, o que com frequência resultava em produtos tão delicados que não tinham lugar no mundo real. Forçados a construir uma arma capaz de sobreviver a condições humanas e ambientais extremamente adversas, os russos desenvolveram uma cápsula de transporte e carregamento para os ”pássaros” que os protegia contra qualquer contratempo. Assim, os operários podiam montar o foguete na fábrica, com todos seus módulos e

conexões, introduzi-lo na cápsula e despachá-lo para o local de destino, onde tudo que os soldados tinham a fazer era instalá-lo no silo. Em seguida, um grupo de três técnicos mais bem treinados encarregava-se de ligar os cabos de alimentação e telemetria. Embora não fosse tão simples como carregar um cartucho em um rifle, era de longe o método mais eficiente de instalar um ICBM, um míssil balístico intercontinental, que alguém jamais desenvolvera. Tão eficiente, na verdade, que os americanos o haviam imitado ao desenvolver seus mísseis MX "Peacekeeper", todos já desativados. A existência do casulo permitia que o míssil fosse manipulado sem medo, porque todos os pontos de tensão estavam em firme contato com o interior da estrutura. Era como o exoesqueleto de um inseto, e necessário porque, apesar do aspecto imponente, o míssil era mais delicado do que um tecido vivo.

Adaptadores no interior do silo recebiam a base da cápsula e permitiam que fosse colocada na vertical e baixada para a posição definitiva. A operação completa, apesar da má iluminação, levou noventa minutos, exatamente o tempo previsto no manual soviético.

Neste caso, a guarnição do silo era composta por cinco homens. Eles ligaram os três cabos de alimentação e as quatro mangueiras que manteriam a pressão do gás nos tanques de combustível e oxidante; os tanques ainda não estavam abastecidos e precisavam ser pressurizados para manter sua integridade estrutural. Na casamata de controle, situada a seiscentos metros de distância, na encosta nordeste do vale, os três homens do grupo de controle observaram, satisfeitos, que os sistemas internos do míssil haviam entrado em funcionamento da forma esperada. Transmitiram a notícia por telefone à guarnição do silo, que sinalizou para que o trem se afastasse. A locomotiva a diesel seria desengatada do vagão vazio e iria buscar o míssil seguinte. Dois mísseis seriam instalados naquela noite, e mais dois em cada uma das quatro noites seguintes, ocupando os dez silos. Os pessoal mais graduado surpreendeu-se com o fato de as coisas terem corrido tão bem, mas ao mesmo tempo perguntou-se por que seria diferente. Afinal, era um trabalho de rotina. Por outro lado, sabiam que em breve o mundo seria um lugar muito diferente por causa do que estava acontecendo ali, e por isso, inconscientemente, esperavam que o céu mudasse de cor ou a terra tremesse cada vez que uma etapa do projeto era completada. Nenhuma das duas coisas acontecera, e agora a questão era se eles deviam se sentir aliviados ou desapontados com isso.

— Achamos que deve ser mais duro com eles — afirmou Goto, na privacidade do escritório do primeiro-ministro.

— Por quê? — perguntou o primeiro-ministro, embora já conhecesse a resposta.

— Porque estão tentando nos esmagar. Querem nos punir porque somos mais eficientes, porque fazemos um trabalho melhor, porque nossos operários são mais esforçados e mais competentes. — O líder da oposição guardava o tom agressivo para os pronunciamentos públicos. Nas conversas particulares com o líder do governo, comportava-se com extrema polidez, embora estivesse nos seus planos provocar a queda daquele homem fraco e indeciso.

— Pode não ser bem assim, Goto-san. Sabe tão bem como eu que acabamos de reafirmar nossa posição no que se refere ao arroz, aos automóveis e às placas de computador. Foram eles que cederam, e não nós.

O primeiro-ministro imaginou quais seriam as intenções de Goto. Parte da resposta era evidente. Goto estava manobrando, com a costumeira habilidade, para reagrupar as várias facções que compunham a Dieta. A maioria do primeiro-ministro era precária, e o governo adotara linha dura nas questões comerciais para conquistar o apoio dos indecisos, na maioria deputados inexpressivos, pertencentes a pequenos partidos, que a aliança de conveniência com o governo tornara muito mais importantes por representarem o fiel da balança. Nessas negociações difíceis, o primeiro-ministro sentia-se como um equilibrista na corda bamba sem uma rede de segurança. Por um lado, tinha de manter os aliados satisfeitos; por outro, não podia ofender o principal parceiro comercial do país. Era um jogo cansativo, principalmente com Goto observando-o de baixo e latindo para ele, na esperança de que o susto o fizesse perder o equilíbrio.

Como se você pudesse fazer melhor, pensou o primeiro-ministro, tornando a encher de chá verde a xícara de Goto, que agradeceu com a cabeça.

O primeiro-ministro compreendia melhor o problema básico do que o líder da oposição no parlamento. O Japão não era realmente uma democracia. Da mesma forma como nos Estados Unidos do final do século XIX, o governo era de fato, embora não de direito, uma espécie de instrumento oficial para a iniciativa privada. Na prática, o país era dirigido por um pequeno grupo de homens de negócios — esse número não chegava a trinta, ou mesmo a vinte, dependendo da maneira de calculá-lo — e a despeito do fato de que esses executivos e suas empresas pareciam estar empenhados em uma guerra sem tréguas, na verdade estavam todos no mesmo barco e formavam todos os tipos possíveis de alianças: codiretorias, sociedades, acordos. Raro era o parlamentar que não ouvia com muita atenção o que um representante do zaibatsu tinha a dizer. Mais raro ainda era o membro da Dieta que um desses homens se dignava a receber pessoalmente; quando isso acontecia, o representante do povo congratulava-se pela boa sorte, porque esses homens podiam fornecer aquilo de que os políticos mais necessitavam: fundos. Em consequência, a palavra deles

era lei. O resultado era um dos parlamentos mais corruptos da Terra. Talvez "corrupto" não fosse a palavra certa, pensou o primeiro-ministro. Subserviente, talvez. Os cidadãos comuns ficavam muitas vezes revoltados com o que viam, com o que uns poucos jornalistas corajosos denunciavam, em geral em termos que, apesar de parecerem excessivamente tímidos aos ocidentais, eram tão inflamados no contexto local quanto qualquer panfleto que Emile Zola fizera circular em Paris. Entretanto, os cidadãos comuns não tinham o mesmo poder que o zaibatsu e todas as tentativas de reformar o sistema político haviam fracassado. Em consequência, o governo de uma das maiores economias do mundo tornara-se pouco mais do que o porta-voz de homens de negócios que não tinham sido eleitos por ninguém e não prestavam contas nem aos acionistas de suas empresas. Agora compreendia que eles tinham sido responsáveis até mesmo pela sua escolha... talvez como um osso atirado ao povo? pensou. Será que esperavam que fracassasse? Que destino planejavam para ele? Um governo fraco, para que a volta à normalidade pudesse ser aceita pelos cidadãos que haviam colocado toda a sua esperança em suas mãos.

Esse receio fizera com que assumisse posições em relação aos Estados Unidos que ele próprio considerava arriscadas. Agora, porém, nem mesmo isso parecia suficiente...

— Muitos veriam as coisas dessa forma — admitiu Goto com toda a educação —, e só posso cumprimentá-lo por sua coragem. Infelizmente, na prática, nosso país está sendo prejudicado. Por exemplo: a baixa cotação atual do dólar em relação ao iene tem efeitos desastrosos sobre nossos investimentos externos e só pode ser atribuída a uma política deliberada por parte dos nossos estimados parceiros comerciais.

Havia algo de estranho naquele discurso, pensou o primeiro-ministro.

Goto parecia estar recitando um texto escrito por outra pessoa. Escrito por quem? Não era difícil de adivinhar. Imaginou se Goto teria consciência de que estava em uma posição ainda pior do que a do homem que pretendia substituir. Provavelmente, não, mas isso não servia de consolo. Se Goto conseguisse seu cargo, teria ainda menor liberdade de ação; seria forçado a implementar políticas que talvez não estivessem de acordo com os interesses do país. E ao contrário do que acontecia com ele, Goto talvez fosse suficientemente ingênuo para acreditar que estava defendendo ideias que eram ao mesmo tempo originais e progressistas. Quanto tempo duraria essa ilusão? Era perigoso fazer isso com frequência, pensou Christopher Cook. Com frequência? Bem, cerca de uma vez por mês. Isso era muito? Cook era assistente do subsecretário de Estado, e não agente de espionagem, e não lera o manual dos espiões, supondo existir um manual assim.

A hospitalidade era a mesma de sempre: a comida e o excelente vinho, ambiente requintado, a lenta sucessão de tópicos, começando com perguntas totalmente inócuas a respeito da saúde da família, das partidas de golfe, da sua opinião a respeito deste ou daquele assunto do momento.

Sim, o tempo estava surpreendentemente agradável para aquela época do ano, um comentário que Seiji gostava de fazer; naquele dia, tinha toda a razão, pois o outono e a primavera em Washington eram toleráveis, mas os verões em geral eram quentes e úmidos e os invernos frios e chuvosos.

Era tedioso, mesmo para um diplomata profissional acostumado a conversas frívolas. Nagumo estava em Washington fazia tempo suficiente para esgotar os comentários originais; nos últimos meses, começara a tornar-se repetitivo. Ora, por que seria diferente dos outros diplomatas?, perguntou-se Cook, sem imaginar que uma surpresa o aguardava.

— Soube que vocês chegaram a um importante acordo com os russos — observou Seiji Nagumo, no momento em que estavam tirando os pratos do jantar.

— Como assim? — perguntou Cook, julgando que se tratasse de uma continuação da conversa inconsequente.

— Vão acelerar a eliminação dos ICBM — explicou o homem, depois de beber um gole de vinho.

— Está bem informado — comentou Cook, surpreso. — Trata-se de um assunto sigiloso.

— Pode ser, mas não é uma excelente notícia? Levantou o copo para brindar ao acordo. Cook imitou-o com prazer.

— Claro que é — concordou o funcionário do Departamento de Estado. — Como sabe, tem sido uma das metas da política externa dos Estados Unidos, desde o final da década de 1940, desde o tempo de Bernard Baruch, se não me falha a memória, eliminar todas as armas de destruição em massa e o perigo que representam para a raça humana. Como sabe muito bem...

Nagumo, surpreendentemente, interrompeu-o.

— Sei melhor do que imagina, Christopher. Meu avô morava em Nagasaki. Trabalhava como mecânico na base naval. Sobreviveu à bomba (infelizmente, a esposa não teve a mesma sorte), mas sofreu sérias queimaduras no incêndio subsequente, e me lembro muito bem das cicatrizes. A experiência apressou sua morte.

Era uma cartada cuidadosamente planejada, ainda mais que se tratava de uma mentira.

— Eu não sabia, Seiji. Sinto muito — acrescentou Cook, com toda a

sinceridade.

O objetivo da diplomacia, afinal, era evitar a guerra, se isso fosse possível; se não fosse, terminá-la com um mínimo de derramamento de sangue.

— Assim, como pode imaginar, estou muito interessado na eliminação definitiva dessas armas monstruosas.

Nagumo tornou a encher o copo de Cook. Era um excelente chardonnay, que combinara muito bem com o prato principal.

— Pois bem: sua informação está correta. Não participo diretamente dessas coisas, você sabe, mas ouvi conversas a respeito no restaurante — observou Cook, informando indiretamente ao amigo que fazia as refeições no sétimo andar do edifício do Departamento de Estado e não na lanchonete do térreo.

— Admito que meu interesse pelo caso é pessoal. No dia em que o último ICBM for destruído, pretendo fazer uma comemoração pessoal e dirigir minhas preces à alma do meu avô, para assegurar-lhe que não morreu em vão. Faz ideia de quando isso vai acontecer, Christopher?

— Infelizmente, não. Esta informação não está sendo divulgada.

— Por que não? — perguntou Nagumo. — Não entendo.

— Acho que o presidente está querendo capitalizar em cima disso. De vez em quando, Roger precisa chamar a atenção do público, especialmente com a eleição se aproximando.

Seiji fez que sim com a cabeça.

— Compreendo. De modo que não se trata de uma questão de segurança nacional, não é mesmo? Cook pensou por um segundo antes de responder.

— Não, penso que não. Claro que nossa segurança vai aumentar depois que eles forem destruídos, mas o dia em que isso vai acontecer é... é um detalhe irrelevante, penso eu.

— Nesse caso, posso lhe pedir um favor?

— Qual é? — perguntou Cook, entorpecido pelo vinho, pela companhia, pelo fato de que havia vários meses vinha passando informações confidenciais a Nagumo.

— Você poderia descobrir para mim o dia exato em que o último míssil será destruído? Preciso de algum tempo para preparar a comemoração — explicou.

Cook teve vontade de dizer: Sinto muito, Seiji, mas esta é oficialmente uma questão de segurança nacional e jamais concordarei em lhe passar esse tipo de informação. A hesitação no seu rosto e a surpresa responsável por ela superaram sua impassibilidade costumeira. Começou a pensar furiosamente. Está bem, está bem, há três anos e meio vinha se encontrando com Nagumo, obtendo ocasionalmente informações importantes, graças às quais conseguira chegar ao

posto que ocupava, fornecendo-lhe ocasionalmente informações importantes, porque... por quê? Porque estava cansado de trabalhar de sol a sol por uma miséria, porque uma vez um ex-colega comentara que com a experiência que adquirira em quinze anos de serviço poderia muito bem passar para a indústria privada, tornar-se um consultor ou um lobista, e, que diabo, não era como se estivesse espionando ou coisa parecida! Não, senhor, aquilo era apenas um negócio.

Atender ao pedido do amigo seria um ato de espionagem?, perguntou-se Cook. Seria? Os mísseis não estavam apontados para o Japão; nunca haviam estado. Na verdade, a julgar pelo que lera nos jornais, estavam apontados para o meio do oceano Atlântico, onde não poderiam causar mal a ninguém.

Ninguém sairia ferido se fossem disparados. Ninguém seria salvo se fossem desmontados. Assim sendo, onde estava a questão da segurança nacional? Em lugar nenhum. Que mal faria, portanto, passar adiante a informação?

— Está bem, Seiji. Verei o que consigo apurar.

— Muito obrigado, Christopher. — Nagumo sorriu. — Meus ancestrais lhe agradecem. Será um grande dia para o mundo, meu amigo, e merece ser devidamente comemorado.

Nos esportes, isso era chamado de acompanhamento. Não havia uma expressão equivalente no campo da espionagem.

— Sabe de uma coisa? Concordo com você — declarou Cook Por alguma razão, o fato de que tinha sido tão fácil dar o primeiro passo para transpor a linha invisível que ele próprio se impusera não o surpreendeu.

— Muito obrigado — disse Yamata, fazendo questão de parecer humilde. — E uma felicidade ter amigos sábios e fiéis como vocês.

— Nós é que agradecemos — insistiu, polidamente, um dos banqueiros.

— Não somos colegas? Não servimos ao nosso país, ao nosso povo, à nossa cultura com igual dedicação? Você, Ichiki-san, os templos que já restaurou.

— Ah! — Abrangeu com um gesto todos que se reuniam em torno da mesa baixa. — Todos fizemos isso, não pedindo nada em troca a não ser a oportunidade de ajudar a pátria, de contribuir para que ela recuperasse a antiga grandeza — acrescentou Yamata. — Como posso servir aos meus amigos esta noite? Assumiu uma posição de expectativa, esperando que lhe contassem o que já sabia. Os aliados, cuja identidade não era conhecida pelos outros dezenove, ocultaram tão bem quanto ele seus verdadeiros sentimentos.

Mesmo assim, havia tensão na sala, tão intensa que podia ser sentida, como se sente a presença de um estrangeiro.

Os olhos voltaram-se imperceptivelmente para Matsuda-san. Muitos realmente pensavam que Yamata se surpreenderia ao saber que ele estava em dificuldades, embora fosse fácil presumir que a proposta da reunião despertaria sua curiosidade o suficiente para levá-lo a investigar o que estava acontecendo. O dono de um dos maiores conglomerados de empresas do mundo falou em tom calmo e digno, embora um pouco triste, sem se apressar, explicando que a situação que provocara o problema de fluxo de caixa não fora resultado de má administração. A empresa começara no ramo da construção naval, expandira-se para a construção civil e atualmente também envolvia produtos eletrônicos. Matsuda assumira o comando em meados da década de 1980, fazendo com que os dividendos atingissem níveis jamais sonhados pelos acionistas. Yamata escutou a história com toda a paciência. Era interessante que os outros ouvissem falar do tempo das vacas gordas, porque, ao se identificarem com Matsuda em sua fase de sucesso, passariam automaticamente a temer que uma catástrofe semelhante se abatesse sobre suas cabeças. O fato de que o cretino resolvera investir em Hollywood, pagando uma astronômica quantia por trinta hectares no Melrose Boulevard e um pedaço de papel que dizia que estava autorizado a fazer filmes, bem, isso era mero detalhe, não era? — A corrupção e desonestidade dessas pessoas não têm limites — prosseguiu Matsuda em um tom que um padre católico poderia ouvir em um confessionário, ficando sem saber se o pecador estava renegando seus pecados ou simplesmente se lamentando pela má sorte. No caso em questão, dois bilhões de dólares tinham virado fumaça da noite para o dia.

Yamata poderia ter dito: “Bem que eu avisei”, mas a verdade era que não tinha avisado, mesmo depois que seus analistas de investimentos, americanos naquele caso particular, examinaram o mesmo negócio e recomendaram veementemente que se mantivesse de fora. Em vez disso, concordou com a cabeça.

— E evidente que não poderia prever semelhante desenlace, especialmente depois de todas as garantias que lhe foram propostas e das condições generosas que ofereceu em troca. A ética não existe para essa gente. — Yamata olhou em volta para recolher murmúrios de aprovação. — Matsudasan, quantos homens de bem poderiam acreditar que você teve alguma parcela de culpa? — Muitos — respondeu Matsuda, com muita coragem, pensaram todos.

— Não penso assim, meu amigo. Quem entre nós é mais honrado, mais perspicaz? Quem entre nós serviu a sua empresa com tanta dedicação? Raizo Yamata sacudiu a cabeça, tristemente.

— O que me preocupa, amigos, é que um destino semelhante talvez nos aguarde — declarou um banqueiro, querendo dizer que o banco emprestara

dinheiro a Matsuda aceitando como garantia suas propriedades no Japão e nos Estados Unidos e que a falência do conglomerado reduziria as reservas a níveis perigosos. Embora pudesse sobreviver ao colapso da empresa, seria necessária apenas a impressão de que as reservas eram menores do que a realidade para derrubar sua instituição, e essa ideia podia aparecer no jornal em consequência de um erro de interpretação por parte de um único repórter. O resultado dessa notícia errônea, ou boato, seria uma corrida ao banco, com consequências desastrosas. O dinheiro retirado certamente seria depositado em outro lugar (afinal, era dinheiro demais para caber debaixo de colchões), e portanto poderia ser emprestado de volta por um colega banqueiro para sustentar a posição do primeiro, mas uma crise de segunda ordem, que era bem possível, seria suficiente para derrubar todo o sistema.

O que ninguém disse, e na verdade poucos pensaram, é que os homens reunidos ali, ao fazerem maus negócios, tinham sido os verdadeiros responsáveis pela crise. Era uma cegueira que todos compartilhavam... ou quase todos, pensou Yamata.

— O problema fundamental é que os alicerces econômicos desta nação não foram cravados na pedra, mas na areia — começou Yamata, falando como um filósofo. — Por mais fracos e tolos que sejam os americanos, o destino os abençoou com as matérias-primas que nos faltam. Em consequência, por mais valoroso que seja o nosso povo, estamos sempre em desvantagem.

Tinha dito tudo aquilo antes, mas agora, pela primeira vez, estavam escutando, e teve de se controlar para não demonstrar o contentamento que sentia com isso. Olhou para um deles, que sempre adotara uma posição contrária.

— Lembra-se do que você disse, que nossa verdadeira força estava na diligência dos nossos operários e na capacidade dos nossos projetistas? Estava com a razão, meu amigo. Essas são grandes qualidades; mais do que isso, são qualidades que os americanos não compartilham com a mesma abundância. Entretanto, como a sorte sorriu para os gaijin, eles podem neutralizar nossa vantagem, pois transformaram a boa sorte em poder, e é difícil lutar contra o poder. — Yamata fez uma pausa para avaliar a plateia.

Estava na hora de jogar a isca. Aquele era o momento; tinha certeza disso.

— Não, não é bem assim. Eles quiseram trilhar esse caminho, enquanto nós renunciamos a fazê-lo. Agora, portanto, devemos pagar o preço da nossa escolha. Só que também não é bem assim.

— Por que não? — perguntou um dos homens, falando por todos.

— Agora, meus amigos, a sorte sorri para nós e o caminho para a grandeza nacional se abriu à nossa frente. Em nossa adversidade, podemos, se quisermos,

encontrar oportunidades.

Yamata pensou consigo mesmo que esperara quinze anos por aquele momento. Imediatamente, mudou de ideia; na verdade, esperara por muito mais tempo, desde que tinha dez anos, em fevereiro de 1944, e fora o único da família a subir a bordo do navio que o levaria de Saipan até o arquipélago japonês. Ainda podia se ver debruçado na amurada, olhando para o pai, a mãe e os irmãos mais novos parados no cais, contendo as lágrimas a custo e sabendo no fundo que jamais voltaria a vê-los.

Os americanos tinham assassinado todos eles, varrido sua família da face da terra, induzido os entes queridos a se jogar dos penhascos no mar revolto, porque para eles os japoneses, com ou sem uniforme, não passavam de animais. Yamata se lembrava das notícias sobre a guerra que ouvira no rádio, da forma como as "Águias Selvagens" do Kido Butai haviam esmagado a frota americana, do modo como os soldados invencíveis do imperador tinham empurrado os odiados fuzileiros americanos de volta para o mar, de como haviam dizimado os exércitos inimigos nas montanhas de uma ilha tomada dos alemães depois da Primeira Guerra Mundial, e mesmo então percebera a inutilidade de fingir que acreditava em mentiras, porque tinham de ser mentiras, apesar das palavras de conforto do tio. Logo as notícias do rádio mudaram, as vitórias gloriosas sobre os americanos passaram a acontecer cada vez mais perto de casa, sentiu um ódio irracional quando aquela nação vasta e poderosa se viu incapaz de conter os bárbaros e o terror dos bombardeiros, primeiro de dia e depois também à noite, arrasando seu país, uma cidade de cada vez. A luz alaranjada no céu noturno, às vezes mais perto, às vezes mais longe, as mentiras do tio, tentando explicar, e finalmente o alívio no rosto do homem quando tudo terminou.

Só que não houvera nenhum alívio para Raizo Yamata, não com a família exterminada, varrida da face de terra. No momento em que viu pela primeira vez um americano, uma figura incrivelmente alta, de cabelos ruivos e sardas na pele leitosa, que passara a mão amistosamente na sua cabeça como alguém faria com um cachorro, só conseguiu imaginar que ali estava o inimigo.

Não foi Matsuda que respondeu. Não podia ser. Tinha de ser outro, alguém cuja empresa ainda era sólida, ou aparentava sê-lo. Tinha de ser alguém que jamais concordara com ele. O homem olhou para a xícara de chá, cheia até a metade (aquela não era uma noite para se beber álcool) e pensou a respeito da própria sorte. Falou sem levantar os olhos, porque tinha medo de ver a mesma expressão nos rostos dos outros homens reunidos em torno da mesa preta e lustrosa.

— O que propõe, Yamata-san, para que possamos atingir esse objetivo?

— Sem sacanagem? — perguntou Chávez.

Estava falando em russo, porque não era permitido falar inglês ali em Monterey e ainda não sabia como dizer aquele coloquialismo em japonês.

— Quatorze agentes — respondeu Oleg Yurievich Lyalin, ex-major da KGB, tão secamente quanto seu ego permitiu.

— E eles nunca reativaram sua rede? — quis saber Clark.

— Não podiam — respondeu Lyalin com um sorriso, apontando para a própria cabeça. — A Operação CARDO foi criada por mim e acabou se transformando no meu seguro de vida.

Sem sacanagem, Clark sentiu vontade de dizer. O fato de que Ryan conseguira tirá-lo vivo de lá parecia um milagre. Lyalin fora julgado por traição pela KGB e colocado em uma cela para condenados à morte sabendo exatamente como seria a rotina. Informado de que a execução tinha sido marcada para dali a uma semana, foi conduzido à sala do comandante da prisão, onde lhe disseram que, como cidadão soviético, tinha direito de pedir clemência diretamente ao presidente; em seguida, convidaram-no a escrever uma carta nesse sentido. Os menos experientes teriam acreditado na proposta, mas Lyalin conhecia a verdade. Depois que escrevesse a carta, seria levado de volta à cela; o carrasco sairia de uma porta aberta à direita, encostaria uma pistola na sua cabeça e apertaria o gatilho. Sabendo o que sabia, não era de admirar que sua mão tremesse ao segurar a caneta esferográfica e as pernas parecessem de borracha quando foi levado para fora. Todo o ritual fora executado, e Oleg Yurievich ainda se lembrava do espanto que sentira quando chegou à cela e lhe disseram que recolhesse os pertences e acompanhasse um guarda. O espanto aumentou quando se viu de volta na sala do comandante, acompanhado por alguém que só podia ser um cidadão americano, com seu sorriso e suas roupas elegantes, aparentemente alheio aos planos malévolos da KGB.

— Eu teria mijado nas calças — observou Ding, estremecendo ao ouvir o final da história.

— Tive sorte — admitiu Lyalin, com um sorriso. — Acabara de urinar quando me tiraram da cela. Minha família estava à minha espera em Sheremetyevo. Foi um dos últimos voos da PanAm.

— Encheu a cara na viagem? — quis saber Clark.

— Oh, é claro — concordou Oleg, sem revelar que vomitara durante o longo voo até o Aeroporto Internacional JFK e depois insistira em dar uma volta de táxi pela cidade para ter certeza de que estava mesmo em Nova York.

Chávez encheu novamente o copo do professor. Lyalin estava tentando largar as bebidas fortes e se contentara com Coors Light.

— Estive em alguns lugares barra pesada, tovarich, mas esse aí deve ser de

dar arrepios.

— Como está vendo, tudo acabou bem. Domingo Estebanovich, onde aprendeu a falar russo tão bem? — O garoto leva jeito, não é? — observou Clark. — Especialmente com a gíria...

— Escutem, gosto de ler, certo? E sempre que posso assisto a programas de TV em russo. Grande coisa! As últimas duas palavras foram ditas em inglês, porque os russos não tinham uma expressão equivalente.

— A verdade é que possui um talento natural para línguas, meu amigo — declarou Lyalin, levantando o copo para cumprimentá-lo.

Chávez imitou o gesto. Não tinha nem o segundo grau completo quando conseguira ser aceito pelo Exército dos Estados Unidos para trabalhar como eletricista e não como especialista em mísseis. Mais tarde, porém, tivera oportunidade de fazer o curso de graduação na Universidade George Mason e agora estava se preparando para defender a tese de mestrado. Maravilhava-se com a sorte que tivera e imaginava quantos outros meninos da favela poderiam se sair tão bem se fossem igualmente favorecidos pela sorte.

— Então a Sra. Fowley sabe que o senhor já teve uma rede de espionagem no Japão?

— Sabe, mas os agentes americanos não devem ter entrado em contato com eles. Não acredito que a CIA tentasse reativar a rede sem me contar.

— Além disso, meus agentes só obedecem a mim.

— Barbaridade! — exclamou Clark, também em inglês, porque certas coisas só se fala na língua nativa. — Aquilo era uma consequência natural da política da CIA de substituir a inteligência humana por recursos eletrônicos, que podiam ser úteis mas não eram a panaceia apregoada pelos tecnocratas. Dos mais de quinze mil funcionários da CIA, apenas quatrocentos e cinquenta trabalhavam como agentes e circulavam realmente na cidade e no campo, falando com gente de verdade e tentando descobrir o que pensavam em vez de estudar planilhas em computadores e ler artigos de jornal.

— Sabe de uma coisa? Não sei como conseguimos ganhar essa maldita guerra.

— Os Estados Unidos fizeram o possível para perdê-la mas a União Soviética se esforçou ainda mais. — Lyalin fez uma pausa. — A Operação CARDO se interessava particularmente por dados comerciais. Roubamos muitos projetos e processos industriais do Japão. Seu país tem como Princípio não usar os serviços de informações para esse fim. — Outra pausa.

— Só que não percebem uma coisa.

— O que, Oleg? — perguntou Chávez, abrindo outra Coors.

— Na prática, não existe nenhuma diferença, Domingo. Estou tentando

explicar isso a eles há muito tempo. No Japão, negócios e governo são a mesma coisa. O Parlamento e os ministérios não passam de fachada, de maskirova para os impérios comerciais.

— Se o que diz é verdade, há pelo menos um governo neste planeta que sabe fazer um carro decente — brincou Chávez. Desistira de comprar o Corvette dos seus sonhos (custava uma verdadeira fortuna) e optara por um carro japonês que oferecia praticamente o mesmo desempenho pela metade do preço. Agora teria de vendê-lo, lembrou-se Ding. Não ficaria bem um homem casado dirigindo um carro esporte...

— Nyet. Precisam entender uma coisa: a oposição não é o que vocês pensam. Por que acham que é tão difícil negociar com eles? Foi uma das primeiras coisas que descobri, e a KGB aceitou de imediato esta verdade.

— Como não podia deixar de aceitar, pensou Clark. A teoria comunista previa exatamente esse tipo de "verdade", não previa? Era muito irônico! A operação deu bons resultados? — perguntou.

— Excelentes — respondeu Lyalin. — Os japoneses são treinados para aceitar insultos sem revidar. Em consequência, escondem muitos ressentimentos. Tudo que você tem a fazer é mostrar simpatia.

Clark concordou com a cabeça, pensando: Este cara sabe o que faz. Quatorze agentes bem colocados. Ainda tinha os nomes, endereços e telefones na cabeça. Estranhamente, ninguém em Langley se interessara por eles. Talvez a culpa fosse dos malditos princípios éticos impostos à CIA pelos advogados, uma linhagem de servidor público que estava proliferando como erva daninha. Como se alguma operação da CIA pudesse respeitar os princípios éticos! Bolas, ele e Ding tinham sequestrado Corp, não tinham? No interesse da justiça, é claro, mas se o levassem para os Estados Unidos a fim de ser julgado, em vez de entregá-lo ao governo do seu país, algum advogado de defesa com elevados princípios éticos, talvez um defensor público (obstruindo a justiça de graça, pensou Clark) faria discursos inflamados, primeiro diante das câmaras de TV e depois diante do júri, afirmando que tudo que aquele patriota queria era defender seu país do imperialismo etc., etc.

— E uma fraqueza interessante — observou Chávez, pensativo. — As pessoas no fundo são as mesmas em qualquer parte do mundo, não acha? As máscaras podem ser diferentes, mas a carne por baixo é a mesma — declarou Lyalin, sentindo-se mais professor do que nunca. O comentário, dito de improviso, foi a melhor lição do dia.

De todas as lamentações humanas, sem dúvida a mais comum é Se ao menos eu soubesse. Mas não temos meios de saber, de modo que os dias de

morte e tristeza começam da mesma forma que os dias de amor e felicidade. Pierce Denton preparou o carro para a viagem a Nashville. Não foi fácil. Teve de instalar assentos de segurança para as gêmeas no banco traseiro do Cresta e entre eles colocou um assento ainda menor para o filho mais novo, Matthew. As gêmeas, Jessica e Jeanine, estavam com três anos e meio, tendo sobrevivido aos "terríveis dois anos" (ou melhor, os pais tinham sobrevivido) e às aventuras simultâneas de aprender a andar e a falar. Agora, usando roupas iguais, vestido azul e malha branca, deixaram que papai e mamãe as colocassem no carro. Depois foi a vez de Matthew. Estava agitado e lamuriento, mas as meninas sabiam que o balanço do carro logo o poria para dormir, o que fazia a maior parte do tempo, a não ser quando estava mamando no peito da mãe. Era um dia importante: passariam um fim de semana na casa da vovó.

Pierce Denton, vinte e sete anos, trabalhava no pequeno departamento municipal de polícia de Greeneville, Tennessee. Anda frequentava a escola noturna para terminar o curso superior, mas não tinha outra ambição a não ser sustentar a família e levar uma vida confortável nas montanhas cobertas de árvores, onde um homem podia caçar e pescar com os amigos, frequentar uma igreja onde todos se conheciam e gozar de outros prazeres simples da vida. O trabalho era bem mais leve que o dos colegas de outros lugares, e não os invejava. Greeneville tinha a sua cota de problemas, como qualquer cidade americana, mas a violência era muito menor do que a mostrada na TV ou nas revistas especializadas que chegavam à delegacia. Às quinze para as oito da manhã, saiu da garagem de marcha à ré e ganhou a rua quase deserta, dirigindo-se para a estrada 11E. Sentia-se repousado e alerta, depois de tomar duas xícaras de café para espantar o sono. Pelo menos, tão repousado quanto era possível com um bebê dormindo no mesmo quarto que ele e a esposa, Candace. Quinze minutos depois, entrou na rodovia 81 e tomou a direção sul, com o sol da manhã pelas costas.

O tráfego era pequeno naquela manhã de sábado. Ao contrário de muitos policiais, Denton não gostava de correr, pelo menos com a família no carro; manteve a velocidade constante em cento e dez quilômetros por hora, ligeiramente acima do limite permitido de cem quilômetros, pois se divertia com a sensação de infringir a lei, contanto que fosse apenas um pouquinho. A Interstate 81 era como as outras rodovias interestaduais, larga e bem pavimentada, mesmo quando serpenteava para sudoeste, atravessando a cadeia de montanhas que interrompera a primeira expansão Para oeste dos colonizadores europeus. Em New Market, a 81 se encontrava com a 1-40 e Denton se misturou aos motoristas que vinham da Carolina do Norte. Logo estaria em Knoxville. Olhando pelo retrovisor, viu que as gêmeas já estavam

cochilando e o ouvido revelou que Matthew continuava adormecido. A seu lado, Candy Denton também caíra no sono. O filho mais moço ainda não aprendera a dormir a noite toda e isso sobrecarregava a esposa, que não tinha uma noite decente de sono desde... bem, desde o nascimento de Matt, pensou o rapaz. A esposa era miúda e não passara muito bem nos últimos meses de gravidez. Candy apoiara a cabeça na janela e estava tentando recuperar o sono atrasado antes que Matthew acordasse e anunciasse em altos brados que estava com fome, embora, com um pouco de sorte, talvez só acordasse em Nashville.

A única parte difícil da viagem, se é que se podia chamá-la assim, seria em Knoxville, uma cidade de porte médio situada na margem setentrional do rio Tennessee. Era suficientemente grande para dispor de um anel rodoviário, a 1-640, que Denton evitou, preferindo seguir o caminho mais direto.

O tempo estava quente para variar. Nas seis semanas anteriores, tinha sido uma tempestade de neve atrás da outra, e Greeneville já gastara toda a verba disponível para colocar sal nas estradas. Denton atendera a pelo menos cinquenta pequenos acidentes de trânsito e dois acidentes de maior gravidade. Estava arrependido de não ter mandado lavar o Cresta na noite anterior. A pintura vermelha apresentava manchas de sal. Ainda bem que o carro viera de fábrica com um revestimento anticorrosivo na parte inferior, porque a velha caminhonete não tivera esse tipo de tratamento e estava sendo devorada pela ferrugem. Estava bem satisfeito com a nova aquisição.

Seria bom se houvesse um pouco mais de espaço para as pernas, mas o carro era de Candy, não seu, e a esposa não precisava de mais espaço. O automóvel era bem mais leve que o carro da polícia e tinha apenas metade da potência. Isso fazia com que balançasse um pouco mais. Isso podia ser uma vantagem, porque ajudava a embalar as crianças.

Aparentemente, ali nevara ainda mais do que em Greeneville. O sal acumulara-se no centro da pista como se fosse areia. Era uma pena terem de usar tanto sal; realmente acabava com os carros. Mas não o seu, pensou Denton, que lera com atenção as especificações antes de decidir presentear Candy com o Cresta vermelho.

As montanhas que atravessam diagonalmente aquela região dos Estados Unidos são chamadas de Great Smokies, um nome escolhido, segundo a tradição local, por Daniel Boone em pessoa. Na verdade, fazem parte de uma cadeia que se estende da Geórgia até o Maine, mudando de nome quase com a mesma frequência com que muda de estado. Ao longo de toda a cadeia, a umidade dos numerosos lagos e regatos combina-se com as condições atmosféricas para criar um nevoeiro quase permanente.

Will Snyder, da Pilot Lines, estava fazendo hora extra para aumentar um

pouco a renda. A carreta Fruehauf, puxada por um caminhão Kenworth, levava um carregamento de carpetes fabricados na Carolina do Norte, que deveriam ser entregues a uma distribuidora em Memphis. Um motorista experiente, Snyder não se queixava de trabalhar no sábado, porque o pagamento era melhor; além disso, a temporada do futebol já terminara.

Fosse como fosse, esperava estar em casa antes do jantar. As estradas estavam com pouco movimento naquele fim de semana de inverno e chegaria mais cedo do que previra, pensou o motorista, fazendo uma curva à direita para entrar em um vale.

— Oh-oh — murmurou consigo mesmo. Não era incomum encontrar nevoeiro ali, perto da saída da estrada estadual 95 norte, a mesma que levava às instalações atômicas de Oak Ridge. A140 tinha alguns pontos críticos, e aquele era um deles. — Maldito nevoeiro! Havia duas formas de lidar com uma situação como aquela. Alguns só freavam no último momento, para não desperdiçar combustível, ou simplesmente porque não gostavam de andar em marcha lenta. Snyder agia de outra forma. Como motorista profissional, que via carros acidentados à beira de estrada quase todo dia, logo reduziu, antes mesmo que a visibilidade caísse para menos de cem metros. O pesado veículo levava muito tempo para parar; tinha um amigo que transformara um carrinho japonês em paçoca, juntamente com o velhinho que estava ao volante. Não queria que o mesmo acontecesse com ele. Reduzindo a marcha, sabia que estava aumentando consideravelmente a margem de segurança. Como precaução adicional acendeu os faróis.

Pierce Denton fez um muxoxo. Era outro Cresta, a versão esportiva C99, ainda não fabricada nos Estados Unidos, um carro preto com uma lista vermelha que passou zunindo por ele a uns cento e trinta por hora. Em Greeneville, isso teria custado uma multa de cem dólares e uma reprimenda do juiz Tom Anders. De onde tinham vindo aquelas duas garotas? Não vira nenhum sinal delas no retrovisor. A licença era provisória. As duas pareciam muito jovens; provavelmente uma delas acabara de ganhar do papai a carteira e o carro e convidara a amiga para ajudá-la a comemorar a liberdade recém-adquirida. Liberdade para fazer bobagem e ganhar uma multa logo no primeiro dia, pensou Denton. Mas aquela não era sua jurisdição, e por isso limitou-se a sacudir a cabeça. Na verdade, sentia-se mais seguro com as garotas na sua frente do que atrás.

— Credo! — exclamou Snyder.

Em uma parada para caminhões, ouvira falar que para os locais a culpa era dos “cientistas loucos” de Oak Ridge. Fosse qual fosse a razão, a visibilidade caíra subitamente para menos de dez metros. Ligou o alerta e reduziu ainda mais

a velocidade. Nunca fizera o cálculo, mas com aquele peso e viajando a cinquenta quilômetros por hora, o conjunto caminhão-carreta provavelmente precisaria de mais de vinte metros para parar, e isso em estrada seca, o que não era o caso. Por outro lado... não, pensou, melhor não arriscar. Diminuiu a velocidade para trinta. Aquele trecho da 1-40 era famoso; os motoristas de caminhão diziam que era melhor perder tempo ali do que perder o bônus do seguro. Depois de reduzir a velocidade, Snyder ligou o rádio CB para transmitir um aviso aos colegas.

Era como estar dentro de uma bola de pingue-pongue, declarou no canal 19, perscrutando a massa esbranquiçada de vapor d'água à sua frente enquanto o perigo se aproximava pela retaguarda.

A cerração apanhou-as totalmente de surpresa. Denton acertara em cheio.

Fazia oito dias que Nora Dunn comemorara o décimo sexto aniversário e três que recebera a carteira; o C99 tinha apenas setenta e oito quilômetros rodados. Escolhera uma estrada bem larga para correr à vontade, porque era muito jovem e a amiga Amy Rice lhe pedira. Com o CD player a todo volume e conversando sem parar sobre os rapazes da escola, Nora mal prestava atenção à estrada; afinal, não havia nenhuma dificuldade em manter o carro entre a faixa contínua à direita e a faixa interrompida à esquerda. Além disso, não via ninguém no espelho para incomodar, e ter um carro era muito melhor do que sair com um novo namorado, porque eles sempre faziam questão de pegar o volante, como se as mulheres não soubessem dirigir direito.

Nora ficou um pouco preocupada quando a visibilidade diminuiu de repente — para quanto, não saberia dizer —, e sua reação foi tirar o pé do acelerador, fazendo com que a velocidade, que vinha mantendo em cento e trinta e cinco quilômetros diminuísse um pouco. Não havia nenhum carro atrás dela; na certa a pista estava livre à sua frente também. Os professores da escola de motoristas haviam ensinado tudo que precisava saber, mas, como era natural, não assimilara todas as lições. Algumas coisas teriam de vir com a experiência. Infelizmente, era tarde demais para isso.

A mocinha viu as luzes traseiras da carreta, mas pensou que fossem lâmpadas de rua; se dirigisse há mais tempo, saberia que não existia esse tipo de iluminação nas rodovias. De qualquer forma, teria sido tarde demais para frear. Quando viu o vulto cinzento à sua frente, estava a cem quilômetros por hora. Como a carreta estava a trinta, foi o equivalente a chocar-se com um objeto estacionário de trinta toneladas a setenta quilômetros por hora.

Era sempre um barulho extremamente desagradável. Will Snyder já o ouvira antes; para ele, parecia uma pilha de latas de alumínio sendo esmagadas

por uma prensa, quando na verdade era o Cram nada musical de um carro sendo destruído pela velocidade, pela inércia, pelas leis da física que ele aprendera, não nos bancos escolares, mas com a experiência.

O choque com o lado esquerdo da traseira da carreta fez a frente do caminhão dar uma guinada para a direita, mas, felizmente, como estava devagar, conseguiu recuperar o controle e parar o veículo. Olhando para trás e para a esquerda, viu os restos de um carro japonês igual ao que o irmão queria comprar; seu primeiro pensamento foi que aqueles carros eram pequenos demais para ser seguros, como se isso fizesse alguma diferença naquelas circunstâncias. A frente estava toda amassada, e o chassi visivelmente empenado. Olhando com mais atenção, viu uma grande mancha vermelha no banco da frente.

— Oh, meu Deus! Amy Rice morreu na hora, apesar de o saco de ar do banco do carona ter funcionado como devia. Com a força da colisão, o lado direito do carro mergulhou sob a carreta, fazendo com que o robusto para-choque traseiro rasgasse a capota como se fosse uma motosserra. Nora Dunn ainda estava viva, mas inconsciente. O Cresta C99 era uma perda total, o bloco de alumínio do motor rachado ao meio, o chassi empenado e, pior de tudo, o tanque de gasolina, já danificado pela corrosão, começando a vazar.

Snyder viu a gasolina se espalhando na estrada. Manobrou rapidamente para o acostamento e saltou com o extintor de incêndio na mão. O que o salvou foi o fato de que não conseguiu chegar a tempo ao lugar do desastre.

— O que foi, Jeanine?

— Jessica! — protestou a menina, aborrecida com a confusão do pai.

— O que foi, Jessica! — emendou o pai, paciente.

— Ele está cheirando mal! — explicou Jessica, com um risinho.

— Está bem.

Pierce Denton suspirou e sacudiu a esposa pelo ombro. Foi nesse momento que viu o nevoeiro e tirou o pé do acelerador.

— O que é, querido? Matt executou a fralda.

— Está bem... — disse Candace, soltando o cinto de segurança e voltando-se para o banco traseiro.

— E melhor não fazer isso, Candy.

Denton olhou para trás, também, mas na hora errada. Quando tornou a olhar para a frente, o carro estava quase no acostamento da direita e havia um veículo parado à sua frente.

— Que merda! A sua reação instintiva foi desviar-se para a esquerda, mas estava muito à direita para conseguir, algo de que se deu conta antes mesmo de girar o volante totalmente para a esquerda. Frear com força também não ajudou.

As rodas traseiras derraparam no asfalto molhado, fazendo com que o carro deslizasse de lado em direção ao outro carro, que agora reconheceu como sendo outro Cresta. Seu último pensamento coerente foi: Será que é o mesmo que...? Apesar da cor vermelha, Snyder só viu o segundo Cresta no último momento. O caminhoneiro ainda estava a alguns metros de distância, correndo com o extintor de incêndio na mão.

A primeira coisa que ocorreu a Denton foi que a colisão poderia ter sido pior. A esposa batera com a cabeça no para-brisa, mas as crianças estavam bem amarradas, graças a Deus, e...

O que decidiu o destino dos cinco ocupantes do carro foi a corrosão.

O tanque de gasolina, como o do C99, depois de sofrer um tratamento imperfeito de galvanização, tinha sido exposto ao sal durante a viagem de navio e mais ainda nas estradas tortuosas do Tennessee. Os pontos de solda estavam particularmente vulneráveis e se soltaram com o choque. A distorção do chassi fez o tanque se arrastar na superfície da estrada; o revestimento do fundo desprendeu-se imediatamente, outro ponto fraco fez com que o tanque rachasse e a própria carcaça de aço forneceu a centelha.

O fogo dissipou parcialmente a cerração, produzindo um clarão tão forte, que os carros começaram a parar dos dois lados da estrada. Isso causou uma colisão de três veículos na outra pista, a cem metros de distância do primeiro acidente, mas não houve vítimas, e as pessoas saltaram dos carros para ver o que estava acontecendo. O fogo também atingiu a gasolina que havia vazado do carro de Nora Dunn, envolvendo a moça, que morreu carbonizada sem ter recuperado a consciência.

Will Snyder estava suficientemente próximo para ver os rostos dos cinco ocupantes do Cresta vermelho. Uma mãe e um bebê foram os dois de quem se lembraria pelo resto da vida, a mulher enfiada entre os dois bancos dianteiros, segurando o bebê, olhando na sua direção. O fogo foi uma surpresa terrível, mas Snyder não parou. A porta traseira esquerda do Cresta vermelho tinha sido aberta pelo impacto e isso lhe deu uma oportunidade, porque as chamas, pelo menos no momento, se restringiam ao lado direito do veículo acidentado. Investiu, brandindo o extintor como se fosse uma arma, enquanto o fogo se aproximava do tanque de gasolina do Cresta vermelho. Tinha apenas alguns segundos para agir, para pegar uma das três crianças e salvá-la do inferno que já começava a queimar-lhe as roupas e o rosto, enquanto as luvas protegiam as mãos que dirigiam o jato de gás para o banco traseiro. O extintor poderia salvar sua vida e a de mais alguém. Procurou o bebê no meio da nuvem de vapor, mas não conseguiu encontrá-lo em lugar nenhum, e a menininha no banco da esquerda estava gritando de medo e de dor, bem na sua frente. As mãos enluvadas

encontraram e soltaram o fecho do cinto e ele arrancou a menina do assento, quebrando-lhe o braço, e depois saltou para trás para escapar ao fogo. Havia um monte de neve ao lado do guardrail e Snyder se jogou sobre ele para apagar as chamas da sua roupa; em seguida, cobriu a criança com neve suja de sal para fazer o mesmo por ela, enquanto a dor que sentia no rosto era apenas um prenúncio do que o esperava. Resistiu ao impulso de olhar para trás.

Podia ouvir os gritos, mas voltar ao carro em chamas seria suicídio, e se olhasse poderia sentir-se obrigado a fazê-lo. Em vez disso, olhou para Jessica Denton, o rosto enegrecido de fuligem, a respiração difícil, e rezou para que o socorro não demorasse. Quando uma ambulância chegou, quinze minutos depois, tanto ele como a criança estavam em choque profundo.

8
INVESTIGAÇÃO

O fato de que não acontecera muita coisa digna de destaque naquele dia assegurava a cobertura da imprensa; o número de vítimas e suas idades contribuíam para aumentar o interesse da notícia. Uma das estações locais de TV de Knoxville tinha um convênio com a CNN; por esse motivo, ao meio-dia, o acidente foi mostrado no noticiário da emissora. Um caminhão de reportagem com ligação ao vivo via satélite ofereceu a um jovem repórter local a oportunidade de mostrar seu trabalho em rede nacional (ele não pretendia ficar em Knoxville para sempre); como o nevoeiro tinha finalmente se dissipado, as câmaras puderam mostrar com detalhes os restos do desastre.

— Droga — murmurou Ryan, na cozinha da sua casa. Jack tirara o sábado de folga, o que era raro, estava almoçando com a família e pretendia levá-los à missa noturna na igreja de St. Mary para poder passar a manhã de domingo em casa. No momento em que viu a cena, largou o sanduíche no prato para prestar mais atenção.

Três caminhões do corpo de bombeiros tinham se dirigido ao local do sinistro, além de quatro ambulâncias, duas das quais ainda permaneciam lá. O caminhão ao fundo estava praticamente intacto, embora o para-choque traseiro mostrasse sinais da colisão. Em primeiro plano, porém, tudo que havia eram duas massas de metal enegrecido e distorcido pelo fogo. Uma dúzia de policiais rodoviários andavam de um lado para outro, muito sérios, sem dizer nada, nem mesmo para trocar as piadas de costume a respeito de acidentes de automóvel.

Então Jack viu um deles comentar alguma coisa com um colega. Os dois sacudiram a cabeça e olharam para o chão, dez metros atrás do repórter, que falava em tom monótono, dizendo as mesmas coisas pela centésima vez em sua curta carreira. Neblina. Excesso de velocidade. Os dois tanques de gasolina incendiaram-se. Seis mortos, quatro deles menores de idade. “Aqui é Bob Wright, falando da Interstate 40, perto de Oak Ridge, Tennessee. Intervalo para os comerciais”.

Jack voltou ao sanduíche, resmungando alguma coisa a respeito das injustiças da vida. Não havia razões ainda para que se interessasse pelo caso.

A quinhentos quilômetros da baía de Chesapeake, os carros estavam ensopados, porque os bombeiros voluntários tinham se julgado na obrigação de usar as mangueiras, embora soubessem de antemão que isso não ajudaria em nada os ocupantes. O fotógrafo da polícia gastou três rolos de filme colorido de 200 ASA, focalizando as bocas abertas das vítimas para provar que tinham morrido gritando. O policial mais antigo no local era o Sargento Thad Nicholson. Um policial rodoviário experiente, com mais de vinte anos de serviço, chegou a tempo de assistir à remoção dos corpos. O revólver de serviço de Pierce Denton tinha caído no asfalto, e isso, mais do que qualquer outra coisa, o identificara como colega da polícia, antes mesmo que a verificação de rotina da placa do carro tornasse o fato oficial. Quatro menores, sendo duas crianças pequenas e duas adolescentes, e dois adultos.

Era difícil aceitar tragédias como aquela, pensou o Sargento Nicholson. A morte já era uma coisa triste, mas uma morte assim, como Deus pudera permitir que acontecesse? Duas crianças... bem... Ele permitira, e não havia nada que o sargento pudesse fazer. Estava na hora de voltar ao trabalho.

Ao contrário do que Hollywood parecia pensar, aquele tipo de acidente era extremamente incomum. Os automóveis normalmente não se transformavam em bolas de fogo depois de uma colisão, e esta, como seus olhos treinados logo perceberam, não tinha sido das mais violentas. Está certo, o choque em si provocara uma morte, a da garota no banco do carona do primeiro Cresta, que fora praticamente decapitada. Mas o que dizer dos outros? Não deveriam ter morrido. O primeiro Cresta atingira a traseira do caminhão com uma velocidade relativa de uns setenta ou oitenta quilômetros por hora. Os dois sacos de ar tinham funcionado e um deles deveria ter salvo a vida da motorista. O segundo carro se chocara com o primeiro em um ângulo de trinta graus. Era estranho que um policial cometesse um erro daqueles, pensou Nicholson. Entretanto, a esposa não estava usando o cinto de segurança... talvez estivesse atendendo às crianças no banco de trás e sem querer distraíra a atenção do marido. Essas coisas aconteciam, e não havia como voltar atrás.

Das seis vítimas, uma morrera na colisão e as outras cinco no incêndio subsequente. Isso não deveria ter acontecido. Os carros não eram feitos para pegar fogo, e por isso Nicholson pediu aos auxiliares que desviassem o trânsito a um quilômetro dali; assim, os três veículos envolvidos no acidente poderiam permanecer por algum tempo onde estavam. Usou o rádio do carro para chamar investigadores de acidentes em Nashville e recomendar que o escritório local do Conselho Nacional de Segurança dos Transportes fosse notificado. Por coincidência, uma das funcionárias locais desse órgão federal morava perto de Oak Ridge. A engenheira Rebecca Upton estava na cena do acidente meia hora depois de receber o chamado.

Engenheira mecânica pela Universidade do Tennessee, que naquela manhã estivera estudando para o exame profissional, vestiu o macacão branco oficial, recém-adquirido, e começou a examinar os destroços antes mesmo que os policiais especializados chegassem de Nashville, enquanto os operadores do reboque esperavam com impaciência. Vinte e quatro anos, miúda, cabelos ruivos, saiu de baixo do segundo Cresta com a pele sardenta manchada de fuligem e os olhos verdes lacrimejando por causa dos vapores de gasolina. O Sargento Nicholson passou-lhe um copo de isopor cheio de café que conseguira com um bombeiro.

— O que acha? — perguntou Nicholson, imaginando se a moça teria alguma opinião. Pelo menos, não tinha medo de sujar a roupa, o que era um bom sinal.

— Os dois tanques falharam. — Apontou com a mão. — Este aqui foi totalmente arrancado. O outro foi amassado pelo impacto e se rompeu.

— Qual era a velocidade? No momento da colisão, você quer dizer? — Nicholson sacudiu a cabeça. — Não era muito grande. Uns setenta ou oitenta, no máximo.

— Eu também penso assim. Os tanques de gasolina são projetados para resistir a choques maiores do que esse. — A moça pegou o lenço que o policial lhe ofereceu e limpou o rosto. — Obrigada, sargento.

Bebeu um gole de café e assumiu uma expressão distante.

— Em que está pensando? Rebecca olhou para o sargento.

— Estou pensando que a morte dessas seis pessoas...

— Cinco — corrigiu Nicholson. — O caminhoneiro conseguiu salvar uma das crianças.

— Oh... eu não sabia. A morte dessas pessoas não deveria ter acontecido. Não havia razão para isso. O impacto não foi tão violento assim.

— Aposto que existe uma falha de projeto nesses carros. Para onde pretende levá-los? — perguntou, sentindo-se muito profissional.

— Os carros? Para Nashville. Posso conservá-los da delegacia, se quiser.

A moça fez que sim com a cabeça.

— Está certo. Preciso falar com meu chefe. Provavelmente, vamos transformar isto em uma investigação federal. Alguma objeção? A engenheira jamais fizera algo semelhante, mas sabia que, de acordo com o regulamento, tinha autoridade para iniciar um inquérito do CNST.

Mais conhecido pelo papel que desempenhava na investigação dos acidentes de aviação, o Conselho Nacional de Segurança dos Transportes também analisava acidentes incomuns envolvendo trens e veículos motorizados e tinha autoridade para requisitar a cooperação de qualquer órgão federal.

Nicholson já participara de uma investigação semelhante. Sacudiu a cabeça.

— Estou certo de que meu capitão prestará toda a colaboração necessária.

— Obrigada. — Rebecca Upton quase sorriu, mas aquele não era o lugar adequado. — Onde estão os sobreviventes? Teremos de interrogá-los.

— Foram levados de ambulância para Knoxville. É apenas um palpite, mas podem estar no Shriners. — Ele sabia que o hospital dispunha de uma excelente unidade para queimados. — Precisa de mais alguma coisa? Temos de desobstruir a estrada.

— Tomem muito cuidado com os carros.

— Vamos tratá-los com todo o carinho — assegurou-lhe o Sargento Nicholson, com um sorriso paternal.

No conjunto, pensou Rebecca, não tinha sido um mau dia. Claro que sentia pena dos ocupantes dos carros e ficara impressionada com as circunstâncias da sua morte, mas estava fazendo seu trabalho, e aquela era a primeira missão realmente importante que recebera desde que entrara para o Departamento de Transportes. Caminhou de volta para o carro, um Nissan hatchback, e despiu o macacão, vestindo em seu lugar um blusão do CNST Não era muito quente, mas pela primeira vez em sua carreira no governo, sentia-se como parte de um grupo importante, fazendo um trabalho importante, e queria que o mundo inteiro soubesse quem era e o que estava fazendo.

— Olá.

A moça levantou os olhos e deparou com o rosto sorridente de um repórter de televisão.

— O que deseja? — perguntou secamente, decidida a comportar-se com a maior dignidade possível.

— Pode nos dizer alguma coisa? Tinha baixado o microfone e o câmera, embora nas proximidades, não estava filmando no momento.

— Apenas se não revelar a fonte — declarou Becky Upton, depois de refletir por um momento.

— Está bem.

— Os dois tanques de combustível vazaram. Foi o que matou essas Pessoas.

— Isso é raro?

— Muito raro. — A moça fez uma pausa. — O CNST terá que investigar. Isso não deveria ter acontecido, entende?

— Perfeitamente.

Wright consultou o relógio. Dali a dez minutos estaria novamente ao vivo via satélite e dessa vez teria algo diferente para dizer. O repórter se afastou, de cabeça baixa, ensaiando as palavras. Que furo! O Conselho Nacional de Segurança dos Transportes vai investigar o Carro do Ano da revista Motor Trend. Existe a suspeita de um defeito de fabricação, que teria causado a morte de cinco pessoas. Imaginou se o câmera conseguiria mostrar os assentos infantis calcinados no banco traseiro do carro. Seria uma ótima cena de impacto.

Ed e Mary Patrícia Foley estavam no seu escritório, no último andar da sede da CIA. O fato de serem casados causara alguns problemas. Mary Pat fora nomeada vice-diretora de Operações, a primeira mulher a chegar a essa posição. Uma agente de grande experiência, era a metade aventureira da melhor dupla marido e mulher que a CIA jamais empregara. O marido, Ed, era menos impetuoso mas melhor planejador. Os talentos do casal complementavam-se, e embora o cargo principal fosse de Mary Pat, ela requisitara imediatamente o marido como assistente executivo e o tornara seu igual em termos práticos, mesmo que não em termos hierárquicos. Uma nova porta tinha sido aberta para que ele pudesse entrar sem passar pela secretária executiva na antessala e os dois cuidavam juntos da reduzida equipe de agentes da CIA. A relação de trabalho era tão íntima quanto o casamento, com todos os compromissos associados ao segundo, e o resultado era que a Diretoria de Operações funcionava como um relógio.

— Precisamos escolher um nome, querido.

— Que tal SOLDADO?

— Por que não COMBATENTE? Ed sorriu.

— Estamos falando de dois homens! A propósito: Lyalin disse que estão indo bem nas aulas de japonês.

— Ficarei satisfeito se aprenderem o suficiente para pedir o almoço e descobrir onde fica o banheiro. — Dominar a língua japonesa não era um desafio trivial. — Quanto quer apostar como estão falando com sotaque russo? Uma ideia lhes ocorreu ao mesmo tempo.

— Os disfarces!

— É mesmo... — Mary Pat teve vontade de rir. — Acha que alguém vai se importar? Os agentes da CIA estavam proibidos de adotar a identidade de jornalistas. Isto é, de jornalistas americanos. O regulamento fora mudado recentemente, por insistência de Ed, para refletir o fato de que boa parte dos agentes locais eram jornalistas do Terceiro Mundo. Como os dois agentes encarregados da operação falavam russo muito bem, poderiam facilmente se disfarçar de jornalistas russos. Seria uma violação do espírito do regulamento, mas não do que estava escrito. Ed Foley também tinha seus momentos de aventura.

— Oh, sim — disse Mary Pat — Clark perguntou se queremos que ele tente reativar a Operação CARDO.

— Precisamos conversar com Ryan ou o presidente a respeito — observou Ed, voltando a ser conservador.

Mas a mulher era diferente.

— Não, não precisamos. Precisamos de aprovação para usar a rede, não para verificar se ela ainda existe.

Os olhos azuis faiscaram, como faziam sempre que achava que estava sendo esperta.

— Querida, acho que está sendo um pouco ousada — advertiu Ed. Essa era precisamente uma das razões pelas quais amava a esposa. — Mas eu gosto da ideia. Está bem, contanto que se limite a verificar se a rede ainda está lá.

— Pensei que tivesse de mostrar minha superioridade, amor.

— Concordei só para você não atrasar o jantar. Podemos mandar as ordens segunda-feira de manhã.

— Vamos ter que parar no supermercado a caminho de casa. O pão acabou.

O deputado Alan Trent, de Massachusetts, estava em Hartford, Connecticut, onde pretendia tirar um sábado de folga para assistir a um jogo de basquetebol entre a Universidade de Massachusetts e a Universidade de Connecticut, ambas sérias candidatas ao título da temporada. Mas isso não o liberava totalmente do trabalho; viajara acompanhado por dois assistentes, enquanto um terceiro estava para chegar com mais trabalho. Era mais confortável ali no hotel Sheraton, próximo à Hartford Civic Arena, onde seria realizado o jogo, do que no seu escritório, e estava deitado na cama cercado de papéis — como Winston Churchill, pensou, exceto pela ausência da garrafa de champanha. O telefone ao lado da cama começou a tocar.

Trent não fez menção de atender. Tinha assistentes para isso e se acostumara a ignorar o som da campainha.

— Al, é George Wylie, da Deerfield.

Wylie costumava contribuir para as campanhas eleitorais de Trent e era

dono de uma das maiores empresas do distrito, dois excelentes motivos para que o político lhe desse atenção sempre que o outro o procurava.

— Como foi que ele me descobriu aqui? — perguntou Trent para o teto, enquanto pegava o fone. — Olá, George. Como vai? Os dois assistentes viram o chefe colocar de lado o copo de refrigerante e pegar um bloco. O deputado andava sempre com uma caneta e um bloco de anotações. Depois de escrever alguma coisa, apontou para a TV e exclamou: — CNN! Estava quase na hora. Depois de um comercial e uma breve introdução, o rosto de Bob Wright apareceu na tela. Desta vez, a reportagem tinha sido gravada e editada. Uma das cenas mostrava Rebecca Upton usando o blusão do CNST; outra, os dois Cresta sendo rebocados.

— Que merda — observou um dos assistentes.

— Foram os tanques de gasolina? — perguntou Trent ao telefone.

Escutou por alguns momentos. — Que filhos da mãe! — exclamou em seguida. — Obrigado pela dica, George. Deixe comigo.

Colocou o fone de volta no gancho, endireitou o corpo e apontou para o assistente mais graduado.

— Entre em contato com o CNST em Washington. Quero falar com aquela mocinha o mais cedo possível. Nome, telefone, endereço, descubra tudo que puder a respeito dela. Depois, ligue para a secretária de Transportes.

Voltou a responder à correspondência, enquanto os assistentes falavam ao telefone. Como a maioria dos membros do Congresso, Trent estava acostumado a fazer várias coisas ao mesmo tempo. Minutos depois, estava se queixando de uma emenda à criação do Serviço Nacional de Florestas pelo Departamento do Interior e fazendo anotações com uma caneta verde.

Era sua segunda demonstração de contrariedade, mas os assistentes viram quando pegou uma folha de papel almaço e uma caneta vermelha. Essa combinação significava que Trent estava realmente empenhado em alguma coisa.

Rebecca Upton estava no seu Nissan, acompanhando os reboques até Nashville, onde primeiro supervisionaria a remoção dos destroços para um depósito e depois se encontraria com o chefe do escritório local para iniciar uma investigação formal. Tinha certeza de que a papelada a manteria ocupada durante muito tempo e se surpreendeu por não estar lamentando o fim de semana perdido. Junto com o cargo recebera um telefone celular, que usava escrupulosamente apenas para ligações oficiais e apenas quando era absolutamente necessário — fazia menos de um ano que entrara para o serviço público — e por isso não atingia nem ao menos o número de ligações coberto pela tarifa básica que a empresa cobrava do governo. O telefone nunca tocara

antes quando estava dirigindo, e levou um susto com o som da campainha.

— Alô? — disse, imaginando que alguém devia ter ligado para o número errado.

— Rebecca Upton?

— Ela mesma. Quem fala?

— O deputado Trent vai falar com a senhora — disse uma voz masculina.

— Hein? Quem? Alô? — disse outra voz.

— Quem fala? Você é Rebecca Upton?

— Sim, sou eu. Quem é você?

— Alan Trent, deputado pela Comunidade de Massachusetts. — Massachusetts, como todos os políticos locais gostavam de proclamar, não era um simples "estado". — Consegui seu telefone na sede do CNST. Seu supervisor é Michael Zimmer, e o número dele em Nashville é...

— Está bem, acredito no senhor. O que deseja?

— Você está investigando um acidente que aconteceu na 1-40, certo?

— Sim, senhor.

— Quero que me conte tudo que sabe.

— Deputado — disse a moça, reduzindo a marcha para poder pensar —, a investigação ainda nem começou oficialmente, e não estou autorizada a...

— Mocinha, não estou lhe pedindo para adiantar nenhuma conclusão, apenas para me contar por que achou necessário iniciar uma investigação. Estou em condições de ajudá-la. Se colaborar comigo, prometo que a secretária de Transportes ouvirá falar de você. Somos velhos amigos. Trabalhamos juntos no Congresso durante dez ou doze anos.

Meu Deus, pensou Rebecca. Era impróprio, pouco ético, provavelmente ilegal revelar informações a respeito de uma investigação do CNST. Por outro lado, a investigação ainda não começara, não é mesmo? A ideia de ter seu trabalho reconhecido era tentadora. Não sabia que seu breve silêncio podia ser facilmente interpretado do outro lado da linha e não viu o sorriso e triunfo no rosto do político.

— Deputado, eu e os guardas rodoviários que estiveram no local do acidente achamos que os tanques de gasolina dos dois carros vazaram, provocando um incêndio. Aparentemente, os tanques deveriam ter resistido ao choque. Por isso, vou recomendar ao meu supervisor que inicie uma investigação para determinar a causa do vazamento.

— Os dois tanques vazaram? — perguntou a voz.

— Sim, senhor, mas foi pior do que um vazamento. Os dois tanques sofreram sérios danos.

— Mais alguma coisa?

— Não, senhor. Pelo menos por enquanto. — Rebecca fez uma pausa.

Será que aquele sujeito pretendia realmente recomendá-la à secretária de Transportes? Se fosse verdade...

— Há alguma coisa errada em tudo isso, Sr. Trent. Escute, sou formada em engenharia e estudei ciência dos materiais. A força do impacto não justifica duas falhas estruturais catastróficas. Existem normas federais para a segurança dos automóveis e seus componentes, e essas normas excedem de longe as condições prováveis no momento do acidente. Todos os policiais com quem conversei são da mesma opinião. Precisamos fazer alguns testes para ter certeza, mas é o que penso no momento. Sinto muito, mas isso é tudo que tenho para lhe contar.

— Esta menina vai longe, pensou Trent no quarto de hotel.

— Muito obrigado, Srta. Upton. Deixei meu telefone no escritório do CNST em Nashville. Ligue para mim quando chegar lá, por favor. — Trent desligou o telefone, ficou pensativo por um minuto e depois disse a um dos assistentes: — Chame a secretária de Transportes e diga a ela que a mocinha que está investigando o desastre é muito competente... não, deixe que eu falo com ela. Paul, o laboratório do CNST está bem equipado para testar materiais? — perguntou, sentindo-se cada vez mais como Churchill planejando a invasão da Europa.

— Acho que não, mas as universidades...

— Certo.

Trent apertou um botão no telefone e discou um número de cor.

— Boa tarde, deputado — disse Bill Shaw no telefone viva voz, olhando para Dan Murray. — Eu pretendia mesmo ligar para o senhor, porque semana que vem...

— Preciso da sua ajuda, Bill.

— De que tipo de ajuda o senhor está falando? — Os deputados e senadores eram sempre “senhor” e “senhora”, mesmo para o diretor do FBI. Ainda mais quando o deputado em questão era presidente da Comissão de Inteligência, além de pertencer à Comissão de Justiça e à Comissão de Meios. Apesar de todos as suas... excentricidades... Trent sempre fora simpático ao FBI, mas a verdade era que o FBI precisava da boa vontade das três comissões. Shaw escutou e fez algumas anotações. — O chefe do nosso escritório em Nashville é Bruce Cleary, mas vamos precisar de um pedido formal do Departamento de Transportes para podermos... está bem, claro, vou esperar que ela me telefone. Estamos aqui para isso, deputado.

— Está certo. Até logo.

Shaw desligou e olhou para o colega.

— Por que Al Trent estaria interessado em um desastre de automóvel no

Tennessee?

— O que ele quer de nós? — perguntou Murray, de forma objetiva.

— Que a nossa Divisão de Laboratórios apoie o CNST na investigação de um acidente. É melhor você telefonar para Bruce e lhe pedir que coloque seu técnico mais competente à nossa disposição. O desastre aconteceu esta manhã, e Trent quer os resultados para ontem.

— Ele já nos pediu alguma coisa parecida? Shaw sacudiu a cabeça.

— Nunca. Acho que devemos fazer o possível para atendê-lo. Vai participar daquela reunião em que será discutida a situação de Kealty, lembra-se? O telefone de Shaw tocou.

— A secretária de Transportes na linha três, diretor.

— Deve ser alguma coisa muito séria — observou Murray. — Levantou-se da cadeira e foi falar no telefone do escritório enquanto Shaw recebia a chamada no gabinete da secretária. — Ligue-me com o escritório de Nashville, por favor.

O depósito da polícia, para onde eram levados os veículos roubados ou acidentados, ficava ao lado da oficina onde eram consertados os carros de patrulha. Rebecca Upton nunca estivera ali, mas o lugar era velho conhecido dos motoristas dos reboques e não foi difícil segui-los. O guarda do portão gritou instruções para o primeiro motorista, e o segundo se limitou a segui-lo, acompanhado pela engenheira do CNST. Acabaram chegando a um pátio vazio, ou melhor, quase vazio. Havia seis carros da polícia no local, dois oficiais e quatro de chapa fria, além de dez homens, todos graduados, a julgar pela aparência. Um deles era o chefe de Rebecca, e pela primeira Vez a moça percebeu que o caso estava se tornando realmente sério.

A oficina dispunha de três elevadores hidráulicos. Os dois Cresta foram colocados com cuidado nos trilhos de aço e içados simultaneamente, permitindo que os presentes se colocassem debaixo deles. Rebecca era a mais baixa de todos e teve de abrir passagem para poder ver alguma coisa. Afinal, o caso era dela, ou pensava que fosse. Um fotógrafo começou a tirar fotos e ela notou que o estojo da câmara tinha a sigla “FBI” em letras amarelas.

— Puxa vida! — É evidente que houve uma falha estrutural — observou um capitão da Polícia Rodoviária, que estava encarregado da investigação do acidente.

Alguns dos presentes concordaram gravemente.

— Qual é o melhor laboratório das vizinhanças? Perguntou um homem de roupa esporte.

— A Universidade Vanderbilt seria um bom lugar para começar — observou Rebecca. — Ou melhor: por que não tentamos o Laboratório Nacional

de Oak Ridge?

— Srta. Upton? — perguntou o homem. — Sou Bruce Cleary, do FBI.

— O que está fazendo...

— Vou para onde me mandam — explicou Bruce, com um sorriso. — A secretária de Transportes nos pediu para ajudar na investigação. Um técnico da nossa Divisão de Laboratórios está vindo para cá de Washington neste momento.

Não disse à moça que o técnico estava viajando em um avião do Departamento de Transportes deslocado especialmente para esse fim. Nem Bruce nem ninguém do seu escritório jamais haviam investigado um acidente de automóvel, mas as ordens tinham sido dadas pessoalmente pelo diretor, e isso era tudo que precisava saber.

Rebecca de repente se sentiu como se fosse uma plantinha no meio de uma floresta de árvores gigantescas, mas também tinha um trabalho para fazer e na verdade era a única especialista presente. Tirando uma lanterna do bolso, começou a examinar o tanque de gasolina de um dos carros. Ficou surpresa quando os outros se afastaram para lhe dar espaço. Já fora decidido que seu nome apareceria na capa do relatório. A participação do FBI não receberia nenhum destaque; seria considerada como um auxílio de rotina a uma investigação iniciada por uma jovem e brilhante engenheira do CNST Rebecca Upton receberia todo o crédito pelo trabalho dos outros, para que não parecesse tratar-se de um jogo político, embora não fosse outra coisa.

Os presentes estavam começando a desconfiar que havia grandes interesses em jogo, mas a maioria não sabia exatamente quais eram. O que sabiam era que um deputado conseguira a atenção imediata de uma secretária de Estado e do diretor do órgão independente mais importante do governo, e que ele queria resultados imediatos. Parecia que sua vontade seria atendida.

Quando examinaram a parte de baixo da massa de ferros retorcidos que, fazia apenas algumas horas, tinha sido um carro de passeio a caminho da casa da vovó, a causa do desastre pareceu óbvia. Tudo que se fazia necessário, pensou o representante do FBI, era uma análise científica do tanque de gasolina. Para isso, recorreriam a Oak Ridge, que mais de uma vez apoiara as investigações do FBI. Isso exigiria a anuência do Departamento de Energia, mas se Al Trent podia conseguir o aval de dois órgãos importantes em menos de uma hora, por que não de um terceiro?

Goto era um homem fácil de seguir, embora isso pudesse tornar-se cansativo, pensou Nomuri. Com sessenta anos, ainda conservava um vigor invejável e gostava de parecer mais moço do que era. E continuava a frequentar aquele local pelo menos três vezes por semana. Era a casa de chá que Kazuo

mencionara. Não chegara a revelar o nome, mas descrevera o lugar com suficientes detalhes para que Nomuri o localizasse e depois confirmasse suas suspeitas. Tinha visto Goto e Yamata entrarem ali, nunca ao mesmo tempo, mas jamais com uma diferença maior do que alguns minutos, porque seria descortês o segundo fazer o primeiro esperar por muito tempo. Yamata sempre saía na frente e o outro esperava pelo menos mais uma hora, mas nunca mais do que duas. Hipótese, disse para si próprio: um encontro de negócios seguido por algumas horas de lazer, e, em outras noites, apenas a parte de lazer. Como em uma comédia de cinema, Goto sempre saía com ar triunfante e se dirigia rapidamente para o carro, onde o motorista estava à espera. Pelo sorriso malicioso com que abria a porta, depois de fazer uma mesura, o motorista devia saber exatamente do que se tratava. Vez sim vez não, Nomuri seguira o carro de Goto, com muito cuidado para não ser percebido. Duas vezes o perdera no trânsito, mas nas últimas duas ocasiões e em três outras acompanhara o homem até em casa e sentia-se razoavelmente seguro de que seu destino depois de cada uma dessas escapadas era sempre o mesmo. Muito bem. Agora poderia cuidar da outra parte da missão, pensou, sentado no carro, bebendo chá. Teve de esperar quarenta minutos.

Era Kimberly Norton. Nomuri enxergava bem, e a iluminação da rua foi suficiente para que tirasse algumas fotografias antes de saltar do carro.

Seguiu-a do outro lado da rua, tomando cuidado para não olhar diretamente Para a jovem, mas usando a visão periférica para não a perder de vista.

Seguir pessoas sem ser notado fazia parte do currículo da Fazenda. Naquele caso, era fácil. Embora a moça não fosse muito alta pelos padrões americanos, destacava-se na multidão, tanto pela altura como pelos cabelos louros.

Em Los Angeles, passaria totalmente despercebida, pensou Nomuri, uma jovem bonitinha em um mar de jovens bonitinhas. Não chamava a atenção pela forma de caminhar; parecia ter-se adaptado aos hábitos locais, pois andava com passos miúdos e cedia a vez aos homens, quando nos Estados Unidos o esperado seria exatamente o oposto. Quanto às roupas ocidentais, muitas japonesas vestiam-se como ela; na verdade, os trajes tradicionais pareciam ter saído de moda, refletiu, com uma certa surpresa. A jovem dobrou à direita, entrando em outra rua, e Nomuri a seguiu a uns sessenta ou setenta metros de distância, como se fosse um detetive particular ou coisa parecida. Que diabo de missão era aquela?, pensou o agente da CIA.

— Russos? — perguntou Ding.

— Jornalistas independentes. Como está a sua taquigrafia? — perguntou Clark, lendo a mensagem de telex. Mary Pat estava tendo outro ataque de

esperteza, mas, para ser justo, era muito boa no que fazia. Desconfiava havia muito tempo que a CIA tinha um espião na Agência de Notícias Interfax, em Moscou. Talvez até tivesse ajudado a criá-la, pois era a principal fonte de informações políticas em Moscou. Entretanto, até onde sabia, era a primeira vez que a usavam como disfarce. A segunda parte da mensagem era ainda mais interessante. Clark passou-a a Lyalin sem comentários.

— Já era tempo — observou o russo, com um sorriso. — Vão querer nomes, endereços e telefones, certo?

— Isso ajudaria muito, Oleg Yurievich.

— Quer dizer que vamos trabalhar como espiões de verdade? — perguntou Chávez. Seria a primeira vez para ele. A maior parte do tempo, ele e Clark tinham desempenhado a função de operadores paramilitares, executando missões excessivamente difíceis ou perigosas para os agente regulares.

— Faz muito tempo que também não me envolvo em missão desse tipo, Ding. Oleg, ainda não lhe perguntei que língua usava para se comunicar com seu pessoal.

— Sempre o inglês — respondeu Lyalin. — Não revelei a ninguém que era fluente em japonês. Isso me ajudou a conseguir informações. Eles achavam que podiam falar abertamente na minha presença.

— Muito esperto de sua parte, pensou Clark. Você ficava ali parado, com cara de bobo, e as pessoas pensavam que não estava entendendo nada do que diziam.

No seu caso, e no de Ding, não seria necessário fingir. Bem, não precisavam ser superespiões para cumprir a missão a contento, pensou John. Partiriam para a Coreia na terça-feira.

Em outro exemplo de cooperação entre órgãos do governo, um helicóptero UH-1H da Guarda Nacional do Tennessee levou Rebecca Upton, três outras pessoas e os tanques de gasolina para o Laboratório Nacional de Oak Ridge.

Os tanques estavam embrulhados em plástico transparente e foram colocados em dois assentos vazios como se fossem passageiros.

A história de Oak Ridge remontava ao início da década de 1940, quando fizera parte do Projeto Manhattan, nome de código do projeto secreto para construir as primeiras bombas atômicas. Grandes edifícios ainda abrigavam uma usina de enriquecimento de urânio, embora muita coisa tivesse mudado além da construção de um heliporto.

O Huey sobrevoou a área uma vez para avaliar a direção do vento e depois pousou. Um guarda armado acompanhou o grupo até o interior, onde encontraram um cientista e dois técnicos de laboratório à espera; o secretário de

Energia ligara pessoalmente para eles naquela noite de sábado.

O lado científico do caso foi decidido em menos de uma hora. Mais tempo seria necessário para testes adicionais. O relatório completo do CNST abordaria questões como o desempenho dos cintos de segurança, o comportamento dos assentos das crianças no carro de Denton, o funcionamento dos sacos de ar etc., mas todos sabiam que a parte importante, a causa das cinco mortes, era que os tanques de gasolina dos Cresta tinham sido feitos de aço inadequadamente tratado, que sofrera um sério processo de corrosão e por isso tivera sua resistência estrutural reduzida a um terço do valor previsto. O rascunho dessa conclusão foi digitado — com muitos erros — em um processador de texto, impresso e enviado por fax à sede do Departamento de Transportes, ao lado do Museu Aeroespacial do Smithsonian, em Washington. Embora o título do documento de duas páginas fosse OBSERVAÇÕES PRELIMINARES, ele seria tratado como a Sagrada Escritura. O mais impressionante, pensou Rebecca Upton, era que tudo aquilo fora feito em menos de dezesseis horas. Jamais vira o governo agir tão depressa. Que pena que não era sempre assim, pensou, antes de cair no sono no voo de volta para Nashville.

Nessa mesma noite, a Universidade de Massachusetts perdeu para a Universidade de Connecticut por 108 a 103, na prorrogação. Embora fosse um torcedor fanático da Universidade de Massachusetts, onde se formara, Trent estava sorrindo ao sair do ginásio. Conseguira a vitória em um jogo muito mais importante, pensou... embora o jogo não fosse absolutamente o que ele pensava.

Arnie van Damm não gostou de ser acordado de manhã cedo em um domingo, especialmente em um dia que reservara para descansar. Pretendia dormir até as oito, ler o jornal na mesa da cozinha, como um cidadão comum, cochilar na frente da TV depois do almoço e fingir que estava de volta a Columbus, Ohio, onde o ritmo de vida era bem mais descansado.

Seu primeiro temor foi de que tivesse havido uma tragédia nacional. O presidente Durling não costumava abusar do chefe de gabinete, e poucas pessoas conheciam seu número particular. Quando reconheceu a voz do outro lado da linha, arregalou os olhos e olhou para o teto do quarto de dormir.

— Al, espero que isto seja sério — resmungou, às sete e quinze da manhã. Depois, escutou o que o outro tinha a dizer. — Está bem, um minuto, certo? Ligou o computador (até ele tinha de usar um, para acompanhar os tempos) e consultou a agenda da Casa Branca. Ao lado do computador havia uma extensão do telefone.

— Está bem, Al, posso encaixá-lo amanhã de manhã, às oito e quinze.

— Tem certeza do que está dizendo? Escutou por mais alguns minutos,

irritado com o fato de Trent haver subornado três órgãos do Poder Executivo, mas afinal ele era membro do Congresso, e um dos mais influentes; sentia-se tão à vontade exercendo o poder quanto um pato nadando.

— O que quero saber é o seguinte: o presidente me apoiará?

— Se sua informação estiver correta, acredito que sim, Al.

— Desta vez eles passaram dos limites, Arnie. Cansei de falar sobre o assunto, mas desta vez os filhos da puta mataram americanos.

— Pode me mandar um fax do relatório?

— Estou correndo para pegar um avião. Mando a você assim que chegar ao escritório.

— Então por que me telefonou agora?, van Damm teve vontade de perguntar.

— Estarei esperando — limitou-se a dizer.

A providência seguinte foi pegar o jornal de domingo na varanda. Ê incrível, pensou, folheando as primeiras páginas. A notícia mais importante do dia, talvez do ano, e ninguém ainda começou a explorá-la.

Era típico.

Estranhamente, a não ser pela atividade da máquina de fax, o restante do dia transcorreu de acordo com as previsões, o que permitiu que o chefe de gabinete do presidente se comportasse como um cidadão comum, sem sequer se preocupar com o que o esperava no dia seguinte. No fim tudo daria certo, pensou consigo mesmo antes de adormecer no sofá da sala e perder o jogo entre os Lakers e os Celtics, transmitido ao vivo do Boston Garden.

9
JOGOS DE PODER

Ainda havia alguns trunfos a serem jogados naquela segunda-feira, mas Trent já conseguira muita coisa. A Câmara dos Deputados dos Estados Unidos abriria, como sempre, ao meio-dia. O capelão recitou a prece, surpreso ao constatar que o presidente da Casa estava presente, que havia mais de cem deputados para ouvi-lo, em vez dos seis ou sete que em geral faziam fila para pequenos pronunciamentos a serem transmitidos pelo canal C-SPAN, e que havia muitos repórteres no setor de imprensa. A única coisa que parecia normal eram as galerias, com a cota habitual de turistas e estudantes. O capelão, intimidado, gaguejou o restante da oração e foi embora, ou por outra, fez menção

de ir embora, mas decidiu ficar para ver o que estava acontecendo.

— O senhor presidente. — anunciou uma voz, sem surpreender ninguém no plenário.

O presidente da Casa já estava olhando naquela direção, tendo sido convocado por um telefonema da Casa Branca.

— A mesa reconhece o cavalheiro de Massachusetts.

Al Trent caminhou para o atril com passos rápidos. Depois que chegou lá, levou algum tempo arrumando suas anotações no suporte inclinado de madeira, enquanto três assistentes montavam um cavalete, fazendo a plateia esperar e estabelecendo o tom dramático do discurso com um silêncio eloquente. Finalmente, ele começou com a frase de praxe: — Senhor presidente, peço permissão para dirigir-me ao plenário.

— Sem objeções — respondeu o presidente da Casa, mas não automaticamente como de costume. A atmosfera era diferente, algo que todos, a não ser os turistas, podiam sentir na pele. Os próprios guias turísticos sentaram-se, o que não era comum. Oitenta membros do partido de Trent tinham comparecido à sessão, juntamente com vinte e poucos deputados da oposição, entre eles todos os líderes da minoria que se encontravam no fomento em Washington. Embora alguns desses últimos fingissem um total desinteresse, o simples fato de estarem ali era objeto de comentários por parte dos repórteres, que também tinham sido informados de que algo de importante estava para acontecer.

— Senhor presidente, no sábado de manhã, na Interstate 40, entre Knoxville e Nashville, Tennessee, cinco cidadãos americanos foram condenados a uma morte horrível pela indústria automobilística japonesa.

Trent leu os nomes e idades das vítimas do acidente e um dos assistentes mostrou o primeiro painel, uma fotografia em preto e branco da cena do acidente. O político esperou um pouco, deixando que a plateia absorvesse a imagem, imaginasse o que teriam passado os ocupantes dos dois veículos. No setor da imprensa, cópias do seu discurso e das fotografias estavam sendo distribuídas naquele momento.

— Senhor presidente, temos o dever de perguntar, primeiro, por que essas pessoas morreram, e segundo, por que sua morte deve ser discutida nesta casa.

“Uma jovem e brilhante engenheira do governo federal, a Srta. Rebecca Upton, foi chamada ao local do desastre pelas autoridades policiais e logo verificou que o acidente tinha sido causado por uma grave falha de projeto nos veículos. Mais precisamente, que o incêndio responsável pelas mortes resultara de um defeito estrutural nos tanques de combustível de ambos os carros.

“Senhor presidente, não faz muito tempo, esses mesmos tanques de

gasolina foram objeto de negociações entre os Estados Unidos e o Japão.

Um produto superior, por coincidência fabricado em meu distrito eleitoral, foi proposto ao representante comercial japonês. O componente americano apresenta melhor desempenho e pode ser produzido por um custo mais baixo, graças à competência e operosidade dos trabalhadores americanos, mas foi rejeitado pelos japoneses porque supostamente deixava de atender aos rigorosos padrões da sua indústria automobilística! “Senhor presidente, esses mesmos padrões rigorosos permitiram a morte de cinco cidadãos americanos em um acidente no qual, de acordo com a Polícia Rodoviária do Tennessee e o Conselho Nacional de Segurança dos Transportes, os parâmetros de segurança estabelecidos por lei nos Estados Unidos há mais de quinze anos não foram de forma alguma excedidos.

Ninguém deveria ter morrido no acidente, mas uma família foi quase totalmente exterminada — se não fosse pela coragem de um motorista de caminhão, não restaria um único membro — e duas famílias estão neste instante chorando a morte de suas filhas porque os operários americanos não tiveram permissão para fornecer um componente de melhor qualidade, embora alguns modelos deste automóvel sejam produzidos aqui mesmo nos Estados Unidos! Um desses tanques defeituosos viajou dez mil quilômetros para ser instalado em um dos carros acidentados... para que pudesse matar um marido, uma esposa, uma menina de três anos e um recém-nascido, que viajavam nesse automóvel! Isso não pode continuar, senhor presidente! Os resultados preliminares da investigação do CNST, confirmados pelos cientistas do Laboratório Nacional de Oak Ridge, mostram que os tanques de gasolina dos dois automóveis, um deles fabricado no Japão e o outro montado aqui mesmo em Kentucky, não atendiam aos padrões mínimos de segurança estabelecidos há muitos anos pelo Departamento de Transportes. Em consequência, o Departamento de Transportes dos Estados Unidos decidiu tirar imediatamente de circulação todos os veículos de passageiros modelo Cresta... — Trent fez uma pausa e olhou em volta. A plateia sabia que aquilo não era tudo e continuava esperando por uma bomba.

“Conversei com o presidente a respeito desde trágico acidente e suas implicações. O Departamento de Transportes constatou que o mesmo tanque de combustível é usado em quase todos os automóveis japoneses importados pelos Estados Unidos. Assim, estou apresentando hoje uma proposta de lei, HR-12313, que autoriza o presidente a exigir que os Departamentos de Comércio, Justiça e Tesouro...

— No uso dos seus poderes — estava dizendo a porta-voz da Casa Branca na Sala de Imprensa — e no interesse da segurança, o presidente instruiu a Divisão Alfandegária do Departamento do Tesouro a inspecionar todos os carros

japoneses importados nos respectivos portos de entrada para impedir a comercialização de veículos com um defeito de fabricação que há dois dias provocou a morte de cinco cidadãos americanos. Uma legislação destinada a formalizar a competência do presidente no assunto está sendo proposta pelo deputado Alan Trent de Massachusetts. A lei conta com o apoio total do presidente e esperamos que seja votada com urgência, no interesse da segurança pública.

— O termo técnico para esta medida é reciprocidade setorial — prosseguiu a porta-voz. — Isto significa que adotaremos uma legislação semelhante, em todos os detalhes, às práticas comerciais japonesas.

Levantou os olhos, à espera das perguntas. Curiosamente, não houve nenhuma.

— Mudando de assunto, a viagem do presidente a Moscou foi marcada para...

— Espere um momento — interrompeu um repórter, que levara alguns segundos para digerir o primeiro tópico. — O que foi que você acabou de dizer?

— Do que se trata, chefe? — perguntou Ryan, folheando a pasta.

— Veja a segunda página, Jack.

— Está bem. — Jack leu rapidamente. — Ah, vi isso na TV outro dia. — Olhou para o presidente. — Eles não vão gostar nem um pouquinho.

— Azar o deles — replicou o presidente Durling, friamente. — Durante um ou dois anos, conseguimos diminuir o déficit da balança comercial, mas esse novo líder está tão comprometido com os magnatas da indústria, que simplesmente não conseguimos mais fazer negócios. Agora chega. Eles param nossos carros no cais, praticamente os desmontam para ter certeza de que são “seguros” e depois repassam o custo da “inspeção” ao consumidor!

— Sei disso, chefe, mas...

— Agora chega!

Além disso, o ano da eleição estava se aproximando e o presidente precisava do apoio dos sindicatos. Não era a seara de Jack, e o conselheiro de Segurança Nacional não estava disposto a fazer daquilo um cavalo de batalha.

— Vamos falar da Rússia e dos mísseis — propôs Roger Durling.

Estava guardando o assunto mais polêmico para o final. O FBI marcara uma reunião com o pessoal do Judiciário para a tarde do dia seguinte. Não, decidiu Durling, depois de meditar por um momento, teria de telefonar para Bill Shaw e adiar o encontro. Não queria que dois assuntos tão importantes competissem pelas manchetes. Kealty teria de esperar um pouco. Contaria a Ryan, mas o caso de assédio sexual ficaria na geladeira por mais de uma semana.

A diferença de fusos horários garantia a confusão. De um lugar onde a hora local estava quatorze horas à frente da hora da costa leste, começaram a chover telefonemas para a madrugada de Washington.

A natureza irregular da decisão americana, que passara por cima dos trâmites oficiais do governo e portanto também escapara à curiosidade das pessoas que colhiam informações para seus países, pegara a todos totalmente de surpresa. O embaixador japonês em Washington estava em um restaurante famoso, almoçando com um amigo, e o mesmo provavelmente acontecia com os funcionários da embaixada, que ficava na Massachusetts Avenue, NW. Na lanchonete da embaixada e por toda a cidade, bips começaram a tocar ordenando que telefonassem imediatamente para seus escritórios, mas era tarde demais. A notícia já estava nas redes internacionais de TV; essas transmissões foram vistas no Japão e galgaram a cadeia hierárquica, até que vários zaibatsu foram acordados em uma hora totalmente imprópria. Esses homens, por sua vez, chamaram os subordinados, que já estavam de pé, e lhes ordenaram que acionassem imediatamente os lobistas. Muitos deles já estavam em ação. A maioria tinha visto a cobertura do C-SPAN do discurso de Al Trent e começara a trabalhar por conta própria, tentando limitar os prejuízos antes mesmo de receber instruções dos superiores. Foram acolhidos com frieza em todos os escritórios, mesmo por congressistas para quem contribuíam regularmente. Mas havia exceções.

— Escute — disse um senador, pensando na sua campanha para a reeleição, e precisando de fundos, como bem sabia o visitante —, não vou sair em público e declarar que se trata de uma medida injusta quando oito pessoas morreram queimadas. Vamos ter que deixar as coisas esfriarem. — Você compreende, não é?

Apenas cinco pessoas tinham morrido queimadas, pensou o lobista, mas o conselho do senador era sensato, ou teria sido em circunstâncias normais. O lobista recebia mais de trezentos mil dólares por ano pelos seus conselhos — tinha trabalhado como assistente de um senador durante dez anos antes de ver a luz — e para ser uma fonte honesta de informações.

Também era pago para distribuir fundos de campanha de uma forma não tão honesta.

— Está bem, senador — concordou, em tom compreensivo. — Não se esqueça, porém, de que esta lei pode provocar uma guerra comercial em que todos sairão prejudicados.

— Acontecimentos como este têm uma vida limitada, não duram para sempre — replicou o senador.

Aquela era a opinião de muitos analistas às cinco horas da tarde daquele

dia, que correspondia a sete horas da manhã seguinte no Japão. O erro estava em esquecer o fato de que nunca houvera um acontecimento como aquele.

Os telefones estavam tocando sem parar nos escritórios de praticamente todos os membros das duas casas do Congresso. A maioria se mostrava revoltada com o que acontecera na 1-40, o que era de esperar. Havia algumas centenas de milhares nos Estados Unidos, distribuídas por todos os estados e por todos os quatrocentos e trinta e cinco distritos eleitorais, que não Perdiam nenhuma oportunidade de ligar para seus representantes em Washington para manifestar sua opinião a respeito de qualquer assunto.

Os assistentes dos congressistas atendiam aos chamados e anotavam a hora e a data, além do nome e endereço dos interlocutores — em muitos casos, não precisavam nem perguntar, porque já eram capazes de reconhecê-los Pela voz. Os telefonemas eram classificados por tópico e opinião, incorporados ao relatório diário e na maioria dos casos rapidamente esquecidos.

Outros telefonemas eram encaminhados a funcionários mais graduados, e em alguns casos aos próprios congressistas. Eram os chamados de empresários locais, na maioria industriais cujos produtos competiam diretamente no mercado com mercadorias importadas ou, em um número menor de casos, de pessoas que tinham encontrado dificuldades para fazer negócios no Japão. Esses telefonemas nem sempre resultavam em alguma medida concreta, mas não podiam ser ignorados.

Depois ter passado algum tempo na obscuridade, esgotadas as primeiras notícias, o acidente voltou a ser abordado com destaque por todos os meios de comunicação. Os noticiários de televisão mostraram fotografias do policial, da esposa e dos três filhos, e também de Nora Dunn e Amy Rice, seguidas por uma breve entrevista gravada com o heroico caminhoneiro e imagens distantes de Jessica Denton, órfã, contorcendo-se de dor no hospital, sendo tratada por enfermeiras que choravam enquanto limpavam seu rosto queimado. No momento as famílias envolvidas estavam reunidas com advogados, que lhes recomendavam o que dizer diante das câmaras e preparavam suas próprias declarações com cifrões desfilando diante dos olhos. Os repórteres encarregaram-se de registrar a reação de familiares, amigos e vizinhos, e na revolta de pessoas que haviam sofrido uma perda súbita, outros viram uma oportunidade de dar vazão aos próprios ressentimentos ou uma forma de tirar vantagem da situação.

O acontecimento mais revelador de todos, porém, foi a história do tanque de gasolina. O laudo preliminar do CNST se tornou conhecido momentos depois que sua existência foi anunciada ao plenário da Câmara.

Era uma notícia boa demais para ser ignorada. As empresas de automóveis

americanas ofereceram seus engenheiros para explicar o lado científico da questão; todos observaram, com satisfação incontida, que se tratava de um exemplo clássico de uma falha de controle de qualidade de um componente muito simples, que os japoneses, afinal, não eram tão competentes como todo mundo pensava.

— É preciso entender, Tom, que o aço galvanizado é usado há mais de um século — explicou um engenheiro da Ford ao entrevistador do programa ”Notícias na Noite”, da NBC. — E desse material que são feitas as latas de lixo.

— Latas de lixo? — repetiu o entrevistador, surpreso, porque para ele as latas de lixo eram feitas de plástico.

— Há muitos anos que eles criticam nosso controle de qualidade, dizendo que nossos carros não são seguros, não são eficientes, não são bem acabados... agora, veja o que fizeram. Isto é o fim da picada, Tom — prosseguiu o engenheiro, em tom indignado. — Os tanques de gasolina dos Cresta são menos resistentes do que uma lata de lixo fabricada com tecnologia de 1890. E foi por isso que cinco pessoas morreram queimadas.

Esse comentário acidental ajudou a criar um símbolo para a tragédia.

Na manhã seguinte, cinco latas de lixo de aço galvanizado apareceram na entrada principal da fábrica do Cresta em Kentucky, acompanhadas por um cartaz com os dizeres: POR QUE VOCÊS NÃO EXPERIMENTAM UMA DESTAS? A CNN cobriu a notícia com destaque. Era tudo uma manifestação de opinião pública. As autoridades levariam semanas para descobrir o que realmente ocorrera, mas àquela altura a opinião pública e suas consequências já teriam superado a realidade havia muito tempo.

O comandante do navio Nissan Courier não ouvira falar do acidente. A embarcação, de linhas pouco elegantes, parecia um paralelepípedo de aço maciço que alguém escavara com uma grande colher para criar espaço interno. Tinham sido necessários quatro rebocadores Moran para conduzi-lo ao Terminal Marítimo Dundalk do porto de Baltimore. A área que fora um dia o primeiro aeroporto da cidade se revelara o local perfeito para receber automóveis. Apenas depois de terminadas as complexas manobras de atracação, foi que o comandante notou que o enorme pátio de carros estava quase lotado. Aquilo era muito estranho, pensou. O último navio da Nissan chegara na quinta-feira anterior, e normalmente o pátio já teria esvaziado bastante, criando vagas para a carga que trazia. Olhando mais além, viu apenas três jamantas esperando para ser carregadas; normalmente, elas formavam uma longa fila.

— Acho que eles não estavam brincando — comentou o piloto da baía de Chesapeake. Ele subira a bordo do Courier no cabo da Virgínia, mas antes

assistira a uma reportagem na TV. Sacudiu a cabeça e se dirigiu para a escada de desembarque. Deixaria o agente portuário comunicar a má notícia ao comandante.

Foi exatamente o que o agente portuário fez, depois de subir a escada e se encaminhar à ponte. O estacionamento tinha vagas para mais duzentos carros, no máximo, mas até o momento não recebera nenhuma instrução quanto ao que fazer com os outros veículos. Normalmente, o navio não ficaria no porto mais do que vinte e quatro horas, tempo necessário para descarregar os automóveis e reabastecer o navio para a viagem de volta ao porto de origem, onde a mesma rotina seria repetida no sentido inverso, dessa vez carregando carros na embarcação vazia para mais uma viagem aos Estados Unidos. Os navios daquela linha obedeciam a um cronograma monótono mas impecável, cujas datas eram tão fixas quanto as estrelas do céu.

— Como assim? — perguntou o comandante.

— Todos os carros têm de ser vistoriados — explicou o agente portuário, apontando com a mão. — Dê uma olhada.

O comandante dirigiu os binóculos Nikon para o cais e viu um grupo de funcionários da Alfândega, seis ao todo, usar um macaco hidráulico para levantar um carro e examiná-lo por baixo, enquanto faziam anotações em suas pranchetas. Pareciam não ter a menor pressa. Podia vê-los balançar o corpo de um lado para outro, como se estivessem brincando, em ver de trabalhar com a diligência esperada de empregados do governo. Por isso, não associou a cena às poucas vezes em que vira inspetores da alfândega japonesa fazerem uma inspeção semelhante, mas muito mais completa, em carros americanos, alemães e suecos, nas docas de Yokohama, seu porto de origem.

— Desse jeito, teremos de esperar vários dias! — exclamou o comandante, indignado.

— Talvez não mais que uma semana — afirmou o agente, em tom otimista.

— Acontece que só há lugar para um navio neste terminal, e o Nissan Voyager vai chegar daqui a setenta horas!

— Não há nada que eu possa fazer.

— E o meu cronograma? — perguntou o comandante, de fato horrorizado.

— Também não há nada que eu possa fazer quanto a isso — declarou o agente, com toda a paciência, a um homem cujo mundo, como o conhecia, acabava de se desintegrar.

— Como podemos ajudar? — perguntou Seiji Nagumo.

— O que quer dizer com isso? — replicou o funcionário do Departamento de Comércio.

— Estou me referindo àquele terrível acidente. — Nagumo estava sendo sincero. Os japoneses tinham substituído havia muito tempo a madeira e o papel por materiais de construção mais resistentes, mas haviam herdado dos antepassados o horror pelo fogo. Um cidadão que permitia que um incêndio começasse em sua propriedade e atingisse as propriedades vizinhas não apenas estava sujeito a indenizar as vítimas como podia ser processado criminalmente. Ele se sentia envergonhado por um produto japonês ter causado uma tragédia como aquela. — Ainda não recebi nenhum comunicado oficial do meu país, mas quero lhe dizer que, pessoalmente, fiquei chocado com o que aconteceu. Asseguro-lhe que vamos fazer uma investigação minuciosa.

— É um pouco tarde para isso, Seiji. Como deve se lembrar, estivemos discutindo exatamente esta questão...

— Sim, é verdade, mas precisa entender que mesmo que tivéssemos chegado a um acordo, os tanques em questão não teriam sido recolhidos... não faria diferença para aqueles infelizes.

O negociador americano sentia-se em uma posição muito confortável. As mortes do Tennessee, bem, não podia dizer que estava satisfeito com elas, mas tivera de aguentar a arrogância daquele filho da mãe durante três anos, e a situação atual, apesar da tragédia, tinha sabor de vitória.

— Seiji-san, como eu já disse, é um pouco tarde para isso. Suponho que vocês possam nos ajudar, mas temos nosso trabalho a fazer. Afinal, deve compreender que o governo americano tem obrigação de zelar pela segurança dos cidadãos deste país. O acidente deixou claro que não cumprimos este dever a contento. Agora devemos fazer o possível para nos redimirmos.

— O que podemos fazer, Robert, é financiar a operação. Nossos fabricantes de automóveis se encarregariam de contratar inspetores de segurança para liberar os veículos nos portos de chegada e...

— Seiji, sabe muito bem que isso seria inaceitável. Não podemos permitir que inspeções oficiais sejam executadas por representantes de indústria.

Como o burocrata sabia muito bem, isso não era verdade; acontecia o tempo todo.

— No interesse de mantermos uma relação comercial amistosa, oferecemo-nos para reembolsar os gastos do governo americano nessas operações de inspeção. Nós...

O funcionário interrompeu-o com um gesto.

— Seiji, é melhor não prosseguir. Por favor... deve compreender que o que está propondo poderia ser encarado como uma tentativa de suborno.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo.

— Escute, Seiji, quando a nova lei for aprovada, não haverá mais

problemas. Isso não levaria muito tempo. Uma avalanche de cartas e telegramas de grupos de interesse organizados às pressas — a United Auto Workers, por exemplo, que sentira o cheiro de sangue tão depressa como um tubarão — instruíra a população a se manifestar a favor da proposta de lei. A Lei Trent já era a primeira da pauta para ser votada na Câmara, e os entendidos calculavam que em menos de suas semanas estaria na mesa do presidente para ser assinada.

— Mas a Lei Trent..

O funcionário do Departamento do Comércio se inclinou para a frente.

— Seiji, qual é o problema? A Lei Trent estabelece que o presidente, assessorado por advogados aqui do departamento, terá poderes para adotar uma legislação comercial idêntica à japonesa. Em outras palavras, tudo que faremos será praticar o princípio da reciprocidade. Ora, como pode ser injusto que os americanos apliquemos aos produtos japoneses as mesmas leis que os japoneses aplicam aos nossos produtos?

Até aquele momento, Nagumo ainda não entendera perfeitamente a situação.

— Você não compreende. Nossas leis são apropriadas à nossa cultura. A cultura de vocês é diferente e...

— Sim, Seiji, eu sei. As leis que vocês adotam se destinam a proteger as indústrias locais contra práticas desleais por parte de empresas estrangeiras. O que pretendemos fazer é exatamente a mesma coisa. Essa é a má notícia. A boa notícia é que sempre que vocês abrirem mercados para nós, faremos automaticamente a mesma coisa por vocês. A verdade, Seiji, é que vamos aplicar aos produtos japoneses as leis que vocês mesmos criaram, e então veremos se essas leis são justas ou não. De que vocês podem se queixar? Há anos que vêm nos dizendo que essas leis não constituem uma barreira para o ingresso dos nossos produtos no mercado japonês, que a verdadeira razão está na falta de competitividade da indústria americana. — O funcionário recostou-se no assento e sorriu. — Pois agora vão sentir na carne se essas observações são corretas ou não. Você não vai me dizer que me levou a acreditar em falsidades, vai?

Se fosse cristão, Nagumo teria pensado: Meu Deus!, mas sua religião era animista e suas reações internas eram diferentes, embora no fundo tivessem o mesmo significado. Acabavam de chamá-lo de mentiroso, e o pior de tudo era que a acusação... procedia.

A Lei Trent, agora chamada oficialmente de Lei da Reforma do Comércio, foi explicada ao público naquela mesma noite. Sua simplicidade filosófica era elegante. Porta-vozes da administração, e Trent em pessoa no programa ”MacNeil/Lehrer”, explicaram que a lei criava uma pequena comissão de advogados e especialistas em comércio do Departamento de Comércio,

assistidos por autoridades em direito internacional do Departamento de Justiça, que teria autoridade para analisar as leis de comércio de outros países, elaborar regulamentos americanos tão semelhantes quanto possível às leis estrangeiras e recomendá-los ao secretário de Comércio, que os submeteria ao presidente. O presidente, por sua vez, teria autoridade para colocar esses regulamentos em vigor através de um decreto presidencial. O decreto poderia ser vetado por maioria simples nas duas casas do Congresso, cuja autoridade em assuntos desse tipo era garantida pela Constituição.

Esta última cláusula evitaria que a lei fosse contestada na justiça com base no princípio da independência dos poderes. A Lei da Reforma do Comércio também tinha um prazo de validade. Quatro anos depois de entrar em vigor, seria automaticamente revogada, a menos que fosse novamente proposta pelo Congresso e aprovada pelo presidente em exercício. Isso fazia com que a LRC parecesse uma medida provisória cujo único objetivo era estabelecer o livre comércio de uma vez por todas. Tratava-se de uma mentira, mas uma mentira plausível, mesmo para os que sabiam disso.

— O que pode ser mais justo? — perguntou Trent na PBS. — Tudo que estamos fazendo é reproduzir as leis de outros países. Se essas leis são justas para os produtos americanos, também devem ser justas para os produtos estrangeiros. Nossos amigos japoneses — ele sorriu — vêm nos dizendo há anos que suas leis não são discriminatórias. Ótimo. Então não têm de que se queixar se também começarmos a usá-las.

O que mais divertiu Trent foi observar a aflição do homem que estava do outro lado da mesa. O ex-subsecretário de Estado, que ganhava mais de um milhão de dólares para defender os interesses da Sony e da Mitsubishi, procurava desesperadamente algo para dizer que fizesse sentido, mas nada lhe vinha à cabeça.

— Isto pode representar o início de uma verdadeira guerra comercial...— começou, apenas para ser interrompido de forma brusca.

— Escute, Sam, a Convenção de Genebra não provocou nenhuma guerra, não é mesmo? Simplesmente aplicou as mesmas regras de conduta a todos os países combatentes. Se está tentando dizer que o uso de regulamentos japoneses em portos americanos causará uma guerra, então já estamos em guerra e você está lutando do outro lado, não está? A observação foi seguida por cinco segundos de silêncio embaraçoso.

Simplesmente não havia resposta possível.

— Puxa vida! — exclamou Ryan, sentado em casa em frente à televisão,

em uma hora decente para variar.

— Ele tem jeito para essas coisas — observou Cathy, levantando os olhos de algumas anotações médicas.

— É verdade — concordou o marido. — E sabe agir depressa. Não faz muito tempo que ouvi falar do caso pela primeira vez.

— Acho que ele está certo. E você? — perguntou a esposa.

— Talvez esteja sendo um pouco precipitado. — Jack fez uma pausa. — O que acha dos médicos de lá?

— Dos médicos japoneses? Não são muito bons, pelos nossos padrões.

— Verdade?

— O sistema de saúde japonês era considerado exemplar. Afinal, tudo era "gratuito".

— Como assim?

— Eles são muito submissos — respondeu Cathy, voltando a se concentrar nas notas. — O professor tem sempre razão, esse tipo de coisa. Os mais jovens não aprendem a se virar sozinhos, e quando têm idade suficiente para se tornar professores, já não se lembram de muita coisa.

— Quantas vezes a senhora se engana, professora-adjunta de cirurgia oftálmica? — brincou Jack.

— Quase nunca — respondeu Cathy, levantando novamente os olhos —, mas jamais deixei de responder a uma pergunta dos meus alunos. No momento, temos três estudantes japoneses em Wilmer. São competentes, esforçados, mas nada versáteis. Acho que é um problema cultural. Estamos tentando endireitá-los, mas não é fácil.

— O chefe tem sempre razão...

— Nem sempre.

Cathy fez uma anotação para uma mudança de remédio. Ryan olhou para ela com o palpite de que acabara de descobrir uma coisa importante.

— Eles são bons para inventar novos tratamentos?

— Jack, por que acha que vêm para cá? Por que acha que existem tantos na universidade? Por que acha que muitos se estabelecem aqui?

Eram nove da manhã em Tóquio quando os noticiários noturnos americanos foram mostrados, via satélite, nos escritórios dos executivos. Tradutores competentes encarregaram-se de traduzir para o japonês. Os programas estavam sendo gravados para uma análise mais detalhada, mas o que os executivos ouviram foi suficiente.

Kozo Matsuda estava fora de si. Manteve as mãos no colo, fora das vistas dos outros ocupantes do escritório, para que não pudessem ver como tremiam. O

que ouvira em duas línguas — seu inglês era excelente — já era preocupante; o que vira era pior ainda. Sua empresa já estava perdendo dinheiro graças a... irregularidades no mercado mundial. Um terço dos produtos da empresa eram exportados para os Estados Unidos, e se esse mercado fosse fechado...

A entrevista foi seguida por uma reportagem que mostrava o Nissan Courier ainda atracado em Baltimore e o Nissan Voyager ancorado no meio da baía de Chesapeake. Um terceiro navio acabava de passar pelo cabo da Virgínia, embora a descarga do primeiro ainda não estivesse nem na metade.

A única razão pela qual a TV mostrara aqueles navios em particular era que Baltimore ficava perto de Washington. A mesma coisa estava acontecendo nos portos de Los Angeles, Seattle e Jacksonville. Como se os carros estivessem sendo usados para transportar drogas, pensou Matsuda. Se os americanos estivessem falando sério, então...

Não, não podiam estar.

— O que acha da possibilidade de uma guerra comercial? — estava perguntando Jim Lehrer ao tal de Trent.

— Jim, há anos que venho dizendo que já estamos em guerra comercial com o Japão. O que fizemos foi simplesmente estabelecer as mesmas regras para todos os combatentes.

— Mas se a situação se agravar, os interesses americanos não serão prejudicados?

— Quais são esses interesses, Jim? Vamos permitir que criancinhas morram queimadas para proteger supostos interesses americanos? — rebateu Trent, sem pestanejar.

As palavras fizeram Matsuda se encolher. A imagem era chocante demais para um homem cuja memória de infância mais remota era a da manhã do dia 10 de março de 1945. Não tinha três anos quando a mãe o carregara para fora de casa para salvá-lo do incêndio provocado pelo 21º Comando de Bombardeiros Curtis LeMay. Passara vários anos acordando aos gritos no meio da noite e toda a vida adulta fora um pacifista convicto. Estudara história, aprendera como e por que a guerra começara, como os Estados Unidos tinham encurralado a geração anterior à sua em um canto do qual só havia uma saída... e mesmo assim uma falsa saída.

Talvez Yamata tivesse razão, pensou, talvez todo o episódio tivesse sido forjado pelos americanos. Primeiro, forçar o Japão a um confronto; depois, esmagá-lo, contendo assim a ascensão natural de um país cujo destino era desafiar a supremacia americana. Apesar de tudo, jamais conseguira compreender por que os zaibatsu da época, os membros da Sociedade do Dragão Negro, não tinham sido capazes de encontrar uma saída para o impasse, já que a

guerra era uma opção inaceitável. Não seria a paz, por mais humilhante que fosse, uma solução melhor do que a terrível destruição trazida pela guerra? Agora, porém, era diferente. Agora era um deles e podia ver com clareza o abismo que os esperava se recuassem. Estariam tão errados naquela época?, perguntou-se, deixando de prestar atenção ao que estava sendo mostrado na TV. O que desejavam era apenas uma estabilidade econômica verdadeira para o país: a Esfera de Prosperidade do Leste Asiático.

Os livros de história da juventude tinham rotulado esse ideal como uma farsa, mas seria mesmo? Para que a economia do país funcionasse, ele precisava de recursos, matérias-primas, mas o Japão não dispunha de riquezas naturais, a não ser o carvão, que era muito poluente. O Japão precisava de ferro, bauxita, petróleo e muito mais, para transformar esses insumos em bens de consumo que pudessem ser exportados. O país necessitava de divisas para pagar os insumos; essas divisas eram fornecidas pelos compradores dos produtos acabados. Se o comércio com os Estados Unidos, o maior e mais importante parceiro comercial do Japão, fosse interrompido, boa parte dessas divisas deixaria de entrar. Quase sessenta bilhões de dólares! f Haveria vários reajustes, é claro. Depois das últimas notícias, o valor do iene desabaria em relação ao dólar e outras moedas fortes, o que tornaria os produtos japoneses mais baratos no mundo inteiro. Mas a Europa acompanharia os Estados Unidos. Estava certo disso. As barreiras comerciais, já mais severas do que as americanas, ficariam ainda mais rigorosas, e ao mesmo tempo o valor do iene continuaria a cair. Seria preciso cada vez mais divisas para comprar os recursos, sem os quais o país sofreria um colapso total. Como a queda de um precipício, a aceleração para baixo tornar-se-ia cada vez maior; o único consolo era que não estaria ali para ver o desenlace, porque sua empresa já teria fechado as portas há muito tempo. Ficaria arruinado, ele e os amigos. Alguns cometeriam suicídio, mas não muitos. Isso agora era uma coisa para os filmes da TV; as antigas tradições de uma cultura rica em orgulho mas pobre em quase tudo mais.

A vida era muito boa para que renunciasse a ela com tanta facilidade... seria mesmo? O que esperava o país dentro de dez anos? Uma volta à pobreza... ou... alguma coisa diferente? A decisão seria em parte sua, pensou Matsuda, porque o governo era na verdade uma extensão do pensamento coletivo de pessoas como ele.

Olhou para as mãos trêmulas pousadas no colo. Agradeceu aos dois empregados e dispensou-os com um gesto de cabeça. Só então teve coragem de colocar as mãos em cima da mesa e pegar o telefone.

Clark chamava aquele voo de “viagem sem fim”; embora a KAL os tivesse

colocado na primeira classe, isso não fazia muita diferença. Nem mesmo as encantadoras aeromoças coreanas, vestidas com trajes típicos, podiam torná-lo menos monótono. Já assistira a dois dos três filmes — em outros voos —, e o terceiro era sofrível. O canal de notícias do rádio prendera sua atenção durante os quarenta minutos necessários para inteirar-se das notícias mundiais, mas depois disso se tornara repetitivo. A revista da KAL durara apenas trinta minutos — mesmo assim, com boa vontade —, e os jornais americanos não traziam nenhuma novidade. Só lhe restava rezar para o tempo passar depressa. Ding, pelo menos, tinha o material do curso para se distrair. No momento, estava lendo o clássico Dreadnought, de Massey, que falava da forma como as relações internacionais tinham-se deteriorado no século anterior porque os vários países da Europa — ou melhor, os seus líderes — não tinham conseguido fazer as reformas necessárias para manter a paz. Clark lembrava-se de ter lido a obra pouco depois que fora lançada.

—Eles foram muito inábeis, não foram? — comentou com o amigo depois de passar uma hora lendo por cima do seu ombro. Ding lia muito devagar, uma palavra de cada vez. Mas, afinal, estava estudando, não estava?

— Acho que sim, John. — Chávez levantou os olhos do livro e se espreguiçou, o que era mais fácil para ele do que para Clark, graças à sua constituição miúda. — A professora Alpher quer que eu identifique três ou quatro erros cruciais para a minha tese, decisões infelizes, esse tipo de coisa.

— Mas não foi só isso, entende? O que os líderes tinham que fazer era examinar os problemas com isenção, como se não tivessem nada a ver com eles, mas os idiotas filhos da puta jamais agiram assim. Simplesmente não sabiam ser objetivos. O outro ponto é que foram incapazes de prever as consequências dos seus atos. Tinham boas ideias, mas não se deram ao trabalho de investigar até onde essas ideias os levariam. Sabe de uma coisa? Posso identificar os erros, fazer o que ela me pediu, mas vai ser tudo embromação, John. O problema não estava nas decisões e sim nas pessoas que as tomaram. Elas simplesmente não estavam à alturas de suas responsabilidades. Não eram homens de visão, entende? — Chávez despregou os olhos do livro, grato pela interrupção. Estava lendo e estudando por mais de onze horas, parando apenas para comer e ir ao banheiro. — Estou precisando correr alguns quilômetros — resmungou, também farto de tanto ficar parado.

John consultou o relógio.

— Faltam apenas quarenta minutos. Já começamos a descida.

— Acha que os líderes de hoje são diferentes? — perguntou Ding, com voz cansada.

Clark riu.

— Meu amigo, há certas coisas na vida que não mudam nunca.

O rapaz sorriu.

— Outra é que pessoas como nós acabam sempre pagando o pato quando a coisa estoura.

Levantou-se e foi até o banheiro lavar o rosto. Olhando-se no espelho, ficou satisfeito porque passariam um dia em um esconderijo da CIA. Estava precisando tomar banho, fazer a barba e desenferrujar os músculos antes de assumir a identidade da missão. E talvez fazer algumas anotações preliminares para sua tese.

Clark olhou pela janela e viu uma paisagem coreana iluminada pelos tons róseos e incorpóreos do alvorecer. O garoto estava se transformando em um intelectual! Deu um sorriso cansado, com os olhos fechados, o rosto virado para a janela. Ding era inteligente, mas o que aconteceria quando escrevesse que os idiotas filhos da puta jamais agiram assim na tese de mestrado? Afinal, estava falando de Gladstone e Bismark! A ideia o fez rir tanto que começou a tossir no ar seco do avião. Abriu os olhos para ver o parceiro sair do banheiro da primeira classe. Ding quase esbarrou em uma das aeromoças, e embora sorrisse educadamente e chegasse para o lado para deixá-la passar, não a seguiu com os olhos, como seria de esperar em se tratando de alguém tão jovem e atraente. Era óbvio que no momento só estava interessado em uma figura feminina.

Droga, isto está ficando sério.

Murray quase explodiu: — Não podemos fazer isso! Que diabo, Bill, estamos com tudo pronto para iniciar o processo! Não podemos manter o caso em segredo por mais tempo. A informação vai vazar a qualquer momento, e isso não é justo com Kealty, e muito menos com nossas testemunhas! Não se esqueça de que trabalhamos para o presidente, Dan — observou Shaw.

— A ordem veio diretamente dele, sem passar nem mesmo pelo secretário de Justiça. E, afinal, desde quando você se preocupa com Kealty?

Na verdade, era o mesmo argumento que Shaw empregara para tentar fazer o presidente mudar de ideia. Filho da puta ou não, estuprador ou não, o vice-presidente tinha direito de ser julgado com isenção e de se defender na forma da lei. O FBI era muito escrupuloso nessas coisas, mas o motivo real pelo qual fazia questão de agir de acordo como as regras era que, assim, o réu não tinha praticamente nenhuma chance de apelar da sentença, caso fosse condenado.

— Foi por causa daquele acidente, certo?

— Certo. O presidente não quer dois assuntos tão importantes lutando por espaço na primeira página. A lei do comércio está em todas as manchetes, e ele acha que o caso Kealty pode ser adiado por uma semana ou duas. Dan, a Srta.

Linders esperou vários anos; mais algumas semanas não vão fazer muita diferença...

— Você não falaria assim se estivesse no lugar dela — rebateu Murray. Depois, pareceu arrepender-se. — Desculpe, Bill. Sabe o que estou querendo dizer. — O que ele queria dizer era o seguinte: tinha um caso pronto para começar e estava louco para ir em frente. Por outro lado, era impossível dizer não a um presidente.

— Ele já falou com os congressistas. Vão ficar de boca fechada.

— Mas os assistentes não vão.

10
SEDUÇÃO

— Concordo que isso não é nada bom — admitiu Chris Cook.

Nagumo baixou os olhos para o tapete da sala. Estava surpreso demais com os acontecimentos dos últimos dias para sentir irritação. Era como se tivesse descoberto que o fim do mundo estava próximo e não houvesse nada a fazer. Oficialmente, era um funcionário do escalão intermediário do Ministério do Exterior, que não participava nas negociações de cúpula porém, era apenas uma fachada. Sua missão era preparar o terreno para as negociações do seu país e, além disso, conseguir informações a respeito do que os Estados Unidos realmente pensavam, para que os diplomatas mais graduados soubessem exatamente que atitudes deveriam tomar no início das negociações e até que ponto poderiam pressionar o adversário. Na prática, Nagumo era um agente secreto. Por isso, tinha um interesse pessoal pelo caso. Seiji se considerava um defensor e protetor do seu país e do seu povo e também uma ponte honesta entre sua terra e a América. Queria que os americanos apreciassem os japoneses e sua cultura. Também queria que consumissem os produtos japoneses. Queria que os Estados Unidos considerassem o Japão como um igual, um amigo sábio e fiel que tinha muita coisa para lhes ensinar. Os americanos eram uma raça emotiva, que frequentemente ignorava as próprias necessidades, como era fácil acontecer com crianças mimadas e orgulhosas. A posição que os americanos haviam adotado em relação ao comércio, por exemplo, era como a de um filho esbofeteando um pai. Eles não sabiam que precisavam do Japão e de seus produtos? Cook se remexeu no assento. Ele também era um diplomata experiente e sabia interpretar muito bem as expressões faciais. Eram amigos, afinal; além disso, Seiji era seu passaporte para uma vida confortável depois que deixasse o governo.

— Se isso o faz sentir-se melhor, vai ser dia treze.

— Hein? — fez Nagumo.

— O dia em que vão desativar os últimos mísseis. Você queria saber, lembra-se?

Nagumo piscou os olhos, como se estivesse tendo dificuldade para recordar a pergunta que fizera.

— Por que escolheram essa data?

— Porque o presidente estará em Moscou. Restam muito poucos mísseis. Não sei o número exato, mas não chegam a vinte de cada lado.

— Estão guardando os dois últimos para a próxima sexta-feira. O pessoal da TV foi avisado, mas ainda não divulgou a notícia. Vão instalar câmaras nas duas bases e mostrar simultaneamente as duas explosões. — Cook fez uma pausa. — De modo que já sabe quando fazer aquela cerimônia de que me falou, em homenagem a seu pai.

— Muito obrigado, Chris. — Nagumo levantou-se e foi até o bar para se servir de mais um drinque. Não sabia por que o Ministério queria aquela informação, mas cumprira a ordem e passaria a resposta adiante assim que pudesse. — Agora, meu amigo, o que podemos fazer a respeito?

— Não há muita coisa que se possa fazer, Seiji, pelo menos por enquanto. Contei-lhe a respeito dos malditos tanques, lembra-se? Eu lhe disse que esse Trent era um inimigo perigoso. Faz anos que espera uma oportunidade como esta. Escute, estive no Congresso esta tarde, conversando com as pessoas. Nunca receberam tantas cartas e telegramas, e a CNN não quer deixar a história morrer.

— Eu sei — concordou Nagumo. Era como o enredo de um filme de terror. A personagem do dia era Jessica Denton. Todo o país — juntamente com boa parte do restante do mundo — estava rezando para que se recuperasse do acidente. Acabara de sair da lista dos doentes “graves”; seu estado agora era classificado pelo hospital como “crítico”. Já havia flores suficientes do lado de fora do quarto da menina para ela fazer um jardim particular. A segunda história do dia tinha sido o enterro dos pais e irmãos de Jessica, retardado por causa de formalidades médicas e legais. Centenas de pessoas tinham comparecido ao sepultamento, entre elas todos os deputados e senadores do Tennessee. O presidente da empresa de automóveis também pretendia ir ao enterro, para apresentar pessoalmente suas condolências e desculpar-se com a família, mas fora desaconselhado por questões de segurança. Por isso, contentara-se em pedir desculpas pela TV em nome da empresa e comprometer-se a pagar todas as despesas do tratamento de Jessica e de sua educação no futuro, observando que também tinha filhas. Entretanto, o público recebera suas declarações com extrema frieza. Desculpas sinceras eram bem aceitas no Japão, um fato de que a Boeing se beneficiara quando centenas de japoneses morreram na queda de um 747, mas nos Estados Unidos as coisas eram diferentes, algo que Nagumo tentara explicar aos superiores sem muito sucesso. O advogado da família Denton, um homem combativo e com um certo prestígio, agradecera ao presidente da empresa pelo pedido de desculpas e observara secamente que ele reconhecera em público que sua firma era responsável pelas mortes, o que facilitava seu caso. Só restava decidir o valor de indenização. Corriam boatos de

que ele pediria algo da ordem de um bilhão de dólares.

A Deerfield Autopeças estava negociando com todas as montadoras japonesas e Nagumo sabia que as condições oferecidas à empresa de Massachusetts seriam extremamente generosas, mas também contara ao Ministério do Exterior o provérbio americano a respeito de fechar a porta do estábulo depois que o cavalo fugiu. O fato seria visto não como uma tentativa de melhorar o produto e sim como uma nova admissão de culpa, sendo portanto a forma errada de agir no ambiente jurídico americano.

A notícia levara algum tempo para causar impacto no Japão. Por mais trágico que fosse o acidente de automóvel, parecia um fato de pequena importância, e os comentaristas de TV da NHK tinham usado o desastre com o 747 como exemplo de que acidentes daquele tipo podiam acontecer; um veículo americano também causara a morte de japoneses, só que em número muito maior. Nos Estados Unidos, porém, a reportagem foi vista mais como uma justificativa do que como uma comparação, e os únicos americanos que a defenderam foram indivíduos que trabalhavam para os japoneses. Os acontecimentos estavam se precipitando. Os jornais começaram a publicar listas de ex-funcionários do governo que agora estavam a soldo dos japoneses, comparando os novos salários com os antigos. “Mercenários” era o termo menos contundente aplicado a esses profissionais. ”Traidor” era o adjetivo mais frequente, usado especialmente pelos sindicatos e por membros do Congresso que pretendiam concorrer à reeleição.

Não havia como argumentar com essas pessoas.

— O que vai acontecer, Chris? Cook pousou o copo na mesa, avaliando a própria posição e lamentando o fato de aquele problema ter ocorrido na pior ocasião possível. Já começara a cortar os laços com o governo. Estava esperando apenas completar o prazo para se aposentar com vencimentos integrais. Seiji lhe contara no verão anterior que seu salário inicial seria quatro vezes maior do que o atual, mas não valia a pena perder um centavo do que o governo lhe devia, não é mesmo? De modo que Cook iniciara o processo. Em conversas com o chefe imediato, deixara claro que, em sua opinião, a política de comércio do país estava sendo formulada por idiotas, sabendo que esses desabafos chegariam aos ouvidos dos escalões superiores. Nos relatórios internos, dizia a mesma coisa, só que em cauteloso burocratês. Tinha de preparar as coisas para que seu pedido de aposentadoria não fosse nenhuma surpresa e parecesse ter sido causado por uma questão de princípios e não apenas por interesse pessoal. O problema era que, agindo assim, simplesmente acabara com sua carreira. Nunca mais seria promovido; se continuasse no Departamento de Estado, o máximo a que poderia aspirar seria uma embaixada em... Serra Leoa, a menos que encontrassem um

lugar pior. Guiné Equatorial, talvez. Lá a quantidade de insetos era maior. Não posso mais voltar atrás, pensou Cook, respirando fundo antes de beber mais um gole do seu drinque.

— Seiji, teremos de pensar a longo prazo. A LRC — não tinha coragem de chamá-la de Lei de Reforma do Comércio, não ali — vai ser votada pelo Congresso em menos de duas semanas e o presidente vai sancioná-la. Os grupos de trabalho dos Departamentos de Comércio e Justiça já estão sendo formados. O Departamento de Estado também vai participar, é claro. Mandaram telegramas a várias embaixadas pedindo cópias das leis de comércio locais...

— Não iam se basear nas nossas? — perguntou Nagumo, surpreso.

— Querem comparar as de vocês com as de outros países com os quais nossas relações comerciais são menos... controvertidas. — Cook tinha de tomar cuidado com o que dizia. Afinal, precisava daquele homem. — A ideia é... verificar se as leis japonesas são típicas. Seja como for, vai levar algum tempo para resolver esse problema, Seiji.

— É provável.

— Sua ajuda será inestimável, Chris — declarou Nagumo, pensando cada vez mais depressa. — Posso ajudá-lo a interpretar nossas leis... discretamente, é claro — acrescentou.

— Não pretendo continuar por muito tempo no governo, Seiji — protestou Cook. — Pretendemos nos mudar para uma casa maior e...

— Chris, precisamos de você onde está. Precisamos... preciso de sua ajuda para minimizar as consequências desse incidente. Temos uma séria emergência nas mãos, algo que poderá afetar profundamente as relações entre nossos países.

— Compreendo, mas...

Dinheiro, pensou Nagumo, com essa gente a questão é sempre dinheiro! — Posso lhe oferecer uma compensação pelo seu trabalho — disse, mais como um rompante. Só depois de falar teve consciência do que fizera. A essa altura, porém, estava interessado na reação de Cook.

O assistente do subsecretário de Estado não respondeu imediatamente. Ele também estava tão preocupado com os acontecimentos que não percebeu o significado real da proposta. Afinal, fez que sim com a cabeça, sem nem olhar para Nagumo.

Na verdade, o primeiro passo — revelar ao japonês informações secretas — tinha sido bem mais difícil; o segundo foi tão fácil, que Cook não se deu conta de que estava infringindo diretamente uma lei federal. Acabara de concordar em fornecer informações a um governo estrangeiro em troca de dinheiro. Parecia uma atitude muito lógica, nas circunstâncias. Eles realmente queriam aquela casa à margem do Potomac, e em breve teriam de começar a escrever às

universidades.

Aquela manhã da bolsa de Tóquio seria lembrada por muito tempo. As pessoas tinham levado alguns dias para descobrir o que Seiji Nagumo sabia: que dessa vez os americanos não estavam brincando. Não era uma repetição do caso do arroz, nem do caso das placas de computador, nem do caso dos automóveis, dos equipamentos de telecomunicações, dos contratos de construção ou dos telefones celulares; era tudo isso ao mesmo tempo e muito mais, dez anos de ressentimentos acumulados, alguns justificados e outros não, mas todos reais e explodindo de uma só vez. A princípio, os jornalistas japoneses não acreditaram nas notícias enviadas pelos correspondentes em Washington e Nova York e reescreveram as reportagens para que estivessem de acordo com suas próprias ideias, até que tiveram tempo de examiná-las com mais profundidade e chegaram à mesma conclusão surpreendente. Na opinião dos jornais japoneses de dois dias antes, a Lei da Reforma do Comércio não passava de uma piada, de uma agressão injusta por parte de umas poucas pessoas com uma longa história de antipatia ao nosso país, que jamais terá o respaldo do governo americano. Agora era algo diferente.

Nos jornais daquele dia, era uma proposta lamentável, cuja possibilidade de ser transformada em Lei Federal não pode ser totalmente descartada.

A língua japonesa pode transmitir tantas informações quanto qualquer outra, contanto que se conheça o código. Nos Estados Unidos, as manchetes são muito mais diretas, mas isso é considerado como um exemplo da falta de delicadeza dos gaijin. No Japão, as frases podiam ser mais tortuosas, mas o significado estava ali com a mesma clareza. Os milhões de japoneses que possuíam ações leram os mesmos jornais, assistiram aos mesmos noticiários matutinos de TV e chegaram às mesmas conclusões. Ao chegarem aos locais de trabalho, pegaram o telefone e ligaram para as corretoras.

Na década de 1980, o Nikkei Dow, o índice da bolsa de valores de Tóquio, passara da casa dos trinta mil ieneJP. No início dos anos 90, tinha caído para metade desse valor, e o custo total desse “reajuste” era maior do que toda a dívida externa americana na ocasião, fato que passara praticamente despercebido nos Estados Unidos... mas não por aqueles que haviam tirado seu dinheiro do banco e aplicado em ações, em uma tentativa de ganhar mais do que 2% anuais de juros. Essas pessoas perderam parte considerável de sua poupança e não sabiam a quem responsabilizar por isso.

Não cometeriam novamente o mesmo erro, pensaram todos. Estava na hora de vender as ações e colocar o dinheiro nos bancos, instituições seguras, confiáveis, que sabiam proteger o dinheiro dos depositantes.

Mesmo que fossem parcimoniosos na hora de pagar juros, pelo menos ninguém estaria perdendo dinheiro, não é mesmo? Os repórteres ocidentais usaram termos como “avalanche” e “catástrofe” para descrever o que ocorreu quando os computadores da bolsa foram ligados. O processo foi ordeiro. Os grandes bancos comerciais, comprometidos como eram com as grandes empresas, mandavam o dinheiro dos depositantes que entrava pela porta da frente diretamente para a porta dos fundos para sustentar o preço das ações. Na verdade, não tinham outra opção. Eram obrigados a aumentar mais e mais suas carteiras, no que se revelou uma luta inútil contra a maré. O Nikkei Dow perdeu um sexto do valor em apenas um pregão, e embora os analistas anunciassem que a maioria das ações agora estava muito abaixo do valor patrimonial e que um ajuste técnico era inevitável, o que a população pensava realmente era que se a proposta de lei americana fosse aprovada o mercado de produtos japoneses se dissiparia como a névoa da manhã.

A bolsa continuaria caindo; embora ninguém dissesse isso, todos sabiam, especialmente os banqueiros.

Em Wall Street, as coisas eram diferentes. Vários especialistas lamentaram a interferência do governo no mercado; depois, começaram a raciocinar. Era fácil de ver, afinal, que se os carros japoneses estavam encontrando dificuldades para passar pela alfândega, que se o Cresta, antes popular, agora adquirira um estigma do qual provavelmente jamais conseguiria se livrar, então os carros americanos passariam a vender mais, o que era bom. Era bom para Detroit, onde os veículos eram montados, e para Pittsburgh, onde boa parte do aço ainda era fabricada; bom para todas as cidades dos Estados Unidos (e do Canadá e México), onde os milhares de componentes eram produzidos. Era bom, também, para todos os operários que faziam as peças e montavam os carros, que teriam mais dinheiro para gastar em suas comunidades com bens de consumo. Bom até que ponto? Bem, os automóveis eram responsáveis pela maior parte do desequilíbrio da balança comercial com o Japão. A economia americana poderia receber uma injeção de trinta bilhões de dólares nos próximos doze meses, e isso, pensaram muitos analistas de mercado depois de uns cinco segundos de reflexão, era muito bom, não era? Trinta bilhões de dólares entrariam nos cofres das empresas e todo esse dinheiro, de uma forma ou de outra, apareceria como lucro. Mesmo os impostos adicionais ajudariam a reduzir a dívida interna, fazendo cair a demanda de dinheiro e portanto os juros das obrigações do governo. A economia americana receberia um duplo impulso. Somando a tudo isso um pouco de schadenfreude pelo que estava acontecendo com os colegas japoneses, é fácil ver por que, antes mesmo que o pregão fosse iniciado, todos na Street estavam

antecipando um dia glorioso.

Não se decepcionariam. Um dos que mais lucraram foi o Columbus Group, que alguns dias antes tinha comprado grande quantidade de opções de empresas relacionadas à indústria automobilística e portanto pôde tirar vantagem do aumento de cento e doze pontos do índice Dow Jones.

Em Washington, no Federal Reserve, o ambiente era de preocupação.

Estavam mais próximos do centro do poder e dispunham de informações confidenciais do Departamento do Tesouro a respeito do modo como seria implantada a Lei de Reforma do Comércio. Para eles, era evidente que haveria uma escassez de automóveis, até que Detroit aumentasse a produção.

Seria a situação clássica de uma demanda maior do que a oferta. Isso implicaria inevitavelmente uma pressão inflacionária, de modo que no final do dia o Federal Reserve anunciou um aumento 0,25% na taxa de juros.

O aumento seria temporário, confidenciaram aos repórteres, pedindo para não serem citados. O Conselho Diretor do Federal Reserve, porém, acreditava que a situação continuaria a mesma por muito tempo. Era uma visão errônea, mas refletia a opinião mundial naquele momento.

Mesmo antes que aquela decisão fosse tomada, outros homens estavam discutindo as perspectivas a longo prazo. Eles ocupavam a maior piscina da casa de banhos, que fora fechada para o restante do público naquela noite.

Os empregados regulares foram dispensados. Os clientes seriam servidos por assistentes pessoais, que, na verdade, não tinham muito a fazer. Depois de se cumprimentarem rapidamente, os homens tiraram os paletós e gravatas e se sentaram no chão. Não pareciam dispostos a perder tempo com formalidades.

— Amanhã vai ser ainda pior — observou um banqueiro. Era tudo que tinha a dizer. Yamata olhou em torno e teve de se controlar para não começar a rir.

Tudo ficara muito claro havia cinco anos, quando a primeira grande fábrica de automóveis renunciara à política de estabilidade no emprego. A idade de ouro das empresas japonesas terminara naquele dia, para aqueles que se deram ao trabalho de prestar atenção. Os outros tinham pensado que todos os reveses eram apenas “irregularidades” temporárias, mas sua falta de visão servira apenas para fortalecer a posição de Yamata. O valor de choque do que estava acontecendo no momento era o seu maior aliado. Na verdade, apenas uma pequena fração dos presentes compreendia realmente o que estava acontecendo. Na maioria, eram aliados de Yamata-san.

O que não queria dizer que ignorassem a adversidade que fizera a taxa de desemprego do país aumentar para quase 5%, mas simplesmente que haviam

tomado precauções para limitar seus prejuízos. Essas precauções eram suficientes, porém, para fazê-los parecer modelos de perspicácia.

— Há um provérbio do tempo da Revolução americana — observou um dos amigos de Yamata, que tinha fama de intelectual. — Acho que é de autoria de Benjamin Franklin. Ou ficamos juntos ou seremos enforcados separadamente. Se não nos mantivermos unidos, meus amigos, seremos todos destruídos. Um de cada vez ou todos ao mesmo tempo, não fará muita diferença.

— E nosso país afundará conosco — acrescentou o banqueiro, merecendo a gratidão de Yamata.

— Lembram-se do tempo em que eles precisavam de nós? — perguntou Yamata. — Precisavam das nossas bases para intimidar os russos, para apoiar os coreanos, para abastecer seus navios. E agora, meus amigos, para que precisam de nós?

— Nós é que precisamos deles — observou Matsuda.

— Muito bem, Kozo — disse Yamata, em tom irônico. — Precisamos tanto deles que vamos arruinar nossa economia, destruir nosso povo e nossa cultura e reduzir nosso país à condição de escravos dos americanos... de novo!

— Yamata-san, não é hora de cultivarmos ressentimentos — observou outro empresário. — O que você propôs no nosso último encontro é ao mesmo tempo muito ousado e muito perigoso.

— Fui eu que convoquei esta reunião — protestou Matsuda, ofendido.

— Mil desculpas, Kozo — disse Yamata, inclinando a cabeça.

— Estes são tempos difíceis, Raizo — replicou Matsuda, aceitando o pedido de desculpas. Depois, acrescentou: — Penso como você.

Yamata respirou fundo, recriminando-se por não haver compreendido corretamente a posição do colega. Kozo tem razão. Estes são tempos difíceis.

— Por favor, amigo, compartilhe seus pensamentos conosco.

— Precisamos dos americanos... ou de alguém que os substitua.

Todos os presentes, com uma única exceção, baixaram os olhos. Yamata observou-os e teve certeza de que estava vendo o que queria ver. Não era uma esperança ou uma ilusão. Estava realmente na expressão de todos.

— Agora estamos diante de uma encruzilhada e devemos tomar uma decisão difícil. Entretanto, tenho certeza de que é a única solução.

— Será que temos alguma chance de ser bem-sucedidos? — perguntou um banqueiro, apreensivo.

— Acredito sinceramente que sim — assegurou-lhe Yamata. — E claro que existe um elemento de risco. Não vou ocultar esse fato, mas há muita coisa a nosso favor.

Descreveu o plano de forma resumida. Surpreendentemente, dessa vez não

houve objeções. Houve, sim, perguntas, muitas perguntas, a todas as quais estava preparado para responder, mas ninguém realmente se opôs ao seu plano. Alguns tinham de estar preocupados, até mesmo amedrontados, mas a verdade, percebeu, era que estavam ainda mais assustados com o que aconteceria na manhã seguinte, e na outra, e na outra. O que estava para ocorrer era uma mudança total na sua maneira de viver, na sua posição, no seu prestígio pessoal, e isso os deixava muito assustados. O país lhes devia alguma coisa por tudo que haviam feito, pela longa e trabalhosa escalada no mundo dos negócios, por todo o seu trabalho e diligência, por todas as boas decisões que haviam tomado. E assim todos concordaram com o plano de Yamata. Sem muito entusiasmo, é verdade, mas concordaram.

A primeira tarefa de Mancuso pela manhã era examinar o plano de operações. O Asheville e o Charlotte teriam de interromper o trabalho extremamente útil de rastrear baleias no golfo do Alasca para participar do Exercício COLEGAS NO MAR, juntamente com o *John Stennis*, o *Enterprise* e o elenco usual de milhares de figurantes. O exercício fora planejado, é claro, com meses de antecedência. O fato de que o evento tinha uma certa semelhança com a operação para a qual a Esquadra do Pacífico estava se preparando não passava de uma feliz coincidência. No dia vinte e sete, duas semanas depois do encerramento do exercício, o *Stennis* e o *Enterprise* partiriam para sudoeste em direção ao oceano Indico, com uma única escala em Cingapura, para substituir o hélice e o ABE.

— Na verdade, estamos em minoria — observou o comandante Wally Chambers. Alguns meses antes, deixara o comando do *USS Key West*, e Mancuso o convidara para ser seu oficial de operações. A transferência de Groton, onde Chambers esperava outro posto de comando, para Honolulu não tinha sido exatamente um sério golpe para seu ego. Dez anos antes, Wally poderia ter sido candidato ao comando de um navio-guindaste, de um navio-tênder ou mesmo de uma frota. Entretanto, não havia mais navios-guindaste, dispunham de apenas três navios-tênderes e todos os comandos de frota estavam ocupados. Assim, Chambers tinha de aguardar na fila, e enquanto isso Mancuso o queria de volta. Estava ficando cada vez mais comum os oficiais da Marinha voltarem a trabalhar com os antigos chefes.

O almirante Mancuso olhou para ele, compreendendo que estava certo.

— A Marinha japonesa contava com vinte e oito submarinos convencionais, chamados de SSK, enquanto os americanos tinham apenas dezenove.

— Quantos estão em operação? — perguntou Bart, imaginando como seria o ciclo de manutenção dos japoneses.

— Vinte e dois, segundo os dados de ontem. Almirante, eles estão usando dez no exercício, entre eles todos os Harushio. Pelo que a Inteligência da Esquadra me informou, estão levando o treinamento muito a sério — afirmou Chambers, recostando-se no assento e cofiando o bigode. Chambers deixara crescer o bigode porque tinha cara de criança e achava que um oficial superior devia parecer mais velho. O problema era que o bigode coçava.

— Todos acham que eles são muito bons — observou o ComSubPac.

— Ainda não pegou carona em um deles? — quis saber o Sub-Ops.

O almirante sacudiu a cabeça.

— Talvez no próximo verão.

E melhor que eles sejam mesmo bons, pensou Chambers. Cinco dos submarinos de Mancuso tinham sido escalados para o exercício. Três trabalhariam ao lado dos porta-aviões; o *Asheville* e o *Charlotte* executariam operações independentes, que na prática não eram tão independentes assim: estariam envolvidos em um jogo de gato e rato com quatro submarinos japoneses, oitocentos quilômetros a noroeste do atol de Kure.

O exercício tinha uma semelhança razoável com o que poderiam ter de enfrentar no oceano Índico. A Marinha japonesa, basicamente uma coleção defensiva de contratorpedeiros, fragatas e submarinos convencionais, tentaria resistir ao ataque dos dois porta-aviões. Sua missão era morrer lutando (algo que, historicamente, os japoneses sabiam fazer muito bem, pensou Mancuso, com um sorriso irônico), mas não sem antes dar muito trabalho aos atacantes. Seriam tão espertos quanto possível, tentando se aproximar dos navios o suficiente para lançar os mísseis Harpoon, e certamente os contratorpedeiros mais novos tinham uma boa chance de sobreviver. Os Kongo, em especial, eram excelentes plataformas, o equivalente japonês da classe Arleigh Burke dos americanos, com o sistema de radar-mísseis Aegis. Todos tinham sido batizados com nomes de navios da Segunda Guerra Mundial. O Kongo original fora afundado por um submarino americano, o Sealion 11. Este também era o nome de um dos poucos submarinos americanos incorporados recentemente à Esquadra do Atlântico. Mancuso ainda não dispunha de nenhum submarino da classe Seawolf na sua frota. Fosse como fosse, os aviadores teriam de descobrir um meio de enfrentar um navio equipado com o sistema Aegis, e isso não era nada fácil...

No conjunto, seria um bom exercício para a Sétima Esquadra. Precisavam praticar; os indianos estavam ficando cada vez mais impetuosos. No momento, sete dos seus submarinos estavam operando sob o comando de Mike Dubro; todos os outros submarinos em atividade, que não eram muitos, participariam do exercício COLEGAS NO MAR. Até que ponto os poderosos podem cair, pensou o ComSubPac. Bem, isso era o que quase sempre acontecia com os poderosos,

mais cedo ou mais tarde.

A rotina daqueles encontros não era muito diferente do ritual de acasalamento dos cisnes. Você comparecia a um certo lugar a uma certa hora, nesse caso levando um jornal (dobrado, não enrolado) na mão esquerda, e ficava apreciando uma vitrina cheia de câmaras fotográficas e aparelhos eletrônicos, como certamente um russo faria em sua primeira viagem ao Japão, maravilhando-se com a variedade de produtos à disposição daqueles que tinham moeda forte para gastar. Se estivesse sendo seguido (o que era possível, embora pouco provável), esse comportamento pareceria normal.

Exatamente na hora marcada, uma pessoa esbarrou nele.

— Desculpe — disse uma voz em inglês, o que também era normal, já que a pessoa em quem esbarrara era evidentemente um gaijin.

— Não há de quê — respondeu Clark, falando com sotaque.

— É a primeira vez que visita o Japão?

— Não, mas nunca estivera em Tóquio.

— Muito bem, a costa está limpa.

O homem esbarrou nele de novo ao se afastar. Clark esperou os cinco minutos de praxe antes de segui-lo. Era tudo muito tedioso, mas necessário.

O Japão não era solo inimigo. Não era como os trabalhos que fizera em Leningrado (Clark jamais se acostumaria com o novo nome da cidade; além do mais, seu sotaque russo era daquela região) e em Moscou, porém era mais seguro proceder como se fosse. Ainda bem, pensou, que essas precauções eram apenas uma questão de princípio. Havia tantos estrangeiros naquela cidade, que o serviço de contraespionagem japonês ficaria louco tentando seguir a todos.

Na verdade, era a primeira vez que Clark visitava Tóquio, a não ser por curtas paradas para trocar de avião. Nunca vira tanta gente nas ruas, nem mesmo em Nova York. Também se sentia pouco à vontade, por ser tão diferente da população local. Não há nada pior para um agente do que se destacar no meio da multidão, mas sua altura de um metro e oitenta e cinco o tornava visível a um quarteirão de distância para quem se desse ao trabalho de olhar. E muitos se davam a esse trabalho, observou Clark. Estranhamente, as pessoas abriam caminho para ele, especialmente as mulheres, e as crianças positivamente se encolhiam, como se pensassem que Godzilla estava de volta para destruir a cidade. Então era verdade! Tinha ouvido falar que era assim que encaravam os americanos, mas jamais acreditara. Um bárbaro cabeludo. Engraçado, nunca pensei em mim mesmo nesses termos, murmurou para si próprio, entrando em um McDonald’s. Estava cheio, por causa da hora do almoço, e depois de olhar em torno teve que se sentar na mesa de outro homem. Mar} Pat estava certa,

pensou. Nomuri sabe trabalhar.

— Então, quais são as novidades? — perguntou Clark, no meio do alarido da lanchonete.

— Já tenho a identidade e o endereço da moça.

— Isso é o que chamo de trabalho rápido.

— Não foi difícil. Nossos amigos não estavam esperando uma investigação deste tipo.

Além do mais, pensou Clark, você está usando um disfarce perfeito, até na expressão tensa e apressada de um assalariado engolindo o almoço às pressas para poder voltar ao trabalho. Bem, isso não era difícil para um agente secreto, era? Era fácil parecer tenso durante uma missão. Difícil, como eles não se cansavam de comentar na Fazenda, era parecer relaxado.

— Está certo, então só preciso conseguir permissão para abordá-la.

Entre outras coisas, Nomuri não estava autorizado a receber informações a respeito do seu trabalho na Operação CARDO. John imaginou se a situação iria mudar no futuro.

— Sayonara.

Nomuri levantou-se e saiu, enquanto Clark provava seu bolo de arroz.

Nada mau. O garoto sabe o que faz, pensou. Seu pensamento seguinte foi: bolo de arroz no McDonald’s? Os papéis sobre a mesa não tinham nada a ver com o fato de ser o presidente, mas tudo a ver com sua intenção de permanecer no cargo, e por isso estavam sempre no topo da pilha. O aumento do índice de popularidade observado nos últimos dias era... muito animador, pensou Durling. Dos prováveis eleitores (eram eles que importavam), a porcentagem dos que aprovavam a forma como estava lidando com as questões externas e internas aumentara 10% na última semana. Sentia-se como um menino que acaba de receber um boletim com notas mais altas do que esperava. E esses 10% eram apenas o começo, na opinião do responsável pela pesquisa, já que os efeitos das últimas medidas levariam algum tempo para ser observados. As Três Grandes da indústria automobilística já estavam falando abertamente em readmitir parte dos setecentos mil operários demitidos nas últimas décadas. Isso sem contar as pequenas empresas de autopeças, as fábricas de pneus, as fábricas de vidro, as fábricas de baterias... Seria um novo impulso para o Rust Belt, a região em torno de Detroit onde se concentra a maior parte da indústria automobilística americana, e o Rust Belt era responsável por muitos votos no colégio eleitoral.

O que era óbvio, ou deveria sê-lo para qualquer um que parasse um pouco para pensar, era que as mudanças não ficariam restritas à indústria de automóveis. A United Auto Workers (carros e autopeças) estava prevendo a readmissão de milhares de sócios pagantes. A International Brotherhood of

Electrical Workers (aparelhos de TV, videocassetes, quem sabe?) não ficaria muito atrás. Outros sindicatos já começavam a calcular qual a fatia do mercado que poderiam abocanhar. Embora estivesse baseada em uma ideia muito simples, a Lei da Reforma do Comércio representava uma mudança fundamental na forma como os Estados Unidos faziam negócios com outros países. O presidente Durling achava que entendera o espírito da lei, mas logo o telefone sobre a mesa começaria a tocar. Olhando para ele, já sabia que tipo de pessoa estava do outro lado da linha e não era preciso muita imaginação para prever o que diria, que argumentos usaria, que promessas faria. E o presidente mostrar-se-ia extremamente receptivo.

Ao contrário de Bob Fowler, que dedicara toda a vida a esse objetivo, não permitindo nem mesmo que a morte da mulher o desviasse do curso, Durling jamais considerara seriamente a possibilidade de tornar-se presidente dos Estados Unidos. Sua meta mais ambiciosa tinha sido o governo da Califórnia; quando o convidaram para concorrer à vice-presidência na chapa de Fowler, aceitou mais por patriotismo do que por interesse. Isso era algo que não confessaria nem aos assessores mais próximos, porque o patriotismo não tinha lugar na política moderna, mas mesmo assim Roger Durling sentira arroubos patrióticos, lembrara-se de que o cidadão comum tinha um nome e um rosto, recordara que alguns deles tinham morrido sob o seu comando no Vietnã e, ao se lembrar disso, achara que tinha de dar o melhor de si para ajudá-los.

Mas o que era o melhor?, perguntou-se, como já fizera em muitas outras ocasiões. A Sala Oval era um lugar solitário. Era frequentada por visitantes de todos os tipos, desde chefes de Estado até colegiais premiados em concursos de redação, mas no final todos iam embora, e o presidente se via novamente sozinho com seu dever. O juramento que prestara era muito simples: “Exercer com dedicação o mandato... fazer o possível para preservar, proteger e defender...” Belas palavras, mas o que significavam! Talvez Madison e os outros pensassem que ele entenderia. Talvez em 1789 todos entendessem, mas dois séculos e pouco tinham se passado e tinham se esquecido de deixar claro para as futuras gerações o que queriam dizer.

Pior ainda: o que não faltavam eram pessoas querendo explicar ao presidente o que essas palavras significavam, e quando o presidente juntava todas essas explicações, 2 e 2 acabavam somando 7. Empresários e trabalhadores, produtores e consumidores, contribuintes e arrecadadores de impostos. Todos tinham suas necessidades. Todos tinham seus compromissos. Todos tinham seus argumentos, e excelentes lobistas para apresentá-los de forma convincente, e o mais assustador era que todos esses argumentos realmente

faziam sentido, de uma forma ou de outra, fazendo muitos pensarem que 2 mais 2 realmente era igual a 7. Até que o presidente anunciava a soma e todo mundo concordava que era demais, que o país não podia se dar ao luxo de atender aos interesses particulares dos outros grupos.

Além do mais, para conseguir realizar alguma coisa, você tinha de chegar lá, e, depois de chegar, continuar lá, e isso significava fazer promessas que pudesse cumprir. Pelo menos, algumas delas. Em algum ponto do processo, o país perdia o rumo, e a Constituição com ele, e no final do dia você estava preservando, protegendo e defendendo... o quê! Não foi à toa que eu jamais quis este cargo, pensou Durling, consultando mais uma pesquisa de opinião. Tudo não passara de um acidente. Bob precisava dos votos da Califórnia e Durling tinha esses votos, um governador jovem e popular, filiado ao partido certo. Agora, porém, era presidente dos Estados Unidos e temia não estar à altura do cargo. A triste verdade era que nenhum homem tinha capacidade intelectual suficiente para compreender todas as questões que o presidente era obrigado a resolver. A economia, por exemplo, talvez seu campo de atuação mais importante agora que a União Soviética não existia mais, era uma disciplina na qual os próprios praticantes não conseguiam definir uma série de regras que um homem razoavelmente inteligente pudesse compreender.

A questão dos empregos, pelo menos, era fácil de entender. As pessoas sentiam-se melhor quando estavam empregadas do que quando estavam desempregadas. Era melhor para um país fabricar os produtos que consumia do que pagar aos trabalhadores de outros países para fabricá-los. Esse era um princípio que conseguia compreender e, melhor ainda, um princípio que sabia como explicar ao povo. Os sindicatos ficariam felizes. Os empresários, também... Uma política que agradava simultaneamente aos sindicatos e aos empresários não era necessariamente uma boa política? Tinha de ser, não é mesmo? Os economistas não ficariam contentes? Além do mais, estava convencido de que o operário americano era tão bom ou melhor do que qualquer outro operário do mundo e estava mais do que preparado para participar de uma competição justa com outros operários, e era isso justamente o que sua política procurava assegurar... não era? Durling deu meia-volta na cadeira giratória de luxo e olhou pela janela para o monumento a Washington. Devia ser muito mais fácil no tempo de George.

Está bem, ele foi o primeiro, teve de lidar com a Revolução do Uísque, que nos livros de história não parece ter sido tão grave assim, e teve de estabelecer o padrão para os presidentes que viriam depois. Os únicos impostos recolhidos naquela época eram os alfandegários e de consumo, antipáticos e retrógrados pelos padrões modernos, mas destinados a desencorajar as importações e evitar

que as pessoas bebessem demais. Durling não estava realmente tentando acabar com o comércio exterior, mas apenas torná-lo mais justo. Desde o tempo de Nixon, os Estados Unidos vinham cedendo às pressões do Japão, primeiro porque precisavam de bases militares na área (como se houvesse perigo de os japoneses se aliarem a seus inimigos históricos!) e depois porque... por quê? Porque era conveniente? Será que alguém realmente sabia? Bem, as coisas agora seriam diferentes, e todos saberiam por quê? Ou melhor, corrigiu-se Durling, eles pensariam que sabiam. Talvez os mais cínicos adivinhassem qual era o verdadeiro motivo, e todos estariam parcialmente corretos.

O escritório do primeiro-ministro do Japão, no Edifício da Dieta (uma construção de mau gosto em uma cidade que não era conhecida pela beleza arquitetônica), dava para um parque, mas o homem sentado na cadeira giratória de luxo não estava olhando para fora. Dentro de pouco tempo estaria do lado de fora, olhando para dentro.

Trinta anos, pensou. Poderia ter sido diferente. Antes de completar três décadas de vida tinham lhe oferecido, mais de uma vez, um lugar confortável no então majoritário Partido Liberal Democrático, com um futuro assegurado, porque, já naquela época, todos reconheciam a sua inteligência, especialmente os inimigos políticos. Assim, procuraram-no da forma mais amistosa possível, apelando ao seu patriotismo e a sua visão do futuro, usando essa visão, colocando-a diante dos seus olhos jovens e idealistas. Levaria algum tempo, disseram, mas um dia teria a oportunidade de ocupar exatamente aquela cadeira, exatamente naquela sala. Era uma promessa. Tudo que queriam era que jogasse conforme as regras, entrasse para o time, se juntasse a eles...

Ainda se lembrava da resposta, sempre a mesma, dita no mesmo tom, com as mesmas palavras, até que finalmente compreenderam que não estava se vendendo caro e foram embora pela última vez, balançando a cabeça e se perguntando por quê.

Tudo que realmente queria era que o Japão se tornasse uma democracia no verdadeiro sentido da palavra, não um país de um único partido, controlado por um pequeno grupo de homens poderosos. Mesmo há trinta anos, os sinais de corrupção já eram evidentes, mas os eleitores, as pessoas comuns, condicionadas a dois mil anos de obediência cega, não se dispunham a tomar nenhuma atitude, porque as raízes da democracia não se fixavam ali mais do que as raízes do arroz em solo alagadiço. Aquela era a maior de todas as mentiras, tão grande que era aceita por todo mundo, dentro e fora do país. No fundo, a cultura permanecia a mesma que no passado. Oh, sim, havia as mudanças cosméticas. As mulheres agora podiam votar; entretanto, como as mulheres de todos os outros países,

votavam com o bolso, como os homens faziam, e elas, da mesma forma que os homens, eram parte de uma cultura que exigia obediência irrestrita. O que vinha de cima tinha de ser aceito; era isso que tornava seus compatriotas fáceis de manipular.

O que deixava o primeiro-ministro mais amargurado era que realmente acreditara que fosse possível mudar a situação. Seu verdadeiro plano, que não revelara a ninguém, era introduzir mudanças radicais no país. Na época, não lhe parecera um sonho impossível. Ao denunciar e esmagar a corrupção oficial, pretendia mostrar ao povo que os líderes não mereciam a importância que atribuíam a si próprios, que os cidadãos comuns tinham dignidade, decência e inteligência suficientes para escolher seu caminho na vida e um governo que estivesse mais atento a suas necessidades.

Você realmente acreditou que fosse possível, disse a si próprio, olhando para o telefone. Os sonhos e o idealismo da juventude custavam a morrer... Na verdade, seus ideais não haviam mudado. Agora, porém, sabia que para executar as reformas era preciso assegurar a estabilidade econômica, e para assegurar a estabilidade era necessário recorrer ao antigo sistema, e o antigo sistema era corrupto. A verdadeira ironia estava no fato de que assumira o cargo graças às falhas do velho sistema, mas precisava restaurá-lo para poder acabar com ele de uma vez por todas. Era isso que custara a entender. O velho sistema pressionara os americanos, colhendo benefícios para o Japão que nem os Dragões Negros teriam sonhado, e quando os Estados Unidos reagiram, em alguns casos justamente e em outros com exagero e espírito de vingança, estavam criadas as condições para sua subida ao poder.

Entretanto, os eleitores que tornaram possível sua vitória esperavam que a situação do país melhorasse rapidamente, e para isso não poderia fazer concessões aos americanos que agravassem as dificuldades econômicas do país. Assim, tentara dar com uma das mãos e tirar com a outra, mas agora percebia que era uma tarefa impossível. Nenhum homem tinha essa habilidade.

Os inimigos sabiam disso. Sabiam disso há três anos, quando vencera as eleições, e esperaram pacientemente que fracassasse. As medidas adotadas pelos americanos tinham apenas apressado o desenlace.

Seria possível remediar a situação? Podia pegar o telefone, ligar para Roger Durling e fazer um apelo pessoal para que vetasse a nova lei em troca de certas garantias. Entretanto, isso não daria certo. Recuar àquela altura implicaria uma enorme perda de prestígio para o presidente americano. Além disso, ele dificilmente acreditaria em suas boas intenções. As relações entre os dois países estavam tão envenenadas por uma geração de negociações tortuosas que os americanos não tinham razões para supor que cumpriria o prometido. A bem da

verdade, nem ele mesmo podia ter certeza. Sua coalizão parlamentar provavelmente não sobreviveria às concessões que seria obrigado a fazer, porque havia empregos em jogo, e com a taxa de desemprego atingindo a cifra recorde de mais de 5%, não tinha cacife político para fazê-la aumentar ainda mais. Assim, como não poderia sobreviver aos efeitos políticos de uma negociação, algo ainda pior estava para ocorrer, que também levaria ao fim de sua carreira política. Na verdade, só dispunha de duas opções: suicidar-se politicamente ou deixar que alguém o liquidasse. O que era pior? Não sabia.

O que sabia era que não estava com vontade de ligar para o presidente americano. Seria uma tentativa inútil, como na verdade tinha sido toda a sua vida pública. O livro já estava escrito. Era melhor que outra pessoa se encarregasse do último capítulo.

11
PESADELO

A Lei de Reforma do Comércio já era apoiada por mais de duzentos congressistas dos dois partidos. A passagem pela comissão tinha sido extremamente rápida, especialmente porque poucos políticos tinham coragem de atacar o projeto de lei. Uma grande firma de relações públicas de Washington rescindira seu contrato com um conglomerado japonês e distribuíra um comunicado à imprensa anunciando o fim de uma relação que durara quatorze anos. A combinação do acidente de Oak Ridge com a crítica que Al Trent fizera a um lobista veterano estava tornando difícil a vida para os representantes de interesses estrangeiros que circulavam nos corredores do Congresso. Os lobistas se sentiam impotentes. Foram unânimes em advertir aos patrões que a lei simplesmente não podia deixar de ser aprovada, que era impossível até mesmo incluir emendas que a enfraquecessem e que a única atitude sensata no momento era ser paciente e esperar que as coisas esfriassem. Mais tarde, talvez pudessem conseguir novamente o apoio dos amigos no Congresso, mas aquele não era o momento.

Não era o momento? A definição cínica de um bom político era a mesma no Japão e nos Estados Unidos: um servidor público que, uma vez comprado, permanecia comprado. Os empresários pensaram em todo o dinheiro que haviam investido em fundos de campanha, em jantares de mil dólares por prato, onde serviam comida medíocre comprada pelos empregados americanos das suas

empresas multinacionais, em visitas a campos de golfe, em viagens de cortesia ao Japão e outros países, em contatos pessoais... e perceberam que nada disso fazia a menor diferença para os políticos, justamente na ocasião em que mais precisavam deles. Nesse aspecto, os Estados Unidos não eram como o Japão. Os congressistas não se sentiam obrigados a pagar pelos favores recebidos e os lobistas, também muito bem pagos, limitavam-se a dizer que tinha de ser assim. Afinal, para que tinham gasto tanto dinheiro? Ser paciente? Ser paciente estava muito bem quando as perspectivas imediatas eram favoráveis. As circunstâncias tinham permitido que o Japão fosse paciente por quase quarenta anos. No momento, porém, isso era impossível. No dia quatro, quarta-feira, o dia em que a Lei da Reforma do Comércio foi aprovada pela comissão, o Nikkei Dow caiu para 12.841 ienes, cerca de um terço do que valera no passado recente. O pânico começava a se espalhar no país.

— "Flores de ameixa desabrocham, e mulheres bonitas compram xales novos na sala de um bordel." As palavras podiam ser poéticas em japonês (pertenciam a um famoso haiku) mas não faziam muito sentido em inglês, pensou Clark. Pelo menos para ele, mas o efeito sobre o homem à sua frente foi notável.

— Oleg Yurievich mandou lembranças.

— Faz muito tempo — balbuciou o homem, depois de se recuperar do susto.

— As coisas andaram difíceis no nosso país — explicou Clark, falando com um leve sotaque.

Isamu Kimura era alto funcionário do Ministério de Comércio e Indústria Internacional, ou MCII, a peça central de um empreendimento que fora chamado de "Japão SA.". Estava acostumado a se encontrar com estrangeiros, especialmente repórteres, e aceitara de imediato o convite de Ivan Sergeyevich Klerk, um moscovita que chegara recentemente ao Japão acompanhado por um fotógrafo que no momento estava ausente, tirando retratos.

— Seu país também está passando por momentos difíceis — acrescentou Klerk, imaginando que tipo de reação um comentário como aquele poderia despertar.

Tinha de ser um pouco duro com o sujeito. Era possível que não gostasse da ideia de ser reativado depois de mais de dois anos sem nenhum contato.

Nesse caso, a política da KGB era deixar claro que uma vez que você entrava para um órgão de espionagem, era para a vida toda. A CIA, naturalmente, adotava uma política semelhante.

— Mais parece um pesadelo — disse Kimura, depois de refletir por alguns segundos e beber um gole de saque.

— Se acha que as coisas aqui estão difíceis, imagine como se sentem os russos. O país em que nasci e cresci simplesmente deixou de existir. Sabe que no momento minha única fonte de renda é o trabalho que faço para a Interfax? — disse Clark, sacudindo a cabeça tristemente antes de esvaziar o copo.

— Seu inglês é excelente.

— Obrigado. Trabalhei muitos anos em Nova York, fazendo a cobertura das Nações Unidas para o Pravda. Entre outras coisas — acrescentou.

— É mesmo? O que sabe da política e da economia americana? — Especializei-me em comércio internacional. A nova situação em que o mundo se encontra torna meus serviços ainda mais necessários, e sua colaboração será inestimável. Pretendemos recompensá-lo regiamente pelo seu trabalho, meu amigo.

Kimura sacudiu a cabeça.

— Não tenho tempo para tratar disso agora. Meu escritório, por razões óbvias, está trabalhando em regime de urgência.

— Compreendo. Este encontro foi apenas para nos conhecermos.

— Ainda não temos uma missão definida para você.

— Como vai Oleg?

— Agora ele está bem e ocupa uma posição confortável, graças ao excelente trabalho que você realizou. [*(Referência a acontecimentos relatados no livro A Soma de Todos os Medos, Editora Record, 1993. (N. do T.)*] — Não estava mentindo. Lyalin estava vivo, depois de escapar de levar uma bala na cabeça no porão da sede da KGB. Aquele homem era o agente que fornecera a Lyalin a informação que os levara ao México. Clark sentia não poder agradecer-lhe pessoalmente por ter evitado uma guerra nuclear.

— Agora quero que me responda, em minha identidade de repórter: como estão as relações de vocês com os Estados Unidos? Tenho uma reportagem para fazer, você entende.

A resposta o surpreenderia tanto quanto a veemência do tom. Isamu baixou a cabeça e declarou: — Estamos todos à beira da ruína.

— A situação é tão grave assim? — perguntou “Klerk”, surpreso, tirando um caderninho do bolso para tomar notas, como um bom repórter.

— Estamos à beira de uma guerra comercial — afirmou o japonês, como se isso explicasse tudo.

— Uma guerra desse tipo seria prejudicial aos dois países, certo? Clark já ouvira essa afirmação tantas vezes que começava a acreditar nela.

— Estamos repetindo isso há muitos anos, mas não passa de uma mentira.

— E tudo muito simples — acrescentou Kimura, imaginando que aquele russo precisava de uma aula sobre capitalismo, sem saber que era um americano

que necessitava dela. — Para sobreviver, precisamos vender nossos produtos manufaturados. Sabe o que significa uma guerra comercial? Que os americanos vão parar de comprar nossos produtos, economizando muito dinheiro. Esse dinheiro será aplicado em suas próprias indústrias, que nós ensinamos, afinal, a ser mais eficientes. Essas indústrias vão crescer e prosperar seguindo nosso exemplo, e ao fazê-lo conseguirão recuperar fatias do mercado internacional que nos pertenceram nos últimos vinte anos. Se perdermos nossa posição no mercado, nunca mais conseguiremos recuperá-la.

Por quê? — perguntou Clark, escrevendo com ar furioso e genuinamente interessado na resposta.

Quando ingressamos no mercado americano, o iene valia apenas um terço do que vale hoje. Isso nos permitiu oferecer preços muito atraentes.

Depois que conquistamos um lugar no mercado americano, nossos produtos tornaram-se conhecidos e, assim, pudemos aumentar os preços sem perder nossa fatia do mercado, chegando a aumentar nossa participação em certos setores, apesar da constante valorização do iene. Conseguir a mesma coisa nos dias de hoje seria muito mais difícil.

Estou impressionado, pensou Clark, por trás de uma máscara de impassibilidade.

Será que vão conseguir substituir todas as coisas que vocês fabricavam para eles? Através de indústrias locais? Todas elas? Provavelmente não, mas isso não será necessário. No ano passado, os automóveis e autopeças representaram 61% de nosso comércio com os Estados Unidos. Os americanos sabem fazer carros... o que não sabiam, ensinamos a eles — afirmou Kimura, inclinando-se para a frente. — Em outros setores, o de máquinas fotográficas por exemplo, as fábricas hoje em dia estão em Cingapura, na Coreia, na Malásia. O mesmo acontece com os produtos eletrônicos. Klerk-san, a maioria ainda não se deu conta do que realmente está acontecendo.

Os Estados Unidos podem realmente causar tanto prejuízo ao Japão? Será possível? Que droga, pensou Clark, acho que ele está certo.

— E possível. Meu país não se encontrava em situação tão delicada desde 1941.

A afirmação saiu sem querer, mas Kimura percebeu que estava correta no momento em que escapou dos seus lábios.

— Não posso mandar isso para o jornal. E uma declaração muito alarmista.

Kimura olhou para ele.

— Não estava pensando nos jornais. Sei que a KGB tem contato com os americanos. Eles não querem nos dar ouvidos; talvez escutem vocês. Estão nos colocando contra a parede. Os zaibatsu chegaram às raias do desespero.

As coisas estão acontecendo muito depressa. Como o seu país reagiria a um bloqueio comercial? Clark se recostou no assento, inclinando a cabeça e semicerrando os olhos, como um russo faria. O primeiro contato com Kimura seria apenas para reconhecimento, mas se transformara subitamente em uma fonte de importantes informações. Embora não estivesse preparado para essa possibilidade, decidiu deixar o outro falar. O japonês parecia saber o que estava dizendo. Além disso, tratava-se aparentemente de um servidor público honesto e dedicado, e embora isso fosse de certa forma patético, era assim que funcionava a espionagem.

— Eles fizeram isso conosco, na década de 1980. A intensificação da corrida armamentista, o plano insano de instalar sistemas de defesa no espaço, o jogo político armado pelo presidente Reagan... sabia que quando eu estava trabalhando em Nova York participei do Projeto RYAN? Pensávamos que ele estivesse se preparando para nos atacar. Passei um ano procurando os planos de ataque. — O coronel I. S. Klerk, do Serviço de Informações Externas da Rússia assumira totalmente a falsa identidade, falando como um russo, calmamente, tranquilamente, de forma quase didática. — Mas estávamos preocupados com a guerra errada... não, eles não pretendiam nos atacar com armas. A verdade estava na nossa frente, mas não conseguimos vê-la a tempo. Eles nos forçaram a gastar cada vez mais, até que fomos à falência. O marechal Ogarkov foi insistente, exigindo cada vez mais da economia para não ficarmos para trás em relação aos americanos, mas não havia como mantermos o ritmo. Para responder concisamente à sua pergunta, Isamu, tínhamos apenas duas opções: a rendição ou a guerra. Não queríamos a guerra... e por isso aqui estou, no Japão, representando um novo país.

A declaração seguinte de Kimura foi tão assustadora quanto era verdadeira: — Vocês tinham menos a perder. É isso que os americanos não entendem — concluiu, antes de levantar-se, deixando dinheiro suficiente na mesa para pagar a conta. Sabia que para um russo uma refeição em Tóquio custava uma verdadeira fortuna.

Minha nossa, pensou Clark, olhando o homem afastar-se. O encontro tinha sido às claras, não exigia manobras de despistamento. Isso queria dizer que podia levantar-se e ir embora. Entretanto, continuou onde estava. Isamu Kimura ocupava uma posição privilegiada, pensou consigo mesmo o agente da CIA, bebendo o último gole de saque. Havia apenas um escalão de funcionários de carreira acima dele, e depois vinha um indivíduo indicado pelos políticos, que na verdade não passava de um porta-voz dos burocratas.

Como um subsecretário de Estado, Kimura tinha acesso a tudo. Demonstrara isso uma vez, ajudando-os no México, onde John e Ding tinham

prendido Ismael Qati e Ibrahim Ghosn. Os Estados Unidos tinham uma dívida de honra com aquele homem. Além disso, ele constituía uma fonte inestimável de informações. A CIA podia acreditar em quase tudo que dissesse. Kimura não tivera oportunidade de planejar o que dizer naquele encontro. Seus pensamentos e temores tinham de ser sinceros, e Clark compreendeu que precisava voltar para Langley o mais depressa possível.

O fato de Goto se revelar um homem fraco não foi nenhuma surpresa para quem o conhecia. Embora isso fosse péssimo para a liderança política do país, vinha de encontro aos interesses de Yamata.

— Não vou assumir o cargo de primeiro-ministro do meu país — anunciou Hiroshi Goto, como se estivesse em um palco — para me tornar o executor de sua ruína econômica.

A linguagem que usava era a do teatro Kabuki, estilizada e poética. Goto era um homem culto, pensou o empresário. Havia muitos anos que estudava a história e as artes. Como muitos políticos, dava mais valor às aparências do que à substância; como muitos homens fracos, achava necessário demonstrar em grande estilo seu poder e prestígio pessoal. Era por isso que gostava de receber os amigos na companhia de Kimberly Norton. A moça estava aprendendo aos poucos a desempenhar o papel de amante de um homem famoso. Permanecia em silêncio, tornando a encher os cálices de saque e as xícaras de chá e esperando pacientemente que Yamata-san se retirasse para ir para a cama com o político. Este certamente acreditava que com isso despertaria a admiração do convidado. Era um tolo, pensando com os testículos em lugar do cérebro. Não tinha importância. Yamata seria seu cérebro.

— É exatamente o que nos espera — concordou Yamata. Seus olhos se voltaram para a jovem, em parte por curiosidade, em parte para que Goto pensasse que estava com inveja. A moça permaneceu impassível. Seria tão estúpida quanto diziam? Pelo menos, tinha sido muito fácil atraí-la para o Japão.

Era uma atividade lucrativa para os Yakuza, da qual participavam alguns dos seus colegas. Arranjara as coisas para que Goto a conhecesse. Yamata não se considerava um cáften; simplesmente providenciara para que a pessoa certa fizesse uma sugestão ao político. Tinha sido um golpe hábil, embora as fraquezas pessoais de Goto fossem muito conhecidas. Qual era mesmo aquele eufemismo americano? “Conduzido pelo nariz”? O que Yamata fizera podia ser descrito perfeitamente pela expressão. Era um caso raro em que os gaijin tinham conseguido transmitir uma ideia melhor do que os japoneses.

— O que podemos fazer? — perguntou o líder da oposição.

— Temos duas opções.

Yamata interrompeu o que estava dizendo e olhou de novo para a jovem, como se sua presença o incomodasse. Afinal, estavam discutindo um assunto muito delicado. Entretanto, Goto limitou-se a acariciar seus cabelos louros e sorrir. Pelo menos, o político não havia providenciado para que estivesse despida, pensou Yamata, como fizera havia algumas semanas.

Yamata estava familiarizado com seios, até mesmo grandes seios ocidentais, e não era como se o zaibatsu desconhecesse o que Goto fazia com ela.

— Ela não entende uma palavra do que estamos dizendo — explicou o político, rindo.

Kimba-chan sorriu, e a expressão deixou Yamata intrigado. Estaria ela apenas imitando educadamente a atitude do mestre ou haveria mais alguma coisa? Que idade tinha a moça? Vinte e poucos anos, provavelmente, mas não sabia avaliar muito bem a idade dos estrangeiros. De repente, lembrou-se de mais uma coisa. Seu país costumava providenciar companhia feminina para dignitários estrangeiros, como Yamata fazia com os homens de negócios. Era uma prática que remontava a tempos imemoriais e tinha dois objetivos: facilitar as negociações — um homem bem atendido por uma cortesã experiente tende a ser mais condescendente — e explorar o fato de que muitos indivíduos afrouxam suas línguas juntamente com os cintos. O que Goto havia contado àquela jovem? A quem ela poderia estar repassando essas informações? De repente, Yamata achou que a ideia de arranjar aquele encontro não tinha sido tão boa assim.

— Por favor, Hiroshi, atenda-me desta vez — insistiu Yamata, delicadamente.

— Oh, está bem. — O político acrescentou em inglês: — Kimba-chan, agora meu amigo e eu precisamos conversar em particular.

A jovem obedeceu imediatamente, mas sem disfarçar sua contrariedade.

Isso queria dizer que estava treinada para não reagir ou treinada para se fingir de inocente? O fato de se retirar da sala fazia alguma diferença? Goto não lhe contaria tudo mais tarde? Até que ponto estava à mercê dos seus encantos? Yamata não sabia, e não saber, naquele momento crítico, podia ser uma coisa perigosa.

— Adoro trepar com americanas — observou Goto, grosseiramente, depois que a jovem se afastou. Apesar de toda a sua cultura, este era um assunto a respeito do qual só sabia falar em termos chulos. Era uma grande fraqueza, e como tal um motivo de preocupação para o empresário.

— Fico contente em ouvir isso, meu amigo, porque oportunidades não hão de lhe faltar no futuro — observou Yamata, fazendo algumas anotações mentais.

Uma hora depois, Chet Nomuri levantou os olhos da máquina de pachinko

para observar a saída de Yamata. Como de costume, estava acompanhado pelo motorista e outro homem, de aparência muito mais sisuda, que só podia ser um guarda-costas. Nomuri não sabia seu nome, mas conhecia muito bem o tipo. O zaibatsu disse alguma coisa a ele, um comentário rápido, impossível de ser ouvido a distância. Então os três entraram no carro e foram embora.

Goto apareceu uma hora e meia depois, jovial como sempre. A essa altura, Nomuri saiu da casa de diversões eletrônicas e foi para a esquina. Meia hora mais tarde, a moça saiu. Nomuri começou a caminhar na sua frente, sem pressa, esperando que o alcançasse. Muito bem, pensou, cinco minutos mais tarde. Agora sabia exatamente em que edifício a jovem morava. Ela comprara algo para comer e fora direto para casa. Excelente.

— Bom dia, MP.

Ryan acabava de sair da sua reunião diária com o presidente. Toda manhã, passava trinta ou quarenta minutos examinando os relatório dos vários órgãos de segurança do governo e depois apresentava os resultados na Sala Oval. Naquela manhã dissera ao presidente, mais uma vez, que não havia nada muito sério com que se preocupar.

— SÂNDALO — disse a moça, à guisa de cumprimento.

— O que tem a Operação SÂNDALO? — perguntou Jack, recostando-se no assento.

— Tive uma ideia e coloquei-a em prática.

— Qual foi? — quis saber o conselheiro de Segurança Nacional.

— Dei instruções a Clark e Chávez para reativarem a Operação CARDO, a antiga rede de espionagem de Lyalin no Japão.

Ryan pareceu surpreso.

— Está me dizendo que ninguém ainda...

— Ele estava fazendo espionagem comercial, e temos uma Ordem Executiva contra isso, lembra-se? Jack teve de se conter para não protestar. A Operação CARDO ajudara os Estados Unidos mais de uma vez, e não através de atos de espionagem comercial.

— Muito bem, o que conseguiu apurar?

— Isto.

A Sra. Foley passou-lhe uma folha com umas quinhentas palavras impressas em espaço um.

— Os japoneses estão em pânico?

— É o que parece. Continue a ler.

Jack pegou uma caneta e começou a mastigá-la.

— Muito bem. O que mais? — O gabinete vai cair a qualquer momento.

Enquanto Clark conversava com esse sujeito, Chávez estava conversando com outro. O Departamento de Estado vai ser informado amanhã ou depois, mas parece que somos os primeiros a saber, para variar.

Ao ouvir a nova revelação, Jack inclinou-se para a frente. Não chegava a ser uma novidade. Brett Hanson já o alertara a respeito. O Departamento de Estado era, na verdade, o único órgão do governo que desconfiava da Lei de Reforma do Comércio, embora tivesse mantido as preocupações em família, por assim dizer.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Encontramos a garota e parece que é mesmo Kimberly Norton.

— Está envolvida com Goto, e tudo indica que ele será o próximo primeiro-ministro — concluiu, com um sorriso.

— Na verdade, não tinha muita graça, mas tudo dependia do ponto de vista, não é mesmo? Os Estados Unidos agora dispunham de alguma coisa para usar contra Goto, e Goto provavelmente seria o próximo primeiro-mi-nistro. Não era algo para se desprezar...

— Continue falando — pediu Ryan.

— Podemos oferecer à moça uma passagem aérea para casa ou então...

— MP, a resposta é não. — Ryan fechou os olhos. Antes, tentara adotar um ponto de vista isento, mas vira uma fotografia da moça, e embora tentasse continuar isento, a resolução durara apenas até chegar em casa e olhar para os filhos. Talvez aquilo fosse uma fraqueza, sua incapacidade de usar as pessoas para defender os interesses do país. Se fosse, era uma fraqueza aprovada entusiasticamente por sua consciência. Além do mais: — Por que alguém acha que ela se sairia bem no papel de espiã? Pelo amor de Deus, não passa de uma menina confusa que fugiu de casa porque estava tirando notas baixas na escola!

— Jack, meu trabalho é levantar possibilidades, lembra-se? Todos os governos do mundo faziam isso, é claro, até mesmo os Estados Unidos, até mesmo nesses tempos de feminismo. Eram moças de valor, todo mundo dizia, quase sempre muito inteligentes, secretárias do serviço público, muitas delas, que eram recrutadas pelo Serviço Secreto e ganhavam um bom dinheiro servindo ao governo. Ryan não tinha nenhum conhecimento oficial da operação e queria manter as coisas como estavam. Se fosse informado oficialmente e não tomasse nenhuma providência, que tipo de homem seria? Muitas pessoas imaginavam que os altos funcionários do governo eram robôs que faziam o que tinham de fazer pelo país sem nenhum conflito moral, sem nenhum drama de consciência. Talvez tivesse sido assim no passado — talvez ainda fosse possível para alguns — mas o mundo mudara e, afinal, Jack Ryan era filho de um policial.

— Foi você que falou nisso primeiro, lembra-se? A garota é uma cidadã

americana que provavelmente precisa da nossa ajuda. Não vamos nos transformar em algo que não somos, certo?

— Certo.

— A primeira coisa que vamos fazer é oferecer à moça uma passagem para casa. Se ela recusar, talvez a gente possa pensar em outras possibilidades.

Ryan leu com mais atenção o curto relatório de Clark. Se tivesse sido escrito por outra pessoa, não o levaria tão a sério, mas conhecia John Clark, dera-se ao trabalho de examinar detidamente sua ficha. Um dia gostaria de ter uma longa conversa com ele.

— Vou ficar com isto. Talvez o presidente esteja interessado em ler o relatório na íntegra.

— De acordo.

— Se receber algo parecido...

— Será imediatamente informado — prometeu Mary Pat Reativar a Operação CARDO foi uma boa ideia.

— Acho que Clark poderia... bem, investigar um pouco mais a fundo.

— Aprovado — concordou Ryan, imediatamente.

O jato particular de Yamata era um velho Gulfstream G-IV. Embora dispusesse de tanques de reserva, normalmente não conseguiria transpor os 10.784 quilômetros que separavam Tóquio de Nova York. Naquele dia era diferente, informou o piloto. O jet stream acima do Pacífico Norte estava soprando a cento e noventa nós e continuaria assim durante várias horas. Isso aumentaria a velocidade do avião para 1.251 quilômetros por hora, reduzindo em duas horas o tempo de voo.

Yamata ficou satisfeito. O tempo era importante. Nada do que tinha em mente estava no papel, de modo que não havia planos para examinar.

Embora estivesse muito cansado, descobriu que seu corpo se tornara incapaz de repousar. Um leitor voraz, não conseguiu se interessar pelo material que conservava a bordo. Estava sozinho; não tinha ninguém com quem conversar. Não havia absolutamente nada para fazer, e isso pareceu muito estranho a Yamata. O G-IV estava voando a doze mil e trezentos metros de altitude, e fazia uma bela manhã. Podia ver a superfície do Pacífico Norte lá embaixo, as ondas se estendendo a perder de vista, algumas com cristas de espuma branca. O mar imortal. Durante quase toda a sua vida, tinha sido um mar americano, dominado pela Marinha americana. Será que o mar sabia disso? Será que sabia que estava para mudar de dono? E já não era sem tempo, murmurou Yamata para si próprio. A mudança começaria logo depois que chegasse a Nova York.

— Aqui é Bud se aproximando, com três mil e seiscentos quilos de combustível — anunciou o comandante Sanchez pelo rádio.

Como comandante do grupo de esquadrilhas do USS John Stennis (CVN-74), seu F/A-18F seria o primeiro a pousar. Curiosamente, embora fosse o aviador mais antigo a bordo, era a primeira vez que pilotava o Hornet; passara toda a carreira no F-14 Tomcat. Além de o novo avião ser mais leve e mais ágil e ter uma autonomia de voo suficiente para fazer mais do que decolar, dar uma volta em torno do porta-aviões e pousar de volta (como tantas vezes lhe parecera), descobriu que gostava da sensação de voar sozinho, depois de tantos anos pilotando uma aeronave de dois lugares.

Acho que desta vez os idiotas da Força Aérea acertaram, para variar...

A sua frente, no grande convés de voo do novo porta-aviões, os tripulantes ajustavam a tensão dos cabos, considerando o peso do caça e a quantidade de combustível que ele informara. Isso tinha de ser feito todas as vezes. E um grande convés de voo, pensou, a meio quilômetro de distância. Para aqueles que estavam no convés, realmente parecia grande, mas para Sanchez parecia mais uma caixinha de fósforos. Procurou afastar a imagem da cabeça enquanto se concentrava nos preparativos para o pouso. O Hornet balançou um pouco por causa do deslocamento de ar causado pela superestrutura do porta-aviões, mas os olhos do piloto estavam fixos na “almôndega”, uma luz vermelha refletida por um espelho, mantendo-a centralizada. Alguns chamavam Sanchez de “Senhor Máquina”, porque de seus seiscentos e tantos pousos em porta-aviões — todos registrados — em menos de cinquenta deixara de pegar o cabo número três, o principal.

Devagar, devagar, repetiu a si próprio, puxando o manche para trás com a mão direita, enquanto usava a esquerda para operar o acelerador, observando a velocidade de descida e... sim. Sentiu o solavanco quando o caça ficou preso no cabo — o número três, tinha certeza — e começou a perder velocidade, embora a impressão fosse de que chegaria ao fim da pista diagonal e cairia no mar. O avião parou, aparentemente a alguns milímetros da borda, embora na verdade houvesse uma margem de segurança de uns trinta metros. Sanchez soltou o gancho, permitindo que o cabo fosse recolhido. Um tripulante acenou para ele, mostrando-lhe para onde ir, e a sofisticada aeronave transformou-se em um veículo de superfície particularmente deselegante no pátio de estacionamento mais caro de todo o planeta.

Cinco minutos mais tarde, depois de desligar as turbinas e com as correntes segurando firmemente o caça no lugar, Sanchez abriu a nacele e desceu pela escada de aço, que um tripulante de camisa castanha colocara no lugar.

— Bem-vindo a bordo, comandante. Algum problema?

— Tudo na mais perfeita ordem.

Sanchez passou-lhe a máscara de voo e dirigiu-se para a ponte. Três minutos depois, estava assistindo aos outros pousos.

Johnnie Reb já era o apelido semioficial do porta-aviões, que fora batizado em homenagem a um senador do Mississipi que cumprira vários mandatos e era um fiel amigo da Marinha. O navio ainda estava com cheiro de novo, pensou Sanchez. Não fazia pouco tempo que deixara o estaleiro de Newport. Depois de uma viagem experimental na Costa Leste, contornara o cabo Horn, dirigindo-se para Pearl Harbor. Seu irmão mais novo, o United States, seria lançado ao mar dali a um ano, e outro porta-aviões encontrava-se em fase inicial de construção. Era bom saber que pelo menos um setor da Marinha ainda estava em atividade... mais ou menos.

As aeronaves do seu grupo chegaram com uns noventa segundos de diferença. Duas esquadrilhas, cada uma composta por doze F-14 Tomcat, e mais duas com um número idêntico de F/A-18 Hornet. Uma esquadrilha de ataque de médio alcance, formada por dez A-6E Intruder, e depois foi a vez dos pássaros especiais de observação: três E-3C Hawkeye, dois C-2, quatro EA-6B... e era tudo, pensou Sanchez, um pouco contrariado.

O Johnnie Reb poderia facilmente acomodar mais vinte aeronaves, mas um grupo de esquadrilhas não era mais o que costumava ser, pensou Sanchez, recordando como os porta-aviões pareciam apertados no passado.

A vantagem era que agora ficara mais fácil manobrar os aviões no convés.

A desvantagem era que o poder de fogo do seu grupo tinha sido reduzido em pelo menos um terço. Pior ainda: a aviação naval, como instituição, estava passando por tempos difíceis. O projeto do Tomcat datava dos anos 60, época em que Sanchez estava entrando no ginásio e imaginando quando poderia dirigir um carro. O Hornet voara pela primeira vez como YF-17, no início da década de 1970.0 Intruder começara a vida na década de 1950, mais ou menos na época em que Bud ganhara sua primeira bicicleta. Não havia um único avião naval nas pranchetas. Por duas vezes a Marinha desprezara a oportunidade de usar a tecnologia dos aviões invisíveis, primeiro se recusando a comprar o projeto do F-l 17 da Força Aérea e depois desistindo do A-l 2 Avenger, que se revelara um avião difícil de ser detectado pelo inimigo mas quase impossível de pilotar. Assim, aquele velho piloto de caça, que passara mais de vinte anos operando a bordo de porta-aviões e em breve seria promovido a oficial superior por merecimento, ao receber o melhor comando de sua carreira, tinha muito menos poder à disposição que os antecessores.

O mesmo se poderia dizer do Enterprise, cinquenta milhas a leste.

Ainda assim, o porta-aviões reinava naquele mar. Mesmo com a capacidade

diminuída, o Johnnie Reb tinha mais poder de fogo que os dois porta-aviões indianos juntos, e Sanchez achava que não seria difícil evitar que a Índia se tornasse excessivamente agressiva. Ainda bem que aquele era o único problema que tinham de enfrentar no momento.

— E isso aí — comentou o controlador de voo quando o último EA-6B se enganchou no cabo número dois. — Estão todos de volta. Seus pilotos são excelentes, Bud.

— Praticamos bastante, Todd.

Sanchez levantou-se da cadeira e foi para o camarote, onde pretendia tomar um banho antes de se encontrar primeiro com os comandantes das esquadrilhas e depois com o pessoal de operações para planejar a Operação PARCEIROS NO MAR. Seria um bom exercício, pensou Sanchez. Como passara a maior parte da carreira na Esquadra do Atlântico, seria sua primeira oportunidade de conhecer de perto a Marinha do Japão, e imaginou o que seu avô teria pensado. Henry Gabriel "Mike" Sanchez servira a bordo do USS Wasp em 1942, entrando em combate com os japoneses na campanha de Guadalcanal. Imaginou o que Big Mike teria pensado do exercício que estava para começar.

— Vamos, precisa me dar alguma coisa — pediu o lobista.

Um sinal de como as coisas andavam mal era que os patrões tinham dito a ele que talvez fossem forçados a cortar as despesas em Washington.

Era uma notícia muito desagradável. Não sou só eu, pensou o ex-deputado de Ohio. Tinha um escritório com vinte empregados para cuidar, e eles também eram americanos, não eram? Por isso, escolhera o alvo com cuidado. Aquele senador estava com problemas: um adversário de peso dentro do partido e um oponente pelo menos tão forte na eleição geral.

Precisava de mais dinheiro para a campanha. Isso talvez o fizesse ouvir a voz da razão.

— Roy, sei que estamos trabalhando juntos há mais de dez anos, mas se eu votar contra a LRC, estarei morto, entende? Morto. Debaixo da terra, com uma estaca de madeira enfiada no coração, de volta a Chicago para fazer conferências inexpressivas sobre as operações de governo e vender influência para quem fizer a melhor oferta.

Não quero acabar como você, teve vontade de dizer o senador. Não era preciso; a mensagem tinha sido clara. Deixar o governo não era uma ideia agradável. Depois de quase doze anos no Congresso, o senador gostava de Washington. Gostava dos auxiliares, da vida que levava, da vaga no estacionamento, das passagens de graça para Illinois e de ser tratado como alguém aonde quer que fosse. Já pertencia ao clube "de terça a quinta", voando

para casa toda quinta-feira à noite para um longo fim de semana de discursos nos Elks e Rotarys locais, de reuniões nas associações de pais e alunos, de inaugurações de agências dos correios cujas verbas de construção ajudara a levantar, já ativamente em campanha, trabalhando tão duro como fizera para conseguir aquele emprego em primeiro lugar. Não era agradável ter de passar por tudo aquilo outra vez. Seria ainda menos agradável fazê-lo sabendo de antemão que estava perdendo tempo. Não podia votar contra a LRC. Será que Roy não entendia isso? — Compreendo sua posição, Ernie, mas preciso de alguma coisa — insistiu o lobista. Não era como trabalhar no Congresso. Tinha uma equipe mais ou menos do mesmo tamanho, mas não era paga com o dinheiro dos contribuintes. Era ele que tinha de pagar. — Sempre fui seu amigo, certo? A pergunta não era realmente uma pergunta e sim uma afirmação, que trazia implícitas uma ameaça e uma promessa. Se o Senador Greening não lhe desse alguma coisa, talvez Roy fosse procurar um dos seus adversários.

Ou ambos. Roy, como o senador bem sabia, se sentia à vontade trabalhando dos dois lados de qualquer disputa. Poderia muito bem largar Ernest Greening de mão como uma causa perdida e começar a cortejar seus possíveis sucessores no Senado. Um investimento no futuro, por assim dizer, algo que certamente lhe renderia dividendos a longo prazo, porque os japoneses adoravam pensar a longo prazo. Todo mundo sabia disso. Por outro lado, se o senador lhe desse alguma coisa...

— Escute, simplesmente não posso mudar meu voto — repetiu o senador.

— Que tal apresentar uma emenda? Tenho uma sugestão que talvez...

— Impossível, Roy. As comissões têm toda a pressa do mundo para submeter a lei ao plenário. Neste exato momento, os presidentes estão reunidos para acertar os últimos detalhes. Diga aos seus amigos que desta vez eles se deram mal.

— Mais alguma coisa? — perguntou Roy Newton, sem demonstrar ainda a aflição que estava sentindo. Meu Deus, ter de voltar para Cincinnati, trabalhar de novo em um escritório de advocacia?

— Nada que diga respeito à LRC, mas ouvi dizer que algumas coisas interessantes estão acontecendo por baixo do pano.

— O quê? — perguntou Newton. Só faltava essa, pensou. Mais uma daquelas fofocas. Tinha sido divertido enquanto exercia um dos seus seis mandatos, mas agora...

— Ed Kealty pode vir a sofrer um processo de impeachment.

— Você está brincando! — exclamou o lobista, atônito. — O que aconteceu? Foi pego de novo com o zíper aberto?

— A acusação é estupro — explicou Greening. — Falo sério. Estupro. O

FBI está trabalhando há algum tempo no caso. Conhece Dan Murray?

— O protegido de Shaw? O senador fez que sim com a cabeça.

— Esse mesmo. Ele chegou a falar com a Comissão de Justiça da Câmara, mas esse negócio da LRC estourou, e o presidente resolveu colocar o caso em banho-maria. O próprio Kealty ainda não sabe. Pelo menos, não sabia até sexta-feira passada. Por aí você pode ver como eles estão sendo discretos. Acontece que uma das minhas assessoras legislativas está noiva do chefe de gabinete de Sam Fellows e é uma história boa demais para alguém guardar só para si, não é? O velho provérbio de Washington, pensou Newton com uma careta. Se duas pessoas sabem, já não é mais segredo.

— A coisa é séria?

— Ao que parece, Ed Kealty se meteu numa grande encrenca. Murray deixou sua posição muito clara: quer colocá-lo atrás das grades. Há uma morte envolvida.

Lisa Beringer! Se havia uma coisa de que um político precisava, era de uma boa memória para nomes.

— Estou vendo que se lembra do caso — observou Greening, concordando com a cabeça.

Newton quase assoviou, mas, como antigo membro da casa, esperava-se que recebesse notícias como aquela de forma impassível. — Não admira que o presidente tenha mantido a investigação em segredo. A primeira página inteira não seria suficiente...

— Este é o problema. A aprovação da lei não seria prejudicada... bem, provavelmente não... mas para que arriscar? A LRC, a viagem a Moscou... aposto que o caso vai estourar quando ele voltar da Rússia.

— O presidente vai entregar Kealty numa bandeja.

— Roger nunca foi com a cara de Ed. Só o aceitou na chapa por causa da sua experiência no Congresso, lembra-se? O presidente precisava de alguém que conhecesse o sistema. Agora, qual será sua utilidade, mesmo que seja inocentado? Além disso, representaria um peso na campanha pela reeleição. É muito melhor livrar-se dele já, não concorda? Pelo menos, assim que as outras questões estiverem resolvidas.

Isto é interessante, pensou Newton, mantendo-se em silêncio por alguns segundos. Não podemos impedir que a LRC seja aprovada. Por outro lado, o que aconteceria se tirássemos Durling da presidência? Isso nos daria uma nova administração, escolhida às pressas, e se soubermos mexer os pauzinhos, a nova administração...

— Está bem, Ernie, isto é alguma coisa.

12
FORMALIDADES

Tinha de haver discursos. Pior: tinha de haver muitos discursos. Na verdade, era um acontecimento tão importante, que os 435 membros dos 435 distritos eleitorais fizeram questão de passar alguns minutos na frente das câmaras.

Uma deputada da Carolina do Norte convidou Will Snyder, com as mãos ainda enfaixadas, para comparecer à sessão, providenciando para que ocupasse um assento na primeira fila das galerias. Assim, pôde apontar para o caminhoneiro durante o discurso, louvar-lhe a coragem, elogiar os sindicatos americanos pela nobreza dos seus membros e propor que um elogio oficial por aquele ato de heroísmo ficasse registrado nos anais do Congresso.

Em seguida, um deputado do Tennessee prestou uma homenagem à polícia rodoviária do seu estado e aos cientistas do Laboratório Nacional de Oak Ridge; a nova lei implicaria um aumento considerável de recursos, e o laboratório estava interessado em uma fatia do bolo. A Comissão de Orçamento do.

Congresso já começara a calcular a arrecadação adicional de impostos em consequência do aumento da produção de automóveis e os deputados estavam salivando como os cães de Pavlov depois de ouvirem a campainha.

Um deputado de Kentucky assumiu a tribuna para explicar que o Cresta era na verdade um automóvel americano e que o seria ainda mais quando as poucas peças estrangeiras usadas em sua fabricação fossem substituídas por peças produzidas no país (isso já fora decidido, em uma tentativa desesperada mas inútil da empresa de impedir que a lei fosse votada).

Acrescentou que esperava que ninguém culpasse os operários do seu distrito pela tragédia, que, afinal, fora causada por peças não americanas. A fábrica do Cresta em Kentucky, lembrou, era a mais moderna fábrica de automóveis do mundo, um exemplo da forma como os Estados Unidos e o Japão podiam e deviam trabalhar em colaboração! Na verdade, só se dispunha a votar a favor da Lei de Reforma do Comércio porque tinha certeza de que estimularia a cooperação entre os dois países. O discurso merecia nota dez em matéria de ficar em cima do muro, pensaram os colegas.

No final dos pronunciamentos, os repórteres que escreviam para o Roll Cali, a revista responsável pela cobertura das sessões do Congresso, ficaram imaginando se alguém teria coragem de votar contra a LRC.

— Procure entender — disse Roy Newton ao seu maior cliente. — Perdeu esta parada, certo? Nada pode mudar isso. Chame de azar, se quiser, mas a vida está cheia de merda.

Seu modo de falar deixou o outro chocado. Newton fora quase insolente. Não estava se desculpando por não consertar as coisas, como era pago para fazer, como prometera que faria ao ser contratado para fazer lobby para as empresas japonesas. Um empregado não devia falar assim com o patrão, mas os americanos eram diferentes. Recebiam dinheiro para fazer um trabalho e depois...

— Por outro lado, algumas coisas interessantes estão acontecendo; se tiver um pouco de paciência, pode ser que no final tudo se resolva.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Binichi Murakami, de mau humor.

Aquela história aborrecera-o tanto que não conseguia esconder sua irritação. Assim era demais. Viajara para Washington na esperança de falar pessoalmente contra a desastrosa lei, mas em vez disso se vira cercado por repórteres cujas perguntas deixavam bem clara a inutilidade da missão.

Graças a essa viagem, estava fora de casa havia várias semanas, apesar dos pedidos insistentes do amigo Kozo Matsuda para que voltasse ao Japão, alegando que tinha um assunto urgente para discutir com ele.

— Estou falando de uma mudança no governo — respondeu Newton, contando rapidamente o que sabia.

— Por causa de um fato tão sem importância? Um dia também vai ser assim no seu país, sabia? Newton não compreendia como os empresários japoneses podiam ignorar uma tendência tão óbvia. Certamente os gerentes de marketing contavam-lhes que uma porcentagem cada vez maior dos automóveis americanos era comprada por mulheres. Isso para não falar dos barbeadores. Que diabo, uma das subsidiárias da empresa de Murakami fazia barbeadores para mulheres! Gastavam fortunas em propaganda dirigida ao público feminino e faziam de conta que os mesmos fatores não estavam em ação no seu próprio país. Tratava-se, pensou Newton, de um autêntico caso de cegueira.

— Este caso pode realmente prejudicar a reeleição de Durling? No momento, a popularidade do presidente estava em alta, por causa da LRC.

— Claro, se for bem explorado. Ele está encobrindo um crime federal, não está? Não, pelo que você disse, apenas pediu que o processo fosse retardado...

— Por razões políticas, Binichi. — Newton não costumava chamar o cliente pelo primeiro nome. Ele não gostava. Peru emproado! Mas pagava muito bem... — Binichi, com investigações criminais não se brinca, especialmente por razões políticas. Especialmente quando se trata de um crime de abuso sexual. E

uma peculiaridade do sistema político americano — explicou, com toda a paciência.

— Não podemos nos meter nisso, podemos?

— Para que pensa que está me pagando? Murakami acendeu um cigarro. Era a única pessoa que tinha permissão para fumar naquele escritório.

— O que pretende fazer?

— Preciso de alguns dias para pensar. No momento, o melhor que tem a fazer é voltar para casa. Ficar aqui só serve para complicar as coisas, entende? — Newton fez uma pausa. — Quero que compreenda também que este é o projeto mais complexo que jamais executei. Além de ser muito perigoso — acrescentou o lobista.

Mercenário!, pensou Murakami, sem mudar de expressão. Pelo menos, era eficiente no que fazia.

— Um dos meus amigos está em Nova York. Pretendo visitá-lo e de lá viajar para o Japão.

— Ótimo. Procure não chamar muito a atenção, certo? Murakami levantou-se e foi para a antessala, onde um assistente e um guarda-costas o esperavam. Era um homem imponente, alto para um japonês, com um metro e setenta e sete, cabelos pretos e um rosto jovem para os seus cinquenta e sete anos de idade. Também era um dos empresários japoneses mais bem-sucedidos nas transações com os americanos, o que tornava a situação do momento ainda mais irritante para ele. Durante a última década, vinha comprando mais de cem milhões de dólares de produtos americanos por ano e era um dos que defendiam um maior acesso dos Estados Unidos ao mercado japonês de alimentos. Filho e neto de fazendeiros, não lhe agradava que tantos compatriotas se dedicassem à agricultura. Para ele, a verdadeira vocação do país era a indústria. Os americanos, apesar de toda a sua preguiça, eram muitos mais eficientes nessa área. Pena que não soubessem plantar um jardim decente, que era a outra paixão que Murakami tinha na vida.

O edifício de escritórios fixava na Rua Dezesseis, a poucos quarteirões da Casa Branca; ao sair do prédio, o empresário japonês pôde ver a distância a sede do governo. Não era o Castelo de Osaka, mas irradiava poder.

— Seu japonês filho da puta! Quem dissera essas palavras era um homem branco, de meia-idade, modestamente vestido. Murakami olhou para ele, surpreso demais para se sentir ofendido. O guarda-costas colocou-se rapidamente entre o patrão e o americano.

— Vai receber o que merece, seu sacana! — exclamou o homem, afastando-se.

— Espere! Que mal eu fiz a você? — perguntou Murakami,

instintivamente.

Se conhecesse melhor os Estados Unidos, o empresário talvez tivesse percebido que se tratava de um dos vagabundos de Washington, e, como tal, um homem com sérios problemas, no caso um alcoólatra que perdera o emprego e a família para a bebida e cujo único contato com a realidade provinha de conversas desconexas com outros vagabundos. Essas conversas só serviam para aumentar o ressentimento que sentia em relação à sociedade em geral. Seu copo de plástico estava cheio de cerveja barata, mas ao se lembrar de que um dia trabalhara na fábrica da Chrysler, em Newark, Delaware, achou que não precisava tanto da cerveja como de mostrar sua indignação por ter perdido o emprego. Assim, esquecendo as razões que tinham levado a sua demissão, voltou-se, jogou o conteúdo do copo nos três japoneses e foi embora, sentindo-se tão orgulhoso do que fizera que nem se importou por ficar sem a bebida.

O guarda-costas fez menção de persegui-lo. No Japão, não hesitaria em dar uma surra no bakayaro. A polícia seria chamada, e o idiota iria para a cadeia. Entretanto, o guarda-costas sabia que não estava em casa e se conteve, olhando em torno para verificar se aquilo tinha sido um estratagema para distrair sua atenção de um ataque mais sério. Viu o patrão ali parado, o rosto contraído em uma expressão de susto que aos poucos se transformou em um esgar de raiva, o elegante terno inglês pingando cerveja.

Sem dizer uma palavra, Murakami entrou no carro que o levaria ao Aeroporto Nacional de Washington. O guarda-costas, igualmente humilhado, sentou-se no banco do carona.

Um homem que conquistara tudo na vida através do trabalho, que nascera em uma pequena fazenda no interior do Japão e que estudara com muito afinco para conseguir uma vaga na Universidade de Tóquio, que começara de baixo e conseguira chegar até o topo, Murakami podia ter suas críticas ao sistema americano, mas sempre se considerara um participante isento e objetivo das discussões comerciais. Como tantas vezes acontece na vida, porém, foi um incidente irrelevante que o fez mudar de ideia.

Eles são uns bárbaros, murmurou para si próprio, entrando no jato que o levaria a Nova York.

— O primeiro-ministro vai cair — estava dizendo Ryan ao presidente mais ou menos na mesma hora, a alguns quarteirões de distância.

— Tem certeza?

— É quase certo — respondeu Jack, sentando-se. — Temos uma dupla de agentes trabalhando lá em outro assunto, e é isso que todos na rua estão dizendo.

O Departamento de Estado ainda não me informou de nada — protestou

Durling, com ar inocente.

— Presidente, confie em mim. Sabe que isto pode ter graves implicações. A coalizão que apoia Koga é formada por seis diferentes facções, e não é preciso muita coisa para que ela se desintegre.

Como no seu caso, Jack teve vontade de dizer.

— Está certo. E daí? — perguntou Durling, que acabara de receber a notícia de que sua popularidade continuava em alta.

— Daí que o nome mais cotado para substituí-lo é o de Hiroshi Goto. Ele não gosta muito de nós. Jamais gostou.

— Goto pode falar grosso, mas na única vez em que nos encontramos comportou-se como um autêntico fanfarrão — observou o presidente. — Fraco, vaidoso, sem substância.

— Ele é mais do que isso — afirmou Ryan, colocando o presidente a par de um dos desdobramentos da Operação SÂNDALO.

Em outras circunstâncias, Roger Durling teria sorrido, mas Ed Kealty estava ali, a menos de trinta metros de distância.

— Jack, será que é tão difícil assim um cara não passar a mulher para trás?

— No meu caso, é muito fácil — respondeu Jack. — Sou casado com uma médica, lembra-se? O presidente deu uma risada e depois ficou sério de novo.

— É uma coisa que podemos usar contra o filho da puta, não é?

— Sim, senhor.

Ryan não precisou acrescentar que uma revelação como aquela, depois do acidente de Oak Ridge, poderia desencadear uma verdadeira indignação popular.

— O que vamos fazer com a garota? — perguntou Durling.

— Clark e Chávez...

— Os agentes que pegaram Corp, certo?

— Sim, senhor. Estão no Japão. Quero que se encontrem com a garota e lhe ofereçam uma passagem de avião para casa.

— Pretende interrogá-la quando chegar? Ryan fez que sim com a cabeça.

— Sim, senhor.

Durling sorriu.

— Gostei. Bom trabalho.

— Presidente, estamos conseguindo o que queremos, talvez até mais do que esperávamos — advertiu Jack. — O general chinês Sun Tzu escreveu uma vez que é preciso sempre deixar uma saída para o adversário...

— No curso 101, ensinam-nos a matar o maior número possível de soldados inimigos. — O presidente sorriu. Estava satisfeito ao ver que Ryan já se sentia suficientemente seguro para lhe dar conselhos não solicitados. — Isto está fora do seu campo, Jack. Não se trata de uma questão de segurança nacional.

— Sim, senhor. Eu sei. Escute, trabalhei como analista de investimentos até poucos meses atrás. Conheço alguma coisa de comércio internacional.

Durling concordou com a cabeça.

— Está bem, vá em frente.

— Não queremos que Koga seja derrubado, presidente. E muito mais fácil lidar com ele do que com Goto. Quem sabe uma declaração discreta do embaixador, insinuando que a LRC confere ao senhor autoridade para agir, mas que...

— Mas que não pretendo fazê-lo? — interrompeu Durling. Sacudiu a cabeça. — Sabe que não posso fazer isso. Deixaria Al Trent na mão. Daria a impressão de que traí os sindicatos, e isso eu também não posso fazer.

— Então pretende mesmo implementar a LRC?

— Pretendo. Mesmo que seja apenas por poucos meses, mas pretendo. Quero assustar os filhos da puta, Jack. Para que haja um comércio justo entre Estados Unidos e Japão, é preciso que nos levem a sério. Vai ser duro para eles, mas daqui a alguns meses terão de ceder, e então relaxaremos nossas leis e chegaremos a um ponto de equilíbrio que seja aceitável para ambos.

— Quer realmente ouvir minha opinião?

— Você é pago para isso. Acha que estamos forçando demais a barra?

— Isso mesmo. Não queremos que Koga seja derrubado, mas para salvá-lo teremos de lhe oferecer uma saída. Se pretende negociar com o Japão, é melhor que seja com a pessoa certa.

Durling apontou para um relatório sobre sua mesa.

— Brett Hanson acha a mesma coisa, mas não está tão preocupado com o futuro de Koga quanto você.

— Amanhã ele vai estar — prometeu Ryan.

— Não se pode nem andar na rua! — rosnou Murakami.

Yamata reservara um andar inteiro do Plaza Athenée para ele e sua equipe. Os empresários estavam sozinhos em uma sala de estar, em mangas de camisa, com uma garrafa de uísque sobre a mesa.

— Sempre foi assim, Binichi — observou Yamata. — Lá, nós é que somos os gaijin. Você sempre se esquece disso.

— Sabe quantos negócios faço com eles, quanto compro deles? — perguntou Murakami. Ainda sentia o cheiro da cerveja. Empapara sua camisa, mas estava zangado demais para trocar de roupa. Era como se fosse uma lembrança da lição que aprendera algumas horas antes.

— E eu? — perguntou Yamata. — Nos últimos anos, apliquei seis bilhões de ienes em uma empresa de importação e exportação. Agora terei sorte se

conseguir recuperar o que investi.

— Eles não podem fazer isso conosco.

— Sua confiança nos americanos é comovente — observou Yamata. — Quando a economia do nosso país desmoronar, acha que eles vão deixar que eu conserve minhas propriedades na América? Em 1941, congelaram todos os bens dos japoneses.

— Não estamos em 1941.

— Não, não estamos, Murakami-san. Hoje a situação é muito pior. Naquele tempo não tínhamos tanto a perder.

— Por favor — disse Chávez, bebendo o último gole de cerveja. — Em 1941, meu avô estava lutando contra os fascistas nos arredores de São Petersburgo...

— Leningrado, garoto! — protestou Clark, que estava sentado ao seu lado. — Esses jovens de hoje não têm o menor respeito pelo passado — explicou aos dois anfitriões.

Um deles era chefe de relações públicas da Mitsubishi e o outro diretor da divisão de aeronaves da mesma empresa.

— É verdade — concordou Seigo Ishii. — Sabe que minha família ajudou a projetar os caças da nossa Marinha? Cheguei a conhecer Saburo Sakai e Minoru Genda.

Ding abriu mais uma rodada de bebida e serviu a todos como um fiel escudeiro do seu mestre, Ivan Sergeyevich Klerk. A cerveja estava muito boa, provavelmente porque os anfitriões tinham escolhido a marca, pensou Chávez, observando o mestre trabalhar.

— Reconheço esses nomes — afirmou Clark. — Foram grandes guerreiros, mas lutaram contra meu país.

— Cinquenta anos se passaram — observou o relações-públicas. — Naquela época seu país era diferente.

— É verdade, amigos, é verdade — admitiu Clark, deixando a cabeça pender um pouco para o lado.

Chávez achou que estava exagerando em sua imitação de bêbado.

— É a primeira vez que visita o Japão, certo?

— Certo.

— Quais foram suas primeiras impressões? — quis saber Ishii.

— Adorei a poesia de vocês. É muito diferente da nossa. Sabe que eu poderia escrever um livro a respeito de Pushkin? Talvez um dia o faça, mas há alguns anos ouvi falar da poesia japonesa. Nossa poesia se propõe transmitir uma série de pensamentos, às vezes a contar uma história completa, mas a de

vocês é muito mais sutil e delicada, como... como posso explicar? Como um instantâneo, talvez? Conheço uma que talvez vocês possam me explicar. Posso ver a imagem, mas não compreendo seu significado. Como é mesmo? — perguntou-se Clark, com voz pastosa. — Ah, sim: "Flores de ameixa desabrocham, e mulheres bonitas compram xales novos na sala de um bordel." O que isso quer dizer? — perguntou ao relações-públicas.

Ding estava encarregado do contato visual com Ishii. Foi divertido, de certa forma. Confusão, a princípio. Quase pôde ouvir os olhos se arregalarem quando as palavras da senha penetraram no seu cérebro como a estocada mortal de um florete. Os olhos de Sasaki se voltaram para Clark, mas ele percebeu que era Ding que estava mantendo contato visual. Isso mesmo. Você está de volta à ativa, companheiro.

— O segredo está no contraste — explicou o relações-públicas. — Temos a imagem agradável de jovens atraentes fazendo alguma coisa... alguma coisa feminina, a palavra está certa? Então, no fim, você descobre que elas são prostitutas e a sala é uma...

— ...prisão — completou Ishii, subitamente sóbrio. — Estão sendo forçadas a fazer algo que não desejam. De repente, a imagem não é tão agradável quanto parecia.

— Ah, sim — concordou Clark com um sorriso. — Isto faz muito sentido. Obrigado — concluiu, agradecendo com uma mesura a importante lição.

Clark sabe ser sutil, pensou Chávez. A vida de um espião podia ter seus momentos. Ding estava quase com pena de Ishii, mas se o idiota já traíra seu país uma vez, não havia razão para derramar lágrimas por ele. A CIA tinha um provérbio simples, embora cruel: uma vez traidor, sempre traidor.

O provérbio equivalente do FBI era ainda mais contundente, o que era estranho, já que em geral os homens do FBI eram mais bem-educados: Uma vez filho da puta, sempre filho da puta.

— Isso é possível? — perguntou Murakami.

— Possível? É brincadeira de criança.

— Estou preocupado com os efeitos... A ideia de Yamata era interessante, mas...

— Os efeitos são fáceis de entender. A economia deles não terá condições de instalar as indústrias de que necessitam para substituir nossos produtos. Os consumidores, recuperados do choque inicial e necessitando de produtos que as empresas locais são incapazes de fabricar, voltarão a comprar de nós.

Se Binichi estava pensando que iria ouvir a história completa, isso era problema dele.

— Não concordo. Acho que está subestimando a revolta dos americanos com este lamentável incidente. Precisa também considerar a dimensão política...

— Koga não fica no poder. Isso está decidido — interrompeu Yamata, friamente.

— Goto? — perguntou Murakami.

Não era propriamente uma pergunta. O empresário conhecia muito bem o cenário político do país.

— Naturalmente.

Um gesto de irritação.

— Goto é um idiota. Pensa com a cabeça do pênis. Não confiaria nele nem para administrar a fazenda do meu pai.

— Poderia dizer o mesmo de todos eles. Quem realmente governa nosso país? O que mais podemos exigir de um primeiro-ministro, Binichi? — perguntou Raizo, rindo.

— Eles também têm um tipo assim no governo — observou Murakami, servindo-se de mais uma dose generosa de Chivas e imaginando aonde Yamara queria chegar. — Não conheço o homem pessoalmente, mas parece que não presta.

— Quem?

— Kealty, o vice-presidente. E o presidente, apesar da reputação de honestidade, está ajudando a encobrir o crime.

Yamata recostou-se no assento.

— Não compreendo.

Murakami contou-lhe o que sabia. Embora fosse um homem cauteloso e frequentemente magnânimo no trato com os estrangeiros, Yamata considerava-o como um igual, e embora discordassem em muitas questões, tinham um profundo repeito um pelo outro.

— Isto é interessante. O que seus homens pretendem fazer com esta informação?

— Ainda estão pensando no assunto — respondeu Binichi, levantando significativamente as sobrancelhas.

— Confia nos americanos em uma situação como esta? Os melhores deles são ronin, e sabe como são os piores... — Yamata-san fez uma pausa e levou alguns segundos para digerir o que acabara de ouvir. — Meu amigo, se os americanos podem derrubar Koga...

Murakami baixou a cabeça por um momento. O cheiro de cerveja estava mais forte do que nunca. Como aquele desconhecido tinha sido insolente! Na verdade, como o presidente tinha sido insolente! Podia mutilar um país inteiro com sua vaidade e sua falsa revolta. Revolta contra o quê? Um acidente? A

empresa não assumira toda a responsabilidade? Não prometera cuidar dos sobreviventes?

— O que está propondo é muito perigoso, meu amigo.

— Mais perigoso ainda seria não fazer nada.

Murakami ficou pensativo por um momento.

— O que quer que eu faça? — Se puder conseguir para mim todos os detalhes a respeito de Kealty e Durling, ficarei muito agradecido.

Não foram necessários mais do que alguns minutos. Murakami deu um telefonema, e as informações foram enviadas para o fax da suíte de Yamata. Talvez Raizo conseguisse fazer bom uso delas, pensou. Uma hora mais tarde, foi de carro até o Aeroporto Internacional Kennedy, onde tomou um avião da JAL para Tóquio.

O outro jato particular de Yamata também era um G-IV. Tinha muito trabalho pela frente. O primeiro voo foi para Nova Delhi. Permaneceu no solo apenas duas horas antes de decolar e tomar o rumo leste.

— Parece uma mudança de curso — observou o chefe de operações. — A princípio, pensamos que fosse apenas um exercício aéreo mais elaborado, mas todos os aviões já decolaram e...

O almirante Dubro concordou com a cabeça depois de examinar o monitor Link-11 do Centro de Informações de Combate do porta-aviões.

Os dados estavam sendo transmitidos de uma aeronave de observação E-2C Hawkeye. A formação circular movia-se para o sul com uma velocidade de dezoito nós. Os porta-aviões contavam com uma escolta de contratorpedeiros e cruzadores armados com mísseis e eram precedidos por uma barreira de contratorpedeiros. Todos os aparelhos de radar estavam ligados, o que era uma novidade. Os navios indianos estavam ao mesmo tempo anunciando sua presença e criando uma “bolha” pela qual ninguém poderia passar sem seu conhecimento.

— Será que estão à nossa procura? — perguntou o almirante.

— Pelo menos, vão nos confinar a uma área de operações. Podemos estar a sudeste deles ou a sudoeste, mas se continuarem no presente curso, em breve teremos de nos decidir, almirante.

Talvez estivessem simplesmente cansados de ser vigiados, pensou Dubro. Era compreensível. Dispunham de uma esquadra respeitável, guarnecida por tripulantes que tinham de estar bem treinados depois de tantos exercícios. Os navios haviam sido reabastecidos recentemente, de modo que podiam contar com combustível suficiente para... para o quê? O que diz a inteligência? Não sabemos o que pretendem — respondeu o comandante Harrison. — Os anfíbios

continuam no porto. Não temos nada a respeito daquela brigada que estava preocupando o J-2. O tempo tem estado muito ruim para os satélites de observação.

— Esses caras da inteligência estão ficando cada vez mais relaxados — resmungou Dubro.

A CIA dependia tanto dos satélites que fazia de conta que as câmaras eram capazes de enxergar do outro lado das nuvens. Deviam investir em observações de superfície... será que ele era o único que compreendia isso? O monitor pertencia a um novo sistema, instalado no ano anterior.

Muito mais sofisticado que os anteriores, exibia com detalhes, em um mapa horizontal, os acidentes geográficos e as posições atualizadas dos navios e aeronaves. O único problema era que mostrava apenas os dados conhecidos, e eles não eram suficientes para que Dubro tomasse uma decisão.

— Eles vêm mantendo pelo menos quatro aeronaves no ar durante as últimas oito horas, esquadrinhando o sul. Pelo raio de operação, calculo que estejam levando mísseis ar-ar e tanques auxiliares para aumentar a autonomia de voo. Parece uma operação de reconhecimento. Os Harrier dispõem do novo radar Black Fox de visada vertical, que foi detectado pelo nosso Hummer. Estão investigando o mais longe que é possível, almirante. Com sua permissão, gostaria de deslocar o Hummer uns cento e cinquenta quilômetros mais para o sul e implantar um silêncio parcial — concluiu Harrison, querendo dizer que o avião de reconhecimento manteria o transmissor de radar ligado apenas parte do tempo e rastrearia o progresso da esquadra indiana de forma passiva, através de suas próprias transmissões de radar.

— Negativo — disse o almirante Dubro, sacudindo a cabeça. — Vamos nos fazer de tolos e complacentes, por enquanto.

Voltou-se para verificar a situação das suas aeronaves. Dispunha de um poder de fogo mais do que suficiente para enfrentar o inimigo, mas a questão não era essa. Não estava ali para derrotar a Marinha da Índia em uma batalha aeronaval e sim para dissuadi-la de fazer qualquer coisa que desagradasse aos Estados Unidos. Da mesma forma, os indianos não podiam estar ali para atacar a Marinha dos Estados Unidos... podiam? Não, seria muita loucura. Era até possível que um almirante indiano muito competente e com muita sorte derrotasse um colega americano muito incompetente e extremamente azarado, mas Dubro não estava disposto a permitir que isso acontecesse. Não, deviam apenas estar blefando, como eles próprios. Se pudessem empurrar a esquadra americana para o sul, então... não eram tão tolos, afinal, eram? A questão era como usar os trunfos de que dispunha.

— Estão nos forçando a tomar uma atitude, Ed. Pelo menos, tentando fazê-

lo. — Dubro se inclinou para a frente, apoiando uma das mãos no mapa e apontando com a outra. — Provavelmente pensam que estamos a sudeste. Nesse caso, deslocando-se para o sul podem nos bloquear melhor, e acham que vamos recuar para nos mantermos fora do alcance dos aviões. Por outro lado, se suspeitam de que nos encontramos aqui, podem conseguir a mesma coisa, ou nos deixar a opção de nos dirigirmos para noroeste a fim de cobrir o golfo de Mannar. Isso, porém, significa que ficaremos ao alcance das aeronaves baseadas em terra, com a esquadra indiana ao sul e apenas uma saída a oeste. Nada mau como tática operacional — reconheceu o comandante do grupo de combate. — O comandante do grupo ainda é Chandraskatta?

O chefe de operações fez que sim com a cabeça.

— Sim, senhor. Está de volta, depois de passar algum tempo em terra. Os ingleses têm a ficha do homem. Dizem que não é nada bobo.

Concordo com a opinião dos ingleses. Que tipo de informação supõe que eles tenham a nosso respeito? Harrison deu de ombros.

— Sabem há quanto tempo estamos no mar. Devem calcular que nossas forças estão desgastadas.

O chefe de operações estava se referindo tanto aos homens quanto aos equipamentos. Todos os navios da Força-Tarefa já estavam enfrentando problemas de manutenção. Eles levavam peças de reposição, mas estas também tinham que ser repostas. Os equipamentos estavam sujeitos à maresia, ao movimento constante, ao impacto do vento e das ondas; não podiam durar para sempre. Também era preciso pensar no fator humano.

Os homens e mulheres já estavam ficando cansados, depois de passar tanto tempo no mar. O aumento do número de defeitos contribuía para sobrecarregá-los ainda mais. A expressão da moda entre os militares para aquela combinação de problemas era “falta de liderança”, uma forma elegante de dizer que os oficiais que comandavam os navios às vezes não tinham a menor ideia do que fazer.

— Sabe de uma coisa, Ed? Os russos pelo menos eram previsíveis. — Dubro endireitou o corpo e sentiu saudade da época em que fumava cachimbo. — Muito bem, vamos fazer uma consulta. Diga a Washington que parece que eles vão entrar em ação.

— Finalmente nos encontramos.

— Muito prazer, Sr. Yamata.

Chuck Searls, o engenheiro de software, sabia que o terno com colete e o cabelo curto tinham surpreendido o empresário. Estendeu a mão e balançou a cabeça no que supunha tratar-se de um cumprimento apropriado.

— Ouvi dizer que é muito competente.

— Bondade sua. Tenho uma certa experiência e talvez alguns modestos talentos — disse Searls, que já lera alguma coisa sobre o Japão.

Você é muito ambicioso, pensou Yamata, mas bem-educado. Uma combinação aceitável. Tudo não passara de um feliz acidente. Comprara um negócio, quatro anos antes, conservara a maioria dos empregados, como costumava fazer, e descobrira que o verdadeiro cérebro da empresa era aquele homem. A posição do americano na firma não mudara, mas seu salário aumentara substancialmente. Então, certo dia, Searls comentara que estava ficando cansado do seu trabalho...

— Está tudo preparado?

— Sim, senhor. A nova versão do programa foi instalada faz alguns meses. Todos adoraram.

— É o...

— Ovo da páscoa, Sr. Yamata. É assim que o chamamos.

Raizo não sabia o que era um ovo da páscoa. Pediu que o outro lhe contasse, mas a explicação deixou-o sem entender.

— Como funciona?

— Depende de duas ações — explicou Searls. — Se as cotações da General Motors e da Merk na memória do computador atingirem os valores que especifiquei, duas vezes e no mesmo minuto, o ovo será chocado, mas apenas se for sexta-feira, como o senhor pediu, e apenas se o período de cinco minutos estiver dentro de um certo intervalo.

— Então a coisa pode ser acionada acidentalmente? — perguntou Yamata, preocupado.

— Teoricamente, sim, mas as cotações que escolhi não são típicas, e a probabilidade de que todos os fatores necessários ocorram simultaneamente é de cerca de uma em trinta milhões. Foi por isso que escolhi esta forma de chocar o ovo. Fiz uma simulação do mercado em computador e...

Outro problema dos mercenários era que estavam sempre querendo mostrar como eram brilhantes. Embora neste caso fosse provavelmente verdade, Yamata teve de se controlar para ouvir a dissertação até o fim, como as boas maneiras exigiam.

— Já cuidou de todos os preparativos pessoais?

Searls fez que sim com a cabeça. O voo até Miami. A viagem para Antigua, passando por Dominica e Granada, todos os voos com nomes diferentes e pagos com diferentes cartões de crédito. Estava com um novo passaporte e uma nova identidade. Levaria um dia inteiro para chegar à ilha do Caribe, onde o dinheiro estaria à espera, e não pretendia sair de lá tão cedo.

Por seu lado, Yamata não estava interessado no que Searls pretendia fazer da vida. Se fosse um filme policial, teria mandado matá-lo, mas não valia a pena correr o risco. Havia sempre a possibilidade de o engenheiro ter colocado mais de um ovo no ninho. Além disso, tinha de pensar na sua honra. Afinal, estava fazendo tudo aquilo por uma questão de honra.

— O segundo terço dos fundos será transferido pela manhã. Quando isso acontecer, sugiro que comece a executar seus planos.

Eram todos ronin, pensou Yamata, mas alguns podiam ser leais, à sua maneira.

— Está aberta a votação — disse o presidente da Casa, depois que Al Trent concluiu seu discurso.

No canal C-SPAN, as vozes dos deputados foram substituídas por música clássica, o Concerto Italiano de Bach. Cada deputado tinha um cartão de plástico; era como se estivessem usando um caixa automático de banco. Os votos eram contados pelo computador e mostrados na TV para o mundo inteiro. Eram necessários duzentos e dezoito votos para que a lei LRC fosse aprovada. Esse número foi atingido em apenas dez minutos. Seguiu-se uma série de votos de “sim” quando alguns deputados chegaram apressadamente ao plenário, vindo de reuniões de comissões ou de encontros com eleitores, registraram seus votos e voltaram ao que estavam fazendo.

Al Trent permaneceu o tempo todo no plenário, a maior parte do tempo conversando animadamente com um membro da liderança da minoria, seu amigo Sam Fellows. Era interessante como pareciam concordar em quase tudo, pensaram ambos. Não podiam ser mais diferentes: um homossexual liberal da Nova Inglaterra e um conservador mórmon do Arizona.

— Isso vai ensinar uma lição àqueles filhos da puta — observou Al.

— Você conseguiu aprovar essa lei em tempo recorde — concordou Sam.

Os dois imaginavam qual seria o efeito a longo prazo sobre a taxa de desemprego nos seus distritos eleitorais.

Menos satisfeitos estavam os funcionários da embaixada do Japão, que comunicaram o resultado ao ministro do Exterior no momento em que a música parou e o presidente anunciou: — A Lei 12.313, a Lei de Reforma do Comércio, está aprovada.

A lei iria em seguida para o Senado, mas isso não passaria de formalidade. Os únicos que talvez votassem contra ela eram os que estavam mais distantes da reeleição. O ministro do Exterior recebeu a notícia em Tóquio às nove horas da manhã e informou ao primeiro-ministro Koga.

Este já escrevera a carta de renúncia. Outro homem teria chorado ao ver

seus sonhos ruírem por terra, mas não o primeiro-ministro. Na verdade, tivera mais prestígio na oposição do que no governo. Olhando pela janela para o jardim banhado pelo sol da manhã, pensou consigo mesmo que estava deixando o cargo em boa hora.

Goto que descasque o abacaxi.

— Sabe de uma coisa? Alguns dos melhores instrumentos que usamos em Wilmer são japoneses — observou Cathy Ryan, durante o jantar.

Agora que a lei estava praticamente aprovada, sentia-se à vontade para comentá-la.

— É mesmo?

— O laser semicondutor para operar cataratas, por exemplo. Eles compraram a firma americana que o inventou. Os engenheiros japoneses também são muito bons em termos de assistência técnica. Raro é o mês em que não nos mandam uma versão atualizada do software.

— Onde fica a sede da empresa?

— Na Califórnia.

— Então é um produto americano, Cathy.

— Mas nem todos os componentes são — observou a mulher.

— Escute, a lei prevê que poderão ser abertas exceções para produtos considerados...

— É o governo que vai fazer as regras, certo?

— Certo — admitiu Jack. — Espere um momento. Você não estava comentando outro dia que os médicos japoneses...

— Eu não os considero incompetentes. Precisam apenas de um pouco mais de criatividade. Como o nosso governo também precisa — acrescentou.

— Eu disse ao presidente que não era uma boa ideia. Ele me garantiu que a lei vai ser aplicada apenas durante alguns meses.

— Só acredito vendo.

13
VENTOS E MARÉS

— Nunca vi nada parecido.

— Seu governo fabricou milhares deles! — protestou o diretor de relações públicas.

— É verdade — concordou Klerk —, mas as fábricas não estavam abertas

nem ao público nem aos jornalistas soviéticos.

Chávez se encarregara das fotos, e com grande estardalhaço, observou John Clark com um sorriso, dançando em volta dos operários, agachando-se com a Nikon comprimida contra o rosto, trocando os rolos com frequência e no processo tirando algumas centenas de fotos da linha de produção de mísseis. Eram carcaças de mísseis SS-19, sem dúvida alguma. Clark conhecia as especificações; as fotos que vira em Langley não deixavam margem a dúvidas. Também permitiram que percebesse algumas mudanças. Tudo que a União Soviética construía para uso militar tinha de ser camuflado; até os mísseis instalados no fundo dos silos de concreto eram pintados com a mesma tinta verde cor de sopa de ervilha que eles gostavam de usar nos tanques. Ali, não. Não havia nenhuma lógica em gastar combustível para lançar no espaço alguns quilos de tinta; por isso, as carcaças desses mísseis era da cor prateada do aço. As juntas e conexões pareciam mais bem acabadas do que seria de esperar em um produto da tecnologia soviética.

— Vocês mudaram o projeto original, não é mesmo?

— É verdade. — O relações-públicas sorriu. — O projeto básico era excelente. Nossos engenheiros ficaram muito bem impressionados, mas nossos padrões são diferentes e usamos materiais de melhor qualidade. O senhor é muito observador. Não faz muito tempo, um engenheiro americano da NASA fez o mesmo comentário. — O homem fez uma pausa. — A propósito: de que região da Rússia é o nome Klerk?

— Não é um nome russo — afirmou Clark, continuando a tomar notas. Meu avô era inglês. Um comunista inglês. O nome dele era Clark. Na década de 1920, mudou-se para a Rússia para participar da nova experiência. Clark deu um sorriso amarelo. — Deve estar se sentindo decepcionado, onde quer que esteja.

— E seu colega?

— Chekov? Ele é da Crimeia. O sangue tártaro é impossível de esconder, não acha? Então, quantos desses vocês pretendem construir? Chávez estava equilibrado na carcaça de um míssil, no final da linha de montagem. Alguns operários olharam para ele com irritação, o que lhe assegurou que estava representando bem o papel de jornalista intrometido.

O trabalho era simples. O pátio de montagem da fábrica era muito bem iluminado, para facilitar o trabalho dos operários, e embora estivesse usando um fotômetro como parte do espetáculo, o microprocessador embutido na câmara indicava que a iluminação era mais do que suficiente.

A Nikon F-20 era uma câmara muito sofisticada. Ding trocou o rolo de filme. Estava usando filme colorido ASA 64 para diapositivos (marca Fuji, naturalmente) porque tinha uma melhor saturação cromática, o que quer que isso

significasse.

Finalmente, Clark apertou a mão do relações-públicas e todos se encaminharam para a saída. Chávez/Chekov soltou a lente do corpo da câmara e guardou-a na sacola. Depois de alguns sorrisos e mesuras, entraram no carro e foram embora. Ding ligou o CD player e colocou o volume bem alto. Isso dificultaria a conversa, mas John gostava de seguir as regras, e estava certo. Não era impossível que alguém tivesse colocado uma escuta no carro de aluguel. Chávez inclinou a cabeça para a direita para não ter de gritar.

— John, é sempre tão fácil assim? Clark teve vontade de rir, mas continuou sério. Algumas horas antes, reativara outro membro da Operação CARDO, que insistira para que ele e Ding visitassem a fábrica de mísseis.

— Sabe de uma coisa? Estive várias vezes na Rússia em uma época em que você precisava de mais do que um passaporte e um cartão do American Express.

— Fazendo o quê?

— Quase sempre ajudando pessoas a fugir. Vez por outra, recuperando aparelhos de escuta. Um trabalho difícil e perigoso. — Clark sacudiu a cabeça. A mulher era a única que sabia que ele pintava o cabelo, só um pouquinho, porque não gostava do grisalho nas têmporas. — Teríamos pago uma fortuna para nos deixarem entrar em... Plesetsk, acho eu, era lá que fabricavam essas belezinhas.

— Eles estavam mesmo interessados em que a gente conhecesse este lugar.

— É mesmo — concordou Clark.

— O que faço com as fotos? John quase o aconselhou a jogá-las fora, mas mudou de ideia. Para manter o disfarce, tinha de escrever uma reportagem e enviá-la à Interfax.

Imaginou se alguém a publicaria. Não seria engraçado? pensou, balançando a cabeça. Tudo que estavam fazendo, realmente, era matar o tempo, esperando pela oportunidade de se encontrarem com Kimberly Norton.

— Decidiu enviar as fotos e uma cópia da reportagem pela mala diplomática.

Seria uma forma de Ding mostrar serviço... e ele também, admitiu Clark.

— Baixe esse maldito volume! — exclamou, antes de mudar para russo.

Precisavam praticar.

— Sinto falta dos invernos da minha terra natal — observou Chekov.

— Eu, não — afirmou Klerk. — Onde aprendeu a gostar dessa detestável música americana? — perguntou.

— Na Voz da América — respondeu o rapaz, rindo.

— Yevgeniy Pavlovich, você não tem respeito pelos mais velhos. Meus ouvidos não aguentam esse barulho. Não tem mais nada para tocar? Qualquer coisa seria melhor do que isso, pensou o técnico, enquanto ajustava os fones de

ouvido e sacudia a cabeça para afastar o ruído gaijin. O pior era que seu próprio filho gostava daquele lixo.

Apesar de todos os desmentidos das últimas semanas, a verdade estava finalmente ali para todos verem. Os grandes e deselegantes navios de transporte de automóveis ancorados nos vários portos eram testemunhas silenciosas em todos os noticiários da TV japonesa. As empresas de automóveis japonesas possuíam um total de cento e dezenove navios, sem contar as embarcações de outras bandeiras que haviam arrendado e que agora estavam navegando de volta para casa. Navios que jamais ficavam parados por um tempo maior do que o necessário para carregar e descarregar agora ocupavam espaço nos terminais de carga. De nada adiantaria carregá-los e despachá-los; os que já se encontravam nos portos americanos levariam várias semanas para ser descarregados. As tripulações aproveitavam o tempo para fazer trabalhos de manutenção, mas sabiam que quando terminassem essas tarefas não teriam mais nada para fazer.

O efeito multiplicou-se bem rápido. Não adiantava fabricar automóveis que não podiam ser embarcados; simplesmente não havia espaço suficiente para guardá-los. Quando os grandes pátios de estacionamento dos portos e das fábricas ficaram lotados, não houve mais jeito. As câmaras de TV mostraram quando o supervisor da linha de montagem da Nissan apertou um botão, fazendo com que campainhas soassem em toda a fábrica. Normalmente empregado apenas em emergências, o botão desta vez tinha sido usado para parar a fábrica. Desde o início da linha de montagem, onde os chassis eram colocados na esteira rolante, até o final, onde um carro azul-marinho esperava, com a porta aberta, que um motorista chegasse para tirá-lo do prédio, os operários ficaram parados, olhando uns para os outros. Alguns meses antes, não teriam imaginado que alguma coisa semelhante pudesse acontecer. A realidade para eles era chegar no trabalho, executar tarefas, apertar parafusos, testar peças, muito raramente encontrar defeitos, e repetir esses processos por um número exaustivo mas bem remunerado de horas; aquele momento foi como se o mundo tivesse parado de girar. Até certo ponto, já esperavam aquele desenlace, graças às notícias do jornal e da TV, dos boatos que percorriam a linha de montagem mais depressa do que os carros, dos comunicados da administração. Apesar disso, pareciam em estado de choque, como se tivessem levado um soco no rosto.

Na bolsa de valores, os operadores estavam usando pequenos receptores de televisão, um novo modelo produzido pela Sony que lembrava um telefone celular. Eles viram o supervisor apertar o botão, viram os operários interromper as atividades. Pior ainda, viram sua expressão de perplexidade.

Sabiam que era apenas o começo. Com as montadoras paradas, as fábricas

de autopeças deixariam de funcionar. As siderúrgicas teriam de cortar drasticamente a produção. As empresas de produtos eletrônicos perderiam duplamente, no mercado interno e no mercado de exportação. O Japão não podia viver sem o comércio exterior, e os Estados Unidos eram seu principal parceiro comercial, responsável por cento e setenta bilhões de dólares de importações, mais do que toda a Ásia, mais do que toda a Europa. O Japão importava uns noventa bilhões em produtos americanos, mas o saldo de mais de setenta bilhões de dólares era dinheiro de que a economia precisava para funcionar, dinheiro que a economia interna acostumara-se a usar.

Para os operários que apareceram na TV, o mundo apenas havia parado de girar. Para os corretores, o mundo provavelmente chegara ao fim; sua expressão não era de perplexidade, mas de desespero. O período de silêncio não durou mais do que trinta segundos. O mundo inteiro observara a mesma cena na televisão com a mesma fascinação mórbida, acompanhada por uma certa incredulidade. Então os telefones começaram de novo a tocar. Foram atendidos por mãos trêmulas. O Nikkei Dow caiu de novo naquele dia, fechando a 6.540 ienes, um quinto do que valera alguns anos antes.

A mesma gravação foi mostrada com destaque nos noticiários de todas as redes americanas; em Detroit, os trabalhadores que tinham visto suas fábricas serem fechadas lembraram-se do que tinham sentido na ocasião.

Embora sua simpatia fosse temperada pela promessa de readmissão, não era difícil para eles imaginar o que os operários japoneses estavam passando.

Tinha sido muito mais fácil sentir raiva deles quando estavam trabalhando e roubando empregos dos americanos. Agora, também estavam sendo vitimados por forças que poucos conseguiam compreender.

A reação na Wall Street surpreendeu os leigos. Apesar de todas as vantagens teóricas que oferecia à economia americana, a Lei de Reforma do Comércio era um problema a curto prazo. Um número muito grande de empresas americanas dependia, em maior ou menor grau, de produtos japoneses; embora esses produtos pudessem eventualmente ser produzidos em solo americano, ninguém sabia ao certo por quanto tempo as disposições da LRC permaneceriam em vigor. Se a lei tinha vindo para ficar, então fazia sentido investir na substituição de importações. Como ter certeza, porém, de que o governo não a estava usando simplesmente como um artifício para abrir o mercado japonês e que uma vez que o Japão se mostrasse mais flexível ela deixaria de ser aplicada? Nesse caso, outras empresas, especializadas em produtos de exportação, seria uma opção melhor de investimento. O segredo estava em identificar empresas que estivessem em posição de fazer as duas coisas, porque uma escolha errada poderia resultar em enormes prejuízos, especialmente depois da alta inicial da

bolsa. Era inevitável que o dólar se valorizasse em relação ao iene, mas os analistas de mercado observaram que os bancos estrangeiros tinham agido de forma agressiva e com rapidez, comprando obrigações do governo americano, pagando por elas em ienes e apostando em uma rápida escalada que lhes permitisse lucrar a curto prazo.

A incerteza provocou uma queda nas cotações das empresas americanas, o que surpreendeu muita gente que tinha dinheiro aplicado na “Street”. A maioria possuía cotas de fundos de ações, porque para os pequenos investidores era difícil, senão impossível, administrar uma carteira de ações.

Era muito mais seguro deixar que “profissionais” cuidassem das aplicações.

O resultado era que havia muito mais fundos de investimentos do que ações diferentes negociadas na bolsa de Nova York, e eram todos gerenciados por técnicos cuja missão era compreender o que acontecia no mais traiçoeiro e imprevisível mercado do planeta.

A queda inicial foi apenas de cinquenta pontos. O mercado estabilizou-se quando as três grandes montadoras anunciaram ser autossuficientes para manter ou mesmo aumentar a produção interna de automóveis. Apesar disso, os analistas das grandes corretoras coçaram a cabeça e discutiram o assunto durante o café. Tem alguma ideia de como lidar com esta situação? O único motivo pelo qual apenas metade das pessoas fazia essa pergunta era que a outra metade estava encarregada de escutar, sacudir a cabeça e responder: Acho que não.

Na sede do Federal Reserve Bank, em Washington, as perguntas eram outras, mas as respostas igualmente difíceis. O fantasma da inflação ainda não tinha sido totalmente afastado, e a situação criada com a promulgação da LRC poderia complicar as coisas. O problema mais imediato era o de que haveria (ou melhor, observou um dos diretores, já havia) mais poder aquisitivo do que produtos para comprar. A consequência provável era um surto inflacionário, e embora a valorização do dólar em relação ao iene fosse inevitável, as perspectivas eram de que o dólar se desvalorizasse em relação às outras moedas fortes. Era preciso evitar que isso acontecesse; assim, decidiram aumentar de imediato a taxa de juros em mais um quarto de ponto percentual, no fechamento do pregão. O mercado ficaria um pouco confuso, mas não tinha importância, porque o Fed sabia o que estava fazendo.

A única notícia boa foi o aumento súbito nas compras de obrigações do Tesouro. Só podiam ser os bancos japoneses, tentando proteger-se.

Todos concordaram que se tratava de uma medida muito sensata. Seu respeito pelos colegas japoneses era sincero e não fora afetado pelas dificuldades do momento, que, todos esperavam, logo seriam superadas.

— Todos de acordo? — perguntou Yamata.

— Não podemos parar agora — declarou um banqueiro.

Poderia ter acrescentado que se encontravam à beira de um abismo tão grande, que era impossível ver o fundo. Não era preciso. Ele e os colegas estavam todos na mesma situação; quando olhavam para baixo, não viam a mesa laqueada em torno da qual estavam reunidos, mas um buraco negro.

Os outros fizeram que sim com a cabeça. Depois de longo silêncio, Matsuda tomou a palavra: — Como permitimos que isso acontecesse? — Era inevitável, meus amigos — afirmou Yamata-san, com um toque de tristeza na voz. — Nosso país é como... como uma cidade sem campo, como um braço forte sem um coração para alimentá-lo com sangue. Há muitos anos que enganamos a nós mesmos, dizendo que esta situação é normal. Ela não tem nada de normal. Só nos restam duas opções: mudar as coisas ou perecer.

— Estamos embarcando em uma grande aventura.

— Hai — concordou Yamata, controlando-se para não sorrir.

Ainda não amanhecera; partiriam com a maré. Os preparativos continuavam sem muito alarde. Algumas famílias tinham comparecido às docas, na maioria dos casos para se despedir dos tripulantes depois de uma última noite passada em terra.

Os nomes eram tradicionais, como acontecia em quase todas as marinhas do mundo (ou pelo menos nas suficientemente antigas para ter alguma tradição). Os novos contratorpedeiros da classe Aegis, como o *Kongo* e seus irmãos, tinham nomes que antes eram reservados aos encouraçados, quase todos antigas designações de regiões do país que os construíra. Aquilo era novidade. Anteriormente, os japoneses tinham adotado o que aos olhos dos ocidentais podia parecer uma estranha forma de batizar navios de guerra, mas que estava de acordo com as tradições do país: a maioria dos nomes das belonaves tinha significados poéticos. Além disso, eram agrupados por classe. Os contratorpedeiros eram batizados com nomes terminados em -kaze, que significavam um tipo de vento; Hatukaze, por exemplo, queria dizer “Brisa Matutina”. Os nomes dos submarinos terminavam em -ushio, que queria dizer “maré”.

Quase todos os navios tinham linhas elegantes e todos eram mantidos imaculadamente limpos. Um por um, ligaram os motores turbinados e deixaram o cais. Os capitães e navegadores observaram os cargueiros que estavam se acumulando na baía de Tóquio, mas, o que quer que estivessem carregando no momento constituía simplesmente um risco para a navegação. Nos conveses inferiores, os marinheiros que não estavam envolvidos nas operações de partida

começaram a guardar seus pertences nos armários. Os aparelhos de radar estavam ligados. Isso na verdade não era necessário, já que a visibilidade era excelente, mas constituía um bom treinamento para as guarnições dos Centros de Informações de Combate. Por ordem dos oficiais de sistemas de combate, os troncos de dados que seriam usados para trocar informações táticas com os outros navios da frota começaram a ser testados. Nas salas de controle dos motores, os “guimbas” (um termo depreciativo, do tempo em que as casas de máquinas eram muito sujas) observavam as telas dos computadores sentados em confortáveis cadeiras giratórias, bebendo chá.

A nau capitânia era o contratorpedeiro *Mutsu*, um dos mais novos. O porto pesqueiro de Tateyame estava à vista; era a última cidade pela qual passariam antes de guinar para bombordo e tomar o rumo leste.

Os submarinos tinham partido na frente, pensou o contra-almirante Yusuo Sato, mas os comandantes estavam instruídos sobre o que fazer. Sua família tinha uma longa tradição militar; melhor ainda, uma longa tradição na Marinha. O pai comandara um contratorpedeiro sob as ordens de Raizo Tanaka, um dos maiores estrategistas navais de todos os tempos, e o tio tinha sido uma das “águias selvagens” de Yamamoto, um piloto de porta-aviões morto em combate na batalha de Santa Cruz. A geração seguinte mantivera a tradição. O irmão de Yusuo, Torajiro Sato, pilotara caças F-86 para a Força de Autodefesa Aérea, pedira baixa em sinal de protesto contra a falta de apoio do governo à aviação militar e agora era comandante da Japan Air Lines. Seu filho, Shiro, seguira as pegadas do pai e era major da força aérea, pilotando jatos de caça havia vários anos. Nada mau, pensou o almirante Sato, para uma família sem antepassados samurais. O outro irmão de Yusuo era banqueiro. Sato sabia exatamente qual seria seu papel na operação que estava começando.

O almirante levantou-se, abriu a escotilha da ponte do Mutsu e passou para a ala de boreste. Os marinheiros levaram alguns segundos para cumprimentá-lo com uma reverência e depois continuaram a tomar visadas do litoral para atualizar a posição do navio. Sato olhou na direção da popa e observou que os dezesseis navios da coluna estavam quase perfeitamente alinhados, mantendo uma distância uniforme de quinhentos metros, iluminados pelos raios amarelo-rosados do sol nascente em direção ao qual navegavam. Era um bom presságio, pensou o almirante. Nos mastros de todos os navios adejava a mesma bandeira sob a qual seu pai servira. Depois de ter sido negada às belonaves japonesas durante muitos anos, agora estava de volta, exibindo orgulhosamente um sol vermelho em fundo branco.

— Detalhe especial para o mar, dispensado — anunciou o comandante, pelo alto-falante.

O porto de onde haviam partido já desaparecera no horizonte, e em breve o mesmo aconteceria com o litoral.

Dezesseis navios, pensou Sato. A maior força naval reunida pelo país nos últimos... cinquenta anos? Nenhuma das belonaves tinha mais de dez anos de idade, navios modernos com nomes antigos, tradicionais. Entretanto, o nome que mais gostaria de ter com ele naquela manhã, Kurushio, "Maré Negra", o do contratorpedeiro do pai, que pusera a pique um cruzador americano na batalha de Tassafaronga, infelizmente pertencia a um submarino. O almirante baixou os binóculos e deu um muxoxo. Maré Negra. Um nome perfeito para um navio de guerra. Pena que tivesse sido desperdiçado com um submarino.

O *Kurushio* e seus irmãos tinham partido trinta e seis horas antes. O primeiro de uma nova classe, estava navegando a quinze nós em direção ao local do exercício, impulsionado pelos poderosos e eficientes motores diesel, que no momento sugavam ar da superfície com o auxílio de um respiradouro na torre central. A tripulação de dez oficiais e sessenta marujos estava em regime de meia prontidão. Um oficial de quarto e seu assistente guarneciam a sala de controle. Um oficial de engenharia estava no seu posto, acompanhado por vinte e quatro marinheiros. Toda a equipe dos torpedos trabalhava a meia-nau, executando testes eletrônicos nos quatorze torpedos tipo 89 modelo C e nos seis mísseis Harpoon. Os outros tripulantes não tinham nada para fazer no momento. O comandante, Tamaki Ugaki, era conhecido como um perfeccionista; embora os tripulantes trabalhassem duro, sentiam-se felizes porque o submarino estava sempre em perfeitas condições. No momento, o comandante estava trancado na cabina, e a tripulação mal tomava conhecimento de que se encontrava a bordo; os únicos sinais de sua presença eram uma réstia de luz na parte inferior da porta e a fumaça de cigarro que saía pelo exaustor. Devia estar ocupado, pensaram os marinheiros, planejando a estratégia que usaria para enfrentar os submarinos americanos durante o exercício. Tinham-se saído bem da última vez, conseguindo três vitórias imediatas em dez encontros. Era um excelente resultado. Com exceção de Ugaki, os homens contavam piadas enquanto almoçavam. Ele pensava como um verdadeiro samurai e não admitiria que nenhum comandante de submarino o sobrepujasse.

Durante o primeiro mês no cargo, Ryan fizera questão de passar um dia por semana no Pentágono. Explicara aos jornalistas que seu escritório, afinal, não era uma prisão. O fato não chegara a se transformar em notícia, como provavelmente teria ocorrido alguns anos antes. O próprio título de conselheiro de Segurança Nacional, como todos sabiam, era coisa do passado. Embora os repórteres considerassem Ryan um homem bem preparado para ocupar o

escritório de esquina da Casa Branca, era tido como um pessoa insossa, que evitava a vida social de Washington como se temesse pegar lepra, chegava para trabalhar todos os dias à mesma hora, executava suas tarefas o mais depressa que as circunstâncias permitiam (na maioria das vezes, felizmente, a jornada de trabalho não levava mais do que dez horas) e voltava para a família como se fosse uma pessoa normal. Seu passado na CIA era meio nebuloso, e embora seus atos públicos como cidadão e funcionário do governo fossem bem conhecidos, isso já não empolgava ninguém. Em consequência, Ryan podia andar pela cidade, no banco traseiro do carro oficial, sem que ninguém lhe desse atenção. Tudo que fazia parecia simples rotina, e Jack se esforçava para que as coisas continuassem assim. Os repórteres tendiam a ignorar os cães que não ladravam. Não sabiam o que estavam perdendo.

— Eles estão aprontando alguma — afirmou Robby, assim que Ryan tomou seu lugar na sala de reuniões do Centro Nacional de Comando Militar. O mapa deixava isso bem claro.

— Estão indo para o sul?

— Trezentos quilômetros, pelo menos. O comandante da esquadra é V. K. Chandraskatta, formado pela Real Escola Naval de Dartmouth, terceiro lugar na turma. Há alguns anos, fez o curso de comando em Newport. Foi o primeiro da turma. Tem excelentes ligações políticas — prosseguiu o almirante Jackson. — Tem passado muito tempo longe da esquadra nos últimos tempos, viajando...

— Para onde? — quis saber Ryan.

Supomos que seja para Nova Déli, mas realmente não sabemos. É a velha história, Jack.

Ryan teve de se conter para não suspirar. Era ao mesmo tempo uma velha história e uma história muito nova. Nenhum militar jamais se dava por satisfeito com as informações de que dispunha ou confiava integralmente nessas informações. Naquele caso, porém, a queixa era razoável: a CIA ainda não podia contar com nenhum agente na Índia. Precisava falar de novo com Brett Hanson sobre o embaixador. Os psiquiatras chamavam esse tipo de comportamento de “passivo-agressivo”, isto é, ele não resistia abertamente mas se recusava a cooperar. Era incrível, pensou, que pessoas influentes como Hanson pudessem se comportar como se tivessem cinco anos de idade.

— Alguma correlação entre as viagens e as manobras da esquadra?

— Aparentemente, não — respondeu Robby, sacudindo a cabeça.

— E no rádio? — perguntou Jack, interessado em saber se a Agência de Segurança Nacional tentara escutar as comunicações da esquadra indiana.

— Estamos recebendo alguma coisa através de Alice Springs e Diego Garcia, mas é apenas rotina. Ordens para movimentação dos navios, coisas

assim. Nada de importante.

Jack se sentiu tentado a resmungar que os serviços de inteligência nunca lhe forneciam os dados de que necessitava, mas a verdadeira razão era simples: as informações que conseguia obter o ajudavam a se preparar para o futuro, a evitar possíveis problemas. Eram as coisas que passavam despercebidas que geravam as crises, e passavam despercebidas porque havia outras coisas mais importantes para cuidar... até que as coisas pequenas explodissem.

— Nesse caso, estamos limitados a deduzir o que for possível a partir dos movimentos da esquadra indiana.

— Que estão mostrados aqui — afirmou Robby, aproximando-se do mapa.

— Eles navegaram na nossa direção... Obrigando o almirante Dubro a se definir. É uma manobra esperta.

— O oceano é muito grande, mas pode ficar bem menor quando há duas esquadras em ação. O almirante ainda não pediu para atualizarmos as DDC, mas é algo que devemos estar preparados para fazer.

— O que vai acontecer se eles embarcarem aquela brigada nos anfíbios? Um coronel da equipe de Robby se encarregou de responder.

— Senhor, eles já dispõem de tropas em terra, supostamente encarregadas de combater os tâmis. Isso lhes garante uma cabeça de ponte; o resto é questão de tempo. Manter uma formação coesa durante o desembarque é a parte mais difícil de qualquer invasão, mas nesse caso parece que o problema já foi resolvido. A Terceira Brigada de Blindados é uma formação muito robusta. Para resumir: o Sri Lanka não tem a menor chance de retardar e muito menos de rechaçar a invasão. O passo seguinte será capturar alguns campos de pouso e desembarcar de avião o grosso da infantaria. Eles têm um efetivo militar muito grande. Podem destacar cinquenta mil homens para esta operação sem nenhum problema.

“Suponho que a situação possa degenerar em uma guerra de guerrilha — prosseguiu o coronel —, mas nos primeiros meses os indianos praticamente não vão encontrar resistência, e se a marinha deles cercar a ilha, a vitória final será da Índia.

— O mais difícil é a parte política — ponderou Ryan. — As Nações Unidas não vão gostar...

— Esta região do mundo carece de importância estratégica — objetou Robby. — O Sri Lanka não conta com nenhum aliado tradicional, a não ser a própria Índia. Também não tem influência religiosa ou racial, nem recursos naturais que nos interessem.

Ryan continuou o raciocínio: A invasão vai ficar nas manchetes por alguns dias, mas se os indianos forem espertos, acabarão transformando o Ceilão no seu

quinquagésimo primeiro estado...

— É mais provável que seja o vigésimo sexto, senhor — corrigiu o coronel.

— Talvez decidam anexá-lo ao Tâmil Nadu, por razões étnicas. Isso pode até ajudar a resolver o problema dos indianos com os tamis. Aposto como já houve algumas sondagens nesse sentido.

— Obrigado — disse Ryan ao coronel, agradecendo-lhe por ter feito o dever de casa. — Acho que a ideia deles é integrar a região ao seu país, com direitos civis e tudo, o que calaria a boca da imprensa internacional. Entretanto, precisam de uma desculpa para entrar no Sri Lanka. Essa desculpa tem de ser uma insurreição dos tamis, que, naturalmente, estão em condições de fomentar.

— Esse será o nosso indicador — concordou Jackson. — Antes que aconteça, precisamos dizer a Mike Dubro o que fazer.

E isso não seria fácil, pensou Ryan, olhando para o mapa. O Grupo Tarefa 77.1 estava se deslocando para sudoeste, mantendo-se a distância da esquadra indiana, mas um pouco a oeste da posição de Dubro havia uma longa série de atóis. No final estava a base americana de Diego Garcia, o que não servia de muito consolo.

O problema com um blefe era que o outro lado poderia pagar para ver e aquele jogo era muito menos aleatório do que o pôquer. O poder de fogo favorecia os americanos, mas apenas se estivessem dispostos a usá-lo. A situação geográfica favorecia à Índia. Na verdade, os Estados Unidos não tinham interesses vitais a defender na região. A esquadra americana estava no oceano Indico principalmente para vigiar o golfo Pérsico, mas a instabilidade política era contagiosa e quando as pessoas ficavam nervosas uma sinergia destrutiva tendia a ocorrer. O proverbial um ponto de cada vez se aplicava perfeitamente àquele caso. Tinham que decidir de uma vez até onde estariam dispostos a blefar.

— A coisa está ficando complicada, não é mesmo, Rob? — perguntou Jack com um sorriso que mostrava mais descontração do que realmente sentia.

— Ajudaria se soubéssemos o que eles estão pensando.

— De acordo, almirante. Vou colocar meu pessoal para trabalhar nisso.

— E as DDC?

— As Diretrizes de Combate permanecem as mesmas, Robby, até que o presidente decida em contrário. Se Dubro achar que está sendo atacado, poderá cuidar de si mesmo. Imagino que disponha de aeronaves armadas no convés.

— No convés, uma ova! No ar, Dr. Ryan.

— Vou pedir a ele para afrouxar um pouquinho a corda — prometeu Jack.

Nesse momento, o telefone tocou. Um jovem oficial dos fuzileiros navais, que tinha sido recentemente promovido a major, atendeu e passou o fone a Ryan.

— Aqui é Ryan. O que foi?

— Senhor, recebemos uma mensagem do Japão — explicou uma voz. — O primeiro-ministro Koga acaba de renunciar. O embaixador acha que Goto vai ser convidado para formar o novo gabinete.

— Isso aconteceu mais depressa do que pensávamos. Peça à seção japonesa do Departamento de Estado para me mandar tudo de que preciso.

— Estarei de volta em menos de duas horas — concluiu Ryan, colocando o fone no gancho.

— Koga já era? — perguntou Jackson.

— Você agora deu para ler pensamentos, Rob? Não, mas sei interpretar o que ouço em conversas telefônicas. Ouvi dizer que nossa popularidade no Japão está caindo bem rápido.

— As coisas estão acontecendo muito depressa.

As fotografias chegaram pela mala diplomática. No passado, a sacola teria sido aberta no porto de entrada, mas naqueles tempos mais tranquilos o velho funcionário do governo entrou no carro oficial no aeroporto Dulles e foi até a sede do FBI sem ser incomodado. Lá, o saco de lona foi esvaziado em local seguro e os vários objetos que continha separados por categoria e prioridade e levados por mensageiros aos locais de destino. O envelope com sete cartuchos de filme foi entregue a um funcionário da CIA, que simplesmente saiu do prédio, entrou no seu carro e partiu em direção à ponte da Rua Quatorze. Quarenta minutos depois, os cartuchos foram abertos em um laboratório fotográfico equipado para processar microfilmes e vários outros sistemas sofisticados mas que também podia realizar trabalhos prosaicos como aquele.

E ninguém gostava de trabalhar com filme “de verdade” (como era comercial, era muito mais fácil de processar e podia ser revelado em equipamentos convencionais) e deixara havia muito tempo de prestar atenção nas imagens, a não ser para se certificar de que o serviço estava bem feito. Naquele caso, a saturação das cores dizia tudo. Filme Fuji, pensou. Quem tivera a coragem de dizer que era melhor do que o Kodak? O filme para transparências foi cortado e os pedaços montados em molduras de papelão idênticas às que os pais usavam para documentar o primeiro encontro do filho com Mickey Mouse, a não ser pela legenda Top Secret. Os diapositivos foram numerados e guardados em uma caixa. A caixa foi colocada em um envelope. Trinta minutos depois, uma secretária chegou para buscá-lo.

A secretária caminhou até o elevador e subiu até o quinto andar do Velho Edifício-sede, agora com quase quarenta anos e aparentando a idade que tinha. Os corredores estavam encardidos e as portas eram de um amarelo desbotado. Ali, também, os poderosos haviam caído, especialmente o Escritório de Pesquisa

de Armas Estratégicas. Antes uma das subdivisões mais importantes da CIA, o EPAE no momento mal conseguia sobreviver.

Seus funcionários eram cientistas especializados em foguetes, cuja missão era estudar as especificações de foguetes estrangeiros e tentar avaliar sua capacidade. Isso exigia o desenvolvimento de modelos teóricos e também frequentes viagens a indústrias de mísseis no país, para comparar o que tinham conseguido apurar com o que os fabricantes locais sabiam. Infelizmente, se é que se podia usar o termo, os mísseis ICBM e SLBM, o trivial do EPAE, estavam quase extintos e as fotos nas paredes de quase todas as salas eram quase nostálgicas. Agora, os cientistas que trabalhavam ali tinham de entender principalmente de agentes químicos e biológicos, as armas de destruição em massa das nações mais pobres. Naquele dia, porém, seria diferente.

Chris Scott, trinta e quatro anos, começara a trabalhar no EPAE quando o escritório ainda era importante. Formado pelo Instituto Politécnico Rensselauer, destacara-se ao calcular o desempenho do míssil soviético SS-24 duas semanas antes que um agente roubasse uma cópia do manual desse foguete de combustível sólido, o que lhe valera um tapinha nas costas por parte do então diretor, William Webster. Mas todos os SS-24 tinham sido desmantelados e, de acordo com as notícias daquela manhã, restava apenas um SS-19, como também restava apenas um exemplar do seu equivalente americano, o Minuteman III, em uma base perto de Minot, Dakota do Norte, ambos prestes a ser destruídos. Além disso, Scott não gostava de química; por isso, as transparências vindas do Japão foram uma agradável quebra da rotina.

O engenheiro não tinha pressa. Depois de abrir a caixa, colocou os diapositivos no projetor e observou-os um por um, fazendo anotações.

Quanto terminou, já estava na hora do almoço. Guardou as transparências em uma gaveta e trancou a gaveta à chave antes de se dirigir à lanchonete do térreo. Ali, o assunto do momento eram as derrotas recentes do Washington Redskins e a possibilidade de que o time fosse vendido. As pessoas estavam passando cada vez mais tempo na lanchonete, pensou Scott, e os supervisores pareciam não se importar. O movimento no corredor principal do andar térreo, que dava para o pátio interno, era maior do que nos velhos tempos; as pessoas nunca se cansavam de admirar o pedaço do Muro de Berlim que estava em exposição no local havia muitos anos. Isso se aplicava especialmente aos mais velhos, pensou Scott, que se enquadrava na categoria. Bem, pelo menos ele tinha o que fazer naquele dia.

De volta ao escritório, Chris Scott fechou as cortinas e colocou de novo as transparências no projetor. Poderia ter separado apenas as que considerara mais interessantes, mas estava disposto a realizar um trabalho meticuloso,

comparando o que via com o relatório do funcionário da NASA.

— Posso entrar? — perguntou Betsy Fleming, enfiando a cabeça para dentro da sala.

Era uma das funcionárias mais antigas; estava prestes a tornar-se avó. Autodidata nos campos de fotoanálise e engenharia de foguetes, sua experiência remontava à Crise dos Mísseis Cubanos. Embora não tivesse nenhum título formal, sua competência naquele tipo de trabalho era indiscutível.

— Claro.

Scott não se importou com a intromissão. Betsy era também a mãe adotiva de todos os funcionários.

— Nosso velho amigo, o SS-19 — observou, sentando-se. — Puxa, gostei do que fizeram com ele.

— Eu também — concordou Scott, espreguiçando-se para combater a letargia pós-prandial.

O míssil ficara bem melhor sem aquela pintura verde. Agora, com uma carcaça de aço polido, mais leve, mais elegante, parecia realmente o veículo espacial que se propunha a ser.

— A NASA disse que os japoneses economizaram bastante peso usando novos materiais, esse tipo de coisa — observou Scott. — Olhando para ele era difícil de acreditar.

— Uma pena que não tenham feito a mesma coisa com aqueles malditos tanques de gasolina — comentou a Sra. Fleming.

Scott concordou com a cabeça. O rapaz tinha um Cresta e agora a mulher se recusava a sair com ele até que o tanque fosse trocado, o que poderia levar algumas semanas, avisara a concessionária. A revendedora estava na verdade alugando um carro para ele, em um esforço inútil para conquistar a simpatia do público. Isso exigira que arranjasse um novo adesivo para poder entrar no estacionamento da CIA, que teria de arrancar antes de devolver o carro à Avis.

— Sabe quem tirou as fotos? — perguntou Betsy.

— Só sei que foi um dos nossos agentes — respondeu Scott, passando para a transparência seguinte. — Os japoneses fizeram muitas modificações. Algumas parecem quase cosméticas — observou.

— Quanto peso imagina que economizaram? Scott estava certo, pensou a Sra. Fleming. A superfície prateada mostrava as estrias circulares das politrizes...

— Segundo a NASA, mais de cem quilos na carcaça...

Outro clique do controle remoto.

— Pode ser, mas não aqui — comentou Betsy.

— É mesmo. Curioso.

As ogivas ficavam na parte superior do míssil. O SS-19 fora projetado para

transportar várias delas. Relativamente pequenas, eram objetos densos e pesados, que tinham de ser sustentados pela estrutura do míssil. Os foguetes intercontinentais aceleravam desde o momento da decolagem até o combustível se esgotar, mas o período de maior aceleração ocorria pouco antes de os motores se apagarem. Nesse ponto, quando a maior parte do combustível já tinha sido queimada, a aceleração chegava a 10g. Ao mesmo tempo, a rigidez estrutural oferecida à carcaça pelo combustível no interior dos tanques era mínima; em consequência, a estrutura que sustentava as ogivas tinha de ser ao mesmo tempo volumosa e robusta, para distribuir uniformemente os esforços muito maiores devido à aceleração.

— Não, eles não mudaram essa parte do míssil, não é mesmo? — concordou Scott, olhando para a colega.

— Por que será? Pretendem usá-lo para lançar satélites...

— Satélites de comunicações, que podem ser bem pesados...

— Está certo, mas veja esta foto...

A base das ogivas tinha de ser muito resistente. A base correspondente para um satélite de comunicações não passava de um fino anel de aço, que geralmente parecia fino demais para o trabalho. Entretanto, o anel que a fotografia mostrava era extremamente robusto. Scott abriu uma gaveta e pegou uma foto recente de um SS-19, tirada por um oficial americano que fazia parte de uma equipe de verificação enviada à Rússia. Passou-a à Sra. Fleming sem comentários.

— Olhe ali. E a estrutura padrão, exatamente como foi projetada pelos russos, talvez com um acabamento melhor. Eles mudaram quase todo o restante, não foi? — perguntou a Sra. Fleming. — Por que não o suporte da ogiva? Também acho estranho. Poderiam ter economizado... quanto? Uns cinquenta quilos, talvez mais.

— Isso não faz sentido, Chris. Devia ser o primeiro lugar para economizar peso. Cada quilo que eles poupam aqui vale quatro ou cinco no primeiro estágio. — Os dois se levantaram e se aproximaram da tela. — Um momento...

— É verdade. Este suporte se destina a ogivas nucleares. É muito diferente do engate de um satélite. Eles não mudaram nada no projeto original — afirmou Scott, balançando a cabeça.

— Será que acharam mais simples projetar um satélite com um engate semelhante ao de uma ogiva nuclear? Mesmo assim, não precisaram de um suporte tão resistente.

— Até parece que pretendem manter a configuração original.

— É o que parece, não é? Gostaria de saber por quê.

14
MEDITAÇÕES

— Trinta segundos — disse o diretor-assistente quando o último comercia começou a ser gravado para o público de domingo de manhã.

Para alívio de Ryan, o programa inteiro fora dedicado à Europa e não somente à Rússia.

— Uma pergunta que não posso fazer no ar— comentou Bob Holtzman, com um sorriso, antes que o programa recomeçasse a ser gravado — é como se sente como conselheiro de Segurança Nacional em um país onde não existem ameaças à segurança nacional.

— Muito à vontade — respondeu Ryan, com um olhar desconfiado para as três câmaras.

Nenhuma das lâmpadas-piloto estava acesa.

— Então, por que trabalha tanto? — perguntou Kris Hunter, em um tom menos agressivo do que sua aparência.

— Se eu não aparecer para trabalhar — mentiu Jack—, talvez descubram que podem passar sem mim.

Más notícias. Eles ainda não sabem a respeito da Índia, mas desconfiam que alguma coisa está acontecendo. Droga. Quanto menos se falasse sobre o assunto, melhor. Era um daqueles casos em que a pressão popular só podia ser prejudicial.

— Quatro! Três! Dois! Um! O diretor-assistente apontou para o entrevistador, um jornalista da TV chamado Edward Johnson.

— Dr. Ryan, o que o governo pensa das mudanças no gabinete japonês? Ao que tudo indica, essas mudanças ocorreram em consequência dos recentes problemas comerciais, o que não é exatamente minha área.

— Em nossa opinião, trata-se de uma questão interna, que os japoneses poderão resolver sem nossa ajuda — afirmou Jack, com uma voz de estadista sério que levara algumas aulas de oratória para aperfeiçoar; seu principal defeito era falar depressa demais.

Kris Hunter inclinou-se para a frente.

— Acontece que o homem mais cotado para assumir o cargo de primeiro-ministro é um velho inimigo dos Estados Unidos.

— Acho que está exagerando — protestou Ryan, com um sorriso bem-humorado.

Seus discursos, seus artigos, seus livros não são exatamente amistosos.

— É verdade — concordou Ryan, com um gesto de desdém e um sorriso sarcástico. — Curiosamente, a principal diferença entre o discurso das nações amigas e o das inimigas é que as primeiras podem se dar ao luxo de ser mais críticas.

Nada mau, Jack...

— Não está preocupado?

— Não — respondeu Jack, sacudindo a cabeça de leve.

Respostas curtas tendiam a intimidar os repórteres, pensou.

— Obrigado pela sua presença no programa de hoje, Dr. Ryan.

O prazer foi meu.

Ryan continuou a sorrir até que as lâmpadas vermelhas das câmaras se apagaram. Contou lentamente até dez. Esperou que os outros repórteres retirassem seus microfones. Tirou o microfone da lapela, levantou-se e saiu do cenário. Bob Holtzman acompanhou-o até o camarim. Os maquiladores tinham saído para tomar café. Ryan pegou um lenço de papel e passou a caixa a Holtzman. Ao lado do espelho havia uma placa de madeira com a inscrição: NADA DO QUE SE DIZ AQUI É OFICIAL.

— Sabe qual a verdadeira razão por trás do movimento de direitos iguais para as mulheres? — perguntou Holtzman. — Não tem nada a ver com salários nem sutiãs.

— Tem razão — concordou Ryan. — Elas não queriam era ser obrigadas a usar maquilagem. Puxa, como detesto esse troço! — acrescentou, removendo o pancake da testa. — Faz com que eu me sinta como uma prostituta barata.

— Não é uma sensação nova para um político, é? — perguntou Kristyn Hunter, pegando um lenço de papel para fazer o mesmo.

Jack riu.

— Não, mas não é educado jogar isso na minha cara.

Agora sou um político?, perguntou-se Ryan. Acho que sim. Como foi que isso aconteceu?

— Por que se esquivou da minha última pergunta, Jack? — perguntou Holtzman.

— Bob, se você sabe que me esquivei, deve entender por quê.

Ryan apontou para a placa na parede, mas depois achou melhor bater nela de leve para ter certeza de que todos tinham entendido o recado.

— O que sei é que quando o último gabinete caiu, fomos nós que divulgamos aquele escândalo de suborno — afirmou Holtzman.

Jack olhou para ele, mas não disse nada. Até mesmo um sem comentários teria sido um comentário significativo, nas circunstâncias.

— Isso acabou com as chances de Goto ser eleito primeiro-ministro. Ele era o favorito, lembra-se? Bem, agora ele terá outra oportunidade. Sua paciência será recompensada... isso se conseguir formar uma coalizão.

— Não me venha com essa. — Hunter inclinou-se na direção do espelho para tirar o restante de maquilagem do nariz. — Você leu o que ele disse aos jornais. Goto vai ser o próximo primeiro-ministro, e sabe o que ele anda pregando.

— Falar é fácil, especialmente nesse tipo de negócio — afirmou Jack. Ele ainda não conseguia incluir a si próprio "nesse tipo de negócio". — Provavelmente foi apenas um deslize, mais um político que bebeu demais depois de passar um dia ruim no escritório...

— Ou numa casa de gueixas — interpôs Kris Hunter. Acabou de remover a maquilagem, sentou-se na borda da penteadeira e acendeu um cigarro. Kristyn Hunter era uma repórter da velha guarda. Embora ainda não tivesse completado cinquenta anos, formara-se pela Escola de Jornalismo de Columbia e acabara de ser nomeada chefe dos correspondentes do *Chicago Tribune* no exterior. Tinha um tom de voz seco e incisivo. — Há dois anos, o filho da mãe tentou me passar uma cantada. Usou uma linguagem que faria um marinheiro corar, e algumas das suas sugestões foram... excêntricas, digamos assim. Imagino que esteja informado a respeito dos hábitos pessoais do futuro primeiro-ministro, não está, Dr. Ryan?

— Kris, eu nunca, jamais, em hipótese alguma, discuto a vida pessoal de personalidades estrangeiras. — Jack fez uma pausa. — Espere aí. Ele não sabe falar inglês, sabe? Ryan fechou os olhos, tentando se lembrar da ficha de Goto.

— O senhor devia saber. O homem fala inglês apenas quando é conveniente para ele. Naquele dia, não era. Quem traduziu tudo foi uma mulher de uns vinte e sete anos. Sabe que ela nem estava ligando? — A repórter começou a rir. — Quem ficou vermelha fui eu. O que isso lhe diz acerca do futuro primeiro-ministro? Ryan não tinha motivos para duvidar das informações que lhe chegavam através da Operação SÂNDALO. Mesmo assim, era bom ouvir a mesma coisa de uma fonte totalmente independente.

— Acho que ele gosta de louras — respondeu Jack, em tom de brincadeira.

— É o que dizem. Também dizem que está de namorada nova.

— Isto está ficando sério — observou Holtzman. — Muita gente gosta de farra, Kris.

— Goto tem necessidade de se mostrar. Alguns boatos que correm a seu respeito são simplesmente revoltantes. E acredito neles — afirmou a repórter.

— É mesmo? — perguntou Ryan, com ar inocente. — Intuição feminina?

— Não seja machista — advertiu Hunter, em um tom sério demais para a

ocasião.

Ryan rebateu a crítica com seriedade.

— Não estou sendo. Minha mulher sabe avaliar as pessoas muito melhor do que eu. Talvez o fato de ser médica ajude um pouco, quem sabe?

— Dr. Ryan, eu sei que o senhor sabe. Sei que o FBI tem investigado discretamente certas coisas na região de Seattle.

— É mesmo?

— Kris Hunter não se deu por achada.

— É impossível guardar essas coisas em segredo, principalmente quando se tem amigos no FBI, como eu tenho, e se uma das garotas desaparecidas é filha de um capitão de polícia cujo vizinho trabalha para o FBI. Preciso continuar?

— Por que está me dizendo tudo isso?

Os olhos verdes de Kris Hunter se fixaram no conselheiro de Segurança Nacional. — Vou lhe explicar por que, Dr. Ryan. Fui violentada na faculdade. Pensei que o filho da mãe ia me matar. Vi a morte de perto. Essas coisas a gente nunca mais esquece. Se esse caso não for tratado como deve, aquela garota e muitas outras como ela poderão ser assassinadas. A gente pode se recuperar de um estupro; sei disso por experiência própria. Mas a morte é irreversível.

— Obrigado — disse Ryan, em tom lacônico.

Seus olhos e seu aceno de cabeça disseram muito mais. — Sim, eu entendo. E você sabe que eu entendo.

— Goto vai ser o próximo chefe de governo — observou Kim Hunter, em tom ainda mais inflamado. — Ele nos odeia, Dr. Ryan. Isso ficou bem claro quando o entrevistei. Não se interessou por mim porque me achou atraente, e sim porque me considerava um símbolo louro de olhos azuis. O homem é um estuprador. Gosta de ver as pessoas sofrerem. Todo o cuidado com ele é pouco. Pode dizer isso ao presidente.

— Vou dizer — prometeu Ryan, encaminhando-se para a porta.

O carro da Casa Branca estava à espera do lado de fora. Jack tinha muito em que pensar durante a viagem.

— A entrevista foi beleza — comentou o agente do Serviço Secreto. — Mas depois a coisa complicou um pouco.

— Há quanto tempo está neste trabalho, Paul?

— Quatorze anos fascinantes — respondeu Paul Robberton, vigiando o que se passava em torno do banco do carona. O motorista era apenas um empregado da Administração de Serviços Gerais, mas Jack agora tinha direito a um guarda-costas do Serviço Secreto.

— Espionagem?

— Falsificação. Nunca dei um tiro — acrescentou Robberton. — Tive

alguns casos importantes.

— É bom para julgar as pessoas?

Robberton riu. No meu trabalho, isso é indispensável, Dr. Ryan.

— Fale-me a respeito de Kris Hunter.

— É dura e afiada como uma faca. Estava falando a verdade: foi violentada na faculdade, por um maníaco. Testemunhou contra o bandido. Naquela época os advogados tinham mais... liberdade para lidar com as vítimas de estupro. Sabe como é. Perguntaram se encorajara o homem, coisas assim. Ela passou um mau pedaço, mas ficou firme e acabaram condenando o estuprador. Ele foi assassinado na prisão, depois de se desentender com um assaltante à mão armada. Coitado — concluiu Robberton, secamente.

— Está me dizendo que devo levá-la a sério.

— Sim, senhor. Teria sido uma boa policial. Sei que é uma repórter bem razoável.

— Ela sabe de muita coisa — murmurou Ryan.

Kris podia não ter uma visão completa e se deixar influenciar por suas experiências pessoais, mas mesmo assim estava muito bem informada. Jack olhou pela janela do carro, enquanto tentava montar o quebra-cabeça.

— Para onde vamos? — quis saber o motorista.

— Para a casa — disse Ryan, fazendo com que Robberton olhasse para ele, surpreso. Naquele contexto, “a casa” não queria dizer o lugar onde morava.

— Não, espere um minuto — emendou, pegando o telefone do carro.

Felizmente, sabia o número de cor.

— Alô?

— Ed? Jack Ryan. Estão muito ocupados?

— Domingo é o nosso dia de folga, Jack. Os Caps vão jogar esta tarde com os Bruins.

— Só preciso de dez minutos.

— Está certo — concordou Ed Foley, colocando o telefone de volta na parede. — Ryan vem aí — disse à mulher. Droga.

Domingo era o único dia em que dormiam até mais tarde. Mary Pat ainda estava de camisola. Sem dizer nada, pôs de lado o jornal e foi se arrumar. Quinze minutos depois, a campainha tocou.

— Fazendo hora extra? — perguntou Ed, abrindo a porta.

Ryan e Robberton entraram.

— Fui entrevistado na televisão. — Jack consultou o relógio.—Vai passar daqui a uns vinte minutos.

— O que houve? Mary Pat entrou na sala, parecendo tão normal quanto qualquer mulher americana em uma manhã de domingo.

— Negócios, querida — respondeu Ed.

— Foram todos para a sala de estar do porão.

— Quero saber como vai a Operação SÂNDALO — disse Jack, assim que chegaram lá. Podia falar livremente. Toda semana revistavam a casa em busca de escutas. — Clark e Chávez já receberam ordem para tirar a garota de lá?

— Ninguém nos deu a ordem — observou Ed Foley. — Está tudo preparado, mas...

— A ordem está dada. Tirem a garota de lá o mais cedo possível.

— Alguma novidade que a gente precise saber? — perguntou Mary Pat.

— Não gosto desta história desde o começo. Acho que podemos mandar um recado para o protetor da garota.

— Pode ser uma boa ideia — concordou o Sr. Foley. — Também li o jornal de hoje. Ele não tem dito coisas muito agradáveis, mas nossa atitude também foi um pouco drástica, não acha?

— Sente-se, Jack — disse Mary Pat. — Quer um café? Não, obrigado, MP. — Depois de se sentar em um sofá velho, olhou para o anfitrião. — Parece que nosso amigo Goto é um tipo meio estranho.

— Ele tem suas manias — concordou Ed. — Não é particularmente brilhante. Fala muito, mas não diz muita coisa. Estou surpreso com o fato de ter sido escolhido para sucessor de Koga.

— Por quê? — perguntou Jack, lembrando-se de que o Departamento de Estado sempre se referira a Goto como se ele fosse um estadista de peso.

— Como eu disse, não é candidato a nenhum prêmio Nobel de física. Ele é um apparatchik. Subiu na vida fazendo política. Tenho certeza de que teve de bajular muita gente para chegar onde chegou.

— Para compensar, gosta de se exibir com mulheres ocidentais — acrescentou MP. — Isso acontece muito no Japão. Nomuri nos mandou um longo despacho a respeito. — Isso se devia à juventude e inexperiência do rapaz, pensou a vice-diretora de Operações. Havia muitos agentes que em sua primeira missão importante relatavam tudo que viam, como se estivessem escrevendo um livro ou coisa parecida.

— Se fosse aqui, não teria sido eleito nem pegador de cachorros — observou Ed, rindo.

Tem certeza?, pensou Ryan, lembrando-se de Edward Kealty. Por outro lado, era uma fraqueza que talvez pudessem explorar. Se tudo o mais falhasse, talvez o presidente Durling, no primeiro encontro entre os dois, pudesse aludir à ex-namorada e à influência das preferências sexuais do primeiro-ministro nas relações nipo-americanas...

— Como vai a Operação CARDO? Mary Pat sorriu enquanto arrumava os

videogames. Era na TV do porão que as crianças brincavam com Mario e seus amigos.

— Dois dos antigos espiões morreram, um se aposentou e um está fora do país, na Malásia, se não me engano. Os outros já foram reativados. Se um dia precisarmos...

— Está bem. Vamos discutir o que podem fazer por nós.

— Por quê? — perguntou MP. — Não me importo, mas gostaria de saber por quê.

— Estamos sendo muito duros com o Japão. Já disse isso ao presidente, mas ele tem razões políticas para agir dessa forma e não pretende parar. Com isso, estamos criando sérios problemas para a economia japonesa. Agora escolheram um primeiro-ministro que nos detesta. Se resolverem retaliar, gostaria de ser informado o mais cedo possível.

— O que eles podem fazer? — perguntou Ed Foley.

— Não sei, mas pretendo descobrir. Dê-me alguns dias para decidir por onde devem começar. Droga, não disponho de alguns dias — corrigiu Jack. Preciso me preparar para a viagem a Moscou. De qualquer forma, vamos precisar de tempo para organizar a rede.

— Podemos mandar equipamentos de comunicações para os rapazes.

— Faça isso — ordenou Jack. — Diga a eles que estão de volta ao mundo da espionagem.

— Vamos precisar de autorização do presidente — advertiu Ed. Ativar uma rede de espionagem em um país amigo não era uma coisa trivial.

— Posso consegui-la para você. — Ryan estava certo de que Durling não teria nada a objetar. — E tirem a garota de lá o mais depressa possível.

— Onde vamos interrogá-la? — perguntou MP. — A propósito: e se ela não quiser voltar? Não está pensando em sequestrá-la, está?

Essa doeu, pensou Jack.

— Não, não acho que seja uma boa ideia. Eles sabem que devem ser cautelosos, não sabem? — Clark sabe.

Mary Pat lembrou-se do que Clark ensinara a ela e ao marido na Fazenda, fazia muitos anos: Onde quer que você esteja, é território inimigo. Era um bom ditado para espiões, mas sempre tivera vontade de saber onde o rapaz o aprendera.

Aquelas pessoas deviam estar trabalhando, pensou Clark. Mas esse era exatamente o problema, não era? Assistira a muitas manifestações em sua vida, a maioria para expressar algum tipo de descontentamento com os Estados Unidos. As ocorridas no Irã tinham sido especialmente desagradáveis, sabendo que havia

americanos nas mãos de pessoas que consideravam ”Morte aos Estados Unidos!” uma expressão perfeitamente razoável da política externa. Entrara no país para participar de uma frustrada operação de resgate, no que tinha sido o ponto mais baixo em uma longa carreira.

Assistir ao fracasso da operação, ter de fugir do país com o rabo entre as pernas, não eram boas memórias. Aquela cena, por alguma razão, trouxera tudo de volta.

A embaixada americana não estava levando a manifestação muito a sério. Os diplomatas trabalhavam normalmente no edifício da embaixada, mais um projeto do tipo Frank-Lloyd-Wright-Encontra-a-Linha-Siegfried, situado em frente ao Hotel Ocura. Afinal, estavam em um país civilizado, não estavam? A polícia local colocara um destacamento do outro lado da cerca, e por mais barulho que fizessem os manifestantes, não pareciam dispostos a atacar os guardas. Entretanto, as pessoas que tinham ido para a rua não eram crianças nem adolescentes aproveitando o pretexto para matar aula — era estranho que os meios de comunicações não se referissem ao fato de que a maioria das manifestações estudantis, no mundo inteiro, coincidia com os exames finais. Não, ali eram quase todos adultos na faixa dos trinta ou dos quarenta anos, e por esse motivo os gritos de protesto não soavam muito autênticos. Pareciam envergonhados por estar ali, um pouco confusos, mais tristes do que zangados, pensou, enquanto Chávez tirava fotos. Entretanto, eram muitos e estavam muito aborrecidos. Queriam pôr a culpa em alguém... só podia ser neles, nos estrangeiros que eram sempre os responsáveis pelas coisas ruins. Esse ponto de vista não era exclusividade dos japoneses, era? Como tudo que acontecia no Japão, a demonstração tinha sido muito bem organizada. Os participantes, já distribuídos em grupos comandados por líderes, chegaram de trem, pegaram ônibus nas estações e saltaram a apenas alguns quarteirões de distância da embaixada. Quem fretou os ônibus?, perguntou-se Clark. Quem imprimiu os cartazes? O inglês nos cartazes era perfeito, o que não deixava de ser estranho, pensou. Embora aprendessem inglês nos colégios, os japoneses cometiam os erros que seria de esperar quando tentavam escrever na língua estrangeira, especialmente quando se tratava de traduzir slogans. Naquele mesmo dia, vira um rapaz usando uma camiseta onde estava escrito “Inspire no Paraíso”, provavelmente uma tradução literal de um pensamento japonês. No caso daqueles cartazes, porém, era diferente. Tanto a ortografia como a sintaxe eram impecáveis, algo difícil de acontecer até mesmo nas manifestações americanas. Não era curioso? Ora, posso investigar o assunto, pensou. Sou jornalista, certo? Com licença — disse John, batendo no braço de um homem de meia-idade.

— Sim? O homem voltou-se para ele, surpreso. Estava muito bem vestido,

de terno e gravata. Não havia nenhum sinal de ódio no seu rosto, nem qualquer outra emoção que pudesse ser causada pela agitação do momento.

— Quem é o senhor? Sou um jornalista russo. Trabalho para a Agência de Notícias Interfax — explicou Clark, mostrando-lhe uma carteira de identidade com inscrições em cirílico.

— Ah! O homem sorriu e fez uma reverência. Clark respondeu com outra mesura, merecendo um olhar de aprovação por suas boas maneiras.

Posso lhe fazer algumas perguntas?

— É claro.

Clark logo descobriu que tinha trinta e sete anos, era casado, tinha um único filho, trabalhava na indústria automobilística, estava desempregado no momento e sentia-se muito magoado com os Estados Unidos. Por outro lado, não tinha nada contra a Rússia, apressou-se a acrescentar.

Ele está envergonhado com tudo isso, pensou John, agradecendo ao homem a colaboração.

— O que foi? — perguntou Chávez, aproximando-se.

Russkiy — replicou "Klerk".

— Da, tovarisch.

— Siga-me — disse "Ivan Sergeyevich", misturando-se com a multidão.

Havia algo estranho, pensou, embora não conseguisse perceber exatamente o quê. De repente, tudo ficou claro. As pessoas que estavam na periferia da turba eram diferentes. O interior era composto por operários, gente vestida mais modestamente e com menos educação. O clima também era diferente. Ao abordá-los, era recebido com irritação, e embora se acalmassem um pouco quando se identificava como não americano, não deixavam de olhá-lo com suspeita.

No devido tempo, a multidão começou a se deslocar, guiada pelos líderes e escoltada pela polícia até outro lugar, onde haviam montado um palanque.

Hiroshi Goto os fez esperar por um longo tempo, mesmo para um lugar onde a paciência era considerada como uma grande virtude. Caminhou até o palanque com dignidade, observando a presença do séquito oficial, já à sua espera, distribuído em cadeiras no fundo do palanque. As câmaras de TV também estavam preparadas; era só esperar que a multidão se acomodasse. Entretanto, Goto continuou ali parado, olhando para o povo, forçando com sua inércia que eles se acotovelassem cada vez mais; o passar do tempo só contribuía para aumentar a tensão.

Clark podia sentir agora. Talvez a estranheza do evento fosse inevitável.

Aquelas eram pessoas altamente civilizadas, membros de uma sociedade tão ordeira que nem parecia desse mundo, cujos modos educados e extrema

hospitalidade contrastavam fortemente com a desconfiança que sentiam em relação aos estrangeiros. O medo de Clark começou como um sussurro distante, uma advertência de que algo estava mudando, embora seus poderes de observação, desenvolvidos por anos de prática, não captassem nada de anormal. Um homem que enfrentara os combates do Vietnã e perigos ainda maiores em outras partes do mundo, era mais uma vez um estranho em uma terra estranha, mas sua idade e experiência trabalhavam contra ele.

Mesmo os indivíduos mais irritados no meio da turba não tinham sido assim tão violentos. Afinal, o que esperar de alguém que acabou de perder o emprego? De modo que a situação estava sob controle... estaria mesmo? Entretanto, os sussurros aumentaram quando Goto tomou um gole d'água, acenando com os braços para que a multidão se aproximasse, embora aquela parte do parque já estivesse coalhada de pessoas. Quantas?, perguntou-se John. Dez mil? Quinze mil? De repente, a multidão se aquietou. Olhou em volta para ver o que estava acontecendo. Os que estavam na periferia usavam braçadeiras nos paletós. Era como se fosse um uniforme, pensou John. Os operários comuns obedeceriam automaticamente àqueles que se vestissem e agissem como supervisores, e os homens de braçadeira no momento estavam interessados em que chegassem para mais perto do palanque. Talvez tivessem dado algum sinal para que fizessem silêncio, mas Clark não tinha certeza.

Goto começou a falar em tom baixo, e o silêncio se tornou total. Cabeças inclinaram-se automaticamente para a frente alguns centímetros em um esforço para ouvir o que o político estava dizendo.

Que droga, eu gostaria de ter tido mais tempo para aprender japonês, pensaram ao mesmo tempo os dois agentes da CIA. Ding estava a seu lado, observou Clark, trocando lentes e fotografando rostos.

— Estão ficando cada vez mais tensos — observou Chávez em russo, estudando as expressões dos participantes.

Clark concordou com a cabeça. Ele podia entender apenas algumas palavras, talvez uma frase ou outra, apenas as coisas sem sentido que existiam em todas as línguas, os artifícios de retórica que um político usava para expressar humildade e respeito pela plateia. Os primeiros vivas da multidão foram para ele, uma surpresa, e os espectadores estavam tão comprimidos que tinham dificuldade para aplaudir. Seu olho se desviou para Goto. Estava muito longe. Clark abriu a sacola de Ding, pegou uma câmara, adaptou nela uma teleobjetiva a apontou-a para o político. Queria ver de perto sua expressão, saber como estava reagindo aos vivas da audiência enquanto esperava que os aplausos cessassem para prosseguir o discurso.

— Estou agradando, não estou? Tentou esconder o que sentia, observou

Clark, mas era um político, e embora os políticos fossem bons atores, dependiam ainda mais de uma plateia do que aqueles que ganhavam a vida trabalhando diante das câmaras.

Os gestos de Goto aumentaram de intensidade, ao mesmo tempo que sua voz se tornava mais inflamada.

Há apenas dez ou quinze mil pessoas aqui. E um teste, não ê? Ele está experimentando. Clark jamais se sentira tão estrangeiro. Em boa parte do mundo, poderia passar por um local. Se estivesse no Irã, na União Soviética, em Berlim, não chamaria a atenção. Ali, porém, era diferente. Pior ainda: não estava compreendendo muito bem o que se passava, e isso deixava preocupado.

Goto começou a gritar. Pela primeira vez, esmurrou o parapeito de madeira, e a turba respondeu com vivas. Estava falando cada vez mais depressa, também. A multidão começou a se aproximar e Clark viu que o presidente notara o movimento com agrado. Não estava sorrindo, mas seus olhos varriam o mar de rostos, para a esquerda e para a direita, parando às vezes, provavelmente fixando-se em um indivíduo, observando suas reações antes de passar para outro. Tinha de estar satisfeito com o que via. Agora havia confiança na sua voz. Estavam todos na sua mão. Ajustando o ritmo do discurso, podia ver a respiração deles mudar, podia ver seus olhos se arregalarem. Clark baixou a câmara para observar a multidão e viu o movimento coletivo, as respostas às palavras do presidente.

Está brincando com eles.

John tornou a levantar a câmara, usando-a como uma luneta. Focalizou-a nos líderes de terno da periferia. Agora estavam com Urna expressão diferente, mais preocupados com o discurso do que com suas tarefas. Mais uma vez lamentou não conhecer melhor a língua, sem perceber que o que via era ainda mais importante do que o que poderia ouvir. A demonstração seguinte da multidão foi mais do que ruidosa. Foi colérica. Os rostos estavam... transtornados. Goto os controlava totalmente, levando-os para o rumo que escolhera.

John tocou de leve no braço de Ding.

— Vamos sair daqui.

— Por quê? Porque está ficando perigoso — explicou Clark.

— Nan ja? — replicou Chávez em japonês, sorrindo.

— Olhe para trás. Observe os guardas — ordenou “Klerk”.

Ding obedeceu e logo percebeu por que o companheiro estava preocupado.

A polícia local era normalmente imperturbável. Talvez os guerreiros samurais do passado tivessem exibido a mesma confiança. Embora educados e profissionais, havia uma certa arrogância na sua postura. Eles eram a lei, e

sabiam disso. Os uniformes eram tão limpos e engomados quanto o de qualquer fuzileiro de embaixada, e as pistolas que pendiam dos coldres Sam Browne estavam ali apenas para fins decorativos. Agora, porém, esses mesmos guardas estavam nervosos. Remexiam-se, inquietos, e trocavam olhares. Esfregavam as mãos nas calças azuis para enxugar o suor. Alguns escutavam atentamente as palavras de Goto, mas mesmo esses homens pareciam preocupados. Independentemente do que estivesse acontecendo, se perturbava os encarregados de manter a paz nas ruas, então era muito sério.

— Siga-me — comandou Clark, dirigindo-se para a entrada de uma loja. Era uma pequena alfaiataria. Os agentes da CIA ficaram parados perto da porta. A calçada estava deserta. Os pedestres tinham se juntado à multidão e a polícia estava se aproximando também, os guardas distribuindo-se para formar um círculo azul. Os dois se viram sozinhos pela primeira vez em muito tempo.

— Está pensando a mesma coisa que eu? — perguntou John.

Chávez ficou surpreso com o fato de o companheiro estar falando em inglês.

— Ele está realmente incitando a multidão, não está? Tem razão, Sr. O — afirmou, depois de uma curta pausa. — As coisas estão ficando perigosas.

De onde estavam, podiam ouvir claramente a voz de Goto pelo sistema de alto-falantes. O tom agora era agudo, e a turba respondia com entusiasmo.

— Já viu algo parecido? Não era como o trabalho que tinham feito na Romênia. Clark concordou com a cabeça.

— Teerã, 1979.

— Eu estava na quinta série.

— Fiquei morto de medo — afirmou Clark. Goto começou a agitar as mãos freneticamente. Clark tornou a apontar a câmara para ele e viu outro homem. No início do discurso, há apenas trinta minutos, o político parecia estar sondando a multidão. Agora, era diferente. Se aquilo começara como uma experiência, o resultado tinha sido positivo. Os floreios finais pareceram estilizados, mas isso era de esperar.

Levantou as mãos, como um juiz de futebol americano anunciando um touchdown, mas os punhos estavam cerrados. A vinte metros de distância, um guarda voltou-se e olhou para os dois gaijin. Parecia preocupado.

— Vamos comprar alguns paletós.

— Meu manequim é trinta e seis — declarou Chávez, guardando a câmara.

A loja até que era simpática, e tinha paletós do tamanho certo para Ding.

Isso lhes deu uma desculpa para ficar lá dentro. O vendedor era educado e atencioso; por insistência do amigo, Chávez acabou comprando um terno que lhe caiu tão bem como se tivesse sido feito sob medida, cinza-escuro,

ultrajantemente caro e parecido com os que milhares de japoneses usavam para trabalhar. Quando saíram da loja, o pequeno parque estava vazio. O palanque estava sendo desmontado. As equipes de TV guardavam seus equipamentos.

Tudo parecia normal, a não ser por um pequeno grupo de policiais que cercava três pessoas sentadas no meio-fio. Faziam parte da equipe de TV de uma rede americana. Um deles segurava um lenço de encontro ao rosto. Clark achou melhor não se aproximarem. Observou que as ruas estavam praticamente limpas... e de repente percebeu por quê. Havia uma equipe de limpeza em ação.

Tudo fora cuidadosamente planejado. A manifestação tinha sido tão espontânea quanto a Super Bowl... e o resultado do jogo melhor do que esperavam.

— Diga-me o que acha disso tudo — ordenou Clark, enquanto caminhavam por ruas que estavam começando a voltar ao normal.

— Você tem muito mais experiência do que eu...

— Escute uma coisa, seu aluno de mestrado, quando faço uma porra de uma pergunta, espero uma porra de uma resposta! Chávez quase parou de andar, não tanto por causa das palavras, mas porque fora apanhado totalmente de surpresa. Nunca vira o amigo tão exaltado. Procurou responder da melhor forma possível.

— Acho que acabamos de participar de um acontecimento importante.

Goto estava manipulando a multidão. No ano passado, em um dos meus cursos, assistimos a um filme sobre o nazismo, um estudo clássico da forma como agem os demagogos. Foi dirigido por uma mulher, e o que vi hoje me fez lembrar...

— O triunfo da vontade, dirigido por Leni Riefenstahl — completou Clark.
— Sim, é um clássico. A propósito: está precisando cortar o cabelo.

— Hein?

O treinamento estava surtindo efeito, pensou o major Sato. A seu comando, os quatro F-15 Eagle soltaram os freios e se projetaram para a frente na pista de pouso de Misawa. Tinham voado mais de trezentas horas nos últimos doze meses, um terço das quais nos últimos dois, e agora os pilotos podiam encarar uma decolagem múltipla que deixaria orgulhosa qualquer equipe de exibição. Entretanto, eles não eram a versão local dos Anjos Azuis; pertenciam ao Terceiro Grupo de Esquadrilhas. Sato teve de se concentrar, é claro, observar o indicador de velocidade do ar no painel superior antes de levantar voo da pista de concreto. Quando recolheu o trem de aterrissagem, sabia, sem necessidade de olhar, que o ala estava a menos de quatro metros da ponta da sua asa. Era perigoso fazer manobras como aquela, mas fazia bem ao moral do pilotos. A equipe de terra

devia estar tão impressionada quanto os motoristas curiosos que observavam da rodovia. A trezentos metros de altura, depois de recolher os flaps, a velocidade passando de quatrocentos nós, permitiu-se olhar para os dois lados. Tudo bem. Era um dia lindo, o ar frio e seco ainda iluminado pelo" sol do final da tarde. Sato podia ver as Curilas ao norte. Tinham feito parte do seu país, até serem roubadas pelos russos no final da Segunda Guerra Mundial, e eram montanhosas, como Hokkaido, a ilha mais setentrional do arquipélago do Japão... Uma coisa de cada vez, pensou o major.

— Direita — ordenou pelo rádio, mudando o curso para zero-cinco-cinco. Ainda estavam subindo, gradualmente, economizando combustível para o treinamento.

Era difícil acreditar que aquela aeronave fora projetada havia quase trinta anos. Entretanto, as únicas características que restavam eram a forma e a ideia original. Desde que os engenheiros americanos da McDonnell-Douglas haviam produzido o primeiro modelo, o caça passara por muitas modificações. Quase tudo no aparelho de Sato fora fabricado no Japão, até mesmo as turbinas. Especialmente os dispositivos eletrônicos.

Havia um movimento constante de aeronaves nos dois sentidos, quase todos grandes aviões de passageiros transportando homens de negócios do Japão para os Estados Unidos e vice-versa, em rotas comerciais bem definidas que acompanhavam o arquipélago das Curilas e passavam pela península de Kamchatka até chegar às Aleutas. Se alguém duvidava que seu país fosse importante, pensou Sato na solidão da sua cabina, era só olhar para aquilo. O sol, próximo do horizonte, refletia-se nas caudas de alumínio das várias aeronaves; da altitude em que se encontrava no momento, onze mil metros, podia vê-las enfileiradas, como carros em uma estrada, pontos amarelos precedendo trilhas de vapor que se estendiam até o infinito. Mas estava na hora de trabalhar.

Os quatro caças separaram-se em pares, à direita e à esquerda da rota comercial. A missão de treinamento daquela noite não era complicada, mas mesmo assim podia ser considerada importante. Atrás deles, mais de cento e cinquenta quilômetros a sudoeste, uma aeronave de observação estava assumindo sua posição, perto da extremidade nordeste de Honshu. Era um E-767, uma versão modificada do bimotor de passageiros da Boeing (como o E-3A americano era uma versão modificada do 707, muito mais antigo), com uma cúpula de radar montada sobre a fuselagem. Assim como seu F-15J era uma versão local melhorada de um caça americano, o E-767 era um aperfeiçoamento de uma invenção americana. Eles nunca iriam aprender, pensou Sato, os olhos esquadrinhando frequentemente o horizonte antes de voltarem ao painel central. Muita coisa que o Japão produzia fora desenvolvida inicialmente nos Estados

Unidos. Na verdade, os americanos haviam feito a mesma coisa com os russos, aperfeiçoando todos os equipamentos militares que a União Soviética fora capaz de criar. Entretanto, na sua arrogância, tinham ignorado a possibilidade de que alguém pudesse fazer a mesma coisa com seus sistemas mágicos. O radar do E-767 não tinha similar.

Por esse motivo, o radar no nariz do seu Eagle estava desligado.

Conceitualmente simples, o sistema era bastante complexo para ser implementado. Tanto os caças como o avião de reconhecimento tinham de conhecer sua posição exata em três dimensões. Além disso, a taxa de repetição dos pulsos de radar do E-767 devia ser mantida constante. O resto era pura matemática. Conhecendo a posição do transmissor e sua própria posição, os Eagle podiam receber as ondas refletidas e processá-las como se estivessem sendo geradas pelos seus próprios aparelhos de radar. Uma combinação dos radares biestáticos soviéticos com os radares aéreos americanos, o sistema levava a ideia um passo adiante. O radar a bordo do E-767 era um aparelho de multifrequência, capaz de passar bem rápido de um comprimento de onda mais longo, usado nas buscas, para o comprimento de onda bem menor necessário para o controle de tiro; na verdade, podia controlar os mísseis ar-ar disparados pelos caças. O radar também tinha potência suficiente, todos esperavam, para detectar aviões invisíveis.

Em poucos minutos tornou-se evidente que o sistema funcionava a contento. Os quatro mísseis ar-ar instalados nas asas do caça eram apenas imitações sem motor, mas as cabeças eram de verdade e os instrumentos de bordo mostraram que os mísseis estavam rastreando os aviões de passageiro bem melhor do que o radar do Eagle era capaz. Tratava-se de uma experiência pioneira, um novo marco na história da tecnologia militar. Se isso tivesse acontecido alguns anos antes, o Japão teria colocado a invenção à venda e ela seria provavelmente adquirida pelos americanos, porque valia seu peso em ouro. Entretanto, o mundo mudara, e os americanos provavelmente não se interessariam por ela. Além do mais, o Japão não estava disposto a vendê-la. Não agora, pensou Sato. Não agora.

O hotel onde estavam hospedados não era dos melhores. Embora se destinasse a visitantes estrangeiros, os donos reconheciam que nem todos os gaijin tinham dinheiro à vontade para gastar. Os quartos eram pequenos, os corredores estreitos, os tetos baixos e a diária com café da manhã, que consistia em um copo de suco, uma xícara de café e um croissant, era apenas cinquenta dólares. Segundo o ditado do governo americano, Clark e Chávez estavam ”vivendo de economias”, como os russos teriam de fazer no futuro. Não era tão

difícil assim. Por mais agitado e superpopuloso que fosse o Japão, era muito mais confortável do que a África, e a comida, embora estranha, era tão exótica e interessante, que o sabor de novidade ainda não se esgotara. Ding poderia ter resmungado que sentia saudade de um hambúrguer, mas dizer uma coisa dessas, mesmo em russo, seria pôr em risco seu disfarce. Voltando para casa depois de um dia cheio, Clark introduziu o cartão de plástico na fenda e girou a maçaneta. Não levou mais do que alguns segundos para remover a fita adesiva que alguém colara na parte interna da peça. Depois de entrar no quarto, mostrou a fita a Ding antes de ir ao banheiro.

Chávez olhou em volta, imaginando se alguém teria instalado uma escuta no quarto, imaginando se aquela história de espionagem era tão complicada quanto parecia. Era tudo tão misterioso! A fita na maçaneta.

Alguém queria se encontrar com eles. Nomuri. Só podia ser ele. Era um truque interessante, pensou. Quem deixara a fita simplesmente caminhara pelo corredor e encostara a mão na maçaneta em um gesto casual, que passaria despercebido mesmo ao observador mais atento. Pelo menos, era essa a ideia.

— Vou tomar um drinque — anunciou "Klerk" em russo.

— Vou investigar o que está acontecendo.

— Vanya, está bebendo demais.

— Entendido.

— Você nem parece russo — disse Clark, para os possíveis microfones, antes de sair e fechar a porta.

Como vou terminar meu curso desse jeito?, pensou Chávez. Fora forçado a deixar todos os seus livros na Coreia. Eram em inglês, naturalmente.

Estava impedido de estudar. Se tiver que adiar a defesa da tese, pensou Ding, vou pedir à CIA que pague as taxas escolares do próximo período.

O bar, situado a meio quarteirão de distância, era muito agradável. Lá dentro, estava escuro. Os compartimentos eram pequenos e separados por tabiques de madeira; um grande espelho por trás das prateleiras com garrafas de bebida dificultava qualquer tentativa de espionagem. Melhor ainda, os tamboretes ao longo do balcão estavam todos ocupados, o que o forçou a se sentar em uma das cabinas, depois de demonstrar seu descontentamento para quem quisesse ver. Clark foi até uma das cabinas mais afastadas, onde Nomuri estava à sua espera.

— Não acha arriscado nos encontrarmos assim? — disse John.

Uma garçonete aproximou-se. Ele pediu uma dose de vodca pura, de uma marca local, que era mais barata.

— Ordens de casa — explicou Nomuri.

Levantou-se sem dizer mais nada, visivelmente ofendido pelo fato de um

gaijin ter se sentado no seu compartimento sem pedir permissão, e foi embora sem ao menos se despedir com uma mesura.

Antes que o drinque chegasse, Clark apalpou debaixo da mesa e encontrou uma caixa presa com fita adesiva. Logo estava no seu colo, de onde a transferiu para uma pochete presa ao cinto. Clark sempre usava roupas folgadas (o disfarce de russo ajudava) de modo que houvesse espaço na cintura para esconder objetos. Mais uma razão, pensou, para se manter em forma.

O drinque chegou. Bebeu sem pressa, olhando para o espelho do bar em busca do reflexo de rostos conhecidos. Aquilo fazia parte da rotina, e aprendera do modo mais difícil que a rotina era para ser cumprida.

Consultou o relógio duas vezes, discretamente, e uma terceira vez pouco antes de se levantar, deixando a quantia necessária para pagar o drinque.

Os russos de verdade não gostavam de dar gorjetas.

A rua estava movimentada, embora já estivesse ficando tarde. Clark estabelecera uma rotina noturna durante a última semana e, noite sim, noite não, circulava pelas lojas da vizinhança. Naquela noite, foi primeiro a uma livraria com estantes compridas e irregulares. Os japoneses liam muito; a loja estava sempre cheia. Folheou alguns livros, pegou um exemplar de The Economist e andou até o fim da loja, onde viu alguns homens apreciando as revistas pornográficas. Mais alto do que eles, colocou-se atrás de alguns, sem se aproximar demais, mantendo as mãos à frente do corpo, fora das vistas de outros fregueses. Cinco minutos depois, voltou à frente da loja e pagou a revista, que a caixa solicitamente se prontificou a colocar em um saco plástico. A parada seguinte foi em uma loja de artigos eletrônicos, onde examinou alguns CD players. Desta vez, esbarrou em duas pessoas, usando uma das primeiras frases que aprendera em Monterey para pedir desculpas.

Em seguida, saiu para a rua e voltou ao hotel, imaginando quantos dos quinze minutos precedentes tinham sido perda de tempo. ‘Nenhum, pensou Clark consigo mesmo. Nem um único segundo.

Entrou no quarto e jogou a revista para Ding. O rapaz olhou para ele e perguntou: — Não tinham nada em russo?

— Há uma boa reportagem a respeito das disputas entre o Japão e os Estados Unidos. Leia e aprenda. Aproveite para praticar seu inglês.

Só faltava essa, pensou Chávez, entendendo o verdadeiro significado das palavras. Fomos ativados para valer. Tão cedo não terminarei o meu curso de mestrado. Talvez eles simplesmente não queiram aumentar meu salário, como manda o regulamento da CIA quando alguém obtém um título.

Clark tinha outras coisas para fazer. O embrulho que Nomuri lhe passara continha um disquete de computador e um acessório para o laptop.

Ligou o computador e introduziu o disquete. O arquivo que abriu continha apenas três frases. Depois de lê-las, apagou o disquete e começou a escrever o que, para todos os efeitos, era um despacho para a agência de notícias.

O computador era uma versão para a língua russa de um modelo muito popular no Japão, com o teclado em cirílico, e a dificuldade para Clark era que, embora falasse e escrevesse russo como um nativo, estava acostumado a digitar (e mal) em inglês. O teclado russo deixava-o exasperado; às vezes tinha medo de que alguém surpreendesse aquela pequena falha no seu disfarce. Levou mais de uma hora para digitar a notícia e mais meia hora para completar a parte realmente importante. Salvou os dois arquivos no disco rígido e desligou o computador. Depois de fechá-lo, desconectou o modem e substituiu-o pelo modelo mais recente que Nomuri lhe fornecera.

— Que horas são em Moscou? — perguntou, com voz cansada.

— Seis horas a menos do que aqui, como sempre.

— Vou mandar para Washington, também.

— Ótimo — concordou "Chekov". — Estou certo de que vão adorar, Ivan Sergeyevich.

Clark ligou o fio do telefone ao computador e digitou o número da linha de fibra ótica para Moscou. A transferência da mensagem levou menos de um minuto. Repetiu a operação para o escritório da Interfax na capital americana. Era um método muito sutil, pensou John. No momento em que o modem do transmissor se ligava ao modem do receptor, pouco antes de começar a transmissão da mensagem, um ruído semelhante a estática era lançado na linha. Esse ruído era incompreensível para quem não dispusesse de um circuito especial, e ele limitava os chamados aos escritórios da sua agência de notícias. Quem poderia imaginar que havia uma escuta do FBI no escritório da Interfax em Washington? Depois de terminar, conservou um dos arquivos e apagou o outro. Mais um dia servindo ao país, pensou Clark, antes de escovar os dentes e desmaiar na cama de solteiro.

— Foi um belo discurso, Goto-san — observou Yamata, despejando uma dose generosa de saque em um fino cálice de porcelana. — Você deixou as coisas muito claras.

— Viu como me aplaudiram? — perguntou o político, orgulhoso.

— Amanhã você vai ser eleito, e depois de amanhã estará tomando posse, Hiroshi.

— Tem certeza? O outro concordou com a cabeça.

— É claro. Eu e meus colegas conversamos com nossos amigos e todos concordam que é o único homem em condições de salvar nosso país.

— Quando vamos começar? — perguntou Goto, lembrando-se de repente

do que pretendiam fazer depois que chegasse ao poder.

— Quanto tivermos certeza de que o povo está conosco.

— Acha mesmo que podemos...

— Sim, acho. — Yamata fez uma pausa. — Só há um problema.

— Qual é?

— A sua amiguinha, Hiroshi. Se vier a público que tem uma amante americana, perderão a confiança em você. Não podemos permitir que isso aconteça — explicou o empresário, pacientemente. — Espero que entenda.

— Kimba é uma diversão muito agradável para mim — objetou Goto, timidamente.

— Não duvido, mas como primeiro-ministro poderá escolher muitas outras diversões agradáveis, e de qualquer forma estará muito ocupado no próximo mês.

Era interessante como podia reforçar o ego do político e ao mesmo tempo coibi-lo, tão facilmente quanto manipularia uma criança. Entretanto, havia alguns assuntos a serem resolvidos. Quanto a moça sabia? O que faria com ela?

— Pobrezinha. Se a mandarmos para casa agora, nunca mais será feliz.

— Pode ser verdade, mas não nos resta outra escolha. Deixe-me cuidar do assunto, está bem? A coisa deve ser feita com discrição. Você aparece toda hora na televisão. Não deve ser visto com ela. Seria muito perigoso.

O futuro primeiro-ministro baixou os olhos e bebeu um gole de saque, evidentemente pesando o prazer pessoal contra seus deveres cívicos, e assim surpreendendo Yamata mais uma vez... não, não realmente. Goto era Goto, e o empresário o escolhera tanto (ou mais) por suas fraquezas do que por suas qualidades.

Hai — disse, afinal. — Cuide disso para mim, por favor.

Sei exatamente o que fazer — assegurou-lhe Yamata.

15
O ESTOPIM

Ao lado da mesa de Ryan havia um aparelho chamado UTS-6. A sigla provavelmente significava “Unidade Telefônica Segura”, mas nunca se dera ao trabalho de verificar. Tinha cerca de cinquenta centímetros de lado e ficava em um móvel de madeira feito à mão pelos detentos de uma penitenciária federal. No interior havia meia dúzia de placas de circuito impresso equipadas com vários circuitos integrados cuja função era codificar e decodificar sinais telefônicos. Ter um aparelho daqueles no escritório era um dos maiores símbolos de status dos funcionários do governo.

— Alô — disse Jack, atendendo ao telefone.

— Aqui é MP. A Operação SÂNDALO mandou algo interessante — afirmou a Sra. Foley, com a voz um pouco diferente por causa do processamento adicional. — Quer ligar seu fax?

— Pode mandar. — A UTS-6 também funcionava com sinais de fax.

Ryan tinha apenas de conectar o fio do telefone à impressora. — Já avisaram a eles para...

— Sim, já avisamos.

— Certo, espere um minuto... — Jack pegou a primeira folha e começou a ler.

— Foi Clark que escreveu isso? — perguntou.

— Exatamente. Foi por isso que não perdi tempo para avisá-lo. Conhece o homem tão bem quanto eu.

— Vi a notícia na televisão. A CNN disse que a multidão ficou um pouco exaltada... — comentou Ryan, acabando de ler a primeira folha.

— Alguém jogou uma lata de refrigerante na cabeça de um repórter. Nada mais sério do que uma dor de cabeça, mas é a primeira vez que algo assim acontece no Japão... ao menos, pelo que eu e Ed sabemos.

— Minha nossa! — exclamou Ryan, em seguida.

— Achei que você gostaria dessa parte.

— Obrigado pelas informações, Mary Pat.

— Não há de quê — disse a moça, antes de desligar.

Ryan resolveu pensar um pouco antes de agir. Sabia que o temperamento impulsivo era seu pior inimigo. Levantou-se, saiu do escritório e foi até o

bebedouro mais próximo, que ficava no escritório da secretária. Alguém lhe contara que a sede do FBI fora construída no lugar de um antigo pântano. Pena que o Sierra Club não existisse na época para impugnar a obra, alegando possíveis danos ao ambiente. Eles eram ótimos para emperrar as coisas, mas não pareciam muito interessados em saber se as obras que paravam eram úteis ou não. Ocasionalmente, prestavam bons serviços à comunidade. Mas não desta vez, pensou Ryan, voltando ao escritório. Tirou a UTS-6 do gancho e apertou o botão de discagem rápida do Departamento de Estado.

— Bom dia, senhor secretário — disse o conselheiro de Segurança Nacional, em tom cordial. — O que sabe sobre a manifestação em frente à nossa embaixada em Tóquio, ontem à noite?

— Deve ter assistido à mesma transmissão da CNN que eu — respondeu Hanson, como se não fosse obrigação do Departamento de Estado dispor de informações mais completas do que um cidadão comum.

— Pode ser, mas gostaria de conhecer a opinião do pessoal da embaixada, como talvez o adido político ou mesmo o SCM — afirmou Ryan, deixando transparecer um pouco da sua irritação. O embaixador Chuck Whiting era uma nomeação recente, um ex-senador que montara um escritório de advocacia em Washington e na verdade representava alguns interesses comerciais japoneses, mas o subchefe da missão era um homem experiente e conhecia muito bem a cultura japonesa.

— Walt achou melhor que seu pessoal não se envolvesse. Não queria se arriscar a provocar um tumulto. Não vou censurá-lo por isso.

— Nem eu, mas tenho em mãos um relato pessoal de um agente de confiança que...

— Eu também, Ryan. Achei um tanto alarmista. Quem é o sujeito?

— Como eu disse, é um agente de confiança.

— Hum-hum, estou vendo que trabalhou no Irã. — Ryan ouviu o barulho do papel do outro lado. — Isso o torna um espião. Talvez tenha exagerado um pouco. Qual a sua experiência no Japão?

— Não é muito grande, mas...

— Está vendo? Alarmista, como eu disse. Mesmo assim, quer que eu investigue mais a fundo?

— Gostaria, senhor secretário.

— Está bem, vou falar com Walt. Mais alguma coisa? Estou me preparando para a viagem a Moscou.

— Descubra tudo que puder, está bem?

— Está bem, Ryan, mas lembre-se de que já é noite no Japão.

— Certo.

Ryan repôs o fone no gancho e disse um palavrão. Não posso acordar o embaixador. Tinha várias opções. Como de hábito, escolheu a mais direta.

Pegou o telefone comum e ligou para a secretária pessoal do presidente.

— Preciso falar com o chefe.

— Daqui a meia hora está bem?

— Está, obrigado.

A demora se devia a uma cerimônia na Sala Leste que estava na agenda de Ryan, mas da qual se esquecera por completo. Era simplesmente grande demais para a Sala Oval, onde o presidente se reunia com os secretários.

Dez câmaras de TV e cento e poucos jornalistas registraram o momento em que Roger Durling colocou sua assinatura na Lei de Reforma do Comércio. A natureza da legislação determinava o uso de várias canetas, uma para cada letra do seu nome, o que fez da assinatura um processo longo e complicado. A primeira caneta, naturalmente, foi para Al Trent, o autor da lei. As outras foram distribuídas aos presidentes das comissões do Senado e da Câmara dos Deputados, e também a membros influentes da minoria, sem o apoio dos quais a lei não teria tramitado tão rápido nas duas casas. A cerimônia foi encerrada com os aplausos e apertos de mão de praxe.

A Lei de Reforma do Comércio agora estava em vigor.

Uma das estações de TV presentes era a NHK. Seus repórteres estavam mal-humorados. Iriam em seguida ao Departamento de Comércio, para entrevistar a equipe de especialistas que estava analisando as leis de regulamentos japoneses com o objetivo de incluir dispositivos semelhantes na legislação americana. Seria uma experiência interessante para os jornalistas estrangeiros.

Como a maior parte dos funcionários graduados do governo, Chris Cook tinha um aparelho de TV no escritório. Assistiu à assinatura da lei pelo C-SPAN e, com ela, ao adiamento de seu ingresso do setor “privado” por um tempo indefinido. Não se sentia à vontade recebendo pagamentos de grupos particulares enquanto ainda trabalhava para o governo. Eles eram depositados em uma conta secreta, mas eram ilegais, não eram? Não pretendia fazer nada de ilegal. A amizade entre os Estados Unidos e o Japão era muito importante para ele. Estava agora ameaçada; a menos que pudesse ser restaurada rapidamente, sua carreira iria por terra. Além disso, precisava do dinheiro. Tinha um jantar com Seiji marcado para aquela noite.

Precisavam discutir a melhor forma de fazer as coisas voltarem aos eixos, pensou o assistente do subsecretário de Estado, voltando ao seu trabalho.

Na Massachusetts Avenue, Seiji Nagumo estava vendo o mesmo canal de

TV e se sentia também contrariado. Nada seria como antes, pensou. Talvez o novo governo... não, Goto era um demagogo idiota. Sua postura agressiva só serviria para piorar as coisas. O que precisava era de... de quê? Pela primeira vez na vida, Nagumo não sabia o que fazer. Os diplomatas tinham fracassado. Os lobistas tinham fracassado. Até mesmo os espiões, se é que se podia chamá-los assim, tinham fracassado. Espiões? Seria esse o termo correto? Sim, talvez fosse, admitiu. Agora estava pagando pelas informações que recebia. Cook e outros. Pelo menos pudera prevenir o governo. Pelo menos o Ministério do Exterior sabia que fizera o possível para ajudar. E continuaria tentando, trabalhando através de Cook, para influir na forma como os americanos interpretavam as leis japonesas. Mas os americanos tinham um termo para isso: mudar a disposição das cadeiras no convés do Titanic.

Pensar no assunto só o fazia sentir-se pior, e logo a única palavra para descrever o que estava sentindo era angústia. Seus conterrâneos seriam prejudicados. Os Estados Unidos, também. O mundo inteiro. Tudo porque seis pessoas tinham morrido em um estúpido acidente. Que loucura! Loucura ou não, era assim que o mundo funcionava. Um mensageiro entrou no escritório e entregou-lhe um envelope fechado, pedindo-lhe que assinasse um recibo. Esperou o mensageiro ir embora para abrir o envelope.

A primeira folha era reveladora. O despacho só poderia ser lido apenas por ele. Nem o embaixador devia conhecer o que dizia. As instruções das duas folhas seguintes o deixaram com as mãos trêmulas.

Nagumo conhecia história. Francisco Ferdinando, 28 de junho de 1914, na cidade maldita de Sarajevo, um nobre inexpressivo, tanto assim que nenhuma personalidade se dera ao trabalho de comparecer ao funeral, mas seu assassinato fora o “estopim” que desencadeara a Primeira Guerra Mundial.

Naquele caso, o estopim tinha sido a morte de um policial e algumas mulheres.

Por causa de um acidente trivial, quanto sofrimento estava para acontecer... Nagumo podia não concordar com o rumo que a situação tomara, mas nada podia fazer, porque sua vida era comandada pelas mesmas forças que faziam o mundo girar.

O exercício PARCEIROS NO MAR começou na hora marcada. Como a maioria dos jogos de guerra, era uma combinação de movimentos livres e regras estritas. Os cenário seria um trecho do oceano Pacífico entre a ilha Marcus, uma possessão japonesa, e Midway. A ideia era simular um conflito entre a Marinha dos Estados Unidos e uma força menor mas bem equipada, representada pela Marinha do Japão. A última estava em desvantagem, mas poderia aprontar algumas surpresas. A ilha Marcus, que nos mapas aparecia como Minami

Torishima, seria considerada um continente, para os objetivos do exercício. Na verdade, não passava de um atol de trezentos hectares, grande o suficiente para ser usado, na melhor das hipóteses, como estação meteorológica. Dali decolariam três aviões de patrulha P-3C. Eles poderiam ser ”derrubados” por caças americanos, mas tinham direito de ressuscitar no dia seguinte. Os pescadores profissionais que mantinham um posto na ilha para pescar lulas, colher algas e pescar um ou outro peixe-espada receberam os visitantes de braços abertos, pois os pilotos traziam engradados de cerveja para trocar por peixe fresco, o que já se tornara uma tradição local.

Dois dos três Orion decolaram antes do amanhecer, dirigindo-se para o norte e para o sul à procura da esquadra americana. Os tripulantes, cientes dos problemas comerciais entre os dois países, procuraram concentrar-se na missão que tinham pela frente. Não se tratava de uma missão desconhecida para a Marinha do Japão. Seus ancestrais tinham feito a mesma coisa havia duas gerações, decolando em aviões Kawasaki H8K2 (construídos na mesma fábrica onde os Orion tinham sido montados) para procurar os porta-aviões comandados alternadamente por Halsey e Spruance. Muitas das táticas que pretendiam usar seriam baseadas na experiência daquele conflito. Os próprios P-3C eram modelos japoneses de um projeto americano que começara com a produção de aviões de passageiros movidos a turboélice e acabara gerando aeronaves de patrulha marítima resistentes e confiáveis, embora um pouco lentas. Como acontecia com a maioria das aeronaves militares japonesas, o produto americano tinha sido bastante aperfeiçoado. Os motores tinham sido substituídos por unidades maiores e mais possantes, que permitiam que os Orion tivessem uma velocidade de cruzeiro de 350 nós. Os sistemas eletrônicos eram particularmente avançados, especialmente os sensores destinados a detectar transmissões de navios e aeronaves. Aquela era a missão no momento, varrer a área em grandes segmentos, à escuta de sinais de radar e de rádio que anunciassem a presença de navios e aviões americanos. Reconhecimento: localizar o inimigo. Aquela era a missão, e depois das notícias recentes na imprensa e de conversas com os familiares que trabalhavam no setor econômico, não era muito difícil pensarem nos americanos como inimigos.

A bordo do John Stennis, o comandante Sanchez observou a patrulha da madrugada (uma expressão que todos os pilotos de caça adoravam) partir para estabelecer uma Patrulha Aérea de Combate. Depois que os Tomcat decolaram, foi a vez dos V-3 Viking, caças antissubmarino encarregados de vasculhar a área por onde passaria a esquadra naquele dia. Os últimos foram os Prowler, os pássaros eletrônicos, destinados a detectar e interferir nos sinais de radar do inimigo. Era sempre emocionante observar as decolagens da ponte do navio.

Quase tão emocionante quanto decolar ele próprio, mas agora era o comandante do grupo aéreo e devia permanecer a bordo. A força de ataque Alfa, constituída por caças Hornet, estava preparada para entrar em ação, com os mísseis azuis de treinamento já instalados e os pilotos de prontidão nas salas das esquadrilhas, lendo revistas e contando piadas, porque todos os detalhes da missão já tinham sido discutidos.

O almirante Sato observou a nau capitânia separar-se do petroleiro Homana, um dos quatro que apoiavam sua esquadra. O comandante do navio de apoio jogou o quepe para o alto e acenou, desejando-lhe boa sorte. Sato retribuiu o gesto, enquanto o petroleiro se afastava. Agora dispunha de combustível suficiente para muito tempo. Era uma competição interessante, baseada principalmente no uso da perspicácia contra a força bruta, algo que não era novidade para a Marinha do seu país, e pretendia recorrer a táticas japonesas tradicionais. O dezesseis navios de guerra estavam divididos em três grupos, um de oito e dois de quatro, separados por grandes distâncias. Semelhante ao plano de Yamamoto para a batalha de Midway, sua ideia era muito mais exequível nos tempos modernos, porque, com o sistema de navegação GPS, podia conhecer a posição exata dos navios a qualquer instante; além disso, usando comunicações via satélite, podia trocar mensagens com os outros navios em relativa segurança. Os americanos decerto esperavam que mantivesse os navios nas proximidades de "casa", mas faria exatamente o contrário. Não hesitaria em assumir a iniciativa, pois a defesa passiva não estava de acordo com as tradições de sua raça, algo que os americanos tinham descoberto e depois esquecido, não é mesmo? A ideia o fez sorrir.

— Sim, Jack? O presidente estava de bom humor; afinal, acabara de assinar uma lei que, esperava, resolveria um problema importante para seu país, aumentando bastante suas chances de reeleger-se. Seria uma pena estragar-lhe o dia, pensou Ryan, mas seu trabalho não era político, ou pelo menos não chegava a ser político a tal ponto.

— Talvez o senhor devesse ler isso — disse Ryan, entregando ao presidente o fax e continuando de pé.

— Nosso amigo Clark, de novo? — perguntou Durling, inclinando-se na cadeira para pegar os óculos de perto. Tinha de usá-los apenas para ler as cartas normais; seus discursos e o teleprompter da televisão eram preparados em letras bem grandes, em prol da vaidade presidencial.

— Imagino que o Departamento de Estado já tenha sido informado. O que eles acham? — perguntou o presidente, quando acabou de ler.

— Hanson disse que Clark está sendo alarmista — informou Jack. — Por outro lado, o embaixador manteve todo mundo do lado de dentro do prédio para

evitar um possível “incidente”. Este é o único relato em primeira mão de que dispomos, a não ser pelas equipes de TV.

— Ainda não li o texto do discurso de Goto. Está aqui, em algum lugar — afirmou Durling, apontando para a escrivaninha.

— Talvez devesse. Eu já li.

O presidente fez que sim com a cabeça. — O que mais? Sei que não é só isso.

— Eu disse a Mary Pat que ativasse a Operação CARDO. Explicou rapidamente ao presidente do que se tratava.

— Devia ter pedido a minha permissão.

— E para isso que estou aqui, presidente. O senhor já ouviu falar de Clark. Ele não se assusta com facilidade. A Operação CARDO inclui alguns funcionários do Ministério do Exterior e do MCII. Acho que devemos saber o que estão pensando.

— Eles não são inimigos — observou Durling.

— Provavelmente não — respondeu Jack, deixando de lado a resposta óbvia, que seria claro que não, um fato que o presidente registrou com um levantar de sobrancelhas. — Mesmo assim, precisamos saber, presidente. E a minha recomendação.

— Está bem. Concordo. O que mais? Também disse a ela que tirasse Kimberly Norton de lá o mais cedo possível. Isso deve acontecer nas próximas vinte e quatro horas.

— A ideia é mandar um recado a Goto? Mais do que isso. Afinal, ela é uma cidadã americana, não passa de uma criança e...

— Eu também tenho filhos, lembra-se? Aprovado. Guarde a piedade para a igreja, Jack — recomendou Durling com um sorriso. — Como vão fazer?

— Se concordar em cair fora, pretendemos levá-la para Seul. Os agentes vão procurá-la com roupas ocidentais, um passaporte e passagens de primeira classe para ela e um acompanhante. Em Seul, será transferida para um voo da KAL para Nova York. Chegando lá, será instalada em um hotel e interrogada. Vamos também trazer os pais de Seattle, explicando a eles que o assunto é sigiloso. A garota provavelmente vai precisar de tratamento psicológico. Tentaremos manter o caso afastado da imprensa. O FBI nos ajudará no que puder. O pai dela é da polícia e certamente vai cooperar.

O presidente pareceu satisfeito. — Está bem, mas o que digo a Goto?

— A decisão é sua, presidente. Minha recomendação é de que não diga nada no momento. Deixe-nos interrogar a moça primeiro. Daqui a uma semana, quando nosso embaixador fizer a visita de praxe para cumprimentá-lo como novo chefe de governo...

— ...poderá perguntar-lhe discretamente qual seria a reação do povo se soubesse que o senhor nacionalista anda afogando o ganso em carne estrangeira. Então estará na hora de lhe oferecermos um pequeno ramo de oliveira, certo?

Durling pegava as coisas depressa, pensou Jack. — Essa é a minha recomendação, presidente.

— Deve ser um ramo bem pequeno — observou o presidente, franzindo a testa.

— Com apenas uma azeitona, por enquanto — concordou Ryan.

— Aprovado — disse Durling, acrescentando a seguir, em tom sarcástico: — Não vai me dizer qual é o ramo de oliveira que devo oferecer a Goto?

— Não, senhor. Acha que me excedi? — perguntou Jack, imaginando que talvez tivesse passado dos limites.

Durling pareceu arrependido por ter falado daquela forma com o conselheiro de Segurança Nacional. — Sabe de uma coisa? Bob estava certo a seu respeito.

— O que disse?

— Bob Fowler — explicou Durling, convidando Ryan a sentar-se com um gesto. — Você se lembra do jeito como falou comigo a primeira vez que esteve aqui?

— Presidente, eu estava exausto — desculpou-se Jack.

— Os pesadelos ainda o perseguiam. Via a si próprio no Centro Nacional de Comando Militar dizendo às pessoas o que fazer, mas no pesadelo ninguém podia vê-lo ou ouvi-lo, enquanto as mensagens continuavam a chegar pela Linha Quente, levando o país cada vez para mais perto de uma guerra que, afinal, conseguira evitar. A história completa jamais chegara a ser divulgada pela imprensa. Melhor assim. Todos os envolvidos se lembravam muito bem.— Eu não sabia disso na ocasião. Seja como for — prosseguiu Durling, levantando os braços para espreguiçar-se —, quando as coisas começaram a dar errado, no verão passado, eu e Bob tivemos uma conversa em Camp David e ele recomendou você para o cargo. Está surpreso? — perguntou o presidente, com um sorriso malicioso.

— Muito surpreso — admitiu Jack. Arnie van Damm jamais lhe contara aquela história. Gostaria de saber por quê.

— Bob me disse que você é um filho da mãe frio como o gelo, que consegue manter a cabeça no lugar quando a merda atinge o ventilador. Disse também que é um filho da mãe prepotente e arrogante o resto do tempo. Muito observador, o Bob Fowler. — Durling deu-lhe um momento para digerir aquilo. — Você funciona muito bem em emergências, Jack. Faça a nós dois um favor e lembre-se de que apenas nessas ocasiões deve agir sem meu consentimento. Já

andou se estranhando de novo com Brett, não é?

— Sim, senhor — concordou Jack, balançando a cabeça para cima e para baixo, como um colegial. — Mas não foi nada de sério.

— Não vá forçar a barra. Ele é meu secretário de Estado.

— Compreendo, presidente.

— Tudo pronto para a viagem a Moscou?

— Cathy está contando os dias — respondeu Ryan, aliviado com a mudança de assunto e observando que Durling fora bastante razoável em seus comentários.

— Vai ser bom tornar a vê-la. Anne simpatiza muito com ela. Mais alguma coisa?

— No momento, não.

— Jack, obrigado pelas dicas — disse Durling, para concluir a conversa em um tom jovial.

Ryan saiu pela porta oeste. Observou que Ed Kealty estava no seu escritório, trabalhando. Imaginou quando o caso iria estourar. Apesar de o presidente estar satisfeito com os acontecimentos do dia, ainda havia aquele escândalo pendente. Aquela espada, de novo, pensou. Tinha ido um pouquinho longe demais dessa vez, e sua tarefa era tornar mais fácil o trabalho do presidente, e não mais difícil. Seu cargo, afinal, envolvia mais do que cuidar de relações externas... e a política, da qual sempre tentara manter distância, era uma realidade insofismável.

Fowler? Droga.

Era uma hora segura para agir. Goto programara um discurso pela TV naquela noite, o primeiro desde que subira ao governo, de modo que, independentemente do que dissesse, era certo que não estaria com a jovem amante. Talvez a missão fosse uma resposta interessante dos Estados Unidos ao que os políticos tinham a dizer. Ambos gostaram dessa ideia.

Na hora marcada, John Clark e Ding Chávez estavam do outro lado da rua, olhando para o prédio discreto. Eram sempre discretos, pensou John.

Talvez alguém não acreditasse que um edifício de luxo seria na verdade uma camuflagem melhor. Mais provável que fosse pura falta de imaginação. Um homem saiu do edifício e tirou os óculos escuros com a mão esquerda.

Passou a mão no cabelo, bateu duas vezes na nuca com a mão esquerda e foi embora. Até aquele dia, Nomuri não sabia exatamente onde ficava o apartamento de Kim Norton. Ir até lá era um risco, mas recebera ordens para correr esse risco, e agora, depois de sinalizar para os outros, começou a caminhar em direção ao local onde estacionara o carro. Dez segundos depois, desaparecia

no meio dos pedestres. Para ele, isso era fácil; todos eram como ele. Para Ding, também não era difícil. Por ser moreno e relativamente baixo, Chávez não chamava atenção. O corte de cabelo que impusera ao amigo ajudava ainda mais. Visto de costas, era apenas mais um transeunte. Aquilo podia ser útil, pensou Clark, sentindo-se um peixe fora d'água, especialmente em um momento como aquele.

— Vamos — murmurou Ding. Os dois atravessaram a rua, procurando comportar-se com naturalidade.

Clark estava vestido como homem de negócios, mas nunca se sentira tão inadequado. Nem ele nem Ding dispunham de qualquer tipo de arma, nem mesmo um simples canivete. Embora os dois fossem muito bem treinados em artes marciais, preferiam lutar com armas, pois elas permitiam manter o inimigo afastado.

A sorte estava do lado deles; não havia ninguém no pequeno saguão de entrada do edifício. Os dois subiram pela escada. Segundo andar, nos fundos, do lado esquerdo.

Nomuri fizera bem sua parte. O corredor estava vazio. Clark foi na frente, atravessando com passos rápidos a passagem mal iluminada. A fechadura era simples. Abriu-a com facilidade, usando suas ferramentas de arrombador, enquanto Ding montava guarda. No momento em que entraram no apartamento, perceberam que a missão fracassara.

Kimberly Norton estava morta. A moça jazia em um sofá, vestida com um quimono de seda que estava levantado até o joelho, deixando as pernas à mostra. O rubor post mortem estava começando a colorir a parte inferior do corpo, à medida que a gravidade puxava o sangue para baixo. Em breve a parte de cima do cadáver estaria cor de cera e a parte de baixo, marrom.

A morte podia ser muito cruel, pensou John. Não se contentava em roubar a vida; também roubava a beleza da vítima. A jovem tinha sido bonita... melhor não pensar nisso! Comparou o corpo com a jovem da fotografia, que lembrava de longe sua filha mais moça, Patsy. Passou o retrato a Ding. Imaginou se o rapaz estaria pensando a mesma coisa.

— É ela.

— Também acho — observou Chávez, com voz rouca. — É ela. — Pausa.

— Que merda! — exclamou, observando o rosto da morta, com a fisionomia crispada de raiva. Acho que ele também percebeu a semelhança, pensou Clark.

— Trouxe a câmara?

— Claro — disse Ding, tirando uma câmara compacta de 35mm do bolso do casaco. — Vamos dar uma de detetives?

— Isso mesmo.

Clark curvou-se para examinar o corpo. Sentia-se frustrado. Não era médico, e embora estivesse familiarizado com a morte, não tinha conhecimentos suficientes para fazer aquele serviço direito. Ali... na veia do peito do pé, uma única picada. Nada mais do que isso. Será que a jovem era viciada em drogas? Em caso afirmativo, era uma viciada cuidadosa, pensou John. Usava agulhas limpas e... Olhou em volta. Lá estava. Uma garrafa de álcool, chumaços de algodão e um saco cheio de seringas descartáveis.

— Não vejo nenhuma outra marca de injeção.

— Elas nem sempre deixam marcas — observou Chávez.

Clark suspirou, desatou o quimono e abriu-o. A jovem não usava nada por baixo.

— Que porra é essa? — exclamou Chávez. A parte interna das coxas estava úmida.

— Esse seu comentário foi particularmente infeliz — resmungou Clark de volta, irritado. — Tire as fotos! Ding não respondeu; limitou-se a tirar as fotografias, procurando imitar um funcionário da polícia. Em seguida, Clark colocou o quimono no lugar, procurando em vão restituir à jovem um pouco da dignidade que a morte e os homens lhe haviam roubado.

— Um minuto... olhe para a mão direita.

Clark examinou-a. Uma das unhas estava quebrada. Todas as outras eram relativamente compridas e estavam pintadas com esmalte incolor.

Examinou as outras. Havia alguma coisa debaixo delas.

— Será que ela arranhou alguém? — perguntou Clark.

— Vê algum lugar onde se tenha arranhado? — perguntou Ding.

— Não.

— Então não estava sozinha quando isso aconteceu, cara. Examine de novo os tornozelos.

No pé esquerdo, o mesmo onde havia a marca de injeção, a parte inferior do tornozelo apresentava hematomas que o rubor começava a esconder.

Chávez tirou a última foto.

— Eu já esperava.

— Depois você me explica. Vamos dar o fora — disse John, levantando-se.

Em menos de um minuto os dois saíam pela porta dos fundos. Depois de atravessar um beco tortuoso, chegaram à rua onde o carro os pegaria.

— Escapamos por pouco — observou Chávez, quando um carro de polícia estacionou em frente ao número 18. Logo atrás vinha um caminhão da TV.

— Não é ótimo? Eles vão cuidar de tudo... o que foi, Ding?

— Alguma coisa está errada. Ela supostamente morreu de overdose, certo?

— Certo. Por quê?

— Quando alguém morre de overdose, a coisa acontece de repente. É tiro e queda. Vi um cara morrer assim, nos velhos tempos, e ele não teve tempo nem de arrancar a agulha do braço. O coração para, os pulmões param, e pronto. Você não tem tempo de se levantar, guardar a seringa e se deitar para morrer, entende? Viu os hematomas no pé? Alguém injetou a droga à força. Ela foi assassinada, John. Provavelmente foi estuprada, também.

— Examinei a parafernália. Tudo Made in USA. Um bom plano. Eles queimam o arquivo, põem a culpa na garota e deixam os outros políticos com as barbas de molho.

Clark viu o carro dobrar a esquina e olhou em volta. — Você é muito observador, Ding.

— Obrigado, chefe. — Chávez fez uma pausa, e sua revolta recrudesceu. — Sabe de uma coisa? Gostaria de me ver frente a frente com o cara que fez isso.

— Não vai ter essa oportunidade.

— Eu sei, mas já fui um ninja, lembra-se? Seria mais divertido fazer o serviço com as próprias mãos.

— Não vejo a graça de quebrar ossos, entre eles provavelmente alguns dos seus.

— Eu queria olhar nos olhos dele quando ele estivesse morrendo.

— Nesse caso, seria melhor colocar uma boa mira telescópica no seu rifle — sugeriu Clark Tem razão — admitiu Chávez. — Que tipo de homem seria capaz de fazer uma coisa dessas?

— Um tarado, Domingo. O mundo está cheio deles.

No momento em que entravam no carro, Ding olhou para Clark, muito sério, e disse: — Talvez um dia eu encontre esse miserável, John. O destino pode ser caprichoso.

— Onde está a moça? — perguntou Nomuri.

— Dirija — ordenou Clark.

— Vocês deviam ter ouvido o discurso — comentou Chet, colocando o carro em movimento e imaginando o que teria dado errado.

— A garota está morta — contou Ryan ao presidente duas horas depois, à uma da manhã, hora de Washington.

— Qual foi a causa da morte? — perguntou Durling.

— Overdose, provavelmente provocada por alguém. Eles tiraram fotos. Devemos recebê-las daqui a trinta e seis horas. Nossos agentes mal conseguiram escapar. A polícia japonesa apareceu logo depois.

— Espere um momento. Devagar. Está falando em assassinato?

— É o que nossos homens acham, presidente.

— Eles têm indícios suficientes?

Ryan sentou-se e achou que precisava explicar melhor. — Presidente, o assunto não é propriamente novidade para um dos agentes.

— Escolheu bem as palavras — observou Durling, secamente. — Não preciso saber mais nada a respeito, preciso?

— Não, senhor. Não vejo razão para isso.

— Foi Goto?

— Um dos seus homens, provavelmente. Nossa melhor pista vai ser a reação da polícia. Se a versão oficial foi muito diferente da que os nossos agentes nos enviaram, é porque estão tentando esconder alguma coisa, e nem todo mundo tem poder suficiente para mudar um relatório policial. — Jack ficou pensativo por um momento. — Presidente, tenho informações de uma fonte independente a respeito do caráter de Goto.

Repetiu o que Kim Hunter lhe contara.

— Está me dizendo que acha que essa jovem foi assassinada e a polícia vai encobrir o crime? Que já sabia que Goto é capaz desse tipo de coisa? — Durling estava vermelho. — E quer que eu ofereça um ramo de oliveira ao filho da puta? Quem pensa que eu sou? Jack respirou fundo.

— Está certo, presidente, eu mereço. A questão é a seguinte: o que vamos fazer?

Durling mudou de expressão. — Desculpe. Acho que me excedi.

— Não, presidente, a culpa foi minha. Poderia ter dito a Mary Pat que tirasse a garota de lá há mais tempo, mas preferi esperar. Cometi uma imprudência.

— Isso acontece, Jack. O que sugere? — Não podemos nos comunicar ainda com o adido jurídico da embaixada porque ainda não fomos oficialmente notificados, mas acho que devemos preparar o FBI para entrar em ação assim que chegar a mensagem oficial. Posso ligar para Dan Murray.

— O braço direito de Shaw? Ryan fez que sim com a cabeça.

— Dan e eu nos conhecemos há muito tempo. Para cuidar do lado político, não sei quem recomendar. A transcrição do discurso de Goto na TV já chegou. Antes de lê-lo, precisa saber com que tipo de pessoa está lidando.

— Diga-me: como é que criminosos como esse Goto chegam ao poder?

— O senhor pode responder a essa pergunta melhor do que eu, presidente.

Jack ficou pensativo por um momento. — Isso tem suas vantagens. Pessoas assim tendem a ser fracas. Covardes, na verdade. Se você tem inimigos, quanto mais fraquezas eles tiverem, melhor. Ele pode querer fazer uma visita oficial,

pensou Durling. Vamos ter de hospedá-lo na Casa Blair, do outro lado da rua. Vamos ter de oferecer-lhe um banquete. Vamos entrar na Sala Leste, fazer belos discursos, brindar ao futuro dos nossos países e trocar um aperto de mão como se fôssemos velhos amigos. Que droga! Pegou a pasta com o discurso de Goto e começou a folheá-la.

— Que filho da puta! "Os Estados Unidos terão de entender", um caralho!

— A raiva não é uma forma eficaz de lidar com problemas, presidente.

— Tem razão — admitiu Durling. Ficou em silêncio por um momento e depois sorriu com malícia. — Pelo que me lembro, você sempre foi um pouco impulsivo.

Ryan assentiu. — Já me acusaram disso, presidente.

— A verdade é que temos dois abacaxis para descascar quando voltarmos de Moscou.

— Três, presidente. Precisamos decidir o que fazer com relação à Índia e ao Sri Lanka.

Jack pôde ver pela expressão do presidente que ele se esquecera totalmente daquele problema.

Durling também quase se esquecera de outro problema.

— Por quanto tempo, afinal, terei de esperar? — perguntou a Sra. Linders, indignada.

Murray podia entender como a moça estava se sentindo, mas como explicar isso aos outros? Depois de ser vítima de um crime odioso, concordara em denunciá-lo, expondo a alma a estranhos de todos os tipos. O processo não fora divertido para ninguém, muito menos para ela. Murray era um investigador habilidoso e experiente. Sabia como consolar, encorajar, arrancar informações das pessoas. Tinha sido o primeiro agente do FBI a escutar a história e se tornara tão importante para a saúde mental da moça quanto a Dra. Golden.

Depois tinham vindo mais dois agentes, um homem e uma mulher que se especializaram naquele tipo de caso. Em seguida tinham vindo dois psiquiatras, cujo interrogatório fora propositalmente um pouco agressivo, tanto para garantir que a história era verdadeira em todos os detalhes como para preparar a moça para a hostilidade que teria de enfrentar no futuro.

Durante o processo, Barbara Linders fora submetida a vários sofrimentos. Primeiro, tivera de usar de toda a coragem para revelar os fatos a Clarice; depois, fizera o mesmo com Murray e com seus dois colegas.

Agora, tinha pela frente uma prova ainda mais severa, porque alguns dos membros da Comissão de Justiça eram aliados políticos de Ed Kealty e outros fariam questão de bombardeá-la com perguntas embaraçosas para se exibir

diante das câmaras ou para demonstrar sua imparcialidade e competência como advogados. Bárbara tinha ideia do que a esperava. O próprio Murray fizera o possível para lhe dar uma amostra, chegando a fazer algumas perguntas particularmente cruéis, sempre precedidas por um preâmbulo como: “Uma das coisas que talvez eles perguntem é...” Tudo aquilo tivera seu preço, e um preço bastante elevado. Bárbara (agora eram tão íntimos, que Murray não conseguia mais pensar na moça como a Sra. Linders) mostrara toda a coragem que se poderia esperar da vítima de um crime como aquele. Entretanto, a coragem tinha um limite. Parecia com uma conta bancária; só era possível retirar uma certa quantidade, e então estava na hora de parar, de aguardar até que fossem feitos novos depósitos. A simples espera, o fato de não saber quando teria de comparecer perante a comissão e prestar seu testemunho diante das câmaras de TV, na certeza de que seria forçada a desnudar a alma para o mundo inteiro... era como um ladrão entrando no banco noite após noite para roubar-lhe um depósito de determinação acumulado com grande dificuldade.

Estava sendo também difícil para Murray. Preparara o processo, instruíra o advogado de acusação, mas, de todos eles, era o que estava mais próximo da vítima. O caso era dele, pensou. Cabia a ele mostrar àquela moça que nem todos os homens eram como Ed Kealty, que os homens podiam sentir tanta repulsa quanto as mulheres por aquele tipo de comportamento. Ele era o cavaleiro andante de Barbara. Sua missão na vida era prender e castigar aquele criminoso.

— Barb, você precisa aguentar firme. Vamos pegar o desgraçado, mas não devemos forçar a barra...

As palavras soaram vazias. Desde quando a política tinha a ver com um caso de polícia? A lei fora violada. Tinham uma testemunha, dispunham de provas, mas agora estavam em um compasso de espera que fazia tanto mal à vítima quanto ao mais agressivo advogado de defesa.

— Está demorando demais! Mais duas semanas, talvez três, e o jogo vai começar, Barb.

— Escute, sei que alguma coisa está acontecendo, certo? Pensa que sou boba? Ele não está fazendo discursos e inaugurando pontes, está? Alguém lhe contou e ele está preparando a defesa, não é? Acho que o que está acontecendo é que o presidente está evitando que ele apareça para que, quando a coisa estourar, não se prevaleça da imagem de homem público.

— O presidente está do nosso lado, Barb. Conversei pessoalmente com ele a respeito do caso e ele me disse: “Um crime é um crime”. E exatamente o que eu teria dito! A moça levantou os olhos. Estavam úmidos e desesperados.

— Não posso mais, Dan.

— Eu sei que você pode, Barb — mentiu Murray. — Você é uma moça

forte, inteligente e corajosa. Vai aguentar até o fim. Ele é que não vai aguentar.

Daniel E. Murray, vice-diretor assistente do FBI, estendeu a mão. Bárbara segurou-a entre as suas e apertou-a como uma criança faria com a mão do pai, forçando-se a acreditar e a confiar e deixando-o envergonhado com o fato de que estava pagando um preço tão alto porque o presidente dos Estados Unidos tinha de subordinar um caso de polícia a questões políticas. Talvez isso fizesse sentido dentro de um contexto mais amplo, mas para um policial esse contexto frequentemente se resumia a um crime e uma vítima.

16
OGIVAS

O passo final para armar os mísseis H-ll/SS-19 teve de ser autorizado pelo primeiro-ministro. De certa forma, os engenheiros ficaram desapontados.

O plano original era instalar seis ogivas no nariz de cada míssil, mas para fazer isso teriam de testar o último estágio completo em voo, o que podia ser arriscado. As autoridades tinham decidido que manter o sigilo do projeto era mais importante do que trabalhar com ogivas múltiplas. Além disso, sempre seria possível instalar mais ogivas no futuro. Tinham mantido inalterado o projeto russo para aquela parte do míssil exatamente por essa razão. No momento, entretanto, contentar-se-iam com um total de dez ogivas de um megaton cada.

Um por um, os silos foram abertos pelos operários, e uma por uma as ogivas foram removidas do vagão, colocadas no lugar e cobertas com uma capa aerodinâmica. Mais uma vez, o projeto russo revelou-se perfeitamente adequado. Cada instalação levou pouco mais de uma hora, o que permitiu que a operação fosse executada em uma única noite, por uma equipe de vinte homens. Os silos foram novamente fechados e estava feito: o Japão agora era uma potência nuclear.

— E espantoso — observou Goto.

— Pelo contrário; é muito simples — replicou Yamata. — O governo financiou a fabricação e os testes dos veículos de lançamento como parte do nosso programa espacial. O plutônio veio do complexo de reatores de Monju. Projetar e construir as ogivas foi brincadeira de criança. Se um bando de árabes ignorantes é capaz de montar uma ogiva improvisada em uma caverna no Líbano, qual a dificuldade para nossos técnicos? Na verdade, todas as etapas do

projeto, a não ser a fabricação das ogivas, tinham sido, de uma forma ou de outra, financiadas pelo governo, e Yamata tinha certeza de que o consórcio informal responsável pelas ogivas também seria reembolsado mais tarde. Afinal, não estavam trabalhando para o bem do país? — Vamos começar já o treinamento do pessoal da Força de Defesa... assim que colocá-los à nossa disposição, Goto-san.

— E os americanos e russos? Yamata deu um muxoxo.

— Estão reduzidos a um míssil cada um, que serão inutilizados esta semana, em uma cerimônia a ser exibida ao vivo na televisão. Como sabe, todos os submarinos equipados com mísseis foram desativados. Os mísseis Trident não existem mais, e os submarinos estão esperando para serem desmontados. A posse de dez ICBM nos confere uma vantagem estratégica decisiva.

— E se decidirem construir novos mísseis? Não podem... ou por outra, não é fácil para eles — corrigiu Yamata. — As linhas de produção foram desativadas e, de acordo com o tratado, todas as ferramentas destruídas na presença de observadores. Levariam vários meses para iniciar de novo a produção, e não poderiam fazê-lo sem nosso conhecimento. O próximo passo importante será lançar um grande programa de construção naval — para o qual os estaleiros de Yamata estavam prontos —, de modo que nossa supremacia no Pacífico Ocidental seja inquestionável. No momento, com um pouco de sorte e a ajuda de nossos amigos, temos recursos suficientes para prosseguir. Antes que se disponham a nos enfrentar, nossa posição estratégica terá melhorado a tal ponto, que serão forçados a nos tratar como iguais.

— Então acha que devo dar a ordem? Acho, primeiro-ministro — respondeu Yamata, lembrando mais uma vez ao homem qual era o cargo que ocupava.

Goto esfregou as mãos e baixou os olhos para a mesa trabalhada que acabara de herdar. Fraco como sempre, procurou contemporizar.

— É verdade que minha Kimba era viciada em drogas? Yamata concordou com a cabeça, disfarçando a irritação que o comentário provocara.

— É muito triste, não é? Meu chefe de segurança, Kaneda, encontrou-a morta e chamou a polícia. Ela conseguiu ocultar o vício por muito tempo, mas aparentemente cometeu um erro fatal.

Goto suspirou.

— Criança tola. Sabia que o pai é da polícia? Um homem muito severo. Kimba me disse que ele não a compreendia. Eu, sim. Era uma moça doce e sensível. Teria dado uma gueixa e tanto.

Era espantoso como a morte transformava as pessoas, pensou Yamata, friamente. Aquela garota idiota, sem-vergonha, desafiara os pais e tentara vencer

sozinha na vida apenas para descobrir que o mundo não perdoava os despreparados. Entretanto, apenas porque tivera a habilidade de dar a Goto a ilusão de que era um homem, agora fora promovida a uma moça doce e sensível.

— Goto-san, podemos permitir que o destino da nossa nação seja decidido por estrangeiros?

— Não. — O novo primeiro-ministro pegou o telefone. Teve de procurar o número em uma folha de papel que estava sobre a mesa. — Suba o monte Niitaka — disse à pessoa que atendeu, repetindo uma ordem que fora dada mais de cinquenta anos antes.

O aeroplano era único em alguns aspectos, mas bastante comum em outros.

O VC-25B era na verdade a versão da Força Aérea do venerável avião comercial Boeing 747, projetado há mais de trinta anos mas ainda produzido em série em uma fábrica perto de Seattle. Aquele modelo tinha sido pintado em cores escolhidas por um presidente, que se propusera a dar uma impressão adequada em qualquer país estrangeiro, se é que aquilo era possível. Estava sozinho na rampa de concreto, cercado por agentes de segurança uniformizados, "autorizados", no jargão lacônico do Pentágono, a usar os rifles Ml6 com mais liberalidade do que os guardas que vigiavam outras instalações federais. Era uma forma polida de dizer: "Atire primeiro e depois faça perguntas." Não havia nenhum túnel de acesso. As pessoas tinham de subir uma escada para entrar no avião, como na década de 1950, mas os passageiros eram submetidos a um detector de metais, e a bagagem passava por uma revista minuciosa executada por elementos da Força Aérea e do Serviço Secreto, que radiografavam tudo e abriam boa parte das malas para uma inspeção visual.

— Espero que tenha deixado em casa aquelas calcinhas provocantes da Victoria's Secret — brincou Jack, enquanto colocava a última mala no balcão.

— Vai descobrir quando chegarmos a Moscou — respondeu a Dra. Ryan, piscando o olho. Era a sua primeira viagem oficial, e tudo na Base Aérea de Andrews era novo para ela.

— Olá, Dra. Ryan! Afinal nos conhecemos! — disse Helen D'Agustino, aproximando-se e estendendo a mão.

— Cathy, esta é a guarda-costas mais bonita do mundo — disse Jack, apresentando a agente do Serviço Secreto à esposa.

— Não pude comparecer ao último jantar oficial — explicou Cathy. — Havia um seminário em Harvard.

— Vai achar esta viagem interessante — observou Helen, afastando-se discretamente para cuidar dos seus deveres.

Não tão interessante quanto a minha última, pensou Jack, lembrando-se de

mais uma história que não podia contar a ninguém.

— Onde ela usa o revólver? — perguntou Cathy.

— Nunca tive oportunidade de revistá-la, querida — respondeu Jack, com um sorriso malicioso.

— Já podemos subir a bordo?

— Posso subir a bordo quando quiser — respondeu o marido. — Sou um homem importante.

Era melhor entrar logo e mostrar a Cathy o interior do avião, pensou, conduzindo-a para a porta. Projetado para transportar até trezentos passageiros em sua versão civil, o 747 particular do presidente (havia outra aeronave de reserva, é claro) fora equipado para abrigar um terço desse número com o máximo de conforto. Jack mostrou primeiro à esposa os lugares que ocupariam, explicando que a ordem dos assentos era muito clara. Quanto mais próximo do nariz da aeronave, mais importante a posição da pessoa. As acomodações do presidente ficavam bem na frente, onde dois sofás podiam ser transformados em camas. O casal Ryan e o casal van Damm viajariam logo atrás, a uns seis metros dc distância, em um espaço que comportaria oito pessoas, mas naquele caso seria ocupado apenas por cinco, já que ao lado deles estaria a diretora de Comunicações do presidente, uma ex-executiva da TV recém-divorciada chamada Tish Brown, que parecia estar sempre com pressa. Outros membros menos importantes da equipe ocupavam os outros lugares, e os assentos da popa tinham sido destinados à imprensa.

— Aí fica a cozinha? — quis saber Cathy.

— Isso mesmo — confirmou Jack.

Era uma cozinha de verdade, onde as refeições eram realmente preparadas a partir de ingredientes frescos e não simplesmente aquecidas, como nos voos comerciais.

— É maior do que a nossa! — observou Cathy, fazendo rir o cozinheiro-chefe, um segundo-sargento da Força Aérea.

— Maior não digo, mas a comida é melhor, não acha, sargento?

— Finja que não estou aqui. Pode bater nele à vontade, madame, que não conto a ninguém.

Cathy pareceu não se ofender com a brincadeira. — Por que ele não está lá em cima, na sala de estar?

— A sala de estar foi quase toda tomada por equipamentos de comunicações. O presidente de vez em quando vai lá em cima conversar com a tripulação, mas quem passa mais tempo lá são os cryppies.

— Cryppies?!

— Especialistas em comunicações — explicou Jack, conduzindo a mulher

de volta a seus lugares.

Os assentos eram de couro bege, muito amplos e macios, com monitores de TV, telefones pessoais e outros requintes, que Cathy começou a catalogar e que incluíam o selo presidencial nas fivelas dos cintos de segurança.

— Agora sei o que é viajar de primeira classe.

— Ainda temos pela frente um voo de doze horas, meu bem — observou Jack, acomodando-se na poltrona, enquanto os outros começavam a subir a bordo. Com sorte, passaria a maior parte da viagem dormindo.

O discurso de despedida do presidente, mostrado na TV, obedeceu a um elaborado ritual. O microfone foi colocado de tal forma que o Força Aérea Um estava sempre visível ao fundo para lembrar a todos como o presidente era poderoso, a ponto de se dar ao luxo de ter um 747 particular. Roy Newton se preocupava mais com a duração do programa do que com qualquer outra coisa. Aparentemente, Durling não tinha nada de importante a declarar; por isso, a partida só seria exibida ao vivo pelo canal C-SPAN, embora os repórteres das redes estivessem presentes com suas câmaras para a eventualidade de o avião explodir na decolagem. Depois de terminar o discurso, o presidente tomou a esposa, Anne, pelo braço e caminhou em direção à escada, onde um sargento lhe prestou continência. Quando chegaram à porta da aeronave, o presidente e a primeira dama se voltaram para um último aceno, como se já estivessem em campanha (de certo modo, aquela viagem fazia parte da campanha de reeleição), e depois entraram. A C-SPAN voltou a falar do plenário da Câmara, onde vários deputados sem expressão, obedecendo a ordens especiais, estavam fazendo pequenos discursos. O presidente ficaria no ar durante onze horas, pensou Newton, mais tempo do que precisava.

Estava na hora de começar o trabalho.

O velho ditado estava muito certo, pensou, colocando as notas em ordem. Se mais de uma pessoa sabia, não era mais segredo. Menos ainda se você sabia parte do segredo e conhecia quem sabia o restante, porque nesse caso podia se sentar com a pessoa para jantar e contar a parte que sabia; a outra pessoa ficaria com a impressão de que você sabia o segredo completo e lhe contaria as partes que você não conhecia ainda. Alguns sorrisos, movimentos de cabeça, muxoxos e palavras cuidadosamente escolhidas manteriam seu amigo falando até que tudo estivesse esclarecido.

Newton imaginava que as coisas não eram muito diferentes para os espiões.

Talvez tivesse futuro como espião, mas não ganharia mais do que no Congresso (talvez, na verdade, ganhasse muito menos), e havia muito tempo decidira dedicar a vida a algo que lhe permitisse levar uma vida decente.

O restante do jogo era muito mais fácil. Bastava escolher a pessoa certa a quem passar a informação, o que podia ser feito simplesmente através de uma leitura atenta dos jornais. Todo repórter tinha seu assunto preferido; sob esse aspecto, eram como qualquer ser humano. Era fácil manipular qualquer um quando você sabia que botões devia apertar. Que pena que isso não tivesse funcionado muito bem com as pessoas do seu distrito, pensou Newton, tirando o fone do gancho e apertando os botões.

Libby Holtzman.

— Olá, Libby. Aqui é Roy. Como vão as coisas?

— Um pouco devagar — admitiu a moça, imaginando se o marido, Bob, conseguiria algo interessante na viagem a Moscou com o presidente.

— Quer jantar comigo? — perguntou Roy, que sabia que o marido viajara.

— Para quê? Libby sabia que não era uma cantada ou coisa parecida. Newton era um jogador e em geral tinha algo interessante para contar.

— Não vai se arrepender — prometeu o rapaz. — No Jockey Club, às sete e meia?

— Combinado.

Newton sorriu. Tinha direito, não tinha? Perdera sua cadeira na Câmara por causa de uma acusação de tráfico de influências. Não havia provas suficientes para um processo (alguém cuidara para que não houvesse), mas 50,7% dos eleitores naquele ano tinham se convencido de que outra pessoa deveria representá-los. Se fosse um ano de eleição presidencial, pensou Newton, provavelmente teria conseguido arrancar mais um mandato, mas quando se perde uma cadeira no Congresso, raramente se consegue recuperá-la.

Poderia ter sido muito pior. Aquela vida não era tão ruim, era? Continuara a morar na mesma casa; mantivera os filhos do mesmo colégio e depois conseguira mandá-los para boas universidades; continuava sócio do mesmo clube. A única diferença era que agora trabalhava para um público diferente, que não lhe cobrava posições éticas que nunca tivera, e além disso pagava muito melhor.

A Operação PARCEIROS NO MAR era assistida por três satélites de comunicações. Um era usado para manter os navios japoneses em contato permanente com o centro de operações de Yokohama; outro, para as comunicações entre os navios americanos e o centro de operações de Pearl Harbor. Os dois centros de operações usavam o terceiro satélite para trocar informações entre si. Assim, os árbitros que acompanhavam o exercício nos dois centros de operações tinham acesso a todos os dados, mas o mesmo não acontecia com os comandantes das duas esquadras. O objetivo do jogo era

treinar os dois lados da forma mais realista possível; por isso, não se esperava que trapaceassem, embora “trapacear” fosse, naturalmente, um recurso relativamente comum nas guerras de verdade.

Os almirantes americanos encarregados das forças de navios, aviões, submarinos e serviços acompanhavam o jogo de suas cadeiras, imaginando como seus comandados se sairiam.

— Sato não é nada bobo — observou o comandante Chambers.

— Ele fez algumas manobras interessantes — concordou o Dr. Jones.

Representante de uma empreiteira, com uma “licença especial” para assistir ao exercício, estava ali no centro sob a responsabilidade de Mancuso. — Isso, porém, não vai ajudá-lo quando estiver mais ao norte.

— Ah, é? — O SubPac olhou para ele e sorriu. — Você sabe alguma coisa que eu não sei? Os operadores de sonar do Charlotte e do Asheville são muito bons, comandante. Meus homens trabalharam com eles quando instalamos o novo software de rastreamento, lembra-se? Os comandantes também são muito competentes — lembrou Mancuso.

Jones concordou com a cabeça.

— Exatamente. Sabem ouvir, como o senhor.

— Meu Deus — suspirou Chambers, do alto de suas divisas recém-conquistadas. — Almirante, como foi que conseguimos sobreviver antes de conhecermos o Jones?

— Tínhamos o chefe Lavai conosco, lembra-se? — observou Mancuso.

— O filho do francês é o operador principal de sonar do Asheville, Sr. Chambers. — Para Jones, Mancuso seria sempre “comandante” e Chambers seria sempre um tenente. Nenhum dos dois oficiais protestava. Era uma das tradições da Marinha que ligavam os oficiais aos marinheiros (no caso, um ex-marinheiro).

— Eu não sabia — admitiu o SubPac.

— Acaba de assumir o posto. Antes, trabalhava no Tennessee. E um garoto muito esperto. Chegou a segundo-sargento no terceiro ano da escola.

— Saiu-se melhor do que você — observou Chambers. — Ele é mesmo bom?

— Pode apostar. Estou tentando contratá-lo para minha empresa. Casou-se o ano passado. A mulher está grávida. Não deve ser difícil convencê-lo a passar para a vida civil.

— Muito obrigado, Jones — falou Mancuso. — Eu devia expulsá-lo daqui a pontapés.

— Oh, deixe disso, comandante. Qual foi a última vez em que saímos para nos divertir de verdade? — Além de tudo, o novo programa de Jones,

desenvolvido inicialmente para rastrear baleias, fora incorporado ao que restava do sistema SOSUS do Pacífico. — Precisamos fazer isso de novo.

O fato de que os dois lados tinham observadores no centro de operações da outra força era um inconveniente, especialmente porque havia certos recursos e equipamentos que nenhum dos dois estava disposto a partilhar.

Naquele caso, por exemplo, os sinais gerados pelo sistema SOSUS, revelando o que poderiam ser submarinos japoneses a noroeste de Kure, eram na realidade mais precisos do que estava sendo mostrado no monitor principal. Os sinais de verdade eram enviados apenas para Mancuso e Chambers. Cada lado dispunha de dois submarinos. Os submarinos americanos não apareciam na tela, mas os japoneses eram do tipo convencional e tinham que se aproximar periodicamente da superfície para fazer funcionar os motores diesel e recarregar as baterias. Embora os submarinos japoneses dispusessem de uma versão de sistema americano Prairie-Masker, o novo software desenvolvido por Jones era capaz de detectá-los assim mesmo. Mancuso e os outros foram até a sala de mapas da SubPac para examinar os dados mais recentes.

— Muito bem, Jones, diga-me o que está vendo — ordenou Mancuso, olhando para as folhas impressas mostrando o que fora captado pelos hidrofones espalhados no fundo do Pacífico.

Os dados podiam ser mostrados em um terminal de vídeo ou impressos, para uma análise mais detalhada, em um formulário contínuo do tipo usado nas impressoras de computador. Para trabalhos como aquele, o segundo método era melhor, e tinham sido impressas duas cópias. Uma delas já tinha sido analisada e marcada por técnicos em oceanografia da divisão local do SOSUS. Para garantir que a interpretação estava correta e verificar se Jones ainda se lembrava das lições que aprendera, Mancuso deixou de mostrar a cópia que já analisara.

Embora Jones ainda não tivesse quarenta anos, seus cabelos fartos e escuros estavam começando a ficar grisalhos e passara a mascar goma em vez de fumar. Entretanto, conservava o mesmo entusiasmo de sempre, pensou Mancuso. O Dr. Ron Jones folheou as páginas como um contador à procura de um desfalque, o dedo acompanhando as linhas verticais nas quais eram registradas as frequências.

— Podemos supor que vão subir à superfície mais ou menos a cada oito horas? — perguntou.

— É a coisa mais sensata a fazer, para manter as baterias carregadas — concordou Chambers.

— Com que hora eles estão trabalhando? — perguntou Jones. Os submarinos americanos costumavam ajustar os relógios para a Hora Média de Greenwich, cujo nome tinha sido recentemente mudado para “Hora Universal”,

uma indicação da perda de prestígio da Marinha Real, outrora tão poderosa, que o meridiano de referência fora definido pelos ingleses.

— A de Tóquio, provavelmente — respondeu Mancuso. — Cinco horas a menos do que a nossa.

— Nesse caso, vamos procurar padrões regulares começando à meia-noite ou nas horas pares, hora de Tóquio. Havia cinco séries de dados. Jones examinou uma série de cada vez, prestando atenção nas referências de tempo assinaladas nas margens. O processo inteiro levou dez minutos.

“Aqui está um e aqui está outro. Estes dois são possíveis. Aquele ali também é possível, mas pouco provável. Eu apostaria neste aqui — concluiu, apontando uma série de pontos aparentemente dispostos ao acaso.

— Wally? Chambers desdobrou a outra listagem e verificou as anotações.

— Jones, seu sacana! — exclamou.

Uma equipe de especialistas levara mais de duas horas para chegar aos mesmos resultados que Jones obtivera em poucos minutos. O empreiteiro civil pegou uma lata de coca na geladeira e abriu-a.

— Senhores, quem é o campeão de todos os tempos? — perguntou.

A coisa não parava ali, é claro. As listagens revelavam apenas uma fonte de ruído suspeita, mas havia vários conjuntos de hidrofones, e os técnicos há haviam realizado uma triangulação, determinando a posição do alvo dentro de um círculo de quinze milhas náuticas de raio. Mesmo com os melhoramentos introduzidos por Jones no sistema, ainda tinham uma área muito grande para vasculhar.

O telefone tocou. Era o comandante-em-chefe da Esquadra do Pacífico.

Mancuso atendeu e recomendou que o Charlotte e o Asheville fossem enviados para examinar a área onde o possível submarino fora detectado.

Jones escutou a conversa e concordou com a cabeça. — Está vendo, comandante? O senhor sempre soube ouvir.

Murray saíra para discutir alguns problemas orçamentários com o diretor assistente em exercício do escritório de Washington e por isso não foi encontrado para atender ao telefonema. O despacho secreto da Casa Branca foi guardado em local seguro, e sua secretária teve de sair mais cedo para pegar uma criança doente na escola. Em consequência, a mensagem manuscrita de Ryan levou um tempo absurdo para chegar às mãos do vice-diretor assistente.

— Notícias sobre a garota — disse Murray, entrando no escritório do diretor.

— O que aconteceu? — perguntou Shaw.

— Ela está morta — explicou Murray, passando-lhe o papel.

O diretor do FBI examinou-o rapidamente. — Que merda! Existe algum registro de que ela fosse viciada em drogas?

— Não que eu me lembre.

— O que Tóquio acha?

— Anda não tive tempo para falar com o legista. Isso aconteceu numa péssima hora, Bill.

Shaw concordou com a cabeça, e era muito fácil deduzir o que estava pensando. Os casos dos quais os agentes do FBI mais se orgulhavam eram os de sequestro. Na verdade, fora assim que o FBI conquistara sua fama na década de 1930. A Lei Lindbergh dera poderes ao FBI para ajudar a polícia local sempre que houvesse a possibilidade de a vítima ter sido conduzida para outro estado. Bastava essa possibilidade (raramente as vítimas eram transportadas para tão longe) para que os agentes do principal órgão americano de combate ao crime atacassem o caso como um bando de lobos famintos. O objetivo principal, que fora atingido na grande maioria das investigações, era sempre o mesmo: recuperar a vítima com vida. O objetivo secundário era prender, processar e condenar os responsáveis pelo crime, e nesse caso os resultados, estatisticamente falando, eram ainda melhores.

Eles ainda não sabiam se Kimberly Norton tinha sido vítima de um sequestro; sabiam apenas que voltaria morta para casa. Esse simples fato, para qualquer agente do FBI, equivalia a um fracasso profissional.

— O pai dela é da polícia.

— Eu sei, Dan.

— Acho melhor eu ir até lá conversar a respeito com O'Keefe.

Murray tinha três motivos para viajar. Em primeiro lugar, achava que a triste notícia deveria ser comunicada ao capitão Norton por um colega antes que ele ficasse sabendo do fato através da imprensa. Segundo, os agentes envolvidos no caso deviam-lhe uma satisfação. Terceiro, Murray queria dar uma olhada nos arquivos para se certificar de que tinham feito tudo que era possível fazer.

— Posso passar sem você por um ou dois dias — afirmou Shaw. — O caso Linders terá mesmo de esperar até que o presidente volte da viagem.

— Está bem, pode fazer as malas.

— Aqui é melhor do que no Concorde! — exclamou Cathy, quando o cabo da Força Aérea chegou com o jantar.

O marido teve vontade de rir. Fazia muito tempo que não via Caroline Ryan tão entusiasmada. Então, lembrou-se de que a esposa não estava acostumada como ele àquele tipo de serviço. Além disso, a comida era realmente muito melhor do que no refeitório dos médicos do Hopkins. Isso sem falar no fato de

que os pratos do hospital não eram decorados com ouro de verdade, uma das razões pelas quais os serviços de bordo do Força Aérea Um estavam sempre desfalcados.

— A madame deseja vinho? — perguntou Ryan, com a garrafa de chardonnay Russian River na mão, enquanto o cabo servia o casal.

— Não estamos acostumados a tomar vinho das refeições — explicou Cathy, pouco à vontade.

— Todo mundo se sente assim da primeira vez, Dra. Ryan — disse o cabo. — Se precisar de alguma coisa, é só tocar a campainha — acrescentou, dirigindo-se de volta para a cozinha.

— Está vendo, Cathy? Eu lhe disse que ia adorar.

— Sempre tive curiosidade de saber por que você não se importava de viajar tanto — comentou a esposa, provando o brócolos. — Hum... está fresquinho.

— O piloto também é ótimo — declarou Ryan, apontando para os copos de vinho, cujo conteúdo estava firme como uma rocha.

— O salário pode não ser grande coisa, mas adoro essas mordomias — observou Arnie Van Damm, do outro lado do compartimento.

— O peixe está uma delícia.

— Nosso cozinheiro roubou a receita do Jockey Club. O melhor peixe à francesa da cidade — explicou van Damm. — Acho que teve de oferecer em troca sua receita de sopa de batata. Foi um bom negócio.

— A crosta está no ponto exato, não está?

Um dos poucos restaurantes cinco estrelas de Washington, o Jockey Club ficava no porão do Ritz Carlton Hotel, na Massachusetts Avenue.

Discreto, pouco iluminado, era havia muitos anos o lugar onde os “poderosos” se encontravam.

A comida daqui é excelente, pensou Libby Holtzman, especialmente quando não era ela que estava pagando. A primeira hora do jantar fora gasta com trivialidades, a troca de informações e mexericos que era ainda mais importante em Washington do que nas outras cidades americanas. Agora, chegara a hora da verdade. O vinho fora servido, o garçom levara os pratos de salada, e o prato principal estava sobre a mesa.

— Então, Roy, o que você queria me contar?

— É sobre Ed Kealty — explicou Newton, olhando-a nos olhos.

— Não diga que a mulher finalmente resolveu deixar o canalha.

— Na verdade, é ele que provavelmente vai deixá-la.

— Quem é a infeliz? — perguntou a moça, com um sorriso sarcástico.

— Não é o que você está pensando, Libby. Ed simplesmente não estará disponível.

Newton gostava de fazer suspense. — Roy, são oito e meia, tá? — observou Libby, tornando bem clara sua posição.

— O FBI está investigando Kealty. A acusação é estupro. Mais de um. Uma das vítimas se matou.

— Lisa Beringer? Os motivos do suicídio da funcionária jamais tinham sido esclarecidos.

— Ela deixou uma carta. Está com o FBI. Várias outras mulheres prontificaram-se a testemunhar.

— Puxa vida! — exclamou Libby Holtzman. Pousou o garfo no prato. — Acha que ele vai ser condenado?

— O encarregado do caso é Dan Murray, o braço direito de Shaw.

— Conheço Dan. Sei que vai se recusar a discutir o caso. — Era difícil convencer um agente do FBI a falar sobre um caso em andamento. Em geral, este tipo de informação era conseguido através de um advogado ou de um funcionário do foro. — Ele não só faz as coisas de acordo como o regulamento, mas escreveu o regulamento.

Era a mais pura verdade. Murray ajudara a redigir muitas normas internas do FBI.

— Desta vez, pode ser diferente.

— Por quê, Roy?

— Porque Durling está segurando o processo. Ele precisa de Kealty para fortalecer sua posição no Congresso. Já reparou que Eddie tem frequentado a Casa Branca com muita assiduidade, ultimamente? Durling alertou-o para que possa preparar sua defesa. Pelo menos, foi isso que me contaram — acrescentou Newton, para proteger-se. — Parece um pouco irregular, não é mesmo? Obstrução da justiça? É esse o termo jurídico, Libby. Tecnicamente falando, acho esse tipo de procedimento não pode ser considerado correto.

Agora o anzol tinha sido lançado, e a minhoca estava se agitando na água.

— Não acha que ele pode estar esperando apenas até que a lei do comércio seja aprovada? O peixe tinha visto a isca, mas ficara preocupado com um objeto brilhante atrás da minhoca...

— O caso é anterior à lei do comércio, Libby. Pelo que me consta, faz tempo que é mantido em banho-maria. Mas pode ser uma boa desculpa, não é mesmo? Por outro lado, a minhoca era gorda e suculenta.

— Para quem acha que a política tem precedência sobre um caso de agressão sexual. Acha que ele vai ser condenado? Se chegar a ser julgado, é praticamente certo que Ed Kealty vai passar alguns anos em uma penitenciária

federal.

— É mesmo? Hum... a minhoca parecia cada vez mais apetitosa.

— Como você mesma disse, Murray é um tira honesto.

— Quem é o promotor? — Anne Cooper. Está trabalhando no caso há várias semanas.

— Uma das minhocas mais bonitas de todos os tempos. Pensando melhor, o objeto brilhante atrás da minhoca devia ser inofensivo...

Newton tirou um envelope do bolso e colocou-o sobre a mesa.

— Aqui estão todos os nomes, números e detalhes. Mas não mencione meu nome, certo? A minhoca parecia dançar na água; não dava mais para ver que o que estava se mexendo era o anzol.

— E se eu não conseguir confirmar as suas alegações?

— Nesse caso, minhas fontes me enganaram, fica o dito por não dito, e espero que tenha gostado do jantar. Naturalmente, a minhoca podia fugir na última hora.

— Por quê, Roy? Por que você? Por que está me contando? Como a minhoca foi parar ali?

— Nunca fui com a cara dele. Batemos de frente em duas leis sobre irrigação, e ele sabotou um projeto militar no meu estado. Mas quer saber o motivo real? Tenho duas filhas, Libby. Uma está no último ano da Universidade da Pensilvânia e a outra é caloura na Escola de Direito da Universidade de Chicago. As duas querem seguir as pegadas do pai, e detestaria ver minhas filhas circulando no Congresso com canalhas como Ed Kealty por perto.

Afinal, que diferença fazia como a minhoca tinha ido parar ali? Libby Holtzman pegou o envelope, que guardou na bolsa sem abrir. Era interessante como eles só viam o anzol quando era tarde demais. Se é que chegavam a vê-lo. O garçom ficou desapontado quando os dois desistiram da sobremesa e pediram apenas um café expresso e a conta.

— Alô.

— Barbara Linders? — perguntou uma voz feminina.

— Ela mesma. Quem está falando?

— Libby Holtzman, do Post. Somos quase vizinhas. Posso passar aí para a gente conversar?

— Sobre o quê?

— Sobre Ed Kealty e por que desistiram de acusá-lo.

— Eles fizeram o quê?.

— Pelo menos, é o que estão dizendo.

— Espere aí. Fui prevenida contra esse tipo de coisa — disse Linders, desconfiada, sem perceber que estava se denunciando.

— Eles sempre previnem as testemunhas contra as pessoas erradas. Não se lembra da reportagem que escrevi no ano passado sobre o deputado Grant e as coisas que fazia no seu escritório? Não fui eu que denunciei aquele subsecretário do Interior? Não gosto de que gente assim fique impune, Barbara — disse a voz, falando de mulher para mulher.

Era verdade. Libby Holtzman quase ganhara um prêmio Pulitzer por sua campanha contra abusos sexuais na política.

— Como vou saber se é realmente você?

— Você já me viu na TV, certo? Convide-me para visitá-la e poderá constatar pessoalmente. Posso estar aí em cinco minutos.

— Vou ligar para o Sr. Murray.

— Pode ligar. Só quero que me prometa uma coisa.

— O quê? Se ele confirmar que resolveram não acusar Kealty por enquanto, você concorda em conversar comigo. — A voz fez uma pausa. — Pensando melhor, que tal eu visitá-la de qualquer maneira? Se Dan não confirmar o que eu disse, podemos simplesmente tomar uma xícara de café juntas. Concorda?

— Está bem... acho que assim está bem. Agora tenho de ligar para o Sr. Murray.

Bárbara Linders desligou e digitou um número que sabia de cor.

— Alô. Aqui é Dan...

— Sr. Murray! — exclamou Barbara, em tom aflito.

... e aqui é Liz — disse outra voz, no que obviamente era uma gravação.

— No momento não podemos atender... — disseram juntas as duas vozes.

— Onde você está quando preciso de você? — perguntou a moça à secretária eletrônica, desligando, irritada, antes que uma das vozes lhe pedisse para deixar o recado. Seria possível? Seria verdade? Estou em Washington, pensou. Aqui, tudo é possível.

Bárbara Linders olhou em volta. Fazia onze anos que morava em Washington. O que conseguira? Um apartamento de quarto e sala com gravuras na parede. Uma mobília bonita, que usava sozinha. Memórias que ameaçavam sua sanidade mental. Sentia-se tão solitária, tão sozinha com elas, e tinha de libertá-las, desfazer-se delas para se vingar do homem que arruinara sua vida. E agora até isso lhe seria negado? Seria possível? O mais assustador era que Lisa pensara da mesma forma. Sabia disso por causa da carta que encontrara, da qual ainda guardava uma fotocópia na caixa de joias. Guardava a carta tanto como uma lembrança da amiga como para se lembrar de que seria um erro entregar-se ao mesmo tipo de desespero. A leitura daquela carta, havia alguns meses, a convencera a se abrir com a ginecologista, que por sua vez a encaminhara a

Clarice Golden, dando início ao processo que a levara... até onde? Nesse momento, a campainha tocou, e Barbara foi abrir a porta.

— Olá! Está me reconhecendo? A pergunta foi acompanhada por um sorriso simpático. Libby Holtzman era uma mulher alta, de cabelos pretos, rosto pálido e olhos castanhos.

— Entre, por favor — disse Barbara, recuando para deixá-la passar.

— Ligou para Dan? Ele não estava em casa... ou talvez simplesmente tenha deixado a secretária eletrônica ligada — refletiu Barbara. — Você o conhece?

— Conheço, sim. Somos amigos — respondeu Libby, dirigindo-se para o sofá.

— Posso confiar nele? Quero dizer, confiar nele de verdade?

— Se fosse você, eu confiaria. Dan é um bom homem. Estou falando sério.

— Mas depende dos outros, não é?

— Infelizmente — concordou Libby, sacudindo a cabeça. — Este caso é muito grande, envolve muita política. Outra característica de Dan é que ele é uma pessoa muito leal. Faz o que lhe mandam fazer. Posso me sentar, Barbara? — Por favor.

Ambas se sentaram no sofá.

— Sabe qual é o dever da imprensa? Manter os olhos abertos. Gosto de Dan. Tenho admiração por ele. E um homem bom, um homem honesto. Aposto que desde o início se portou como se fosse seu irmão mais velho...

— Exatamente — confirmou Barbara. — Tem sido meu melhor amigo desde que isso começou.

— Está sendo sincero. Conheço a mulher dele, também. O nome dela é Liz. O problema é que nem todo mundo é como Dan, e é aí que nós entramos.

— Como assim?

— Quando alguém diz a um sujeito como Dan o que fazer, ele obedece. Faz isso porque respeita as regras do jogo. Mas sabe de uma coisa? Detesta o que está fazendo, tanto quanto nós. Meu trabalho, Barbara, é ajudar pessoas como Dan, porque posso impedir que os canalhas levem vantagem sobre eles.

— Não posso... simplesmente não posso...

Libby interrompeu-a com um gesto.

— Não vou lhe pedir para me contar nada oficialmente, Barbara. Isso poderia prejudicar o caso. Sabe que desejo tanto quanto você que este processo seja conduzido como manda o figurino. Por outro lado, não gostaria de conversar comigo extraoficialmente? — Sim! Quer dizer... acho que sim.

— Importa-se se eu gravar a conversa? — perguntou a repórter, tirando da bolsa um pequeno gravador.

— Quem vai ouvir a gravação? — A única pessoa além de nós duas será

meu chefe. Preciso convencê-lo de que não inventei nada. Afora isso, é como se estivesse falando com um padre ou um médico. São essas as regras da nossa profissão.

Na teoria, Barbara sabia disso, mas na prática a ética do jornalismo não lhe parecia tão confiável assim. Libby Holtzman parecia ver isso nos seus olhos.

— Se preferir, posso simplesmente ir embora, ou podemos conversar sem o gravador, mas detesto tomar notas — afirmou, com um sorriso inocente. Se quiser pensar um pouco, tudo bem. Não quero que se sinta pressionada. Sei como deve estar se sentindo.

— E isso que Dan costuma me dizer, mas ele não sabei Não pode saber! Libby Holtzman olhou para a moça. Imaginou se Dan Murray tinha visto naqueles olhos o mesmo sofrimento que estava vendo agora. Provavelmente, pensou. Talvez de uma forma um pouco diferente, porque era homem, para Dan era um bom profissional e devia estar tão preocupado quanto ela com a forma como aquele caso estava sendo conduzido.

— Barbara, se quiser conversar sobre... sobre outros assuntos, não me importo nem um pouco. Às vezes precisamos de uma amiga para desabafar. Não preciso ser uma repórter o tempo todo.

— Sabe o que aconteceu com Lisa? Sua morte jamais foi explicada, não é mesmo? Éramos muito amigas. Quando ele fez aquilo...

— Tem certeza de que Kealty se envolveu com ela?

— Fui eu que encontrei a carta, Libby.

— Quer me contar o que havia na carta? — pediu Libby, não conseguindo mais controlar seu instinto jornalístico.

— Posso fazer mais do que isso.

Barbara levantou-se e foi até o quarto. Voltou com as fotocópias e entregou-as à repórter.

Libby levou apenas dois minutos para ler a carta duas vezes. Data, lugar, método. Uma mensagem de além-túmulo, pensou. O que podia ser mais perigoso do que tinta no papel?

— Pelo que está escrito aqui e pelo que você sabe, Barbara, ele poderia ir para a cadeia.

— Foi o que Dan me disse. Disse isso com um sorriso. É exatamente o que ele quer.

— É também o que você quer? — perguntou Libby.

— É! Nesse caso, deixe-me ajudá-la.

O PRIMEIRO GOLPE

O nome mais usado para isso é milagre das comunicações, porque nada que seja moderno deve ser chamado de praga. Entretanto, as pessoas que recebem as informações nem sempre ficam satisfeitas.

Tinha sido um voo tranquilo, mesmo pelos padrões do Força Aérea Um, no qual muitos passageiros, especialmente os funcionários mais jovens e mais tolos da Casa Branca, tinham se recusado a afivelar os cintos, para mostrar...

para mostrar alguma coisa, pensou Ryan. A tripulação era de primeira, ele sabia, mas isso não evitara um acidente quando estavam se aproximando de Andrews; um raio arrancara o nariz da aeronave com o secretário de Defesa e a esposa a bordo, deixando todos muito constrangidos. Por isso, ele agora mantinha o cinto afivelado o tempo todo, embora mais frouxo do que no pouso e na decolagem. Era o que a própria tripulação costumava fazer.

— Dr. Ryan? — sussurrou alguém, sacudindo-o pelos ombros.

— O que foi, sargento? O Sr. van Damm quer falar com o senhor lá em cima.

Jack fez que sim com a cabeça e colocou o encosto na posição vertical.

O sargento entregou-lhe uma caneca de café. O relógio dizia que eram nove da manhã, mas não dizia onde eram nove da manhã, e Ryan não conseguiu se lembrar para que fuso horário acertara o relógio. Não fazia diferença; ainda tinham muitos fusos horários para cruzar.

O convés superior do VC-25B era muito diferente do inferior. Em vez de móveis de luxo, o espaço estava tomado por equipamentos eletrônicos no estilo militar, com barras cromadas para facilitar o transporte. Um grupo de especialistas em comunicações trabalhava ativamente, utilizando todos os tipos de informação imagináveis: rádio digital, TV, fax, até mesmo transmissões em código. Arnie van Damm estava ali, no meio da confusão, e passou-lhe um pedaço de papel. Era uma cópia da primeira página da última edição do Washington Post, que estava chegando às bancas naquele momento, a 6.500 quilômetros e seis horas de distância.

VICE-PRESIDENTE IMPLICADO EM SUICÍDIO, dizia a manchete de quatro colunas.

CINCO MULHERES ACUSAM EDWARD KEALTY DE ABUSO SEXUAL

Foi por isso que vocês me acordaram? — perguntou Ryan. Afinal, não era sua área de responsabilidade.

— Seu nome é mencionado na reportagem — informou Arnie.

— O quê? — Jack começou a ler o artigo. — “O conselheiro de Segurança Nacional Ryan é uma das pessoas que foram informadas a respeito”

— Certo, isso é verdade, não é?

— Continue a ler.

“Há quatro semanas, a Casa Branca impediu o FBI de apresentar o caso à Comissão de Justiça da Câmara de Deputados.”

— Isso não é verdade.

— É uma bela combinação de verdades e mentiras, não é? — comentou o chefe de gabinete, que parecia ainda mais irritado do que Ryan.

— Quem foi que deu com a língua nos dentes? Não sei, mas quem escreveu a reportagem foi Libby Holtzman, e o marido dela está dormindo lá embaixo. Ele gosta de você. Vá falar com ele.

— Espere aí. Essa acusação é ridícula, Arnie. O presidente não fez nada de errado.

— Seus inimigos políticos podem chamar o adiamento do processo de obstrução da justiça.

— Absurdo — protestou Jack, sacudindo a cabeça. — Não podem acusá-lo de nada concreto.

— Não precisam, droga! Estamos falando de política, e não de fatos, e as eleições vêm aí! Vá falar com Bob Holtzman. Agora — ordenou van Damm.

— O chefe já sabe? — perguntou Jack, dobrando a folha de papel.

— Vamos esperar que ele acorde. Peça a Tish para vir aqui, está bem?

— Certo. — Ryan desceu para o convés inferior, sacudiu Tish Brown até acordá-la, apontou para cima e foi falar com um comissário... membro da tripulação, corrigiu-se. — Quer pedir a Bob Holtzman que venha até aqui? Do lado de fora do avião já era dia claro. Será que eram nove horas no lugar para onde estavam indo? Sim, pretendiam chegar a Moscou às duas da tarde, hora local. O cozinheiro-chefe estava sentado na cozinha, lendo um exemplar do Time, quando Ryan entrou para tomar café.

— Não conseguiu dormir, Dr. Ryan?

— Perdi o sono. O dever me chama.

— Estou esquentando uns pãezinhos. Que tal?

— Boa ideia.

— O que foi? — perguntou Bob Holtzman, enfiando a cabeça para dentro da cozinha.

Como todos os homens a bordo, estava com a barba por fazer. Jack passou-lhe a folha de papel.

— O que acha? Holtzman leu rapidamente a notícia.

— Minha nossa! É verdade?

— Há quanto tempo Libby está trabalhando nesta reportagem?

— É novidade para mim... oh, que merda, sinto muito, Jack.

Ryan fez que sim com a cabeça, aparentando mais descontração do que sentia.

— Eu também acabei de acordar.

— É verdade ou não é?

— Isto ficará entre nós?

— Concordo.

— O FBI vem investigando o caso há algum tempo. As datas citadas por Libby parecem corretas. Fui informado a respeito mais ou menos na época em que a lei do comércio estava sendo discutida, por causa da situação de Kealty em termos de segurança nacional: o que ele podia saber, o que não podia, entende? Entendo. E como está o caso? O presidente da Comissão de Justiça já sabe. Al Trent e Sam Fellows, da Inteligência, também. Ninguém está pensando em ocultar nada, Bob. Pelo que sei, o presidente agiu corretamente o tempo todo. Kealty será acusado formalmente, e depois do processo de impeachment, se as coisas chegarem a esse ponto...

— Elas têm de chegar — interrompeu Holtzman.

— Duvido muito. — Ryan sacudiu a cabeça. — Se tiver um pingo de juízo na cabeça, arranjará um bom advogado e conseguirá algum tipo de acordo, como fez Agnew. Ele sabe que se for submetido a um processo de impeachment e condenado, será crucificado pela justiça comum.

— Faz sentido — concordou Holtzman. — Então você está me dizendo que as acusações da reportagem são falsas.

— Isso mesmo. Se está ocorrendo algum tipo de obstrução, é sem meu conhecimento, e estou acompanhando o caso.

— Já falou com Kealty?

— Não. No que diz respeito a assuntos de segurança nacional, falo com um dos seus assessores e ele fala com o chefe. Não me sentiria muito bem conversando com ele sobre este assunto, entende? Tenho duas filhas.

— Então está a par dos detalhes?

— Não, não é bem assim. Não me contaram muita coisa, mas, por outro lado, conheço Murray muito bem. Se Dan diz que as provas são irrefutáveis, acredito nele. — Ryan bebeu o último gole de café e pegou um pãozinho. — O presidente não está obstruindo a justiça. Só pediu que o processo fosse adiado por alguns dias, por razões políticas. Isso é tudo.

— Isso também é irregular, você sabe — observou Holtzman, tomando a defesa da mulher.

— O que é isso, Bob! Os promotores também colocam os casos em ordem de prioridade, não é mesmo? Tudo se resume a isso: prioridades.

Holtzman olhou para Jack e fez que sim com a cabeça.

— Vou passar essa informação adiante.

Já era tarde demais para apagar o incêndio. A maioria dos políticos influentes de Washington acorda cedo. Eles tomam café, leem os jornais com muita atenção, dão uma olhada no fax para ver se chegou alguma coisa importante, recebem telefonemas e, mais recentemente, ligam o computador para consultar o correio eletrônico, tudo isso em um esforço para sair de casa com uma boa ideia do que os espera naquele dia. Muitos políticos encontraram nos fax uma cópia da reportagem de Liz Holtzman, publicada na véspera, acompanhada por uma breve introdução explicando que se tratava de um assunto de grande interesse. Diferentes palavras de código eram usadas, dependendo da empresa de relações públicas responsável pela mensagem, mas o sentido era o mesmo. Os políticos em questão tinham sido pressionados para calar sua oposição à LRC; ali estava a oportunidade para se vingarem. Poucos deixariam passar essa oportunidade em branco.

Os comentários eram quase sempre extraoficiais. “Esta é uma acusação muito séria”, observavam, por exemplo, ou “o presidente não devia ter se envolvido em um processo criminal”. Quem ligou para William Shaw, o diretor do FBI, recebeu a resposta “sem comentários”, em geral acompanhada pela explicação de que o FBI tinha como princípio não fazer nenhum comentário a respeito dos casos que estava investigando para evitar processos legais e preservar a intimidade dos envolvidos. O público raramente tomava conhecimento dessa explicação; assim, “sem comentários” adquiria um significado especial.

Quando o acusado acordou em sua casa, situada no terreno do Observatório Naval, na Massachusetts Avenue, North West, os assessores já estavam de pé, à sua espera.

— Que merda! — exclamou Ed Kealty. Não havia mais nada a dizer. Seria inútil negar. Todos conheciam sua personalidade. Era um homem amoroso, racionalizavam todos, um traço relativamente comum entre os políticos, mas em geral se comportava com discrição.

“Lisa Beringer , murmurou o vice-presidente, lendo a reportagem. Não podem deixar a pobre moça repousar em paz? Lembrou-se do choque que sentira com a notícia, da forma como a jovem morrera, soltando o cinto de segurança e chocando-se contra a pilastra de uma ponte a 150 quilômetros por hora, dos comentários do legista sobre a ineficácia do método escolhido. Levara alguns minutos para morrer; ainda estava viva, gemendo, quando os paramédicos

chegaram. Uma moça tão doce, tão boazinha. Pena que tivesse entendido a situação de forma errônea.

Esperara dele o que não podia dar. Talvez se considerasse diferente das outras. Na verdade, pensou Kealty, a maioria das mulheres era assim.

— Ele vai jogá-lo às feras — observou o principal assessor de Kealty.

O mais importante de tudo aquilo, afinal, era a vulnerabilidade política do chefe.

— Claro que vai. — Aquele filho de uma puta, pensou o vice-presidente. Depois de tudo que fiz por ele. — Muito bem... alguma ideia?

— É evidente que vamos negar tudo, com a maior indignação — começou o chefe de gabinete, passando-lhe uma folha de papel. — Preparei um comunicado à imprensa, para começar, e marquei uma entrevista coletiva. — Já ligara para meia dúzia de mulheres que tinham trabalhado ou estavam trabalhando para Kealty e que se mostravam dispostas a depor a seu favor. Todas elas tinham dormido com o vice-presidente e se lembravam da experiência com um sorriso. Grandes homens também tinham suas fraquezas. No caso de Edward Kealty, essas fraquezas eram mais do que compensadas por sua dedicação às coisas que realmente importavam.

Kealty leu rapidamente. A única defesa contra uma acusação totalmente falsa é a verdade... não existe absolutamente nenhum fundamento nessas acusações... minha vida pública é bem conhecida... sempre apoiei os direitos das mulheres e das minorias... peço (o chefe de gabinete tinha achado a palavra ”exijo” forte demais) que as alegadas acusações sejam imediatamente formuladas, para que eu tenha oportunidade de me defender... não é coincidência que as eleições sejam no ano que vem... lastimo profundamente qualquer transtorno que essas falsas acusações possam causar ao nosso grande presidente, Roger Durling...

— Ligue imediatamente para aquele filho da puta! — É melhor ir com calma. O senhor “espera contar com o apoio irrestrito do presidente”, lembra-se? — Ah, é isso mesmo, não é? Aquela parte da declaração seria uma advertência, pensou Kealty. Ou Durling o apoiava ou não conseguia nem ser o candidato do partido nas próximas eleições.

O que mais aconteceria naquele ano? Embora não houvesse tempo para a reportagem ser comentada pelos jornais matutinos, incluindo o USA Today, ela ocupara um lugar de destaque nos noticiários do rádio e TV.

Para boa parte da comunidade de investimentos, isso queria dizer a ”Edição da Manhã” da National Public Radio, um noticiário que as pessoas escutavam no rádio do carro a caminho do trabalho. “Uma reportagem publicada esta manhã no Washington Post...” A notícia foi apresentada no início dos dois segmentos de

uma hora do programa, com um preâmbulo para atrair a atenção dos ouvintes, e embora os mexericos políticos fossem tão comuns quanto as previsões de tempo, palavras como “estupro” e “suicídio” convenceram a todos de que se tratava de algo muito sério.

“Que merda!”, exclamaram mil vozes ao mesmo tempo, em mil automóveis de luxo. O que mais vai acontecer? A instabilidade do mercado ainda não terminara, e uma notícia como aquela certamente provocaria o tipo de pressão para baixo que não fazia o menor sentido em termos econômicos mas era tão real, que todos a consideravam inevitável; por isso, tratavam de vender enquanto era tempo; por isso, a bolsa caía, no que os engenheiros eletrônicos chamavam de realimentação positiva. A queda do mercado era certa. Caíra em onze dos últimos quatorze dias, e embora houvesse dezenas de ações cotadas abaixo do preço, por qualquer medida razoável, o público mandaria vender, e os fundos de investimentos, forçados a acompanhar o público, venderiam também, acrescentando o impulso institucional a uma situação totalmente artificial. O sistema era chamado de democracia, mas se isso era verdade, então uma boiada pronta para estourar a qualquer momento também era uma democracia.

— Muito bem, Arnie. — O presidente não se deu ao trabalho de perguntar quem dera com a língua nos dentes. Tinha experiência suficiente no ramo para saber que isso não era importante. — O que vamos fazer? — Conversei com Bob Holtzman — explicou Ryan, estimulado por um olhar do chefe de gabinete.

— E daí? — Acho que acreditou em mim. Afinal, eu estava dizendo a verdade, não estava? Era uma pergunta de verdade, e não uma simples figura de expressão.

— Sim, você estava, Jack. Ed terá de segurar a barra sozinho. — O alívio de Ryan foi tão óbvio, que o chefe do Executivo se sentiu ofendido. — Por quê? Estava desconfiando de mim? — Claro que não — respondeu Ryan, sem pestanejar.

— Quem sabe? A bordo? — perguntou van Damm. — Bob deve ter contado para algumas pessoas.

— Vamos cuidar disso agora mesmo, Tish — disse Durling para a diretora de comunicações. — Precisamos preparar uma declaração pública.

— A Comissão de Justiça está a par do assunto; não há necessidade de nos entendermos com eles.

— Como vamos explicar o atraso? — quis saber Tish Brown.

— Decidimos, de comum acordo com a liderança no Congresso, que o assunto merecia... merecia o quê? — O presidente olhou para o teto. — Merecia atenção exclusiva...

— Era suficientemente sério... não, era suficientemente importante para

merecer a atenção exclusiva do Congresso, depois que outras questões pendentes fossem resolvidas? — propôs Ryan. Nada mau, pensou.

— Ainda vou fazer de você um político — afirmou Durling, com um sorriso relutante.

— Não deve fazer nenhuma declaração direta a respeito do caso — disse van Damm ao presidente, dando ao conselho o tom de uma ordem.

— Eu sei, eu sei. Não posso me pronunciar a respeito porque não devo interferir no processo contra Kealty, a não ser para lembrar que todo cidadão é inocente até prova em contrário. Tish, comece a escrever. Vou transmitir a mensagem antes de chegarmos a Moscou e então poderemos continuar nossa missão. Mais alguma coisa? — perguntou Durling.

— O secretário Hanson comunicou que está tudo correndo conforme o previsto. Nenhuma novidade — informou Ryan, chegando finalmente a sua esfera de competência. — O secretário Fiedler está com o acordo de apoio financeiro pronto para ser assinado. Sob esse aspecto, presidente, será uma viagem muito produtiva.

Fico satisfeito de ouvir isso — observou o presidente, secamente. — Certo, vou lavar o rosto.

Força Aérea Um ou não, viajar por tanto tempo com outras pessoas em um espaço tão limitado não era nada confortável. A privacidade do presidente não era muito grande, mesmo em circunstâncias normais, mas na Casa Branca pelo menos havia paredes para separá-lo dos demais. Ali, não. Um sargento da Força Aérea foi correndo buscar o aparelho de barba.

O homem já passara duas horas engraxando os sapatos presidenciais e seria uma indelicadeza dispensar seus serviços. As pessoas eram tão ansiosas para mostrar sua lealdade! A não ser as que realmente faziam diferença, pensou Durling, entrando no minúsculo banheiro.

— Pegamos mais alguns deles.

Sanchez saiu do banheiro ao lado do CIC para ver os colegas reunidos em torno do monitor. Havia agora três grupos de losangos indicando os navios inimigos. Além disso, o Charlotte estava rastreando um objeto em forma de “V” que indicava um submarino inimigo, e o Asheville fazia o mesmo com outro submarino. O melhor de tudo, porém, era que os aviões S-3 Viking, trezentos quilômetros à frente do grupo de combate, tinham localizado o que parecia ser uma formação de patrulha composta por outros submarinos. Dois tinham sido pegos recarregando as baterias, um no sonar e outro por boias sônicas; usando uma linha definida por essas duas posições, mais dois tinham sido encontrados. Agora dispunham até mesmo de um intervalo previsível entre os submarinos

para os aviões se concentrarem.

— Ao pôr do sol, amanhã? — perguntou o comandante do grupo.

— Eles gostam do sol nascente, não gostam? Pois vamos pegá-los na hora do jantar.

— Por mim, está ótimo — disse Sanchez, pegando o telefone para avisar ao oficial de operações.

— Está demorando demais — murmurou Jones.

— Lembro-me do tempo em que você era mais paciente — disse Wally Chambers ao civil.

— Naquela época, eu era jovem e idealista. — E fumava, também, pensou.

Todos esses fatores ajudavam a combater a monotonia. Entretanto, era proibido fumar na maioria dos submarinos. Era surpreendente que as tripulações não se amotinassem. A que ponto chegara a Marinha! — Sabe o que eu lhe disse a respeito do meu software! Está insinuando que até você pode ser substituído por um computador? O empreiteiro virou a cabeça.

— Sabe, Sr. Chambers, as pessoas mais velhas devem diminuir o consumo de café.

— Vocês dois vão começar de novo? — perguntou o almirante Mancuso, juntando-se a eles depois de fazer a barba no banheiro ao lado.

— Acho que Jones pretendia tomar banho na praia Banzai, no Havaí, hoje à tarde — brincou Chambers, tomando um gole do seu café sem cafeína.

— Está farto deste exercício.

— Eles são mesmo muito demorados — confirmou o SubPac.

— Vocês vão recomendar o meu produto, não vão? — perguntou Jones.

— Eu não devia revelar isso antes da hora, mas vamos, sim.

Uma das razões era que Jones pedira 20% a menos que a IBM pelo contrato.

— Acabo de contratar dois caras do Woods Hole. Aposto que isso jamais ocorreu aos executivos da IBM.

— Explique melhor.

— Agora que é possível detectar a conversa das baleias, estamos interessados em decifrá-la. O Greenpeace vai adorar. A missão submarina da próxima década: tornar os mares mais seguros para os mamíferos aquáticos. Podemos também rastrear esses japoneses filhos da mãe que não têm o menor escrúpulo em caçá-los.

— Fala sério? — perguntou Chambers.

— Não estão precisando de fundos? Tenho uma ideia de como poderão consegui-los.

— Como, Jones? — perguntou Mancuso.

— Os caras do Woods Hole já identificaram as mensagens de alerta de três espécies de baleia: jubarte, rorqual e sei. Fizeram isso captando os sons com hidrofones quando os animais estavam sendo caçados por baleeiros. Posso programar um alto-falante para emitir os mesmos sons; estão na faixa de frequências dos nossos aparelhos de sonar. Assim, tudo que temos a fazer é mandar os submarinos acompanharem os baleeiros e transmitirem o sinal de alerta. Sabem o que vai acontecer? Os desgraçados não vão conseguir caçar uma única baleia! Nenhuma baleia em seu juízo perfeito chegaria a menos de trinta quilômetros do lugar onde uma colega está sendo assassinada. A solidariedade na comunidade dos cetáceos não chega a este ponto.

— Agora você virou ecologista? — perguntou Chambers. Depois de pensar um pouco, porém, fez que sim com a cabeça.

— Tudo que aquele pessoal tem de dizer aos amigos no Congresso é que estamos fazendo um bom trabalho científico, entendem? Não que eles nos adoram, nem que aprovam nossos motores nucleares, apenas que estamos fazendo um bom trabalho. O que estou oferecendo a vocês é uma missão para os próximos dez anos. — Jones estava também garantindo trabalho para sua empresa para os próximos dez anos, mas isso não vinha ao caso. Mancuso e a comunidade que lidava com submarinos precisavam do trabalho. — Além do mais, eu adorava ouvir a conversa das baleias quando estava a bordo do Dallas.

— Mensagem do Asheville — informou da porta um especialista em comunicações. — Eles localizaram o alvo.

Isso é ótimo — observou Jones, olhando para o monitor. — Entretanto, ainda somos o menino mais forte das vizinhanças.

O Força Aérea Um pousou no Aeroporto Sheremetyevo, suavemente, como sempre, um minuto antes da hora prevista. Houve um suspiro coletivo quando os reversores de empuxo entraram em ação, freando rapidamente a aeronave. Logo se ouviu o ruído dos cintos de segurança sendo desafivelados.

— O que o fez acordar tão cedo? — perguntou Cathy ao marido.

— Problemas políticos. Acho que já posso contar a você.

Ryan começou a explicar, mas lembrou-se de que ainda estava com o fax no bolso. Entregou-o à mulher, fazendo a ressalva de que nem tudo era verdade.

— Sempre achei que ele era um sujeito nojento — comentou Cathy, devolvendo o papel.

— Então não se lembra do tempo em que o chamavam de Consciência do Congresso? — perguntou Jack.

— Talvez ele fosse, mas nunca achei que tivesse uma.

— Só lhe peço para não...

— Se alguém me perguntar, sou uma médica que veio se encontrar com colegas russos e fazer um pouco de turismo.

O que não deixava de ser verdade. Os aspectos oficiais da viagem tomariam boa parte do tempo de Ryan, que estava ali como conselheiro do presidente. Por outro lado, não seria muito diferente do que acontecia com a maioria dos casais de férias. Os dois tinham gostos parecidos, mas não exatamente iguais. Por exemplo: Cathy sabia que o marido detestava qualquer tipo de compras. Era uma característica estranha dos homens em geral e do seu marido em particular.

A aeronave taxiou na pista, e as coisas começaram a acontecer. O presidente e Sra. Durling saíram do compartimento, prontos para se apresentar como corporificação dos Estados Unidos. Os outros continuaram sentados para deixá-los passar, intimidados pela presença de seguranças do Serviço Secreto e da Força Aérea.

— Que trabalho desgraçado — murmurou Ryan, vendo o presidente estampar um sorriso no rosto e sabendo que estava fingindo, pelo menos em parte.

Tinha muitas coisas para fazer e ao mesmo tempo precisava dar a impressão de que cada uma delas era única. Enquanto estava se dedicando a uma tarefa, devia fingir que as outras não existiam. Talvez Cathy fosse assim com seus pacientes. Não era uma ideia interessante? Quando a porta foi aberta, ouviram uma banda de música, que tocava um exórdio.

— Acho que já podemos nos levantar.

O protocolo já estava estabelecido. Os passageiros acotovelaram-se nas janelas para ver o presidente descer a escada e apertar as mãos do novo presidente russo e do embaixador dos Estados Unidos na Rússia. Em seguida, o restante da comitiva desceu pela escada principal, enquanto os repórteres usavam a saída traseira.

Ryan recordou-se da última viagem que fizera a Moscou. O aeroporto podia ser o mesmo, mas a hora do dia, o tempo, até mesmo a atmosfera não podiam ser mais diferentes. Bastou um rosto para deixar isso evidente, o de Sergey Nikolayevich Golovko, chefe do Serviço de Inteligência Externa da Rússia, na segunda fila de autoridades locais. Nos velhos tempos, nem compareceria à cerimônia. Agora, seus olhos azuis estavam concentrados em Ryan e brilharam de contentamento quando Jack desceu a escada com a esposa.

Os primeiros sinais foram um pouco tímidos, como era de esperar quando fatores políticos interferiam em forças econômicas. Os sindicatos estavam experimentando seu novo poder, agindo com prudência pela primeira vez em muitos anos. Apenas no setor de automóveis e autopeças era possível que milhares de novos empregos fossem criados a curto prazo. A matemática era

simples: quase noventa bilhões de dólares de produtos importados no último ano agora teriam de ser produzidos internamente. Depois de conferenciar com os empresários, os sindicatos chegaram à conclusão de que faltava apenas a garantia do governo de que a LRC não seria um tigre de papel, uma lei prestes a ser revogada em nome da amizade internacional. Para obter essa garantia, porém, precisavam contar com o apoio do Congresso. Assim, iniciaram imediatamente um trabalho para convencer os deputados e senadores, facilitado pelo fato de que o ano eleitoral estava próximo. O Congresso não podia dar com uma das mãos e tirar com a outra. Promessas foram arrancadas, acordos foram fechados, e parecia que, daquela vez, os dois partidos estariam do mesmo lado. A imprensa já estava comentando que os resultados pareciam extremamente positivos.

Não se tratava apenas de uma questão de contratar operários; teria de haver um grande aumento da produção. Seria preciso remodelar fábricas antigas, reativar fábricas ociosas. Assim, houve muitas encomendas de máquinas e materiais. Esse aumento súbito da demanda foi recebido com surpresa, o que mostrou que até mesmo os especialistas não tinham percebido que a nova lei representava uma verdadeira revolução.

Entretanto, o pico nas estatísticas era inconfundível. O Federal Reserve recorria a vários indicadores para avaliar o estado da economia americana, entre eles a demanda de produtos como o aço e máquinas-ferramentas.

Durante o período em que a LRC tramitara no Congresso, o aumento tinha sido tão grande, que o gráfico saíra da escala. Ao mesmo tempo, ocorrera um salto nos empréstimos de curto prazo, especialmente as indústrias de autopeças, que precisavam financiar as aquisições de componentes e matérias-primas. O aumento da demanda era inflacionário, e a inflação era uma preocupação antiga do Federal Reserve. Com o aumento do número de empréstimos, o dinheiro ficaria escasso, e isso tinha de ser evitado a todo custo. Os diretores resolveram que em vez do aumento de um quarto de ponto percentual na taxa de juros, já decidido e que já fora vazado para a imprensa, o aumento seria de meio ponto, a ser anunciado no dia seguinte, no fechamento dos negócios.

O comandante Ugaki estava na sala de controle do submarino, fumando como sempre um cigarro atrás do outro e bebendo grandes quantidades de chá, o que resultava em visitas frequentes ao banheiro, para não falar de acessos de tosse, que eram exacerbados pelo ar desumidificado, mantido mais seco do que o normal para proteger os delicados equipamentos eletrônicos a bordo. Sabia que eles estavam lá fora, pelo menos um e provavelmente dois submarinos americanos (o Charlotte e o Asheville, de acordo com os relatórios que

recebera), mas não eram os submarinos que o preocupavam e sim as tripulações. A força americana de submarinos fora reduzida drasticamente de tamanho, mas não de qualidade. Havia várias horas que deveria ter detectado o adversário na Operação PARCEIROS NO MAR Talvez, pensou Ugaki, ainda não tivessem ideia da sua posição, mas não podia ter certeza, e durante as últimas trinta e seis horas se acostumara pouco a pouco com o fato de que aquilo não era mais um simples jogo de guerra, não desde que recebera a mensagem em código “Suba o monte Niitaka”. Sentia-se muito mais confiante na semana anterior, mas agora estava no mar, e debaixo d’água. A passagem da teoria para a prática podia produzir grandes mudanças no estado de espírito de uma pessoa.

— Alguma coisa? — perguntou ao técnico de sonar, recebendo um não como resposta.

Normalmente, os submarinos americanos que participavam de exercícios como aquele eram “aumentados”, isto é, ligavam uma fonte sonora que se somava ao ruído natural produzido pelo submarino. Usado para simular a tarefa de detectar submarinos russos, este artifício era ao mesmo tempo arrogante e extremamente engenhoso. Os americanos lutavam tão raramente contra os aliados ou mesmo contra as próprias forças usando toda sua capacidade que se acostumavam a operar em situação desvantajosa, como um corredor usando pesos de chumbo. Em consequência, quando se dispunham a operar para valer, eram adversários quase imbatíveis.

Bem, aqui estou eu!, murmurou Ugaki consigo mesmo. Não passara vários anos rastreando submarinos russos, como os americanos? Não chegara perto de um Akula russo? Paciência. O verdadeiro samurai é paciente. Afinal, aquela não era uma missão para um comerciante.

— E parecido com rastrear baleias, não é? — observou o comandante Steve Kennedy.

— Muito parecido — concordou o operador de sonar Jacques Yves Lavai, Jr., observando o monitor e esfregando as orelhas, que os fones tinham deixado suadas.

— Está desapontado?

— Meu pai participou de uma guerra de verdade. Ele gostava de me contar histórias a respeito de como era viajar para o norte e brigar com os grandões em seu próprio território.

Lavai era um nome muito conhecido na comunidade dos submarinistas, um grande operador de sonar que treinara outros grandes operadores de sonar. Agora estava aposentado, mas o filho continuara a tradição.

A verdade era que rastrear baleias podia ser um excelente treinamento.

Elas eram criaturas furtivas, não porque tivessem medo de ser detectadas, mas simplesmente porque se movimentavam quase sem fazer barulho; os tripulantes dos submarinos tinham descoberto que se aproximar o suficiente para contar e identificar os membros de uma família de baleias podia ser pelo menos divertido, embora não exatamente emocionante. Pelo menos para os operadores de sonar, pensou Kennedy. Os especialistas em armas pouco tinham a fazer...

Os olhos de Lavai se fixaram no monitor de cascata. Ele se ajeitou na cadeira, pegou um lápis e bateu com ele no braço do operador a seu lado.

— Dois-sete-zero — disse.

— Certo.

— O que foi, garoto? — perguntou o comandante.

— Apenas um traço, senhor, na linha de sessenta hertz. — Trinta segundos depois: — Está ficando mais forte.

Kennedy ficou observando a tela junto com os dois operadores. Havia agora duas linhas pontilhadas, uma em sessenta hertz e outra em uma faixa de frequências mais altas. Os motores elétricos dos submarinos japoneses da classe Harushio trabalhavam com corrente alternada de 60Hz. Uma série irregular de pontos, amarelos na tela escura, começaram a descer por uma coluna rotulada “60” como se fossem gotas pingando de uma torneira, fazendo jus ao apelido de “monitor de cascata”. Lavai esperou mais alguns segundos para ter certeza de que não se tratava de ruído e depois disse: — Comandante, acho que devemos começar a rastreá-lo. Vou chamar o alvo de Sierra-Um, um possível submarino, curso dois-sete-quatro, sinal ainda fraco.

Kennedy transmitiu a informação para o grupo de rastreamento para controle de tiro, a cinco metros de distância. Outro técnico ativou o analisador de trajetórias, um minicomputador Hewlett-Packard programado para examinar as possíveis trajetórias que o sinal acústico poderia ter percorrido na água. Embora sua existência fosse conhecida, aquele software era ainda um dos segredos mais bem guardados da Marinha, um produto, lembrou-se Kennedy, da SonoSystems, uma empresa com sede em Groton dirigida por um dos discípulos de Lavai. O computador processou os dados por uns mil microssegundos e forneceu o resultado.

— Comandante, é uma trajetória direta. Minha estimativa inicial da distância é de oito a doze quilômetros.

— Pode marcar — disse o oficial de aproximação ao controlador de tiro.

— Não é uma baleia — informou Lavai, três minutos depois. — Agora tenho três linhas e posso classificar Sierra-Um como um submarino. — Lembrou-se de que o pai ficara famoso rastreando submarinos russos da classe HEN, que eram tão difíceis de localizar quanto um terremoto. — Curso estável

em dois-sete-quatro, recebendo sinais do hélice.

— Solução encontrada — informou o controlador de tiro. — Tenho uma solução válida do tubo três para o alvo Sierra-Um.

Leme dez graus à esquerda, novo curso um-oito-zero — ordenou Kennedy, para obter nova visada com a qual pudesse avaliar melhor a distância, o curso e a velocidade do alvo. — Vamos reduzir a velocidade de cinco em cinco nós.

A perseguição era sempre a parte mais divertida.

— Se fizer isso, estará cortando a garganta com uma faca rombuda — observou Anne Quinlan, com a franqueza costumeira.

Kealty estava sentado no seu escritório. Normalmente, o segundo em comando de qualquer organização assumiria o poder quando o número um estivesse viajando, mas os milagres das comunicações modernas permitiam que Roger continuasse despachando de qualquer lugar do mundo, até mesmo para fazer uma declaração à imprensa insinuando que lavaria as mãos em relação ao vice-presidente.

O primeiro impulso de Kealty fora proclamar ao mundo inteiro que sabia que podia contar com o apoio do presidente. Isso equivalia a uma admissão parcial de culpa e complicava a situação o suficiente para lhe dar algum espaço de manobra, o que mais necessitava no momento.

— O que precisamos saber, Ed, é quem começou isso — comentou a chefe de gabinete, pela milésima vez.

Os repórteres tinham omitido essa informação. Não adiantava perguntar a Kealty quantas mulheres do escritório tinham sido vítimas dos seus encantos. Em primeiro lugar, não se lembraria de todas; em segundo lugar, caso se lembrasse, provavelmente nenhuma ficara de fora.

— Seja quem for, deve ter sido amiga de Lisa — comentou outro funcionário.

Imediatamente, todos pensaram na mesma pessoa.

Barbara.

— É uma boa possibilidade — observou a “chefe” (que era como Quinlan gostava de ser chamada). — Precisamos confirmar isso e conversar com ela.

— Ela fez isso por puro despeito — murmurou Kealty.

— Ed, não quero que repita isso, está bem? — advertiu a chefe. — Quando vai aprender que “não” não quer dizer “talvez”? Está bem, vou falar pessoalmente com Barbara e talvez consiga dissuadi-la, mas, por favor, veja se toma jeito, está bem?

18
OVO DE PÁSCOA

— Era aqui que ficava o armário? — perguntou Ryan.

— Você é mesmo muito bem informado — observou Galovko, mais para agradar ao convidado, já que a história era muito conhecida.

Jack sorriu, sentindo-se como uma Alice-no-País-das-Maravilhas. Agora o que havia ali era uma porta comum, mas até a época de Yuri Andropov, fora coberta por um imenso armário de madeira, porque, desde o tempo de Beria, a entrada do escritório do chefe da KGB tinha de ficar bem escondida. Não havia nenhuma porta de acesso para o corredor principal e nenhuma porta era visível da antessala. O melodrama da situação teria de ser absurdo, pensou Ryan, até mesmo para Lavrenti Beria, cujo medo mórbido de ser assassinado, embora com motivos de sobra, resultara naquela obtusa medida de segurança. Isso não o ajudara a escapar da morte nas mãos de homens que o odiavam ainda mais do que o temiam. Mesmo assim, não era estranho que o conselheiro de Segurança Nacional do presidente estivesse para entrar no escritório do chefe do Serviço de Inteligência Externa da Rússia! As cinzas de Beria deviam estar se contorcendo no esgoto onde tinham jogado a urna, pensou Ryan. Voltou-se para olhar para o anfitrião, ainda pensando no armário de carvalho e lamentando que não tivessem conservado o nome da KGB, Comissão para a Segurança do Estado, nem que fosse apenas em nome da tradição.

— Sergey Nikolayevich, o mundo realmente mudou tanto nos últimos...

— Meu Deus, foram apenas dez anos?

— Menos do que isso, meu amigo. — Golovko convidou Jack com um gesto a sentar-se em uma confortável poltrona de couro que datava do tempo em que o escritório pertencia à Companhia de Seguros Rossiya. — Mas ainda temos muito chão pela frente.

Negócios, pensou Jack. Bem, Sergey nunca fora tímido para tratar de negócios. Ryan lembrou-se do dia em que aquele homem lhe apontara uma arma. Entretanto, isso acontecera antes do chamado fim da história.

— Estou fazendo o que posso, Sergey. Você recebeu os cinco bilhões que pediu pelos mísseis. A propósito: foi um golpe de mestre que você nos pregou. — Ryan consultou o relógio. A cerimônia estava marcada para aquela noite. Restavam apenas um Minuteman-III e um SS-19, sem contar os SS-19 no Japão, que tinham sido adaptados para lançar satélites.

— Temos muitos problemas, Jack.

— Menos do que há alguns anos — observou Ryan, imaginando qual seria o próximo pedido de auxílio. — Sei que você não aconselha o presidente Grushavoy apenas em questões de inteligência. As coisas estão melhorando, Sergey. Você sabe disso.

— Ninguém nos avisou que seria tão difícil praticar a democracia.

— É difícil para nós, também, amigo.

— O pior é que temos tudo que é necessário para nosso país prosperar.

— O problema é fazer as coisas funcionarem.

— É verdade, aconselho o presidente de várias formas...

— Sergey, se você não é um dos homens mais bem informados do seu país, eu ficaria muito surpreso.

— Humm... sou forçado a concordar. No momento, estamos fazendo um levantamento dos recursos da Sibéria Oriental. Tivemos de contratar os japoneses para nos ajudar, mas o que eles estão encontrando... — não terminou a frase.

— Está querendo me dizer alguma coisa, Sergey. O que é?

— Achamos que não nos contaram tudo que sabem. Encontramos alguns levantamentos realizados no início dos anos trinta. Estavam nos arquivos do Ministério do Interior. Há um depósito de gadolínio em um local improvável. Na época, o metal quase não tinha utilidade, e a descoberta ficou esquecida até recentemente. Hoje, porém, o gadolínio tem muitas aplicações e um dos grupos de prospecção dos japoneses acampou a poucos quilômetros do depósito. Sabemos que ele existe; os geólogos dos anos trinta chegaram a recolher algumas amostras para análise. Acontece que o último relatório dos japoneses não diz nada a respeito.

— E daí? — perguntou Jack.

— Daí que achamos curioso que eles tenham omitido a informação — explicou Golovko.

— Estão sendo pagos pelo trabalho?

— Não, mas têm direito a uma participação na exploração dos depósitos que descobrirem.

— Nesse caso, por que mentiriam? — quis saber Ryan.

Golovko sacudiu a cabeça.

— Não sei. Gostaria de saber. Você estudou história, não é? Era uma das coisas que um respeitava no outro. Ryan poderia ter considerado as preocupações de Golovko como mais um exemplo da paranoia dos russos (às vezes achava que a paranoia fora inventada naquele país), mas isso teria sido injusto. A Rússia lutou contra o Japão na época do último czar, entre 1904 e

1905, e perdeu, depois que a Marinha do Japão obteve uma vitória decisiva na batalha do estreito de Tsushima. Essa guerra ajudou a derrubar a dinastia dos Romanov e a elevar o Japão à posição de grande potência, levando o país a se envolver em duas guerras mundiais. Também deixou profundas feridas na alma russa, das quais Stalin se lembrava a ponto de lutar para recuperar os territórios perdidos. Os japoneses também se envolveram em esforços para derrubar os bolcheviques depois da Primeira Guerra Mundial. Eles mandaram um exército pela Sibéria e só o retiraram com muita relutância. O mesmo aconteceu de novo em 1938 e 1939, dessa vez com consequências mais sérias; primeiro nas mãos do marechal Blyukher, e depois nas de um homem chamado Jukov.

Sim, o relacionamento entre a Rússia e o Japão nem sempre tinha sido amistoso.

— Não acha que essas coisas ficaram para trás, Sergey? — perguntou Ryan, com uma expressão superior.

— Sabe, Jack, por mais esperto que você seja, é americano e não tem a nossa experiência em matéria de invasões. Estamos em pânico por causa disso? Não, claro que não. O assunto merece ser investigado de perto? Acreditamos que sim, Ivan Emmetovich.

Estava certamente querendo chegar a algum lugar, e pelo tempo que levara, tinha de ser algo muito importante, pensou Ryan. Estava na hora de descobrir o que era.

— Sergey Nikolayevich, estou começando a entender sua preocupação, mas não há muita coisa que eu possa...

Golovko interrompeu-o com uma única palavra.

— CARDO. A velha rede de Lyalin. O que há com ela? Vocês a reativaram recentemente.

O chefe do RVS observou que Ryan tivera a cortesia de demonstrar sua surpresa. Um homem sério e perspicaz, esse Ryan, mas jamais seria um bom agente; simplesmente não sabia esconder as emoções. Talvez devesse ler um livro sobre a Irlanda para compreender melhor o homem que estava sentado no sofá de couro, pensou Sergey. Ryan tinha virtudes e defeitos, nenhum dos quais entendia perfeitamente.

— De onde tirou essa ideia? — perguntou o americano, o mais inocentemente que pôde, sabendo que se revelara ao morder a isca lançada por aquela raposa da espionagem. Viu o outro sorrir com seu embaraço e imaginou se a liberalização da Rússia permitira que os locais desenvolvessem um senso de humor. Alguns anos antes, Golovko teria permanecido impassível.

— Jack, somos profissionais, não somos? Sei o que vocês fizeram e pronto. Como descobri é problema meu. Não sei quais são seus trunfos, meu amigo, mas

antes de prosseguirmos é bom que fique claro se este jogo é amistoso ou não. Como sabe, o verdadeiro órgão japonês de contraespionagem é a Divisão de Investigação de Segurança Pública do Ministério da Justiça.

A declaração não deixava margem a dúvidas e era provavelmente verdadeira. Também definia a natureza do jogo: era amistoso. Golovko acabara de revelar espontaneamente um segredo, embora não fosse dos mais difíceis de adivinhar.

Era impossível deixar de admirar os russos; sua competência no ramo de espionagem era inquestionável. Que melhor maneira de infiltrar agentes em um país estrangeiro do que primeiro estabelecer uma rede dentro dos serviços de contraespionagem do país em questão? Havia indícios de que haviam controlado durante alguns anos o MI-5, o Serviço de Segurança da Inglaterra, e a comprovada existência de espiões russos na divisão de segurança interna da CIA seria para sempre motivo de vergonha para os americanos.

— Prossiga — disse Ryan. Eu dou mesa...

— Vocês têm dois agentes no Japão, disfarçados de jornalistas russos. Eles estão reativando a rede. São muito competentes e muito cautelosos, mas um dos contatos fora investigado pela DISP. Isso pode acontecer com qualquer um — observou Golovko, em tom imparcial. Não estava se vangloriando da descoberta, observou Jack. Entretanto, a implicação era clara: com um simples gesto, Sergey poderia expor Clark e Chávez, criando outro incidente internacional entre dois países que já tinham problemas suficientes para resolver. Talvez fosse por isso que não estava se vangloriando.

Ryan fez que sim com a cabeça. — Certo, amigo. Você venceu. Diga-me o que quer.

— Gostaria de saber por que o Japão está mentindo para nós, e qualquer outra coisa que, na opinião da Sra. Foley, possa nos interessar. Em troca, nos comprometemos a proteger a rede para vocês.

— Quanto eles sabem? — perguntou Jack, estudando a proposta.

Golovko estava propondo que a Rússia desse cobertura a uma operação de espionagem dos americanos. Era algo novo, totalmente imprevisto. Eles pareciam desesperados para obter informações. Por quê! O suficiente para expulsá-los do país, não mais. — Golovko abriu uma gaveta e entregou ao americano uma folha de papel. — Isto é tudo que Foleyeva precisa saber.

Jack leu o papel e guardou-o no bolso.

— Meu país não tem nenhum interesse em que haja um conflito entre a Rússia e o Japão.

— Então estamos de acordo?

— Estamos, Sergey. Vou recomendar que sua sugestão seja aprovada.

— Como sempre, Ivan Emmetovich, é um prazer fazer negócios com você.

— Por que não ativou você mesmo a rede? — perguntou Ryan, imaginando até que ponto o outro estaria blefando.

— Lyalin não nos passou as informações, foi esperto. Não tivemos tempo de... persuadi-lo? Sim, de persuadi-lo a nos contar... antes que fosse para os Estados Unidos.

Um belo jogo de palavras, pensou Jack. Persuadir. Golovko começara a trabalhar no antigo sistema. Seria demais esperar que renunciasse a tudo que aprendera. Jack riu.

— Sabe de uma coisa? Vocês eram nossos melhores inimigos.

E se Golovko estivesse sendo sincero, pensou Jack por trás de olhos clinicamente impassíveis, talvez agora se tornassem algo bem diferente.

Puxa, o mundo estava ficando mesmo maluco! Eram seis horas a mais em Tóquio e oito horas a menos em Nova York. A diferença de quatorze horas e a Linha Internacional de Mudança de Data criavam muitas oportunidades de confusão. Era sábado quatorze em alguns lugares e sexta-feira treze em outros.

Às três horas da madrugada, Chuck Searls saiu de casa pela última vez.

Alugara um carro no dia anterior (como muitos nova-iorquinos, não tinha carro) para a viagem até o aeroporto de La Guardia. O terminal da Delta estava surpreendentemente cheio para o primeiro voo do dia para Atlanta.

Chuck comprara a passagem em uma das muitas agências de viagem da cidade e pagara em dinheiro, fornecendo o nome suposto que pretendia usar de tempos em tempos e que não era o mesmo que constava do passaporte que tirara fazia alguns meses. Sentou-se na poltrona 2-A, um assento da primeira classe que lhe permitia virar ligeiramente o corpo e inclinar a cabeça para trás, e dormiu durante a maior parte da viagem até Atlanta, onde sua bagagem foi transferida para um voo com destino a Miami. Não levava muita coisa: dois ternos, algumas camisas e objetos de uso pessoal, mais o computador laptop. Em Miami, pegaria outro avião, usando outro nome, e voaria para sudeste, em direção ao paraíso.

George Winston, antigo presidente do Columbus Group, não se sentia feliz, apesar do luxo de sua mansão em Aspen. O responsável era um joelho torcido. Embora agora tivesse tempo para se dedicar à recém-descoberta paixão pelo esqui, era muito inexperiente e talvez um pouco velho demais para explorar as encostas mais íngremes. O joelho doía muito. Levantou-se da cama às três da manhã e foi mancando até o banheiro para tomar mais uma dose do analgésico que o médico lhe receitara. Descobriu então que perdera totalmente o sono. Já passava das cinco em Nova York, pensou.

Àquela hora, estaria se levantando. Sempre gostara de acordar cedo para dar uma olhada no computador, no Journal e em outras fontes de informação e assim se preparar para a abertura do mercado.

Sentia falta daquilo, admitiu Winston para si próprio. Era uma confissão e tanto para fazer diante do espelho. Está certo, trabalhara demais, afastara-se da família, chegara a um estado semelhante ao de um viciado em drogas, mas largar tudo fora um... erro? Não, não exatamente um erro, pensou, arrastando-se para o escritório o mais silenciosamente que pôde. Só que era impossível esvaziar um recipiente e depois tentar enchê-lo com coisa nenhuma... Não podia passar o tempo todo navegando no Cristobal, não com as crianças na escola. Na verdade, só havia uma coisa na vida que conseguira fazer o tempo todo, e essa coisa quase o matara.

Mesmo assim...

Ali onde estava, nem mesmo podia ler o Journal em uma hora decente.

E ainda chamavam isso de civilização? Felizmente, havia as linhas telefônicas.

Ligou o computador, só para recordar o passado. Winston assinava todos os serviços de notícias e escolheu seu preferido. Era melhor aproveitar enquanto a mulher não acordava, pois ela começava a reclamar sempre que o via interessar-se por negócios. Em consequência, passara um bom tempo sem saber o que estava acontecendo na Street. Certo, dispunha de algumas horas, e não era como se estivesse querendo voar de helicóptero até o alto da montanha ao amanhecer, era? Nada de esquiar, recomendara o médico.

Ficaria de molho pelo menos uma semana e depois teria de se contentar com as encostas mais fáceis. Que vergonha! Só se fingisse que estava ensinando às crianças... droga! Escolhera a hora errada para sair da Street. Não poderia ter previsto o que estava para acontecer, é claro, mas nas últimas semanas o mercado suplicara de joelhos por uma pessoa com seus talentos para assumir as rédeas do jogo. Teria apostado no aço há três semanas, lucrado uma fortuna e aplicado o dinheiro... na Silicon Alchemy. Sim, jamais deixaria passar uma oportunidade daquelas. Tinham inventado um novo tipo de tela para computadores laptop e agora, com os produtos japoneses praticamente excluídos do mercado, o negócio explodira. Quem era mesmo aquele sujeito que levara a empresa para a frente? Ah, sim, Ryan, um homem com um instinto natural para negócios, que agora perdia tempo trabalhando para o governo. Que desperdício de talento, pensou Winston, sentindo dor na perna e tentando não se lembrar de que ele também estava perdendo tempo no meio da noite em uma estação de esqui que não poderia aproveitar durante uma semana, na melhor das hipóteses.

Tudo na Street parecia tão desnecessariamente instável, pensou,

examinando as tendências das ações que considerava mais promissoras. Aquele era um dos segredos: descobrir as tendências antes dos outros. Um dos segredos? Não, o único segredo. Um segredo que dominava, mas que não saberia ensinar a mais ninguém, mesmo que quisesse. Provavelmente o mesmo acontecia em outras atividades. Algumas pessoas sabiam ganhar dinheiro, e ele era uma delas. Outras tentavam fazer o mesmo trapaceando, conseguindo informações por vias escusas ou forçando altas e baixas do mercado para depois explorá-las. Mas isso era... era roubar no jogo, não era? Que graça tinha ganhar dinheiro assim? Ser mais esperto do que os outros, sem violar as regras do jogo; era essa a verdadeira arte dos negócios.

No final do dia, a frase que mais gostava de ouvir era: “Seu filho da mãe!” O tom do comentário fazia toda a diferença do mundo.

Não havia nenhuma razão para que o mercado se mostrasse tão instável, pensou. Aparentemente, as pessoas não tinham entendido direito o que estava acontecendo.

Os Hornets decolaram depois da primeira onda de Tomcats. Sanchez taxiou o caça até a catapulta de boreste, sentindo a barra que fazia parte do mecanismo da roda dianteira encaixar na fenda apropriada do sistema de lançamento. A rotação das turbinas chegou ao máximo, fazendo o caça estremecer, enquanto os tripulantes submetiam a aeronave a uma última inspeção visual. Satisfeito, o encarregado da catapulta fez um sinal com a mão. Sanchez bateu continência e encostou a cabeça no encosto do assento ejetável. Um momento depois, a força do vapor arremessou o caça para fora do convés. O Hornet desceu ligeiramente, uma sensação com a qual os pilotos jamais chegavam a se acostumar, e depois projetou-se para cima, recolhendo o trem de pouso e dirigindo-se para o ponto de encontro com as asas carregadas de tanques de combustível e mísseis de treinamento pintados de azul.

Estavam tentando ser espertos, e quase conseguiram, mas “quase” era a mesma coisa do que nada naquele tipo de jogo. Fotografias tiradas por satélites tinham revelado a presença de três grupos de navios. Sanchez comandaria a Força Alfa no ataque contra o maior deles, composto por oito belonaves. Dois pares de Tomcats se encarregariam dos P-3 que estavam no ar; pela primeira vez, caçariam ativamente com os radares de busca em vez de recorrer ao EMCOM. Seria como uma estocada de surpresa... não, mais como uma paulada, desferida com um objeto muito pesado. Varreduras intermitentes, executadas por aeronaves E-2C Hawkeye equipadas com radar, determinaram que os japoneses não haviam estacionado caças em Marcus, o que teria sido uma estratégia sutil, embora difícil de implementar.

De qualquer forma, não teriam sido suficientes para fazer frente a dois grupos completos de esquadrilhas. Marcus era uma ilha muito pequena, bem menor do que Saipan e Guam, por exemplo. Foi o último pensamento abstrato de Sanchez por um longo tempo. Atendendo a um comando de Bud, transmitido por um circuito de rádio de baixa potência, a formação começou a se dispersar segundo um plano cuidadosamente elaborado.

— Hai — disse Sato, atendendo ao comunicador da ponte do Mutsu.

— Acabamos de detectar comunicações em um circuito de rádio de baixa potência. Dois sinais, nas direções um-cinco-sete e um-nove-cinco.

— Já era tempo — disse Sato ao oficial de operações. Pensei que eles nunca fossem atacar. Em uma situação de guerra de verdade, faria uma coisa.

Naquele caso em particular, faria outra. Não queria que os americanos conhecessem a sensibilidade do seu equipamento de EL1NT. — Continue como se nada tivesse acontecido.

— Muito bem. Ainda temos dois radares no ar. Parecem estar fazendo um rastreamento sistemático. Nenhuma mudança.

— Obrigado.

Sato pendurou o fone e bebeu um gole de chá. Seus melhores técnicos estavam operando os equipamentos de escuta eletrônica; as informações eram gravadas em fita para ser examinadas mais tarde. Aquela era a parte realmente importante do exercício: aprender tudo que fosse possível a respeito dos ataques da Marinha dos Estados Unidos.

— Postos de combate? — perguntou o comandante do Mutsu.

— Não é necessário — respondeu o almirante, olhando pensativamente para o horizonte, como supunha que faria um marinheiro em guerra.

A bordo do Snoopy Um, um EA-6B de observação, a tripulação monitorava todas as frequências de radar e de rádio. Eles encontraram e identificaram seis radares de busca do tipo comercial, nenhum deles nas proximidades da localização conhecida da formação japonesa. Eles não estavam oferecendo muita resistência, pensaram todos. Normalmente, aqueles jogos de guerra eram bem mais divertidos.

O capitão do porto de Tanapag olhou pela janela do escritório e viu um grande navio de transporte de automóveis contornar a extremidade meridional da ilha de Managaha. Ficou surpreso. Folheou os papéis que estavam sobre a mesa, à procura do telex comunicando a chegada no navio. Oh, sim, ali estava. Devia ter chegado durante a noite. Era o Orchid Ace, proveniente de Yokohama. Trazia uma carga de Land Cruisers, da Toyota, para ser vendidos aos japoneses donos de terras. Provavelmente um dos navios que tinham deixado de ir para os Estados Unidos. Agora, os carros seriam desembarcados ali, ajudando a

engarrafar um pouco mais as estradas.

Resmungou alguma coisa, levantou os binóculos para dar uma olhada na embarcação e constatou, surpreso, que havia um outro vulto no horizonte, grande e com o formato de um caixote. Outro navio de transporte de automóveis? Era estranho.

O Snoopy Um manteve a posição e a altitude, um pouco além do horizonte visual da formação “inimiga”, a cerca de cento e cinquenta quilômetros de distância. Os guerreiros eletrônicos que ocupavam os dois bancos traseiros estavam prontos para ligar os equipamentos de interferência, mas os japoneses não estavam com os radares ligados, de modo que não tinham o que fazer. O piloto olhou para sudeste e viu alguns clarões, os reflexos dourados das naceles dos caças da Força Alfa, que estavam agora mergulhando em direção ao mar para permanecer fora do alcance do radar durante o maior tempo possível antes de lançarem a primeira “salva” de mísseis administrativos.

— Tango, tango, tango — disse o comandante Steve Kennedy pelo telefone, usando a palavra de código para o lançamento de um torpedo teórico ou ”administrativo”.

Estava seguindo o submarino da classe Harushio fazia nove horas, usando o tempo para familiarizar-se com o contato e permitir que a tripulação praticasse com algo mais substancial do que as batidas do coração de uma baleia grávida. Agora estava na hora de atacar e, com toda a certeza, dar um enorme susto em Sierra-Um, que apesar de tudo ainda não percebera a presença do submarino “inimigo”. Ninguém poderia dizer mais tarde que não oferecera uma oportunidade ao adversário. Não que tivesse obrigação de fazê-lo em um exercício como aquele, mas, afinal, os Estados Unidos e o Japão eram amigos, apesar das coisas que ouvira no rádio nas últimas semanas.

— Ele demorou bastante — comentou o comandante Ugaki.

Estavam rastreando o 688 americano havia quase quarenta minutos.

Os americanos eram bons, mas não tanto assim. Tinha sido tão difícil para eles detectar o Kurushio que decidiram atacar assim que localizaram o submarino. Ugaki decidiu permitir que fizessem o primeiro disparo. O comandante olhou para o painel do sistema de controle de tiro, onde as quatro luzes vermelhas indicativas de uma solução estavam acesas.

Pegou o fone e perguntou, em tom inocente: — De onde vocês apareceram? Os tripulantes que ouviram a pergunta (todos a bordo falavam um inglês excelente) entreolharam-se, surpresos. No momento, Ugaki não tinha tempo de explicar; explicaria depois.

— Eles não responderam ao fogo. Acho que não estavam preparados — observou Kennedy, pegando de novo o fone. — De acordo com as instruções

para o exercício, vamos agora nos afastar e ligar o intensificador.

A seu comando, o USS Asheville guinou para a direita e aumentou a velocidade para vinte nós. Recomeçaria o exercício a uma distância de vinte quilômetros, para dar uma nova chance ao “inimigo”.

— Comandante, aqui é o operador de sonar.

— Sim? Novo contato, designado Sierra-Cinco, marcação dois-oito-zero, navio de dois hélices, tipo desconhecido. Velocidade dos hélices indica uma velocidade de cerca de dezoito nós — anunciou Lavai.

— Nenhuma identificação: parece... parece pequeno, comandante, menor do que um navio cargueiro comum.

— Muito bem, vamos rastreá-lo. Mantenha-me informado.

— Sim, senhor.

Era fácil demais, pensou Sanchez. O grupo do Enterprise provavelmente estava tendo mais trabalho com os contratorpedeiros da classe Kongo, mais ao norte. Não tinha nenhuma pressa; manteve sua esquadrilha de quatro aviões a uma altitude de cem metros acima da superfície calma do mar, a uma velocidade de apenas quatrocentos nós. Cada um dos quatro caças da Esquadrilha Demolidor levava quatro mísseis Harpoon de treinamento; o mesmo acontecia com os caças da Esquadrilha Destruidor, que vinham logo atrás. Olhou para o indicador no painel. Os dados carregados no computador fazia apenas uma hora forneciam uma localização provável para a formação e o sistema de navegação GPS de bordo o levara exatamente ao local programado. Estava na hora de verificar se as informações estavam corretas.

— Destruidor, aqui é o líder, começando a subir... agora! — disse Sanchez pelo rádio, puxando o manche para trás. — Ativando... agora! — acrescentou, ligando ao mesmo tempo o radar de busca.

Lá estavam eles, bem visíveis na tela. Sanchez escolheu o navio que ia na frente da formação e apontou para ele as cabeças de rastreamento dos mísseis sem motor que pendiam das asas do caça. Quatro lâmpadas acenderam-se no painel. — Aqui é o Líder Demolidor. Lançar lançar lançar lançar! Tenho quatro vampiros no ar.

— Dois, quatro lançados.

— Três, quatro lançados.

— Quatro, três lançados, um abortado.

Nada mau, pensou Sanchez, embora o encarregado da manutenção dos mísseis merecesse um puxão de orelha.

Em um ataque de verdade, as aeronaves teriam voltado à altitude anterior depois de disparar os mísseis, para não se expor ao contra-ataque. Para continuar

o exercício, porém, desceram para sessenta metros e rumaram diretamente para os navios, simulando seus próprios mísseis. Os registradores a bordo colheriam os dados de radar e rastreamento dos navios japoneses para avaliar seu desempenho, que até o momento não tinha nada de notável.

Diante da necessidade incômoda de permitir que as mulheres alistadas na aviação naval participassem de missões de combate de verdade em porta-aviões de verdade, o compromisso inicial consistira em colocá-las a bordo de aeronaves de guerra eletrônica. Assim, o primeiro comandante de esquadrilha do sexo feminino era a comandante Roberta Peach do VAQ137. Ela considerava uma sorte que outra aviadora naval já tivesse escolhido o codinome “Peaches”, permitindo que optasse por “Robber”, nome pelo qual insistia em ser chamada quando estava no ar.

— Recebendo sinais agora, Robber — informou o operador, falando do banco traseiro da aeronave. — Muitos sinais.

— Trate de neutralizá-los — ordenou a comandante.

— São muitos... associando um Harm a um SPG-51. Rastreando.. pronto.

— Lançando — disse Robber.

Disparar era uma prerrogativa do comandante da aeronave. Enquanto o radar de iluminação de mísseis SPG-51 continuasse ligado, seria um alvo fácil para os mísseis antirradar Harm.

Sanchez podia ver os navios, formas cinzentas no horizonte visual. Um ruído desagradável nos fones de ouvido revelou que sua aeronave estava sendo iluminada tanto por um radar de busca como por um radar de controle de tiro, uma notícia nada agradável, mesmo em se tratando de um exercício, ainda mais quando o “inimigo” dispunha de mísseis antiaéreos SM-2 Standard de fabricação americana, cujo desempenho ele conhecia muito bem. Parecia um navio da classe Hatakaze, equipado com dois radares SPG-51 C, mas apenas uma rampa lança-mísseis. O sistema era capaz de guiar dois mísseis de cada vez. Sua aeronave era equivalente a dois mísseis. O Hornet era um alvo maior do que o Harpoon e não voava tão baixo nem tão depressa quanto o míssil. Por outro lado, contava com um dispositivo de interferência, o que compensava parcialmente a desvantagem. Bud guinou para a esquerda. Nas circunstâncias, seria arriscado voar diretamente sobre o navio; alguns segundos mais tarde, passou trezentos metros à frente da proa do contratorpedeiro. Pelo menos um dos seus mísseis teria atingido o alvo, calculou, e a ogiva de um Harpoon faria grandes estragos, tornando o navio uma presa fácil para um ataque subsequente com bombas convencionais.

— Demolidor, aqui é o líder. Sigam-me.

— Dois...

— Três...

— Quatro — confirmou a esquadrilha.

Mais um dia na vida de um aviador naval, pensou o comandante do grupo. Agora podia pensar em pousar no porta-aviões, dirigir-se ao CIC e passar as vinte e quatro horas seguintes examinando os resultados do combate. Não tinha sido um dia muito emocionante. Participara de missões de verdade, e um exercício como aquele não podia ser a mesma coisa. Mesmo assim, voar era voar.

O ruído dos aviões no céu era quase sempre agradável. Sato viu o último caça americano se afastar e levantou o binóculo para verificar que rumo havia tomado. Depois, levantou-se e foi para o CIC.

— E então? — perguntou.

— O curso de retorno correspondeu às previsões — respondeu o chefe de operações, apontando para uma fotografia tirada por um satélite que mostrava os dois grupos de combate americanos, ainda rumando para oeste, contra o vento, para executar operações de voo. A foto fora tirada havia apenas duas horas. O mapa do radar mostrava que as aeronaves americanas estavam se dirigindo para o local esperado.

— Excelente. Meus cumprimentos ao comandante. Curso um-cinco-cinco, velocidade máxima.

Em menos de um minuto, o aumento de potência fez o Mutsu estremecer, enquanto ele enfrentava as ondas moderadas do Pacífico, dirigindo-se ao encontro da força de combate americana. Não havia tempo a perder.

No pregão da Bolsa de Valores de Nova York, um jovem empregado cometeu um erro ao lançar a cotação das ações da Merk, exatamente às 11:43:02, hora local. O valor foi carregado no sistema e apareceu nos monitores como 23 1/8, muito diferente da cotação correta. Trinta segundos mais tarde, ele digitou de novo o mesmo valor. Dessa vez, a grita foi geral. O rapaz explicou que o teclado estava com defeito, desligou-o e substituiu-o por outra unidade. Aquele tipo de acidente ocorria com relativa frequência; o lugar não era muito limpo, e de vez em quando as pessoas derramavam café ou outras coisas nos teclados. A correção foi digitada imediatamente e o mundo voltou ao normal. No mesmo minuto, algo semelhante aconteceu com as ações da General Motors, e alguém apresentou a mesma desculpa. Não havia problema. As pessoas que trabalhavam naquele canto do pregão quase não interagiam com os operadores que cuidavam das ações da Merk.

Nenhuma delas fazia a menor ideia do que estava acontecendo; só sabiam que estavam recebendo cinquenta mil dólares para cometer um erro que seria

imediatamente corrigido. Se não tivessem cumprido as instruções (isso elas também não sabiam), outra dupla de operadores recebera a mesma quantia para fazer a mesma coisa dez minutos depois.

Nos computadores de grande porte Stratus da Depository Trust Company (ou, mais corretamente, no software instalado nesses computadores), os valores foram registrados e o Ovo de Páscoa começou a chocar.

As câmaras e luzes já tinham sido instaladas no Salão São Vladimir do Grande Palácio do Kremlin, onde eram assinados os grandes tratados, um lugar que Jack já visitara uma vez, em circunstâncias bem diferentes. Em duas salas separadas, o presidente dos Estados Unidos e o presidente da República Russa recebiam os últimos toques de maquilagem, algo que provavelmente incomodava mais ao russo, pensou Ryan. A boa aparência diante das câmaras não era tradicionalmente considerada um requisito importante pelos políticos locais.

Quase todos os convidados já estavam sentados, mas os membros mais graduados das duas comitivas pareciam inquietos. Os últimos preparativos já estavam quase terminados. Os copos de cristal tinham sido colocados nas bandejas e as rolhas das garrafas de champanha tinham sido desembrulhadas, esperando apenas um sinal para ser arrancadas.

— Isso me lembra uma coisa. Você não me mandou aquela champanha da Geórgia — disse Jack a Sergey.

— Hoje as coisas mudaram. Posso arranjar uma dúzia para você por um ótimo preço.

— As coisas mudaram para nós, também. Nos velhos tempos, eu teria de recusar por uma questão de ética.

— É, eu sei que por trás de cada funcionário do governo americano há um contrabandista em potencial — observou Golovko, olhando em volta para ver se estava tudo em ordem para a cerimônia.

— Você devia ser advogado.

Jack entrou na sala com o chefe do Serviço Secreto e encaminhou-se para o seu lugar.

— Que beleza de palácio, não é, amor? — disse à esposa.

— Os czares levavam um vidão — sussurrou Cathy, no momento em que as luzes da TV foram acesas.

Nos Estados Unidos, todas as redes interromperam a programação normal. A hora era um pouco imprópria, por causa da diferença de onze horas entre Moscou e a Costa Oeste dos Estados Unidos. A própria Rússia tinha nada menos do que dez diferentes fusos horários, graças à sua extensão e, no caso da Sibéria,

à proximidade do círculo polar Ártico. Entretanto, aquele era um momento que ninguém queria perder.

Os dois presidentes apareceram, sob os aplausos das trezentas pessoas presentes. Roger Durling e Eduard Grushavoy se encontraram na mesa de mogno e deram um caloroso aperto de mão, como apenas dois ex-inimigos poderiam fazer. Durling era ex-oficial do exército e ex-paraquedista, com uma passagem pelo Vietnã; Grushavoy também tinha sido oficial do exército, um engenheiro militar que estivera entre os primeiros russos a pisar no Afeganistão. Treinados para se odiar mutuamente na juventude, agora estavam dispostos a selar a paz de uma vez por todas. Naquele dia, deixariam de lado os problemas domésticos que os perseguiam todos os dias da semana. Estava na hora de mudarem o mundo.

Grushavoy, o anfitrião, convidou Durling a sentar-se com um gesto e se aproximou do microfone.

— Senhor presidente — disse, através de um intérprete, que na verdade não era necessário —, é um prazer recebê-lo em Moscou pela primeira vez...

Ryan não prestou atenção ao discurso. Era previsível, da primeira à última linha. Seus olhos se fixaram em uma caixa preta de plástico que estava sobre a mesa, exatamente entre as cadeiras dos dois chefes de Estado.

A caixa tinha dois botões vermelhos e dela saía um cabo que corria pelo chão. Em uma mesinha encostada à parede mais próxima havia dois monitores de TV, e nos fundos da sala tinha sido instalado um telão para que todos pudessem assistir.

— Que coisa mais complicada — comentou um major do exército, a trinta quilômetros de Minot, Dakota do Norte. Acabara de instalar o último fio certo, o circuito está completo.

Apenas um interruptor manual impedia que o circuito se fechasse, e era ele que o mantinha aberto. Já verificara pessoalmente toda a instalação e havia uma companhia inteira de policiais militares patrulhando a área, porque os Amigos da Terra estavam ameaçando protestar contra a cerimônia colocando pessoas onde estavam os explosivos, e por mais vontade que tivesse de mandar os desgraçados pelos ares, o oficial teria de desativar o circuito de disparo se isso acontecesse. Por que alguém protestaria contra uma cerimônia como esta?, pensou. Já perdera uma hora tentando explicar isso ao colega russo.

— Aqui é muito parecido com as nossas estepes — observou o russo, todo encolhido por causa do vento frio.

Os dois observavam a tela de um pequeno monitor, à espera do sinal.

— E uma pena que os políticos não estejam aqui para nos dar um pouco de ar quente — observou o major, tirando a mão do interruptor.

O oficial russo conhecia inglês suficientemente bem para rir da brincadeira, enquanto mantinha escondida dentro do sobretudo avantajado a surpresa que trouxera para o americano.

— Senhor presidente, a hospitalidade que experimentamos nesta grande cidade é uma prova decisiva de que pode existir, existe e existirá uma amizade entre nossas populações, tão forte quanto eram nossos antigos sentimentos, mas muito mais produtiva. Hoje, estamos pondo um fim à guerra de uma vez por todas — concluiu Durling, em meio a aplausos entusiásticos, voltando para apertar novamente a mão de Grushavoy.

Os dois presidentes se sentaram. Curiosamente, agora tinham de obedecer a um diretor de TV americano, que pegou um microfone e falou rápido.

— Agora — disse o homem, em duas línguas —, se observarem os monitores...

— Quando eu era tenente — sussurrou o presidente russo —, adorava explodir coisas.

Durling sorriu e aproximou os lábios do ouvido do outro. Algumas coisas não podiam ser ditas em público.

— Sabe o que eu queria ser quando criança?

— O que, Roger?

— O sujeito que opera aquela enorme bola de ferro usada para demolir edifícios. Deve ser um trabalho muito divertido! Especialmente se deixarem você colocar todos os políticos da oposição no edifício antes de derrubá-lo! Aquele era um ponto em que concordavam integralmente.

— Está na hora — informou o diretor de TV.

Os dois presidentes colocaram a mão nos botões.

— Vamos contar até três, Ed? — sugeriu Durling.

— Vamos, Roger!

— Um — disse Durling.

— Dois — prosseguiu Grushavoy.

— Três! — exclamaram os dois em uníssono, apertando os botões.

Os dois botões fecharam um circuito elétrico simples que levava a um transmissor fora do edifício, apontado para um satélite. O sinal levou cerca de um terço de segundo para chegar ao satélite e voltar à terra e mais um terço para que o resultado refizesse o mesmo caminho. Por um momento, muitos tiveram a impressão de que alguma coisa dera errado, mas não era verdade.

— Puxa! — exclamou o major, quando os cinquenta quilos de explosivos foram detonados.

O ruído foi impressionante, mesmo a um quilômetro de distância, e logo apareceram as chamas produzidas pela ignição do motor de combustível sólido.

Aquela parte da cerimônia tinha sido delicada. Eles tinham que se certificar de que o combustível queimaria de cima para baixo, caso contrário, o míssil poderia tentar voar para fora do silo, o que seria inadmissível. Na verdade, todo o processo era desnecessariamente complicado e perigoso. O vento frio levaria a fumaça tóxica para leste, e quando chegasse a algum lugar habitado, seria apenas um cheiro desagradável, o que era o mesmo que se podia dizer das condições políticas que haviam favorecido a construção do míssil, não era? Entretanto, havia algo de mágico naquilo. O maior fogo de artifício do mundo, queimando ao contrário durante três minutos, até que nada mais restasse a não ser fumaça. Um sargento acionou o sistema de combate a incêndios do silo, que funcionou perfeitamente, para surpresa do major.

— Sabe de uma coisa? Fizemos um sorteio para decidir quem viria, e eu ganhei — afirmou o oficial americano, levantando-se.

— Eu estou aqui cumprindo ordens, mas é o tipo de ordem a que obedeço com prazer. Já podemos sair?

— Acho que sim. Venha comigo, Valentin. Temos mais um trabalho para fazer, não temos?

Os dois entraram em um HMMWV, uma versão moderna de jipe do Exército, e o major pôs o veículo em movimento, dirigindo-se para o silo. Agora ele era apenas um buraco no solo, de onde saía fumaça. Uma equipe da CNN os seguiu, ainda transmitindo imagens ao vivo enquanto o veículo seguia aos solavancos pelo terreno irregular. Os militares pararam o jipe a duzentos metros de distância do silo e saltaram com máscaras contra gases, prevenindo-se contra a remota possibilidade de que ainda houvesse fumaça suficiente no local para tornar o ar perigoso. Não havia. Restava apenas mau cheiro. O major americano acenou para que a equipe de TV se aproximasse e esperou até que estivessem preparados, o que levou apenas dois minutos.

— Pronto! — informou o diretor da unidade.

— Estamos de acordo quanto ao fato de que o silo e o míssil foram destruídos?

— Sim, estamos — respondeu o russo, com uma continência. Em seguida, tirou do bolso dois copos de cristal. — Quer segurar esses copos para mim, camarada major? Em seguida, foi a vez de uma garrafa de champanha da Geórgia. O russo arrancou a rolha com um largo sorriso e encheu os copos.

— Agora vou lhe ensinar como é a tradição russa. Primeiro, beba.

A equipe de TV estava adorando.

— Acho que conheço esta parte — disse o americano, bebendo o champanha. — E agora?

— Os copos jamais devem ser usados outra vez. Faça como eu.

O russo girou o corpo e se colocou em posição de arremessar o copo no buraco. O americano riu e imitou-o.

— Agora! Os dois copos mergulharam ao mesmo tempo no último silo americano para mísseis Minuteman. Eles desapareceram no meio do vapor, mas os dois homens puderam ouvir quando se despedaçaram nas paredes calcinadas.

— Felizmente, eu trouxe mais dois copos — afirmou Valentin, tirando-os do bolso.

— Que filho da mãe! — exclamou Ryan.

Acontece que o americano que estava no silo russo tivera uma ideia semelhante e estava agora explicando o significado da expressão “era Miller”. Infelizmente, as latas de cerveja de alumínio eram inquebráveis.

— Achei muito teatral — comentou Cathy.

— Não é exatamente Shakespeare, mas está bem o que acaba bem, querida.

Ouviram o espocar das rolhas das garrafas de champanha, em meio a aplausos gerais.

— A parte dos cinco bilhões de dólares é verdade?

— É.

— Então, Ivan Emmetovich, agora podemos ser realmente amigos? — perguntou Golovko, pegando dois copos. — Finalmente nos conhecemos, Caroline – disse, de forma cavalheiresca, dirigindo-se a Cathy.

— Sergey e eu somos velhos conhecidos — explicou Jack, pegando um dos copos e brindando ao anfitrião.

— Ao dia em que eu estive com uma arma encostada na sua cabeça — disse o russo.

Ryan ficou na dúvida se aquilo era uma referência histórica... ou um brinde ao evento.

— O quê? — perguntou Cathy, quase engasgando com a bebida.

— Você não contou a ela?

— Que é isso, Sergey!

— Do que é que vocês dois estão falando?

— Dra. Ryan, uma vez seu marido e eu tivemos uma... divergência profissional durante a qual encostei uma arma na cabeça dele. O que você não sabia, Jack, era que a pistola estava descarregada.

— Ora, eu não ia mesmo a lugar nenhum, ia?

— Do que é que vocês dois estão falando? É alguma piada? — insistiu Cathy, começando a se irritar.

— Não deixa de ser um tipo de piada, querida. Como vai, Andrey Ilich?

— Vai bem. Na verdade, se quiser se encontrar com ele, isso pode ser arranjado.

Jack fez que sim com a cabeça. — Eu gostaria.

— Desculpe, mas quem exatamente é o senhor?

— Querida, este é Sergey Nikolayevich Golovko, chefe do Serviço de Inteligência Externa da Rússia — interveio Jack

— Chefe da KGB? E vocês dois se conhecem?

— Não da KGB, senhora. Hoje nossa importância é muito menor. Seu marido e eu somos... somos antigos rivais.

— Está bem, e quem ganhou no final? — quis saber Cathy.

Os dois pensaram a mesma coisa, mas Golovko falou primeiro: — Ambos, é claro. Agora, com sua permissão, gostaria de apresentá-la a minha esposa, Yelena. Ela é pediatra.

Aquilo era uma coisa que a CIA jamais se dera ao trabalho de investigar, pensou Jack. Voltou-se para olhar para os dois presidentes, apreciando o momento, apesar de estar cercado de repórteres. Era a primeira vez que comparecia a uma cerimônia daquele porte, mas tinha certeza de que raramente o clima era tão festivo. Talvez fosse a liberação da tensão acumulada, a certeza de que finalmente tudo acabara. Viu novas garrafas serem abertas. Era champanha de primeira, e pretendia beber tudo a que tinha direito. Logo a CNN se cansaria da festa, mas não os outros. Todos os militares, políticos, espiões, diplomatas... que diabo, talvez pudessem todos se tornar amigos de verdade.

19
O SEGUNDO GOLPE

Embora a escolha do momento tivesse sido aleatória, o plano que estava por trás de tudo era extremamente sofisticado, resultado de anos de estudos, modelagens e simulações. Na verdade, a operação já começara quando seis grandes bancos comerciais em Hong Kong começaram a se desfazer de obrigações do Tesouro dos Estados Unidos. Essas obrigações tinham sido compradas havia poucas semanas, como parte de uma transação complexa envolvendo a redução das reservas em ienes, executada como uma garantia clássica contra flutuações monetárias. Os próprios bancos estavam prestes a sofrer uma grande mudança, que envolvia a perda de soberania do próprio território onde estavam instalados, e dois fatores faziam suas compras maciças parecerem uma medida perfeitamente normal, com o objetivo de maximizar simultaneamente sua liquidez e flexibilidade. Ao venderem as obrigações,

estavam apenas se beneficiando, embora em uma escala extraordinariamente elevada, da variação relativa dos valores do dólar e do iene.

Na verdade, teriam um lucro de 17% com a transação, e aplicariam o capital em ienes, que, de acordo com a maioria dos especialistas em câmbio, tinham chegado ao fundo do poço e logo começariam a reagir. Entretanto, isso queria dizer que duzentos e noventa bilhões de dólares em obrigações americana s foram oferecidos no mercado, por um preço bastante convidativo. Em pouco tempo, foram todas adquiridas por bancos europeus.

Os banqueiros de Hong Kong fizeram os lançamentos eletrônicos apropriados, e a transação foi concluída. Logo depois, comunicaram o acontecido a Pequim, satisfeitos por mostrar que tinham obedecido às instruções dos futuros senhores políticos. Melhor ainda, pensaram todos, que o negócio resultara em um lucro considerável.

No Japão, a transação foi registrada. Com quatorze horas de diferença em relação à hora local da cidade de Nova York, ainda considerada o centro do comércio mundial, não era raro que os japoneses envolvidos no mercado financeiro trabalhassem em horas normalmente associadas à profissão de vigia noturno, e de qualquer forma os serviços de notícias que divulgavam informações financeiras transmitiam dados vinte e quatro horas por dia.

Algumas pessoas ficariam surpresas ao saber que entre os analistas financeiros japoneses havia alguns homens extremamente poderosos e que uma sala especial fora instalada no último andar de um grande edifício de escritórios na última semana. Chamada de Sala de Guerra pelos ocupantes, estava ligada por telefone aos grandes centros financeiros do globo e dispunha de monitores que mostravam o que se passava em cada um deles.

Outros bancos asiáticos entraram em ação, repetindo o que haviam feito os colegas de Hong Kong, enquanto os ocupantes da Sala de Guerra observavam seus monitores. Pouco depois do meio-dia de sexta-feira, hora de Nova York, o que equivalia da 2:03 da madrugada de sábado em Tóquio, eles viram mais trezentos milhões de dólares em obrigações do Tesouro dos Estados Unidos serem colocados à venda no mercado por um preço ainda mais atraente do que tinha sido oferecido em Hong Kong. Essas obrigações também foram logo adquiridas por bancos europeus, cujo dia e semana de trabalho estavam terminando. Até aquela altura, nada de visivelmente anormal acontecera. Só então os bancos japoneses começaram a agir, bem cobertos pela atividade dos outros. Os bancos de Tóquio também passaram a vender todas as suas obrigações americana s, com o propósito ostensivo de sustentar a cotação do iene. No processo, porém, todo o excesso de dólares do mundo tinha sido consumido em poucos minutos. O fato poderia ser considerado como mera

coincidência, mas os analistas do mercado de câmbio (pelo menos os que não estavam almoçando em Nova York) agora sabiam que qualquer outro movimento no mesmo sentido poderia desestabilizar o dólar, por mais improvável que isso pudesse parecer algumas horas atrás.

O jantar oficial fez jus à tradicional hospitalidade russa, tornada ainda mais efusiva pelo fato de estar sendo comemorado o final de duas gerações de terror nuclear. O Metropolitano da Igreja Ortodoxa Russa fez uma longa e solene oração. Prisioneiro político por duas vezes, seu agradecimento a Deus foi comovente, levando alguns dos presentes às lágrimas, que logo foram enxugadas pelo início do banquete. Havia sopa, caviar, aves, carnes finas e grandes quantidades de álcool, que, para variar, todos se sentiram livres para ingerir. Os objetivos da viagem tinham sido cumpridos. Não havia mais segredos para esconder. O dia seguinte era sábado, e todo mundo poderia dormir até tarde.

— Até você, Cathy? — perguntou Jack.

A esposa não era de beber muito, mas naquela noite estava entornando para valer.

— Esta champanha é uma delícia.

Era o primeiro banquete oficial de que participava no exterior. Tivera um dia muito agradável com cirurgiões oftálmicos locais e convidara dois dos melhores, ambos professores titulares, a visitar o Instituto Wilmer e se familiarizar com seu campo de especialização. Cathy estava cotada para o prêmio Lasker pelas suas pesquisas de cirurgia a laser, fruto de onze anos de trabalho, e razão pela qual não aceitara uma posição de chefe de departamento oferecida duas vezes pela Universidade de Virgínia. O artigo científico em que relataria as principais descobertas estava para ser publicado no New England Journal of Medicine; para ela, aquela noite e aquela viagem também representavam muito.

— Você vai pagar o preço amanhã de manhã — advertiu o marido.

Jack estava procurando ir devagar, embora já tivesse excedido o limite normal, que era um único drinque. Os brindes é que eram o problema, pensou, pois já estivera em outros banquetes russos. Era um fenômeno cultural. Os russos eram capazes de superar qualquer irlandês em matéria de bebida, algo que aprendera do modo mais difícil, mas a maior parte da delegação americana ou ainda não aprendera a lição ou realmente não estava ligando. O conselheiro de Segurança Nacional sacudiu a cabeça. Eles veriam o que era bom na manhã seguinte. Nesse momento, chegou o prato principal, e as taças foram enchidas com vinho tinto.

— Oh, meu Deus, se eu continuar comendo desse jeito a costura do meu

vestido vai abrir!

— Isso pode tornar o banquete ainda mais animado — observou o marido, fazendo com que Cathy o fuzilasse com os olhos.

— Você é magra demais — comentou Golovko, que estava sentado ao lado dela, revelando outro preconceito dos russos.

— Quantos anos têm os seus filhos? — perguntou Yelena Golovko.

Também magra pelos padrões russos, era professora de pediatria e estava se revelando uma excelente companhia.

— Um costume americano — replicou Jack, tirando a carteira do bolso e mostrando as fotografias dos filhos. — Esta aqui é a Olívia. Nós a chamamos de Sally. Este é o pequeno Jack, e esta é a caçula.

— O menino é parecido com você, mas as meninas são a cara da mãe.

— É melhor que seja assim — observou Jack, com um sorriso.

As grandes corretoras são exatamente o que o nome indica, mas os acionistas comuns ficariam surpresos se soubessem como elas operam. A Wall Street era uma grande coleção de equívocos, a começar pela própria rua, que tem a largura aproximada de um beco de qualquer bairro residencial; até mesmo as calçadas são muito estreitas para o movimento usual de pedestres. Quando uma ordem de compra chegava a uma grande corretora, como a maior delas, a Merrill Lynch, os empregados não saíam à procura, física ou eletronicamente, de alguém disposto a vender essa ação.

O que a firma fazia era comprar diariamente quantidades estratégicas das ações mais negociadas e esperar para ver se os clientes se interessavam por elas. Comprando em grandes quantidades, conseguiam em geral um desconto, podendo vendê-las, mais tarde, por um preço maior. Dessa forma, as corretoras ganhavam dinheiro na chamada posição de “meio”, que em geral correspondia a cerca de um oitavo de ponto. Um ponto era um dólar, de modo que um oitavo de ponto equivalia a doze centavos e meio.

Aparentemente, uma pequena margem de lucro para uma ação cujo valor podia ser medido em centenas de dólares no caso de algumas blue chips, era uma margem que, repetida diariamente em centenas de operações, podia representar um lucro considerável quando as coisas corriam bem. Entretanto, nem sempre isso acontecia, de modo que uma corretora também podia perder grandes quantias, caso as cotações caíssem mais depressa que o esperado. Existiam muitos ditados a respeito. No mercado de Hong Kong, um dos maiores e mais ativos, costumava-se dizer que “o mercado sobe como uma escada rolante e desce como um elevador”, mas um provérbio ainda mais básico era oferecido a todos os novos “cientistas de foguetes” que se propunham a trabalhar na sede da Merrill Lynch: “Jamais presuma que existe um comprador para o que você

pretende vender.” Naturalmente, todos presumiam isso na prática, porque sempre aparecera um comprador, pelo menos até onde ia a memória coletiva da firma, e essa memória ia longe.

Entretanto, a maior parte dos negócios não envolvia acionistas individuais. Desde a década de 1960, os fundos de investimentos tinham assumido um papel cada vez mais importante no mercado. Chamados de ”instituições financeiras”, da mesma forma que os bancos, companhias de seguros e fundos de pensões, havia na verdade um número muito maior dessas “instituições” do que diferentes ações na Bolsa de Valores de Nova York. Era como se o número de caçadores fosse maior do que o número de animais a serem caçados, e os fundos controlavam imensos volumes de dinheiro. Eram tão poderosos, na verdade, que sua atuação podia influenciar as cotações de ações individuais ou mesmo, por curtos períodos, o comportamento do mercado como um todo. Além disso, em muitos casos, as “instituições” eram controladas por um pequeno número de pessoas, ou mesmo por uma única pessoa.

A terceira e maior onda de vendas de obrigações do Tesouro surpreendeu a todos, principalmente os técnicos do Federal Reserve Bank, em Washington, que já haviam tomado conhecimento das transações em Hong Kong e Tóquio, as primeiras com interesse e a segunda com uma certa apreensão. O mercado do eurodólar consertara as coisas, mas esse mercado agora já estava praticamente fechado. Restavam os bancos asiáticos, cujos técnicos haviam observado a tendência e consultado suas bases. Essas consultas tinham ido parar em uma sala no último andar de um edifício comercial, onde analistas de peso afirmaram que a situação era séria e recomendaram que se livrassem discretamente de todas as suas reservas em dólar.

As obrigações do Tesouro eram os instrumentos de endividamento do governo dos Estados Unidos e também o principal sustentáculo na moeda americana. Consideradas durante cinquenta anos como o investimento mais seguro do planeta, essas obrigações permitiam que os cidadãos americanos e também os estrangeiros aplicassem seu capital em um papel garantido pela maior economia do mundo, protegida por sua vez pelo maior poder militar do planeta e regulamentada por um sistema político que garantia direitos e oportunidades através de uma Constituição que todos admiravam, embora poucos chegassem a compreender totalmente. Independentemente de quais fossem os defeitos dos Estados Unidos (nenhum deles desconhecido dos investidores internacionais mais sofisticados), desde 1945 que o país vinha sendo o lugar do mundo onde o dinheiro era mais seguro.

Havia uma vitalidade intrínseca nos Estados Unidos. Mesmo imperfeitos, os americanos eram o povo mais otimista do planeta, um povo ainda jovem pelos

parâmetros do restante do mundo, com todas as qualidades da juventude. Assim, quando as pessoas tinham riquezas a proteger e se sentiam inseguras, em geral compravam notas do Tesouro dos Estados Unidos. Os juros não podiam ser os maiores do mercado, mas a segurança certamente era.

Naquele dia, porém, a situação era outra. Os banqueiros do mundo inteiro sabiam que Hong Kong e Tóquio tinham se desfeito de todas as suas obrigações, e a desculpa de que estavam transferindo suas reservas de dólares para ienes não parecia satisfatória. Logo depois chegou a notícia de que outros bancos japoneses estavam vendendo suas obrigações em movimento cauteloso, rápido e bem planejado. Com isso, os bancos de toda a Ásia começaram a fazer o mesmo. A terceira onda de vendas chegou a cerca de seiscentos bilhões de dólares, o que correspondia a quase todas as notas de curto prazo que o governo americano lançara no mercado para financiar o déficit orçamentário.

O dólar já estava caindo, e com o início da terceira onda vendedora, tudo em um período de menos de noventa minutos, a queda acentuou-se.

Na Europa, os corretores a caminho de casa receberam mensagens pelos telefones celulares para que voltassem aos escritórios. Algo totalmente inesperado estava acontecendo. Os analistas imaginaram se teria algo a ver com o escândalo sexual no governo americano. A preocupação americana com as orgias sexuais dos políticos sempre divertira os europeus. Era uma coisa tola, puritana, irracional, mas tinha uma grande influência no cenário político americano, o que a tornava um fator relevante nas análises econômicas. O valor das obrigações do Tesouro para três meses já caíra 19/32 de um ponto e em consequência o dólar caíra quatro centavos em relação à libra, mais ainda em relação ao marco e mais ainda em relação ao iene.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou um dos membros do conselho diretor do Fed.

Todo o conselho, cujo nome técnico era Comissão do Open Market, estava reunido em torno de um terminal de computador, observando incredulamente a queda constante das cotações do dólar. Não havia nenhuma razão conhecida para aquele caos. Muito bem, houvera o escândalo do vice-presidente Kealty, mas ele era apenas o vice-presidente. O mercado de ações vinha sofrendo algumas flutuações por causa de interpretações conflitantes com relação aos efeitos da Lei de Reforma do Comércio, mas que tipo de sinergia malévola era aquele? O problema, como sabiam muito bem, era que talvez jamais viessem a saber o que acontecera.

As vezes não havia nenhuma explicação razoável. As coisas simplesmente aconteciam, como uma boiada resolvendo estourar por razões ignoradas pelos vaqueiros. Quando o dólar caiu 100%, eles entraram na sala de reuniões e se

sentaram em torno da mesa. A discussão foi rápida e incisiva.

Estava havendo uma corrida para vender dólares. Tinham que fazer alguma coisa. Em vez do aumento de meio ponto percentual da Taxa Básica de Juros que pretendiam anunciar no final do dia, anunciariam um aumento de um ponto. Alguns achavam aconselhável um aumento ainda maior, mas concordaram com a opinião da maioria. A notícia seria divulgada de imediato. O chefe do departamento de relações públicas do Fed preparou uma declaração para ser lida pelo presidente do conselho.

Quando os corretores voltaram do almoço, o que até então tinha sido uma sexta-feira relativamente calma era algo totalmente diferente. Todos os escritórios dispunham de um quadro de avisos onde eram colocadas as principais notícias nacionais e internacionais, já que esses acontecimentos podiam influir no mercado. O aviso de que o Fed decidira aumentar a taxa de juros em um ponto percentual provocou de quinze a trinta segundos de silêncio na maioria dos escritórios, interrompidos por alguns “Que merda!”.

Os corretores mais atualizados, usando seus programas de análise em computador, constataram que o mercado já estava reagindo. Um aumento da taxa de juros era prenúncio seguro de uma queda no Dow, assim como nuvens escuras eram sinal de chuva. A tempestade que estava chegando não seria nada agradável.

As grandes corretoras, como a Merrill Lynch, a Lehman Brothers e a Prudential-Bache, eram altamente automatizadas e obedeciam aos mesmos padrões de organização. Quase sempre havia uma sala muito grande, cheia de terminais de computador. O tamanho do aposento era invariavelmente ditado pela configuração do edifício, e os técnicos regiamente pagos trabalhavam em escritórios tão apinhados quanto os japoneses, exceto pelo fato de que nos escritórios americanos não era permitido fumar. Poucos dos homens trabalhavam de paletó, e a maioria das mulheres usava tênis.

Eram todos muito inteligentes, embora sua educação pudesse surpreender um observador casual. Em vez de serem diplomados em administração por Harvard ou Wharton, como os que os haviam precedido, os novos ”cientistas de foguetes” eram exatamente o que o nome indicava: jovens de formação científica, principalmente matemáticos e físicos. O MIT era no momento a escola mais popular. A razão era simples: todas as corretoras estavam usando computadores, e os computadores usavam modelos matemáticos extremamente complexos tanto para analisar o mercado como para prever seu comportamento futuro. Os modelos baseavam-se em meticulosas análises históricas que remontavam ao tempo em que a Bolsa de Valores de Nova York era um ponto de encontro à sombra de um plátano. Equipes de historiadores e matemáticos

haviam levantado todas as flutuações do mercado. Esses registros tinham sido analisados, comparados com todos os fatores externos passíveis de identificação e recebido um tratamento matemático apropriado; o resultado era uma série de modelos muito precisos e quase irremediavelmente complicados da forma como o mercado funcionara no passado, funcionava no presente e deveria funcionar no futuro. Todos esses modelos, porém, baseavam-se na ideia de que os resultados passados influenciavam o futuro, uma ideia muito comum entre os jogadores, mas manifestamente errônea.

Era preciso ser um gênio da matemática, diziam todos (principalmente os gênios da matemática) para compreender como a coisa funcionava. Os mais velhos não gostavam nem de se envolver. Pessoas que tinham aprendido a fazer negócios nas escolas de administração, ou mesmo funcionários que haviam começado como office boys e subido na empresa à custa de muito esforço e experiência, estavam cedendo lugar à nova geração... e sem muito ressentimento. A meia-vida de um operador de computador era da ordem de oito anos. O ritmo de trabalho era febril; para sobreviver naquele ambiente, era preciso ser jovem e tolo, além de jovem e brilhante. Os mais velhos, que haviam aprendido da maneira mais difícil, deixavam os mais jovens cuidar dos computadores, já que eles próprios não se sentiam à vontade com o equipamento, e assumiam as tarefas de supervisão, análise de tendências, planejamento, comportando-se como tios bondosos dos jovens, que os encaravam como tipos ultrapassados, a quem só recorriam em casos de emergência.

Como resultado, ninguém era na realidade responsável por nada, com exceção, talvez, dos modelos matemáticos implantados nos computadores, e todo mundo usava os mesmos modelos. Eles eram fornecidos em sabores ligeiramente diferentes, pois os consultores que os haviam gerado tinham sido instruídos pelas corretoras para produzir alguma coisa original. Quem mais lucrava com isso eram os consultores, que vendiam praticamente o mesmo trabalho para vários clientes mas cobravam de cada um pelo que afirmavam ser um produto exclusivo.

A consequência, para usar a terminologia militar, era uma doutrina operacional uniforme e inflexível para todo o mercado. Além do mais, era uma filosofia operacional que poucos conheciam e compreendiam em profundidade.

O Columbus Group, um dos maiores conglomerados de fundos de investimentos, também usava modelos matemáticos. Controlando bilhões de dólares, seus três principais fundos de investimentos, Santa Maria, Pinta e Nina, conseguiam comprar grandes lotes de ações por preços abaixo do mercado e através dessas transações afetavam diretamente as cotações da bolsa. Esse vasto poder sobre o mercado era controlado por sua vez por não mais do que três

indivíduos, e esse trio prestava contas a um quarto homem, que era quem tomava as decisões realmente importantes. Os outros cientistas de foguetes da firma eram pagos, avaliados e promovidos em termos da capacidade de fazer recomendações aos superiores. Eles não tinham nenhum poder autônomo. A palavra do chefe era lei, e todos aceitavam isso com naturalidade. O chefe era sempre um homem com uma fortuna pessoal investida no grupo. Cada um dos seus dólares tinha o mesmo valor que os dólares dos milhares de pequenos investidores. Ele corria os mesmos riscos, colhia os mesmos benefícios e ocasionalmente amargava os mesmos prejuízos que os investidores comuns. Essa, na verdade, era a única segurança de todo o sistema de aplicações financeiras.

O maior pecado do negócio era colocar o interesse pessoal na frente do interesse dos investidores. O fato de o dinheiro do dono estar investido nas mesmas aplicações que o dos clientes era uma garantia de que estavam todos no mesmo barco; os pequenos investidores, que não tinham a menor ideia de como o mercado funcionava, tranquilizavam-se com a ideia de que os mandachuvas, que entendiam do assunto, estavam trabalhando para defender os interesses de todos. Não era muito diferente do faroeste americano no século XIX, quando pequenos criadores de gado confiavam suas cabeças aos grandes fazendeiros para a viagem até a estação mais próxima da estrada de ferro.

Era 1:50 da tarde quando o Columbus entrou em cena. Depois de reunir os assessores imediatos, o lugar-tenente de Raizo Yamata discutiu rapidamente a súbita desvalorização do dólar. Todos concordaram com a cabeça.

Parecia sério. Pinta, o fundo de aplicações de médio risco, tinha uma reserva considerável de notas do Tesouro, sempre uma aplicação segura para manter o capital à espera de uma oportunidade melhor. O valor dessas obrigações estava caindo. Ele anunciou que decidira convertê-las de imediato em marcos, a moeda mais estável da Europa. O gerente do Pinta concordou, pegou o telefone, deu a ordem e outra grande transação foi executada, a primeira por parte de uma corretora americana.

— Não gosto do rumo que as coisas estão tomando — comentou em seguida o vice-presidente. — Quero que se mantenham em contato comigo. — Todos os presentes assentiram novamente. As nuvens de tempestade estavam se aproximando, e os primeiros relâmpagos tinham deixado a boiada nervosa.

— Quais as ações de bancos mais vulneráveis à queda do dólar? — perguntou. Já sabia a resposta, mas era mais educado perguntar primeiro.

— As do Citibank — respondeu o gerente do Nina. Ele era o responsável pelas blue chips do fundo. — Estamos abarrotados delas.

— Livre-se delas — ordenou o vice-presidente. — E mais seguro.

— Quer que venda todas? — perguntou o gerente, incrédulo. O Citibank acabara de publicar um balancete trimestral bastante favorável.

— Todas — confirmou o chefe.

— Mas...

— Todas — insistiu o vice-presidente. — Já.

Na Depository Trust Company, o aumento de movimento na bolsa de valores foi observado por funcionários cuja tarefa era registrar todas as transações. Todo dia, assim que o pregão era encerrado, eles reuniam todos os dados, anotavam que comprador tinha adquirido que ações de que vendedor e executavam as transferências de dinheiro entre as contas correspondentes, fazendo a contabilidade geral do mercado acionário. Seus monitores mostravam um aumento acentuado do movimento, mas todos os computadores Stratus estavam rodando o programa Electra-Clerk 2.3.1 instalado por Chuck Searls e conseguiam acompanhar o ritmo das transações. Cada máquina dispunha de três saídas. Um cabo ia para os monitores, outro para as unidades de fita magnética e um terceiro para uma impressora, o instrumento mais confiável mas ao mesmo tempo menos conveniente para registrar informações. A natureza das interfaces exigia que cada sinal de saída viesse de uma placa diferente dos computadores, mas todos representavam as mesmas informações, e em consequência ninguém se preocupava com os registros permanentes. Afinal, os dados eram processados em paralelo por seis computadores, instalados em dois edifícios diferentes. Parecia um sistema à prova de falhas.

As coisas poderiam ser feitas de outra forma. Seria possível processar imediatamente cada ordem de compra ou venda, mas isso exigiria o uso de máquinas muito mais potentes, pois o número de transações simultâneas era elevado. Na verdade, o DTC tinha a função de organizar o caos. No final de cada dia, as transações eram classificadas por corretora, por ação e por cliente, de modo a reduzir ao mínimo o número de cheques que cada corretora tinha de emitir. Na verdade, quase todas as transferências de fundos eram feitas eletronicamente, mas o princípio era o mesmo. Agindo assim, as corretoras tinham menos trabalho e ao mesmo tempo acumulavam informações que podiam usar em auditorias internas e também para aperfeiçoar seus modelos matemáticos do mercado como um todo. Embora se tratasse aparentemente de uma operação de complexidade inimaginável, o uso de computadores tornava o processo rotineiro e muito mais eficiente do que o ato de calcular manualmente o saldo de uma conta bancária.

— Puxa, alguém está inundando o mercado com ações do Citibank — comentou o controlador do sistema.

O pregão da Bolsa de Valores de Nova York era dividido em três partes, a

maior das quais tinha sido anteriormente uma garagem. Havia uma quarta sala de negociações em construção, e os alarmistas já estavam comentando que toda vez que a Bolsa fora ampliada alguma coisa ruim acontecera.

Apesar de envolver alguns dos indivíduos mais racionais e intransigentes do mundo dos negócios, aquela comunidade também tinha as suas superstições institucionais. O pregão era na realidade um conjunto de firmas individuais, cada uma das quais se responsabilizava por um certo grupo de ações. Uma firma podia negociar ações da indústria farmacêutica, por exemplo. Outra se especializava em ações de bancos. A função real da Bolsa era oferecer liquidez e um ponto de referência. As pessoas podiam comprar e vender ações em qualquer lugar, desde o escritório de um advogado até o restaurante de um clube de campo. A maior parte das negociações ocorria em Nova York porque... ocorria em Nova York, e pronto. A Bolsa de Valores de Nova York, ou NYSE, era a mais antiga. Havia também a Bolsa de Valores Americana, ou Amex, e a mais recente Cotação Automática da Associação Nacional de Corretores de Ações, cujo nome complicado era compensado por uma sigla fácil de lembrar, NASDAQ. A NYSE era a mais tradicional de todas; dizia-se que entrara no mundo da automação com extrema relutância. Algo arrogante (encarava as outras bolsas como uma espécie de segunda divisão), era frequentada por profissionais que passavam a maior parte do dia em seus quiosques, observando os vários monitores, comprando e vendendo e, como as corretoras, ganhando dinheiro com as posições de “meio” ou de spread. Se o mercado de ações e seus investidores eram a boiada, eles eram os caubóis, e seu trabalho era estabelecer os preços de referência e manter o rebanho organizado e contido, serviço pelo qual os melhores deles recebiam uma generosa remuneração capaz de compensar o ambiente de trabalho, que nos dias melhores era caótico e desagradável e nos piores se parecia muito com o estouro de uma boiada.

Aquele estouro da boiada já começara. A venda maciça de obrigações do Tesouro foi devidamente noticiada no pregão, e os presentes trocaram olhares nervosos e sacudiram as cabeças diante do infausto acontecimento.

Logo depois, foram informados de que o Fed reagira imediatamente. Ao comunicar a posição do Federal Reserve, o presidente do conselho, embora procurando mostrar-se firme, foi incapaz de disfarçar sua preocupação; entretanto, isso não fazia muita diferença. Poucas pessoas prestaram atenção no que estava dizendo, a não ser para se inteirar de que houvera mais um aumento na Taxa Básica de Juros. Era essa a notícia importante. O restante era apenas uma tentativa de evitar o pânico no mercado, e os investidores preferiam confiar na sua própria análise.

As ordens de venda começaram a chegar. O operador que se especializava

em ações de bancos ficou surpreso com um telefonema do Columbus, mas teve de obedecer. Anunciou que tinha “quinhentas Citi a três , o que significava quinhentas mil ações, do First National City Bank of New York a oitenta e três dólares, dois pontos inteiros abaixo do valor de mercado, evidentemente uma tentativa de vender as ações sem demora. Era um preço muito atraente, mas mesmo assim o mercado hesitou antes de absorver as ações e a cotação caiu para “dois e meio”.

Os computadores também acompanhavam o movimento do pregão, porque os operadores não confiavam plenamente na própria capacidade e análise. Afinal, qualquer um deles podia estar ao telefone na hora errada e perder alguma informação importante. Assim, cada vez mais, as grandes instituições financeiras estavam sendo guiadas pelos computadores, ou melhor, pelo software instalado nos computadores, que por sua vez fora instruído para se basear em certos critérios. Naturalmente, os computadores não sabiam nada sobre o mercado financeiro, mas eram capazes de seguir instruções do tipo: Se “A” acontecer, então faça “B”. Os programas de nova geração, que atendiam coletivamente pelo nome de “sistemas especialistas” (um termo mais feliz do que “inteligência artificial”) pelo seu alto grau de sofisticação, eram atualizados diariamente com os valores de certos parâmetros, a partir dos quais extrapolavam eletronicamente o estado de segmentos inteiros do mercado. Balancetes trimestrais, tendências da indústria, mudanças em cargos de direção, tudo isso recebia valores numéricos e era incorporado a bancos de dados dinâmicos que os sistemas especialistas consultavam para tomar suas decisões, sem nenhuma intervenção humana.

Naquele caso, a queda brusca e violenta da cotação das ações do Citibank foi interpretada pelos computadores como um sinal de que deviam se desfazer de ações de outros bancos. Os computadores lembraram-se de que as ações do Chemical Bank também tinham caído alguns pontos na semana anterior; nas três instituições que usavam o mesmo programa, essas ações logo caíram um ponto e meio. Essa queda das ações do Chemical Bank, combinada com a queda das ações do Citibank, atraiu a atenção de outros sistemas especialistas que usavam as mesmas rotinas mas diferentes bancos de dados, fazendo com que o efeito se espalhasse por todo o sistema.

Entre os grandes bancos, o Manufacturers Hanover foi a vítima seguinte.

Agora, os programas estavam consultando seus protocolos internos para saber qual seria a provável reação do mercado depois que todas as ações de bancos tivessem desabado.

Com o dinheiro conseguido com a venda das obrigações do Tesouro, o Columbus começou a comprar ouro, tanto sob a forma de ações como no mercado futuro, iniciando uma tendência geral para vender papel-moeda e

comprar metais preciosos. Essa tendência também foi detectada pelos analistas, tanto humanos quanto eletrônicos. Em todos os casos, o panorama observado foi o mesmo: uma tendência de venda de obrigações de governo, um aumento brusco da Taxa Básica de Juros, uma tendência de queda do dólar e das ações de bancos e uma tendência de alta dos metais preciosos. No conjunto, esses indicadores anunciavam um aumento da taxa de inflação, e a inflação tinha um efeito funesto sobre o mercado acionário; não era preciso ter inteligência artificial para saber disso. A situação ainda não parecia muito grave, nem para os programas de computador nem para os analistas humanos, mas todos acompanhavam com atenção as tendências do mercado, e todos queriam estar um passo à frente para proteger os investimentos pessoais e os dos clientes.

Aquela altura, o mercado de ações já fora seriamente afetado. Meio bilhão de dólares, despejados na hora certa, haviam abalado outros dez. Os gerenciadores do eurodólar que tinham sido chamados de volta a seus escritórios não estavam em condições de tomar decisões racionais. A situação do mercado internacional nos últimos tempos andara muito confusa, e agora, de volta aos escritórios, cada um perguntou aos outros o que estava acontecendo, apenas para descobrir que grande quantidade de obrigações do Tesouro dos Estados Unidos tinha sido vendida por um valor muito abaixo do mercado, e que a tendência estava continuando, agora apoiada por uma das maiores instituições americanas. Mas por quê?, perguntavam todos. Precisavam de mais informações, e se concentraram nas notícias procedentes dos Estados Unidos. Depois de franzir a testa e sacudir a cabeça várias vezes, esses analistas, ainda muito confusos, decidiram recorrer aos sistemas especialistas para saber o que fazer, porque simplesmente não conseguiam entender a razão por trás das últimas tendências.

Mas isso na verdade era secundário, não era? O que havia de concreto era que as obrigações do Tesouro estavam caindo, e o Fed acabara de aumentar a Taxa Básica de Juros. No momento, decidiram, na falta de uma orientação por parte dos seus governos e bancos centrais, o melhor era não comprar obrigações do Tesouro dos Estados Unidos. Também começaram a examinar a possibilidade de vender parte das suas reservas em ações, porque tudo indicava que a tendência era de baixa em todas as bolsas de valores.

— ... entre o povo da Rússia e o povo dos Estados Unidos — concluiu o presidente Grushavoy, respondendo ao discurso do presidente Durling, como exigia o protocolo. Todos brindaram à amizade entre as duas nações.

Ryan se contentou com dois goles de vodca. Mesmo com aqueles cálices minúsculos, era possível se embebedar, já que havia garçons em toda parte para tornar a enchê-los, e a festa mal começara. Jamais comparecera a uma cerimônia

oficial tão... descontraída. Toda a comunidade diplomática estava ali... ou pelo menos os embaixadores de todos os países importantes tinham comparecido. O embaixador do Japão, em particular, parecia muito contente, circulando de mesa em mesa para trocar amenidades com os convidados.

O próximo a falar foi Henson, o secretário de Estado, que brindou ao Ministério do Exterior da Rússia, comemorando a cooperação dos russos não só com os Estados Unidos, mas também com a Europa Ocidental. Jack consultou o relógio: eram 10:03, hora local. Já bebera três drinques e meio, mas mesmo assim se considerava a pessoa mais sóbria da festa. Cathy parecia um pouco alta. Isso não acontecia fazia muito tempo, e sabia que seria motivo para gozá-la durante muito tempo.

— Jack, você não gosta de vodca? — perguntou Golovko.

Ele também estava bebendo muito, mas parecia acostumado.

— Não quero dar nenhum vexame — explicou Ryan.

— Duvido que você seja capaz — replicou o russo.

— Você diz isso porque não é casado com ele — observou Cathy, piscando o olho.

— Você deve estar maluco — disse um corretor para o seu computador em Nova York.

Sua firma gerenciava vários fundos de pensão, responsáveis pela poupança de mais de um milhão de operários. Depois de almoçar na sua delicatessen favorita, estava oferecendo obrigações do Tesouro a preço de banana, obedecendo a ordens de cima, e não apareciam interessados. Por quê? Apareceu um pedido cauteloso de um banco francês, aparentemente para se garantir contra a pressão inflacionária sobre o franco. Era um negócio de apenas um bilhão, por 17/32 a menos que a cotação de abertura, o equivalente internacional a um assalto a mão armada. Entretanto, o Columbus, como ele pôde constatar no computador, aceitara a oferta, comprando os francos e transformando-os quase de imediato em marcos.

Ainda digerindo um sanduíche de presunto, o homem sentiu como se o conteúdo do seu estômago tivesse se transformado em uma bola de chumbo.

— O pessoal está se livrando dos dólares? — perguntou à operadora a seu lado.

— É o que parece — respondeu a moça.

Em uma hora, as opções do dólar no mercado futuro tinham caído da porcentagem máxima permitida para o dia, depois de terem subido durante toda a manhã.

— Quem foi?

— Não, sei, mas certamente ferrou o Citibank. O Chemical está caindo, também.

— Algum tipo de correção? — especulou. Correção do quê? Para quê? O que devo fazer? Vender? Esperar? Ele tinha que tomar alguma decisão. Precisava proteger a poupança dos clientes, mas o mercado estava se comportando de uma forma que não conseguia compreender. A Bolsa entrara pelo cano, e ele não sabia por quê. Para fazer o seu trabalho, precisava saber.

— Anda rumando para oeste a nosso encontro, Shoho — disse o comandante de operações da esquadra ao almirante Sato. — Devem aparecer no nosso radar a qualquer momento.

— Hai. Obrigado, Issa — respondeu Sato, com um ar de contrariedade na voz.

Queria dar essa impressão. Os americanos tinham sido os vencedores do exercício, o que não era nenhuma surpresa. Nem era de espantar que os tripulantes o vissem deprimido. Depois de todos os ensaios e treinamentos, tinham sido teoricamente dizimados, e o ressentimento que sentiam, embora não fosse muito correto, era perfeitamente humano. Mais uma vez, pensaram. Mais uma vez os americanos derrotaram-nos. Isso era algo que deixava o comandante da esquadra muito satisfeito. O moral dos comandados era uma das coisas mais importantes da operação, que, sem que os tripulantes soubessem, não terminara, mas na verdade ainda estava para começar.

O movimento que começara com as obrigações do Tesouro estava agora afetando todas as ações de bancos negociadas na Bolsa, o suficiente para que o presidente do Citibank convocasse uma entrevista coletiva para protestar contra o colapso das ações do banco, chamando atenção para o último balancete e para a excelente situação financeira em que se encontrava um dos maiores bancos do país. Ninguém lhe deu ouvidos. Teria sido melhor se desse alguns telefonemas a alguns financistas influentes, mas provavelmente isso também não adiantaria muito.

O único banqueiro que poderia salvar a situação estava fazendo um discurso em um clube no centro da cidade quando seu bip começou a tocar.

Era Walter Hildebrand, presidente da filial de Nova York do Federal Reserve Bank e segundo em importância para o homem que dirigia a matriz em Washington. Um homem de grande fortuna pessoal, obtida por herança, mas que mesmo assim começara de baixo no mercado financeiro (embora morasse em um confortável apartamento de doze cômodos), Hildebrand também fizera por merecer o cargo atual, que considerava como uma excelente oportunidade para

servir ao público. Depois de concluir o discurso sobre as consequências da Reforma do Comércio, olhou para o bip, que avisava que ligasse para o escritório. Entretanto, o escritório ficava a apenas alguns quarteirões de distância e decidiu voltar a pé para lá em vez de telefonar. Se tivesse telefonado, receberia instruções para se dirigir imediatamente à Bolsa de Valores. Entretanto, isso não teria feito nenhuma diferença.

Hildebrand saiu sozinho do prédio. Estava um dia lindo de sol, ideal para caminhar. Não se dera ao trabalho de contratar um guarda-costas, como muitos dos antecessores, mas tinha licença para andar armado, e às vezes levava uma pistola no bolso.

As ruas da parte sul de Manhattan são estreitas e movimentadas, tomadas principalmente por caminhões de entrega e táxis pintados de amarelo que se projetam de esquina em esquina como carros de corrida.

As calçadas também eram estreitas e apinhadas. Os pedestres eram forçados a seguir um caminho tortuoso, com muitos desvios. A parte mais livre da calçada quase sempre era a mais próxima do meio-fio e foi por ali que Hildebrand seguiu, caminhando o mais depressa que as circunstâncias permitiam, pois estava ansioso para chegar ao escritório. Não notou que estava sendo seguido por um homem bem vestido, de cabelos escuros e rosto inexpressivo. Era apenas uma questão de esperar pelo momento certo, que, dado o tráfego intenso, teria de ocorrer mais cedo ou mais tarde. O homem moreno sentiu-se aliviado, pois preferia não usar a pistola para o serviço. Não gostava de fazer barulho. O barulho chamava a atenção.

Alguém podia se lembrar do seu rosto, e embora pretendesse estar em um avião a caminho da Europa em pouco mais de duas horas, sempre era melhor agir com prudência. Assim, olhou para um lado e para o outro, observando os veículos e escolhendo cuidadosamente a ocasião.

Estavam chegando à esquina de Rector com Trinity. O sinal à frente ficou verde, permitindo que os automóveis avançassem mais cinquenta metros. Em seguida, o sinal de trás também abriu, liberando a energia represada de uma quantidade razoável de veículos. Alguns eram táxis, que arrancaram mais depressa do que os outros, porque adoravam mudar de pista. Um táxi amarelo adiantou-se aos demais e tomou a pista da direita.

Uma situação perfeita. O homem moreno apressou o passo até se colocar logo atrás de Hildebrand, e tudo que teve a fazer foi empurrá-lo. O presidente do Fed de Nova York tropeçou no meio-fio e caiu na rua. O motorista do táxi pisou fundo no freio e tentou desviar-se, mas não havia tempo. Apesar de tudo, o banqueiro teve sorte. Os freios do táxi tinham sido regulados fazia pouco tempo, e ele estava a menos de trinta quilômetros por hora quando atropelou Walter

Hildebrand, o suficiente apenas para arremessá-lo contra um poste de luz, quebrando-lhe a coluna. Um policial do outro lado da rua assistiu à cena e chamou uma ambulância pelo rádio portátil.

O homem moreno misturou-se à multidão e dirigiu-se para a estação de metrô mais próxima. Não sabia se o homem estava morto ou não. A pessoa que encomendara o serviço dissera-lhe que não havia necessidade de matá-lo, o que lhe parecera muito estranho. Era o primeiro banqueiro que alguém estava interessado apenas em ferir, não em matar.

Quando o guarda se aproximou do homem caído, notou que o bip estava tocando. Decidiu ligar para o número indicado assim que a ambulância chegasse. Sua preocupação no momento era acalmar o motorista de táxi, que insistia em que não tivera culpa nenhuma no acidente.

Os sistemas especialistas “sabiam” que sempre que as ações dos bancos caíam bruscamente, as pessoas perdiam a confiança no sistema e tratavam de retirar o dinheiro dos bancos que lhes pareciam mais vulneráveis. Isso forçava os bancos a aumentar a pressão sobre os devedores ou, o que era mais importante para os sistemas especialistas e sua capacidade de prever as tendências do mercado antes dos concorrentes, a liquidar seus ativos financeiros para atender aos depositantes que queriam seus depósitos de volta. Os bancos em geral investiam com cautela no mercado de ações, limitando-se a blue chips e a ações de outros bancos; por isso, de acordo com os computadores, era de esperar que a próxima onda de baixas atingisse as ações mais negociadas, especialmente as trinta cujas cotações eram usadas para calcular a Média Industrial Dow Jones. Como sempre, o importante para as instituições financeiras era detectar a tendência e agir bem rápido, preservando assim o patrimônio dos fundos que administravam. Entretanto, como todas as instituições usavam praticamente os mesmos sistemas especialistas, era inevitável que chegassem às mesmas conclusões e agissem praticamente ao mesmo tempo. Ao avistarem um relâmpago relativamente próximo da manada, todos os bois começavam a se mover na direção oposta, devagar a princípio, mas sempre na mesma direção.

Os operadores da Bolsa sabiam o que estava para acontecer. Acostumados a receber ordens de compra e venda geradas por computadores, podiam prever com exatidão o que os computadores fariam no momento seguinte.

A coisa está preta, foi o que se murmurou o tempo todo nas três salas de operação. A própria previsibilidade do fenômeno deveria ter sido uma indicação da sua gravidade, mas era difícil para os caubóis manter-se afastados da boiada para tentar encontrar um meio de dirigi-la, contê-la, acalmá-la, em vez de serem pisoteados por ela. Se houvesse uma queda considerável, todos sairiam perdendo, pois suas firmas operavam com uma margem de lucro muito estreita.

O presidente da NYSE estava agora na galeria, olhando para baixo, imaginando por que Walt Hildebrand ainda não chegara. Era dele que estavam precisando; todos ouviam o que Walt tinha a dizer. Pegou o telefone celular e ligou novamente para o escritório do homem, mas a secretária informou-lhe que Walt ainda não voltara da sua palestra. Sim, chamara pelo bip, mas não recebera nenhuma resposta.

Pôde ver a coisa começar. Os operadores corriam de um lado para outro; o ruído no pregão atingia níveis ensurdecedores. Quando as pessoas começavam a gritar, era sempre mau sinal. As blue chips, cujas abreviações de três letras conhecia tão bem quanto os nomes dos filhos, eram responsáveis no momento por mais de um terço dos negócios, e suas cotações estavam caindo rapidamente. Foram necessários apenas vinte minutos para que o Dow caísse cinquenta pontos; por mais brusca que fosse a queda, foi encarada com um certo alívio. Automaticamente, os computadores da Bolsa de Valores de Nova York pararam de aceitar ordens de venda geradas por computadores. O limite de cinquenta pontos era chamado de “quebra-molas”. Estabelecido após a crise de 1987, tinha por objetivo reduzir a velocidade das negociações ao ritmo humano. Entretanto, os responsáveis pela medida tinham-se esquecido de que nada impedia os corretores de receber instruções dos computadores (já não se davam ao trabalho de chamá-las de recomendações) e enviar as ordens de venda por telefone, telex ou correio eletrônico. Assim, tudo que o quebra-molas conseguiu foi interromper as transações por um curto período de tempo. Depois de um hiato de não mais que um minuto, o movimento voltou aos níveis anteriores, com a mesma tendência de baixa.

Àquela altura, o pânico já atingira toda a comunidade financeira, refletindo-se na atmosfera tensa e nas conversas em voz baixa que estavam ocorrendo em todas as empresas de investimentos. A CNN colocou no ar uma transmissão ao vivo a partir da galeria que dava para a antiga garagem da NYSE. O mapa das cotações, mostrado no programa “Headline News”, contou a história para investidores que também gostavam de acompanhar acontecimentos mais mundanos. Para outros, havia agora um ser humano de verdade para informar que a Média Industrial Dow Jones caíra cinquenta pontos em um piscar de olhos e acabava de cair mais vinte pontos, sem nenhuma previsão de recuperação. Seguiram-se perguntas do âncora de Atlanta, e especulações quanto às possíveis causas do fenômeno. A repórter, que não tivera tempo para fazer uma boa pesquisa, decidiu improvisar. O dólar estava caindo no mundo inteiro, apesar dos esforços do Fed para sustentar a cotação. Agora todos sabiam o que estava acontecendo, ou pensavam que sabiam, e o público fora envolvido no estouro da boiada.

Embora os especialistas em investimentos se considerassem superiores ao público em geral por conhecer as minúcias do sistema financeiro, a verdade era que reagiam basicamente da mesma forma. Os leigos aceitavam sem discussão o fato de que a alta do Dow era sinal de que as coisas iam bem, e a queda do Dow era sinal de que as coisas iam mal. Os especialistas, que julgavam compreender o sistema, na prática faziam a mesma coisa.

Podiam conhecer melhor como funcionava o mercado, mas tinham se esquecido dos valores em que se baseava. Para eles, como para o público em geral, a realidade eram as tendências, e cada vez mais expressavam suas previsões em termos de indicadores numéricos que, com o passar dos anos, tinham se tornado cada vez mais divorciados das ações que se propunham representar. Cautelas de ações não eram, afinal, uma abstração teórica, mas certificados de cotas de propriedade de empresas que tinham existência material. Com o tempo, os "cientistas de foguetes" que frequentavam o pregão tinham se esquecido desse fato, e por mais competentes que se mostrassem no uso de modelos matemáticos e nas análises de tendências, o valor real das entidades que negociavam era totalmente irrelevante para eles. Na verdade, os fatos tinham se tornado mais teóricos do que a teoria que agora estava desmoronando diante dos seus olhos. Na falta de um fundamento para o que estavam fazendo, na ausência de uma âncora a que se pudessem agarrar para resistir à tempestade que varria o pregão e todo o sistema financeiro, simplesmente não sabiam o que fazer, e os poucos funcionários graduados que podiam fazer alguma coisa não tinham tempo nem argumentos para acalmar os jovens operadores.

Nada daquilo fazia o menor sentido. O dólar deveria ser suficientemente forte para resistir a qualquer queda momentânea. O Citibank acabara de divulgar um balancete que, se não era maravilhoso, podia ser considerado satisfatório, e o Chemical Bank recuperara a saúde financeira depois de algumas mudanças estruturais, mas as ações dos dois bancos estavam caindo muito rápido. Os programas dos computadores diziam que, de acordo com os indicadores, as coisas iam muito mal, e os sistemas especialistas não podiam errar, podiam? Eles se baseavam em informações concretas e sempre tinham sido capazes de prever o futuro melhor do que as pessoas.

Os analistas financeiros acreditavam nos modelos, apesar de não compreenderem as razões que os tinham levado a conclusões tão pessimistas; exatamente da mesma forma, os cidadãos comuns assistiam aos noticiários da TV e sabiam que o mercado estava passando por uma grave crise, embora não entendessem o que provocara a crise, nem o que poderiam fazer para se proteger.

Os "profissionais" do ramo não estavam muito melhor do que os cidadãos comuns que acompanhavam os acontecimentos pelo rádio ou pela TV. Na

verdade, sua situação era ainda pior. Conhecer os modelos matemáticos tornara-se para eles uma desvantagem. Para os cidadãos comuns, a situação era incompreensível, e não havia nada que pudessem fazer, de modo que se comportavam como meros espectadores. A maioria dava de ombros, pensando que não tinha nada com o assunto, já que não especulava com ações. Na verdade, não era bem assim. Os bancos, companhias de seguros e fundos de pensões, que aplicavam o dinheiro do público, mantinham imensas carteiras de ações. Essas instituições eram administradas por ”profissionais”, que, com base em sua formação e experiência, sabiam que a situação era grave. Por isso, entraram em pânico, iniciando um processo que logo chegaria ao conhecimento dos cidadãos comuns. Foi então que começaram os telefonemas dos acionistas individuais, acentuando ainda mais a crise.

A situação, que já era séria, tornou-se desesperadora. Os primeiros telefonemas foram de pessoas idosas, que tinham assistido aos noticiários diurnos de TV e estavam assustadas com as últimas notícias. Muitos tinham investido todas as economias em fundos de ações, porque rendiam mais do que as cadernetas de poupança. (Era exatamente por isso que os bancos também tinham entrado no mercado de ações.) Os fundos de ações estavam tendo grandes prejuízos, e embora as quedas no início estivessem limitadas praticamente às blue chips, quando os clientes começaram a se desfazer de suas cotas, as instituições tiveram que vender outras ações para compensar as perdas sofridas. Basicamente, o que estavam fazendo era liquidar as ações cujas cotações ainda não tinham despencado até aquela altura, um processo conhecido como “jogar fora dinheiro bom depois do dinheiro podre”. Era uma descrição quase perfeita do que tinham de fazer.

A consequência inevitável foi uma corrida generalizada, que resultou em uma queda nas cotações de todas as ações negociadas em todas as bolsas do país. As três horas da tarde daquele dia, o Dow tinha caído cento e setenta pontos. Os piores resultados eram os das quinhentas empresas cujas ações entravam no índice Standard and Poor, mas o índice Composto da NASDAQ era o que apresentava a maior queda, uma consequência da venda maciça de cotas de fundos de ações por parte do público em geral.

Os presidentes das bolsas realizaram uma conferência por telefone com a diretoria da Securities and Exchange Commission em Washington, e durante os primeiros dez minutos de confusão todas as vozes exigiam respostas às mesmas perguntas que os outros estavam fazendo. Nada de concreto resultou da conferência. Os funcionários do governo pediram informações atualizadas; estavam interessados em saber a que distância a boiada se encontrava da beira do abismo e com que rapidez se aproximava do precipício, mas não se mostraram

dispostos a contribuir para salvar o rebanho. O presidente da NYSE teve de se conter para não suspender o pregão. Durante o tempo que levou a conferência, apenas vinte minutos, o Dow caiu mais noventa pontos, passando rápido pela marca dos duzentos pontos de queda e aproximando-se dos trezentos. Depois que os diretores da SEC se despediram para realizar uma conferência interna, os presidentes das bolsas violaram os regulamentos e mantiveram uma conversa reservada para tentar encontrar alguma solução para a emergência, mas, apesar de toda a experiência que possuíam, nenhuma ideia viável foi proposta.

Em todo o país, os investidores estavam agora esperando ao telefone.

Aqueles cujos fundos eram administrados por bancos tiveram uma notícia desagradável. Sim, seu dinheiro estava aplicado em bancos. Sim, o dinheiro depositado nesses bancos estava protegido por um seguro federal. Não, o seguro não incluía os fundos de ações desses bancos. Não eram apenas os juros das aplicações que estavam em perigo, mas o próprio capital. Ao ouvir isso, as pessoas, em geral, ficavam uns dez segundos em silêncio; muitas desligavam e corriam aos bancos para raspar suas contas.

As cotações da NYSE já estavam sendo divulgadas com quatorze minutos de atraso, apesar dos computadores de alta velocidade usados para processar as transações. Poucas ações tinham valorizado, mas apenas as associadas a metais preciosos. Todas as outras apresentavam quedas acentuadas. A Cummings, Cantor e Cárter, uma firma com mais de cento e vinte anos de existência, ficou totalmente sem reservas, forçando o presidente da empresa a ligar para a Merrill Lynch em busca de socorro. Isso colocou o presidente da Merryl Lynch em uma posição delicada. Como um dos mais sagazes e experientes profissionais do ramo, quase quebrara a mão fazia meia hora de tanto socar a mesa exigindo respostas que ninguém podia lhe fornecer. Milhares de pessoas compravam ações, não só através da sua empresa, mas também da sua empresa, porque ela possuía uma reputação de solidez e integridade. O presidente podia ajudar um colega a se proteger contra uma onda de pânico sem nenhum fundamento ou podia se recusar, alegando que seria impróprio colocar em risco o dinheiro dos acionistas.

Era uma decisão difícil. Se não ajudasse a CC&.C, esta deixaria de honrar seus compromissos, o que contribuiria para aumentar o pânico que já dominava o mercado, fazendo com que perdesse rapidamente o dinheiro que poupara deixando de emprestar ao concorrente. Por outro lado, estender a mão à CC&.C seria apenas um gesto paliativo, que não resolveria coisa alguma e implicaria emprestar um dinheiro que na verdade não lhe pertencia.

— Que merda! — suspirou o presidente, olhando pela janela do escritório.

Um dos apelidos da empresa era “Manada em Disparada”. Pois a manada

tinha mesmo disparado, e não havia como detê-la... Pesou sua responsabilidade para com os acionistas contra a responsabilidade para com o sistema financeiro em geral, do qual sua firma e todas as demais dependiam. Os acionistas vinham em primeiro lugar. Não podia ser de outra forma. Foi assim que uma das figuras mais importantes do setor financeiro ajudou a derrubá-lo no abismo.

O pregão da NYSE foi interrompido às 3:23 da tarde, quando a queda do Dow atingiu o máximo permitido de quinhentos pontos. Esse número refletia apenas as cotações de trinta ações; outras ações tinham caído ainda mais do que as blue chips. O painel levou trinta minutos para mostrar as cotações de fechamento. Durante esse tempo, manteve a ilusão de atividade, enquanto os operadores se entreolhavam em silêncio, pisando em um assoalho tão coberto de papéis, que parecia haver nevado. Era sexta-feira, pensavam. O dia seguinte era sábado. Estariam em casa. Teriam tempo para respirar fundo e pensar. Talvez fosse isso que estava faltando; pensar um pouco. Nada parecia fazer sentido. Muita gente fora prejudicada, mas o mercado reagiria; com o tempo, os que tivessem coragem de se manter no sistema recuperariam o que haviam perdido. Isso, repetiam para si mesmos, se as pessoas conservassem a serenidade e não acontecesse mais nenhuma loucura.

Estavam certos.

Na Depository Trust Company, os empregados estavam exaustos, com as gravatas frouxas nos colarinhos, e visitavam frequentemente os banheiros por causa das doses cavalares de café e refrigerante que tinham ingerido durante a mais frenética das tardes, mas havia alguns consolos. Como o pregão fora encerrado de forma prematura, podiam começar logo o trabalho e ir mais cedo para casa. Com as bolsas fechadas, os computadores tinham passado para outro modo de operação. As gravações em fita das transações do dia começaram a ser lidas e processadas. Eram quase seis horas da tarde quando um alarma soou em uma das estações de trabalho.

— Rick, estou com um problema! Rick Bernard, o controlador do sistema, aproximou-se e examinou a tela do monitor para verificar o que acontecera.

A última transação que puderam identificar, executada exatamente ao meio-dia, envolvia ações da Adas Milacron, uma firma de máquinas-ferramentas que recebia muitas encomendas das fábricas de automóveis: seis mil ações a 48 ½. Como a Atlas era negociada na Bolsa de Valores de Nova York, suas ações eram identificadas por uma abreviação de três letras, AMN.

A NASDAQ usava abreviações de quatro letras.

Os lançamentos que se seguiam à AMN 6000 48 ½ eram AAA 4000 67 1/8 e AAA 9000 51 ¼. Na verdade, fazendo rolar a tela, o controlador constatou que todos os lançamentos realizados depois de 12:00:01 mostravam a mesma

abreviação, AAA, que não correspondia a nenhuma empresa registrada na bolsa.

— Vamos mudar para Beta. — Sugeriu Bernard. O sistema começou a ler a primeira fita do computador de reserva.

— Que droga!

Em cinco minutos, os seis computadores tinham sido testados. Em nenhum deles as transações realizadas depois de meio-dia tinham sido registradas corretamente. Nenhuma corretora, instituição financeira ou investidor privado podia saber o que comprara ou vendera, a quem ou de quem, e por quanto, e portanto ninguém podia saber de quanto dinheiro dispunha para outras transações ou mesmo para as compras de supermercado do fim de semana.

20
O TERCEIRO GOLPE

A festa terminou depois da meia-noite. A atração oficial era uma exibição de balé. O Bolshoi não perdera sua magia, e os convidados tinham a oportunidade de ver os bailarinos muito mais de perto do que no teatro, mas finalmente todos ficaram com a mão vermelha de tanto aplaudir, e os seguranças começaram a acompanhar as personalidades até a porta. Quase todos caminhavam com dificuldade. Ryan constatou, sem muita surpresa, que era a pessoa mais sóbria em toda a festa, incluindo a esposa.

— O que achou, Daga? — perguntou Ryan à agente especial Helen D'Agustino, enquanto seu guarda-costas ia buscar os casacos.

— Pelo menos desta vez, podiam ter me deixado participar da festa — observou a moça, com ar desapontado.

— Oh, Jack, amanhã vou acordar com uma dor de cabeça horrível! — queixou-se Cathy.

— Não foi por falta de aviso, querida. Além do mais, já é amanhã — acrescentou Ryan, piscando o olho.

— Com licença. Preciso cuidar do SALTADOR — disse Helen, usando o nome de código do presidente, uma homenagem aos seus dias de paraquedista.

Ryan ficou surpreso ao ver um americano de terno e gravata à espera do lado de fora (o traje para o jantar tinha sido smoking, uma mudança recente na etiqueta russa).

— O que deseja?

— Dr. Ryan, preciso falar com urgência com o presidente.

— Cathy, quer esperar aqui um minuto? Siga-me — acrescentou, dirigindo-se ao funcionário da embaixada.

— Oh, Jack... — protestou a esposa.

— Trouxe a mensagem por escrito? — perguntou Ryan, estendendo a mão.

— Aqui está.

Ryan leu o que estava escrito no fax sem parar de andar.

— Minha nossa! Vamos logo! O presidente Durling ainda estava conversando com o presidente Grushavoy quando Ryan apareceu, acompanhado de perto pelo funcionário da embaixada.

— Uma festa e tanto, Jack — comentou Roger Durling, satisfeito. De

repente, sua expressão mudou. — Problemas? Ryan fez que sim com a cabeça, assumindo o papel de conselheiro.

— Precisamos de Brett e Buzz, presidente, sem perda de tempo.

— Ali estão.

O radar SPY-1D do Mutsu mostrava na tela os primeiros navios da formação americana. O contra-almirante (Shoho) Sato olhou para o chefe de operações com uma expressão que não significava nada para os outros ocupantes da ponte mas queria dizer muita coisa para o comandante (Issa), que também estava a par do real propósito da operação PARCEIROS NO MAR Agora estava na hora de discutir o assunto com o comandante do contratorpedeiro. As duas formações se encontravam a uma distância de 140 milhas náuticas e se encontrariam no final da tarde, pensaram os dois oficiais, imaginando como o comandante do Mutsu reagiria à novidade.

Não que tivesse alguma escolha.

Dez minutos depois, um socho, ou suboficial, foi até o convés verificar o lançador de torpedos Mark 68 instalado a bombordo. Depois de abrir uma janela de inspeção, testou eletronicamente os três "peixes" alojados nos tubos. Satisfeito com os resultados, fechou a janela de inspeção, abriu as janelas de popa dos três tubos e removeu as travas de segurança dos hélices dos três torpedos Mark 50. O socho era um veterano com mais de vinte anos de serviço e completou a tarefa em menos de dez minutos. Em seguida, recolheu as ferramentas e foi até a amurada de boreste repetir o trabalho no outro lançador de torpedos. Não sabia por que estava fazendo aquilo, nem lhe ocorrera perguntar.

Mais dez minutos, e o Mutsu entrou em prontidão de voo. Graças a uma modificação do projeto original, o contratorpedeiro contava agora com um hangar telescópico que lhe permitia transportar um helicóptero antissubmarino SH-60J, que podia ser usado também em missões de observação.

A tripulação teve de ser acordada e a aeronave preparada para voar, o que levou quase quarenta minutos, mas finalmente o helicóptero decolou.

Depois de sobrevoar os navios japoneses por alguns minutos, dirigiu-se para a formação americana, que ainda rumava para oeste a dezoito nós. A imagem de radar era transmitida para o Mutsu, a nau capitânia.

— Ali estão os dois porta-aviões, a três quilômetros um do outro — observou o comandante, mostrando os pontos na tela.

— Já conhece suas ordens, comandante — disse Sato.

— Hai — respondeu o comandante do Mutsu, guardando sua opinião para si próprio.

— O que houve, afinal? — perguntou Durling.

Estavam reunidos em um canto, protegidos por seguranças russos e americanos.

— Parece que aconteceu um grande tumulto na Street — respondeu Ryan, o único que tivera algum tempo para refletir sobre os acontecimentos. Não era exatamente uma análise sutil.

— Qual foi a causa? — quis saber Fiedler.

— Anda não sabemos — respondeu Jack, olhando em volta para ver se o café, que encomendara já estava chegando. Precisava de café e os outros três mais ainda.

— Jack, entre nós, você é o que tem mais experiência no mercado financeiro — lembrou Fiedler, o secretário do Tesouro.

— Trabalhei apenas com pequenas empresas, Buzz. — O conselheiro de Segurança Nacional fez uma pausa e apontou para as folhas de fax. — Ainda não temos muitas informações. Parece que alguém ficou nervoso com as obrigações do Tesouro. Ao mesmo tempo, tinha gente ganhando dinheiro com as flutuações relativas do dólar e do iene, e as coisas saíram um pouco de controle.

— Um pouco? — repetiu Brett Henson, apenas para que os outros tomassem conhecimento da sua presença.

— Escute, o Dow sofreu uma grande queda, mas as pessoas têm dois dias para se recuperar do golpe. Isso já aconteceu antes. Vamos voltar para casa amanhã à noite, certo?

— Precisamos fazer alguma coisa já — afirmou Fiedler.

— Que tal uma declaração oficial? Algo bem geral e tranquilizador — sugeriu Ryan. — O mercado é como um avião. Pode voar praticamente sozinho, se ninguém atrapalhar.

O secretário Bosley Fiedler (o apelido Buzz remontava ao tempo em que jogara beisebol na Little League) era um teórico. Escrevera vários livros a respeito do sistema financeiro americano sem jamais ter trabalhado nele.

A vantagem era que estava em condições de abordar os problemas econômicos com uma visão histórica, abrangente. Sua especialidade era política monetária. A desvantagem, pensou Ryan, era que Fiedler não conhecia de perto o mercado acionário e por isso não confiava na sua reação, o que explicava o fato de haver pedido imediatamente a opinião de Ryan. Mas isso era um bom sinal, não era? Ele era capaz de reconhecer o que não sabia. Por isso, todos o consideravam uma pessoa inteligente.

— Depois da última crise, introduzimos quebra-molas e outras salvaguardas no sistema, mas parece que foram insuficientes. Esta crise derrubou

todas elas em menos de três horas — acrescentou o secretário do Tesouro, em tom preocupado, admirando-se, como bom teórico, do fato de as medidas não terem funcionado como deveriam.

E verdade. Vai ser interessante descobrir por quê. Não se esqueça, Buzz, de que isso já aconteceu antes.

Declaração — ordenou Durling, em tom lacônico.

Fiedler fez que sim com a cabeça e pensou por um momento antes de começar.

— Vamos dizer que o sistema é basicamente seguro. Dispomos de salvaguardas para todas as eventualidades. Não existe nenhum problema sério com o mercado nem com a economia americana. Afinal, estamos crescendo, não estamos? A LRC vai gerar pelo menos meio milhão de empregos na indústria no próximo ano. Isso é muita coisa, presidente. O que acha?

— Não tomamos mais nenhuma providência até chegarmos em casa? — perguntou Durling.

— É o que acho — respondeu Fiedler.

Ryan concordou com a cabeça.

— Está certo. Vá falar com Tish e mande a declaração o mais rápido possível.

Havia um número incomum de voos fretados, mas o Aeroporto Internacional de Saipan não era dos mais movimentados, apesar das longas pistas, e o crescimento dos negócios representava um aumento da receita. Além do mais, tratava-se de um fim de semana. Era provavelmente algum tipo de associação, pensou o chefe da torre de controle quando o primeiro dos 747 vindos de Tóquio se preparou para pousar. Ultimamente, Saipan se tornara um local muito mais popular entre os homens de negócios japoneses. Uma recente decisão judiciária derrubara um dispositivo constitucional que proibia os estrangeiros de comprar terras na ilha. Em consequência, mais da metade das propriedades já pertencia a estrangeiros, o que deixava irritados muitos dos nativos chamorros, mas não o suficiente para impedir que a maioria aceitasse o dinheiro e vendesse a terra. A situação estava piorando. Nos fins de semana, o número de japoneses em Saipan era maior que o de locais, e eles tratavam os donos da ilha como... nativos.

Muitos também devem estar indo para Guam — observou o operador de radar, examinando o tráfego aéreo.

Fim de semana. Golfe e pescarias — comentou o controlador da torre, ansioso para que terminasse seu turno. Os japoneses (não gostava muito deles) já não iam tanto à Tailândia para seus passeios sexuais. Muitos tinham voltado para

casa com presentes desagradáveis daquele país. Bem, gastavam muito dinheiro em Saipan, e para o privilégio de fazê-lo naquele fim de semana tinham embarcado nos jumbos às duas da manhã...

O primeiro charter da JAL pousou às 4:30, hora local. Quando chegou ao final da pista, outro avião já se preparava para descer. O comandante Torajiro Sato fez uma curva para a direita e olhou em volta para ver se tudo estava em ordem. Não esperava nada fora do comum, mas em uma missão como aquela... Missão.7, perguntou-se. Era uma palavra que não usava desde o tempo em que pilotava um F-86 da Força de Autodefesa Aérea. Se tivesse ficado, certamente já seria um sho; talvez estivesse no comando de toda a Força Aérea. Não teria sido maravilhoso? Em vez disso..., em vez disso voltara à vida civil e conseguira um emprego na Japan Air Lines, na época muito mais respeitada. Odiara esse fato na ocasião, e agora esperava que mudasse para sempre. A aviação militar do seu país tinha de ser uma Força Aérea, mesmo que comandada por alguém menos experiente do que ele.

Sua vocação ainda era de piloto de caça. Não havia oportunidades para fazer muita coisa interessante com um 747. Passara por uma séria emergência oito anos antes, uma falha hidráulica parcial, e soubera contorná-la com tanta habilidade, que os passageiros nem ficaram sabendo. Seu feito agora fazia parte da rotina do treinamento em simulador dos comandantes dos 747. No restante do tempo, lutava pela perfeição. Tornara-se uma espécie de símbolo em uma linha aérea conhecida internacionalmente pela qualidade dos seus serviços. Podia interpretar os mapas do tempo como uma cartomante, escolher a faixa de piche da pista onde os pneus do trem de pouso tocariam o solo e nunca chegara com um atraso maior do que três minutos.

Mesmo taxiando na pista, dirigia a gigantesca aeronave como se fosse um carro esporte. Foi o que aconteceu naquele dia, quando se aproximou do edifício do aeroporto, reduziu a potência dos motores, freou e parou exatamente no local assinalado.

— Boa sorte, Nisa — disse ao tenente-coronel Seigo Sasaki, que se sentara a seu lado durante o pouso, observando o solo em busca de algo incomum.

O comandante do grupo de operações especiais dirigiu-se para a parte traseira do avião. Seus homens eram da Primeira Brigada Aerotransportada, originalmente baseada em Narashino. Havia duas empresas a bordo do 747, com um total de trezentos e oitenta homens. Sua primeira missão era assumir o controle do aeroporto. Esperava não encontrar resistência.

Os funcionários da JAL que esperavam no portão não sabiam de nada e ficaram surpresos ao constatar que todas as pessoas que saltaram do voo fretado eram homens, tinham mais ou menos a mesma idade e carregavam mochilas

idênticas. Alguns levavam pranchetas com diagramas do aeroporto, pois não fora possível ensaiar a operação tão bem quanto gostariam.

Enquanto os encarregados da bagagem removiam os containers do bojo da aeronave, outros soldados dirigiram-se para o armazém e, ignorando os sinais de EMPLOYEES ONLY, começaram a desembalar os armamentos pesados. Ali perto, outro avião começou a ser descarregado.

O coronel Sasaki agora estava no meio do aeroporto, olhando para a direita e para a esquerda, observando os grupos de dez a quinze homens se dispersarem para realizar seu trabalho da forma mais discreta e ordeira possível.

— Com licença — disse um sargento, com toda a educação, a um sonolento guarda de segurança. O homem levantou os olhos e viu um sorriso; baixou os olhos e viu uma pistola. A boca do guarda se abriu comicamente, e o soldado desarmou-o sem luta. Em menos de dois minutos, os outros seis guardas que estavam de serviço no aeroporto foram também neutralizados. Um tenente comandou um pelotão até o escritório da segurança, onde mais três homens foram desarmados e algemados. Durante todo esse tempo, o coronel recebia mensagens lacônicas pelo rádio que o mantinham informado sobre o andamento da operação.

O chefe da torre voltou-se quando a porta foi aberta (não tinha sido muito difícil persuadir um guarda a entregar o cartão magnético e digitar a senha) e deparou com três homens armados com rifles automáticos.

— Que droga...

— Continue a trabalhar como se nada tivesse acontecido — disse um capitão, ou ishii. — Meu inglês é muito bom. Não tente nenhuma tolice — acrescentou, pegando o microfone e dizendo algumas palavras em japonês.

A primeira fase da Operação CABUL foi completada trinta segundos antes do previsto, sem uso de violência.

A segunda leva de soldados encarregou-se da segurança do aeroporto.

Esses homens usavam uniforme para que todos soubessem o que estava acontecendo, e tomaram posição em todas as entradas e pontos de controle, usando veículos oficiais para estabelecer pontos de segurança adicionais nas estradas de acesso ao aeroporto. Isso não era muito difícil, porque o aeroporto ficava na extremidade meridional da ilha e todas as estradas vinham do norte. O comandante do segundo destacamento substituiu o coronel Sasaki. Sua função seria controlar a chegada dos elementos restantes da Primeira Brigada Aerotransportada. Quanto ao coronel, tinha outras tarefas para cumprir.

Três ônibus do aeroporto aproximaram-se do edifício e o coronel Sasaki embarcou no último, depois de se certificar de que seus homens estavam em posição. Os ônibus dirigiram-se para o norte, passando pelo Dan Dan Golf Club,

que ficava ao lado do aeroporto, e dobraram à esquerda para tomar a Cross Island Road, o que os levou a poucos metros da Praia da Invasão. A ilha de Saipan não é grande, e estava escuro (as lâmpadas de rua eram escassas), mas isso não foi suficiente para tranquilizar Sasaki. Ele precisava executar sua missão à risca para evitar uma catástrofe. O coronel consultou o relógio. Naquele momento, a primeira aeronave devia estar pousando em Guam, onde a possibilidade de uma resistência organizada era muito maior. Bem, isso era trabalho para a Primeira Divisão. Ele tinha seu próprio trabalho para fazer, e teria de ser feito antes de nascer o dia.

Rick Bernard telefonou primeiro ao presidente da Bolsa de Valores de Nova York, para expor o problema e pedir uma orientação. Depois de saber que não se tratava de um acidente, o homem recomendou que ele ligasse para o FBI, que ficava perto da Wall Street, no Javits Federal Office Building.

O funcionário mais antigo ali era um vice-diretor, que despachou um grupo de três agentes ao escritório principal da DTC.

— Qual é o problema? — perguntou um dos agentes.

A resposta levou dez minutos e foi seguida por uma ligação urgente ao vice-diretor.

O Orchid Ace já estava atracado por tempo suficiente para descarregar cem carros. Todos eles eram Toyota Land Cruiser. Tomar o escritório de segurança e seu único e sonolento guarda tinha sido mais uma operação sem derramamento de sangue, que permitiu que os ônibus entrassem no estacionamento do cais. O coronel Sasaki dispunha de homens suficientes nos três ônibus para colocar três soldados em cada veículo, e todos sabiam exatamente o que fazer. Agora que seus homens dispunham de meios de transporte apropriados, os postos de polícia em Koblerville e no Capitólio seriam os primeiros lugares a serem tomados. O coronel tinha uma missão particular no segundo local, na casa do governador.

Foi realmente uma coincidência Nomuri ter passado a noite na cidade. Ele se concedera uma noite de folga, o que era raro, e descobrira que o melhor meio de se recuperar de uma noite na cidade era dar uma passada na casa de banhos, algo que os ancestrais já sabiam havia mais ou menos mil anos.

Depois de se lavar, pegou uma toalha e se dirigiu para a piscina de água quente, onde a atmosfera saturada de umidade faria mais para curar sua ressaca do que várias aspirinas.

— Kazuo, o que faz aqui a essa hora? — observou o agente da CIA.

Estive trabalhando até agora — respondeu o homem, com um sorriso cansado.

Yamata-san deve ser um patrão muito exigente — observou Nomuri,

escorregando lentamente para dentro da piscina.

O comentário tinha sido inocente, mas a resposta deixou-o de orelhas em pé.

— Nunca tinha visto a história acontecer diante dos meus olhos — disse Taoka, esfregando os olhos, sentindo os músculos relaxarem, mas ainda muito excitado depois de dez horas na Sala de Guerra.

— Pois minha história esta noite foi uma garota muito simpática — declarou Nomuri, levantando uma sobrancelha.

Uma garota de vinte e um anos, lembrou. Uma garota muito inteligente e requisitada, mas Nomuri era jovem como ela e talvez por isso preferisse conversar com ele. Não tinha nada a ver com dinheiro, pensou Chet, de olhos fechados, com um sorriso no rosto.

— Minha noite foi um pouco mais emocionante.

— É mesmo? Pensei que você tivesse dito que estava trabalhando.

Nomuri abriu os olhos com relutância. Kazuo encontrara algo mais interessante do que o sexo? — E estava.

Era algo no modo como dissera aquelas palavras.

— Kazuo, você começa a contar uma história, deve ir até o fim.

O outro riu e sacudiu a cabeça. — Eu não devia, mas logo vai estar em todos os jornais.

— O quê?

— Que esta noite o sistema financeiro americano entrou em colapso.

— É mesmo? O que aconteceu? O homem olhou para ele e disse, orgulhoso: — Fui um dos responsáveis.

Apesar de estar mergulhado em água a quarenta e dois graus, Nomuri sentiu um arrepio.

— Wakaremasen.

— Vai entender daqui a alguns dias. No momento, não posso dizer mais nada.

O japonês levantou-se e foi embora, muito satisfeito por ter compartilhado o segredo com o amigo. De que valia um segredo, afinal, se não se podia contá-lo a ninguém? Um segredo podia ser uma coisa maravilhosa, e um segredo tão importante, em uma sociedade como aquela, era uma coisa preciosa.

Que diabo está acontecendo?, perguntou-se Nomuri.

— Lá estão eles.

O vigia apontou e o almirante Sato levantou os binóculos para olhar.

Recortadas contra o céu azul do Pacífico, podia ver as pontas dos mastros dos primeiros navios. Fragatas FFG-7, provavelmente. A imagem no radar agora

era bem clara: uma formação circular clássica, com fragatas na periferia, seguidas por contratorpedeiros, e no centro dois ou três cruzadores da classe Aegis, não muito diferentes da sua nau capitânia. Consultou o relógio. Os americanos tinham acabado de começar o turno da manhã.

Embora os navios de guerra sempre tivessem gente de serviço, os detalhes de trabalho eram sincronizados com a luz do sol; naquele momento, os marinheiros deviam estar se levantando, tomando banho e se preparando para o desjejum.

O horizonte visual estava a umas doze milhas náuticas de distância. Seu grupo de quatro navios rumava para leste a trinta e dois nós, a maior velocidade que eram capazes de manter por um tempo apreciável. Os americanos estavam viajando para oeste a dezoito nós.

— Mande uma mensagem luminosa para a formação: preparar navios.

A principal estação transmissora de Saipan ficava na Beach Road, perto do Motel Sun Inn, e era operada pela MTC Micro Telecom. Era uma instalação civil que não tinha absolutamente nada de especial; a única preocupação ao construir o edifício fora protegê-lo contra os tufões outonais que regularmente assolavam a ilha. Dez soldados, comandados por um major, entraram pela porta principal e se dirigiram ao guarda de segurança, que não tinha a menor ideia do que estava acontecendo e, mais uma vez, nem chegou a opor resistência. O detalhe de trabalho contava com um capitão especialista em sinais e comunicações. Tudo que teve a fazer foi apontar para os vários instrumentos da sala de controle. As transmissões para os satélites do Pacífico, que levavam mensagens de Saipan para os Estados Unidos, foram interrompidas, sem interferir com os outros sinais. Àquela hora, a ausência total de chamadas telefônicas do Japão para os Estados Unidos não chegou a causar surpresa. Levaria muito tempo para que as comunicações voltassem ao normal.

— Quem é o senhor? — perguntou a esposa do governador.

— Preciso falar com o seu marido — respondeu o coronel Sasaki. — É uma emergência.

As palavras do militar foram sublinhadas pelo primeiro tiro da noite, disparado por um dos guardas do edifício do Legislativo. Ele não atirou de novo (um sargento dos paraquedistas cuidou para que não repetisse a proeza) mas foi o suficiente para Sasaki franzir a testa, empurrar a mulher para o lado e entrar na casa. Viu o governador Comacho, vestido com um roupão.

— O que deseja? O senhor é meu prisioneiro — anunciou Sasaki, com três outros homens a seu lado para deixar claro que não era nenhum assaltante.

O coronel estava envergonhado. Nunca fizera nada parecido; embora fosse um soldado profissional, sua cultura, como muitas outras, não aprovava invadir a

casa de outro homem, fosse qual fosse o motivo. Torceu para que os tiros que ouvira não tivessem matado ninguém. Seus homens tinham ordens para evitar ao máximo o derramamento de sangue.

— O quê? — perguntou Comacho, atônito.

Sasaki limitou-se a apontar para o sofá. — Sentem-se, por favor. Não temos intenção de machucá-los.

— O que está acontecendo? — perguntou o homem, mais aliviado ao perceber que ele e a esposa não estavam em perigo, pelo menos no momento.

— Esta ilha agora pertence ao meu país — explicou o coronel Sasaki.

Não era uma mudança muito grande, era? O governador tinha mais de sessenta anos; devia se lembrar do tempo em que a ilha pertencera ao Japão.

— Ele veio de longe — observou o comandante Kennedy, depois de receber a mensagem.

Tinham descoberto que o navio detectado pelo sonar era o Muroto, um cutter da Guarda Costeira do Japão que ocasionalmente participava de operações da esquadra, em geral servindo de alvo de treinamento. Uma magnânima embarcação, mas com o pequeno bordo livre que era típica dos vasos de guerra japoneses, dispunha de um guindaste na popa para recuperar torpedos de treinamento. Tudo indicava que o Kurushio pretendia aproveitar a operação PARCEIROS NO MAR para disparar alguns torpedos. Por que o Asheville não fora avisado? E novidade para mim, comandante — declarou o navegador, folheando o volumoso roteiro da operação. Não seria a primeira vez que alguém cometeu um engano. Kennedy se permitiu um sorriso. — Está bem, eles já foram massacrados. — Ligou o microfone. — Comandante, vamos repetir as últimas manobras, começando exatamente daqui a vinte minutos.

— Obrigado, comandante — foi a resposta que chegou pelo circuito de VHF.

— Desligo.

Kennedy colocou o microfone no lugar.

— Leme dez graus à esquerda, à frente um terço. Profundidade cem metros.

A tripulação obedeceu à ordem, fazendo com que o Asheville se deslocasse oito quilômetros para leste. Oitenta quilômetros a oeste, o USS Charlotte estava fazendo quase a mesma coisa, exatamente ao mesmo tempo.

A parte mais difícil da Operação CABUL seria em Guam. Aproximando-se do centésimo ano como possessão americana, era a maior ilha do arquipélago das Marianas e possuía um porto e instalações militares. Apenas dez anos antes, uma missão como aquela teria sido impossível. Naquela época, a ilha abrigava uma base de bombardeiros nucleares pertencentes ao extinto Comando Aéreo

Estratégico. A Marinha dos Estados Unidos mantivera ali uma base de submarinos lança-mísseis, e as defesas das duas bases eram suficientes para garantir a segurança da ilha. Entretanto, as armas nucleares não existiam mais. Agora, a Base Aérea de Andersen, três quilômetros ao norte de Yigo, era pouco mais do que um aeroporto comercial, apoiando voos da Força Aérea Americana através do Pacífico. Não havia mais aeronaves sediadas na ilha, a não ser o jato executivo usado pelo comandante da base, uma relíquia do tempo em que o quartel-general da 13a Força Aérea ficava na ilha. Aviões-tanques que antes permaneciam estacionados em Guam agora eram formações transitórias que iam e vinham de acordo com as necessidades. O comandante da base era um coronel prestes a se reformar e que tinha apenas quinhentos homens e mulheres sob seu comando, técnicos em sua maioria. Havia apenas cinquenta homens armados da Polícia de Segurança da Força Aérea. A mesma coisa acontecera com a base da Marinha, cujo campo de pouso agora era o mesmo da Força Aérea. Os fuzileiros navais, que antes cuidavam da segurança por causa das armas nucleares, tinham sido substituídos por guardas civis, e o porto estava quase vazio. Mesmo assim, aquela era a parte mais delicada de toda a missão. As pistas de pouso da base de Andersen seriam essenciais para o restante da operação.

— Eles são muito bonitos — pensou Sanchez em voz alta, olhando de binóculo para os navios japoneses. — E mantêm uma formação perfeita.

Os quatro Kongo estavam a doze quilômetros de distância, rumando diretamente na direção dos americanos, observou o comandante do grupo de esquadrilhas.

— Enfeitaram as amuradas? — perguntou o controlador de tráfego aéreo.

Parecia haver uma linha branca no costado dos quatro contratorpedeiros.

— Estão nos prestando homenagem. — Sanchez pegou o fone e apertou o botão da ponte. — Comandante? Aqui é Bud. Parece que nossos amigos estão ficando cada vez mais formais.

— Obrigado, Bud.

O comandante do Johnnie Reb resolveu comunicar-se com o comandante do grupo de combate, a bordo do Enterprise.

— O quê? — perguntou Ryan, atendendo ao telefone.

— Vamos decolar daqui a duas horas e meia — repetiu a secretária do presidente. — O senhor deve estar pronto para partir em noventa minutos.

— Por causa de Wall Street7 Isso mesmo, Dr. Ryan. O presidente acha que quanto mais cedo voltarmos, melhor. Os russos já foram informados. O presidente Grushavoy compreendeu.

Está bem. Obrigado — disse Ryan, desapontado. Agora não teria mais tempo para se encontrar com Narmonov. Estendeu a mão para sacudir a esposa.

— Não quero nem saber — gemeu Cathy.

— Você pode dormir durante o voo. Precisamos estar prontos daqui a uma hora e meia.

— O quê? Por quê? — Vamos partir mais cedo — explicou Jack. — Problemas em casa. Mais uma crise em Wall Street — A coisa é séria? Cathy abriu os olhos, esfregou a testa e pareceu surpresa ao constatar que ainda estava escuro do lado de fora.

Parece que sim.

Que horas são? Hora de arrumar as malas.

— Precisamos de espaço para manobrar — declarou o comandante Harrison.

— Ele não é nenhum bobo — observou o almirante Dubro, desnecessariamente.

O adversário, o almirante Chandraskatta, rumara para oeste na noite anterior, provavelmente após perceber, afinal, que a força de combate Eisenhower/Lincoln não estava onde ele pensava. Isso lhe deixava apenas uma alternativa e portanto seguira para oeste, empurrando os americanos na direção de um arquipélago controlado quase que exclusivamente pelos indianos. Metade da Sétima Esquadra dos Estados Unidos era uma coleção respeitável de navios, mas seu poderio ficaria reduzido à metade se sua localização fosse conhecida com precisão. Até aquele momento, as operações de Dubro tinham por objetivo manter o adversário no escuro. Agora, tinha de pensar em outra coisa.

— Como estamos de combustível? — perguntou, referindo-se aos navios da escolta. Os cruzadores podiam navegar até acabar a comida; o combustível nuclear que levavam a bordo era suficiente para vários anos.

— Os tanques estão praticamente cheios. O tempo deverá continuar bom durante pelo menos dois dias. Podemos ir muito longe, se quisermos.

— Está pensando o mesmo que eu? Ele não vai permitir que seus aviões se aproximem muito da costa do Sri Lanka. Podem ser detectados pelos radares de controle de tráfego aéreo, e as pessoas vão começar a fazer perguntas. Se rumarmos para nordeste e depois para leste, temos chance de contornar o cabo Dondra durante a noite. Aposto um para um como não seremos vistos.

O almirante não gostava de apostas um para um. Isso queria dizer que havia uma probabilidade de cinquenta por cento de que fossem vistos, e nesse caso os indianos poderiam rumar para nordeste, obrigando os americanos a se afastar da costa do Sri Lanka... ou a enfrentá-los. Era impossível jogar aquele tipo de jogo por muito tempo sem que alguém pagasse para ver, pensou Dubro.

— Podemos usar os aviões para aumentar nossas chances...

Harrison não precisou perguntar ao almirante o que fazer. Os aviões da

formação se colocariam exatamente ao sul dos indianos antes de se dirigir ao encontro deles. Se o plano funcionasse, conseguiriam atraí-los para o sul.

— É uma boa ideia.

Uma campainha tocou oito vezes no sistema de alto-falantes do navio. Eram quatro horas. O turno da tarde foi substituído pelo turno da noite. Os pilotos do Johnnie Reb se encontravam todos a bordo, alguns descansando, outros examinando os resultados do exercício recém-concluído. Metade das aeronaves estava estacionada no convés de voo e a outra metade no hangar.

Algumas precisavam de reparos, mas a maior parte da equipe de manutenção também estava de folga, desfrutando de um passatempo chamado Praia de Aço. As coisas tinham mudado muito na Marinha, pensou Sanchez, olhando para as placas de aço. Agora, também havia mulheres tomando banho de sol, o que aumentara o uso de binóculos por parte dos tripulantes e gerara alguns problemas administrativos para a Marinha. Qual o traje de banho mais apropriado para os marinheiros do sexo feminino? Para decepção de algumas, mas alívio de muitas, tinham escolhido o maio.

Mesmo assim, valia a pena observar a paisagem, pensou o comandante do grupo, tornando a apontar os binóculos para os navios japoneses.

Os quatro contratorpedeiros aproximavam-se rápido; deviam estar a mais de trinta nós. Provavelmente queriam causar uma boa impressão nos parceiros de exercício e antigos inimigos. As bandeirolas tremulavam ao vento, e a tripulação estava perfilada nos conveses.

— Atenção! — berraram os alto-falantes. — Guarnecer postos de continência a bombordo! Pronto para prestar honras! Os tripulantes que estavam em uniforme de serviço usaram os corredores de bombordo para se dirigir ao convés de voo, divididos em grupos.

Era uma manobra complicada para um porta-aviões e levava um tempo considerável, especialmente em um dia de Praia de Aço. O fato de a convocação ter sido feita durante uma mudança de turno tornava as coisas um pouco mais fáceis. Havia um número razoável de marinheiros em uniforme de serviço para prestar a homenagem aos japoneses antes de correrem aos alojamentos para trocar o calção.

A última medida importante tomada por Sato foi enviar uma transmissão via satélite. Quando chegou ao quartel-general da esquadra, foi imediatamente retransmitida através de um circuito diferente. A última chance de interromper a operação tinha passado. Agora a sorte estava lançada. O almirante deixou o CIC do Mutsu e encaminhou-se para a ponte, deixando o chefe de operações no comando enquanto dirigia a frota.

O contratorpedeiro passou entre os porta-aviões americanos Enterprise e

John Stennis, a menos de duzentos metros de distância de cada um. Viajava a trinta nós, e todos os postos de combate estavam guarnecidos, a não ser os dos homens perfilados no convés. No momento em que a ponte cruzou a linha invisível que ligava os dois porta-aviões, os marinheiros bateram continência a bombordo e boreste, em uma demonstração bem ensaiada de cortesia no mar.

Os alto-falantes reproduziram o apito do contramestre.

— Em continência! — comandaram os alto-falantes, e os marinheiros perfilados na amurada bateram continência. Logo depois, foram dispensados com três notas de apito do segundo contramestre.

— Agora podemos ir para casa? — perguntou o controlador de tráfego aéreo, rindo.

A Operação PARCEIROS NO MAR estava encerrada, e a força de combate podia voltar a Pearl Harbor para mais uma semana de manutenção e licença em terra antes de os navios serem reincorporados à esquadra.

Sanchez decidiu continuar na confortável poltrona de couro e ler alguns documentos, enquanto apreciava a brisa. A velocidade combinada das duas formações fazia com que a passagem fosse muito rápida.

— Oh! — exclamou um vigia.

A manobra tinha sido inventada pelos alemães e por isso era chamada de Gefechtskehrtwendung, ou “curva de combate”. A um sinal das bandeirolas, todos os contratorpedeiros deram uma guinada para a direita, começando pelo último. Assim que ele começou a mudar de direção, o navio seguinte acionou o leme, seguido pelo terceiro e finalmente pelo capitânia.

Era um movimento calculado para despertar a admiração dos americanos, algo difícil de fazer no espaço exíguo entre os dois porta-aviões. Em questão de segundos, os contratorpedeiros japoneses tinham invertido o curso e agora estavam rumando para oeste a trinta nós, ultrapassando os porta-aviões pelos quais tinham passado momentos antes, vindo da direção oposta. Alguns dos oficiais que estavam na ponte assoviaram, surpresos com a perfeição da manobra. Àquela altura, já não havia mais ninguém na amurada dos quatro contratorpedeiros japoneses.

— Isso foi bem ensaiado — comentou Sanchez, voltando a se concentrar nos documentos.

O USS John Stennis estava navegando normalmente, com os quatro hélices girando a 70rpm, e a Condição Três em vigor. Isso queria dizer que todos os postos estavam guarnecidos, a não ser a aviação embarcada, que gozava de um merecido descanso, depois de vários dias de atividade quase ininterrupta. Havia vigias distribuídos em volta da superestrutura, que na maior parte observavam

suas áreas de responsabilidade, embora a maioria tivesse arriscado pelo menos uma olhada nos navios japoneses, porque, afinal, eles eram bem diferentes das belonaves americanas. Alguns usaram binóculos marítimos portáteis 7 x 50, muitos dos quais de fabricação japonesa. Outros preferiram os mais potentes binóculos fixos 20 x 120, montados em vários pontos do navio.

O almirante Sato não estava sentado na sua poltrona de comando, mas tinha nas mãos um par de binóculos. No fundo, era uma pena. Navios tão bonitos, tão elegantes! Então se lembrou que o que estava a bombordo era o Enterprise, um nome muito usado pela Marinha dos Estados Unidos, e que um navio com o mesmo nome atormentara seu país, escoltando Jimmy Doolittle [*Aviador e general americano que comandou um bombardeio da cidade de Tóquio em 18 de abril de 1942. (N. do T.)*] até a costa japonesa, lutando em Midway, Eastern Solomons, Santa Cruz e muitas outras batalhas importantes, atingido muitas vezes, mas sem sofrer danos consideráveis. Decidiu observá-lo. Não fazia ideia de quem fora John Stennis.

O Mutsu passara muito além dos porta-aviões, quase chegando aos contratorpedeiros da retaguarda da escolta antes de fazer a volta, e agora a ultrapassagem parecia irritantemente lenta. O almirante estava usando luvas brancas e olhava de binóculo por baixo da amurada, vendo mudar o ângulo de visada do porta-aviões.

— A marcação do Alvo Um é três-cinco-zero. A marcação do Alvo Dois é zero-um-zero. A luz de solução está acesa — informou o suboficial.

O Isso imaginou o que estaria acontecendo e por que, mas mais do que tudo imaginou se sobreviveria para contar a história. Chegou à conclusão de que isso era pouco provável.

— Deixe comigo — disse o oficial de quarto, sentando-se diante dos controles.

Conhecia muito bem o sistema de direção dos torpedos. A trajetória tinha sido estabelecida; só faltava dar a ordem. Girou a chave da tranca de segurança, removeu a cobertura do botão de disparo do sistema de bombordo e apertou o botão. Depois, fez a mesma coisa para o sistema de boreste.

Os lançadores de torpedos dos dois lados do navio projetaram-se bruscamente para fora do costado, fazendo um ângulo de quarenta graus com o eixo menor da belonave. As coberturas hemisféricas dos seis tubos de foguetes saltaram para fora. Em seguida, os “peixes” foram lançados por ar comprimido, mergulhando na água, à esquerda e à direita, com um intervalo de dez segundos. Os hélices já estavam girando quando foram ejetados no mar; cada um estava ligado por um cabo de controle ao Centro de Informações de Combate do Matsu. Os tubos, agora vazios, giraram de volta para a posição normal.

— Droga! — exclamou uma vigia do Johnnie Reb.

— O que foi, Cindy? Eles acabam de lançar uma porra de um torpedo! — explicou. Era uma moça miúda, de apenas dezoito anos, em sua primeira viagem, mas já se acostumara a usar a mesma linguagem que os colegas. Apontou com a mão. — Vi quando caiu no mar... ali! Tem certeza? — perguntou o outro vigia, fazendo girar seu binóculo fixo. Cindy dispunha apenas de binóculos portáteis.

A jovem hesitou. Nunca se vira em uma situação semelhante e imaginou o que o chefe faria com ela se estivesse enganada.

— Ponte, aqui é Vigia Seis, o último navio japonês acaba da lançar um torpedo! Do modo como as coisas funcionavam no porta-aviões, o aviso da moça foi transmitido pelos alto-falantes da ponte.

Um convés abaixo, Bud Sanchez levantou os olhos.

— O que foi isso? Repita, Vigia Seis! — ordenou o oficial de serviço.

— Eu disse que vi aquele contratorpedeiro japonês lançar um torpedo pelo costado de boreste!

— Aqui é Vigia Cinco. Não vi nada, senhor — declarou uma voz masculina.

— Eu sei que vi, porra! — gritou a moça, tão alto, que Sanchez a escutou diretamente, sem a ajuda do alto-falante da ponte.

O comandante levantou-se de um salto e saiu correndo pela passagem que levava ao posto de vigia. Tropeçou na escada de metal, rasgando a calça e tirando sangue de um joelho, e estava ofegante quando chegou ao posto.

— Fale comigo, meu bem!

— Eu vi, senhor, juro que vil Cindy não sabia quem era Sanchez, e as águias de prata que ele usava na lapela a deixaram ainda mais assustada que os torpedos, mas tinha certeza do que vira e não voltaria atrás.

— Eu não vi nada, senhor — anunciou o outro vigia.

Sanchez apontou os binóculos para o contratorpedeiro, que agora estava a apenas dois quilômetros de distância. Quê...? Empurrou o outro vigia para o lado, colocou-se atrás dos binóculos fixos e apontou-os para o convés do navio japonês. Lá estava o lançador de torpedos, na posição normal...

... mas as extremidades dos três tubos estavam pretas, e não cinzentas. Faltavam as coberturas... Sem olhar, o comandante Rafael Sanchez arrancou os fones do outro vigia.

— Ponte, aqui é o comandante. Torpedos na água! Torpedos a bombordo! Dirigiu os binóculos para a proa, à procura de rastros na superfície da água, mas não viu nenhum. Não que fizesse alguma diferença. Soltou um palavrão e recuou para olhar para a aprendiz de marinheiro Cynthia Smithers. — Certa ou errada,

marinheira, você agiu como devia — declarou, enquanto alarmes começavam a soar em todo o navio.

Um momento depois, o capitânia japonês começou a enviar uma mensagem luminosa para o Johnnie Reb.

— Cuidado, cuidado, houve um acidente, lançamos vários torpedos — disse o comandante do Matsu pelo rádio, envergonhado por estar mentindo, enquanto escutava a conversa no circuito aberto de FM.

— Enterprise, aqui é Fife, temos torpedos na água — anunciou outra voz, ainda mais alto.

— Torpedos? Onde?

— São nossos. Houve um incêndio no CIC — explicou o Mutsu logo depois. — Eles podem estar armados.

O Stennis já estava mudando de rumo, fazendo a água borbulhar na popa com o aumento da rotação dos hélices. Não adiantaria muita coisa, mas, se tivessem sorte, não haveria vítimas fatais.

— O que fazemos agora, senhor? — perguntou Smithers.

— Podemos rezar uma Ave-Maria — respondeu Sanchez, de mau humor. Eram torpedos antissubmarino, não eram? Tinham ogivas pequenas. Não podiam fazer grandes estragos em um navio tão grande como o Johnnie Reb, podiam? No convés, os marinheiros começaram a correr em direção aos postos de combate, a maioria ainda carregando as toalhas que usavam para tomar banho de sol.

— Senhor, preciso me apresentar ao Grupo Nove de Controle de Avarias, no convés do hangar.

— Não, fique aqui — ordenou Sanchez. — Você pode ir — disse ao outro vigia.

O John Stennis agora estava adernando para bombordo, por causa da guinada para boreste, e o aumento súbito de potência fez o navio estremecer.

Os porta-aviões nucleares tinham muitos cavalos, mas eram também muito pesados (mais de noventa mil toneladas) e portanto levavam um certo tempo para ganhar velocidade. O Enterprise, a menos de três quilômetros de distância, reagira mais devagar e só agora estava começando a mudar de curso. Que merda...

— Lançar o Nixie! — gritou o oficial de serviço pelos alto-falantes.

Os três torpedos antissubmarino Mark 50 que se dirigiam para o Stennis eram pequenos instrumentos de destruição destinados a abrir buracos em cascos de submarinos. Não podiam causar grandes danos a um navio de noventa mil toneladas, mas era relativamente fácil escolher o tipo de dano.

Navegavam a uma distância de cem metros um do outro, a uma velocidade de sessenta nós, cada um guiado por um cabo delgado. A velocidade bem maior do que a do alvo e a pequena distância praticamente garantiam um impacto, e a manobra evasiva do porta-aviões americano na verdade facilitou as coisas, porque os três torpedos tinham sido apontados para os hélices.

Depois de um percurso de mil metros, a cabeça rastreadora do primeiro peixe" foi ativada. A imagem de sonar gerada por ela foi transmitida para o CIC do Matsu na forma de um alvo amarelo vivo em fundo negro, e o oficial que controlava o sistema de direção ajustou o curso, enquanto outros dois torpedos seguiam automaticamente o primeiro. O alvo aumentou progressivamente de tamanho na tela. Oitocentos metros, setecentos, seiscentos...

— Esse não escapa — murmurou o oficial.

Logo depois, a imagem do sonar começou a mostrar a interferência do chamariz americano Nixie, que imitava as frequências ultrassônicas das cabeças rastreadoras dos torpedos. Os modelos mais modernos dispunham também de um campo magnético pulsado para acionar prematuramente as espoletas magnéticas de proximidade desenvolvidas pelos russos. Entretanto, o Mark 50 era disparado por contato, e controlando-o através de um cabo, o operador podia forçá-lo a ignorar a interferência acústica. Não era correto, não era bonito, mas quem disse que a guerra tinha de ser bonita? Foi um conjunto estranho de sons, imagens e sensações. O navio mal estremeceu quando o primeiro jorro d'água se projetou em direção ao céu.

O ruído porém, foi muito forte e pegou Sanchez de surpresa, fazendo-o dar um pulo. Sua impressão inicial foi de que talvez o navio não tivesse sido atingido, de que talvez o torpedo tivesse explodido na esteira do Johnnie Reb. Estava enganado. A versão japonesa do Mark 50 tinha uma ogiva pequena, de apenas sessenta quilogramas, mas era uma carga ajustada, e a primeira delas explodiu no núcleo do hélice número dois, o hélice interno de bombordo.

O choque arrancou três das cinco pás, desequilibrando um mecanismo que no momento estava girando a 130rpm. As forças envolvidas foram gigantescas, o suficiente para arrancar os mancais que mantinham no lugar todo o sistema de propulsão. Em poucos instantes, a parte traseira da casa de eixos foi inundada e a água começou a entrar no navio pelo ponto mais vulnerável. O que aconteceu mais à frente foi ainda pior.

Como a maioria dos navios de guerra de grande porte, o John Stennis era movido a vapor. No seu caso, dois reatores nucleares eram usados para gerá-lo. Esse vapor ia para um permutador de calor, onde era usado para aquecer a água de um circuito independente (não radiativo), transformando-a em vapor, que era dirigido contra as lâminas de uma turbina de alta pressão, fazendo-as girar como

as pás de um moinho. Em seguida, ia para uma turbina de baixa pressão, onde sua energia residual era aproveitada.

Para funcionar com eficiência, as turbinas tinham de girar muito mais depressa do que os hélices; assim, entre as turbinas e os hélices havia uma série de engrenagens redutoras, a versão naval do sistema de transmissão de um automóvel. Essas engrenagens eram a parte mais delicada do sistema de propulsão; a explosão da ogiva deixou-as empenadas. A torção assimétrica do eixo desequilibrado completou rapidamente a destruição de todo o sistema de propulsão Número Dois. Marinheiros estavam correndo, assustados com o barulho, antes mesmo que o segundo torpedo atingisse o sistema de propulsão Número Três.

Essa explosão ocorreu no lado de fora do hélice interno de boreste, arrancando também uma lâmina do hélice Número Quatro. Os danos sofridos pelo Número Três foram semelhantes aos do Número Dois. O Número Quatro foi mais afortunado. Os tripulantes daquela casa de máquinas inverteram a rotação da turbina assim que o conjunto começou a vibrar, paralisando o eixo antes que as engrenagens do sistema de transmissão fossem danificadas, no mesmo momento em que o terceiro torpedo completava a destruição do hélice externo de boreste.

O alarma de Parada Total começou a tocar, e os tripulantes das quatro casas de máquinas iniciaram a rotina para desligar os motores. Outros alarmas estavam tocando. Grupos de controle de avarias correram para a popa, enquanto o porta-aviões deslizava até parar meio de lado, porque um dos lemes também fora danificado.

— Que foi isso? — perguntou um dos maquinistas para o colega mais próximo.

— Meu Deus! — exclamou Sanchez, no convés.

O Enterprise, que agora estava a três quilômetros de distância, parecia ter sofrido danos ainda maiores. Vários alarmes ainda estavam tocando; na ponte de navegação, os oficiais gritavam tão alto, que não havia necessidade de usar circuitos telefônicos. Todos os navios da formação manobravam freneticamente. O Fife, um dos navios da escolta, invertera o curso e estava saindo de perto dos porta-aviões o mais depressa possível; seu comandante certamente se preocupava com a possibilidade de haver outros torpedos na água. Sanchez, porém, sabia que essa possibilidade era remota; tinha visto três explosões na popa do Johnnie Reb e três na popa do Enterprise.

— Smithers, venha comigo.

— Senhor, meu posto de combate...

— Eles não vão precisar de você; não há muita coisa que se possa fazer no

momento. Quero que você conte o que viu ao comandante.

— Minha Nossa Senhora! A exclamação não foi tanto uma praga como uma prece para que aquela provação lhe fosse poupada.

O comandante do grupo olhou para ela.

— Respire fundo e preste atenção nas minhas palavras: você pode ser a única pessoa neste maldito navio que fez alguma coisa que prestasse nos últimos dez minutos. Venha comigo, Smithers.

— Os eixos dois e três são irrecuperáveis, comandante — ouviram alguém dizer na ponte, momentos depois. O comandante do navio estava de pé no meio do recinto, parecendo alguém que se envolveu em um acidente de trânsito. — O eixo quatro também foi danificado... o eixo um está aparentemente intacto.

— Muito bem — murmurou o comandante. Depois, acrescentou em voz baixa: — Que droga...

— Fomos atingidos por três torpedos antissubmarino, senhor — informou Sanchez. — A marinheira Smithers viu os torpedos serem lançados.

— É mesmo? — O comandante olhou para a jovem. — Menina, não vá embora. Quando eu acabar o que estou fazendo, quero falar com você.

Estava na hora da pior parte. O comandante do USS John Stennis se voltou para o oficial de comunicações e começou a preparar uma mensagem para o comandante-em-chefe da Esquadra do Pacífico. A mensagem teria o prefixo AZUL-MARINHO.

— Aqui é o operador de sonar. Torpedo na água, marcação dois-oito-zero, parece um modelo 89 — informou Lavai, em tom de voz quase normal. Era comum os submarinos dispararem torpedos em exercícios.

— Toda a força à frente! — ordenou o comandante Kennedy. Exercício ou não, havia um torpedo nas vizinhanças, o que podia ser perigoso. — Aumentar a profundidade para duzentos metros.

— Duzentos metros — repetiu o oficial de mergulho. — Lemes de profundidade dez graus para baixo.

O timoneiro empurrou a meia-lua para a frente, fazendo com que o USS Asheville mergulhasse mais fundo, atravessando a camada térmica.

— Distância estimada do torpedo? — perguntou o comandante ao grupo de rastreamento.

— Três mil metros.

— Aqui é o operador de sonar. Perdemos o sinal quando atravessamos a camada térmica. Ainda no modo de busca. Velocidade estimada do torpedo, quarenta a quarenta e cinco nós.

— Devo desligar o intensificador, comandante? — perguntou o imediato.

Kennedy se sentiu tentado a responder que sim, para verificar se o torpedo japonês era realmente bom. Até onde sabia, nenhum submarino americano enfrentara aquele modelo, supostamente a versão japonesa do Mark 48 americano.

— Lá está ele — anunciou o operador de sonar. — Acaba de atravessar a camada térmica. Marcação dois-oito-zero, intensidade do sinal quase suficiente para aquisição.

— Leme vinte graus à direita — ordenou Kennedy. — Preparar sala de cinco polegadas.

— Velocidade aumentando para trinta nós — comunicou um tripulante.

— Leme vinte graus à direita — confirmou o timoneiro.

— Muito bem — disse Kennedy. — Sala de cinco polegadas, lançar chamariz! Diminuir a profundidade para sessenta metros.

— Lemes de profundidade dez graus para cima! — anunciou o oficial de mergulho.

— Vai complicar as coisas para os japoneses? — perguntou o imediato.

— É o que pretendo.

Uma pequena caixa de metal foi lançada do compartimento dos chamarizes, chamado de sala de cinco polegadas por causa do diâmetro do dispositivo de lançamento. Imediatamente, começou a desprender bolhas como se fosse um comprimido efervescente, criando um novo alvo para o radar de rastreamento do torpedo. Ao mesmo tempo, a guinada do submarino criou uma “dobra” na água que serviria para confundir ainda mais o modelo 89.

— Atravessando a camada térmica — comunicou o operador do batitermógrafo.

— Marcar posição! — ordenou Kennedy.

— Curso um-nove-zero, leme vinte graus à direita.

— Leme a meia-nau, curso dois-zero-zero.

— Leme a meia-nau, curso dois-zero-zero.

— Um terço à frente.

— Um terço à frente.

O submarino diminuiu de velocidade. Agora estava de volta à profundidade de sessenta metros, acima da camada térmica, e deixara um belo alvo falso para trás.

— Muito bem. — Kennedy sorriu. — Vamos ver se esse peixe é mesmo esperto.

— Aqui é o operador de sonar. O torpedo passou pelo lugar onde mudamos de curso.

Kennedy achou que o operador parecia um pouco tenso. Aproximou-se de

Lavai. — Algum problema?

— Comandante, o torpedo passou pela dobra como se ela não existisse.

— Deve ser um torpedo inteligente. Será que foi programado para ignorar chamarizes, como o ADCAP?

— Está usando um sonar Doppler — observou outro operador. — A taxa de repetição acaba de mudar... deve ter nos pegado de novo.

— Através da camada térmica? Interessante. — A coisa estava parecendo cada vez mais um combate de verdade, pensou Kennedy. Aquele novo torpedo japonês devia ser muito bem projetado, para ignorar a dobra e o chamariz. — Estamos gravando tudo isso?

— Sim senhor — confirmou Lavai, apontando para o gravador. Uma fita magnética nova registrava os dados, enquanto um sistema de vídeo gravava o que era mostrado nos monitores. — Está acelerando. Mudou de direção... está atrás de nós; o ruído do motor acaba de desaparecer. Isso queria dizer que o ruído do motor do torpedo agora estava sendo bloqueado pela carcaça. Ele estava rumando diretamente para o submarino.

Kennedy voltou-se para o grupo de rastreamento. — Distância do torpedo? Menos de dois mil metros, senhor, e diminuindo rapidamente. Velocidade estimada do torpedo, sessenta nós. Vai levar menos de dois minutos para nos alcançar.

— Olhe para isto, senhor — disse Lavai, apontando para o monitor.

A tela mostrava o rastro do torpedo e também o ruído produzido pelo chamariz, que continuava a gerar bolhas. O modelo 89 passara bem pelo centro da nuvem de bolhas.

— O que foi isso? — exclamou Lavai, surpreso. Um novo ruído de baixa frequência acabara de aparecer na tela, na marcação três-zero-cinco. — Parece uma explosão muito distante. Aquilo foi um sinal de zona de convergência, não um sinal direto. — Um sinal de zona de convergência significava uma distância muito grande, maior do que cinquenta quilômetros.

A notícia fez o sangue de Kennedy gelar. Ele se dirigiu novamente ao imediato.

— Onde estão o Charlotte e o outro submarino japonês?

— Noventa ou cem quilômetros a noroeste, comandante.

— Toda a força à frente! — ordenou o comandante, automaticamente.

— Toda a força à frente — repetiu o timoneiro, ajustando o ponteiro do instrumento. Aqueles exercícios eram emocionantes. Antes que o aumento de velocidade fosse confirmado, o comandante deu outra ordem: — Sala de cinco polegadas, lançar chamariz! O sonar ultrassônico dos torpedos usa uma frequência alta demais para ser detectada pelo ouvido humano. Kennedy sabia

que as ondas estavam atingindo o casco do submarino, que as refletia de volta ao transmissor.

— Não podia estar acontecendo. Se estivesse, outros já teriam percebido, não é mesmo? Olhou em volta. A tripulação estava nos postos de combate. Todas as escotilhas tinham sido fechadas e trancadas, como se fosse uma guerra de verdade. O Kurushio lançara um torpedo de treinamento, idêntico aos torpedos comuns exceto pela ogiva, no lugar da qual havia um conjunto de instrumentos. Os torpedos de treinamento eram projetados para não se chocar com os alvos, mas sim desviar-se deles no último momento, porque o choque poderia danificar algum equipamento, e o conserto das avarias geralmente era caro.

— Continua se aproximando, senhor.

Mas o torpedo passara por dentro da dobra...

— Vamos descer! — ordenou Kennedy, mesmo sabendo que era tarde demais.

O USS Asheville inclinou-se para baixo e acelerou para trinta nós. A sala de chamarizes lançou outra caixa de metal. O aumento de velocidade tornou o sonar mais ruidoso, mas mesmo assim a imagem mostrou claramente que o modelo 89 mais uma vez ignorara o falso alvo e continuava perseguindo o submarino.

— Distância, menos de quinhentos metros — anunciou o grupo de rastreamento. Um dos seus membros notou que o comandante estava pálido e imaginou por que seria. Bem, ninguém gosta de perder, mesmo que seja apenas um exercício.

No momento em que o Asheville atravessou novamente a camada térmica, Kennedy pensou se adiantaria alguma coisa mudar novamente de curso. Não tinha mais tempo para se desviar do torpedo e todas as tentativas de confundi-lo tinham fracassado. Suas ideias tinham se esgotado.

— Ah! — exclamou Lavai, livrando-se dos fones. O modelo 89 estava agora tão próximo dos hidrofones do submarino, que o ruído se tornara ensurdecedor. — Ele vai se desviar a qualquer momento...

O comandante olhou em volta. Estaria ficando louco? Seria o único que desconfiava...

No último momento, o operador de sonar Lavai olhou para o comandante e disse: — Senhor, ele não está se desviando!

21

AZUL-MARINHO

O Força Aérea Um decolou alguns minutos antes da hora prevista, ajudado pela hora de pouco movimento. Quando o VC-25B atingiu a altitude de cruzeiro, os repórteres já tinham entrado em ação, pedindo que o presidente se pronunciasse a respeito da volta prematura. Interromper uma viagem oficial podia ser interpretado como uma reação de pânico, não podia? Tish Brown se encarregou dos jornalistas, explicando que os recentes acontecimentos em Wall Street exigiam que o presidente voltasse para casa para tranquilizar o povo americano... e assim por diante. No momento, prosseguiu, era melhor todos colocarem o sono em dia. Afinal, seria um voo de quatorze horas até Washington, com os ventos de frente que sopravam no Atlântico naquela época do ano, e Roger Durling também estava cansado.

O plano funcionou por várias razões. Uma das principais foi que os repórteres estavam sofrendo de excesso de álcool e falta de sono, como todos a bordo, exceto, presumivelmente, a tripulação. Além disso, havia agentes do Serviço Secreto e guardas armados da Força Aérea entre eles e os aposentos de presidente. O bom senso prevaleceu, e todos voltaram a seus lugares. Em pouco tempo, as coisas se aquietaram e praticamente todos os passageiros estavam dormindo ou fingiam.

O comandante do Johnnie Reb era, por lei, um aviador. Essa lei datava da década de 1930 e fora aprovada para impedir que os marujos de carreira tomassem conta do mais novo e glamouroso setor da Marinha. Por essa razão, o comandante tinha mais experiência de pilotar aviões do que de dirigir navios; como era seu primeiro comando no mar, seu conhecimento dos sistemas navais era constituído principalmente por coisas que aprendera mais ou menos por acaso e não fruto de estudos sistemáticos.

Felizmente, o engenheiro-chefe era um marinheiro experiente, que passara muitos anos a bordo de contratorpedeiro. O comandante sabia, porém, que a água devia ficar do lado de fora do casco e não do lado de dentro.

— Os estragos foram muito grandes, engenheiro-chefe? — Foram. — O oficial apontou para as placas do convés, ainda cobertas por dois centímetros de água que as bombas estavam lentamente jogando de volta no mar. Pelo menos todos os furos já tinham sido tapados. O trabalho levara três horas. — Os eixos dois e três foram inutilizados. Rolamentos em pedaços, eixos tortos e rachados, engrenagens transformadas em sucata. As turbinas nada sofreram; o sistema de transmissão absorveu todos os choques. O eixo Número Um está em bom estado. Alguns rolamentos foram danificados, mas podemos consertá-los sem muito problema. O hélice número quatro sofreu alguns danos. Ainda não sabemos até que ponto foi afetada, mas de qualquer maneira não podemos acioná-la sem pôr em risco os rolamentos. O leme de boreste está empenado, mas pretendemos

colocá-lo a meia-nau daqui a mais ou menos uma hora. Dependendo do estado em que se encontra, talvez tenha de ser trocado. Estamos reduzidos a um eixo. Podemos fazer dez ou onze nós e dirigir o navio, com dificuldade.

— Tempo previsto para os reparos?

— Vários meses... cinco ou seis, no mínimo, comandante. O engenheiro-chefe teria de passar o tempo todo no estaleiro, supervisionando os trabalhos, que consistiriam em praticamente reconstruir o sistema de propulsão do porta-aviões. Ainda não tinha avaliado totalmente os danos do Número Quatro; podiam ser mais sérios do que pensava. Foi nesse momento que o comandante perdeu a paciência. Já era tempo, pensou o engenheiro-chefe.

— Se eu pudesse lançar meus aviões, colocaria a pique esses filhos da puta! Era impossível lançar aviões de uma belonave se movendo a apenas dez nós. Mesmo que fosse possível, porém, o comandante não estava falando sério; ele sabia que tinha sido um acidente.

— Pode contar com meu apoio, comandante! — assegurou-lhe o engenheiro-chefe, também sem falar sério, porque acrescentou: — Talvez pelo menos eles paguem o conserto...

O comandante concordou com a cabeça e perguntou: — Estamos em condições de iniciar a viagem de volta?

— O eixo Número Um ficou um pouco empenado, mas acho que vai dar para o gasto. Sim, senhor, quando quiser.

— Está bem. Vamos partir o mais cedo possível. Estou ansioso para levar esta banheira para Pearl.

— Sim, senhor.

O almirante Mancuso estava no escritório, examinando os dados preliminares a respeito do exercício, quando seu ordenança entrou com uma folha de papel na mão.

— Senhor, parece que os dois porta-aviões estão com problemas.

— O que aconteceu? Eles se chocaram? — perguntou Jones, que estava sentado no canto, examinando outros dados.

— Pior — disse o ordenança ao civil.

O ComSubPac leu o despacho. — Oh, isso é ótimo. — Nesse momento, o telefone tocou. Era a linha segura que vinha diretamente da central de Operações da Esquadra do Pacífico.

— Aqui é o almirante Mancuso.

— Almirante, aqui é o tenente Copps, das Comunicações da Esquadra. Estamos recebendo uma transmissão submarina de emergência, localizada aproximadamente em 31-Norte, 175-Leste. No momento estamos trabalhando para determinar as coordenadas com maior precisão. O número de código é o do

Asheville. Não recebemos nenhuma transmissão de voz, apenas o sinal de emergência. Vou pedir uma busca de SUBMARINO DESAPARECIDO/SUBMARINO AFUNDADO. As aeronaves mais próximas são as dos dois porta-aviões...

— Deus do céu! — O último submarino que a Marinha dos Estados Unidos perdera tinha sido o Scorpion, no tempo em que Mancuso ainda estava no ginásio. O almirante sacudiu a cabeça. Tinha muito trabalho pela frente. — Esses dois porta-aviões provavelmente não estão em condições de lançar nenhuma aeronave, filho.

— Ah, é? Curiosamente, o tenente Copps ainda não ouvira falar do acidente.

— Chame os P-3. Estou muito ocupado.

— Sim, senhor.

Mancuso não precisava consultar o mapa. Naquela parte do oceano Pacífico, a profundidade era da ordem de cinco quilômetros e nenhum submarino da esquadra resistiria a uma profundidade maior do que dois quilômetros. Se houvesse sobreviventes, teriam de ser resgatados rapidamente, antes que a água gelada os matasse.

— Ron, recebemos um sinal. O Asheville pode ter descido.

— Descido? Era uma palavra que nenhum submarinista gostava de ouvir, embora fosse mais suave que afundado. — O filho de Lavai...

— E outros cento e vinte homens.

— Posso ajudar em alguma coisa, almirante?

— Vá até o SOSUS e dê uma olhada nos dados.

— Sim, senhor.

Jones saiu do escritório enquanto o SubPac pegava o telefone e começava a apertar botões. Ele já sabia que não adiantaria nada. Todos os submarinos da Esquadra do Pacífico estavam equipados com um transmissor de emergência AN/BST-3 que se desprendia automaticamente do casco quando o submarino era esmagado por uma pressão excessiva ou o contramestre de quarto se esquecia de dar corda no mecanismo do aparelho. A segunda hipótese, porém, era improvável, porque, antes de se soltar, o BST fazia um ruído ensurdecedor para advertir o marinheiro negligente... Não, o mais provável era que o Asheville estivesse no fundo do mar, mas mesmo assim tinha de continuar a procurá-lo, à espera de um milagre. Talvez alguns tripulantes tivessem escapado.

Apesar da advertência de Mancuso, o grupo de porta-aviões recebeu o chamado. Uma fragata, a USS Gary, rumou imediatamente para o norte, respondendo de forma apropriada às leis do homem e do mar. Dali a noventa minutos, estaria em condições de lançar um helicóptero para uma busca de

superfície e de servir de base para que outros helicópteros continuassem a operação de salvamento, em caso de necessidade. O John Stennis se colocou de frente para o vento e conseguiu lançar uma única aeronave de observação S-3 Viking, cujos instrumentos de bordo seriam úteis para uma busca de superfície. Em menos de uma hora, o Viking estava chegando ao lugar de onde vinham as transmissões. Não havia nada no radar a não ser um cutter da Guarda Costeira do Japão a cerca de quinze quilômetros do transmissor. O navio japonês comunicou pelo rádio que captara o sinal de emergência e pretendia vasculhar a área à procura de sobreviventes. Finalmente, o Viking encontrou o transmissor. O túmulo do submarino estava assinalado por uma mancha de óleo diesel e alguns destroços, mas mesmo depois de sobrevoar várias vezes o local a baixa altitude, nem o piloto nem o copiloto viram nada que merecesse ser resgatado.

O prefixo “Azul-Marinho” em uma transmissão indicava que as informações eram de interesse de toda a esquadra, talvez de natureza confidencial, com menor frequência altamente secretas; naquele caso, porém, era uma coisa grande demais para ser mantida em segredo. Dois dos quatro porta-aviões da Esquadra do Pacífico ficariam por muito tempo no estaleiro. Os outros dois, o Eisenhower e o Lincoln, estavam no oceano Índico e deveriam permanecer por lá. As notícias circulavam depressa nos navios; antes mesmo que o almirante Dubro recebesse sua cópia do despacho, os tripulantes da nau capitânia já estavam comentando o que ocorrera.

Nenhum deles disse mais palavrões do que o comandante da força de combate, que já tinha preocupações suficientes. O mensageiro que levou a notícia aos oficiais superiores da Marinha que estavam de serviço no Pentágono presenciou uma reação semelhante.

Como a maioria dos agentes que se encontram no estrangeiro em um momento de crise, Clark e Chavez não dispunham de muitas informações. Se soubessem o que estava acontecendo, provavelmente teriam apanhado o primeiro avião para qualquer lugar. Os espiões nunca foram uma classe muito querida. A Convenção de Genebra estabelecia uma regra para eles apenas em tempo de guerra; caso fossem apanhados, podiam ser executados sumariamente, por fuzilamento, de preferência.

As regras para tempo de paz eram um pouco mais civilizadas, mas frequentemente o caso tinha o mesmo desfecho. Não era algo que a CIA enfatizasse quando estava selecionando novos recrutas. As regras internacionais de espionagem procuravam diminuir esse risco oferecendo ao maior número possível de agentes uma falsa identidade diplomática, que vinha acompanhada de uma imunidade quase total. Esses eram os chamados agentes “legais”,

protegidos por tratados internacionais como se exercessem a profissão que constava do passaporte. Clark e Chavez eram agentes ”ilegais” e portanto não contavam com nenhum tipo de imunidade. Na verdade, John Clark jamais recebera uma proteção “legal”. A importância desse fato tornou-se clara quando deixaram o hotel barato para um encontro com Isamu Kimura.

Era uma tarde agradável, apesar dos olhares que recebiam como gaijin; a atitude de curiosidade e estranheza fora substituída por expressões francamente hostis. A atmosfera mudara consideravelmente desde sua chegada ao Japão. Curiosamente, os locais se tornavam logo muito mais simpáticos quando eles se identificavam como russos, o que levou Ding a especular se não poderiam arranjar uma forma de tornar mais visível sua falsa identidade. Infelizmente, os trajes civis não ofereciam muitas opções, de modo que eram forçados a conviver com o problema, sentindo-se da mesma forma que um americano rico poderia se sentir em um bairro com um alto índice de assaltos.

Kimura estava à espera no local combinado, um bar da classe média. Quando chegaram, já havia bebido alguns drinques.

— Boa tarde — disse Clark em inglês, com um sorriso. O japonês parecia preocupado. — Aconteceu alguma coisa? Não sei — declarou Kimura, quando a bebida chegou. Aquela expressão podia ser interpretada de várias maneiras. Dita daquela forma, significava que Kimura sabia de algo. — Goto convocou uma reunião do Ministério. Ainda não terminou. Um amigo meu da Agência de Defesa me disse que ele não sai do escritório desde quinta-feira à noite.

— Da... é mesmo?

— Vocês não ouviram nenhum discurso de Goto, ouviram? Ele não tem falado nada bem dos Estados Unidos. — O funcionário do MCII esvaziou o copo e levantou a mão para pedir outro drinque; o serviço ali era rápido. Os americanos podiam ter explicado que conheciam o primeiro discurso de Goto quase de cor, mas em vez disso ”Klerk” pediu que Kimura o colocasse a par da situação.

— Não sei — repetiu o homem, enquanto os olhos e o tom de voz diziam outra coisa. — Nunca vi nada parecido. No meu ministério, passamos a semana inteira à espera de instruções. Precisamos reiniciar as conversações com os americanos sobre o comércio entre os dois países, mas não recebemos nenhuma orientação por parte do governo. Nossos representantes em Washington estão parados. Goto tem passado a maior parte do tempo com a Defesa e com seus amigos zaibatsu. Não estou acostumado a trabalhar assim.

— Meu amigo, você fala como se houvesse algo muito sério no ar — disse Clark, deixando o copo na mesa depois de beber apenas um gole.

— Você não entende. Não há nada no ar. Seja o que for que está

acontecendo, é sem o conhecimento do MCII.

— E daí?

— Daí que o MCII está envolvido em quase tudo que se faz no país.

— Meu ministro se encontrou com Goto, mas não nos disse nada. — Kimura fez uma pausa. Será que aqueles dois estavam completamente por fora? — Quem vocês pensam que formula nossa política externa? Aqueles incompetentes do Ministério do Exterior? Eles fazem o que nós mandamos. E quem se importa com o que pensa a Agência de Defesa? Somos nós que definimos as políticas que o Japão deve seguir. Somos apoiados pelos zaibatsu.

— Representamos os interesses dos empresários em nossas relações com os outros países. Escrevemos os discursos do primeiro-ministro. Foi por isso que entrei para o Ministério em primeiro lugar.

— E agora? A situação mudou? — quis saber Clark.

— Agora? Goto toma decisões sem nos consultar, passa a maior parte do tempo reunido com pessoas sem importância e só hoje manda chamar meu ministro... hoje, não, ontem — corrigiu Kimura. — E ele ainda não voltou.

O homem parecia muito abalado, pensou Chavez, por causa do que parecia ser um mero jogo de interesses. O Ministério de Comércio e Indústria Internacional estava perdendo influência no governo.

— E daí? Você ficou aborrecido porque os líderes do setor industrial se encontraram pessoalmente com o primeiro-ministro? — perguntou.

— Claro que sim. Eles deviam recorrer a nós, mas Goto sempre foi um boneco nas mãos de Yamata. — Kimura deu de ombros. — Talvez estejam querendo formular diretamente a política do comércio exterior, mas como vão fazer isso sem nossa ajuda?

Sem minha ajuda, é isso que ele quer dizer, pensou Chavez, com um sorriso. Burocrata de merda. A CIA também estava cheia deles.

Não foi exatamente como ele planejara. A maioria dos turistas que visitavam Saipan era de japoneses, mas nem todos. A ilha do Pacífico podia ser um lugar excelente para várias coisas, entre elas a pescaria em alto-mar; a concorrência ali não era tão grande como na Flórida e no golfo da Califórnia.

Pete Burroughs estava queimado de sol, exausto e extremamente satisfeito depois de onze horas no mar. Pescar e beber cerveja era a melhor maneira de uma pessoa se recuperar de um divórcio, pensou o engenheiro de computadores. Passara duas horas se afastando da ilha, três horas vagando em alto-mar e depois quatro horas lutando contra a maior albacora que jamais tivera o prazer de conhecer. O problema seria convencer os colegas de trabalho de que não estava exagerando. O bicho era grande demais para ser colocado sobre a lareira, e de

qualquer maneira a ex-esposa ficara com a casa e a lareira. Teria de se contentar com uma fotografia e depois que o processamento de imagens em computador se tornara um lugar-comum, ninguém mais acreditava em fotografias. Por qualquer trocado podia-se pendurar qualquer monstro marinho eletrônico na ponta do seu anzol. Se tivesse pescado um tubarão, pelo menos poderia levar para casa a mandíbula e os dentes, mas uma albacora era apenas um atum avantajado. Mas que droga, a mulher também não acreditava quando dizia que tinha de trabalhar até mais tarde no escritório. Ela era uma chata. Também não gostava de pescarias, mas agora podia pescar todo dia, se quisesse. Talvez estivesse na hora de pescar uma garota. Abriu mais uma lata de cerveja.

A marina não parecia muito movimentada para um fim de semana. Por outro lado, o porto estava ocupado por três grandes navios comerciais, muito feios, pensou, embora não conseguisse identificá-los à primeira vista.

Sua empresa ficava na Califórnia, mas não muito próximo da costa; em geral, pescava em rios e lagos. Aquela viagem representava o sonho de uma vida. No dia seguinte, talvez pescasse outra coisa. No momento, era melhor apreciar a albacora. Devia pesar trezentos quilos, no mínimo. Não chegava a ser um recorde, mas era bem maior do que o salmão que pescara no ano anterior, com o seu fiel caniço Ted Williams. Um ruído desagradável interrompeu seus devaneios. A sombra no céu anunciou que outro 747 estava decolando do aeroporto. Não levaria muito tempo para que estragassem aquele lugar, também. Aliás, já haviam estragado. A única vantagem era que os japoneses que chegavam à ilha para passar o fim de semana e trepar com as garçonetes filipinas não gostavam muito de pescar.

O piloto era muito habilidoso. Chamava-se Oreza. Fora primeiro-sargento da Guarda Costeira, mas agora estava reformado. Burroughs deixou a cadeira de pescar e foi se sentar ao lado do homem.

— Cansou-se de conversar com seus peixes?

— Não gosto de beber sozinho.

Oreza sacudiu a cabeça. Não bebo quando estou trabalhando.

— Um mau hábito dos velhos tempos?

Oreza fez que sim com a cabeça. — Acho que sim. Mas eu pago um para você no clube. Pegou um peixão. Você disse que era a primeira vez?

— A primeira vez em alto-mar — afirmou Burroughs, orgulhoso.

— Pois eu jamais suspeitaria, Sr. Burroughs.

— Pete — corrigiu o engenheiro.

— Pete — confirmou Oreza. — Pode me chamar de Portuga.

— Você não é daqui, é?

— Morei muitos anos em New Bedford, Massachusetts. Os invernos lá são

muito frios. Trabalhava em uma estação da Guarda Costeira em Punta Arenas, que não existe mais. Eu e minha mulher gostamos do clima e das pessoas. Além disso, a competição lá nos Estados Unidos estava me matando — explicou Oreza. — Que droga, agora, que os filhos já estão criados, mereço um pouco de sossego. De modo que acabamos nos mudando para cá.

— Gostei do modo como você dirige um barco.

Portuga concordou com a cabeça. — Não é nenhuma vantagem. Há trinta e cinco anos que faço isso, mais ainda se contar o tempo em que saía com meu pai. — Fez uma curva para bombordo, contornando a ilha Managaha. — Além de tudo, quase não há mais peixes em New Bedford.

— Quem são aqueles caras? — perguntou Burroughs, apontando para o porto comercial.

— Navios para transportar automóveis. De manhã, quando cheguei, estavam descarregando jipes daquele ali. — O piloto deu de ombros. — Mais carros. Sabe de uma coisa? Quando cheguei aqui, achei que lembrava o cabo Cod no inverno. Agora está mais parecido com o cabo Cod no verão. Cada vez mais apinhado. — Por outro lado, pensou Oreza, mais turistas também queria dizer mais fregueses...

— A vida aqui é cara?

— Está ficando — respondeu Oreza. Outro 747 deixou a ilha.

— Engraçado...

— O quê? Aquele ali não decolou do aeroporto.

— Como assim?

— Ele decolou de Kobler. E uma velha pista do Comando Aéreo Estratégico, onde ficavam os B-52. Existem cinco ou seis pistas nas ilhas, lembrança dos velhos tempos. A de Kobler fica ao lado da minha antiga estação de LORAN. Não sabia que ainda estava em funcionamento.

— Não compreendo.

— Havia uma base do Comando Aéreo Estratégico em Guam. Ataques nucleares, aquela coisa toda, sabe? Caso a merda atingisse o ventilador, eles queriam estar certos de que todos os bombardeiros não seriam destruídos por um único míssil. Existem duas pistas em Saipan: a do aeroporto e a de Kobler; duas em Tinian, que datam da Segunda Guerra Mundial; e mais duas em Guam.

— Todas estão em condições de uso?

— Por que não? Aqui não faz frio suficiente para rachar o concreto.

Mais um 747 decolou do Aeroporto Internacional de Saipan e logo depois outro apareceu no céu sem nuvens, vindo do leste da ilha.

— E sempre assim?

— Não. Nunca vi tanto movimento. Os hotéis devem estar lotados. Vai ser

fácil vender seu peixe.

— Quanto vale?

— O suficiente para pagar o aluguel do barco, Pete. Vamos ver se tem a mesma sorte amanhã.

— Se você me conseguir outro igual a este, pode me cobrar o que quiser.

— Adoro quando as pessoas dizem isso.

Oreza diminuiu a velocidade ao se aproximar da marina. Dirigiu-se para o cais principal; precisava do guindaste para descarregar o peixe. Até aquele dia, tinha visto apenas duas albacoras maiores do que aquela, e o tal de Burroughs até que era simpático.

— É assim que você ganha a vida? Portuga assentiu. — E ainda tenho minha pensão. Não posso me queixar. Depois de passar trinta e tantos anos pilotando os barcos de Tio Sam, agora tenho o meu... e está totalmente pago.

Agora Burroughs estava olhando para os navios comerciais. Estendeu a mão para o binóculo do piloto.

— Posso?

— É melhor pendurá-lo no pescoço.

Engraçado como a maioria das pessoas parecia pensar que a correia do binóculo estava ali apenas como enfeite.

— Claro. — Burroughs fez o que o outro pedira, ajustou o foco e começou a examinar o Orchid Ace. — Como são feios...

— Não precisam ser bonitos. Servem apenas para o transporte de carros — observou Oreza, manobrando para atracar no cais.

— Não são carros. Parecem mais máquinas de estrada...

— Ah, é? Portuga chamou o ajudante, um rapaz nascido na ilha, para auxiliá-lo com as amarras. Um bom garoto. Tinha apenas quinze anos. Se entrasse para a Guarda Costeira, poderia aprender bem o ofício. Oreza procurava convencê-lo a tentar.

— O Exército tem uma base aqui?

— Negativo. A Força Aérea e a Marinha ainda conservam um pequeno efetivo em Guam, mas mesmo isso está acabando.

Pronto. Desligou o motor e o Springer deslizou até parar, exatamente onde ele queria. Perfeito. Mais uma vez, pensou Oreza, orgulhando-se por um serviço bem-feito. Um homem que estava no cais começou a manobrar o guindaste, fazendo um gesto com o polegar para cima ao ver o tamanho do peixe. Depois de se assegurar de que o barco estava bem amarrado, Oreza recostou-se no assento e começou a pensar na primeira cerveja da noite.

— Dê um olhada — disse Burroughs, passando-lhe o binóculo.

Portuga voltou-se na cadeira e tornou a focalizar o binóculo antes de

apontá-lo para o navio. Conhecia bem aquele tipo de embarcação, do tempo em que trabalhava como inspetor para a Guarda Costeira. Na verdade, estivera a bordo daquele mesmo navio, um dos primeiros a serem projetados para transportar automóveis ou mesmo caminhões e outros veículos pesados, pois alguns conveses tinham um pé direito respeitável e...

— O quê? Sabe o que é?

— Não.

Era um veículo com lagartas. Estava na sombra, porque o sol já ia baixo no céu, mas não havia dúvida de que fora pintado com uma cor escura e tinha uma espécie de caixa quadrada na parte traseira. De repente, teve um estalo. Era algum tipo de veículo lança-mísseis. Lembrava-se de ter visto algo parecido na TV durante a guerra do golfo Pérsico, pouco antes de se reformar. Oreza se levantou para conseguir um ângulo melhor. Havia outros dois no estacionamento do cais...

— Já sei: é algum tipo de exercício — afirmou Burroughs, descendo a escada que dava para o convés principal. — Veja aquele caça. Meu primo pilotou um igualzinho antes de ir trabalhar na American. É um F-l 5 Eagle da Força Aérea.

Oreza voltou os binóculos na direção do caça. Sim, eram dois, voando em uma clássica formação militar. Caças F-l 5 Eagle, voando em círculos no centro da ilha, como quem protege um território... só que havia um pequeno detalhe. O símbolo pintado nas asas era um círculo vermelho.

Mais uma vez, Jones preferiu usar as listagens em vez de observar os dados na tela de um monitor. O segundo método era mais rápido, mas também mais cansativo, e seu trabalho era delicado. Se fosse bem-sucedido, poderia salvar vidas, pensou. Ou será que estava tentando enganar a si próprio? Dois técnicos experientes trabalhavam com ele. Começaram com os dados da meia-noite e tinham de prosseguir com toda a atenção. A área para exercícios de submarinos perto do atol de Kure tinha sido escolhida porque ficava nas proximidades de uma série de hidrofones que fazia parte do sistema SOSUS do Pacífico. O conjunto mais próximo fora um dos últimos a ser instalados e era do tamanho de uma garagem ou de uma casa pequena.

Estava ligado eletronicamente a outra instalação a cinquenta milhas náuticas de distância, mas este segundo conjunto era mais antigo, menor e menos sensível. Um cabo ligado a ambos levava os sinais até Kure e daí a Midway, que estava ligada a Pearl Harbor, tanto por satélite como por um cabo submarino. O oceano estava cheio daqueles cabos. Durante a Guerra Fria, a Marinha dos Estados Unidos instalara quase tantos cabos submarinos quanto a Bell Telephone, contratando ocasionalmente os navios da empresa para essa tarefa.

— Muito bem, lá está o Kurushio, usando o respiradouro — afirmou Jones, fazendo um círculo vermelho nas marcas impressas em preto.

— Como conseguiu derrotar o Masker? — perguntou um dos técnicos, surpreso.

— É um bom sistema, mas já prestou atenção para ver como funciona?

— Não saio para o mar há mais de dez anos — respondeu o técnico.

— Quando eu estava no Dallas, tivemos uma boa disputa com o Moosbrugger nas Bahamas.

— O Moose tem uma reputação e tanto.

— E merecida. Não conseguíamos localizá-los e eles não conseguiam nos localizar. Estávamos num impasse — contou Jones, falando não como um empreiteiro civil com doutorado, mas como o operador de sonar que tinha sido e, agora percebia, continuava a ser. — Eles tinham um piloto de helicóptero que estava nos deixando loucos. Foi então — prosseguiu, enquanto virava outra página — que tive uma ideia. O Masker faz um ruído parecido com o da chuva. Não é muito forte, mas as frequências são bem definidas. O que percebi foi que tudo que você tem a fazer é verificar como está o tempo na superfície. Se o céu está azul e você ouve barulho de chuva, só pode ser uma coisa. Ontem o tempo estava ótimo a noroeste de Kure. Verifiquei com o Serviço de Meteorologia da Esquadra antes de vir para cá.

O técnico fez que sim com a cabeça e sorriu. — Não vou me esquecer, senhor.

— Muito bem, temos o japonês aqui à meia-noite. Vamos ver o que mais podemos encontrar. — Passou para a folha seguinte do formulário contínuo. Se as circunstâncias fossem diferentes, poderia estar usando as listagens de uma impressora laser, um dos brinquedos preferidos do filho.

— Este aqui tem de ser o Asheville, provavelmente se preparando para repetir um exercício. Está usando um hélice de velocidade, não está?

— Não sei.

— Está, sim. Não teríamos um sinal tão forte se estivesse usando um hélice de patrulha. Vamos plotar o que temos até agora.

— Plotagem em andamento — anunciou o outro técnico. Boa parte do trabalho agora era executada por um computador. No passado, tinha sido uma verdadeira arte.

— Qual a posição? — perguntou Jones.

— Bem aqui, quase no mesmo lugar que o transmissor de emergência, senhor — mostrou o técnico, com toda a paciência, fazendo uma marca preta no mapa de parede coberto com plástico. — Sabemos onde está. É para lá que devemos mandar a equipe de salvamento...

— Não haverá nenhum salvamento — disse Jones, levantando-se e pedindo um cigarro a um marinheiro que passava.

Pronto, finalmente consegui dizer isso em voz alta.

— Não pode fumar aqui — protestou um dos técnicos. — Se quiser, vamos lá para fora.

— Empreste-me o isqueiro e vamos continuar — ordenou Jones. Virou outra página, acompanhando a linha de 60Hz. — Nada... nada. Esses submarinos a diesel são muito bons, mas se ficam quietos, não estão respirando e se não estão respirando não podem ir muito longe. O Asheville se afastou nesta direção e provavelmente voltou pelo mesmo caminho — concluiu, virando outra página.

— Não haverá salvamento? O técnico levara mais de trinta segundos para fazer a pergunta.

— Já viu qual é a profundidade da água?

— Já, mas as saídas de emergência... quero dizer... esse modelo de submarino tem três saídas.

Jones nem levantou os olhos. Soltou uma baforada. Era o primeiro cigarro que fumava em vários anos.

— Eu sei. No Dallas, eram chamadas de saídas da mamãe. “Olhe, mamãe, se alguma coisa der errado, podemos sair por aqui.” Só que essas coisas não foram feitas para funcionar, certo? O submarino está morto, e com ele toda a tripulação. Nosso trabalho é descobrir por quê.

— Mas já temos os ruídos do desastre.

— Eu sei. Sei também que dois dos nossos porta-aviões sofreram um pequeno acidente hoje. Aqueles ruídos também estavam nas listagens do SOSUS.

— O que está insinuando?

— Não estou insinuando nada. Mais uma página. Na parte de baixo havia uma grande mancha escura que assinalava a morte do USS Asheville e todos...

— Que merda é essa?

— Parece um alvo plotado duas vezes, senhor. A posição é praticamente a mesma do Asheville. Achamos que o computador...

— A diferença é grande, quase quatro minutos! — Jones voltou três páginas.

— Está vendo? Há um segundo alvo.

— Acha que é o Charlotte?

Nesse momento, Jones sentiu um arrepio. Estava um pouco tonto, por causa do cigarro, e se lembrou de por que deixara de fumar. Os mesmos sinais no papel: um submarino diesel usando o respirador, e, mais tarde, um classe 688 a toda velocidade. Os sons eram quase idênticos, e a coincidência das posições

poderia fazer qualquer um pensar que...

— Ligue para o almirante Mancuso e descubra se o Charlotte se comunicou recentemente com a base.

— Mas...

— É para já, meu amigo! O Dr. Ron Jones se levantou e olhou em volta. Era como se tivesse voltado ao passado... quase isso. As pessoas eram as mesmas, fazendo o mesmo trabalho, mostrando a mesma competência, mas algo estava faltando. O que estava faltando era... o quê? Havia um grande mapa do oceano Pacífico na parede da sala. Antigamente, o mapa estava cheio de pontinhos vermelhos que indicavam os submarinos soviéticos, muitas vezes acompanhados por pontos pretos para mostrar que o SOSUS do Pacífico estava rastreando os submarinos "inimigos", para facilitar o trabalho dos submarinos e aviões americanos encarregados de segui-los e ocasionalmente acossá-los para mostrar quem mandava nos oceanos do mundo. Agora, as marcas no mapa eram de baleias, algumas das quais tinham nomes, como os submarinos russos, mas os nomes eram coisas como "Moby e Mabel", para designar um casal em particular. Não havia mais um inimigo, e a urgência era coisa do passado. Não estavam mais pensando como ele pensara quando ia "para o norte" no Dallas, rastreando pessoas que um dia talvez tivesse de matar. Jones jamais esperara que aquilo acontecesse, não para valer, mas a possibilidade não podia ser totalmente esquecida.

Com aqueles homens e mulheres, porém, era diferente. Era só ver o modo como o técnico estava falando com o SubPac ao telefone.

Jones atravessou a sala e tirou o telefone das mãos do homem.

— Bart, aqui é Ron. O Charlotte se comunicou recentemente com a base?

— Estamos tentando falar com ele neste momento.

— Acho que não vão conseguir, comandante — observou o civil, em tom compungido.

— Acha mesmo? O tom da pergunta mostrou que o almirante compreendera. Os dois sempre tinham tido uma grande facilidade para se comunicar.

— Bart, é melhor vir até aqui. Não estou brincando.

— Estarei aí em dez minutos — prometeu Mancuso.

Jones apagou o cigarro em uma cesta de papéis e voltou a examinar os gráficos a partir do ponto onde parara. Eles eram feitos por canetas, acopladas a cursores de metal, que recebiam ruídos em diferentes faixas de frequência. As marcas eram dispostas com as frequências mais baixas à esquerda e as frequências mais altas à direita. A posição dentro de cada coluna indicava a localização. As marcas eram sinuosas; um leigo as tomaria por fotografias aéreas

de dunas de areia no deserto, mas, para os técnicos, cada uma daquelas linhas tinha um significado. Jones começou a analisá-las mais devagar, tomando cada minuto de dados e esquadrinhando-os da esquerda para a direita, fazendo anotações. Os técnicos recuaram, sabendo que estavam assistindo ao trabalho de um mestre, que ele era capaz de ver coisas que eles podiam ter visto, mas tinham deixado passar, e compreendendo por que alguém mais novo que eles podia chamar um almirante pelo primeiro nome.

— Sentido — disse uma voz, afinal. — Força de Submarinos, Pacífico, chegando.

Mancuso entrou, acompanhado pelo comandante Chambers, seu oficial de operações, e um ajudante de ordens. O almirante limitou-se a olhar para Jones.

— Já conseguiu se comunicar com o Charlotte, Bart?

— Não.

— Venha cá.

— O que conseguiu descobrir, Jones? Jones apontou com a caneta vermelha para um ponto na parte inferior da página.

— Isso aqui é o casco sendo esmagado pela pressão.

Mancuso fez que sim com a cabeça e suspirou.

— Eu sei, Ron.

— Olhe aqui. Ele acelerou ao máximo...

— Quando alguma coisa dá errado em um submarino, você acelera ao máximo e tenta chegar à superfície — comentou o comandante Chambers, ainda sem compreender.

— Mas ele não estava indo direto para a superfície, Sr. Chambers.

— Temos mudanças na taxa de subida, aqui e aqui — afirmou Jones, fazendo deslizar a caneta sobre a página, andando para trás no tempo e mostrando onde a largura dos traços variava e a orientação mudava sutilmente. — Estava também fazendo uma curva, em velocidade máxima. Isto é provavelmente um chamariz. E isto... — mostrou, apontando com a caneta para a extremidade direita da folha — isto é um torpedo. Muito silencioso, mas observem seu movimento. Também fez uma curva, perseguindo o Asheville. Quando acompanhamos sua trajetória no sentido inverso, chegamos a este ponto aqui. — Ron mostrou os dois traços, e embora a distância entre eles no papel fosse de trinta e cinco centímetros, as ondulações eram quase idênticas.

Moveu novamente a caneta, subindo pela folha, e depois mostrou a coluna correspondente a outra faixa de frequências. — E o ponto de lançamento.

— Bem aqui.

— Caralho — murmurou Chambers.

Mancuso, ao lado de Jones, se inclinou para ver a folha mais de perto.

Agora estava compreendendo.

— E este aqui?

— É provavelmente o Charlotte, também tentando uma manobra evasiva. Veja, aqui e aqui, as mudanças na taxa de subida. Não podemos ver a implosão porque ela ocorreu muito longe dos hidrofones. Pela mesma razão, não temos um rastro do torpedo. — Jones apontou de novo para o sinal do USS Asheville. — Aqui. Foi aqui que o submarino japonês lançou o torpedo.

— Neste trecho aqui, o Asheville tentou escapar, mas não conseguiu. Aqui está a explosão do torpedo. O ruído do motor para aqui; o submarino foi atingido na popa. E aqui podemos ver a implosão do casco. Almirante, o Asheville foi afundado por um torpedo, provavelmente um Modelo 89, quase no mesmo momento em que nossos dois porta-aviões sofreram um pequeno acidente.

— Não é possível! — protestou Chambers.

Quando Jones virou a cabeça, seus olhos pareciam os botões no rosto de uma boneca.

— Se não acredita, então me explique o que significam esses sinais.

Alguém tinha de fazê-lo aceitar a verdade.

— Minha nossa, Ron!

— Calma, Wally — disse o ComSubPac, olhando para os dados e procurando outra explicação plausível.

— Está perdendo seu tempo, comandante. — Jones apontou para o sinal da USS Gary. — E melhor alguém avisar a essa fragata que ela não está envolvida em nenhuma missão de salvamento. Ela está é desafiando o perigo, isso sim. Existem dois submarinos japoneses aí fora com torpedos de verdade, e eles já os usaram duas vezes. — Jones se aproximou do mapa da parede. Pegou uma caneta vermelha e desenhou duas circunferências, ambas com cerca de cinquenta quilômetros de diâmetro. — Estão em algum lugar destas áreas. Teremos informações mais precisas quando subirem para respirar. A propósito: o que é este sinal na superfície? Um cutter da guarda costeira japonesa, a caminho do local do desastre — explicou o SubPac.

— Talvez fosse melhor afundá-lo — sugeriu Jones, fazendo uma marca vermelha no sinal antes de pôr a caneta de lado.

Acabara de dar o último passo. A marca que fizera representava um navio inimigo. Um alvo.

— Precisamos falar com o CINCPAC — afirmou Mancuso.

Jones concordou com a cabeça.

— Sim, senhor. Acho que sim.

22
A DIMENSÃO GLOBAL

O efeito da bomba foi impressionante. Ela explodiu do lado de fora do Trincomalee Tradewinds, um novo hotel cinco estrelas construído principalmente com dinheiro indiano. Poucas pessoas, nenhuma a menos de meio quarteirão de distância, lembravam-se do veículo, um pequeno caminhão branco de entregas que era suficientemente grande para conter meia tonelada de AMFO, uma mistura explosiva composta de fertilizante nitrogenado e óleo diesel. Era uma receita fácil de preparar em uma banheira ou bacia grande, e naquele caso fora suficiente para arrancar a fachada do hotel de dez andares, matando vinte e sete pessoas e ferindo mais de cem. Pouco depois, o escritório local da Reuters recebeu um telefonema.

— Começou a fase final da libertação — afirmou a voz, provavelmente lendo uma declaração por escrito, como os terroristas costumavam fazer. — Enquanto os Tigres do Tâmil não tiverem de volta sua terra natal e sua autonomia, não haverá paz no Sri Lanka. Este é apenas o começo do fim de nossa luta. Vamos explodir uma bomba por dia até atingirmos nosso objetivo.

Clic.

Havia mais de cem anos a Reuters era considerada um dos serviços de notícias mais eficientes do mundo, e o escritório de Colombo não constituía uma exceção, mesmo em fins de semana. Dez minutos depois, a informação foi enviada via satélite para a sede da empresa em Londres, de onde foi transmitida para o mundo inteiro, como “notícia urgente”.

Muitos órgãos do governo americano, entre eles o FBI, o Serviço Secreto e o Pentágono, acompanham rotineiramente as notícias jornalísticas. Isso também se aplicava ao Escritório de Imprensa da Casa Branca, e assim, vinte e cinco minutos depois que a bomba explodiu, uma sargento da Força Aérea colocou a mão no ombro de Jack Ryan. Os olhos do Conselheiro de Segurança Nacional se abriram para ver um dedo apontando para cima.

— Notícia urgente, senhor — sussurrou a voz.

Ryan fez que sim com a cabeça, soltou o cinto e agradeceu a Deus por não ter bebido demais em Moscou. Na penumbra da cabina, pôde ver que todos estavam adormecidos. Para não acordar a mulher, tinha de pular por cima da mesa. Quase caiu, mas a sargento segurou-o pelo braço.

— Obrigado.

— De nada, senhor.

Ryan subiu com ela pela escada em espiral até a sala de comunicações do convés superior.

— O que houve? Resistiu à tentação de perguntar que horas eram porque a pergunta seria ambígua: hora de Washington? Hora local? Hora do lugar onde explodira a bomba? Sinal dos tempos, pensou Ryan, aproximando-se na impressora térmica; agora era preciso saber a que lugar o "agora" se referia.

A oficial de comunicações era uma primeiro-tenente da Força Aérea, negra, esbelta e muito bonita.

— Bom dia, Dr. Ryan. O Escritório de Segurança Nacional mandou esta mensagem para o senhor.

Passou-lhe o papel de fax que Jack odiava. Entretanto, as impressoras térmicas eram silenciosas, e a sala de comunicações, como todas as outras, já era suficientemente barulhenta. Jack leu o despacho da Reuters, ainda muito recente para ser acompanhado por uma análise da CIA.

— É o indicador que estávamos aguardando. Muito bem, arranje-me um telefone seguro.

— Isto aqui acaba de chegar — disse um oficial da Força Aérea, passando-lhe mais alguns papéis. — A Marinha teve um dia ruim.

— Ah, é? — Ryan sentou-se em uma cadeira acolchoada e acendeu uma lâmpada de leitura. — Que merda! — exclamou. Levantou os olhos. — Pode me arranjar um café, por favor, tenente? O oficial mandou um soldado ir buscar um copo descartável.

— Com quem deseja falar?

— Com o almirante Jackson, do NMCC.

O conselheiro de Segurança Nacional consultou o relógio, fez os cálculos e concluiu que conseguira dormir umas cinco horas. Era pouco provável que tivesse oportunidade de dormir de novo até chegarem a Washington.

— Linha três, Dr. Ryan. O almirante Jackson está no aparelho.

— Aqui é ESPADACHIM — disse Ryan, usando seu nome de código.

Tinham tentado impingir-lhe PISTOLEIRO, uma homenagem duvidosa ao seu passado.

— Aqui é PAINEL DE CONTROLE. Está fazendo boa viagem, Jack? Ryan sempre se admirava com a qualidade do som nas comunicações digitais em linha protegida. Podia reconhecer a voz do amigo e até mesmo o seu tom bem-humorado. Podia perceber também que esse tom era um pouco forçado.

— Os pilotos da Força Aérea são excelentes. Talvez devesse tomar algumas aulas com eles. Certo, o que está acontecendo? O que conseguiu apurar?

— A Esquadra do Pacífico teve um pequeno acidente.

— Eu sei. Vamos falar primeiro do Sri Lanka — pediu ESPADACHIM.

— Não temos muita coisa. O despacho original, algumas fotos, e estou esperando um vídeo para daqui a meia hora. Nosso consulado em Trincomalee acaba de entrar em contato conosco. Eles confirmaram o incidente. Um cidadão americano foi ferido, apenas um, e não ficou muito machucado, mas quer voltar para casa o mais cedo possível. Mike está sendo imprensado. Tentará escapar assim que anoitecer. Nossos amigos estão começando a se mexer. Os anfíbios continuam onde estavam, mas perdemos a pista daquela brigada. A região que vinham usando para os exercícios parece deserta. Não encontramos nada nas fotografias aéreas tiradas há três horas.

Ryan fez que sim com a cabeça. Levantou a cobertura de plástico da janela ao lado da sua cadeira. Estava escuro lá fora. Olhou para baixo e não viu nenhuma luz. Ou estavam sobrevoando o oceano ou o céu estava nublado. Tudo que via era uma luz piscando na ponta da asa.

— Algum perigo imediato?

— Negativo — respondeu o almirante Jackson. — Calculamos que eles levarão uma semana no mínimo para agir, mas também calculamos que é provável que o façam antes. Jack — acrescentou Robby —, o almirante Dubro precisa urgentemente de instruções.

— Entendido. — Ryan estava fazendo anotações em um bloco do Força Aérea Um que os jornalistas ainda não tinham apanhado. — Espere um momento. — Olhou para o tenente. — Quanto tempo vamos levar para chegar a Andrews?

— Sete horas e meia, senhor. Pegamos um vento de frente. No momento, estamos chegando à costa da Islândia.

Jack fez que sim com a cabeça. — Obrigado. Robby, chegaremos daqui a sete horas e meia. Pretendo falar com o chefe antes de pousarmos. Gostaria que preparasse um relatório sobre a situação para mais ou menos duas horas depois da nossa chegada.

— Entendido.

— Certo. Agora me diga: o que aconteceu com aqueles porta-aviões?

— Aparentemente, um dos contratorpedeiros japoneses lançou acidentalmente seus torpedos. Eles acertaram no rabo dos dois porta-aviões. Os quatro eixos do Enterprise foram danificados. O Stennis ainda está com um eixo funcionando. Não houve vítimas fatais; apenas alguns ferimentos leves.

— Robby, como uma coisa dessas foi...

— Ei, ESPADACHIM, não se esqueça de que eu apenas trabalho aqui.

— Quanto tempo vai levar o reparo?

— De quatro a seis meses. Um momento, Jack. — O almirante parou de

falar, mas Ryan ouviu o barulho de vozes e de papéis sendo folheados.

— Espere um instante... acaba de chegar uma mensagem.

— Estou esperando.

Ryan bebeu um gole de café e voltou à tarefa de calcular que horas eram.

— Más notícias, Jack. Temos um SUBMARINO DESAPARECIDO/SUBMARINO AFUNDADO na Esquadra do Pacífico.

— Como é?

— O BST-3 do USS Asheville começou a tocar. É um dos novos 688.

Uma aeronave decolou do Stennis para investigar e uma fragata também está indo para lá. Estão todos muito preocupados.

— Qual é a tripulação? Uns cem homens?

— Mais. Cento e vinte ou centro e trinta. Que droga! Da última vez que isso aconteceu, eu era um garoto.

— Estávamos participando de um exercício com os japoneses, não estávamos?

— Isso mesmo. Operação PARCEIROS NO MAR Terminou ontem. Até agora, parecia que tudo tinha corrido muito bem. De repente... — Jackson interrompeu o que estava dizendo. — Outra mensagem. Vem do Hoover que decolou do Stennis...

— O quê?

— Um S-3 Viking, aeronave antissubmarino. Tripulação de quatro homens. Eles não conseguiram encontrar sobreviventes do submarino. Que merda — acrescentou Jackson, embora não fosse propriamente uma surpresa. — Jack, tenho muito trabalho me esperando, está bem?

— Entendido. Ligue-me se houver alguma novidade.

— Está certo. Desligo.

Ryan acabou de beber o café e jogou o copo descartável em uma cesta aparafusada no piso do avião. Era melhor esperar mais um pouco para acordar o presidente. Durling precisaria do descanso. Estava voltando para casa para enfrentar uma crise financeira, um escândalo político, uma possível guerra com os indianos e agora as relações com o Japão ficariam ainda mais difíceis por causa daquele maldito acidente. Quanto tempo ainda duraria aquela fase de azar?

Por coincidência, o carro de Oreza era um Toyota Land Cruiser branco, um modelo muito popular na ilha. Ele e o engenheiro estavam se aproximando do carro quando dois veículos da mesma marca entraram no estacionamento da marina. Seis homens saltaram e se encaminharam diretamente para eles. O primeiro-sargento reformado sentiu um frio na espinha. Deixara Saipan pouco antes do amanhecer, depois de pegar Burroughs no hotel, para chegar em alto-

mar na hora em que os cardumes de atum estavam procurando comida. Embora o trânsito no caminho para o cais estivesse um pouco mais intenso do que de costume, o mundo parecera normal. Agora, era diferente. Havia caças japoneses sobrevoando a ilha; seis homens armados, usando uniforme de faxina, preparavam-se para abordá-lo. Era como uma cena de filme, pensou, uma daquelas minisséries da TV passadas no tempo em que os russos eram de verdade.

— Olá. Como foi a pescaria? — perguntou o homem. Oreza observou que era um capitão e usava um emblema de paraquedista no bolso esquerdo da camisa. Estava sorrindo, procurando mostrar-se o mais amável possível.

— Peguei uma beleza de albacora — respondeu Peter Burroughs, seu orgulho amplificado pelas quatro cervejas que tomara no caminho.

— Ah, é? Posso vê-lo?

— Claro! Burroughs deu meia-volta e se dirigiu para o cais, onde o peixe ainda estava pendurado de cabeça para baixo no guindaste.

— O barco é seu, comandante Oreza? — perguntou o militar.

Apenas outro homem seguiu o capitão. Os outros ficaram para trás, observando-os com atenção, como se tivesse recebido ordens para não se comportarem muito... muito alguma coisa, pensou Portuga. Também reparou que o oficial se dera ao trabalho de descobrir seu nome.

— Sim, senhor. Está interessado em uma boa pescaria? — perguntou, com um sorriso inocente.

— Meu avô era pescador — afirmou o ishii.

— O meu também. É tradição de família — declarou Portuga.

— Uma antiga tradição? Oreza fez que sim com a cabeça, no momento em que chegavam ao local onde o Springer estava atracado. — Mais de cem anos.

— Ah, é uma bela embarcação. Posso examiná-la por dentro?

— Claro. Vamos entrando.

Portuga entrou primeiro e acenou para que o homem o seguisse.

Observou que o sargento que os acompanhara ficara mais atrás. Viram também outro Toyota Land Cruiser na entrada do estacionamento da marina, com três homens no interior, todos de uniforme.

Àquela altura, vários alarmes estavam soando no cérebro de Oreza.

— O que significa “Springer”?

— É uma espécie de cão de caça.

— Ah, sim, muito bem. — O oficial olhou em volta. — Que tipo de aparelhos de rádio você usa? São muito caros?

— Vou lhe mostrar. — Oreza foi com ele até a sala de controle. — São todos fabricados pelos seus compatriotas. Dois transmissores-receptores de VHF,

um sistema de navegação por GPS, um batímetro, um sonar para localizar cardumes e um aparelho de radar — explicou, apontando para os instrumentos enquanto falava.

Eram realmente todos de fabricação japonesa, aparelhos de alta qualidade, relativamente baratos e extremamente confiáveis.

— Você tem armas a bordo?

Clic.

— Armas? Para quê?

— Existem muitas armas na ilha?

— Não que eu saiba. — Oreza sacudiu a cabeça. — Seja como for, nunca fui atacado por um peixe. Não, não tenho armas, nem no barco nem em casa.

O oficial pareceu satisfeito.

— Oreza... que tipo de sobrenome é esse?

— Minha família é de Portugal.

— Sua família está aqui há muito tempo?

— Está — concordou Oreza. Cinco anos era muito tempo, não era? Marido e mulher formavam uma família, não formavam?

— O alcance desses rádios de VHF é muito grande?

— Apenas até o horizonte, senhor.

O capitão assentiu.

— Muito bem. Obrigado. Tem um lindo barco. Orgulha-se dele, não é?

— Sim, senhor.

— Obrigado por tudo. Pode ir agora — disse o homem, sem perceber o absurdo da última frase.

Oreza acompanhou-o até o cais e esperou até que se afastasse sem dizer mais nada.

— O que foi...

— Pete, deixe para depois, está bem?

Entraram no carro, bateram as portas.

— É algum tipo de exercício? Jogos de guerra? O que está acontecendo? — perguntou Burroughs.

— Não estou entendendo porra nenhuma, Pete — respondeu Portuga.

Ligou o motor, saiu do estacionamento e dobrou à direita para entrar na South Road. Em poucos minutos estavam passando pelas docas comerciais. Portuga dirigia devagar, respeitando todos os regulamentos e limites e dando graças a Deus por ter um carro da mesma cor e modelo que os usados pelos soldados.

Ou quase. Os veículos que agora estavam sendo descarregados do Orchid Ace eram quase todos verde-oliva. Uma fila de ônibus do aeroporto despejava

soldados usando uniformes da mesma cor. Eles marchavam imediatamente para um ponto central, de onde se dirigiam para veículos militares ou para o interior do navio, presumivelmente para ajudar nas manobras de descarga.

— O que são esses pequenos caminhões quadrados?

— É o Sistema de Lançamento Múltiplo de Foguetes — explicou Oreza, observando que já haviam desembarcado seis deles.

— Para que servem? — perguntou Burroughs.

— Para matar — respondeu Portuga, em tom lacônico.

Quando passavam pela estrada de acesso às docas, um soldado acenou vigorosamente para que se apressassem. Mais caminhões, um número indefinido deles. Mais soldados, uns quinhentos ou seiscentos. Oreza continuou na direção sul. Em todos os cruzamentos importantes havia um Land Cruiser parado com no mínimo três soldados no interior, alguns armados com pistolas, um ou outro com um rifle na mão. Levou algum tempo para perceber que ainda não tinha visto um único carro da polícia.

Dobrou à esquerda na Wallace Highway.

— Vamos para meu hotel?

— Que tal jantarmos na minha casa? Oreza subiu a colina, passou pelo hospital e dobrou à esquerda, para entrar no seu terreno. Embora fosse um homem do mar, preferia uma casa situada em uma colina; assim, podia ter uma bela vista da parte sul da ilha. Era uma casa de tamanho modesto, mas com muitas janelas. A esposa, Isabel, trabalhava na administração do hospital e morava tão perto do trabalho que podia ir a pé, se tivesse vontade. Naquela noite, não parecia estar de muito bom humor.

Assim que ouviu o barulho do carro, apareceu na porta.

— Querido, o que está acontecendo? A mulher de Oreza era baixa, gorducha, morena e parecia muito agitada.

— Vamos entrar, certo, querida? Este aqui é Pete Burroughs. Passamos o dia pescando.

Sua voz era calma, mas os olhos não paravam. Os faróis de aterrissagem de quatro aeronaves eram visíveis a leste, aproximando-se das duas pistas de pouso da ilha. Os três entraram na casa, e Portuga fechou a porta.

— Os telefones não funcionam. Tentei chamar Rachel e tudo que ouvi foi uma gravação. As linhas para o exterior estão mudas. Quando fui ao shopping...

— Viu soldados? — perguntou Portuga.

— Soldados aos montes, e são todos...

— Japonas — completou o primeiro-sargento da Reserva Manuel Oreza, da Guarda Costeira dos Estados Unidos.

— Ei, não é educado falar desse jeito!

— Nem invadir o país dos outros, Sr. Burroughs.

— O quê?

Oreza pegou o telefone da cozinha e apertou o botão da memória com o número do telefone da filha em Massachusetts.

Infelizmente, os serviços telefônicos com o exterior estão interrompidos temporariamente por causa de problemas no cabo submarino. Nossos técnicos estão trabalhando para consertar o defeito. Desculpe o incômodo...

— Uma ova! — disse Oreza para a gravação. — Cabo submarino! Não podiam usar um satélite?

— Não consegue se comunicar com os Estados Unidos? Burroughs podia ser lento para captar as coisas, mas ali estava algo que entendia.

— Não, acho que não.

— Experimente isto — disse o engenheiro de computadores, tirando do bolso um telefone celular.

— Eu tenho um — disse Isabel. — Também não funciona. Quero dizer: faz ligações locais, mas...

— Qual é o número?

— O código de área é 617 — informou Portuga, fornecendo o restante do número.

— Espere, preciso do prefixo dos Estados Unidos.

— Não vai funcionar — insistiu a Sra. Oreza.

— Anda não têm telefones via satélite aqui na ilha, não é? — Burroughs sorriu. — Minha firma acabou de receber esse tipo de aparelhos. Com eles, posso carregar dados no meu laptop, mandar mensagens de fax, fazer tudo.

— Tome. — Passou o aparelho a Oreza. — Está chamando.

O sistema era muito recente, e aparelhos daquele tipo ainda não eram vendidos nas ilhas, algo que os militares japoneses tinham se dado ao trabalho de verificar na semana anterior, mas o serviço estava disponível, mesmo que a população local ainda não pudesse utilizá-lo. O sinal transmitido pelo pequeno aparelho foi captado por um dos trinta e cinco satélites em órbita de baixa altitude e retransmitido para a estação de terra mais próxima. A estação mais próxima ficava em Manila, à frente da de Tóquio apenas cinquenta quilômetros. Na verdade, apenas um quilômetro de diferença teria sido suficiente para o programa de computador que controlava o sistema. A estação de terra de Luzon, que estava funcionando havia apenas oito semanas, retransmitiu imediatamente a chamada para outro satélite, dessa vez um satélite da Hughes em órbita estacionária sobre o Pacífico, que o enviou a uma estação de terra na Califórnia, de onde foi enviado por fibra óptica para Cambridge, Massachusetts.

— Alô — disse uma voz sonolenta, já que eram cinco horas na manhã na

costa leste dos Estados Unidos.

— Rachel?

— Papai?

— Sou eu, querida.

— Vocês estão bem? — perguntou a filha, preocupada.

— Como assim?

— Tentei ligar para mamãe, mas uma gravação disse que houvera uma grande tempestade e as comunicações estavam interrompidas.

— Não houve nenhuma tempestade, Rach — disse Oreza, sem pensar.

— O que aconteceu, então?

— E agora, por onde começo?, perguntou-se Portuga. Será que ninguém...

— Portuga — interveio Burroughs.

— O que foi? — perguntou Oreza.

— O que foi? — perguntou também a filha, naturalmente.

— Espere um minuto, querida. O que você quer, Pete? — perguntou, tapando o fone com a mão.

— O que você quis dizer com invadir o país dos outros? Guerra, conquista, essas coisas? Portuga fez que sim com a cabeça.

— E o que parece.

— Desligue esse telefone! Já! — ordenou Burroughs.

Nenhum dos dois tivera tempo para refletir, mas estavam chegando à mesma conclusão.

— Minha filha, ligo depois, está bem? Até logo — concluiu Oreza, apertando o botão OFF.

— Qual é o problema, Pete?

— Isso não é nenhuma brincadeira, certo? Você não está fazendo uma encenação para me divertir, um desses espetáculos para turistas, está? Acho que estou precisando de uma cerveja. — Oreza abriu a geladeira e pegou duas latas de cerveja. Eram japonesas. Não que isso fizesse alguma diferença. Jogou uma para Burroughs.

— Pete, isso não é nenhuma encenação. Caso não tenha notado, vimos pelo menos um batalhão de soldados, veículos mecanizados, caças. E aquele babaca no cais estava interessado no rádio do meu barco.

— Certo. — Burroughs abriu a lata e bebeu um gole. — Digamos que seja a sério. É possível rastrear um telefone desse tipo.

— Como assim? — Uma pausa, enquanto tirava a poeira de memórias distantes. — Ah... entendi.

O movimento era muito grande no quartel-general do comandante-em-

chefe do Pacífico. O CINCPAC era um comando da Marinha, uma tradição que remontava ao tempo do almirante Chester Nimitz. No momento, as pessoas corriam de um lado para o outro, quase todas de uniforme. Os empregados civis raramente compareciam nos fins de semana, e com raras exceções era tarde demais para chamá-los. Mancuso pôde sentir o clima reinante quando passou pela segurança. Todos olharam para ele com a testa franzida, andando depressa para evitar a atmosfera carregada do escritório. Ninguém queria ser apanhado pela tempestade.

— Onde está o almirante Seaton? — perguntou o ComSubPac ao ordenança mais próximo. O homem limitou-se a apontar para a porta do escritório. Mancuso se dirigiu para lá, acompanhado pelos outros dois.

— Onde você estava? — perguntou o CINCPAC, assim que eles entraram.

— No SOSUS, almirante. Conhece o capitão Chambers, meu oficial de operações. Este é o Dr. Ron Jones...

— O especialista em sonar que você vivia elogiando? — perguntou o almirante David Seaton, permitindo-se um leve sorriso.

— Ele mesmo, almirante. Estivemos no SOSUS examinando os dados sobre o...

— Não houve nenhum sobrevivente, Bart. A tripulação dos S-3 nos informou que...

— Eles foram assassinados, general — interrompeu Jones, cansado das preliminares. Sua declaração caiu como uma bomba.

— O que quer dizer com isso, Dr. Jones? — perguntou o CINCPAC, depois de se recuperar da surpresa.

— Quero dizer que o Asheville e o Charlotte foram torpedeados e afundados por submarinos japoneses, almirante.

— Um momento. Está dizendo que o Charlotte também foi afundado? — Seaton voltou-se para Mancuso. — Bart, o que é isso? O SubPac não teve tempo de responder.

— Posso provar, almirante. — James mostrou o maço de papéis que levava debaixo do braço. — Preciso de uma mesa bem iluminada.

— Acho que Jones está certo — confirmou Mancuso, muito sério. — Não foram acidentes.

— Senhores, tenho quinze oficiais japoneses neste momento na sala de operações tentando explicar como funciona o sistema de controle de tiro dos contratorpedeiros e...

— O senhor tem fuzileiros navais, não tem? — perguntou Jones, friamente. — Eles andam armados, não andam?

— Mostre-me as provas — ordenou Dave Seaton, apontando para sua

escrivaninha.

Jones mostrou os gráficos ao CINCPAC. Se Seaton não era a plateia ideal, pelo menos sabia ouvir em silêncio. Quando examinados com mais atenção, os dados do SOSUS chegavam a mostrar os navios e os torpedos Mark 50 que haviam avariado metade dos porta-aviões da Esquadra do Pacífico. O novo sistema de hidrofones era realmente fantástico, pensou Jones.

— Preste atenção no tempo, almirante. Tudo isso aconteceu em um período de menos de vinte minutos. Duzentos e cinquenta marinheiros morreram, e não por acidente.

Seaton sacudiu a cabeça, como um cavalo tentando se livrar de insetos desagradáveis. — Espere um minuto. Ainda não houve nenhuma ameaça ou exigência. Não temos nenhuma indicação de que...

— Temos, droga, almirante — interrompeu Jones, mais uma vez.

— Mas...

— Que diabo, almirante! — exclamou Jones. — Aqui está, claro como água. Há outras cópias destes registros no edifício do SOSUS, existem gravações em fita e posso lhe mostrar tudo em uma tela de TV. Quer perguntar aos seus especialistas? Eles estão aqui, não estão? — O empreiteiro apontou para Mancuso e Chambers. — Nós fomos atacados, almirante.

— Qual é a probabilidade de que tudo isso seja apenas um mal-entendido? — perguntou Seaton, tão branco quanto seu uniforme.

— Praticamente zero. Será que pretende esperar até que eles confirmem suas intenções em um anúncio no New York Times? — A diplomacia nunca tinha sido o forte de Jones, e agora ele estava zangado demais para medir suas palavras.

— Veja como fala... — começou Seaton, mas mudou de ideia e voltou-se para Mancuso. — Bart?

— Os dados são incontestáveis, almirante. Se houvesse alguma outra interpretação possível, eu e Wally já a teríamos encontrado. O pessoal do SOSUS é da mesma opinião. Também acho difícil de acreditar — admitiu Mancuso. — Mas o Charlotte está desaparecido e...

— Por que o transmissor de emergência não funcionou? — perguntou o CINCPAC.

— O aparelho fica na popa. Alguns dos meus comandantes preferem soldá-lo. Houve muita resistência quando começamos a instalá-los no ano passado, lembra-se? Seja como for, o torpedo pode ter destruído o BST ou por alguma razão ele não tenha sido lançado como devia. Temos aquele sinal de ruído na posição aproximada do Charlotte e ele não respondeu a uma ordem de emergência para se comunicar conosco. Não há razão para supormos que ainda

esteja vivo.

Agora que Mancuso dissera com todas as letras, era oficial. Porém mais uma coisa precisava ser dita.

— Nesse caso, estamos em guerra — afirmou Seaton, estranhamente calmo.

O ComSubPac fez que sim com a cabeça.

— É isso mesmo, almirante.

— Não houve nenhum aviso — protestou Seaton.

— É verdade. Mas não é a primeira vez que eles fazem isso, não é mesmo? — observou Jones, esquecendo-se de que da vez anterior houvera vários avisos, todos eles ignorados.

Pete Burroughs não terminou a quinta cerveja do dia. A noite não trouxera a paz. Embora o céu estivesse limpo e coalhado de estrelas, luzes mais fortes continuavam a se aproximar de Saipan vindas do leste, aproveitando os ventos alísios para facilitar o pouso em uma das duas pistas construídas pelos americanos. Cada jato devia estar carregando no mínimo duzentos soldados, provavelmente quase trezentos. Podiam ver os dois aeródromos.

O binóculo de Oreza era mais do que suficiente para mostrar as aeronaves e os caminhões-tanques que chegavam para abastecer os jatos a fim de que pudessem voltar para buscar mais soldados. Quando se lembraram de contar o número de viagens, várias horas tinham-se passado.

— Está chegando um carro — avisou Burroughs, alertado pela luz dos faróis. Ele e Oreza recuaram para o lado da casa, esperando que as sombras os ocultassem. Tratava-se de outro Toyota Land Cruiser, que desceu a rua, fez a volta no final e foi embora, sem fazer praticamente nada a não ser dar uma olhada geral e contar os carros nas várias casas, provavelmente para ver se havia muitas pessoas reunidas em alguma delas. — Tem alguma ideia do que fazer? — perguntou a Oreza, depois que o carro se afastou.

— Eu pertencia à Guarda Costeira, lembra-se? Isto é trabalho para a Marinha. Não, acho que é coisa para os Fuzileiros. Estamos numa fria, cara.

— Acha que muita gente já sabe?

— Alguém tem de saber — afirmou Portuga, baixando o binóculo e dirigindo-se de volta para casa. — Podemos observar do nosso quarto de dormir. Na verdade, dormimos com a janela aberta. — As noites agradáveis, sempre acompanhadas por uma brisa marinha, tinham sido uma das razões pelas quais se mudara para Saipan.

— O que você faz, exatamente, Pete?

— Trabalho na indústria de computadores. Faço muitas coisas ao mesmo

tempo. Tenho um mestrado em engenharia elétrica. Minha especialidade é comunicações, o modo como os computadores conversam entre si. Já trabalhei para o governo. Minha empresa é relativamente grande, mas seu forte encontra-se em outras áreas. — Burroughs olhou em volta na cozinha. A Sra. Oreza preparara um jantar leve. Parecia muito bom, embora estivesse esfriando.

— Você estava preocupado com a possibilidade de rastrearem seu telefone.

— Talvez esteja exagerando, mas minha empresa fabrica os circuitos integrados para os aparelhos que o Exército usa exatamente para este fim.

Oreza sentou-se e começou a se servir da comida preparada à moda chinesa.

— Não acho que esteja exagerando.

— Nem eu. — Burroughs imitou o anfitrião e olhou para a comida com aprovação.

— Estão tentando emagrecer? Oreza fez que sim.

— Nós dois estamos precisando. Bebei está tomando aulas de nutrição.

Burroughs olhou em torno. Embora a casa tivesse uma sala de jantar, como a maioria dos casais de aposentados (o engenheiro pensava neles nesses termos, embora obviamente não fosse verdade) eles faziam as refeições na cozinha. A pia e a bancada estavam muito bem arrumadas e ele viu as tigelas de aço para preparar e servir a refeição. O aço inoxidável estava reluzente. Isabel Oreza parecia ser uma dona de casa caprichosa.

— Devo ir trabalhar amanhã? — perguntou a mulher, tentando assimilar os fatos recentes.

— Não sei, amor — respondeu o marido, que estava pensando no mesmo assunto. O que deveria fazer no dia seguinte? Sair para pescar, como se nada tivesse acontecido?

— Um momento — disse Pete, ainda olhando para as tigelas. Levantou-se, deu dois passos em direção à bancada e pegou a tigela maior. Tinha quarenta centímetros de diâmetro e uns quinze de profundidade. O fundo era plano, um círculo de uns oito centímetros, mas o restante tinha uma forma esférica, quase parabólica. Tirou o telefone do bolso da camisa. Nunca medira o comprimento da antena, mas agora, estendendo-a, viu que tinha menos de dez centímetros. Olhou para Oreza. — Você tem uma furadeira?

— Tenho. Por quê?

— Descobri uma forma de não sermos rastreados!

— Não entendi, Pete.

— Vamos fazer um furo no fundo da tigela e enfiar a antena no furo. A tigela é feita de aço; vai refletir as ondas de rádio como se fosse uma antena de micro-ondas. Basta dirigirmos a antena para cima. Puxa, deve até aumentar a

eficiência do transmissor!

— Como no filme do ET?

— Isso mesmo, capitão. Temos que ligar para casa e contar o que está acontecendo.

Burroughs ainda estava analisando os últimos acontecimentos, mas suas primeiras conclusões eram assustadoras. “Invasão” significava “guerra”. Guerra, no caso, era entre Estados Unidos e Japão, e por mais impossível que isso parecesse, era a única explicação para os acontecimentos que presenciara. Se estavam em guerra, encontrava-se no momento em território inimigo. O mesmo podia dizer do casal.

— Vou buscar a furadeira. Qual o tamanho do furo? Burroughs passou-lhe o telefone. Teve o impulso de jogá-lo de longe, mas desistiu ao se dar conta de que talvez fosse o objeto mais valioso de que dispunham no momento. Oreza mediu o diâmetro da antena e foi buscar o estojo de ferramentas.

— Alô.

— Rachel? É seu pai.

— Tem certeza de que está bem? Pode falar agora?

— Querida, estamos bem, mas há um pequeno problema. — Como iria explicar? Rachel Oreza Chandler era promotora em Boston, mas pretendia deixar o governo em breve para se tornar advogada criminalista. A realização profissional podia não ser a mesma, mas a remuneração e o horário de trabalho eram bem melhores. Com quase trinta anos, estava chegando a uma fase em que se preocupava com os pais tanto quanto eles tinham se preocupado com ela. Não havia necessidade de deixá-la preocupada. — Poderia arranjar um número de telefone para mim? Claro. Qual? O da sede da Guarda Costeira. Fica no Distrito de Columbia, em Buzzard’s Point. Quero o do Centro de Vigilância. Eu espero.

A advogada deixou a chamada em suspenso e ligou para o número de informações do Distrito de Columbia. Um minuto depois, ditou o número para o pai, esperando que ele repetisse cada algarismo.

— É isso aí. Tem certeza de que está tudo bem? Você parece um pouco tenso.

— Sua mãe e eu estamos muito bem. Falando sério, neném.

A moça detestava quando o pai a chamava assim, mas era tarde demais para fazer alguma coisa. Ele jamais seria politicamente correto.

— Está bem, eu acredito. Ouvi falar que aquela tempestade não foi fácil. A luz já voltou? — perguntou, esquecendo-se de que o pai afirmara que não houvera nenhuma tempestade.

— Ainda não, querida, mas provavelmente logo vai voltar — mentiu Oreza. — Até logo, neném.

— Centro de Vigilância da Guarda Costeira, segundo-sargento Obrecki, esta é uma linha pública — disse o homem, falando muito depressa, como se estivesse interessado em que a pessoa do outro lado da linha não entendesse uma única palavra.

— Está me dizendo que aquele garoto imberbe que navegou no Panache comigo conseguiu chegar a sargento! — perguntou Oreza, não resistindo à tentação de mexer com o ex-subordinado.

A reação foi compreensível.

— Aqui é o sargento Obrecki. Quem está falando?

— Primeiro-tenente Oreza.

— Ora, ora! Como está você, Portuga? Ouvi dizer que se reformara. — O homem recostou-se na cadeira. Agora que também era sargento, podia chamar o outro pelo apelido.

— Estou em Saipan. Escute com atenção, menino: preciso falar com seu superior com a máxima urgência.

— Qual é o assunto, sargento?

— Não tenho tempo para explicar, está bem? Faça o que estou pedindo.

— Está certo. — Obrecki deixou a chamada em suspenso. — Comandante, pode atender na linha um?

— CNCM, aqui é o contra-almirante Jackson — disse Robby, cansado e de muito mau humor. Só levantara o fone com relutância, por recomendação de um jovem major da Força Aérea.

— Almirante, aqui é o capitão de corveta Powers, da Guarda Costeira, em Buzzard’s Point. Recebi um telefonema de Saipan, de um primeiro-sargento reformado. Um dos nossos.

— E daí? Meus dois porta-aviões estão avariados, pensou o almirante.

— Isso é ótimo, comandante. Pode me dizer o que deseja? Estou muito ocupado.

— Almirante, ele afirma que muitos soldados japoneses desembarcaram na ilha de Saipan.

Jackson finalmente levantou os olhos dos despachos que estavam sobre a mesa.

— O quê?

— Posso transferir a chamada para o senhor.

— Está bem — concordou Robby.

— Quem fala? — perguntou outra voz, que parecia pertencer a um homem velho e autoritário. A voz de um sargento, pensou Robby.

— Aqui é o contra-almirante Jackson, do Centro de Comando Militar

Nacional.

Não precisava pedir para gravarem a conversa; ali, todas as conversas eram gravadas.

— Almirante, aqui é o primeiro-sargento reformado Manuel Oreza, da Guarda Costeira dos Estados Unidos, número de série três-dois-oito-meia-um-quatro-zero-três-zero. Faz três anos que me reformei e me mudei para Saipan. Tenho um barco de pesca. Almirante, uma porrada de soldados japoneses, armados e uniformizados, desembarcou na ilha nas últimas horas.

Jackson mudou a posição da mão no telefone e fez um gesto para que outro oficial tomasse nota da conversa.

— Sargento, acho que compreende que essa história é um pouco difícil de acreditar.

— O senhor diz isso porque não está aqui. No momento, estou olhando pela janela da minha casa. Posso ver o aeroporto e a pista de Kobler. Seis jatos 747 estão pousando, quatro no aeroporto e dois em Kobler. Observei dois caças Eagle F-15 com círculos vermelhos nas asas sobrevoarem a ilha faz algumas horas. Estamos executando algum tipo de manobra conjunta com os japoneses, almirante? O homem parecia estar sóbrio, pensou Jackson. Além disso, soava exatamente como um primeiro-sargento. Um major da Força Aérea estava anotando toda a conversa, embora um convite para o Jurassic Park talvez parecesse mais realista.

— Acabamos de terminar um exercício conjunto, mas Saipan não tinha nada a ver com ele.

— Nesse caso, almirante, não é uma porra de um exercício. Existem três navios de transporte de carros atracados no porto. Um deles se chama Orchid Ace. Observei pessoalmente seis veículos militares, provavelmente MLRS, Mike Lima Romeo Sierra, no estacionamento do cais. Almirante, pode verificar minha ficha na Guarda Costeira. Trabalhei trinta anos lá. Não estou inventando nada. As comunicações telefônicas com Saipan foram interrompidas. A desculpa é que houve uma grande tempestade. Acontece que o tempo estava ótimo. Passei o dia inteiro pescando, entende? Pode confirmar isso com o serviço de meteorologia. A ilha foi invadida por tropas japonesas.

— Tem uma estimativa do número de soldados, sargento? A melhor confirmação daquela história insana, pensou Robby, foi a frustração do sargento diante da pergunta.

— Não, senhor. Sinto muito. Só me lembrei de contar os aviões quando era tarde demais. Calculo uns seis pousos por hora durante as últimas seis horas, mas isso é apenas um palpite, almirante. Espere... em Kobler, um dos aviões está se mexendo, como se estivesse para decolar. É um 747, mas não consigo ver as

marcas na fuselagem.

— Espere. Se os telefones estão mudos, como pode estar falando comigo? — Oreza explicou, fornecendo a Jackson um número convencional para o outro chamá-lo de volta.

— Está bem, sargento. Vou verificar. Volto a chamá-lo em menos de uma hora. Está bem assim?

— Sim, senhor. Acho que fizemos nossa parte — disse Oreza, desligando.

— Major! — chamou Jackson, sem levantar os olhos. Quando o fez, viu que o homem estava ao seu lado.

— Almirante, eu sei que ele parecia perfeitamente normal, mas...

— Mas ligue imediatamente para a Base Aérea de Andersen.

— Entendido.

O jovem piloto foi até sua mesa e procurou o número na lista. Trinta segundos depois, sacudiu a cabeça, com uma expressão curiosa no rosto.

— Você está me dizendo — perguntou Jackson, olhando para o teto — que uma base da Força Aérea dos Estados Unidos saiu da rede e ninguém notou?

— Almirante, temos um chamado do CINCPAC. Está classificado como CRÍTICO.

CRÍTICO era uma classificação de prioridade ainda mais alta do que URGENTÍSSIMO, e raramente usada, mesmo por um comandante em chefe. Que droga, pensou Jackson. O que custa perguntar?

— Almirante Seaton, aqui é Robby Jackson. Por acaso estamos em guerra?

Sua parte parecia muito simples, pensou Zhang Han San. Apenas voar para um certo local, falar com uma pessoa, depois com outra, e pronto. Na prática, tinha sido ainda mais fácil do que esperava.

Na verdade, não devia surpreender-se com isso, pensou, enquanto voltava para o aeroporto no banco traseiro de um carro da embaixada. A Coreia se manteria isolada por um período de alguns meses, no mínimo, e talvez por um tempo muito maior. Agir de outra forma seria um grande risco para um país cujos efetivos militares tinham sido reduzidos e cujo vizinho era o país com o maior exército do mundo, além de ser um inimigo histórico. Han não fora forçado a tocar nesse ponto delicado; simplesmente transmitira um ponto de vista. Parecia haver divergências entre os Estados Unidos e o Japão. Essas dificuldades não diziam respeito diretamente à República da Coreia. A Coreia também não se sentia em condições de contribuir para que essas divergências fossem superadas, exceto, talvez, como um mediador de boa-fé quando as negociações diplomáticas fossem iniciadas, caso em que os bons ofícios da República da Coreia certamente seriam recebidos com agrado por todos os

envolvidos, especialmente o Japão.

Não extraíra nenhum prazer particular do desconforto que suas palavras haviam causado. Os coreanos tinham muitas virtudes, um fato que o Japão, em seu racismo cego, parecia haver esquecido, pensou Zhang. Com sorte, poderia consolidar as relações comerciais entre a China e a Coreia e eles também tirariam proveito da situação... e por que não? Os coreanos não tinham motivos para gostar dos russos e muito menos dos japoneses.

Bastava que abrissem mão de sua lamentável amizade com os americanos e se integrassem à nova realidade. Por enquanto, era suficiente que tivessem concordado com seus argumentos e que o único aliado que restava para os Estados Unidos naquela parte do mundo estivesse fora da liça, depois que o presidente e o ministro do Exterior viram a luz da razão. Com sorte, a guerra, para todos os efeitos práticos, talvez já estivesse terminada àquela altura.

— Senhoras e senhores! — A voz vinha da sala de visitas, onde a Sra. Oreza deixara a TV ligada. — Daqui a dez minutos haverá um pronunciamento especial. Aguardem, por favor.

— Querido?

— Eu ouvi, amor.

— Você tem uma fita virgem para o videocassete? — perguntou Burroughs.

23
VOLTANDO PARA CASA

O dia de Robby Jackson começara mal. Isso já acontecera outras vezes, como no tempo em que era vice-comandante do Centro de Testes da Aviação Naval, em Patuxent River, Maryland, e um caça a jato decidira ejetá-lo sem nenhuma razão, quebrando-lhe a perna e deixando-o de molho durante vários meses.

Presenciara a morte de amigos em desastres de vários tipos e participara de buscas que raramente acabam bem; na maioria das vezes, tudo que encontravam era uma mancha de querosene e talvez alguns destroços. Como comandante de esquadrilha, e mais tarde como comandante de grupo, tinha a missão de escrever cartas aos pais e esposas, comunicando que seu homem e, mais recentemente, sua menina morrera a serviço da pátria, todas as vezes se perguntando o que poderia ter feito para evitar a tragédia. A vida de um aviador naval estava cheia daqueles dias.

Aquilo, porém, era pior; seu único consolo era pertencer ao J-3, encarregado dos planos e operações militares. Se fosse do J-2, responsável pelas informações, estaria arrasado.

— É isso aí, general, Yakota, Misawa e Kadena estão fora da rede. Não conseguimos nos comunicar com eles.

— Quantas pessoas estão envolvidas? — quis saber Jackson.

— Cerca de duas mil, na maioria mecânicos, controladores de radar, outros técnicos. Talvez um aeroplano ou dois em trânsito, não mais do que isso. Ainda estamos fazendo um levantamento — respondeu o major.

— E na Marinha?

— Temos homens em Guam, que dividem a base de Andersen com vocês. No porto, também. Uns mil, no total. Muito menos do que alguns anos atrás. — Jackson pegou o telefone seguro e digitou o número do CINCPAC.

— Almirante Seaton? Aqui é Jackson, de novo. Alguma novidade?

— Não conseguimos falar com ninguém a leste de Midway, Rob. Parece que a coisa é séria.

— Como esse aparelho funciona? — perguntou Oreza.

— Infelizmente, não posso responder. Tive preguiça de ler o manual — admitiu Burroughs. O telefone estava na mesinha do canto, com a antena passando por um furo no fundo do objeto côncavo, que por sua vez estava equilibrada em duas pilhas de livros. — Não sei se ele transmite periodicamente sua posição para os satélites. Era por isso que achava necessário manter aquele arranjo cômico.

— Quando quero desligar o meu, recolho a antena — observou Isabel Oreza, fazendo os dois homens olharem para ela, surpresos. — Também pode tirar as pilhas, certo?

— É claro — Burroughs conseguiu dizer primeiro, mas por pouco.

Levantou o objeto côncavo, enfiou a antena de volta no buraco, removeu a tampa do compartimento de pilhas e tirou as duas pilhas. O telefone agora estava totalmente desligado. — Se a senhora um dia quiser fazer o mestrado em Stanford, pode me pedir uma carta de recomendação, certo?

“Senhoras e senhores”. — Os três olharam para a sala de estar e viram um homem sorridente de uniforme verde, que falava um inglês muito explicado.

“Sou o general Tokikichi Arima, das Forças Japonesas de Autodefesa Terrestre. Gostaria de explicar o que aconteceu hoje. Em primeiro lugar, quero assegurar que não há razão para se preocuparem. Infelizmente, houve um tiroteio no posto policial ao lado do edifício do Parlamento, mas os dois guardas feridos foram levados para o hospital e passam bem. Se ouviram falar de mortes e atos violentos, trata-se de boatos sem fundamento” — disse o general aos vinte e

nove mil cidadãos de Saipan.

“Devem estar curiosos para saber o que aconteceu — prosseguiu. — No início do dia, forças sob o meu comando começaram a desembarcar em Saipan e Guam. Como aprenderam nos livros de história, e como alguns dos residentes mais antigos da ilha devem se lembrar, até 1944 o arquipélago das Marianas pertencia ao Japão. Talvez muitos não saibam, mas depois que uma decisão judicial, há alguns anos, permitiu que cidadãos japoneses comprassem terras nas ilhas, meus compatriotas adquiriram mais de metade das terras de Saipan e Guam. Nosso amor e afeição por essas ilhas e seus habitantes também são notórios. Investimos bilhões de dólares aqui e revigoramos a economia local depois de anos de abandono pelo governo americano. Assim, não podemos ser considerados estrangeiros, não é mesmo?”

“Provavelmente, também sabem que têm havido sérias divergências entre o Japão e os Estados Unidos. Essas divergências forçaram meu país a reformular nossas estratégias de defesa. Assim, decidimos restabelecer nosso domínio sobre o arquipélago das Marianas como medida puramente defensiva, de modo a garantir nossas praias contra uma possível invasão americana. Em outras palavras, precisamos manter forças defensivas nas Marianas e portanto restabelecer nossa soberania sobre o arquipélago.

“O que significa tudo isso para vocês, cidadãos de Saipan?” — perguntou o general Arima, com um sorriso. “Na verdade, não significa absolutamente nada. Todos os negócios permanecerão abertos; também acreditamos na livre empresa. Continuarão a administrar a ilha através de representantes eleitos por voto popular, com a vantagem adicional de que passarão a ser a quadragésima oitava prefeitura do Japão, com direito a representação na Dieta. Esse era um direito que não possuíam como comunidade americana, que é apenas outra palavra para colônia, não é? Todos terão dupla cidadania. Sua cultura e sua língua serão respeitadas. Sua liberdade de ir e vir não será violada. Suas liberdades de expressão, de imprensa, de religião e de associação serão as mesmas de que desfrutam todos os cidadãos japoneses e exatamente iguais aos direitos civis hoje em vigor. Em resumo: não haverá nenhuma mudança em sua vida cotidiana” — assegurou Arima aos espectadores. — Todas as mudanças serão para melhor; para isso, podem contar com a palavra do meu governo.

“Talvez muitos pensem que é mais fácil falar do que agir, e estão perfeitamente corretos. Amanhã verão pessoas nas ruas e estradas de Saipan fazendo levantamentos topográficos e entrevistando os residentes. Nossa primeira tarefa será melhorar o sistema de transportes da ilha, que os americanos permitiram que se deteriorasse. Para isso, precisaremos da sua colaboração”.

“Por outro lado — disse Arima, inclinando-se para a frente —, sei que

alguns de vocês não aprovam o que estamos fazendo, e peço sinceras desculpas por qualquer inconveniente que possamos causar. Não desejamos mal a ninguém, mas precisam compreender que qualquer ataque a meus homens ou a um cidadão japonês será considerado como violação da lei. Sou também forçado a tomar certas medidas de segurança para proteger minhas tropas e adequar esta ilha à legislação japonesa".

"Todas as armas de fogo devem ser entregues às autoridades nos próximos dias. Podem levá-las aos postos de polícia. Se tiverem a nota fiscal das armas ou puderem demonstrar que possuem algum valor comercial, receberão um valor justo por elas. Da mesma forma, devemos pedir aos donos de transmissores de rádio que nos entreguem os aparelhos por um curto período de tempo e que, por favor, se abstenham de usá-los enquanto não o fizerem. Neste caso, também serão indenizados em dinheiro e, no caso dos rádios, quando forem devolvidos, poderão conservar o dinheiro como sinal de agradecimento pela cooperação".

"Afora isso — outro sorriso —, dificilmente notarão que estamos aqui. Meus soldados receberam ordens de tratar todos os habitantes desta ilha como compatriotas. Se souberem que um soldado japonês foi indelicado com um cidadão local, gostaria que o fato fosse comunicado imediatamente ao meu quartel-general. Como podem ver, nossa lei se aplica a nós, também".

"Por enquanto, tudo que têm a fazer é continuar a levar uma vida normal. — Um número de telefone apareceu na tela. — Se tiverem alguma pergunta, podem telefonar para este número ou visitar-nos pessoalmente no edifício do Parlamento. Teremos prazer em ajudá-los no que for possível.

Obrigado pela atenção. Boa noite."

— Esta mensagem será repetida a cada quinze minutos no Canal Seis — disse outra voz.

— Que filho da puta! — exclamou Oreza.

— Qual será sua agência de propaganda? — perguntou Burroughs, apertando o botão para rebobinar a fita de videocassete.

— Será que ele está falando a verdade? — perguntou Isabel.

— Quem sabe? Vocês têm alguma arma em casa? Portuga sacudiu a cabeça.

— Não. Nem mesmo sei se é preciso um registro. Mas alguém teria de ser maluco para atacar os soldados, não é mesmo? Eles se sentirão muito mais tranquilos se não tiverem que vigiar a retaguarda — disse Burroughs, colocando as pilhas de volta no telefone. Pode me dar o telefone daquele almirante?

— Jackson.

— Primeiro-sargento Oreza. Está gravando esta conversa?

— Estou. Alguma novidade?

— Sim, senhor. Agora é oficial — declarou Oreza, secamente.— Acabam de anunciar na TV. Gravamos tudo em fita. Vou ligar o videocassete e segurar o fone perto do alto-falante.

— General Tokikichi Arima, escreveu Jackson em um pedaço de papel. Passou-o a um sargento do Exército. Peça aos rapazes da inteligência que identifiquem este nome.

— Sim, senhor — disse o sargento, afastando-se.

— Major! — chamou Robby em seguida.

— Sim, almirante? A qualidade do som é bem razoável. Passe uma cópia da fita para o pessoal do FBI. Quero uma análise do nível de nervosismo na voz. Em seguida, prepare uma transcrição da fita que possa ser mandada por fax a meio milhão de lugares.

— Certo.

Durante o restante do tempo, Jackson limitou-se a escutar, uma ilha de tranquilidade em um mar de loucura, ou assim parecia.

— E isso aí — disse Oreza, quando a fita terminou. — Quer o número de telefone que apareceu na tela?

— Não será necessário. Bom trabalho, sargento. Mais alguma coisa?

— Os aviões continuam a chegar. Contei quatorze desde nossa última conversa.

— Está bem. Acha que está em perigo?

— Não vejo ninguém correndo por aí com uma arma na mão, almirante. Reparou que ele não disse nada a respeito dos americanos na ilha?

— Eu não tinha reparado. Tem razão.

— Toda esta história está me deixando muito preocupado, senhor. — Oreza contou-lhe rapidamente o incidente no barco.

— Não posso censurá-lo, sargento. Seu país está examinando o problema, está bem?

— Está certo, almirante. Agora vou desligar.

— Está bem. Aguente firme — ordenou Jackson.

Era uma instrução vazia, e ambos sabiam disso.

— Entendido. Desligo.

Robby colocou o fone de volta no gancho.

— Opiniões?

— O senhor quer dizer além de “É uma situação absurda?” — perguntou uma oficial.

— Pode ser absurda para nós, mas deve ser lógica para alguém. — Não adiantava repreendê-la pelo comentário, pensou Jackson. Levaria algum tempo

até todos aceitarem a situação. — Alguém não acredita nas informações que recebemos até agora? Olhou em volta. Havia sete oficiais presentes, e os militares não eram escolhidos para servir no NMCC por causa de sua burrice.

— A situação pode parecer absurda, senhor, mas até o momento os fatos que conseguimos apurar são coerentes. Todas as bases daquela região estão mudas. Devia haver um oficial de plantão, mas ninguém atende ao telefone. As ligações via satélite não funcionam. No total, perdemos o contato com quatro bases da Força Aérea e uma base do Exército. O problema é real, almirante — concluiu a oficial, procurando redimir-se do comentário anterior.

— Alguma informação do Departamento de Estado? Da CIA?

— Nada — respondeu um coronel do J-2. — Daqui a uma hora teremos fotografias das Marianas tiradas por satélite. Já me comuniquei com o Escritório Nacional de Reconhecimento e o I-TAC a respeito.

— Vão usar o KH-11?

— Sim, senhor. Todas as câmaras estão funcionando, e faz bom tempo.

— As fotos vão ficar excelentes — assegurou o oficial de inteligência.

— Ontem não houve nenhuma tempestade naquela região?

— Negativo — respondeu outro oficial. — Não há nenhum motivo para que os telefones não funcionem. Estão ligados a nós por cabo submarino e por satélite. Liguei para a empresa que opera as antenas. Eles me disseram que não houve nenhum aviso. Estão tentando comunicar-se com os técnicos locais, mas sem sucesso.

Jackson fez que sim com a cabeça. Esperara até aquele momento apenas para obter a confirmação de que precisava para dar o passo seguinte.

— Está bem, vamos escrever uma mensagem de alerta e enviá-la a todos os comandantes-em-chefe. Avisem ao secretário de Defesa e aos chefes do Estado-Maior. Está na hora de ligar para o presidente.

— Dr. Ryan, chamado do NMCC, classificado como CRÍTICO. E o almirante Robert Jackson, de novo.

A palavra “CRÍTICO” fez com que todos olhassem para Ryan quando ele pegou o telefone.

— Robby, aqui é Jack.

— O que está acontecendo? — Todos na sala de comunicações viram o conselheiro de Segurança Nacional empalidecer.

— Robby, está falando sério? — Ryan olhou para o oficial de comunicações. — Onde estamos neste momento? Perto de Goose Bay, no Labrador, senhor. Faltam umas três horas de viagem.

— Quer pedir à agente especial d’Agustino que venha até aqui, por favor? — Ryan tirou a mão do fone. — Robby, vou precisar disso por escrito... certo...

ele ainda está dormindo, acho. Dê-me trinta minutos para organizar as coisas. Ligue de novo se houver alguma novidade.

Jack levantou-se da cadeira e foi até o banheiro, evitando olhar para o espelho enquanto lavava as mãos. Quando saiu, a agente do Serviço Secreto estava à sua espera.

— Não o deixaram dormir, hein?

— O chefe já se levantou?

— Ele deixou ordens para ser acordado quando faltasse uma hora para pousarmos. Acabo de falar com o piloto e...

— Trate de acordá-lo, Daga, e depois peça aos secretários Hanson e Fiedler que venham aqui em cima. Arnie, também.

— O que aconteceu?

— Você vai saber junto com os outros. — Ryan tirou o rolo de papel da máquina de fax e começou a ler a mensagem que acabara de chegar. Levantou os olhos. — Não estou brincando, Daga. Vá logo.

— O presidente está em perigo?

— Vamos supor que esteja — respondeu Jack. Pensou por um momento. — Qual é a base de caças mais próxima, tenente? A expressão de surpresa no rosto da oficial foi inconfundível.

— Temos caças F-l 5 na base de Otis, no cabo Cod, e F-l 6 em Burligton, Vermont Ambos são grupos da Guarda Aérea Nacional, encarregados da defesa aérea continental.

— Entre em contato com eles e diga que o presidente gostaria de ter uma escolta o mais breve possível.

A vantagem de lidar com tenentes era que eles não estavam acostumados a discutir uma ordem dada, mesmo que ela fosse aparentemente sem sentido. O mesmo não se podia dizer dos agentes do Serviço Secreto.

— Se acha isso necessário, então preciso saber imediatamente o que está acontecendo.

— Acho que você tem razão, Daga.

Ryan rasgou a parte superior do papel do fax quando chegou à segunda página da transmissão.

— Que merda! — exclamou a agente, devolvendo a folha. — Vou acordar o presidente. É bom avisar o piloto. Eles fazem as coisas diferentes em situações como esta.

— Boa ideia. Quinze minutos, Daga, certo?

— Sim, senhor.

A agente desceu a escada em espiral, enquanto Jack ia falar com o piloto.

— Faltam um-meia-zero minutos, Dr. Ryan. Viagem comprida, não é

mesmo? — perguntou o coronel que estava nos controles.

O sorriso desapareceu quando ele viu a expressão no rosto de Ryan.

Foi por mero acaso que passaram na porta da embaixada americana. Talvez ele apenas quisesse ver a bandeira, pensou Clark. Era sempre uma visão agradável em território estrangeiro, mesmo que tremulasse em um edifício projetado por um burocrata sem nenhum senso de...

— Alguém está preocupado com a segurança — observou Chavez.

— Yevgeniy Pavlovich, sei que seu inglês é excelente. Não precisa praticá-lo comigo.

— Desculpe. Os japoneses estão com medo de novas arruaças, Vanya? A não ser por aquele incidente, não houve muitas manifestações populares...

Interrompeu a frase no meio. O edifício estava cercado por policiais armados. Aquilo era estranho. Aparentemente, um ou dois guardas seriam suficientes para...

— Yob’tvoyu mat.

Clark sentiu orgulho do rapaz. Podia ser um palavrão, mas era exatamente o que um russo diria nas circunstâncias. O motivo era claro. Os guardas que cercavam a embaixada estavam olhando tanto para fora como para dentro, e não havia nenhum fuzileiro americano à vista.

— Ivan Sergeyevich, algo muito estranho está acontecendo.

— É verdade, Yevgeniy Pavlovich — concordou John Clark.

Ele não diminuiu a marcha e torceu para que os policiais não reparassem nos dois gaijin e anotassem a placa do carro. Talvez estivesse na hora de devolver o carro e alugar outro.

— O sobrenome é Arima, primeiro nome Tokikichi, general de divisão, cinquenta e três anos de idade. — O sargento do Exército era um especialista em inteligência. — Formou-se na Academia de Defesa Nacional, escolheu a arma de infantaria, obteve notas excelentes durante toda a carreira. Fez o curso avançado no Quartel de Carlisle há oito anos, com bom aproveitamento. A ficha diz que é “politicamente astuto”. Bem relacionado. É general-comandante do Exército do Leste, o equivalente de uma região militar do Exército americano, mas com menos recursos, especialmente de artilharia. Conta com duas divisões de infantaria, a Primeira e a Décima Segunda, a Primeira Brigada Aerotransportada, a Primeira Brigada de Engenharia, o Segundo Grupo Antiaéreo e algumas unidades administrativas.

O sargento passou a pasta, que também continha duas fotografias. O inimigo agora tem um rosto, pensou Jackson. Pelo menos um rosto. Jackson

examinou-o por alguns segundos antes de fechar a pasta. O Pentágono estava prestes a entrar em pânico. O primeiro dos chefes do Estado-Maior se encontrava no estacionamento, e Jackson era o felizardo encarregado de colocá-lo a par do que estava acontecendo. Jackson juntou seus documentos e dirigiu-se para o Tanque, uma sala muito bonita situada na periferia do edifício.

Chet Nomuri passara o dia em encontros sucessivos com três dos seus contatos, mas sem descobrir grande coisa, a não ser que algo muito estranho estava acontecendo. O melhor a fazer, decidiu, era voltar à casa de banhos e torcer para que Kazuo Taoka aparecesse. Quando ele finalmente chegou, Nomuri estava havia tanto tempo na água quente que se sentia como um macarrão que tivesse passado um mês na panela.

— Você está com cara de quem teve um dia como o meu — conseguiu dizer, com um sorriso malicioso.

— Como foi seu dia? — perguntou Kazuo, com ar cansado mas animado.

— Conheço uma garota muito bonita, que frequenta um certo barzinho. Estou trabalhando nela há quase três meses. Tivemos uma tarde muito agitada. — Nomuri colocou a mão debaixo d'água, fingindo estar sentindo dor em um certo lugar. — Não sei se ele vai funcionar de novo.

— Seria ótimo se ainda pudéssemos contar com a garota americana — afirmou Taoka, mergulhando na piscina com um prolongado Ahhhhh. — É exatamente do que estou precisando agora.

— Ela foi embora? — perguntou Nomuri, com ar inocente.

— Morreu — afirmou Taoka, sem emoção.

— O que aconteceu? Eles iam mandá-la para casa. Yamata mandou Kaneda, seu guarda-costas, para arrumar as coisas. Mas parece que ela era viciada em drogas e morreu de overdose. Uma pena — comentou Taoka, como se estivesse se referindo à morte do gato do vizinho. — Mas existem outras no lugar de onde ela veio.

Nomuri assentiu sem demonstrar interesse, pensando consigo mesmo que aquela era uma faceta do homem que não conhecia. Kazuo era um típico assalariado japonês. Entrara para a empresa logo depois de sair da universidade, começando em uma posição subalterna. Depois de cinco anos na empresa, fora mandado para uma escola de administração, o equivalente japonês de Parris Island, com um toque de Buchenwald. Havia algo de revoltante na forma como aquele país funcionava. Estava preparado para algumas diferenças. Afinal, era um país estrangeiro, e cada país tinha suas peculiaridades, o que no fundo era bom. Os Estados Unidos eram prova disso. O país beneficiava-se da diversidade dos que chegavam a suas fronteiras, cada comunidade étnica contribuindo de alguma forma para o cadinho cultural, criando uma mistura frequentemente

explosiva mas sempre criativa e dinâmica. Agora, porém, compreendia por que tantas pessoas preferiam emigrar para os Estados Unidos, especialmente cidadãos japoneses.

O Japão exigia demais dos seus habitantes. No fundo, a culpa não era do governo, mas da cultura. O chefe tinha sempre razão. Um bom empregado era aquele que fazia tudo que lhe mandavam fazer. Para subir na vida, era preciso bajular os superiores, vestir a camisa da empresa, chegar ao trabalho uma hora mais cedo para demonstrar lealdade. O mais surpreendente era que os japoneses conseguissem ser criativos. Provavelmente os mais bem-dotados conseguiam chegar no topo, apesar de todos os obstáculos, ou talvez fossem suficientemente espertos para ocultar seus verdadeiros sentimentos até atingir uma posição de destaque, mas àquela altura tinham acumulado rancores suficientes para fazer Hitler parecer um maricás. Enquanto isso, extravasavam esses sentimentos em bebedeiras e orgias sexuais do tipo que ouvia falar na casa de banhos. As histórias de passeios à Tailândia, a Formosa e, mais recentemente, às ilhas Marianas eram especialmente interessantes, episódios que fariam corar seus colegas da UCLA. Tudo isso eram sintomas de uma sociedade que cultivava a repressão psicológica, cuja fachada suave e gentil era como uma represa atrás da qual se acumulavam ódios e frustrações de todos os tipos. O reservatório ocasionalmente tinha de ser sangrado, em geral de forma ordeira e controlada, mas a pressão sobre a represa era constante, e um dos resultados dessa pressão era uma forma de encarar os outros, principalmente os gaijin, de uma forma que ofendia os sentimentos igualitários de Nomuri, cultivados na América. Não levaria muito tempo para começar a odiar aquele país, pensou. Seria uma atitude indesejável e pouco profissional, pensou o agente da CIA, lembrando-se das lições que recebera na Fazenda: um bom agente procurava se identificar ao máximo com a cultura local. Entretanto, estava caminhando na outra direção, e o mais irônico era que a maior razão para sua crescente antipatia estava no fato de que descendia diretamente daquela raça.

— Você está mesmo interessado em moças como ela? — perguntou Nomuri, de olhos fechados.

— Estou, sim. Foder os americanos vai ser em breve nosso esporte nacional — disse Taoka, rindo. — Foi o que fizemos nos últimos dois dias. E eu estava lá para assistir — concluiu, satisfeito.

No final, valera a pena. Vinte anos sem sair da linha, e ali estava a recompensa: estar presente na Sala de Guerra, acompanhando os acontecimentos, vendo a história se desenrolar diante dos seus olhos. O assalariado tivera sua vingança e, mais importante ainda, tinha sido notado. Por Yamata-san em pessoa.

— Afinal, quais foram as grandes coisas que aconteceram enquanto eu estava me divertindo? — perguntou Nomuri, abrindo os olhos e dando um sorriso lúbrico.

— Entramos em guerra com os Estados Unidos, e vencemos! — proclamou Taoka.

— Guerra? Nan já? Conseguimos conquistar a General Motors?

— Guerra de verdade, meu amigo. Neutralizamos a Esquadra do Pacífico e o arquipélago das Marianas pertence novamente ao Japão.

— Acho que anda exagerando na bebida, meu amigo — observou Nomuri, acreditando realmente que aquilo não passava de uma bravata.

— Há quatro dias que não bebo uma gota de álcool! — protestou Taoka. — O que estou dizendo é verdade!

— Kazuo — insistiu Chet, pacientemente, como se estivesse falando com uma criança precoce —, você sabe contar histórias como ninguém. Quando fala das mulheres, fico de pau duro como se estivesse lá. — Nomuri sorriu. — Desta vez, porém, acho que exagerou um pouco.

— Não estou exagerando! Juro! — exclamou Taoka. No afã de convencer o amigo, entrou em detalhes.

Nomuri não tinha nenhum treinamento militar. Quase tudo que sabia sobre o assunto aprendera nos livros ou em filmes de cinema. Não estava no Japão para colher informações sobre as Forças Japonesas de Autodefesa, mas sobre questões de comércio e relações exteriores. Entretanto, Kazuo Taoka era realmente um ótimo contador de histórias, com uma atenção incomum para detalhes, e logo Nomuri voltou a fechar os olhos, com um sorriso fixo nos lábios. As duas coisas eram resultado do seu treinamento em Yorktown, Virgínia; estava empenhado em registrar cada palavra na memória, enquanto outra parte da consciência imaginava como poderia transmitir a informação para fora do país. Sua outra reação foi uma que Taoka não podia ver nem ouvir, um americanismo puro, que não deixou os limites do cérebro do agente da CIA: Seus filhos da puta.

— Está bem, o SALTADOR já está de pé e mais ou menos acordado — informou Helen d’Agustino. — JASMIM (o nome de código de Anne Durling) estará em outra cabina. O secretário de Estado e o secretário do Tesouro já se levantaram e foram tomar café. Arnie van Damm é provavelmente quem se encontra em melhor forma no momento. Hora de começar o espetáculo.

— E os caças?

— Vão se juntar a nós daqui a uns quinze minutos. Optamos pelos F-l 5 baseados em Otis. Têm um alcance maior; podem nos seguir até pousarmos.

— Não estou sendo muito paranoico, estou?

— Sabe de uma coisa que sempre apreciei no senhor, Dr. Ryan? — perguntou Daga, com um sorriso nos lábios.

— O quê?

— Não preciso explicar-lhe como funciona a segurança, como tenho de fazer com quase todo mundo. O senhor pensa muito parecido comigo. — Era um elogio e tanto, partindo de uma agente do Serviço Secreto. — O presidente está à sua espera — concluiu, descendo a escada na frente de Jack.

Ryan esbarrou na esposa quando se dirigia para a proa do avião. Bela como sempre, não parecia estar sofrendo dos males com os quais o marido a ameaçara na véspera. Ao ver Jack, começou a dizer que era ele que parecia estar de ressa...

— O que houve?

— Problemas, Cathy.

— É sério? O marido limitou-se a concordar com a cabeça antes de seguir caminho, passando por um agente do Serviço Secreto e um segurança armado da Força Aérea. As duas poltronas conversíveis em camas já tinham sido arrumadas. O presidente estava sentado em uma delas, vestindo uma calça de terno e camisa social. O paletó e a gravata não estavam à vista. A sua frente, sobre a mesinha, havia um bule de prata com café. Como se encontravam no nariz do avião, Ryan podia ver o lado de fora pelas janelas dos dois lados. Estavam voando uns trezentos metros acima de um tapete de cúmulos que se estendia a perder de vista.

— Soube que você passou a noite inteira acordado — comentou Durling.

— Não é bem assim. Quando me acordaram, estávamos passando pela Islândia — afirmou Ryan.

Não tinha lavado o rosto, não fizera a barba e o cabelo provavelmente estava parecido com o de Cathy ao tirar a touca cirúrgica após uma operação complicada. Pior ainda era o olhar nos seus olhos quando se preparou para dar ao presidente a triste notícia.

— Você está com uma cara horrível. Qual é o problema?

— Senhor presidente, com base nas informações que recebemos nas últimas horas, acredito que os Estados Unidos estejam em guerra com o Japão.

— O que você precisa é de um bom sargento para cuidar do assunto — observou Jones.

— Ron, mais uma dessas e mando expulsá-lo da sala, certo? Já está passando dos limites — replicou Mancuso, com voz cansada. — Aqueles homens estavam sob o meu comando, lembra-se?

— Acha que fui muito inconveniente?

— Foi sim, Jones — respondeu Chambers, entrando na conversa. — Talvez Seaton estivesse precisando de uma sacudidela, mas você exagerou. Estamos precisando de soluções, não de gracinhas.

Jones fez que sim com a cabeça, mas não se deu por achado. — Está bem, comandante. Qual é a situação atual?

— De acordo com as últimas estimativas, eles dispõem de dezoito submarinos. Dois estão sendo reformados e só estarão disponíveis daqui a alguns meses — respondeu Chambers, começando pelos efetivos do inimigo.

— Com o Charlotte e o Asheville fora de combate, temos um total de dezessete.

— Quatro estão sendo reformados. Outros quatro estão passando por uma revisão aqui ou em San Diego. Quatro se encontram no oceano Indico. Talvez seja possível trazê-los de volta, mas não temos certeza. Isso nos deixa com cinco. Três saíram com os porta-aviões para o “exercício” e um está atracado ali embaixo no cais. O último está no mar, no golfo do Alasca, em missão de treinamento. O comandante é inexperiente... faz apenas três semanas que assumiu o posto.

— É verdade — concordou Mancuso. — Ele ainda está aprendendo.

— Puxa, estamos tão mal assim? — observou Jones, arrependendo-se do comentário anterior. A grande Esquadra do Pacífico dos Estados Unidos, que há apenas cinco anos tinha sido a mais poderosa força naval da história da civilização, estava reduzida a uma marinha de fragatas.

— Cinco dos nossos contra dezoito dos deles, e eles estão mais bem preparados. Passaram os últimos dois meses treinando sem parar. — Chambers olhou para o mapa na parede e franziu a testa. — É um oceano muito grande, Jones.

Foi a forma como disse a última frase que deixou o empreiteiro preocupado.

— E os quatro que estão na revisão?

— A ordem já foi enviada. “Concluir a revisão o mais cedo possível.” Com isso, poderemos aumentar o número para nove daqui a duas semanas, se tudo correr bem.

— Comandante Chambers? Chambers olhou para ele.

— Sim, suboficial Jones?

— Lembra-se de quando íamos para o norte, sozinhos, rastreando quatro ou cinco inimigos ao mesmo tempo? O chefe de operações assentiu nostalgicamente e respondeu: — Isso faz muito tempo, Jones. Agora estamos lidando com submarinos SSK, no território deles, e...

— Você trocou suas bolas por essa quarta lista no ombro?

— Escute uma coisa, garoto, eu... — começou Chambers, furioso.

— Escute você. — exclamou Ron Jones, mais furioso ainda. — Quando o conheci, era um Oficial com “O” maiúsculo! Sabia que podia confiar em você, como sabia que podia confiar nele — afirmou, apontando para Mancuso. — Quando trabalhei com vocês dois, éramos os melhores do mundo. E se você trabalhou direito como comandante, e se está trabalhando direito como comandante da força, Bart, esses rapazes que estão aí fora ainda são os melhores do mundo. Que droga! Quando joguei minha mochila para dentro da escotilha do Dallas pela primeira vez, achei que vocês sabiam o que estavam fazendo. Será que estava enganado? Lembram-se do lema do Dallas? “O Primeiro a Entrar na Briga.” O que está acontecendo com vocês? A pergunta ficou no ar durante alguns segundos. Chambers estava zangado demais para argumentar, mas o ComSubPac, não.

— Estamos tão mal assim? — perguntou Mancuso.

— É o que eu acho. Está certo, esses filhos da puta meteram no nosso rabo. Está na hora de pensarmos na forra. Nós somos a elite, não somos? Se não cuidarmos disso, quem vai cuidar?

— Jones, você sempre falou demais — disse Chambers. Olhou novamente para o mapa. — Mas acho que talvez esteja mesmo na hora de fazermos alguma coisa.

Um suboficial enfiou a cabeça para dentro da sala. — Almirante, o Pasadena acaba de sair do estaleiro. Está preparado para entrar em ação. O comandante pede instruções.

— Como está armado? — quis saber Mancuso, percebendo que se tivesse feito direito seu trabalho nos últimos dias, a pergunta seria desnecessária.

— Vinte e dois ADCAP, seis Harpoon e doze T-LAM-C. Todos de verdade, não de treinamento — respondeu o homem. — Pode fazer um bom estrago, almirante.

Mancuso fez que sim com a cabeça. — Diga-lhe que aguarde instruções.

— Sim, senhor.

— É um bom comandante? — perguntou Jones.

— Foi condecorado o ano passado — afirmou Chambers. — O nome dele é Tim Parry. Foi meu imediato no Key West. Confio nele.

— Agora, tudo de que necessita é uma missão.

— É isso mesmo — concordou Mancuso, pegando o telefone seguro para chamar o CINCPAC.

— Mensagem do Departamento de Estado — anunciou o oficial de comunicações da Força Aérea, entrando no compartimento. — O embaixador

japonês solicitou uma entrevista urgente com o presidente.

— Brett? Vamos ouvir o que ele tem a dizer — sugeriu o secretário de Estado.

Ryan concordou com a cabeça.

— Alguma chance de que tudo isto seja algum tipo de mal-entendido? — perguntou Durling.

— Esperamos receber informações a qualquer momento de um satélite que está passando por cima das Marianas. Está escuro na região, mas isso não fará muita diferença.

Ryan terminara sua exposição sem conseguir apresentar muitos fatos concretos. Os acontecimentos tinham sido tão inesperados, que só se daria por satisfeito quando pudesse ver pessoalmente as fotografias do satélite.

— E se for tudo verdade, o que faremos?

— Teremos de decidir o que fazer — admitiu Ryan. — Por enquanto, vamos ouvir o embaixador.

— O que eles realmente pretendem? — perguntou Fiedler, o secretário do Tesouro.

— É difícil dizer. Não se dariam a esse trabalho todo só para nos sacanear. Temos armas nucleares; eles, não. Não faz sentido... não faz nenhum sentido — afirmou Ryan. Então se lembrou de que em 1939 o maior parceiro comercial da Alemanha era... a França. Uma das lições mais frequentes da história era a de que a lógica não representava uma constante no comportamento das nações. O estudo de história nem sempre era bilateral, e as lições aprendidas da história dependiam muito da qualidade do estudante. Valia a pena guardar essas lições na memória, pensou Jack, porque o outro lado poderia esquecê-las.

— Tem de ser algum tipo de mal-entendido — afirmou Hanson. — Dois acidentes isolados. Talvez nossos dois submarinos tenham colidido debaixo d’água e talvez a população de Saipan tenha armado uma tempestade em copo d água. Não há outra explicação razoável.

— Concordo que os fatos conhecidos não formam um todo coerente, mas os dados de que dispomos... que droga, conheço Robby Jackson! Conheço Bart Mancuso! — protestou Ryan.

— Quem é ele?

— ComSubPac. É quem cuida dos nossos submarinos na região. Servimos juntos, uma vez. Jackson é do J-3, e somos amigos desde o tempo em que ensinávamos em Annapolis. Puxa, fazia tanto tempo!

— Certo — disse Durling. — Já nos contou tudo que sabe?

— Já, senhor Presidente. Relatei todos os fatos conhecidos, sem nenhuma análise.

— Porque ainda não dispõe de uma? A pergunta era um pouco agressiva, mas não era hora de suscetibilidades. Ryan assentiu.

— Exatamente.

— Nesse caso, só nos resta esperar. Quanto tempo para chegarmos a Andrews? Fiedler olhou pela janela.

— Estamos sobrevoando a baía de Chesapeake. Não vai demorar.

— Jornalistas no aeroporto? — perguntou a Arnie van Damm.

— Apenas os que estão a bordo, presidente.

— Ryan? Precisamos confirmar nossas informações.

— Os serviços de inteligência estão todos de prontidão.

— O que esses caças estão fazendo lá fora? — perguntou Fiedler. O Força Aérea Um agora estava sendo escoltado por dois caças, um de cada lado.

Ryan imaginou se os repórteres notariam o fato. Por quanto tempo conseguiriam manter tudo aquilo em segredo? A ideia foi minha, Buzz — respondeu Ryan. Era melhor assumir logo a responsabilidade.

— Um pouco dramático, não acha? — perguntou o secretário de Estado.

— Também não esperávamos que nossa esquadra fosse atacada.

— Senhoras e senhores, aqui é o coronel Evans. Estamos nos aproximando da Base Aérea de Andrews. Esperamos que tenham feito uma boa viagem. Por favor, coloquem os assentos das poltronas na posição vertical e...

Na parte de trás do avião, os jovens assessores da Casa Branca fizeram questão de não colocar os cintos de segurança. Os tripulantes seguiram o regulamento à risca, naturalmente.

Ryan sentiu o trem de aterrissagem tocar a pista de pouso Zero-Um Direita. Para a maioria dos passageiros, que pertenciam à imprensa, era o fim. Para ele, era apenas o começo. O primeiro sinal foi o número incomum de seguranças que os aguardavam, acompanhados por alguns agentes do Serviço Secreto que não disfarçavam seu nervosismo. De certa forma, foi um alívio para o conselheiro de Segurança Nacional. Nem todos achavam que fosse um mal-entendido, mas seria muito melhor, pensou Ryan, se daquela vez estivesse enganado. Porque se fosse verdade o que estava pensando, achavam-se diante da crise mais complexa da história do país.

24

CORRENDO NO MESMO LUGAR

Se havia uma sensação pior do que aquela, Clark não saberia dizer qual era.

Estava ali para cumprir uma missão aparentemente muito simples: resgatar uma cidadã americana que se metera em encrencas e verificar a possibilidade de reativar uma antiga rede de espionagem.

Bem, era essa a ideia original, pensou o agente consigo mesmo, voltando para o quarto de hotel. Chavez fora estacionar o carro. Haviam decidido alugar outro carro, e mais uma vez o funcionário da agência mudara de expressão ao descobrir que os dizeres do cartão de crédito estavam escritos em caracteres romanos e cirílicos. Estava sendo uma experiência diferente.

Mesmo no auge da Guerra Fria, os russos tinham tratado os cidadãos americanos com maior deferência que os próprios conterrâneos, e quer isso fosse causado pela curiosidade ou não, o privilégio de ser americano sempre fora uma referência segura para um homem solitário em uma terra hostil.

Jamais Clark se sentira tão amedrontado; o fato de que Ding Chavez não tinha experiência suficiente para perceber que se encontravam em uma posição extremamente delicada não lhe servia absolutamente de consolo.

Foi portanto com alívio que constatou que havia uma fita adesiva colada na parte interna da maçaneta. Talvez Nomuri pudesse lhe fornecer algumas informações úteis. Clark permaneceu no quarto apenas tempo suficiente para ir ao banheiro e depois tornou a descer. Viu Chavez no saguão e fez um gesto para ele: Fique onde está. Notou com um sorriso que o parceiro I comprara um exemplar de um jornal em russo, que levava ostensivamente debaixo do braço como uma espécie de medida defensiva. Dois minutos depois, Clark estava de novo olhando a vitrina da loja de fotografia. Não havia muito movimento na calçada, mas era suficiente para que não fosse o único nas vizinhanças. Enquanto admirava a última maravilha automática da Nikon, sentiu um esbarrão.

— Olhe por onde anda — disse uma voz em inglês, antes de se afastar.

Clark esperou alguns segundos e tomou a direção oposta, dobrando a esquina e entrando em um beco. Um minuto depois, encontrou um lugar sombrio e esperou. Nomuri não demorou a aparecer.

— Isto é perigoso, garoto.

— Por que acha que deixei aquele sinal? — perguntou Nomuri, com voz trêmula.

A cena parecia copiada de uma série de TV, tão realista e profissional quanto dois meninos fumando escondido no banheiro da escola. O mais curioso foi que, embora importante, a mensagem de Nomuri tomou apenas um minuto. O restante do tempo foi gasto combinando o que fazer dali em diante.

— Muito bem. Número um, evite seus contatos habituais. Mesmo que se encontre com eles na rua, finja que não os conhece. Não chegue perto deles. Seu

trabalho terminou, entendeu, garoto? No momento, a mente de Clark estava funcionando com a velocidade da luz sem conseguir sair do lugar, mas a prioridade imediata era a sobrevivência. Para fazer alguma coisa, precisavam estar vivos; tanto Nomuri como Chavez e ele próprio eram “ilegais”, sem direito a qualquer tipo de clemência caso fossem presos e totalmente privados de qualquer apoio por parte do governo americano.

Chet Nomuri fez que sim com a cabeça.

— O senhor será meu único contato daqui por diante.

— Isso mesmo. Se eu sumir, assuma sua falsa identidade e não faça mais nada. Entendeu? Absolutamente nada. Você é um súdito japonês que nada tem a temer.

— Mas...

— Nada de “mas”, garoto. Agora está sob minhas ordens, e ai de você se me desobedecer! — Clark abrandou um pouco a voz. — Nossa primeira prioridade é sempre sobreviver. Não distribuímos pílulas de veneno e não esperamos que nossos agentes se comportem como no cinema. Um agente morto é um agente burro.

Que droga, pensou Clark, se soubessem que a coisa iria se complicar, poderiam ter estabelecido uma rotina: pontos de entrega, sinais de código...

Agora, porém, era tarde demais para isso, e cada segundo que passavam juntos naquele beco aumentava o risco de que alguém os visse e estranhasse o fato de um japonês estar conversando com um gaijin. A paranoia estava aumentando depressa e só tendia a piorar.

— Está bem, se é isso que quer...

— Evite qualquer coisa que fuja à rotina. Aja como todo mundo. Um prego que fica com a cabeça de fora está pedindo para ser martelado. As marteladas podem ser muito doídas, garoto. Agora vou lhe dizer exatamente o que deve fazer. — Clark falou durante um minuto. — Entendeu?

— Sim, senhor.

— Agora dê o fora.

Clark voltou ao hotel e entrou pela entrada de serviço, deserta àquela hora da noite. Ainda bem, pensou, que a violência em Tóquio praticamente inexistia. Se fosse nos Estados Unidos, a porta estaria trancada, teria um alarme ou seria vigiada por um segurança armado. Mesmo no meio de uma guerra, Tóquio era um lugar mais seguro do que Washington, D.C.

— Por que não compra uma garrafa em vez de sair para beber? — perguntou “Chekov”, mais uma vez, quando Clark entrou no quarto.

— Talvez fosse melhor — respondeu, fazendo o parceiro levantar os olhos do jornal em russo.

Clark apontou para a TV, ligou-a e encontrou um noticiário da CNN em inglês.

E agora, como vou comunicar as novidades aos meus superiores?, pensou.

Não tinha coragem de mandar um fax para os Estados Unidos. O escritório da Interfax em Washington podia estar sendo vigiado, o de Moscou não dispunha de equipamentos de criptografia, e também não podia recorrer ao seu contato na embaixada. Havia um conjunto de regras para operar em um país amigo e outro para operar em um país inimigo, e ninguém pensara na possibilidade de que as regras tivessem de ser mudadas de repente. Essa omissão era apenas uma das falhas gritantes da operação; seria interessante acompanhar os trabalhos da comissão parlamentar de inquérito que seria certamente instaurada para apurar os fatos, se vivesse o suficiente para isso.

A única boa notícia era que agora tinha o nome de um suspeito do assassinato de Kimberly Norton. Isso, pelo menos, lhe dava algo para fantasiar, e no momento tinha muito pouco em que pensar. Depois de assistir ao noticiário, convenceu-se de que a CNN não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Se a CNN não sabia, então ninguém sabia. Não era incrível?, pensou Clark Lembrou-se da história de Cassandra, a filha do rei Príamo, de Troia, que sempre sabia o que estava acontecendo e que era sempre ignorada. Mas Clark nem ao menos estava em condições de contar aos outros o que sabia... estava? Quem sabe se eu...? Não. Sacudiu a cabeça. Era loucura demais.

— Toda a força à frente — ordenou o comandante do Eisenhower.

— Toda a força à frente — repetiu o contramestre, empurrando a alavanca do sinalizador. Um momento depois, o ponteiro de dentro se moveu para a mesma posição. — Senhor, a casa de máquinas confirma toda a força à frente.

— Muito bem. — O comandante olhou para o almirante Dubro. — Quer dar um palpite? Curiosamente, a melhor informação foi a do sonar. Dois dos contratorpedeiros da escolta rebocavam um conjunto de hidrofones apelidado de ”rabo” e os dados colhidos por esses aparelhos, combinados com os dos dois submarinos nucleares que navegavam a boreste da formação, indicaram que a frota indiana se encontrava mais ao sul, a uma distância considerável.

Era um daqueles casos, mais comuns do que seria de esperar, em que o sonar superava o radar, cujas ondas eletromagnéticas tinham um alcance limitado pela curvatura da terra, enquanto as ondas sonoras encontravam seus próprios caminhos nas profundezas do oceano. A frota indiana estava a quase duzentos e cinquenta quilômetros de distância. Embora essa distância fosse pequena para um avião a jato, os indianos estavam viajando para o sul, e não para o norte, e além disso parecia que o almirante Chandraskatta não apreciava

operações aéreas noturnas e os riscos que representavam para seu limitado suprimento de Harriers. Na verdade, pensaram os dois homens, pousar à noite em um porta-aviões não era propriamente divertido.

— Mais de cinquenta por cento — respondeu o almirante Dubro, depois de pensar por um momento.

— Acho que tem razão.

A formação estava em silêncio, uma situação relativamente comum para navios de guerra, com todos os radares desligados; os únicos transmissores em uso eram unidades de curto alcance, que transmitiam por centésimos de segundo de cada vez. Mesmo as antenas apontadas para os satélites geravam lobos secundários que poderiam denunciar a posição da frota, e era essencial que passassem ao sul do Sri Lanka sem ser detectados.

— Era assim na Segunda Guerra Mundial — observou o comandante, dando vazão ao seu nervosismo.

Agora dependiam do elemento humano. Havia vários vigias a postos, que usavam tanto binóculos comuns como dispositivos de "visão noturna" para varrer o horizonte em busca de silhuetas e pontas de mastros, enquanto outros, nos conveses inferiores, procuravam o rastro característico do periscópio de um submarino. Os indianos contavam com dois submarinos, cuja localização Dubro não conhecia nem de perto. Estavam provavelmente se dirigindo para o sul, também, mas se Chandraskatta era de fato tão esperto quanto temia, teria deixado um deles mais ao norte, só para se garantir. Talvez. A operação de despistamento armada por Dubro fora bem feita.

— Almirante? — Dubro olhou da direção da voz. Era um mensageiro.

— Mensagem URGENTÍSSIMA do CINCPAC.

O suboficial passou-lhe a prancheta e iluminou o despacho com uma lanterna vermelha para que o comandante do grupo de combate pudesse lê-la.

— Acusou o recebimento? — perguntou o almirante, antes de começar a ler.

— Não, senhor. Temos ordens para manter silêncio no rádio.

— Muito bem. — Dubro começou a ler. Um segundo depois estava segurando ao mesmo tempo a prancheta e a lanterna. — Filho de uma puta!

O agente especial Robberton levaria Cathy para casa e com aquela notificação Ryan se tornou de novo um funcionário do governo em vez de um ser humano com mulher e filhos. Foi uma curta caminhada até o Fuzileiros Um, que já estava com o motor ligado. O presidente e a Sra. Durling, SALTADOR e JASMIM, tinham sorrido para os repórteres e usado o pretexto da longa viagem para se furtar a qualquer declaração. Ryan os seguiu como uma espécie de

escudeiro.

— Vou levar uma hora para pôr tudo em dia — disse Durling, quando o helicóptero pousou no gramado sul da Casa Branca. — A que horas vai chegar o embaixador?

— Onze e meia — respondeu Brett Hanson.

— Quero que você, Arnie e Jack estejam presentes ao encontro.

— Sim, senhor presidente — disse o secretário de Estado.

Os fotógrafos de costume tinham comparecido, mas a maioria dos repórteres da Casa Branca, cujas perguntas gritadas tanto incomodavam a todos ainda se encontravam em Andrews, recolhendo sua bagagem. Na entrada do andar térreo, o número de agentes do Serviço Secreto era maior que o normal. Ryan se dirigiu para oeste e dois minutos depois estava no seu escritório. Tirou o paletó e sentou-se atrás de uma mesa cheia de bilhetes. Ignorando-os por um momento, pegou o telefone e ligou para a CIA.

— Prazer em tê-lo de volta, Jack — disse Mary Pat Foley.

Ryan não se deu ao trabalho de perguntar como sabia que era ele. Poucos conheciam seu número particular.

— Como está a situação em Tóquio?

— Os funcionários da embaixada não correm perigo. A embaixada ainda não foi invadida e estamos apagando todos os documentos confidenciais. — A divisão de Tóquio, como todas as divisões da CIA nos últimos dez anos, era totalmente eletrônica. Apagar arquivos levava apenas alguns segundos. — A essa altura, já devem ter acabado o trabalho.

O processo era simples. Os discos de computador eram apagados, formatados, apagados novamente e submetidos ao campo magnético de um ímã permanente. O mais desagradável era que alguns daqueles dados eram insubstituíveis, embora nem tanto quanto as pessoas que os haviam criado.

No momento havia três agentes “ilegais” em Tóquio; eram todos os espiões de que os Estados Unidos dispunham no que era agora (provavelmente) um país inimigo.

— O que mais?

— Estão deixando as pessoas ir e vir de suas casas, acompanhadas. Na verdade, a situação está relativamente calma — relatou a Sra. Foley, sem demonstrar a surpresa que estava sentindo. — Não é como, por exemplo, Teerã em 1979. Estão nos deixando usar as comunicações via satélite, mas nossas transmissões estão sendo monitoradas. A embaixada tem um STU-6 em funcionamento. Os outros foram desativados. Ainda podemos usar o SAPATEADO — concluiu, referindo-se ao código aleatório que todas as embaixadas agora usavam quando estavam na rede de comunicações da Agência

de Segurança Nacional.

— Outros recursos? — perguntou Ryan, torcendo para que sua linha segura não estivesse sendo monitorada, mas mesmo assim evitando falar abertamente.

— Sem os legais, estamos praticamente no escuro.

A resposta deixou clara a preocupação de Mary Pat, junto com um pouco de autocensura. A CIA ainda operava em vários países sem utilizar funcionários da embaixada. Entretanto, o Japão não era um deles, e nem Mary Pat podia mudar o passado.

— Eles pelo menos sabem o que está acontecendo?

Era uma pergunta astuta, pensou a vice-diretora de Operações, e outra alfinetada.

— Não sabemos — admitiu a Sra. Foley. — Há muito tempo que não se comunicam conosco. Ou não sabem ou estão em dificuldades.

O que era outra forma de dizer que tinham sido presos.

— Outras divisões?

— Jack, fomos apanhados com as calças na mão. — Apesar de tudo, pensou Ryan, ela estava relatando os fatos com a frieza de um cirurgião. Era lamentável que o Congresso fosse censurá-la sem compaixão pela falha do serviço de inteligência. — Tenho agentes em Seul e Pequim fazendo o possível, mas não espero receber notícias deles tão cedo.

Ryan estava examinando os bilhetes.

— Tenho um aqui, datado de uma hora atrás, de Golovko...

— Ligue para o filho da mãe — disse Mary Pat, sem pestanejar. — E depois me conte o que ele disse.

— Vou fazer isso. — Jack sacudiu a cabeça, lembrando-se da conversa que haviam tido em Moscou. — Venha para cá assim que puder. Traga Ed.

— Preciso conversar com vocês pessoalmente.

— Estarei aí em meia hora — disse a Sra. Foley.

Jack espalhou vários fax sobre a mesa e examinou-os rapidamente. A equipe de operações do Pentágono agira mais depressa que os outros órgãos, mas agora a CIA estava tentando alcançá-los, seguida de perto pelo Departamento de Estado. O governo estava acordado — nada como uma agressão para conseguir isso, pensou Jack, cinicamente —, mas as informações eram quase todas repetitivas, diferentes órgãos descobrindo a mesma coisa em diferentes ocasiões e comunicando-a como se fosse novidade.

Examinou novamente os bilhetes, e era evidente que a maioria diria a mesma coisa. Seus olhos detiveram-se no recado do chefe do Serviço de Inteligência Externa da Rússia. Jack pegou o telefone e fez o chamado, imaginando qual dos telefones da mesa de Golovko começaria a tocar. Anotou a

hora em um pedaço de papel. Sabia que a conversa estava sendo gravada, mas queria ter suas próprias anotações.

— Olá, Jack.

— Sua linha particular, Sergey Nikolayevich?

— Tudo por um velho amigo... — O russo fez uma pausa, dando por encerrada a fase de amabilidades. — Acho que você já sabe.

— Sei, sim. — Ryan pensou por um momento antes de continuar. — Fomos apanhados de surpresa — admitiu.

Jack ouviu uma exclamação muito russa de simpatia.

— Nós também. Totalmente. Faz alguma ideia do que os malucos pretendem? — perguntou o chefe do RVS, com uma mistura de mágoa e preocupação.

— Não, não há nada no momento que faça sentido para mim.

E talvez isso fosse o mais preocupante de tudo.

— Quais são seus planos?

— No momento? Não tenho planos — afirmou Ryan. — Tenho uma entrevista marcada com o embaixador japonês para daqui a menos de uma hora.

— Eles já fizeram isso com vocês uma vez — comentou o russo.

— Com vocês também — replicou Ryan, lembrando-se de como começara a guerra russo-japonesa. — Eles são traiçoeiros.

— É verdade, Ryan, eles fizeram isso conosco, também.

E tinha sido por isso, pensou Jack, que Sergey ligara antes, e era por isso que sua voz demonstrava uma preocupação sincera. Não eram apenas as crianças que tinham medo do desconhecido...

— Pode me dizer como pretendem lidar com a crise?

— Ainda não sabemos, Sergey — mentiu Ryan. — Se sua *rezidentura* em Washington está funcionando bem, você sabe que acabo de chegar. Preciso de tempo para me atualizar. Daqui a pouco vou me encontrar com Mary Pat

— Ah! — exclamou o russo do outro lado da linha. Jack estava obviamente mentindo, e Sergey era experiente demais para se deixar enganar. — Você devia ter ativado a operação CARDO mais cedo, meu amigo.

— Esta é uma linha pública, Sergey Nikolayevich.

Era verdade, pelo menos em parte. O telefonema estava chegando até a embaixada americana em Moscou por uma linha secreta, mas dali em diante tinham de usar uma linha comercial, sujeita a uma possível escuta.

— Não precisa se preocupar, Ivan Emmetovich. Lembra-se da conversa que tivemos no meu escritório?

— Oh, sim. Talvez os russos realmente tivessem algum tipo de controle sobre o chefe da contraespionagem japonesa. Nesse caso, Sergey estaria em

condições de saber se o telefonema era seguro ou não. Sendo assim, era provável que tivesse outros trunfos na manga. Estaria oferecendo ajuda? Pense depressa, Jack, disse Ryan para si mesmo. Muito bem, os russos dispõem de outra rede de espionagem...

— Sergey, isto é importante: vocês foram avisados com antecedência?

— Jack, tem a minha palavra de espião — Ryan quase pôde ouvir o sorriso inocente que devia estar sublinhando a resposta — de que acabei de dizer ao meu presidente que fomos todos apanhados de surpresa, e que me sinto envergonhado por não...

Jack parou de prestar atenção. Muito bem. Os russos tinham outra rede de espionagem operando no Japão, mas era provável que não tivessem sido prevenidos. Fato seguinte: a segunda rede estava infiltrada no governo japonês; tinha de estar, pois dispunham de informações da DISP. Entretanto, CARDO era uma rede de espionagem comercial, sempre fora, e Sergey acabara de lhe dizer que os Estados Unidos deveriam tê-la ativado mais cedo.

A novidade distraiu Jack de uma implicação mais sutil da admissão de culpa por parte de Moscou.

— Sergey Nikolayevich, tenho muita coisa para fazer aqui. Está querendo propor algo. O que é?

— Quero propor uma cooperação entre nós. Estou autorizado pelo presidente Grushavoy.

Jack observou que ele não se referira a uma cooperação total, mas mesmo assim a proposta era surpreendente.

Nunca, jamais, a não ser em filmes de terceira, a KGB e a CIA haviam colaborado em algo realmente importante. Claro que o mundo mudara, mas a KGB, mesmo em sua nova encarnação, ainda tentava se infiltrar nas instituições americanas, e com relativo sucesso. Por isso não se podia confiar neles. Mesmo assim, acabara de ouvir uma proposta de cooperação. Por quê? Os russos estão com medo. Medo de quê?

— Vou transmitir sua proposta ao presidente, depois de conversar com Mary Pat.

Ryan ainda não sabia exatamente de que forma apresentaria a proposta.

Golovko, porém, sabia o valor daquilo que acabara de oferecer ao americano. Não era preciso muita perspicácia para imaginar qual seria a resposta. Mais uma vez, Ryan quase pôde ouvir o sorriso do outro lado da linha.

— Se Foleyeva não concordar, ficarei muito surpreso. Pretendo permanecer no escritório mais algumas horas.

— Eu também. Obrigado, Sergey.

— Tenha um bom-dia, Dr. Ryan.

— Foi uma proposta interessante — comentou Robby Jackson, da porta. — Parece que você também teve uma noite agitada.

— Além de tudo, estava viajando de avião. Quer café? — perguntou Ryan.

O almirante sacudiu a cabeça. — Mais uma xícara e farei um furo no estômago.

Entrou no escritório e sentou-se.

— As coisas vão mal?

— Cada vez pior. Ainda estamos tentando descobrir quantos soldados nossos estão no Japão... havia alguns em trânsito. Faz uma hora, um C-141 pousou em Yakota e logo depois saiu do ar. A maldita aeronave foi direto para lá — afirmou Robby. — Talvez tenha sido um problema com o rádio, porém o mais provável é que não tivessem combustível suficiente para seguir viagem. Havia quatro tripulantes a bordo, ou cinco... não me lembro mais. O Departamento de Estado está fazendo um levantamento dos homens de negócios. Deve conseguir um número aproximado nas próximas horas, mas precisamos pensar também nos turistas.

— Reféns — observou Ryan, com a testa franzida.

O almirante assentiu. — Dez mil, no mínimo.

— E os dois submarinos? Jackson sacudiu a cabeça.

— Perda total. Sem sobreviventes. O Stennis recolheu de volta sua aeronave e está se dirigindo para Pearl a uma velocidade de quinze nós. O Enterprise está tentando se virar com um único eixo, e está sendo rebocado, mas provavelmente não conseguirá passar de seis nós. Talvez nem isso, se os danos na casa de máquinas foram tão extensos quanto o comandante relatou. Mandaram para lá um barco de salvamento para ajudar. Enviamos alguns P-3 a Midway para fazer patrulhas antissubmarino. Se eu fosse eles, trataria de acabar o serviço já. O Johnnie Reb está relativamente seguro, mas o Enterprise pode ser um alvo fácil. O CINCPAC está preocupado. Não amedrontamos mais ninguém, Jack.

— E Guam?

— Perdemos todas as comunicações com as Marianas, com uma única exceção. — Jackson contou a respeito dos telefonemas de Oreza. — De acordo com as informações que ele nos passou, a situação é preocupante.

— Alguma recomendação?

— Temos algumas ideias, mas, para começar, precisamos saber se o presidente quer que façamos alguma coisa. Ele quer? — perguntou Robby.

— Daqui a pouco vamos nos encontrar com o embaixador japonês.

— Isso é ótimo. Não respondeu à minha pergunta, Dr. Ryan.

— Ainda não conheço a resposta.

— Isso é muito animador.

Para o comandante Bud Sanchez, foi uma experiência diferente. Entretanto, não achou tão difícil assim pousar com o S-3 Viking no porta-aviões avariado. O “Hoover” era uma aeronave fácil de manobrar, e felizmente um vento de vinte nós estava soprando na ocasião. Agora todos os aviões encontravam-se a bordo e podiam começar a fugir.

Fugir. Em vez de entrar na briga, como sempre fora a política da Marinha dos Estados Unidos, arrastar-se de volta a Pearl. As cinco esquadrilhas de caças e aviões de ataque do John Stennis estavam todas ali, estacionadas no convés de voo, prontas para qualquer operação de combate, mas incapazes de decolar, a não ser em caso de absoluta necessidade. Era uma questão de vento e de peso. Os porta-aviões navegavam contra o vento no momento de lançar e recuperar aeronaves e usavam os motores mais possantes de toda a Marinha justamente para conseguir a maior velocidade do ar possível acima do convés. O ar em movimento aumentava a sustentação das aeronaves durante a decolagem, facilitando a tarefa das catapultas a vapor usadas para lançá-las. A capacidade das aeronaves de decolar dependia diretamente da velocidade do ar. Mais importante, do ponto de vista tático, era o fato de que quanto maior a velocidade do ar, maior o peso, como combustível e armas, que as aeronaves eram capazes de transportar.

Avariado como estava, o porta-aviões podia lançar aviões, mas sem o combustível necessário para permanecerem no ar por muito tempo ou sobrevoarem o oceano em busca de alvos e sem as armas necessárias para atacarem esses alvos. O comandante achava que poderia usar os caças para defender a belonave de um ataque aéreo até uma distância de cerca de cento e cinquenta quilômetros. Entretanto, não estava sendo atacado no momento, e embora conhecesse a posição das formações japonesas, não seria capaz de alcançá-la com os aviões. Na verdade, isso não fazia muita diferença, pois não tinha ordens para atacar os japoneses.

A noite no mar costuma ser bonita, mas não era o que os tripulantes do Stennis estavam achando no momento. As estrelas e a lua quase cheia refletiam-se na calma superfície do oceano, deixando todos nervosos. Havia luz suficiente para que qualquer um pudesse localizar os navios, com ou sem blackout. As únicas aeronaves em atividade eram os helicópteros antissubmarino, que patrulhavam as águas à frente dos porta-aviões, auxiliados pelos helicópteros de alguns dos navios da escolta do Johnnie Reb. O único consolo era que a baixa velocidade com que a frota estava se deslocando facilitava o trabalho dos sistemas de sonar instalados a bordo dos contratorpedeiros e fragatas, cujas redes

de grande abertura espalhavam-se na esteira dos navios. Não eram muitos; a maioria dos navios da escolta tinha ficado para trás com o Enterprise, envolvendo-o em dois círculos, como os guarda-costas de um chefe de Estado, enquanto um deles, um cruzador da classe Aegis, tentava ajudá-lo com um cabo de reboque, aumentando sua velocidade para seis nós e meio. Mesmo assim, se não soprasse um vento muito forte, nenhum avião poderia decolar do Enterprise.

Não estava descartada a possibilidade de que houvesse submarinos na área, que historicamente eram os maiores inimigos dos porta-aviões. De acordo com Pearl Harbor, não havia nenhum sinal nas proximidades da agora dividida força de combate, mas era fácil dizer isso em uma base de terra. Os operadores de sonar, instados por oficiais nervosos a não perder nenhum detalhe, estavam começando a ver fantasmas: turbulências na água, cardumes de peixe, coisas assim. O estado de nervos da formação ficou claro no modo como uma fragata, oito quilômetros à frente, aumentou de velocidade e deu uma guinada brusca para a esquerda, graças à imaginação excitada de um operador de sonar de terceira classe que poderia ou não ter ouvido o peido de uma baleia. Dois peidos, talvez, pensou o capitão Sanchez.

Um dos seus Seahawk voava a baixa altura, sondando as águas com o sonar.

Dois mil e cem quilômetros até Pearl Harbor, pensou Sanchez. Doze nós.

Levariam quatro dias e meio, o tempo todo sob ameaça de um ataque de submarinos.

A outra pergunta era a seguinte: que gênio achara que retirar-se do Pacífico Ocidental era uma boa ideia? Os Estados Unidos eram ou não uma potência global? Mostrar seu poder para o mundo era importante, não era? Certamente tinha sido, pensou Sanchez, lembrando-se das aulas da Escola de Guerra. Newport fora seu último “passeio” antes de assumir o ponto de comandante do Grupo de Esquadrilhas. A Marinha dos Estados Unidos vinha sendo o fiel da balança havia duas gerações, capaz de intimidar possíveis inimigos pela sua simples existência, simplesmente pelas fotografias publicadas na edição mais recente do Jane’s Fighting Ships. Nunca se sabia onde aqueles navios estavam; aos adversários, restava apenas contar os espaços vazios nas grandes bases navais e dar asas à imaginação. Bem, agora eles não precisariam usar muito a imaginação. As duas maiores docas secas de Pearl Harbor estariam ocupadas por muito tempo, e se as últimas notícias chegadas das Marianas estavam corretas, os Estados Unidos não tinham poder de fogo suficiente para recuperá-las, mesmo que Mike Dubro decidisse agir como a Sétima Cavalaria e voltar para casa correndo.

— Olá, Chris. Obrigado pela presença.

O embaixador chegaria à Casa Branca dentro de alguns minutos. A hora tinha sido mal escolhida, mas, independentemente de quem tomava as decisões em Tóquio certamente não estava preocupado com a conveniência de Nagumo, pensou o funcionário da embaixada. Havia outra razão para que se sentisse constrangido com o encontro. Embora Washington fosse uma cidade acostumada à presença de estrangeiros, a situação mudara, e agora, pela primeira vez, Nagumo era um gaijin.

— Seiji, o que está acontecendo? — perguntou Chris.

Os dois eram sócios do University Club, um estabelecimento de luxo situado ao lado da embaixada da Rússia e que se orgulhava de possuir uma das melhores salas de musculação da cidade, sendo por isso considerado o lugar ideal para uma boa ginástica e uma refeição rápida. Uma empresa japonesa tinha alguns quartos no clube, e embora não pudessem usar aquele local de encontro no futuro, no momento ainda se mostrava relativamente seguro.

— O que contaram a você, Chris?

— Que um dos navios de guerra japoneses sofreu um pequeno acidente.

— Seiji, as coisas já não estavam correndo mal sem esse tipo de falha? O caso dos malditos tanques de gasolina já não era suficiente? Nagumo levou um segundo para responder. De certa forma, era uma boa notícia. A maior parte dos acontecimentos estava sendo mantida em segredo, como ele previra, e o embaixador torcera para que acontecesse. No momento, estava nervoso, mas procurava não demonstrar.

— Chris, não foi nenhum acidente.

— Como assim?

— Na verdade, foi uma espécie de batalha. Meu país sentiu-se ameaçado e tomamos certas medidas defensivas para nos protegermos.

Cook não estava entendendo nada. Embora fizesse parte do quadro de especialistas no Japão do Departamento de Estado, ainda não fora colocado a par da situação e sabia apenas o que ouvira no rádio do carro, o que era muito pouco. Estava além da imaginação de Chris, compreendeu Nagumo, aceitar o fato de que seu país pudesse ser atacado. Afinal, os soviéticos eram coisa do passado, não eram? Seiji Nagumo estava satisfeito. Embora preocupado com os riscos que seu país estava correndo e ignorando as razões para as últimas medidas, era um patriota. Amava a pátria. Também era parte de sua cultura. Tinha ordens e instruções para cumprir. Podia não concordar com elas, mas se sentia como um soldado, de quem se espera apenas obediência. O verdadeiro gaijin não era ele e sim Cook, repetiu para si próprio.

— Chris, nossas nações estão em guerra. Vocês nos forçaram a isso. Sinto

muito.

— Espere um momento. — Chris Cook sacudiu a cabeça, com uma expressão de surpresa no rosto.—Você falou em guerra? Guerra de verdade? Nagumo assentiu e falou em tom sério, pesaroso: — Ocupamos o arquipélago das Marianas. Felizmente, isso foi conseguido sem perda de vidas. O breve encontro entre nossas marinhas pode ter sido um pouco mais grave, mas não muito. No momento, os dois lados estão recuando, o que é um bom sinal.

— Vocês mataram americanos?

— Sim, é pena, mas pode ter havido algumas baixas dos dois lados. — Nagumo fez uma pausa e baixou os olhos, como se não pudesse encarar o amigo. Já vira nele as emoções que esperava. — Por favor, não me culpe por isso, Chris — prosseguiu, em voz baixa, visivelmente emocionado mas tentando controlar-se. — Essas coisas simplesmente aconteceram. Ninguém pediu a minha opinião. Sabe o que eu teria dito. Sabe qual teria sido meu conselho.

Estava sendo sincero, e Cook sabia disso.

— Meu Deus, Seiji, o que podemos fazer? A pergunta era uma manifestação da sua amizade e apoio e, como tal, extremamente previsível. Também previsivelmente, ofereceu a Nagumo a oportunidade esperada.

— Temos de descobrir um meio de manter a situação sob controle. Não quero ver meu país novamente destruído. Precisamos acabar bem rápido com esta loucura. — Esse era o objetivo do seu país e portanto o seu. — Não há lugar no mundo para esta... para esta loucura. Existem cabeças mais frias em meu país. Goto é um idiota. — Pronto... — prosseguiu Nagumo, levantando os braços — está dito. Ele é um idiota. Vamos permitir que nossos países se destruam mutuamente por causa de idiotas? Veja o Congresso de vocês. Veja aquele maluco do Trent com sua Lei de Reforma do Comércio. Veja que tipo de reforma ele conseguiu! — Agora, parecia realmente entusiasmado. Capaz de disfarçar seus sentimentos mais íntimos, como a maioria dos diplomatas, estava descobrindo talentos dramáticos que no caso eram ainda mais eficazes porque realmente acreditava no que dizia. — Chris, se pessoas como nós não mantiverem as coisas sob controle... meu Deus, o que acontecerá? O trabalho de gerações, posto por terra. Seu país e o meu seriamente prejudicados, pessoas mortas, o progresso interrompido, e tudo isso por quê? Porque os idiotas que governam o meu país e o seu não conseguem chegar a um acordo sobre as normas do comércio! Christopher, tem de me ajudar a parar com essa loucura!

Mercenário e traidor ou não, Christopher Cook era um diplomata, e o principal objetivo da sua profissão era evitar a guerra. Tinha de reagir à exortação do colega japonês, como realmente reagiu.

— Será que podemos fazer alguma coisa?

— Chris, sabe que minha posição é na verdade mais importante do que o posto que ocupo oficialmente — observou Nagumo. — Se não fosse assim, como teria podido fazer tudo que fiz por você? Cook fez que sim com a cabeça. Ele já suspeitava disso.

— Tenho amigos influentes em Tóquio, mas preciso de tempo e de espaço para negociar. Com isso, poderei abrandar nossa posição, fornecer material aos adversários políticos de Goto. Precisamos trancafiar esse homem em um asilo de lunáticos... ou acabar com ele de vez. Ele pode destruir o meu país, Chris! Pelo amor de Deus, ajude-me a detê-lo! — exclamou, em tom emocionado.

— Que espera que eu faça, Seiji? Sou apenas assistente do subsecretário de Estado, lembra-se? Um simples índio em uma terra de caciques.

— Você é uma das poucas pessoas do Departamento de Estado que nos conhecem direito. Eles considerarão sua opinião.

Um pouco de lisonja não fazia mal nenhum. Cook fez que sim com a cabeça.

— Farão isso, se tiverem juízo — observou. — Scott Adler me conhece. Ele concordará em conversar comigo a respeito.

— Se me disser exatamente o que o Departamento de Estado deseja, posso passar a Tóquio essa informação. Se tivermos sorte, meus homens no Ministério do Exterior farão a proposta primeiro. Nesse caso, ficará parecendo que as ideias de vocês foram nossas e poderemos acomodar com mais facilidade suas exigências.

A tática que Nagumo estava usando chamava judô, “a arte suave”, que consistia principalmente em usar a força e os movimentos do adversário contra ele próprio. Cook tinha de se sentir envaidecido com a possibilidade de influenciar a política externa do seu país.

O rosto de Cook refletiu novamente uma certa incredulidade.

— Se estamos em guerra, como é que...

— Goto não é totalmente louco. Ele vai manter as embaixadas abertas como uma linha de comunicação. Oferecerá a vocês as Marianas de volta. Duvido que a oferta seja sincera, mas será colocada na mesa das negociações como sinal de boa-fé. Pronto! — exclamou Seiji, em tom compungido. — Traí meu país.

Como planejara.

— O que seu governo aceitaria para interromper as hostilidades?

— Em minha opinião? Total independência da parte norte do arquipélago das Marianas; sua exclusão da comunidade americana. Por razões geográficas e econômicas, essas ilhas de qualquer maneira teriam de ser incluídas na nossa esfera de influência. Parece um reivindicação justa. Na verdade, já possuímos a

maior parte das propriedades — observou Nagumo. — Repare que se trata apenas de um palpite meu, mas com base em informações concretas.

— E Guam?

— Contanto que permaneça desmilitarizada, continuará a ser território americano. Esta é minha opinião. Será necessário algum tempo para que todas as questões sejam resolvidas, mas acho que podemos acabar com essa guerra antes que a situação se agrave.

— E se não concordarmos?

— Nesse caso, muita gente morrerá. Nós dois somos diplomatas, Chris. Nossa missão na vida é evitar a guerra. Se me ajudar, simplesmente descobrindo o que querem de nós, para que eu possa influenciar nossas autoridades no mesmo sentido, eu e você poderemos acabar com essa guerra, Chris. Por favor, quer me ajudar?

— Não vou aceitar dinheiro para fazer isso — declarou Cook, à guisa de resposta.

— Incrível. Afinal, o homem tinha princípios. Felizmente, eles não eram acompanhados de um mínimo de discernimento.

O embaixador japonês chegou, como combinado, na entrada da Ala Leste.

Um funcionário da Casa Branca abriu a porta, e o fuzileiro naval que estava de sentinela bateu continência. O homem entrou sozinho, passou pelos detectores de metais sem incidentes e virou para oeste, atravessando um comprido corredor que incluía, entre outros compartimentos, a entrada para o cinema particular do presidente. Havia retratos de outros presidentes, esculturas de Frederic Remington e outras lembranças da história americana. A caminhada tinha por objetivo dar ao homem uma ideia do tamanho do país onde se encontrava. Um trio de agentes do Serviço Secreto acompanhou-o escada acima até o Andar do Estado, um setor que conhecia bem, e depois mais para oeste até a ala da qual os Estados Unidos eram governados. Os olhares que recebeu não pareciam inamistosos, apenas corretos, mas bem diferentes da cordialidade com que geralmente era recebido naquele lugar. Como toque final, o encontro ocorreu na Sala Roosevelt, onde estava o prêmio Nobel recebido por Theodore por negociar o fim da guerra russo-japonesa.

Se o caminho de entrada fora escolhido com o objetivo de impressioná-lo, pensou o embaixador, o ato final foi contraproducente. Os americanos, como alguns outros povos, eram conhecidos por suas tendências exibicionistas. A Sala do Tratado com os índios, no Velho Edifício de Escritórios do Executivo, que ficava ao lado, fora projetado para impressionar os indígenas. Esta, por outro lado, fazia-o lembrar-se do primeiro grande conflito que seu país tivera de

enfrentar e que promovera o Japão ao grupo das grandes nações por haver derrotado um membro desse clube, a Rússia czarista, um país bem menos poderoso do que aparentava, internamente corrupto, dilacerado por facções rivais, dado a bravatas e bazófias. Na verdade, muito parecido com os Estados Unidos, pensou o embaixador.

Precisava de ideias como aquela para evitar que as pernas tremessem. O presidente Durling estava de pé e apertou-lhe a mão.

— Senhor embaixador, já conhece todos os presentes. Sente-se, por favor.

— Obrigado, senhor presidente, e obrigado por me receber tão rápido.

Esquadrinhou a mesa de conferências, enquanto Durling se sentava na extremidade oposta, e cumprimentou a todos com uma mesura. Brett Hanson, secretário de Estado; Arnold van Damm, chefe de Gabinete; John Ryan, conselheiro de Segurança Nacional. Sabia que o secretário de Defesa também se encontrava no edifício, mas ele não estava presente ao encontro.

Interessante. O embaixador servia havia muitos anos em Washington e conhecia bem os americanos. Estavam todos com raiva. Embora o presidente controlasse admiravelmente bem as emoções, seu olhar, como o dos seguranças que vigiavam as portas, era o de um soldado. A raiva de Hanson era causada pelo orgulho. Ele não podia acreditar que outro país ousasse ameaçar os Estados Unidos; era como uma criança mimada que se aborrecesse ao ser reprovada por um professor justo e escrupuloso. Van Damm era um político e o encarava como um gaijin: um homenzinho engraçado.

Ryan era o que menos demonstrava sua raiva, embora ela estivesse presente, indicada mais pelo modo como segurava a caneta do que pelo olhar fixo daqueles olhos azuis. O embaixador nunca tivera um contato mais íntimo com Ryan; só o conhecia de encontros fortuitos em cerimônias oficiais. O mesmo se podia dizer da maioria dos funcionários da embaixada, e embora seu passado fosse bem conhecido em Washington, Ryan era considerado um especialista em problemas europeus e portanto relativamente ignorante em relação ao Japão. Isso era bom, pensou o embaixador. Se conhecesse mais, poderia ser um inimigo perigoso.

— Senhor embaixador, este encontro foi proposto pelo senhor — disse Hanson. — O que tem a nos dizer?

Ryan suportou como pôde o discurso de abertura. Era longo, ensaiado e previsível, o que qualquer país diria nas circunstâncias, apenas com um pouco de tempero nacional. O Japão não tinha culpa; fora pressionado, tratado como potência de segunda classe, apesar de anos de amizade fiel e produtiva. Eles também lamentavam a situação, e assim por diante. Tudo conversa fiada diplomática. Jack deixou seus olhos fazerem o trabalho, enquanto os ouvidos

ignoravam o ruído.

Muito mais interessante era a postura do presidente. Quando bem recebidos, os diplomatas tendiam a ser exuberantes; quando o clima se mostrara hostil, falavam mecanicamente, como se tivessem vergonha de pronunciar as palavras. Daquela vez, porém, era diferente. O embaixador japonês falava com orgulho do seu país e das medidas tomadas. Não era um tom de desafio, mas também não revelava nenhum embaraço. Até o embaixador alemão que comunicara a Molotov a invasão de Hitler demonstrara um certo constrangimento, lembrou-se Jack.

O presidente manteve-se impassível o tempo todo, deixando Arnie demonstrar sua raiva e Hanson expressar sua indignação. Melhor para ele.

— Senhor embaixador, declarar guerra aos Estados Unidos da América não é um ato trivial — declarou o secretário de Estado, quando o embaixador concluiu o discurso.

O homem nem pestanejou.

— Será uma guerra apenas se não houver outra opção. Não queremos destruir os Estados Unidos, mas precisamos defender nossos interesses a qualquer custo.

Aproveitou a oportunidade para explicar o ponto de vista do seu país com relação às Marianas. Elas já haviam pertencido ao Japão e este se limitara a recuperá-las, de modo a estabelecer um perímetro defensivo. Ponto final.

— Está ciente de que temos poder suficiente para destruir o Japão?

O embaixador fez que sim com a cabeça. — Estou. Nós nos lembramos muito bem de que os Estados Unidos usaram armas nucleares contra nosso país.

A resposta fez Jack arregalar os olhos. Armas nucleares?, escreveu, no bloco de notas.

— Acho que tem mais alguma coisa a dizer a respeito deste assunto — observou Durling, entrando na conversa.

— Senhor presidente... nosso país também dispõe de artefatos nucleares.

— E dos meios para lançá-los? — perguntou Arnie, com um sorriso sarcástico.

Ryan aplaudiu-o em silêncio pela observação. Havia ocasiões em que alguém mais ignorante tinha seu lugar.

— Meu país possui alguns mísseis intercontinentais com ogivas nucleares. A fábrica foi visitada por americanos. Pode verificar com a NASA.

O embaixador leu os nomes e datas em tom impessoal, observando que Ryan tratou de anotá-los, como um bom funcionário. A sala ficou tão silenciosa, que ele podia ouvir o som da caneta no papel. Mais interessantes ainda eram as expressões no rosto dos presentes.

— Está nos ameaçando? — perguntou Durling, muito sério.

O embaixador encarou-o, de uma distância de cinco metros.

— Não, senhor presidente, não estou. Limito-me a expor a situação. Como já disse, haverá uma guerra apenas se os Estados Unidos quiserem. Sim, sabemos que podem nos destruir e que não podemos destruí-los, mas podemos causar prejuízos consideráveis. Mas por que insistir nas hostilidades, senhor presidente? Por causa de umas pobres ilhas que historicamente sempre nos pertenceram? E que há vários anos voltaram a ser japonesas em tudo, exceto no nome?

— E as pessoas que vocês mataram? — perguntou van Damm.

— Lamento sinceramente o que aconteceu e asseguro que as famílias serão indenizadas. Espero que possamos chegar a um acordo satisfatório para ambas as partes. Não pretendemos intervir na embaixada dos Estados Unidos no Japão e esperamos que nos tratem da mesma forma, para mantermos abertas as comunicações entre nossos governos. E tão difícil pensar em nós como iguais? — perguntou.

— Por que sentiram necessidade de nos agredir? Em um único desastre de avião, devido a um erro cometido por americanos da Boeing, morreram mais japoneses do que os americanos que agora perderam a vida no Pacífico. O que fizemos nós? Esbravejamos com vocês? Ameaçamos sua segurança econômica, sua própria sobrevivência como nação? Não, não fizemos nada disso. Chegou a hora de meu país assumir o lugar que lhe cabe no mundo. Os Estados Unidos se retiraram do Pacífico ocidental. Devemos organizar nossas próprias defesas. Para isso, precisamos tomar certas medidas. Como podemos estar certos de que, depois de mutilar nossa nação em termos econômicos, não tentarão destruir-nos com seu poderio militar?

— Jamais faríamos uma coisa dessas! — protestou Hanson.

— E fácil dizer isso, senhor secretário. Já fizeram isso uma vez, e, como o senhor foi o primeiro a apontar, poderiam fazê-lo de novo.

— Não fomos nós que começamos aquela guerra — observou van Damm.

— Não mesmo? — perguntou o embaixador. — Bloqueando nosso petróleo e nosso comércio, colocaram nosso país à beira da falência econômica, e o resultado foi uma guerra. No mês passado, levaram nossa economia ao caos e achavam que não haveria nenhuma reação... porque não tínhamos meios de nos defender. Pois fiquem sabendo que temos esses meios. Talvez agora possamos ser tratados como iguais.

“No que diz respeito ao meu governo, o conflito já terminou. Não vamos mais tomar nenhuma medida contra os Estados Unidos. Os cidadãos americanos são bem-vindos em meu país. Mudaremos nossas práticas comerciais para

adaptá-las à legislação americana. Todo este episódio pode ser apresentado ao público como um acidente lamentável, e podemos chegar a um acordo sobre as Marianas. Estamos prontos para negociar um acordo que atenda aos interesses dos dois países. Essa é a posição do meu governo.

Ao dizer essas palavras, o embaixador abriu sua pasta e tirou a “nota” que as regras diplomáticas exigiam. Levantou-se e entregou-a ao secretário de Estado.

— Se necessitar da minha presença, estarei a seu dispor. Tenham todos um bom dia. Dirigiu-se para a porta, passando pelo conselheiro de Segurança Nacional, que não seguiu o embaixador com os olhos, como os outros.

Ryan não fez absolutamente nada. Isso poderia ter sido estranho em um japonês, mas não em um americano. Ele simplesmente não tinha nada a dizer. Afinal, sua especialidade era a Europa, não era? A porta fechou-se, e Ryan esperou mais alguns segundos antes de falar.

— Interessante, não acham? — comentou, olhando para as anotações que fizera. — Ele só nos disse uma coisa importante.

— Como assim? — perguntou Hanson.

— Que eles dispõem de armas nucleares e foguetes para lançá-las. O restante foi conversa fiada. Ainda não sabemos o que eles realmente pretendem.

25
TODOS OS CAVALOS DO REI

A notícia ainda não chegara aos jornais, mas isso não demoraria. O FBI já estava à procura de Chuck Searls. Sabiam que não seria fácil; na verdade, tudo que poderiam fazer, com base no que já sabiam, seria interrogá-lo. Os seis programadores que tinham trabalhado em maior ou menor grau com o programa Electra-Clerk 2.4.0 tinham sido todos consultados, e todos negavam qualquer conhecimento do que chamavam de “Ovo da Páscoa”, sempre com uma mistura de indignação pelo que alguém fizera e admiração pelo método usado para conseguir seu objetivo. Eram apenas três linhas de código, em locais distintos do programa, e os seis juntos tinham levado vinte e sete horas de trabalho para encontrá-las. Em seguida, vinham as más notícias: todos os seis, mais o próprio Searls, tinham tido acesso ao programa completo. Eles eram, afinal, os programadores mais antigos da firma e tinham pleno acesso ao programa até o momento em que este deixara o escritório em um disco de torradeira. Além disso, embora houvesse registros de acesso, não seria difícil para qualquer deles apagar esses registros ou misturá-los com outros do mesmo tipo. Na verdade, o Ovo da Páscoa era tão sutil que podia ter sido instalado muitos meses antes que o programa fosse concluído. Finalmente, como um deles admitiu com toda a franqueza, qualquer um poderia ser o culpado. Era impossível encontrar impressões digitais em programas de computador. O mais importante de tudo, porém, pelo menos no momento, era que não havia como desfazer o problema causado pelo Electra-Clerk 2.4.0.

O problema era suficientemente sério para os agentes do FBI encarregados do caso comentarem, brincando, que o fato de as janelas dos edifícios de escritórios da Wall Street não poderem ser abertas provavelmente tinha salvado milhares de vidas. A última venda de ações fora registrada às 12:00:00. A partir de 12:00:01, todos os registros estavam ilegíveis. Centenas de bilhões de dólares em transações tinham desaparecido, irremediavelmente apagados das fitas da Depository Trust Company.

O mundo ainda não sabia do acontecido. O desastre estava sendo mantido em segredo, uma tática sugerida pela cúpula da DTC e aprovada pelas diretorias da Securities and Exchange Commission e da Bolsa de Valores de Nova York. Eles tinham explicado ao FBI o motivo para isso.

Além de todo o dinheiro perdido em um colapso como o que ocorrera na sexta-feira, uma quantidade muito grande de dinheiro fora investida em opções no mercado futuro, uma forma de investimento que permitia obter lucros com o mercado em baixa. Além disso, cada corretora mantinha um registro particular das transações, e portanto, teoricamente, era possível reconstituir as informações que tinham sido apagadas pelo Ovo da Páscoa.

Entretanto, se o desastre ocorrido na DTC fosse divulgado, era possível que corretores desonestos ou simplesmente desesperados falsificassem seus próprios registros. Isso era improvável no caso das corretoras maiores, mas praticamente inevitável no caso das pequenas, e manipulações desse tipo seriam praticamente impossíveis de provar; seria o caso clássico da palavra de um homem contra a de outro, o pior tipo possível de pendência judicial.

Mesmo as corretoras mais tradicionais tinham seus patifes, reais ou em potencial. Havia simplesmente dinheiro demais envolvido; para complicar ainda mais a situação, as corretoras tinham a obrigação de proteger o dinheiro dos clientes.

Por esse motivo, mais de duzentos agentes tinham visitado as casas e escritórios dos executivos de primeiro escalão de todas as corretoras em um raio de duzentos quilômetros da cidade de Nova York. Isso foi mais fácil do que a maioria pensava, mais muitos executivos estavam usando o fim de semana para tentar pôr o trabalho em dia, e quase todos se mostraram dispostos a cooperar, fornecendo seus registros computadorizados. Foi calculado que 80% das transações ocorridas depois do meio-dia de sexta-feira já estavam de posse das autoridades federais. Essa foi a parte fácil. A parte difícil, como os agentes tinham acabado de descobrir, seria analisar essas informações, associar a transação realizada por uma corretora à transação correspondente de outra corretora. Por ironia, um programador da empresa de Searls tinha, por conta própria, especificado os requisitos mínimos para a tarefa: uma estação de trabalho para cada conjunto de registros, todas ligadas a um computador de grande porte com a capacidade de um Cray Y-MP (havia um na CIA e três na NASA, de acordo com o programador), e um programa muito esperto, feito especialmente para a ocasião. Havia milhares de corretoras, algumas das quais tinham executado milhões de transações. As permutações, como ele dissera aos dois agentes que conseguiram acompanhar seu discurso acelerado, eram provavelmente da ordem de dez elevado à décima sexta potência... talvez à décima oitava.

O último número, como teve de explicar, equivalia a um milhão ao cubo, ou seja, um milhão multiplicado por um milhão multiplicado por um milhão. Era um número muito grande. Ah, mais uma coisa: era melhor eles se certificarem

de que dispunham dos registros de todas as transações ou todo o esforço poderia dar em nada. Tempo necessário para reconstituir todas as transações? O programador recusara-se a fornecer até mesmo uma estimativa, o que deixou os agentes muito frustrados, porque agora teriam de voltar ao escritório no Javits Federal Office Building e explicar tudo aquilo ao chefe, que se recusava a usar o computador do escritório até mesmo para escrever cartas. A expressão Missão Impossível veio várias vezes à sua mente durante a viagem de volta.

Entretanto, teria de ser feito. Afinal, não era apenas uma questão de ações trocando de mãos. Cada transação também tinha um valor monetário, dinheiro de verdade que mudara de dono, passando de uma conta para outra; embora eletrônico, esse fluxo de dinheiro tinha de ser equilibrado.

Até que todas as transações fossem reconstituídas, a quantidade de dinheiro nas contas das corretoras, das instituições financeiras, dos bancos e mesmo dos cidadãos americanos, mesmo aqueles que não especulavam na bolsa, permaneceria desconhecida. Além de paralisar Wall Street, o incidente congelara todo o sistema bancário do país, uma conclusão a que os especialistas haviam chegado mais ou menos na mesma hora em que o Força Aérea Um estava pousando na Base Aérea de Andrews.

— Que merda! — exclamou o vice-diretor em Exercício da Divisão de Nova York do FBI.

Estava sendo mais prolixo do que os investigadores de outros órgãos federais que usavam seu escritório, no canto noroeste do prédio, como sala de conferências. Os outros se limitaram a olhar para o carpete barato e engolir em seco.

A situação só podia piorar e foi realmente o que aconteceu. Um dos empregados da DTC contou o caso a um vizinho, um advogado, que contou a um conhecido, um repórter, que deu alguns telefonemas e rascunhou uma reportagem para o New York Times. O jornal ligou para o secretário do Tesouro que, recém-chegado de Moscou e ainda desconhecendo a gravidade da situação, recusou-se a comentar o assunto mas se esqueceu de pedir ao Times que se abstivesse de publicar a notícia. Antes que pudesse corrigir a omissão, a reportagem foi para as bancas.

Bosley Fiedler, o secretário do Tesouro, atravessou praticamente correndo o túnel que ligava o Edifício do Tesouro à Casa Branca. Como não estava acostumado a exercícios físicos, respirava com dificuldade quando chegou à Sala Roosevelt, logo depois da saída do embaixador japonês.

— O que foi, Buzz? — perguntou o presidente Durling.

Depois de recuperar o fôlego, Fiedler resumiu em cinco minutos o que acabara de descobrir através de uma teleconferência com Nova York.

— Não podemos deixar as bolsas abrirem — concluiu. — Ou melhor: elas não podem abrir. Ninguém pode fazer negócios. Ninguém sabe quanto dinheiro possui. Ninguém sabe quem é dono de quê. E os bancos...

— Presidente, estamos com um problema de grandes proporções. Nunca aconteceu nada parecido.

— Buzz, não é só o dinheiro, é? — perguntou Arnie van Damm, imaginando por que tinha de acontecer tudo aquilo em apenas um dia depois de alguns meses relativamente calmos.

— Não, não é só o dinheiro. — Todos olharam para Ryan, que se encarregara de responder à pergunta. — Trata-se também de uma questão de confiança. Buzz escreveu um livro a respeito disso quando eu estava trabalhando para a Merrill Lynch.

Talvez uma referência amigável acalmasse um pouco o homem, pensou.

— Obrigado, Jack — disse Fiedler, sentando-se e bebendo um gole d'água. — Vamos tomar como exemplo a crise de 1929. O que realmente foi perdido? A resposta, em termos monetários, é a seguinte: nada se perdeu.

Muitos investidores perderam tudo que tinham, mas o que as pessoas não compreendem é que o dinheiro que perderam foi o que já tinham entregado a outras pessoas.

— Não estou entendendo — protestou Arnie.

— A maioria não entende. É uma dessas coisas que são simples demais para serem compreendidas. No mercado financeiro, as pessoas esperam complexidade, esquecendo-se de que a floresta é feita de árvores. Todos os investidores que perderam dinheiro tinham dado esse dinheiro a alguém, recebendo ações em troca. Em outras palavras, trocaram o dinheiro por uma mercadoria do mesmo valor, mas o valor dessa mercadoria desabou, e por isso a bolsa entrou em crise. Entretanto, o primeiro sujeito, aquele que recebeu o dinheiro e forneceu as ações antes da crise, ele não perdeu nada, perdeu? A verdade é que a quantidade de dinheiro circulante na economia permaneceu exatamente a mesma depois da crise de 1929.

— O dinheiro não evapora, Arnie — explicou Ryan. — Apenas é transferido de um lugar para outro.

Pela cara de van Damm, porém, era evidente que ele ainda não compreendera.

— Nesse caso, então, o que foi a Grande Depressão?

— Uma crise de confiança — respondeu Fiedler. — Em 1929, um grande número de pessoas realmente perdeu tudo que tinha na Bolsa por causa do mercado de opções. Eles compraram ações desembolsando uma quantia menor do que o valor da transação. Quando tiveram de vender essas ações, elas estavam

valendo muito menos, e o dinheiro não foi suficiente para pagar as dívidas. Os bancos e outras instituições foram os maiores prejudicados, porque tiveram de cobrir as diferenças. No final, havia milhares de pequenos investidores no vermelho, e os bancos tinham ficado descapitalizados. Quando isso acontece, os negócios param. As pessoas têm medo de arriscar o pouco que sobrou. Os felizardos que saíram a tempo e não tiveram nenhum prejuízo observam o que está acontecendo e também não fazem nada; limitam-se a esperar que a situação se acalme. E aí que está o problema, Arnie.

"O que faz uma economia funcionar não é o dinheiro, mas o uso do dinheiro, as transações que acontecem todo dia, do garoto que corta a grama do seu jardim por um dólar à venda de uma grande empresa. Quando isso para, tudo para.

Ryan fez que sim com a cabeça em sinal de aprovação. Fiedler estava sendo muito didático.

— Ainda não sei se entendi — comentou o chefe de gabinete.

Até o momento, o presidente limitara-se a escutar. Está na minha vez, pensou Ryan.

— Nem todas as pessoas entendem — afirmou. — Como disse Buzz, é simples demais. Os leigos prestam mais atenção nos sinais de atividade, mas o verdadeiro perigo está na inatividade. Se resolvo ficar parado e não fazer nada, meu dinheiro não circula. Não compro nada, e as pessoas que fabricam o que eu teria comprado perdem o emprego. Para elas, é algo trágico. Os vizinhos ficam tão assustados que também param de comprar e começam a economizar cada centavo. Afinal, quem garante que não serão os próximos a ser demitidos? A coisa cresce como uma bola de neve. Estamos com um problema dos grandes, senhores — concluiu Jack. — Segunda-feira de manhã, os banqueiros descobrirão que não sabem de quanto dinheiro dispõem. A crise do setor bancário só começou em 1932, anos depois que a Bolsa entrou em colapso. Desta vez, o efeito será imediato.

— Então é mesmo sério? — perguntou o presidente.

— Não sei — respondeu Fiedler. — Nunca aconteceu antes.

— "Não sei" não é resposta, Buzz — insistiu Durling.

— Prefere que eu minta? — perguntou o secretário do Tesouro. — Precisamos do chairman do Fed aqui conosco. Teremos de enfrentar uma série de problemas. O maior deles parece ser uma crise de liquidez de proporções nunca vistas.

— Para não falar da guerra com o Japão — lembrou Ryan.

— Qual dos dois problemas é mais grave? — quis saber o presidente Durling.

Ryan pensou por um momento.

— Em termos de prejuízos reais para nosso país? Dois dos nossos submarinos foram afundados e duzentos e cinquenta tripulantes morreram. Dois porta-aviões foram avariados, mas podem ser consertados. As Marianas estão ocupadas pelos japoneses. Todos esses são fatos desagradáveis — afirmou Jack, com voz pausada, pensando enquanto falava. — Entretanto, não afetam profundamente a segurança nacional, porque não abalam a força do nosso país. Os Estados Unidos são uma ideia compartilhada por muitos. Somos pessoas que pensam de uma certa forma, que acreditam que podem fazer as coisas de uma certa forma. Todo o restante é consequência. Nossa força está na confiança, está no otimismo. Sem isso, seríamos como qualquer outra nação. Para responder à sua pergunta, presidente, o problema econômico é muito mais sério do que tudo que os japoneses fizeram.

— Você me surpreende, Jack — observou Durling.

— Presidente, como disse Buzz, prefere que eu minta?

— Qual é o problema, afinal? — perguntou Ron Jones.

O sol já nascera, e o USS Pasadena estava bem visível, ainda amarrado no cais, o pavilhão nacional pendendo melancolicamente no ar parado. Um navio de guerra da Marinha dos Estados Unidos ali parado, mesmo depois de o filho do seu mentor morrer nas mãos do inimigo. O que esperavam?

— Ele ainda não recebeu ordens para partir — explicou Mancuso —, porque não recebi nenhuma ordem, porque o CINCPAC não recebeu nenhuma ordem, porque o presidente não deu nenhuma ordem.

— Ele está acordado?

— O secretário de Defesa deve estar na Casa Branca neste momento.

— Provavelmente já colocou o presidente a par do que aconteceu — afirmou o ComSubPac.

— Mas ele não fez nada — observou Jones.

— Ele é o presidente, Ron. Temos de obedecer.

— Como meu pai obedeceu quando Johnson o mandou para o Vietnã — comentou Jones, voltando-se para observar o mapa na parede. No final do dia, os navios japoneses estariam fora do alcance dos porta-aviões, que de qualquer maneira não se encontravam em condições de lançar nenhuma aeronave. O USS Gar dera por encerrada a busca de sobreviventes, supostamente para não se expor a um possível ataque por parte de submarinos japoneses, mas a impressão que deixara era de que fora afugentado por um cutter da Guarda Costeira. As informações de que dispunham tinham sido obtidas através de satélites, porque os almirantes não achavam prudente enviar nem mesmo um P-3C para

acompanhar a força de superfície, que dizer de rastrear os submarinos.

— O primeiro a sair da briga, heim? Mancuso resolveu não se aborrecer daquela vez. Era um oficial superior, pago para pensar como um estrategista.

— Uma coisa de cada vez. Nossos bens mais preciosos em risco no momento são aqueles dois porta-aviões. Temos de trazê-los de volta e consertá-los. Encarreguei Wally de planejar as operações. Temos de conseguir informações, analisá-las e decidir o que fazer.

— E depois pedir permissão ao homem? Mancuso fez que sim com a cabeça. — É assim que o sistema funciona.

— Formidável.

O amanhecer foi muito agradável. Sentado no convés superior do 747, em um assento do lado esquerdo, perto da janela, Yamata apreciava a vista, ignorando o burburinho da conversa. Dormira muito pouco nos últimos três dias e sentia pulsar nas veias a emoção do poder e da vitória. Aquele era o último voo programado. Os passageiros eram quase todos militares com funções administrativas, além de alguns engenheiros e civis que ajudariam a implantar o novo governo. Naturalmente, todos os habitantes de Saipan teriam direito de votar, e as eleições seriam submetidas a fiscalização internacional, o que era uma necessidade política. Havia cerca de vinte e nove mil locais, isso sem contar os japoneses, muitos dos quais agora eram donos de terras, hotéis e pequenos negócios. O número também não incluía os soldados e os hóspedes dos hotéis. Os hotéis (os maiores pertenciam a japoneses, é claro) seriam considerados condomínios e os hóspedes, residentes. Como cidadãos japoneses, todos teriam direito a voto.

Os soldados também eram cidadãos; como seu domicílio era indeterminado, também seriam considerados residentes. Entre soldados e civis, havia trinta e um mil japoneses na ilha, e quando chegasse o dia das eleições, bem, eles fariam questão de exercer seus direitos cívicos, certo? A fiscalização internacional que se dane, pensou, olhando pela janela na direção do nascente.

Foi especialmente agradável observar de uma altura de onze mil metros a primeira luminosidade difusa no horizonte, que parecia um enfeite para um buquê de estrelas ainda visíveis. A claridade aumentou e se expandiu, passando do roxo para o vermelho, cor-de-rosa, laranja, e logo apareceu a primeira fimbria do sol, ainda invisível da superfície escura do mar, como se o alvorecer fosse apenas para ele, pensou Yamata, muito antes que os outros homens lá embaixo pudessem apreciá-lo. A aeronave fez uma curva suave para a direita e começou a descida no momento certo para manter o sol exatamente na mesma posição, apenas aquela réstia prateada, preservando o momento mágico por alguns

minutos. A beleza do espetáculo deixou Yamata à beira das lágrimas. Ainda se lembrava muito bem dos pais e da casa modesta onde viviam em Saipan. O pai fora um pequeno comerciante, não especialmente próspero, que vivia da venda de quinquilharias aos soldados que guarneciam a ilha. Era sempre educado com os militares, recordou Raizo, sorrindo para eles, fazendo mesuras, aceitando sem rancor as piadas de mau gosto a respeito da sua perna atrofiada pela poliomielite. Quando criança, o filho sempre achara normal tratar com respeito os homens que portavam armas, que vestiam o uniforme da pátria.

Mais tarde, é claro, mudara de opinião. Eles não passavam de servos. Quer respeitassem ou não a tradição dos samurais (o próprio nome samurai vinha do verbo “servir”, não vinha?), sua missão era defender e proteger os superiores, e eram esses superiores que os contratavam, que os pagavam e lhes diziam o que fazer. Era necessário tratá-los com mais respeito do que realmente mereciam, mas o interessante era que quanto mais subiam na carreira, melhor compreendiam qual era realmente seu lugar.

— Pousaremos em cinco minutos — informou um coronel.

— Dozo.

Yamata agradeceu com um aceno de cabeça e não com uma mesura, porque estava sentado, mas mesmo assim o aceno foi cuidadosamente calculado, do tipo que reconhece o serviço de um inferior, demonstrando educação e superioridade no mesmo gesto elegante. Com o tempo, se aquele coronel fosse competente e conseguisse chegar a general, o gesto mudaria, e se ele subisse mais ainda, então um dia, se tivesse muita sorte, Yamata-san poderia chamá-lo pelo nome de batismo, sorrir para ele, contar-lhe uma piada, convidá-lo para um drinque. Então teria oportunidade de descobrir quem era realmente seu superior. O coronel provavelmente aguardava ansiosamente esse dia, pensou Yamata, apertando o cinto e alisando o cabelo.

O comandante Sato estava exausto. Passara um tempo excessivo no ar, não só desrespeitando mas deixando totalmente de lado o regulamento da companhia aérea com relação ao repouso dos tripulantes, mas ele, também, tinha uma missão importante a cumprir. Olhou para a esquerda e viu no céu da manhã as luzes piscantes de dois caças, F-15, provavelmente, um deles talvez pilotado pelo filho, circulando para proteger o solo que pertencia de novo ao seu país. Vá com calma, disse para si próprio. Havia soldados a bordo e eles mereciam o melhor. Com uma das mãos nos aceleradores e outra no manche, guiou o jato de passageiros da Boeing por uma linha invisível no ar em direção a um ponto que seus olhos já haviam escolhido.

Uma palavra ao copiloto, e os grandes flaps foram baixados. Sato puxou o manche para trás, levantando o nariz e deixando a aeronave planar suavemente

até que apenas o chiar dos pneus revelou que haviam tocado o solo.

— Você é um poeta — disse o copiloto, mais uma vez impressionado com a perícia do companheiro.

Sato se permitiu um sorriso enquanto revertia os motores.

— Você se encarrega do restante — disse, enquanto ligava o sistema de som. — Bem-vindos ao Japão — anunciou aos passageiros.

Yamata só não gritou porque a surpresa deixou-o sem fala. Não esperou que o avião parasse para soltar o cinto. A porta para a cabine de controle estava bem ali, e ele tinha de dizer alguma coisa.

— Comandante?

— Sim, Yamata-san?

— Você compreende, não é mesmo?

O outro assentiu como um profissional orgulhoso; naquele momento, o zaibatsu sentiu que estava diante de um igual.

— Hai.

Foi recompensado com uma reverência de admiração. O veterano piloto ficou comovido com o respeito demonstrado por Yamata-san.

O empresário não estava com pressa. Os burocratas e soldados saltaram do avião e entraram nos ônibus que os levariam para o moderno Hotel Nikko Saipan, situado na costa ocidental da ilha, que seria o quartel-general temporário das forças de ocupa... do novo governo, corrigiu-se Yamata.

Foram necessários mais de cinco minutos para que todos desembarcassem.

Logo depois, Yamata se dirigiu para um Toyota Land Cruiser, cujo motorista, dessa vez, era um dos seus empregados que sabia exatamente o que fazer e compreendia que aquele era um momento que o patrão preferia saborear em silêncio.

Yamata mal notou o movimento. Embora fosse o responsável direto por tudo aquilo, o que estava acontecendo era menos importante do que os meses de expectativa. Oh, talvez um breve sorriso ao avistar os veículos militares, mas o cansaço agora era real, e as pálpebras começavam a pesar, a despeito da vontade férrea que procurava manter os olhos bem vivos e abertos. O motorista planejara cuidadosamente o trajeto e conseguiu evitar os maiores congestionamentos. Logo estavam passando pelo Marianas Country Club, e embora fizesse um dia muito bonito, não viram nenhum golfista. Também não viram veículos militares, com exceção de dois caminhões com antenas parabólicas recém-pintados de verde, depois de serem confiscados da NHK, que estavam parados no estacionamento do clube.

Não, não era preciso mexer com o campo de golfe, agora sem dúvida o terreno mais valioso de toda a ilha.

Era bem ali, pensou Yamata, reconhecendo a forma das colinas. A lojinha do pai ficava ao lado da pista de pouso do norte e ainda se lembrava dos caças A6M Tipo Zero, dos aviadores empertigados e dos soldados quase sempre altivos. Logo adiante ficava a usina de processamento de cana de açúcar da Nanyo Kohatsu Kaisha, de onde roubava pedaços de cana para chupar. Como a vida era despreocupada naquela época! Mas estavam chegando ao seu terreno. Yamata voltou ao presente, saltou do carro e caminhou na direção norte.

Era o caminho que o pai, a mãe e os dois irmãos deviam ter tomado; podia ver o pai com os olhos da imaginação, mancando por causa da perna aleijada, lutando por uma dignidade que a doença de infância sempre lhe negara. Teria ajudado os soldados naqueles últimos dias, oferecendo-lhes qualquer coisa que pudesse ser útil? Será que naqueles últimos dias os soldados tinham deixado de lado as brincadeiras grosseiras e lhe agradecido com a sinceridade de homens para os quais a morte parecia próxima? Yamata preferia acreditar que a resposta para as duas perguntas fosse afirmativa.

Eles deviam ter chegado até aquela ravina, a retirada em direção à morte protegida pela última ação de retaguarda de soldados em seu último momento de perfeição.

O local era chamado de pedra Banzai pelos locais, pedra do Suicídio pelos menos racistas. Yamata cuidaria para que o pessoal de relações públicas escolhesse um nome mais respeitável. A resistência organizada cessara no dia 9 de julho de 1944, o dia em que a ilha de Saipan foi considerada “segura” pelos americanos.

Eram na verdade dois rochedos curvos, que ofereciam ao mar as faces convexas; o topo do mais alto ficava duzentos e quarenta metros acima da superfície do mar. Havia figuras de mármore para marcar o lugar, esculpidas fazia alguns anos por estudantes japoneses, que mostravam crianças de joelhos, como se estivessem rezando. Devia ser ali onde eles se aproximaram da borda, de mãos dadas. Ainda se lembrava das mãos fortes do pai. Será que o irmão e a irmã tinham sentido muito medo? Provavelmente estavam mais desnorteados do que assustados, pensou, depois de vinte e um dias de barulho, horror e caos. A mãe provavelmente olhara para o pai. Uma mulher pequena, roliça, muito viva, cujo riso musical tornou a soar nos ouvidos do filho. Os soldados às vezes eram ásperos com o pai, mas nunca com ela. E nunca com as crianças. O último serviço que os soldados haviam prestado fora manter os americanos a distância naquele último momento, quando saltaram do rochedo. De mãos dadas, imaginou Yamata, segurando as crianças em um abraço final, recusando-se orgulhosamente a aceitar o cativeiro nas mãos dos bárbaros, deixando órfão seu outro filho. Yamata podia fechar os olhos e enxergar a cena; pela primeira vez, a

memória e a visão imaginária fizeram seu corpo estremecer de emoção. Nas outras vezes que estivera ali, jamais se permitira outro sentimento além do ódio. Agora, porém, podia dar vazão às emoções e chorar de orgulho, pois pagara a dívida de honra para com aqueles que lhe haviam dado a vida e a dívida de honra para com aqueles que os haviam condenado à morte. Estava quites com todos.

O motorista observava a cena sem conhecer bem o passado de Yamata mas compreendendo o que sentia, porque ouvira falar daquela pedra; a visão de um homem de sessenta e tantos anos batendo palmas para chamar os parentes adormecidos lhe trouxe lágrimas aos olhos. De uma distância de cem metros, viu o corpo do empresário ser sacudido por soluços. Depois de algum tempo, Yamata deitou-se de lado, ainda de terno e gravata, e adormeceu. Talvez sonhasse com eles. Talvez os espíritos dos parentes viessem visitá-lo no sonho e lhe dissessem as coisas que precisava ouvir.

Mas a verdadeira surpresa, pensou o motorista, era que o velho filho da puta tinha uma alma, afinal. Talvez tivesse julgado mal o patrão.

— Isso é que é organização — murmurou Oreza consigo mesmo, observando a cena através de um binóculo, o barato, que guardava em casa.

Da janela da sala de estar era possível divisar os dois aeroportos, e a janela da cozinha oferecia uma boa visão do porto. O Orchid Ace já partira havia muito tempo; outro navio de transporte de carros, o Century Highway No. 5, tomara seu lugar no cais e estava desembarcando jipes e caminhões.

Portuga estava exausto, depois de passar a noite toda acordado. Estava havia vinte e sete horas sem dormir, sendo que algumas dessas horas tinham sido passadas no oceano, a oeste da ilha. Já estava velho demais para tanta atividade, pensou o primeiro-sargento. Burroughs, mais moço e mais instruído, deitara-se no tapete da sala e estava roncando havia muito tempo.

Oreza sentiu vontade de fumar um cigarro pela primeira vez em muitos anos. Eram bons para manter as pessoas acordadas. Eram necessários em situações como aquela. Eram o complemento perfeito para os soldados... pelos menos, era o que proclamavam os filmes da Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, aquilo não era a Segunda Guerra Mundial e ele não era um soldado. Em mais de trinta anos de serviço na Guarda Costeira dos Estados Unidos, jamais disparara um tiro, mesmo quando estivera no Vietnã.

Sempre havia outros para fazer esse serviço. Nem mesmo sabia como lutar.

— Ficou a noite toda acordado? — perguntou Isabel, vestida para trabalhar. Era segunda-feira daquele lado da Linha Internacional de Mudança de Data, um dia útil. Olhou para baixo e reparou que o bloco de anotações ao lado do telefone estava cheio de rabiscos e números. — Fez alguma diferença?

— Não sei, Bebei.

— Querem comer alguma coisa?

— Boa ideia — disse Pete Burroughs, entrando na cozinha com cara de sono. — Acho que apaguei por volta das três. — Ficou pensativo por um momento. — Estou me sentindo... péssimo — concluiu, respeitando a senhora presente.

— Bem, tenho de estar no trabalho daqui a cerca de uma hora, — observou a Sra. Oreza, abrindo a geladeira.

O café da manhã do casal consistia em cereais frios e leite desnatado, observou Burroughs, junto com uma torrada feita de pão integral. Bastava acrescentar alguma fruta, pensou, e seria como se estivesse de volta a San Jose. Já sentia o cheiro do café. Pegou uma xícara e se serviu.

— Este café está delicioso.

Foi o Oreza que fez — afirmou Isabel.

Oreza sorriu pela primeira vez em muitas horas.

— Aprendi com meu primeiro chefe. A mistura certa, as proporções certas, e uma pitada de sal.

Provavelmente à sombra da lua e depois de sacrificar uma cabra, pensou Burroughs. Se fosse esse o caso, a cabra morrera por uma causa justa. Bebeu um gole e aproximou-se para examinar as anotações de Oreza.

— Tudo isso?

— E calculei por baixo. São duas horas de voo daqui até o Japão, ou seja, a viagem de ida e volta leva umas quatro horas. Sejamos exagerados e imaginemos que passem noventa minutos no solo em cada extremidade do percurso. Nesse caso, temos um ciclo de sete horas. Três viagens e meia por aeroplano por dia. Cada voo leva trezentos, talvez trezentos e cinquenta soldados. Isso quer dizer que cada avião traz mil homens por dia. Quinze aviões operando durante um dia podem trazer uma divisão inteira. Não acha que os japoneses dispõem de mais de quinze 747? — perguntou Portuga.

— Como eu disse, calculei por baixo. Agora eles só têm de trazer os veículos e suprimentos.

— De quantos navios precisam para isso? Oreza franziu a testa.

— Não tenho certeza. Durante a guerra do Golfo... estive lá, fazendo a segurança do porto... droga. Depende do tipo de navio. Vou calcular por baixo de novo. Vinte navios dos grandes só para trazer os veículos. Caminhões, jipes, máquinas estranhas de que você nunca ouviu falar. Vão precisar também de combustível. Esta ilha não é autossuficiente em matéria de comida; a maior parte dos alimentos vem de fora, e a população local acaba de duplicar. Água, por outro lado, não deve ser problema. — Oreza baixou os olhos e fez uma anotação.

— Seja como for, eles vieram para ficar. Isso é evidente — afirmou, dirigindo-se para a mesa e para o cereal, morrendo de saudade dos três ovos fritos, bacon, torrada de pão branco com manteiga e todo o colesterol associado. Malditos cinquenta anos!

— E eu? — perguntou o engenheiro. — Já vi você se fazer passar por local. Não posso fazer a mesma coisa.

— Pete, você contratou meus serviços, certo? Sou responsável pela sua segurança. E a lei do mar.

— Não estamos mais no mar — protestou Burroughs.

Oreza pareceu irritado com a observação.

— A advogada é a minha filha. Procuro manter as coisas simples. Coma seu desjejum. Preciso dormir um pouco, e você terá de me substituir no turno da manhã.

— E eu? — quis saber a Sra. Oreza.

— Se você não aparecer no trabalho...

—... alguém vai querer saber por quê.

— Também precisamos descobrir se eles disseram a verdade a respeito dos guardas feridos — acrescentou o marido. — Passei a noite acordado, Bebei, e não ouvi um único tiro. Todos os cruzamentos parecem estar vigiados, mas eles não estão fazendo nada contra ninguém. — Fez uma pausa. — O que não quer dizer que esteja conformado, meu bem. De uma forma ou de outra, teremos de agir.

— Você fez isso, Ed? — perguntou Durling abruptamente, olhando o vice-presidente nos olhos.

Estava furioso porque o homem o forçara a lidar com mais um problema quando tantas crises exigiam sua atenção naquele momento. Entretanto, o artigo do Post não lhe deixava escolha.

— Por que está me atirando às feras? Por que ao menos não me avisou do que estavam tramando? O presidente fez um gesto vago que abarcava toda a Sala Oval.

— Existem coisas que se pode fazer aqui e outras que não se pode. Uma delas é interferir com uma investigação criminal.

— Não me venha com essa! Muita gente já...

— É verdade, e pagaram um preço por isso. — Não é do meu pescoço que estão atrás, pensou Roger Durling. Não vou arriscá-lo para salvar o seu. — Você não respondeu à minha pergunta.

— Escute uma coisa, Roger! — começou Ed Kealty.

O presidente levantou a mão para interrompê-lo.

— Ed, a economia está desmoronando. Marinheiros americanos foram mortos no Pacifico. Não posso perder tempo com este caso. Não posso me desgastar politicamente com este caso. Responda à minha pergunta — insistiu Durling.

O vice-presidente enrubesceu.

— Está certo, eu gosto de mulheres. Nunca escondi isso de ninguém. Minha esposa e eu temos um acordo. Mas eu jamais, JAMAIS molestei, ataquei, estuprei ou possuí alguém contra a vontade em toda a minha vida. Nunca. Não preciso fazer isso.

— E Lisa Beringer? — perguntou Durling, consultando suas anotações.

— Era uma moça muito simpática, muito inteligente, muito sincera, que me pediu para... bem, você já deve ter adivinhado o que ela me pediu. Expliquei que era impossível. Estava me candidatando à reeleição, e além disso era jovem demais para mim. Merecia alguém da sua idade, alguém com quem pudesse se casar e ter filhos. Ela ficou muito frustrada, começou a beber... talvez tenha usado alguma coisa mais forte, mas acho que não. Seja como for, uma noite saiu de carro sozinha e bateu de frente no pilar de uma ponte, Roger. Fui ao enterro. Ainda me dou com os pais dela. Ou por outra, ainda me dava até recentemente — emendou Kealty.

— Ela deixou uma carta.

— Mais de uma — afirmou Kealty, enfiando a mão no bolso do paletó e tirando dois envelopes. — Estou surpreso por ninguém ter reparado na data do envelope que está em poder do FBI. Dez dias antes da sua morte. Esta foi escrita uma semana depois e esta no dia em que morreu. Foram encontradas pelos meus assessores. Imagino que Barbara Linders tenha achado a outra. Nenhuma foi colocada no correio. Acho que vai descobrir algumas diferenças entre as duas. Entre as três, na verdade.

— Barbara Linders afirma que você...

— Que eu a droguei? — Kealty sacudiu a cabeça. — Sabe do meu problema com a bebida, sabia disso quando me convidou para a sua chapa. Sim, fui um alcoólatra, mas larguei a bebida há mais de dois anos. — Kealty deu um sorriso malicioso. — Depois disso, minha vida sexual ficou ainda melhor. Mas vamos falar de Barbara. Ela estava doente naquele dia, muito gripada. Foi à farmácia do Congresso, comprou um remédio e...

— Como sabe disso?

— Talvez eu tenha um diário. Talvez tenha apenas boa memória. De qualquer maneira, sei exatamente em que dia isso aconteceu. Talvez um dos meus assessores tenha consultado os registros da farmácia e o remédio que ela tomou tivesse um aviso no frasco, daqueles que dizem para não beber enquanto

estiver usando estas cápsulas. Eu não poderia saber, Roger. Quando estou resfriado... quero dizer, naquela época, quando estava resfriado, bebia uma dose de conhaque. Que diabo, naquela época eu usava o álcool para muita coisa — admitiu Kealty. — De modo que dei um pouco de conhaque à moça e ela se tornou muito receptiva. Um pouco receptiva demais, suponho, mas eu próprio já bebera umas e outras e achei que estava apenas se rendendo aos meus conhecidos encantos.

— O que está tentando me dizer? Que é inocente?

— Quer que eu admita que sou um promíscuo, que não consigo me conter quando vejo uma mulher bonita? Está certo, admito. Já conversei com padres, com médicos, cheguei a frequentar uma clínica psiquiátrica. Foi difícil evitar que isso chegasse aos ouvidos da imprensa. Finalmente, fui procurar o chefe do departamento de neurociência da Escola de Medicina de Harvard. Ele acha que há uma região do cérebro que regula nossos impulsos. Até o momento, é apenas uma teoria, mas pode muito bem ser verdade. Tem algo a ver com hiperatividade. Fui uma criança hiperativa. Até hoje não durmo mais do que seis horas por noite. Roger, posso ser muita coisa, mas não sou um estuprador.

Ali estava, pensou Durling. Embora não fosse formado em direito, tinha nomeado, consultado e ouvido um número suficiente de advogados para interpretar corretamente as palavras de Kealty. O vice-presidente podia se defender de duas formas: alegando que as provas contra ele eram menos concludentes do que os investigadores imaginavam e que não fora na verdade culpa sua. Imaginou qual das defesas seria verdadeira. Nenhuma das duas? Uma? Ambas? — O que pretende fazer? — perguntou ao vice-presidente, praticamente no mesmo tom que usara algumas horas antes na conversa com o embaixador japonês.

Apesar de tudo, estava disposto a ficar do lado de Kealty. E se o homem estivesse falando a verdade? Como poderia saber? E era isso que os jurados iriam pensar, afinal, se o caso chegasse tão longe; e se os jurados pensariam assim, como se comportariam os membros da Comissão de Justiça? Kealty ainda tinha muitos aliados em Washington.

— Estou começando a desconfiar que ninguém vai imprimir adesivos com os dizeres DURLING/KEALTY no próximo verão, certo? — perguntou o vice-presidente, com um sorriso amargo.

— Não se depender de mim — confirmou o presidente, muito sério.

Não era hora para brincadeiras.

— Não quero prejudicá-lo, Roger. Posso ter feito isso anteontem. Se tivesse me avisado, eu lhe contaria tudo mais cedo, poupando tempo e trabalho a muita gente. Como Barbara, por exemplo. Nunca mais a vi. Sua especialidade era

direitos civis. Tinha uma boa cabeça e um bom coração. Foi só uma vez, entenda. E ela ficou no meu escritório depois que aconteceu—observou Kealty.

— Já falamos sobre isso, Ed. Diga-me o que pretende fazer.

— Caio fora. Renuncio ao cargo. O processo é encerrado.

— Acho que não vai ser suficiente — afirmou Durling, em tom neutro.

— Oh, mas pretendo admitir minhas fraquezas. Pedirei desculpas a você publicamente por qualquer transtorno que possa ter causado com meu comportamento irresponsável. Meus advogados se encontrarão com os advogados das moças e chegarão a um acordo fora dos tribunais. Deixarei a vida pública.

— E se não for suficiente?

— Tem de ser — declarou Kealty, em tom confiante. — Não posso ir a julgamento até que as questões constitucionais sejam resolvidas, o que levará meses, Roger. Até o verão, provavelmente. Talvez o caso se arraste até a data da convenção. Você não pode permitir que isso aconteça. Imagine se a Comissão de Justiça mandar o processo de impeachment para o plenário da Câmara e o plenário da Câmara votar contra o processo ou aprová-lo por uma pequena margem. Nesse caso, o Senado ficará com uma batata quente nas mãos. Faz ideia de quantos senadores me devem algum tipo de favor? — Kealty sacudiu a cabeça. — Por que você correria um risco político tão grande? Além disso, este processo está desviando sua atenção e a do Congresso de outros assuntos mais importantes. Você já tem problemas suficientes para se preocupar. — Kealty levantou-se e dirigiu-se para a porta à direita do presidente, a que combinava perfeitamente com as paredes brancas com frisos dourados. Disse as últimas palavras sem olhar para trás: — Agora, só depende de você.

O presidente Roger Durling estava irritado com a ideia de que, no final, a saída mais fácil talvez fosse a saída mais justa... embora esse fato jamais chegasse ao conhecimento do público. Eles saberiam apenas que sua decisão tinha sido política em um momento histórico que exigia decisões políticas. Uma economia potencialmente em ruínas, uma guerra em curso... não, não tinha tempo para perder com acusações como aquela. Uma jovem estava morta. Outras se queixavam de ter sido violentadas. E se a primeira jovem tivesse morrido por outras razões? E se as outras... Que diabo, pensou. Isso era algo para ser decidido por um júri. Entretanto, seria preciso que o processo vencesse três barreiras jurídicas para que o caso chegasse a julgamento, e qualquer advogado de defesa com um mínimo de competência poderia alegar que um julgamento justo era impossível depois que o GSPAN mostrara as acusações ao mundo inteiro, distorcendo os fatos e negando a Kealty o direito constitucional de ser julgado por um júri imparcial. Era provável que a justiça desse razão aos

advogados de defesa se o caso fosse a julgamento na justiça federal, e mais provável ainda se a defesa apelasse de uma possível condenação. As vítimas não ganhariam nada com isso. E se o filho da mãe fosse inocente? Ser mulherengo, por mais desagradável que fosse, não constituía um crime.

Além de tudo, tanto ele como o país tinham problemas mais importantes com que se preocupar. Roger Durling apertou o botão para chamar a secretária.

— Sim, presidente?

— Ligue-me com o secretário de Justiça.

Não dissera a verdade ao vice-presidente, pensou Durling. Claro que podia interferir com uma investigação criminal. Tinha que fazê-lo. E era muito fácil. Droga.

26
OS SÍMBOLOS

— Ele realmente disse isso? — perguntou Ed Foley, inclinando-se para a frente. — Para ele era difícil acreditar, mas o mesmo não acontecia com Mary Pat.

— Isso mesmo. E acrescentou que eu tinha a sua palavra de espião — confirmou Jack, repetindo as palavras do russo.

— Sempre gostei do senso de humor de Sergey — observou a vice-diretora de operações, dando a primeira risada do dia e provavelmente a última.

— Ele nos estudou tanto que é mais americano do que russo.

Ah, pensou Jack, então é isso. Ali estava a explicação do comportamento de Ed. Ele era exatamente o oposto: como especialista em assuntos soviéticos durante toda a sua carreira, acabara se tornando mais russo do que americano. A ideia o fez sorrir.

— O que acham? — perguntou o conselheiro de Segurança Nacional.

— Jack, eles conhecem a identidade dos únicos três agentes de que dispomos no Japão. E um duro golpe para nós — afirmou Edward Foley.

— Este é um aspecto da questão — admitiu Mary Patricia Foley. — Mas existe outro. Aqueles três agentes estão isolados. A menos que consigam entrar em contato conosco, é como se não existissem. Jack, a situação é mesmo séria?

— Para todos os propósitos práticos, estamos em guerra, MP.

Jack já lhes contara o teor da conversa com o embaixador japonês, chamando atenção para seu último comentário. Mary Pat assentiu.

— Entendi. Eles estão dando uma guerra. Vamos comparecer?

— Não sei — afirmou Ryan. — Militares americanos foram mortos. Um território americano foi invadido. Entretanto, nossa capacidade de reação está seriamente comprometida... e ainda temos este pequeno problema doméstico. Amanhã, as bolsas e o sistema bancário depararão com alguns fatos bem desagradáveis.

— É uma coincidência interessante — observou Ed. Ele trabalhava havia muito tempo no ramo para acreditar em coincidências. — O que vai acontecer daqui para a frente com o mercado, Jack? Sei que entende do assunto.

— Não faço a menor ideia. A situação ficará complicada; afora isso, é difícil prever o que acontecerá. Esta situação não tem precedentes. O único consolo é que não pode ficar pior do que já está. O que mais me preocupa é que os investidores se sentirão como se estivessem em um edifício em chamas. Você pode estar seguro onde se encontra, mas não pode sair.

— Quais são os órgãos do governo envolvidos? — perguntou Ed Foley.

— Todos, praticamente. O principal é o FBI, porque dispõe de agentes em profusão. A SEC seria a mais qualificada, mas eles não têm pessoal suficiente para cuidar de um caso destas proporções.

— Jack, em um período de menos de vinte e quatro horas, alguém revelou à imprensa que o vice-presidente estava sendo acusado de estupro — no momento ele estava na Sala Oval, como todos sabiam —, o mercado desabou e os japoneses nos atacaram. Está nos dizendo que, na sua opinião, o problema mais sério é o econômico. Se eu fosse você...

— Sei aonde quer chegar — afirmou Ryan, interrompendo Ed antes que ele revelasse totalmente o que estava pensando. Mesmo que fosse verdade, seria difícil provar alguma coisa.—Acha que alguém poderia ser tão esperto?

— Existe muita gente esperta no mundo, Jack. Nem todas gostam de nós. — Era como conversar com Sergey Nikolayevich, pensou Ryan. E como Golovko, Ed Foley era um profissional experiente para quem a paranoia era um meio de vida e às vezes uma realidade palpável. — Mas temos um problema mais imediato para considerar.

— Aqueles três homens são bons agentes — afirmou Mary Pat, continuando o que o marido começara. — Nomuri já está bem entrosado na sociedade japonesa e desenvolveu uma boa rede de contatos. Clark e Chavez são talvez a nossa melhor dupla de agentes. Eles devem estar seguros em suas identidades falsas.

— Só há um problema — argumentou Jack.

— Qual é? — perguntou Ed Foley, antecipando-se à esposa.

— A DISP sabe que eles estão no país.

— Golovko? — perguntou Mary Pat. Jack fez que sim com a cabeça. — O filho da mãe — acrescentou a moça. — Sabe de uma coisa? Eles ainda são os melhores do mundo. — Era um grande reconhecimento, partindo da vice-diretora de operações da CIA.

— Não vá me dizer que eles têm nas mãos o chefe da contraespionagem japonesa... — observou o marido, com ar delicado.

— Por que não, querido? Eles fazem isso com muita gente. Às vezes acho que devíamos contratar alguns deles só para nos ensinar alguns truques. — Fez uma pausa. — Se é assim, não temos escolha.

— Sergey não chegou a me dizer isso diretamente, mas não sei de que outra forma poderia ter descoberto. É verdade — acrescentou, concordando com Mary Pat — Acho que não temos escolha.

Até Ed foi forçado a concordar, o que não queria dizer que gostasse.

— O que eles querem de nós para ficar calados?

— Todas as informações que conseguirmos com a Operação CARDO. Estão preocupados com a situação. De acordo com Sergey, também foram apanhados de surpresa.

— Mas Sergey também disse que eles dispõem de outra rede — observou MP. — E deve ser muito boa.

— Fornecer a eles os resultados da Operação CARDO já é muita coisa, mas acho que não se contentarão com isso. Já pensou no que vai acontecer, Jack? Eles estarão praticamente com nossos agentes nas mãos.

Ed não estava satisfeito com a situação, mas era evidente que não tinha nenhuma alternativa a propor.

— Eles estão com a faca e o queijo na mão, mas Sergey afirma que não sabia o que estava para acontecer — disse Ryan, de cenho franzido, imaginando mais uma vez como era possível que três dos mais bem informados profissionais de espionagem do país não conseguissem fazer sentido das informações de que dispunham.

— Será que estava mentindo? — indagou Ed. — O que ele disse não faz muito sentido.

— O que teria a ganhar com uma mentira? — protestou Mary Pat. — Oh, adoro esses quebra-cabeças estilo matryoshka. Muito bem, pelo menos sabemos que há fatos que ainda não sabemos. Isso quer dizer que temos muita coisa para descobrir, e quanto mais depressa melhor. Se deixarmos o RVS controlar nossos agentes... é arriscado, Jack, mas... acho que não temos escolha.

— Digo a ele que sim? — perguntou Jack. Ainda tinha de conseguir a aprovação do presidente, mas isso seria mais fácil. Os Foley trocaram um olhar e fizeram que sim com a cabeça.

Num golpe de sorte, um rebocador oceânico comercial foi localizado por um helicóptero a oitenta quilômetros da formação do Enterprise. A fragata Gary confiscou a barcaça e despachou o rebocador na direção do porta-aviões. Ele poderia substituir com vantagem o cruzador Aegis, aumentando a velocidade do Enterprise para nove nós. O capitão do rebocador ficou radiante só de pensar na comissão que receberia de acordo com o contrato de salvamento no mar, que o comandante do porta-aviões assinara e despachara de helicóptero. A porcentagem normalmente estabelecida pelos tribunais equivalia de 10% a 15% do valor da propriedade salva. Um porta-aviões, um grupo de esquadrilhas e seis mil pessoas, pensou o capitão. Quanto eram 10% de três bilhões de dólares? Talvez eles fossem generosos e deixassem por 5%.

Como sempre, foi uma mistura de coisas simples e complexas. Havia algumas aeronaves de patrulha P-3C Orion operando a partir de Midway para apoiar a força de combate em retirada. Tinham levado o dia inteiro para reativar as operações no atol, o que só fora possível porque havia um grupo de ornitólogos na ilha estudando os albatrozes. Os Orion eram por sua vez apoiados pelos C-l 30 da Guarda Aérea Nacional do Havaí. Apesar de tudo, o almirante cuja bandeira ainda tremulava no porta-aviões avariado podia olhar para as imagens de radar colhidas por quatro aeronaves antissubmarino dispostas em volta da frota e se sentir um pouco mais seguro. Os contratorpedeiros da escolta estavam sondando o oceano com sonares ativos e, depois de um período inicial de quase pânico, não tinham observado nenhum sinal suspeito. Chegariam a Pearl Harbor na noite de sexta-feira; se o vento ajudasse, poderia lançar alguns dos seus aviões, aumentando ainda mais a segurança.

A tripulação agora estava sorrindo, observou o almirante Sato ao atravessar o corredor. Dois dias antes, estavam todos compungidos com o “erro” cometido. Agora, não. Usara o helicóptero do navio para visitar os quatro Kongo e instruir pessoalmente as tripulações. A dois dias de viagem das Marianas, agora estavam a par do que realmente acontecera. Ou pelo menos parte do que acontecera. Os incidentes com os submarinos ainda eram informação reservada, mas sabiam que uma grande injustiça sofrida pelo Japão fora reparada e que isso fora feito com habilidade, permitindo que o país reclamasse uma terra que era sua desde tempos imemoriais... e sem que houvesse derramamento de sangue, pensavam. A princípio, todos ficaram chocados. Declarar guerra aos Estados Unidos? O almirante explicara que não seria exatamente uma guerra, a menos que os americanos fizessem pé firme, o que considerava improvável, mas uma possibilidade, advertiu, para a qual todos deviam estar preparados. A formação

agora estava dispersa, com pelo menos três mil metros de distância entre os navios, e rumava para oeste a toda velocidade. Estavam gastando muito combustível, mas haveria um navio-tanque em Guam para reabastecê-los, e Sato queria poder contar com a proteção das aeronaves de patrulha o mais cedo possível. Uma vez em Guam, começaria a planejar novas operações.

A primeira fora bem-sucedida. Com sorte, não haveria necessidade de uma segunda, mas se houvesse, queria estar preparado.

— Algum contato? — perguntou o almirante, entrando no Centro de Informações de Combate.

— Apenas aviões comerciais — respondeu o oficial de guerra aérea.

— Todos os aviões militares usam transponders — lembrou Sato. — Podem perfeitamente se fazer passar por aviões comerciais.

— Nenhum deles está se aproximando de nós.

A formação estava seguindo um curso deliberadamente afastado das rotas aéreas comerciais; olhando para o monitor, o almirante podia ver que todo o tráfego aéreo estava concentrado nessas rotas. É verdade que uma aeronave militar podia espioná-los de uma rota comercial, mas os americanos não precisavam fazer isso, pois dispunham dos satélites espiões. Até o momento, todas as previsões tinham-se revelado corretas. A única coisa que realmente o preocupava eram os submarinos, mas mesmo assim havia meios de se precaver contra eles. Os mísseis Harpoon ou Tomahawk, lançados por submarinos, eram um bom exemplo. Todos os contratorpedeiros da sua frota dispunham de um radar SPY-1D varrendo a superfície do mar vinte e quatro horas por dia. Todos os diretores de controle de tiro estavam guarnecidos. Qualquer míssil de cruzeiro que os ameaçasse seria detectado e atacado, primeiro por mísseis SM-2MR construídos nos Estados unidos (e aperfeiçoados no Japão) e depois por canhões CIWS. Isso seria suficiente para deter a grande maioria dos “vampiros”, o termo genérico usado para designar os mísseis de cruzeiro. Era possível que um submarino se aproximasse e lançasse torpedos; um dos grandes seria suficiente para afundar qualquer navio da frota. Entretanto, não podiam deixar de ouvir o torpedo, e os helicópteros antissubmarino fariam o possível para atacar qualquer submarino que se aproximasse, evitando que lançasse seus torpedos e talvez mesmo conseguindo afundá-lo. Os americanos não tinham tantos submarinos assim, e seus comandantes agiriam com cautela, especialmente se conseguissem acrescentar um terceiro submarino aos dois que já haviam liquidado.

O que fariam os americanos? Ora, o que podiam fazer?, perguntou-se.

Era uma pergunta que não se cansava de fazer e sempre encontrava a mesma resposta. Eles tinham reduzido excessivamente seus efetivos. Confiavam no poder de intimidação, esquecendo-se de que todo poder de intimidação

baseava-se na possibilidade real de agir caso a intimidação não funcionasse: a velha equação do não-quero-fazer-isso-mas-posso. Infelizmente para eles, os americanos tinham confiado demais no primeiro termo e se esquecido do segundo. De acordo com as informações de que Sato dispunha, quando os americanos pudessem de novo, seu adversário estaria em condições de detê-los. O plano estratégico que ajudara a executar não era novo; apenas fora mais bem executado que da última vez, pensou, aproximando-se do monitor e observando os símbolos que representavam os aviões comerciais seguirem as rotas de costume, mostrando, com sua presença, que o mundo estava voltando ao normal.

Ryan sabia que a parte difícil sempre parecia chegar depois que as decisões estavam tomadas. O pior não era tomar decisões e sim conviver com elas.

Será que agira corretamente? Não havia como saber, a não ser em retrospecto, e então seria tarde demais para fazer alguma coisa. Pior ainda: a visão em retrospecto era sempre negativa, porque raramente alguém remexia o passado para investigar as coisas que tinham dado certo. Em um dado nível de complexidade, as coisas deixavam de ser bem definidas. Você procurava considerar todas as opções, procurava considerar todos os fatores, mas quase sempre sabia que, independentemente do que fizesse, alguém sairia prejudicado. Nesses casos, a ideia era prejudicar o menor número possível de pessoas, mas mesmo assim pessoas de verdade tinham de sofrer, e se estava escolhendo, na verdade, quem iria sofrer ou mesmo perder a vida, como se fosse um deus da mitologia. Era pior ainda quando se conhecia alguns dos envolvidos, porque eles tinham rostos que sua imaginação podia ver e vozes que ela podia ouvir. A disposição de tomar esse tipo de decisões era chamada de coragem moral pelos que não tinham de fazê-lo e de capacidade de agir sob tensão pelos que tinham.

Ryan estava no segundo caso. Aceitara o cargo com plena consciência de que haveria momentos como aquele. Colocara em risco as vidas de Clark e Chavez no leste da África e se lembrava vagamente de se preocupar com isso, mas a missão fora bem-sucedida e, depois de concluída, parecera brincadeira de criança, um golpe de esperteza desfechado com maestria. O fato de que um ser humano de verdade, na pessoa de Mohammed Abdul Corp, perdera a vida em consequência da operação... bem, era fácil dizer, agora, que merecera a sorte que tivera. Ryan se permitira arquivar todas as lembranças do incidente em algum canto recôndito do cérebro, para serem desenterradas anos mais tarde, se algum dia sucumbisse à tentação de escrever suas memórias. Agora, porém, essas lembranças estavam de volta, retiradas dos arquivos pela necessidade de pôr de novo em risco as vidas de homens de verdade. Jack trancou os papéis confidenciais em uma gaveta antes de se dirigir para a Sala Oval.

— Vou me encontrar com o chefe — informou a um agente do Serviço Secreto no corredor norte-sul.

— ESPADACHIM está indo se encontrar com SALTADOR — disse o agente no microfone, porque para aqueles que protegiam os ocupantes da Casa Branca, eles eram mais símbolos do que homens, representações abstratas das funções que exerciam.

Não sou um símbolo, sentiu Jack vontade de dizer. Sou um homem, um homem cheio de dúvidas. Passou por mais quatro agentes no caminho e viu que olhavam para ele com confiança e respeito, como se esperassem que soubesse o que fazer, o que dizer ao chefe como se fosse de alguma forma mais sábio do que eles, e apenas Ryan sabia que não era. Fora suficientemente tolo para aceitar um trabalho com mais responsabilidade do que o deles, isso era tudo.

— A situação não vai nada bem, não é mesmo? — disse Durling, quando ele entrou no escritório.

— E verdade — concordou Jack, sentando-se.

O presidente leu o rosto e a mente do conselheiro ao mesmo tempo e sorriu.

— Vejamos... eu devia dizer a você que não perdesse a calma e você devia me dizer a mesma coisa, certo?

— É difícil tomar decisões corretas quando se está sob tensão — observou Ryan.

— Pode ser, mas há um porém. Quando não estou sob tensão, é porque o caso não é importante e pode ficar por conta dos escalões inferiores. São os casos difíceis que vêm parar aqui. Muita gente já comentou isso.

Era uma observação generosa, pensou Jack, porque tirava parte do peso dos seus ombros, lembrando que, afinal, apenas aconselhava o presidente. O homem que ocupava aquela escrivaninha de carvalho tinha sua grandeza. Jack imaginou quão pesada era a carga que ele tinha de suportar e se encarava essa carga como uma surpresa desagradável... ou, talvez, simplesmente como mais uma necessidade com a qual tinha de lidar.

— Muito bem, do que se trata?

— Preciso da sua permissão para fazer uma coisa. — Ryan explicou as propostas de Golovko, a primeira feita em Moscou e a segunda algumas horas antes, e suas implicações.

— Isto nos ajudará a compreender melhor a situação? — perguntou Durling.

— Possivelmente, mas não é certo.

— E então?

— Uma decisão deste tipo deve ser tomada pelo senhor — afirmou Ryan.

— Por que eu?

— Presidente, se concordarmos, estaremos revelando a identidade dos nossos agentes e nossos métodos de operação. Suponho que tecnicamente a decisão não tenha de ser sua, mas é algo que deve conhecer e aprovar.

— Você recomenda que eu aprove? — perguntou Durling, desnecessariamente.

— Sim, senhor.

— Podemos confiar nos russos?

— Não falei em confiar, presidente. O que temos é uma convergência de interesses, com uma chantagem em potencial para acompanhar.

— Vá em frente — disse o presidente, com firmeza. Talvez fosse uma prova da sua confiança em Ryan, devolvendo assim o peso da responsabilidade ao visitante. Durling pensou um pouco antes de fazer a pergunta seguinte.

— O que eles pretendem, Jack?

— Os japoneses? O que fizeram é ilógico. Para que afundar os submarinos? Para que matar nossos homens? Não havia necessidade de chegarem a esse extremo.

— Para que fazer isso com seu maior parceiro comercial? — acrescentou Durling, fazendo a observação mais óbvia. — Ainda não tivemos tempo de pensar a respeito, não é mesmo? Ryan concordou com a cabeça.

— Fomos atropelados pelos acontecimentos. Não sabemos nem mesmo o que ainda não sabemos.

O presidente olhou para ele, surpreso.

— O que disse?

Jack sorriu levemente. — Isso é algo que minha mulher costuma dizer a respeito da medicina. O importante é saber o que não se sabe. Antes de começar a buscar as respostas, procure saber quais são as perguntas certas.

— E como vamos conseguir isso?

— Mary Pat tem vários agentes fazendo perguntas por aí. Estamos tentando analisar todas as informações disponíveis. Temos de procurar correlações. É possível deduzir muita coisa a partir das ações do adversário.

— Minha maior dúvida no momento é a seguinte: por que eles afundaram os dois submarinos? — Ryan olhou pela janela para o monumento a Washington, para aquele obelisco fixo, estável, de mármore branco. — Eles fizeram a coisa de modo a nos deixar uma saída honrosa. Podemos alegar que foi uma colisão ou coisa parecida... Esperam realmente que nos conformemos com as mortes e... Pelo menos, nos ofereceram a oportunidade. Talvez não esperem propriamente, mas seria uma possibilidade. — Ryan ficou meio minuto em silêncio. — Não. Não, não poderiam se enganar tanto a nosso respeito.

— Pare de pensar em voz alta — ordenou Durling.

— Reduzimos excessivamente nossos efetivos...

— Não quero falar sobre isso — interrompeu o presidente, irritado.

Ryan assentiu e levantou a mão, pedindo que tivesse paciência. — Sei que é tarde demais para nos lamentarmos. Acontece que eles também sabem disso. Todo mundo sabe o que temos e o que não temos. Com um pouco de imaginação, podem deduzir o que podemos fazer. Nesse caso, estão em condições de planejar suas operações com base tanto no que estão em condições de fazer quanto na reação que esperam de nós.

— Faz sentido. Prossiga.

— Com o fim da ameaça russa, a força de submarinos praticamente não tem mais o que fazer. No fundo, um submarino serve apenas para duas coisas. Do ponto de vista tático, os submarinos são úteis para perseguir e destruir outros submarinos. Do ponto de vista estratégico, porém, os submarinos são extremamente limitados. Não podem controlar o mar da mesma forma que os navios. Não podem transportar tropas ou suprimentos de um lugar para outro, e é isso que o controle dos oceanos realmente representa. — Jack estalou os dedos. — Mas eles podem impedir que outras nações usem os mares, e o Japão é uma ilha-nação. Estes têm medo de ser impedidos de usar os mares. — Por outro lado, pensou Jack, talvez tivessem feito simplesmente o que estava a seu alcance. Tinham avariado os porta-aviões porque não podiam fazer muito mais do que isso. Ou será que podiam? Que droga, era tudo tão complicado...

— Quer dizer que poderíamos estrangulá-los com nossos submarinos?

— Talvez. Fizemos isso no passado. Agora, porém, nossas forças estão muito reduzidas, o que torna mais fácil vencer nosso bloqueio. Entretanto, o maior trunfo de que dispõem contra esse tipo de ameaça é sua capacidade nuclear. Eles opõem uma ameaça estratégica a outra ameaça estratégica, de uma forma que não podiam fazer em 1941. Está faltando alguma coisa, senhor. — Ryan sacudiu a cabeça, ainda olhando para o monumento através do vidro à prova de balas. — Existe algo importante que ainda não conhecemos.

— O porquê?

— Talvez, mas antes estou interessado no quê. O que eles querem? Qual o seu objetivo final?

— Isso é mais importante do que o porquê?

Ryan virou a cabeça para encarar o presidente.

— Presidente, a decisão de iniciar uma guerra nunca é racional. Na Primeira Guerra Mundial, que começou quando um idiota qualquer matou outro idiota qualquer, os acontecimentos foram habilmente manipulados por Leopold não-sei-o-que, “Poldi”, para os íntimos, o ministro do Exterior da Áustria. Podia ser um excelente estrategista, mas não considerou o fato de que seu país não

tinha força suficiente para conseguir o que queria. O Império Austro-húngaro e a Alemanha começaram a guerra; ambos foram derrotados. Na Segunda Guerra Mundial, o Japão e a Alemanha enfrentaram o restante do mundo, sem imaginar que o restante do mundo pudesse ser mais forte do que eles. Isso se aplica especialmente ao Japão — prosseguiu Ryan. — Eles não tinham um plano para nos derrotar. Guarde isso por um momento. A Guerra de Secessão foi iniciada pelo Sul; o Sul perdeu. A Guerra Franco-Prussiana foi iniciada pela França; a França perdeu. Quase todas as guerras que ocorreram depois da Revolução Industrial foram iniciadas pela nação que no final foi derrotada. Conclusão: ir à guerra não é um ato racional. Consequentemente, os motivos para a guerra, ou seja, o porquê, não são necessariamente importantes, porque provavelmente estão errados para começar.

— Nunca tinha pensado nisso, Jack.

Ryan deu de ombros.

— Como disse Buzz Fiedler hoje mesmo, algumas coisas são óbvias demais.

— Mas se o porquê não é importante, então o quê também não é!

— É, sim, porque se você descobrir qual é o objetivo final, pode impedir que eles o atinjam. É assim que se começa a derrotar um inimigo. Sabe de uma coisa? Quando alguém deseja demais alguma coisa, chega a esquecer o que é certo e o que é errado.

— Como um criminoso pensando em assaltar uma loja de bebidas? — perguntou Durling, fascinado com o discurso de Ryan.

— A guerra é um ato criminoso por definição, um assalto à mão armada em grande escala. E o motivo é a cobiça; é sempre iniciada por uma nação que deseja o que outra nação possui. Para derrotar o agressor, é preciso descobrir o que ele deseja e impedir a qualquer custo que ele consiga seus objetivos. As raízes da derrota são geralmente encontradas nas raízes do desejo.

— O Japão, na Segunda Guerra Mundial?

— Eles queriam ter um império de verdade. Em última análise, estavam atrás de algo muito parecido com o Império Britânico. Infelizmente, começaram com um atraso de um ou dois séculos. Eles não pretendiam nos conquistar, mas simplesmente... — Interrompeu o que estava dizendo por um momento, enquanto uma ideia se formava. — Simplesmente conseguir seus objetivos e nos forçar a aceitá-los. Minha nossa! — exclamou Ryan. — É isso! Estão fazendo a mesma coisa outra vez. Usando a mesma metodologia. Será que o objetivo é o mesmo? Está tudo aí, pensou o conselheiro de Segurança Nacional. Esta tudo aí, diante dos nossos olhos.

— Mas temos de descobrir. Temos de descobrir enquanto é tempo.

— Mas nossos objetivos também importam — observou o presidente.

— Eu sei.

George Winston achava que, como um velho cavalo do Corpo de Bombeiros, tinha de atender ao chamado dos sinos. Depois de deixar a mulher e os filhos no Colorado, estava passando por Ohio, sentado no compartimento traseiro do Gulfstream, olhando para as luzes de uma cidade. Provavelmente se tratava de Cincinatti, mas não tinha certeza, porque não se lembrara de perguntar ao piloto que percurso seguiria para chegar a Newark.

Os motivos eram em parte pessoais. Sua própria fortuna diminuíra consideravelmente depois dos acontecimentos da última sexta-feira, quando perdera centenas de milhões de dólares. A natureza do colapso e a forma como seu dinheiro estava distribuído por várias instituições tinham contribuído para aumentar o prejuízo. Entretanto, o mais importante não era o dinheiro. Está certo, pensou consigo mesmo, acabo de perder duzentos milhões, mas posso viver muito bem sem eles. Não, o que aborrecia eram os prejuízos sofridos pelo sistema como um todo e pelo Columbus Group em particular. Sua cria sofrerá um grande golpe; como um pai que se dispõe a apoiar a filha casada em um momento de crise, sabia que ela sempre seria sua. Eu devia estar lá, pensou. Teria visto o que estava para acontecer e tomaria alguma providência. Pelo menos, teria protegido meus investidores. Os efeitos do colapso ainda não eram totalmente conhecidos, mas sabia que eram tão graves que chegavam a desafiar a compreensão. Winston tinha de fazer alguma coisa, tinha de oferecer sua experiência e seus conhecimentos.

Aqueles investidores ainda eram responsabilidade sua.

A viagem até Newark foi tranquila. O Gulfstream pousou suavemente e taxiou até o terminal para aviões particulares, onde havia um carro à espera, com um dos seus antigos empregados. Não estava de gravata, o que era incomum para alguém formado pela Wharton School.

Mark Gant não dormia fazia mais de cinquenta horas e tinha de se apoiar no carro para não cair, porque o mundo parecia girar à sua volta, acompanhado por uma dor de cabeça que poderia ser medida na escala Richter. Apesar de tudo, sentia-se otimista. Se havia alguém capaz de consertar as coisas, era o antigo patrão. Assim que o jatinho executivo parou, caminhou até a pista e ficou esperando que a escada baixasse.

— A coisa é mesmo séria? — foi a primeira coisa que George Winston perguntou.

Os dois tinham sido bons amigos, mas os negócios vinham em primeiro lugar.

— Ainda não sabemos — respondeu Gant, conduzindo-o até o carro.

— Não sabem? A explicação teve de esperar até entrarem no carro. Gant passou-lhe o primeiro caderno do Times sem comentários.

— É tudo verdade? Um adepto da leitura rápida, Winston passou os olhos nas duas colunas na primeira página e foi procurar o final da reportagem na página 21, onde aparecia entre dois anúncios de lingerie.

Gant revelou então que o gerente nomeado por Raizo Yamata tinha ido embora. Ele voou para o Japão na sexta-feira à noite. Disse que ia pedir a Yamata-san que viesse a Nova York para ajudar a estabilizar a situação. Mas talvez tenha viajado para praticar o haraquiri na frente do chefe. Quem sabe? Nesse caso, quem está à testa da empresa, Mark?

— Ninguém — respondeu Gant.

— Que diabo, Mark, alguém deve estar dando as ordens! Não sabemos o que fazer — afirmou o executivo.

— Já cansei de ligar para o cara. Ele não está no escritório. Deixei recados, tentei a casa dele, a casa de Yamata, a casa de todo mundo. Nada, George. Nem sinal dele. Por tudo que sei, talvez tenha pulado do edifício mais alto da cidade.

— Certo. Vou precisar de um escritório e de todos os dados disponíveis.

— Que dados? — perguntou Gant. — Não temos nada. O sistema inteiro caiu, lembra-se?

— Você tem os registros das nossas transações, não tem?

— Tenho sim, tenho as fitas... uma cópia delas, pelo menos — corrigiu Gant — O FBI levou as fitas originais.

Um técnico brilhante, o primeiro amor de Gant fora a matemática. Era só fornecer a Mark Gant as instruções corretas e ele era capaz de agir no mercado como um jogador profissional com um baralho de cartas marcadas. Entretanto, como a maioria dos operadores de Wall Street, precisava de alguém que lhe dissesse o que fazer. Bem, ninguém era perfeito, e Gant, afinal, era um homem honesto, inteligente e conhecia suas limitações. Sabia quando precisava de ajuda. Essa última qualidade o colocava entre os 3% ou 4% mais competentes.

— Ele deve ter procurado Yamata e seus homens em busca de orientação... Quando tudo isso estava acontecendo, quais eram as suas instruções?

— Instruções? Gant passou a mão no rosto com a barba por fazer e sacudiu a cabeça. — Fizemos o possível para não perder dinheiro. Se a DTC conseguir destrinchar esse caos, vamos sair quase intactos. Livrei-me das ações da GM, fiz um grande negócio com certificados de ouro e...

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Minhas instruções eram para continuar os negócios. Ele nos aconselhou a nos livrarmos das ações dos bancos o mais depressa possível.

— Graças a Deus. Tenho certeza que ele sabia o que estava para acontecer.

— Quando o mercado desabou, estávamos em uma posição relativamente confortável. Se não fossem os apavorados... George, a situação ficou complicada! Todo mundo queria vender ao mesmo tempo! Se pelo menos tivessem mantido a calma... — suspirou. — Mas eles se apavoraram e agora, com a confusão da DTC... George, não sei o que vai acontecer amanhã. Simplesmente não sei — afirmou Gant, quanto entravam no Lincoln Tunnel.

A história completa de Wall Street em um parágrafo compacto, pensou Winston, olhando para os ladrilhos brilhantes que revestiam o interior do túnel. Na verdade, parecia-se com aquele túnel. Podia-se ver o que estava à frente, podia ver o que estava atrás, mas não podia ver nada para os lados.

Não podia ver nada que estivesse fora de sua perspectiva limitada.

Mas era preciso.

— Mark, ainda sou diretor da firma.

— Certo. E daí?

— Você, também — observou Winston.

— Sei disso, mas...

— Nós dois podemos convocar uma reunião da diretoria. Comece a dar os telefonemas assim que sairmos deste maldito buraco — ordenou George Winston.

— Para quando? — quis saber Gant.

— Para já, droga! — exclamou Winston. — Mando meu jato buscar os que estiverem fora da cidade.

— A maioria dos rapazes não saiu de casa neste fim de semana. — Era a primeira notícia boa que ouvia desde a tarde de sexta-feira, pensou George, fazendo um gesto para que prosseguisse. — Acho que não têm para onde ir.

Nesse momento, saíram do túnel. Winston tirou do cinto o telefone celular e passou-o ao ex-empregado.

— Ligue para eles.

Winston imaginou se Gant sabia o que ele pretendia propor na reunião.

Era provável que não. Podia ser eficiente dentro de um túnel, mas jamais superara suas limitações.

— Por que eu tinha de ir embora?, lamentou-se Winston. Simplesmente não era seguro deixar a economia americana nas mãos de pessoas que não sabiam como ela funcionava.

— Deu certo — afirmou o almirante Dubro.

A velocidade da frota diminuiu para vinte nós. Estavam agora trezentos quilômetros a leste do cabo Dondra. Precisavam de mais espaço para manobrar,

mas o simples fato de terem chegado até ali podia ser considerado um sucesso. Os porta-aviões separaram-se, acompanhados pelas respectivas formações, que formavam anéis protetores em torno das duas belonaves, o Abraham Lincoln e o Dwight D. Eisenhower. Em mais uma hora, as formações estariam fora de contato visual, o que era bom, mas a corrida deixara os tanques de combustível quase vazios, o que era péssimo. Os porta-aviões movidos a energia nuclear também funcionavam como navios-tanque: transportavam toneladas de óleo combustível para os navios da escolta e podiam reabastecê-los em caso de necessidade. Logo seriam forçados a fazê-lo. Os navios-tanque da frota, o Yukon e o Rappahannok, estavam voltando de Diego Garcia com oitenta mil toneladas de combustível, mas provavelmente não chegariam a tempo. A possibilidade de um confronto obrigava Dubro a manter cheios os tanques de todos os navios. Confronto significava possíveis combates; combates consumiam muito combustível, tanto para entrar na briga como para sair dela.

— Alguma mensagem de Washington? — perguntou o almirante.

— Não, senhor — respondeu o comandante Harrison, sacudindo a cabeça.

— Muito bem — disse o comandante da força de combate, com uma calma perigosa. Depois, dirigiu-se para o centro de comunicações. Resolvera um complexo problema operacional, pelo menos temporariamente. Agora, estava na hora de gritar com alguém.

27
A VOLTA DO BANQUEIRO

Embora a atividade fosse frenética, estava tudo atrasado. Uma cidade ao mesmo tempo acostumada e dedicada à prevenção do vazamento de informações, Washington e seus funcionários públicos estavam ocupados demais com quatro crises simultâneas para lidar satisfatoriamente com qualquer uma delas. Não chegava a ser uma novidade, fato que deveria ser deprimente para os que estavam tentando administrar a situação. Isso se tivessem tempo para refletir sobre o assunto, o que não era o caso. A única coisa boa, pensou Ryan, era que o problema principal ainda não chegara ao conhecimento público. Ainda não.

— Scott, quem são seus melhores especialistas no Japão? Adler ainda era fumante ou comprara um maço no caminho. Ryan teve de usar de toda a sua força de vontade para não pedir um cigarro, mas não impediu que o visitante acendesse o seu. Cada um lidava com a tensão à sua maneira. O fato de a forma

que Adler escolhera ser a mesma que Ryan abandonara fazia algum tempo era apenas mais um incômodo em um fim de semana que passara mais depressa do que imaginara que fosse possível.

— Posso reunir um grupo de trabalho. Quem vai chefiá-lo?

— Você — respondeu Jack.

— O que Brett vai pensar?

— Ele vai dizer “sim, senhor” quando o presidente lhe contar — replicou Ryan, cansado demais para ser diplomático.

— Estamos nas mãos deles, Jack.

— Quantos reféns em potencial? — quis saber Jack. Não eram apenas os militares. Devia haver milhares de turistas, empresários, repórteres, estudantes...

— Não há como saber, Jack — admitiu Adler. — Pelo menos, não temos notícias de que estejam sendo hostilizados. Não é uma repetição de 1941. Pelo menos, penso que não.

— Se começarem a agir de outra forma... — A maioria dos americanos esquecera-se do modo como os japoneses haviam tratado os prisioneiros.

— Ryan, não.

— Vamos virar feras. Eles precisam saber disso. Eles nos conhecem muito melhor do que naquela época. Nossa convivência tem sido estreita. Além disso, os Estados Unidos estão cheios de japoneses, também. Não se esqueça, Scott, de que a cultura japonesa é fundamentalmente diferente da nossa. A religião é diferente. O modo como encaram o papel do homem na natureza é diferente. O valor que atribuem à vida humana é diferente — afirmou o conselheiro de Segurança Nacional, em tom sombrio.

— Acho que não está na hora de sermos racistas, Jack— observou Adler, timidamente.

— Esses são fatos. Não disse que são inferiores a nós. Disse apenas que estaremos cometendo um grave engano se pensarmos que eles têm as mesmas motivações que nós. Certo?

— Tem razão — admitiu o subsecretário de Estado.

— É por isso que preciso dos conselhos de quem conhece de perto a cultura japonesa. Quero pessoas que pensem como eles.

O problema seria arranjar espaço para todos, mas havia escritórios no andar de baixo cujos ocupantes podiam ser despejados, mesmo que reclamassem um pouco.

— Posso encontrar alguns — prometeu Adler.

— O que as embaixadas estão dizendo?

— Ninguém sabe de nada. Mas aconteceu uma coisa curiosa na Coreia.

— O que foi?

— O adido militar em Seul aconselhou alguns amigos a providenciarem para que certas bases militares fossem colocadas em estado de alerta. Eles se recusaram. É a primeira vez que a Coreia deixa de atender a um pedido nosso. Acho que o governo coreano ainda está tentando entender o que aconteceu.

— Nós também.

— Vamos fazer alguma coisa a respeito? Ryan sacudiu a cabeça.

— Ainda não sei.

Nesse momento, o telefone tocou.

— NMCC na UTS, Dr. Ryan.

— Aqui é Ryan — disse Jack, pegando o telefone.

— Sim, pode falar. Que merda — murmurou tão baixo, que Adler mal conseguiu ouvir. — Almirante, ligo para o senhor mais tarde.

— O que foi agora?

— Os indianos — informou Ryan.

— Está aberta a reunião—declarou Mark Gant, batendo com a caneta sobre a mesa. Apenas metade dos lugares mais dois estavam ocupados, mas esse número era suficiente para garantir o quorum. — George, a palavra é sua.

George Winston ficou preocupado com as expressões que viu no rosto dos presentes. Em primeiro lugar, os homens e mulheres que determinavam a política do Columbus Group pareciam exaustos. Segundo, pareciam em pânico. Entretanto, foi a terceira expressão que o deixou mais aflito: a esperança que depositavam nele, como se fosse Jesus chegando para sanear o templo. Não devia ser assim. Nenhum homem devia possuir tanto poder.

A economia americana era muito vasta. Muitas pessoas dependiam dela.

Mais importante ainda: era complexa demais para que um único homem, ou mesmo vinte, pudesse compreendê-la em sua totalidade. Era esse o problema dos modelos nos quais todos pareciam se apoiar. Mais cedo ou mais tarde, se surpreendiam tentando avaliar, medir e regulamentar algo que simplesmente existia. Todos precisavam dela, mas ninguém sabia realmente como funcionava. A ilusão dos marxistas de que compreendiam os princípios da economia fora seu maior erro. Os soviéticos haviam passado três gerações tentando fazer a economia funcionar do jeito que queriam, em vez de deixá-la à vontade, e tinham acabado como mendigos na nação mais rica do planeta. Nos Estados Unidos, não era muito diferente.

Em vez de controlar a economia, as pessoas tentavam ganhar dinheiro com ela, mas nos dois casos havia a ilusão de que seus princípios eram bem conhecidos, quando na verdade ninguém sabia como funcionavam, a não ser em termos extremamente vagos.

Em última análise, tudo se resumia a necessidades e tempo. As pessoas tinham necessidades. Alimentação e moradia eram as mais importantes.

Assim, outras pessoas plantavam gêneros alimentícios e construíam casas.

Para fazer isso, gastavam tempo, e como este era o bem mais precioso do homem, deviam ser compensadas. Outro bom exemplo era um carro. As pessoas também necessitavam de transporte. Ao comprar-se um carro, pagava-se às pessoas pelo tempo gasto para montá-lo, pelo tempo gasto para fabricar todos os componentes; pagava-se até pelo tempo necessário para extrair do solo o minério de ferro e a bauxita. Essa parte era simples. A complexidade começava com as opções disponíveis. Podiam-se escolher várias marcas e modelos diferentes de automóvel. Cada fornecedor de bens e serviços envolvidos na fabricação de um carro tinha a opção de conseguir o que precisava em várias fontes diferentes, e como o tempo era precioso, a pessoa que usava seu tempo com mais eficiência obtinha uma compensação maior. Isso era chamado de competição; uma corrida sem fim de todos contra todos. Na verdade, todas as empresas, e até mesmo todos os cidadãos da economia americana, estavam em perpétua competição uns com os outros. Todos eram produtores. Todos também eram consumidores. Todos trabalhavam para servir a outros. Todos escolhiam produtos e serviços em um imenso cardápio oferecido pela economia. Essa era a ideia básica.

A verdadeira complexidade resultava do número de interações possíveis.

Quem comprava o que e de quem. Quem trabalhava com mais eficiência, beneficiando ao mesmo tempo aos consumidores e a si próprio. Com todos participando simultaneamente do jogo, era como uma imensa multidão em que todos falassem entre si ao mesmo tempo. Era simplesmente impossível acompanhar todas as conversas.

No entanto, Wall Street cultivava a ilusão de que isso era possível, de que os programas de computador podiam prever, em termos gerais, o que aconteceria no dia seguinte. Essa ideia era falsa. Podia-se analisar individualmente as empresas, verificar o que estavam fazendo de certo e de errado.

Através dessas análises, podia-se identificar certas tendências e lucrar com elas. Entretanto, o uso de computadores e técnicas de modelagem tinha ido longe demais, afastando-se aos poucos da realidade. O fato de que esses modelos tinham funcionado durante alguns anos de forma mais ou menos satisfatória contribuíra para aumentar a ilusão. Com o colapso ocorrido fazia três dias, a ilusão fora desfeita, e agora não tinham nada a que se agarrar. Nada, exceto eu, pensou George, olhando para eles.

O ex-presidente do Columbus Group conhecia suas limitações. Sabia até que ponto compreendia o sistema e em que ponto essa compreensão terminava. Sabia que ninguém era capaz de controlar o sistema como um todo, e essa linha

de pensamento o levou quase até onde precisava ir naquela noite escura em Nova York.

— Parece que não temos um líder. O que vai acontecer amanhã? — perguntou.

Todos os “cientistas de foguetes” evitaram encará-lo, baixando os olhos ou, em alguns casos, trocando olhares com os vizinhos. Apenas três dias antes, alguém teria pedido a palavra, oferecido uma opinião com um grau maior ou menor de otimismo. Agora era diferente, porque ninguém sabia o que fazer. Por isso, ninguém disse nada.

— Vocês têm um presidente. Ele lhes forneceu alguma orientação? — perguntou Winston em seguida.

Todos sacudiram a cabeça.

Como Winston esperava, foi Mark Gant que fez a pergunta seguinte.

— Senhoras e senhores, é a diretoria que escolhe nosso presidente e nosso diretor executivo, não é? Precisamos de um líder, e já.

— George, você está de volta? — perguntou outro homem.

— Ou estou de volta ou vocês estão presenciando uma experiência extracorpórea sem precedentes nesta empresa.

A piada era fraca mas suscitou alguns sorrisos, sinal de que o ambiente estava ficando menos carregado.

— Nesse caso, proponho que os cargos de presidente e diretor-executivo sejam considerados vagos.

— Apoiado.

— Vou colocar a proposta em votação — disse Mark Gant — Quem é a favor? Houve um coro de “sim”.

— Quem é contra? Silêncio.

A proposta foi aprovada. A presidência do Columbus Group está vaga. Alguém deseja propor mais alguma coisa? Gostaria de indicar George Winston para os cargos de presidente e diretor-executivo — disse outra voz.

— Apoiado.

— Quem é a favor? — perguntou Gant A proposta foi aprovada por unanimidade, com entusiasmo ainda maior do que a primeira.

— George, bem-vindo de volta ao Columbus Group.

Todos aplaudiram.

— Obrigado — disse Winston, levantando-se. O comentário seguinte foi inesperado: — Alguém precisa contar a Yamata. — Começou a andar de um lado para outro da sala. — Para começar, quero ver tudo que temos sobre as transações de sexta-feira. Para podermos consertar o estrago, precisamos saber o que aconteceu de errado. Vai ser uma longa semana, amigos, mas temos de

proteger nossos clientes a qualquer custo.

Winston não sabia se ainda seria possível remediar a situação, mas o ponto de partida era investigar as causas do colapso. Sabia que se encontrava no limiar de uma revelação importante. Sentia a inquietação que dele se apossava sempre que estava prestes a conseguir todas as informações necessárias para tomar uma medida importante. Parte da sensação se devia ao instinto, algo que encarava com reservas até que pudesse se apoiar em fatos sólidos. Entretanto, havia outra coisa, e não sabia exatamente o quê.

Mas tinha de descobrir.

Até mesmo as boas notícias podiam ser desagradáveis. O general Arima estava passando um bom tempo na TV e parecia ter um talento natural para isso. A última notícia era de que qualquer cidadão que quisesse deixar Saipan teria direito a transporte aéreo gratuito até Tóquio, onde poderia comprar uma passagem para os Estados Unidos. O general acrescentou, pela milésima vez, que nada de importante mudara na vida dos habitantes da ilha.

— Uma ova! — rugiu Pete Burroughs para o rosto sorridente na tela.

— Simplesmente não acredito que isto esteja acontecendo — observou Oreza, outra vez de pé depois de cinco horas de sono.

— Pois eu, sim. Observe aquela colina a sudeste daqui.

Portuga cofiou a barba farta e olhou. A um quilômetro de distância, no alto de uma colina recém-desmatada para a construção de mais um hotel de turismo (não havia mais espaço perto das praias), cerca de oitenta homens estavam montando uma bateria de mísseis Patriot. Os painéis de radar já tinham sido levantados; enquanto ele observava, o primeiro de quatro containers foi transportado para o lugar.

— O que vamos fazer? — perguntou o engenheiro.

— Sou apenas um piloto de lancha, lembra-se?

— Você já usou uniforme, não é mesmo?

— Da Guarda Costeira — protestou Oreza. — Nunca matei ninguém. E aquele negócio... — apontou para a bateria de mísseis —, droga, você entende disso muito mais do que eu! São fabricados em Massachusetts. Pela Raytheon, se não me engano.

— Minha empresa faz alguns circuitos para eles. — Era só até onde chegava o conhecimento de Burroughs. — Parece que pretendem ficar aqui muito tempo, não é?

— Parece.

Oreza pegou o binóculo e olhou de novo pela janela. De onde estava, podia ver seis cruzamentos. Todos estavam sendo vigiados por grupos de dez homens,

com uma mistura de Toyota Land Cruisers e alguns jipes.

Embora muitos estivessem usando pistolas na cintura, não havia fuzis à vista, como se não quisessem parecer uma tropa sul-americana dos velhos tempos. Todos os veículos que passavam (não viu ninguém ser parado) recebiam um aceno amistoso. Relações públicas, pensou Oreza. A velha RP.

— Eles estão muito bonzinhos — resmungou o primeiro-sargento.

Isso não seria possível se não estivessem extremamente confiantes. A equipe que estava montando aquela bateria de mísseis se comportava da mesma forma, pensou. Não pareciam ter pressa. Faziam o trabalho de forma ordeira, profissional, e isso era ótimo, mas quando se pretende usar uma arma, age-se com mais presteza. Havia uma diferença entre atividade em tempo de paz e atividade em tempo de guerra, por mais que se dissesse que o objetivo do treinamento era justamente acabar com essa diferença. Portuga voltou sua atenção para o cruzamento mais próximo. Os soldados que o guarneciam não pareciam nem um pouco nervosos. Agiam como soldados, mas não olhavam em torno com frequência, como se estivessem em território inimigo.

Poderia ter sido uma boa notícia. Nada de prisões em massa, como costumava acontecer quando um país era invadido. Nenhuma demonstração de força, além da mera presença dos soldados. Faziam o possível para que a população se esquecesse de sua presença ali, mas não havia como negar isso, pensou Oreza, com irritação. Estavam ali e pretendiam ficar.

Não achavam que fosse possível expulsá-los, e certamente ele, Oreza, não se encontrava em posição de fazê-los mudar de ideia.

— Certo, aqui estão as primeiras fotos — disse Jackson. — Não tivemos muito tempo para examiná-las, mas...

— Mas teremos agora — completou Ryan. — Sou registrado como Oficial da Inteligência Nacional, lembra-se?

— Estou autorizado a ver este material? — perguntou Adler.

— Agora, está. — Ryan acendeu a lâmpada de mesa, enquanto Robby abria sua maleta de executivo.

— Quando é a próxima passagem sobre o Japão? Deve estar acontecendo agora, mas na maioria das ilhas o céu está nublado.

— Estão procurando mísseis nucleares? — perguntou Adler.

O almirante Jackson se encarregou de responder.

— Pode apostar — disse, colocando sobre a mesa a primeira foto de Saipan.

Havia dois navios de transporte de automóveis no cais. O estacionamento próximo estava cheio de veículos militares, quase todos caminhões, dispostos em

filas.

— O que acha? — perguntou Ryan.

— Uma divisão aumentada — respondeu o almirante. — Apontou com a caneta para um grupo de veículos. — Esta aqui é uma bateria de mísseis Patriot. Artilharia rebocada. Isto parece um grande radar de defesa aérea, que foi desmontado para transporte. Aqui existe uma colina de quase quatrocentos metros. Do alto, o horizonte visual pode chegar a oitenta quilômetros. — Outra foto. — Os aeroportos. Esses aqui são cinco caças F-15; se você observar com atenção, verá que pegamos dois F-3 no ar, preparando-se para pousar.

— F-3? — repetiu Adler.

— A versão de produção do FS-X — explicou Jackson. — Um avião razoavelmente moderno, mas na verdade um F-l 6 melhorado. Os Eagle são para defesa aérea. Este aqui é uma arma ofensiva.

— Precisamos de mais fotos — disse Ryan, em um tom de voz subitamente sério. De certa forma, as coisas agora eram reais. Realmente reais, como gostava de dizer; reais do ponto de vista metafísico. Não se tratava mais de acreditar em análises teóricas ou em relatórios verbais. Agora existiam provas fotográficas. O país estava em guerra e ponto final.

Jackson fez que sim com a cabeça.

— As fotografias que já temos ainda serão analisadas por profissionais, mas você está certo. Os satélites passam por lá quatro vezes por dia e se o tempo permitir vamos examinar cada centímetro quadrado daquela ilha, além de Tinian, Rota, Guam e todas as outras.

— Minha nossa, Robby, será que podemos com eles? — perguntou Jack.

A pergunta, embora colocada nos termos mais simples, tinha implicações que nenhum deles estava em condições de apreciar. O almirante Jackson levantou os olhos lentamente das fotografias e sua voz perdeu o rancor quando o soldado profissional entrou em cena.

— Anda é cedo para dizer. — Fez uma pausa e depois formulou outra pergunta. — Acha que devemos tentar?

— Também é cedo para dizer — respondeu o conselheiro de Segurança Nacional. — Robby?

— Sim, Jack?

— Só tentaremos se tivermos condições.

— Tem razão — concordou o almirante Jackson.

Passara a maior parte da noite acordado, ouvindo o outro roncar. O que há com este sujeito? perguntou-se Chavez, irritado. Como consegue dormir tão bem? Lá fora, o sol já estava alto no céu, e os ruídos da manhã de Tóquio

invadiam as janelas e paredes, mas mesmo assim John continuava adormecido. Bem, pensou Ding, ele é mais velho do que eu e talvez esteja precisando do descanso. Foi então que aconteceu um fato insólito. O telefone começou a tocar. John logo abriu os olhos, mas Ding chegou primeiro.

— Tovarishi — disse uma voz. — Todo este tempo no país e não ligou para mim?

— Quem está falando? — perguntou Chavez. Por mais que tivesse estudado russo, ouvi-lo daquele jeito, naquelas circunstâncias, fazia a língua soar como se fosse marciano. Não foi difícil para ele falar em um tom sonolento; difícil foi evitar, um momento mais tarde, que os olhos saltassem das órbitas.

Uma risada alegre, que tinha de ser sincera, ecoou na linha.

— Yevgeniy Pavlovich, quem mais poderia ser? Faça a barba e venha tomar café comigo. Estou aqui embaixo.

Domingo Chavez sentiu o coração parar. Não fora uma interrupção de uma ou duas batidas; podia jurar que ele parara totalmente por vários segundos e depois voltara a funcionar a uma velocidade de dobra três.

— Vamos precisar de alguns minutos.

— Ivan Sergeyevich exagerou de novo na bebida, da?— perguntou a voz, com outra gargalhada. — Diga a ele que está ficando velho demais para essas coisas. Está bem, vou pedir um chá e esperar por vocês.

Os olhos de Clark primeiro se fixaram no parceiro e depois começaram a vagar pelo quarto em busca de perigos que tinham de estar presentes, pois nunca vira Ding tão pálido. John sabia que ele não se assustava facilmente, mas o que ouvira no telefone o deixara quase em pânico.

John se levantou e ligou a TV. Se havia algum perigo do lado de fora, era tarde demais. Não podiam fugir pela janela. O corredor podia estar cheio de guardas armados e a primeira coisa a fazer era ir ao banheiro.

Depois de dar a descarga, Clark olhou-se no espelho. Chavez entrou correndo.

— A pessoa que estava ao telefone me chamou de “Yevgeniy”. Está me esperando lá embaixo.

— Como era a voz dele? — perguntou Clark.

— Falava russo sem sotaque.

A água parou de correr no vaso e não puderam mais falar.

Que merda, pensou Clark, olhando para o espelho em busca de uma resposta mas encontrando apenas dois rostos muito confusos. O agente começou a lavar o rosto e examinar as possibilidades. Pense. Se fosse a polícia japonesa, eles teriam se dado ao trabalho de...? Não. Era pouco provável.

Todos consideravam os espiões uma classe perigosa, o que parecia ser um

legado curioso dos filmes de James Bond. Na vida real, a probabilidade de um agente secreto iniciar um tiroteio era a mesma de criar asas e voar. Sua qualidade mais importante era a discrição, mas aparentemente ninguém sabia disso, de modo que se a polícia local os tivesse descoberto, então... então teria acordado com uma arma a milímetros do rosto. E isso não acontecera. Certo. Não estavam em perigo imediato. Provavelmente.

Chavez ficou olhando, surpreso, enquanto Clark lavava as mãos e o rosto, fazia a barba e escovava os dentes com toda a calma antes de sair do banheiro. Chegou a sorrir quando terminou, porque a expressão combinava com o tom da sua voz.

— Yevgeniy Pavlovich, precisamos parecer kulturny ao nosso amigo, não acha? Faz tantos meses que não nos vemos...

O talento para representar tinha uma importância tão grande para os agentes secretos quanto para os atores de teatro, já que, como no palco, nas atividades de espionagem as cenas não podiam ser refeitas. O major Boris Ilich Scherenko, vice-resident do RVS em Tóquio, fora acordado quatro horas antes por um telefonema aparentemente inócuo da embaixada.

Disfarçado de adido cultural, estivera cuidando recentemente dos detalhes de uma excursão ao Japão do Balé de São Petersburgo. Depois de trabalhar durante quinze anos como agente da diretoria da KGB, exercia agora a mesma função na filial japonesa. Seu trabalho agora era ainda mais importante, pensou Scherenko. Como a capacidade do país de reagir a ameaças externas tinha sido reduzida, ele precisava mais do que nunca de informações. Talvez fosse essa a razão para aquela loucura. Ou talvez o pessoal de Moscou tivesse perdido o juízo; não havia como saber. Pelo menos, o chá era bom.

Na embaixada havia uma mensagem em código à sua espera (isso, pelo menos, não mudara) com nomes e descrições detalhadas. Seria fácil identificá-los; muito mais do que compreender as instruções que recebera.

— Vanya! — exclamou Scherenko, levantando-se para apertar efusivamente a mão do homem mais velho, mas deixando de lado o beijo tradicional dos russos. Fazia isso em parte para não chocar os japoneses e em parte por medo de que o americano o esmurrasse. Loucura ou não, era um momento a ser saboreado. Aqueles dois eram agentes graduados da CIA, e seria divertido mexer com eles em público. — Faz tanto tempo! O mais moço, observou Scherenko, estava se esforçando ao máximo para esconder suas emoções, mas sem muito sucesso. A KGB/RVS nada sabia sobre ele. Entretanto, já ouvira falar de John Clark. Era apenas um nome e uma descrição sucinta que se aplicaria a um homem branco de qualquer nacionalidade. Um metro e oitenta e cinco a um metro e noventa centímetros de altura. Noventa quilos. Cabelos

escuros. Em boa forma física. Scherenko acrescentou mentalmente: olhos azuis, um aperto de mão firme, bom controle dos nervos. Excelente controle dos nervos, pensou o major.

— É mesmo. Como vai a família, meu amigo? É um russo fluente, pensou Scherenko, notando o sotaque de São Petersburgo. Enquanto catalogava as características físicas do americano percebeu que dois pares de olhos, azuis e pretos, faziam a mesma coisa com ele.

— Natalia está sentindo sua falta. Venham! Estou faminto! — exclamou, conduzindo os outros para sua mesa de canto.

"CLARK, JOHN (?)", era o rótulo da fina pasta em Moscou. Um nome tão impessoal, que os outros nomes falsos eram desconhecidos e talvez nem existissem. Agente do tipo paramilitar, que provavelmente participava de operações especiais. Mais de duas Estrelas de Inteligência por coragem e/ou eficiência em operações de espionagem. Servira por um curto período como agente de Segurança e Proteção, mas ninguém se dera ao trabalho de conseguir uma fotografia, pensou Scherenko. Típico. Olhando para Clark agora, o que viu foi um homem totalmente à vontade com o velho amigo que conhecera não fazia cinco minutos. Bem, sempre soubera que a CIA tinha bons agentes.

— Podemos conversar aqui — disse Scherenko, em tom mais baixo, continuando a falar em russo.

— É mesmo...?

— Scherenko, Boris Ilich, major, vice-resident — afirmou, apresentando-se, afinal. Depois, apontou para os americanos. — Você é John Clark... e você é Domingo Chavez.

— E este é um episódio da série Além da Imaginação — resmungou Ding.

— "Flores das ameixa desabrocham e mulheres bonitas compram xales novos na sala de um bordel." Não é exatamente Pushkin, não acham? Nem mesmo Pasternak. Pequenos bárbaros arrogantes! Estava no Japão havia três anos. Chegara esperando encontrar um país interessante e agradável para fazer negócios, mas implicara com muitos aspectos da cultura japonesa, particularmente o modo como se consideravam superiores aos outros povos do mundo, algo particularmente ofensivo para um russo que pensava exatamente da mesma forma.

— Poderia nos explicar do que se trata, camarada major? — perguntou Clark.

Scherenko agora estava mais sério. O lado cômico do encontro ficara para trás. Não que os americanos o tivessem percebido.

— Uma americana chamada Maria Patricia Foleyeva ligou para o nosso chefe, Sergey Nikolayevich Golovko, pedindo ajuda. Sei que estão trabalhando

com outro agente aqui em Tóquio, mas não conheço seu nome. Estou autorizado a informar-lhe, camarada Klerk, que sua esposa e filhas estão bem. Sua filha mais moça foi novamente uma das primeiras da turma e tem boa chance de ser aceita na escola de medicina. Se essas provas de minha boa-fé não o satisfizerem, infelizmente não disponho de outras. — O major observou que o homem mais jovem parecia satisfeito com alguma coisa mas era difícil saber o quê.

Bem, isso esclarece tudo, pensou John. Quase tudo.

— Boris, você realmente sabe atrair a atenção de um homem. Agora talvez possa nos dizer o que está acontecendo.

— Também não sabemos ao certo — começou Scherenko, fazendo um resumo da situação. Suas informações eram um pouco melhores do que as que Clark conseguira através de Chet Nomuri, mas ainda deixavam muitas perguntas sem resposta. A espionagem era sempre assim. Jamais se podia contar com uma visão global, e as partes que faltavam eram sempre as mais importantes.

— Como tem certeza de que podemos operar em segurança?

— Sabe que não posso...

— Boris Ilich, minha vida está em suas mãos. Sabe que tenho esposa e dois filhos. Minha vida é importante para mim e para eles — explicou John, calmamente, deixando o russo impressionado. Não era uma questão de medo. John se considerava um bom agente, e Scherenko lhe dera a mesma impressão. “Confiança” era um conceito que tinha que estar presente nas operações de espionagem mas não podia ser levado a extremos. Era preciso confiar nas pessoas, mas não se podia confiar totalmente nelas em uma atividade em que a dissimulação era um meio de vida.

— O disfarce de vocês está funcionando melhor do que esperavam. Os japoneses pensam que são russos. Graças a isso, não serão incomodados. Podemos garantir isso — afirmou o vice-rezident.

— Por quanto tempo? — perguntou Clark.

— Bom, fica sempre essa dúvida, não fica?

— Como vamos nos comunicar? — quis saber John.

— Fui informado de que necessitam de um circuito telefônico de alta qualidade. — Passou-lhes um cartão por baixo da mesa. — Toda a cidade de Tóquio agora está ligada por fibra óptica. Temos várias linhas semelhantes em Moscou. Neste momento, o equipamento especial de comunicações está sendo enviado. Ouvi dizer que é excelente. Gostaria de vê-lo — afirmou Boris, levantando uma sobrancelha.

— É apenas um circuito integrado, cara — afirmou Chavez. — Não dá para ver nada.

— Muito esperto — observou Scherenko.

— Acha que os japoneses estão falando sério? Parece que já transportaram três divisões para as Marianas. A marinha deles atacou a de vocês. — Scherenko contou o que sabia. — Devo informar que, de acordo com nossas estimativas, vocês encontrarão grandes dificuldades para recuperar as ilhas.

— Pode ser mais claro? — pediu Clark.

O russo deu de ombros, não sem uma certa simpatia.

— Moscou acha que não conseguirão retomá-las. O poder militar de vocês se tornou quase tão frágil quanto o nosso.

É por isso que os japoneses estão colocando as mangas de fora, pensou Clark. Era por isso também que tinha um novo amigo em território estrangeiro.

Repetira para Chavez, no dia em que se conheceram, uma frase de Henry Kissinger: “Mesmo os paranoicos têm inimigos.” As vezes imaginava por que os russos não imprimiam a frase nas suas notas, como o *E pluribus unum* dos americanos. A verdade era que tinham muitas histórias para confirmá-la. Os americanos, também.

— Prossiga.

— Temos espiões infiltrados nos órgãos de inteligência e também em alguns setores do exército, mas CARDO é uma rede comercial e deve ter obtido outro tipo de informações. Ainda não sei exatamente aonde os japoneses querem chegar. — Isso não era exatamente verdade, mas Scherenko estava separando o que sabia do que pensava e, como bom espião, limitando-se, por enquanto, às informações do primeiro tipo. — Nesse caso, nós dois temos muito trabalho pela frente.

Scherenko assentiu.

— Apareça na embaixada quando quiser.

— Avise quando o equipamento de comunicações chegar a Moscou.

Clark poderia ter continuado a conversa, mas decidiu encerrá-la. Não confiaria integralmente no russo até receber uma confirmação eletrônica.

Ironicamente, pensou, se Scherenko estivesse dizendo a verdade a respeito do grau de infiltração dos russos no governo japonês, poderia facilmente ter falsificado a própria identidade. Além disso, os velhos hábitos eram difíceis de abandonar, especialmente naquela profissão. O único consolo era que o interlocutor sabia que ele estava encarando toda aquela trama com reservas e parecia não se importar.

— Farei isso.

Não eram necessárias muitas pessoas para lotar a Sala Oval. O lugar mais importante no que Ryan esperava que ainda fosse o país mais poderoso do mundo era menor do que seu escritório que ocupara durante o breve retorno ao

mundo dos negócios... e menor, na verdade, do que o seu escritório de esquina na ala ocidental no prédio, percebeu Jack pela primeira vez.

Estavam todos muito cansados. Um dos mais abatidos era Brett Hanson. Apenas Arnie van Damm parecia quase normal, mas isso não era vantagem, porque sempre dava a impressão de ter saído de uma farra. Buzz Fiedler parecia estar à beira de um colapso. O pior de todos, porém, era o secretário de Defesa. Fora o responsável pela supervisão dos cortes nas forças militares americanas, e que informara ao Congresso, quase toda semana, que a capacidade do país naquele setor era muito maior do que as necessidades. Ryan recordou seu depoimento na TV, os memorandos internos, as objeções quase desesperadas dos chefes militares, que não tinham chegado ao conhecimento do público. Não era difícil adivinhar o que o SecDef estava pensando agora. Aquele brilhante burocrata, tão confiante em sua visão e poder de análise, acabara de bater de frente em uma muralha chamada realidade.

— Vamos discutir o problema econômico — disse o presidente Durling, para alívio do SecDef.

— A parte mais difícil são os bancos. Eles não vão sossegar enquanto não consertarmos o problema da DTC. Quase todos estão envolvidos com o mercado acionário e não têm a menor ideia de quais são suas reservas. O público tentará resgatar as cotas dos fundos de investimentos mantidos por esses bancos. O Federal Reserve quer obrigá-los a honrar seus compromissos.

— Alegando o quê? — perguntou Jack.

— Alegando que dispõem de crédito ilimitado. Alegando que podem pedir emprestado quanto dinheiro quiserem.

— Isso é inflacionário — observou van Damm. — Pode ser perigoso.

— Não penso assim — protestou Ryan. — A curto prazo, a inflação é como um resfriado: pode ser tratada com aspirina e canja de galinha. O que aconteceu na sexta-feira é como um ataque cardíaco. E algo muito mais urgente. Se os bancos não funcionarem normalmente amanhã... Buzz tem razão, é a confiança do sistema que está em jogo.

Mais uma vez, Roger Durling pensou que fora uma sorte Ryan ter passado algum tempo trabalhando no setor financeiro.

— E os mercados de ações? — perguntou o presidente ao secretário do Tesouro.

— Estão fechados. Falei com os presidentes de todas as bolsas. Não haverá negócios até que todos os registros da DTC tenham sido refeitos.

— O que significa isso? — perguntou Hanson.

Ryan notou que o secretário de Defesa estava muito calado. Normalmente,

era o primeiro a dar sua opinião. Em outras circunstâncias, teria dado graças a Deus pela nova atitude do colega.

— Ninguém é obrigado a negociar suas ações no pregão da NYSE — explicou Fiedler. — Se quiser, pode fazer isso no banheiro dos homens de um clube de campo.

— E é o que alguns vão fazer — acrescentou Ryan. — Não muitos, mas alguns.

— E as bolsas no exterior? — quis saber Durling. — Nossas ações são negociadas em muitos países.

— O movimento é muito pequeno, em comparação com o do país — respondeu Fiedler. — Além disso, as cotações são baseadas nas de Nova York. Sem elas, ninguém vai saber quanto valem as ações.

— Eles têm registros das cotações de sexta-feira, não têm? Sim, mas essas cotações estão sob suspeita, e ninguém aplica milhões com base em informações duvidosas. Na verdade, não é de todo mau que o problema da DTC tenha chegado ao conhecimento do público. Isso nos dá um motivo para manter tudo parado por um dia ou dois — afirmou Ryan.

— As pessoas podem entender o fato de que houve uma falha no sistema que precisa ser corrigida. Isso evitará que entrem em pânico. Quanto tempo vamos levar para reconstituir os registros?

— Eles ainda não sabem — admitiu Fiedler. — Provavelmente teremos de esperar até quarta-feira.

Ryan esfregou os olhos. Queria se levantar e andar um pouco, só para fazer o sangue circular, mas apenas o presidente podia fazer isso na Sala Oval.

— Tive uma conferência telefônica com os presidentes das bolsas. Estão chamando todo mundo para trabalhar, como em um dia normal. Eles têm ordens para proceder como se estivessem ocupados.

— Boa ideia, Buzz — disse o presidente. Ryan fez um sinal para o secretário do Tesouro com os polegares para cima.

— Temos de encontrar uma solução sem perda de tempo — prosseguiu Fiedler. — Jack provavelmente está certo. O pânico só vai começar na quarta-feira à tarde, mas a partir daí a situação fugirá de controle — concluiu, em tom sombrio. Na verdade, naquela noite a situação não parecia tão grave como na véspera. Pelo menos, tinham algum tempo para respirar.

— Próximo assunto — disse van Damm. — Ed Kealty vai renunciar discretamente. Pretende fazer um acordo com a Comissão de Justiça. Pelo menos deste problema estamos livres. Naturalmente, teremos de encontrar alguém para o cargo — acrescentou o chefe de gabinete, olhando para o presidente.

— Prefiro esperar — afirmou Durling. — Brett, fale sobre a Índia.

— O embaixador Williams tem ouvido alguns boatos preocupantes. A análise da Marinha provavelmente estava certa. Parece que os indianos pretendem invadir o Sri Lanka EM futuro próximo.

— Escolheram uma boa hora — ouviu Ryan, antes de falar.

— A Marinha está necessitando de instruções detalhadas. Temos uma força de combate de dois porta-aviões na região. Se houver um confronto direto, eles precisam saber o que estão autorizados a fazer.

Ryan teve de dizer isso por causa da promessa que fizera a Robby Jackson, mas não sabia qual seria a resposta. Aquela panela ainda não começara a ferver.

— Há muitos fatores em jogo. Vamos deixar essa resposta para mais tarde — disse o presidente. — Brett, peça a Dave Williams que se encontre com a primeira-ministra e deixe claro que os Estados Unidos não veem com bons olhos atos de agressão em qualquer parte do mundo. Nada de ameaças. Apenas uma declaração firme, e diga que espere até receber uma resposta.

— Há muito tempo que não falamos com eles neste tom — advertiu Hanson.

— Acho que está na hora de fazê-lo, Brett — observou Durling.

— Sim, senhor presidente.

E agora, pensou Ryan, aquilo que todos estamos esperando. Os olhos se voltaram para o secretário de Defesa. Ele falou mecanicamente, quase sem levantar os olhos das anotações.

— Os dois porta-aviões devem chegar de volta a Pearl Harbor na sexta-feira. Temos duas docas secas disponíveis, mas os reparos levarão vários meses. Como sabem, perdemos os dois submarinos. A esquadra japonesa está recuando na direção das Marianas. Não houve mais nenhum contato hostil entre as duas esquadras. Calculamos que cerca de três divisões foram transportadas de avião para as Marianas, uma para Saipan e boa parte das outras duas para Guam. Usaram pistas de pouso construídas e mantidas por nós... — Continuou no mesmo tom monótono, fornecendo detalhes que Ryan já conhecia e chegando a uma conclusão que o conselheiro de Segurança Nacional já temia.

Todos os recursos de que dispunham eram insuficientes. A Marinha dos Estados Unidos representava metade do que fora apenas dez anos antes. Eram capazes de transportar por mar apenas uma divisão de tropas de assalto. Apenas uma, e para isso teriam de fazer todos os navios da Esquadra do Atlântico passarem pelo canal do Panamá e convocar navios de outros oceanos do mundo. Necessitariam de apoio para desembarcar as tropas, mas a maioria das fragatas contava apenas com um canhão de três polegadas. Os contratorpedeiros e cruzadores tinham apenas dois canhões de cinco polegadas, um poder de fogo muito menor que o dos encouraçados e cruzadores usados para tomar as

Marianas em 1944. Não havia nenhum porta-aviões disponível a curto prazo; os dois mais próximos estavam no oceano Índico e mesmo assim não poderiam enfrentar o poderio aéreo que os japoneses haviam instalado em Guam e Saipan, pensou Ryan, irritando-se pela primeira vez com a situação. Levara muito tempo para superar a incredulidade, pensou Jack consigo mesmo.

— Acho que não estamos em condições de retomar o arquipélago — concluiu o SecDef. Era uma avaliação que nenhum dos presentes se encontrava em condições de contestar. Estavam cansados demais para recriminações. O presidente Durling agradeceu a todos e se retirou para os aposentos particulares, para tentar dormir um pouco antes de enfrentar a imprensa na manhã seguinte.

Em vez de usar o elevador, subiu pela escada, pensativo, escoltado por agentes do Serviço Secreto. Era uma pena que seu mandato terminasse daquela forma. Embora jamais tivesse desejado a presidência, tentara fazer um bom trabalho e até que não estava se saindo mal antes das últimas crises.

28
TRANSMISSÕES

O 747 400 da United pousou no Aeroporto de Scheremetyevo, em Moscou, trinta minutos antes da hora prevista. O vento ainda soprava forte sobre o Atlântico. Um correio diplomático foi o primeiro a saltar, ajudado por uma aeromoça. Ao entrar no terminal, mostrou o passaporte diplomático a um empregado da alfândega, que o encaminhou a um funcionário da embaixada americana. O homem apertou-lhe a mão e levou-o para a saída.

— Venha comigo. Temos uma escolta para nos acompanhar até a cidade — disse o funcionário, sorrindo com o absurdo da situação.

— Não conheço você — protestou o correio, desconfiado.

Normalmente, sua identidade e sua mala diplomática eram invioláveis, mas tudo naquela viagem tinha sido fora do comum.

— Existe um laptop na sua bagagem. Está fechado com uma fita adesiva amarela. E a única coisa que você trouxe — afirmou o chefe da filial da CIA em Moscou. Era por isso que o correio não o conhecia. — O nome de código da sua viagem é ROLO COMPRESSOR.

— Está certo — concordou o correio, tranquilizando-se.

Um carro da embaixada esperava-os. Era um Lincoln de três bancos, que parecia ser o carro pessoal do embaixador. Em seguida apareceu um veículo de

escolta que, depois que saíram do aeroporto, ligou uma luz rotativa, para apressar a viagem até a cidade. O correio considerou aquilo um grande erro. Teria sido melhor usarem um carro russo. Na verdade, tinha muitas perguntas não respondidas. Por que fora convocado em casa para levar um computador portátil até Moscou? Se era uma missão altamente secreta, como os russos sabiam? Se a missão era tão importante, porque tinham usado um voo comercial? Depois de trabalhar tantos anos no Departamento de Estado, sabia que era tolice questionar a lógica das operações do governo; a questão era que ainda conservava um certo idealismo.

O restante da viagem transcorreu sem incidentes. Foram direto para a embaixada, localizada no centro de Moscou, à margem do rio. Depois de entrarem no edifício, os dois homens dirigiram-se à sala de comunicações, onde o correio abriu a mala, entregou o conteúdo e foi para o hotel tomar um banho e dormir um pouco, certo de que suas perguntas jamais seriam respondidas.

O restante do trabalho foi executado pelos russos com notável presteza.

A linha telefônica para a Interfax levava por sua vez ao RVS e daí, por fibra óptica, até Vladivostok, onde uma linha semelhante, instalada pela Nippon Telephone &. Telegraph, conduzia à ilha japonesa de Honshu. O laptop dispunha de um modem interno, que foi conectado à linha recém-instalada.

Uma vez ligado o computador, não havia mais nada a fazer a não ser esperar.

Era uma e meia quando Ryan chegou em casa. Dispensara o motorista dos Serviços Gerais e deixara que o Agente Especial Robberton o levasse para casa. Mostrou ao agente do Serviço Secreto onde ficava o quarto de hóspedes antes de se dirigir ao seu quarto onde constatou, sem surpresa, que Cathy ainda estava acordada.

— Jack, o que está acontecendo?

— Você não tem que trabalhar amanhã? — replicou o marido, esquivando-se à pergunta.

Voltar para casa tinha sido uma necessidade. Mais do que tudo, precisava melhorar seu aspecto. A crise já era grave. Se os altos funcionários da Administração começassem a aparecer em público com as roupas amarrotadas e a barba por fazer, a imprensa não tardaria a tirar conclusões. Além do mais, era uma coisa que saltava aos olhos. O cidadão comum que visse a fita na TV a cabo ficaria logo sabendo que algo ia mal e oficiais preocupados levavam a soldados preocupados, uma lição que Ryan aprendera no Curso Básico para Agentes, em Quântico. Por isso, tivera de passar duas horas viajando de carro, tempo que aproveitaria melhor no sofá do escritório.

Cathy esfregou os olhos no escuro.

— Não tenho nada para fazer de manhã. A tarde, vou dar um seminário para alguns visitantes estrangeiros a respeito do novo sistema a laser.

— Visitantes de onde?

— Do Japão e Formosa. Estamos cedendo os direitos do sistema de calibração que desenvolvemos e... o que houve? — perguntou, quando o marido olhou para ela, surpreso.

Estou ficando paranoico, pensou Ryan. E uma simples coincidência, nada mais. Mesmo assim, saiu do quarto sem dizer mais nada. Quando chegou ao quarto de hóspedes, Robberton estava se despindo, o coldre com a arma pendurado na cabeceira da cama. A explicação levou apenas alguns segundos. Robberton pegou o telefone e digitou o número do centro de operações do Serviço Secreto, que ficava a apenas dois quarteirões da Casa Branca.

Ryan nem sabia que a esposa tinha um nome de código.

— A CIRURGIÃ — aquela escolha era óbvia, pensou Ryan — precisa de uma amiga amanhã... no Johns Hopkins... oh, sim, não há problema. Tchau. — Robberton desligou. — Andrea Price é uma funcionária muito competente. Solteira, esguia, cabelos castanhos. Acaba de se juntar a nós, depois de passar oito anos nas ruas. Trabalhei com o pai dela logo depois de entrar para o serviço. Obrigado pela informação.

— Vejo você por volta das seis e meia, Paul.

— Está bem.

Robberton deitou-se na cama, mostrando claramente que era capaz de dormir na hora que quisesse. Um talento útil, pensou Ryan.

— O que houve, afinal? — perguntou Caroline Ryan, quando o marido voltou para o quarto.

Jack sentou-se na beira da cama para explicar.

— Cathy, hum, amanhã no Hopkins vai haver alguém com você. O nome dela é Andrea Price. Trabalha no Serviço Secreto. Vai ficar com você o tempo todo.

— Por quê?

— Cathy, estamos com muitos problemas. Os japoneses atacaram nossos navios e ocuparam algumas ilhas. Mas você não deve...

— Eles fizeram o quê?

— Não deve contar a ninguém — prosseguiu o marido. — Entendeu? Não deve contar a ninguém, mas como vai se encontrar com alguns japoneses amanhã, e por causa da posição que ocupo, o Serviço Secreto quer que haja alguém com você o tempo todo, apenas para se certificar de que está tudo bem.

Havia mais. O Serviço Secreto estava com falta de pessoal e não tinha escrúpulos em pedir ajuda à polícia em caso de necessidade. A Polícia da Cidade

de Baltimore, que normalmente zelava pela segurança do Johns Hopkins — o complexo do hospital ficava em um bairro não muito recomendável — provavelmente destacaria um detetive para acompanhar a Srta. Price.

— Jack, estamos correndo perigo? — perguntou Cathy, lembrando-se de tempos distantes e terrores distantes, como na época em que estava grávida do pequeno Jack e o Exército de Libertação do Ulster invadira sua casa.

Lembrou-se do alívio que sentira quando o último deles foi executado por assassinato, o que colocou um ponto final no episódio mais desagradável de toda a sua vida.

Jack, por sua vez, estava chegando à conclusão de que aquilo era mais uma coisa que não haviam se lembrado de levar em consideração. Se os Estados Unidos estavam em guerra e ele era o conselheiro de Segurança Nacional, isso o tornava automaticamente um alvo estratégico. Ele e a esposa. Os três filhos, também. Irracional? Todas as guerras não eram irracionais? — Acho que não — respondeu, depois de pensar por um momento. — Mesmo assim, talvez fosse melhor... bem... convidar alguém para passar uns dias conosco. Ainda não sei. Preciso pensar.

— Você disse que eles atacaram nossos navios?

— É verdade, meu bem, mas não deve...

— Isso significa que estamos em guerra, não é?

— Não sei, querida.

Ryan estava tão cansado que adormeceu trinta segundos depois de encostar a cabeça no travesseiro. Seu último pensamento consciente foi uma admissão de que sabia muito pouco do que precisava saber para responder às perguntas de Cathy, ou mesmo a suas próprias perguntas.

Ninguém estava dormindo no sul de Manhattan, pelo menos ninguém que os outros pudessem considerar importante. Ocorreu a mais de um executivo cansado observar que agora estavam realmente fazendo por merecer o dinheiro que ganhavam, mas na verdade estavam conseguindo muito pouco.

Orgulhosos executivos, todos eles, varriam com os olhos os escritórios de corretagem cheios de computadores cujo valor global era conhecido apenas pelo departamento de finanças e cuja utilidade no momento era praticamente nula. Logo os mercados europeus começariam a funcionar. O que fariam? Havia normalmente um plantão noturno encarregado de negociar as ações europeias e acompanhar os mercados do eurodólar, de commodities e de metais preciosos, além de todas as atividades econômicas a leste do Atlântico. Quase sempre, era como o prólogo de um livro, um preparativo para a ação, interessante mas não essencial, já que as transações importantes eram executadas em Nova York.

Naquele dia, porém, era diferente. Não havia como prever o que estava para acontecer; o centro das ações estava na Europa e todas as regras tinham sido suspensas momentaneamente. Os funcionários que operavam os computadores naquele turno eram considerados de segunda classe pelos que chegavam para trabalhar às oito da manhã, o que era ao mesmo tempo falso e injusto, mas em toda comunidade tinha de haver uma competição interna. Quando apareceram naquela hora tardia, os empregados notaram com surpresa a presença dos altos executivos e se sentiram ao mesmo tempo prestigiados e pouco à vontade. Ali estava a oportunidade para demonstrarem seu valor. Ali estava também a oportunidade de desgraçarem suas carreiras, ao vivo e em cores.

As coisas começaram a acontecer exatamente às quatro da manhã, hora de Nova York — Obrigações do Tesouro.

A expressão foi repetida simultaneamente em vinte línguas quando os bancos europeus, que ainda tinham em seu poder enormes quantidades de Obrigações do Tesouro dos Estados Unidos para se garantir contra flutuações das moedas europeias, de repente chegaram à conclusão de que era mais seguro se desfazer delas. Pareceu estranho a alguns que as notícias tivessem levado tanto tempo para chegar aos primos europeus na sexta-feira, mas era sempre assim, na verdade, e os movimentos iniciais, acompanhados atentamente por Nova York, foram relativamente tímidos. A razão logo se tornou evidente. Havia muitos vendedores, mas poucos compradores. Em consequência, os preços despencaram tão depressa quanto a confiança dos europeus no dólar.

— Isto é um roubo! O que podemos fazer? Essa pergunta também foi feita em mais de um lugar, mas a resposta era sempre a mesma: — Nada.

A palavra era pronunciada em tom de irritação, geralmente seguida por uma expressão como europeus filhos da puta ou coisa mais elaborada, dependendo dos pendores literários do executivo em questão. Estava havendo de novo uma corrida para vender dólares, e a maior arma de que os Estados Unidos dispunham para combatê-la estava fora de ação, graças a um programa de computador em que todos confiavam. Os sinais de É Proibido Fumar em vários escritórios foram ignorados. Afinal, não precisavam se preocupar com o efeito da fumaça sobre os equipamentos, já que os computadores estavam todos desligados. Era um bom dia para fazer a manutenção dos sistemas, observou ironicamente um dos executivos.

Felizmente nem todos pensavam da mesma forma.

— Certo, então foi aqui que tudo começou, hein? — comentou George Winston.

Mark Gant fez o dedo deslizar sobre a tela do monitor.

— Banco da China, Banco de Hong Kong, Banco Imperial de Cathay. Eles

compraram essas obrigações há quatro meses, para se precaver contra as flutuações do iene, ao que parece com muito sucesso. Na sexta-feira, venderam tudo e compraram um monte de ienes. Depois do que aconteceu aqui, tiveram um lucro de vinte e dois por cento na transação. Eles tinham sido os primeiros, e por serem os primeiros, tinham ganhado muito dinheiro. Era um sucesso que merecia ser comemorado com mais do que alguns jantares de luxo em Hong Kong, uma cidade bem apropriada para a comemoração.

— Acha que foi por acaso? — perguntou a Gant, abafando um bocejo.

O executivo deu de ombros. Estava cansado, mas o fato de estar ao lado do antigo chefe emprestava-lhe novas energias.

— Por acaso uma ova! Foi uma manobra brilhante. Ou tiveram informações de fora ou alguém teve um palpite e deu sorte.

Sorte, pensou Winston. A sorte era uma coisa real, algo que qualquer corretor veterano acabava por admitir depois de alguns drinques, geralmente dois ou três, o número necessário para acabar com aquela história de ”esperteza”. Muitas vezes, eles agiam com base em um mero palpite.

Quando tinham sorte, ganhavam dinheiro; quando não tinham, partiam para outra.

— Prossiga — disse Winston.

— Logo depois, outros bancos começaram a fazer o mesmo.

O Columbus Group tinha alguns dos computadores mais sofisticados de Wall Street, capazes de rastrear os negócios realizados com qualquer ação ou grupo de ações, e Gant era o protótipo do especialista em computadores.

Passaram a acompanhar a venda de Obrigações do Tesouro por outros bancos asiáticos. Curiosamente, os bancos japoneses levaram mais tempo para acompanhar a tendência do que seria de esperar. Não era nenhuma desgraça ficar um pouco atrás de Hong Kong. Os chineses eram muito bons naquele tipo de negócio, especialmente os que tinham sido treinados pelos ingleses, os inventores do moderno sistema financeiro. Entretanto, em geral os japoneses eram mais ágeis que os tailandeses, pensou Winston.

Era o instinto de novo em ação, apenas a intuição de um homem que conhecia de perto o mercado.

— Verifique a cotação do iene, Mark.

Gant digitou um comando, e a valorização rápida do iene ficou óbvia. Tão óbvia, na verdade, que não precisavam nem acompanhá-la no computador.

— Foi isso que você pediu? Winston recostou-se na cadeira, sem tirar os olhos da tela.

— Mostre-me o que o Banco da China fez quando vendeu as obrigações.

— Ora, eles venderam tudo para o mercado de eurodólares e usaram o

dinheiro para comprar ienes. Era a coisa mais sensata que eles...

— Sim, mas observe de quem compraram os ienes — sugeriu Winston.

— E o que pagaram por eles... — murmurou Gant, olhando para o patrão.

— Sabe por que sempre fui honesto, Mark? Sabe por que nunca saí da linha, nem mesmo uma única vez, nem mesmo quando tinha uma informação absolutamente segura? — perguntou George. Havia mais de uma razão, é claro, mas para que complicar as coisas? Encostou o indicador na tela, deixando no vidro uma impressão digital. O simbolismo quase o fez rir. — Foi por isso! Isso não quer dizer absolutamente nada. Os japoneses sabiam que podiam forçar um pouco a barra e...

Winston percebeu que Gant ainda não entendera. Precisava colocar a coisa em termos mais simples.

— Observe a tendência, Mark. Observe a tendência.

Que filhos da mãe, pensou consigo mesmo, dirigindo-se ao banheiro.

Mas a tendência é minha amiga. Depois pensou outra coisa: Vocês se danaram com meu mercado financeiro.

Não era um grande consolo. Agora sabia que vendera o negócio a um predador, mas o estrago já estava feito. Os investidores confiavam nele e traíra essa confiança. Enquanto lavava as mãos, olhou para o espelho acima da pia e viu os olhos de um homem que abandonara o posto, os olhos de um desertor.

Mas agora estou de volta e tenho muito trabalho a fazer.

O Pasadena finalmente deixara o cais, mais de vergonha do que por qualquer outro motivo, pensou Jones. Escutara a conversa que Bart Mancuso mantivera ao telefone com o CINCPAC, explicando que o submarino estava carregado de armas e tão cheio de comida, que os corredores estavam totalmente tomados por caixas de enlatados, o suficiente para sessenta dias ou mais no mar. Aquilo era sinal dos tempos, pensou Jones, lembrando-se das mordomias de que desfrutara em missões mais demoradas. De modo que o USS Pasadena, na Marinha dos Estados Unidos, estava agora no mar, rumando para oeste a cerca de vinte nós, usando um hélice silencioso, ao que tudo indicava, e não um hélice de velocidade. Se não fosse assim, provavelmente já o teria detectado no sonar. O submarino acabara de passar a menos de quinze milhas náuticas de uma unidade do SOSUS, uma das novas, capazes de captar as batidas do coração de um feto de baleia. O Pasadena ainda não recebera suas ordens, mas estaria no lugar certo quando elas fossem transmitidas, com a tripulação treinada, em boa forma física e adaptada às condições do mar. Isso representava alguma coisa.

Parte dele queria muito estar lá, mas essa parte pertencia ao passado.

— Não vejo nada, senhor.

Jones piscou os olhos e olhou para o gráfico impresso que estavam examinando.

— Você precisa prestar atenção a pequenos detalhes — disse Jones.

Apenas um fuzileiro com uma pistola carregada o tiraria do SOSUS naquele momento. Deixara isso bem claro para o almirante Mancuso, que por sua vez deixara isso claro para os outros. Tinham discutido rapidamente a possibilidade de reconvocar Jones para uma missão especial, talvez no posto de comandante, mas o próprio Ron rejeitara a ideia. Deixara a Marinha como Operador de Sonar de Primeira Classe e não pretendia tornar-se oficial depois de velho. Além de tudo, não se sentiria bem com os suboficiais que realmente faziam o trabalho e o consideravam como um igual.

O técnico oceanográfico de segunda classe Mike Boomer fora designado assistente pessoal de Jones. O rapaz era esperto e tinha futuro, pensou o Dr. Jones, apesar de ter sido forçado a abandonar o trabalho nos P-3 por causa de um enjoo crônico.

— Todos esses sujeitos estão usando sistemas Pairie-Masker quando começam a usar os respiradouros, lembra-se? A chuva na superfície da água produz um sinal na linha de mil hertz. O que nós fazemos é procurar sinais de chuva — Jones mostrou uma fotografia meteorológica que estava sobre a mesa — quando não está chovendo. Depois, procuramos sinais em sessenta hertz, sinais fracos, de curta duração, que normalmente seriam ignorados, mas que coincidam em localização com os sinais de chuva. Eles usam motores e geradores de sessenta hertz, certo? Em seguida, procuramos transitórios, pontinhos que parecem ruído de fundo, também nas proximidades da chuva. Como este aqui.

Marcou a folha com uma caneta vermelha e olhou para o chefe do sonar, que olhava para ele do outro lado da mesa como se fosse um deus.

— Ouvi falar do senhor quando estava operando o Ref-Tra em Dam Neck. Pensei que fossem histórias do mar.

— Tem um cigarro? — perguntou o único civil presente. O chefe do sonar passou-lhe um. Os sinais de NÃO FUME tinham desaparecido, e havia cinzeiros espalhados pela sala. O SOSUS estava envolvido em uma guerra; em breve, o restante da Esquadra do Pacífico entraria no mesmo clima. Agora estou me sentindo em casa, pensou Jones. —Você sabe a diferença entre uma história do mar e um conto de fadas, não sabe?

— Qual é a diferença? — perguntou Boomer.

— Os contos de fadas começam com “Era uma vez...” — começou Jones, com um sorriso, marcando na folha outro sinal de 60Hz.

... e as histórias do mar começam com “sem sacanagem” — concluiu o

chefe do sonar. Piadas à parte, o cara era tão bom quanto diziam. — Acho que já temos o suficiente para fazer uma avaliação, Dr. Jones.

— Acho que é um submarino inimigo, sargento.

— Pena que não podemos ir atrás dele.

Ron concordou lentamente com a cabeça.

— Eu também, mas agora sabemos que é possível detectar os filhos da mãe. Mesmo assim, os P-3 terão muito trabalho para localizá-los. E inegável que são embarcações de primeira.

Não havia razão para se sentirem muito confiantes. Tudo que o SOSUS fazia era determinar direções no oceano. Se mais de um hidrofone recebesse sinais da mesma fonte, poderiam fazer uma rápida triangulação, mas o resultado final seriam círculos e não pontos, e esses círculos podiam ter até trinta quilômetros de diâmetro. Era uma questão de física. Os sons que podiam ser captados com facilidade a grandes distâncias eram os de baixa frequência, enquanto que, como para qualquer tipo de onda, os que permitiam maior resolução eram os de alta frequência.

— Pelo menos, sabemos onde procurá-lo da próxima vez que usar o respiradouro. Vou ligar para Operações da Esquadra e avisar que não há ninguém perto dos porta-aviões. Aqui, aqui e aqui, grupos de superfície. — Fez algumas marcas no papel. — Também rumando para oeste com boa velocidade, sem fazer muita questão de esconder o fato. Todos os rastros são divergentes. Estão desfazendo a formação. Não pretendem nos atacar de novo.

— Talvez isso seja um bom sinal.

Jones apagou o cigarro.

— É verdade, sargento, talvez seja um bom sinal. Espero que os comandantes saibam o que fazer com essa informação.

O curioso foi que as coisas na verdade tinham-se acalmado. Na manhã de segunda-feira, as notícias na TV a respeito da crise de Wall Street foram clinicamente precisas e as análises surpreendentemente sofisticadas, melhores, talvez, que as dos canais americanos, pensou Clark, com professores de economia narrando o jogo e um banqueiro experiente se encarregando dos comentários. Talvez os Estados Unidos fossem forçados a reformular sua posição diante do Japão, dizia o editorial de um jornal. Não era evidente que os países precisavam um do outro, em especial agora, e que um Japão fortalecido atenderia aos interesses americanos? Ao primeiro-ministro Goto eram atribuídas palavras conciliatórias, embora não diante das câmaras, em uma linguagem que não costumava usar e que por isso mesmo receberam grande publicidade.

— Maldito Além da Imaginação — murmurou Chavez em um momento de silêncio, abandonando temporariamente seu disfarce. Que droga, pensou, agora

estavam sendo controlados pelos russos. Que diferença fazia? — Em russo — advertiu o chefe, em tom tolerante.

— Da, tovarisch — foi a resposta irritada. — Gostaria de saber o que está acontecendo. Estamos ou não em guerra?

— É difícil dizer—respondeu Clark, em inglês. Estou ficando descuidado, também, pensou.

Havia outros gaijin de volta às ruas, quase todos com jeito de americanos. Os olhares que despertavam tinham voltado à mistura habitual de desconfiança e curiosidade; a hostilidade demonstrada na última semana parecia ter diminuído de forma considerável.

— O que vamos fazer?

— Experimentar o número da Interfax que eles nos deram.

Clark já havia digitado um relatório completo. Era a única coisa que tinha para fazer, além de manter seus contatos ativos e procurar informações. Provavelmente Washington já sabia de tudo que estava no relatório, pensou, no caminho de volta para o hotel. Quando se dirigiram para o elevador, o recepcionista sorriu e fez uma reverência um pouco mais caprichada do que de costume. Dois minutos depois, estavam no quarto.

Clark pegou o laptop, ligou o fio do telefone no conector apropriado e ligou o computador. Mais um minuto e o modem estava discando o número que lhe haviam passado durante o café da manhã, que supostamente o colocaria em contato com Moscou através do mar do Japão e de toda a Sibéria. Ouviu o ruído eletrônico de um telefone chamando e esperou que a ligação fosse completada.

O chefe da filial já superara a aflição associada ao fato de haver um agente russo na sala de comunicações da embaixada mas ainda não chegara ao ponto de encarar a situação com naturalidade. O ruído do computador assustou-o.

— É um método muito interessante — observou o russo.

— Obrigado.

Qualquer um que já tivesse usado um modem poderia reconhecer o som, um ruído de água corrente ou talvez de uma lixa, na verdade apenas o chiado digital produzido por dois aparelhos eletrônicos tentando se sincronizar para trocar informações. As vezes o processo era quase instantâneo; às vezes, levava quase dez segundos. Naquele caso, levou pouco mais de um segundo; o chiado que veio a seguir foi produzido pelo sinal codificado correspondente a 19.200 caracteres por segundo atravessando a linha de fibra óptica, primeiro em um sentido, depois no outro. Quando a segunda transmissão terminou, os dois sistemas estavam formalmente interligados, e o operador do outro lado enviou um artigo de jornal. Só para garantir, os russos publicariam o artigo no dia seguinte em dois jornais, em ambos os casos na página 3. Não queriam chamar a

atenção sem necessidade.

Foi então que chegou a parte mais difícil para o chefe da filial da CIA.

No momento apropriado, imprimiu duas cópias do mesmo relatório, uma das quais foi entregue ao agente do RVS. Será que Mary Pat está perdendo o juízo?

— O russo dele é muito literário, quase clássico. Quem lhe ensinou minha língua?

— Sinceramente, não sei — mentiu o chefe da filial. O pior era que o russo tinha toda razão. Sua resposta o fez franzir a testa.

— Quer que eu ajude na tradução?

— Que merda!

Ele sorriu.

— Claro, por que não?

— Ryan.

Cinco horas de sono, resmungou Jack, pegando o telefone seguro. Pelo menos, não tinha de dirigir.

— Aqui é Mary Pat. Temos uma novidade. Estará na sua mesa quando chegar.

— Boas notícias?

— É um começo — declarou a moça.

Estava sendo deliberadamente lacônica. Ninguém confiava nos radiofones, mesmo quando transmitiam em código.

— Olá, Dra. Ryan. Sou Andrea Price. — A agente já estava usando um guarda-pó e um crachá na lapela com seu retrato. — Meu tio é médico. Clínico geral em Wisconsin. Acho que gostaria de me ver assim — acrescentou, com um sorriso.

— Tenho algum motivo para me preocupar?

— Acho que não — afirmou a agente Price, ainda sorrindo. Sabia que as pessoas a serem protegidas não gostavam de ver os protetores preocupados.

— E meus filhos? — Colocamos dois agentes em frente à escola e mais um na casa ao lado da creche do neném — explicou a agente. — Não se preocupe. Eles nos pagam para ser paranoicos e quase sempre exageramos nas precauções, mas é como na sua profissão. E melhor pecar por excesso do que por falta, certo?

— E meus visitantes? — perguntou Cathy.

— Posso dar uma sugestão?

— Claro.

— Ofereça a eles guarda-pós do Hopkins como lembrança. Posso observá-los enquanto trocam de roupa.

Era uma tática inteligente, pensou Cathy.

— Você está armada?

— Sempre ando armada — confirmou Andrea Price. — Mas nunca tive de usar meu revólver nem tirá-lo do coldre. Pense em mim como uma mosca na parede.

Parece mais um falcão, pensou Cathy, mas pelo menos um falcão de boa paz.

— O que vamos fazer, John? — perguntou Chavez, em inglês.

O chuveiro estava ligado. Ding estava sentado no chão e John, no vaso sanitário.

— Já vimos como eles são, não vimos? — observou o agente mais velho.

— Claro, naquela maldita fábrica! Agora só precisamos descobrir para onde foram levados.

Kelly achou sua sugestão bastante razoável. Tinham apenas que averiguar onde estavam os mísseis e se realmente dispunham de ogivas nucleares, nada mais do que isso. Sabiam que se tratava de mísseis SS-19 adaptados e que haviam deixado a fábrica por via férrea. Naturalmente, o país tinha mais de vinte e oito mil quilômetros de trilhos; por isso, era melhor deixarem para o dia seguinte. Em certas ocasiões os espiões preferiam adotar o horário bancário, e essa era uma delas. Decidiu tomar um bom banho antes de ir para a cama. Ainda não sabia o que fazer, mas preocupar-se com isso até a morte não adiantaria de nada e aprendera havia muito tempo que pensava melhor depois de uma boa noite de sono. Uma vez ou outra, também, tinha uma boa ideia quando estava debaixo do chuveiro. Mais cedo ou mais tarde, Ding aprenderia aqueles truques, pensou, vendo a expressão de desânimo do rosto do rapaz.

— Olá, Betsy — disse Jack à moça que estava à sua espera na antessala do escritório. — Levantou cedo hoje. Quem é seu amigo?

— Meu nome é Chris Scott — disse o rapaz que estava com ela. — Betsy e eu trabalhamos juntos.

Jack convidou-os com um gesto a entrar no escritório e foi direto até o aparelho de fax para ver se Mary Pat transmitira a informação enviada por Clark e Chavez. Verificou que a mensagem chegara e decidiu que podia esperar. Conhecia Betsy Fleming do tempo da CIA como uma autodidata especialista em armas estratégicas. Imaginou que Chris Scott fosse um dos garotos recrutados nas universidades com um diploma nos assuntos que Betsy aprendera da maneira

mais difícil. Pelo menos era humilde, dizendo que trabalhava com Betsy. Ryan fizera o mesmo, no passado, quando estava envolvido nas negociações de desarmamento.

— Certo, o que nós temos?

— Aqui está o que eles chamam de foguete de lançamento H-l 1 — disse Scott, abrindo a pasta e tirando algumas fotos.

Ryan observou imediatamente que eram fotografias de excelente qualidade, tiradas de perto com filme de verdade, e não do tipo eletrônico, obtidas através de um buraco no bolso de alguém. Reconheceu sem dificuldade um velho amigo que julgara morto e enterrado fazia apenas uma semana.

— Claro que é um SS-19, mas ficou bem mais bonito deste jeito. — Outra foto mostrava uma fila deles na linha de montagem. Jack contou-os e fez uma careta. — O que mais preciso saber?

— Aqui — apontou Betsy. — Observe a extremidade.

— Parece normal — comentou Ryan.

— Aí é que está. A montagem do nariz é a normal — afirmou Scott. — Normal para sustentar uma ogiva nuclear, não um satélite de comunicações.

— Já mencionamos este fato há algum tempo, mas ninguém nos deu atenção — acrescentou o técnico. — O restante do foguete foi totalmente remodelado. Temos estimativas das melhoras introduzidas.

— Quais são?

— Podem transportar seis ou sete MIRV cada um e têm um alcance de pouco mais de dez mil quilômetros — respondeu a Sra. Fleming.

— É muita coisa. O míssil já foi testado? — perguntou o conselheiro de Segurança Nacional.

— Não sabemos. Temos alguns dados dos voos de teste do foguete de lançamento, captados por uma das nossas estações de rastreamento no Pacífico com o auxílio da Bola Âmbar, mas são muito imprecisos — explicou Scott.

— Quantos mísseis existem, no total?

— Vinte e cinco, pelo menos. Desses, três foram usados em voos de teste e dois estão na base de lançamento, recebendo suas cargas. Restam vinte.

— Que cargas? — perguntou Ryan, de forma impulsiva.

O pessoal da NASA acha que são satélites espiões, capazes de tirar fotos e transmiti-las em tempo real. Provavelmente estão certos — acrescentou Betsy, em tom ameaçador.

Então eles decidiram entrar no negócio da espionagem via satélite.

— Isso faz sentido, não é? — Ryan fez algumas anotações. — Muito bem, na pior das hipóteses teremos de enfrentar vinte mísseis com sete MIRV cada um, ou seja, um total de cento e quarenta artefatos nucleares, certo?

— Certo, Dr. Ryan.

Os dois eram suficientemente tarimbados para não se deixarem impressionar pelo perigo. O Japão tinha a capacidade teórica de arrasar cento e quarenta cidades americanas. É claro que os Estados Unidos poderiam reconstituir logo sua capacidade de reduzir o Japão a cinzas, mas isso não seria um grande consolo, seria? Quarenta e tantos anos desse jogo tinham terminado há apenas sete dias, e agora estava começando tudo de novo, pensou Ryan. Não era maravilhoso?

— Sabe quem tirou essas fotografias?

— Jack, você sabe que eu nunca pergunto. Uma coisa é certa: foram feitas abertamente. A gente pode ver pela qualidade das fotos. Não foram tiradas com uma Minox. Aposto que foi alguém disfarçado de repórter. Não se preocupe; não vou contar a ninguém — prometeu Betsy, com um sorriso malicioso. Estava na profissão por tempo suficiente para conhecer todos os truques.

— São evidentemente fotos de alta qualidade — prosseguiu Chris Scott, imaginando como Betsy tinha coragem de chamar aquele homem pelo primeiro nome. — Filme de baixa velocidade e alta resolução, como o que os repórteres gostam de usar. Eles também deixaram os engenheiros da NASA entrar na fábrica. Queriam que soubéssemos.

— Isso é óbvio — concordou a Sra. Fleming.

E os russos também, lembrou-se Ryan. Por que eles?

— Mais alguma coisa?

— Sim, isto aqui. — Scott passou-lhe algumas fotos onde apareciam dois vagões ferroviários, um deles com um guindaste. — Eles evidentemente pretendem transportar os mísseis de trem e não de caminhão. Pedi a um especialista que analise o vagão. Parece que a bitola é padrão.

— Como assim? — perguntou Ryan.

Estou falando da distância entre os trilhos. A bitola padrão é que usamos neste país e que é usada em quase todo o mundo. No Japão, quase todas as estradas de ferro usam bitola estreita. Não sei por que não copiaram os caminhões de transporte usados pelos russos — observou Scott. — Talvez as estradas do Japão sejam excessivamente estreitas ou eles simplesmente prefiram o transporte ferroviário. Existe uma linha de bitola padrão deste ponto até Yoshinobu. Fiquei um pouco surpreso com os equipamentos. Os suportes no vagão parecem corresponder às dimensões do casulo de transporte que os russos desenvolveram para o míssil. Assim, parece que eles copiaram todo o sistema, exceto o caminhão. Isso é tudo que temos, senhor.

— O que pretendem fazer agora?

— Vamos nos reunir do outro lado do rio com o pessoal do NRO —

respondeu Chris Scott.

— Ótimo — disse Ryan. Apontou para os dois. — Digam a eles que a coisa é séria. Esses mísseis devem ser localizados sem perda de tempo.

— Sabe que eles vão se esforçar ao máximo, Jack. Os japoneses podem ter nos feito um favor quando colocaram essas coisas sobre trilhos — afirmou Betsy Fleming, levantando-se.

Jack organizou as fotografias e pediu outro conjunto completo antes de se despedir dos visitantes. Em seguida, consultou o relógio e ligou para Moscou. Ryan imaginou que Sergey devia estar fazendo hora extra, também.

— Por que vocês foram vender a eles o projeto do SS-19? — perguntou, sem rodeios.

A resposta foi igualmente direta. Provavelmente Golovko também estava dormindo menos do que deveria.

— Por causa do dinheiro, é claro. Pela mesma razão pela qual vocês venderam a eles o projeto do Aegis, do F-15 e de todos...

Ryan fez uma careta. O outro tinha toda razão.

— Obrigado, amigo. Eu mereci ouvir isso. Calculamos que eles dispõem de vinte mísseis.

— Pode ser. Ainda não conseguimos visitar a fábrica.

— Nós conseguimos — informou Ryan.

— Quer ver as fotos? É claro, Ivan Emmetovich.

— Estarão na sua mesa amanhã de manhã — prometeu Jack. — Já temos nossa estimativa. Gostaria de saber o que vocês pensam. — Fez uma pausa antes de prosseguir. — Estamos calculando um total de sete MIRV por veículo, o que daria um total de cento e quarenta.

— O suficiente para nossos dois países — observou Golovko. — Lembra-se de quando nos conhecemos? Estávamos empenhados em acabar com essas porras.

Ouviu Ryan bufar do outro lado da linha, mas não podia saber o que o americano estava pensando.

Lembro-me muito bem da primeira vez que cheguei perto dessas coisas. Foi a bordo do submarino russo Outubro Vermelho. Senti um arrepio na pele como se estivesse na presença de Lúcifer em pessoa. Ryan jamais tivera a menor afeição por armas balísticas. Oh, claro, tinham contribuído para manter a paz durante os últimos quarenta anos. Talvez apenas o medo dos mísseis nucleares tivesse impedido os líderes mundiais de tomar as mesmas decisões irrefletidas que os chefes de estado vinham tomando durante toda a história da humanidade. Por outro lado, podia ser também que fosse apenas uma questão de sorte.

— Jack, a situação está ficando séria — afirmou Golovko. — A propósito:

nosso agente se encontrou com os agentes de vocês. Teve boa impressão deles. E obrigado pela cópia do relatório que eles lhe mandaram. Continha alguns fatos novos para nós. Não eram essenciais, mas mesmo assim eram interessantes. Eles foram instruídos para procurar aqueles foguetes?

— Foram, sim — confirmou Ryan.

— Os nossos agentes receberam a mesma missão, Ivan Emmetovich.

— Não se preocupe; vamos encontrá-los — Golovko se deu ao trabalho de acrescentar.

O russo tinha de estar pensando a mesma coisa: os mísseis não tinham sido usados pelos Estados Unidos e pela Rússia porque o outro lado certamente retaliaria. Agora, porém, apenas um país possuía mísseis nucleares... Essa foi a razão da pergunta seguinte de Ryan: — O que vamos fazer quando os encontrarmos?

— Como vocês americanos gostam de dizer, uma coisa de cada vez, meu amigo.

Era só o que faltava... um russo tentando me animar!

— Obrigado, Sergey Nikolayevich. Acho que mereci ouvir isso.

— Por que vendemos as ações do Citibank? — perguntou George Winston.

— Ele nos disse para tomar cuidado com bancos que fossem vulneráveis a flutuações da taxa de câmbio — explicou Gant — E estava certo. Saímos bem a tempo, como pode ver. — O operador digitou uma instrução no teclado do terminal e foi recompensado com um gráfico do comportamento das ações do First National City Bank na sexta-feira anterior. As ações tinham sofrido uma queda violenta, especialmente depois que o Columbus, que vinha adquirindo a ação em grandes quantidades durante as últimas cinco semanas, começara a vendê-la, abalando a confiança dos outros acionistas. — Na verdade, o que fizemos foi obedecer a um sinal de alerta do nosso programa...

— Mark, as ações do Citibank estão entre as ações de referência do modelo, não estão? — perguntou Winston, calmamente. Àquela altura, não adiantava se irritar com o subordinado.

Foi nesse momento que uma luz brilhou nos olhos de Winston. Poucas pessoas sabiam como os “sistemas especialistas” acompanhavam o desempenho do mercado. Esses programas operavam de várias formas interativas, observando o mercado como um todo mas prestando mais atenção a certas ações de referência, consideradas como boas indicadoras das tendências gerais do mercado. As ações escolhidas para esse papel eram aquelas que a longo prazo tinham se mantido relativamente estáveis, subindo e descendo mais lentamente do que as ações mais especulativas. Havia uma razão para essa escolha, mas ela

se baseava em uma premissa totalmente falsa. Embora o mercado flutuasse todo dia, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, a ideia não era conseguir lucros rápidos com ações que se valorizassem da noite para o dia, mas investir em ações seguras (não que houvesse ações totalmente seguras, como ficara provado na sexta-feira anterior), que se mantivessem estáveis nos tempos de crise. Essa era a razão para tomar como referência das ações que constituíam um porto seguro. A premissa falsa era a de que os dados possuem memória. As ações de referência eram estáveis porque as empresas que representavam tinham sido bem administradas no passado. Entretanto, a direção de uma empresa podia mudar. Não eram as ações que eram confiáveis, e sim a diretoria da empresa, cuja competência, além do mais, deveria ser reavaliada periodicamente. Apesar de tudo isso, o preço dessas ações era usado para avaliar as tendências. Ora, uma tendência era uma tendência apenas porque as pessoas acreditavam nela, tornando-a verdadeira. Winston encarava as ações de referência apenas como uma forma de prever o que as pessoas fariam no futuro próximo; para ele, as tendências eram sempre psicológicas, indicadores da forma como as pessoas estavam encarando um modelo artificial e não do desempenho do próprio modelo. Gant e outros operadores, agora percebia, tinham uma visão muito menos crítica das ações de referência.

Ao vender ações do Citibank, o Columbus fizera disparar um alarma no seu próprio programa de computador. Até mesmo um técnico inteligente como Mark se esquecera de que o Citibank fazia parte do maldito modelo! — Mostre-me as ações de outros bancos — ordenou Winston.

— O Chemical foi o segundo a cair—explicou Gant, mostrando o gráfico na tela. — Depois foi a vez do Manny-Hanny e de outros. Ainda bem que vimos o que estava para acontecer e apostamos em ouro e outros metais. Quando a poeira assentar, não estaremos em má situação. Nada de encher os olhos, mas pelo menos bem melhor do que muita gente — afirmou Gant, chamando o programa novamente, ansioso para mostrar que fizera tudo direito. — Vendi tudo que tínhamos da Silicon Alchemy e apostei na GM. Depois...

Winston deu-lhe um tapinha no ombro.

— Deixe isso para depois, Mark. Estou vendo que fez bons negócios.

— A verdade é que conseguimos escapar da maioria das tendências de baixa. E claro que no final do dia não houve mais jeito, porque todo mundo queria vender, mas isso aconteceu com todo mundo...

— Você ainda não entendeu, não é mesmo?

— Entendi o que, George?

— Nós iniciamos as tendências.

Mark Gant piscou os olhos e Winston teve certeza.

Ele ainda não entendera.

29
ADIANDO A CRISE

Tudo correu bem durante a apresentação, e no final Cathy Ryan recebeu uma caixa embrulhada em papel de presente das mãos do professor de cirurgia oftalmológica da Universidade de Chiba, que era o chefe da delegação japonesa. Continha uma echarpe de seda azul com bordados em fio de ouro. Parecia ter mais de cem anos.

— O azul combina muito bem com seus olhos, professora Ryan — disse o colega, com um sorriso de admiração sincera.

— Temo que não seja um presente à altura do que aprendemos hoje. Temos centenas de pacientes diabéticos no meu hospital. Com sua técnica, esperamos restituir a visão de muitos deles. Trata-se de uma grande descoberta, professora — concluiu, com uma reverência formal.

— Os lasers são fabricados no Japão — replicou Cathy.

Não sabia como lidar com a situação. O presente era lindo. O homem fora extremamente gentil, mas talvez seu país estivesse em guerra com os Estados Unidos. Se era esse o caso, porém, por que a notícia ainda não estava nos jornais? E se havia uma guerra em curso, por que aquele estrangeiro não estava preso? Deveria tratá-lo com deferência, por ser um colega, ou com hostilidade, por seu um inimigo? O que estava acontecendo? Olhou na direção de Andrea Price, que estava encostada na parede dos fundos da sala, com os braços cruzados no peito e um sorriso no rosto.

— E a senhora nos ensinou a usá-los de forma mais eficiente. Trata-se de um excelente trabalho de pesquisa aplicada.

O professor japonês voltou-se para a plateia e levantou as mãos. A plateia aplaudiu com entusiasmo. Caroline Ryan enrubesceu e começou a achar que, no final das contas, talvez ganhasse a estatueta do prêmio Lasker para colocar em cima da lareira. Todos fizeram questão de apertar-lhe a mão antes de sair do auditório. Lá fora, um ônibus esperava-os para levá-los de volta ao Stouffer’s, na Pratt Street.

— Posso ver? — Perguntou a agente especial Andrea Price depois que todos foram embora.

Cathy passou-lhe a echarpe.

— É linda. Terá de comprar um vestido novo para usar com ela.

— Afinal, não havia motivos para nos preocuparmos — comentou a Dra. Ryan.

Na verdade, menos de quinze segundos depois de iniciada a palestra, esquecera-se totalmente do perigo. Não era interessante?

— Eu lhe disse que não esperava que acontecesse nada — observou Andrea, devolvendo-lhe a echarpe com uma certa relutância. O professor japonês tinha razão, pensou. A cor combinava bem com os olhos da doutora.

Ao chegar ali, considerava-a apenas como "a mulher de Jack Ryan".

— Há quanto tempo vem trabalhando nisso? Cirurgia da retina? — Cathy fechou o livro de anotações.

— Comecei pela parte da frente do olho, mais ou menos até a época em que Jack Júnior nasceu. Depois, tive uma ideia a respeito da forma como a retina adere naturalmente aos tecidos vizinhos e de como poderíamos consertar retinas em processo de descolamento. O principal problema parecia estar nos capilares. Barnie me deu autorização para ir em frente, consegui um auxílio do Instituto Nacional de Saúde e uma coisa levou a outra...

— E agora é a melhor do mundo nesta área — concluiu Andrea.

— Até que alguém com mãos mais firmes que as minhas aprenda a técnica — concordou Cathy, com um sorriso.

— Como vai a campeã? — perguntou Bernie Katz, entrando no auditório e vendo Andrea pela primeira vez. O crachá que usava na lapela deixou-o intrigado.

— Eu conheço você?

— Meu nome é Andrea Price. — A agente examinou Katz com os olhos dos pés a cabeça antes de apertar-lhe a mão. O médico sentiu-se lisonjeado até a jovem acrescentar: — Trabalho para o Serviço Secreto.

— Onde estavam as agentes como você quando eu era mais moço? — perguntou Bernie, em tom de galanteio.

— Bernie foi um dos meus primeiros mentores aqui. Hoje é chefe do departamento — explicou Cathy.

— Prestes a ser superado em prestígio pela colega. Venho trazer boas notícias. Tenho um espião na Comissão do Lasker. Você é uma das finalistas, Cathy.

— O que é o Lasker? — perguntou Andrea.

— Só há um prêmio mais importante que o Lasker, mas você tem que ir a Estocolmo para recebê-lo — explicou Bernie.

— Para mim, um Lasker é mais do que suficiente.

— Não sei, não. Continue pesquisando, garota! — disse Bernie, abraçando-

a antes de sair do auditório.

Quero ganhar, quero ganhar, quero ganhar!, repetiu Cathy para si mesma, em silêncio. Não precisava falar em voz alta; a agente especial podia ler seus pensamentos. Puxa, isso era muito melhor do que tomar conta de políticos! — Posso vê-la trabalhar?

— Claro que sim. Agora vamos.

Cathy conduziu-a de volta ao escritório, sem lhe dar atenção. No caminho, passaram pela clínica e por um dos laboratórios. No meio de um corredor, a Dra. Ryan parou bruscamente, enfiou a mão no bolso e tirou um caderno de notas.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Andrea.

Sabia que estava falando demais, mas precisava conhecer os hábitos das pessoas a quem protegia. Também percebera que Cathy Ryan era o tipo de pessoa que não gostava de ser protegida e talvez se sentisse mais à vontade depois de uma conversa franca.

— Precisa se acostumar comigo — disse a Dra. Ryan, sorrindo enquanto fazia algumas anotações no caderno. — Quando tenho uma ideia, faço questão de escrevê-la imediatamente.

— Não confia na memória?

— Jamais. Não se pode confiar na memória em questões que podem afetar a vida dos pacientes. É uma das primeiras coisas que se aprende na escola de medicina. — Cathy sacudiu a cabeça e prosseguiu: — Não no nosso ramo. Não devemos deixar passar nenhuma oportunidade. Quando você não escreve uma coisa, é como se não tivesse acontecido.

Isso parecia uma boa lição para qualquer pessoa, pensou Andrea Price, continuando a seguir a médica. O nome de código, CIRURGIA, era perfeito para ela. Precisa, inteligente, minuciosa. Poderia ser uma ótima agente, se não fosse sua óbvia repulsa por armas de fogo.

Era uma rotina antiga. Há uma geração que a Força Japonesa de Autodefesa Aérea reagia à atividade dos caças russos da base avançada de Dolinsk Sokol, a princípio em cooperação com a Força Aérea dos Estados Unidos, e uma das rotas regulares usadas pela Força Aérea Soviética recebera o apelido de ”Expresso de Tóquio”, provavelmente uma referência involuntária a um termo inventado em 1942 pelos fuzileiros navais americanos em Guadalcanal.

Por razões de segurança, a base do E-767 ficava no Sexto Grupo Aéreo, em Komatsu, perto de Tóquio, mas os dois F-15J que operavam sob o controle dos E-767 que no momento sobrevoavam a cidade de Nemuro, na extremidade nordeste da ilha de Hokkaido, tinham sua base em Chitose e estavam a cento e cinquenta quilômetros do litoral. Cada um deles transportava oito mísseis, quatro

equipados com sensores de calor e quatro com sensores de radar.

Passava da meia-noite. Os pilotos estavam descansados e vigilantes, confortavelmente atados a seus assentos ejetáveis, os olhos penetrantes explorando a escuridão, enquanto os dedos faziam pequenas correções de curso. Os radares dos caças estavam desligados; embora as luzes anticolisão ainda piscassem na ponta das asas, podiam ser desligadas em caso de necessidades, tornando as aeronaves praticamente invisíveis.

— Águia Um-Cinco — disse o rádio digital ao líder da dupla. — Investigue tráfego comercial a cinquenta quilômetros, posição zero-três-cinco, curso dois-um-cinco, ângulo três-meia.

— Entendido, Kami — respondeu o piloto.

Kami, o nome de código das aeronaves de observação, era uma palavra com muitos significados, a maioria deles sobrenaturais, como “alma” e ”espírito”. Assim, tinham-se tornado a manifestação moderna dos espíritos que protegiam o Japão, com os F-15J como os instrumentos da vontade desses espíritos. Os dois caças guinaram simultaneamente para a direita e subiram bem devagar para doze mil metros, afastando-se do litoral a uma velocidade de quinhentos nós. Os radares ainda estavam desligados, mas começaram a receber uma transmissão digital do Kami que aparecia nos seus monitores, uma novidade de que os americanos ainda não dispunham.

O líder começou a olhar alternadamente para cima e para baixo. Uma pena, pensou, que a transmissão do Kami não fosse mostrada na mesma tela que as indicações do seu sensor de radar. Talvez a próxima versão fosse assim.

— Lá está ele — disse, no rádio de baixa potência.

— Já vi — respondeu o outro piloto.

Os dois caças fizeram uma curva para a esquerda e desceram lentamente até se colocar atrás do que parecia ser um 767-ER da Air Canada. Sim, a cauda mostrava o logotipo daquela empresa aérea, uma folha de bordo.

Provavelmente estava fazendo a rota transpolar Toronto-Narita. Aproximaram-se quase pela popa (não exatamente, para não correr o risco de uma colisão), e a turbulência mostrou que estavam seguindo um avião comercial de grande porte. O líder chegou tão perto que podia ver as luzes das janelas, os grandes motores debaixo de cada asa e o nariz rombudo que caracterizava os produtos da Boeing. Ligou novamente o rádio.

— Kami, aqui é Água Um-Cinco.

— Pode falar, Águia.

— Identificação positiva. Sete-Meia-Sete Echo Romeo da Air Canada no curso indicado.

Curiosamente, os pilotos da PAC, Patrulha Aérea de Combate, tinham

instruções para se comunicarem em inglês, a língua internacional da aviação.

— Entendido.

Obedecendo a um novo comando, os caças mudaram de rumo e voltaram a sua área de patrulhamento. O piloto canadense do avião comercial jamais saberia que dois caças armados tinham estado a menos de trezentos metros da sua aeronave. Na verdade, não havia motivo para esperar que isso acontecesse, porque, até onde sabia, aquela parte do mundo estava em paz.

Por seu lado, os pilotos dos caças tinham aceitado de forma impassível os novos deveres, juntamente com a modificação da rotina diária. Durante um tempo indefinido, pelo menos dois caças patrulhariam aquela área, como outros dois em prontidão de cinco minutos em Chitose e mais quatro em prontidão de meia hora. O comandante do grupo de esquadrilhas estava insistindo para que o prazo de prontidão fosse reduzido ainda mais, porque, independentemente do que Tóquio dissesse, o país estava em guerra e era isso que dissera a seus homens. Os americanos eram um adversário de respeito, afirmara em sua primeira palestra aos pilotos e ao pessoal graduado de terra. Espertos, traiçoeiros e perigosamente agressivos. Pior ainda: podiam ser totalmente imprevisíveis, ao contrário dos japoneses, que, em geral, tendiam a ser altamente previsíveis. Talvez fosse por isso que ele tinha sido designado para aquele comando, pensaram os pilotos. Se as coisas se complicassem, o primeiro contato com forças americanas hostis provavelmente ocorreria ali. O comandante queria estar preparado para essa possibilidade, apesar do alto custo envolvido em termos de dinheiro, combustível e fadiga. Os pilotos estavam de pleno acordo. A guerra era uma coisa séria; ninguém estava disposto a fugir de suas responsabilidades.

O fator tempo logo se tornaria sua maior frustração, pensou Ryan. Tóquio estava quatorze horas à frente de Washington. Era madrugada no Japão e qualquer ideia brilhante que ele tivesse levaria várias horas para ser implementada. O mesmo se aplicava ao oceano Índico, mas pelo menos estava em comunicação direta com a força de combate do almirante Dubro.

Para falar com Clark e Chavez, tinha de enviar a mensagem a Moscou, e daí para um agente do RVS em Tóquio (o que não podia ser feito com muita frequência) ou via modem para o laptop de Clark, quando este fosse ligado para enviar um despacho para a Agência de Notícias Interfax. Haveria um retardo inevitável e perigoso em qualquer dos dois caminhos.

Tudo se centrava na informação. Sempre fora assim, sempre seria. O problema era descobrir o que estava acontecendo. O que o outro lado estava fazendo? O que estavam pensando? O que eles pretendem?, perguntou-se pela milésima vez.

As guerras sempre ocorriam por razões econômicas; essa era uma das poucas afirmações corretas de Marx. Tratava-se simplesmente de uma questão de cobiça, explicara ao presidente; um assalto à mão armada em grande escala. Em termos de nação, a explicação vinha em termos como Destino Manifesto, Lebensraum ou qualquer outro slogan político capaz de capturar a atenção e o ardor das massas, que, trocado em miúdos, significava simplesmente: Eles têm o que nós queremos. Vamos tomar deles.

Entretanto, o arquipélago das Marianas não valia grande coisa. O custo político e econômico associado à invasão estava simplesmente fora de proporção com o objetivo atingido. A aventura custaria ao Japão seu maior parceiro comercial. Não haveria como reparar os danos causados, pelo menos a curto prazo. Posições no mercado cuidadosamente estabelecidas e exploradas desde a década de 1960 seriam postas por terra por algo chamado ressentimento coletivo, mas muito mais profundo do que isso.

Por que um país tão habituado às transações comerciais voltaria as costas a todas as considerações de ordem prática? Acontece que a guerra nunca é racional, Jack. Você mesmo explicou isso ao presidente.

— Só quero que vocês me digam: o que eles pretendem? — perguntou Ryan, arrependendo-se imediatamente por ter usado uma linguagem tão informal.

Estavam em uma sala de conferências no subsolo. Naquela primeira reunião do grupo de trabalho, Scott Adler estava ausente, pois tinha um compromisso com o secretário Hansen. Havia dois agentes da Inteligência Nacional e quatro funcionários do Departamento de Estado e todos pareciam tão intrigados quanto ele, pensou Ryan. Que beleza! Durante alguns segundos, nada aconteceu. Já era de esperar. Sempre que pedia a opinião sincera de um grupo de burocratas, as pessoas custavam a se pronunciar.

— Eles estão zangados e assustados — afirmou Chris Cook, funcionário do Departamento de Estado, especialista em questões de comércio.

Trabalhara na embaixada em Tóquio, falava um japonês razoável e participara de várias rodadas de negociações comerciais, sempre assessorando homens e mulheres mais graduados, mas em geral fazendo a maior parte do trabalho. Era assim que as coisas funcionavam, e Jack se lembrou de que às vezes ficava aborrecido quando outros recebiam o crédito por suas ideias.

Concordou com a cabeça, observando que outros faziam o mesmo, agradecidos por alguém ter tomado a iniciativa.

— Sei que estão zangados. Explique por que estão assustados.

— Ora, seus vizinhos são os russos e os chineses, que continuam a ser grandes potências, mas nós nos retiramos do Pacífico Ocidental, certo? Do seu

ponto de vista, primeiro os abandonamos à própria sorte e depois nos voltamos contra eles. Isso nos torna inimigos em potencial, também, não é mesmo? Como é que eles ficam? Com quem podem contar?

— Mas por que invadiram as Marianas? — perguntou Jack, lembrando-se de que o Japão não tinha sido atacado pelos países mencionados no passado recente, mas atacara todos eles. Cook chamara atenção, sem querer, para um ponto importante. Como o Japão reagia a ameaças externas? Atacando primeiro.

— Com isso, alargam seu perímetro de defesa, estabelecendo bases fora do arquipélago japonês.

Certo, isso faz sentido, pensou Jack. Fotos tiradas por satélites fazia menos de uma hora estavam penduradas na parede. Agora havia caças nas pistas de pouso de Saipan e Guam, juntamente com aviões de observação E-2C Hawkeye como os que equipavam os porta-aviões americanos. Isso criava uma barreira defensiva que se estendia dois mil quilômetros ao sul de Tóquio. Ela podia ser considerada uma muralha contra os ataques americanos, e era na verdade uma versão reduzida da estratégia adotada pelo Japão na Segunda Guerra Mundial. Mais uma vez, Cook fizera um comentário muito interessante.

— Somos realmente uma ameaça para eles? — perguntou.

— Agora, somos — respondeu Cook.

— Mas só porque nos forçaram a isso — argumentou um dos agentes, entrando na discussão. Cook se inclinou por cima da mesa na direção dele.

— Por que um país começa uma guerra? Porque tem medo de alguma coisa! Pelo amor de Deus, eles tiveram mais governos nos últimos cinco anos do que os italianos! O país está politicamente instável. Os problemas econômicos se multiplicam. Até recentemente, o iene vinha enfrentando grandes dificuldades. O mercado de ações despencou por causa das nossas novas leis de comércio. Nós os ameaçamos com o caos financeiro e vocês perguntam por que eles estão assustados? Se algo parecido acontecesse conosco, o que faríamos? — perguntou o assistente do subsecretário de Estado em tom inflamado, intimidando o agente, observou Ryan.

Ótimo, pensou. Uma discussão animada podia trazer bons resultados, da mesma forma como o fogo mais quente fazia o aço mais forte.

— Minha simpatia pelo outro lado é atenuada pelo fato de que eles invadiram território americano e violaram os direitos humanos de cidadãos americanos.

Ryan gostou da resposta. Lembrava a reação de um cão de caça ao sentir o cheiro de uma raposa ferida; podia se dar ao luxo de brincar com a presa antes de desferir o golpe mortal. Era sempre uma sensação agradável.

— Acontece que nossas restrições ao comércio já provocaram a demissão

de centenas de milhares de japoneses. Onde estão os direitos humanos dessas pessoas?

— Os japoneses que se fodam! De que lado você está, afinal, Cook? Cook se recostou na cadeira e sorriu antes de prosseguir.

— Pensei que estivesse aqui para tentar entender o que eles pretendem. Não é esse o objetivo da reunião? Os japoneses acham que abusamos deles, que os fizemos de palhaços e mostramos claramente que nunca os consideramos como iguais. Sabe de uma coisa? Não os censuro por isso — afirmou Cook. — Está certo, agora eles resolveram nos agredir de volta. Claro que é uma atitude deplorável, mas precisamos reconhecer que procuraram atingir seus objetivos estratégicos causando o mínimo possível de danos.

— Isso deve ser considerado, não acham? O embaixador japonês afirmou que não haverá novos atos de agressão — informou Ryan, olhando para Cook. — Acha que está falando a verdade?

Acabara de fazer outra pergunta difícil, algo que as pessoas reunidas em torno daquela mesa temiam como a praga. Perguntas difíceis exigiam respostas definidas e essas respostas podiam estar erradas. A situação era especialmente delicada para os agentes da Inteligência Nacional. Em geral, eram agentes veteranos da CIA, da DIA ou da NSA. Um deles estava sempre com o presidente para aconselhá-lo em momentos de crise. Eram supostamente especialistas em seus campos; o próprio Ryan tinha sido um AIN.

Entretanto, havia um problema com esse tipo de assessores. Um AIN era geralmente uma pessoa séria e responsável, sem medo da morte, mas temia fornecer a resposta errada para uma pergunta difícil. Por essa razão, era quase impossível extrair deles uma resposta concreta. Percorreu com os olhos todos os presentes e percebeu que Cook fazia o mesmo, com uma expressão de desdém.

— Sim, senhor, acho que não praticarão novos atos hostis. Também acho que vão nos oferecer algum tipo de compensação. Sabem que precisamos salvar as aparências. Podemos contar com isso, se decidirmos negociar com eles.

— Acha que devemos negociar? Cook sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Não há mal nenhum em conversar, seja qual for a situação, certo? Sou um funcionário do Departamento de Estado, lembra-se? É essa a minha recomendação. Não entendo de assuntos militares. Não sei se estamos em condições de retaliar ou não. Acho que sim, e acho que eles sabem disso e por isso estão ainda mais assustados do que nós. Podemos usar isso como um trunfo.

— O que acha que devemos exigir? — perguntou Ryan, mordiscando a caneta.

— O status quo ante — respondeu Cook, sem pestanejar. — Retirada completa das Marianas, indenizações para as famílias dos mortos e punição dos

responsáveis pelas mortes.

Ryan percebeu que até os agentes fizeram que sim com a cabeça. Estava começando a gostar de Cook. Dizia o que pensava e suas palavras eram lógicas.

— O que vamos conseguir? A resposta foi novamente clara e concisa: — Menos do que isso.

Onde Scott Adler tem mantido este cara escondido?, pensou Ryan. Ele fala a minha língua.

— Eles têm que nos devolver alguma coisa, mas não tudo.

— E se insistirmos? — perguntou o conselheiro de Segurança Nacional.

— Se quisermos tudo de volta, teremos de lutar — afirmou Cook. — Em minha opinião, isso pode ser perigoso.

Ryan desculpou-o pela conclusão apressada. Afinal, trabalhava para o Departamento de Estado.

— O embaixador está autorizado a negociar conosco?

— Penso que sim — respondeu Cook, depois de refletir um pouco. — E um diplomata muito experiente e conta com uma boa equipe. Conhece Washington e está acostumado às altas-rodas. Foi por isso que o mandaram para cá.

Conversa, conversa é melhor do que guerra, guerra. Jack lembrou-se das palavras de Winston Churchill. E era verdade, especialmente se a primeira não implicava renunciar totalmente à segunda.

— Certo — disse Ryan. — Tenho outros assuntos para tratar. Vocês fiquem aqui. Quero um relatório completo da situação. Quero saber quais são as opções disponíveis. Quero conhecer a posição atual dos dois lados. Quero saber quais as consequências prováveis de um confronto armado. Quero que me digam de que forma os japoneses reagiriam, em tese, a um ataque militar. Principalmente — acrescentou, dirigindo-se aos AIN —, quero que avaliem a capacidade nuclear dos japoneses e verifiquem em que circunstâncias eles poderiam se ver tentados a usá-la.

— De que meios dispomos para detectar um ataque nuclear? A pergunta, surpreendentemente, partiu de Cook. A resposta, surpreendentemente, foi dada pelo outro AIN, que sentiu necessidade de mostrar que sabia alguma coisa.

— O radar Cobra Dane, em Shemya, ainda está funcionando. Os satélites DSPS, também. Seremos informados a respeito de qualquer lançamento e do ponto provável de impacto. Dr. Ryan, fizemos alguma coisa... A Força Aérea dispõe de mísseis de cruzeiro lançados do ar em seu arsenal. Eles seriam transportados por bombardeiros B-l. Também temos a opção de armar novamente os mísseis de cruzeiro Tomahawk com ogivas W-80 e lançá-los de submarinos ou navios. Os russos sabem que podemos exercer essa opção e não

têm objeções a fazer, contanto que sejamos discretos.

— Isso agravaria o conflito — advertiu Cook. — Precisamos tomar cuidado com nossas atitudes.

— E os SS-19? — perguntou timidamente o segundo AIN.

— Os japoneses consideram-nos necessários. Não será fácil convencê-los a se desfazer deles. — Cook olhou em volta. — Não se esqueçam de que jogamos duas bombas nucleares no Japão. É um assunto muito delicado e estamos lidando com pessoas motivadas pela paranoia. Recomendo extrema cautela a respeito deste assunto.

— Anotado — disse Ryan, levantando-se. — Vocês sabem o que quero. Comecem a trabalhar.

Não se sentia de todo mal ao dar uma ordem como aquela, mas era desagradável ter de fazê-lo e mais ainda imaginar que tipo de respostas receberia. Entretanto, era preciso começar de alguma forma.

— Mais um dia difícil? — perguntou Nomuri.

— Pensei que as coisas ficariam mais tranquilas na ausência de Yamata, disse Kazuo. Sacudiu a cabeça e apoiou-se na borda de madeira da piscina. Estava completamente enganado.

Os outros fizeram que sim com a cabeça. Todos sentiam falta das histórias sexuais de Taoka, mas apenas Nomuri sabia por que elas haviam parado.

— O que está acontecendo? Agora Goto diz que precisamos dos americanos. Na semana passada eles eram nossos inimigos, e agora são nossos amigos de novo? Tudo isso é muito confuso para uma pessoa simples como eu — afirmou Chet, esfregando os olhos fechados e imaginando até onde a isca o levaria.

Tornar-se íntimo daqueles homens não fora nada fácil, porque era muito diferente deles; o normal era que os invejasse e eles, por sua vez, o invejassem. Para eles, Nomuri era um pequeno empresário, dono do seu próprio negócio, enquanto eles eram altos executivos de grandes empresas. Eles tinham segurança; Chet tinha independência. Eles trabalhavam em excesso; Chet podia escolher seu próprio ritmo. Eles tinham mais dinheiro; Chet levava uma vida mais calma. Agora, sabiam de muita coisa que Chet ignorava.

— Enfrentamos os Estados Unidos — afirmou um deles.

— Foi o que ouvi falar. Isso não é perigoso?

— A curto prazo, sim — declarou Taoka, deixando a água quente relaxar seus músculos tensos. — Mas acho que já conseguimos a vitória.

— Que tipo de vitória, meu amigo? Sinto como se tivesse começado a assistir a um filme de mistério pela metade e tudo que sei é que existe uma linda

jovem no trem para Osaka — disse Nomuri, referindo-se a uma prática comum no Japão, histórias de suspense baseadas na eficiência dos trens de passageiros.

— De acordo com meu chefe, vitória significa uma independência real para o nosso país — explicou outro executivo.

— Mas já não somos independentes? — perguntou Nomuri, com uma expressão intrigada. — Não existem praticamente mais soldados americanos no país para nos perturbar.

— Você não entende — observou Taoka. — Independência significa mais do que independência política. Também significa independência econômica. Significa não depender dos outros para obter o que necessitamos para nossa sobrevivência. Significa a Área de Recursos do Norte, Kazuo — disse um executivo, indo longe demais e percebendo isso pela maneira como os outros olharam para ele.

— Gostaria que significasse ter menos horas de trabalho e poder ir para casa todo dia em vez de ter de dormir em um cubículo duas ou três noites por semana — comentou um dos mais espertos, para mudar o rumo da conversa.

Taoka resmungou: — Não cabe nem uma garota lá dentro! As risadas que se seguiram foram forçadas, pensou Nomuri.

— Vocês executivos e seus segredos! Ah! — exclamou o agente da CIA. — Espero que se saiam melhor com suas mulheres. — Fez uma pausa. — Tudo isso vai afetar meu negócio? Tinha sido uma boa ideia, pensou, fazer aquele tipo de pergunta.

— Para melhor, penso eu — afirmou Kazuo.

Os outros concordaram com a cabeça.

— Precisamos ser pacientes. Vamos passar por tempos difíceis antes que tudo se resolva.

— Mas as coisas vão se resolver — declarou um deles, com convicção.

— A parte realmente difícil já ficou para trás.

Não se eu puder evitar, pensou Nomuri. Mas o que queria dizer “Área de Recursos do Norte”? Sabia que acabara de ouvir algo importante, mas não fazia a menor ideia do que significava. Teve de contar uma história comprida a respeito do seu relacionamento com a senhoria para ter certeza, mais uma vez, de que eles se lembrariam mais das suas aventuras sexuais do que das suas perguntas.

Ficara com pena de chegar no escuro, mas isso era apenas um detalhe.

Metade da esquadra rumara para Guam, que dispunha de um porto natural muito melhor, porque toda a população daquelas ilhas tinha de ver a Marinha do Japão. O almirante Sato estava farto do nome “Força de Autodefesa”. Agora

comandava uma marinha, composta por navios de guerra e marinheiros que tinham provado o gosto do combate, e se os historiadores mais tarde comentassem que não se tratara de uma luta justa, ora, qual o livro de estratégia militar que não chamava a atenção para a importância do elemento surpresa nas operações ofensivas? Praticamente nenhum, pensou o almirante, observando de binóculo o vulto do monte Takpochao. Fazia uma hora, os técnicos de eletrônica haviam informado que um potente aparelho de radar já estava funcionando no alto da montanha. Mais um elemento importante para defender o que era novamente solo pátrio.

Estava sozinho na ponte de boreste, na escuridão da noite. Havia uma imensa paz a ser desfrutada; bastava ignorar os sons que o cercavam. Acima da sua cabeça havia o leve zumbido dos equipamentos eletrônicos, como uma colmeia de abelhas sonolentas; esse ruído logo foi descartado. Havia também o ronco distante dos sistemas do navio, principalmente os motores e os ventiladores do sistema de ar condicionado, mas isso não era difícil de ignorar. Não havia ruídos humanos para incomodá-lo. O capitão do Mutsu impunha uma disciplina rígida na ponte; os marinheiros não falavam, a menos que tivessem motivo para fazê-lo. Um por um, o almirante Sato foi eliminando os ruídos estranhos. Restou apenas o barulho do mar, o chiado maravilhoso do casco de aço partindo as ondas. Baixou os olhos para apreciar o leque de espuma branca, que era ao mesmo tempo tênue e luminosa; na esteira do navio, a água apresentava uma agradável fluorescência verde por causa do fitoplancto, pequenas criaturas que subiam à superfície durante a noite por razões que Sato jamais compreendera perfeitamente. Talvez para admirar a lua e as estrelas, disse para si próprio com um sorriso. À frente estava a ilha de Saipan, apenas um espaço no horizonte mais escuro do que a própria escuridão; parecia assim porque ocultava as estrelas a oeste. Um marinheiro experiente sabia que onde não havia estrelas em uma noite clara era porque havia terra. Os vigias em seus postos, no alto da superestrutura de vante, tinham avistado a ilha muito antes, mas isso não diminuía o prazer da descoberta; como acontecia com os marinheiros de todos os tempos, havia algo de especial em chegar à terra, porque toda viagem terminava com algum tipo de descoberta. Aquela não seria uma exceção.

Mais ruídos. Primeiro, o som dos motores elétricos que acionavam os sistemas de radar, mas depois algo mais. Sabia que tinha levado algum tempo para notá-lo, um ronco surdo a boreste, como o som de alguma coisa sendo rasgada, que aumentou rápido de intensidade até que se deu conta de que só podia ser o ruído de um avião. Baixou o binóculo e olhou para a direita, sem ver nada até o último momento, quando dois vultos esguios cruzaram o céu. O

Mutsu estremeceu ligeiramente, dando um susto no almirante Sato, que logo se transformou em irritação. Abriu a porta da casa do leme.

— O que foi isso?

— Dois F-3 em missão de treinamento — respondeu o oficial de quarto.

— O CIC está rastreando os dois há algum tempo. Foram iluminados pelos nossos rastreadores de mísseis.

— Pois que alguém diga a eles que voar diretamente sobre um navio no escuro é um risco absolutamente desnecessário!

— Mas almirante... — tentou dizer o OD.

— Mas não quero que um dos meus navios tenha de passar um mês no estaleiro consertando um mastro quebrado só porque um piloto idiota não nos viu no escuro!

— Hai. Vou falar com eles imediatamente.

— Estragaram minha manhã, pensou Sato, furioso, sentando-se na poltrona de couro para tirar um cochilo.

Seria ele o primeiro a perceber?, perguntou-se Winston. Depois perguntou-se o que havia de estranho nisso. O FBI e os outros estavam evidentemente tentando juntar os pedaços e sua preocupação principal era provavelmente evitar tentativas de fraude. Pior ainda: tinham que examinar todos os registros, não apenas os do Columbus Group. Era um verdadeiro oceano virtual de dados, eles estavam pouco familiarizados com o assunto, e não era uma boa hora para aprender fazendo.

O TV contou toda a história. O presidente do Federal Reserve Bank (FRB) apareceu em vários programas matutinos de entrevistas, fez um pronunciamento à nação na Sala de Imprensa da Casa Branca e concedeu uma longa entrevista à CNN. A coisa estava funcionando da forma prevista. Muita gente foi aos bancos antes do almoço e se surpreendeu ao encontrar pilhas de dinheiro reunidas às pressas na noite anterior para fazer o que em termos militares seria chamado de uma demonstração de força. Embora o presidente do FRB tivesse evidentemente pedido a todos os grandes banqueiros do país para manterem suas posições, o oposto ocorria na boca do caixa: Ah, o senhor deseja sacar? Não há problema. Pode sacar quanto quiser. Muita gente, ao voltar para casa, começou a sentir outro tipo de preocupação. Será que é seguro guardar todo esse dinheiro em casa? A tarde, alguns já tinham depositado novamente o dinheiro nos bancos.

Aquilo também era trabalho de Buzz Fiedler, e até que para um teórico, pensou Winston, ele vinha se revelando uma pessoa competente. O secretário do Tesouro estava apenas ganhando tempo e investindo dinheiro para isso, mas era uma boa tática, suficiente para convencer o público de que as coisas não

andavam tão mal assim.

Os investidores sérios, porém, eram mais difíceis de enganar. As coisas estavam indo muito mal, e a política adotada pelos bancos não poderia durar por muito tempo. O Fed estava injetando dinheiro no sistema. Embora isso fosse uma boa ideia por um dia ou dois, após uma semana o efeito enfraqueceria ainda mais o dólar; no momento, as Obrigações do Tesouro Americano estavam tão populares na comunidade financeira internacional quanto a peste bubônica. Pior ainda: embora Fiedler tivesse conseguido evitar temporariamente uma corrida aos bancos, isso seria inevitável a médio prazo, caso não fosse possível restaurar a confiança dos investidores através de mudanças concretas; na verdade, quanto mais tempo fosse gasto com medidas paliativas, maior seria a corrida quando essas medidas deixassem de surtir efeito. Era isso que Winston receava.

Na verdade, o nó górdio que estrangulava o sistema de investimentos tão cedo não seria desatado.

Winston achava que descobrira a causa do colapso, mas isso não o ajudava a encontrar um remédio. A sabotagem da DTC tinha sido um golpe de mestre. No momento, ninguém sabia quantas ações possuía, quanto sabiam. As instituições financeiras não sabiam. As corretoras não sabiam. Ninguém sabia.

Como começaria a nova corrida aos bancos? Em pouco tempo, os fundos de pensão teriam de emitir os cheques mensais... mas será que os bancos os pagariam? O Fed faria o que estivesse ao seu alcance para que os bancos honrassem todos os compromissos, mas era inevitável que pelo menos um banco não pudesse fazê-lo, por problemas particulares (bastava um, porque essas coisas, afinal, começavam sempre em algum lugar), e isso provocaria uma nova corrida. O Fed teria de intervir, injetando ainda mais dinheiro no mercado, e isso poderia iniciar um ciclo de hiperinflação. Aquele era o maior perigo. Winston lembrava-se muito bem da forma como a inflação afetara o mercado e o país no final da década de 1970, da "doença" que infestara a nação, da perda de confiança que se tornara evidente quando os mais neuróticos começaram a construir cabanas nas montanhas do noroeste e Hollywood lançou vários filmes de terceira sobre a vida depois do apocalipse. Mesmo naquela época, a inflação chegara a quanto? Não mais de 13%. A taxa de juros não passara de 20%. Isso em um país em plena crise de petróleo e governado por um presidente indeciso. Winston chegou a sentir saudade daquele tempo.

A nova crise seria muito pior. Aconteceria com os Estados Unidos algo semelhante ao que ocorrera na República de Weimar, na Argentina em sua pior fase e no Brasil sob a ditadura militar. E os problemas não ficariam restritos à América. Como em 1929, as consequências da crise seriam sentidas no mundo inteiro, com resultados que nem Winston se atrevia a prever. George sabia que,

pessoalmente, não tinha muito a temer. Mesmo que sua fortuna pessoal fosse reduzida em 90%, ainda poderia levar uma vida confortável. Sempre tivera como política aplicar parte dos lucros em bens palpáveis, como petróleo ou ouro; na verdade, possuía uma quantidade considerável de barras de ouro, como os usurários do passado. Como as grandes depressões eram, a longo prazo, deflacionárias, o valor relativo dos seus bens tendia a aumentar com o tempo. Sabia que ele e a família sobreviveriam praticamente ilesos, mas o custo para outras pessoas menos afortunadas seria o caos econômico e social. E não estava no mercado apenas para defender seus interesses, estava? Com o tempo, começara a pensar cada vez mais nos pequenos investidores que tinham visto seus anúncios na TV e lhe confiado toda a sua poupança. Confiança era uma palavra mágica. O fato de as pessoas confiarem em você gerava automaticamente uma obrigação. Queria dizer que acreditavam no que você dizia a respeito de si próprio, e você tinha de provar que estava dizendo a verdade, não apenas para os que haviam confiado em você, mas também para você mesmo. Porque se você falhasse, casas não seriam compradas, crianças não poderiam ser educadas e os sonhos de pessoas de verdade, não muito diferentes de você, morreriam no nascedouro. Já seria muito ruim se apenas os Estados Unidos fossem afetados, pensou Winston, mas na verdade era quase certo que a crise se estenderia a todo o planeta.

E agora sabia perfeitamente como tudo começara. Não tinha sido um acidente e sim um plano bem elaborado e executado com perfeição. Yamata. O filho de uma puta, pensou Winston. Talvez o primeiro investidor japonês digno de respeito. O primeiro que realmente compreendia o jogo, tanto no plano tático quanto no estratégico. Aquela expressão arrogante, aquele sorriso superior enquanto bebia um gole de champanha. Por que você não percebeu o que ele estava para fazer? Agora estava claro o que Yamata queria, não estava? Não, não. Aquilo não podia ser tudo. Uma parte do jogo, talvez, uma tática destinada a alcançar outro objetivo. Qual? Que objetivo poderia ser tão importante que para atingi-lo Raizo Yamata estava disposto a dar adeus a sua fortuna pessoal e ao mesmo tempo destruir os mercados globais dos quais dependiam suas outras empresas e a própria economia do seu país? Não era algo que um homem de negócios, muito menos um especialista de Wall Street, pudesse compreender com facilidade.

Era estranho conhecer o responsável pela crise e ao mesmo tempo não fazer ideia da sua motivação. Winston olhou pela janela para o sol que estava se pondo no Porto de Nova York. Tinha de contar a alguém, alguém que estivesse em condições de entender o que acontecera. Fiedler? Talvez. Melhor alguém que conhecesse Wall Street., e conhecesse outras coisas, também. Mas quem?

— São nossos? Os quatro navios estavam a sotavento na baía de Laolao. Um deles estava colado a um navio-tanque, certamente recebendo combustível. Oreza sacudiu a cabeça.

— A cor é diferente. O cinza que a Marinha usa é mais escuro, mais azulado.

— Parecem navios sérios, cara — afirmou Burroughs, devolvendo-lhe o binóculo.

— Antenas de radar, plataformas de lançamento vertical para mísseis, helicópteros antissubmarino. Contratorpedeiros da classe Aegis, semelhantes aos nossos Burke. São navios sérios, sim. Os aviões morrem de medo deles.

Enquanto Portuga olhava, um helicóptero decolou de um dos navios e rumou para a praia.

— Vamos informar ao comando?

— Boa ideia.

Burroughs entrou na sala de estar e colocou as baterias de volta no telefone. Provavelmente não era necessário manter o telefone sem alimentação quando não estava sendo usado, mas era mais seguro; nenhum dos dois estava interessado em saber como os japoneses tratavam os espiões, pois era isso que se haviam tornado. Também era complicado enfiar a antena no furo da parte côncava e segurar o conjunto perto da cabeça, mas emprestava um certo elemento de humor à operação e bem que estavam precisando de um motivo para rir e relaxar um pouco.

— CNCM, almirante Jackson.

— Está de novo de serviço, almirante?

— Acho que nós dois estamos, sargento. O que tem a informar?

— Quatro contratorpedeiros Aegis no litoral, do lado leste da ilha. Um deles está recebendo combustível de um pequeno navio-tanque. Eles apareceram pouco depois do amanhecer. Mais dois navios de transporte de veículos estão no cais. Outro acaba de partir. Vimos vinte caças faz algumas horas. Metade são El 5 de cauda dupla. Os outros têm cauda simples, mas não conheço o modelo. Afora isso, não há novidades.

Jackson estava examinando uma foto tirada por um satélite havia menos de uma hora, que mostrava quatro navios em formação e caças dispersos nos dois aeródromos. Anotou alguma coisa e fez que sim com a cabeça.

— Como estão as coisas por aí? — perguntou. — Quero dizer: eles prenderam ou ameaçaram alguém, esse tipo de coisa? Ouviu um muxoxo do outro lado da linha.

— Negativo, almirante. Estão dando uma de bonzinhos. Passam o tempo

todo na TV dizendo que pretendem investir muito dinheiro aqui e que nossa vida será maravilhosa daqui para a frente.

Jackson podia perceber a irritação na voz do homem.

— Está bem. Pode ser que não me encontre aqui da próxima vez que ligar. De vez em quando, preciso dormir um pouco, mas esta linha está reservada daqui em diante para seu uso exclusivo, certo?

— Entendido, almirante.

— Vá com calma, sargento. Nada de bancar o herói, certo?

— Isso é coisa para novatos. Tenho muito juízo — tranquilizou-o Oreza.

— Por enquanto é só, Oreza. Bom trabalho. — Jackson esperou que o outro desligasse antes de pousar o telefone. — Antes você do que eu — disse consigo mesmo, antes de olhar para a mesa vizinha.

— Gravei tudo — informou um oficial de inteligência da Força Aérea.

— Ele confirma os dados do satélite. Acho que ainda não esteja correndo perigo.

— Vamos mantê-lo assim. Não quero que ninguém ligue para eles sem minha autorização — ordenou Jackson.

— Sim, senhor — disse o oficial, abstendo-se de comentar que mesmo que tentassem, provavelmente não conseguiriam se comunicar com o sargento.

— Foi um dia duro? — perguntou Paul Robberton.

— Já tive piores — respondeu Ryan. Entretanto, a crise era recente demais para uma avaliação tão otimista.

— Sua mulher se importa se...?

— Ela está acostumada com minhas ausências e vamos estabelecer uma nova rotina, se necessário. — O agente do Serviço Secreto fez uma pausa.

— Como vai o chefe?

— Como sempre, o pior sobra para ele. Todos nós desapertamos para cima dele, certo? — comentou Jack, olhando pela janela quando saíam da Estrada 50. — Ele é um bom homem, Paul.

— Você também. Estamos felizes em tê-lo de volta. — Fez uma pausa. — A situação é mesmo grave? O Serviço Secreto tinha a vantagem de precisar saber de quase tudo, mas isso na prática não fazia muita diferença, porque eles acabavam descobrindo quase tudo por conta própria.

— Não lhe contaram? Os japoneses construíram bombas nucleares e dispõem de mísseis para lançá-las.

As mãos de Paul se crisparam no volante.

— Que beleza. Mas duvido que sejam loucos a esse ponto.

— Na noite de 7 de dezembro de 1941, o USS Enterprise entrou em Pearl

Harbor para se reabastecer e remuniciar. O almirante Bill Halsey estava na ponte, como de costume; olhou para os estragos causados pelo ataque da manhã e comentou: "Quando esta guerra terminar, a língua japonesa será falada apenas no inferno." O próprio Ryan não sabia por que dissera aquilo.

— Então é isso que você pensa? Os tripulantes devem ter adorado.

— Imagino que sim. Se lançarem os mísseis, é o que vai acontecer com eles. Sim, não podem deixar de saber disso — afirmou Ryan, em tom cansado.

— Está precisando de oito horas de sono, Dr. Ryan, talvez nove — afirmou Robberton, muito sério. — Também acontece conosco. A fadiga prejudica os processos mentais. O chefe precisa de toda a sua inteligência, certo? — Concordo plenamente. Talvez eu até beba um drinque esta noite — pensou Ryan em voz alta.

Havia um carro a mais na porta da garagem, observou Jack, e um rosto diferente olhou pela janela quando o carro oficial se aproximou da casa.

— É Andrea. Já falei com ela. A propósito: sua esposa proferiu uma excelente palestra esta tarde. Correu tudo bem.

— Ainda bem que temos dois quartos de hóspedes — murmurou Jack, entrando na casa.

O clima parecia bom; a impressão que teve foi de que Cathy e Angela haviam simpatizado uma com a outra. Os dois agentes ficaram conversando, enquanto Ryan fazia uma refeição rápida.

— Querido, o que está acontecendo? — perguntou Cathy.

— Estamos envolvidos em uma crise muito séria com o Japão, mais aquele problema em Wall Street — Mas como é que ninguém...

— Até agora, tudo aconteceu no mar. O público ainda não ficou sabendo, mas isso não deve demorar.

— Estamos em guerra? Jack olhou para a esposa e fez que sim com a cabeça.

— Pode ser.

— Mas os japoneses que estiveram em Wilmer esta tarde me trataram como se... quer dizer que eles também não sabem? — Isso mesmo.

— Mas isso não faz o menor sentido!

— Concordo com você — disse Ryan. Nesse momento tocou o telefone, o telefone normal da casa. Jack estava mais próximo e atendeu.

— Alô.

— É o Dr. John Ryan? — perguntou uma voz.

— Ele mesmo. Quem está falando?

— George Winston. Talvez não se lembre, mas fomos apresentados ano passado no Harvard Club. Proferi uma pequena palestra sobre o mercado futuro.

O senhor estava na mesa ao lado da minha. A propósito: fez um bom trabalho na Silicon Alchemy.

— Parece que foi em outra encarnação — afirmou Ryan. — Escute, estou muito ocupado, de modo que...

— Preciso vê-lo. É muito importante — disse Winston.

— Qual o assunto?

— Eu precisaria de quinze ou vinte minutos para explicar. Estou com meu jato em Newark. Posso encontrá-lo onde quiser. — A voz fez uma pausa. — Dr. Ryan, não estaria insistindo se não fosse realmente muito importante.

Jack pensou rápido. George Winston era considerado uma pessoa séria. Desfrutava de uma sólida reputação em Wall Street: duro, perspicaz, honesto. Além disso, lembrou-se Ryan, vendera o controle de suas empresas para um japonês chamado Yamata... um nome que já surgira em outro contexto.

— Muito bem, acho que posso encaixá-lo na minha agenda. Ligue para meu escritório amanhã por volta das oito para marcar uma hora.

— Está bem. Obrigado pela atenção — disse a voz, antes de desligar. Quando Ryan olhou para a mulher, ela estava de volta ao trabalho, copiando anotações do caderno para o Laptop, um Apple Powerbook 800.

— Pensei que você tivesse uma secretária para fazer este tipo de serviço — observou, com um sorriso tolerante.

— Minha secretária não pensa em nada enquanto está copiando. Eu penso. — Cathy evitou contar ao marido que Bernie achava que ela era uma séria candidata ao Lasker. Adquirira vários maus hábitos com o marido. Um deles era acreditar que falar sobre alguma coisa boa podia dar azar. — Tive uma ideia interessante hoje, logo depois da palestra.

— E fez questão de anotá-la no seu caderno — observou o marido. Cathy olhou para ele com um sorriso malicioso.

— Jack, quando você não escreve uma coisa...

— E como se não tivesse acontecido.

30
POR QUE NÃO?

O alvorecer chegava como um relâmpago naquela parte do mundo; pelo menos, era o que dizia o poema. A verdade era que o sol estava muito quente, pensou o almirante Dubro, quase tão quente quanto seu mau humor. Era uma pessoa normalmente tranquila, mas já aguentara demais tanto o calor tropical quanto a indiferença administrativa. Os burocratas do planejamento e da política estavam cometendo o mesmo erro: pensar que ele e sua força de combate podiam passear por ali indefinidamente sem ser detectados, fazendo o papel de caça-fantasmas, intimidando os indianos com sua simples presença. Era um jogo interessante, claro, mas não podia durar para sempre. A ideia era aproximar-se do inimigo sem ser detectado e em seguida atacá-lo de surpresa. Os porta-aviões nucleares eram uma arma excelente para isso. A manobra podia ser usada uma, duas, até três vezes, se o comandante da força fosse hábil o suficiente, mas não podia ser repetida impunemente por um número ilimitado de vezes, porque o outro lado também tinha seus estrategistas, e mais cedo ou mais tarde alguma coisa daria errado.

No caso, não foram os jogadores que falharam, e sim a equipe de apoio, e não chegou nem a ser um erro. Da forma como os oficiais de operações reconstituíram os fatos, um Sea Harrier indiano, no final do seu voo de patrulha, estava com o radar ligado e detectara um dos navios-tanque de Dubro. O navio estava rumando para nordeste a toda velocidade a fim de reabastecer os navios da escolta, cujos tanques tinham ficado quase vazios depois da rápida manobra para contornar a extremidade meridional do Sri Lanka. Uma hora depois, outro Harrier, provavelmente desarmado, se aproximara o suficiente para observar visualmente o navio. O comandante do grupo de reabastecimento mudara o curso, mas o estrago estava feito. A posição onde se encontravam os dois navios-tanque e sua escolta de duas fragatas só podia significar que Dubro agora estava a leste quarta a sudeste do cabo Dondra. De acordo com as fotos dos satélites, a esquadra indiana mudara imediatamente de curso, dividindo-se em dois grupos e rumando também para nordeste. Dubro não tinha outra escolha a não ser permitir que os navios-tanque mantivessem a rota traçada. Descobertos ou não, os navios da sua escolta estavam com as reservas de combustível perigosamente baixas, e isso era um risco que não podia correr. Dubro bebeu o primeiro café da manhã

enquanto seus olhos faziam furos na divisória de metal. O comandante Harrison sentou-se em frente à mesa do almirante e diplomaticamente não disse nada até o chefe dirigir-lhe a palavra.

— Qual é a boa nova, Ed?

— Nossas forças ainda são superiores, almirante — replicou o chefe de operações. — Talvez esteja na hora de demonstrarmos isso.

Superiores. Pensou Dubro. Sim, era verdade, mas apenas dois terços das aeronaves encontravam-se em condições de entrar em combate. Tinham passado muito tempo longe da base; as peças sobressalentes necessárias para manter os aviões em funcionamento estavam se esgotando. Nos hangares, havia várias aeronaves com as janelas de inspeção abertas, à espera de peças que não estavam mais disponíveis. Essas peças tinham sido levadas de avião até Diego Garcia e no momento estavam a bordo dos navios de reabastecimento. Três dias depois que chegassem, poderia contar de novo com todos os aviões, mas seus homens estavam cansados. Na véspera, dois homens tinham-se ferido no convés de voo. Não porque fossem incompetentes. Não porque fossem inexperientes. Porque estavam fazendo a mesma coisa havia muito tempo, e a fadiga era ainda mais perigosa para a mente do que para o corpo, especialmente no ambiente frenético do convés de voo de um porta-aviões. O mesmo se aplicava a todos os integrantes da força de combate, desde o mais humilde taifeiro até... ele próprio. Estava começando a se ressentir da tensão a que vinha sendo submetido nos últimos dias, e tudo que podia fazer era passar a beber café sem cafeína.

— Como estão os pilotos? — perguntou Mike Dubro.

— Farão o que o senhor mandar, almirante.

— Certo. Vamos iniciar uma operação de patrulhamento. Quero dois Tom no ar o tempo todo e pelo menos mais quatro em prontidão de cinco minutos, armados com mísseis ar-ar. O curso para hoje é um-oito-zero, velocidade vinte e cinco nós. Vamos nos encontrar logo com os navios de reabastecimento e colocar nossas forças em ordem. Afora isso, quero que o pessoal fique de folga. Eles estão precisando de um descanso. Nossos amigos começarão a caçada amanhã e o jogo ficará interessante.

— Vamos apostar corrida com eles? — Vamos — confirmou Dubro.

Consultou o relógio. Já era noite em Washington. As pessoas de bom senso deviam estar indo para a cama. Estava na hora de pedir novas instruções e queria que seu pedido fosse passado adiante, de preferência por alguém que compreendesse a urgência da situação. Já estava mais do que na hora de pagar para ver, e tudo que sabia era que o confronto surgiria inesperadamente... e depois disso, o Japão? Harrison e sua equipe já passavam metade do tempo

discutindo o assunto.

O serviço, mais uma vez, era parecido com os dos filmes de espionagem da TV; o único consolo era que talvez os russos estivessem certos. Scherenko podia estar contando a verdade e não tivessem nada a temer por parte da DISP. Clark, porém, continuava desconfiado, porque se acostumara a não esperar nada de bom por parte dos russos.

— A roleta pode estar viciada — murmurou consigo mesmo... em inglês! De qualquer forma, o que haviam feito tinha sido ridiculamente simples. Nomuri parou seu carro no mesmo estacionamento onde o hotel mantinha vagas para os hóspedes e deixou um disquete no carro de aluguel de Clark. Clark e Chavez entraram no carro e saíram da garagem. Enquanto Clark dirigia, Chavez introduziu o disquete no laptop e copiou-o para o disco rígido, apagando-o em seguida. O relatório era prolixo. Chavez leu-o em voz baixa, ligou o rádio do carro a todo volume e resumiu os pontos principais para o companheiro.

— Área de Recursos do Norte? — perguntou John.

— Da. Uma expressão curiosa — concordou Ding, pensando. Ocorreu-lhe que sua dicção era melhor em russo do que em inglês, talvez porque aprendera inglês nas ruas e russo em um curso formal, de pessoas que tinham respeito pela língua. O jovem agente não gostou da ideia.

Área de Recursos do Norte, pensou. Por que as palavras lhe pareciam familiares? Entretanto, tinha outras coisas com que se preocupar. Ding descobrira havia algum tempo que, embora apreciasse o aspecto paramilitar do trabalho, os serviços de espionagem não faziam bem seu gênero. Não gostava de passar o tempo todo com medo.

Isamu Kimura estava no local combinado. Felizmente, seu trabalho exigia que se ausentasse com frequência e se encontrasse com estrangeiros. Uma das vantagens era que conhecia vários pontos de encontro razoavelmente seguros. Aquele ficava perto do cais. No momento, não estava muito movimentado, mas ao mesmo tempo era um lugar onde um encontro como aquele não chamaria a atenção. Além disso, dificilmente seriam ouvidos; os ruídos do porto abafariam a conversa, contanto que falassem em voz baixa.

Clark estava ainda menos à vontade, se é que isso era possível. Como no caso de qualquer recrutamento, havia um período durante o qual os contatos eram seguros, mas a segurança diminuía linearmente com o tempo a uma taxa elevada, embora desconhecida, e além disso havia outras considerações. A motivação de Kimura era... o quê? Clark não sabia que argumentos Oleg Lyalin usara para recrutá-lo inicialmente. Não era dinheiro. Os russos nunca lhe haviam pagado um tostão. Não era ideologia. Kimura não tinha nada de comunista. Seria seu ego? Julgar-se-ia com direito a um cargo melhor do que o que ocupava? Ou,

o que poderia ser ainda mais perigoso, seria ele um patriota fanático, daquele tipo que julga ser o único a saber o que é melhor para o país? Ou, como Ding poderia ter comentado, seria apenas um lunático? Não era uma possibilidade muito agradável, mas, de acordo com a experiência de Clark, também não podia ser totalmente desprezada. A simples verdade era que Clark não sabia; entretanto, qualquer que fosse a razão, o homem estava traindo seu país, e o agente jamais se sentira à vontade com esse tipo de pessoa. Talvez os policiais também não gostassem de lidar com informantes, pensou John. Isso não era um grande consolo.

— O que há de tão importante para discutirmos? — perguntou Kimura, enquanto passeavam ao longo de um cais abandonado.

Ao longe, os navios ociosos na baía de Tóquio eram claramente visíveis; Clark imaginou se o japonês não escolhera aquele lugar para o encontro exatamente por esse motivo.

— Seu país dispõe de armas nucleares — afirmou Clark, laconicamente.

— O quê? Kimura olhou para ele, parou de andar e ficou muito pálido.

— Foi isso que o embaixador japonês em Washington disse ao presidente americano no sábado. Os americanos estão muito assustados. Pelo menos, foi o que o Centro de Moscou nos contou. — Clark deu um sorriso muito russo. — Gostaria de observar que vocês conquistaram minha admiração pessoal por terem feito isso tão abertamente; a compra dos nossos foguetes para serem os veículos de lançamento, em especial, foi um golpe de mestre. Entretanto, a verdade é que o governo do meu país está muito preocupado com as consequências de tudo isso.

— Os foguetes poderiam ser facilmente apontados contra nosso país — acrescentou Chavez, secamente. — Isso é suficiente para deixar qualquer um nervoso.

— Não sei de nada a respeito. Vocês têm certeza? — perguntou Kimura, começando a caminhar de novo, só para fazer o sangue circular.

— Temos um informante em uma alta posição do governo americano. Não há possibilidade de engano.

Ding observou que o tom de voz de Clark era frio e profissional: AH, seu carro está com o para-choque arranhado. Conheço um bom mecânico para consertá-lo.

— Então foi por isso que acharam que podia fazer aquilo impunemente. — Kimura não precisava dizer mais nada. Era óbvio que acabara de encontrar a explicação para algo que o intrigava fazia algum tempo. Respirou fundo antes de acrescentar: — Isto é uma loucura.

Aquelas foram as quatro palavras que John ouviu com mais prazer desde o

dia em que voltara para casa de Berlim para ser informado de que a esposa dera à luz seu segundo filho e tudo estava bem. Chegara a hora de ir direto ao assunto. Falou sem sorrir, assumindo plenamente o papel de agente russo veterano, treinado pela KGB para ser um dos melhores do mundo: — Sim, meu amigo. Toda vez que alguém ameaça uma grande potência, está cometendo uma verdadeira loucura. Seja quem for que dirige este jogo, espero que compreenda os riscos que assumiu. Preste atenção às minhas palavras, Gospodin Kimura. Muitos países estão muito preocupados. Você me entende? Muito preocupados. Vocês nos fizeram de tolos diante dos Estados Unidos e do mundo inteiro. Agora dispõem de armas com as quais podem ameaçar meu país tão facilmente quanto podem ameaçar a América. Atacaram os Estados Unidos sem nenhuma razão palpável. Isso os torna imprevisíveis aos nossos olhos, e um país com foguetes nucleares e instabilidade política não é uma perspectiva nada agradável. A crise vai aumentar até que pessoas sensatas tomem alguma providência. Não estamos interessados nas disputas comerciais entre vocês e os americanos, mas a possibilidade de guerra nos preocupa, e muito.

Kimura ainda estava muito pálido.

— Qual é seu posto, Klerk-san?

— Sou coronel pleno do Sétimo Departamento da Primeira Diretoria da Comissão de Segurança do Estado.

— Pensei que...

— Sim, o novo nome, o novo posto, toda essa bobagem — observou Clark, com um muxoxo. — Kimura-san, sou um agente do serviço de inteligência. Estou aqui para proteger meu país. Esperava que esta missão fosse simples e agradável, mas agora me vejo... já lhe contei a respeito do nosso Projeto RYAN?

— Já o mencionou uma vez, mas...

— Quando os americanos elegeram o presidente Reagan (eu era capitão na época, como o nosso amigo Chekov), nossos líderes examinaram os antecedentes ideológicos do homem e acharam que era possível que ele se sentisse tentado a desfechar um ataque nuclear contra nosso país. Imediatamente, iniciamos um esforço concentrado para descobrir quais eram suas verdadeiras intenções. Mais tarde chegamos à conclusão de que tudo fora um engano, de que Reagan, embora odiasse a União Soviética, não era nenhum tolo.

Agora, porém, o que vemos? — prosseguiu o coronel Klerk. Uma nação que desenvolveu artefatos nucleares em segredo. Uma nação que, por razões obscuras, se dispôs a atacar um país que é mais um parceiro comercial do que um inimigo. Uma nação que atacou a Rússia mais de uma vez. Por isso, as ordens que recebi são mais ou menos as mesmas do que na época do Projeto RYAN. Está me entendendo agora?

— O que você quer? — perguntou Kimura, embora já conhecesse a resposta.

— Quero saber a localização desses foguetes. Eles saíram da fábrica de trem. Quero saber onde estão agora.

— Como acha que eu vou... Clark interrompeu-o com um olhar.

— Isso é problema seu, meu amigo. Estou lhe dizendo o que é preciso.

— Fez um pausa, para que suas palavras calassem mais. — Pense bem, Isamu: fatos como esses adquirem vida própria. De repente, passam a dominar os homens que foram responsáveis por eles. A entrada de armas nucleares na equação pode ter consequências muito mais graves do que você imagina. Sei do que estou falando — prosseguiu o coronel Klerk. — Tive nas mãos uma análise do que os americanos podiam nos fazer e do que podíamos fazer aos americanos. Participei do Projeto RYAN, certo? Ameaçar uma grande potência é no mínimo uma temeridade.

— Mas se você descobrir onde estão os foguetes, o que acontecerá?

— Isso eu não sei. Só sei que meu país se sentirá muito mais seguro com esse conhecimento nas mãos. Tenho minhas ordens. Posso forçá-lo a nos ajudar? Não, não posso. Entretanto, se não o fizer, estará colocando seu país em sério perigo. Pense bem — concluiu, com a frieza de um coronel.

Clark apertou a mão do homem com efusão exagerada e foi embora.

— Cinco vírgula sete, cinco vírgula seis, cinco vírgula oito do juiz da Alemanha Oriental... — murmurou Ding quando se afastaram o suficiente.

— Puxa, John, você é um russo!

— Pode apostar, garoto — disse John, sorrindo.

Kimura permaneceu no cais por alguns minutos, olhando para os navios inativos espalhados pela baía. Alguns eram do tipo usado para transportar veículos, mas havia muitos cargueiros convencionais, de linhas elegantes, daqueles que singravam os oceanos transportando containers com os mais variados produtos. Aquele aspecto aparentemente prosaico das relações internacionais era quase uma religião para Kimura. O comércio ajudara a unir as nações em torno de um objetivo comum, fornecendo a elas um bom motivo para manter a paz, independentemente das suas divergências. Entretanto, Kimura conhecia história o suficiente para saber que nem sempre as coisas funcionavam daquela forma.

Você está violando a lei, disse a si próprio. Está desonrando seu nome e o da sua família. Está ofendendo os amigos e colegas de trabalho. Está traindo seu país.

Alto lá! Que país estava traindo? O povo escolhia os membros da Dieta e eles por sua vez escolhiam o primeiro-ministro, mas o povo, em si, não tinha

nenhuma responsabilidade pelo que estava acontecendo. Os cidadãos, como o Ministério onde trabalhava, como os próprios membros da Dieta, não passavam de meros espectadores. Estavam sendo enganados. O país estava em guerra, mas a população não fora informada! O país se dera ao trabalho de construir artefatos nucleares, mas sem o conhecimento da população. De quem partira a ordem? Do governo? O governo acabara de mudar, mais uma vez, e isso queria dizer... o quê? Kimura não sabia. O que sabia era que o russo estava certo; os riscos envolvidos eram difíceis de prever. O país corria perigo, um perigo maior do que todos que tivera de enfrentar nas últimas décadas. Os governantes estavam à beira da loucura, e não havia médicos para diagnosticar o problema; a única certeza de Kimura era a de que o problema estava tão acima da sua esfera de competência que não sabia nem por onde começar.

Entretanto, alguém precisava fazer alguma coisa. A que altura, perguntou-se Kimura, um traidor se transformava em patriota e um patriota se tornava um traidor? Deveria estar contrariado, pensou Cook, quando finalmente conseguiu ir para a cama, mas não estava. Pensando bem, o dia fora favorável. Os outros pareciam torcer para que se desse mal, especialmente os dois AIN. Deviam se considerar muito espertos, refletiu, com um largo sorriso. Entretanto, não sabiam de nada. Será que estavam cientes disso? Provavelmente não. Tinham sempre um ar superior, mas quando chegava a hora da verdade era sempre por um lado, senhor, logo seguido de por outro lado, senhor. Como alguém podia tomar decisões com base nesse tipo de análise? Cook, por outro lado, sabia o que estava acontecendo, e o fato de que Ryan tinha consciência disso o promovera à liderança de facto do grupo de trabalho, o que fora visto ao mesmo tempo com inveja e alívio pelos outros membros. Muito bem, deviam estar pensando, vamos deixar que ele assuma os riscos. No conjunto, achava que conseguira se sair muito bem. Os outros não o enfrentariam mas se manteriam a distância, fazendo algumas ressalvas a suas propostas para se garantir se as coisas corressem mal, como secretamente esperavam, mas apoiando a posição geral do grupo para compartilhar do sucesso se tudo desse certo.

As preliminares haviam terminado; as posições iniciais estavam definidas. Adler comandaria o grupo de negociação e Cook seria seu assistente.

Do lado japonês, o chefe seria o embaixador e Seiji Nagumo o assistente. As negociações seguiriam um ritual tão rígido e estilizado quanto o teatro Kabuki. Os dois lados da mesa assumiriam posições pouco realistas, e a ação real teria lugar durante os intervalos, quando os membros dos dois grupos conversariam informalmente com seus pares. Isso permitiria que Chris e Seiji trocassem informações, controlassem as negociações e, com um pouco de sorte,

conseguissem impedir que aquela briga sem sentido ficasse ainda pior do que já estava.

Eles vão lhe pagar pelas informações, insistiu a voz. Sim, era verdade, mas Seiji também lhe daria informações e o objetivo final era acalmar os ânimos e salvar vidas! O propósito da diplomacia era manter a paz, e isso significava salvar vidas, como os médicos, mas com uma eficiência ainda maior. Os médicos eram bem pagos, não eram? Ninguém os censurava por ganhar dinheiro. A medicina era considerada uma profissão nobre, muito mais do que, por exemplo, a de espião. O que a tornava tão especial.

O importante é restaurar a paz, droga. O dinheiro não importava. O dinheiro era secundário. E como era secundário, merecia recebê-lo, ou não? Claro que sim, decidiu Cook, fechando os olhos, afinal.

Os engenheiros estavam trabalhando com dedicação, observou Sanchez, de volta a sua cadeira no Pri-Fly. Tinham recolocado e realinhado dois rolamentos do eixo, cruzado os dedos e aberto um pouco mais os aceleradores do Número Um. Onze nós, quase chegando a doze, o suficiente para lançar algumas aeronaves em direção a Pearl Harbor, o suficiente para trazer para bordo o COD com uma equipe completa de engenheiros para ajudar o engenheiro-chefe a avaliar o estado do sistema de propulsão. Como um dos oficiais mais antigos a bordo, Sanchez seria informado a respeito dos resultados da avaliação durante o almoço. Poderia ter voado para terra com o primeiro grupo de caças, mas seu lugar era a bordo. Àquela altura, o Enterprise ficara muito para trás, totalmente coberto por caças P-3 operando a partir de Midway, e a Inteligência da Esquadra estava mais convencida do que nunca de que não havia inimigos nas vizinhanças, tanto que Sanchez já começava a acreditar que fosse verdade. Além do mais, as aeronaves antissubmarino tinham lançado tantas boias de sonar, que o mar estava coalhado delas.

Os tripulantes estavam acordados e ainda um pouco intrigados e aborrecidos. Estavam acordados porque sabiam que em breve chegariam a Pearl; intrigados, porque não faziam ideia do que estava acontecendo; aborrecidos, porque seu navio fora avariado. Àquela altura, também sabiam que dois submarinos tinham sido dados como desaparecidos. Embora os superiores tentassem esconder a extensão das baixas, era difícil guardar segredos no ambiente de um navio de guerra. Os operadores de rádio recebiam mensagens, os ordenanças as entregavam, os camareiros escutavam as conversas dos oficiais. O Johnnie Reb tinha quase seiscentos homens a bordo, e os fatos às vezes se perdiam no meio dos boatos; entretanto, mais cedo ou mais tarde, a verdade sempre vinha à luz. O resultado era previsível: revolta. Era parte da profissão militar. Por mais que os marinheiros do porta-aviões falassem mal dos colegas

do Exército, por maior que fosse a rivalidade entre as duas armas, no momento eram irmãos a quem deviam apoiar.

Apoiar de que forma? Quais seriam as ordens? Mensagens dirigidas ao CINCPAC tinham ficado sem resposta. O Grupo Três de Mike Dubro não recebera nenhuma ordem para voltar correndo ao Pacífico Ocidental, como seria de esperar. Afinal, aquilo era ou não uma guerra?, perguntou Sanchez ao sol poente.

— Como soube disso? — perguntou Mogataru Koga.

O ex-primeiro-ministro usava um quimono tradicional, o que não era comum, mas agora estava de folga pela primeira vez em trinta anos. Mesmo assim, concordara prontamente em recebê-lo e escutara em silêncio durante dez minutos, prestando muita atenção às palavras do funcionário do MCII.

— Tenho muitos contatos, Koga-san — respondeu Kimura, de olhos baixos. — Isso é necessário na minha posição.

— Na minha, também. Por que ninguém me contou? — Mesmo dentro do governo, poucas pessoas foram informadas.

— Não está me contando tudo que sabe.

Kimura imaginou como Koga poderia ter percebido isso, mas bastaria olhar-se no espelho para compreender. Passara a tarde na sua mesa, fingindo que trabalhava. Folheara muitos papéis, mas não se lembrava mais de nenhum documento, apenas das perguntas que tinham passado pela sua mente. O que fazer? A quem contar a verdade? A quem procurar em busca de conselhos? — Não posso revelar minhas fontes de informações, Koga-san.

O ex-primeiro-ministro aceitou a evasiva com um gesto de cabeça.

— Então está me dizendo que atacamos os Estados Unidos e construímos armas nucleares? — Hai.

— Eu sabia que Goto era um idiota, mas não pensei que fosse louco.

— Koga refletiu por um momento sobre o que acabara de dizer. — Não, ele não tem imaginação suficiente para fazer isso sozinho. Sempre foi um lacaio de Yamata, não é mesmo? — Raizo Yamata sempre foi seu... seu...

— Patrocinador? — perguntou Koga, em tom irônico. — Esse é o termo educado.

Deu um muxoxo e desviou os olhos. Sua irritação agora tinha um novo alvo. Exatamente o que você tentou impedir. Tentou e não conseguiu, não é mesmo? — Goto frequentemente lhe pede conselhos.

— Está certo. E agora, o que vai acontecer? — perguntou a um homem visivelmente fora do seu meio.

A resposta era previsível.

— Não sei. Sou um burocrata; não entendo de política. Estou com medo,

mas não sei o que fazer.

Koga sorriu ironicamente e tornou a encher a xícara de chá do visitante.

— Sabe que eu poderia dizer o mesmo? Mas uma coisa me deixou intrigado. Eu também tenho alguns contatos. Desde a semana passada que fui informado sobre as baixas que causamos à Marinha dos Estados Unidos. Entretanto, ninguém falou em armas nucleares.

A simples menção das duas palavras deixou-os constrangidos; Kimura admirou-se de que o político pudesse continuar a falar em tom normal.

— Nosso embaixador em Washington contou aos americanos, e um amigo do Ministério do Exterior...

— Também tenho amigos no Ministério do Exterior — afirmou Koga, bebendo um gole de chá.

— Não posso dizer mais nada.

— Você andou falando com americanos? — perguntou o ex-primeiro-ministro.

— Não — respondeu Kimura, sacudindo a cabeça.

O dia em geral começava às seis, mas isso não o tornava mais fácil, pensou Jack. Paul Robberton apanhara os jornais e esquentara o café. Andrea Price também apareceu e ajudou Cathy com as crianças. Ryan ficou pensando no assunto até ver o carro parado na entrada da garagem. Então o Serviço Secreto achava que estavam em guerra! Seu passo seguinte foi ligar para o escritório, e um minuto depois o fax começou a imprimir as notícias da manhã. A primeira era de domínio público, mas importante: os europeus estavam tentando vender Obrigações do Tesouro dos Estados Unidos, mas ninguém parecia disposto a comprá-las. Buzz Fiedler e o presidente do Fed deviam estar muito atarefados. O corretor que havia em Ryan começou a se preocupar. Era como o menino holandês com o dedo no furo do dique. O que aconteceria quando aparecesse mais um vazamento? Mesmo que conseguisse tapá-lo, também, não surgiria um terceiro? Não havia grandes novidades na frente do Pacífico, mas os detalhes começavam a chegar. O John Stennis estava quase chegando a Pearl Harbor, mas o Enterprise levaria mais tempo do que o previsto. Aparentemente, não estavam sendo seguidos pelos japoneses. Ótimo. A caçada aos mísseis nucleares iniciara, mas ainda não havia resultados, o que não era de surpreender. Ryan nunca estivera no Japão, uma omissão da qual agora estava se ressentindo. O pouco que sabia se devia a fotografias tiradas por satélites. Nos meses de inverno, quando o tempo no Japão era excepcionalmente bom, o Escritório Nacional de Reconhecimento usara o país (entre outros) para calibrar suas câmaras em órbita, e Ryan se lembrava da elegância dos jardins. Também conhecia alguma coisa da

história do Japão. Entretanto, de que valiam esses conhecimentos nas presentes circunstâncias? A história e a economia eram um casal estranho, não eram? Cathy e as crianças se despediram com os beijos de costume, e logo depois Jack estava viajando para Washington no carro oficial. Como único consolo, a viagem era mais curta do que para Langley.

— Pelo menos, o senhor deve estar descansado — observou Robberton. Normalmente não puxava conversa com políticos, mas por alguma razão aquele sujeito o deixava muito mais à vontade. Pelo menos, Ryan não tinha nada de afetado.

— Acho que sim, mas os problemas ainda estão aí.

— O da Wall Street ainda é o número um? — É, sim. — Ryan trancou os documentos secretos na maleta e olhou para a paisagem do campo. — Estou começando a perceber que isto pode provocar uma crise de proporções mundiais. Os europeus estão tentando vender obrigações do tesouro, mas não encontram comprador. O mercado pode entrar em pânico. Nossa liquidez está a zero e a deles está principalmente nas nossas obrigações do tesouro.

— Liquidez significa dinheiro em espécie, certo? Robberton mudou de pista e acelerou. Aquele tipo de placa mantinha os guardas rodoviários a distância.

— Isso mesmo. As pessoas preferem dinheiro em espécie quando estão preocupadas... e se não o conseguem, ficam mais preocupadas ainda.

— Está falando em alguma coisa como o que aconteceu em 1929, Dr. Ryan? Jack olhou para o guarda-costas.

— Provavelmente, a menos que consigam refazer os registros em Nova York. É como lutar de mãos amarradas ou entrar em uma roda de pôquer sem dinheiro no bolso. Uma droga. — Ryan sacudiu a cabeça. — Nunca aconteceu antes. Os corretores estão desorientados.

— Como é que pessoas tão espertas podem entrar em pânico?

— Como assim? — O dinheiro não continua no sistema? Ninguém explodiu a casa da moeda. — Robberton fez um muxoxo. — Seríamos os primeiros a saber! Ryan sorriu.

— Quer uma aula completa? Paul deu de ombros.

— Sou formado em psicologia e não em economia. A resposta deixou Jack surpreso.

— Melhor ainda.

A Europa estava pensando na mesma coisa. Pouco antes do meio-dia, uma teleconferência dos presidentes dos bancos centrais da Alemanha, Inglaterra e França resultou em pouco mais do que uma confusão multilíngue a respeito das

providências a serem tomadas. A reconstrução dos países da Europa Oriental representara um ônus gigantesco para as economias dos países da Europa Ocidental, que estavam na verdade pagando a conta por duas gerações de caos econômico. Para se garantir contra o enfraquecimento de suas moedas, tinham comprado dólares e obrigações do tesouro americano. A paralisação dos negócios nos Estados Unidos resultará em uma queda no movimento na Europa, mas nada de muito sério. Tudo mudou, porém, depois que o último comprador adquiriu o último lote de Obrigações do Tesouro Americano a preços de ocasião, usando dinheiro obtido com a venda de ações. Esse comprador chegara à conclusão de que cometera um grande erro e se maldizia por ter sido tão imprevidente. Às 10:30 da manhã, hora local, a Bolsa de Paris entrou em queda acentuada; em menos de uma hora, os comentaristas europeus estavam falando em efeito dominó, pois o mesmo acontecera em todas as bolsas de todos os centros financeiros. Eles também observaram que os bancos centrais europeus estavam tentando fazer a mesma coisa que o Fed americano tentara no dia anterior. Não que não fosse uma boa ideia. Acontece que medidas como aquela funcionavam apenas uma vez, e os investidores europeus não estavam comprando. Pelo contrário; o mercado era claramente vendedor. Foi um alívio quando as pessoas começaram a comprar ações por preços ridiculamente baixos, o alívio foi ainda maior quando ficou claro que as ações seriam pagas em ienes, a única moeda que se fortalecera no processo.

— Quer dizer que a situação é muito grave? — perguntou Robberton, abrindo a porta que dava para a Ala Oeste.

— Paul, você se considera uma pessoa inteligente? — perguntou Jack. O agente do Serviço Secreto pareceu surpreso.

— Sim, eu me considero inteligente. Por quê?

— Por que imagina que as pessoas que trabalham no mercado financeiro são mais espertas do que você? Não são, Paul. Podem ter um trabalho diferente, mas ele exige apenas instrução e experiência. Aqueles homens não entendem nada de investigações criminais. Nem eu. Não, eles não são mais inteligentes do que você, e talvez sejam menos inteligentes. Só que o trabalho deles é manter os mercados financeiros funcionando e o seu, não.

— Minha nossa! — murmurou Robberton, despedindo-se de Ryan na porta do escritório.

A secretária de Jack passou-lhe um maço de bilhetes. Um deles estava marcado Urgente!, e Ryan ligou para o número indicado.

— É você, Ryan?

— Eu mesmo, Winston. Queria falar comigo pessoalmente. Quando? — perguntou Jack, abrindo a maleta e tirando os documentos confidenciais.

— Quando quiser. Dê-me apenas noventa minutos para chegar aí. Tenho um carro à espera lá embaixo, um Gulfstream com os motores aquecidos e um carro me esperando no aeroporto doméstico de Washington.

Sua voz disse o restante. O caso era grave e urgente. Além disso, Ryan conhecia a reputação de Winston.

— Presumo que tenha a ver com o que aconteceu sexta-feira.

— Exatamente.

— Por que eu e não o secretário Fiedler? — quis saber Ryan.

— Você trabalhou no mercado financeiro. Ele, não. Se quer que ele participe do encontro, por mim está bem. Ele vai entender, mas acho que você vai entender mais depressa. Acompanhou as notícias financeiras desta manhã?

— Parece que a Europa não confia mais em nós.

— E a coisa vai piorar — afirmou Winston. Provavelmente estava certo, pensou Jack.

— Sabe o que fazer para consertar as coisas? Ryan quase pôde ver o interlocutor sacudir a cabeça, irritado e frustrado.

— Gostaria de saber, mas pelo menos posso lhe contar o que realmente aconteceu.

— Estou interessado. Venha assim que puder. Diga ao motorista para usar a entrada oeste. Os guardas estarão à sua espera no portão.

— Obrigado pela atenção, Dr. Ryan.

A linha ficou muda, e Jack imaginou há quanto tempo George Winston não dizia aquilo a alguém. Depois, começou a despachar os papéis que estavam sobre a mesa.

Ainda bem que os vagões usados para transportar os foguetes H-l 1 da fábrica até o local de destino eram de bitola padrão. Menos de 8% das ferrovias do Japão usavam aquela bitola; além disso, era algo que podiam distinguir claramente nas fotografias dos satélites. A função da CIA era colher informações, a maioria das quais jamais seriam usadas para alguma coisa útil e a maioria das quais, ao contrário do que mostravam os filmes e livros, eram obtidas em fontes de domínio público. Era apenas uma questão de arranjar um mapa ferroviário do Japão para ver onde ficavam as ferrovias de bitola padrão. Entretanto, havia mais de três mil quilômetros de trilhos daquele tipo, o tempo sobre o Japão nem sempre ajudava e os satélites nem sempre fotografavam o país diretamente de cima, para mostrar melhor o fundo dos vales que infestavam um país formado a partir de montanhas vulcânicas.

Entretanto, era também um trabalho que a CIA estava acostumada a fazer. Os russos, com sua esperteza e sua mania de manter tudo em segredo, tinham

ensinado os analistas da CIA a procurar em primeiro lugar os lugares menos prováveis. Uma planície aberta, por exemplo, era um local provável, de fácil acesso, fácil de defender. Era nelas que os Estados Unidos tinham apostado na década de 1960, imaginando erradamente que os mísseis jamais seriam precisos o suficiente para atingir um alvo pontual em uma vastidão desolada. O Japão certamente não cometeria o mesmo engano. Assim, os analistas tinham de procurar nos lugares difíceis. Florestas, vales, colinas... a busca levaria muito tempo. Havia dois fotossatélites KH-11 em órbita, além de um satélite de radar KH-12. Os primeiros podiam distinguir objetos do tamanho de um maço de cigarros; o segundo produzia uma imagem monocromática de resolução muito menor, mas em compensação podia penetrar nas nuvens e, em circunstâncias favoráveis, até no solo, atingindo uma profundidade de mais de dez metros. Na verdade, fora desenvolvido com o objetivo de localizar silos para mísseis e outras instalações camufladas dos soviéticos.

Essa era a boa notícia. A má notícia era que as imagens tinham de ser examinadas por um grupo de especialistas, uma de cada vez; cada detalhe suspeito tinha de ser reexaminado; apesar da urgência da tarefa, o tempo envolvido era imenso. Analistas da CIA, do Escritório Nacional de Reconhecimento e do Centro de Análise de Informações e Ameaças (I-TAC) estavam reunidos para executar o trabalho, procurando vinte buracos no solo sem saber mais nada além do fato de que os buracos tinham de ter no mínimo cinco metros de diâmetro. Podia ser um grupo de vinte buracos ou vinte buracos muito espaçados. O primeiro passo, todos concordavam, seria obter novas fotos de todas as ferrovias de bitola padrão. A tarefa era dificultada pelo mau tempo e pelo ângulo desfavorável dos satélites, de modo que, no terceiro dia da caçada, ainda faltava cobrir 20% do território. Já haviam sido identificados trinta locais suspeitos, que seriam fotografados de ângulos ligeiramente diferentes para permitir a geração de imagens tridimensionais. Alguns dos analistas estavam se lembrando da busca dos Scud em 1991. Não era uma recordação agradável para eles. Embora tivessem aprendido muitas lições, a principal era a seguinte: não era muito difícil esconder um, dez, vinte ou mesmo cem objetos relativamente pequenos dentro das fronteiras de uma nação, mesmo que ela fosse plana e desprovida de florestas. O Japão não era nenhuma das duas coisas. Nas circunstâncias, encontrar todos os mísseis parecia uma tarefa quase impossível. Mesmo assim, tinham de tentar.

Eram onze horas da noite e seus deveres para com os ancestrais estavam em dia. Nunca seriam totalmente cumpridos, mas as promessas que fizera aos espíritos tantos anos antes tinham sido concretizadas. O que era solo japonês no dia do seu nascimento voltara a ser solo japonês. O que era terra de sua família

voltara a ser terra de sua família. A nação que humilhara seu país e assassinara sua família finalmente fora humilhada e levaria muito tempo para se recuperar. Tempo suficiente para que seu país ocupasse, enfim, o lugar que merecia entre as grandes nações.

Na verdade, um lugar ainda mais importante do que planejara, pensou. Bastava olhar para os relatórios financeiros que chegavam, via fax, ao seu hotel. O pânico financeiro que planejara e executara estava agora atravessando o Atlântico. Era incrível, pensou, que não tivesse previsto este desdobramento. As complexas manobras financeiras tinham deixado de repente os bancos de negócios do Japão com muito dinheiro em caixa e os empresários estavam aproveitando a oportunidade para comprar ações europeias. Com isso, aumentariam a riqueza nacional, garantiriam sua posição nas economias dos vários países da Europa e dariam a impressão ao público de que estavam ajudando o restante do mundo em um momento de crise. Yamata achava que o Japão se esforçaria realmente para ajudar a Europa. Afinal, o país precisava de mercados externos e agora que os empresários japoneses tinham se tornado proprietários de muitas indústrias na Europa, talvez os políticos europeus se dispusessem a ouvir com mais atenção os seus conselhos. Não era certo, pensou, mas era possível. O que eles certamente ouviriam era o poder. O Japão agora estava enfrentando os Estados Unidos. Os Estados Unidos jamais conseguiriam derrotar o Japão, não com a economia interna em crise, os militares mal equipados e o presidente politicamente desgastado. Além do mais, era um ano de eleição. Não havia melhor estratégia, pensou Yamata, do que semear a discórdia na casa do inimigo. Fora o que fizera, usando uma tática que não ocorrera aos militares estúpidos que haviam levado o país ao desastre em 1941.

— E então? — disse ao anfitrião. — Como posso ajudá-lo?

— Yamata-san, como sabe, vamos eleger o governador local. — O burocrata serviu uma dose de uísque escocês. — Você tem uma propriedade na ilha. Tem interesses comerciais aqui. Acho que é o homem perfeito para o cargo.

Pela primeira vez em muitos anos, Raizo Yamata ficou perplexo.

Em outro quarto do mesmo hotel, um almirante, um major e um capitão da Japan Airlines tiveram uma reunião de família.

— Então, Yusuo, o que vai acontecer agora? — perguntou Torajiro.

— O que acho que vai acontecer agora é que você vai voltar aos voos regulares entre o Japão e os Estados Unidos — afirmou o almirante, terminando seu terceiro drinque. — Se eles forem tão inteligentes como julgo, compreenderão que a guerra já terminou.

— Há quanto tempo está trabalhando nisto, titio? — perguntou Shiro, em

tom respeitoso.

Agora que sabia o que o tio fizera, sentia-se orgulhoso com a coragem do militar.

— Desde a época em que eu era um nisa, supervisionando a construção do primeiro navio que comandei nos estaleiros de Yamata-san. Quanto tempo faz? Mais de dez anos. Ele apareceu para conversar, jantamos juntos e ele me fez algumas perguntas teóricas. Yamata aprende depressa, para um civil — afirmou o almirante. — Acho que há muito mais por trás disso do que parece.

— Como assim? — perguntou Torajiro.

Yusuo tornou a encher o copo. Sua esquadra estava em segurança e podia se dar ao luxo de relaxar um pouco, especialmente com o irmão e o sobrinho, agora que o pior passara.

— Conversamos muitas vezes nos últimos anos, mas mais ainda depois que ele comprou aquela firma de investimentos americana. Agora, o que acontece? Minha pequena operação ocorre no mesmo dia em que a bolsa americana desaba...? Uma coincidência interessante, não acham? — perguntou, com um sorriso irônico. — Ainda me lembro de um dos primeiros conselhos que lhe dei, há muitos anos. Em 1941, atacamos a periferia dos Estados Unidos. Atacamos os braços, mas não a cabeça ou o coração. Um país pode criar novos braços, mas no caso de um coração, ou de uma cabeça, é muito mais difícil. Acho que ele me escutou.

— Sobrevoei a cabeça muitas vezes — observou o capitão Torajiro Sato. Uma das suas duas rotas normais era para o Aeroporto Internacional Dulles. — E uma cidade esquálida.

— E vai fazê-lo de novo. Se Yamata fez o que estou pensando, vai precisar novamente de nós, e não vai demorar muito — declarou o almirante Sato, com convicção.

— Deixe-o passar — ordenou Ryan pelo telefone.

— Mas...

— Se isso o faz sentir-se melhor, abra e olhe, mas se ele pedir para não radiografar, não radiografe, está bem?

— Mas o senhor nos disse que era um só e são dois!

— Não há problema — disse Jack ao guarda que tomava conta da entrada oeste. O problema dos alertas de segurança era que atrapalhavam os esforços necessários para resolver a crise. — Mande-os subir.

Levaram quatro minutos pelo relógio de Jack. Provavelmente tinham desmontado o computador portátil que o sujeito estava carregando para ter certeza de que não havia uma bomba no interior. Jack saiu de sua mesa e foi se

encontrar com eles na porta da antessala.

— Desculpem. Lembram-se da velha canção da Broadway, "O Serviço Secreto me Deixa Nervoso?" Ryan convidou-a a entrar com um gesto. Supôs que o mais velho fosse George Winston. Lembrava-se vagamente do discurso do Harvard Club, mas não da fisionomia do palestrante.

— Este é Mark Gant. É meu auxiliar mais competente e fez questão de trazer seu laptop.

— Será mais fácil assim — explicou Gant.

— Compreendo. Eu também gosto deles. Sentem-se, por favor. — Jack apontou para duas cadeiras. A secretária trouxe uma bandeja com café. Enquanto a bebida estava sendo servida, acrescentou: — Um dos meus assistentes está acompanhando os mercados europeus. A coisa não vai bem.

— Acho que está sendo pouco realista, Dr. Ryan. Podemos estar assistindo ao início de um pânico mundial, de consequências imprevisíveis — afirmou Winston.

— Até agora, Buzz está se saindo bem — replicou Jack, em tom cauteloso. Winston levantou os olhos da xícara de café.

— Ryan, se acredita realmente nisso, vim ao lugar errado. Pensei que conhecesse melhor a Street Fez um excelente trabalho na Silicon Alchemy... foi você, realmente, ou assumiu o crédito pelo trabalho de outra pessoa? — Apenas duas pessoas falam comigo nesse tom: uma é a minha mulher e o outro tem um escritório logo ali — apontou Jack. Depois, sorriu. — Sr. Winston, a Silicon Alchemy foi trabalho exclusivamente meu. No momento, tenho dez por cento das ações da empresa em minha carteira particular. Como pode ver, estou muito interessado no futuro da companhia.

— Nesse caso, devia saber que não vamos conseguir manter as coisas sob controle por muito tempo — disse Winston, ainda sondando o anfitrião.

Jack pensou por um momento e fez que sim com a cabeça.

— Eu sei. Foi o que disse a Buzz no domingo. Mas não sei quanto tempo os investigadores levarão para reconstruir os registros; estive ocupado com outras coisas.

— Certo.—Winston estava curioso para saber que outras coisas podiam estar tomando o tempo de Ryan, mas chegou à conclusão de que isso não era importante. — Não posso lhe dizer o que fazer, mas pelo menos acho que descobri como tudo começou.

Ryan olhou para o receptor de TV. A CNN começara a transmitir ao vivo da Bolsa de Valores de Nova York. O som estava baixo demais para que ouvisse alguma coisa, mas a comentarista falava rapidamente, sem sorrir. Quando olhou de novo para os visitantes, Gant abrira o laptop e estava chamando alguns

arquivos.

— De quanto tempo dispomos? — perguntou Winston.

— Deixe que eu me preocupo com isso — replicou Jack.

31
O COMO E O QUÊ

Bosley Fiedler, o secretário do Tesouro, não conseguira dormir três horas seguidas desde que voltara de Moscou e caminhava com tanta dificuldade pelo túnel que ligava o Edifício do Tesouro à Casa Branca que os guarda-costas começaram a imaginar se não estaria na hora de usar uma cadeira de rodas. O presidente da Federal Reserve não se encontrava em melhor forma. Os dois estavam discutindo mais uma vez a situação no escritório do secretário quando chegou o recado, “Larguem tudo e venham para cá”, peremptório mesmo para alguém como Ryan, que frequentemente quebrava os protocolos do governo. Fiedler começou a falar antes mesmo de entrar no escritório do colega.

— Jack, daqui a vinte minutos tenho uma teleconferência com os presidentes dos bancos centrais de cinco países da Euro... quem são eles? — perguntou o secretário do Tesouro, surpreso.

— Senhor secretário, meu nome é George Winston. Sou presidente e diretor-gerente do...

— Não é mais. Você vendeu a empresa — protestou Fiedler.

— Estou de volta, por decisão dos acionistas. Este é Mark Gant, um dos meus diretores.

— Acho que devemos escutar o que eles têm a dizer — afirmou Ryan, dirigindo-se aos recém-chegados. — Sr. Gant, repita tudo desde o início, por favor.

— Que droga, Jack, tenho apenas vinte minutos. Menos do que isso — corrigiu, olhando para o relógio.

Winston fez uma careta, mas falou como se estivesse se dirigindo a outro corretor experiente: — Fiedler, vou tentar ser conciso: os mercados foram deliberadamente sabotados por um ataque sistemático e bastante sofisticado e acho que posso provar isso. Está interessado?

O secretário do Tesouro piscou várias vezes.

— É claro que estou. Como foi que isso aconteceu? — perguntou o presidente do Fed.

— Sentem-se e vou lhes mostrar — disse Gant. Ryan abriu caminho e os dois recém-chegados se sentaram ao lado de Gant e seu computador. — Tudo começou em Hong Kong...

Ryan foi até a escrivaninha, ligou para o escritório de Fiedler e pediu à secretária dele que redirecionasse a teleconferência para o escritório de Ryan. Uma secretária executiva típica, ela poderia lidar com a mudança de última hora bem melhor do que o chefe. Gant era um técnico de primeira e sua segunda explicação, na opinião de Jack, foi ainda melhor do que a primeira. O secretário e o presidente do Fed eram bons ouvintes, que conheciam o jargão. Não foi necessária nenhuma pergunta.

— Não imaginava que alguma coisa assim fosse possível — comentou o presidente do Fed, depois de oito minutos de explicações. Winston se encarregou de responder.

— Todas as salvaguardas embutidas no sistema foram desenvolvidas para evitar acidentes e fraudes individuais. Ninguém imaginou que houvesse necessidade de protegê-lo contra este tipo de ataque. Quem estaria disposto a perder tanto dinheiro de propósito?

— Alguém com um objetivo mais importante em mente — comentou Ryan.

— O que pode ser mais importante do que... Jack interrompeu-o.

— Muita coisa, Sr. Winston. Vamos deixar essa discussão para depois.

— Voltou-se para o secretário do Tesouro. — O que acha, Buzz?

— Gostaria de confirmar isso com os dados do meu departamento, mas parece que ele está certo.

— Sabe de uma coisa? Não sei nem ao menos se o que ele fez é crime — observou o presidente do Fed.

— No momento, isso não é importante — declarou Winston. — Hoje vai ser um dia decisivo. Se as bolsas da Europa continuarem caindo, teremos um pânico mundial. O dólar está em queda livre, as bolsas americanas não podem operar, a liquidez atingiu níveis perigosos baixos e o pequeno investidor vai ficar apavorado assim que os meios de comunicação perceberem o que está acontecendo. A única coisa que evitou o pânico até agora é que os jornalistas financeiros não entendem nada do assunto.

— Se entendessem, estariam trabalhando para nós — comentou Gant, entrando na conversa. — Ainda bem que a imprensa está tratando do assunto de forma muito discreta, mas acho que isso pode mudar de uma hora para outra.

O telefone de Ryan tocou e ele atendeu.

— Buzz, é a sua teleconferência.

O mau estado de saúde do secretário ficou evidente quando ele se levantou.

O homem começou a cambalear e teve de se apoiar nas costas de uma cadeira para não cair. O presidente do Fed era apenas ligeiramente mais ágil, e os dois estavam ainda mais abalados por causa do que acabavam de ouvir. Consertar alguma coisa quebrada já era uma tarefa difícil; consertar algo destruído deliberadamente podia ser mais difícil ainda. E era preciso trabalhar depressa, antes que todas as nações da Europa e da América da Norte mergulhassem em um abismo profundo, do qual, na melhor das hipóteses, só conseguiriam sair depois de anos de sofrimentos. As consequências políticas a longo prazo de uma convulsão econômica de tais proporções eram impossíveis de prever, mas a simples ideia do que os aguardava era suficiente para deixar Ryan arrepiado.

Winston olhou para o conselheiro de Segurança Nacional e este não teve dificuldade para adivinhar o que estava pensando. A alegria que sentira com a descoberta passara agora que a compartilhara com outros. Deveria ter mais alguma coisa a dizer: como consertar as coisas. Entretanto, era como se tivesse gastado toda a sua energia intelectual na investigação; ainda não tivera oportunidade de continuar a análise. Ryan compreendeu isso e cumprimentou-o com um sorriso respeitoso: — Bom trabalho.

— A culpa é minha — disse Winston em voz baixa, para não atrapalhar a teleconferência. — Eu não devia ter me afastado.

— Eu também dei o fora, lembra-se? — comentou Ryan, tornando a sentar-se. — Todos nós precisamos de uma mudança de vez em quando. O senhor não podia adivinhar o que estava para acontecer.

— Acho que você tem razão — concordou Winston. — Agora conhecemos o estuprador, mas será que podemos ajudar a vítima? O que está feito, está feito. Mas foram meus investidores que ele fodeu. Essas pessoas confiaram em mim.

Ryan olhou para ele com admiração. Era assim que todos os empresários deviam pensar.

— Nesse caso, o que devemos fazer? — perguntou. Gant e Winston trocaram um olhar.

— Ainda não chegamos a uma conclusão.

— Uma coisa é certa: no momento, vocês sabem mais do que o FBI e a SEC. E sabem de uma coisa? Ainda não tive tempo de ver como está minha carteira de ações.

— Seus dez por cento da Silicon Alchemy não lhe darão prejuízo, pelo menos a longo prazo — afirmou Winston. — Os novos dispositivos de comunicações continuarão sendo um bom negócio, independentemente do que acontecer.

— Certo, está tudo resolvido, pelo menos por enquanto — declarou Fiedler, juntando-se novamente ao grupo. — Todas as bolsas europeias vão permanecer

fechadas até a poeira assentar.

Winston olhou para ele.

— Está havendo uma inundação, e nossa resposta tem sido aumentar a altura da barragem. Se os sacos de areia acabarem antes que a água do rio se esgote, os estragos serão ainda piores quando finalmente perdermos o controle.

— Estamos abertos a sugestões, Sr. Winston — observou Fiedler, educadamente.

A resposta de George foi igualmente educada.

— Até onde sei, o senhor tomou as medidas corretas. Simplesmente não consigo enxergar uma saída.

— Nem nós — comentou o presidente do Federal Reserve Board. Ryan se levantou.

— Isso pode mudar, senhores. Acho que agora precisamos colocar o presidente a par do que está acontecendo.

— Que ideia interessante! — comentou Yamata.

Sabia que bebera demais. Entretanto, estava comemorando o sucesso do golpe financeiro mais ambicioso da história. Não se sentia tão satisfeito consigo mesmo desde... desde quando? Mesmo quando chegara à presidência do conglomerado não se sentira tão realizado. Esmagara uma nação poderosa, levara seu próprio país à liderança e mesmo assim jamais imaginara a possibilidade de exercer um cargo público. Por que não?, perguntou-se. Porque sempre tinha sido um lugar para homens medíocres.

— Por enquanto, Yamata-san, Saipan terá um governador local. Vamos convocar eleições, com supervisão internacional. Precisamos de um candidato — acrescentou o representante do ministro do Exterior. — Deve ser uma pessoa influente, de preferência alguém em quem Goto confie e que tenha interesses na ilha. Peço-lhe apenas para pensar na proposta.

— Farei isso — afirmou Yamata, levantando-se e dirigindo-se para a porta.

Que surpresa. Imaginou o que o pai teria pensado. Seria forçado a deixar a presidência da empresa, mas... mas o quê? Quais os píncaros da vida empresarial que ainda não galgara? Não estava na hora de mudar de atividade? De dedicar-se à vida pública? Depois que o problema do governo local fosse solucionado, o que lhe restaria? Entrar para a Dieta, com grande prestígio, porque alguns saberiam que servira aos interesses da nação, que, mais do que o próprio Imperador Meiji, ajudara a colocar o Japão entre as maiores nações do mundo. Quando o Japão tivera um líder político digno de sua gente? Por que não aceitar uma posição compatível com sua capacidade? Levaria alguns anos, mas tinha esses anos para empenhar. Mais do que isso: tinha visão e coragem para

transformar o sonho em realidade. No momento, apenas os seus pares no mundo dos negócios conheciam a importância do que realizara, mas isso poderia mudar e seu nome de família seria lembrado por algo mais do que navios e televisores. Não seria mais uma marca registrada, mas um nome. Uma tradição. Isso não deixaria o pai orgulhoso?

— Yamata? — perguntou Roger Durling. — Um magnata japonês, certo? Devo ter cruzado com ele em alguma recepção quando era vice-presidente.

— Pois foi ele — afirmou Winston.

— O que estão dizendo que ele fez? — perguntou o presidente. Mark Gant colocou o computador sobre a mesa do presidente, com um agente do Serviço Secreto observando todos os seus movimentos, e dessa vez a explicação levou muito mais tempo porque Roger Durling, ao contrário de Ryan, Fiedler e o presidente do Fed, não conhecia os meandros do sistema financeiro. Mesmo assim, revelou-se um ouvinte atento, interrompendo a apresentação para fazer perguntas, tomando notas e por três vezes pedindo que parte da apresentação fosse repetida. Finalmente, olhou para o secretário do Tesouro.

— Buzz?

— Quero que meu pessoal verifique todas as informações...

— Isso não será difícil — afirmou Winston. — Os registros das outras grandes corretoras devem ser muito parecidos com os nossos. Se quiser, podemos ajudá-lo.

— E se for verdade, Buzz?

— Nesse caso, presidente, o problema está muito mais na esfera do Dr. Ryan do que na minha — respondeu o secretário do Tesouro, sem hesitação.

Seu alívio era temperado pela revolta contra a atrocidade que fora cometida contra os Estados Unidos. Os dois estranhos ainda não tinham entendido o que se passava. Ryan estava pensando furiosamente. Ignorara a nova explicação do Gant Embora a apresentação ao presidente fosse mais clara e detalhada do que as duas anteriores (o homem daria um excelente professor de administração), as partes importantes já estavam fixadas na mente do conselheiro de Segurança Nacional. Agora sabia o como, o que não era pouco. O plano fora cuidadosamente elaborado e executado. O fato de o colapso de Wall Street haver ocorrido no mesmo momento em que submarinos e porta-aviões americanos eram atacados no Pacífico não podia ser mera coincidência. Esses eventos tinham de fazer parte de um plano integrado. Entretanto, esse plano não fora descoberto pela rede de espiões russos, e era isso que mais o intrigava.

A rede dos russos está infiltrada no governo japonês. Provavelmente, conta com elementos nos órgãos de segurança. Mesmo assim, os russos não foram

informados a respeito do lado militar da operação, e Sergey Nikolayevich ainda não percebeu que existe uma ligação entre o que aconteceu em Wall Street e os ataques contra nossos navios.

Está na hora de mudar o modelo, Jack, disse a si próprio. Está na hora de mudar o paradigma. De repente, teve uma inspiração. — Foi por isso que eles não descobriram — murmurou Ryan, em voz baixa. Era como viajar em uma estrada com neblina; os trechos de boa visibilidade alternavam-se com os trechos de cerração. — Quem planejou tudo não foi o governo, mas os empresários como Yamata. É por isso que os russos estão interessados na Operação CARDO.

Ninguém na sala estava entendendo nada.

— O que você disse? — perguntou o presidente.

Jack olhou para Winston e Gant e se limitou a sacudir a cabeça. Durling compreendeu e mudou de assunto.

— Quer dizer que foi tudo parte de um plano?

— Sim, senhor, mas ainda não sabemos de tudo.

— Como assim? — perguntou Winston. — Eles arrasam a nossa economia, provocam um pânico mundial e você está dizendo que não é só isso?

— George, quantas vezes você esteve no Japão ultimamente? — perguntou Ryan, mais para que os outros ficassem sabendo.

— Nos últimos cinco anos? Acho que uma vez por mês, no mínimo. Já acumulei milhas suficientes para meus netos usarem até o fim da vida.

— Quantas vezes se encontrou com membros do governo japonês? Winston deu de ombros.

— Eles circulam bastante, mas não são importantes.

— Por quê? — perguntou o presidente.

— Presidente, existem apenas vinte ou trinta pessoas que mandam alguma coisa no Japão, o senhor entende? Yamata é o mais importante de todos. O Ministério do Comércio e Indústria Internacional é a interface entre os empresários e o governo e serve também para eles se tornarem íntimos dos políticos, o que acontece com muita frequência. É uma das coisas de que Yamata fazia alarde quando estávamos negociando a venda do meu grupo. Em uma das festas a que compareceram estavam presentes dois ministros e vários parlamentares e todos eles tratavam Yamata como se ele fosse um velho amigo.

Winston lembrou-se de que na época achara que aquilo depunha a favor dos representantes do povo, mas agora não estava tão certo.

— Posso falar abertamente? — perguntou Ryan. — Gostaria de ouvir a opinião deles.

Durling assumiu a palavra: — Sr. Winston, o senhor sabe guardar segredos?

O empresário começou a rir. — Contanto que depois não venham me acusar de estar usando informações privilegiadas, certo? Nunca tive problemas com a SEC e pretendo continuar assim.

— Isto não tem nada a ver com o mercado de ações. Estamos em guerra com o Japão. Eles afundaram dois dos nossos submarinos e danificaram dois porta-aviões — revelou Ryan.

— Está falando sério? — perguntou Winston.

— Perdemos duzentos e cinquenta homens, os tripulantes do USS Asheville e do USS Charlotte. Eles também ocuparam o arquipélago das Marianas. Ainda não sabemos se será possível retomar as ilhas. Temos mais de dez mil cidadãos americanos no Japão como reféns em potencial, mais a população das ilhas, mais os militares que estão sendo mantidos em custódia pelos japoneses.

— Mas a imprensa...

— Por incrível que pareça, a imprensa ainda não sabe — explicou Ryan. — Se fosse informada, talvez não acreditasse.

— Oh. — Winston levou mais um segundo para entender. — Eles arrasam nossa economia e não temos vontade política para... alguém já tentou fazer algo parecido?

O conselheiro de Segurança Nacional sacudiu a cabeça.

— Não que eu saiba.

— Mas o verdadeiro perigo para nós... é o problema da bolsa. Que filho da puta — observou George Winston.

— Como vamos resolvê-lo? — perguntou Durling.

— Não sei. O golpe da DTC foi brilhante. As manobras na bolsa foram bem feitas, mas o secretário do Tesouro poderia ter consertado as coisas com a nossa ajuda. Entretanto, sem registros, todos os negócios ficaram paralisados — afirmou Winston. — Tenho um irmão que é médico e ele me disse uma vez...

Uma campainha começou a tocar no cérebro de Ryan, tão alto que ele parou de prestar atenção. Havia uma coisa muito importante relacionada com médicos. O que era?

— Recebemos uma estimativa a noite passada — estava dizendo o presidente do Fed. — Eles precisam de uma semana para refazer os registros. Acontece que não podemos esperar tanto tempo. Esta tarde temos uma reunião com as grandes corretoras. Vamos fazer o possível para...

O problema é a falta de registros, pensou Jack. As operações estão paralisadas porque não há registros, e portanto as pessoas não sabem de quanto dinheiro dispõem...

— A Europa também está paralisada... — estava dizendo Fiedler, enquanto

Ryan olhava para o carpete.

De repente, Jack levantou a cabeça.

— Se você não escreve, é como se não tivesse acontecido.

Todos pararam de falar, e Jack percebeu que era como se ele tivesse dito O lápis é azul.

— O quê? — perguntou o presidente do Fed.

— É o que minha mulher costuma dizer: "Se você não escreve, é como se não tivesse acontecido." — Olhou em volta. Os outros ainda não tinham compreendido, o que não era de espantar, pois ele próprio estava ainda tentando colocar seus pensamentos em ordem. — Ela também é médica, George. Trabalha no Hopkins e leva sempre junto um caderno de notas. Quando tem uma ideia, trata de anotá-la imediatamente, pois não confia na memória.

— Meu irmão também é assim. Usa uma dessas agendas eletrônicas — afirmou Winston. — Continue.

— Não existem registros oficiais das transações, existem? — prosseguiu Jack.

Fiedler se encarregou da resposta.

— Não. Os dados da Depository Trust Company foram totalmente apagados. Como eu já disse, vamos levar...

— Esqueça isso. Não podemos esperar, podemos?

Isso deixou o secretário do Tesouro mais deprimido ainda. — Não, não podemos. Mas também não podemos fazer o tempo parar.

— Claro que podemos. — Ryan olhou para Winston. — Não podemos? Durling estava acompanhando a conversa como se fosse um espectador de uma partida de tênis, e a tensão da situação o deixara impaciente.

— De que vocês estão falando? O plano de Ryan agora estava quase completo. Ele se voltou para o presidente.

— É muito simples, presidente. Vamos dizer que a crise jamais aconteceu. Vamos dizer que depois do meio-dia de sexta-feira as bolsas simplesmente pararam de funcionar. Será que vamos conseguir fazer isso impunemente? — perguntou Jack. Antes que alguém tivesse tempo de responder, prosseguiu: — Por que não? Não existem registros para provar que estamos mentindo. Ninguém pode provar que foram realizadas transações depois do meio-dia.

— Como quase todo mundo perdeu dinheiro, a ideia será bem recebida — afirmou Winston, captando rapidamente a ideia. — Poderíamos reabrir as bolsas... na sexta-feira. Na sexta-feira ao meio-dia. Simplesmente esqueceríamos uma semana completa, certo?

— Ninguém vai concordar com isso — protestou o presidente do Fed.

— Errado. — Winston sacudiu a cabeça. — Ryan tem razão. Em primeiro

lugar, eles terão que concordar. Não há uma transação sem registros por escrito. Ninguém pode provar que comprou ou vendeu ações até que os registros da DTC tenham sido refeitos. Em segundo lugar, a maioria das pessoas está arrependida do que fez e ansiosa por uma nova oportunidade. Oh, sim, eles vão concordar, amigo. Mark?

— Entrar em uma máquina do tempo e voltar para sexta-feira passada? — O riso de Gant foi irônico a princípio. Depois, ele pareceu concordar. — Onde é que eu assino?

— Não podemos fazer isso com todas as transações — objetou o presidente do Fed.

— Não, não podemos — concordou Winston. — As transações internacionais com Obrigações do Tesouro fogem ao nosso controle. Mas o que podemos fazer, presidente, é entrar em contato com os bancos europeus, contar-lhes o que aconteceu e propor uma estratégia comum...

Agora foi a vez de Fiedler: — Isso mesmo! Eles vendem ienes e compram dólares. Nossa moeda se valoriza e a moeda deles se desvaloriza. Os bancos asiáticos vão acompanhá-los. Os bancos centrais da Europa, também.

— Teremos de manter elevadas as taxas de juros — afirmou Winston.

— Isso será um peso para nós, mas é muito melhor do que a alternativa. A taxa de juros tem que continuar elevada para que as pessoas parem de vender Obrigações do Tesouro. Queremos fazer com que o iene se desvalorize. Os europeus vão gostar da ideia, porque isso impedirá que os japoneses continuem a comprar ações europeias a preços aviltados, como estão fazendo desde ontem. — Winston levantou-se e começou a andar de um lado para outro, de cabeça baixa, como estava acostumado a fazer. Não sabia que estava violando um protocolo da Casa Branca e ninguém, nem mesmo o presidente, queria interrompê-lo, embora os dois agentes do Serviço Secreto se remexessem, inquietos. Era óbvio que estava examinando rapidamente o plano, à procura de possíveis falhas. Ficou uns dois minutos em silêncio, enquanto todos aguardavam sua opinião. De repente, levantou os olhos. — Dr. Ryan, se um dia decidir voltar à vida privada, não deixe de falar comigo. Senhores, o plano vai dar certo. É extremamente ousado, mas talvez isso funcione a nosso favor.

— O que vai acontecer na sexta-feira? — perguntou Jack.

— As bolsas abrirão em baixa acentuada — respondeu Gant

— E o que há de bom nisso? — perguntou o presidente.

— Acontece, presidente, que depois de cair uns duzentos pontos a bolsa vai se recuperar — explicou Gant. — Vai fechar ainda em baixa, oh, de uns cem pontos, talvez nem tanto. Na segunda-feira, todos recuperam o fôlego. Algumas pessoas se interessam por ações baratas. A maioria, provavelmente, ainda está

com medo. A bolsa cai novamente, mas fecha estável ou com uma queda de cinquenta pontos, no máximo. Durante o restante da semana, a situação volta ao normal. Calculo que na sexta-feira seguinte a bolsa deverá se estabilizar em um nível cem ou cento e cinquenta pontos abaixo da posição em que estava sexta-feira ao meio-dia. Isso é uma consequência inevitável do que o Fed precisa fazer com a taxa de juros, mas nada com que Wall Street não possa conviver. — Apenas Winston compreendia a ironia do fato de que Gant entendera perfeitamente o plano de Ryan. — Pode ser um tropeço, mas não será o fim do mundo.

— E a Europa? — quis saber Ryan.

— Na Europa vai ser mais difícil, porque eles não são tão bem organizados, mas em compensação os bancos centrais têm mais poder do que aqui — afirmou Gant — Os governos europeus também podem influir diretamente nas bolsas de valores. Isso é ao mesmo tempo uma vantagem e uma desvantagem. O resultado final, porém, será o mesmo. Tem que ser, a menos que todo mundo assine o mesmo pacto de suicídio. Quem trabalha no nosso ramo não costuma fazer isso.

— Por onde começamos? — perguntou Fiedler.

— Precisamos reunir imediatamente os presidentes das grandes instituições financeiras — respondeu Winston. — Posso ajudar, se quiserem. Conheço todos eles.

— Jack? — perguntou o presidente, voltando-se para a conselheiro de Segurança Nacional.

— De acordo, presidente.

Roger Durling pensou por mais alguns segundos antes de se voltar para um dos agentes do Serviço Secreto.

— Diga aos fuzileiros que mandem vir meu helicóptero. Peça à Força Aérea que prepare um voo para Nova York.

— Tenho meu avião particular, presidente — protestou Winston.

— George, o pessoal da Força Aérea é muito eficiente — interveio Ryan. — Confie em mim.

Durling levantou-se e apertou a mão de todos os presentes antes que os agentes do Serviço Secreto os acompanhassem ao jardim da Casa Branca, onde pousaria o helicóptero. Ryan ficou com o presidente.

— Será que dará certo? Podemos realmente consertar as coisas? O político que havia em Roger Durling não confiava em soluções mágicas. Ryan percebeu que ele não estava totalmente convencido e respondeu de acordo.

— Acho que sim. Todo mundo está atrás de uma saída; agarrarão com unhas e dentes a primeira que aparecer. Acho que devemos deixar claro que a crise foi provocada intencionalmente. Se o público souber disso, aceitará com

mais facilidade uma solução irregular.

— Vamos ver. — Durling fez uma pausa. — O que isso nos diz sobre o Japão?

— Que o plano original não partiu do governo japonês. Este fato tem vantagens e desvantagens. As vantagens são que o plano pode estar mal organizado sob certos aspectos, que o povo japonês provavelmente não sabe de nada e que pode haver elementos no governo extremamente descontentes com o rumo que as coisas tomaram.

— E as desvantagens? — quis saber o presidente.

— Ainda não sabemos exatamente o que eles pretendem. O Exército está cumprindo seu papel. Assumiu uma posição estratégica muito sólida no Pacífico Ocidental, que ainda não sabemos como enfrentar. O que mais me assusta, porém, são os...

— São os mísseis nucleares — completou Durling. — É o maior trunfo de que eles dispõem. Nunca entramos em guerra com um país armado com mísseis nucleares, não é?

— Não, senhor. Isso também é uma novidade.

A transmissão seguinte de Clark e Chavez começou pouco depois da meia-noite, hora de Tóquio. Dessa vez, Ding se encarregou de escrever o artigo; John não tinha nada interessante a dizer a respeito do Japão. Sendo mais jovem, Chavez escreveu um artigo mais leve, a respeito dos adolescentes e suas atitudes. Era apenas um disfarce, mas tinha de ser bem-feito. Felizmente, Ding aprendera a escrever com desembaraço na George Mason University.

Área de Recursos do Norte?, perguntou John, digitando a pergunta na tela do computador. Depois, fez o laptop girar sobre a mesinha.

Eu já devia ter pensado nisso. Está em um dos livros que ficaram em Seul, mano. A Indonésia, que na época era uma colônia holandesa, era chamada de Área de Recursos do sul quando eles cometeram o Erro N2 2. Sabe qual era a do norte? Clark deu apenas uma olhada e empurrou o computador de volta.

— Yevgeniy Pavlovich, pode mandar.

Ding apagou o diálogo na tela e ligou o modem ao fio do telefone. Segundos depois, o despacho foi enviado. Os dois agentes trocaram um olhar satisfeito. Apesar de tudo, o dia fora produtivo.

Não podiam ter escolhido uma hora melhor: 00:08 em Tóquio correspondia a 18:08 em Moscou e 10:08 em Langley e na Casa Branca. Jack estava entrando de volta no escritório, depois de sua conversa com o presidente, quando a UTS-6 começou a tocar.

— Alô.

— Aqui é Ed. Acabamos de receber uma mensagem importante dos seus amigos. Estou mandando o fax. Sergey também vai receber uma cópia.

— Certo. Estou esperando.

Ryan ligou a chave apropriada e viu a impressora começar a funcionar.

Winston não era um homem fácil de impressionar. A versão VC-20 do jatinho executivo Gulfstream-III fora tão bem equipada quanto sua aeronave particular. Os assentos e o carpete podiam não ser tão luxuosos, mas o equipamento de comunicações era fabuloso. Deixaria fascinado até mesmo alguém como Mark, acostumado com tecnologia de ponta, pensou. Os dois homens mais velhos aproveitaram a oportunidade para pôr em dia o sono atrasado, enquanto ele observava os tripulantes da Força Aérea concluírem os preparativos para a decolagem. Não era muito diferente do que seus tripulantes faziam, mas Ryan estava certo. Aquelas insígnias militares no ombro faziam alguma diferença. Três minutos depois, o jato militar levantava voo em direção ao Aeroporto La Guardiã, em Nova York, com a vantagem adicional de que tinham prioridade para pousar, o que lhes pouparia quinze minutos no final da viagem. Ouviu o sargento encarregado das comunicações pedir que um carro do FBI fosse esperá-los no terminal para aviões particulares; ao mesmo tempo, o FBI devia estar convocando os presidentes de todas as grandes corretoras para uma reunião na sede da sua empresa em Nova York. Era bom ver o governo funcionar de modo tão eficiente, pensou. Não acreditara que eles não fossem assim o tempo todo.

Mark Gant não estava prestando atenção a nada disso. Trabalhava no computador, preparando o que chamava de discurso da acusação. Precisaria de uns vinte minutos para imprimir as provas em folhas de acetato para transparências, algo que o FBI provavelmente estaria equipado para fazer. Daquele ponto em diante... quem faria a apresentação? Eu, provavelmente, pensou Winston. Deixaria que Fiedler e o presidente do Fed propusessem a solução. Era justo. Afinal, fora encontrada por um funcionário do governo. É brilhante, pensou Winston, com um sorriso de admiração. Por que não pensei nisso? — Mark, faça uma anotação. Os rapazes dos bancos centrais europeus terão de vir aqui para ver essas informações. É impossível transmitir tudo isso por telefone.

Gant consultou o relógio.

— Teremos de agir depressa, George, mas acho que não haverá problema. Existem vários voos noturnos para Nova York... sim, eles poderão estar aqui amanhã de manhã, a tempo de combinarmos tudo para que as bolsas reabram na sexta-feira.

Winston olhou para a parte traseira do avião.

— Vamos contar a eles assim que chegarmos. No momento, acho que estão precisando descansar.

Gant fez que sim com a cabeça.

— Vai dar certo, George. Esse tal de Ryan é muito esperto, não acha?

Era melhor não se precipitar, pensou Jack. Estava quase surpreso com o fato de o telefone ainda não ter começado a tocar, mas, pensando melhor, era provável que Golovko estivesse lendo o mesmo relatório, olhando para o mesmo mapa na parede e também dizendo a si próprio que era melhor ir com calma.

As coisas estavam começando a fazer sentido. "Área de Recursos do Norte" só podia significar a Sibéria Oriental. A expressão "Área de Recursos do Sul", como Chavez observara em seu relatório, fora usada pelo governo japonês em 1941 para designar as Índias Orientais Holandesas, em uma época em que o principal objetivo estratégico do Japão era o petróleo, do qual precisava para fazer funcionar seus navios de guerra. Na verdade, continuava precisando de petróleo, só que agora para suas indústrias. Apesar de um grande esforço para produzir eletricidade a partir da energia nuclear, o Japão continuava a ser o maior importador de petróleo do mundo. Além de petróleo, o país tinha de importar muitos outros recursos; na verdade, quase tudo, exceto carvão. Os superpetroleiros tinham sido inventados pelos japoneses justamente para transportar petróleo com maior eficiência do golfo Pérsico para os terminais japoneses. Entretanto, precisavam de outros insumos, e como eram uma ilha, tudo tinha devir do mar. Acontece que a Marinha japonesa era pequena, pequena demais para garantir as rotas marítimas.

Por outro lado, a Sibéria Oriental era a maior região inexplorada do mundo, o Japão estava executando um levantamento dos recursos naturais da região e as rotas marítimas do continente asiático para o Japão... Puxa, eles podem ate' construir um túnel e fazer o transporte de trem!, comentou Ryan consigo mesmo.

Só que havia um problema. O Japão já havia sido muito ousado em fazer o que fizera, mesmo levando em conta que o poder militar americano estava muito enfraquecido e havia oito mil quilômetros de oceano entre o continente americano e o arquipélago japonês. A Rússia estava ainda mais debilitada que os Estados Unidos, mas uma invasão era mais do que um ato político. Era um ato contra um povo, e os russos não tinham perdido seu orgulho. Os russos não se renderiam sem luta, e o país ainda era muito maior do que o Japão. Os japoneses podiam ser os únicos a dispor de mísseis balísticos nucleares, mas os russos tinham bombardeiros, caças-bombardeiros e mísseis de cruzeiro capazes de transportar bombas nucleares, possuíam bases perto do Japão e não hesitariam

em usá-las. Tinha de haver mais alguma coisa. Jack se recostou no assento e ficou olhando para o mapa. Depois, pegou o telefone e ligou para uma linha direta.

— Almirante Jackson.

— Robby?

— Jack. Tenho uma pergunta.

— Mande.

— Você disse que um dos nossos adidos em Seul teve uma conversa com...

— Isso mesmo. Disseram a ele que estavam esperando para ver como ficam as coisas — afirmou Jackson.

— O que foi exatamente que os coreanos disseram?

— Eles disseram... espere um minuto. É apenas meia página. Acho que guardei uma cópia. Um momento. — Jack ouviu o barulho de uma gaveta sendo aberta. — Certo, aí vai. Disseram que este tipo de decisão é político e não militar, que é preciso considerar muitos fatores, que têm medo de que os japoneses fechem seus portos ao comércio, que têm medo de uma invasão. Ainda não tornamos a falar com eles — concluiu Robby.

— Qual é a OrBat para a Coreia? — perguntou Jack.

A expressão significava "ordem de batalha", ou seja, uma avaliação das forças militares do país.

— Tenho uma cópia aqui comigo.

— Faça um resumo — pediu Ryan.

— É pouco maior que a do Japão. Houve um certo enxugamento depois da reunificação, mas sem perda de qualidade. As armas e a doutrina são essencialmente americanas. A força aérea é de primeira. Já fizemos alguns exercícios com eles e...

— Se você fosse um general da República da Coreia, estaria com medo do Japão?

— Estaria preocupado — respondeu o almirante Jackson. Não propriamente com medo, mas preocupado. Lembre-se de que eles nunca se deram muito bem com os japoneses.

— Eu sei. Mande-me cópias daquele relatório do adido e da OrBat da Coreia.

— Certo — disse o almirante, antes de desligar.

Logo depois, Ryan ligou para a CIA. Mary Pat ainda não estava disponível, mas o marido atendeu. Ryan não perdeu tempo com preliminares.

— Ed, recebeu alguma mensagem da nossa filial em Seul?

— Os coreanos estão nervosos. Não parecem muito dispostos a cooperar conosco. Temos amigos no Serviço Secreto da Coreia, mas eles se fecharam em

copas.

— Está acontecendo alguma coisa fora do normal no país?

— Está, sim — respondeu Ed Foley. — A força aérea coreana nunca esteve tão ativa. Você sabe que eles estabeleceram uma grande área de treinamento no norte do país, não sabe? Pois resolveram executar uma série de exercícios não programados. Temos algumas fotografias tiradas por satélites.

— O que me diz de Pequim? — perguntou Ryan.

— Não temos praticamente nada. A China prefere ficar de fora. Eles dizem que não estão interessados no caso. Não têm nada a ver com os japoneses.

— Pense um pouco, Ed — ordenou Jack.

— Bom, é claro que têm algo a ver com os japoneses... oh...

Não era justo, e Ryan sabia disso. Ele dispunha de mais informações que os outros e começara a analisar os fatos muito antes.

— Acabam de surgir algumas informações interessantes. Vou mandá-las para vocês assim que estiverem digitadas. Quero que venham para cá às duas e meia para discutirmos o assunto.

— Estaremos aí — prometeu o subvice-diretor de operações.

Ryan olhou de novo para o mapa. Não era difícil perceber o que estava acontecendo; bastava contar com as informações corretas e pensar um pouco.

A Coreia não era um país de se deixar intimidar pelo Japão. No início do século, os coreanos tinham sido governados pelos japoneses durante quase cinquenta anos e não guardavam boas memórias desse período. Tratados como escravos pelos conquistadores, havia poucas maneiras de morrer mais depressa do que chamar um coreano de japona. A antipatia era real; com a expansão da economia coreana e a competição cada vez maior com o Japão que isso acarretava, o ressentimento passara a ser bilateral. Na base de tudo estava o elemento racial. Embora os coreanos e os japoneses tivessem uma grande identidade genética, os japoneses ainda encaravam os coreanos da mesma forma como Hitler encarara os poloneses. Além disso, os coreanos tinham uma tradição militar bem diferente. Haviam enviado duas divisões ao Vietnã e tinham desenvolvido um exército respeitável para fazer frente à ameaça, agora extinta, dos vizinhos do norte. De colônia do Japão, tinham se transformado em um país forte e muito, muito orgulhoso. O que, então, os faria trair seus compromissos com os Estados Unidos? Não podia ser o Japão. A Coreia não tinha por que temer um ataque direto, e o Japão jamais se atreveria a usar armas nucleares contra a Coreia; o vento se encarregaria de transportar a precipitação radiativa para o território do agressor.

Por outro lado, ao norte da Coreia estava o país mais populoso do planeta, com o maior exército do globo, e isso era suficiente para intimidar os coreanos,

assim como intimidar qualquer um.

O Japão necessitava desesperadamente de recursos naturais. Desenvolvera uma base econômica soberba, contava com mão de obra altamente qualificada, dominava todas as tecnologias de ponta. Entretanto, tinha uma população relativamente pequena.

A China contava com uma imensa população, mas era um país em desenvolvimento, com uma população pouco instruída e algumas deficiências tecnológicas. Como o Japão, a China precisava de recursos.

Ao norte da China e do Japão estava o último tesouro inexplorado do planeta.

Ocupando as Marianas, os japoneses podiam impedir que o principal instrumento estratégico dos Estados Unidos, a Marinha, se aproximasse da região de interesse. A única outra forma de proteger a Sibéria era pelo oeste, atravessando a Rússia. Na prática, isso significava que a região no momento estava entregue à própria sorte. A China tinha armas nucleares suficientes para intimidar a Rússia e um grande exército para ocupar os territórios conquistados. Era um jogo arriscado, é claro, mas com as economias dos Estados Unidos e da Europa falidas, impedidas de ajudar a Rússia, tinham boas probabilidades de êxito. Guerra em prestações.

A tática, além do mais, não tinha nada de novo. Primeiro abalar o inimigo mais forte, depois engolir o mais fraco. Exatamente o mesmo que os japoneses tentaram em 1941-1942. Os japoneses jamais haviam pensado em conquistar os Estados Unidos; o objetivo era atingi-los tão duramente, que eles teriam de aceitar suas conquistas locais. Na verdade, era muito simples, pensou Ryan. Bastava saber o que procurar. Nesse momento, o telefone tocou. Era a linha número quatro.

— Alô, Sergey — disse Ryan.

— Como você sabia que era eu? — perguntou Golovko.

Jack poderia ter respondido que aquela linha estava reservada para uso exclusivo do russo, mas não o fez.

— Porque você está pensando a mesma coisa que eu.

— O que você está pensando?

— Acho que eles estão atrás de vocês, Sergey Nikolayevich. Provavelmente vão atacá-los no ano que vem — disse Ryan, em tom inconsequente, ainda excitado pela descoberta.

— Mais cedo do que isso. No outono, imagino. É quando o tempo estará mais favorável para esse tipo de operação. — Fez uma longa pausa. — Vocês podem nos ajudar, Ivan Emmetovich? Não, a pergunta é outra. Vocês querem nos ajudar?

— As alianças, como as amizades, são sempre bilaterais — observou Jack. — Você precisa ter uma conversa com o seu presidente. Eu, também.

32
RELATÓRIO ESPECIAL

Como um oficial que sempre desejara ser o comandante de um navio como aquele, o comandante Sanchez estava satisfeito por ter decidido permanecer a bordo em vez de voar no seu caça até a Estação Aeronaval de Barbers Point. Seis rebocadores tinham ajudado o USS John Stennis a entrar na doca seca.

Havia mais de cem engenheiros a bordo, incluindo os cinquenta que trabalhavam para os Estaleiros de Newport News e estavam examinando o sistema de propulsão. A doca estava cercada por caminhões e centenas de empregados do estaleiro, que pareciam médicos ou enfermeiros de uma equipe de emergência, pensou Bud, prontos para atender a um paciente acidentado.

Enquanto o comandante Sanchez observava, um guindaste retirou a primeira peça e outro começou a girar para levantar o que parecia ser um reboque, provavelmente para colocá-lo no convés. A comporta da doca ainda nem estava totalmente fechada. Deviam estar com muita pressa.

— Comandante Sanchez? Bud voltou-se e viu que era um cabo dos fuzileiros. O homem bateu continência e entregou-lhe uma mensagem.

— O senhor está sendo esperado no centro de operações do CINC-PACFLT, comandante.

— Isso é uma loucura total — afirmou o presidente da Bolsa de Valores de Nova York, que foi o primeiro a falar.

O auditório da filial do FBI em Nova York parecia uma sala de tribunal, com lugares para cem ou mais pessoas. Estava com menos da metade dos assentos ocupados. A maioria dos presentes trabalhava para o governo. Quase todos eram agentes do FBI e funcionários da SEC que estavam trabalhando no caso desde a noite de sexta-feira. Entretanto, a primeira fila estava tomada por presidentes e diretores de corretoras e instituições financeiras.

George acabava de apresentar sua versão dos acontecimentos da semana anterior, usando um projetor de transparências para mostrar as tendências do mercado e procurando ser o mais claro possível, pois o cansaço provavelmente afetava o grau de compreensão da plateia. Nesse momento, o presidente do Fed

entrou no auditório, depois de concluir seus telefonemas para a Europa. Fez um sinal para Winston e Fiedler com o polegar para cima e sentou-se em uma das últimas filas.

— Pode ser uma loucura, mas foi o que aconteceu. O presidente da NYSE pensou um pouco.

— Está tudo muito bem — afirmou, depois de alguns segundos, querendo dizer que nada estava bem, e todos sabiam disso. — Acontece que estamos atolados no meio de um pântano, e os jacarés se aproximam. Não acho que vamos conseguir mantê-los por muito tempo a uma distância segura.

Todos concordavam quanto a isso. Os ocupantes da primeira fila ficaram surpresos ao ver o ex-colega sorrir. Winston voltou-se para o secretário do Tesouro.

— Buzz, por que não se encarrega de dar a boa notícia?

— Senhoras e senhores, existe uma saída — declarou Fiedler. Durante os sessenta segundos que se seguiram, a plateia escutou em um silêncio incrédulo. Os corretores não tinham nem coragem de olhar uns para os outros. Embora a proposta não chegasse a gerar aplausos de aprovação, ninguém protestou, mesmo depois de um tempo aparentemente interminável de reflexão.

O primeiro a falar, previsivelmente, foi o diretor-gerente da Cummings, Carter e Cantor. A CCC dera o último suspiro por volta das 3:15 da sexta-feira anterior, apanhada na contramão do mercado, as reservas em dinheiro esgotadas, depois que a Merrill Lynch recusou um pedido de ajuda, algo que o diretor-gerente, em sã consciência, não podia censurar.

— Isso é legal? — perguntou.

— A cooperação de vocês não será considerada ilegal nem pelo Departamento de Justiça nem pela Securities and Exchange Commission. Por outro lado — acrescentou Fiedler —, qualquer tentativa de tirar proveito da situação será punida com rigor. Entretanto, se trabalharmos juntos, acredito que todos os problemas com a legislação antitruste e outros poderão ser contornados em nome da segurança nacional. Trata-se de um procedimento irregular, mas que a partir deste momento tem o aval do governo dos Estados Unidos.

Espantoso, pensou a plateia, especialmente os agentes do FBI.

— Todos sabem o que aconteceu conosco na CCC — disse o diretor-gerente, olhando em volta, enquanto seu ceticismo natural começava a ser temperado por um alívio autêntico. — Não temos escolha. Vamos apoiar a proposta.

— Tenho algo a acrescentar — disse o presidente do Fed, levantando-se do seu lugar e dirigindo-se para a frente do auditório. — Acabei de ligar para os presidentes dos bancos centrais da Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Bélgica

e Holanda. Todos voarão para cá esta noite. Vamos nos reunir aqui mesmo amanhã de manhã para formular um plano de ação conjunto. Vamos estabilizar o dólar. Vamos recuperar o mercado das Obrigações do Tesouro. O sistema bancário americano não vai soçobrar. Vou propor à Comissão do Open Market que todos os investidores que concordarem em renovar suas Obrigações do Tesouro, isto é, reaplicar o dinheiro por mais três ou seis meses, conforme o caso, recebam uma bonificação de cinquenta pontos como recompensa do governo americano por nos auxiliar nesta situação difícil. Vamos oferecer a mesma bonificação a quem comprar Obrigações do Tesouro nos primeiros dez dias depois que os mercados forem reabertos.

Boa ideia, pensou Winston. Isso atrairia dinheiro estrangeiro para os Estados Unidos e sugaria dinheiro do Japão, ajudando a estabilizar o dólar e ao mesmo tempo ameaçando o iene. Os bancos asiáticos que se haviam desfeito de dólares seriam os maiores prejudicados. A brincadeira funciona nos dois sentidos, não é mesmo?

— Vamos precisar de uma lei especial para isso — objetou um técnico do Tesouro.

— Isso não será problema. No momento, esta é a política oficial da Federal Reserve, aprovada e apoiada pelo presidente dos Estados Unidos — afirmou o presidente do Fed.

— O que o governo quer é salvar a nossa vida, pessoal — declarou Winston, andando de um lado para o outro em frente à grade de madeira. — Fomos atacados por inimigos que queriam nos derrubar. Estavam atrás do nosso pescoço. Pois não vão conseguir nada. Daqui a uma semana, estaremos prontos para outra.

— Sexta-feira ao meio-dia, hein? — perguntou o presidente da NYSE.

— Exatamente — afirmou Fiedler, olhando firme para o outro, à espera de uma resposta.

O executivo pensou um pouco e depois assentiu.

— Pode contar com a cooperação total da Bolsa de Valores de Nova York.

O prestígio da NYSE foi suficiente para acabar com todas as dúvidas. Em mais dez segundos, todos os representantes das instituições financeiras estavam de pé, sorrindo e já pensando em colocar novamente suas empresas para funcionar.

— Não haverá mais corretagem por computador até segunda ordem — advertiu Fiedler. — Esses "sistemas especialistas" quase acabaram conosco. Sexta-feira será um dia muito importante. Queremos que as pessoas usem a cabeça e não jogos da Nintendo.

— Entendido — disse o presidente da NASDAQ em nome dos outros.

— Acho que estava mesmo na hora de reavaliarmos certas coisas — disse o presidente da Merrill Lynch, em tom pensativo.

— Vamos coordenar os trabalhos através deste escritório. Pensem no assunto — pediu o presidente do Fed. — Se tiverem alguma ideia para tornar a transição mais suave, gostaríamos de ser informados. Vamos nos reunir novamente às seis horas. Senhoras e senhores, estamos todos no mesmo barco. Nos próximos dias, não vamos ser competidores e sim membros de uma mesma equipe.

— Mais de um milhão de investidores dependem da minha empresa — lembrou Winston. — Alguns de vocês têm uma clientela ainda maior. Não podemos nos esquecer disso.

Não havia nada como um apelo à honra. A honra era uma virtude que todos apreciavam, mesmo os que não a possuíam. A honra era uma dívida, um código de comportamento, uma promessa. Todos naquela sala queriam que os outros olhassem e vissem uma pessoa merecedora de respeito e confiança, ou seja, uma pessoa honrada. A honra era um conceito muito útil, pensou Winston, especialmente em tempos difíceis.

Uma coisa de cada vez, pensou Ryan. Em situações como aquela, era melhor cuidar primeiro dos problemas simples e deixar os complicados para depois.

A missão agora era mais evitar a guerra do que vencê-la, mas o segundo objetivo seria parte do primeiro.

A invasão da Sibéria Oriental pelo Japão e pela China teria como consequência a criação de um novo... um novo o quê? Um novo eixo? Não exatamente. Certamente um novo centro econômico, um rival para os Estados Unidos em todas as categorias do poder. O Japão e a China estariam com uma grande vantagem em termos econômicos.

Isso em si podia não ser uma ambição censurável, mas os métodos usados para consegui-la, sim. O mundo já fora regido por leis tão simples quanto as da selva. Quando você pegava alguma coisa primeiro, ela era sua... contanto que você fosse forte o suficiente para conservá-la. Essas regras não eram propriamente elegantes, nem exatamente justas pelos padrões contemporâneos, mas tinham sido aceitas porque as nações mais fortes em geral proporcionavam aos indivíduos estabilidade política em troca da sua lealdade, e esse era em geral o primeiro passo para o crescimento de uma nação. Depois de algum tempo, porém, a necessidade humana de paz e segurança transformava-se em algo mais: um desejo de participar do governo do país. De 1789, o ano em que os Estados Unidos ratificaram a constituição, até 1989, o ano em que o bloco da Europa

Oriental se desfez, nesses meros dois séculos, alguma coisa nova nascera na mente coletiva da humanidade. Era conhecida por muitos nomes: democracia, direitos humanos, autodeterminação, mas era basicamente o reconhecimento de que a vontade das pessoas devia ser respeitada.

Os japoneses não queriam respeitar essa vontade. Entretanto, a época das velhas regras passara, pensou Jack. Os homens que estavam naquela sala teriam de mostrar isso ao Japão.

— De modo que esta é a situação geral no Pacífico — afirmou, terminando sua exposição.

A Sala do Gabinete estava repleta, a não ser pelo assento do secretário do Tesouro, que se fizera representar pelo subsecretário. Em volta da mesa estavam os chefes dos vários órgãos do Poder Executivo. Membros do Congresso e militares graduados ocupavam lugares perto das quatro paredes.

O próximo a falar seria o secretário de Defesa. Em vez de se dirigir para o atril, porém, como Ryan fizera, começou a falar de onde estava, praticamente sem consultar suas notas.

— Não sei se conseguiremos atingir todos os objetivos — começou o SecDef, fazendo os homens e mulheres do Gabinete da Presidência se remexerem nervosamente nos assentos. "O problema é essencialmente prático. Não temos força suficiente para...

— Espere um momento — interrompeu Ryan. — Quero chamar atenção para alguns detalhes, certo?

Ninguém objetou. Até o secretário de Defesa pareceu aliviado por não ter de falar.

— Há quase um século que a ilha de Guam pertence aos Estados Unidos. Seus habitantes são cidadãos americanos. O Japão tomou a ilha de nós em 1941, e nós a recuperamos em 1944. Muitos soldados morreram para que isso fosse possível.

— Achamos que podemos conseguir Guam de volta por meios diplomáticos — afirmou Hanson.

— É uma boa notícia — replicou Ryan. — E o restante das Marianas?

— Meus homens acham que isso será difícil de conseguir por meios pacíficos. Vamos insistir, é claro, mas...

— Mas o quê? — perguntou Jack. Não houve resposta. — Está bem, vamos deixar outra coisa bem clara. Ao contrário do que afirmou o embaixador japonês, as Marianas Setentrionais jamais pertenceram ao Japão. Elas eram um Território Livre, sob a custódia da Liga das Nações, e portanto não podem ser consideradas como despojos de guerra. Em 1947, foram declaradas pelas Nações Unidas como Território Livre sob a proteção dos Estados Unidos. Em 1952, o Japão

renunciou oficialmente a qualquer pretensão em relação às ilhas. Em 1978, a população das Marianas Setentrionais optou por se tornar uma Comunidade politicamente unida aos Estados Unidos e elegeu o primeiro governador. Levamos muito tempo para permitir que eles o fizessem, mas isso finalmente aconteceu. Em 1986, a ONU decidiu que havíamos cumprido nossas obrigações para com os residentes das ilhas e no mesmo ano eles receberam a cidadania americana. Finalmente, em 1990, o Conselho de Segurança da ONU encerrou oficialmente a custódia.

"Estão entendendo? Os habitantes dessas ilhas são cidadãos americanos, com passaportes dos Estados Unidos. Não porque foram forçados a isso, mas através de uma escolha livre. Isso é chamado de autodeterminação. Levamos a ideia àquele recanto longínquo e as pessoas devem ter achado que estávamos falando sério.

— Nem sempre se pode fazer tudo que se deseja — afirmou Hanson. — Podemos negociar...

— Negociar uma ova! — esbravejou Jack. — Quem foi que disse que não podemos lutar? O SecDef levantou a cabeça de suas anotações.

— Jack, levaríamos vários anos para reativar... as forcas que desativamos. Se precisa de um culpado, pode me culpar por isso.

— De qualquer forma, quanto isso nos custaria? — perguntou o secretário de Saúde e Serviços Humanos. — Temos muitos problemas urgentes aqui mesmo!

— Então vamos deixar um país estrangeiro violar os direitos de cidadania de americanos apenas porque é difícil defendê-los? — perguntou Ryan, em tom mais ponderado. — E depois? O que faremos da próxima vez que isso acontecer? Digam-me, quando foi que deixamos de ser os Estados Unidos da América? É uma questão de vontade política, nada mais — afirmou o conselheiro de Segurança Nacional. — Será que temos essa vontade?

— Dr. Ryan, temos de ser realistas — observou o secretário do Interior. — Vale a pena colocar em risco as vidas de todos os habitantes das ilhas?

— Costumávamos dizer que a liberdade era mais importante do que a própria vida. Costumávamos dizer a mesma coisa a respeito dos nossos princípios políticos — replicou Ryan. — O resultado é o mundo que esses princípios ajudaram a construir. O que chamamos de direitos... não nos foram dados por ninguém. Não senhor. Tivemos de lutar por essas ideias. Muitos homens morreram para defendê-las. Os habitantes dessas ilhas são cidadãos americanos. Será que não lhes devemos alguma coisa?

Hanson estava ficando nervoso com a argumentação de Ryan. Outros também estavam, mas deixaram que ele protestasse.

— Podemos negociar a partir de uma posição de força... mas temos de agir com muita cautela.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Ryan.

— Que droga, Ryan, não podemos nos arriscar a uma guerra nuclear por causa de alguns milhares de...

— Secretário, qual é o número mágico, então? Um milhão? O lugar que ocupamos no mundo baseia-se em ideias simples... e muita gente deu a vida para defender essas ideias.

— Isso é filosofia barata — rebateu Hanson. — Escute, minha equipe já iniciou as negociações. Vamos conseguir Guam de volta.

— Não, senhor. Vamos conseguir todas as ilhas de volta. E vou lhe explicar por quê. — Ryan inclinou-se para a frente e varreu a mesa com os olhos. — Se não o fizermos, não poderemos evitar uma guerra entre a Rússia de um lado e o Japão e a China do outro. Conheço os russos; eles não entregarão a Sibéria sem luta. Precisam dos recursos daquela região para recuperar economicamente o país. Os russos podem recorrer a armas nucleares. O Japão e a China provavelmente pensam que eles não chegarão a esse extremo, mas estão enganados, e vou lhes explicar por quê.

"Se não enfrentarmos o Japão, os russos acharão que estão sozinhos. Nesse caso, não hesitarão em recorrer a todas as armas disponíveis. A mortandade será algo nunca visto na história da humanidade. Eu não gostaria de assistir a uma nova idade das trevas; vocês gostariam? "A verdade, portanto, é que não temos escolha. Podem discutir o quanto quiserem, mas a conclusão só pode ser uma: temos uma dívida de honra para com a população daquelas ilhas, que optou pela cidadania americana. Se não defendermos esse princípio, não teremos autoridade moral para defender mais nada. Ninguém mais confiará em nós, ninguém nos respeitará. Se dermos as costas a essa gente, não somos a nação que dizemos que somos e tudo que fizemos até hoje não passa de uma farsa.

Durante toda a discussão, o presidente Durling permaneceu em silêncio, muito quieto, observando os presentes, especialmente o secretário de Defesa e atrás dele, perto da parede, o chefe do Estado-Maior Conjunto, o homem que o SecDef escolhera para ajudá-lo a desmantelar as forças armadas. Os dois homens achavam-se de olhos baixos, e era evidente que não estavam à altura da situação. Também era claro que o país tinha de tomar uma atitude.

— Como podemos recuperá-las, Jack? — perguntou Roger Durling.

— Ainda não sei, presidente. Antes de mais nada, temos de decidir se vamos tentar ou não, e isso, presidente, depende do senhor.

Durling pensou em consultar o gabinete a respeito, mas olhou em volta e não gostou do que viu. Lembrou-se da época em que servira no Vietnã e dissera

aos soldados que estavam ali que defendessem uma causa justa, embora soubesse tratar-se de uma mentira. Jamais se esquecera da expressão nos seus rostos; embora poucas pessoas soubessem disso, todo mês, na escuridão da noite, ia até o Monumento às Vítimas do Vietnã, onde conhecia a localização exata do nome de cada homem que morrera sob seu comando e visitava esses nomes, um por um, para lhes dizer que sim, que realmente fora por uma causa justa, que aquelas mortes tinham contribuído para alguma coisa e que o mundo mudara para melhor, tarde demais para eles, mas não tarde demais para o restante da população. Durling lembrou-se de uma coisa: ninguém jamais tomara um território dos Estados Unidos. Talvez tudo se resumisse a isso.

— Brett, quero que comece imediatamente as negociações. Deixe claro que os Estados Unidos consideram inaceitável a situação atual no Pacífico Ocidental. Não aceitaremos nada menos do que a devolução de todas as ilhas do arquipélago das Marianas. Nada menos — repetiu Durling.

— Sim, presidente.

— Quero planos e opções para a remoção das forças japonesas dessas ilhas se as negociações fracassarem — disse o SALTADOR ao secretário de Defesa.

O SecDef fez que sim com a cabeça, mas sua expressão deixava claro que ele não acreditava que fosse possível atender ao presidente.

O almirante Chandraskatta sabia que demorara muito, mas era paciente e podia se dar a esse luxo. O que vai acontecer agora?, perguntou-se.

Poderia ter agido mais depressa. Procedera com cautela, procurando conhecer os processos mentais do adversário, o contra-almirante Michael Dubro. Ele era um inimigo de peso, um homem inteligente e preparado, mas, justamente por causa disso, tendia a subestimar o oponente. Era óbvio havia mais de uma semana que a formação americana se encontrava a sudoeste; rumando para o sul, induzira Dubro a dirigir-se para o norte e depois para leste. Mesmo que seus cálculos estivessem errados, a esquadra americana teria de ir para a mesma região, a leste do cabo Dondra, forçando os navios-tanque da esquadra a usar a rota mais curta. Mais cedo ou mais tarde, eles seriam avistados pelas patrulhas aéreas, como realmente acontecera. Agora, tudo que tinha a fazer era segui-los; Dubro não podia afastar-se deles a não ser rumando para leste. Entretanto, isso significava afastar-se também do Sri Lanka, permitindo que a formação anfíbia da Marinha indiana despejasse na ilha sua carga de soldados e blindados. A única alternativa dos americanos era ficar e enfrentar sua esquadra em combate.

Os americanos não fariam isso... fariam? Não. A única coisa sensata que restava aos Estados Unidos era mandarem Dubro e seus dois porta-aviões recuarem para Pearl Harbor, onde aguardariam a decisão política em relação ao

Japão. Os americanos tinham dividido a esquadra em duas, violando a máxima de Alfred Thayer Mahan, que Chandraskatta aprendera, fazia apenas alguns anos, na Escola de Guerra Naval, em Newport, Rhode Island, onde estudara da mesma turma que Yusuo Sato. Ainda se lembrava das conversas que tivera com o japonês, enquanto caminhavam ao longo da orla marítima, admirando os iates e discutindo como era possível as marinhas pequenas derrotarem as grandes.

Chegando a Pearl Harbor, Dubro convocaria as equipes de inteligência e operações do comando da Frota do Pacífico; eles analisariam todas as informações disponíveis e chegariam à conclusão de que não havia nada a fazer. Chandraskatta podia imaginar a frustração do almirante americano.

Antes, porém, queria ensinar-lhe uma lição. Agora, ele era o caçador e os americanos, a caça. Apesar de toda a agilidade da frota, mais cedo ou mais tarde ficaria sem espaço para manobrar. Agora podia empurrá-la para longe, abrindo caminho para a primeira conquista do seu país. Uma pequena conquista, quase desprezível, mas mesmo assim importante, porque os americanos recuariam, permitindo que seu país avançasse, como o Japão avançara. Quando os americanos recuperassem as forças, seria tarde demais. Na verdade, era tudo uma questão de espaço e tempo. Ambos trabalhavam contra um país assolado por dificuldades internas e portanto sem vontade política. Os japoneses tinham sido muito espertos ao perceber isso.

— Foi melhor do que eu esperava — comentou Durling.

Pela primeira vez, fora até o escritório de Ryan para conversar com o conselheiro de Segurança Nacional.

— O senhor acha mesmo? — perguntou Jack, surpreso.

— Não se esqueça de que herdei de Bob a maior parte do gabinete — disse o presidente, sentando-se. — Eles se preocupam muito mais com os assuntos internos. Desde o início, isto tem sido um problema.

— Está precisando de um novo SecDef — observou Ryan, em tom seco.

— Eu sei, mas o momento não é propício. — Durling sorriu. — Isso dá a você uma responsabilidade ainda maior, Jack. Mas eu queria lhe fazer uma pergunta.

— Não sei se vamos ganhar esta parada — observou Ryan, rabiscando algo no bloco de anotações.

— A primeira coisa a fazer é neutralizar aqueles mísseis.

— Eu sei disso, presidente. Vamos encontrá-los, de uma forma ou de outra. Os outros trunfos do inimigo são os reféns e nossa dificuldade para chegar até as ilhas. Esta guerra, se é que se trata de uma guerra, tem regras diferentes. Ainda não sei bem quais são.

Ryan ainda estava trabalhando na parte pública do problema. Como o povo

americano reagia à notícia? Como os japoneses reagiriam? — Quer ouvir a opinião do comandante-em-chefe? — perguntou Durling.

Isso foi suficiente para produzir outro sorriso.

— Claro que sim.

— Lutei em uma guerra na qual era o outro lado que fazia as regras — afirmou Durling. — Não foi muito agradável.

— O que me leva a uma pergunta — disse Jack.

— Diga.

— Até que ponto podemos ir?

O presidente pensou um pouco.

— Está sendo muito vago.

— Os comandantes inimigos são considerados alvos legítimos, mas nas outras guerras essas pessoas usavam uniformes.

— Está falando em irmos atrás dos zaibatsu!

— Isso mesmo. Tudo indica que são eles que estão por trás de tudo. Entretanto, são civis, e se os matássemos poderíamos ser acusados de assassinato.

— Vamos atravessar essa ponte quando chegarmos lá, Jack. O presidente levantou-se para ir embora; já dera seu recado.

— Está certo.

Uma responsabilidade ainda maior, pensou Ryan. Isso podia significar muitas coisas. Provavelmente queria dizer que estava autorizado a comandar a reação, mas teria que fazer isso sozinho, assumindo pessoalmente todos os riscos. Já fiz isso antes, pensou Jack

— O que nós fizemos? — perguntou Koga. — O que permitimos que eles fizessem?

— E muito fácil para eles — respondeu um assessor político. Não precisava dizer quem eram eles. — Com a oposição dividida, podem colocar o país no rumo que quiserem. Já faz algum tempo... — o homem deu de ombros.

— Já faz algum tempo que a política do nosso país é decidida por vinte ou trinta homens eleitos por assembleias de acionistas. Mas não acha que foram longe demais? — perguntou Koga.

— Longe demais? — Estamos onde estamos. De que adianta negar a realidade?

— Mas quem protegerá o povo? — perguntou o ex-primeiro-ministro.

— Goto, é claro.

— Não podemos permitir que isso aconteça. Sabe muito bem a quem ele serve. — O assessor de Koga fez que sim com a cabeça e teria sorrido se a

situação não fosse tão grave. — Diga-me uma coisa — prosseguiu Mogataru Koga. — O que significa a honra? O que ela exige no momento?

— Nosso primeiro dever, primeiro-ministro, é para com o povo — respondeu um homem que era amigo do político desde o tempo em que ambos estudavam na Universidade de Tóquio. Então lembrou-se de uma frase dita por um ocidental de nome Cícero: — "A suprema lei é o bem do povo." Isso dizia tudo, pensou Koga. Imaginou se a traição sempre começaria daquela forma. Era algo para pensar na hora de dormir, só que não tinha esperança de conseguir dormir naquela noite. Nesta manhã, corrigiu-se, depois de consultar o relógio.

— Temos certeza de que a bitola é padrão? — Pode examinar pessoalmente as fotos — disse Betsy Fleming. Estavam de volta à sede do Escritório Nacional de Reconhecimento, no Pentágono.

— O vagão de transporte que nossos agentes viram era de bitola padrão.

— Será que não estavam tentando despistar? — perguntou o analista do NRO.

— O SS-19 tem um diâmetro de dois metros e oitenta e dois centímetros _ replicou Chris Scott, passando ao companheiro um fax vindo da Rússia. — Acrescente a isso dois metros e setenta centímetros para o invólucro. Fiz os cálculos pessoalmente. A bitola estreita estaria no limite para um objeto dessa largura. É possível, mas por uma margem muito pequena.

— É preciso levar em conta que eles dificilmente estariam dispostos a correr riscos desnecessários — prosseguiu Betsy. — Além do mais, os russos também consideraram a possibilidade de transportar os mísseis de trem, e todas as suas ferrovias usam uma bitola...

— É mesmo. Eu tinha me esquecido desse detalhe. A bitola dos russos é maior do que a nossa, não é? Certo, isso torna nossa tarefa bem mais fácil.

O analista foi até o computador e chamou uma ordem que preparara algumas horas antes. Para cada passagem sobre o Japão, as câmaras de alta resolução fariam um rastreamento de acordo com coordenadas bem definidas. Curiosamente, quem dispunha dos melhores dados a respeito das ferrovias japonesas era a AMTRAK, e naquele exato momento um dos executivos da empresa estava recebendo instruções com relação às normas de segurança para aquele tipo de informação. As instruções na verdade eram muito simples. Conte a alguém o que você sabe e irá passar umas longas férias em Marion, Illinois.

A ordem gerada pelo computador foi enviada a Sunnyvale, Califórnia, daí para um satélite militar de comunicações e daí para os dois satélites KH-11, um dos quais deveria sobrevoar o Japão dali a cinquenta minutos; o outro faria o mesmo dez minutos mais tarde. Não sabiam até que ponto os japoneses eram

competentes em matéria de camuflagem; talvez não tivessem chance de descobrir. Tudo que podiam fazer, na verdade, era esperar. Examinariam as fotografias à medida que fossem chegando, mas a menos que houvesse indícios óbvios do que estavam procurando, o trabalho poderia levar vários dias para dar frutos. Isso se tivessem sorte.

O Kurushio estava na superfície, algo que sempre deixava um comandante de submarino um pouco preocupado. Não ficariam ali por muito tempo. O combustível estava sendo bombeado para bordo através de duas mangueiras de grosso calibre, e outros suprimentos, principalmente comida, estavam sendo transportados por um guindaste para o convés do submarino. O comandante Ugaki sabia que sua marinha não dispunha de um navio especializado no atendimento a submarinos. Em geral, usavam navios-tanque para esse fim, mas no momento eles estavam ocupados em outras tarefas, e ele se vira forçado a recorrer a um navio mercante cuja tripulação era entusiástica mas que não estava habituada àquele tipo de serviço.

Seu submarino fora o último a entrar no porto de Agana porque era o que estava mais afastado das Marianas quando começara a ocupação. Havia disparado apenas um torpedo e ficara muito satisfeito com o desempenho do Tipo 89. O navio mercante não dispunha do equipamento necessário para remuniciá-lo, mas, pensou o comandante, ainda lhe restavam quinze torpedos, além de quatro mísseis Harpoon, e se os americanos lhe oferecessem um número igual de alvos, tanto melhor.

Os tripulantes que não estavam ocupados arrumando os suprimentos na popa estavam aglomerados no convés, tomando banho de sol, como na verdade o próprio comandante estava fazendo, sem camisa, bebendo chá e com um largo sorriso. A próxima missão seria patrulhar a região a oeste das ilhas Bonin para interceptar qualquer navio ou submarino americano que tentasse se aproximar do Japão. Provavelmente, seria uma missão típica de um submarino, pensou Ugaki: monótona, mas cansativa. Teria de conversar com a tripulação sobre a importância do trabalho que tinham pela frente.

— Onde está a linha de patrulhamento? — perguntou Jones.

— No momento, concentrada no meridiano 165 leste — informou o almirante Mancuso, apontando para o mapa. — Estamos com falta de pessoal, Jones. Antes de mandá-los para a guerra, quero que se acostumem com a ideia. Pedi aos oficiais para redobrar os treinamentos. A gente nunca está totalmente preparado para o combate, Ron. Nunca.

— É verdade — concordou o civil. Chegara com algumas listagens do

SOSUS para mostrar que todos os contatos de submarinos estavam fora da tela. Dois conjuntos de hidrofones que eram operados a partir da ilha de Guam não funcionavam mais. Embora estivessem ligados por cabo submarino ao restante da rede, evidentemente tinham sido desligados pela estação de Guam, e ninguém em Pearl conseguira reativá-los. A boa notícia era que uma rede de reserva perto de Samar, nas Filipinas, ainda estava funcionando, mas não podia detectar os SSK japoneses que, de acordo com as fotos dos satélites, estavam se reabastecendo perto de Agana. Tinham até mesmo conseguido identificá-los. Possivelmente, pensou Mancuso. Os japoneses ainda pintavam os números no casco e eles eram visíveis nas fotos dos satélites. A menos que os japoneses, como os russos e depois os americanos, tivessem aprendido a frustrar os satélites espiões mudando os números ao acaso.

— Seria bom se tivéssemos mais alguns submarinos rápidos, não seria? — observou Jones, depois de passar um minuto examinando o mapa.

— Claro que seria. Talvez, se falarmos com Washington... — Mancuso interrompeu o que estava dizendo e pensou um pouco. O mapa mostrava a localização de todos os submarinos sob seu comando, mesmo os que estavam sofrendo reparos. Os submarinos disponíveis eram mostrados em preto; os que estavam no estaleiro apareciam em branco, com as datas previstas para o retorno à ativa, o que não era muito útil no momento. Mas havia cinco desses símbolos em Bremerton, não havia?

O letreiro Pronunciamento Especial apareceu em todas as redes de TV. Em todas elas, um locutor informou ao público que a programação da rede seria interrompida para um discurso do presidente a respeito da crise econômica que sua administração estava enfrentando desde o fim de semana. Em seguida, foi mostrado o Selo Presidencial. Aqueles que estavam acompanhando os acontecimentos ficaram surpresos ao ver o presidente sorrir.

— Boa noite.

"Meus amigos, na semana passada o sistema financeiro americano passou por um momento crítico.

"Quero começar meu pronunciamento dizendo que a economia americana nunca esteve tão forte. Essa declaração pode parecer estranha — ele sorriu —, considerando o que devem ter lido nos jornais e visto na televisão. Gostaria de explicar por que isso é verdade. Vou começar com uma pergunta: "O que mudou? Os operários americanos ainda estão fabricando carros em Detroit e em outros -lugares. Os operários americanos ainda estão fabricando aço. Os fazendeiros do Kansas já colheram o trigo do inverno e estão se preparando para plantar outra vez. Ainda estamos fazendo computadores no Vale do Silício.

Ainda estamos fazendo pneus em Akron. A Boeing ainda está fabricando aviões. Ainda estamos extraindo petróleo no Texas e no Alasca. Ainda estamos extraindo carvão em Virgínia Ocidental. Estamos fazendo tudo que estávamos fazendo há uma semana atrás. O que mudou, então?

"O que mudou foi o seguinte: alguns elétrons viajaram em alguns fios de cobre, fios telefônicos como este (o presidente mostrou um fio de telefone e estendeu-o sobre a mesa) e isso foi tudo — afirmou, na voz de um vizinho simpático que se dispõe a oferecer um conselho. — Ninguém morreu. Nenhuma empresa foi à falência. A riqueza da nossa nação não mudou. Não perdemos nada.

"No entanto, meus amigos, entramos em pânico... por quê?

"Nos últimos quatro dias, verificamos que houve uma tentativa deliberada de manipular os mercados financeiros dos Estados Unidos. O Departamento de Justiça dos Estados Unidos, com a ajuda de alguns dedicados americanos que trabalham nesses mercados, está agora iniciando um processo criminal contra as pessoas responsáveis pelo problema. Não posso entrar em detalhes, porque mesmo o presidente não pode privar alguém do direito a um julgamento justo e imparcial. Entretanto, sabemos o que aconteceu e que isso foi totalmente artificial.

— O que vamos fazer a respeito? — perguntou Roger Durling.

— Os mercados financeiros estiveram fechados a semana inteira. Reabrirão sexta-feira ao meio-dia e...

33
PONTOS DE REVERSÃO

— Não pode dar certo — afirmou Kozo Matsuda, ao ouvir a tradução. — O plano de Raizo foi perfeito... mais do que perfeito — prosseguiu, falando tanto para si mesmo como para o interlocutor. Antes da crise, trabalhara com um banqueiro amigo para aproveitar a oportunidade e obter um bom lucro nas transações com as Obrigações do Tesouro, o que ajudara a recapitalizar as suas enfraquecidas empresas. Também concentrara seu capital de giro em ienes. Mas isso não era um problema, era? Não com a força renovada do iene e a fraqueza correspondente da moeda americana. Podia até fazer sentido, pensou, comprar interesses americanos através de intermediários... uma boa estratégia quando as bolsas de valores dos Estados Unidos fossem reabertas.

— Quando serão abertos os mercados europeus? — perguntou. Por alguma razão, estava tão animado que não conseguia se lembrar.

— Londres está nove horas atrasada em relação a nós; a Alemanha e a Holanda, oito horas. Às quatro da tarde — respondeu o homem do outro lado da linha. — Nossos homens têm suas instruções. — As instruções eram claras: usar o novo poder da moeda nacional para comprar o máximo possível de ações europeias, de modo que quando o pânico financeiro terminasse, dali a dois ou três anos, o Japão estivesse totalmente integrado à economia multinacional, tão integrado que sua retirada envolvesse o risco de um novo colapso financeiro. E isso eles não podiam aceitar, não depois de superarem a pior crise econômica das últimas três gerações, não depois de o Japão desempenhar um papel tão importante e tão altruístico na recuperação financeira de trezentos milhões de europeus. Os americanos suspeitavam de que a crise fora provocada, mas Yamata-san garantira que não existiam registros das transações. Não tinha sido um golpe genial, apagar todos os registros e substituí-los pelo caos? As empresas não podiam funcionar sem um registro de todas as transações; na falta desses registros, tinham simplesmente estagnado. Para reconstituí-los, seriam necessários vários meses, pensou Matsuda, durante os quais a paralisação permitiria que o Japão, ou, mais precisamente, seus colegas zaibatsu, tirassem proveito da situação, imitando a brilhante estratégia praticada por Yamata através dos órgãos do governo. A natureza integrada do plano era a razão pela qual todos os grandes empresários tinham concordado com ele.

"Na verdade, não faz muita diferença, Kozo. Conquistamos a Europa, também. A única liquidez que resta no mundo é a nossa.

— Gostei de ver, chefe — disse Ryan, apoiando-se no umbral da porta.

— Ainda resta muito a fazer — afirmou Durling, levantando-se e saindo da Sala Oval antes de continuar.

O presidente e o conselheiro de Segurança Nacional entraram na Casa Branca e passaram pelos técnicos, que eram as únicas pessoas presentes. Ainda não estava na hora de enfrentar os repórteres.

— Estou impressionado com a filosofia da situação — declarou Jack, quando tomaram o elevador para o andar residencial.

— Metafísica, hein? Você estudou em uma escola jesuíta, não foi? — Na verdade, estudei em três escolas jesuítas. O que é a realidade? — perguntou Jack. — A realidade para eles são elétrons e telas de monitores, e se existe uma coisa que aprendi em Wall Street, é que eles não entendem nada de investimentos. Com exceção de Yamata, suponho.

— Ele se saiu muito bem, não foi? — perguntou Durling.

— Ele não devia ter mexido com os registros. Se tivesse deixado as coisas

seguirem seu curso normal... — Ryan deu de ombros. — Hoje estaríamos em um buraco tamanho família. Acho que não lhe ocorreu que pudéssemos violar as regras do jogo. — E isso, pensou Jack, seria a chave de tudo. O discurso do presidente tinha sido uma boa mistura de coisas ditas e não ditas, e o alvo do discurso fora bem escolhido. Era o equivalente psicológico de uma declaração de guerra.

— A imprensa não pode ficar para sempre alheia à situação.

— Eu sei. — Ryan sabia que alguém poderia revelar tudo; se isso não acontecera até o momento, era graças ao FBI. — Mas precisamos mantê-los assim por mais algum tempo.

Os preparativos começaram com cautela, não como parte de um plano operacional, mas mais como os preparativos para um. Quatro bombardeiros B-l B Lancer decolaram da Base Aérea de Elmendorf, no Alasca, seguidos por dois aviões-tanque KG10. A combinação de latitude e época do ano garantia a escuridão. Os compartimentos de bombas continham combustível em lugar de armas. Cada aeronave levava uma tripulação de quatro homens: piloto, copiloto e dois operadores de sistemas.

O Lancer era uma aeronave esguia, um bombardeiro equipado com um manche de caça em lugar da meia-lua mais convencional dos aviões maiores; os pilotos diziam que o B-l B era uma espécie de F-4 Phantom ligeiramente mais pesado, seu maior peso e tamanho proporcionando ao bombardeiro maior estabilidade. No momento, a esquadrilha de seis B-l B seguia a rota internacional R-220, mantendo a distância lateral prevista para aeronaves comerciais.

Depois de estarem voando há duas horas e terem percorrido 1.500 quilômetros, passando por Shemya e abandonando a área coberta pelos radares de superfície, as seis aeronaves tomaram o rumo norte. Os aviões-tanque conservaram a altitude, enquanto os bombardeiros, um a um, baixavam para receber combustível, um processo que durou em média doze minutos para cada aeronave. Terminada a operação, os bombardeiros continuaram no rumo sudoeste, enquanto os aviões-tanque pousavam em Shemya, onde reabasteceriam seus próprios tanques.

Os quatro bombardeiros desceram para 7.500 metros, o que os deixou abaixo das rotas comerciais, permitindo-lhes mais liberdade de manobra. Continuaram a seguir a R-220, a mais ocidental das rotas comerciais, que passava pela península de Kamchatka.

Os equipamentos eletrônicos foram ligados. Embora tivesse sido projetado para ser um bombardeiro de penetração, o B-l B podia desempenhar muitos papéis, entre eles o de avião de reconhecimento. A fuselagem de qualquer avião militar é coalhada de pequenas estruturas, que parecem barbatanas de peixe.

Esses objetos são antenas e a forma delgada não tem um objetivo mais sinistro do que o de reduzir o arraste. O Lancer dispunha de muitas delas, destinadas a receber ondas de radar e outros sinais eletrônicos e encaminhá-las aos equipamentos internos, que analisavam os dados. Parte do trabalho era executada em tempo real pela tripulação. A ideia era que o bombardeiro monitorasse radares hostis para facilitar a tarefa da tripulação de evitar o inimigo e soltar as bombas.

No ponto de referência NOGAL, a cerca de quinhentos quilômetros da Zona de Identificação da Defesa Aérea Japonesa, os bombardeiros se separaram para formar uma linha de patrulhamento, mantendo uma distância de cerca de oitenta quilômetros uns dos outros e descendo para três mil metros. Os tripulantes esfregaram as mãos, apertaram um pouco mais os cintos de segurança e procuraram se concentrar. As conversas foram reduzidas ao mínimo necessário, e os gravadores foram ligados. Os satélites informavam que a Força Aérea Japonesa dispunha de aeronaves de observação, E-767, operando de forma quase contínua, e essas eram as defesas que as tripulações dos bombardeiros mais temiam. Voando a grande altitude, os E-767 podiam ver muito longe. Extremamente ágeis, eram capazes de reagir a emergências com alto grau de eficiência. Pior ainda: quase sempre trabalhavam em conjunto com os caças. Os caças dispunham de olhos; por trás dos olhos havia cérebros, e armas dotadas de cérebros eram as mais perigosas de todas.

— Muito bem, lá está o primeiro — disse um dos operadores de sistemas. Na verdade, não era o primeiro. Para praticar, tinham ajustado os equipamentos para os radares de defesa aérea dos russos, mas, pela primeira vez na memória coletiva dos dezesseis homens, não eram os radares e caças russos que os deixavam preocupados. — De baixa frequência, fixo, localização conhecida.

Estavam recebendo o que os operadores chamavam de "flocos". O radar em questão se encontrava além do horizonte, longe demais para detectar as aeronaves semi-invisíveis. Da mesma forma como você pode ver alguém com uma lanterna na mão muito antes que a pessoa possa vê-lo à luz da lanterna, um transmissor de radar de alta potência revela inevitavelmente sua localização ao inimigo. A posição, frequência, taxa de repetição dos pulsos e potência estimada do radar foram determinadas e anotadas. Um indicador no painel do oficial de guerra eletrônica mostrava a cobertura daquele radar. A mesma informação era mostrada no painel do piloto, com a região perigosa assinalada em vermelho, para que ele se mantivesse afastado.

— Mais um — afirmou o OGE. — Puxa, que potência! E este é aéreo. Deve ser um dos novos. Está se movendo de norte para sul. A marcação atual é dois-zero-dois.

— Entendido — disse o piloto, varrendo com o olhar o céu noturno.

O Lancer estava sendo dirigido pelo piloto automático, mas a mão direita do piloto encontrava-se a apenas alguns centímetros do manche, pronta para mudar o rumo. Havia caças em algum lugar à sua direita, dois F-15, provavelmente, mas eles não se afastariam dos E-767.

— Acaba de aparecer um terceiro, em um-nove-cinco... a frequência é diferente e... espere um momento — disse o oficial de guerra eletrônica. Certo, a frequência mudou de forma brusca. Ele provavelmente está agora em condições de enxergar além do horizonte.

— Será que pode nos ver? — perguntou o piloto, verificando de novo a tela de cobertura. Em volta da zona em vermelho havia uma região amarela que o piloto chamava de zona do "talvez". Faltavam apenas alguns minutos para entrar nessa zona, e o "talvez" de repente lhe pareceu muito perigoso no local onde se encontrava, a quase cinco mil quilômetros da Base Aérea de Elmendorf.

— Não sei. E possível. Recomendo que desvie para a esquerda — respondeu o OGE.

Imediatamente, sentiu a aeronave mudar de rumo. Não estavam ali para correr riscos, e sim para colher informações, como um jogador que observa a mesa antes de sentar-se e fazer sua aposta.

— Acho que há alguém ali — comentou um dos operadores do E-767. — Marcação zero-um-cinco, rumando para o sul. O sinal está muito fraco.

Havia poucos rotodomos no mundo como o que adornava o teto do E-767, e eram todos de fabricação japonesa. Três deles estavam operando a leste do arquipélago japonês. Irradiando até três milhões de watts de energia elétrica, tinham uma potência quatro vezes maior do que qualquer radar aéreo dos americanos, mas a verdadeira sofisticação do sistema não estava na potência e sim no modo de irradiá-la. Basicamente uma versão menor do radar SPY que equipava os contratorpedeiros da classe Kongo, o radar era composto de milhares de diodos semicondutores capazes de executar varreduras mecânicas ou eletrônicas e mudar a frequência de acordo com as necessidades do momento. Para detecção a grandes distâncias, era melhor usar uma frequência relativamente baixa. Entretanto, embora isso permitisse detectar objetos situados um pouco mais longe que o horizonte visual, a resolução era prejudicada. O operador estava recebendo um sinal a cada três varreduras, se tanto. O software do sistema ainda não aprendera a distinguir o ruído de fundo de um alvo significativo, especialmente para aquela frequência...

— Tem certeza? — perguntou o outro controlador pelo intercomunica-dor. Ele acabara de examinar a tela e não vira nenhum sinal.

— Está aqui. — O primeiro homem usou o cursor para mostrar o alvo no

momento em que ele apareceu de novo. Gostaria que estivessem usando um software mais avançado. — Espere! Olhe aqui! — Escolheu outro ponto e marcou-o, também. Ele desapareceu quase de imediato, mas voltou quinze segundos depois. — Viu? Está rumando para o sul com uma velocidade de mil quilômetros por hora.

— Excelente.

O outro controlador ligou o transmissor de rádio e avisou à estação de terra que as defesas aéreas japonesas estavam sendo postas à prova pela primeira vez. A única surpresa, na verdade, era que levara mais tempo para acontecer do que supunham. As coisas agora ficarão interessantes, pensou, imaginando o que aconteceria em seguida, agora que a brincadeira havia começado.

— Mais algum E-767? — perguntou o piloto.

— Não. Apenas aqueles dois. Pensei que tinha visto um terceiro sinal, faz um minuto, mas ele sumiu — disse o OGE.

Não precisava explicar que com a sensibilidade daqueles instrumentos, devia estar captando até as transmissões dos controles remotos de portas de garagem. Logo depois, localizaram outro radar de terra. A linha de patrulha rumou para oeste depois de passar pelos dois E-767, ainda no curso geral sudoeste, agora a meio caminho da maior ilha do arquipélago japonês, Honshu, que estava mais de quinhentos quilômetros à direita. Os copilotos das quatro aeronaves olhavam agora exclusivamente para oeste, enquanto os pilotos olhavam para a frente, atentos a um possível tráfego aéreo. Era um voo tenso mas rotineiro, como passar de carro por um bairro perigoso. Enquanto os sinais estivessem todos verdes, você não ficava preocupado... mas não gostava da forma como estavam olhando para seu automóvel.

A tripulação do terceiro E-767 não estava satisfeita, e os caças da escolta menos ainda. Aeronaves inimigas tinham começado a rondar as ilhas japonesas; embora estivessem a seiscentos quilômetros de distância, representavam uma presença incômoda. Decidiram desligar os aparelhos de radar. Deviam ser aviões de reconhecimento EC-135, preparando o terreno para um ataque dos Estados Unidos. Se a missão americana era colher informações, o melhor que tinham a fazer era evitar que as conseguissem. E isso era fácil, ou pelo menos assim pensavam os controladores dos aparelhos de radar.

Vamos chegar mais perto da próxima vez, pensou o piloto da aeronave. Antes, os especialistas teriam de examinar os dados para verificar o que era seguro ou não. A vida de outros oficiais da Força Aérea dependeria do acerto dessas conclusões. Era um pensamento confortador. Os membros da tripulação deram um suspiro de alívio, bocejaram e começaram a conversar a respeito da missão e do que haviam descoberto. Mais quatro horas e meia, e estariam em

Elmendorf para um banho de chuveiro e um repouso merecido.

Os controladores japoneses ainda não estavam totalmente convencidos de que tinham captado um sinal de verdade, mas isso poderia ser verificado através de um exame das fitas gravadas. Os padrões de patrulhamento voltaram à observação normal das rotas comerciais, e alguns comentários foram trocados entre tripulantes que queriam saber por que ainda havia tráfego aéreo. Os interlocutores se limitaram a dar de ombros e arquear as sobrancelhas; na verdade, sabiam tão pouco a respeito disso quanto da realidade dos pontinhos que tinham aparecido nas telas de radar. Quando você observava um monitor de radar por mais do que algumas horas, sua imaginação começava a funcionar, e quanto mais você se preocupava, mais forte era o efeito. Mas isso, eles sabiam, era algo que devia estar afetando o outro lado, também.

Os presidentes dos bancos centrais estavam acostumados a um tratamento VIP. Todos os voos chegaram ao Aeroporto Internacional John F. Kennedy dentro de um intervalo de uma hora. Os presidentes foram recebidos por diplomatas graduados das delegações à ONU dos respectivos países, passaram pela alfândega e foram para a cidade em carros de placa diplomática. O destino surpreendeu a todos, mas o presidente do Fed explicou que o escritório do FBI em Nova York era um lugar melhor para se reunir do que a filial do Federal Reserve Bank, principalmente porque tinha tamanho suficiente para acomodar os diretores das grandes corretoras; as leis antitruste tinham sido suspensas no interesse da segurança nacional. Essa informação deixou os visitantes europeus ainda mais surpresos. Finalmente, pensaram todos, os Estados Unidos reconheciam que as questões financeiras eram importantes para a segurança nacional. Já era mais do que tempo.

Depois de uma introdução de Fiedler e do presidente do Fed, George Winston e Mark Gant apresentaram sua versão dos acontecimentos da semana anterior.

— Eles foram diabólicos — comentou o presidente do Banco da Inglaterra com o colega alemão.

— Jawohl — murmurou o outro.

— Como podemos impedir que fatos como esses se repitam? — perguntou um deles.

— Para começar, temos de manter melhores registros — respondeu Fiedler, mais alerta depois de algumas horas de sono. — O que mais...? Precisamos estudar o assunto. No momento, estamos mais interessados em sair da crise atual.

— Para isso, o iene precisa ser penalizado — observou o presidente do Banco da França. — E a melhor forma de proteger nossas moedas nacionais é

ajudá-los a proteger o dólar.

— Isso mesmo — concordou o presidente do Fed. — Jean-Jaques, fico satisfeito ao constatar que pensa exatamente como eu.

— E para salvar o mercado de ações, o que vocês pretendem fazer? — perguntou o presidente do Bundesbank.

— Isto pode parecer loucura, mas achamos que dará certo — começou Fiedler, descrevendo as medidas que o presidente Durling não revelara em seu discurso e cuja execução dependia, em grande parte, da cooperação dos europeus.

Os visitantes trocaram olhares, primeiro de incredulidade e depois de aprovação. Fiedler sorriu.

— Posso sugerir que nossas atividades sejam coordenadas para começarem sexta-feira? Nove da manhã era considerada uma hora pouco apropriada para o início de negociações diplomáticas, o que facilitava as coisas. A delegação americana chegou à embaixada do Japão, na Massachusetts Avenue, N.W., em carros particulares, para não despertar a atenção.

As formalidades foram observadas à risca. A sala de conferências era espaçosa e dispunha de uma mesa também grande. Os americanos tomaram seus lugares de um lado da mesa e os japoneses do outro. Apertos de mãos foram trocados, porque era assim que procediam os diplomatas. Havia chá e café à vontade, mas a maioria se serviu apenas de água gelada. Para desconforto dos americanos, alguns japoneses estavam fumando. Scott Adler imaginou se tinham feito isso apenas com intenção de irritá-lo e por isso, para mostrar que não estava ligando, pediu um cigarro ao ajudante do embaixador japonês.

— Obrigado por nos receber — começou, em tom cauteloso.

— Seja bem-vindo, mais uma vez, à nossa embaixada — respondeu o embaixador do Japão, com uma leve mesura.

— Vamos começar? — perguntou Adler.

— Por favor.

O embaixador recostou-se na cadeira e adotou uma postura relaxada para mostrar que estava à vontade e escutaria polidamente o que o americano tinha a dizer.

— Os Estados Unidos estão muito preocupados com os acontecimentos do Pacífico Ocidental — começou Adler. Muito preocupados era a expressão correta. Quando um país fica muito preocupado, isso significa em geral que está pensando em uma ação armada. — Como sabe, os habitantes do arquipélago das Marianas se tornaram cidadãos americanos por sua livre escolha, expressa através de uma eleição realizada há quase vinte anos. Por esse motivo, os Estados Unidos, em nenhuma circunstância, aceitarão que os japoneses ocupem

essas ilhas, e solid... não — corrigiu-se Adler —, exigem que essas ilhas retornem imediatamente à soberania americana, com a retirada total das tropas japonesas dos territórios em questão. Exigimos ainda que todos os cidadãos americanos mantidos sob custódia pelo governo japonês sejam libertados de imediato. Se não atenderem a essas exigências, as consequências serão extremamente sérias.

Todos os presentes acharam que a declaração inicial fora bastante clara. Talvez tivesse pecado um pouco por excesso, pensaram os japoneses, mesmo aqueles que consideravam as ações do seu país como uma loucura.

— Eu, pessoalmente, lamento o tom do seu pronunciamento — replicou o embaixador, dando uma bofetada diplomática em Adler. — Quanto ao mérito das exigências, estamos dispostos a escutar seus argumentos e considerá-los à luz dos nossos próprios interesses de segurança.

Era uma forma de dizer que Adler teria de repetir o que acabara de dizer, com maiores detalhes. Estava implícito o convite para uma nova declaração da qual constassem algumas concessões, em troca das quais seu governo poderia conceder alguma coisa.

— Talvez eu não tenha sido suficientemente explícito — afirmou Adler, depois de beber um gole d'água. — Seu país cometeu um ato de guerra contra os Estados Unidos da América. As consequências de atos desse tipo são necessariamente graves. Oferecemos ao seu país a oportunidade de voltar atrás antes que haja mais derramamento de sangue.

Os outros americanos que estavam sentados à mesa tiraram a sua conclusão: jogo duro. Não houvera tempo para que combinassem exatamente a estratégia a seguir, mas Adler tinha ido mais longe do que esperavam.

— Mais uma vez, considero o seu tom deplorável — declarou o embaixador japonês, depois de pensar um pouco. — Meu país tem direito a um mínimo de segurança e foi vítima de uma legislação impensada que poderá causar graves danos à nossa economia. O artigo 51 do Estatuto das Nações Unidas reconhece explicitamente o direito de qualquer nação soberana a adotar medidas de autodefesa. Não fizemos mais do que isso.

Era uma argumentação hábil, reconheceram os americanos, e a crítica ao tom áspero de Adler representava uma abertura para as negociações. As discussões iniciais prosseguiram por noventa minutos sem que nenhum dos dois lados cedesse um milímetro. Limitavam-se a repetir o que já haviam dito, praticamente palavra por palavra. Então chegou a hora do intervalo. Os seguranças abriram as portas que davam para o belo jardim da embaixada, e todos saíram, supostamente para tomar ar fresco, mas na verdade para continuar o trabalho. O jardim era grande demais para que fossem instalados equipamentos

de escuta.

— Então, Chris, finalmente a coisa começou — disse Seiji Nagumo, bebendo um gole de café. Escolhera a bebida para mostrar que simpatizava com os americanos; pela mesma razão, Christopher Cook estava bebendo chá.

— O que esperava que disséssemos? — perguntou o assistente do subsecretário de Estado.

— O discurso de abertura não nos surpreendeu — afirmou Nagumo. Em vez de encarar o japonês, Cook olhou para o muro do jardim.

— De que vocês vão abrir mão? — perguntou, em voz baixa.

— De Guam, certamente, mas ela terá de ser desmilitarizada — respondeu Nagumo, no mesmo tom. — E vocês? — Até agora, de nada.

— Você precisa me dar alguma coisa para trabalhar — observou Nagumo.

— Não tenho nada a oferecer, exceto talvez a cessação das hostilidades... antes que comecem de verdade.

— Quando elas vão começar? — Ainda não há data prevista, graças a Deus. Temos tempo para trabalhar. Vamos aproveitá-lo.

— Vou passar a notícia adiante. Obrigado — disse Nagumo, afastando-se para se reunir aos membros da sua delegação.

Cook imitou-o. Três minutos depois, estava conversando com Scott Adler.

— Guam, desmilitarizada. Isso é garantido. Talvez outras concessões, mas não é garantido.

— Interessante — observou Adler. — Então você estava certo quando disse que eles nos ofereceriam alguma coisa. Bom trabalho, Chris.

— O que ofereceremos em troca? — Absolutamente nada — disse, em tom seco, o Subsecretário de Estado.

Estava pensando no pai, na tatuagem no braço, no dia em que descobrira que um 9 era um 6 de cabeça para baixo e na forma como a liberdade do pai fora roubada por um país que se aliara ao dono daquela embaixada e do seu elegante jardim. Não era uma atitude profissional, e Adler sabia disso. O Japão fora um abrigo seguro durante aqueles anos para uns poucos judeus europeus, um dos quais se tornara secretário de governo na administração de Jimmy Carter. Se seu pai tivesse sido um desses afortunados, talvez sua atitude fosse diferente, mas isso não acontecera. — Para começar, vamos pressioná-los e ver o que acontece.

— Acho que estamos cometendo um erro — afirmou Cook.

— Talvez — admitiu Adler. — Mas quem errou primeiro foram eles.

Os militares não estavam nada satisfeitos. Menos ainda os civis, que haviam preparado o local cinco vezes mais depressa do que aqueles idiotas de uniforme teriam conseguido, além de fazê-lo em total segredo e por um custo muito menor.

— Nunca ocorreu a vocês camuflar o local? — perguntou o general japonês.

— Como alguém poderia nos encontrar neste fim de mundo? — replicou o engenheiro-chefe.

— Eles têm câmaras em órbita capazes de fotografar um maço de cigarros.

— E um país inteiro para procurar. — O engenheiro deu de ombros. — Estamos no fundo de um vale cujas encostas são tão íngremes, que um míssil balístico não pode penetrar aqui sem se chocar com aqueles picos. — O homem apontou. — E agora eles nem mesmo dispõem de mísseis balísticos — acrescentou.

O general tinha instruções para ser paciente e tratou de cumpri-las, depois do rompante inicial. Agora, o local estava sob o seu comando.

— Quanto menos o outro lado souber, melhor.

— Então acha que devemos nos esconder? — perguntou o engenheiro, educadamente.

— Isso mesmo.

— Que tal instalarmos redes de camuflagem? Tinham feito isso na fase de construção.

— Se elas estão aqui, é um bom começo. Mais tarde vamos pensar em medidas mais permanentes.

De trem, hein? — comentou o funcionário da AMTRAK depois de ouvir a explicação. — Quando comecei no ramo, trabalhava para a Great Northern e a Força Aérea nos procurou meia dúzia de vezes com a ideia de transportar mísseis de trem.

— Quer dizer que a ideia chegou a ser discutida? — perguntou Betsy Fleming.

— Oh, sim. — O funcionário fez uma pausa. — Agora posso ver as fotos? — A maldita preleção sobre segurança representara várias horas de ameaças desnecessárias, depois das quais o funcionário fora mandado de volta ao hotel para ler os formulários... enquanto o FBI examinava sua ficha, pensou.

Chris Scott ligou o projetor de diapositivos. Ele e Fleming já tinham feito sua própria análise, mas o objetivo de chamar um consultor de fora era ouvir uma opinião imparcial. A primeira fotografia mostrava apenas o míssil, para dar uma ideia do seu tamanho. Em seguida, passaram a uma foto do vagão.

— Sim, parece um vagão-plataforma, mais comprido do que o normal, provavelmente fabricado sob medida. Estrutura de aço. Os japoneses são muito bons neste tipo de coisa. Bons engenheiros. Estou vendo um guindaste. Quanto pesa um desses monstros? — O míssil deve pesar umas cem toneladas — respondeu Betsy. — O invólucro, mais vinte.

— Isso é muita coisa para uma carga única, mas está perfeitamente dentro da capacidade do vagão e da via férrea. — Fez uma pausa. — Não estou vendo nenhuma ligação eletrônica, apenas os cabos dos freios e da sinalização. Acha que serão lançados diretamente dos vagões? — Não sei. O que você acha? — perguntou Chris Scott — A mesma coisa que disse ao pessoal da Força Aérea há vinte e poucos anos, quando me perguntaram sobre o MX. Sim, é possível transportá-los de um lado para o outro, mas isso não os torna particularmente difíceis de ser localizados, a menos que sejam fabricados muitos vagões exatamente com o mesmo aspecto. Mesmo assim, como no caso na linha principal na Northern, é muito fácil localizar o alvo. Basta procurar uma linha fina e comprida. A nossa linha principal, de Minneapolis a Seattle, era mais comprida do que todas as outras linhas de bitola padrão deste país.

— E daí? — quis saber Fleming.

— Daí que este não é um vagão de lançamento, apenas um vagão de transporte. Não precisavam de mim para descobrir isso.

Não, mas é bom saber que alguém concorda conosco, pensou Betsy.

— Mais alguma coisa? — A Força Aérea vivia me dizendo que esses bichinhos são delicados.

Devem ser tratados com carinho. Na velocidade normal de operação, seriam submetidos a uma aceleração lateral de 3g e a uma aceleração vertical de 0,5g. Isso não seria bom para o míssil. O outro problema é o de tamanho. Esse vagão tem vinte e sete metros de comprimento e os vagões-plataforma normais têm dezoito metros ou menos. A maioria das ferrovias japonesas é de bitola estreita. Sabem por quê? — Imaginamos que eles simplesmente tinham escolhido...

— É tudo uma questão de engenharia, entendem? Com a bitola estreita, podem-se fazer curvas mais fechadas, passar em lugares mais apertados, de modo que ela se presta a projetos de pequeno porte. No caso do Shin-Kansen, porém, os japoneses tiveram de recorrer à bitola padrão, que oferece mais estabilidade e permite velocidades maiores. O comprimento da carga e o comprimento correspondente do vagão também constituem uma limitação importante, porque em curvas fechadas o vagão pode invadir o espaço da linha vizinha, o que representa um risco de colisão, a menos que você bloqueie o tráfego no sentido oposto cada vez que está transportando esses monstros. E por isso que o local para onde foram transportados os mísseis está ao lado da linha do Shin-Kansen. Tem de estar. Em seguida, vem o problema da carga. Este realmente é complicado.

— Prossiga — disse Betsy Fleming.

— Como os mísseis são delicados, o trem teria de se mover muito devagar,

o que representaria um imenso transtorno para nossos horários. Acabamos recusando o trabalho. Estávamos interessados no dinheiro, é claro, mas as dificuldades eram tantas que não valeria a pena. O mesmo se aplica a eles, não é mesmo? É até pior. O Shin-Kansen é um trem de passageiros de alta velocidade. Eles têm um horário tão rígido, que vocês nem acreditam, e não gostariam de nada que os perturbasse. Querem saber meu palpite? Eles usaram esses vagões apenas para transportar os mísseis da fábrica para algum lugar e ponto final. Aposto como fizeram o serviço à noite. Se eu fosse vocês, trataria de procurar os vagões até encontrá-los em algum entroncamento, abandonados. Em seguida, procuraria uma linha nas vizinhanças que não levasse a lugar nenhum.

Scott mudou o diapositivo.

— Conhece bem as estradas de ferro japonesas? — Conheço. Não foi por isso que me chamaram? — Então me diga o que acha desta aqui — pediu Scott, apontando para a tela.

— É um radar potente — comentou um dos técnicos.

O reboque tinha sido levado de avião até Elmendorf para apoiar a missão do B-l. As tripulações do bombardeiro estavam dormindo, e os técnicos de radar, oficiais e praças examinavam os registros em fita das observações.

— Um radar aéreo? — perguntou um major.

— E o que parece. Muito melhor que o APY-1 que vendemos a eles faz dez anos. Estamos falando de dois milhões de watts e do modo como a intensidade do sinal varia. Sabe o que temos aqui? Um domo rotativo, provavelmente uma única rede planar — afirmou o primeiro-sargento. — Está girando, mas também é possível apontá-la eletronicamente.

— Varrer e rastrear ao mesmo tempo? — Por que não? Pode mudar de frequência quando quiser. Eu adoraria ter um desses. — O sargento pegou uma fotografia do avião. — Esta coisa vai ser um problema para nós. Toda essa potência... fico imaginando se eles não conseguiriam detectar o B-l.

— Dessa distância? O B-1B não era, estritamente falando, um avião invisível. De frente, praticamente não refletia ondas de radar; de lado, porém, sua seção reta para o radar era bem maior, embora ainda mais reduzida do que no caso de uma aeronave convencional com as mesmas dimensões.

— Sim, senhor. Gostaria de dar mais uma olhada nas fitas.

— O que está procurando? — O rotodomo provavelmente descreve seis rotações por minuto. Os pulsos devem ter sido registrados mais ou menos com esse intervalo. Qualquer outro significa que estavam apontando o radar para nós.

— Bem pensado, sargento. Mãos à obra.

34
TODOS A BORDO

Yamata não gostou de voltar a Tóquio. Sua forma de operação em trinta anos de negócios fora estabelecer as diretrizes mestras e deixar que um grupo de subordinados cuidasse dos detalhes, enquanto se dedicava a outros assuntos. No caso em questão, esperava que o trabalho diminuísse com o tempo. Afinal, os vinte zaibatsu mais importantes estavam agora a seu serviço. Não que reconhecessem o fato, pensou Yamata-san, com um sorriso irônico. Fazer o governo cantar sua música tinha sido brincadeira de criança; conseguir o mesmo daqueles homens exigira anos de persuasão. Entretanto, eles estavam cantando sua música e só precisavam do maestro de tempos em tempos. Por isso, voara para casa em um avião comercial quase vazio, com o objetivo de tranquilizá-los.

— Não é possível — garantiu.

— Mas ele disse...

— Kozo, o presidente Durling pode dizer o que quiser. Estou afirmando que para reconstituir todos os registros eles levarão pelo menos algumas semanas. Se tentarem reabrir as bolsas hoje mesmo, o resultado será o caos. E o caos trabalha a nosso favor — lembrou.

— E os europeus? — quis saber Tanzan Itagake.

— Eles acordarão no fim da semana que vem e descobrirão que compramos o continente inteiro — afirmou Yamata. — Em cinco anos, os Estados Unidos serão nosso supermercado e a Europa a nossa butique. A essa altura, o iene será a moeda mais forte do planeta. A essa altura, teremos uma economia nacional totalmente integrada e um aliado continental poderoso. Ambos seremos autossuficientes. Não precisaremos mais abortar nossos bebês para evitar a superpopulação. Além disso, teremos uma liderança política à altura de nossa posição. Este é o próximo passo, meus amigos.

É mesmo? pensou Binichi Murakami, por trás de um rosto impassível. Lembrou-se de que um dos motivos que o levara a assinar o pacto fora o fato de ser agredido por um mendigo bêbado nas ruas de Washington. Seria possível que alguém tão esperto como ele pudesse se deixar influenciar por uma irritação mesquinha? Mas isso acontecera, e agora estava junto com os outros. O industrial bebeu um gole de saque e ficou em silêncio, enquanto Yamata-san falava com entusiasmo do futuro do país. Estava na verdade falando a respeito do próprio futuro, é claro, e imaginou quantos dos homens em volta da mesa

compreendiam isso. Eram todos uns tolos. Não, não era justo chamá-los assim. Afinal, era um deles.

O major Boris Scherenko tinha não menos do que onze agentes em altos postos do governo japonês, um dos quais era vice-chefe da DISP, um homem que recrutara havia alguns anos, durante uma viagem de sexo e jogo a Formosa. Era a pessoa ideal para controlar; um dia provavelmente se tornaria chefe do órgão, permitindo que a rezidentura de Tóquio acompanhasse e influenciasse as atividades de contraespionagem em todo o país. O que deixava intrigado o oficial russo era que nenhum dos seus agentes descobrira nada de valor até o momento.

Havia também a questão de trabalhar com os americanos. Dada sua experiência e seu treinamento profissional, é como se estivesse chefiando a comissão de boas-vindas para uma delegação de marcianos. O despacho vindo de Moscou tornava a aliança mais fácil de aceitar. Parecia que os japoneses estavam planejando roubar, em cumplicidade com a China, as reservas mais preciosas do seu país e usá-las para se tornar a nação mais poderosa do mundo. O mais estranho era que Scherenko achava o plano viável. Em seguida, vinha sua missão específica.

Doze mísseis, pensou. Era uma área pela qual nunca se interessara. Afinal, os mísseis tinham sido vendidos por Moscou. Certamente haviam pensado na possibilidade de que fossem usados para... não, é claro que não haviam pensado. Scherenko prometeu a si próprio que falaria com aquele tal de Clark, um homem experiente, e depois de quebrar o gelo com alguns drinques, perguntaria delicadamente se as diretrizes americanas eram tão estúpidas quanto as que recebia, independentemente do governo em questão. Talvez o americano tivesse algo útil a dizer. Afinal, o governo dos Estados Unidos mudava a cada quatro ou oito anos. Provavelmente já estavam acostumados.

Vinte mísseis, pensou. Com seis ogivas cada um. Tinha havido uma época em que era comum pensar em mísseis em termos de milhares de unidades, e os dois lados tinham sido suficientemente insanos para aceitar esse fato com naturalidade. Agora, porém, a possibilidade de existirem dez ou vinte mísseis nucleares... para quem estariam realmente apontados? Os americanos ficariam mesmo do lado dos novos... o quê? Amigos? Aliados? Sócios? Ou eram simplesmente ex-inimigos cuja nova posição ainda não fora definida em Washington? Os americanos ajudariam seu país a se defender do novo/antigo perigo? Não podia tirar da cabeça o pensamento: Vinte mísseis vezes seis ogivas nucleares. O suficiente para arrasar a Rússia. O suficiente para arrasar os Estados Unidos.

Acho que Moscou tem razão, pensou Scherenko. A melhor solução era

cooperar com os americanos. Eles queriam saber a localização dos mísseis, provavelmente com a intenção de destruí-los. E se não fizerem isso, nós faremos.

O major cuidava pessoalmente de três dos agentes. Os subordinados cuidavam dos outros; a seu comando, mensagens foram preparadas para todos eles. O que você sabe a respeito... Quando responderiam a esse pedido de informações? O perigo não era tanto que os agentes não conseguissem a informação solicitada, mas que um ou mais deles decidisse contar tudo ao governo. Ao abordar um assunto de tamanha importância, corria o risco de dar a um dos agentes a oportunidade de se redimir, tornando-se um patriota e revelando as ordens que recebera. Entretanto, era um risco que tinha de correr. Depois da meia-noite, saiu para dar uma volta a pé, escolhendo ruas movimentadas para deixar os recados e fazendo os sinais apropriados para alertar seus agentes. Esperava que aquela região estivesse sendo coberta pela metade da DISP sob seu controle. Achava que sim, mas nesse campo nunca se podia ter certeza.

Kimura sabia que estava correndo um risco, mas já passara do estágio de preocupar-se com isso. Tudo que esperava era que as pessoas compreendessem seu patriotismo quando fosse executado por traição. O outro consolo era que não morreria sozinho.

— Posso arranjar um encontro com o ex-primeiro-ministro Koga — afirmou, em tom lacônico.

Que merda, pensou Clark. Sou um espião e não um diplomata do Departamento de Estado, teve vontade de dizer. A única coisa boa no momento era que Chavez não mostrara nenhuma reação. Provavelmente, o coração do rapaz tinha parado, pensou John. Como o seu quase parará.

— Com que objetivo? — perguntou.

— A situação é grave, não é? Koga-san não teve nada a ver com isso. Ele ainda tem muita influência política. O governo americano deve estar interessado nas suas opiniões.

É, talvez você tenha razão. Mas Koga também era um político fora do governo e possivelmente disposto a trocar as vidas de alguns estrangeiros pela volta ao poder; ou talvez um homem que colocava sua pátria à frente das ambições pessoais... Clark não poderia dizer qual dessas hipóteses era verdadeira.

— Antes de mais nada, preciso pedir instruções ao meu governo — afirmou John.

Não gostava de contemporizar, mas aquela situação era realmente nova.

— Nesse caso, sugiro que o faça sem perda de tempo — declarou Kimura,

levantando-se.

— Sempre imaginei se meu mestrado em relações internacionais seria útil para alguma coisa — comentou Chavez, olhando para o copo pela metade. — Claro que isso se viver tempo suficiente para receber o diploma.

Gostaria também de me casar, ter filhos e talvez até mesmo levar uma vida normal, pensou.

— E bom ver que não perdeu o senso de humor, Yevgeniy Pavlovich.

— Eles vão nos dar sinal verde. Sabe disso.

— Da — concordou Clark, tentando pensar como um russo.

Será que o manual da KGB falava de uma situação como essa? O da CIA certamente que não.

Como sempre, as fitas eram mais claras do que uma análise apressada dos operadores poderia indicar. Havia três, talvez quatro (o mais provável era que fossem quatro, dados os padrões de operação dos americanos, opinaram os especialistas) aeronaves sondando as defesas aéreas japonesas. Entretanto, não eram aviões EC-135. Essas aeronaves, baseadas em um projeto desenvolvido havia quase cinquenta anos e cobertas de antenas suficientes para receber todos os sinais de TV gerados no hemisfério, teriam produzido uma imagem muito maior no radar. Além do mais, os americanos provavelmente não dispunham de quatro aeronaves daquele tipo. Assim, só podia ser outro tipo de avião, provavelmente um bombardeiro B-l B, afirmaram os especialistas. E o B-l B era um bombardeiro, cujo propósito era muito mais sinistro do que simplesmente coletar sinais eletrônicos. Então os americanos estavam pensando no Japão como um inimigo cujas defesas precisavam ser vencidas com o objetivo de semear a morte, uma ideia considerada nova para os dois lados naquela guerra... se é que se tratava de uma guerra, acrescentaram os mais moderados. Mas o que mais poderia ser?, perguntou a maioria dos analistas, estabelecendo o tom para as missões daquela noite.

Três E-767 estavam novamente no ar, dois deles ativos e um de vigia. A potência dos radares fora aumentada, e os parâmetros do software de processamento de sinais alterados para permitir o rastreamento de alvos a grandes distâncias. Tudo se baseava na física. O tamanho da antena, combinado com a potência do sinal e a frequência das ondas eletromagnéticas, tornava possível detectar praticamente qualquer coisa. Isso era ao mesmo tempo bom e ruim, pensaram os operadores, porque agora estavam recebendo sinais de todos os tipos. Havia uma diferença, porém. Quando achavam que um sinal distante parecia promissor, faziam com que os caças se dirigissem para aquele local. Os Eagle jamais se aproximavam mais do que cento e cinquenta quilômetros. Os sinais de retorno sempre ficavam mais fracos quando os E-767 mudavam a

frequência, passando do grande comprimento de onda do sinal de longo alcance para o pequeno comprimento de onda do sinal de rastreamento, o que não era compatível com a banda Ku usada em um ataque de verdade. Isso mostrava que os americanos continuavam sondando as defesas e talvez soubessem que estavam sendo detectados. O exercício pelo menos servia para treinar os caças, pensaram todos. Se aquilo era realmente uma guerra, ela estava se tornando cada vez mais real.

— Não acredito — afirmou o coronel.

— Senhor, tudo indica que estavam rastreando sua aeronave. A taxa de repetição observada foi duas vezes maior do que a que pode ser atribuída à rotação do domo. O radar que eles usam é totalmente eletrônico. Podem dirigir o feixe e estavam fazendo isso.

O tom do sargento era respeitoso, embora o oficial parecesse orgulhoso demais para lhe dar ouvidos. Depois de ouvir com impaciência o que o subalterno tinha a dizer, limitou-se a dar de ombros.

— Está bem, talvez tenham captado algum sinal. Estávamos de lado para eles. Da próxima vez, vamos estender a linha de patrulha e fazer uma penetração direta. Com isso, nosso perfil para o radar ficará bem menor. Temos de instigá-los um pouco para ver como reagem.

Antes você do que eu, pensou o sargento. Olhou pela janela. A Base Aérea de Elmendorf ficava no Alasca e estava sujeita a um tempo horroroso no inverno, o maior inimigo de qualquer máquina fabricada pelo homem. Em consequência, os B-l estavam todos nos hangares, que os escondiam dos satélites espiões que o Japão podia ter ou não em órbita; ninguém sabia ao certo.

— Coronel, sou apenas um sargento especializado em eletrônica, mas se fosse o senhor tomaria muito cuidado. Tenho o pressentimento de que esse aparelho de radar é melhor do que se pensa.

— Tomaremos cuidado — prometeu o coronel. — Amanhã à noite teremos outro conjunto de gravações para você analisar.

— Sim, senhor.

Antes você do que eu, pensou pela segunda vez.

O USS Pasadena fora se juntar à extremidade norte da linha de patrulha, a oeste de Midway. Os submarinos podiam comunicar-se via satélite sem revelar suas posições, exceto para a PacFltSubOps.

— Essa linha não me impressiona — observou Jones, olhando para o mapa. Acabara de chegar para ver o que havia disponível no SOSUS a respeito dos movimentos navais dos japoneses, o que no momento não era muito. A melhor notícia era que o SOSUS, mesmo com o software de rastreamento mais moderno desenvolvido por Jones, não estava captando nada na linha guarnecida pelo

Olympia, Helena, Honolulu, Chicago e agora o Pasadena. — Costumávamos ter mais navios do que esses apenas para vigiar a Brecha.

— Esses são todos os submarinos nucleares disponíveis, Ron — argumentou Chambers. — Sei que não são muitos. Mesmo assim, tenho pena dos submarinos diesel japoneses que se aventurarem a romper o bloqueio.

Washington tinha sido claro em suas ordens: qualquer movimento dos navios de guerra japoneses em direção a leste não seria tolerado, e a eliminação de um dos submarinos seria provavelmente aprovada. Entretanto, o submarino americano envolvido teria primeiro que se comunicar com a base para obter autorização. Mancuso e Chambers não tinham revelado a Jones esse detalhe; não queriam irritá-lo ainda mais.

— Temos vários submarinos de reserva...

— Dezessete na Costa Oeste, para sermos exatos — observou Chambers. — Precisamos de seis meses, no mínimo, para reativá-los, sem contar o treinamento da tripulação.

Mancuso levantou os olhos.

— Espere um momento. E os meus 726? Jones olhou para ele.

— Pensei que tivessem sido desativados. O ComSubPac sacudiu a cabeça.

— Os ecologistas não deixaram. Estão sendo mantidos por tripulações reduzidas.

— São cinco — afirmou Chambers. — O Nevada, o Tennessee, o Virgínia Ocidental, o Pennsylvania e o Maryland. Vale a pena consultarmos Washington a respeito.

— Oh, sim — concordou Jones.

Os submarinos da classe 726, mais conhecida pelo nome do primeiro deles, o Ohio, já transformado em lâminas de barbear, eram muito mais lentos do que os submarinos de ataque rápido da classe 688 e também menos ágeis, mas eram silenciosos. Na verdade, mais silenciosos do que qualquer outro modelo de submarino.

\ — Wally, acha que será fácil arranjar tripulações para eles? — Não vejo por que não, almirante. Podem estar prontos para entrar em ação em uma semana... dez dias, no mais tardar, se conseguirmos falar com as pessoas certas.

— Isso é uma coisa que eu sei fazer—disse Mancuso, pegando o telefone.

O dia comercial começou na Europa Central às dez horas da manhã, hora local, o que correspondia a nove horas em Londres e quatro horas da madrugada em Nova York Nesse momento eram seis da noite em Tóquio, depois de uma semana que começara animada e terminara monótona, permitindo que as pessoas apreciassem a genialidade do golpe que haviam praticado.

Os funcionários das casas de câmbio da capital japonesa ficaram surpresos

quando as transações começaram normalmente. As bolsas entraram nas redes de computadores da mesma forma como uma loja abriria as portas aos fregueses para uma liquidação anunciada havia muito tempo. Fora anunciado que seria assim, mas ninguém acreditara. Os funcionários logo telefonaram aos supervisores a fim de pedir instruções, surpreendendo-os com as notícias chegadas de Berlim e outros centros europeus.

No escritório da FBI em Nova York, computadores ligados à rede internacional de comércio mostravam os mesmos dados que nos outros continentes. O presidente do Fed e o secretário Fiedler estavam observando atentamente os acontecimentos. Ambos tinham fones nos ouvidos, ligados através de um circuito confidencial aos colegas europeus.

O Bundesbank dera a partida, trocando quinhentos bilhões de ienes pelo equivalente em dólares no Banco de Hong Kong, uma transação muito cautelosa, apenas para testar o terreno. Hong Kong aceitara o negócio com naturalidade, esperando lucrar com o erro dos alemães. O Bundesbank era suficientemente ingênuo para imaginar que a reabertura das bolsas de valores de Nova York levaria a uma recuperação ao dólar. Fiedler viu que a transação fora executada; olhou para o presidente do Fed e piscou o olho. O passo seguinte foi dado pelos suíços, que ofereceram um trilhão de ienes pelas Obrigações do Tesouro dos Estados Unidos que ainda estavam em poder do Banco de Hong Kong. Essa transação também foi concretizada em menos de um minuto. A transação seguinte foi mais direta. O Banco Comercial de Berna comprou francos suíços de um banco japonês, pagando com ienes, mais uma transação estranha, causada por um telefonema do governo da Suíça.

Com a abertura das bolsas europeias, outras transações de vulto ocorreram. Bancos e outras instituições que haviam procurado compensar as aquisições japonesas na Europa comprando ações de empresas japonesas começaram a vendê-las, transformando de imediato a receita em ienes em outras moedas. Foi então que a primeira luz vermelha se acendeu em Tóquio. A tática dos europeus podia ser encarada como uma simples realização de lucros, mas as transações sinalizavam uma queda esperada para o iene, e uma queda considerável, e era uma noite de sexta-feira em Tóquio, com todos os mercados financeiros fechados, a não ser as casas de câmbio que trabalhavam com os mercados europeus.

— A esta altura, eles devem estar ficando nervosos — comentou Fiedler.

— Eu ficaria — afirmou Jean-Jacques, em Paris.

O que ninguém queria dizer era que a Primeira Guerra Econômica Mundial acabara de começar. Estavam todos excitados, embora os acontecimentos não correspondessem de forma alguma ao que haviam aprendido na escola.

— Sabem de uma coisa? Não tenho nenhum modelo para isto — afirmou Gant, a três metros de distância dos dois funcionários do governo.

A tática adotada pela Europa, embora ajudasse os americanos, desafiava todos os modelos de computador.

— Meu amigo, é para isso que temos uma cabeça —respondeu Winston, sem pestanejar.

Mas o que nossas bolsas vão fazer? Winston sorriu.

— Vamos descobrir daqui a... hum... daqui a umas sete horas e meia, Onde está seu senso de aventura.

— Ainda bem que alguém está gostando.

Havia regras mundiais para o câmbio. Ele era interrompido quando a desvalorização de uma moeda passava de determinado limite, mas não foi o que aconteceu naquele dia. Todos os governos da Europa tiraram o tapete de baixo do iene, os negócios não pararam, e a moeda continuou a despencar.

— Eles não podem fazer isso! — exclamou alguém em Tóquio.

Mas estavam fazendo, e ele pegou o telefone, já antecipando quais seriam suas instruções. O iene estava sendo atacado. Tinham que defendê-lo; a única forma era usar as reservas em moedas estrangeiras para fortalecer o iene e tirá-lo da mira dos especuladores. O pior era que não havia razão para aquilo. O iene estava forte, especialmente em relação ao dólar. Logo se tornaria a moeda de referência, especialmente se os mercados financeiros americanos fossem suficientemente tolos para reabrir naquele dia. Os europeus estavam cometendo um erro grosseiro; restava aos operadores japoneses aplicar sua experiência à situação e agir de acordo. A ironia do momento teria sido deliciosa se estivessem em condições de apreciá-la. A reação foi praticamente automática. Francos, franceses e suíços, libras inglesas, marcos alemães, florins holandeses e coroas dinamarquesas foram usados em grandes quantidades para comprar ienes, cujo valor relativo, todos em Tóquio sabiam, só poderia subir, especialmente se os europeus atrelassem suas moedas ao dólar.

Havia um elemento de nervosismo na operação, mas eles a executaram, obedecendo às ordens dos superiores, que naquele momento estavam saindo de casa para se dirigir aos edifícios comerciais onde eram conduzidos os negócios do mundo. Ações também foram vendidas na Europa e os pagamentos em moeda local convertidos em ienes. Mais uma vez, a expectativa era de que quando a queda das bolsas americanas recomeçasse, as moedas europeias se enfraquecessem e com elas os valores de todas as ações. A essa altura, o Japão poderia comprar uma quantidade ainda maior de ações de empresas europeias. A tática dos europeus era um caso triste de lealdade ou confiança indevida, pensaram os japoneses, mas, triste ou não, trabalhava a seu favor. Ao meio-dia,

hora de Londres, o movimento atingira grandes proporções. Os investidores individuais e pequenas instituições financeiras, observando o que os grandes haviam feito, decidiram acompanhá-los. Erradamente, pensaram os japoneses. Meio-dia em Londres correspondia a sete da manhã na Costa Leste dos Estados Unidos.

— Meus amigos — disse o presidente Durling, exatamente às 7:05, em todas as redes de TV. — Na quarta-feira à noite comuniquei à nação que as bolsas americanas seriam reabertas no dia de hoje...

— Aí vai — disse Kozo Matsuda, assistindo ao pronunciamento do presidente americano pela CNN no escritório, ao qual acabara de chegar. — Ele vai dizer que as bolsas não podem abrir, e a Europa entrará em pânico. Excelente — acrescentou, voltando-se para os assessores.

O presidente americano estava sorrindo e parecia muito confiante. Bem, um político tinha de saber representar, para mentir melhor aos cidadãos.

— Os problemas que o mercado experimentou na semana passada foram consequência de um ataque deliberado à economia americana. É a primeira vez que acontece algo semelhante e vou explicar o que aconteceu, como aconteceu e por que aconteceu. Levamos uma semana para reunir essas informações e neste exato momento o secretário do Tesouro Fiedler e o presidente do Federal Reserve Board se encontram em Nova York, trabalhando com os presidentes das grandes instituições financeiras americanas para corrigir algumas distorções.

"O que aconteceu realmente na sexta-feira passada? — perguntou Roger Durling.

Matsuda colocou o drinque sobre a mesa quando viu o primeiro gráfico aparecer na tela.

Jack observou com interesse. O segredo, como sempre, era fazer uma história muito complicada parecer simples, e essa tarefa envolvera dois professores de economia, metade da equipe pessoal de Fiedler e um diretor da Securities and Exchange Commission, todos trabalhando em colaboração com a melhor escritora de discursos do presidente. Mesmo assim, foram necessários vinte e cinco minutos e seis gráficos.

— Eu lhes disse na quarta-feira à noite que nada, absolutamente nada de grave, acontecera à nossa economia. Nenhuma propriedade foi afetada. Nenhum fazendeiro perdeu um centavo sequer. Cada um de vocês é a mesma pessoa que era há uma semana, com os mesmos talentos, a mesma casa, o mesmo emprego, a mesma família, os mesmos amigos. O que aconteceu na sexta-feira foi um ataque, não ao nosso país, mas à nossa confiança no país.

"Nossa confiança é um alvo mais difícil e mais resistente do que os outros imaginam, e é isso que estamos empenhados em provar a partir de hoje.

A maioria das pessoas que trabalhavam no mercado financeiro estava a caminho do escritório e perdeu o discurso, mas seus patrões tinham gravado tudo, e havia também cópias em todas as mesas e em todos os terminais de computador. Além disso, as bolsas só começariam a funcionar ao meio-dia, e antes disso haveria reuniões em todas as empresas para uma tomada de posição, embora ninguém soubesse exatamente o que fazer. A reação mais óbvia à situação era na verdade tão óbvia que ninguém sabia se devia adotá-la ou não.

— Estão acabando conosco — disse Matsuda, olhando para a tela. — O que podemos fazer para impedi-los? — Depende do comportamento do mercado de ações — respondeu seu operador mais antigo, sem saber o que responder e nem ao menos o que esperar.

— Acha que dará certo, Jack? — perguntou Durling. Tinha dois discursos guardados na gaveta e não sabia qual deles usaria naquela noite.

O conselheiro de Segurança Nacional deu de ombros.

— Não sei. Eles têm uma saída. Se vão usá-la ou não, é difícil dizer.

— Então, só nos resta esperar? — Exatamente.

A segunda reunião teve lugar no Departamento de Estado. O secretário Hanson conversou com Scott Adler, que depois se reuniu com o grupo de negociadores e esperou. A delegação japonesa chegou às 9:45.

— Bom dia — disse Adler.

— E um prazer revê-lo — replicou o embaixador, apertando-lhe a mão, mas com menos confiança do que no dia anterior.

Ainda não tivera tempo de receber instruções detalhadas de Tóquio, o que não era de admirar. Adler esperava que os japoneses pedissem um adiamento da reunião, mas isso teria sido um sinal de fraqueza, razão pela qual o embaixador, um diplomata experiente, se encontrava agora na mais precária de todas as posições diplomáticas: era forçado a representar o governo sem nada para apoiá-lo a não ser sua inteligência e seu conhecimento. Adler acompanhou-o até seu assento e depois voltou para o lado oposto da mesa. Como os Estados Unidos dessa vez eram os anfitriões, o Japão seria o primeiro a falar. Adler fizera uma aposta com Hanson a respeito do pronunciamento de abertura.

— Em primeiro lugar, gostaria de dizer que meu governo protesta veementemente contra o ataque à nossa moeda coordenado pelos Estados Unidos...

Está me devendo dez pratas, senhor secretário, pensou Adler, por trás de um rosto impassível.

— Senhor embaixador — replicou —, poderíamos dizer a mesma coisa em relação ao Japão. Aqui estão os dados que colhemos com relação aos acontecimentos da última semana. — Pastas apareceram sobre a mesa e foram

passadas aos diplomatas japoneses. — Preciso lhe dizer que estamos concluindo uma investigação que pode muito bem levar à prisão de Raizo Yamata por fraude e procedimento irregular.

Era uma cartada ousada, por várias razões. Mostrava tudo que os americanos sabiam a respeito do ataque a Wall Street e sugeria que ainda havia coisas a serem descobertas. Na verdade, poderia prejudicar o processo contra Yamata e seus aliados, mas isso era secundário. Adler tinha de pôr fim a uma guerra, e quanto antes, melhor. Deixaria que os rapazes do Departamento de Justiça se preocupassem com o restante.

— Seria melhor se o seu país se preocupasse com esse homem e suas ações — prosseguiu Adler, oferecendo uma saída honrosa ao embaixador e ao governo que representava. — Como hoje se pode ver, esse homem pode causar um mal maior ao seu país do que ao nosso.

"Agora, se me permite, voltaremos à questão do arquipélago das Marianas.

Como era de esperar, o duplo golpe deixara abalada a delegação japonesa. Como sempre, o mais importante ficara de fora: Sabemos o que vocês fizeram. Sabemos como fizeram. Estamos preparados para reagir. As acusações diretas tinham por objetivo esconder o verdadeiro problema dos americanos, que era a impossibilidade de uma retaliação militar no futuro próximo, mas também oferecia ao Japão a oportunidade de separar os atos do governo dos atos de alguns cidadãos. E esse, Ryan e Adler tinham concluído na noite anterior, era o melhor meio de conseguir uma solução rápida e satisfatória para o problema.

— Os Estados Unidos buscam pouco mais do que uma volta às relações normais. A evacuação imediata das Marianas nos permitirá discutir uma interpretação menos rigorosa da Lei de Reforma do Comércio. Isto, também, é algo que desejamos incluir nas negociações.

Era, provavelmente, um erro misturar tantos assuntos, pensou Adler, mas a alternativa seria prosseguir com a guerra e com o derramamento de sangue. No final da primeira sessão de negociações formais, algo interessante acontecera. Nenhum dos dois lados repetira sua posição. Tinha havido, em termos diplomáticos, uma troca livre de pontos de vista, poucos deles planejados com antecedência.

— Chris — sussurrou Adler, quando ele se levantou. — Descubra o que eles estão realmente pensando.

— Está certo — respondeu Cook.

Serviu-se de café e foi para a varanda, onde Nagumo estava junto à amurada, admirando o monumento a Lincoln.

— E uma saída honrosa, Seiji — comentou Cook — Vocês estão nos pressionando demais — afirmou Nagumo, sem se virar.

— Se estão atrás de uma oportunidade para sair desta confusão antes que mais alguém morra, esta é a melhor.

— A melhor para vocês, talvez. E os nossos interesses? — Podemos fazer um acordo comercial.

Cook não estava entendendo. Pouco versado em questões financeiras, ainda não sabia o que estava acontecendo naquele setor. Para ele, a recuperação do dólar e a proteção da economia americana eram um fato isolado. Nagumo sabia que as coisas não eram bem assim. O ataque do seu país fora anulado por um contra-ataque. O efeito não seria uma volta ao estado de coisas anterior, mas um grave prejuízo para a economia japonesa, que viria se somar aos prejuízos causados pela Lei de Reforma do Comércio. Nagumo sabia de mais uma coisa: a menos que os americanos concordassem com as exigências territoriais do Japão, a guerra seria inevitável.

— Precisamos de tempo, Christopher.

— Seiji, não há mais tempo. Escute, a imprensa ainda não sabe o que aconteceu, mas isso pode mudar a qualquer momento. Se o público descobrir, estaremos perdidos.

— Pode ser, Chris. Mas estou protegido pela imunidade diplomática; e você, não.

— Espere um momento, Seiji...

— Meu país precisa de mais do que vocês estão oferecendo — replicou Nagumo, friamente.

— Estamos oferecendo a vocês uma saída honrosa.

— Isso não é suficiente. — Agora, não havia como voltar atrás, certo? Nagumo imaginou se o embaixador compreendia isso ou não. Provavelmente não, pensou, pela forma como o velho diplomata olhava na sua direção. De repente, tudo ficou claro para ele. Yamata e seus aliados tinham levado o país a uma posição da qual não podia recuar; era difícil dizer se sabiam disso ou não desde o começo, mas agora era irrelevante. — Precisamos de algo concreto — prosseguiu — como recompensa por nossos esforços.

Cook então percebeu como fora ingênuo. Olhando para os olhos de Nagumo, compreendeu tudo. Não era propriamente crueldade, mas determinação. O assistente do subsecretário de Estado pensou no dinheiro da conta numerada, nas perguntas que teria de responder e nas possíveis explicações que daria.

No momento em que o relógio digital passou de 11:59:59 para 12:00:00, uma campainha assinalou o início dos trabalhos.

— Obrigado, H.G. Wells — murmurou um operador no pregão da Bolsa de Valores de Nova York. A máquina do tempo começara a funcionar. Pela primeira

vez na história, o chão estava limpo àquela hora do dia. Não havia uma única folha de papel fora do lugar. Os operadores, nos seus quiosques, olharam em volta e viram alguns sinais de normalidade. Os monitores estavam funcionando fazia meia hora, mostrando as mesmas cotações da semana anterior. Na verdade, era uma forma de preparar as mentes de todos para o novo dia, e todos usaram aqueles dados como referência, como um contato pessoal com algo que ao mesmo tempo era real ou não.

O discurso do presidente, cinco horas antes, fora um grande sucesso.

Todos os operadores tinham visto o pronunciamento pelo menos uma vez, seguido por uma análise do presidente da NYSE que teria deixado Knute Rockne, o famoso treinador de futebol americano, orgulhoso. Tinham uma missão naquele dia, mais importante do que seu bem-estar pessoal e que, caso fosse bem-sucedida, garantiria o futuro para eles próprios e para o restante do país. Tinham passado a manhã reconstituindo as atividades da sexta-feira anterior, de modo que cada operador conhecia exatamente sua posição. Alguns se lembravam até mesmo das transações que pretendiam fazer, mas a maioria delas se baseava em expectativas de alta, e a memória coletiva impedia-os de concretizá-las.

Lembravam-se muito bem do pânico que ocorrera na tarde da sexta-feira anterior; sabendo agora que fora artificial, não queriam que se repetisse. Além do mais, a Europa mostrara em termos inequívocos a confiança que depositava no dólar. O mercado de obrigações estava firme como rocha, e as primeiras operações do dia tinham sido para comprar Obrigações do Tesouro dos Estados Unidos e aproveitar as vantagens oferecidas pelo presidente do Fed. Essas operações serviram para aumentar a confiança dos investidores.

Durante mais de noventa segundos, de acordo com o relógio de um dos operadores, não aconteceu rigorosamente nada no pregão. Os monitores permaneciam parados. O fenômeno causou muxoxos de incredulidade entre os funcionários. Os pequenos investidores, sem saber o que esperar, quase não ligavam para as corretoras, e os que o faziam eram aconselhados a aguardar os acontecimentos. A maioria obedeceu à recomendação. Os poucos que colocaram ordens de venda foram atendidos diretamente pelas corretoras, que lançaram mão das suas reservas de ações. As grandes instituições financeiras também não estavam negociando. Cada uma delas estava esperando que as outras tomassem a iniciativa. A inatividade de um minuto e meio pareceu uma eternidade para os operadores, acostumados a um movimento frenético; quando a primeira negociação aconteceu, foi um alívio para todos.

A primeira grande transação do dia, como era de esperar, foi realizada pelo Columbus Group: uma compra maciça de ações ordinárias do Citibank.

Segundos depois, a Merrill Lynch começava a comprar ações do Chemical Bank.

— E isso aí — comentaram algumas vozes no pregão.

Fazia sentido, ou não? O Citibank era vulnerável a uma queda do dólar, mas os europeus tinham apostado em uma valorização da moeda, e isso tornava as ações do First National City Bank uma boa opção. Em consequência, o índice Dow Jones abriu em alta, desafiando as previsões dos computadores.

— É, já dá para ver a tendência do mercado — comentou outro operador.

— Estou comprando cem Manny-Hanny a seis — anunciou.

O Manufacturers Hannover, popularmente conhecido como "Manny-Hanny", seria o banco seguinte a se beneficiar com a valorização do dólar, e o operador acreditava que conseguiria vender as ações a seis e um quarto. As ações que tinham levado a bolsa a despencar na semana anterior estavam agora provocando uma alta, e pelas mesmas razões. Por estranho que parecesse, isso fazia sentido, pensaram todos. E quando o restante do mercado acompanhasse a tendência, todos sairiam lucrando.

Os monitores também mostravam as principais notícias do dia. A GM estava recontratando vinte mil operários para suas fábricas na região de Detroit, preparando-se para um aumento nas vendas de automóveis. A notícia omitia o fato de que o aumento dos efetivos levaria nove meses para ocorrer, e era resultado de um pedido das Secretarias do Comércio e do Trabalho, mas foi suficiente para aumentar o interesse pelas ações das empresas de automóveis, o que por sua vez aumentou a procura de ações de indústrias de máquinas-ferramentas. As 12:05:30, o Dow subira cinco pontos. Podia não ser muito, em comparação com a queda de quinhentos pontos verificada na semana anterior, mas parecia o Everest para as corretoras.

— Não acredito — comentou Mark Gant no Javits Federais Office Building, a alguns quarteirões de distância.

— Onde está escrito que os computadores não podem errar? — perguntou George Winston, com outro sorriso forçado.

Ele tinha suas próprias preocupações. Comprar ações do Citibank não deixara de ser um risco, mas a medida surtira o efeito desejado. Quando elas subiram três pontos, começou um lento processo de venda para realizar lucros, enquanto outras corretoras acompanhavam a tendência inicial. Isso era previsível, ou não? O rebanho precisava de um líder. Era só mostrar a tendência que eles a seguiriam. Se fosse pouco ortodoxa, tanto melhor.

— A primeira impressão é de que está funcionando — disse o presidente do Fed aos colegas europeus.

Todas as teorias diziam que daria certo, mas em momentos como aquele as pessoas não confiavam em teorias. Ele e o secretário Fiedler estavam observando

Winston, que mastigava uma caneta enquanto falava ao telefone. Podiam ouvir o que estava dizendo. Pelo menos sua voz era calma, embora a postura fosse a de um homem preparado para a luta, com todos os músculos retesados. Depois de cinco minutos, porém, ele sorriu, relaxou, voltou-se e disse alguma coisa a Gant, que se limitou a sacudir a cabeça, incrédulo, enquanto via a tela do computador fazer coisas que não julgava serem possíveis.

— Ora, ora — comentou Ryan.

— Deu certo? — perguntou Durling.

— Deixe-me colocar as coisas desta forma: se eu fosse o senhor, daria uma dúzia de rosas de presente à mulher que escreveu esse discurso e diria a ela que seu emprego está garantido até o final do seu mandato.

— Ainda é cedo para comemorar, Jack — replicou o presidente, desconfiado.

Ryan fez que sim com a cabeça.

— Sim, eu sei. Acontece que o seu discurso foi um sucesso. Os mercados podem... os mercados vão oscilar o restante do dia, mas não despencarão, como temíamos inicialmente. É tudo uma questão de confiança. O senhor restaurou a confiança do público. Isso é inegável.

— E os japoneses.

— Nós lhe oferecemos uma chance de recuar. Saberemos a resposta até o final do dia.

— E se eles não voltarem atrás? O conselheiro de Segurança Nacional pensou um pouco.

— Arranjaremos um meio de derrotá-los sem causar muitos estragos. Teremos de localizar os mísseis nucleares e acabar com essa guerra antes que ela escape de controle.

— Isso é possível? Ryan apontou para a tela.

— Não pensamos que isso fosse possível, não é mesmo?

35
CONSEQUÊNCIAS

Aconteceu em Idaho, em uma comunidade próxima da Base Aérea de Mountain Home. Um sargento que servia na base viajara para a Base Aérea de Andersen, em Guam, a fim de operar um radar de tráfego aéreo. A mulher dera à luz uma semana mais tarde e tentara ligar para ele na mesma noite, para avisar que tivera uma menina, mas descobrira que as linhas estavam interrompidas por causa de uma tempestade. Com apenas vinte anos de idade, e uma educação apenas regular, ficara muito desapontada. As linhas militares estavam todas ocupadas, explicara um oficial, de forma tão convincente, que ela fora para casa com lágrimas nos olhos. No dia seguinte, conversou com a sogra e a surpreendeu com a informação de que o marido ainda não sabia do nascimento da filha. Mesmo durante uma guerra, pensou a mãe, havia sempre um meio de fazer notícias como aquela chegarem ao seu destino. Por isso, ligou para a estação de TV local e pediu para falar com o encarregado do serviço de meteorologia, um homem muito esperto, na casa dos cinquenta, capaz de anunciar com antecedência os tornados que assolavam a região na primavera, salvando assim as vidas de muitos residentes.

O encarregado da previsão do tempo era do tipo que gosta de ser abordado nos supermercados com comentários elogiosos e tomou a pergunta como um cumprimento por sua competência profissional. Entretanto, nunca colhera informações sobre o tempo no oceano Pacífico. Isso, porém, não era difícil. Entrou em contato com o sistema de satélites da NOAA e usou um computador para retroceder no tempo e ver que tipo de tempestade assolara aquelas ilhas. Sabia que naquela época do ano não havia tufões, mas as ilhas ficavam no meio do oceano, onde as tempestades eram frequentes.

As fotos dos satélites mostravam algumas nuvens, mas o tempo em geral parecia bom. Passou-lhe pela cabeça que o oceano Pacífico, como o Arkansas, poderia estar sujeito a ventanias, mesmo com bom tempo, mas, pensando melhor, isso não lhe pareceu provável, pois essas tempestades adiabáticas resultavam principalmente de variações de temperatura e relevo, difíceis de ocorrer no mar. Conversou com um colega que trabalhara como meteorologista da Marinha e ficou ainda mais confuso. Achando que talvez a informação estivesse errada, consultou a lista telefônica e ligou para o serviço de

meteorologia da ilha Guam. Uma gravação informou que as linhas estavam interrompidas por causa de uma tempestade. Só que não houvera uma tempestade. Será que era o primeiro a descobrir? Seu próximo passo foi falar com o departamento de noticiários. Minutos depois, estavam em contato com uma das agências de notícias.

— Ryan.

— Jack, aqui é Bob Holtzman. Tenho uma pergunta para você.

— Espero que não seja sobre Wall Street — observou Jack, procurando aparentar indiferença.

— Não, é sobre Guam. Por que as linhas para lá estão interrompidas?

— Bob, você perguntou isso à companhia telefônica? — sugeriu Ryan.

— Perguntei. Eles disseram que houve uma tempestade. Acontece que essa explicação não convence, por três razões. Primeiro, não há notícias de nenhuma tempestade na região. Segundo, existe uma ligação por cabo submarino e outra via satélite. Terceiro, uma semana é muito tempo. O que está acontecendo? — perguntou o repórter.

— Quantas pessoas estão querendo saber? — No momento, só eu e uma estação de TV de Little Rock que consultou a Associated Press. Daqui a meia hora, serão outros. O que vocês estão escondendo? Será que é algum tipo de...

— Bob, por que não vem até aqui conversar comigo? — sugeriu Ryan. Você sabia que o segredo não podia durar para sempre, disse Jack para si próprio. Ela melhor ligar para Scott Adler. Mas bem que podia ter durado mais um dia...

O Yukon estava abastecendo a segunda leva de navios. Para ganhar tempo, o navio-tanque da esquadra atendia a dois contratorpedeiros ao mesmo tempo, um de cada lado, enquanto seu helicóptero transportava peças e outros suprimentos para os navios da formação, mais da metade das quais eram as peças necessárias para colocar os aviões do Ike em condições de voo. O pôr do sol ocorreria dentro de meia hora, mas as operações continuariam pela noite adentro. A força de combate de Dubro rumara para leste a toda velocidade, afastando-se da esquadra indiana, e novamente entrara em silêncio de rádio, com todos os radares desligados e as aeronaves de observação empenhadas em manobras para despistar. Entretanto, tinham perdido de vista os dois porta-aviões indianos, e enquanto os Hawkeye continuavam as buscas, Dubro se preocupava.

— Os vigias avistaram aeronaves desconhecidas aproximando-se a dois-um-cinco — comunicou uma voz pelo alto-falante.

O almirante deixou escapar uma imprecação, levantou o binóculo e olhou na direção sudoeste. Ali estavam. Dois Sea Harrier. Sabiam o que estavam fazendo. Voavam a cerca de 1.500 metros, mantendo a formação de dois aviões

usada em espetáculos aéreos e combates táticos, mantendo a altitude constante e tomando cuidado para não sobrevoar nenhum navio. Antes de passar pelo primeiro círculo de contratorpedeiros, uma dupla de Tomcats estava atrás e acima deles, pronta para abatê-los se revelassem qualquer intenção hostil. Entretanto, revelar intenção hostil significava atirar contra a frota e na guerra moderna praticamente todo disparo significava uma baixa, independentemente do que acontecesse depois com a aeronave responsável. Os Harrier passaram pela formação e foram embora. Pareciam transportar tanques de combustível suplementares e talvez uma cúpula de radar, mas nenhuma arma. Dubro sabia que o almirante Chandraskatta não era tolo. Seu adversário jogara um jogo de paciência, mantendo-se fiel à missão original e ao mesmo tempo observando a esquadra americana. O comandante da força de combate não estava nada satisfeito com a situação.

— Vamos segui-los? — perguntou o comandante Harrison, em tom neutro.

Mike Dubro sacudiu a cabeça.

— Mande um dos Hummer sobrevoar a frota e ficar de sobreaviso para os sinais de radar.

Quando Washington se convenceria de que uma confrontação era iminente?

— Senhor embaixador — disse Scott Adler, dobrando um bilhete que um assessor lhe entregara. — E provável que dentro das próximas vinte e quatro horas a ocupação das Marianas pelo Japão chegue ao conhecimento do público. Nesse ponto, a situação sairá do nosso controle. O senhor tem autoridade para negociar uma solução satisfatória...

Mas ele não tinha, como Adler começara a suspeitar, apesar das garantias em contrário. Também começara a perceber que pressionara demais o embaixador. Não que tivesse muita escolha. O caso começara fazia apenas uma semana. Na diplomacia, esse era o tempo necessário apenas para escolher o tipo de cadeira onde se sentariam os negociadores. Sob aquele aspecto, as conversações estavam condenadas ao fracasso desde o começo, mas Adler era um diplomata profissional, que jamais perdia as esperanças. Mesmo agora, ao concluir seu último pronunciamento, olhava nos olhos do embaixador em busca de algo que pudesse comunicar à Casa Branca.

— Durante nossas conversas, ouvimos falar muito das exigências dos Estados Unidos, mas nada foi dito a respeito da preocupação legítima do meu país com a segurança. Hoje, seu país atacou de forma direta e sistemática nossa estrutura financeira e econômica e...

Adler inclinou-se para a frente.

— Senhor embaixador! Há uma semana, o Japão fez o mesmo conosco, como demonstram as informações que estão à sua frente. Há uma semana, o

Japão atacou a Marinha dos Estados Unidos. Há uma semana, o Japão invadiu território americano. Por justiça, senhor, não há como criticar nossos esforços para recuperar a estabilidade econômica. — Fez uma pausa momentânea, censurando-se mentalmente pelo tom pouco diplomático do rompante, mas o caso era sério demais para sutilezas desse tipo. — Oferecemos a seu país a oportunidade de examinarmos em conjunto uma versão da Lei de Reforma do Comércio que seja aceitável para as duas partes envolvidas. Estamos dispostos a aceitar uma desculpa pelas perdas causadas à nossa Marinha. Por outro lado, exigimos a evacuação imediata das forças japonesas que ocupam hoje o arquipélago das Marianas.

Entretanto, era tarde demais para isso, como bem sabiam todos os presentes. O tempo simplesmente acabara. Adler sentiu o peso terrível da inevitabilidade. Não havia mais nada que pudesse fazer. Outros eventos e outras pessoas tinham tirado o caso de suas mãos e também das mãos do embaixador. Viu o mesmo olhar no rosto do interlocutor. Seu tom de voz era mecânico.

— Antes de responder, preciso consultar meu governo. Até então, proponho que este encontro seja suspenso.

Adler concordou com mais tristeza do que irritação.

— Como queira, senhor embaixador. Se precisar de nós, é só ligar.

— Meu Deus, vocês mantiveram isso em segredo? Como conseguiram? — perguntou Holtzman.

— Vocês estavam preocupados com outros assuntos — explicou Jack. — Além disso, sempre dependeram demais de nossas informações.

Arrependeu-se imediatamente de suas palavras; soavam como uma crítica. Deve ser a tensão, pensou.

— Mas vocês mentiram para nós a respeito dos porta-aviões e não nos contaram o que aconteceu com os submarinos! — Estamos tentando resolver este problema antes que a situação piore — afirmou o presidente Durling. — Neste exato momento, o embaixador japonês está conferenciando com o secretário de Estado.

— Vocês tiveram uma semana movimentada — reconheceu o jornalista.

— Como vai o caso Kealty? — Ele está conversando com o Departamento de Justiça e com as supostas vítimas.

— O principal era reparar os danos que os japoneses causaram nas bolsas — afirmou Ryan. — Isso foi o pior...

— Como assim? Eles mataram americanos! — protestou Holtzman.

— Bob, por que acha que a imprensa não parou de falar em Wall Street durante toda a semana? O mais preocupante em todo esse ataque foi a forma como eles paralisaram os mercados financeiros e provocaram uma queda do

dólar. Tínhamos de consertar isso primeiro.

Bob Holtzman teve de concordar.

— Como vocês conseguiram? — Puxa, foi melhor do que esperávamos! — exclamou Mark Gant.

A campainha acabara de tocar, encerrando o pregão. O Dow caíra quatro pontos e um quarto, com quatrocentos milhões de ações negociadas. O S&P 500 subira ligeiramente, o que também acontecera com o NASDAQ, porque as blue chips tinham sido mais afetadas pela tensão reinante do que as pequenas empresas. Por outro lado, o mercado de obrigações ia bem, e o dólar estava estável. O iene, por outro lado, sofrerá uma grande queda em relação a todas as moedas ocidentais.

— As mudanças nas obrigações vão fazer as bolsas caírem na próxima semana — afirmou Winston, enxugando o suor do rosto e agradecendo à Providência pela sua sorte. Os temores residuais fariam as pessoas procurarem locais mais seguros para seu dinheiro, embora a valorização do dólar contribuísse para amenizar o efeito.

— Na próxima semana? — repetiu Gant. — Pode ser. Não tenho tanta certeza. Muitas ações ainda estão cotadas abaixo do que valem.

— Sua ideia de comprar Citibank foi brilhante — afirmou o presidente do Fed, sentando-se ao lado dos dois.

— Eles não mereciam a queda que tiveram semana passada, e todos sabiam disso. Fui apenas o primeiro a comprar — replicou Winston, modestamente. — Além disso, ganhamos dinheiro com a transação.

Procurou não atribuir muita importância ao fato. Apenas usara de psicologia; fizera algo ao mesmo tempo lógico e inesperado para iniciar uma breve tendência e depois auferira os lucros. Era um negócio como qualquer outro.

— Tem ideia de como o Columbus se saiu hoje? — perguntou o secretário Fiedler.

— Devemos ter ganhado uns dez — respondeu Gant, querendo dizer dez milhões de dólares, um lucro bem razoável nas atuais circunstâncias. -Vamos nos sair melhor na próxima semana.

Um agente do FBI apareceu.

— A DTC ligou. Estão registrando normalmente todas as transações. Esta parte do sistema parece ter voltado ao normal.

— E Chuck Searls? — quis saber Winston.

— Revistamos seu apartamento e encontramos dois folhetos sobre a Nova Caledônia, uma ilha do Pacífico que pertence à França. Pedimos aos franceses que o procurassem.

— Querem um conselho? — Sr. Winston, estamos sempre interessados em bons conselhos -respondeu o agente, com um sorriso. O clima da sala era contagioso.

— Procurem também em outros lugares.

— Já estamos fazendo isso.

— Sim, Buzz? — disse o presidente ao telefone. Ryan, Holtzman e dois agentes do Serviço Secreto viram o SALTADOR fechar os olhos e deixar escapar um longo suspiro. Estava recebendo relatórios de Wall Street a tarde inteira, mas não acreditou até ouvir a notícia dos lábios do secretário Fiedler.

— Obrigado, meu amigo. Por favor, diga a todos que eu... que fico muito agradecido. Até logo. — Durling colocou o fone no gancho. — Jack, você é a pessoa certa para ter por perto quando se tem de enfrentar uma tempestade.

— Obrigado.

— Então está tudo resolvido? — perguntou Holztman, interpretando erroneamente as palavras de Durling.

Ryan se encarregou de responder.

— Ainda não sabemos.

— Mas...

— O incidente com os porta-aviões foi explicado como um acidente, e não saberemos o que realmente aconteceu com os submarinos até examinarmos os cascos. Eles estão a quatro mil e quinhentos metros de profundidade. — Jack se detestou por estar dizendo aquilo, mas estavam em guerra, e guerra era uma coisa que se tentava evitar. Se fosse possível, acrescentou mentalmente. — Ainda há uma chance de que tudo seja explicado como apenas um mal-entendido.

— E você está me contando? — Isso o deixa em uma posição difícil, não é? — perguntou Jack. — Na verdade, a escolha é simples, Bob. Ou nos ajuda a manter as coisas em segredo ou põe tudo a perder. Bem-vindo ao clube, Sr. Holtzman.

— Escute, Ryan, eu não posso...

— Claro que pode. Já fez isso antes.

Jack notou que o presidente se mantinha à margem da conversa, limitando-se a escutar. Talvez não quisesse se comprometer com a posição de Ryan, mas talvez, também, estivesse gostando do que via. E Holtzman parecia disposto a colaborar.

— O que isso significa? — perguntou Goto.

— Significa que eles estão blefando — afirmou Yamata. Significa que nosso país precisa de liderança, teve vontade de dizer. — Eles não podem tomar as ilhas de volta. Não têm recursos para nos atacar. Podem ter resolvido

temporariamente seus problemas financeiros, mas a Europa e a América não podem passar sem nós indefinidamente, e quando perceberem isso estarão à nossa mercê. Ainda não entendeu? Estamos lutando pela nossa independência'. Quando conseguirmos isso, tudo mudará.

— E no momento? — No momento, nada mudou. As novas leis de comércio americanas teriam um efeito devastador sobre nossa economia. Assim, pelo menos conseguiremos algo em troca e teremos a oportunidade de decidir sobre nosso próprio destino.

Era isso que os outros não entendiam, pensou Yamata. Seu país podia fabricar os produtos que quisesse, mas enquanto precisasse dos mercados mais do que os mercados precisavam dele, as leis do comércio podiam arrasá-lo de uma hora para outra. Eram sempre os americanos. Sempre eles, levando a guerra russo-japonesa a um final prematuro, contrariando as ambições expansionistas do Japão, permitindo que sua economia se expandisse apenas para cortar-lhe as asas no momento certo. Já haviam feito isso três vezes, as mesmas pessoas que haviam assassinado sua família. Será que eles não viam? Agora o Japão revidara, mas a timidez ainda impedia as pessoas de enxergar a realidade. Yamata tinha de se controlar para não demonstrar o que sentia em relação àquele homem mesquinho e tolo. A verdade era que precisava de Goto, embora o primeiro-ministro fosse tolo o suficiente para não perceber que tinham entrado em um caminho sem retorno.

— Tem certeza de que eles não podem... retaliar? — perguntou Goto, depois de pensar um pouco.

— Hiroshi, é como venho lhe dizendo há vários meses. Não podemos deixar de vencer... a menos que nos recusemos a lutar.

— Eu gostaria que pudéssemos usar esse sistema para fazer nossos levantamentos.

A beleza daquelas imagens não estava nas fotografias isoladas mas nos pares de fotografias, em geral tiradas pela mesma câmara com uns poucos segundos de intervalo, que eram transmitidos dos satélites para as estações terrestres de Sunnyvale e Fort Belvoir. Observações ao vivo eram ótimas para despertar a imaginação dos congressistas ou contar objetos em situações de emergência. Para trabalhos sérios, os especialistas usavam fotografias, dispostas em pares e observadas através de um estereoscópio, melhor do que a vista humana para conferir às imagens uma qualidade tridimensional. Era quase tão satisfatório quanto sobrevoar a região de helicóptero. Talvez ainda melhor, pensou o funcionário da AMTRAK, porque você podia ver as fotos na ordem desejada.

— Esses satélites custaram rios de dinheiro — observou Betsy Fleming.

— Eu sei. O equivalente ao nosso orçamento anual, não é? Esta aqui é interessante.

Um grupo de especialistas em interpretação de imagens estava analisando todas as fotos, naturalmente, mas a verdade era que a CIA e o NRO tinham deixado de se interessar pelos aspectos técnicos da construção de ferrovias há muito tempo. Localizar composições isoladas carregadas com tanques ou mísseis era uma coisa; o problema que estamos tentando resolver é outro bem diferente.

— Interessante por quê? — A linha do Shin-Kansen é uma linha comercial. Este trecho provavelmente será deficitário. Talvez possam abrir um túnel aqui — prosseguiu, manipulando as fotos. — Talvez possam estender os trilhos até esta cidade... mas se fosse eu, passaria pelo outro lado e economizaria bastante dinheiro. Só se for um desvio para fazer a manutenção da linha principal.

— Hein? O técnico nem levantou os olhos do estereoscópio.

— Um lugar para estacionar vagões de serviço, limpa-neves, esse tipo de equipamento. A localização parece adequada para esse fim. Mas acontece que a linha está vazia.

A resolução das fotos era simplesmente fantástica. Tinham sido tomadas por volta do meio-dia, hora local, e dava para ver o reflexo no sol nos trilhos. O técnico calculou que a largura dos trilhos estava no limite de resolução das câmaras, um fato interessante que não estava autorizado a revelar a ninguém. Os dormentes eram feitos de concreto, como no restante da linha do trem-bala, e a qualidade do trabalho era de fazer inveja a qualquer engenheiro. O técnico levantou os olhos com relutância.

— Não pode ser uma linha comercial. As curvas estão todas erradas. A velocidade não pode passar de cinquenta quilômetros por hora e os trens-bala viajam a mais de cento e cinquenta. O mais engraçado, porém, é que a linha desaparece de repente.

— É mesmo? — perguntou Betsy.

— Veja você mesma. — O técnico levantou-se para deixar que a Sra. Fleming usasse o estereoscópio. Pegou um mapa da região para se localizar melhor. — Sabe, quando Hill e Stevens construíram a Great Northern... — Betsy não estava interessada.

— Chris, venha dar uma olhada nisto aqui. O técnico levantou os olhos do mapa.

— Oh. O caminhão? Não sei de que cor os japoneses pintam os...

— De verde é que não é.

O tempo em geral trabalhava a favor da diplomacia, mas não era o que estava acontecendo naquele caso, pensou Adler ao entrar na Casa Branca. Conhecia o caminho e tinha um agente do Serviço Secreto para guiá-lo, caso se

perdesse. O subsecretário de Estado ficou surpreso ao ver um repórter na Sala Oval e mais ainda quando permitiram que ficasse.

— Pode falar — disse Ryan.

Scott Adler respirou fundo e começou seu relatório.

— Eles não querem recuar um milímetro. O embaixador não parece satisfeito com a situação. Acho que se limita a obedecer às instruções de Tóquio, e isso me deixa preocupado. Chris Cook acredita que eles estão dispostos a nos devolver Guam, contanto que seja desmilitarizada, mas querem conservar as outras ilhas. Acenei para eles com um possível abrandamento da LRC, mas eles não esboçaram nenhuma reação. — Fez uma pausa antes de prosseguir. — Não vai funcionar. Podemos continuar durante uma semana ou durante um mês, mas não vai funcionar. A verdade é que não fazem ideia da gravidade da situação. Não conseguem separar os aspectos econômicos dos militares. Não compreendem que passaram dos limites e não admitem a necessidade de recuar.

— Está dizendo que não há como evitar a guerra — observou Holtzman, para deixar as coisas bem claras.

Sentiu-se um pouco estúpido por ter feito o comentário, sem notar que todos os presentes também estavam perplexos. Adler fez que sim com a cabeça.

— Infelizmente, é o que parece.

— O que vamos fazer? — O que você acha? — perguntou o presidente Durling.

O comandante Dutch Claggett nunca esperara se ver naquela situação. Promovido várias vezes por merecimento depois de se formar na Academia Naval dos Estados Unidos, fazia vinte e três anos, sua carreira na Marinha sofrerá um golpe fatal a bordo do USS Maine, quando, no posto de oficial executivo, fora um dos responsáveis pela primeira e única perda de um submarino americano equipado com mísseis balísticos. A ironia estava no fato de que a ambição de sua vida tinha sido comandar um submarino nuclear, mas o comando do Tennessee já não significava nada para ele; considerava-a apenas como mais uma linha no currículo para quando se reformasse. Sua missão oficial era transportar mísseis balísticos Trident-II, mas os mísseis não existiam mais, e a única razão pela qual o submarino ainda não fora desativado era porque o movimento ecológico local protestara na justiça contra o desmonte e o juiz, que pertencia havia muitos anos ao Sierra Club, concordara com os argumentos dos ecologistas; o processo estava sendo agora apreciado pelo Tribunal de Apelação. Claggett estava no comando do Tennessee havia nove meses, mas a única vez que movimentara o submarino tinha sido para transferi-lo de um lado do cais para o outro. Não era bem assim que esperava que terminasse sua carreira. Podia ser pior, pensou consigo mesmo, na privacidade da cabina. Poderia estar morto,

como tantos outros tripulantes do USS Maine.

Mesmo assim, o Tennessee era todo seu (não precisava nem mesmo dividi-lo com um segundo comandante) e estava no comando de um vaso de guerra; sua tripulação reduzida de oitenta e cinco homens praticava todo dia, porque era assim que tinha de ser, mesmo em uma embarcação amarrada no cais. O reator, apelidado pelos operadores de Companhia de Luz e Força do Tennessee, era ligado pelo menos uma vez por semana. Os operadores de sonar usavam fitas gravadas para ensaiar operações de detecção e rastreamento, e outros tripulantes operavam todos os sistemas de bordo, até o único torpedo Mark 48 de que dispunham. Tinha de ser assim. Afinal, os outros tripulantes não estavam encostados como Claggett, e tinham de se manter em forma, porque a qualquer momento poderiam ser transferidos para um submarino em atividade.

— Mensagem do SubPac, comandante — anunciou um ordenança, com uma prancheta na mão.

Claggett recebeu a mensagem e assinou o recibo. Preparar para partir o mais cedo possível.

— O que está acontecendo? — perguntou às paredes. Então percebeu que a mensagem não podia ter sido transmitida diretamente de Pearl, mas devia ter passado primeiro pelo Grupo. Pegou o telefone e discou para o SubPac. — Almirante Mancuso, por favor. Aqui é o Tennessee.

— Dutch? Qual é o estado do seu submarino? — perguntou Bart Mancuso, sem rodeios.

— Está tudo funcionando, almirante. Fizemos nosso ESOR há duas semanas sem nenhum problema.

Claggett estava se referindo ao Exame das Salvaguardas Operacionais do Reator, que ainda era o Santo Graal da Marinha Nuclear, mesmo no caso de embarcações que em breve seriam transformadas em lâminas de barbear.

— Eu sei. De quanto tempo precisa? — perguntou Mancuso. O tom seco da pergunta parecia coisa do passado.

— Ainda falta carregar alimentos e torpedos. Também vamos precisar de mais trinta tripulantes.

— Quais são suas deficiências? Claggett pensou por um momento. Seus oficiais eram relativamente jovens, mas isso não era grave, porque podia contar com muitos suboficiais experientes.

— Não consigo pensar em nenhuma. Minha tripulação está bem treinada.

— Isso é ótimo. Dutch, estou preparando as ordens para vocês partirem assim que for possível. O Grupo está sendo montado neste exato momento. Esteja preparado para passar noventa dias no mar.

— Sim, senhor.

Depois que o almirante desligou, Claggett convocou os chefes de departamento para uma reunião na praça-d'armas. A reunião ainda não começara quando o telefone tornou a tocar. Era do comando do Grupo, perguntando quais as necessidades exatas de Claggett em termos de tripulação.

— Sua casa tem uma bela vista. Está à venda? Oreza sacudiu a cabeça.

— Não, não está — disse ao homem que batera à porta.

— Talvez devesse pensar no assunto. É pescador, não é?

— Sou, sim. Tenho um barco de aluguel...

— Eu sei. — O homem olhou em volta, admirando tamanho e localização do que era na verdade uma casa bastante comum pelos padrões americanos. Manuel e Isabel Oreza haviam-na comprado fazia cinco anos, pouco antes que o custo das propriedades em Saipan disparasse. — Posso fazer uma boa oferta por ela — acrescentou.

— Onde eu iria morar? — perguntou Portuga.

— Mais de um milhão de dólares — insistiu o homem. Curiosamente, a proposta deixou Oreza irritado. Afinal, a casa ainda estava hipotecada, e todo mês pagava a prestação (na verdade, era a mulher que pagava, mas isso não vinha ao caso). O típico ritual americano de arrancar um cupom do talão, preencher um cheque, enfiar os dois papéis em um envelope impresso e colocar o envelope no correio no primeiro dia do mês... aquela sequência de operações servia para lembrá-los de que possuíam sua primeira casa depois de passarem mais de trinta anos morando em propriedades do governo. A casa era deles.

— Meu amigo, a casa é minha, entende? Moro aqui e gosto daqui.

O homem podia ser insistente, mas era também educado. Entregou-lhe um cartão.

— Eu sei. Desculpe o incômodo. Gostaria que ligasse para mim depois de pensar na minha oferta — concluiu, dirigindo-se para a casa ao lado.

— Que coisa estranha... — murmurou Oreza, fechando a porta.

— O que foi? — perguntou Pete Burroughs.

— Um cara está disposto a pagar um milhão de dólares pela minha casa.

— A vista é bonita — observou Burroughs. — Na costa da Califórnia, você conseguiria um bom preço por ela, mas bem menos do que um milhão. O mercado imobiliário local deve estar bem aquecido.

— Um milhão de dólares? E aquela tinha sido apenas a primeira oferta, pensou Oreza. O homem estacionara o Toyota Land Cruiser no final da rua e estava indo de casa em casa, obviamente à procura de alguém disposto a vender sua propriedade.

— Oh, ele pode ter uma oferta ainda maior, ou talvez esteja pretendendo

alugá-la.

— Mas onde iríamos arranjar outra casa?

— Talvez isso não seja necessário — respondeu Burroughs. — Aposto que eles dariam a vocês duas passagens de primeira classe para os Estados Unidos como brinde. Pense no assunto — sugeriu o engenheiro.

— Isso é muito interessante — disse Robby Jackson. — Mais alguma novidade?

— Não, senhor. As coisas estão voltando ao... as coisas estão normais, a não ser pela presença dos soldados.

— Algum problema?

— Não, senhor. Os mesmos navios de suprimentos, os mesmos navios-tanque, nada mudou. O tráfego aéreo diminuiu bastante. Os soldados não deixaram a ilha, mas quase não aparecem mais. Ainda existem muitas florestas por aqui. Devem estar acampados fora das cidades. Não posso sair para procurá-los, o senhor entende?

— Entendo. Fique calmo, sargento. Obrigado pelo relatório. Agora preciso voltar ao trabalho.

— Está bem, almirante.

Jackson fez algumas anotações. Deveria ter entregado o caso a um subordinado, mas Oreza parecia satisfeito ao ouvir uma voz familiar do outro lado, e de qualquer forma as conversas estavam sendo gravadas para o pessoal da inteligência.

A verdade, porém, era que ele estava muito ocupado. Naquela noite, a Força Aérea estaria sondando novamente as defesas aéreas japonesas. A linha de patrulhamento dos submarinos nucleares seria deslocada mais cento e cinquenta quilômetros para oeste, e os técnicos recolheriam grande quantidade de informações, principalmente dos satélites espiões. O Enterprise estava para chegar a Pearl Harbor a qualquer momento. Havia dois grupos de esquadrilhas na Estação Aeronaval de Barbers Point, mas nenhum porta-aviões para transportá-las. A 25Divisão de Infantaria do Exército ainda estava no Quartel de Schofield, a alguns quilômetros de distância, mas também não havia navios para transportar os soldados. O mesmo acontecia com a Primeira Divisão de Fuzileiros de Camp Pendleton, Califórnia. Na última vez em que os americanos tinham desembarcado nas Marianas, em 15 de junho de 1944, como se dera ao trabalho de descobrir, contavam com 535 navios e 127.571 soldados. Todos os navios da Marinha dos Estados Unidos, somados a todos os navios mercantes de bandeira americana, não chegariam nem perto do primeiro número; o Exército e os Fuzileiros, juntos, teriam dificuldade para encontrar um número suficiente de

soldados de infantaria para igualar o segundo. A Quinta Esquadra do almirante Ray Spruance, que não existia mais, contara com nada menos do que quinze porta-aviões rápidos. A Esquadra do Pacífico agora não tinha nenhum. Cinco divisões tinham sido empregadas na missão de retomar as ilhas, apoiadas por mais de mil aeronaves táticas, encouraçados, cruzadores, contratorpedeiros...

E você é o felizardo que tem de formular um plano para recuperar as Marianas. De que jeito? Não podemos enfrentá-los na base da força, pensou Jackson. Os japoneses estavam bem entrincheirados nas ilhas e contavam com um excelente armamento, quase todo projetado nos Estados Unidos. A maior complicação era a presença de civis. Os "nativos", todos cidadãos americanos, eram quase cinquenta mil, a maioria dos quais morava em Saipan; qualquer plano que sacrificasse muitos desses civis em nome da libertação seria um peso que sua consciência não estava preparada para suportar. Era um tipo de guerra totalmente novo, com um novo conjunto de regras, poucas das quais compreendia bem. Entretanto, as questões centrais permaneciam as mesmas. O inimigo tomou algo que nos pertence e temos de tomá-lo de volta ou os Estados Unidos são serão mais uma grande potência. Jackson não passara toda a vida adulta de uniforme para assistir a esse tipo de vexame. Além do mais, o que diria ao primeiro-sargento Manuel Oreza? Não podemos enfrentá-los na base da força. Os Estados Unidos não tinham mais a capacidade de deslocar um grande exército, a não ser de uma base para outra. Na verdade, não dispunham nem de um grande exército para deslocar nem de uma marinha para deslocá-lo. Também não dispunham de bases avançadas para apoiar uma invasão. Ou será que dispunham? Os Estados Unidos ainda ocupavam a maior parte das ilhas do Pacífico Ocidental e todas dispunham de algum tipo de pista aérea. Os aviões modernos tinham uma grande autonomia e podiam ser reabastecidos em pleno ar. Os navios podiam permanecer no mar quase indefinidamente, uma técnica que fora introduzida pela Marinha dos Estados Unidos havia mais de oitenta anos e consideravelmente facilitada pela energia nuclear. Mais importante ainda era o fato de que a tecnologia de armamentos evoluíra de forma considerável. Não era mais necessário usar tacapes; agora havia espadas. E fotografias tiradas por satélites. Saipan. Era lá que a guerra seria decidida. Saipan era a chave para o arquipélago. Jackson pegou o telefone.

— Ryan.

— Robby. Jack, até que ponto temos liberdade de ação?

— Não podemos matar muita gente. Não estamos em 1945 — afirmou o conselheiro de Segurança Nacional. — E o inimigo dispõe de mísseis nucleares.

— Ouvi dizer que estamos à procura deles e sei que serão nosso primeiro alvo se conseguirmos encontrá-los. E se não conseguirmos?

— Temos de conseguir — replicou Ryan. Temos?, pensou. Segundo as informações disponíveis, esses mísseis estavam nas mãos de Hiroshi Goto, um homem de inteligência limitada e que detestava os Estados Unidos. Mais importante ainda era o fato de que não confiava na sua capacidade de prever as atitudes do homem. O que parecia irracional a Ryan poderia parecer razoável para Goto e para as pessoas que o aconselhavam, entre as quais estava provavelmente Raizo Yamata, que começara toda a história e cujas motivações pessoais eram simplesmente desconhecidas. — Robby, temos de colocá-los fora de combate e para fazê-lo, sim, você tem carta branca. Deixarei isso bem claro com o CSFA — acrescentou, referindo-se ao Chefe Supremo das Forças Armadas, o termo que o Pentágono usava para designar o presidente dos Estados Unidos.

— O que me diz de armas nucleares? — perguntou Jackson.

Fazia parte do seu trabalho pensar em todas as possibilidades, por mais assustadoras que fossem.

— Rob, não queremos recorrer a elas a não ser em último caso, mas está autorizado a planejar seu uso.

— Acabo de receber um telefonema de um amigo em Saipan. Parece que alguém ofereceu uma fortuna pela casa dele.

— Parece que eles vão realizar eleições, como um referendo para a ocupação militar. Se conseguirem tirar americanos da ilha ganharão alguns votos, não acha? — Não queremos que isso aconteça, não é?

— Não, não queremos. Preciso de um plano, Rob.

— Vamos preparar um para você — prometeu o segundo em comando do J-3.

Durling apareceu de novo na TV às nove horas da noite, hora de Nova York. Os boatos já começavam a circular. Depois das notícias sobre Wall Street, os repórteres tinham feito referências confusas ao acidente com os porta-aviões na semana anterior e a negociações urgentes entre o Japão e os Estados Unidos com relação ao arquipélago das Marianas, onde, observaram, as comunicações estavam interrompidas devido a uma suposta tempestade. Eles se sentiam muito pouco à vontade ao falar de um assunto sobre o qual conheciam tão pouco. Àquela altura, os correspondentes em Washington estavam trocando informações, surpresos por terem deixado escapar algo tão importante. Essa surpresa transformou-se em indignação com o governo por ter mantido os fatos em segredo. Entrevistas coletivas, que começaram às oito, ajudaram a amenizar um pouco a situação. Sim, o importante era o que estava acontecendo em Wall Street Sim, isso tinha uma influência muito mais direta sobre o bem-estar das famílias americanas do que a situação em ilhas que a maioria das pessoas nem

sabia onde ficavam. Mas não, o governo não tinha o direito de manter a imprensa à parte em relação aos acontecimentos. Alguns, porém, reconheceram que a Primeira Emenda garantia o direito de investigar os fatos, não de ser informado a respeito deles. Outros compreenderam que o governo estava tentando pôr um fim à disputa sem derramamento de sangue, o que ajudou a acalmá-los, mas não totalmente.

— Meus amigos — começou Durling, pela segunda vez no dia, e ficou logo evidente que, ao contrário do que sucedera com os eventos da tarde, as notícias da noite seriam desagradáveis.

Foi exatamente o que aconteceu.

Existe algo na inevitabilidade que ofende a natureza humana. O homem é uma criatura cheia de inventividade e esperança, virtudes que se baseiam na ideia de que as coisas podem ser mudadas. Entretanto, o homem também é uma criatura passível de erros, e esses erros às vezes tornam inevitáveis justamente o que se pretendia evitar.

Os quatro bombardeiros B-1B Lancer estavam agora a oitocentos quilômetros do litoral, novamente em uma linha situada a leste de Tóquio. Dessa vez, rumaram direto para oeste e reduziram a altitude. Os oficiais de guerra eletrônica a bordo das aeronaves agora sabiam bem mais do que na antevéspera. Pelo menos, podiam fazer as perguntas certas. Usando informações adicionais, colhidas por satélites, tinham determinado a localização de todos os radares de defesa aérea do país e sabiam que eles podiam ser iludidos. A parte mais importante da missão daquela noite era avaliar a capacidade dos E-767, e isso exigia mais cautela.

O B-1B fora remodelado várias vezes desde a década de 1970. Agora estava mais lento, mas também se tornara ainda menos visível. Visto de frente, o Lancer tinha uma seção reta para o radar, ou SRR, de um pássaro de grande porte, ao contrário do B-2A, que tinha a SP\R de um pardal tentando se esconder de um falcão. Também era muito veloz em baixa altitude, sempre a melhor forma de evitar um confronto quando atacado, como era intenção das tripulações. A missão para aquela noite consistiria em "cutucar" as aeronaves de patrulha, esperar que reagissem eletronicamente, dar meia-volta e retornar a Elmendorf com melhores dados, a partir dos quais pudessem formular um plano de ataque. As tripulações tinham se esquecido apenas de uma coisa: a temperatura do ar era de -0,5' C numa extremidade da aeronave e 2" C na outra.

O Kami-dois estava voando cento e cinquenta quilômetros a leste de Choshi, seguindo uma linha precisa norte-sul a oitocentos quilômetros por hora. A cada quinze minutos, o avião invertia o curso. Estava patrulhando aquela região fazia sete horas e seria substituído ao amanhecer. Os homens estavam

cansados mas alerta; a missão ainda não se tornara suficientemente rotineira para entorpecer-lhes os sentidos.

O problema real era técnico, e deixava os operadores muito frustrados. O radar, embora muito sofisticado, estava se revelando menos eficiente do que gostariam. Projetado para tornar possível a detecção de aviões invisíveis, atingia esse objetivo, possivelmente (ainda não tinham certeza), através de várias pequenas inovações. O radar em si tinha uma potência elevada; além disso, como se baseava em dispositivos semicondutores, era ao mesmo tempo muito preciso e extremamente confiável: As melhorias internas incluíam circuitos receptores resfriados com nitrogênio líquido, que ofereciam uma sensibilidade quatro vezes maior, e um software de processamento de sinais que não deixava escapar quase nada. Aquele era o maior problema. Os monitores do radar eram tubos de TV que mostravam uma imagem gerada por computador chamada de "raster-scan" em lugar da imagem rotativa usada desde a invenção do radar na década de 1930. O software fora desenvolvido para mostrar qualquer coisa que produzisse um eco, e com a potência e a sensibilidade para as quais o aparelho estava ajustado no momento, podia detectar alvos irrelevantes, como pássaros migratórios, por exemplo. Os engenheiros de software tinham programado um limiar de velocidade para ignorar qualquer coisa que se movesse a menos de cento e trinta quilômetros por hora, caso contrário o radar começaria a rastrear carros nas estradas a oeste, mas o software examinava todos os ecos antes de decidir se deviam ou não ser mostrados ao operador. Quando algum sinal era detectado em duas posições próximas com alguns segundos de intervalo, era considerado como uma provável aeronave. Assim, por exemplo, dois albatrozes voando a um quilômetro de distância um do outro podiam ser confundidos pelo computador com um único avião. Isso estava deixando loucos os operadores e com eles os pilotos dos dois caças Eagle que voavam trinta quilômetros de cada lado do avião de reconhecimento. O resultado do problema de software era uma irritação que já se transformara em impaciência. Além do mais, o sistema era tão sensível, que o movimento de aviões comerciais podia ser facilmente interpretado como uma esquadrilha de bombardeiros. Pelo menos, o Kami-um, um pouco mais ao norte, estava cuidando do problema, classificando e descartando os voos comerciais.

— Contato, um-zero-um, quatrocentos quilômetros — disse um dos operadores de radar pelo intercomunicador. — Altitude, trezentos metros... descendo. Velocidade, oitocentos quilômetros por hora.

— Outro pássaro? — perguntou o coronel que comandava a missão, de mau humor.

— Negativo... desta vez, o sinal está firme.

Outro aviador com a patente de coronel empurrou o manche para a frente a fim de baixar o nariz do bombardeiro. O piloto automático agora estava desligado. Para dentro e para fora, pensou, olhando para o céu à sua frente.

— Lá está nosso amigo — disse um dos OGE. — Marcação dois-oito-um. Automaticamente, piloto e copiloto olharam para a direita. Não viram nada, o que não era de surpreender. O copiloto olhou de novo para a frente. Em voos noturnos, era melhor não tirar o olho dos instrumentos. A falta de referências externas aumentava o risco de uma vertigem, a perda de orientação espacial que todos os aviadores temiam. Pareciam estar se aproximando de algumas nuvens. Seus olhos examinaram o indicador de temperatura externa. Dois graus positivos, o que era bom. Se a temperatura caísse mais uns dois ou três graus, poderia começar a se formar gelo, e o B-l, como a maioria das aeronaves militares, não contava com nenhum dispositivo de aquecimento das superfícies externas. Bem, a missão era eletrônica, e não visual, e as nuvens não prejudicariam o funcionamento do radar.

Entretanto, as nuvens estavam carregadas de umidade, e o copiloto esquecera-se de que o medidor de temperatura estava localizado no nariz; a cauda ficava bem mais alta. A temperatura ali era de menos -0,5 °C e começou a se formar uma camada de gelo no leme do bombardeiro. Não era suficiente para ser percebida nos controles, mas alterava sutilmente a forma da aeronave, cuja baixa seção reta para o radar dependia de tolerâncias milimétricas.

— É um contato firme — disse o operador de radar do Kami-dois. Usou os controles para rastrear o alvo, transmitindo os sinais para o monitor do coronel. — Posso estar captando outro agora.

— Estou vendo.

O coronel observou que o alvo parará de descer e estava rumando diretamente para Tóquio. Não podia ser um avião de passageiros. Não usava o transponder. O curso estava errado. A altitude estava errada. A velocidade estava errada. Tinha de ser um inimigo. Depois de chegar a essa conclusão, mandou os dois caças atrás dele.

— Posso repetir o sinal...

— Não — ordenou o coronel pelo intercomunicador.

Os dois caças F-15J tinham acabado de encher os tanques e estavam bem localizados para interceptar o alvo. Os símbolos alfanuméricos nos monitores do Kami mostraram que estavam próximos, e a bordo dos caças os pilotos podiam ver a mesma imagem e não precisavam ligar seus radares de rastreamento. Viajando a uma velocidade de mil quilômetros por hora em direção a um alvo que também se movia à mesma velocidade, não podiam levar muito tempo para encontrá-lo.

Ao mesmo tempo, uma mensagem foi transmitida ao quartel-general regional de defesa aérea, e logo muitas pessoas estavam assistindo ao espetáculo eletrônico. Havia agora três aeronaves, dispostas como se estivessem se preparando para atacar. Se fossem bombardeiros B-l, todos sabiam, podiam estar transportando bombas ou mísseis de cruzeiro, que poderiam lançar a qualquer momento. Isso criou um problema para o comandante de defesa aérea, e a hora tardia não ajudava em nada. Suas instruções não eram suficientemente precisas, e não havia ninguém acordado em Tóquio para aconselhá-lo. Mas os alvos estavam dentro da Zona de Identificação da Defesa Aérea, eram provavelmente bombardeiros inimigos, e portanto... o quê?, perguntou-se o general. Para começar, mandou que os caças se separassem, cada um se dirigindo para um alvo diferente. Tudo estava acontecendo depressa demais. Poderia ter feito muitas outras coisas, mas eram bombardeiros inimigos, estavam muito próximos e não havia tempo a perder.

— Estamos captando sinais em excesso? — perguntou o piloto.

Ele pretendia não se aproximar a menos de cento e cinquenta quilômetros do avião de patrulha e já estava planejando a rota de fuga.

— Negativo, senhor. Estou captando uma varredura a cada seis segundos, mas ninguém ainda apontou o feixe para nós.

— Acho que assim eles não conseguem nos ver — observou o piloto.

— Se conseguirem, sempre podemos sair correndo — disse o copiloto, torcendo para que sua confiança não fosse infundada.

Os caças não podiam perseguir os bombardeiros. Estavam acima das nuvens, e atravessá-las, naquelas circunstâncias, seria muito arriscado. A ordem deixou os pilotos frustrados, depois de todos os treinamentos e uma longa noite de patrulha. O Kami-dois mudou de frequência e dirigiu o feixe para os três contatos.

— O sinal mudou — informou o OGE, logo depois. — Estou captando uma rápida sequência de pulsos na banda Ku.

— Provavelmente, eles acabam de nos ver.

Isso fazia sentido, ou não? Assim que descobrissem um alvo, tentariam rastreá-lo. Isso lhe daria um pouco mais de tempo. Continuaria em frente por alguns minutos, pensou o coronel, só para ver o que acontecia.

— Ele não mudou de rumo — informou o operador de radar.

Devia ter voltado imediatamente, não devia?, pensaram todos a bordo. Só podia haver uma razão para que não o fizesse, e a ordem resultante era óbvia. O Kami-dois mudou outra vez de frequência, passando para o modo de controle de tiro, e um caça Eagle lançou dois mísseis guiados por radar. Ao norte, outro Eagle ainda estava fora do alcance do alvo, mas o piloto aumentou a velocidade

para corrigir isso.

— Alguém disparou um míssil contra nós!

— Desviando para a esquerda.

O coronel empurrou o manche e aumentou a potência dos motores, mergulhando em direção ao mar. Uma série de granadas luminosas, misturadas com folhas de alumínio, emergiu da cauda do bombardeiro. Elas pararam quase de imediato no ar gelado e ficaram flutuando, praticamente imóveis. O sofisticado radar a bordo do E-767 identificou as folhas de alumínio e ignorou-as, apontando o fino feixe do radar para o bombardeiro, o único alvo que ainda estava se movendo. Tudo que o míssil tinha a fazer era segui-lo. Todos os anos de trabalho no projeto do sistema agora estavam rendendo frutos; os operadores pensaram consigo mesmos a respeito da ironia da situação. O sistema fora planejado para protegê-los dos russos, não dos americanos.

— Não consigo despistá-lo.

O OGE experimentou usar a interferência ativa, mas o feixe de radar que estava martelando a fuselagem de alumínio do Lancer tinha uma potência de dois milhões de watts, e o dispositivo de interferência não conseguiu despistá-lo. A aeronave descreveu uma série de manobras em parafuso. Eles não sabiam onde estavam os mísseis e podiam fazer apenas o que dizia o manual, mas o manual, como perceberam um pouco tarde demais, não previra aquele tipo de adversário. Quando o primeiro míssil explodiu ao tocar a asa direita, estavam próximos demais da água para usar os assentos ejetáveis.

O segundo B-l teve mais sorte. Sofreu um impacto que inutilizou dois motores, mas mesmo com a potência reduzida à metade conseguiu se afastar da costa japonesa, enquanto os tripulantes torciam para conseguir chegar a Shemya antes que algum componente vital se desprendesse da aeronave de cem milhões de dólares. Os outros aviões também se retiraram, esperando que alguém pudesse lhes explicar o que acontecera de errado.

O mais importante era que outro ato hostil fora cometido, mais quatro homens estavam mortos, e seria ainda mais difícil para os dois lados voltar atrás de uma guerra ainda sem regras.

36
CONSIDERAÇÃO

Não fora realmente uma surpresa, pensou Ryan, mas isso não serviria de

consolo para as famílias dos quatro oficiais da Força Aérea. O que deveria ser uma missão simples, sem grandes riscos, terminara em tragédia, revelando ao mesmo tempo que o Japão dispunha da melhor defesa aérea do mundo. Para destruírem os mísseis intercontinentais, teriam de vencê-la. Havia uma pilha de documentos sobre sua mesa. Relatórios da NASA a respeito do SS-19. Dados sobre os voos de teste. Estimativas da capacidade dos mísseis. Cálculos a respeito das ogivas. Na verdade, não passavam de simples palpites. Gostaria de contar com mais do que isso, mas as informações da inteligência eram assim mesmo. Nunca se dispunha de dados suficientes para tomar uma decisão bem fundamentada, de modo que o remédio era tomar uma decisão mal fundamentada e rezar para que os palpites estivessem corretos. Foi um alívio, no momento em que a UTS-6 começou a tocar.

— Olá, MP. Alguma novidade?

— Koga quer se encontrar conosco — afirmou a Sra. Foley, sem mais delongas. — Parece que não está satisfeito com os últimos acontecimentos. Mesmo assim, é um risco — acrescentou.

Seria muito mais fácil se eu não conhecesse esses dois, pensou Ryan.

— Aprovado — foi o que disse. — Precisamos de todas as informações que pudermos conseguir. Temos de saber quem é que realmente está tomando as decisões no Japão.

— Tudo indica que não seja o governo. É a única explicação para o fato de o RVS não ter sido informado com antecedência. De modo que a pergunta óbvia é...

— E a resposta a essa pergunta é sim, Mary Pat.

— Alguém terá de assinar embaixo, Jack — declarou a vice-diretora de operações.

— Alguém vai assinar — prometeu o conselheiro de Segurança Nacional.

Ele era assistente do adido comercial, um jovem diplomata, de apenas vinte e cinco anos de idade, raramente convidado para eventos importantes; quando o era, limitava-se a circular como um pajem do passado, servindo ao chefe, indo buscar drinques e de modo geral parecendo uma pessoa insignificante. Era um agente secreto, é claro, e estava havia pouco tempo no emprego. Sua tarefa era recolher encomendas a caminho da embaixada sempre que os sinais apropriados estavam presentes, como aconteceu naquela manhã, um domingo em Tóquio. A tarefa significava um desafio à criatividade, porque tinha de fazer o que era planejado parecer casual e agir de cada vez de forma diferente, mas não tão diferente a ponto de despertar suspeitas. Era apenas seu segundo ano como espião, mas já começava a pensar como as pessoas conseguiam permanecer

naquele trabalho por muito tempo sem perder a razão.

Ali estava. Uma lata de refrigerante, no caso uma lata vermelha de Coca-Cola, jogada na rua entre a roda traseira esquerda de um Nissan e o meio-fio, vinte metros à frente, bem no lugar indicado. Não podia estar ali havia muito tempo; caso contrário, alguém já a teria recolhido e jogado na cesta de lixo mais próxima. Ele admirava a limpeza de Tóquio e o orgulho cívico que simbolizava. Na verdade, admirava quase tudo naquele povo educado e trabalhador, mas isso servia apenas para deixá-lo preocupado quanto à eficiência do serviço de contraespionagem para o qual trabalhava. Bem, pelo menos contava com o disfarce de diplomata e não tinha nada a temer a não ser uma mancha em uma carreira que podia abandonar assim que quisesse: o trabalho na embaixada lhe ensinara muita coisa a respeito de negócios. Abriu caminho entre os transeuntes, curvou-se e pegou a lata de refrigerante. O fundo era côncavo; removeu rapidamente o objeto preso com fita adesiva e jogou a lata na cesta de lixo da esquina antes de dobrar à esquerda e se dirigir para a embaixada. Acabara de completar mais uma missão importante, embora aparentemente não tivesse feito mais do que zelar pela limpeza de uma das cidades mais limpas do mundo. Dois anos de treinamento, pensou, para acabar como lixeiro. Talvez em alguns anos pudesse recrutar seus próprios agentes. Assim, não precisaria sujar as mãos.

Depois de entrar na embaixada, foi direto ao escritório do major Scherenko para entregar-lhe a encomenda antes de começar o trabalho do dia.

Boris Scherenko estava mais ocupado do que nunca. Sua posição deveria ser a de um tranquilo espião industrial, aprendendo técnicas que seu país pudesse copiar com facilidade, mais um burocrata do que um aventureiro. A perda da rede CARDO de Oleg Lyalin fora uma catástrofe profissional que vinha tentando corrigir fazia algum tempo sem muito sucesso. Lyalin, o traidor, tinha sido um mestre na arte de se insinuar em operações comerciais, enquanto ele próprio usava a tática mais convencional de se infiltrar nos órgãos do governo japonês, e seus esforços para repetir o sucesso do primeiro estavam começando a dar frutos quando sua missão tomara um rumo totalmente imprevisto, um rumo tão surpreendente para ele quanto a situação atual estava sem dúvida se revelando para os americanos, que haviam sido tão duramente golpeados pelos antigos aliados. Apenas mais um truísmo que os americanos tinham esquecido: não se pode confiar em ninguém.

Pelo menos o pacote que acabava de receber não tinha mistérios: dois negativos de filme preto e branco de trinta e cinco milímetros. Era só remover o invólucro de papel cinzento, o que levou alguns minutos. Por mais sofisticado que fosse o órgão para o qual trabalhava, as missões de espionagem eram muitas vezes tão monótonas quanto montar um brinquedo de criança. Naquele caso,

usou um canivete e uma lâmpada de mesa para desembalar o filme e quase se cortou no processo. Montou os dois negativos em molduras de papelão, que introduziu, uma de cada vez, em um visor de transparências. A tarefa seguinte foi copiar os dados para um pedaço de papel, outro trabalho tedioso. Mas valia a pena, como logo percebeu. Os dados teriam de ser confirmados por outras fontes, mas a notícia que traziam era excelente.

— Lá estão seus dois vagões — afirmou o técnico da AMTRAK. Era um lugar tão óbvio, que tinham levado um dia para encontrá-lo. Os dois vagões-plataforma maiores do que o normal estavam na base de lançamento de Yoshinobu, e ao lado deles havia três invólucros de foguetes SS-19/H-l 1, abandonados no pátio. — Este pode ser mais um, apenas com a ponta para fora do edifício.

— Tem de haver mais do que dois vagões, não acha? — perguntou Chris Scott.

— Acho — respondeu Betsy Fleming. — Mas este pode ser apenas um dos lugares que eles escolheram para guardá-los.

— O outro pode ser a fábrica — propôs Scott.

No momento, esperavam as informações do radar. O único satélite KH-12 em órbita estava se aproximando do Japão e fora do programado para examinar de perto um certo vale. As informações visuais já haviam fornecido uma pista importante. Cinquenta metros de trilhos daquele ramal tinham desaparecido entre uma das passagens do KH-1 1 e a seguinte. As fotografias mostravam as torres metálicas normalmente usadas para sustentar a rede elétrica, só que não havia fios pendurados nas torres. Era provável que tivessem instalado as torres para fazer o desvio parecer normal aos passageiros dos trens-bala.

— Seria melhor não terem feito nada... — comentou o técnico da AMTRAK, olhando novamente para as fotos do satélite.

— É verdade — concordou Betsy, consultando o relógio. Alguém estava pendurando redes de camuflagem nas torres. Os passageiros de trem não perceberiam nada, e nem eles teriam percebido, se não dispusessem de dois conjuntos de fotografias tiradas em diferentes ocasiões. — Se você fosse responsável por esta tarefa, o que faria em seguida? — Pela tarefa de camuflar os mísseis? Essa é fácil — afirmou o técnico. — Trataria de providenciar alguns vagões de conserto de trilhos. Isso explicaria a falta daquele trecho. Eles já deviam ter feito isso havia muito tempo. As pessoas cometem esse tipo de erro o tempo todo? — Não é o primeiro — respondeu Scott.

— E agora, o que estão esperando? — perguntou o homem.

— Você verá.

Lançado em órbita oito anos antes pelo ônibus espacial Atlantis, o satélite KH-12, fabricado pela TRW, excedera em muito a vida prevista, como acontecia com muitos produtos daquela empresa, que a Força Aérea chamava de TR-Wonderful. Entretanto, o combustível de que o satélite de reconhecimento por radar necessitava para manobrar estava totalmente esgotado; era preciso esperar que chegasse ao local desejado e torcer para que a altitude fosse a mais apropriada para a missão.

O satélite era um cilindro com mais de dez metros de comprimento e imensos painéis solares para alimentar o radar, que operava na banda Ku. Com o passar dos anos, a radiação intensa danificara as células solares, de modo que só era possível ligá-lo por alguns minutos em cada órbita. Os controladores de terra tinham esperado o que parecia ser um longo tempo por aquela oportunidade. O satélite passava sobre a região de noroeste para sudeste, apenas a seis graus da vertical, o que lhes permitia observar o fundo do vale. Já sabiam muita coisa sobre o local. A história geológica era clara. Um rio, agora bloqueado por uma represa hidrelétrica, cavara uma garganta profunda. Naquele ponto, mais parecia um desfiladeiro do que um vale; as encostas abruptas tinham sido o principal fator para a escolha. Os mísseis podiam ser lançados verticalmente, mas os mísseis inimigos seriam impedidos de atingi-los pelas montanhas a leste e oeste. Não fazia diferença de quem fossem os mísseis. A forma e orientação do vale teriam o mesmo efeito sobre mísseis russos ou americanos. Outra vantagem era que o fundo do vale constituía-se de rocha sólida; cada silo dispunha de uma proteção natural. Por todos esses motivos, Scott e Betsy tinham empenhado sua reputação profissional ao recomendar que o vale fosse investigado pelo KH-1Z.

— Está quase na hora, Betsy — afirmou Scott, olhando para o relógio da parede.

— O que esperam ver? — perguntou o técnico da AMTRAK.

— Se estiverem lá, não deixaremos de detectá-los. Tem acompanhado a tecnologia espacial? — perguntou Betsy.

— Está falando com um fã de Jornada nas Estrelas.

— Na década de 1980, a NASA colocou em satélite desses em órbita, e a primeira coisa que ele obteve foi uma imagem do delta do Nilo, mostrando os aquíferos subterrâneos que se comunicam com o mar Mediterrâneo. Fizemos um mapa deles.

— Como fizeram com os canais de irrigação no México, abertos pelos maias, se não me engano. O que está tentando me dizer? — perguntou o técnico da AMTRAK.

— Que fizemos isso para mostrar aos russos que não podiam esconder os silos dos nossos satélites. Eles entenderam o recado — explicou a Sra. Fleming.

Nesse momento, o fax começou a funcionar. Os sinais do KH-12 tinham sido transmitidos a um satélite em órbita geoestacionária acima do oceano Índico, e desse satélite para o continente americano. Os sinais ainda não tinham sido processados em computador mas serviriam para um primeiro exame. Scott tirou a primeira imagem da máquina e a colocou em cima da mesa, debaixo de uma luz forte, ao lado de uma fotografia do mesmo local.

— Diga-me o que está vendo.

— Muito bem. Aqui está a linha principal... oh, esta coisa pega apenas os dormentes. Os trilhos são estreitos demais, não são?

— Isso mesmo.

Betsy localizou o desvio. Os dormentes de concreto tinham quinze centímetros de largura e produziam uma imagem nítida para o radar, que parecia uma linha tracejada.

— Ela se estende até quase o final do vale, não é? — O técnico da AMTRAK estava quase com o rosto encostado no papel, apontando com a caneta. — Quantas curvas! O que são essas coisas? — perguntou, mostrando uma série de círculos brancos.

Scott colocou uma pequena régua sobre a folha de papel.

— Betsy?

— Usaram um sistema de alta densidade. Deve ter custado uma fortuna.

— Belo trabalho — murmurou Scott. A linha era sinuosa, e a cada duzentos metros havia um silo a menos de três metros de distância dos dormentes.

— Tudo foi muito bem planejado.

— Não estou entendendo.

— Trata-se de um sistema de alta densidade — afirmou a Sra. Fleming.

— Isso quer dizer que se tentarmos bombardear o vale, a primeira explosão vai jogar tanto detrito para o ar, que os mísseis seguintes ficarão desorientados.

— Isso quer dizer que não podemos usar armas nucleares para neutralizar todos os silos — completou Scott.

— Agora me diga o que está vendo — ordenou.

— Este é um desvio que não faz nenhum sentido do ponto de vista comercial. Não leva a parte alguma. É longo demais para ser uma linha de serviço. Usa bitola padrão, provavelmente para aumentar a capacidade de carga.

— E está sendo camuflado — concluiu Betsy, já pensando nas palavras que usaria no relatório. — Chris, encontramos o lugar.

— Mas só estou vendo dez silos. Ainda faltam dez.

Era difícil pensar nisso como uma vantagem, mas o enxugamento da Marinha resultara em excesso de pessoal, de modo que não foi difícil arranjar

mais trinta e sete homens. Com isso, a tripulação do Tennessee aumentou para cento e vinte pessoas, trinta e sete a menos do que a tripulação normal de um submarino da classe Ohio, mas um número que Dutch Claggett considerava aceitável. Afinal, não precisaria dos técnicos em mísseis.

A tripulação teria uma alta proporção de suboficiais, outro problema sem grande importância, pensou o comandante, de pé no convés, observando os homens carregarem as provisões à luz de possantes luminárias. O reator já estava em funcionamento. Naquele exato momento, o oficial de engenharia estava realizando um treinamento. Perto da proa, um torpedo ADCAP Mark 48, pintado de verde, estava sendo introduzido na escotilha de carregamento de armas, sob os olhos atentos de um especialista. Pretendiam levar apenas dezesseis torpedos, mas esperava que esse número fosse suficiente para a missão que tinham em vista. Pensou no Asheville e no Charlotte. Fora amigo de alguns tripulantes dos dois submarinos, e se Washington o autorizasse, talvez tivesse a chance de vingar a morte deles.

Um carro estacionou ao lado do submarino, e um suboficial saltou com uma valise de metal na mão. Subiu a bordo, abrindo caminho entre os tripulantes, e desceu por uma escotilha.

— E o novo software para o sonar — informou o imediato. — Aquele que estão usando para rastrear baleias.

— Quanto tempo levarão para carregá-lo?

— Apenas alguns minutos, penso eu.

— Quero estar pronto para partir antes do amanhecer.

— Não haverá problema. Nossa primeira parada será em Pearl? Claggett fez que sim com a cabeça e apontou para os outros submarinos da classe Ohio, que também estavam sendo abastecidos.

— E quero ser o primeiro a chegar lá.

Não era uma visão agradável. O Johnnie Reb estava apoiado em blocos de madeira e se projetava acima do piso da doca seca, como se fosse um imenso edifício. O comandante Sanchez tinha ido ver de perto os reparos e estava acompanhado pelo comandante do navio. Enquanto olhavam, um guindaste removeu os restos do hélice número três. Operários e engenheiros com seus capacetes multicoloridos afastaram-se e depois se aproximaram novamente da popa, avaliando as avarias. Outro guindaste começou a retirar o eixo número quatro. Teve de ser puxado horizontalmente para trás, depois que a parte dianteira foi desconectada do restante do sistema.

— Filhos da mãe — murmurou o comandante.

— Vamos consertá-lo — observou Sanchez.

— Mas o conserto levará quatro meses, no mínimo — acrescentou o

comandante.

Simplesmente não tinham as peças necessárias para realizar o conserto em um tempo mais curto. O maior problema, previsivelmente, eram as engrenagens redutoras. Teriam de fabricar seis conjuntos completos de engrenagens, e isso levava tempo. Todo o sistema de propulsão do Enterprise sofrerá avaria; os esforços para levar o navio para águas seguras o mais depressa possível tinham danificado o único sistema de engrenagens que talvez tivesse conserto. No caso do Enterprise, o conserto levaria no mínimo seis meses, e isso se o empreiteiro conseguisse organizar três turnos de trabalho. Os outros reparos eram relativamente simples.

— Quanto tempo levarão para consertar o eixo número um? — perguntou Sanchez.

O comandante deu de ombros.

— Não mais do que dois ou três dias.

Sanchez hesitou antes de fazer a pergunta seguinte. Devia saber a resposta e tinha medo de parecer estúpido... oh, que diferença fazia? Tinha de ir a Barbers Point de qualquer maneira. Além disso, as únicas perguntas estúpidas, como sempre dissera, eram aquelas que você deixava de fazer.

— Almirante, desculpe a pergunta, mas qual a velocidade que ele pode atingir com apenas dois eixos?

Ryan se surpreendeu desejando que a Sociedade da Terra Plana estivesse certa. Nesse caso, o mundo teria apenas um fuso horário. Do jeito como as coisas eram, as Marianas estavam quinze horas à frente, o Japão quatorze, Moscou oito. Os principais mercados financeiros da Europa Ocidental estavam cinco ou seis horas à frente, dependendo do país. O Havaí estava cinco horas atrás. O conselheiro de Segurança Nacional tinha contatos em todos esses lugares; era difícil lembrar-se de quem estava acordado e quem estava dormindo. Resmungou consigo mesmo na cama, lembrando-se com saudade da confusão que sempre sentia nos voos internacionais. Naquele exato momento, coisas estavam acontecendo em outros lugares; era melhor dormir para estar preparado para lidar com elas quando o sol voltasse à parte do mundo onde vivia e trabalhava. Entretanto, o sono não vinha, e tudo que via era o teto de madeira do quarto.

— Alguma ideia? — perguntou Cathy. Jack fez um muxoxo.

— Eu devia ter ficado no mercado financeiro.

— Quem estaria cuidando do país? Um longo suspiro.

— Outra pessoa.

— Não tão bem, Jack — afirmou a esposa.

— Tem razão — admitiu Ryan.

— Como acha que as pessoas vão reagir a esta situação?

— Não sei. Não sei nem mesmo como eu estou reagindo. As coisas não deviam ser assim. Estamos metidos numa guerra que não faz o menor sentido. Acabamos com os últimos mísseis nucleares há dez dias, e agora eles estão de volta, apontados para nós, e não temos nenhum para apontar para eles. Se não pararmos logo com isso... não sei não, Cathy.

— Passar a noite em claro não ajudará em nada.

— E o que dá ser casado com uma médica. — Ryan sorriu. — Meu bem, pelo menos você nos evitou um problema.

— Como consegui isso?

— Sendo esperta.

Usando a cabeça o tempo todo, pensou Ryan. A esposa não fazia nada sem pensar primeiro. Trabalhava muito devagar, pelos padrões da profissão. Talvez isso fosse normal para alguém que estava explorando as fronteiras do conhecimento, sempre observando, planejando e analisando (como um bom espião, na verdade) e então, quando tudo estava previsto e calculado, zap com o laser. Sim, essa era uma boa forma de trabalhar, não era?

— Acho que eles aprenderam uma lição — afirmou Yamata.

Uma aeronave de salvamento recolhera dois corpos e alguns pedaços do bombardeiro americano. Os corpos seriam tratados com dignidade. Os nomes tinham sido enviados a Washington através da embaixada do Japão, e no devido tempo os restos mortais seriam devolvidos. Mostrar piedade era a coisa mais acertada a fazer, por muitas razões. Um dia os Estados Unidos e o Japão seriam novamente amigos, e Yamata não queria estragar essa possibilidade. Também não era bom para os negócios.

— O embaixador comunicou que eles não cederam um milímetro — observou Goto, depois de pensar por um momento.

— Ainda não tiveram tempo de avaliar sua posição e a nossa.

— Será que conseguirão pôr em ordem seu sistema financeiro?

Yamata franziu a testa. — Talvez. Mesmo assim, terão de enfrentar grandes dificuldades. Ainda precisam comprar de nós, ainda precisam nos vender... e não podem nos vencer militarmente, como quatro dos seus aviadores, possivelmente oito, acabam de descobrir. — As coisas não tinham acontecido exatamente de acordo com os planos, mas desde quando elas aconteciam? — Precisamos mostrar que os residentes de Saipan preferem ser governados por nós. Isso fará com que a opinião mundial fique do nosso lado e esfriará consideravelmente a situação.

Até o momento, pensou Yamata, as coisas estavam correndo bem. Os Estados Unidos tão cedo não tentariam aproximar-se de novo do arquipélago do Japão. No momento não tinham poder militar suficiente para retomar as Marianas, e antes que o tivessem, bem, o Japão poderia contar com um novo aliado, e talvez até mesmo uma nova liderança política...

— Não, não estou sendo vigiado — assegurou-lhes Koga.

— Como repórter... não, você sabe que isso não é verdade, não sabe? — perguntou Clark.

— Sei que é um agente secreto. Sei que Kimura tem mantido contato com vocês.

Estavam em uma agradável casa de chá perto do rio Ara. Ao lado havia uma pista de regatas, construída para a olimpíada de 1964. Também havia uma delegacia de polícia nas vizinhanças, lembrou John. Por que, pensou, sempre temera se envolver com a polícia? Nas circunstâncias, só lhe restava admitir a gravidade da situação em que se encontrava.

— Nesse caso, Koga-san, estamos a sua mercê.

— Presumo que os chefes de vocês estejam a par dos acontecimentos. De todos os acontecimentos — acrescentou, com ar de nojo. — Também falei com os meus contatos.

— A Sibéria — disse Clark, em tom lacônico.

— A Sibéria — repetiu Koga. — Isso é parte do problema. O ódio que Yamata-san sente pelos Estados Unidos também é parte de problema, mas não tem nenhuma lógica.

— Não estamos aqui para discutir a reação dos Estados Unidos, mas posso lhe assegurar que meu país não aceitará de forma passiva que seu território seja invadido — afirmou John, calmamente.

— Mesmo que a China esteja envolvida? — perguntou Kimura.

— Especialmente se a China estiver envolvida — disse Chavez, apenas para que os outros soubessem que estava ali. — Imagino que conheçam história tão bem como eu.

— Temo pelo meu país. A época de aventuras como esta já passou há muito tempo, mas as pessoas que... sabem como as decisões são tomadas aqui? A vontade do povo não é considerada. Tentei mudar isso. Tentei acabar com a corrupção.

Clark estava pensando furiosamente, tentando decidir se o homem estava sendo sincero ou não.

— Nos Estados Unidos tivemos problemas semelhantes, como deve saber. A questão é a seguinte: o que faremos agora? A aflição do homem era evidente.

— Não sei. Pedi para falar com vocês na esperança de que o governo americano entenda que nem todos aqui são insanos.

— Não deve se considerar um traidor, Koga-san — disse Clark, depois de pensar por um momento. — Claro que não é. O que pode fazer um homem quando percebe que o governo do seu país está agindo de maneira errada? Está muito certo em pensar que as consequências das atitudes recentemente tomadas pelo Japão podem ser bastante sérias. Meu país não tem tempo nem energia para gastar em conflitos, mas, se sentir que é a única solução, não hesitará em agir. Agora preciso lhe fazer uma pergunta.

— Sim, eu sei.

Koga olhou para a mesa. Pensou em estender a mão para o copo, mas teve medo de que sua mão tremesse.

— Vai cooperar conosco para evitar que isso aconteça? Esta é uma missão para alguém muito mais graduado do que eu, pensou John, mas estava ali e seus superiores não.

— O que quer que eu faça?

— Não saberia lhe dizer exatamente o que, mas pretendo consultar meu governo a respeito. Pelo menos, vamos precisar de informações e de sua influência política. O senhor ainda é respeitado nos círculos do governo. Tem amigos e aliados na Dieta. Não lhe pedirei que faça uso deles levianamente. São muito valiosos para serem desperdiçados.

— Posso falar contra esta loucura. Posso...

— O senhor pode fazer muitas coisas, Koga-san, mas por favor, pelo bem do seu país e do meu, não faça nada sem antes pensar nas consequências. — Minha próxima carreira, pensou Clark. Conselheiro político. — Então concorda conosco que o mais importante é evitar uma guerra?

— Hai.

— Qualquer idiota pode começar uma guerra — afirmou Chavez, agradecendo à Providência pelo curso de mestrado. — Entretanto, é preciso um sábio para evitá-la.

— Vou escutar seus conselhos. Não prometo que seguirei a todos, mas vou escutar.

Clark fez que sim com a cabeça.

— Isso é tudo que podemos pedir.

O restante do encontro foi mera formalidade. Não seria prudente tornarem a se reunir; Kimura cuidaria das mensagens dali em diante. Clark e Chavez saíram primeiro e foram a pé para o hotel. Era muito diferente de lidar com Mohammed Abdul Corp. Koga era honesto, inteligente, e queria fazer a coisa certa, mesmo que pudesse ser acusado de traição. Entretanto, John percebeu que suas palavras

não tinham sido ditas apenas com o objetivo de convencer o ex-primeiro-ministro. Chegava um certo ponto em que a política de governo se tornava uma questão de consciência, e sentia-se aliviado porque aquele homem parecia ter uma.

— Escotilhas fechadas — anunciou o chefe do barco do seu posto no canto dianteiro esquerdo do centro de ataque. Como era costume, o suboficial mais antigo a bordo era responsável pela verificação. Todas as aberturas do casco estavam hermeticamente fechadas, e os círculos vermelhos no mapa de mergulho tinham sido substituídos por linhas horizontais. — Pressurizar.

— Todos os sistemas verificados. Estamos prontos para mergulhar — anunciou o OD.

— Certo, vamos descer. Iniciar mergulho. Profundidade trinta metros. Claggett olhou em volta, examinando primeiro as escotilhas e depois os tripulantes. O Tennessee não mergulhava fazia mais de um ano; o mesmo se podia dizer da tripulação. Enquanto o oficial de quarto dava os comandos apropriados, procurou sinais de nervosismo nos rostos dos tripulantes. Era normal que alguns dos jovens sacudissem a cabeça, lembrando a si próprios que eram submarinistas, afinal, e deviam estar acostumados àquele tipo de situação. O ruído do ar escapando não deixava margem a dúvidas. O Tennessee assumiu uma inclinação de cinco graus. Durante os minutos seguintes, o submarino seria examinado da proa à popa, para garantir que a embarcação estava bem equilibrada e todos os sistemas de bordo funcionavam corretamente, como os testes e inspeções realizados até o momento haviam sugerido. O processo levou meia hora. Claggett poderia ter sido mais rápido, e da próxima vez certamente seria, mas no momento era importante que todos se sentissem à vontade.

— Sr. Shaw, leme à esquerda, novo curso dois-um-zero.

— Sim, senhor. Leme dez graus à esquerda, novo curso dois-um-zero — repetiu o timoneiro, colocando o submarino do curso planejado.

— Em frente a toda força — ordenou Claggett — Em frente a toda força.

A toda força, o hélice principal imprimia ao Tennessee uma velocidade de vinte e seis nós. Na verdade, podia-se conseguir mais quatro nós usando também o hélice auxiliar. Era um fato pouco conhecido que alguém cometera um engano com os submarinos da classe Ohio. Projetados para uma velocidade máxima de pouco mais de vinte e seis nós, os primeiros testes a toda força com o protótipo da classe tinham revelado uma velocidade máxima de vinte e nove nós, e os modelos mais recentes eram ainda mais velozes. Bem, pensou Claggett com um sorriso, a Marinha dos Estados Unidos nunca simpatizara muito com embarcações lentas; tinham menos chance de escapar do combate.

— Até agora, tudo bem — comentou Claggett com o OD.

O tenente Shaw fez que sim com a cabeça. Mais um oficial prestes a sair da Marinha, fora convocado para ser o navegador. Como já servira com Claggett, aceitara participar da missão.

— Está respondendo como deve, comandante.

— Temos economizado bastantes neutrons ultimamente.

— Qual é a missão?

— Ainda não sei ao certo, pelo visto, este é o maior submarino de ataque rápido jamais fabricado — observou Claggett. — Hora de lançar o sonar.

— Então faça isso, Sr. Shaw.

Um minuto depois, o comprido conjunto de sonar foi lançado à água. Mesmo em alta velocidade, o sistema logo começou a enviar sinais para o operador, localizado na parte dianteira do centro de ataque. O Tennessee estava agora viajando à velocidade máxima e aumentando a profundidade para duzentos e quarenta metros. O aumento da pressão da água eliminou a possibilidade de que o sofisticado sistema do hélice produzisse ruídos de cavitação. O sistema de resfriamento do reator não usava bombas capazes de gerar ruídos. As linhas aerodinâmicas da embarcação tornavam sua passagem pela água praticamente silenciosa. No interior, os tripulantes usavam sapatos de sola de borracha. As turbinas estavam montadas em plataformas ligadas ao casco por molas para isolar e desacoplar os sons do sistema de propulsão. Projetados para não produzir nenhum tipo de ruído e conhecidos universalmente, até mesmo na comunidade de ataque rápido, como "buracos negros", os submarinos daquela classe eram de fato a embarcação mais silenciosa jamais projetada pelo homem. Embora grandes, relativamente lentos e desajeitados, o Tennessee e seus irmãos ainda eram imbatíveis quanto àquele importante parâmetro de desempenho. Até mesmo as baleias tinham dificuldade para perceber sua presença.

Força contra força, pensou Robby Jackson mais uma vez. Se isso era impossível, o que fazer? — Ora, se essa guerra não pode ser uma luta de pesos-pesados, que seja um jogo de pôquer — disse para si mesmo, sozinho do escritório.

Levantou os olhos, surpreso, mas percebeu que ouvira apenas as próprias palavras, ditas em voz alta. Não era muito profissional sentir ódio, mas o contra-almirante Jackson se permitiu essa emoção. O inimigo (era o termo que estava usando agora) tinha o desplante de pensar que ele e seus colegas do J-3 eram incapazes de desenvolver uma estratégia adequada para combatê-los. Para eles, tratava-se de uma questão de espaço, tempo e poder militar. O espaço era medido em milhares de quilômetros; o tempo, em meses e anos; o poder militar,

em divisões e esquadras.

E se estivessem enganados?, perguntou-se Jackson.

A distância entre Shemya e Tóquio era de 3.200 quilômetros. Entre Elmendorf e Tóquio, de mais 1.600. Mas o espaço era tempo. Tempo para eles representava o número de meses ou anos necessários para reconstruir uma marinha capaz de fazer o que fizera em 1944, mas isso não estava sendo cogitado e portanto era irrelevante. E o poder militar não era tudo que se possuía, apenas o que conseguia usar contra o inimigo. O restante era desperdício de energia, ou não? Mais importante ainda era a impressão causada ao inimigo. O inimigo tinha uma tendência a avaliar os outros de acordo com seus próprios parâmetros. Ele definia guerra nos seus termos e se os Estados Unidos aceitassem esses termos, estariam condenados à derrota. Assim, sua tarefa mais importante constituía-se em definir um novo conjunto de regras. E pretendia fazê-lo, pensou Jackson. Foi por onde começou, em uma folha de papel sem pauta, consultando frequentemente o mapa-múndi pendurado na parede.

O encarregado do turno da noite na CIA era um homem esperto, pensou Ryan. Esperto o suficiente para saber que uma informação recebida às três da madrugada podia esperar até as seis, coisa rara na comunidade de inteligência e pela qual se sentia imensamente grato. Os russos tinham transmitido o despacho para a *rezidentura* de Washington e dali fora transportado por um mensageiro até a CIA. Jack imaginou o que haviam pensado os guardas uniformizados da CIA quando o agente russo atravessou o portão. Dali, o despacho tinha seguido para a Casa Branca, e o correio estava esperando por Ryan na antessala quando ele chegou.

"Segundo nossas fontes, existem nove (9) foguetes 'H-ll' em Yoshino-bu. Outro míssil está ainda na fábrica, sendo usado em testes de uma futura modificação estrutural. Com isso, restam dez (10) ou onze (11) foguetes, mais provavelmente a primeira hipótese, em local desconhecido. Boas novas, Ivan Emmetovich. Presumo que os satélites de vocês estejam bastante ocupados. Os nossos, pelo menos, estão. Golovko." — Sim, eles estão, Sergey Nikolayevich — murmurou Ryan, abrindo a segunda mensagem entregue pelo correio. — Estão, sim.

Aí vai, pensou Sanchez.

O AirPac era um vice-almirante, e estava tão mal-humorado quanto todos os outros oficiais da Base Naval de Pearl Harbor. Responsável por todas as aeronaves navais e porta-aviões a oeste de Nevada, devia ter sido o principal comandante americano na guerra que começara fazia alguns dias, mas além de

não poder dizer o que queria aos seus dois porta-aviões que navegavam no oceano Índico, podia ver os outros dois porta-aviões a poucos metros de distância, nas docas secas. E pelo visto permaneceriam ali por vários meses, como a reportagem da CNN estava deixando claro naquele momento para os espectadores do mundo inteiro.

— O que desejam? — perguntou o AirPac aos visitantes.

— Está planejando alguma missão no Pacífico Ocidental? — perguntou Sanchez.

— Não tão cedo.

— Posso ir para lá em menos de dez dias — anunciou o comandante do Johnnie Reb.

— É mesmo? — perguntou o AirPac, mal-humorado.

— O eixo número um está bom. Se consertarmos o número quatro, poderemos fazer vinte e nove, talvez trinta nós. Mais ainda, possivelmente. Nos testes com dois eixos, os hélices dos outros dois estavam no lugar. Se o arraste desses dois for eliminado, poderemos chegar a trinta e dois.

— Continue falando — disse o AirPac.

— Nossa primeira missão tem de ser eliminar as aeronaves inimigas, certo? — disse Sanchez. — Para isso, não preciso de Hoovers nem de Intruders. O Johnnie Reb pode levar quatro esquadrilhas de Tomcats e mais quatro de Hornets, além dos VAQ de Robber para fazer a interferência eletrônica e um grupo extra de Hummers. Sabe de uma coisa?

O AirPac fez que sim com a cabeça.

— Isso equivale praticamente a toda a força aérea que o inimigo enviou para as ilhas — disse. Podia ser perigoso. Um porta-aviões contra duas bases terrestres não era exatamente... mas as ilhas ficavam relativamente distantes uma da outra, não ficavam? O Japão tinha alguns navios na área, e também submarinos, que eram o que ele mais temia.

— Talvez seja um começo.

— Precisamos de outros elementos — concordou Sanchez. — Alguém vai dizer que não quando pedirmos?

— Não no que depender de mim — assegurou o almirante, depois de pensar um pouco.

A repórter da CNN fizera a primeira transmissão ao vivo do alto da doca seca. Ela mostrava os dois porta-aviões nucleares apoiados em blocos de madeira, como se fossem gêmeos recém-nascidos em seus berços. Alguém do CINCPAC devia ter sido repreendido por permitir a entrada da repórter, pensou Ryan, porque a segunda tomada fora feita de muito mais longe, as belonaves do

outro lado do porto mas ainda claramente visíveis atrás na moça, que dizia praticamente as mesmas coisas, acrescentando que, de acordo com fontes autorizadas, poderia levar até seis meses para que o Stennis e o Enterprise voltassem a navegar.

Só faltava essa, resmungou Jack consigo mesmo. A estimativa da repórter era tão boa quanto a de alguém sentado ali, com uma pasta onde estava escrito Secreto em letras vermelhas. Talvez até melhor, já que o informante provavelmente fora um operário do estaleiro com uma grande experiência naquela que era a maior de todas as oficinas mecânicas. Depois da repórter, foi a vez de um comentarista, um almirante reformado que trabalhava em uma firma de consultoria de Washington. Ele afirmou que, em sua opinião, seria extremamente difícil tomar as Marianas de volta.

O problema de contar com uma imprensa livre era que ela fornecia informações a todos, de forma indiscriminada, e nas últimas duas décadas tornara-se uma fonte tão boa de informações, que os próprios serviços de espionagem recorriam a ela para obter dados urgentes. Por seu lado, o público tornara-se mais sofisticado em suas demandas de notícias, e as redes tinham reagido aperfeiçoando os processos de coleta e análise dos fatos. Naturalmente, a imprensa tinha alguns pontos fracos. Para obter informações, especialmente em Washington, os repórteres recorriam com frequência a informantes em vez de gastar a sola dos sapatos; para analisá-las, muitas vezes escolhiam as pessoas erradas. Entretanto, quando se tratava de coisas que se podia ver, a imprensa muitas vezes trabalhava bem melhor do que os agentes do governo.

O outro lado também tinha acesso aos meios de comunicação, pensou Jack. Da mesma forma como estava assistindo àquele programa de TV, outras pessoas, no mundo inteiro...

— Você parece ocupado — disse o almirante Jackson, da porta. Estou esperando enquanto posso — respondeu Ryan, convidando com um gesto o amigo a sentar-se. — A CNN acaba de colocar no ar uma reportagem sobre os porta-aviões.

— Ótimo — comentou Robby.

— Ótimo?

— Podemos ter o Stennis de volta ao mar em sete a dez dias. Um velho amigo meu, Bud Sanchez, é o comandante do grupo de esquadrilhas do porta-aviões e tem algumas ideias que me deixaram animado. O AirPac, também.

— Uma semana? Isso é impossível!

Outro efeito dos noticiários da TV era que as pessoas geralmente acreditavam mais neles do que nos dados oficiais, embora naquele caso o relatório confidencial dissesse a mesma coisa que...

Três deles ainda se encontravam em Connecticut e outros três estavam sendo submetidos a testes em Nevada. Tudo neles era pouco convencional. O local onde eram montados, por exemplo, parecia-se mais com uma alfaiataria do que com uma fábrica de aviões. O material de que era feita a fuselagem chegava em rolos e era estendido em uma mesa comprida, onde lasers controlados por computador cortavam as peças nas formas apropriadas. Elas eram então laminadas e tratadas em um forno, até que o tecido de fibras de carbono formasse um sanduíche mais resistente do que o aço, mas muito mais leve... além de, ao contrário do aço, ser transparente a ondas eletromagnéticas. Quase vinte anos de pesquisas estavam envolvidos naquele projeto, e o primeiro conjunto de especificações transformara-se em um livro tão grosso quanto uma enciclopédia de vários volumes. Um programa típico do Pentágono, levara um tempo excessivo e custara uma verdadeira fortuna, mas o produto final, se não compensava a espera, certamente não era de desprezar, mesmo custando vinte milhões de dólares a unidade, ou, como os pilotos gostavam de dizer, dez milhões de dólares por passageiro.

Os três de Connecticut estavam estacionados em um galpão aberto quando os empregados da Sikorsky chegaram. Cada um deles voara apenas o suficiente para que os pilotos de prova se convencessem de que eram capazes de voar. Todos os sistemas tinham sido verificados pelo computador de bordo que, naturalmente, também era capaz de verificar a si próprio. Depois de reabastecidos, os três foram rebocados até a pista e levantaram voo logo após o amanhecer, tomando o rumo norte, em direção à Base Aérea de Westover, em Massachusetts, onde seriam colocados a bordo de um Galaxy da 327â Esquadrilha de Transporte Militar e levados para um lugar a nordeste de Las Vegas que não aparecia nos mapas oficiais, embora sua existência não fosse propriamente um segredo. Em Connecticut, três réplicas de madeira foram rebocadas para dentro do galpão, de onde podiam ser vistas pelos residentes da vizinhança e por quem passava de carro pela estrada, a trezentos metros de distância. Podia-se inclusive ver os operários trabalhando neles durante a semana toda.

Mesmo que os detalhes da missão ainda não fossem conhecidos, os objetivos básicos não podiam se desviar muito das expectativas. Quando estava a oitocentos quilômetros da costa, o Tennessee diminuiu a velocidade para vinte nós.

— A casa de máquinas confirma dois terços à frente, comandante.

— Muito bem — disse o comandante Claggett. — Leme vinte graus à esquerda, novo curso zero-três-zero. — O timoneiro repetiu a ordem e o

comando seguinte de Claggett foi: — Silêncio total a bordo.

Ele já conhecia a física do que estava fazendo; mesmo assim, foi até a mesa de plotagem para conferir o movimento do submarino. A inversão de curso visava medir o ruído produzido pela embarcação. Em todo o submarino, os equipamentos desnecessários foram desligados, e os tripulantes que não estavam de serviço foram para seus alojamentos.

Atrás do Tennessee, na extremidade de um cabo de um quilômetro, havia uma rede de hidrofones com trezentos metros de comprimento. Um minuto mais tarde, o submarino era como um cachorro perseguindo a própria cauda e ainda viajando a vinte nós, enquanto os operadores de sonar tentavam detectar os ruídos produzidos pela própria embarcação. Claggett se dirigiu em seguida à sala de sonar para observar pessoalmente os monitores. Era uma espécie de incesto eletrônico: o melhor sistema de sonar do planeta tentando localizar o submarino mais silencioso jamais fabricado.

— Lá estamos nós, comandante — mostrou o chefe dos operadores de sonar, apontando com um lápis. O comandante procurou não ficar muito decepcionado. O Tennessee estava fazendo vinte nós, e os detectores encontravam-se a apenas mil metros de distância.

— Ninguém pode ser totalmente invisível — observou o tenente Shaw.

— Vamos voltar ao curso original e tentar de novo a quinze nós — disse o comandante para o timoneiro. Depois, dirigiu-se ao chefe dos operadores de sonar: — Coloque um homem competente nas fitas. Vamos descobrir qual é esse ruído na popa, está bem? Dez minutos depois, o Tennessee iniciava outro teste.

— Temos de agir depressa, Jack. Da maneira como vejo as coisas, o tempo trabalha a favor deles e contra nós.

O almirante Jackson não estava propriamente satisfeito com aquela maneira de proceder, mas parecia não haver outro jeito: aquela guerra seria do tipo "venha como estiver" e "faça as regras à medida que as coisas forem acontecendo".

— Você pode estar certo do ponto de vista político. Eles vão realizar eleições nas ilhas e parecem estar confiantes de que...

— Não ouviu falar? Estão levando civis para lá às pressas — informou Jackson.

— Por que fariam isso?

— Aposto que todos se tornarão residentes instantâneos e vão votar. Nossos amigos em Saipan estão observando o aeroporto. Os voos diminuíram um pouco, mas observe os números! Existem provavelmente quinze mil soldados na ilha. Todos podem votar. Some a isso os turistas japoneses e os civis que estão

chegando e verá que eles vão ganhar por uma larga margem.

O Conselheiro de Segurança Nacional franziu a testa.

— Parece fácil, não é?

— Lembro-me muito bem do dia em que a Lei dos Direitos de Voto foi aprovada. Fez uma grande diferença no Mississipi, quando eu era criança. Não é ótimo quando as pessoas podem usar a lei em seu benefício?

— Que guerra mais civilizada, não acha?

Ninguém disse que eles eram bobos, pensou Jack. Os resultados da eleição seriam falsos, mas tudo que pretendiam realmente era criar dúvidas na opinião pública mundial. O uso da força tinha de ser justificado de alguma forma. As negociações eram apenas parte de uma estratégia para ganhar tempo. O outro lado ainda estava determinando quais seriam as regras do jogo. Os Estados Unidos ainda não dispunham de uma estratégia definida.

— É isso que precisamos mudar.

— Como?

Jackson passou-lhe uma pasta.

— Aqui estão as informações de que preciso.

O Mutsu estava em comunicação permanente via satélite com o quartel-general da esquadra, em Yokohama, podendo receber até sinais de televisão. No momento, o almirante Sato estava assistindo ao programa da CNN, muito satisfeito com o que via. O Enterprise com três hélices destruídos e o quarto visivelmente danificado. O John Stennis com dois hélices já removidos e um terceiro inutilizado; o quarto, infelizmente, parecia estar intacto. Não dava para ver os danos internos. Enquanto observava, um dos gigantescos hélices de bronze-manganês foi removido do segundo navio e um guindaste aproximou-se, provavelmente para remover parte do eixo externo de boreste, observou o oficial de engenharia do contratorpedeiro.

— Cinco meses — disse, em voz alta, pouco antes que a repórter estimasse o tempo necessário para os reparos em seis meses, repetindo a opinião de algum operário do estaleiro.

— É o que o quartel-general calcula.

— Eles não podem nos derrotar com contratorpedeiros e cruzadores — observou o comandante do Mutsu. — Mas será que tirarão aqueles dois porta-aviões do oceano Índico?

— Não se os nossos amigos continuarem a pressioná-los. Além disso — prosseguiu Sato —, dois porta-aviões não são suficientes, não contra os cem caças de que dispomos em Guam e Saipan... mais ainda, se eu requisitar, como provavelmente farei. Agora o problema passou a ser político.

— E os submarinos americanos? — perguntou o comandante do contratorpedeiro, muito nervoso.

— Por que não podemos? — perguntou Jones.

— Guerra total está fora de cogitações — declarou o ComSubPac.

— Deu certo da outra vez.

— Da outra vez eles não tinham armas nucleares — disse o comandante Chambers.

— Oh. — Isso era verdade, admitiu Jones para si próprio. — Já temos um plano?

— No momento, a ideia é mantê-los afastados — afirmou Mancuso. Não era exatamente uma missão que deixasse Chester Nimitz empolgado, mas era preciso começar em algum lugar. — O que você tem para mim?

— Detectamos alguns submarinos usando os respiradouros a leste das ilhas. Nada suficiente para iniciar uma caçada, mas acho que vamos mandar alguns P-3 para lá de qualquer maneira. Mas o pessoal do SOSUS está na ponta dos cascos. Ninguém vai passar por nós. — Fez uma pausa. — Outra coisa. Temos uma indicação (uma indicação era menos segura do que um contato) de um submarino perto da costa de Oregon.

— É o Tennessee — explicou Chambers. — O submarino de Dutch Claggett. Deve chegar aqui às duas horas de sexta-feira.

Jones estava impressionado com a eficiência do seu próprio sistema.

— Puxa, um classe Ohio! Quantos são ao todo?

— Cinco. O último vai partir daqui a mais ou menos uma hora. — Mancuso apontou para o mapa na parede. — Pedi a todos eles que passassem perto daquela rede do SOSUS para um teste de ruído. Sabia que você não deixaria de detectá-los. Não fique muito satisfeito por causa disso. Eles estão vindo para Pearl a toda velocidade.

Jones fez que sim com a cabeça.

— Estou gostando, comandante.

— Ainda não fomos derrotados, Dr. Jones.

— Que droga, tenente! — exclamou Claggett.

— A culpa foi minha, comandante — disse o chefe do barco, assumindo a responsabilidade como homem. Era uma caixa de ferramentas. Fora encontrada entre um cano de água salgada e o casco, em um lugar onde as vibrações da plataforma suspensa por molas faziam as chaves no interior chocalharem o suficiente para que o ruído fosse detectado pelo sonar. — Não é uma das nossas; provavelmente foi esquecida por um operário do estaleiro.

Três outros suboficiais estavam presentes para testemunhar a reprimenda. Poderia ter acontecido com qualquer um, mas sabiam o que iria acontecer. O comandante respirou fundo antes de prosseguir. Chegara a hora de mostrar seu descontentamento.

— Quero que vasculhem cada centímetro, desde a proa até a popa. Quero que examinem cada porca, cada parafuso, cada ferramenta. Se estiver no chão, recolham. Se estiver frouxo, apertem. Quero este submarino tão silencioso que eu possa ouvir as coisas desagradáveis que estão pensando a meu respeito.

— Será feito, comandante — prometeu o CDB. É melhor eu ir me acostumando a passar as noites em claro, pensou, e com razão, porque...

— É isso mesmo, CDB, nada de sono até que este submarino esteja mais silencioso do que um túmulo.

Pensando melhor, Claggett achou que poderia ter escolhido uma metáfora menos sinistra. O comandante retirou-se, dizendo a si mesmo que precisava agradecer ao chefe dos operadores de sonar por haver identificado a causa do ruído. Estava satisfeito com o fato de a caixa de ferramentas ter sido encontrada logo no primeiro dia, mas não devia deixar que isso transparecesse. Em particular, tinha de tomar cuidado para não sorrir em hipótese alguma. O comandante, afinal, devia se aborrecer ao encontrar algo errado; em poucos minutos, os suboficiais comentariam com os outros tripulantes que ele estava furioso e se sentiriam da mesma forma.

As coisas já haviam mudado, observou ao passar pela sala do reator. Como médicos em uma sala de operação, os tripulantes estavam de pé ou sentados, de acordo com o que mandava o regulamento, observando os mostradores e fazendo anotações nos momentos apropriados. Estavam no mar havia menos de um dia e já existiam cópias Xerox da frase Pense em Silêncio pregadas dos dois lados de todas as portas estanques. Os poucos tripulantes que encontrou nos corredores deram-lhe passagem, muitas vezes com um rápido e orgulhoso cumprimento de cabeça. Sim, também somos profissionais, comandante. Dois tripulantes estavam se exercitando na sala de mísseis, um compartimento comprido e no momento inútil, e Claggett, como mandava a etiqueta, abriu caminho para eles, quase sorrindo ao fazê-lo.

— Uma caixa de ferramentas, hein? — comentou o imediato quando o comandante voltou ao centro de ataque. — Isso aconteceu comigo no Hampton, depois de nossa primeira revisão.

— Sei. — Cloggett fez que sim com a cabeça. — Na próxima mudança de turno, vamos fazer uma vistoria completa.

— Poderia ter sido pior, comandante. Conheço um submarino que teve de voltar para a doca seca depois de um serviço de manutenção. Era uma escada de

mão esquecida dentro de um dos tanques de lastro. Histórias como aquela davam arrepios aos submarinistas.

— Era uma caixa de ferramentas, comandante? — perguntou o chefe dos operadores de sonar.

Agora podia sorrir. Claggett encostou-se no umbral da porta e assentiu tirando do bolso uma nota de cinco dólares.

— Bom trabalho, tenente.

— Não foi nada — disse o suboficial. Mesmo assim, aceitou a nota. No Tennessee, como em muitos submarinos, todas as ferramentas de bordo tinham o cabo mergulhado em vinil líquido, o que, além de permitir uma pega melhor, principalmente com a mão suada, diminuía a probabilidade de que chocalhassem. — Aposto que foi deixada por algum idiota das docas — acrescentou, piscando o olho.

— Não vou pagar nem mais um tostão — observou Claggett — Algum novo contato?

— Navio movido a diesel, de um eixo, marcação três-quatro-um, a grande distância. O contato foi chamado de Sierra-Trinta. O curso está sendo levantado neste momento. — Fez uma pausa e mudou de tom. — Comandante?

— O que foi, tenente?

— O que estão dizendo sobre o Asheville e o Charlotte... é verdade?

O comandante Claggett fez que sim com a cabeça. — Acho que sim.

— Vamos acertar as contas com eles, comandante.

Roger Durling aceitou a folha de papel. Estava escrita à mão, o que era raro para os documentos que chegavam às mãos do presidente.

— Isto é muito pouco, almirante.

— Presidente, não vai autorizar um ataque sistemático ao Japão, vai? — perguntou Jackson.

Durling sacudiu a cabeça.

— Não, não pretendo chegar a esse ponto. Nosso objetivo deve ser retomar as Marianas e evitar que executem a segunda parte do plano.

Robby respirou fundo. Era para isso que estava se preparando.

— O plano deles tem uma terceira parte, também — anunciou Jackson. Os outros dois homens ficaram atônitos.

— Pode explicar, Rob? — pediu Ryan, depois de um momento.

— Acabamos de descobrir, Jack. O comandante da força-tarefa indiana, como é mesmo o nome dele? Chandraskatta? Ele fez um curso em Newport Sabe quem foi colega de turma dele? — Fez uma pausa. — Um certo almirante japonês de nome Sato.

Ryan fechou os olhos. Por que ninguém falara nisso antes? — Quer dizer que três países têm ambições imperialistas...

— É o que parece, Jack. Lembra-se da Esfera de Coprosperidade da Ásia Oriental? Boas ideias não morrem. Precisamos acabar logo com isso — afirmou Jackson, com veemência. — Passei vinte e tantos anos treinando para uma guerra que ninguém queria... com os russos. Prefiro treinar para manter a paz. Para isso, esses caras têm de ser detidos o quanto antes.

— Será que este plano vai funcionar? — perguntou o presidente.

— Não é certo, presidente. Jack me disse que existe um prazo diplomático e político para a operação. O Japão não é o Iraque. No momento, somos apoiados apenas pelos europeus, e isso não vai durar para sempre.

— Jack? — perguntou Durling.

— Se vamos agir, acho que esta é a melhor forma.

— Acho muito arriscado.

— Presidente, claro que é arriscado — concordou Robby Jackson. — Se acha que podemos conseguir as Marianas de volta por via diplomática, ótimo. Prefiro sinceramente que ninguém seja morto. Mas se eu fosse os japoneses, não devolveria aquelas ilhas de jeito nenhum. Precisam delas para a segunda fase, e se ela for iniciada...

Será um salto gigantesco para trás, pensou Ryan. Uma nova aliança, que poderia se estender do Círculo Ártico até a Austrália. Três países com artefatos nucleares, muitos recursos naturais, economias gigantescas e vontade política para usar de violência para atingir seus objetivos. Uma repetição do século XIX, em escala bem maior. Competição econômica apoiada pela força, a fórmula clássica para a guerra.

— Jack? — perguntou de novo o presidente.

Jack concordou lentamente com a cabeça.

— Acho que é a única saída. Pode escolher as razões que quiser. A conclusão será sempre a mesma.

— Aprovado.

37
VIRANDO O JOGO

"Normalidade" foi a palavra que os comentaristas mais usaram, quase sempre acompanhada por adjetivos como "estranha" e/ou "tranquilizadora", para

descrever a rotina da semana. Os políticos de esquerda gostaram de saber que o governo estava procurando resolver a crise por meios diplomáticos, enquanto a direita se queixou de que a Casa Branca se comportava com excessiva timidez. Na verdade, a falta de liderança e a ausência de qualquer declaração de peso deixaram todos convencidos de que Roger Durling era um presidente para uso interno, que não sabia cuidar de questões internacionais. Muitas dessas críticas estenderam-se ao conselheiro de Segurança Nacional, John P. Ryan, que, embora tivesse uma experiência considerável no campo da inteligência, ainda não provara sua competência como especialista em questões de segurança nacional e certamente não estava assumindo uma atitude firme diante da presente crise. O enxugamento das forças militares americanas, opinaram os analistas, tornava extremamente difícil qualquer ação armada; embora as luzes permanecessem acesas à noite no Pentágono, não havia nenhuma forma de reconquistar as Marianas. Em consequência, afirmaram outros comentaristas diante das câmaras de TV, o governo faria o possível para aparentar tranquilidade enquanto tentava encontrar uma solução. Daí a ilusão de normalidade para esconder a fraqueza da posição americana.

— Está nos pedindo que não façamos nada? — perguntou Golovko, irritado.

— Deixe por nossa conta. Se vocês agirem cedo demais, alertarão a China, que por sua vez alertará o Japão. — Além do mais, pensou Ryan, o que vocês podem fazer? — O exército russo estava ainda em pior forma do que o americano. Eles podiam transferir algumas aeronaves para a Sibéria Oriental, mas se enviassem tropas para a fronteira com a China, provavelmente haveria uma reação por parte dos chineses. — Os satélites de vocês estão mostrando a mesma coisa que os nossos, Sergey. A China não se mobilizou.

— Ainda — afirmou o russo, em tom lacônico.

— Tem razão. Ainda não. E se fizermos direito nossa parte, isso nunca vai acontecer. — Ryan fez uma pausa. — Alguma novidade sobre os mísseis? — Estamos investigando vários lugares — informou Golovko. — Confirmamos que os foguetes que descobrimos em Yoshinobu estão sendo usados para fins não militares. Provavelmente se trata de um disfarce para testes militares, mas nada mais do que isso. Meus especialistas estão convencidos disso.

— Deve ser ótimo contar com especialistas que têm certeza das coisas — observou Ryan.

— O que vocês farão, Jack? — perguntou diretamente o chefe do RVS.

— Neste exato momento, Sergey Nikolayevich, estamos dizendo a eles que não aceitamos a ocupação das ilhas. — Jack fez uma pausa para recuperar o fôlego e lembrou a si mesmo que, gostasse ou não, tinha de confiar naquele

homem. — Se não quiserem sair, teremos de expulsá-los.

— Mas como? — perguntou o homem, olhando para as estimativas preparadas por especialistas militares do Ministério da Defesa.

— Há dez, quinze anos, vocês não diziam aos políticos que éramos adversários temíveis?

— Vocês faziam a mesma coisa — observou Golovko.

— Hoje em dia, temos mais sorte. Eles não se preocupam conosco. Acham que já ganharam a guerra. Não posso lhe dizer mais no momento. Talvez amanhã. Mas estou enviando instruções por escrito para que transmita ao seu governo.

— Deixe por minha conta — prometeu Sergey.

— Meu governo respeitará a vontade da população das ilhas — repetiu o embaixador, antes de acrescentar uma novidade. — Também podemos estar dispostos a discutir a diferença entre Guam e o restante do arquipélago. Afinal, os americanos ocuparam essa ilha pela primeira vez há quase cem anos — admitiu, pela primeira vez.

Adler se manteve impassível, como exigia o protocolo.

— Senhor embaixador, os habitantes dessas ilhas são cidadãos americanos por livre escolha.

— E terão a oportunidade de reafirmar essa opção. Os Estados Unidos defendem a ideia de que a autodeterminação deve ser consentida uma única vez? — perguntou. — Isso parece estranho para um país com uma tradição de imigração e emigração sem restrições. Como eu já disse, vamos permitir uma cidadania dupla para os nativos que preferirem conservar seus passaportes americanos. Vamos indenizá-los por suas propriedades se decidirem partir e... — O restante do pronunciamento foi uma repetição do que já dissera em outras ocasiões.

As negociações diplomáticas, pensou Adler, combinavam os piores aspectos de discutir com a sogra com os de explicar uma coisa complicada a uma criança pequena. Eram monótonas. Eram cansativas. Eram irritantes. E eram necessárias. Momentos antes, o Japão fizera uma concessão. Isso já era esperado. Cook extraíra a informação de Nagumo na semana anterior, mas agora se tornara oficial. Essa era a boa notícia. A má notícia era que teria de oferecer algo em troca. As negociações diplomáticas levavam sempre a soluções de compromisso. Jamais se conseguia tudo que queria, mas também jamais se concordava com todas as exigências do adversário. O problema era que a diplomacia supunha que nenhum dos dois lados seria forçado a entregar alguma coisa de interesse vital... e que os dois lados reconhecessem quais eram esses

interesses vitais. Acontece que, na prática, às vezes eles não o faziam, e nesses casos a diplomacia estava condenada ao fracasso, para decepção daqueles que acreditavam, de forma errada, que as guerras eram sempre causadas pela inépcia dos diplomatas. Frequentemente, eram resultado de interesses nacionais tão incompatíveis, que qualquer solução de compromisso se tornava simplesmente impossível. De modo que agora o embaixador esperava que Adler cedesse apenas um pouco de terreno.

— Falando apenas em meu nome, fico satisfeito ao ver que seu governo reconhece o direito incondicional do povo de Guam de conservar sua cidadania americana. Também me agrada ter conhecimento de que seu governo permitirá que a população das Marianas Setentrionais determine seu próprio destino. Posso contar com sua garantia de que seu governo aceitará o resultado da eleição, seja ele qual for?

— Pensei que tivesse deixado esse ponto suficientemente claro — replicou o embaixador, ainda sem saber se estava conseguindo alguma coisa ou não.

— As eleições estarão abertas a...

— A todos os residentes das ilhas, é claro. Meu país acredita no sufrágio universal, como vocês. Na verdade — acrescentou —, faremos uma concessão adicional. No Japão, a idade para votar é vinte anos, mas para esta eleição vamos baixar o limite para dezoito. Não queremos que ninguém conteste a legitimidade do plebiscito.

Seu filho de uma puta, pensou Adler. Era uma tática infalível. Todos os soldados presentes na ilha poderiam votar, e a medida agradaria aos observadores internacionais. O subsecretário de Estado fingiu surpresa e fez uma anotação no seu caderno. Do outro lado da mesa, o embaixador achou que finalmente conseguira marcar um ponto. Já era tempo.

— É tudo muito simples — afirmou o conselheiro de Segurança Nacional.

— Vocês vão nos ajudar ou não? O encontro não fora planejado para deixar ninguém feliz. Começara com uma explicação de um advogado do Departamento de Justiça de que a Lei de Espionagem, Título 18 do Código dos Estados Unidos, Parágrafo 793E, aplicava-se a todos os cidadãos americanos e de que as liberdades de manifestação e de imprensa não se aplicavam a violações daquele estatuto.

— Estão nos pedindo que participemos de uma farsa — observou um jornalista veterano.

— Exatamente — concordou Ryan.

— Temos o dever profissional...

— Vocês são todos cidadãos americanos — lembrou Jack. — Os moradores

daquelas ilhas, também. Minha missão não é exercer os direitos que estão levantando agora. Minha missão é garantir esses direitos a vocês e todos os outros cidadãos deste país. Ou nos ajudam ou se recusam a fazê-lo. No primeiro caso, poderemos fazer nosso trabalho mais depressa, com menos gastos e com menos derramamento de sangue. No segundo, muita gente vai se machucar.

— Duvido que Madison e os outros quisessem que a imprensa americana ajudasse o inimigo em tempo de guerra — observou uma funcionária do Departamento de Justiça.

— Jamais faríamos isso — protestou um jornalista da NBC. — Mas o que estão nos pedindo é contra os nossos...

— Senhoras e senhores, não tenho tempo para discutir a constitucionalidade dos nossos atos. Trata-se literalmente de uma questão de vida ou morte. O governo está pedindo ajuda a vocês. Se negarem essa ajuda, mais cedo ou mais tarde terão de responder pelas consequências perante o povo americano. — Jack imaginou se alguém já os ameaçara daquela forma. Era bom para eles verem como os políticos normalmente se sentiam em relação à imprensa, pensou. Chegara a hora de demonstrar sua perspicácia. — Estou disposto a assumir toda a responsabilidade. Para todos os efeitos, vocês não sabiam de nada.

— Não me venha com essa. A verdade vai transpirar — protestou o jornalista da CNN.

— Nesse caso, terão de explicar ao povo americano que agiram como patriotas.

— Não foi isso que eu quis dizer, Dr. Ryan!

— Eu sei — concordou Jack, com um sorriso. — Mas pense um pouco. Em que isso vai prejudicá-lo? Além do mais, como o público vai ficar sabendo? Quem publicará a notícia? Os jornalistas eram suficientemente cínicos (era quase um pré-requisito da profissão) para compreender a ironia de Ryan, mas foi sua declaração anterior que os convenceu. Estavam enfrentando um drama de consciência, e era natural que procurassem resolvê-lo pensando nos aspectos práticos da questão. Se se recusassem a ajudar o governo, ainda que alegando razões éticas... bem, os espectadores de TV não eram tão sensíveis a esses argumentos quanto seria de desejar. Além disso, Ryan não estava pedindo muito. Se fizessem a coisa direito, talvez jamais viesse a público.

Os representantes dos meios de comunicação teriam preferido deixar o recinto e discutir o pedido em particular, mas ninguém lhes ofereceu essa oportunidade e nenhum deles teve coragem de pedir. Assim, depois de se entreolharem, todos os cinco fizeram que sim com a cabeça.

Um dia vai nos pagar por isso, era o que pareciam estar pensando. Era um

preço que estava disposto a aceitar, pensou Ryan.

— Muito obrigado — disse, laconicamente, encerrando a reunião. Quando os jornalistas saíram, Ryan dirigiu-se à Sala Oval.

— Conseguimos — informou ao presidente.

— Sinto muito por não ter podido apoiá-lo.

— É um ano eleitoral — reconheceu Jack. Faltavam apenas duas semanas para as convenções de Iowa, e embora Durling não tivesse oposição dentro do partido, era melhor não se expor. Não queria desagradar a imprensa. Mas era para isso que tinha um conselheiro de Segurança Nacional; os ocupantes dos cargos de confiança eram descartáveis.

— Quando tudo isto terminar...

— De volta ao golfe? Estou precisando treinar.

Era outra coisa que apreciava em Ryan, pensou o presidente. Não se importava de brincar de vez em quando, embora estivesse com olheiras maiores do que as suas. Era mais uma razão para agradecer a Bob Fowler pela sua recomendação pouco ortodoxa e talvez lamentar a filiação política de Ryan.

— Ele quer ajudar — afirmou Kimura.

— A melhor forma de fazer isso é continuar a agir normalmente — replicou Clark. — Koga é um homem honrado. Seu país precisa de uma voz de moderação.

Não tinham sido exatamente as instruções que esperava. Era bom que Washington soubesse o que estava fazendo, pensou. As ordens estavam chegando através do escritório de Ryan, o que não deixava de ser um consolo. Pelo menos, seu agente local pareceu aliviado.

— Obrigado. Não gostaria de colocar a vida dele em risco.

— Ele é valioso demais para isso. Talvez os Estados Unidos e o Japão consigam chegar a uma solução diplomática. — Clark não acreditava realmente que isso fosse possível, mas declarações como aquela sempre deixavam os diplomatas felizes. — Nesse caso, o gabinete de Goto vai cair e talvez Koga-san recupere seu antigo cargo.

— Pelo que ouvi dizer, Goto não está disposto a recuar.

— Foi também o que ouvi, mas as coisas mudam. Seja como for, este é o nosso recado para Koga. Qualquer contato adicional conosco seria muito arriscado — prosseguiu "Klerk". — Obrigado pela ajuda. Se precisarmos de você novamente, entraremos em contato pelos canais de costume.

Para demonstrar sua gratidão, Kimura pagou a conta antes de sair.

— Isso é tudo, hein? — comentou Ding.

De volta ã estaca zero, pensou Chavez consigo mesmo. Dessa vez pelo

menos tinham ordens, por mais incompreensíveis que fossem. Eram dez da manhã, hora local, e se separaram ao chegar à rua. Passaram as horas seguintes comprando telefones celulares, três cada um, de um novo modelo digital, antes de se encontrarem de novo. Os aparelhos eram compactos e cabiam no bolso de uma camisa. Até as embalagens eram pequenas; os dois agentes não tiveram a menor dificuldade para escondê-las.

Chet Nomuri já fizera o mesmo, dando como endereço um apartamento em Hanamatsu, uma identidade falsa que contava com cartão de crédito e carteira de motorista. Independentemente do que estivesse acontecendo, tinha menos de trinta dias para cumprir o restante da missão. Sua próxima tarefa era visitar mais uma vez a casa de banhos antes de desaparecer da face da terra.

— Uma pergunta — disse Ryan, em tom tranquilo.

Sua expressão deixou Trent e Fellows pouco à vontade.

— Vai nos fazer esperar? — perguntou Sam.

— Conhecem as limitações que enfrentamos no Pacífico. Trent remexeu-se na cadeira.

— Está querendo dizer que não temos meios para...

— Depende dos meios que usarmos — declarou Jack.

Os dois congressistas ficaram pensativos por um momento.

— Vai ser franco conosco? — perguntou Al Trent.

Ryan fez que sim com a cabeça. — Totalmente. Vão nos criar problemas?

— Depende das suas intenções. Conte-nos o que pretendem fazer — pediu Fellows.

Ryan atendeu-o.

— Está realmente disposto a correr esse risco? — perguntou Trent.

— Não temos escolha. Seria bonito disputar a batalha no campo de honra, mas não temos os meios, lembra-se? O presidente precisa do apoio do Congresso. Só vocês vão conhecer a parte suja da coisa. Se ficarem do nosso lado, o restante do Congresso os acompanhará.

— E se não der certo? — perguntou Fellows.

— Nesse caso, muitas cabeças vão rolar, incluindo as de vocês — declarou Ryan.

— Garantimos o apoio da comissão — afirmou Trent. — Está envolvido em um jogo perigoso, meu amigo.

— Sei disso — concordou Jack, pensando nas vidas que seriam colocadas em risco.

Sabia que Al Trent estava se referindo ao lado político, também, mas Ryan se condicionara a deixar aqueles pensamentos de lado. Não podia reconhecer

isso, é claro. Trent teria considerado o fato uma fraqueza de sua parte. Era impressionante como duas pessoas podiam ser tão diferentes. O importante, porém, era que a palavra de Trent merecia crédito.

— Vai nos manter informados?

— De acordo com a lei — respondeu o conselheiro de Segurança Nacional, com um sorriso. A lei exigia que o Congresso fosse notificado depois que operações "irregulares" fossem executadas.

— E o que nos diz da Diretriz Executiva?

Uma diretriz que remontava ao governo Ford proibia os órgãos de inteligência do país de planejarem assassinatos.

— Temos um parecer — respondeu Ryan. — A diretriz não se aplica quando o país está em guerra.

Um parecer era essencialmente um decreto presidencial esclarecendo a intenção de uma lei. Em resumo: tudo que Ryan propusera podia ser considerado legal, contanto que o Congresso estivesse de acordo. Seria torcer um pouco os fatos, mas era assim que as democracias funcionavam.

— Então colocamos os pingos nos is — comentou Trent.

— E cortamos as pernas dos tês — concordou Fellows.

Os dois deputados viram o conselheiro de Segurança Nacional pegar o telefone e apertar uma tecla.

— Aqui é Ryan. Pode começar.

A primeira medida foi eletrônica. Apesar dos protestos do CINCPAC, três equipes de TV montaram suas câmaras no alto das docas secas que abrigavam o Enterprise e o John Stennis.

— Não estamos autorizados a mostrar os danos sofridos pelas popas dos navios, mas fomos informados de que são ainda maiores do que parecem — declararam todos os repórteres, com pequenas variações.

Durante as gravações, as câmaras foram mudadas várias vezes de lugar para mostrar os porta-aviões de vários ângulos. Foram feitas também algumas tomadas do outro lado do porto. Eram apenas cenas de fundo, que mostravam os navios e as docas sem nenhum repórter em primeiro plano. Essas fitas foram entregues a um técnico e digitalizadas para serem usadas no futuro.

— Esses dois navios estão muito avariados — comentou Oreza, irritado.

Cada um deles representava mais do que a tonelagem total da Guarda Costeira dos Estados Unidos, e a Marinha, que se dizia esperta, permitira que levassem um tiro no traseiro. O primeiro-sargento reformado sentiu a pressão subir.

— Quanto tempo vão levar para consertá-los? — perguntou Burroughs.

— Vários meses. Muito tempo. Seis meses... até a estação dos tufões — afirmou Portuga, ainda mais aborrecido. Quanto mais pensava no assunto, mais revoltado ficava. Também não lhe agradava a ideia de a ilha ser invadida pelos fuzileiros navais. Ali estava ele, a poucos metros de uma bateria de mísseis terra-ar que certamente atrairia o fogo das tropas de assalto. Talvez vender a casa por um milhão de dólares não fosse uma má ideia, afinal. Com o dinheiro, poderia comprar outro barco, outra casa e fazer suas pescarias na Flórida. — Sabe de uma coisa? Você pode tomar um avião e cair fora, se quiser.

— Oh, qual é a pressa? Cartazes eleitorais já estavam sendo impressos e pendurados nas paredes. O canal do governo no sistema de TV a cabo da ilha transmitia notícias frequentes a respeito dos planos para Saipan. O ambiente na ilha estava ficando cada vez mais descontraído. Os turistas japoneses mostravam-se extremamente educados, e os soldados circulavam quase todos sem armas. Os veículos militares estavam sendo usados para consertar as estradas. Os soldados visitavam as escolas. Dois campos de beisebol foram construídos praticamente da noite para o dia, e um novo campeonato foi criado. Havia boatos de que dois times japoneses da primeira divisão treinariam na primavera em Saipan e para isso teria de ser construído um estádio. Além disso, diziam que pela primeira vez Saipan teria um time disputando o campeonato nacional. Isso fazia sentido, pensou Oreza. A ilha ficava mais perto de Tóquio do que Kansas City de Nova York. Não que os residentes estivessem satisfeitos com a ocupação. Simplesmente não viam nenhuma alternativa e, como a maioria das pessoas em tal situação, procuravam conviver com ela. Os japoneses estavam fazendo o possível para agradá-los.

Na primeira semana, os protestos tinham sido diários. Entretanto, o comandante japonês, general Arima, não se negara a receber nenhum grupo. Convidava sempre os líderes para uma conversa no seu escritório, em geral transmitida ao vivo pela TV. Em seguida, vieram as respostas mais sofisticadas. Funcionários civis do governo e homens de negócios deram uma entrevista coletiva para explicar que muito dinheiro fora investido na ilha, mostrando que isso faria muita diferença para a economia local e prometendo muito mais para o futuro. Não chegaram a eliminar os ressentimentos, mas mostraram que os aceitavam com resignação, prometendo o tempo todo que respeitariam os resultados das eleições previstas para breve. Moramos aqui, também, não se cansavam de repetir. Moramos aqui, também.

Não devia perder a esperança. Duas semanas tinham se passado, pensou Oreza, e tudo que ouvia eram notícias de supostas negociações. Desde quando os Estados Unidos concordavam em negociar depois de uma agressão como aquela? Talvez fosse isso. Talvez fosse a fraqueza demonstrada pelo seu país que

o deixava desanimado. Ninguém estava reagindo. Diga-nos que o governo está fazendo alguma coisa, teve vontade de pedir ao almirante do outro lado da linha...

— Ora, que droga.

Oreza entrou na sala de estar, colocou as pilhas de volta no telefone, introduziu a antena no furo da tigela e digitou o número.

— Almirante Jackson — atendeu a voz o outro lado.

— Aqui é Oreza.

— Alguma novidade?

— Sim, almirante. O modo como as eleições serão conduzidas.

— Não estou entendendo.

— A CNN mostrou nossos dois porta-aviões no estaleiro e as pessoas dizendo que não podemos fazer nada. Almirante, até quando os argentinos tomaram as malditas Falklands os ingleses disseram que a coisa não ficaria assim. Não estou ouvindo ninguém dizer a mesma coisa. O que o senhor quer que eu pense? Jackson pensou na resposta por alguns segundos.

— Não preciso lhe lembrar que estou impedido de falar sobre nossos planos. Sua tarefa é nos fornecer informações, entende?

— Tudo que ouço dizer é que eles vão realizar eleições. A bateria de mísseis ao lado da minha casa agora está camuflada...

— Sei disso. O radar de busca no topo do monte Takpochao está funcionando e existem cerca de quarenta aviões de caça no aeroporto e em Kobler. Outros sessenta estão estacionados em Guam. Oito submarinos japoneses estão patrulhando as águas a leste de Saipan e um grupo de navios-tanque aproxima-se deles para reabastecê-los. Mais alguma coisa que deseje saber? — Mesmo que Oreza estivesse "comprometido", um eufemismo para estar detido, o que Jackson duvidava, nada do que dissera era segredo. Todos sabiam que os Estados Unidos contavam com satélites de reconhecimento. Por outro lado, Oreza precisava saber que Jackson dispunha de informações atualizadas e, o que era mais importante ainda, que estava interessado no que acontecia na ilha. Ficou um pouco envergonhado com o que disse em seguida: — Sargento, esperava mais de uma pessoa como o senhor.

A resposta, porém, o fez sentir-se melhor.

— É exatamente o que eu precisava ouvir, almirante.

— Se aparecer alguma novidade, não deixe de nos avisar.

— Sim, senhor.

Jackson desligou e começou a examinar um relatório sobre o Johnnie Reb que acabara de chegar.

— Não perde por esperar, sargento — murmurou.

Estava na hora de receber os soldados da Base Aérea de MacDill que, ironicamente, estavam todos usando uniformes verde-oliva do Exército. Não sabia que eles o fariam se lembrar de algo que vira alguns meses antes.

Os homens tinham de falar espanhol fluente e parecer espanhóis. Felizmente, isso não era muito difícil de conseguir. Um perito em documentos voou de Langley para Fort Stewart, Geórgia, levando consigo todo o equipamento necessário, incluindo dez passaportes em branco. Para facilitar as coisas, usariam os nomes verdadeiros. O primeiro-sargento Julio Vega se sentou diante da câmara, usando seu melhor terno.

— Não sorria — recomendou o técnico da CIA. — Os europeus não sorriem quando estão posando para fotografias de passaportes.

— Sim, senhor.

O nome de guerra do homem era Oso, "urso", mas apenas os ex-colegas de turma o chamavam assim. Para o restante dos comandos da Companhia Foxtrot, Segundo Batalhão, 175s Regimento de Comandos, seu nome era simplesmente "Primeiro-sargento", um homem experiente que acompanharia seu capitão na missão para a qual acabara de se oferecer.

— Precisará de roupas melhores, também.

— Quem está pagando? — perguntou Vega, agora sorrindo, embora a foto fosse mostrar a mesma expressão sisuda que reservava para os soldados que deixavam de cumprir suas obrigações. Esse não seria o caso dos participantes daquela missão, pensou. Oito homens, todos com curso de paraquedismo (todos os comandos eram obrigados a fazer o curso), todos com experiência de combate e, o que era incomum para os membros do 175s, todos homens que não haviam cortado o cabelo à moda dos mohawks. Vega se lembrou de um grupo parecido com aquele e parou de sorrir. Nem todos tinham saído vivos da Colômbia.

Fluentes em espanhol, pensou, ao sair da sala. Nas Marianas provavelmente se falava espanhol. Como a maioria dos sargentos do Exército, cursara o terceiro grau à noite, diplomando-se em história militar. Parecia a coisa certa a fazer, dada a carreira que escolhera. Além disso, o Exército pagava as mensalidades. Se o espanhol fosse realmente a língua oficial naquelas paragens, isso lhe dava um motivo adicional para pensar em termos positivos a respeito da missão. O nome da operação, que ouvira em uma breve conversa que tivera com o capitão Diego Checa, também parecia auspicioso. Fora chamada de Operação ZORRO, um nome tão curioso que o capitão se sentira obrigado a contar ao primeiro-sargento. O nome do "verdadeiro" Zorro era Don Diego, não era? Não se lembrava mais do sobrenome, mas o capitão se encarregou de refrescar-lhe a memória. Com o sobrenome Vega, como posso deixar de participar desta

missão?, pensou Oso consigo mesmo.

Era bom que estivesse em forma, pensou Nomuri. Simplesmente respirar ali exigia algum esforço. A maioria dos turistas ocidentais que visitavam o Japão conhecia apenas as grandes cidades e não percebia que o país era tão montanhoso quanto o Colorado. Tochimoto era um pequeno povoado nas montanhas que definhava no inverno e explodia no verão, quando os locais deixavam as cidades para passar as férias no campo. No momento, a cidadezinha, que ficava no final da Estrada Nacional 140, estava vazia, mas Chet conseguiu alugar um bugre e disse ao proprietário que precisava de apenas algumas horas para espairecer. Em troca do dinheiro recebeu um conselho severo, embora polido, para seguir a trilha e tomar cuidado, pelo qual agradeceu ao homem antes de partir, seguindo o rio Taki (mais um regato do que um rio) montanha acima. Uma hora depois, tendo percorrido uns dez quilômetros, desligou o motor, tirou o tapa-ouvido e começou a escutar.

Nada. Não vira um único rastro no caminho de barro e cascalho que acompanhava o riacho, nem qualquer sinal de ocupação nas casas rústicas de campo pelas quais passara, e agora, escutando, não conseguia ouvir nada a não ser o vento. Havia uma passagem a vau marcada no mapa, três quilômetros adiante. Quando chegou lá, constatou que estava em boas condições, permitindo que rumasse para leste, em direção a Shiraishi-san. Como a maioria das cordilheiras, aquela possuía vários vales esculpidos pelo tempo e pela água; o monte Shiraishi tinha um vale particularmente belo, ainda intocado por casas ou cabanas. Talvez os escoteiros fossem ali no verão para acampar e comungar com a natureza que o restante do país trabalhara tanto para destruir. Mais provavelmente, era apenas um lugar sem riquezas naturais que justificassem a construção de uma estrada ou rodovia. Ficava também a quase duzentos quilômetros de Tóquio, e para todos os efeitos práticos era como se ficasse na Antártida.

Nomuri tomou o rumo sul e subiu por uma parte suave da encosta até chegar ao topo. Queria dar mais uma olhada na região. Embora avistasse uma casa semiconstruída alguns quilômetros abaixo, não viu nenhuma coluna de fumaça saída da fogueira de um acampamento, nem nenhuma nuvem de vapor produzida pelo banho quente de alguém, nem ouviu nenhum som que não fosse da natureza. Nomuri passou trinta minutos investigando as vizinhanças com um par de binóculos compactos; depois, voltou-se para norte e para oeste, sem encontrar vestígio de presença humana. Finalmente satisfeito, voltou ao rio Taki, seguindo a trilha até a cidade.

— Ninguém vem aqui nesta época do ano — afirmou o homem que lhe

alugara o jipe quando Nomuri finalmente chegou, pouco depois do anoitecer. — Posso lhe oferecer um chá?

— Dozo — disse o agente da CIA. Aceitou o chá com uma mesura. — A região é linda.

— Fez bem em vir agora — disse o homem, que parecia ansioso para conversar com alguém. — No verão, as árvores estão mais encorpadas, mas o ruído dessas coisas — apontou para os bugres — estraga a paz das montanhas. Mas são eles que me sustentam — admitiu o homem.

— Preciso vir aqui mais vezes. As coisas são tão agitadas no meu escritório! E ótimo vir aqui e sentir o silêncio.

— Por que não conta aos seus amigos? — sugeriu o homem, evidentemente interessado em conseguir mais alguns fregueses fora da estação.

— Sim, vou fazer isso — assegurou-lhe Nomuri.

Depois de mais uma mesura, o agente da CIA entrou no carro e dirigiu três horas de volta a Tóquio, ainda curioso para saber por que recebera uma missão tão agradável e aparentemente tão inócua.

— Vocês acham mesmo que vai dar certo? — perguntou Jackson aos oficiais do SOCOM.

— Robby, agora é tarde demais para recuar — observou o oficial mais antigo. — Se eles são estúpidos o suficiente para deixar que civis americanos circulem livremente pelo país, vamos tirar vantagem disso.

— A inserção ainda me preocupa — observou o representante da Força Aérea, olhando alternadamente para os mapas de navegação aérea e as fotos dos satélites. — Temos um bom perfil da região, mas alguém precisa cuidar dos AWACS* para que a coisa funcione. [**Abreviação de Airborne Warning and Control System, ou seja, Sistema Aéreo de Advertência e Controle, aeronave equipada com radar para rastrear aeronaves e mísseis inimigos e coordenar medidas defensivas. (N. doT.)*]

— Não se preocupe — observou um coronel do Comando de Combate Aéreo. — Vamos acender o céu para eles, e vocês poderão usar esta brecha — acrescentou, mostrando o terceiro mapa.

— E as tripulações dos helicópteros? — perguntou Robby.

— No momento, estão praticando no simulador. Terão tempo para dormir durante o voo.

O simulador usado para ensaiar a missão era tão realista que chegava a enganar o ouvido interno de Sandy Ritcher. O aparelho estava a meio caminho entre o Nintendo que o filho mais moço usava para jogar videogames e os

simuladores das companhias aéreas. O capacete que tinha na cabeça era parecido com o que usava no seu Comanche, mas infinitamente mais sofisticado. O que começara como um monitor monocular no Apache AH-64 era agora uma visão panorâmica tridimensional do mundo exterior. Gostaria que fosse ainda mais perfeito, mas mostrava ao mesmo tempo a paisagem gerada em computador e todas as informações de voo; suas mãos estavam no manche e acelerador de um helicóptero virtual que atravessava o oceano em direção à costa escarpada.

— Estamos na rota — disse ao ocupante do banco traseiro, que na verdade estava sentado a seu lado, porque a simulação não exigia esse tipo de fidelidade.

Naquele mundo artificial, viam o que viam, estivessem onde estivessem, embora o tripulante a seu lado contasse com dois instrumentos adicionais. O que viam era o produto de seis horas de trabalho de um supercomputador. As fotografias tiradas por satélites nos últimos três dias tinham sido analisadas, dobradas, enroladas, amassadas e transformadas em uma imagem tridimensional que parecia uma transmissão de TV de baixa resolução.

— Centro populacional à esquerda.

— Entendido. Estou vendo. — O que viu foi uma mancha azul, que na realidade deveria ser amarelada, e por deferência aumentou a altitude em relação aos quinze metros que vinha mantendo nas últimas duas horas. Puxou o manche, e os outros que estavam na sala e observavam o treinamento ficaram surpresos com a forma como os dois corpos se inclinaram para compensar as forças de inércia que existiam apenas no computador que controlava a simulação. Poderiam ter rido, mas ninguém ria de Sandy Richter.

No momento em que chegaram à costa virtual, subiu até a crista de uma montanha e passou a segui-la. Era ideia de Richter. Havia estradas e casas nos vales que desembocavam no mar do Japão. Era melhor evitar emissões acústicas, pensou o piloto, e arriscar com o radar. Em um mundo justo, poderia cuidar daquele perigo durante a viagem de ida, mas aquele não era exatamente um mundo justo.

— Caças acima de você — advertiu uma voz feminina, como aconteceria na missão de verdade.

— Vou descer um pouco — respondeu Richter à voz do computador, descendo abaixo do pico à direita. — Se conseguir me ver a quinze metros do solo, estarei perdido, querida.

— Espero que este negócio realmente funcione.

Os americanos estavam muito preocupados com o radar dos F-15 japoneses. Na verdade, eles tinham derrubado um B-l e avariado outro e ninguém ainda sabia exatamente como aquilo acontecera.

— Logo saberemos.

O que mais podia dizer o piloto? Naquele caso, o computador chegou à conclusão de que o avião estava realmente invisível. A última hora de voo virtual foi mera rotina, mas suficientemente cansativa para que, depois de pousar o Comanche, Richter sentisse necessidade de um banho de chuveiro, que, tinha certeza, não estaria disponível no lugar para onde iriam. Embora um par de esquis pudesse ser útil.

— E se o outro lado...

— Nesse caso, teremos de aprender a gostar de arroz.

Não adiantava se preocupar excessivamente. As luzes foram acesas, tiraram os capacetes, e Richter se viu em uma sala de tamanho médio.

— Inserção bem-sucedida — decretou o major que presidia o exercício. — Estão preparados para uma pequena viagem? Richter pegou um copo de água gelada na mesa do fundo da sala.

— Sabe de uma coisa? Não pensei que conseguisse chegar tão longe.

— E o restante do material? — quis saber o operador de armas.

— Será carregado quando chegarem lá.

— E como vamos voltar? — perguntou Richter.

Estaria se sentido melhor se tivessem dito alguma coisa a respeito.

— Vocês terão duas opções. Três, talvez. Ainda não decidimos. O caso está sendo estudado — assegurou-lhe o oficial do SOCOM.

A boa notícia era que todos eles pareciam ter apartamentos de cobertura. Era de esperar, pensou Chavez. Aqueles filhos da mãe eram tão ricos, que podiam se dar ao luxo de ficar no alto do edifício onde moravam. Isso fazia as pessoas sentirem-se mais importantes, poderem olhar para todo mundo de cima, como os magnatas de Los Angeles olhavam dos arranha-céus para as favelas onde Chavez passara a infância. Isso mostrava que nenhum deles fora um soldado. Os soldados não gostavam de se expor daquela forma. Preferiam ficar junto ao chão, no meio dos ratos e dos peões. Bem, todo mundo tinha suas limitações, pensou Ding.

Era só uma questão, portanto, de encontrar um local elevado. Isso não foi difícil. Outra vez, foram auxiliados pela natureza pacífica da cidade. Simplesmente escolheram um edifício apropriado, entraram, tomaram o elevador até o último andar e dali alcançaram o telhado. Chavez montou a câmara em um tripé, escolheu a lente mais possante e começou a fotografar. O tempo cooperou, pois era uma tarde cinzenta, de céu nublado. Tirou dez fotos de cada edifício, rebobinando e ejetando os cartuchos de filme, que foram rotulados e guardados de volta em suas latas. A operação completa levou apenas meia hora.

— Você se acostumou a confiar no cara? — perguntou Chavez, depois que

entregaram o material.

— Ding, simplesmente me acostumei a confiar em você — respondeu Clark, aliviando a tensão do momento.

38
O RIO RUBICÃO

— E então? Ryan levou algum tempo pensando na resposta. Era melhor contar alguma coisa a Adler. Devia haver uma certa honestidade nas negociações. Jamais se revelava toda a verdade, mas também não precisava mentir.

— Tudo continua como antes — afirmou o conselheiro de Segurança Nacional.

— Estamos fazendo alguma coisa. Não era uma pergunta.

— Não ficamos parados, Scott. Eles não estão dispostos a ceder, estão? Adler sacudiu a cabeça.

— Acho que não.

— Tente convencê-los a rever sua posição — sugeriu Jack. Podia não ser muita coisa, mas era algo para dizer.

— Cook acha que existem forças políticas no Japão trabalhando a favor de uma atitude mais moderada. Pelo menos, foi o que disse seu informante.

— Scott, temos dois agentes da CIA trabalhando no Japão, disfarçados de jornalistas russos. Foram falar com Koga. O ex-primeiro-ministro não está nada satisfeito com as últimas medidas. Dissemos a ele que agisse normalmente. Não queremos queimá-lo, mas se... que tal você pedir a Cook que descubra com o amigo dele quais são exatamente os elementos da oposição e qual a força que têm? Mas não deve, em hipótese alguma, revelar que estivemos em contato com Koga.

— Certo, eu falo com ele. E quanto às negociações? Continuo insistindo na mesma tecla? — perguntou Adler.

— Não lhes ofereça nada de substancial. Pode contemporizar? — Acho que sim. — Adler consultou o relógio. — Hoje será em nosso território. Preciso combinar alguns detalhes com Brett antes da reunião.

— Mantenha-me informado.

— Pode deixar — prometeu Adler.

Ainda era noite em Groom Lake. Dois aviões de transporte C-5B taxiaram

até o final da pista e decolaram. A carga era leve; levavam apenas três helicópteros cada um e alguns equipamentos, nada de mais para aeronaves projetadas para transportar dois tanques de uma vez. Entretanto, seria um longo voo para uma delas, mais de oito mil quilômetros, e no caso de ventos contrários seriam necessários dois reabastecimentos em voo. Também estavam levando uma tripulação de reserva para cada avião. Com isso, os passageiros tinham sido relegados à popa, onde os assentos eram menos confortáveis.

Richter levantou os braços do conjunto de três assentos e colocou os tapa-ouvido. Assim que o avião decolou, levou automaticamente a mão ao bolso da camisa onde costumava guardar os cigarros, mas se lembrou de que deixara de fumar fazia alguns meses. Droga. Como poderia entrar em combate sem antes dar uma tragada?, perguntou-se. Depois, deitou-se, com a cabeça apoiada em um travesseiro e adormeceu quase de imediato. Não chegou nem a sentir o balanço do avião quando ele entrou no jet stream, sobre as montanhas de Nevada.

Na proa do avião, o piloto tomou o rumo norte. O céu estava escuro, e permaneceria assim durante quase todo o voo. Os tripulantes não teriam nenhum trabalho a não ser o de permanecer acordados. Os equipamentos automáticos se encarregariam de pilotar a aeronave, e a hora era tal, que os voos noturnos comerciais já haviam terminado e os voos da manhã ainda não tinham começado. O céu era todo deles, com nuvens esparsas e um ar muito frio em contato com a fuselagem de alumínio, a caminho do destino mais estranho que poderiam imaginar. A tripulação do segundo Galaxy tinha mais sorte. Ele tomou o rumo sudoeste, e em menos de uma hora estava sobrevoando o oceano Pacífico, a caminho da Base Aérea de Hickam.

O USS Tennessee chegou a Pearl Harbor uma hora antes do previsto e seguiu até o ancoradouro usando seus próprios motores, dispensando o prático do porto e sendo acompanhado apenas por um rebocador da Marinha. Não acenderam nenhum farol; a manobra foi executada usando apenas as luzes do porto como referência. A única coisa fora do comum era a presença de um grande caminhão-tanque na beira do cais. O carro oficial e o almirante de pé ao lado do veículo já eram de esperar, pensou o comandante Claggett A prancha de desembarque foi instalada rapidamente, e o ComSubPac subiu a bordo antes mesmo que a bandeira fosse içada na popa do submarino. Mesmo assim, bateu continência naquela direção.

— Bem-vindo a bordo, almirante — disse o comandante da sala de controle, descendo em seguida a escada para encontrar o almirante Mancuso na porta do seu camarote.

— Dutch, ainda bem que pôde vir logo — disse Mancuso, com um sorriso temperado pela gravidade da situação.

— Estou satisfeito por finalmente entrar em ação — afirmou Claggett. — Temos todo o combustível de que precisamos, almirante — acrescentou.

— Teremos de esvaziar um dos seus tanques.

Além do tanque principal, o Tennessee dispunha de um tanque auxiliar.

— Para quê, almirante? — Para carregá-lo com JP-5. — Mancuso abriu a maleta e tirou de dentro as ordens para a missão. A tinta mal tivera tempo de secar. — Você vai participar de uma missão secreta.

Claggett teve vontade de perguntar Por que eu?, mas em vez disso começou a examinar os papéis para saber onde seria a missão.

— Posso encontrar inimigos no caminho, almirante — observou.

— Suas ordens são para evitar qualquer tipo de combate, mas a regra de costume está em vigor.

Isso queria dizer que Claggett, como comandante, teria liberdade para tomar a decisão que achasse mais apropriada.

— Atenção — anunciou uma voz pelo sistema de alto-falantes. — O aviso de não fumar está suspenso em toda a embarcação. O aviso de não fumar está suspenso em toda a embarcação.

— Você permite que os tripulantes fumem? — perguntou o ComSubPac. A maioria dos comandantes proibia que se fumasse a bordo.

— Isso fica a critério do comandante, lembra-se? A dez metros de distância, Ron Jones estava na sala do sonar, tirando um disquete de computador do bolso.

— Já fizemos a atualização — explicou o operador.

— Esta aqui acabou de ficar pronta. — O empreiteiro introduziu o disquete na unidade de disco do computador de reserva. — Captei vocês na primeira noite, quando passaram pelos detectores do SOSUS na costa de Oregon. Alguma coisa solta a bordo? — Uma caixa de ferramentas. Já cuidamos dela. Passamos por mais duas redes de hidrofones — observou o operador.

— A que distância? — perguntou Jones.

— Passamos bem por cima da segunda.

— Não captamos nada, e estávamos usando o mesmo software que acabei de carregar. Seu submarino é mesmo silencioso. Fizeram uma vistoria completa? — Fizemos. Ordens do comandante. Não há mais nada solto a bordo.

— Fez uma pausa. — A não ser as pontas dos rolos de papel higiênico.

Jonas sentou-se em uma das cadeiras e olhou em volta. Aquele era o seu lugar. Tinha apenas uma vaga ideia do objetivo da missão. Mancuso lhe perguntara a respeito das condições da água, mostrara-se preocupado com a possibilidade de os japoneses terem capturado intacta a estação do SOSUS em Honshu, e isso era tudo. Parecia certo que o Tennessee estava prestes a entrar na

briga. Seria talvez o primeiro submarino da Esquadra do Pacífico a fazê-lo. Não sei se foi uma boa escolha, pensou. Ele é grande e desajeitado. Uma mão tocou a estação de trabalho.

— Sei quem é o senhor, Dr. Jones — disse o operador, lendo seus pensamentos. — Conheço meu trabalho, também, certo? — Quando os submarinos estão usando o respiradouro...

— Devemos ficar atentos para a linha de mil hertz. Temos a versão traço-cinco e todas as atualizações. Incluindo a sua, penso eu.

O operador estendeu a mão para a xícara de café e, pensando melhor, encheu outra xícara para o visitante.

— Obrigado.

— Perdemos o Asheville e o Charlotte? Jones assentiu, olhando para a xícara.

— Você conheceu Frenchy Lavai? — Ele foi meu instrutor, há muitos anos.

— Frenchy foi meu chefe no Dallas, quando servi sob as ordens do almirante Mancuso. O filho dele estava a bordo do Asheville. Eu o conhecia, também. Para mim, é uma questão pessoal.

— Entendo — foi tudo que o operador encontrou para dizer.

— Os Estados Unidos da América não aceitam a situação atual, senhor embaixador. Pensei que tivesse deixado isso bem claro — declarou Adler, duas horas depois de iniciada a sessão.

Na verdade, era a oitava vez que deixava aquilo bem claro desde que as negociações haviam começado.

— Sr. Adler, a menos que seu país deseje continuar a guerra, o que não traria nenhum benefício para ninguém, é melhor que respeite o resultado das eleições que pretendemos realizar... e que serão fiscalizadas por uma comissão internacional.

Em algum lugar da Califórnia, lembrou-se Adler, havia uma estação de rádio que tocara durante várias semanas todas as versões conhecidas de "Louie Louie". Talvez o Departamento de Estado pudesse colocar o sinal da estação no sistema de alto-falantes do edifício, em lugar da música funcional. Estaria mais de acordo com aquele tipo de reunião. O embaixador do Japão estava esperando uma resposta dos Estados Unidos à generosa oferta que seu país fizera de devolver a ilha de Guam (como se não tivesse sido tomada pela força em primeiro lugar) e agora se mostrava irritado porque Adler não oferecia nada em troca do seu gesto magnânimo. Será que não tinha mais nada a dizer? Caso tivesse, aparentemente não o faria até que Adler lhe oferecesse algo.

— Estamos satisfeitos, é claro, com a disposição do seu país de submeter as eleições a uma fiscalização internacional, e também com sua declaração de que

os resultados da eleição serão respeitados, sejam eles quais forem; isso, porém, não muda o fato de que se trata de um território soberano, cuja população já optou pela cidadania americana. Infelizmente, nossa possibilidade de tomar sua declaração como verdadeira está sendo comprometida pela realidade dos fatos.

O embaixador levantou as mãos, aborrecido por ter sido chamado de mentiroso em termos diplomáticos.

— Como posso convencê-los dos nossos bons propósitos? — Evacuando as ilhas já, é claro — respondeu Adler.

Entretanto, ele já fizera uma concessão. Ao afirmar que os Estados Unidos estavam satisfeitos com a promessa do Japão de realizar eleições, oferecera alguma coisa ao embaixador. Não muito, não tanto quanto ele queria, mas alguma coisa. As duas posições foram reafirmadas mais uma vez antes que as negociações fossem interrompidas para o recesso da manhã.

A varanda estava fria e ventosa, e, como da vez anterior, Adler e o embaixador se retiraram para cantos opostos do recinto, que no verão era usado como sala de jantar ao ar livre, enquanto os membros das duas equipes se misturavam para explorar opções com as quais os chefes das negociações não podiam se envolver oficialmente.

— Não foi uma grande concessão — observou Nagumo, bebendo um gole de chá.

— Não deviam esperar nem isso. Sabemos que existe quem não concorde com o que o governo de vocês está fazendo.

— É verdade — concordou Seiji. — Eu mesmo lhe disse isso.

Chris Cook se conteve para não olhar em torno à procura de espiões. Teria sido excessivamente teatral. Em vez disso, bebeu um gole de chá e olhou para sudoeste, na direção do Kennedy Center.

— Houve alguns contatos informais.

— Com quem? — Com Koga — revelou Cook.

Se Adler não sabia como conduzir as negociações, estava na hora de tomar a iniciativa, pensou.

— Ah! Parece uma escolha lógica.

— Seiji, se soubermos conduzir a situação, poderemos sair disso como heróis.

O que seria a solução ideal para todos, não seria? — Que tipo de contatos? — quis saber Nagumo.

— Tudo que sei é que têm sido muito irregulares. O que eu queria lhe perguntar é o seguinte: Koga é o líder da oposição a que você se referiu? — Koga é um dos líderes, naturalmente — respondeu Nagumo. Aquela informação era valiosa. Os americanos não pareciam dispostos a ceder e agora a razão era

clara: esperavam que a frágil coalizão parlamentar que mantinha Goto no governo sucumbisse a uma combinação de tempo e incerteza. Se acabasse com as esperanças dos americanos em uma mudança de governo, eles não teriam nenhuma alternativa senão concordar com as propostas do seu país. E a previsão de Chris quanto a saírem dali como heróis estaria certa, pelo menos em parte, não estaria? — Existem outros? — perguntou Cook. A resposta era previsível.

— Claro que existem, mas não posso lhe revelar quem são. Nagumo estava pensando no que acabara de ouvir. Se os americanos tinham decidido apostar na subversão política, era porque não confiavam no seu poder militar. Era uma excelente notícia.

O primeiro avião-tanque KC-10 decolou de Elmendorf e se encontrou com o G5 a leste de Nome. Foram necessários alguns minutos para chegarem a uma região onde o ar não estivesse muito turbulento; mesmo assim, era difícil executar o que talvez fosse a operação menos natural conhecida pelo homem, o acoplamento em pleno voo de duas aeronaves com várias toneladas de peso. A manobra era mais perigosa porque o piloto do C-5 não podia ver muito mais do que o nariz do avião-tanque e tinha de voar em formação cerrada durante vinte e cinco minutos. Pior ainda: o KC-10 era um avião de três turbinas e a descarga da turbina montada na cauda atingia diretamente a cauda em forma de T do Galaxy, criando uma forte turbulência, que exigia constantes correções de curso. É por isso que nos pagam tão bem, pensou o piloto, suando no interior do traje de voo. Finalmente, os tanques ficaram cheios e os aviões se separaram, o Galaxy diminuindo um pouco de altitude e o avião-tanque fazendo uma curva para a direita. A bordo do C-5, todos respiraram aliviados, enquanto a aeronave prosseguia para oeste, atravessando o estreito de Bering. Outro avião-tanque decolaria em breve de Shemya e também entraria no espaço aéreo da Rússia. Sem que soubessem, outra aeronave americana já fizera o mesmo, como parte de uma procissão secreta para um lugar assinalado nos mapas de navegação aérea como Verino, uma cidade à margem da Estrada de Ferro Transiberiana que datava da virada do século.

O novo eixo estava finalmente no lugar, depois do que pareceu ao comandante o conserto mais demorado da história. No interior do casco, rolamentos foram recolocados e vedações instaladas ao longo de todo o corredor do eixo. Cem homens e mulheres estavam trabalhando naquela tarefa. A equipe de engenharia estava trabalhando em turnos de vinte horas, mais ou menos o mesmo regime que fora exigido dos operários civis do estaleiro, encarregados de operar os equipamentos pesados que cercavam a imensa caixa de concreto. Logo estariam preparados para a última fase do reparo. Uma imensa ponte rolante já começava a mover um novo hélice em direção à extremidade livre do eixo. Em

mais duas horas, a grande estrutura, com dez metros de diâmetro, estaria firmemente presa ao que seria em breve o mais caro navio de dois hélices do mundo.

A reportagem da CNN foi ao ar quando estava amanhecendo. Ryan observou que as cenas estavam sendo filmadas do outro lado do porto, com a legenda "Vivo" no canto inferior esquerdo da tela. Não havia nada de novo em Pearl Harbor, declarou a repórter, de microfone na mão.

— Como podem ver atrás de mim, o Enterprise e o John Stennis permanecem em doca seca. Dois dos mais sofisticados vasos de guerra jamais fabricados pelo homem dependem agora de um exército de operários para voltar a navegar, o que vai levar...

— Vários meses — completou Ryan. — Continue a dizer isso.

Os noticiários das outras redes de TV forneceriam em breve a mesma informação, mas era principalmente na CNN que Jack estava confiando. Um recado para o mundo inteiro.

O Tennessee começou a descer. Dois helicópteros antissubmarino acompanhavam a partida e havia também um contratorpedeiro da classe Spruance nas vizinhanças, em missão de treinamento, que pediu, através de sinais luminosos, que o submarino passasse nas proximidades para um rápido exercício de rastreamento.

Cinco militares do Exército dos Estados Unidos, que tinham subido a bordo pouco antes da partida, foram alojados de acordo com suas patentes. O oficial, um primeiro-tenente, ficou na cabina que seria ocupada pelo oficial de mísseis, se houvesse mísseis a bordo. O segundo mais antigo, um segundo-sargento, ficou com os suboficiais. Os outros ficaram com os marinheiros. A primeira providência foi dar a cada um deles um par de sapatos de solas de borracha e alertá-los quanto à importância de fazerem o mínimo ruído possível.

— Por quê? Qual é o problema? — perguntou o segundo-sargento, olhando para a cama beliche no alojamento dos suboficiais e imaginando se um caixão seria mais confortável.

Ba-uá! — O problema é esse — respondeu um segundo eletricista. Não chegava a estar tremendo, mas acrescentou: — Nunca vou me acostumar com esse barulho.

— O que é?

— O sonar SQS-53 de um contratorpedeiro. Se você ouve tão alto, é porque já fomos detectados. E os japoneses têm um igual, sargento.

— Ignore — disse o chefe dos operadores de radar. Ele estava de pé, atrás de um aprendiz, observando o monitor.

A nova atualização do software realmente tornava mais fácil captar as

emissões do Prairie/Masker, especialmente quando se sabia que o céu estava azul lá em cima e não havia motivos para acreditar que estivesse chovendo.

— Ele nos pegou direitinho.

— Apenas porque o comandante lhe deu permissão para nos rastrear. Não vamos dar essa sopa de novo.

Verino era apenas mais uma antiga base de caças MIG. Exatamente com quem os russos estavam preocupados era difícil de dizer. Daquele lugar, poderiam ter atacado o Japão ou a China ou se defendido de qualquer um dos dois, dependendo da situação política do momento, pensou o piloto. Nunca estivera naquela região e mesmo com a mudança nas relações entre os dois países não esperava fazer mais do que uma visita amistosa à Rússia Ocidental, como as que a Força Aérea dos Estados Unidos costumava organizar periodicamente. Agora, ali estava um caça interceptador Sukhoi-27 a mil metros de distância, com mísseis de verdade pendurados nas asas e provavelmente um piloto com ideias de jerico. Puxa, que alvo enorme As duas aeronaves tinham se encontrado uma hora antes, porque não houvera tempo de arranjar um oficial que falasse russo para a missão e não queriam se arriscar a conversar em inglês na frequência de controle aéreo.

Assim, o avião de transporte seguia o caça como um cão pastor obedientemente acompanhando um terrier.

— Pista de pouso à vista — anunciou o copiloto, com voz cansada.

Houve a costumeira turbulência de baixa altitude, que aumentou quando os flaps e o trem de pouso foram baixados. Apesar disso, a aterrissagem transcorreu sem novidades até o piloto avistar dois C-17 na beira da pista. Então a sua não era a primeira aeronave americana a pousar ali! Talvez as outras duas tripulações conhecessem um bom lugar para passar o tempo de folga.

O 747 da JAL decolou lotado, rumando para oeste contra o vento e deixando o Canadá para trás. O comandante Sato não sabia muito bem o que pensar. Estava satisfeito, como sempre, por levar para casa tantos conterrâneos, mas também tinha a impressão de que muitos estavam fugindo dos Estados Unidos, e a ideia não lhe agradava. Seu filho contara-lhe a respeito do incidente com os B-l. Se o Japão era capaz de avariar dois porta-aviões americanos, destruir dois submarinos e derrubar um ou dois bombardeiros invisíveis, o que tinham a temer? A direita, avistou a silhueta de outro 747, com o emblema da Northwest/KLM, a rota do Japão, certamente cheio de homens de negócios americanos que estavam fugindo. Não que tivessem algo a temer. Talvez estivessem fugindo de vergonha, pensou. A ideia o fez sorrir. O restante da viagem seria fácil. Quatro mil e seiscentas milhas náuticas. Tempo de voo: nove

horas e meia, se as previsões de tempo estivessem corretas. Os 366 passageiros a bordo desembarcariam em um país renascido, guardado por seu filho e seu irmão. Voltariam aos Estados Unidos no momento oportuno, andando um pouco mais eretos e parecendo um pouco mais orgulhosos, como seria apropriado, pensou Sato. Lamentou-se por não pertencer mais às forças armadas, responsáveis pela mudança da situação, mas aquele fora um erro que cometera havia muito tempo e não podia mais corrigir. Assim, faria a pequena parte que lhe cabia naquele momento histórico, pilotando o grande avião de passageiros com todo o cuidado.

A notícia chegou a Yamata na manhã do dia em que planejava voltar a Saipan para começar a campanha para governador da ilha. Ele e os amigos tinham sido avisados pelos órgãos do governo. Tudo que chegava a Goto e ao Ministério do Exterior agora também era comunicado a eles. Não era tão difícil. O país começava a mudar, e estava na hora de as pessoas que exerciam realmente o poder serem tratadas de acordo com seu valor. Em pouco tempo, a população reconheceria esse fato, como os burocratas já estavam fazendo.

Koga, você é um traidor, pensou o industrial. Aquilo não era totalmente inesperado. O ex-primeiro-ministro tinha ideias muito estranhas a respeito da honestidade do processo político e do respeito à opinião popular, como se sentisse uma saudade inexplicável de algo que nunca existira. Era óbvio que os políticos precisavam ser guiados e apoiados por pessoas como ele. Era óbvio que deviam respeitar a vontade dos seus mestres e patrocinadores. O que faziam, afinal, a não ser preservar a prosperidade que outros, como Yamata e seus pares, tanto tinham se esforçado para conseguir para o país? Se o Japão dependesse do governo para atender às necessidades da população, onde estaria naquele momento? Mas tudo que pessoas como Koga podiam oferecer eram ideais que não levavam a lugar algum. As pessoas comuns... o que sabiam? O que faziam? Elas sabiam e faziam o que a classe dominante lhes dizia; e dessa forma, obedecendo sem discutir, tinham contribuído para o progresso da nação. Não era simples? Não era como se estivessem no período clássico, quando o país era governado por uma nobreza hereditária. Aquele sistema fora adequado por dois milênios, mas não combinava com a era industrial. Os nobres consumiam-se na própria arrogância. Não, seu grupo era composto por homens que haviam demonstrado seu valor, primeiro servindo em posições subalternas e depois conquistando posições através do trabalho e da inteligência (e da sorte, admitiu para si próprio) até chegarem ao topo. Eram eles os responsáveis pela grandeza do Japão. Tinham conduzido aquela ilha humilde das cinzas e da ruína para uma posição de destaque no mundo. Eles, que haviam humilhado uma das "grandes"

potências, estavam se preparando para humilhar uma segunda, levando com isso o país à liderança mundial, algo que nem mesmo os militaristas como Tojo haviam conseguido.

Koga não tinha nada a fazer no processo a não ser sair do caminho ou submeter-se a eles, como Goto. Entretanto, não fizera nem uma coisa nem outra e agora estava conspirando para negar ao Japão a oportunidade histórica de ocupar o verdadeiro lugar que lhe cabia entre as nações. Por quê? Porque os métodos que haviam adotado não combinavam com suas ridículas ideias do que era certo e o que era errado, ou porque achava que o caminho que estavam trilhando era perigoso, como se qualquer conquista verdadeira não envolvesse algum tipo de risco.

Bem, não podia permitir que Koga atrapalhasse seus planos, pensou Yamata, pegando o telefone para ligar para Kaneda. Nem Goto concordaria com isso. Era melhor cuidar do assunto com seus auxiliares diretos. Estava na hora de começar a exercer seu poder pessoal.

Na fábrica da Northrop, o avião fora apelidado de "tatu". Embora a fuselagem fosse tão aerodinâmica que a natureza poderia ter dado sua forma a um pássaro marinho, o B-2A não era exatamente o que aparentava ser. Os materiais compósitos que formavam a superfície visível eram apenas parte da tecnologia de invisibilidade aplicada à aeronave. A estrutura metálica interna era angulosa e segmentada como o olho de um inseto, de modo a refletir as ondas de radar para longe do transmissor que pretendia iludir. O perfil gracioso das linhas externas fora desenvolvido para reduzir o arraste e assim aumentar o alcance e reduzir o consumo de combustível. No conjunto, tudo funcionava a contento.

Na Base Aérea de Whiteman, no Missouri, o 5092 Grupo de Bombardeiros levava fazia anos uma existência tranquila, executando suas missões de treinamento sem nenhum alarde. Os bombardeiros projetados para penetrar nas defesas aéreas soviéticas e rastrear e destruir mísseis intercontinentais (uma tarefa pouco realista, reconheciam os tripulantes) eram realmente capazes de passar por qualquer defesa sem ser detectados. Pelo menos, era o que seus construtores pensavam até recentemente.

— É grande, é potente e detectou um B-l — declarou um oficial ao chefe de operações do grupo. — Finalmente, descobrimos o que aconteceu. É um radar de fase escalonada. Pode mudar rapidamente de frequência e operar em um modo de controle de tiro. No caso do B-l que pousou em Shemya (ainda estava lá, enfeitando a única pista de pouso da ilha, enquanto os técnicos tentavam consertá-lo o suficiente para que conseguisse chegar ao Alasca), o míssil veio de uma direção e os pulsos de radar estavam chegando de outra.

— Interessante — observou o coronel Mike Zacharias. Para ele, era óbvio: os japoneses tinham desenvolvido uma ideia que era originalmente dos russos. Enquanto os soviéticos haviam projetado caças que podiam ser controlados a partir de bases terrestres, o Japão desenvolvera uma técnica através da qual os caças permaneciam totalmente silenciosos enquanto lançavam seus mísseis. Aquilo podia ser um problema até mesmo para o B-2, projetado para ser invisível a radares de busca de grande comprimento de onda e radares aéreos de alta frequência. A invisibilidade era conseguida através do uso de uma tecnologia sofisticada e não de passes de mágica. Um radar aéreo de alta potência e capaz de mudar rapidamente de frequência podia obter um sinal suficientemente forte para localizar e abater o B-2. Por mais ágil e esguio que fosse, o B-2 era um bombardeiro e não um caça; oferecia um alvo relativamente grande para qualquer caça moderno. — Qual é a boa notícia? — perguntou Zacharias.

— Vamos brincar mais um pouco com eles e tentar avaliar melhor do que são capazes.

— Meu pai costumava fazer o mesmo com os mísseis antiaéreos. Acabou passando uma boa temporada no Vietnã do Norte.

— Eles também estão trabalhando no plano B — informou o oficial de inteligência.

— É só o que faltava — comentou Chavez.

— Não é você que não se sente bem em missões de espionagem? — perguntou Clark, fechando o laptop depois de apagar as ordens que acabara de receber. — Pensei que gostasse de saber que nossa próxima missão vai ser paramilitar, como as que estamos acostumados a executar.

— Às vezes eu falo demais — afirmou Ding, sentando-se no banco do parque.

— Com licença — disse uma terceira voz.

Os dois agentes da CIA levantaram os olhos e viram um policial uniformizado com uma pistola na cintura.

— Olá — disse John, com um sorriso.

— Que manhã bonita, não acha?

— Acho — concordou o policial. — Tóquio é muito diferente dos Estados Unidos?

— Também é muito diferente de Moscou, nesta época do ano.

— Moscou?

Clark enfiou a mão no bolso do paletó e tirou seu passaporte. — Somos jornalistas russos.

O guarda examinou o passaporte e devolveu-o.

— É muito mais frio em Moscou nesta época do ano?

— Muito mais — confirmou Clark.

O policial foi embora, dando por satisfeita sua curiosidade.

— Não esteja tão certo, Ivan Sergeyevich — observou Ding, depois que o homem se afastou. — Aqui também pode fazer muito frio.

— Você sempre pode arranjar outro emprego.

— E perder toda a diversão? Os dois se levantaram e caminharam em direção ao carro. Havia um mapa no porta-luvas.

O pessoal da Força Aérea da Rússia em Verino estava muito curioso, mas os americanos não pareciam dispostos a cooperar. Agora havia mais de cem militares americanos na base, alojados nas melhores acomodações. Os três helicópteros e dois reboques tinham sido guardados nos hangares que antes abrigavam caças MIG-25. As aeronaves de transporte eram grandes demais para isso, mas tinham sido empurradas para dentro tanto quanto suas dimensões permitiam. As caudas ficaram do lado de fora, mas poderiam ser facilmente confundidas com as de aviões IL-86, que ocasionalmente paravam ali. O pessoal de terra estabeleceu um perímetro de segurança que evitava qualquer tipo de contato entre os militares da força aérea dos dois países, o que deixou os russos muito desapontados.

Os dois reboques no interior do hangar mais a leste estavam ligados eletronicamente por um grosso cabo coaxial. Outro cabo levava a uma antena parabólica, também muito bem guardada.

— Certo, vamos fazê-la girar — disse um sargento, observado por um oficial russo. O protocolo exigia que os americanos permitissem a presença de pelo menos um militar local; aquele certamente pertencia ao serviço de inteligência. A imagem girou na tela do monitor, como se fosse um disco visto de cima. Em seguida, girou em torno de um eixo vertical. — Perfeito — disse o sargento, fechando a janela na tela do computador e clicando onde dizia UPLOAD para transmitir o sinal aos três helicópteros.

— O que você acaba de fazer? Pode me explicar? — perguntou o russo.

— Estamos ensinando o computador a reconhecer o alvo.

A resposta não fez nenhum sentido para o russo, embora fosse verdadeira.

A atividade no segundo reboque era mais fácil de entender. Fotos de alta resolução de vários edifícios altos foram digitalizadas, sua localização determinada com uma precisão de alguns metros e comparada com outras fotografias tiradas de cima, que só podiam ter sido obtidas por satélites. O oficial aproximou-se para apreciar melhor a qualidade das imagens, para desagrado do

oficial americano, que, porém, tinha ordens para não fazer nada que pudesse ofender os russos.

— Parece um edifício de apartamentos, não é? — perguntou o russo, realmente curioso.

— Parece, sim — respondeu o americano, de má vontade, apesar de toda a hospitalidade com que fora recebido.

Com ordens ou sem ordens, era um crime mostrar aquele tipo de coisa a uma pessoa não autorizada, ainda que fosse um americano.

— Quem mora aí?

— Não sei.

Por que esse cara não me deixa em paz? A noite, os outros americanos saíram dos alojamentos. Incompreensivelmente com os cabelos em desalinho, sem se parecerem absolutamente com soldados, começaram a trotar em volta da pista principal. Uns poucos russos se juntaram a eles, e começou uma espécie de disputa, com os dois grupos correndo em formação. O que começara com uma brincadeira se tornou uma competição de verdade. Logo ficou claro que os americanos eram soldados de elite, que não se conformavam em perder para ninguém, mas os russos tinham a vantagem de estar mais bem aclimatados. Spetnaz, começaram a murmurar os russos uns para os outros, quase sem fôlego. Como não tinham muita coisa para fazer, e o comandante era muito severo, estavam em tão boa forma que conseguiram acompanhar os americanos durante dez quilômetros. Depois disso, os dois grupos se misturaram o suficiente para perceber que a barreira da língua impedia uma intimidade maior, embora a tensão estivesse clara no rosto dos visitantes.

— Eles são bem estranhos — comentou Chavez.

— Foi sorte nossa que eles tenham escolhido este lugar.

Mais uma vez era uma questão de segurança, pensou John. Os caças e bombardeiros também tinham sido colocados todos juntos em Pearl Harbor, em uma tentativa de protegê-los contra sabotagem ou qualquer outro perigo imaginário que se revelara contraproducente. Outro fator talvez tivesse sido a facilidade de manutenção, mas as aeronaves não se destinavam originalmente àquela base, de modo que os hangares não eram suficientemente grandes. Em consequência, seis E-767 estavam estacionados ao ar livre, a três quilômetros de distância, facilmente identificáveis pela forma incomum. Melhor ainda: o país era populoso demais para que a base ficasse em um lugar isolado. Os mesmos fatores que faziam com que as cidades ficassem em lugares planos aplicavam-se aos aeroportos, mas as cidades tinham chegado primeiro. Havia vários prédios industriais nas vizinhanças, e a base era cercada por estradas. O passo seguinte

foi examinar as árvores para determinar a direção do vento. Vento noroeste. Para pousar, as aeronaves teriam de vir do sudeste. Agora só restava encontrar um poleiro.

Agora estavam usando tudo que era possível. Satélites espiões de baixa altitude também colhiam informações, localizando as aeronaves antissubmarino, não com a mesma precisão dos aviões de reconhecimento, mas com muito mais segurança. O passo seguinte seria usar submarinos no trabalho, mas alguém lhes dissera que isso levaria tempo. Já não dispunham de muitos submarinos, e os que estavam em condições de navegar tinham muito para fazer. Isso não era novidade. O panorama eletrônico estava ficando cada vez mais claro, e embora nem tudo que os técnicos em guerra eletrônica descobriam fosse favorável, pelo menos dispunham de dados a partir dos quais o pessoal de operações podia formular um plano. No momento, o importante era que os padrões de voo adotados pelos três E-767 tinham sido determinados com grande precisão. Eles pareciam permanecer constantes de um dia para outro. As pequenas variações observadas provavelmente resultavam apenas em mudanças na intensidade e direção do vento. Isso também era uma boa notícia.

O hotel de quatro estrelas era mais caro do que aqueles nos quais costumavam se hospedar, mas ficava ao lado da base. Talvez os ruídos fossem tão frequentes naquele país, que os habitantes se acostumavam a ignorá-los, pensou Chavez, lembrando-se do movimento incessante na rua onde ficava o hotel de Tóquio. Os quartos dos fundos eram os melhores, afirmou o homem da recepção, mas o único vago era um de canto. O barulho era muito pior na fachada do hotel, pois a pista terminava a apenas meio quilômetro da porta da frente. Eram as decolagens que faziam tudo tremer; os pousos eram em geral muito mais discretos.

— Acho que não vou gostar daqui — observou Ding, quando entraram no quarto.

— Quem foi que disse que você precisa gostar? — replicou John, arrastando uma cadeira até a janela para iniciar a vigília.

— E assassinato, John.

— E, acho que sim.

Ding tinha razão, mas alguém mais graduado pensava de outra forma e era isso que importava. Até certo ponto.

— Não há outras opções? — perguntou o presidente Durling.

— Não, senhor. Pelo menos, é o que parece. — Era a primeira vez que Ryan se encontrava naquela situação. Conseguira evitar uma guerra. Combatera com sucesso uma operação irregular que ameaçava causar um grande prejuízo político ao seu país. Agora, estava prestes a iniciar outra operação irregular...

bem, não exatamente, pensou. Não fora o primeiro a usar de meios escusos, embora o que estava prestes a fazer não lhe agradasse nem um pouco. — Eles não cederão.

— Devíamos ter sido mais cautelosos — afirmou Durling, sabendo que era tarde demais para esse tipo de pensamento.

— Talvez a culpa seja minha — observou Ryan, sentindo que era seu dever assumir a responsabilidade. Afinal, a segurança nacional era a sua esfera de ação. Pessoas iriam morrer por causa dos seus erros e pessoas iriam morrer por causa dos seus acertos. Apesar de todo o poder que emanava daquela sala, não tinham muita liberdade de escolha, tinham? — Vai funcionar? — Presidente, isso é algo que teremos de pagar para ver.

Na verdade, foi mais fácil do que esperavam. Três das deselegantes aeronaves de duas turbinas taxiaram em fila indiana até a extremidade da pista, onde, uma de cada vez, se voltaram de frente para o vento noroeste, parando, aumentando a potência dos motores, reduzindo a potência para ver se os motores apagavam e, constatando que tudo estava bem, tornando a aumentar a potência, mas dessa vez soltando os freios e acelerando até decolar. Clark consultou o relógio e desdobrou um mapa rodoviário de Honshu.

Bastou um telefonema. O Grupo de Aviões Comerciais da Boeing divulgou uma Diretriz de Emergência relativa ao sistema de pouso automático do Boeing 767. Um defeito de origem desconhecida afetara a aterrissagem de um avião da TWA em St. Louis; até que a natureza da falha fosse esclarecida, os operadores eram fortemente aconselhados a desativar aquela parte do sistema de controle de voo até segunda ordem. A diretriz foi enviada por correio eletrônico, telex e carta registrada a todas as empresas que trabalhavam com o 767.

39
PRIMEIRO OS OLHOS

Não foi surpresa para ninguém quando os consulados do Japão em Honolulu, San Francisco, Nova York e Seattle foram fechados. Agentes do FBI apareceram simultaneamente em todos eles e explicaram que teriam de ser desocupados. Depois de protestos peremptórios, que receberam atenção polida mas insensível, os diplomatas trancaram os escritórios, saíram escoltados (principalmente para protegê-los de manifestantes, sempre observados atentamente pela polícia local), embarcaram em ônibus e foram levados para o

aeroporto mais próximo, de onde voaram para Vancouver, no Canadá. No caso de Honolulu, o ônibus passou tão perto da base naval de Pearl Harbor que os diplomatas puderam ver os dois porta-aviões nas docas secas e até mesmo fotografá-los. O fato de não serem impedidos pelos agentes do FBI que os acompanhavam na viagem não lhes causou nenhum espanto. Afinal, os meios de comunicação americanos estavam mostrando tudo que acontecia, como era sua obrigação. A operação foi conduzida profissionalmente em cada detalhe. As malas foram radiografadas em busca de armas e explosivos (nada foi encontrado, é claro), mas não foram abertas, porque se tratava de diplomatas, cuja imunidade ainda estava garantida por um tratado internacional. O governo americano fretara um avião comercial para eles, um 737 da United, que, logo depois de decolar, sobrevoou a base naval, permitindo que o cônsul tirasse mais cinco fotografias dos porta-aviões, de uma altitude de 1.500 metros. Ainda bem que fora previdente e embarcara com a câmara na mão, pensou o cônsul, antes de se ajeitar para dormir, preparando-se para o voo de cinco horas até Vancouver.

— Os eixos um e quatro estão como novos, comandante — anunciou o engenheiro-chefe para o comandante do Johnnie Reb. — Vai poder fazer trinta, talvez trinta e dois nós.

Os eixos dois e três, os dois eixos internos, tinham sido removidos e suas aberturas fechadas e soldadas. Com isso, o John Stennis perdera potência, mas a remoção dos hélices também reduzira o arraste, de modo que a velocidade máxima permanecera relativamente elevada. A parte mais delicada da operação fora instalar o eixo número quatro, que tinha de estar mais bem equilibrado do que as rodas de um carro de corrida para que não se despedaçasse ao atingir a velocidade de rotação nominal. Os testes foram realizados fazendo girar o hélice e observando o comportamento de todos os rolamentos ao longo do comprido eixo. Agora, estava tudo pronto, e a doca podia ser inundada. O comandante subiu lentamente os degraus de concreto até o alto daquele imenso desfiladeiro artificial e usou uma prancha para chegar ao navio. Foi uma longa caminhada até seu camarote, de onde deu um telefonema.

Estava quase na hora. Clark olhou para sudeste pela janela do quarto. O céu estava claro, com algumas nuvens esparsas a distância, ainda iluminadas pelo sol, enquanto as sombras já tomavam conta da paisagem.

— Está preparado? — perguntou.

— Tudo em cima, cara.

A grande mala de material fotográfico de Ding estava aberta no chão. O conteúdo passara pela alfândega havia algumas semanas e tinha tudo para ser tomado como o equipamento típico de um repórter fotográfico, embora um pouco mais simples do que o que a maioria costumava usar. No interior da mala,

forrado com espuma de borracha, havia espaço para três câmaras e uma boa coleção de lentes, além de refletores que tinham uma aparência perfeitamente normal mas eram algo bem diferente. As únicas armas que levavam com eles não se pareciam absolutamente com armas, o que já lhes fora útil uma vez, na África. Chavez levantou uma delas, observou o indicador de carga da bateria e decidiu que não era necessário ligá-la na tomada da parede. Ligou a chave e ouviu o zumbido característico que mostrava que os capacitores estavam sendo carregados.

— Aí vem ele — disse John quando viu as luzes, tão insatisfeito com aquele trabalho quanto o parceiro. Mas quem dissera que precisava gostar? O E-767 ligara as luzes internas quando a altitude caíra para três mil metros e agora estava baixando o trem de aterrissagem. Logo depois, os faróis de pouso foram acesos. A oito quilômetros de distância, seiscentos metros acima do bairro industrial onde ficava a base aérea, o piloto viu as luzes da pista e sacudiu a cabeça para afastar o sono depois de um longo e monótono voo de patrulha.

— Baixar flaps — ordenou.

— Baixar flaps — repetiu o copiloto, estendendo a mão para a alavanca que fazia baixar os flaps no bordo posterior das asas, permitindo uma maior sustentação em baixa velocidade.

— Kami-três preparando-se para pousar — disse o piloto, dessa vez pelo rádio, para a torre de controle.

A torre autorizou o pouso, e o piloto segurou os controles com um pouco mais de força, preparando-se para uma possível manobra de última hora e observando o espaço à frente, atento à possibilidade de que uma aeronave qualquer invadisse aquele espaço aéreo restrito. A maioria dos acidentes ocorria no momento da aterrissagem; era por isso que a tripulação tinha de estar particularmente alerta naquela fase final do voo.

— Está na mira — afirmou Chavez, sem nenhuma emoção na voz, enquanto pedia à consciência que calasse a boca.

Seu país encontrava-se em guerra. Os ocupantes daquele avião usavam uniformes, e por isso eram um alvo legítimo. Era tudo muito simples. Lembrou-se da primeira vez em que matara alguém. Fora fácil, também, tão fácil que podia ser chamado de assassinato. Na época, sentira orgulho, lembrou-se Chavez, envergonhado de si próprio.

— Estou precisando de um banho quente e uma massagem — declarou o copiloto, permitindo-se um pensamento pessoal, enquanto seus olhos examinavam a pista, a três quilômetros de distância. — A pista está livre.

O piloto assentiu e estendeu a mão direita para os aceleradores, diminuindo a potência dos motores e permitindo que o atrito com o ar reduzisse a velocidade

para a velocidade nominal de pouso de 145 nós, relativamente elevada por causa da reserva de combustível que as aeronaves da classe Kami sempre transportavam.

— Dois quilômetros, e tudo continua normal — anunciou o copiloto.

— Agora — murmurou Chavez.

A extensão cilíndrica do refletor agora estava apoiada no seu ombro como seu fosse um rifle, ou melhor, como se fosse uma bazuca apontada para o nariz da aeronave que se aproximava. Apertou o botão.

A luz "mágica" que haviam usado na África não era mais do que uma lanterna incrementada, mas esta contava com uma lâmpada de xenônio capaz de produzir três milhões de velas. A parte mais complexa do sistema era o refletor, um espelho de aço de alta precisão que confinava o feixe a um diâmetro de menos de dez metros a uma distância de um quilômetro e meio. Seria fácil ler um jornal àquela distância à luz do aparelho, mas se a pessoa olhasse diretamente para o feixe, mesmo de tão longe, ficaria momentaneamente cega. Projetado e vendido como uma arma não letal, o sistema usava um filtro para eliminar os raios ultravioleta, que podiam causar danos permanentes à retina. O pensamento passou pela cabeça de Ding quando ele apertou o botão. 'Não letal. Não letal uma ova! A luz branco-azulada atingiu em cheio os olhos do piloto. Era como olhar diretamente para o sol. Tirou as mãos dos controles e colocou-as na frente do rosto, enquanto gritava de dor. O copiloto não estava olhando na direção da arma quando ela foi disparada, mas o olho humano é atraído pela luz, especialmente no escuro, e o cérebro não teve tempo de preveni-lo contra aquela reação perfeitamente normal. Os dois aviadores estavam cegos, com a aeronave a duzentos e cinquenta metros do solo e a 1.500 metros da pista. Os dois eram homens altamente treinados e competentes. Com os olhos ainda fechados, por causa da dor, o piloto estendeu a mão para o manche e tentou estabilizar o avião. O copiloto fez o mesmo, mas seus movimentos não foram exatamente iguais, e no instante seguinte estavam lutando um contra o outro e não contra a aeronave. Os dois também não dispunham de nenhuma referência visual, e a vertigem causada pela desorientação não podia atingi-los exatamente da mesma forma. O piloto achou que a aeronave estava se desviando em uma certa direção e o copiloto tentou usar os controles para corrigir um movimento diferente. Com apenas duzentos e cinquenta metros entre eles e o chão, não havia tempo para decidir quem estava certo; a luta pelo manche significava apenas que assim que o mais forte dos dois conseguisse assumir o controle, seus esforços os conduziriam ao desastre total. O E-767 se desviou para o norte, em direção às fábricas, vazias àquela hora, e começou a perder altitude bem rápido. Os controladores da torre tentaram advertir o piloto pelo rádio, mas ele nem chegou

a ouvi-los. Seu último ato consciente foi estender a mão para os aceleradores, em uma tentativa desesperada de arremeter com a aeronave. No momento em que conseguiu encontrá-los, os sentidos revelaram-lhe que sua vida estava prestes a terminar. Seu último pensamento foi de que o país fora atingido por mais uma bomba nuclear.

— Meu Deus! — murmurou Chavez.

O clarão durara apenas um segundo, talvez até menos. O nariz da aeronave brilhou no escuro por um breve instante e logo depois ela se desviou para o norte, como um pássaro ferido. Ding forçou-se a afastar os olhos do local do impacto. Não queria saber onde o E-767 caíra, mas uma bola de fogo iluminou tudo, atingindo o rapaz como um soco no estômago e fazendo-o ter ânsias de vômito.

O Kami-cinco assistiu a tudo, de oito quilômetros de distância. O clarão amarelado à direita da pista de pouso só podia querer dizer uma coisa. Piloto e copiloto sentiram um vazio no estômago. Pensaram nos colegas que tinham acabado de se espatifar no solo, cujas famílias receberiam visitas indesejadas, cujas vozes nunca mais ouviriam, cujos rostos nunca mais veriam. Instintivamente, olharam em volta, à procura de irregularidades. As turbinas estavam em ordem. Os instrumentos estavam em ordem. Os controles estavam em ordem. Independentemente do que tivesse acontecido com a outra aeronave, aquela se encontrava em perfeitas condições.

— Torre, aqui é Cinco. O que aconteceu? Câmbio.

— Cinco, aqui é torre. O Três acaba de cair. Ainda não sabemos a causa. A pista está livre.

— Aqui é Cinco. Entendido, continuando a aproximação, pista no visual.

O piloto tirou o dedo do botão do rádio. Os dois aviadores trocaram um olhar. O Kami-três. Bons amigos. Mortos. Seria mais fácil aceitar um ataque inimigo do que a ignomínia de algo tão prosaico quanto um acidente de pouso. Logo, porém, voltaram a olhar para a frente. Apesar de toda a tristeza que sentiam, ainda tinham uma missão para terminar e vinte e cinco tripulantes para devolver em segurança a suas famílias.

— Quer que eu cuide do próximo? — perguntou John.

— O trabalho é meu, cara.

Ding verificou outra vez a carga dos capacitores e enxugou o suor do rosto. Cerrou os punhos para combater um leve tremor, reação que ao mesmo tempo o deixou envergonhado e aliviado. Os faróis de pouso mostravam que outro alvo estava chegando. Estava ali a serviço do seu país, como eles estavam a serviço do país deles, e não havia como evitar um confronto. Mas era melhor lutar com uma arma apropriada. Talvez, deduziu, os caras que usavam espadas tivessem

pensado o mesmo quando as armas de fogo foram inventadas. Chavez sacudiu a cabeça e apontou sua arma para a aeronave que se aproximava, afastando-se um pouco da janela. Havia uma proteção na frente para evitar que os passantes vissem o clarão, mas não queria correr riscos desnecessários...

... quase na hora...

... já! Apertou de novo o botão e mais uma vez a fuselagem da aeronave iluminou-se por um breve instante. A esquerda, podia ouvir as sereias dos carros de bombeiros, dirigindo-se para o local do primeiro desastre. São muito diferentes das sereias dos carros americanos, pensou, de forma imprópria. A princípio, nada aconteceu com o E-767 e chegou a pensar que escaparia incólume. Então, o ângulo dos faróis de pouso mudou, mas a aeronave não se desviou do curso; simplesmente embicou para o chão. Parecia que ia chocar-se com o hotel, pensou Chavez. Era tarde demais para fugir; talvez Deus o estivesse punindo por haver matado cinquenta pessoas. Sacudiu a cabeça e começou a desmontar a arma, procurando distrair-se com uma tarefa mecânica.

Clark viu o que estava acontecendo. Ele também sabia que não adiantava sair do quarto. O avião devia arremeter... o piloto aparentemente teve a mesma ideia, porque de repente o nariz subiu, fazendo com que o Boeing passasse uns dez metros acima do telhado do edifício. John correu para a janela lateral e viu a asa passar pelo prédio, girando enquanto o fazia. A aeronave começou a subir, tentando fazer uma curva de cento e oitenta graus, mas não tinha potência suficiente e perdeu sustentação a meio caminho da pista, batendo com a asa esquerda no solo e explodindo em outra bola de fogo. Nem ele nem Ding agradeceram a Deus por uma salvação que talvez nem merecessem.

— Guarde a arma e pegue sua câmara — ordenou Clark.

— Para quê?

— Somos repórteres, lembra-se? — disse, dessa vez em russo.

As mãos de Ding tremiam tanto, que ele teve dificuldade para guardar a arma, mas John não mexeu um dedo para ajudá-lo. Era difícil alguém se acostumar com situações como aquela. Afinal, não tinham matado bandidos cruéis e sim pessoas como eles, cujo único crime fora o de estar a serviço de pessoas que não mereciam sua lealdade. Chavez finalmente pegou uma câmara na mala, escolheu uma lente de cem milímetros para a Nikon F5 e seguiu o chefe para fora do quarto. O pequeno saguão do hotel já estava cheio de hóspedes, quase todos japoneses. "Klerk" e "Chekov" passaram por eles, saíram do edifício e correram pela rua até a cerca do aeroporto, onde o segundo começou a tirar fotografias. Dez minutos depois, um policial aproximou-se.

— O que estão fazendo! — exclamou, no que era mais uma acusação do que uma pergunta.

— Somos repórteres — explicou "Klerk", mostrando-lhe as credenciais.

— Parem de tirar fotografias! — ordenou o guarda.

— Infringimos alguma lei? Estávamos naquele hotel na hora do desastre. — Ivan Sergeyevich olhou para o policial e fez uma pausa. — Ah! Vocês foram atacados pelos americanos? Vai apreender nosso filme?

— Vou! — confirmou o policial, depois que um súbito lampejo passou-lhe pelos olhos. Estendeu a mão, satisfeito com o fato de os repórteres se mostrarem tão cooperativos.

— Yevgeniy, entregue imediatamente seu filme ao policial. "Chekov" rebobinou o filme, ejetou-o e entregou-o ao homem.

— Voltem para o hotel, por favor. Se precisarmos de vocês, iremos procurá-los.

Aposto que sim.

— Quarto quatrocentos e dezesseis — informou Clark. — Isso é terrível. Houve sobreviventes?

— Não sei. Vão agora, por favor — disse o policial, fazendo um gesto para que atravessassem a rua.

— Deus tenha piedade deles — disse Chavez em inglês, com toda a sinceridade.

Duas horas depois, um KH-11 sobrevoou a área e fotografou-a com câmaras sensíveis ao infravermelho. Os especialistas em reconhecimento aéreo do Escritório Nacional de Reconhecimento localizaram de imediato os dois montes de destroços fumegantes. Os dois E-767 estavam destruídos, observaram, satisfeitos. Eram funcionários da Força Aérea e, distantes do aspecto humano da tragédia, tudo que viam eram dois alvos atingidos. As imagens foram enviadas a vários destinatários. No setor J-3 do Pentágono, foi constatado que a primeira parte da Operação ZORRO fora executada da forma prevista. Teriam dito da forma esperada, mas isso poderia dar azar. A CIA demonstrara, afinal, que servia para alguma coisa, pensaram os oficiais.

Era noite em Pearl Harbor. Para encher a doca tinham sido necessárias dez horas, pouco mais do que o previsto, o que diminuía a segurança da operação, mas as regras de segurança em estado de guerra eram um pouco menos rígidas. Depois de abertas as comportas, e com a ajuda de dois grandes rebocadores, o John Stennis foi retirado, deixando o Enterprise para trás. O prático conduziu nervosamente o porta-aviões para fora do porto em tempo recorde e foi levado de volta para terra de helicóptero. Antes da meia-noite, o Johnnie Reb estava em águas profundas, fora das linhas normais de navegação, rumando para oeste.

A equipe de investigação de acidentes, cujo quartel-general ficava em

Tóquio, não levou muito tempo para chegar. Era um grupo eclético, formado por militares e funcionários civis, mas naquele caso a opinião que realmente contava era a dos civis, pois se tratava de um avião comercial modificado para uso militar. A "caixa preta" (que na verdade era pintada de laranja fosforescente) do Kami-cinco foi recuperada quase de imediato, mas a do Kami-três foi um pouco mais difícil de encontrar. As duas seriam levadas de volta a Tóquio para ser analisadas. Para os militares japoneses, o problema era muito mais difícil. Dois dos seus preciosos E-767 estavam destruídos e outro se encontrava fora de serviço, passando por uma revisão e atualização dos sistemas de radar. Com isso, restavam sete; seria impossível manter três deles em serviço contínuo. Era uma simples questão de aritmética. As aeronaves tinham de sofrer manutenção e as tripulações precisavam descansar. Mesmo com nove aeronaves em operação, conservar o tempo todo três delas em atividade, três no solo e três de prontidão era uma tarefa extenuante. Havia também a questão da segurança. Um dos membros da equipe de investigação tomou conhecimento da diretriz de Emergência para os 767 e verificou que se aplicava ao modelo que os japoneses tinham convertido para uso militar. Os sistemas de pouso automático logo foram desativados, e a conclusão natural dos investigadores civis foi de que os pilotos, talvez cansados depois de um longo turno de patrulha, tinham ligado o sistema quando estavam se aproximando da base.

Os militares da equipe teriam aceitado a hipótese sem discussão, a não ser por um detalhe: poucos pilotos gostavam dos sistemas automáticos de pouso, e os pilotos militares seriam os últimos a confiar a vida a um punhado de microprocessadores. Entretanto, o corpo do piloto do Kami-três fora encontrado ainda com a mão nos aceleradores. Não era lógico, mas todos os indícios apontavam naquela direção. Um conflito de software, talvez, em algum ponto do sistema. Um motivo fútil para a perda de duas aeronaves preciosas, embora houvesse precedentes naquela era de aviões controlados por computadores. No momento, a realidade era que podiam manter apenas duas aeronaves nos voos de patrulha, embora com uma terceira pronta para levantar voo a qualquer momento.

Os satélites espiões acusaram a presença de três E-767 no ar, e os técnicos da Inteligência da Força Aérea e da Agência de Segurança Nacional se perguntaram, preocupados, se a Força Aérea do Japão tentaria desafiar todas as regras para a operação de aeronaves. Consultaram os relógios e perceberam que seriam necessárias mais seis horas para conhecer a verdade, enquanto os satélites continuavam a registrar as emissões eletromagnéticas.

Jackson agora estava preocupado com outras informações fornecidas pelos

satélites. Havia quarenta e oito caças estacionados em Saipan e outros sessenta e quatro na antiga Base Aérea de Andersen, em Guam, cujas largas pistas e grandes tanques de combustível subterrâneos proporcionavam todo o conforto às novas aeronaves. A distância entre as duas ilhas era de cerca de duzentos quilômetros. Tinham também de considerar as instalações que o Comando Aéreo Estratégico mandara construir nas ilhas durante a Guerra Fria. Havia duas pistas paralelas na extremidade noroeste de Guam, ambas em condições de uso, além do Aeroporto Internacional de Agana, no centro da ilha. Havia também um aeródromo comercial em Rota, outra base abandonada em Tinian e o campo de Kobler, em Saipan, além do aeroporto comercial. Estranhamente, os japoneses tinham ignorado todas as pistas secundárias, com exceção do campo de Kobler. Na verdade, de acordo com os satélites, a ilha de Tinian não fora nem ocupada. Pelo menos, as fotos não mostravam veículos pesados. Talvez estivesse sendo guardada por soldados de infantaria, transportados por helicóptero de Saipan; as duas ilhas eram separadas apenas por um estreito canal.

A principal arma de que dispunha o almirante Jackson eram 112 caças. Eles seriam apoiados por aeronaves de observação E-2, mais os helicópteros que os marinheiros levavam aonde quer que fossem. Eram caças F-15 e F-3, apoiados ainda por mísseis terra-ar e artilharia antiaérea. Seria uma grande missão para apenas um porta-aviões, mesmo usando a ideia de Bud Sanchez para aumentar seu poder de fogo. O segredo, objetivo, porém, não era tanto infligir prejuízos materiais ao inimigo como abalá-lo psicologicamente, fator importante em qualquer guerra, mas que com o passar dos séculos era alternadamente reconhecido e ignorado. Não contava, porém, com o que estava para acontecer.

Para surpresa de Clark, a polícia não voltou para procurá-los. Talvez tivessem encontrado alguma utilidade para as fotografias, mas não era provável. Independentemente do que acontecesse, não iriam ficar ali para descobrir. De volta ao carro alugado, deram uma última olhada nos destroços fumegantes perto do final da pista no momento em que o primeiro dos três E-767 pousou normalmente na base, para alívio de todos. Uma hora antes, tinham visto dois E-767 decolarem, em lugar dos três de costume, o que indicava que a sinistra missão surtira efeito. O fato já fora confirmado pelos satélites, dando sinal verde para outra missão a respeito da qual os agentes da CIA nada sabiam.

O mais difícil ainda era acreditar no que estava acontecendo. As notícias na primeira página do jornal em inglês que haviam comprado na portaria do hotel antes do café não eram muito diferentes das que haviam lido no primeiro dia de sua estada no Japão. Havia duas reportagens sobre as Marianas e duas a respeito de Washington, mas o restante da primeira página era dedicado a notícias

econômicas e a um editorial segundo o qual o país devia reatar relações com os Estados Unidos, mesmo que para isso tivesse de fazer algumas concessões. Talvez a situação real fosse estranha demais para que as pessoas a aceitassem, mas era também provável que a imprensa estivesse sendo mantida sob censura. Por exemplo: os jornais não tinham dito uma palavra a respeito dos mísseis nucleares, ainda escondidos em algum lugar. Alguém estava sendo muito esperto ou muito tolo... ou talvez as duas coisas, dependendo do desfecho. John e Ding haviam chegado à conclusão de que nada daquilo fazia o menor sentido, mas isso não serviria de consolo às famílias das vítimas de ambos os lados. Mesmo na luta pelas ilhas Falkland houvera discursos inflamados para empolgar as massas, mas naquele conflito era como se Clausewitz tivesse sido tirado do túmulo para dizer que a guerra era uma extensão da economia e não da política e que o capitalismo, mesmo do tipo selvagem, era uma atividade mais civilizada do que aquela em que se empenhavam os políticos. As ruas estavam cheias de pessoas empenhadas em sua rotina diária, embora algumas olhassem de passagem para os destroços na base aérea; diante de um mundo que parecia estar virando de cabeça para baixo, os cidadãos comuns apegavam-se à realidade que conheciam, relegando a parte que não compreendiam a um número reduzido de pessoas, que por sua vez se surpreendiam com a naturalidade com a qual a maioria dos habitantes estava aceitando a nova situação.

Ali estava ele, pensou Clark, um espião estrangeiro, fazendo-se passar por jornalista de um terceiro país, violando frontalmente os preceitos do que, de acordo com a Convenção de Genebra, era considerado uma guerra civilizada... esse sim, era um conceito contraditório! Ajudara a matar cinquenta pessoas não fazia nem doze horas e agora, dirigindo um carro alugado em direção à capital do inimigo, sua maior preocupação era lembrar-se de dirigir do lado esquerdo da estrada e evitar colidir com os motoristas que achavam que manter uma distância de mais de três metros do carro da frente queria dizer que você estava pedindo para ser ultrapassado.

Tudo isso mudou a três quarteirões do hotel, quando Ding avistou um carro parado na contramão, com o para-sol baixado do lado do carona. Era sinal de que Kimura precisava encontrar-se urgentemente com eles. O sinal serviu para lembrar a eles que não estavam tendo um pesadelo. Suas vidas estavam novamente em perigo. Isso, pelo menos, era real.

As operações de voo tinham começado pouco depois do amanhecer. Quatro esquadrilhas completas de caças F-14 Tomcat e mais quatro de F/A-18 Hornet estavam agora a bordo, juntamente com quatro E-3C Hawkeye. As aeronaves de apoio estavam em Midway; a força-tarefa de um porta-aviões usaria as ilhas do Pacífico como bases auxiliares para a missão. Uma das primeiras coisas que

fizeram foi praticar operações de reabastecimento em voo, usando aviões-tanque da Força Aérea que acompanhavam a frota. Assim que passaram por Midway, uma patrulha permanente de quatro aeronaves foi estabelecida, embora sem o apoio dos Hawkeye, como seria normal. Os E-3C produziam muitas emissões eletromagnéticas, e a principal preocupação da força-tarefa era pegar o inimigo de surpresa, embora no caso do Johnnie Reb isso envolvesse manter invisível um objeto do tamanho de uma pequena ilha.

Sanchez estava no centro de operações aéreas. Sua tarefa era tomar o que parecia ser uma batalha muito equilibrada e transformá-la em um embate desigual. A ideia de uma luta justa era tão estranha para ele quanto para qualquer militar. Bastava olhar em volta para compreender por quê. Ele conhecia aqueles homens. Não conhecia os soldados inimigos, o que fazia toda a diferença do mundo. Podiam ser seres humanos. Podiam ter esposas, filhos, casas, automóveis e tudo que seus comandados possuíam, mas isso não importava. Sanchez não ordenaria ou aprovaria fantasias do cinema como gastar munição em paraquedistas (homens que, naquela situação, eram de qualquer forma alvos muito difíceis), mas tinha que abater os aviões inimigos, e na era dos mísseis isso significava que na maioria das vezes o piloto não teria chance de se salvar. Felizmente, na guerra moderna, o alvo em geral não passava de um ponto a ser assinalado no monitor do sistema de controle de armas. Isso tornava as coisas muito mais fáceis, e se um paraquedas emergia dos destroços, bem, não se incomodava de resgatar um colega de profissão, desde que não pudesse fazer mal a seus comandados.

— Koga está sumido — informou Kimura, muito pálido.

— Será que foi preso? — sugeriu Clark.

— Não sei. Temos alguém dentro da organização de vocês?

John amarrou a cara.

— Sabe o que fazemos com os traidores? — Todo mundo sabia. — Meu país precisa deste homem. Vamos cuidar do assunto. Pode ir, agora.

Chavez esperou que o japonês se afastasse antes de falar.

— Acha que houve um vazamento?

— É possível. Também é possível que os caras que estão dando as cartas queiram calar a voz da oposição. — Agora me transformei em analista político, pensou. Bem, também era um repórter credenciado da Agência de Notícias Interfax. — O que acha de fazermos uma visita à nossa embaixada, Yevgeniy? Scherenko estava se preparando para sair quando os dois apareceram na porta do escritório. Não era estranho?, pensou. Dois agentes da CIA entrando na embaixada da Rússia para um encontro de negócios com o RVS! — O que houve? — perguntou.

John Clark se encarregou de responder.

— Koga sumiu.

O major Scherenko sentou-se e convidou os visitantes a imitá-lo. Não precisou pedir para fecharem a porta.

— Será que estava mesmo para acontecer ou houve um vazamento? — perguntou Clark.

— Não acredito que a DISP tenha feito isso. Nem Goto teria força suficiente para obrigá-los. A situação política está... vocês têm ideia de como está a situação política?

— É melhor fazer um resumo para nós — disse Clark.

— O governo está muito confuso. Goto continua no poder, mas ninguém sabe ao certo o que pretende. Sua coalizão ainda é frágil. Koga é um homem muito respeitado. Não teriam coragem de mandar prendê-lo.

Pelo menos, é o que eu acho, pensou Scherenko. O que poderia afirmar com toda a confiança havia apenas duas semanas agora não passava de mera especulação. Para os dois americanos, as palavras de Scherenko faziam muito sentido. Clark pensou por um segundo antes de falar.

— É melhor começar a sacudir a árvore, Boris Ilich. Nós dois precisamos desse homem.

— Vocês o recrutaram para trabalhar para a CIA?

— Não, pelo contrário. Pedimos que agisse normalmente... além disso, pensa que somos russos. Nossas instruções eram apenas para verificar o que estava fazendo; tentar controlar uma pessoa como Koga é muito arriscado. A qualquer momento, podia dar uma de superpatriota e nos mandar passear. E bem melhor deixar que defenda o que considera correto.

Scherenko pensou mais uma vez que a ficha que lera a respeito daquele homem estava certa. Clark tinha um talento natural para trabalhar como agente. Fez que sim com a cabeça e esperou que Clark prosseguisse.

— Se você tem acesso à DISP, precisamos descobrir imediatamente se eles estão mantendo Koga prisioneiro.

— E se estiverem?

Clark deu de ombros. — Então terá de dar um jeito de libertá-lo. Esta parte da operação é sua. Não posso interferir. Por outro lado, se o desaparecimento de Koga se deve a alguma outra causa, talvez eu possa fazer alguma coisa.

— Preciso falar com Moscou.

— Eu já imaginava. Não se esqueça de que Koga pode ser nosso melhor trunfo para sair desta confusão. Avise Washington, também.

— Pode deixar — prometeu Scherenko. — Uma última pergunta: sabe alguma coisa sobre os dois aviões que caíram a noite passada? Clark e Chavez já

estavam na porta. Foi o mais jovem que falou, sem se virar: — Que acidente horrível, não acha?

— Você está louco afirmou Mogataru Koga.

— Sou um patriota — replicou Raizo Yamata. Vou tornar meu país realmente independente. Graças a mim, o Japão será de novo uma grande potência.

Estavam sentados frente a frente no apartamento de cobertura de Yamata. Os seguranças do executivo tinham ficado do lado de fora; aquelas palavras eram apenas para os dois.

— Você agrediu nosso mais importante aliado e parceiro comercial. Está levando o país à falência. É responsável por centenas de mortes. Subornou militares e funcionários públicos.

Yamata fez que sim com a cabeça, como se estivesse orgulhoso.

— Hai. Fiz todas essas coisas, e não foi difícil. Diga-me, Koga, o que um político não faz por dinheiro?

— E seus amigos, Matsuda e os outros?

— Todo mundo necessita de conselhos uma vez ou outra.

Quase todo mundo, pensou Yamata. — Quando isto terminar, teremos uma economia totalmente integrada, dois poderosos aliados e um comércio internacional tão ativo quando antes, porque os outros países precisam de nós.

Será que o político era cego? Será que não entendia? — Você conhece os americanos tão mal assim? Nossas dificuldades atuais começaram porque uma família americana sofreu um acidente de automóvel. Eles não são parecidos conosco. Pensam de forma diferente. Têm uma religião diferente. A cultura deles é a mais violenta do mundo, mas defendem a justiça. Seu deus é o dinheiro, mas pregam o idealismo. Não vê que o que está fazendo é uma loucura? Eles jamais vão aceitar as nossas condições! — Koga fez uma pausa. — E seus planos para a Rússia? Acha realmente que...

— Com a China nos apoiando? — Yamata sorriu. — A Rússia não será páreo para nós.

— Acha que a China realmente ficará do nosso lado? — perguntou Koga. — Matamos vinte milhões de chineses durante a Segunda Guerra Mundial. Eles nunca nos perdoarão por isso.

— Acontece que precisam de nós, Koga-san. Juntos, poderemos...

— Yamata-san — disse Koga, com toda a educação, porque era esse seu feitio —, você entende muito menos de política do que de negócios. Isso será sua perdição.

— Pelo menos não sou um traidor — replicou Yamata. — Sei que esteve

em contato com os americanos.

— Não é verdade. Há várias semanas que não falo com nenhum americano.

Uma reação indignada não teria a mesma força que a forma tranquila como negou a acusação.

— Seja como for, prefiro que seja meu hóspede por uns dias — afirmou Raizo. — O futuro mostrará que está errado quando afirma que não entendo de política. Daqui a dois anos, serei o primeiro-ministro. Daqui a dois anos, seremos uma superpotência.

Yamata se levantou. O apartamento ocupava toda a cobertura do edifício de quarenta andares, e a vista era magnífica. O industrial caminhou até uma das janelas panorâmicas e olhou para a cidade que em breve seria sua capital. Era lamentável que Koga não compreendesse como as coisas realmente funcionavam. No momento, porém, tinha de voar de volta a Saipan para iniciar sua carreira política. Olhou para o prisioneiro.

— Você verá. No momento, considere-se meu hóspede. Comporte-se bem e será bem tratado. Tente escapar e seu corpo será encontrado em pedaços nos trilhos de uma ferrovia, com um bilhete ao lado pedindo perdão pelos erros políticos cometidos.

— Você não terá essa satisfação — replicou friamente o ex-primeiro-ministro.

40
CÃES E RAPOSAS

Scherenko planejara ouvir as respostas pessoalmente, mas outros negócios urgentes impediram-no de fazê-lo. Não fez muita diferença. A mensagem, enviada através de um disquete de computador, era do seu principal agente, o vice-diretor da DISP. Independentemente de quais fossem os hábitos pessoais do homem, ele era um observador político arguto, embora um tanto prolixo em suas análises e relatórios. Os militares japoneses, dizia, não estavam descontentes em absoluto com os acontecimentos recentes. Sentindo-se frustrados depois de receber durante muitos anos o rótulo de "forças de autodefesa" e serem relegados, aos olhos do público, ao papel de enfrentar Godzilla e outros monstros absurdos (quase sempre sendo derrotados), consideravam-se os herdeiros de uma orgulhosa tradição guerreira, e agora, finalmente, com uma liderança política corajosa, podiam mostrar do que eram capazes. Os oficiais superiores, quase todos educados e treinados nos Estados Unidos, tinham examinado a situação e anunciado a todos que quisessem ouvir que o Japão tinha tudo para ganhar aquela guerra limitada... e que tinham uma boa chance de conquistar a Sibéria, concluía o diretor da DISP.

Essa análise e o relatório dos dois agentes da CIA foram enviados imediatamente a Moscou. Então havia divergências entre os políticos japoneses, e pelo menos um dos departamentos do governo estava fora de contato com a realidade! Era ótimo saber disso, pensou o russo, mas também se lembrou de que um chefe do serviço de inteligência alemão chamado Canaris conseguira o mesmo tipo de informação em 1939 e não conseguira fazer absolutamente nada com ela. Era um precedente histórico que não pretendia imitar. O segredo para lidar com as guerras era não permitir que se espalhassem. Scherenko não concordava com a teoria de que a diplomacia podia evitar que as guerras começassem, mas acreditava que um bom serviço de inteligência e uma intervenção segura podiam impedir que fossem longe demais... se houvesse vontade política para agir no momento certo. O que o deixava preocupado, porém, era o fato de que os americanos é que deviam mostrar essa vontade política.

— O nome é Operação ZORRO, presidente — informou Robby Jackson,

mostrando o primeiro mapa.

Os secretários de Estado e de Defesa estavam na Sala da Situação com Ryan e Arnie van Damm. Os dois assessores do presidente não se sentiam muito à vontade, mas o mesmo acontecia com o vice-chefe do J-3. Ryan encorajou-o a prosseguir com um gesto de cabeça.

— A missão consiste em abalar a estrutura de comando do inimigo eliminando os indivíduos que...

— Está falando em matá-los? — perguntou Brett Hanson, olhando para o SecDef, que permaneceu impassível.

— Senhor secretário, não queremos envolver a população civil. Isso significa que não podemos atacar a economia japonesa. Não podemos bombardear as cidades. As forças militares estão muito dispersas para...

— Isso é um absurdo — interrompeu Hanson.

— Senhor secretário — disse Ryan, friamente —, podemos pelo menos ouvir qual é o plano antes de decidirmos se é adequado ou não? Hanson assentiu, de má vontade, e Jackson continuou sua explicação.

— Já está quase tudo preparado. Destruímos dois aviões de reconhecimento...

— Quando foi isso? Como foi?

— Aconteceu na noite passada — respondeu Ryan. — Como foi não vem ao caso, presidente.

— Quem autorizou? — perguntou o presidente Durling.

— Eu mesmo, presidente. A operação foi um sucesso total. Durling respondeu com os olhos que Ryan mais uma vez passara dos limites.

— Quantos homens morreram? — perguntou o secretário de Estado.

— Uns cinquenta, ou seja, duzentos a menos do que os que eles mataram até agora, senhor secretário.

— Com um pouco de paciência, podemos convencê-los a nos devolver as ilhas pacificamente — afirmou o secretário de Estado, e agora a discussão era bilateral, com todos os outros assistindo.

— Não é o que pensa Adler.

— Chris Cook acha que sim, e ele tem um amigo do outro lado.

Durling observava impassível, deixando mais uma vez que seus auxiliares (era assim que os considerava) conduzissem o debate. Para ele, o problema era diferente. Se não conseguisse resolver aquela crise, jamais conseguiria se reeleger. Em consequência, os Estados Unidos teriam um novo presidente, que seria forçado a enfrentar uma crise ainda maior no ano seguinte. Pior ainda: se a análise dos russos estivesse correta e o Japão e a China invadissem a Sibéria no outono, outra crise atingiria os Estados Unidos durante a eleição, transformando

toda a questão em um debate político, com uma economia ainda tentando se recuperar de uma queda de cem bilhões de dólares no comércio.

— Se não agirmos agora, senhor secretário, as consequências serão imprevisíveis — afirmou Ryan.

— Podemos resolver o problema por vias diplomáticas — insistiu Hanson.

— E se isso não for possível? — perguntou Durling.

— Nesse caso, poderemos pensar em uma ação militar limitada — afirmou o secretário de Estado, com uma confiança que evidentemente não era compartilhada pelo secretário de Defesa.

— Tem alguma coisa a acrescentar? — perguntou o presidente a este último.

— Vamos levar muito tempo, anos, talvez, para reunir uma força capaz de...

— Não dispomos de anos — interrompeu Ryan.

— Não, acho que não — concordou Durling. — Almirante, acredita no sucesso da operação?

— Acredito, presidente. Teremos de contar com um pouco de sorte, mas o que conseguimos a noite passada já é meio caminho andado.

— Não dispomos de forças suficientes para garantir o sucesso — afirmou o SecDef. — O comandante da força-tarefa acaba de mandar seu relatório e...

— Eu já li esse relatório — declarou Jackson, sem conseguir esconder sua preocupação com o teor do documento. — Acontece que conheço o comandante do grupo aéreo, comandante Bud Sanchez. Conheço-o há muitos anos. Ele acha que é possível, presidente, e acredito nele. Não nos devemos deixar impressionar pelos números. Não estamos falando apenas em números. Estamos falando em ganhar uma guerra e temos mais experiência nisso do que eles. Estamos falando em usar de psicologia e dar mais destaque às nossas qualidades do que aos nossos defeitos. A guerra mudou muito. Antigamente, precisava-se de um grande poder militar para destruir a capacidade do inimigo de resistir e de coordenar suas forças. Há cinquenta anos, era preciso muita coisa para isso, mas os alvos a serem atingidos são na verdade muito pequenos; se você conseguir atingir esses pequenos alvos, conseguirá a mesma coisa do que se estivesse usando um milhão de homens.

— Isso é assassinato a sangue frio — rosnou Hanson. Jackson olhou para ele.

— Concordo com o senhor, mas desta forma não estaremos matando um pobre infeliz de dezenove anos que entrou para o exército porque achava o uniforme bonito. Estaremos matando o filho da puta que o mandou para o campo de batalha sem ao menos conhecer seu nome. Com todo o respeito, secretário, já matei muita gente e sei exatamente qual é a sensação. Só uma vez, só desta vez,

gostaria de ter a oportunidade de pôr as mãos nos homens que dão as ordens em lugar dos pobres coitados que são forçados a executá-las.

Durling quase sorriu ao ouvir aquilo, lembrando-se de todas as fantasias e até mesmo de um anúncio de TV que vira uma vez a respeito de como seriam as coisas se os presidentes, primeiros-ministros e outras autoridades tivessem de lutar pessoalmente nas guerras.

— Mesmo assim, teremos de matar muitos garotos — afirmou o presidente.

O almirante Jackson respirou fundo antes de responder.

— Sei disso, presidente, mas, se tivermos sorte, serão muito menos do que temíamos a princípio.

— Para quando vão precisar de uma resposta?

— Já está quase tudo preparado. Podemos iniciar a operação em menos de cinco horas. Depois disso, estaremos limitados apenas pela luz do dia.

— Obrigado, almirante Jackson. Podem me dar licença? — Todos se preparavam para sair quando Durling mudou de ideia. — Jack? Fique. Preciso falar com você.

Jack tornou a sentar-se.

— Temos de ir em frente. É preciso eliminar aqueles mísseis nucleares...

— Eu sei.

O presidente olhou para a mesa. Todos os relatórios, mapas e gráficos estavam espalhados. Pelo menos fora poupado das estimativas de baixas, provavelmente por iniciativa de Ryan. Depois de um segundo, ouviram a porta se fechar. Ryan foi o primeiro a falar.

— Presidente, há mais uma coisa a considerar. O ex-primeiro-ministro Koga foi detido... ou melhor, sabemos apenas que desapareceu.

— O que isso significa? Por que não me contou antes?

— O desaparecimento aconteceu menos de vinte e quatro horas depois que contei a Scott Adler que nossos agentes tinham estado com Koga. Não disse a ele quem eram os agentes. Pode ter sido simples coincidência. Talvez Goto e seu chefe tenham decidido que era melhor silenciá-lo antes de prosseguir com seus planos. Mas também pode estar havendo um vazamento de informações.

— Quem sabia?

— Ed e Mary Pat, na CIA. Eu. O senhor. Scott Adler. Qualquer um a quem Scott Adler tenha contado.

— Mas não temos certeza de que houve um vazamento.

— Não senhor, mas é muito provável.

— Esqueça o assunto por um momento. Que tal não fazermos nada?

— Não podemos ficar de braços cruzados, presidente. Se o fizermos, o mínimo que vai acontecer é uma guerra entre a Rússia de um lado e o Japão e a

China do outro. A CIA ainda está examinando todas as possibilidades, mas acho quase certo que os dois lados acabem recorrendo a artefatos nucleares. A Operação ZORRO pode não ser a coisa mais bonita que já fizemos, mas é a nossa melhor oportunidade de resolver a situação. As questões diplomáticas não são importantes — prosseguiu Ryan. — Estamos agora envolvidos em algo muito maior. Se pudermos matar os responsáveis por esta bagunça, o governo de Goto irá por terra e a situação voltará ao normal.

Curiosamente, pensou Durling, era difícil saber quem estava sendo moderado e quem estava sendo radical. Hanson e o SecDef eram a favor da linha diplomática clássica: queriam estar certos de que todas as possibilidades de negociação estavam esgotadas antes de partirem para uma solução militar, que, caso adotada, certamente envolveria o país em um longo e sangrento conflito. Ryan e Jackson, por outro lado, eram a favor de usar a violência de forma localizada para evitar que a guerra assumisse maiores proporções. Acontece que havia bons argumentos a favor das duas posições; a única forma de saber com certeza quem tinha razão seria ler os livros de história dali a vinte anos.

— Se o plano não der certo...

— Teremos sacrificado em vão as vidas de alguns americanos — observou Jack, com toda a honestidade. — O senhor também pagará um preço bem alto por isso, presidente.

— O que me diz do comandante da esquadra... quero dizer, o cara que está comandando o grupo do porta-aviões?

— Ele é um elemento fundamental para o sucesso da operação.

— Substitua-o — ordenou o presidente. — A missão está aprovada. Havia mais um assunto para ser discutido. Ryan conversou a respeito com o presidente antes de sair da sala para dar seus telefonemas.

Uma missão perfeita da Força Aérea, gostavam de dizer os homens de uniforme azul, era comandada por um simples capitão. Aquela era comandada localmente por um coronel das operações especiais, mas pelo menos se tratava de um homem que tinha sido recentemente preterido nas promoções para general, algo que depunha a seu favor aos olhos dos subordinados, que sabiam por que deixara de ser escolhido. Os oficiais que trabalhavam nas operações especiais não se adaptavam ao perfil do generalato. Eram... excêntricos demais.

O plano final para a missão foi preparado a partir de dados enviados em tempo real de Fort Meade, Maryland, para Verino. Os americanos ainda sentiam arrepios com a ideia de que os russos estavam aprendendo muita coisa a respeito da capacidade dos Estados Unidos de reunir e analisar dados eletrônicos através de satélites e outros meios. Afinal, esses recursos tinham sido desenvolvidos para ser usados contra eles. As posições exatas dos dois E-767 em operação

foram cuidadosamente plotadas. Dados visuais, obtidos com o auxílio de satélites, tinham permitido obter uma estimativa do número de caças (pelo menos os que estavam estacionados ao ar livre) e o KH-12, em sua última passagem, localizara os caças que estavam no ar. O coronel que comandava o destacamento examinou pela última vez a rota de penetração que formulara pessoalmente com a tripulação, e embora todos estivessem preocupados, os dois jovens capitães encarregados de pilotar o avião de transporte C-l 7A mastigaram seus chicletes e aprovaram com a cabeça o plano de voo. Um deles chegou a brincar que estava na hora de o "caminhão de lixo" fazer algo que prestasse.

Os russos tinham sua parte no plano, também. De Vuzhno-Sakalinsk Sul, na península de Kamchatka, oito interceptadores MIG-31 decolaram para um exercício de defesa aérea, acompanhados por uma aeronave de observação IL-86 Mainstay. Dez minutos depois, quatro caças Sukhoi levantaram voo de Sokol para fazer o papel do inimigo. Os Sukhoi tomaram o rumo sudeste, permanecendo a uma distância prudente do espaço aéreo japonês. Os controladores dos dois E-767 japoneses logo perceberam do que se tratava: um exercício de treinamento dos russos, sofisticado mas rotineiro. Mesmo assim, envolvia aviões de guerra e merecia ser observado de perto, ainda mais porque estava sendo executado nas proximidades da rota aérea mais provável para aviões americanos como o B-l que recentemente testara as defesas aéreas japonesas. Assim, os dois E-767 foram deslocados um pouco para nordeste, e com eles os caças da escolta. O AWACS de reserva quase recebeu ordem para decolar, mas o comandante da defesa aérea achou que não era necessário.

O C-l 7A Globemaster-III era a mais recente e mais dispendiosa aeronave de transporte aéreo a passar pelo sistema de concorrências do Pentágono. Todos os que conheciam de perto esse sistema preferiam enfrentar a artilharia antiaérea do inimigo. As missões de bombardeio pelo menos eram planejadas para ter sucesso, enquanto o sistema de detecção parecia ter sido concebido para dar errado. O fato de que às vezes dava certo era um tributo à imaginação das pessoas que se dedicavam a frustrá-lo. Nenhuma despesa fora poupada, e o orçamento recebera até um reforço, mas o resultado era um "caminhão de lixo voador" (o termo mais usado pelos pilotos de caça) com ares de avião de guerra.

Aquele C-l 7A decolou pouco depois da meia-noite, hora local, rumando para su-sudoeste como se se tratasse de um voo civil para Vladivostok. Pouco antes de chegar a esta cidade, recebeu combustível de um avião-tanque KC-135 (o sistema de reabastecimento russo não era compatível com as aeronaves americanas) e deixou o continente asiático, voando para o sul exatamente ao longo do Meridiano 132.

O Globemaster era a primeira aeronave de carga jamais projetada com o

objetivo de executar operações especiais. A tripulação normal de apenas dois homens era suplementada por dois "observadores" que podiam dispor de vários tipos de instrumentos, instalados de forma modular. Neste caso, ambos eram oficiais de guerra eletrônica, empenhados em registrar as numerosas bases de radar de defesa aérea que juncavam a costa da Rússia, China, Coreia e Japão e orientar os pilotos para que passassem o mais longe possível dessas bases. No momento, isso exigia uma descida rápida e uma guinada para leste.

— O senhor não adora este trabalho? — perguntou o primeiro-sargento Vega ao comandante.

Os comandos estavam sentados em bancos dobráveis no compartimento de carga, usando uniformes de combate que os tinham feito cambalear para dentro da aeronave fazia uma hora, sob os olhos atentos do mestre de carga. Era voz corrente no Exército que a Força Aérea premiava as tripulações que conseguissem fazer os passageiros vomitarem, mas naquele caso não haveria queixas. Estavam na parte mais perigosa da missão, apesar dos paraquedas, coisa que os tripulantes, curiosamente, não se davam ao trabalho de usar. Eles não serviriam para nada se um caça atacasse o avião antes de chegarem ao local programado para o salto.

O capitão Checa se limitou a fazer que sim com a cabeça. Gostaria de estar no chão, o lugar apropriado para um soldado da infantaria, em vez de ficar ali sentado, tão indefeso quanto um feto no útero de uma mulher viciada em danças de discoteca.

Lá na frente, os monitores estavam ficando congestionados. A tela retangular mostrava a posição de todas as instalações de radar conhecidas da costa japonesa. Não fora difícil obter essa informação, pois quase todas tinham sido instaladas pelos americanos uma geração ou duas atrás, no tempo em que o Japão era uma gigantesca base militar para ser usada contra a União Soviética e por isso mesmo um alvo possível dos ataques russos. Os aparelhos de radar tinham sido modernizados depois disso, mas toda cerca tem suas imperfeições, que eram conhecidas pelos americanos e tinham sido reexaminadas pelos satélites espiões na semana anterior. A aeronave agora estava rumando para sudeste, apenas sessenta metros acima do mar e mantendo a velocidade máxima em baixa altitude de setecentos e trinta quilômetros por hora. Isso resultava em uma viagem turbulenta, embora a tripulação não notasse isso, por já estar acostumada. O piloto estava usando óculos de visão noturna e varria o céu com os olhos, enquanto o copiloto se concentrava nos instrumentos. O copiloto também dispunha de um visor parecido com o de um caça, que mostrava o curso, a altitude, a velocidade do ar e também uma linha verde para indicar o horizonte, que ele às vezes podia ver diretamente, dependendo da lua e das nuvens.

— Estou vendo luzes muito altas, às dez horas — comunicou o piloto. Devia ser um avião comercial em sua rota padrão. — Nada mais.

O copiloto deu mais uma olhada na tela. O curso que estavam seguindo passava no meio de um corredor preto muito estreito cercado por manchas vermelhas e amarelas, que mostravam as regiões cobertas pelos radares de defesa e de controle aéreo. Quanto mais baixo voassem, maior a margem de segurança, mas já estavam voando tão baixo quanto podiam.

— Estamos a oitenta quilômetros da costa.

— Entendido — disse o piloto. — Como estamos indo? — perguntou, um segundo mais tarde. As penetrações em baixa altitude deixavam todos tensos, mesmo quando a aeronave estava sendo dirigida por um piloto automático controlado por computador.

— Sem problemas — respondeu o copiloto. — Não era bem assim, mas era o que o piloto esperava ouvir. A parte mais perigosa da missão estava bem ali, na passagem pela base de radar de Aikawa. A parte mais fraca do perímetro de defesa do Japão em baixas altitudes era um espaço entre uma península e uma ilha. Os radares dos dois lados quase cobriam toda a brecha de cento e dez quilômetros, mas eles eram antigos, da década de 1970, e não tinham sido atualizados desde a queda do regime comunista da Coreia do Norte. — Descendo mais um pouco — disse o copiloto em seguida, ajustando o controle de altitude do piloto automático para vinte metros.

Teoricamente, poderiam voar em segurança quinze metros acima de uma superfície plana, mas a aeronave estava pesada, e agora a mão do copiloto estava no manche, outra ilusão de que aquele aparelho era um avião de caça. Se avistasse um barco de pesca, trataria de subir um pouco para evitar um possível choque com o mastro da embarcação.

— Estamos chegando à costa — anunciou um dos oficiais de guerra eletrônica. — Recomendo desviar à direita para um-seis-cinco.

— Desviando para a direita.

A aeronave inclinou-se ligeiramente. Havia poucas janelas no compartimento de bagagem. O primeiro-sargento Vega estava perto de uma delas; olhando para fora, viu a ponta da asa de aproximar de uma superfície escura, quase invisível, na qual aparecia de vez em quando uma mancha branca de espuma. Achou melhor desviar os olhos. Não podia fazer nada para ajudar e se caíssem na água, não teria tempo para perceber o que estava acontecendo. Pelo menos, era o que alguém lhe dissera uma vez.

— Costa à vista — comunicou o piloto, avistando as luzes. Estava na hora de tirar os óculos e pilotar o avião. — Reassumindo o comando.

— Piloto reassumindo o comando — repetiu o copiloto, respirando fundo.

Cruzaram a costa entre Omi e Ichifuri. O piloto começou imediatamente a subir. O sistema automático anticolisões tinha três posições. Ele escolheu a posição Rápido, que sacrificava o avião e mais ainda os passageiros, mas era a mais segura.

— E os AWACS? perguntou ao OGE.

— Estamos captando as emissões de um deles há nove horas, muito fracas. Se mantiver este curso, estaremos seguros.

— Peguem os sacos de vomitar, rapazes. — Para o mestre de carga: — Dez minutos.

— Dez minutos — anunciou o sargento da Força Aérea, no compartimento de carga. Nesse exato momento, o avião subiu bruscamente e guinou para a direita, desviando-se de um morro. Logo em seguida, tornou a descer. Júlio Vega se sentiu como se estivesse em uma montanha-russa particularmente desagradável. Lembrou-se de que jurara jamais se submeter novamente àquele tipo de tortura. Era uma promessa que quebrara várias vezes, mas dessa vez, novamente, havia homens armados à sua espera. E não eram traficantes colombianos, mas soldados bem treinados.

— Espero que eles mantenham o avião parado uns dois minutos para podermos chegar até a porta — comentou, entre dois acessos de vômito.

— Não conte com isso — disse o capitão Checa, antes de usar seu saco, sendo imitado por vários comandos.

O truque era manter as montanhas entre eles e os transmissores de radar. Para isso, era preciso voar nos vales. O Globemaster estava indo mais devagar agora, com uma velocidade do ar que não passava de quatrocentos e trinta quilômetros por hora e mesmo com os flaps baixados e um sistema de controle auxiliado por computador, o voo era extremamente irregular. Os instrumentos mostravam agora um corredor montanhoso, com mensagens vermelhas de advertência aparecendo a todo momento. O piloto automático estava se saindo muito bem, obrigado, mas não sem deixar o piloto e o copiloto com um frio na espinha. Os aviadores jamais confiavam integralmente naqueles aparelhos; no momento, havia duas mãos nos manches, quase assumindo o controle mas não o fazendo, no que era quase um jogo sofisticado, com o computador tentando à sua maneira ser mais corajoso que os aviadores, obrigados a confiar nos circuitos integrados para fazer funções que estavam além da sua capacidade. Olharam para as formas verdes que representavam montanhas de verdade, dezenas delas, a maioria com bordos indistintos por causa da vegetação e quase todas acima da trajetória da aeronave até o último segundo, quando o nariz se inclinava bruscamente para cima e seus estômagos lutavam para acompanhar o movimento, apenas para descer de novo no momento seguinte.

— Lá está o ponto de inserção. Cinco minutos — avisou o piloto.

— De pé! — gritou o mestre de carga para os passageiros.

A aeronave estava descendo de novo, e um dos comandos quase perdeu o equilíbrio ao se levantar. Dirigiram-se para a porta de passageiros de bombordo, que já estava aberta. Enquanto enganchavam as cordas de abertura dos paraquedas , a escotilha de carga foi aberta e dois soldados da Força Aérea removeram os ganchos de segurança do caixote que ocupava o centro do compartimento de carga. O Globemaster nivelou-se pela última vez. Pela abertura da porta, Checa e Vega podiam ver um vale sombrio abaixo da aeronave e uma alta montanha à esquerda.

— Cento e cinquenta metros — disse o piloto pelo alto-falante.—Vamos em frente.

— O vento está a favor — anunciou o copiloto. — Um minuto.

A luz verde ao lado da porta foi acesa. O mestre de carga ficou parado na porta, com um cinto de segurança na cintura, barrando o caminho dos comandos. Dirigiu-lhes um olhar carinhoso.

— Tomem cuidado lá embaixo, ouviram?

— Desculpe a sujeira — disse o capitão Checa. O mestre de carga riu.

— Já vi piores.

Fez uma verificação final. Os comandos estavam todos a postos, e não havia ninguém atrás do caixote. A carga seria lançada primeiro.

— A popa está livre — informou, pelo comunicador.

O mestre de carga recuou, permitindo que Checa tomasse seu lugar perto da porta, com uma mão de cada lado e o pé esquerdo ligeiramente para fora.

— Dez segundos — disse o copiloto.

— Entendido, dez segundos. — O piloto estendeu a mão para a alavanca de lançamento, abriu a tampa de segurança e pousou o dedo no botão.

— Cinco.

— Cinco.

— Três... dois... um... já!

— Carga lançada — anunciou o piloto.

Na popa, os comandos viram o caixote deslizar em direção à porta cavernosa. A cauda da aeronave baixou por alguns segundos e depois voltou à posição normal. Logo em seguida, a luz verde ao lado da porta começou a piscar.

— Em frente! — gritou o mestre de carga.

O capitão Diego Checa, dos Comandos do Exército dos Estados Unidos, tornou-se o primeiro americano a invadir o Japão ao dar um passo para fora e cair na escuridão. Um segundo depois, a corda abriu seu paraquedas e o guarda-chuva de plástico preto começou a frear sua queda a apenas noventa metros do

solo. O tranco violento e muitas vezes dolorido foi recebido com alívio. Como estavam saltando de uma altura de apenas cento e cinquenta metros, um paraquedas de reserva seria um luxo totalmente inútil. Primeiro olhou para cima e para a direita para ver se os outros também tinham pulado e se os paraquedas estavam todos abertos; em seguida, olhou para baixo. Lá estava a clareira. Tinha certeza de que não erraria, mas mesmo assim puxou um dos tirantes para mirar bem no meio da clareira e aumentar a margem de segurança. Finalmente, largou a mochila, que caiu cinco metros e ficou pendurada na ponta do cabo de segurança. Os trinta quilos de equipamento chegariam primeiro no chão, diminuindo o choque da queda, a menos que caíssem bem em cima da maldita bagagem e quebrasse alguma coisa. Afora isso, mal teve tempo de pensar antes que o vale subisse ao seu encontro. Pés juntos, joelhos dobrados, costas retas, comece a rolar assim que chegar ao chão. Sentiu um choque súbito, que lhe arrancou o ar dos pulmões, e de repente se viu deitado de bruços, tentando descobrir se os ossos estavam intactos ou não. Segundos depois, ouviu os ais e ufas dos companheiros. Checa levou três segundos para chegar à conclusão de que ainda estava inteiro e se pôr de pé, livrar-se do cabo de segurança e sair correndo para recolher o paraquedas. Depois, colocou os óculos de visão noturna e reuniu os comandados.

— Todo mundo está bem?

— Tudo em ordem, capitão — disse Vega, que foi o primeiro a aparecer, levando a reboque outros dois homens.

Os outros estavam chegando, todos carregando os paraquedas pretos.

— Vamos ao trabalho, comandos.

O Globemaster continuou na direção sul. A oeste de Nomazu, reduziu a altitude a quase zero, mantendo uma península montanhosa entre ele o distante E-767 pelo maior tempo possível. Em seguida, rumou para sudoeste, afastando-se cada vez mais, até que, a trezentos quilômetros da costa do Japão, pôde voltar em segurança à altitude de cruzeiro, tomando a rota comercial G223. A única dúvida que restava era se o avião-tanque KOI 0 estaria à espera no local combinado para permitir que completasse o voo até Kwajalein. Só então poderiam quebrar o silêncio no rádio.

Os comandos puderam quebrar o silêncio primeiro. O sargento de comunicações ligou um transmissor, orientou-o na direção de um satélite, transmitiu uma série de cinco letras e ficou esperando uma resposta.

— Eles chegaram bem — informou um major do Exército a Jackson no Centro Nacional de Comando Militar.

O problema vai ser tirá-los de lá, pensou o almirante. Mas uma coisa de cada vez. Pegou o telefone para ligar para a Casa Branca.

— Jack, os comandos estão lá.

— Obrigado pela notícia, Rob. Precisarei de você aqui.

— Para quê? Tenho muito que fazer e...

— Venha logo, Robby — insistiu Ryan, antes de desligar.

A tarefa seguinte era cuidar da carga. Caíra a menos de duzentos metros do alvo, o que estava de acordo com as previsões. Um por um, pares de comandos lutaram com sacos de combustível vazios, carregando-os morro acima até o que parecia ser um bosque, Em seguida, estenderam uma mangueira e bombearam dez mil quilos de JP-5 de um saco grande para seis sacos pequenos, dispostos aos pares em locais escolhidos. A operação levou uma hora, enquanto quatro comandos patrulhavam as vizinhanças, à procura de sinais de presença humana, mas tudo que viram foram sinais de um quadriciclo, o que já esperavam. Quando a operação de bombeamento terminou, o saco de combustível vazio foi dobrado e enterrado. Em seguida, a carga sólida teve de ser carregada para o lugar apropriado e coberta com uma rede de camuflagem. Essa operação consumiu mais duas horas, levando os comandos ao limite de suas forças com a combinação de trabalho duro e tensão permanente. Logo o sol iria nascer, e era preciso esconder todos os vestígios da sua presença. O primeiro-sargento Vega supervisionou o trabalho de camuflagem. Quando terminou, os comandos que ainda estavam fora do bosque marcharam em fila indiana em direção a ele, com o último homem remexendo no mato para diminuir os sinais da passagem. Não era perfeito, mas teria de servir. Ao alvorecer, no final do que representara para eles um período de vinte e quatro horas extremamente desagradável, estavam todos a postos, hóspedes indesejados em uma terra estrangeira, tremendo de frio, proibidos de acender uma fogueira para se aquecer, comendo rações frias.

— Jack, tenho trabalho para fazer no meu escritório — afirmou Robby, entrando na sala.

— Não tem, não. Eu e o presidente conversamos sobre o assunto na noite passada.

— Como assim?

— Pode começar a fazer as malas. Você vai assumir o comando do grupo de combate do Stennis.

Ryan teve vontade de dar parabéns ao amigo, mas mudou de ideia. Estava mandando o amigo para uma missão perigosa. A novidade deixou Jackson atônito.

— Tem certeza?

— Já está decidido. O presidente assinou a nomeação. O CINCPAC foi informado. O almirante Seaton...

— Já trabalhei com ele — comentou Robby.

— Você tem duas horas. Um Gulfstream está à sua espera em Andrews. Precisamos de alguém que conheça os limites políticos da missão — explicou o conselheiro de Segurança Nacional. Leve até onde puder, Rob, mas não vá se exceder. Temos de ganhar esta parada na base da astúcia.

— Compreendo.

Ryan levantou-se e apertou a mão do amigo.

— Não sei se devia estar fazendo isso com você...

— E o meu trabalho, Jack.

O Tennessee chegou ao local planejado, perto da costa do Japão, e finalmente reduziu a velocidade para cinco nós, a velocidade normal de patrulha. O comandante Claggett levou apenas um momento para determinar a posição, com base em um penhasco conhecido pelos marinheiros como Mulher de Lot, e depois levou o submarino para uma profundidade de duzentos metros, abaixo da camada térmica. O sonar não indicava nada no momento, o que era estranho para uma rota de navegação normalmente movimentada, mas foi recebido com alívio por todos a bordo depois de quatro dias e meio viajando sem parar a toda velocidade. O pessoal do Exército adaptara-se com relativa facilidade e começara a fazer exercícios com os marinheiros no compartimento de mísseis. No momento, as ordens eram simples: permanecerem escondidos e recolherem o máximo possível de informações a respeito dos movimentos do inimigo. Não era propriamente emocionante, mas apenas Claggett conhecia a importância real da missão.

A transmissão via satélite avisou a Sandy Richter e seus colegas que a missão prosseguia normalmente. Isso queria dizer mais tempo de simulação para todos, enquanto os mecânicos preparavam os Comanches. Infelizmente, isso queria dizer instalar acessórios visíveis ao radar dos dois lados da aeronave, além de tanques suplementares, mas Sandy sabia disso desde o começo e ninguém se dera ao trabalho de lhe perguntar se gostava da ideia. No momento havia três cenários diferentes no simulador; as tripulações passaram por eles, sendo submetidas aos movimentos apropriados, sem saber o que estavam fazendo no mundo real, enquanto seus corpos e mentes brincavam no mundo virtual.

— Como vamos fazer isso? — perguntou Chavez, indignado.

Um russo não questionaria suas ordens daquela forma, pensou Scherenko.

— Estou apenas transmitindo as ordens dos seus superiores — afirmou. — Também sei que nenhum órgão oficial foi responsável pelo desaparecimento de Koga.

— Será que foi Yamata? — perguntou Clark. A informação fornecida pelo

russo reduzia a gama de possibilidades.

— É um bom palpite. Sabe onde ele mora, não sabe?

— Já vimos a casa dele de longe — confirmou Chavez.

— Ah, sim... as fotos que vocês tiraram.

— O major adoraria saber mais a respeito do assunto, mas não adiantava perguntar e ele nem estava certo de que os americanos conheciam a resposta. — Se podem contar com outros recursos no Japão, talvez esteja na hora de usá-los. Estamos usando os nossos. Koga é provavelmente a solução política para a crise.

— Se existir uma — observou Ding.

— É bom voar de novo com o senhor, comandante Sato — disse Yamata, em tom cordial.

Estava satisfeito com o convite para visitar a cabina. Podia ver que o piloto era um patriota, um homem orgulhoso e competente, capaz de compreender o que estava acontecendo. Pena que tivesse escolhido uma carreira tão humilde.

Sato tirou os fones de ouvido e se espreguiçou.

— Isto é melhor do que pilotar para a Canadian.

— O que os canadenses estão achando da situação?

— Conversei com alguns executivos. Eles acham que os americanos estão mais confusos do que nunca.

— Entendo — disse Yamata, com um sorriso. — Eles se confundem com facilidade.

— Podemos esperar uma solução diplomática para esta crise, Yamata-san?

— Acho que sim. Eles não podem nos atacar militarmente.

— Meu pai comandou um contratorpedeiro durante a guerra. Meu irmão...

— Conheço muito bem o seu irmão, comandante.

O comentário fez os olhos de Sato brilharem de orgulho.

— E meu filho é piloto de caça. Pilota um Eagle.

— Até agora, estão se saindo muito bem. Derrubaram recentemente dois bombardeiros americanos, você sabe. Os americanos estavam testando nossas defesas aéreas — disse o industrial. — Devem ter sido aprovadas.

41
FORÇA-TAREFA 77

— O senhor voltou! — exclamou o homem que alugava bugres,

sinceramente satisfeito.

Nomuri sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Isso mesmo. Tive um dia particularmente favorável no escritório. Não preciso lhe contar como é estressante um dia que considero "bom", preciso? O homem resmungou alguma coisa, como quem concorda.

— No verão, meus melhores dias são aqueles em que passo a noite em claro. Desculpe minha aparência — acrescentou.

Estivera trabalhando nos veículos toda a manhã, que para ele começara pouco depois das cinco. O mesmo se aplicava a Nomuri, mas por uma razão totalmente diversa.

— Eu compreendo. Também tenho meu próprio negócio. Quem trabalha para si mesmo trabalha mais do que os outros, não é verdade?

— Acha que os zaibatsu concordam com isso?

— Não os que eu conheço. Mesmo assim, o senhor tem sorte de viver em uma região tão tranquila.

— Nem sempre é assim. A Força Aérea devia estar fazendo exercícios na noite passada. Um jato passou aqui perto, voando baixo. O barulho me acordou e não consegui dormir de novo.

Limpou as mãos e serviu duas xícaras de chá, oferecendo uma delas ao recém-chegado.

— Dozo — agradeceu Nomuri. — Esses exercícios estão ficando cada vez mais perigosos — afirmou, imaginando qual seria a reação do homem.

— Acho bobagem, mas quem se importa com o que eu penso? Não o governo. Ele só escuta as pessoas "importantes".

O dono dos bugres bebeu um gole de chá e olhou em volta.

— A verdade é que estou preocupado. Espero que Goto encontre uma saída antes que as coisas saiam de controle.

Nomuri olhou para fora. O tempo estava ficando cinzento e ameaçador. A outro fez um muxoxo de desprezo.

— Goto? Goto é como o restante dos políticos. Alguém tem uma coleira no seu pescoço... ou em outro lugar do corpo, se os boatos que ouvi estiverem corretos.

Nomuri riu.

— Também ouvi esses boatos. Dizem que ele é insaciável... — Fez uma pausa.

— Posso alugar um dos seus bugres para hoje?

— Leve o número seis. — O homem apontou. — Acabei de fazer uma revisão nele. Cuidado com o tempo — advertiu. — Vai nevar esta noite.

Nomuri mostrou a mochila.

— Quero tirar algumas fotos das montanhas para minha coleção. Este lugar é muito bonito e muito tranquilo.

— Apenas no inverno — disse o homem, voltando ao trabalho. Nomuri já conhecia o caminho e seguiu o Taki morro acima por uma trilha sinuosa. Seria bem melhor se o bugre tivesse um silencioso decente. Pelo menos, o ar pesado ajudaria a atenuar o som, ou assim esperava, pensou, usando o mesmo caminho que tomara da última vez. Pouco depois, estava olhando para um descampado, sem ver nada fora do comum e imaginando... imaginando muitas coisas. E se os soldados tivessem caído em uma emboscada? Nesse caso, pensou Nomuri, estou frito. Mas não havia como recuar. Ajeitou-se no banco e começou a descer a encosta, parando como estava combinado no meio da clareira e tirando o capuz da parka vermelha. Observando com mais atenção, avistou marcas na relva. Foi então que um vulto apareceu e acenou para ele. O agente da CIA engrenou uma primeira e rumou naquela direção.

Os dois soldados que foram ao seu encontro não lhe apontaram nenhuma arma. Não era necessário. Os rostos estavam pintados e os uniformes de camuflagem disseram-lhe tudo que precisava saber.

— Meu nome é Nomuri — afirmou. — A senha é Foxtrot — Capitão Checa — replicou o oficial, estendendo a mão. — Já trabalhamos com a CIA. Você é o cara que escolheu este lugar? — Não, mas estive aqui antes.

— É um bom lugar para uma casa de campo — observou Checa. — Vi alguns veadinhos no caminho. Espero que não esteja na temporada de caça.

— O comentário pegou Nomuri de surpresa. Não pensara naquela possibilidade; não sabia como era a caça no Japão. — Então, o que você tem para mim? — Isto aqui — disse Nomuri, tirando os telefones celulares da mochila.

— Está brincando? — Os militares japoneses têm ótimos equipamentos para monitorar comunicações militares. Afinal, eles inventaram boa parte da tecnologia que nós usamos. Mas estes aqui — Nomuri sorriu — são usados por todo mundo, são codificados e cobrem o país inteiro. Funcionam até aqui, neste fim de mundo. Existe uma antena repetidora naquele morro. É mais seguro de usar do que os comunicadores convencionais. E a conta já está paga — acrescentou.

— Vai ser bom ligar para casa e dizer à minha mulher que tudo está correndo bem — pensou Checa em voz alta.

— Acho que não será possível. Aqui estão os números que você pode chamar — disse Nomuri, passando-lhe uma folha de papel. — Este é o meu. Este é de um cara chamado Clark. Este é o de outro agente de nome Chavez...

— Ding está aqui? — perguntou o primeiro-sargento Vega.

— Você o conhece? — Estivemos juntos na África, na primavera passada

— explicou Checa.

— Em um trabalho especial. Está mesmo autorizado a revelar os nomes deles? — Estão trabalhando com identidades falsas. Talvez seja melhor falar com eles em espanhol. Poucos japoneses falam espanhol. Não preciso recomendar que falem o mínimo possível — acrescentou Nomuri.

Checa fez que sim com a cabeça e formulou a pergunta mais importante.

— Como vamos sair daqui? Nomuri voltou-se para mostrar, mas o acidente geográfico em questão estava escondido pela neblina.

— Há uma passagem ali. Depois, é só descer até uma cidade chamada Hirose. Vou pegá-los em Hirose e colocá-los em um trem para Nagoya, onde pegarão um voo para Formosa ou para a Coreia.

— Parece muito fácil.

O comentário não fora feito em tom de pergunta, mas mesmo assim ficou uma dúvida no ar.

Existem mais de cem mil homens de negócios estrangeiros neste país. Vocês são onze espanhóis tentando vender vinho aos japoneses, lembram-se? — Bem que uma sangria viria a calhar — disse Checa, aliviado ao ver que o agente da CIA parecia bem informado a respeito da missão. Nem sempre era assim. — E agora, o que devemos fazer? — Esperem a chegada do restante das forças. Se algo der errado, liguem para mim e caiam fora. Se não conseguirem falar comigo, chamem os outros. Se não conseguirem falar com ninguém, arranjem um jeito de deixar o país. Vocês têm passaportes, roupas e...

— Deixe conosco.

— Está bem.

Nomuri tirou a câmara da mochila e começou a fotografar as montanhas parcialmente escondidas pelas nuvens.

— Aqui é a CNN, falando ao vivo de Pearl Harbor — terminou o repórter, sendo imediatamente substituído por um comercial.

O analista da inteligência rebobinou a fita para reexaminá-la. Era ao mesmo tempo espantoso e perfeitamente normal que pudesse obter informações vitais com tanta facilidade. Os Estados Unidos estavam realmente nas mãos dos meios de comunicações, pensou, e nem sempre isso era uma vantagem. Tinham usado aquele acidente trágico no Tennessee para induzir a nação a tomar medidas precipitadas, o que por sua vez produzira uma reação por parte do seu país. As únicas boas notícias eram as que via na tela da TV: dois porta-aviões ainda em doca seca e outros dois ainda no oceano Índico, de acordo com as últimas notícias daquela parte do mundo, e os outros dois porta-aviões da Esquadra do Pacífico em Long Beach, também em doca seca por tempo indeterminado. Em consequência, as Marianas estavam seguras. Tinha de formalizar essa conclusão

com algumas páginas de prosa, mas a verdade é que os Estados Unidos não estavam em condições de recuperar a posse das ilhas. Em consequência, a probabilidade de um confronto no futuro próximo parecia extremamente remota.

Jackson não se importava de ser o único passageiro a bordo do VC-20B. Um homem podia se acostumar a esse tipo de tratamento e ele tinha de admitir que os aviões executivos da Força Aérea eram melhores que os da Marinha. Na verdade, a Marinha não dispunha de muitos aviões executivos e eram quase todos Orions P-3 com motores turboélice que atingiam uma velocidade duas vezes menor do que a de um jatinho executivo de duas turbinas. Com apenas uma breve parada para reabastecimento na Base Aérea de Travis, perto de San Francisco, chegara ao Havaí em menos de nove horas, o que o deixou de bom humor até que, antes de pousar em Hickam, o avião sobrevoou a base naval e ele viu o Enterprise ainda na doca seca. O primeiro porta-aviões nuclear, que recebera o nome mais querido da Marinha dos Estados Unidos, não poderia participar daquela guerra. O aspecto psicológico já era importante; do ponto de vista prático, seria muito melhor poder contar com dois porta-aviões do que com apenas um.

— Você tem a sua força-tarefa, rapaz — murmurou Robby para si mesmo.

Era o sonho de todos os aviadores navais. A Força-tarefa 77, nominalmente a maior força aérea da Esquadra do Pacífico, mesmo com apenas um porta-aviões, estava nas suas mãos, a ponto de partir para a briga. Talvez, cinquenta anos antes, tivesse sido um acontecimento a ser comemorado. Talvez, quando a principal formação ofensiva da Esquadra do Pacífico se pusera a caminho sob o comando de Bill Halsey ou Ray Spruance, os homens em comando estivessem antegozando o momento em que entrariam em ação. Era o que mostravam os filmes de guerra e também o que revelavam os diários de bordo, mas até que ponto isso seria mera encenação?, perguntou-se Jackson, pensando na sua própria posição. Será que Halsey e Spruance tinham perdido o sono ao pensar que estavam mandando jovens para a morte, ou o mundo na época era um lugar diferente, onde a guerra era considerada um acontecimento tão normal como uma epidemia de poliomielite, outro flagelo que se tornara uma coisa do passado? Comandar a Força-tarefa 77 tinha sido a ambição de uma vida, mas na verdade nunca desejara participar de uma guerra... oh, sim, admitiu para si mesmo, quando era cadete, ou mesmo tenente, a ideia de um combate aéreo não lhe desagradava, principalmente porque sabia que, como aviador naval dos Estados Unidos, estava entre os melhores do mundo, muito bem treinado, com equipamento de primeira à disposição e ansioso por provar seu valor. Com o tempo, porém, vira muitos amigos morrerem em acidentes. Derrubara um inimigo na guerra do Golfo e mais quatro sobre o Mediterrâneo em uma noite

estrelada, mas os últimos quatro tinham sido abatidos por engano. Matara seres humanos sem nenhuma razão, e embora jamais tivesse comentado a respeito com ninguém, nem mesmo com a esposa, sentia-se horrorizado por haver chegado a tal ponto. Não fora sua culpa; tinha sido o tipo de erro que qualquer um poderia cometer. Mas a guerra era assim mesmo, apenas um grande erro, e agora tinha de desempenhar seu papel em outro erro daqueles em vez de usar da FT-77 da forma como devia ser, apenas para ser mostrada, e, pelo simples fato de ser mostrada, evitar que as guerras acontecessem. O único consolo no momento era que, mais uma vez, o engano, o acidente, não tinha sido culpa sua.

Se querer fosse bastante, murmurou consigo mesmo enquanto a aeronave taxiava na pista. A aeromoça abriu a porta e jogou a sacola de Jackson para outro sargento da Força Aérea, que acompanhou o almirante até um helicóptero para um curto voo até o escritório do CINCPAC, almirante Dave Seaton. Estava na hora de Jackson assumir sua personalidade profissional. Mal aproveitado ou não, Robby Jackson era um guerreiro prestes a assumir um importante comando. Já examinara suas dúvidas e temores e estava na hora de colocá-los de lado.

— Eles foram muito legais conosco — observou Durling, usando o controle remoto para desligar a TV.

A tecnologia fora desenvolvida para mostrar anúncios durante os jogos de beisebol. O uso de computadores de última geração permitia que uma adaptação dos sistemas de tela azul responsáveis por efeitos especiais nos filmes de cinema fosse usada em tempo real, fazendo com que o cenário atrás do rebatedor parecesse um anúncio de banco ou de um revendedor de automóveis quando era de fato o gramado do estádio. Naquele caso, um repórter podia transmitir ao vivo de Pearl Harbor (de fora da base naval, é claro) e no fundo apareciam dois porta-aviões, com pássaros no ar e os operários trabalhando; tudo parecia tão real quanto qualquer outra coisa que fosse mostrada como uma imagem de TV que, na verdade, não passava de um conjunto de pontinhos coloridos.

— Eles são americanos — comentou Jack. Além do mais, fora ele que os convencera a participar da encenação, mais uma vez protegendo o presidente de uma tarefa arriscada do ponto de vista político. — Têm de estar do nosso lado. Bastou fazermos com que se lembrassem disso.

— Será que dará certo? Aquela era a pergunta mais importante.

— Não por muito tempo, mas talvez por tempo suficiente. Nosso plano é bem razoável. Precisamos contar com a sorte, mas até agora ela já nos ajudou duas vezes. A verdade é que estamos mostrando a eles exatamente o que esperam ver. Esperam que os dois porta-aviões estejam ali e esperam que a imprensa faça disso um acontecimento. Os espiões não são diferentes das outras pessoas. Eles também têm preconceitos.

— Quantas pessoas vamos ter que matar? — perguntou o presidente.

— Tantas quantas for necessário. Ainda não sabemos qual é esse número. Tentaremos mantê-lo o mais baixo possível, mas, presidente, a missão é...

— Eu sei. Sei tudo sobre missões.

Durling fechou os olhos e se lembrou da Escola de Infantaria, em Fort Benning, Geórgia, fazia muitos anos. A missão estava sempre em primeiro lugar. Era assim que um tenente tinha de pensar, e agora, pela primeira vez, tinha consciência de que um presidente tinha de pensar da mesma forma. Não parecia justo.

O sol não costumava aparecer por muito tempo naquela latitude e naquela época do ano; o coronel Zacharias preferia que fosse assim. O voo de Whiteman para Elmendorf levara apenas cinco horas e fora realizado totalmente no escuro porque o B-2A só voava à luz do dia em missões de propaganda, o que não era absolutamente o caso. E tinha voado muito bem, provando, muito anos depois, que a ideia que Jack Northrop defendera na década de 1930 estava basicamente correta: uma aeronave constituída exclusivamente por asas tinha a forma aerodinâmica mais eficiente possível. O problema era que os sistemas de controle necessários para aquele tipo de aeronave tinham de ser tão precisos que precisavam ser controlados por computador, algo que só se tornara exequível pouco antes da morte do engenheiro. Pelo menos, ele tinha visto um modelo da aeronave, embora não vivesse o suficiente para vê-la voar.

Quase tudo no B-2A era eficiente. Graças à forma, podia ser guardado em qualquer lugar; três deles cabiam em um hangar projetado para uma única aeronave convencional da mesma capacidade. Subia como um elevador e era extremamente econômico, bebendo combustível aos copos e não aos barris; pelo menos, era o que o comandante do grupo de esquadrilhas gostava de dizer.

O B-1B avariado estava pronto para voar de volta a Elmendorf. Teria de fazer a viagem com três turbinas, o que não era problema, pois não levaria nenhuma carga a não ser o combustível e a tripulação. No momento, havia outras aeronaves em Shemya. Dois AWACS E-3B, enviados da Base Aérea de Tinker, em Oklahoma, mantinham uma patrulha aérea parcial, embora a ilha dispusesse de aparelhos de radar, o maior dos quais era o possante sistema de detecção de mísseis Cobra Dane, desenvolvido e instalado na década de 1970. Teoricamente, os japoneses poderiam, com a ajuda de aviões-tanque, chegar até a ilha, repetindo a proeza dos israelenses ao atacar o quartel-general da OLP no norte da África; embora essa possibilidade fosse remota, não podia ser desprezada.

Para se defender dessa ameaça, contavam com os únicos caças Rapier F-22A da Força Aérea, os primeiros caças invisíveis do mundo, requisitados em

um campo de provas na Base Aérea de Nellis e enviados com quatro pilotos experientes e suas tripulações para aquela base remota. Entretanto, o Rapier, conhecido entre os pilotos pelo nome que o fabricante, Lockheed, escolhera inicialmente, "Lightning-II", não fora projetado para defesa, e agora, com o sol novamente escondido depois de uma breve aparição, estava na hora de usá-lo para sua verdadeira finalidade. Como sempre, o avião-tanque decolou primeiro, antes mesmo que os pilotos do caça subissem a bordo para começar o trabalho da noite.

— Se ele viajou ontem, por que as luzes estão acesas? — perguntou Chavez, olhando na direção do apartamento de cobertura.

— Será que mandou instalar um timer para enganar possíveis ladrões? — sugeriu John, de brincadeira.

— Aqui não é Los Angeles, cara.

— Então deve haver alguém lá dentro, Yevgeniy Pavlovich — disse John, dobrando em uma rua transversal.

Sabemos que Koga não foi preso pela polícia. Sabemos que o cabeça disso tudo é Yamata. Sabemos que seu chefe de segurança, Kaneda, provavelmente assassinou Kimberly Norton. Sabemos que Yamata está fora da cidade. E sabemos que as luzes do apartamento estão acesas...

Clark estacionou o carro a alguns quarteirões de distância. Ele e Chavez voltaram a pé, primeiro dando a volta no quarteirão, à procura de movimentos suspeitos e oportunidades, em um processo denominado reconhecimento que parecia exigir mais paciência do que realmente exigia.

— Ainda não sabemos muita coisa — sussurrou Chavez.

— Pensei que você quisesse ver os olhos de alguém, Domingo — disse John ao companheiro.

Ele tinha olhos sem vida, pensou Koga, quase como se não fossem humanos. Eram escuros e grandes, mas pareciam secos e olhavam para ele sem demonstrar qualquer sentimento... ou talvez estivessem apenas voltados na sua direção, pensou o ex-primeiro-ministro. Fosse como fosse, não forneciam a menor indicação do que estava se passando na cabeça do dono. Ovira falar de Kiyoshi Kaneda; o termo mais frequentemente usado para descrevê-lo era ronin, uma referência histórica a guerreiros samurais que tinham perdido seu amo e não conseguiam encontrar outro, o que na época era considerado uma grande desgraça. Esses homens tornavam-se bandidos depois de abandonar o código bushido que por mais de mil anos regera a conduta dos elementos da população japonesa autorizados a portar e utilizar armas. Quando encontravam um novo amo, tornavam-se fanáticos, lembrou-se Koga; tinham tanto medo de voltar à

situação anterior que seriam capazes de qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

Era um devaneio sem sentido, pensou, olhando de soslaio para Kaneda. A era dos samurais ficara para trás e junto com ela os senhores feudais que os empregavam, mas ali estava aquele homem, bebendo chá e assistindo a um filme sobre samurais na NHK, sem perder uma única cena. Não demonstrava nenhuma reação, como se estivesse hipnotizado pela história altamente estilizada, que era na verdade a versão japonesa dos filmes americanos de faroeste da década de 1950, melodramas altamente simplificados do bem e do mal, exceto pelo fato de que o herói, sempre lacônico, sempre invencível, sempre misterioso, usava uma espada em vez de um revólver de seis tiros. Kaneda era apaixonado por essas histórias, como tivera ocasião de descobrir nos últimos dois dias.

Koga se levantou e dirigiu-se para a estante. Logo, o homem virou a cabeça. Cão de guarda, pensou Koga enquanto escolhia outro livro para ler. E um cão de guarda respeitável, especialmente com mais quatro por perto, dois dormindo, um na cozinha e o outro do lado de fora da porta. Não tinha a menor chance de escapar, pensou o político.

Quem era Kaneda, afinal?, pensou. Um ex-yakuza, provavelmente. Entretanto, não tinha nenhuma daquelas tatuagens grotescas que os membros daquela subcultura gostavam de exibir, procurando ser diferentes mas se revelando ainda mais conformistas em sua marginalidade. Pelo contrário: usava um terno convencional cuja única concessão ao conforto era o paletó desabotoado. Mesmo a postura do ronin era rígida, observou Koga, tornando a sentar-se com um livro na mão mas sem tirar os olhos do captor. Sabia que não podia enfrentar o homem desarmado e levar a melhor. Koga jamais se dera ao trabalho de aprender as artes marciais pelas quais seu país se tornara famoso; além disso, Kaneda era muito forte e não estava sozinho.

Ele era um cão de guarda. Aparentemente impassível, aparentemente relaxado, na verdade mais parecia uma mola comprimida, pronto para saltar à menor provocação, civilizado apenas enquanto ninguém o incomodasse; deixava isso tão claro, que tentar alguma coisa seria loucura. O político sentiu um pouco de vergonha por se deixar amedrontar com tanta facilidade, mas estava amedrontado, porque era um homem inteligente e não estava disposto a desperdiçar sua oportunidade, se houvesse alguma, com um gesto irrefletido.

Muitos industriais tinham capangas como Kaneda. Alguns chegavam a portar armas, o que era considerado inadmissível no Japão, mas a pessoa certa podia procurar o funcionário certo e conseguir uma licença muito especial. Essa possibilidade deixava Koga mais revoltado do que temeroso. A espada de um ronin já era uma coisa desagradável, e naquele contexto teria valor apenas

simbólico, mas uma pistola para Koga era pura maldade, algo que não fazia parte da sua cultura, uma arma dos covardes. Mas era exatamente com gente desse tipo que estava envolvido. Kaneda era sem dúvida um covarde, incapaz de decidir o próprio destino, incapaz até mesmo de violar a lei a não ser para cumprir ordens, mas capaz de tudo para cumprir uma ordem. Que desserviço estavam prestando ao país! Pessoas assim eram usadas pelos patrões para intimidar sindicatos e competidores. Gente como Kaneda espancava manifestantes, às vezes à luz do dia, e escapava impune porque os policiais fingiam não ver ou davam um jeito de não estarem presentes, embora a cena fosse presenciada por repórteres e fotógrafos. Eram pessoas como ele e seus patrões que impediam a prática da verdadeira democracia no Japão. Esse fato era ainda mais penoso para Koga porque ele dedicara a vida a mudar as coisas e fracassara. Ali estava, no apartamento de cobertura de Yamata, vigiado de perto. Provavelmente o libertariam um dia, quando não tivesse mais nenhuma influência política, para ver o país cair totalmente nas mãos de um novo tipo de ditadura... ou de um tipo antigo, corrigiu-se. E não havia nada que pudesse fazer. Por isso, ficava ali sentado, com um livro nas mãos, enquanto Kaneda assistia a um programa na TV onde um ator representava uma história cujo começo, meio e fim já tinham sido encenados milhares de vezes, fingindo que era tudo novo e verdadeiro, quando não era nenhuma das duas coisas.

Batalhas como aquela tinham sido travadas apenas em simulações ou talvez nas arenas romanas de outra era. Ambos contavam com aeronaves de observação, E-767 do lado dos japoneses e E-3B do lado dos americanos, tão distantes que não podiam se "ver" nas telas de radar, embora monitorassem os sinais do inimigo em outros instrumentos. Entre elas se encontravam os gladiadores, porque pela terceira vez os americanos estavam testando as defesas aéreas do Japão, e pela terceira vez estavam perdendo.

Os AWACS americanos estavam a mil quilômetros de Hokkaido, com os caças F-22A duzentos quilômetros à frente, "pescando", nas palavras do líder da esquadrilha, e os F-l 5 japoneses também haviam chegado, entrando na área coberta pelas aeronaves de observação americanas, mas sem abandonar a cobertura das suas próprias aeronaves.

A um comando, os caças americanos separaram-se em dois grupos de duas aeronaves cada um. O líder do primeiro grupo rumou para o sul, a quase 1.500 quilômetros por hora, aproximando-se obliquamente da linha de defesa do Japão.

— Eles são rápidos — observou um controlador japonês.

Era difícil manter o contato. As aeronaves americanas eram quase invisíveis, mas o tamanho e potência do radar das aeronaves Kami tinham

derrotado novamente a tecnologia da invisibilidade, e o controlador começou a plotar a trajetória dos Eagle. Apenas para ter certeza de que os americanos sabiam que estavam sendo rastreados, selecionou os pontos apropriados com o cursor e programou o radar para dirigir o feixe naquelas direções a cada poucos segundos. Eles precisavam saber que todos os seus movimentos estavam sendo seguidos, que sua tecnologia não era suficientemente avançada para derrotar algo tão novo e radical. Apenas para tornar a brincadeira um pouco mais interessante, mudou a frequência do transmissor para o modo de controle de tiro. Estavam muito longe para que um míssil os atingisse, mas mesmo assim seria mais uma prova de que podiam ser facilmente abatidos pelas defesas japonesas, caso se aproximassem das ilhas. O sinal ficou mais fraco a princípio, quase desapareceu, mas o software conseguiu reconhecê-lo no meio do ruído e os pontos se firmaram na tela, enquanto o operador aumentava a potência dirigida para a posição dos dois caças americanos, porque só podiam ser caças. O B-l, embora rápido, não era tão ágil. Sim, aquele era o melhor trunfo de que os americanos dispunham, e não parecia suficiente. Se eles reconhecessem isso, talvez fosse possível chegar a um acordo diplomático que trouxesse a paz ao Pacífico Norte.

— Veja como os Eagle do inimigo estão cerrando fileiras — comentou o controlador americano, observando os pontos na tela.

— E como se estivessem presos por uma corda aos 767 — concordou o companheiro. Era um piloto de caça recém-chegado da Base Aérea de Langley, quartel-general do Comando de Combate Aéreo, onde seu trabalho era desenvolver táticas para a aviação de caça.

Outra tela mostrava que havia três 767 no ar. Dois estavam em missão de patrulha, enquanto o terceiro se mantinha de prontidão, perto da costa de Honshu. Isso não era totalmente inesperado. Pelo contrário: parecia a coisa mais sensata a fazer. As três aeronaves de observação estavam com o radar ajustado para a potência máxima, como tinham de fazer para detectar aviões invisíveis.

— Agora está claro como conseguiram atingir os dois Lancer — comentou o piloto da Virgínia. — Podem mudar rapidamente para uma alta frequência e iluminar o alvo para os Eagle. Nossos pilotos nem chegaram a perceber o que estava acontecendo. Muito engenhoso.

— Seria ótimo se tivéssemos um equipamento semelhante — observou o controlador.

— Mas agora sabemos o que fazer para derrotá-los — declarou o piloto. O controlador não parecia tão certo.

— É o que descobriremos daqui a algumas horas — afirmou.

Sandy Richter estava voando ainda mais perto da água do que o Gl 7 ousara chegar. Estava também mais lento, a apenas trezentos quilômetros por hora, e a curiosa mistura de tensão e monotonia daquele voo sobre o oceano o deixara muito cansado. Na noite anterior, ele e os outros dois pilotos da sua esquadrilha tinham ido para Petrovka Oeste, outra base de MIG desativada perto de Vladivostok. Ali, tinham dormido algumas horas antes de decolar às 22:00 para iniciar sua parte na Operação ZORRO. Cada helicóptero dispunha agora de asas com flutuadores, além de tanques de combustível suplementares. Os tanques eram necessários, por causa da extensão do voo, mas comprometiam seriamente a invisibilidade da aeronave, embora fossem feitos de fibra de vidro, em uma tentativa de torná-los mais transparentes ao radar. Além do traje normal de voo, o piloto estava usando um colete salva-vidas inflável. Era apenas uma concessão aos regulamentos para voos sobre o oceano; a água, quinze metros abaixo, estava tão fria que não conseguiria sobreviver por muito tempo, caso fosse obrigado a pousar. Procurou colocar a ideia de lado, ajeitou-se no assento e concentrou-se em pilotar o helicóptero, enquanto o artilheiro, no banco de trás, se encarregava dos instrumentos.

— Tudo bem, Sandy.

A tela do monitor continuava vazia quando rumaram para leste, em direção a Honshu.

— Entendido.

Atrás deles, a intervalos de quinze quilômetros, mais dois Comanches os acompanhavam.

Embora não passasse de um pequeno helicóptero, o R AH-66A também era, sob alguns aspectos, a aeronave mais sofisticada de todos os tempos. Na fuselagem, feita de materiais compósitos, transportava os dois computadores mais potentes jamais colocados no ar, e um deles era simplesmente uma unidade de reserva. No momento, sua principal tarefa era investigar a cobertura de radar e calcular a seção reta relativa das superfícies da aeronave para os aparelhos do inimigo. Quanto mais se aproximavam do arquipélago japonês, maiores as regiões amarelas de detecção possível e as regiões vermelhas de detecção inevitável.

— Fase Dois — disse o homem do Comando de Combate Aéreo, a bordo do AWACS.

Todos os caças F-22 levavam equipamentos de interferência, projetados para aumentar a sua invisibilidade. A um sinal, esses equipamentos foram ligados.

— Já era de prever — pensou o controlador japonês.

Eles devem ter percebido que estão sendo rastreados. De repente, a tela

ficara cheia de pontos, traços e clarões de ruído eletrônico gerado pelos caças americanos. Tinha duas formas de lidar com a situação. Em primeiro lugar, aumentou ainda mais a potência, para que os sinais se tornassem mais intensos do que o ruído que os americanos estavam produzindo. Em seguida, fez com que o radar começasse a mudar a frequência de forma aleatória. Logo percebeu que a primeira medida era mais eficaz do que a segunda, já que os dispositivos de interferência dos americanos tinham sido projetados para acompanhar a frequência dos aparelhos de radar que estavam tentando iludir. Era uma medida imperfeita, mas suficiente para incomodar. O programa de computador responsável pelo rastreamento baseava-se em certas suposições. Começava com a posição conhecida ou estimada da aeronave americana e, conhecendo a velocidade provável do alvo, procurava sinais que correspondessem à trajetória esperada, como fizera com os bombardeiros que no passado haviam sondado as defesas aéreas japonesas. Havia, porém, um problema. Quando o sistema estava usando uma potência muito elevada, começava a detectar pássaros e correntes de ar. Os ecos foram ficando cada vez mais confusos, até que o operador apertou outro botão, fazendo com que o computador passasse a rastrear os próprios sinais de interferência, mais fortes do que qualquer eco. Com isso, os dois alvos voltaram a aparecer na tela com toda a clareza. O processo levara apenas dez segundos. Só para mostrar aos americanos que não fora despistado, colocou a potência no máximo, passou para o modo de controle de tiro e atingiu os quatro caças americanos com uma carga de energia eletromagnética suficiente para queimar os equipamentos eletrônicos de bordo, caso não estivessem bem protegidos. Seria uma forma interessante de derrubar um avião, pensou, lembrando-se de que uma vez dois caças alemães da classe Tornado tinham caído depois de passar perto demais da antena de uma estação de FM. Para sua decepção, os caças americanos simplesmente foram embora.

— Alguém ligou dispositivos de interferência a nordeste.

— Ótimo. Bem na hora — replicou Richter. — Olhou para a tela e viu que faltavam poucos minutos para entrarem na região amarela. Teve vontade de coçar o rosto, mas as duas mãos estavam ocupadas. Os medidores de combustível indicavam que os tanques suplementares estavam quase vazios. — Vou me livrar das asas.

— Boa ideia.

Richter removeu a tampa protetora do botão de ejeção. Era um dispositivo que fora acrescentado recentemente ao projeto do Comanche, quando alguém percebera que era possível tornar o helicóptero menos visível eliminando durante o voo os elementos desnecessários. Richter reduziu um pouco a velocidade e apertou o botão, detonando cargas explosivas que fizeram com que as asas e os

tanques suplementares fossem lançados no mar do Japão.

— Separação concluída — informou o artilheiro.

No momento em que as asas foram ejetadas, as manchas coloridas na tela diminuíram de tamanho; o computador fora programado para avaliar continuamente o grau de invisibilidade da aeronave. Richter tornou a aumentar a velocidade e seguiu em frente.

— Eles são previsíveis, não são? — comentou o controlador japonês com o primeiro auxiliar.

— Acho que acabamos de provar isso. Melhor ainda: acabamos de provar do que somos capazes.

Os dois oficiais entreolharam-se. Ambos estavam preocupados com a capacidade do caça americano Rapier e ambos agora se sentiam aliviados. Podia ser uma aeronave perigosa, que os pilotos dos Eagle tinham de tratar com respeito, mas não era invisível.

— Eles reagiram da forma esperada — comentou o controlador americano.

— E revelaram o que queríamos saber. Dez segundos, o senhor diria? — E uma margem pequena, mas suficiente. Vai funcionar — afirmou o coronel de Langley, estendendo a mão para a xícara de café. — Agora vamos terminar de despistá-los.

Na tela principal, os F-22 rumaram para o norte; no limite de detecção dos AWACS, os F-l 5J os imitaram, cobrindo a manobra americana como barcos a vela envolvidos em um duelo, procurando manter-se o tempo todo entre os caças americanos e os insubstituíveis E-767, que os trágicos acidentes ocorridos alguns dias antes tornavam ainda mais preciosos.

A visão de terra serviu para acalmá-los. Bem mais ágil do que o transporte usado na noite anterior, o Comanche procurou uma região deserta e começou a sobrevoar o solo montanhoso, protegido das aeronaves de patrulha por rochas que as ondas eletromagnéticas não podiam penetrar.

— Só nos restam quarenta minutos de combustível — comentou o companheiro de Richter, depois de um suspiro de alívio.

— Você sabe bater asas? — perguntou o piloto, também satisfeito por não estarem mais sobrevoando o oceano. Se alguma coisa desse errado, comer arroz não era tão mau assim, era? O visor do capacete mostrava o terreno como sombras verdes; não havia nenhuma luz lá embaixo, nem de ruas, nem de automóveis, nem de casas. A pior parte do voo ficara para trás. Até o momento, evitara pensar na missão que os aguardava. Era melhor se preocupar com uma coisa de cada vez.

O último morro apareceu no lugar esperado. Richter diminuiu a velocidade e começou a voar em círculos, para avaliar a direção do vento, enquanto olhava

para baixo em busca dos soldados que deviam estar à sua espera. Ali estavam. Alguém acendeu um facho de luz verde, seu sistema de visão noturna pareceu mais forte que a lua cheia.

— Líder ZORRO chamando Base ZORRO. Câmbio.

— Líder, aqui é Base. Autenticação Golf Mike Zulu. Câmbio — respondeu a voz, identificando-se corretamente.

Richter torceu para que o homem não estivesse com uma pistola encostada na cabeça.

— Entendido. Desligo.

Desceu em espiral e pousou em uma clareira. Assim que o helicóptero tocou o solo, três homens surgiram do meio das árvores. Estavam usando uniformes do Exército dos Estados Unidos, e Richter respirou fundo enquanto resfriava um pouco os motores antes de desligá-los. O rotor ainda não completara a última revolução quando uma mangueira foi ligada à entrada do tanque de combustível.

— Bem-vindo ao Japão. Sou o capitão Checa.

— Sandy Richter — disse o piloto, saltando do helicóptero.

— Teve algum problema no caminho?

— Não, senhor.

Bolas, eu cheguei aqui, não cheguei?, teve vontade de dizer, ainda tenso depois da maratona de três horas para invadir o país. Invadir? Onze comandos e seis aviadores. Estejam presos, todos vocês'., pensou.

— Aí vem o segundo... — observou Checa. — Como são silenciosos!

— Não queremos chamar atenção, capitão.

Era talvez a característica mais surpreendente do Comanche. Os engenheiros sabiam havia muito tempo que a maior parte do ruído gerado por um helicóptero resultava do conflito entre o rotor principal e o rotor da cauda. O rotor da cauda do RAH-66 era blindado e o rotor principal tinha cinco pás relativamente espessas, feitas de material compósito. O resultado era um aparelho com menos de um terço do barulho provocado por qualquer outro helicóptero jamais construído. E o lugar tinha sido bem escolhido, pensou Richter, olhando em volta. Muitas árvores e o ar frio da montanha. Nada mau, concluiu, enquanto o segundo Comanche pousava a cinquenta metros de distância. Os homens que tinham reabastecido sua aeronave já começavam a cobri-la com uma rede de camuflagem, apoiando-a em galhos retirados da floresta de pinheiros.

— Venha forrar o estômago.

— Está falando em comida de verdade ou rações do exército? — perguntou o piloto.

— Nem sempre as coisas são como a gente gostaria que fossem, Sr. Richter — observou Checa.

O aviador lembrou-se do tempo em que as Rações-C do Exército incluíam cigarros. A mania de saúde acabara com aquilo, e seria inútil pedir cigarros a um comando. Malditos atletas! Os Rapier se afastaram uma hora depois, convencidos, os japoneses tinham certeza, de que não podiam penetrar na linha de aeronaves Kami-Eagle que patrulhavam o oceano a nordeste do arquipélago do Japão. Mesmo as melhores aeronaves e os melhores sistemas americanos tinham se revelado incapazes de enfrentar o desafio; isso era ótimo. Viram os sinais dos caças ficarem cada vez mais fracos nas telas e logo as emissões dos E-3B também desapareceram. Deviam estar voltando a Shemya para comunicar o fracasso aos comandantes.

Os americanos eram realistas. Guerreiros corajosos, com toda a certeza; os responsáveis pelos E-767 não cometeriam o mesmo erro dos antepassados, que haviam julgado os americanos incapazes de lutar. Aquele erro custara-lhes caro. Entretanto, a guerra dependia de recursos, e os americanos haviam permitido que esses recursos caíssem abaixo do limite para o qual ainda havia esperanças de recuperação. Pior para eles.

Os Rapier tiveram de se reabastecer no caminho de volta e não usaram toda a capacidade de economizar combustível porque isso não era necessário. O tempo estava de novo horrível perto de Shemya, mas os caças foram orientados pelo controle de terra e pousaram normalmente. Depois, taxiaram até os hangares, que estavam mais apertados com a chegada de quatro F-l 5E Strike Eagle da base de Mountain Home, em Idaho. Todos consideraram a missão um sucesso.

42
ATAQUE DE SURPRESA

— Está maluco? — perguntou Sherenko.

— Pense bem — disse Clark, que estava de volta à embaixada da Rússia.

— Preferimos uma solução política, não preferimos? Koga pode ser a nossa única esperança. Você mesmo disse que o governo não mandou prendê-lo. Como explica seu desaparecimento? Aposto como está bem ali.

Por coincidência, o edifício era visível da janela do escritório de Scherenko.

— Será possível? — perguntou o russo, com medo de que o americano

pedisse uma ajuda que não estava em condições de prestar.

— Claro que há um risco envolvido, mas não acredito que mantenha um exército lá em cima. Afinal, daria na vista. Não, deve haver cinco ou seis pessoas, no máximo, tomando conta de Kogo.

— E vocês são apenas dois! — insistiu Scherenko.

— Deixe conosco — declarou Ding, com um sorriso pretensioso. Parecia que o velho arquivo da KGB estava certo. Clark não era propriamente um espião, mas um tipo paramilitar, e o mesmo se podia dizer do seu jovem e arrogante parceiro.

— Não posso dispor de nenhum dos meus homens.

— O que me diz de algumas armas? — perguntou Clark. — Quer que eu acredite que não tem nada aqui que possamos usar? Que tipo de rezidentura é esta? Clark sabia que o russo teria de consultar os superiores. Lamentava que aquela gente não tivesse permissão para tomar nenhuma iniciativa.

— Precisarei de autorização de cima.

Clark fez que sim com a cabeça, satisfeito por ter adivinhado o que estava se passando na cabeça do outro. Abriu o laptop.

— Nós também. Fale com seu chefe que eu falo com o meu.

Jones apagou o cigarro no cinzeiro de alumínio. O maço fora esquecido no fundo de uma gaveta, talvez à espera de uma ocasião como aquela. Quando começava uma guerra, as regras para tempo de paz eram postas de lado. Os velhos hábitos, principalmente os maus, voltavam à tona... mas, afinal, uma guerra podia ser enquadrada na mesma categoria, não podia? Percebeu que o almirante Mancuso também estava louco para fumar e por isso certificou-se de que a ponta estava bem apagada.

— O que você tem para nós, Ron? — Os primeiros resultados estão começando a aparecer. Boomer e eu passamos a semana analisando os dados. Começamos com os navios. — Jones se aproximou do mapa na parede. — Plotamos as posições de todas as embarcações...

— Que atravessaram o... — interrompeu o comandante Chambers, mas Jones não o deixou terminar.

— Que atravessaram o Pacífico, sim, senhor. Usamos sonar de banda larga e sonar de banda estreita. Aqui está o resultado — afirmou Jones, apontando para as marcas no mapa.

— Fico muito satisfeito, Ron, mas para isso temos as fotografias dos satélites — observou o ComSubPac.

— Elas confirmam minhas informações? — perguntou o civil.

— Praticamente — admitiu Mancuso. Depois, apontou para as outras marcas no mapa.

— Isso mesmo, Bart. Depois de rastrearmos os navios, começamos a procurar os submarinos. Sabe de uma coisa? Não é difícil pegar os sacanas quando eles sobem para respirar. Aqui está a linha de defesa dos japoneses. Conseguimos detectá-los mais ou menos um terço do tempo, e as marcações são razoavelmente constantes.

O mapa na parede mostrava seis contatos firmes. Essas marcas estavam no centro de círculos com trinta a cinquenta quilômetros de diâmetro. Mais duas estavam assinaladas com pontos de interrogação.

— Nem todos estão aí — observou Chambers.

— E verdade, mas pelo menos pegamos seis, talvez oito — afirmou Jones. — Não conseguimos sinais aproveitáveis perto da costa do Japão, porque ela está muito distante. Estou rastreando os navios mercantes que se dirigem para lá ou saem de lá, mas isso é tudo — admitiu. — Também estou acompanhando um grande navio de dois hélices que se dirige para leste em direção às ilhas Marshall e notei que uma das docas secas amanheceu vazia.

— Isto é segredo — observou Mancuso, com um sorriso.

— Se eu fosse vocês, diria ao Stennis para tomar cuidado com aquela linha de defesa. Talvez fosse melhor mandar alguns submarinos na frente para abrir caminho.

— Podemos fazer isso, mas estou preocupado com os submarinos que ainda não conseguimos detectar — declarou Chambers.

— Aqui é o operador de sonar.

— Pode falar — disse o tenente Ken Shaw, o oficial de serviço.

— Possível contato de sonar em zero-seis-zero... provavelmente um objeto submerso... muito fraco, tenente — informou o operador.

Depois de todos os exercícios a que tinham sido submetidos durante a viagem de Bremerton até Pearl, a reação foi automática. O grupo de rastreamento e controle de tiro logo começou a plotar o curso do objeto. Um técnico colheu os dados diretamente nos instrumentos de sonar e usou-os para calcular a distância. O computador levou apenas um segundo para fornecer uma resposta.

— E um sinal direto, tenente. A distância é de menos de vinte quilômetros.

Dutch Claggett não conseguia dormir direito. Como a maioria dos comandantes, limitava-se a cochilar de vez em quando. Estava sonhando com alguma coisa muito vaga e confusa sobre um dia de pescaria, com os peixes atrás dele, na praia, tentando surpreendê-lo pelas costas, quando o operador de sonar deu o alarma. Acordara instantaneamente e agora estava no centro de ataque, descalço, apenas de cuecas. Depois de conferir a profundidade, o curso e a velocidade, aproximou-se do operador de sonar para verificar pessoalmente o

que estava acontecendo.

— Mostre-me o objeto.

— Está bem aqui, na linha de sessenta hertz — disse o operador, batendo com o lápis na tela. O sinal era intermitente, uma série de pontos correndo pela tela, todos na mesma linha de frequência. Parecia deslocar-se lentamente da direita para a esquerda.

— Estão no mar há mais de três semanas... — pensou Claggett em voz alta.

— E muito tempo para um submarino diesel — concordou o operador.

— Será que está voltando para se reabastecer? Claggett se inclinou para a frente, como se a proximidade da tela fizesse alguma diferença.

— Pode ser. Talvez esteja apenas mudando de posição. E razoável que eles sigam uma linha de patrulha ao longo do litoral. Mantenha-me informado.

— Sim, senhor.

— E então? — perguntou Claggett ao grupo de rastreamento.

— Distância quatorze quilômetros. Está se movendo para oeste a uma velocidade de seis nós.

Claggett sabia que o alvo estava ao alcance dos torpedos ADCAP. Entretanto, suas ordens não permitiam que tomasse nenhuma atitude. Não era maravilhoso? — Vamos aquecer dois torpedos — disse o comandante. — Quando conhecermos a rota precisa do nosso amigo, vamos nos desviar para o sul. Se ele se aproximar, tentaremos nos manter afastados, mas se não nos deixar outra escolha, teremos de afundá-lo.

Não precisou olhar em volta para saber o que a tripulação achava da ideia. Até o ritmo da respiração dos seus comandados mudara.

— O que acha? — perguntou Mary Pat Foley.

— Interessante — afirmou Jack, depois de examinar por um momento o fax que chegara de Langley.

— Parece uma boa oportunidade — observou Ed Foley. — Por outro lado, pode ser um tiro no escuro.

— Nem ao menos sabemos se ele está lá — disse Ryan, relendo a mensagem. Tinha todas as marcas de John Clark. Era honesta. Incisiva. Positiva. O homem sabia manter a cabeça no lugar, e embora muitas vezes estivesse na base da cadeia alimentar, conseguia ter uma visão de conjunto.

— Tenho de ir lá em cima falar sobre isso com o chefe, pessoal.

— Cuidado para não tropeçar no caminho — advertiu MP, em tom irônico. Ela ainda era a especialista em missões de campo. — Recomendo que a proposta seja aprovada.

— E você, Ed? — perguntou Jack.

— Não deixa de ser um risco, mas às vezes é preciso confiar no instinto dos

nossos agentes. Para conseguirmos uma solução política, temos de contar com o apoio de um político moderado. Talvez esta seja a nossa última oportunidade de salvar a vida de Koga.

O conselheiro de Segurança Nacional podia ver os dedos cruzados do outro lado da linha da UTS-6. Os dois Foley pareciam muito previsíveis. O mais importante, no caso, era que estavam perfeitamente de acordo.

— Volto a falar com vocês em vinte minutos. Ryan pegou o telefone comum.

— Preciso falar com o chefe, imediatamente — disse à secretária do presidente.

O sol estava nascendo para outro dia quente, sem vento. O almirante Dubro percebeu que perdera um pouco de peso. A cintura da calça caqui parecia mais folgada do que de costume, fazendo-o apertar um pouco o cinto. Seus dois porta-aviões agora mantinham contato regular com os indianos. Às vezes, eles se aproximavam o suficiente para uma observação visual, mas em geral suas naves eram detectadas apenas pelos radares dos Harrier, a uns cem quilômetros de distância. O pior é que tinha ordens para permitir que os indianos vissem seus navios. Por que diabo não o deixavam rumar para leste, em direção ao estreito de Málaca? Estavam em guerra. Embora considerasse uma possível invasão do Sri Lanka pelos indianos como um insulto pessoal, o Sri Lanka não era território americano como as Marianas e os seus eram os únicos porta-aviões com os quais Dave Seaton podia contar.

É verdade que não poderia aproximar-se discretamente da região de conflito. Teria de passar por algum dos estreitos para entrar no oceano Pacífico, e todos eles eram tão movimentados quanto o Times Square ao meio-dia. Havia até a possibilidade remota de serem recebidos por submarinos, mas contava com uma escolta de contratorpedeiros e podia derrotar qualquer submarino que tentasse impedir-lhe a passagem. Entretanto, suas ordens eram para permanecer no oceano Indico e ser visto pelo inimigo.

Os tripulantes sabiam o que estava acontecendo, é claro. Não fizera o menor esforço para guardar segredo. Mesmo que tentasse, não teria conseguido, e seus comandados tinham o direito de saber, para se prepararem adequadamente para o combate. Precisavam saber para levantar a cabeça, para se munirem de toda a determinação antes de passarem de uma mentalidade de paz para uma mentalidade de guerra. Depois disso, porém, era importante que entrassem em ação, e isso não ocorrera.

O resultado era o mesmo para ele e para todos os homens e mulheres da força de combate: frustração, mau humor, impaciência. No dia anterior, um dos pilotos dos Tomcat passara entre dois Harrier indianos, apenas para mostrar que

sabia controlar seu aparelho, e embora tivesse deixado os visitantes apavorados, sua atitude não tinha sido exatamente profissional... Mike Dubro se lembrou dos tempos de tenente e se imaginou fazendo a mesma coisa. Isso não o impedira de repreender o piloto. Tinha de fazê-lo, embora soubesse que mais tarde os colegas do rapaz estariam resmungando que o velho decrépito que comandava o navio não sabia o que era ser um piloto de caça, porque os Spad que conhecera na juventude provavelmente eram movidos a corda...

— Se eles derem o primeiro tiro, vão se machucar — observou o comandante Harrison, depois de anunciar que a patrulha da madrugada partira no horário.

— Se dispararem um Exocet contra nós, daremos a ordem de "Taifeiros, peguem suas vassouras", Ed.

A piada não tinha muita graça, mas Dubro não se sentia muito inspirado no momento.

— Não se eles tiverem sorte e acertarem um tanque de combustível. Agora o oficial de operações estava ficando pessimista. Isso não é nada bom, pensou o comandante da força de combate.

— Mostre a eles que não estamos gostando — ordenou Dubro.

Logo depois, os navios da escolta ligaram os radares de controle de tiro e apontaram-nos para os intrusos. Olhando de binóculo, Dubro viu que o cruzador Aegis mais próximo tinha mísseis pintados de branco nas rampas de lançamento. Logo depois, eles se afastaram, e os radares de iluminação foram desligados. A mensagem era clara: Não se aproximem.

Poderia ter enviado outro despacho aflito para Pearl Harbor, mas Dave Seaton tinha problemas suficientes, e as decisões estavam sendo tomadas em Washington, por pessoas que não conheciam de perto o problema.

— Acha que vale a pena?

— Sim, senhor — respondeu Ryan, tendo chegado a essa conclusão a caminho do escritório do presidente, embora significasse colocar dois amigos em risco. Afinal, estavam fazendo o trabalho deles e ele estava fazendo o seu. Era fácil dizer essas coisas, mesmo sabendo que por causa delas não conseguiria dormir direito à noite. — Os motivos são óbvios.

— E se não der certo?

— Dois dos nossos agentes estarão em sério perigo, mas...

— Mas é para isso que estão lá? — perguntou Durling, com uma certa simpatia.

— Os dois são meus amigos, presidente. Se acha que estou gostando da ideia de...

— Calma — disse o presidente. — No momento, muitos americanos estão

correndo perigo, e sabe de uma coisa? Não saber quem são torna as coisas mais difíceis e não mais fáceis. Aprendi isso por experiência própria.

Roger Durling olhou para a mesa coalhada de papéis que não tinham a menor ligação com a crise do Pacífico mas tinham de ser despachados de qualquer forma. O governo dos Estados Unidos era um negócio gigantesco e nenhuma de suas partes podia ser ignorada, por mais importante que uma delas de repente se tornasse. Será que Ryan compreendia isso? Jack viu os papéis, também. Não precisava saber exatamente o que eram. Nenhum deles estava assinalado como secreto. Eram o lixo do dia-a-dia com o qual todo homem tinha de lidar. O chefe era obrigado a pensar em tanta coisa ao mesmo tempo! Não parecia justo, especialmente para alguém que não chegara propriamente a se oferecer para aquele posto. Mas ali estava o dedo do destino; Durling aceitara o cargo de vice-presidente porque estava na sua natureza servir aos outros, como também estava na de Ryan. No fundo, os dois eram parecidos, pensou Jack.

— Presidente, peço desculpas pelo que disse. Sim, senhor, levei os riscos em consideração, mas esse é realmente o trabalho dos dois. Além do mais, a proposta veio do próprio John. A ideia foi dele. John é um bom agente e conhece tanto os riscos com os possíveis dividendos desta operação. Mary Pat e Ed estão de acordo. A decisão cabe ao senhor, mas estas são as recomendações.

— Não estamos nos arriscando muito por migalhas? — quis saber Durling.

— Não são migalhas, presidente. Esta missão pode ser muito importante.

— Espero que tomem cuidado.

— Oh, é exatamente o que eu queria — observou Chavez.

A pistola automática russa PSM era calibre 215, um diâmetro menor até do que as 22 que os adolescentes americanos (pelo menos os politicamente incorretos) usavam para praticar tiro ao alvo nos acampamentos de escoteiros. Era também a arma padrão dos militares e policiais russos, o que talvez explicasse por que os criminosos russos não tinham o menor respeito pela polícia local.

— Pelo menos, temos nossa arma secreta no carro — comentou Clark, sopesando a pistola. O silenciador ajudava a melhorar um pouco seu equilíbrio. Ela era mais uma prova de algo que vinha observando havia muitos anos: os europeus não entendiam nada de armas portáteis.

— Vamos precisar dela — concordou Chavez. A embaixada da Rússia tinha uma pista de tiro para os guardas de segurança. Chavez colocou um alvo de papel no suporte e rodou a manivela para afastá-lo até a distância correta.

— Tire o silenciador — recomendou John.

— Por quê? — quis saber Ding.

— Olhe para ele.

Chavez obedeceu e viu que o silenciador russo estava cheio de palha de aço.

— Ele vai aguentar apenas cinco ou seis tiros.

A pista dispunha de tapa-ouvido, o que já era alguma coisa. Clark colocou oito cartuchos no estojo, apontou para o alvo e disparou três tiros.

A pistola era barulhenta e a bala, muito pequena. Sentiu saudade da sua 22 automática. Pelo menos, a arma russa era precisa.

Scherenko observou-o em silêncio, aborrecido com o desprezo que os americanos estavam demonstrando pelas armas do seu país e envergonhado porque talvez tivessem razão. Aprendera a atirar fazia muitos anos e não tinha muito jeito para aquilo. Era uma habilidade raramente exigida dos espiões, apesar de tudo que mostravam os filmes de Hollywood. Por outro lado, os americanos pareciam exímios atiradores; ambos estavam acertando na mosca de cinco metros de distância, atirando em uníssono. Quando a munição acabou, Clark removeu o estojo, tornou a carregá-lo, introduziu-o na arma e carregou outro estojo, que guardou no bolso. Chavez imitou-o.

— Se um dia for nos visitar em Washington, vou lhe mostrar nossas armas — prometeu Ding.

— E a "arma secreta" de que você falou? — perguntou Scherenko ao agente mais velho.

— É segredo — respondeu Clark, dirigindo-se para a porta, acompanhado por Chavez.

Tinham o dia inteiro para esperar pela oportunidade, se é que podiam chamá-la assim, e roer as unhas enquanto esperavam.

Em Shemya, o tempo continuava péssimo. O gelo, acelerado por um vento de cem quilômetros por hora, martelava a única pista de pouso, fazendo um barulho que não deixava os pilotos dormirem. Dentro dos hangares, os oito caças estavam bem protegidos das intempéries. Isso era especialmente importante no caso dos F-22, pois ninguém sabia direito os danos que os elementos podiam causar ao acabamento da fuselagem e portanto à invisibilidade do avião. Não estava na hora de descobrir. A tempestade passaria em algumas horas, previam os entendidos, embora os ventos fortes devessem continuar pelo restante do mês. Lá fora, o pessoal de terra preocupava-se com as amarras do avião-tanque e dos AWACS e corria de um lado para o outro, usando volumosos agasalhos, para ter certeza de que estavam bem seguras.

Os outros aspectos da segurança da base tinham a ver com o sistema Cobra Dane. Embora parecesse uma tela de um velho cinema drive-in, era de fato uma versão ampliada do mesmo sistema usado nos E-767 japoneses e também nos

cruzadores e contratorpedeiros americanos e japoneses. Instalado originalmente para acompanhar os testes dos mísseis soviéticos e mais tarde para fazer pesquisas para o projeto Guerra nas Estrelas, tinha potência suficiente para vasculhar milhares de quilômetros do espaço. Suas sondas eletrônicas estavam no momento em plena atividade, mas observavam apenas aviões comerciais, que mesmo assim eram observados com muita atenção. Um F-l 5E Strike Eagle carregado de mísseis ar-ar poderia ser lançado em dez minutos se algum deles fizesse qualquer movimento considerado ameaçador.

A rotina continuou durante todo o dia. Durante poucas horas, o tempo clareou o suficiente para mostrar que o sol ainda estava no céu, mas quando os pilotos foram acordados, era como se as janelas do alojamento tivessem sido pintadas de preto, porque até mesmo as luzes da pista tinham sido apagadas para não deixar nenhuma pista para alguma visita indesejada.

— Perguntas? A operação fora planejada rapidamente, mas com atenção para os detalhes; os quatro pilotos mais antigos haviam participado das discussões e realizado alguns testes na noite anterior. Haveria riscos, é claro, mas isso era inevitável.

— Vocês dos Eagle acham que são capazes de garantir a nossa retaguarda? — perguntou o piloto de um dos Rapier. Era tenente-coronel, mas isso não o protegeu da resposta.

— Não se preocupe, coronel. Eu adoro estar na sua retaguarda — declarou uma major, mandando-lhe um beijo.

O coronel, na verdade um piloto de provas tirado de um trabalho de desenvolvimento que estava executando nos F-22 na Base Aérea de Nellis, conhecia a "velha" Força Aérea apenas através dos filmes e histórias que ouvira quando era criança, mas aceitou a brincadeira com esportividade. Os caças Strike Eagle podiam não ser invisíveis, mas eram uma arma respeitável. Estavam se preparando para uma missão de combate, e o posto não importava tanto quanto a competência e a confiança.

— Muito bem, pessoal (no passado, ele teria dito homens), chegou a hora. Vamos andando.

Os tripulantes dos aviões-tanque discutiram entre si como a Força Aérea mudara. A major era uma gracinha, observou o piloto de um deles. Talvez um dia fosse contratada pela United, comentou com o capitão que seria seu copiloto.

— Um homem não faria um melhor trabalho — afirmou o outro.

Os aviões-tanque decolaram vinte minutos depois, seguidos por um dos E-3B.

Os caças, como sempre, foram os últimos a decolar. Os tripulantes estavam usando trajes de voo para o frio e coletes salva-vidas, o que era uma piada em se

tratando do Pacífico Norte naquela época do ano, mas regulamentos eram regulamentos. Um por um, os pilotos dos Rapier se dirigiram para as aeronaves, seguidos pelos tripulantes dos Eagle, que caminhavam aos pares. O coronel que comandava a missão arrancou de forma ostensiva a insígnia com a palavra RAPIER presa com velcro no seu traje, e substituiu-a por uma extraoficial, feita pelos empregados da Lockheed, que mostrava a silhueta do P-38 Lightning original, superposta ao perfil gracioso do produto mais recente da empresa e decorada ainda com um raio amarelo. A tradição, afinal, valia alguma coisa, pensou o coronel, embora não fosse ainda nascido quando o último dos P-38 fora parar no ferro-velho. Entretanto, lembrava-se de haver construído um modelo do primeiro caça americano de longo alcance, usado apenas uma vez para seu objetivo original, e que garantira a imortalidade a um piloto chamado Tex Lamphier. Esta missão não seria muito diferente daquele dia sobre as ilhas Salomão.

Os caças tiveram de ser rebocados para fora do hangar; antes mesmo de ligar os motores, os tripulantes puderam sentir a força do vento. Era a hora em que os pilotos tocavam de leve nos controles e se ajeitavam nos assentos. Um por um, os caças ligaram as turbinas e taxiaram até a extremidade da pista. As luzes foram acesas, linhas azuis paralelas que se perdiam na escuridão, e os caças levantaram voo em fila indiana, com um minuto de diferença entre as decolagens, porque decolagens múltiplas com o tempo que estava fazendo seriam muito arriscadas; aquela não era uma noite para erros desnecessários. Três minutos depois, as duas esquadrilhas de quatro aviões reuniram-se acima das nuvens, onde o céu estava claro, com estrelas luminosas e uma aurora multicolorida à direita, uma cortina azul e verde produzida pelo impacto de partículas solares na atmosfera terrestre.

A primeira hora foi mera rotina, as oito aeronaves voando para sudoeste com as luzes piscando na ponta das asas para evitar uma possível colisão. Aproveitaram para testar todos os sistemas de bordo enquanto não chegava a hora do encontro com os aviões-tanque.

Os tripulantes dos aviões-tanque, todos reservistas que trabalhavam em companhias aéreas na vida civil, tinham escolhido locais livres de turbulência, e os pilotos dos caças agradeceram-lhes. Foram necessários mais de quarenta minutos para encher os tanques de todos os caças; em seguida, os aviões-tanque foram embora, provavelmente para que as tripulações pudessem pôr em dia a leitura do Wall Street Journal, pensaram os pilotos dos caças, rumando outra vez para sudoeste.

Agora a situação era diferente. Chegara na hora de trabalhar.

Sandy Richter foi quem planejou a missão, é claro, porque a ideia partira

dele, meses antes, na Base Aérea de Nellis. Tudo funcionara muito bem na ocasião, e tudo que tinha a fazer era assegurar que tudo desse certo de novo. Na verdade, estava provavelmente apostando sua vida nisso.

Richter estava envolvido com a Força Aérea desde os dezessete anos, quando conseguira enganar a idade por ser um rapaz alto e forte. Anos mais tarde, corrigira sua ficha, mas ainda estava no vigésimo nono ano de serviço, prestes a se reformar. Durante todo esse tempo, pilotara helicópteros de guerra, e apenas helicópteros de guerra. Se um helicóptero não transportava armas, não se mostrava interessado. Depois de começar com o AH-1 Cobra, passara para o AH-64 Apache, com o qual participara de sua segunda guerra nos céus da península Arábica. Agora estava comandando a última aeronave que teria oportunidade de pilotar. Depois de ligar os motores do Comanche, começou sua 6.651hora de voo.

As duas turbinas ganharam velocidade e o rotor começou a girar. A equipe de terra, existente apenas para fins decorativos, estava a postos com um único extintor de incêndio. Mas seria suficiente para apagar um cigarro, pensou Richter, aumentando a potência para decolar. O ar rarefeito das montanhas causava um efeito negativo sobre o desempenho, mas não era muito grande, e de qualquer forma logo estaria ao nível do mar. O piloto sacudiu a cabeça para se certificar de que o capacete estava bem ajustado e rumou para leste, acompanhando as encostas cobertas de árvores do Shiraishi-san.

— Lá estão eles — disse o piloto do primeiro F-22 para si próprio.

O sinal começou a soar nos fones de ouvido, logo seguido por uma informação no seu receptor: RADAR DE DEFESA AÉREA, AERO-TRANSPORTADO, TIPO J, MARCAÇÃO 213. Em seguida, chegaram dados transmitidos pelo E-3B, que estava no lugar havia tempo suficiente para descobrir sua posição. O Sentry não estava com o radar ligado naquela noite. Afinal, os japoneses tinham ensinado uma lição aos americanos na noite anterior, e eles precisavam de tempo para absorvê-la... DISTÂNCIA PARA O ALVO, 2.330 QUILÔMETROS. Ainda muito longe da aeronave japonesa para ser avistado, transmitiu o primeiro comando verbal da missão: — Líder Lightning para esquadrilha. Dividir em elementos, agora! Os dois grupos de quatro aeronaves logo se dividiram em pares, separados por uma distância de dois mil metros. Em todos os pares os F-22 iam na frente, com os F-l 5E voando perigosamente próximos, de modo a criar uma só imagem para o radar. O coronel procurou manter uma trajetória estável e sorriu ao se lembrar do comentário da major. Tinha prazer em estar na sua retaguarda, hein? Era a primeira mulher a voar com os Thunderbird. As luzes das asas foram apagadas, e ele torceu para que os óculos de visão noturna da major estivessem funcionando

direito. O E-767 mais próximo estava a seiscentos e cinquenta quilômetros de distância. Os caças viajavam a mil quilômetros por hora, mantendo-se a uma altitude de 10.500 metros, para economizar combustível.

Devido ao horário de trabalho dos executivos japoneses, a entrada dos americanos chamou menos atenção do que se estivessem nos Estados Unidos. Havia um homem na portaria, mas estava vendo televisão, e Clark e Chavez passaram por ele como se soubessem aonde iam. De qualquer forma, em Tóquio ninguém se preocupava com assaltos. Entraram no elevador, um pouco ofegantes, e apertaram um botão, trocando um olhar de alívio que logo se transformou em preocupação. Ding levava uma maleta, Clark estava de mãos vazias, e ambos vestiam seus melhores ternos, parecendo dois homens de negócios chegando para uma reunião noturna ou algo parecido. O elevador parou a cinco andares da cobertura, em um andar escolhido por causa da falta de luz nas janelas. Clark pôs a cabeça para fora, sabendo que isso era uma atitude suspeita, mas o corredor estava vazio.

Atravessaram o corredor com passos rápidos, encontraram a escada de serviço e começaram a subir. Procuraram por câmaras de segurança e constataram, aliviados, não haver nenhuma. Clark olhou para cima e para baixo. Ninguém nas escadas. Continuaram a subida, atentos a qualquer movimento.

— Nossos amigos estão de volta — anunciou um dos controladores pelo intercomunicador. — Marcação zero-três-três, distância quatro-dois-zero quilômetros. Um... não, dois contatos, formação cerrada, aeronaves militares, velocidade mil quilômetros por hora — concluiu.

— Muito bem — disse o chefe dos controladores, transferindo o sinal para sua tela, enquanto selecionava um canal do transmissor. — Alguma atividade de radar a nordeste?

— Nenhuma — respondeu de imediato o oficial de contramedidas eletrônicas. — Ele pode estar recebendo nossas transmissões, é claro. — Wakaremasen [*Não tenho certeza*].

A medida seguinte seria enviar ao encontro do inimigo os dois caças que se encontravam a leste da aeronave Kami. Os dois F-l 5J tinham chegado havia pouco tempo e estavam com os tanques quase cheios. O controladorchefe solicitou mais dois à Base Aérea de Chitose. Eles levariam cerca de quinze minutos para chegar, mas isso não importava, pensou o controlador. Tinham tempo de sobra.

— Comece a rastreá-los — ordenou ao operador.

— Então vocês já sabem que estamos aqui? — disse o coronel a si mesmo.

— Ótimo.

Manteve o curso e a velocidade, para que determinassem precisamente sua posição. O resto era uma questão de matemática. Os Eagle devem estar agora a uns trezentos quilômetros de distância. Seis minutos para a separação. Olhou para o relógio e varreu o céu com os olhos, à procura de uma luz um pouco mais forte do que a de uma estrela.

Havia uma câmara no último lance de escadas. Então Yamata era um pouco paranoico. Mas até os paranoicos tinham inimigos, pensou Clark, observando que a câmara parecia estar apontada para o lance seguinte. Dez degraus até aquele lance e mais dez até o seguinte, onde ficava a porta. Resolveu parar para pensar. Chavez girou a maçaneta da porta à sua direita. Não parecia estar trancada. Provavelmente o regulamento de combate a incêndios proibia que as portas da escada de serviço fossem trancadas, pensou Clark, aceitando a informação com um gesto de cabeça mas ao mesmo tempo preparando suas ferramentas de arrombamento.

— Então, o que acha?

— Acho que preferia não estar aqui. — Ding segurou a lanterna, enquanto John fixava o silenciador na pistola.—Vamos depressa ou devagar? Estava na hora da escolha. Uma abordagem lenta, fazendo-se passar por homens de negócios, que tinham errado o caminho... não, não daquela vez. Clark mostrou um dedo, respirou fundo e subiu correndo os degraus. Cinco segundos depois, girou a maçaneta da porta que ficava no alto da escada e abriu-a com força. Jogou-se no chão, a pistola apontada para o alvo. Ding pulou por cima dele e também apontou sua arma.

O guarda estava olhando para outro lado quando a porta que dava para a escada foi aberta. Virou-se de imediato e viu um homem deitado no chão, provavelmente apontando um revólver para ele. Isso o fez sacar a pistola. Havia um segundo homem, de pé, com alguma coisa na mão..

Àquela distância, a luz tinha um efeito devastador. Os três milhões de velas transformaram o mundo da superfície do sol; a sobrecarga de energia invadiu o sistema nervoso do homem através do nervo trigêmeo, que vai do olho até a base do cérebro, comunicando-se com os circuitos nervosos que controlam os músculos voluntários. O efeito, como na África, foi sobrecarregar o sistema nervoso do guarda. Ele caiu no chão como um boneco, a mão direita ainda segurando a pistola. A luz era tão forte, que Chavez ficou ofuscado com o reflexo nas paredes brancas, mas Clark se lembrara de fechar os olhos e correu para a porta dupla, que abriu com o ombro.

Havia apenas um homem à vista, levantando-se de uma cadeira em frente

ao aparelho de TV, com uma expressão de surpresa no rosto. Não estava na hora de ter piedade. Clark segurou a arma com as mãos e apertou o gatilho duas vezes, apontando para a testa do homem. Sentiu a mão de Ding no ombro e tomou o corredor da direita, quase correndo, olhando para dentro dos quartos. A cozinha, pensou. Havia sempre gente na...

O palpite estava certo. O homem era quase da sua altura e já estava com a arma na mão quando saiu da cozinha, gritando um nome e uma pergunta, mas era um pouco lento, estava com a arma apontada para baixo e encontrou-se com um adversário já preparado. Foi a última coisa que viu. Clark precisou de mais meio minuto para percorrer o restante do apartamento de luxo, mas encontrou apenas quartos vazios.

— Yevgeniy Pavlovich? — chamou.

— Vanya, venha cá! Clark correu para a sala, aproveitando para dar uma olhada rápida nos homens em que atirara, apenas para ter certeza de que estavam bem mortos. Sabia que se lembraria para sempre daqueles corpos, que eles voltariam nos sonhos, que tentaria convencer a si mesmo de que as mortes tinham sido necessárias.

Koga estava ali sentado, muito pálido, enquanto Chavez/Chekov acabava de revistar a sala. O sujeito que estava vendo televisão não chegara a tirar a pistola do coldre. Provavelmente era uma ideia que tirara de um filme, pensou Clark. Aquelas coisas só serviam para atrapalhar em caso de emergência.

— Tudo tranquilo à esquerda — afirmou Chavez, lembrando-se de falar em russo.

— Tudo tranquilo à direita.

Clark procurou acalmar-se, olhando para o homem caído ao lado do receptor de TV, imaginando qual dos que matara tinha sido responsável pela morte de Kim Norton. O da cozinha, provavelmente não.

— Quem são vocês? — perguntou Koga, com uma mistura de medo e indignação, sem perceber que já conhecia a dupla. Clark respirou fundo antes de responder.

— Koga-san, viemos para salvá-lo.

— Você os matou! — exclamou o homem, apontando com um dedo trêmulo.

— Podemos falar sobre isso depois. Quer vir conosco, por favor? Não precisa ter medo de nós.

Clark admirou a preocupação do ex-primeiro-ministro com os homens mortos, embora evidentemente não fossem seus amigos. Mas estava na hora de tirá-lo dali.

— Qual deles era Kaneda? — perguntou Chavez.

Koga apontou para o que morrera ao lado da TV. Ding aproximou-se para dar uma última olhada e conseguiu não dizer nada antes de voltar os olhos para Clark, com uma expressão que apenas os dois eram capazes de entender.

— Vanya, está na hora de sair daqui.

O sistema parecia ter enlouquecido. A tela enchera-se de manchas vermelhas e amarelas, e uma voz feminina não se cansava de lhe dizer que fora detectado, mas nesse caso estava mais bem informado do que o computador, pensou Richter, e era bom saber que nem sempre aquelas máquinas diabólicas sabiam o que faziam.

Não fora fácil chegar até ali; embora o Apache se mostrasse suficientemente ágil para aquela missão, sentia-se mais à vontade pilotando o RAH-66. Seu corpo não revelava qualquer sinal de tensão. Anos de prática permitiam que se sentasse confortavelmente no assento do piloto, com o antebraço direito apoiado no descanso e a mão controlando o manche. Varria constantemente a paisagem com os olhos, comparando o horizonte real com o gerado por um sensor instalado no nariz da aeronave. A cidade de Tóquio era o cenário ideal para aquele tipo de trabalho. Os edifícios deviam estar gerando uma infinidade de ecos para os aparelhos de radar que tentava iludir; mesmo os melhores programas de computador não seriam capazes de eliminar um ruído de fundo daquela magnitude.

O rio Tone o levaria até quase o destino. Do lado sul do rio havia uma estrada de ferro, onde no momento passava um trem rumo a Choshi. O trem viajava a mais de duzentos quilômetros por hora, e Richter se posicionou sobre ele, com um olho na composição e outro em um indicador na tela. Manteve o helicóptero trinta metros acima das torres de eletricidade, acima do último vagão, acompanhando o movimento do trem.

— Engraçado... — murmurou o operador do Kami-dois, que acabara de observar um eco, reforçado pelo computador, que se aproximava da aeronave. Ligou o intercomunicador. — Temos um possível alvo em baixa altitude — anunciou, assinalando o eco e transferindo-o para a tela do controlador-chefe.

— E um trem — replicou imediatamente o homem, consultando um mapa.

Era um dos problemas de usar aquele sistema muito perto de terra. O software de reconhecimento, comprado dos americanos, fora modificado, mas não em todos os detalhes. O radar aerotransportado podia detectar qualquer objeto em movimento, mas não havia computadores capazes de classificar e mostrar todos os ecos produzidos por carros e caminhões. Para descongestionar as telas, nada que se movesse a menos de cento e cinquenta quilômetros passava pelo sistema de filtragem do computador, mas isso não era suficiente, não

quando o país dispunha dos trens mais rápidos do mundo. Só para ter certeza, o controlador-chefe observou o sinal durante alguns segundos. Sim, estava seguindo a linha principal entre Tóquio e Choshi. Não podia ser um avião a jato. Um helicóptero, teoricamente, poderia fazer algo parecido, mas nesse caso o sinal teria de ser muito mais forte. Não, só podia ser o eco de um trem.

— Ajustar o discriminador de velocidade para duzentos — disse aos controladores.

A ordem levou três segundos para ser cumprida. No mesmo momento, o sinal nas proximidades do rio Tone e dois outros ecos mais óbvios desapareceram. Tinham coisas mais interessantes para fazer, pois o Kami-dois estava recebendo os dados dos Kami-quatro e seis e retransmitindo-os para o quartel-general da Defesa Aérea, nos arredores de Tóquio. Os americanos estavam outra vez testando as defesas aéreas, usando provavelmente os F-22, para ver se conseguiam derrotar os Kami. Desta vez, não teriam uma recepção tão amistosa. No momento, oito interceptadores F-l 5 Eagle estavam no ar, quatro sob o controle de cada E-767. Se os caças americanos se aproximassem, seriam abatidos.

Tinham de arriscar uma transmissão aberta, o que deixava o coronel nervoso, mas era inevitável.

— Líder Lightning para esquadrilha. Separar na contagem de cinco. Cinco... quatro... três... dois... um... Separar! Puxou o manche para trás, afastando-se do Strike Eagle que passara a última meia hora colado à sua cauda. No mesmo instante, usou a mão direita para desligar o transponder de radar que usara para reforçar o sinal de retorno que os japoneses estavam recebendo de sua aeronave. Atrás e abaixo dele, a major que pilotava o F-15E descera ligeiramente e se desviara para a esquerda. O Lightning subiu rapidamente, perdendo na operação quase toda a sua velocidade para a frente. O coronel aumentou a potência das turbinas e deu uma guinada na direção oposta, aumentando ainda mais a velocidade de separação.

O radar japonês poderia receber ou não algum tipo de eco da sua aeronave, pensou o coronel, mas uma coisa era certa: o radar estava operando com alta potência e recebendo todo o tipo de sinais espúrios, que o computador tinha de processar antes de apresentar aos controladores do sistema. Na verdade, fazia um trabalho semelhante ao de um operador humano, embora de forma mais rápida e eficiente. Entretanto, não era perfeito, como ele e os outros três Lightning queriam provar.

— Desviando para o sul — informou o controlador, desnecessariamente, porque agora havia quatro pessoas observando os movimentos dos intrusos. Nem ele nem os companheiros podiam saber que o computador detectara alguns sinais

desviando-se para o norte, mas eram muito mais fracos do que todos os outros ecos que se moviam com velocidade suficiente para ser classificados como aeronaves. Também não seguiam uma trajetória considerada provável para uma aeronave. De repente, a situação começou a se complicar.

— Os intrusos estão produzindo sinais de interferência.

O primeiro Lightning está agora subindo quase na vertical. Isso era arriscado, já que nessa posição oferecia aos E-767 a parte menos invisível da aeronave, mas por outro lado seu movimento lateral se reduzia a quase zero, de modo que tinha tudo para ser confundido com um eco fantasma, especialmente no meio do ruído eletrônico que estava sendo gerado pelos Strike Eagle. Em menos de trinta segundos, os Lightning chegaram a dezesseis mil metros e pararam de subir. O coronel estava observando atentamente o monitor. Se os japoneses soubessem onde estava, mostrariam isso bombardeando o seu caça com ondas de radar... mas não o fizeram. O aparelho se mostrava suficientemente invisível para ser confundido com o ruído. O monitor começou a mostrar lobos secundários. O E-767 passara para o modo de controle de tiro, usando sinais de alta frequência, mas não estava apontando para ele. Muito bom. Aumentou a potência das turbinas, e o Lightning acelerou para 1.600 quilômetros por hora, enquanto o piloto colocava o sistema HUD* no modo de controle de tiro.

— Está lá em cima, há uma hora, Sandy — informou o artilheiro, do banco de trás. — Posso ver as luzes.

'Head-Up Display, sistema no qual alguns dados são projetados no visor do capacete do piloto. (N. do T.) O trem passara em uma estação de subúrbio, e o Comanche o deixara para trás. Agora, estava viajando trezentos e vinte quilômetros por hora em direção à cidade costeira. Richter flexionou os dedos uma última vez, olhou para cima e viu as luzes piscantes da aeronave. Estava quase abaixo dela, e por melhor que fosse o aparelho de radar, jamais conseguiria transmitir diretamente para baixo, através da fuselagem... sim, não havia nenhuma mancha colorida no centro do monitor.

— Aí vamos nós — disse, pelo intercomunicador.

Colocou os aceleradores no máximo e puxou o manche para trás. O Comanche começou a subir em espiral. Sua única preocupação era a temperatura dos motores. Tinham sido projetados para resistir a muita coisa, mas estavam funcionando perto do limite. Um sinal de advertência apareceu no monitor do capacete, uma barra vertical que aumentava de altura e mudava de cor quase tão rápido quanto os números cresciam no indicador de altitude.

— Puxa! — murmurou o artilheiro, ajustando o monitor para mostrar o sistema de armas, antes de voltar ao modo de supervisão. — Tráfego nulo.

Isso era natural, pensou Richter, Os japoneses não haviam de querer ninguém por perto de uma aeronave tão valiosa. Melhor assim. Agora podia ver claramente o alvo, enquanto o helicóptero passava dos três mil metros de altitude, subindo como o avião de caça que era, movido por rotores ou não.

Já podia vê-lo no monitor, ainda longe demais para ser atingido, mas mesmo assim um ponto bem nítido na tela. Era hora de verificar. Ativou seu próprio sistema de detecção. O F-22 era equipado com um radar LPI, isso significava que era pouco provável que as transmissões fossem detectadas pelo inimigo. Entretanto, essa previsão revelou-se excessivamente otimista.

— Acabamos de ser atingidos — informou o operador de contramedidas eletrônicas. — Acabamos de ser atingidos por uma onda de alta frequência, marcação desconhecida — acrescentou, consultando os instrumentos em busca de novas informações.

— Provavelmente é um eco de nossas próprias transmissões — disse o controlador-chefe, preocupado em orientar os caças na direção dos invasores.

— Não, não, a frequência é diferente.

O técnico tornou a consultar os instrumentos, mas não havia mais nada para apoiar aquela estranha sensação que lhe provocava arrepios.

— Alerta de superaquecimento. Alerta de superaquecimento — estava dizendo a voz, porque ele insistia em ignorar as indicações do monitor.

— Eu sei, querida — replicou Richter.

Sobre o deserto de Nevada, conseguira subir rapidamente para 6.300 metros de altitude, um desempenho tão fora do comum para um helicóptero que o deixara assustado, lembrou-se Richter, mas isso fora com o ar relativamente quente, enquanto ali estava bem mais frio. Passou pela marca dos seis mil metros ainda com uma velocidade vertical considerável, enquanto o alvo mudava de curso, afastando-se dele. Parecia mover-se a cerca de seiscentos quilômetros por hora, provavelmente usando um motor para propulsão e outro para alimentar o radar. Não estava a par dos detalhes, mas isso lhe pareceu razoável. O que importava era que estava chegando ao alcance de tiro, e as grandes turbinas do avião de passageiros adaptado eram alvos convidativos para seus mísseis Stinger.

— Chegamos ao alcance de tiro, Sandy.

— Entendido.

Estendeu a mão esquerda para o painel de armas e selecionou os mísseis. Os alçapões laterais da aeronave abriram-se. De cada lado havia três mísseis Stinger. Removeu a tampa de segurança do botão de disparo e apertou-o seis vezes. Todos os mísseis deixaram seus suportes e se projetaram para cima em direção ao alvo, que devia estar a pouco mais de três quilômetros de distância.

Feito isso, Richter diminuiu a potência dos motores e mergulhou com o helicóptero para resfriar os motores, observando o solo, enquanto o artilheiro acompanhava a trajetória dos mísseis.

O primeiro Stinger perdeu força e não chegou a alcançar o alvo. Os outros cinco se saíram melhor, e embora um deles passasse ao largo, quatro acertaram em cheio, três na turbina da direita e um na turbina da esquerda.

— Temos impactos, impactos múltiplos.

O E-767, em baixa velocidade, não tinha a menor chance de escapar. As ogivas dos Stinger não eram muito potentes, mas as turbinas da aeronave, projetadas para uso comercial, não ofereciam nenhuma resistência a danos. Ambas logo perderam potência e a que estava sendo usada para propulsão foi a primeira a se despedaçar. Fragmentos das pás da turbina romperam a carcaça e atravessaram a asa direita, danificando os controles de voo. A aeronave rolou imediatamente para a direita e não conseguiu se recuperar. O desastre apanhara a tripulação de surpresa. Metade da asa de boreste separou-se da aeronave; no solo, os operadores de radar viram o símbolo alfanumérico que assinalava a posição do Kami-dois mudar para o código de emergência 7711 e depois simplesmente desaparecer.

— Alvo destruído, Sandy.

— Entendido.

O Comanche agora estava descendo rapidamente, dirigindo-se para a costa. A temperatura dos motores voltara ao normal, e Richter esperava que não tivessem sofrido nenhum dano permanente. Quando ao restante, não era a primeira vez que matava alguém.

— O Kami-dois acaba de cair — informou o técnico de comunicações.

— O que disse? — perguntou o controlador-chefe, distraído com a missão de interceptação.

— Houve uma explosão, algo assim, e ele desapareceu dos monitores.

— Espere um instante. Tenho de orientar meus Eagle.

A situação devia estar ficando difícil para os F-l 5E, pensou o coronel. No momento, o trabalho deles era servir de isca, atrair os Eagle japoneses para longe da ilha, enquanto os Lightning entravam atrás deles para destruir as aeronaves de observação e montar a armadilha. A boa notícia no momento era que o terceiro E-767 acabara de ser derrubado. Isso queria dizer que a outra parte da missão fora concluída com sucesso. Isso era ótimo, para variar. Quanto ao restante...

— Dois, aqui é o líder, executando, agora! — O coronel ligou os radares de iluminação a trinta quilômetros da aeronave inimiga. Em seguida, abriu o alçapão, oferecendo aos mísseis AMRAAM a oportunidade de verem a presa. Tanto o Um como o Dois engajaram o alvo, e ele os disparou. — Fox-Dois, Fox-

Dois lançando dois Slammer contra Alvo Norte! A abertura do alçapão logo tornou o Lightning tão invisível quanto um arranha-céu. Apareceram ecos em cinco telas diferentes, juntamente com avisos adicionais quanto à velocidade e curso da aeronave recém-descoberta. O comentário do técnico de contramedidas eletrônicas equivalia a uma sentença de morte.

— Estamos sendo iluminados de curta distância, marcação zero-dois-sete!

— O quê? Quem está falando? — perguntou o controlador-chefe.

Os Eagle estavam se preparando para lançar mísseis contra as aeronaves americanas. O Kami-seis acabara de passar para o modo de controle de tiro, a fim de permitir que os interceptadores atacassem os inimigos sem precisar iluminá-los com seus próprios aparelhos de radar, como tinham feito com os bombardeiros B-l. Não podia voltar atrás, pensou o controlador-chefe O último aviso chegou tarde demais para qualquer ação efetiva. A oito quilômetros de distância, os mísseis ligaram seus próprios radares de aproximação. Estavam viajando a Mach 3, movidos por foguetes de combustível sólido em direção a um alvo de grande porte; o novo AMRAAM AIM-120, mais conhecido como Slammer, era uma arma de última geração. O piloto finalmente foi avisado. Rolou a aeronave para a esquerda, tentando um mergulho em parafuso que logo percebeu ser perda de tempo, porque no último segundo viu as chamas amarelas da descarga do foguete.

— Está morto — murmurou o Líder Lightning consigo mesmo. — Esquadrilha Lightning, aqui é o líder. Alvo Norte destruído.

— Líder, aqui é Três. Alvo Sul destruído — ouviu em seguida.

Agora, pensou o coronel, usando um eufemismo particularmente cruel da Força Aérea, estava na hora de matar alguns filhotes de foca. Os quatro Lightning estavam entre o litoral do Japão e oito interceptadores F-15J Eagle. Do outro lado dos aviões japoneses, os F-15E Strike Eagle deviam estar investindo contra eles, ligando seus próprios radares e disparando seus próprios AMRAAM. Alguns acertariam no alvo, e os caças japoneses que escapassem tentariam voltar para casa, caindo nos braços dos Lightning.

Os radares de terra não puderam acompanhar o combate aéreo; ele aconteceu longe da costa, abaixo do horizonte do radar. O que viram foi uma aeronave se aproximando do litoral, que sabiam ser japonesa por causa do código do transponder. De repente, perderam o sinal. No quartel-general de defesa aérea, os dados recebidos dos três Kami derrubados não forneciam nenhuma pista para que os oficiais entendessem o que acontecera, exceto uma: a guerra que seu país começara, era agora muito real e sofrerá uma reviravolta inesperada.

43
DANÇANDO CONFORME A MÚSICA

— Sei que vocês não são russos — afirmou Koga, viajando no banco de trás do carro com Chavez, enquanto Clark dirigia.

— Por que diz isso? — perguntou John, com ar inocente.

— Porque Yamata disse que estive em contato com americanos. Vocês dois são os únicos estrangeiros com quem conversei desde que começou esta loucura. O que está acontecendo? — perguntou o político.

— Acontece que acabamos de salvá-lo de ser morto por bandidos.

— Yamata não faria uma tolice dessas — replicou Koga, ainda não recuperado do choque de assistir a uma cena de violência fora dos limites de uma tela de TV.

— Ele começou uma guerra, Koga-san. O que é sua morte comparada com isso? — perguntou, delicadamente, o homem ao volante.

— Então vocês são americanos — insistiu. Que saco, pensou Clark.

— Somos, sim.

— Espiões? — Agentes de informações — corrigiu Chavez. — O homem que estava na sala com o senhor...

— Aquele que vocês mataram? Kimura? — Sim, senhor. Ele assassinou uma jovem americana chamada Kimberly Norton. Não me arrependo do que fiz.

— Quem era ela? — Ela era amante de Goto — explicou Clark. — Quando se tornou politicamente incômoda para o novo primeiro-ministro, Raizo Yamata decidiu eliminá-la. Viemos ao Japão com a missão de levá-la para casa. Isso é tudo — concluiu Clark, omitindo parte da verdade.

— Nada disto era necessário — protestou Koga. — Se o Congresso de vocês tivesse me dado uma chance de...

— Talvez o senhor tenha razão — admitiu Chavez. — Mas isso não faz muita diferença agora, não é? — Digam-me, então: o que pretendem fazer? — Acabar com esta idiotice antes que mais pessoas saiam machucadas — explicou Clark. — Já estive em mais de uma guerra e elas não são nada divertidas. Muitos garotos acabam morrendo antes de ter chance de se casar e ter filhos, e isso é ruim, o senhor não acha? — Clark fez uma pausa antes de prosseguir. — E ruim para o meu país e tenho certeza de que vai ser ainda pior para o seu.

— Yamata acha que... u — Yamata é um homem de negócios — interrompeu Chavez. — Espero que compreenda isso. Ele não sabe o que

começou.

— Sim, vocês americanos são muito bons para matar. Pude ver isso pessoalmente, há menos de meia hora.

— Nesse caso, Sr. Koga, espero que tenha reparado que deixamos um deles com vida.

A resposta irritada de Clark deixou a conversa em suspenso por alguns segundos. Koga teve de pensar um pouco para se convencer de que era verdade. O homem no corredor estava vivo quando passaram por ele, gemendo e se estrebuchando como se estivesse sendo submetido a choques elétricos, mas certamente vivo.

— Por que vocês não...

— Porque não havia necessidade de matá-lo — explicou Chavez. — Não vou chorar por Kimura. Ele teve o que merecia. Além disso, quando entramos na sala, tentou sacar a pistola. Mas não estamos participando de um filme. Não matamos pessoas por diversão e viemos salvá-lo porque precisamos de alguém para pôr fim a esta maldita guerra... está me entendendo? — Mesmo assim... mesmo assim, o que o Congresso americano fez conosco... como vamos sobreviver economicamente...

— Será melhor para todos se a guerra continuar? — perguntou Clark — Se o Japão e a China se unirem contra a Rússia, o que acontecerá? Quem o senhor acha que vai pagar o preço? A China? Não acredito.

A primeira notícia chegou a Washington via satélite. Um dos satélites espiões da ASN estava por acaso em posição favorável para registrar a cessação de sinal (era o termo usado pela ASN) por parte de três aeronaves E-767 japonesas. Outros postos de escuta da ASN registraram as últimas conversas pelo rádio com as aeronaves. Os analistas estavam no momento estudando essas conversas, dizia o relatório nas mãos de Ryan.

Derrubei apenas um, pensou o coronel. Bem, teria de se contentar com isso. O seu ala acabara com o último F-l 5J. Os outros Lightning tinham apanhado três e os Strike Eagle haviam abatido outros quatro depois que os E-767 saíram inesperadamente do ar, deixando-os entregues à própria sorte. Provavelmente, o terceiro E-767 fora destruído pelo grupo ZORRO. No conjunto, não estava nada mau para uma noite de trabalho, pensou, unindo-se aos outros três Lightning para o voo até o local de encontro com os aviões-tanque, de onde voltariam para Shemya. O pior era manter silêncio pelo rádio. Alguns dos seus comandados deviam estar muito orgulhosos com o sucesso da missão e doidos para falar sobre ela. O silêncio forçado obrigou-o a pensar no que acontecera. Era a primeira vez que derrubava um avião inimigo. Havia trinta pessoas a bordo. Que droga, devia estar contente por ter acertado o alvo, não devia? Então, por que

não estava? Algo interessante acabara de acontecer, pensou Dutch Claggett. Ainda estavam captando alguns sinais de submarinos, mas eles estavam rumando para o norte, para longe deles, permitindo que o Tennessee permanecesse na rota prevista. A maneira dos submarinos de patrulha, navegava suficientemente próximo da superfície para lançar a antena e rastrear as aeronaves de observação japonesas, recolhendo o máximo possível de informações a respeito delas. A coleta eletrônica de informações era uma das missões dos submarinos antes mesmo que ele entrasse para a academia de Annapolis, e sua tripulação incluía dois técnicos em eletrônica muito competentes. Entretanto, dois sinais que estavam rastreando tinham desaparecido de uma hora para outra. Logo depois, captaram algumas conversas pelo rádio, que pelo tom pareciam urgentes, e uma dessas vozes também saíra de repente do ar, em algum lugar a norte dali.

— Será que estamos começando a marcar pontos, comandante? — perguntou o tenente Shaw, certo de que o comandante sabia de alguma coisa, porque as tripulações achavam que os comandantes estavam a par dos acontecimentos.

— É o que parece.

— Aqui é o operador de sonar.

— Pode falar.

— Nosso amigo está respirando de novo, marcação zero-zero-nove — informou o operador de sonar.

— Começarei a rastreá-lo, declarou Shaw, encaminhando-se para a mesa de plotagem.

— O que aconteceu? — perguntou Durling.

— Derrubamos três naves de observação e uma esquadrilha inteira de caças — respondeu Ryan, deixando claro, pelo tom, que aquilo era apenas o começo.

— Agora estamos entrando na parte mais difícil? — Sim, senhor. Gostaríamos de mantê-los confusos por mais algum tempo, mas agora sabem que algo está acontecendo. Eles sabem...

— Sabem que isto pode se transformar em uma guerra de verdade. Alguma notícia de Koga? — Ainda não.

Eram quatro da madrugada, e os três homens demonstravam isso. Koga superara o choque, pelo menos temporariamente, e tentava usar a cabeça, enquanto os anfitriões (não conseguia pensar neles de outra forma) rodavam com ele pela cidade e se perguntavam se fora sensato deixar um dos guardas com vida do lado de fora do apartamento de Yamata. Será que já entrara em contato com o patrão? Teria coragem de chamar a polícia? Quais seriam as consequências da aventura daquela noite? — Como vou saber se posso confiar

em vocês? — perguntou Koga, depois de um longo silêncio.

Clark apertou o volante com força suficiente para deixar impressões digitais no plástico. O cinema e a TV eram os responsáveis por perguntas idiotas como aquela. Nos filmes, os espiões faziam mil coisas complicadas na tentativa de ser mais espertos do que os adversários igualmente brilhantes que estavam enfrentando. Na vida real, as coisas eram diferentes. A ideia era manter as operações o mais simples possível, porque até mesmo as coisas mais simples podiam não dar certo, e se o outro lado fosse realmente esperto, você não chegaria nem a saber quem eram os agentes inimigos. Além disso, a maneira mais fácil de obrigar as pessoas a fazer alguma coisa que não queriam era coagi-las fisicamente e não enganá-las, e mesmo assim os resultados nem sempre correspondiam às expectativas.

— Acabamos de arriscar a vida para salvá-lo, mas está bem, não é obrigado a confiar em nós. Jamais me passou pela cabeça lhe dizer o que fazer. Para começar, a política japonesa é um mistério para mim. O que estou lhe dizendo é muito simples: vamos começar a agir. De que forma, ainda não sei, de modo que não posso lhe contar. Queremos acabar com esta guerra com o mínimo de violência, mas um pouco de violência é inevitável. O senhor quer que a guerra acabe, certo? — Claro que sim — respondeu Koga, em tom ofendido — Nesse caso, faça o que achar melhor, está bem? Como vê, Sr. Koga, não precisa confiar em nós; nós é que estamos confiando em que fará o que for melhor para o seu país e para o nosso.

O rompante de Clark teve efeito imediato.

— Oh! — exclamou o político. — E isso mesmo. Você tem toda razão.

— Onde quer ficar? — Na casa de Kimura — respondeu Koga, sem hesitação.

— Está bem.

Clark perguntou o endereço e entrou na Estrada 122. De repente, percebeu que descobrira algo muito importante naquela noite. Depois de deixar aquele sujeito em um lugar relativamente seguro, sua primeira prioridade seria enviar essa informação a Washington. As ruas desertas ajudaram; embora sentisse falta de uma xícara de café para ajudá-lo a se manter acordado, levou apenas quarenta minutos para chegar ao bairro de pequenas casas onde morava o funcionário do MCII. As luzes já estavam acesas quando estacionou em frente à casa e esperou até que Koga batesse à porta. Ela foi aberta por Kimura, que abriu uma boca quase do tamanho da porta antes de mandar entrar o ex-primeiro-ministro.

Quem foi que disse que os japoneses não demonstram o que estão sentindo?, perguntou-se Clark.

— Quem você acha que é o delator? — perguntou Ding, ainda no banco

traseiro.

— Ah, também chegou a essa conclusão? — Não se esqueça de que sou o único aqui com um diploma de terceiro grau, meu amigo — disse Ding, abrindo o computador para enviar um despacho para Langley, novamente através de Moscou.

— Eles fizeram o quê? — berrou Yamata ao telefone.

— Isto é muito sério — disse o General Arima, que acabara de receber pessoalmente a notícia de Tóquio. — Eles esmagaram nossas defesas aéreas e foram embora sem sofrer nenhuma baixa.

— Como conseguiram fazer isso? — quis saber o industrial. Não lhe tinham dito que as aeronaves Kami eram invencíveis? — Ainda não sabemos, mas estou lhe dizendo que é muito sério. Agora os americanos podem nos atacar quando quiserem.

Pense, disse Yamata para si próprio, sacudindo a cabeça para tirar as teias de aranha.

— General, eles não podem invadir nossas ilhas. Enquanto tivermos armas nucleares...

— Não me arriscaria a prever o que podem ou não fazer. Os americanos não estão agindo da forma que esperávamos.

O comentário deixou o futuro governador de Saipan irritado. Tinha escolhido exatamente aquele dia para começar a campanha. Está certo, superestimara os efeitos da sua sabotagem sobre os mercados financeiros americanos, mas tinham conseguido avariar os porta-aviões, tinham ocupado as ilhas, estavam a salvo de uma invasão das Marianas, e os Estados Unidos jamais iniciariam uma guerra nuclear. Sendo assim, continuavam em vantagem. Não era de esperar que os americanos reagissem de alguma forma? Claro que sim. Yamata ligou a televisão com o controle remoto, pegando o começo de um noticiário da CNN. Lá estava a repórter americana, no Havaí; atrás dela havia dois porta-aviões, ainda nas docas secas, impotentes.

— Quais são as informações do oceano Índico? — perguntou ao general.

— Os dois porta-aviões americanos ainda estão lá — assegurou-lhe Arima. — Ontem mesmo foram detectados visualmente e no radar, a menos de quatrocentos quilômetros do Sri Lanka.

— Então não podem nos atacar, não é mesmo? — Não, não podem — concordou o general. — Mas precisamos nos prevenir contra outros perigos.

— Então cuide disso, Arima-san — replicou Yamata, em um tom tão delicado que chegava a ser insultuoso.

O pior de tudo era não saber o que acontecera. As comunicações com as três aeronaves Kami tinham sido interrompidas com a eliminação de Kami-dois.

Assim, era preciso obter as informações por via indireta. As estações de terra que estavam captando as transmissões de Kami-quatro e Kami-seis afirmavam que elas tinham cessado quase simultaneamente. Nenhuma das três aeronaves transmitira qualquer mensagem de emergência. Elas simplesmente tinham desaparecido, deixando apenas destroços boiando no mar. Quanto aos caças... bem, havia algumas gravações de conversas pelo rádio. As fitas tinham apenas uns quatro minutos de duração. Primeiro, os comentários lacônicos, confiantes, dos pilotos aproximando-se dos alvos; depois, uma série de exclamações de surpresa, seguidas por pedidos urgentes para ligar os aparelhos de radar e avisos de que estavam sendo rastreados. Um piloto chegara a comunicar que fora atingido antes de sair do ar. O que o atingira? Não era possível que as mesmas aeronaves que haviam derrubado os Kami também tivessem abatido os caças. Os americanos dispunham de apenas quatro dos novos F-22, e eles estavam sendo rastreados pelos Kami. Como explicar o que acontecera? Mas era esse exatamente o problema. Não havia nenhuma explicação plausível.

Os especialistas em defesa aérea e os engenheiros que haviam desenvolvido o mais sofisticado sistema de radar aerotransportado do planeta limitavam-se a sacudir a cabeça, desanimados. Das dez aeronaves Kami que tinham sido construídas, cinco não existiam e apenas quatro estavam disponíveis. Todos concordavam em que seria muito arriscado enviá-las em novas missões sobre o mar. Estavam tentando reativar as aeronaves E-2C que os E-767 tinham substituído, mas usavam sistemas muito mais primitivos, projetados pelos americanos. Não, era preciso aceitar a dura realidade e reconhecer que as defesas aéreas do Japão estavam seriamente comprometidas.

Eram sete da noite, e Ryan estava se preparando para voltar para casa quando o fax começou a funcionar. Antes mesmo que o papel aparecesse, o telefone tocou.

— Vocês não sabem guardar segredos? — perguntou uma voz com um forte sotaque.

— Sergey? Qual é o problema?

— Koga é a nossa melhor chance de acabar com as hostilidades e alguém do seu lado informa aos japoneses que ele está em contato com vocês! — Golovko estava quase gritando, embora fossem três da madrugada na sua casa. — Querem que o homem seja morto? — Sergey Nikolayevich, quer se acalmar, pelo amor de Deus? — Jack recostou-se na cadeira. Àquela altura, tinha uma página para ler. Vinha da embaixada dos Estados Unidos em Moscou e era obviamente uma mensagem do RVS.

— Que merda! — Pausa. — Muito bem, nós conseguimos salvá-lo, não

conseguimos?

— Vocês têm um traidor nos altos escalões, Ivan Emmetovitch.

— Isso às vezes acontece.

— Estamos tentando descobrir quem foi — declarou o russo, ainda zangado.

Era só o que faltava, pensou Jack, de olhos fechados. Chefe do Serviço de Inteligência Interna da Rússia acusa americano de traição.

— Poucas pessoas sabiam disso. Vou investigar e depois darei notícias.

— Fico satisfeito em saber que vocês não compartilham informações sigilosas com a nação inteira, Jack.

O russo desligou. Ryan digitou um número.

— Murray.

— Ryan. Dan, venha para cá o mais depressa possível.

O telefonema seguinte de Jack foi para Scott Adler. Depois, dirigiu-se ao escritório do presidente. O lado positivo do caso, pensou, era que o outro lado não soubera como usar as informações de que dispunha. Ali estava novamente o dedo de Yamata, tinha certeza, agindo mais como um homem de negócios do que como um espião profissional. Ao sequestrar Koga, deixara claro que contava com um informante. O homem não conhecia suas limitações. Mais cedo ou mais tarde pagaria por essa fraqueza.

As últimas ordens de Jackson antes de partir incluíam a requisição de doze bombardeiros B-1B do 3842 Grupo de Bombardeiros, que deveriam dirigir-se para leste a partir de sua base, no sudeste do Kansas, fazendo escala em Lajes, nos Açores, antes de voar para Diego Garcia, no oceano Índico. A viagem de dezesseis mil quilômetros levou mais de um dia; quando as aeronaves chegaram à base americana mais distante dos Estados Unidos, as tripulações estavam totalmente exaustas. Os três KC-10 que levavam mecânicos e peças de reposição pousaram logo depois. Em poucos minutos, estavam todos dormindo.

— O que disse? — perguntou Yamata.

Era uma notícia inquietante. Seu apartamento fora invadido. Por quem?

— Disse que Koga desapareceu e que Kaneda está morto. Um dos guardas de segurança ainda está vivo, mas tudo que viu foram dois ou três gaijin. Sabe que o puseram sem sentidos, mas não soube explicar como.

— Que providências vocês tomaram?

— A polícia foi informada — disse Kazuo Taoka. — Claro que não contei nada a respeito de Koga.

— Ele precisa ser encontrado o mais depressa possível.

Yamata olhou pela janela. A sorte ainda estava do seu lado. Pelo menos, o

telefonema encontrara-o em casa.

— Não sei...

— Eu sei. Obrigado pela informação. Yamata desligou e fez outra chamada.

Murray passou rapidamente pela segurança da Casa Branca, depois de deixar a pistola de serviço no carro oficial. Seu mês não tinha sido melhor que o do restante dos membros do governo. Estragara o caso Linders com um erro primário. Uma combinação de conhaque com remédio para gripe, repetiu mais uma vez para si próprio, imaginando o que Ryan e o presidente teriam a dizer. A acusação perdera toda a força e seu único consolo era que pelo menos não levara a julgamento um homem possivelmente inocente, deixando o FBI ainda mais embaraçado. Para o funcionário do FBI, o fato de Ed Kealty ser ou não culpado de alguma coisa era irrelevante. Se as provas não eram suficientes para convencer um júri, o réu era inocente e ponto final. Além do mais, aquele homem em breve estaria deixando para sempre o governo, pensou Murray, enquanto um agente do Serviço Secreto o conduzia, não para o escritório de Ryan, mas para o que ficava no canto oposto da Ala Oeste.

— Olá, Dan — disse Jack, levantando-se quando ele entrou.

— Senhor presidente — disse Murray, voltando-se para Durling. Ele não conhecia o terceiro homem presente.

— Olá. Meu nome é Scott Adler.

— Muito prazer. — Murray apertou-lhe a mão. Oh, era aquele cara que estava negociando com os japoneses.

Já tinham feito alguns progressos. Ryan não podia acreditar que o informante fosse Adler. Além dele, os únicos que sabiam eram ele próprio, o presidente, Brett Hanson, Ed e Mary Pat e talvez algumas secretárias. E Christopher Cook.

— Estamos vigiando os diplomatas japoneses? — perguntou Ryan.

— Não podem fazer nada escondido de nós — assegurou Murray.

— Estamos falando de espionagem?

— Provavelmente. Uma informação muito importante vazou.

— Tem que ser Cook — declarou Adler. — Só pode ser ele.

— Muito bem, aqui estão algumas coisas que vocês precisam saber — disse o conselheiro de Segurança Nacional. — Há menos de três horas, atingimos duramente as defesas aéreas japonesas. Dez ou onze aeronaves foram destruídas.

Ryan poderia ter dito muito mais, mas se conteve. Afinal, ainda era possível que o traidor fosse Adler e o passo seguinte da Operação ZORRO dependia do elemento surpresa.

— Isso vai deixá-los nervosos, e ainda contam com armas nucleares. É uma

combinação perigosa, Jack — observou o subsecretário de Estado.

Armas nucleares?, pensou Murray. Minha nossa!

— Alguma mudança nas exigências dos japoneses? — perguntou o presidente.

Adler sacudiu a cabeça.

— Nenhuma, presidente. Eles nos oferecem Guam de volta, mas querem ficar com o restante das Marianas. Nada do que eu disse os fez mudar de ideia.

— Certo. — Ryan se voltou para o recém-chegado. — Dan, estivemos em contato com Mogataru Koga...

— Está falando do último primeiro-ministro, certo? — perguntou Dan, procurando mostrar-se bem informado.

Jack fez que sim com a cabeça.

— Isso mesmo. Temos dois agentes da CIA no Japão, fazendo-se passar por russos, e eles foram falar com Koga, usando esse disfarce. Pouco depois, Koga foi sequestrado pelo sujeito que, ao que parece, está dando as cartas no Japão. O sujeito disse a Koga que sabia que ele estivera em contato com americanos.

— Tem que ser Cook — insistiu Adler. — Ninguém mais na delegação sabe disso, e Chris é o responsável pelos meus contatos informais com o segundo em comando do lado deles, Seiji Nagumo. — O diplomata fez uma pausa e depois acrescentou, em tom revoltado: — Só faltava essa, hein?

— Quer que a gente faça uma investigação de espionagem? — perguntou Murray.

Achou curioso o fato de o presidente deixar a resposta por conta de Ryan.

— Uma investigação rápida e discreta, Dan.

— E depois? — quis saber Adler.

— Se for ele, podemos usar o filho da puta.

— Como assim, Jack? — perguntou Durling.

— E uma ótima oportunidade. Os japoneses têm um espião infiltrado entre nós e já mostraram que estão dispostos a agir com base nas informações que ele lhes fornecer. Podemos usar isso a nosso favor — explicou Jack. — Divulgamos algumas informações falsas e depois enfiamos no rabo deles.

A necessidade mais urgente era reforçar as defesas aéreas do Japão. Essa conclusão deixou o quartel-general japonês muito preocupado. O pior era que se baseava em informações incompletas, não nos dados precisos que tinham sido usados para elaborar o plano operacional que o alto comando estava tentando seguir à risca. Os melhores sistemas de radar de que o país dispunha estavam a bordo dos quatro contratorpedeiros Aegis da classe Kongo, que no momento patrulhavam o litoral das Marianas. Eram navios respeitáveis, com sistemas de

defesa aérea autossuficientes. Podiam não ser tão ágeis quanto a combinação E-767/F-15J, mas tinham mais poder de fogo e também eram menos vulneráveis. Antes do amanhecer, portanto, uma ordem foi enviada aos quatro navios a fim de se dirigirem para o norte e formarem uma linha de defesa a leste do arquipélago japonês. Afinal, a Marinha dos Estados Unidos estava temporariamente incapacitada, e se conseguissem reforçar as defesas, ainda teriam uma boa chance de conseguir uma solução diplomática.

A bordo do Mutsu, o almirante Sato compreendeu a situação e deu ordem para que os navios rumassem sem demora para o local indicado. Entretanto, estava preocupado. Sabia que seus sistemas de radar SPY podiam detectar aeronaves invisíveis, algo que os próprios americanos tinham demonstrado nos testes, e que seus navios tinham como se defender de ataques aéreos. O que o preocupava era que, pela primeira vez naquela guerra, seu país não estava tomando a iniciativa, mas reagindo a uma iniciativa dos americanos. Esperava que aquilo fosse temporário.

— Isso é interessante — observou Jones.

Os sinais tinham sido colhidos fazia poucos minutos, mas havia dois deles, provavelmente representando mais de dois navios em formação cerrada, fazendo muito barulho e com uma ligeira mudança de curso para o norte.

— E claro que são navios — afirmou Boomer. — Este aqui é o ruído do casco...

Interrompeu o que estava dizendo quando Jones marcou outro sinal com um círculo vermelho.

— Este aqui é o ruído do hélice. Mais de trinta nós. Isso quer dizer navios de guerra, e com muita pressa. — Jones foi até o telefone e ligou para o ComSubPac. — Bart? Ron. Temos novidades. Aqueles navios que estavam vigiando as Marianas.

— O que houve com eles? — perguntou Mancuso.

— Estão indo para o norte a toda velocidade. Isso é esperado? Jones lembrou-se de que lhe haviam perguntado insistentemente a respeito das águas perto de Honshu. Mancuso não lhe contara tudo que sabia, o que era de esperar nas circunstâncias. O modo como se esquivasse à pergunta seria a verdadeira resposta, pensou o civil.

— Pode me dar o curso? Pronto.

— Pode me dar uma hora? Os dados ainda estão meio nebulosos...

— Está certo.

O almirante não parecia muito desapontado com a resposta, pensou Jones.

— Muito bem, almirante. Vamos mantê-lo informado.

— Bom trabalho, Ron.

Jones colocou o fone no gancho e olhou em volta.

— Operador-chefe? Vamos plotar este sinal.

Havia alguém à espera no lugar para onde estavam indo os navios japoneses. Quem poderia ser? Pensou um pouco e julgou ter encontrado a resposta.

O tempo agora estava ajudando o outro lado. Hiroshi Goto abriu a reunião do gabinete às dez horas da manhã, hora local, que correspondia à meia-noite em Washington, onde se encontravam os negociadores. Estava claro que os americanos não pretendiam ceder facilmente, embora alguns dos presentes pensassem que aquilo não passava de encenação, que haviam recorrido a uma demonstração de força apenas para ser levados a sério na mesa de negociações. Sim, tinham causado sérios danos ao sistema de defesa aérea, mas isso era tudo. Os Estados Unidos não podiam e não lançariam ataques sistemáticos contra o Japão. Os riscos eram grandes demais. Para começar, o Japão dispunha de mísseis nucleares. Além disso, contava com um sofisticado sistema de defesa, apesar dos acontecimentos da noite anterior. Havia também uma questão de simples aritmética. Quantos bombardeiros os americanos possuíam? Com que frequência podiam usá-los para atacar o Japão, mesmo que não encontrassem nenhuma resistência? Por quanto tempo conseguiriam manter os bombardeios? Teriam o apoio do Congresso e do povo? As respostas a essas perguntas eram todas favoráveis ao Japão, pensaram os membros do gabinete, ainda fascinados com o objetivo final, que reluzia diante dos seus olhos. Além do mais, cada homem naquela sala tinha um patrocinador para assegurar que as decisões certas fossem tomadas no momento adequado. Isto é, todos menos Goto, cujo patrocinador estava ausente no momento.

Ficou decidido que o embaixador japonês em Washington protestaria veementemente contra o ataque dos americanos e se recusaria a continuar as negociações até receber garantias de que ele não se repetiria. O embaixador também deixaria claro que qualquer ataque às ilhas japonesas seria considerado um ato extremamente grave; afinal, o Japão ainda não realizara nenhuma ação hostil contra o continente americano... ainda. Essa ameaça pouco velada faria os americanos pensarem duas vezes antes de se lançarem a novas aventuras.

Goto concordou com as sugestões, lamentando que o patrocinador não estivesse por perto para apoiá-lo e lembrando-se de que Yamata já passara por cima de sua autoridade, entendendo-se diretamente com os chefes militares. Teria de pedir a Raizo que não fizesse mais aquilo.

— E se eles voltarem a atacar? — perguntou.

— Estaremos em alerta máximo a partir desta noite. Quando os contratorpedeiros chegarem, nossas defesas serão ainda mais respeitáveis do que

antes. Sim, eles fizeram uma demonstração de força, mas não chegaram nem mesmo a sobrevoar nosso território...

— Precisamos fazer mais do que isso — declarou Goto, lembrando-se das instruções que recebera. — Podemos intimidar os americanos tornando público o fato de que dispomos de mísseis nucleares.

— Não! — protestou imediatamente um dos ministros. — Isso causaria o caos aqui! — Também causaria o caos nos Estados Unidos — replicou Goto, sem muita convicção, pensaram os outros ministros. Mais uma vez, perceberam, estava falando por outra pessoa. Sabiam quem era. — Eles serão obrigados a mudar de tom.

— Também podem se sentir obrigados a nos atacar.

— Eles têm muito a perder — insistiu Goto.

— E nós não temos? — retrucou o ministro, imaginando onde terminava a lealdade de Goto ao seu patrocinador e onde começava a lealdade aos seus conterrâneos. — E se eles decidirem lançar um ataque preventivo? — Não podem fazer isso. Nossos mísseis estão em um local inexpugnável.

— Nossas defesas aéreas também eram imbatíveis — observou outro ministro, em tom irônico.

— Talvez nosso embaixador possa insinuar que estamos pensando em revelar ao mundo que dispomos de armas nucleares. Talvez isso seja suficiente — sugeriu um terceiro ministro.

Os outros membros do gabinete concordaram com a ideia, que foi aprovada por Goto, apesar das instruções que recebera.

Apesar de todos os agasalhos, Richter ainda sentia frio. Aninhou-se no saco de dormir e se permitiu um vago sentimento de culpa pelo fato de os Comandos terem que manter postos avançados em torno da pista de pouso improvisada que haviam instalado naquele vale gelado. Seu maior medo era aparecer um defeito em uma das três aeronaves. Apesar de todas as redundâncias, havia várias peças que, se quebrassem, não poderiam ser consertadas. Os Comandos sabiam abastecer as aeronaves, sabiam carregar as armas, mas isso era tudo. Richter já decidira deixar que se preocupassem com a segurança do acampamento. Se um simples pelotão aparecesse, estariam perdidos. Os Comandos podiam matar todos os intrusos, mas bastaria um chamado pelo rádio para que um batalhão estivesse ali em questão de horas, e não podiam combater um batalhão. Operações especiais, pensou. Eram ótimas quando davam certo, como qualquer operação militar, mas na situação atual a margem de segurança era tão estreita que dava para ver através dela. E ainda havia o problema de saírem dali, lembrou-se o piloto. Talvez tivesse sido melhor entrar para a Marinha.

— Bonita casa.

As regras eram diferentes em termo de guerra, pensou Murray. Os computadores tornavam tudo mais fácil, um fato que o FBI custara um pouco para descobrir. Depois de reunir um grupo de jovens agentes, a primeira tarefa fora a de consultar o cadastro do serviço de proteção ao crédito, conseguindo assim um endereço. A casa era imponente; um alto funcionário do governo federal só conseguiria dinheiro suficiente para comprá-la se economizasse cada tostão durante muitos anos, algo que Cook certamente não fizera. O homem fazia todas as transações bancárias no First Virginia e o FBI conseguira ter acesso aos registros do banco, constatando que, como a maioria das pessoas, Christopher Cook gastava a maior parte do que ganhava; sua poupança se resumia a quatorze mil dólares, quantia que reservara provavelmente para a educação dos filhos, e nisso, pensou Murray, estava sendo muito otimista, do jeito que as mensalidades das universidades estavam aumentando ultimamente. Entretanto, ao se mudar para a nova casa, não tocara nas economias. Tinha uma hipoteca, mas o valor era de menos de duzentos mil dólares, quantia essa que, mesmo somada aos cento e oitenta que conseguira com a venda da antiga casa, deixava uma diferença considerável, que os registros bancários eram incapazes de explicar. De onde viera o resto do dinheiro? Uma ligação para um amigo do Serviço de Imposto de Renda, mencionando um possível caso de evasão fiscal, fornecera outros registros de computador, suficientes para mostrar que não havia outra renda familiar significativa. Uma nova investigação revelou que os pais de Cook e da esposa eram falecidos e não tinham deixado uma fortuna para eles. Os dois carros do casal estavam pagos; embora um deles tivesse quatro anos de idade, o outro era um Buick que provavelmente ainda estava com cheiro de novo e que tinha sido comprado à vista. O que tinham, em suma, era um homem vivendo acima de suas posses.

— O que me dizem? — perguntou Murray a sua equipe.

— Ainda não temos um caso, mas a coisa está cheirando mal — respondeu o segundo agente mais antigo. — Precisamos dar uma olhada em outros registros bancários. — Para isso, necessitariam de uma ordem judicial, mas já sabiam que juiz procurar. O FBI tinha uma lista de juízes liberais.

Naturalmente, tinham realizado uma investigação semelhante em relação a Scott Adler, descobrindo que era divorciado, morava sozinho em um apartamento de Georgetown, pagava pensão à ex-esposa e um auxílio para a educação do filho e tinha um bom carro, mas levava uma vida normal. O secretário Henson era um homem rico, depois de uma carreira bem-sucedida como advogado, e uma pessoa difícil de ser subornada. As fichas de todos os suspeitos tinham sido reexaminadas, e nada de anormal fora encontrado, exceto a casa e o carro de Cook. Era questão de tempo até encontrarem o cheque usado

para completar o pagamento da casa. Ali estava uma coisa boa dos bancos; eles mantinham registros de tudo. Era difícil fazer uma transação financeira sem deixar vestígios.

— Muito bem, vamos partir da suposição de que ele é o nosso homem. O vice-diretor assistente olhou para o grupo de agentes que, como ele, tinham deixado de pensar na possibilidade de que Barbara Linders estivesse tomando um remédio que reagira com o conhaque de Ed Kealty. Estavam tão envergonhados quanto ele próprio. Isso não era de todo ruim, pensou Dan; as pessoas trabalhavam com mais dedicação depois de cometer um erro tolo.

Jackson sentiu um solavanco quando a aeronave tocou no convés do porta-aviões, e logo depois, a desaceleração brusca produzida pelo cabo que o comprimiu contra o assento do compartimento de passageiros, voltado para a cauda. Tinha sido uma experiência muito desagradável, pensou. Preferia mil vezes pousar em um porta-aviões com as próprias mãos nos controles do que confiar a vida a um tenente novato. Pelo menos, era assim que o almirante considerava todos os jovens oficiais. Sentiu a aeronave fazer uma curva para a direita, dirigindo-se a uma parte desocupada do convés de voo. Finalmente, uma porta foi aberta, e ele saltou. Um tripulante bateu continência e apontou para uma porta aberta na superestrutura do navio. O sino do navio estava ali, e assim que entrou, um fuzileiro naval prestou continência e um suboficial bateu com o martelo no sino, anunciando pelo sistema de alto-falantes: — Força-tarefa Setenta e Sete, chegando.

— Bem-vindo a bordo, almirante — disse Bud Sanchez, com um sorriso, muito elegante no seu traje de voo. — O capitão está na ponte.

— Nesse caso, ao trabalho.

— Como está a perna, Robby? — perguntou o comandante do grupo aéreo enquanto subiam a escada.

— Meio emperrada, depois de passar tanto tempo sentado.

A viagem fora longa. Depois de uma reunião de despedida em Pearl Harbor, voara para Eniwetok, onde tivera que esperar pelo C-2A encarregado de transportá-lo até o porta-aviões. Jackson estava tão acostumado a viajar que não se perturbava mais com as diferenças de fuso horário.

— Eles acreditaram na versão oficial? — perguntou Sanchez.

— É difícil dizer, Bud. Só vamos saber quando chegarmos lá. Jackson permitiu que um fuzileiro abrisse a porta da casa do leme. A perna estava realmente emperrada; era mais um lembrete de que seus dias de piloto estavam terminados.

— Bem-vindo a bordo, almirante — disse o comandante, levantando os olhos de uma pilha de despachos.

O ruído das turbinas mostrou a Jackson que o Johnnie Reb estava realizando operações de voo, e ele olhou na direção da proa a tempo de ver um Tomcat decolar. O porta-aviões estava a meio caminho entre as Carolinas e Wake. Esta última ilha ficava mais perto das Marianas e por isso não seria usada para nada. Wake dispunha de uma pista excelente, ainda mantida pela Força Aérea. Eniwetok era apenas um campo de emergência, conhecido como tal, e por isso seria uma base mais discreta, embora muito menos conveniente em termos de recursos.

— O que aconteceu desde que saí de Pearl? — perguntou Jackson.

— Temos boas notícias — respondeu o comandante, passando-lhe um dos despachos.

— Não há a menor dúvida — afirmou Jones, olhando para os registros de sonar.

— Eles estão com muita pressa — concordou Mancuso, avaliando a velocidade e a distância e não gostando do que via, o que confirmava as suspeitas de Jones.

— Quem esta à espera deles? — Ron, não podemos...

— Almirante, como vou ajudá-lo se não souber o que está acontecendo? Acha que não mereço confiança? Mancuso pensou um pouco antes de responder.

— O Tennessee está parado bem acima do monte submarino Eshuna-daoki, apoiando uma operação especial que começará nas próximas vinte e quatro horas.

— E os outros Ohio? — Estão perto do atol de Ulithi, rumando para o norte, um pouco mais devagar agora. A força de submarinos nucleares vai preceder o porta-aviões. Os Ohio serão os primeiros a penetrar. — Isso fazia sentido, pensou Jones. Os submarinos eram lentos demais para operar com eficiência dentro da força-tarefa, que ele também estava rastreando com o SOSUS, mas eram ideais para vencer uma linha de patrulha de submarinos... contanto que os comandantes fossem espertos. Havia sempre essa ressalva. — Os navios japoneses vão passar por cima do Tennessee em mais ou menos...

— Eu sei.

— O que mais tem para mim? — perguntou o ComSubPac, mudando bruscamente de assunto.

Jones conduziu-o até o mapa da parede. Havia agora sete marcas de submarino, das quais apenas uma tinha um sinal de interrogação. O sinal estava na passagem entre a mais setentrional das Marianas, chamada Moug, e as Bonin, a mais famosa das quais era Iwo Jima.

— Estamos tentando nos concentrar nessa passagem — afirmou Jones. — Recebemos alguns sinais, mas nada muito seguro. Se eu fosse eles, porém,

certamente vigiaria o lugar.

— Eu também — concordou Chambers.

Uma alternativa para os americanos seria colocar uma patrulha de submarinos no estreito de Luzon, para tentar impedir que os petroleiros chegassem ao arquipélago japonês. Entretanto, havia certas dificuldades. A Esquadra do Pacífico ainda não estava autorizada a atacar navios mercantes japoneses; além disso, a maioria dos petroleiros usava bandeiras de conveniência, o que poderia levar a todo tipo de ramificações políticas. Não podemos nos arriscar a ofender a Libéria, pensou Mancuso com uma careta. Ou será que podemos? — Por que os navios japoneses estão correndo de volta para casa? — perguntou Jones, para quem a medida não fazia muito sentido..

— Ontem à noite fizemos um estrago nas defesas aéreas do Japão.

— Entendo. Nesse caso, só vão parar quando estiverem a oeste das Boninas... o que significa que logo vou perdê-los de vista. Seja como for, a velocidade é de trinta e dois nós e o curso ainda está muito claro, mas tudo indica que estejam indo para casa. — Jones fez uma pausa. — Estamos começando a deixá-los nervosos, não é? Mancuso se permitiu um sorriso.

— Exatamente.

44
JOGO PERIGOSO

— Tem de ser assim? — perguntou Durling.

— Repetimos vinte vezes a simulação — declarou Ryan, repassando os dados. — É uma questão de segurança, presidente. Não podemos deixar escapar nenhum.

O presidente olhou de novo para as fotos tiradas por satélites.

— Ainda não estamos cem por cento seguros, não é mesmo? Jack sacudiu a cabeça.

— Não senhor. Isso seria quase impossível. Entretanto, tudo indica que nossas conclusões estão corretas. Os russos concordam conosco, e têm tantos motivos quanto nós para se preocupar. Existem dez mísseis naquele lugar. Estão bem enterrados e o local parece ter sido escolhido justamente porque é difícil de atacar. Essas são indicações positivas. Não se trata de uma operação para despistá-los. O problema é saber se vamos conseguir destruir todos eles. E temos de fazê-lo rapidamente.

— Por quê? — Porque os japoneses estão levando para a costa navios que talvez sejam capazes de detectar nossas aeronaves.

— Não existe outro meio? — Não, senhor. Para que a operação seja bem-sucedida, teremos que executá-la esta noite.

E aquela noite, pensou Ryan, olhando para o relógio, já começara do outro lado do mundo.

— Protestamos veementemente contra o ataque dos americanos ao nosso país — começou o embaixador. — Evitamos deliberadamente cometer qualquer tipo de agressão e esperávamos a mesma atitude por parte dos Estados Unidos.

— Senhor embaixador, não sou consultado em matérias militares. As forças americanas atacaram território japonês? — perguntou Adler.

— Sabe muito bem o que fizeram e deve saber também que isso só pode ser a preparação para um ataque. E importante que compreenda — prosseguiu o embaixador — que um ataque ao nosso território terá consequências funestas.

Deixou a última frase suspensa no ar, como uma nuvem de gás venenoso. Adler levou alguns segundos para responder.

— Em primeiro lugar, gostaria de chamar atenção para o fato de que não fomos nós que iniciamos o conflito. Além disso, seu país fez uma tentativa direta de prejudicar nossa economia...

— Como vocês fizeram com a nossa! — vociferou o embaixador, mostrando um descontrole que podia estar escondendo alguma coisa.

— Desculpe, mas acho que estava na minha vez de falar.—Adler esperou pacientemente que o embaixador se acalmasse; era óbvio que nenhum dos dois tivera uma boa noite de sono. — Gostaria de lembrar ainda que seu país matou militares americanos; se esperavam que não tivéssemos uma atitude, semelhante, certamente se enganaram.

— Jamais prejudicamos interesses vitais dos americanos.

— A liberdade e segurança dos cidadãos americanos é, em última análise, o único interesse vital do meu país, embaixador.

A mudança de atmosfera na sala de negociações não podia ser mais óbvia, e havia uma boa razão para isso. Os Estados Unidos estavam se preparando para tomar uma atitude, e essa atitude podia ser tudo, menos pacífica. Os rostos dos diplomatas reunidos em torno da mesa, novamente no último andar do Departamento de Estado, poderiam ter sido talhados em pedra. Ninguém queria ceder um milímetro nas sessões formais. Cabeças podiam se voltar ligeiramente quando o chefe de uma delegação começava a falar, mas não mais do que isso. A ausência de expressões faciais era de fazer inveja a qualquer jogador profissional... mas a verdade era que se tratava mesmo de um jogo, embora não envolvesse cartas ou dados. Quando chegou a hora do primeiro recesso, ainda

estavam discutindo a devolução das Marianas.

— Estou preocupado, Scott — disse Cook, saindo para a varanda com o chefe.

Pelas olheiras, era fácil ver que Adler passara a noite em claro, provavelmente na Casa Branca. A época das eleições primárias estava chegando. A imprensa não se cansava de falar dos porta-aviões avariados em Pearl Harbor e agora também havia reportagens na TV diretamente de Saipan e Guam, com pessoas falando com rostos cobertos e vozes disfarçadas, dizendo que por um lado queriam ser cidadãos americanos e por outro temiam estar naquelas ilhas se os Estados Unidos lançassem um contra-ataque. A ambivalência era exatamente o tipo de coisa capaz de confundir o público e, as pesquisas de opinião estavam divididas, embora a maioria se mostrasse indignada com a atitude dos japoneses e uma maioria ligeiramente maior expressasse o desejo de que a crise fosse resolvida por meios diplomáticos, se possível. Entretanto, 46% dos entrevistados, segundo uma pesquisa do Washington Post/ABC divulgada naquela manhã, não acreditavam na possibilidade de uma solução pacífica. Um fator adicional era a posse de armas nucleares por parte do Japão, algo que não fora divulgado em nenhum dos dois países, em ambos os casos para não aterrorizar as respectivas populações. Todos os diplomatas que participavam daquelas sessões tinham começado o trabalho com a esperança sincera de que se pudesse chegar a uma solução pacífica, mas boa parte dessa esperança desaparecera em um período de apenas duas horas.

— Agora o problema é político — explicou Adler, deixando escapar a tensão em um profundo suspiro. — Isso era inevitável. Chris.

— E os mísseis nucleares? O subsecretário de Estado deu de ombros.

— Achamos que eles não serão loucos de usá-los.

— Vocês acham? Quem foi o gênio que chegou a essa conclusão? — perguntou Cook.

— Ryan, é claro. — Adler fez uma pausa. — É ele que está comandando o espetáculo. Segundo Ryan, o que devemos fazer agora é criar um bloqueio... definir uma zona marítima de exclusão, como os ingleses fizeram na guerra das Falklands. Impedir que os japoneses recebam petróleo.

— Vamos repetir mil novecentos e quarenta e um? Pensei que aquele cabeça-dura conhecesse história! Foi assim que começou nossa guerra com o Japão! — Talvez fique só na ameaça. Se Koga tiver a coragem de vir a público, pode ser que o governo caia. Assim, é importante que você descubra o que o outro lado... quero dizer, qual é a força da oposição japonesa.

— Estamos envolvidos em um jogo muito perigoso, cara.

— É verdade — concordou Adler, olhando de frente para o auxiliar. Cook

voltou-se e foi até o outro lado da varanda. Antes, Adler achara aquilo normal, uma parte das negociações, e como era ridículo, pensando bem, que as conversações mais sérias fossem mantidas durante os recessos e regadas a café, chá e biscoitos apenas porque os diplomatas não queriam se arriscar a fazer pronunciamentos oficiais... bem, aquelas eram as regras. E o outro lado soubera fazer bom uso delas. Observou os dois homens de longe. O embaixador japonês parecia muito menos à vontade, o que está realmente pensando? Adler daria a vida para descobrir. Era muito fácil agora pensar no homem como um inimigo pessoal, o que seria um erro. Ele era um profissional, servindo ao país como era pago para fazer. Os olhos dos dois se encontraram por um momento, ambos deliberadamente desviando o olhar de Nagumo e Cook, e a máscara profissional rompeu-se por um instante, apenas por um instante realmente, quando os dois homens perceberam que estavam falando de guerra, de vida e de morte, questões que lhes tinham sido impostas por outras pessoas. Foi um estranho momento de camaradagem, no qual os dois homens se perguntaram como as coisas tinham chegado àquele ponto e como sua capacidade profissional estava sendo explorada por outros.

— Isso seria uma grande tolice — afirmou Nagumo, com um sorriso forçado.

— Se você tem algum canal de comunicação com Koga, está na hora de usá-lo.

— Claro que tenho, mas ainda é muito cedo para isso, Christopher. Precisamos receber alguma coisa em troca. Será que vocês não entendem isso? — Durling não será reeleito se virar as costas a trinta e tantos mil cidadãos americanos. Se tiver de matar alguns milhares de japoneses para libertá-los, não hesitará em fazê-lo. A alternativa é ameaçar a economia do Japão, na esperança de que vocês voltem atrás.

— O povo americano não o apoiaria se soubesse que nós temos...

— E como acha que o povo japonês reagiria se descobrisse? Cook conhecia suficientemente bem o Japão para saber que a população sentia uma profunda repugnância por armas nucleares. O interessante era que o povo americano compartilhava desse sentimento. Talvez o bom senso acabasse por prevalecer, pensou o diplomata, mas não com a rapidez necessária, e não naquele contexto.

— Eles vão compreender que essas armas são vitais para os nossos novos interesses — respondeu Nagumo, para surpresa do americano. — Mas você tem razão: também é vital que elas nunca sejam usadas, e para isso temos de evitar que vocês estrangulem nossa economia. Se isso acontecer, muita gente vai morrer.

— De acordo com o que seu chefe disse há pouco, muita gente já está

morrendo, Seiji — observou Cook, afastando-se do japonês.

— Alguma novidade? — perguntou Adler.

— Ele me disse que pode entrar em contato com Koga.

Aquela parte era tão óbvia que não ocorrera ao FBI, e eles nem quiseram acreditar na sua versão, mas Adler conhecia Cook. Ele estava gostando de Participar das negociações, gostando até demais, sentindo-se mais importante do que nunca. Ainda não lhe ocorrera que falara mais do que devia. Adler estava convencido de que o responsável pelo vazamento tinha sido realmente Cook, e agora ele provavelmente deixara escapar mais uma informação, exatamente como Ryan esperava. Adler se lembrou de que alguns anos antes, quando Ryan fazia parte de um grupo externo, encarregado de investigar os métodos usados pela CIA, chamara a atenção dos superiores por ter inventado a Armadilha para Canários. Pois estava sendo novamente usada.

O tempo naquela manhã estava tão frio, que as delegações voltaram para a sala antes da hora para começar a segunda rodada de negociações. Aquela poderia levar a algum resultado concreto, pensou Adler.

O coronel Michael Zacharias se encarregou de fazer um resumo da missão. Seria um trabalho de rotina, a despeito do fato de que os B-2 jamais haviam disparado um tiro (na verdade, jamais haviam deixado cair uma bomba, mas a ideia era a mesma). O 5092 Grupo de Bombardeiros datava de 1944. O primeiro comandante tinha sido o coronel Paul Tibbets, da Força Aérea dos Estados Unidos. A base, sugestivamente, ficava em Utah, pensou o coronel, o estado onde nascera. O comandante da esquadrilha, um brigadeiro, pilotaria a primeira aeronave. O subcomandante da esquadrilha ficaria com a número dois. Como subcomandante de operações, a ele caberia a número três. Sua parte era a mais desagradável da operação, mas ela era tão importante que, depois de meditar a respeito do papel da ética na guerra, chegara à conclusão de que os parâmetros da missão estavam dentro dos limites de tolerância impostos aos guerreiros pelos legisladores e filósofos.

Fazia muito frio em Elmendorf quando os jipes transportaram os aviadores para os bombardeiros. Naquela noite, voariam com tripulações de três homens. Os B-2 fora projetados para voar apenas com piloto e copiloto, com a opção de um terceiro homem para cuidar dos sistemas defensivos que, segundo o fabricante, podiam ser facilmente operados pelo copiloto. Entretanto, no caso de uma operação de guerra, era sempre melhor contar com uma boa margem de segurança; antes mesmo que as aeronaves deixassem o Missouri, mais de cento e cinquenta quilos de equipamentos tinham sido colocados a bordo, além dos quase cem quilos do oficial de guerra eletrônica.

Havia muita coisa estranha naquela aeronave. Os números de série dos

aviões da Força Aérea dos Estados Unidos eram tradicionalmente pintados na cauda, mas o B-2 não tinha cauda, de modo que o número ficava no alçapão da roda dianteira. Por se tratar de um bombardeiro de penetração, tinha sido projetado para voar a grande altitude (embora o governo tivesse resolvido mais tarde alterar o projeto para que pudesse também participar de missões de curta distância), como os aviões de passageiros, para economizar combustível. Uma das aeronaves mais dispendiosas jamais construídas, combinava a envergadura de um DC-10 com uma invisibilidade quase total. Pintado de cinza para ser confundido com o céu noturno, era agora uma esperança luminosa para o fim rápido da guerra. Apesar de ser um bombardeiro, os homens que tinham planejado a missão esperavam que ela transcorresse de forma pacífica. Enquanto colocava o cinto de segurança, Zacharias achou mais fácil pensar naquela missão como uma missão de bombardeio.

As quatro turbinas GE foram ligadas, uma de cada vez; os indicadores em forma de fita se moveram até mostrar a rotação nominal, na qual as turbinas consumiam combustível como se estivessem trabalhando com a potência máxima na altitude de cruzeiro, enquanto o copiloto e o OGE verificavam os sistemas de bordo. Pouco depois, os três bombardeiros taxiaram em direção à pista em fila indiana.

— Até agora, não encontraram nenhuma resistência — pensou Jackson em voz alta, no Centro de Informações de Combate, abaixo do convés de voo. O plano de operações previa essa possibilidade, embora não quisesse se fiar demais nela. Seu adversário mais perigoso eram os quatro contratorpedeiros Aegis que os japoneses haviam despachado para vigiar as Marianas. A Marinha ainda não sabia como derrotar a combinação radar-mísseis, e Jackson esperava que a missão lhe custasse vidas e aeronaves, mas, de qualquer forma, os Estados Unidos agora estavam com a iniciativa. O outro lado estava manobrando apenas para se defender, o que sempre fora uma tática suicida.

Robby podia sentir nos ossos: o John Stennis aumentara a força dos seus motores para a potência máxima, rumando para noroeste a trinta nós. Consultou o relógio e imaginou se as outras operações que ajudara a planejar no Pentágono também estavam transcorrendo sem problemas.

Dessa vez, seria um pouco diferente. Richter ligou os motores do Comanche, como fizera na noite anterior, imaginando se teria a mesma sorte e lembrando o provérbio, muito usado pelos militares, que dizia que o mesmo equipamento raramente funcionava duas vezes. Lamentava que o sujeito que inventara aquele provérbio não estivesse presente para vê-lo. Sua última divagação foi imaginar se seria aquele piloto de caça da Marinha que conhecera em Nellis, fazia alguns meses. Era pouco provável, pensou; aquele sujeito

parecia ser uma pessoa muito séria.

Mais uma vez, os comandos cercaram o helicóptero com seus extintores ridiculamente pequenos e mais uma vez eles não foram necessários. Richter decolou sem nenhum incidente e subiu rapidamente, acompanhando as encostas do Shuraishi-sen e tomando o rumo leste, em direção a Tóquio, desta vez seguido por duas outras aeronaves.

— Ele quer falar pessoalmente com Durling — afirmou Adler. — Disse isso no final da sessão da manhã.

— O que mais? — perguntou Ryan.

Como era do seu temperamento, o diplomata transmitira primeiro o recado.

— Cook é o nosso homem. Ele me contou que o seu contato tem ligações com Koga.

— Você...

— Sim, eu disse a ele o que me pediu. E o caso do embaixador? Ryan consultou o relógio. Não podia ser naquele momento, e não esperava aquela complicação, mas talvez o outro lado tivesse decidido colaborar.

— Marque para daqui a noventa minutos. Vou falar com o chefe.

O oficial de guerra eletrônica também era encarregado de verificar os sistemas de armas. Capazes de transportar oitenta bombas de 250 quilos, os compartimentos de bombas tinham espaço para apenas oito das bombas de penetração de uma tonelada, e 8 vezes 3 era igual a 24. Era essa aritmética que tornava necessária a parte final da missão. Uma solução muito mais simples seria recorrer a bombas nucleares, mas essa possibilidade não fora aventada, para alívio do coronel Zacharias. Ele queria viver em paz com sua consciência.

— Está tudo em ordem, coronel — informou o OGE.

Isso não era surpresa, já que todas as armas tinham sido verificadas pessoalmente por um oficial de armamentos, um primeiro-sargento e um engenheiro da empreiteira e submetidas a uma dúzia de simulações antes de serem carregadas no bombardeiro como se fossem frutas frescas. Tinham de agir assim para manter o nível do fabricante em 95%, que, embora elevado, ainda estava longe da certeza absoluta. Na verdade, gostariam de contar com um número maior de aeronaves naquela missão, mas já fora difícil reunir três B-2; mais do que isso, seria impossível.

— Muito bem, dê-me um curso — ordenou Zacharias, olhando para seu monitor.

— Um-nove-zero parece bom, no momento.

Os instrumentos identificavam cada radar pelo tipo, e a melhor tática parecia ser a de explorar o mais antigo deles, afortunadamente um projeto americano cujas características conheciam muito bem.

À frente dos B-2, os Lightning estavam novamente em ação, dessa vez sozinhos e em segredo, aproximando-se de Hokkaido pelo leste, enquanto os bombardeiros vinham de sudeste. O exercício agora era mais mental do que físico. Um dos E-767 estava no ar, dessa vez sobre terra e provavelmente escoltado por caças, enquanto os E-2C, menos capazes, patrulhavam o oceano. Os pilotos de caça deviam estar mais atentos; a tela mostrou que alguns Eagle usavam seus radares APG-70 para vasculhar o céu. Está na hora de fazê-los pagar por isso. Os dois aviões desviaram-se ligeiramente para a direita, dirigindo-se para os dois Eagle mais próximos.

Dois ainda estavam no solo, um deles com um andaime em volta da cúpula de radar. Talvez fosse o que estava sendo reformado, pensou Richter, aproximando-se cautelosamente. Ainda tinha algumas montanhas para se esconder, mas havia uma instalação de radar em uma delas, um sistema de defesa aéreo de grande porte. O computador de bordo escolheu uma rota segura, e o piloto desceu um pouco para segui-la. Acabou a cinco quilômetros da estação de radar, mas abaixo dela. Estava na hora de trabalhar.

Richter ultrapassou o topo da última montanha, e o radar Longbow varreu a área à sua frente. A memória computadorizada selecionou os dois E-767 em seu catálogo de formas hostis e os iluminou no monitor. A tela à esquerda de Richter os mostrou como ícones 1 e 2. O piloto escolheu Hellfire no menu de armas, os alçapões do depósito de armas se abriram, e ele disparou duas vezes. Os mísseis Hellfire foram lançados e se dirigiram para a base aérea, a oito quilômetros de distância.

O Alvo Quatro ficava em um edifício de apartamentos, felizmente no último andar. ZORRO-três chegara à cidade pelo sul, e agora o piloto estava inclinando a aeronave, preocupado com a possibilidade de ser visto do chão mas à procura de uma janela iluminada. Ali. Não parecia uma lâmpada acesa, pensou o piloto. Devia ser um receptor de TV. Também servia. Usou o controle manual para engajar o sistema no ponto de luz azulada.

Kozo Matsuda estava tentando descobrir como se metera naquela enrascada e chegava sempre à mesma conclusão: expandira demais seus negócios e por isso fora obrigado a se unir a Yamata. Onde estava o amigo agora? Em Saipan? Precisavam dele no Japão. O Gabinete estava ficando nervoso, e embora Matsuda tivesse certeza da lealdade do primeiro-ministro, descobrira havia poucas horas que os ministros estavam começando a pensar por conta própria, e isso não era nada bom... como também não eram os últimos acontecimentos. Os americanos tinham conseguido vencer as defesas do país, o que era uma grande surpresa. Será que não compreendiam que a guerra tinha de terminar o mais cedo possível, deixando as coisas como estavam? Parecia que o poder militar era a

única coisa que eles entendiam, mas enquanto Matsuda e os outros tinham pensado que o poder militar estava do lado deles, os americanos não tinham se deixado intimidar.

E se eles... e se eles não cederem? Yamata-san lhe assegurara o contrário, mas também lhe assegurara que o sistema financeiro americano entraria em colapso e os filhos da mãe tinham conseguido reverter a situação com mais facilidade do que Mushashi em uma de suas lutas de espada, como a que estava assistindo no momento na TV. Agora não podiam mais recuar. Tinham de ir até o fim ou teriam que enfrentar um destino pior do que a sua... imprudência quase infligira ao conglomerado que presidia. Imprudência?, perguntou-se Matsuda. Ora, compensara isso aliando-se a Yamata. Se pelo menos o colega voltasse a Tóquio e os ajudasse a manter o governo na linha, talvez...

A televisão mudou de canal. Estranho. Matsuda pegou o controle remoto e mudou o canal de volta. O canal tornou a mudar sozinho.

A quinze segundos do alvo, o piloto do ZORRO-três ativou o laser de infravermelho usado para guiar o míssil antitanque. O Comanche agora estava sendo controlado pelo piloto automático, o que permitia que controlasse manualmente a arma até o alvo. Não lhe ocorreu que o raio infravermelho do laser tivesse a mesma frequência que o aparelho que as crianças usavam em casa para escolher um canal de desenhos animados.

Que droga! Matsuda mudou de canal pela terceira vez e a televisão voltou a mostrar um noticiário. O que havia com o maldito aparelho? Era um modelo de tela grande, fabricado pela sua empresa. O industrial se levantou da cama e encostou o controle remoto no receptor, mas mesmo assim o canal tornou a mudar.

— Bakayaro! — rosnou, ajoelhando-se em frente ao aparelho e mudando manualmente o canal. Mais uma vez, a TV voltou para o noticiário. As luzes estavam apagadas no quarto, e no último momento Matsuda viu uma mancha amarelada na tela. Seria um reflexo? Voltou-se e viu um semicírculo amarelo de fogo se aproximando da janela, um segundo antes que o míssil Hellfire explodisse na viga de aço ao lado da cama.

O ZORRO-três observou a explosão no último andar do edifício, fez uma curva brusca para a esquerda e se dirigiu ao alvo seguinte. Era uma missão interessante, pensou, melhor do que as que executara na Força-tarefa NORMANDIA, fazia seis anos. Não estava nos seus planos se tornar piloto de helicóptero, mas ali estava, fazendo o trabalho de um. O disparo seguinte foi semelhante ao primeiro. Teve de fechar os olhos para protegê-los do clarão, mas podia garantir que em um raio de vinte metros do lugar onde o míssil explodiu

ninguém sobrevivera para contar a história.

Quando o primeiro Hellfire se aproximou da aeronave, havia vários tripulantes nas proximidades. O E-767 foi atingido em cheio no nariz, mas Richter calculou que alguns deles podiam ter escapado da explosão. O segundo míssil, que, como o primeiro, era guiado exclusivamente por computador, destruiu a cauda do segundo E-767. O Japão agora estava reduzido a dois daqueles aparelhos, os que estavam no ar naquele momento. Eles provavelmente não teriam coragem de voltar para aquela base, mas, para ter certeza, Richter fez meia-volta, selecionou o canhão e fez picadinho do radar de defesa aérea antes de ir embora.

Binichi Murakami estava saindo do edifício depois de uma longa conversa com Tanzan Itagake. Estava disposto a se reunir com os amigos do gabinete na manhã seguinte e aconselhá-los a parar com aquela loucura antes que fosse tarde demais. Sim, o Japão tinha mísseis nucleares, mas tinham sido construídos na expectativa de que sua existência fosse suficiente para impedir que fossem usados. A simples ideia de revelar a presença desses mísseis em solo japonês ameaçava destruir a coalizão política que mantinha Goto no poder; compreendia agora que só era possível controlar os políticos, enquanto eles não se davam conta do poder que tinham nas mãos.

Um mendigo na rua, era a imagem que sempre voltava a sua mente. Se não fosse ele, jamais teria se deixado convencer pelos argumentos de Yamata. Que pena, estava pensando, no momento em que o céu ficou branco acima de sua cabeça. O guarda-costas de Murakami estava perto dele e jogou-o no chão ao lado do carro, enquanto ambos eram atingidos por uma chuva de cacos de vidro. O ruído da explosão ainda ecoava no ar quando ouviu um barulho semelhante a alguns quilômetros de distância.

— O que aconteceu? — perguntou, antes de perceber que estava com o rosto sujo de sangue.

O sangue vinha do braço do empregado, que fora aberto por um caco de vidro. O homem mordeu os lábios e manteve a dignidade, mas o ferimento era sério. Murakami ajudou-o a entrar no carro e mandou o motorista se dirigir para o hospital mais próximo. Enquanto o motorista se preparava para cumprir a ordem, outra explosão iluminou o céu.

— Mais dois filhotes de foca — murmurou o coronel consigo mesmo.

Chegara a uma distância de oito quilômetros antes de lançar os mísseis Slammer, e apenas um dos Eagle ensaiara uma medida evasiva, mas sem sucesso. Entretanto, o piloto conseguira acionar o mecanismo de ejeção e agora estava descendo de paraquedas . Era suficiente, por ora. Voltou o Lightning para

nordeste e ajustou a velocidade para Mach 1,5. Sua esquadrilha de quatro aparelhos abrira um buraco nas defesas de Hokkaido; a Força Aérea do Japão teria de deslocar aeronaves para fechar a brecha, o que era exatamente o objetivo da missão daquela noite. Durante anos, o coronel repetira para quem quisesse ouvir que não podia haver lealdade em uma guerra e sabia que não havia covardia maior do que usar um avião invisível para atacar aeronaves convencionais. Era como matar filhotes de foca. Entretanto, homens não eram focas, o que estava fazendo era praticamente assassinato, e o oficial teria preferido que nada daquilo fosse necessário.

O OGE os fizera passar entre dois radares de defesa aérea e a menos de duzentos quilômetros de um E-2C em órbita. O canal de rádio estava cheio de conversas, tensas e animadas, entre as estações de terra e os caças, todos agora ao norte de onde se encontravam. Chegaram ao litoral acima de uma cidade chamada Arai. O B-2A estava a treze mil metros, viajando com uma velocidade de pouco menos de 1.200 quilômetros por hora. Sob a primeira camada de tecido, uma malha de cobre absorvia a maior parte da energia eletromagnética que no momento incidia sobre a aeronave. Era um princípio simples, que podia ser encontrado em qualquer livro de física elementar. Os fios de cobre absorviam a maior parte da energia como se fossem antenas de rádio, transformando-a em calor, que logo se dissipava no ar frio da noite. O restante dos sinais era dispersado pela estrutura interna em vez de ser refletido de volta para a fonte. Pelo menos, era o que todos esperavam.

Ryan recebeu o embaixador e acompanhou-o até a Ala Oeste, cercado por cinco agentes do Serviço Secreto. A atmosfera era o que os diplomatas chamavam de "franca". Não houve nenhuma descortesia, mas a atmosfera era tensa, e faltavam as pequenas gentilezas que em geral caracterizavam aquele tipo de encontro. Ninguém falou mais do que o estritamente necessário; quando entraram na Sala Oval, Jack estava imaginando que tipo de ameaça o embaixador poderia fazer naquele momento tão inoportuno.

— Senhor embaixador, sente-se, por favor — disse Durling.

— Obrigado, presidente.

Ryan sentou-se entre o diplomata visitante e Roger Durling. Era uma ação automática para proteger o presidente, mas desnecessária. Dois dos agentes tinham entrado e não deixariam mais a sala. Um ficou na porta; o outro colocou-se exatamente atrás do embaixador.

— Fui informado de que tinha alguma coisa para me dizer — observou Durling.

A reação do diplomata foi instantânea.

— Meu governo quer informá-lo de que pretendemos tornar público o fato

de que dispomos de armas estratégicas. Achamos que seria justo que soubesse.

— Isso será considerado como uma ameaça ao nosso país, embaixador — declarou Ryan, resguardando o presidente da necessidade de falar diretamente.

— Só será uma ameaça se vocês assim a desejarem.

— O senhor está ciente de que também possuímos armas nucleares e podemos usá-las contra o Japão — observou Jack.

— Como já fizeram uma vez — replicou o embaixador, sem pestanejar. Ryan fez que sim com a cabeça.

— Sim, no caso de outra guerra que seu país começou.

— Volto a insistir que só será uma guerra se vocês assim a desejarem.

— Embaixador, quando um país invade território americano e mata soldados americanos, isso só pode ser considerado um ato de guerra.

Durling acompanhava a discussão praticamente impassível, desempenhando seu papel, enquanto o conselheiro de Segurança Nacional desempenhava o dele. Conhecia o auxiliar suficientemente bem para saber que estava nervoso, pela forma como cruzava os pés, pelas mãos crispadas, e o admirou por manter a voz calma e pausada, apesar na natureza da conversa. Bob Fowler estava certo, mais ainda do que o ex-presidente e o atual haviam pensado. Um bom homem para ter por perto durante uma tempestade. Roger Durling pensou na frase, que datava da época em que os homens tinham começado a navegar. Por mais voluntarioso e impaciente que fosse às vezes, em momentos de crise Ryan se comportava como um médico em uma sala de operação. Seria algo que aprendera com a esposa?, pensou o presidente. Talvez fosse a experiência dos últimos dez ou doze anos, em que mais de uma vez servira ao governo. Uma boa cabeça, um bom instinto e nervos de aço sempre que necessário. Que pena que não gostasse de política! O pensamento quase fez Durling sorrir, mas aquele não era o lugar apropriado. Não, Ryan não se daria bem na política. Ele era do tipo que gostava de lidar diretamente com os problemas. Mesmo suas sutilezas eram algo irônicas e não sabia mentir de forma convincente, mas apesar disso era um bom homem para ter por perto em tempo de crise.

— Queremos chegar a uma solução pacífica para esta disputa — dizia o embaixador. — Para isso, estamos dispostos a fazer concessões.

— Não aceitaremos nada menos que o retorno ao status quo ante — replicou Ryan, iniciando uma linha de ação que o fez cruzar os pés com mais força. Detestava fazer aquilo, mas agora tinha de representar a cena que ele e o presidente haviam planejado. Se algo desse errado, o erro teria sido de Ryan, e não de Roger Durling. — E a eliminação de todas as armas nucleares do Japão, sob supervisão internacional.

— Está nos forçando a fazer um jogo muito perigoso.

— Esse jogo foi inventado por vocês. — Ryan teve de usar de todo o autocontrole para manter a calma. Cobriu o pulso esquerdo com a mão direita. Podia sentir o relógio, mas não queria olhar para ele com medo de revelar que estava preocupado com a hora. — Violaram o Tratado de Não Proliferação. Violaram o Estatuto das Nações Unidas. Violaram vários tratados com os Estados Unidos da América. Como esperam que aceitemos tudo isso e ainda a escravização de cidadãos americanos? Como pensam que a população japonesa vai reagir quando souber da verdade? Os acontecimentos da noite anterior do norte do Japão ainda não eram de conhecimento público. O governo japonês estava controlando a imprensa com maior rigor do que Ryan estava fazendo com as redes de TV americanas, mas esse tipo de comportamento tinha um grande problema: a verdade sempre acabava por vir à tona. O que era uma boa coisa quando a verdade era conveniente para seus propósitos e uma coisa terrível quando não era.

— Precisam nos oferecer alguma coisa em troca! — insistiu o embaixador, perdendo visivelmente a compostura.

Atrás dele, o agente do Serviço Secreto se remexeu, preocupado.

— O que oferecemos a vocês é a chance de restabelecer a paz com dignidade.

— Isso não é nada! — Isso é assunto para o subsecretário Adler e seus auxiliares. Conhece nossa posição — acrescentou Ryan. — Se decidirem tornar pública a questão das armas nucleares, não podemos impedi-los. Tenho o dever de preveni-lo, porém, que isso conduzirá a um agravamento da situação que não será bom nem para nós nem para vocês.

O embaixador olhou para Durling, à espera de algum tipo de reação. Faltava pouco tempo para as eleições primárias de Iowa e New Hampshire, e o presidente certamente queria começar a campanha pela reeleição com o pé direito... seria essa a razão para aquela postura inflexível?, pensou o diplomata. As ordens de Tóquio eram para que conseguisse algum espaço de manobra, mas os americanos não estavam colaborando, e o culpado disso só podia ser Ryan.

— O Dr. Ryan está autorizado a falar em nome dos Estados Unidos? O coração de Jack deu um pulo quando o presidente fez que não com a cabeça.

— Não, embaixador. Quem fala pelos Estados Unidos sou eu. — Durling fez uma pausa antes de acrescentar: — Neste caso, porém, o Dr. Ryan está falando em meu nome. Tem mais alguma coisa a nos dizer? — Não, presidente.

— Nesse caso, não tomarei mais seu tempo. Espero que seu governo compreenda que a melhor solução para a presente crise é a que propomos. Qualquer outra opção seria incomparavelmente pior. Tenha um bom dia.

Durling não se levantou para acompanhar o embaixador até a porta. Ryan

foi com ele, mas dois minutos depois estava de volta.

— Quando vai ser? — perguntou o presidente.

— A qualquer momento.

— E bom que dê certo.

O céu estava limpo abaixo deles, embora houvesse alguns resquícios de nuvens cirros a quinze mil metros. Mesmo assim, o ponto inicial, chamado de PI, era praticamente invisível a olho nu. Pior ainda: não conseguia avistar as outras duas aeronaves da esquadrilha, embora, de acordo com os planos, devessem estar apenas seis e doze quilômetros à frente, respectivamente. Mike Zacharias pensou no pai, em todas as missões que executara desafiando as defesas mais sofisticadas da época, na forma como fora abatido, apenas uma vez, e sobrevivido milagrosamente em um campo de prisioneiros que por pouco não fora seu túmulo. Aquela missão era mais fácil, sob alguns aspectos, mas também mais difícil, já que o B-2 se mostrava incapaz de executar qualquer tipo de manobra exceto para ajustar ligeiramente sua posição de acordo com o vento dominante.

— Bateria de Patriot a duas horas — advertiu o capitão encarregado dos equipamentos de guerra eletrônica. — Acaba de ligar o radar.

Zacharias logo compreendeu por quê. Apareceram os primeiros clarões no solo, alguns quilômetros à frente. Isso quer dizer que os relatórios da inteligência estavam corretos, pensou o coronel. Os japoneses não tinham muitos mísseis Patriot e não os instalariam ali de graça. Olhando para baixo, podia ver as luzes de um trem em movimento bem perto do vale que estavam para atacar.

— Interrogar — ordenou o piloto. A parte perigosa estava começando. O radar LPI localizado na parte inferior do nariz da aeronave apontou automaticamente para o local designado pelo sistema de navegação baseado em satélites, determinando a posição do bombardeiro em relação a um acidente geográfico conhecido. A aeronave fez uma curva para a direita e dois minutos depois repetiu a leitura.

— Míssil lançado! Temos um Patriot no ar... um, não, dois! — informou o OGE.

Devem estar atrás do Número Dois, pensou Zacharias. Provavelmente o pegaram com os alçapões abertos. O bombardeiro deixava de ser invisível quando abria o alçapão do compartimento de bombas, mas precisava de apenas alguns segundos para...

Ali estão. Viu os Patriot saírem de trás de uma colina, viajando muito mais depressa do que os SA-2 que o pai tivera de enfrentar. Moviam-se tão rápido que não pareciam foguetes e sim raios de luz, que a vista mal conseguia acompanhar. Seria impossível esquivar-se deles. Entretanto, os dois foguetes, separados

apenas por algumas centenas de metros, continuaram em linha reta, passando pela altitude em que estava o bombardeiro e explodindo como fogos de artifício quando chegaram a dezoito mil metros. Os cientistas estavam certos: esse negócio de invisibilidade realmente funciona contra os Patriot. Os operadores do sistema antiaéreo deviam estar muito surpresos, pensou Zacharias.

— Começando a primeira passagem — anunciou o piloto.

Os alvos eram dez. De acordo com as informações disponíveis, eram silos de mísseis, e o coronel teria prazer em eliminá-los, embora isso custasse mais algumas vidas humanas. Eram três aviões, cada um carregado com oito bombas. Assim, dispunham de apenas vinte e quatro bombas para cumprir a missão, duas para cada silo e as últimas quatro de Zacharias para o último alvo. Duas bombas para cada alvo. Cada bomba tinha 95% de probabilidade de explodir a menos de quatro metros do alvo, o que era uma precisão muito boa, exceto pelo fato de que em missões como aquela não havia margem para erro. A probabilidade teórica era de 2,5% de que as duas bombas errassem o alvo, mas isso queria dizer que a probabilidade de que pelo menos um dos silos escapasse era de 22%, algo intolerável.

— Sistemas? — perguntou, pelo intercomunicador.

— Normais — respondeu o OGE.

Os olhos do capitão estavam no sistema de navegação GPS, que recebia sinais de quatro relógios nucleares em órbita e determinava a posição exata da aeronave em três dimensões, usando-a ainda para calcular o curso, velocidade em relação ao solo e velocidade do vento. Todas essas informações eram transmitidas para o sistema de bombardeio, já programado para conhecer a localização dos alvos. O primeiro bombardeiro encarregara-se dos alvos de 1 a 8. O segundo bombardeiro cuidara dos alvos de 3 a 10. O avião de Zacharias bombardearia pela segunda vez os alvos 1, 2, 9 e 10. A ideia era evitar que uma das aeronaves bombardeasse duas vezes o mesmo alvo.

— A bateria de Patriot ainda está funcionando. Parece que fica na entrada do vale.

Azar o deles, pensou Zacharias.

— Bomba lançada! — exclamou o copiloto. A resposta do OGE foi instantânea.

— Eles os viram! — exclamou. — Míssil lançado! — Não há perigo — afirmou Zacharias, com mais confiança do que realmente sentia.

A segunda bomba foi lançada. O coronel teve uma ideia súbita. E se o comandante da bateria fosse mais esperto do que ele pensava? E se tivesse tirado suas conclusões depois do insucesso da primeira dupla de mísseis? Meu Deus, a missão poderia fracassar se...

Dois segundos mais tarde, a última bomba foi lançada e os alçapões do compartimento de bombas fecharam-se, fazendo com que o B-2 ficasse novamente invisível ao radar.

— Só pode ser um bombardeiro invisível — declarou o controlador. — Veja! O grande alvo que aparecera de repente no céu sumira. O possante aparelho de radar de fase escalonada anunciara a presença do alvo tanto visualmente como através de um sinal sonoro, mas agora a tela estava vazia, embora não totalmente. Quatro pequenos objetos estavam descendo, como oito haviam descido no minuto anterior. Bombas. O comandante da bateria sentira e ouvira o impacto no vale da explosão dos dois mísseis no ar. Da última vez, tentara atingir os bombardeiros, desperdiçando dois mísseis preciosos, e os dois que acabara de lançar também se perderiam... será que...

— Mudar de alvo! — gritou o comandante da bateria para seus subordinados.

— Eles não estão nos seguindo — afirmou o OGE, com mais esperança do que convicção. O radar de rastreamento mudou de direção e parou, mas não apontado para eles.

Como medida de segurança, Zacharias mudou de rumo, o que seria necessário de qualquer forma para cumprir a segunda parte da missão. Isso o faria sair da trajetória dos mísseis, evitando a possibilidade de um impacto fortuito.

— Continue! — ordenou o piloto.

— Eles passaram por nós...

As palavras do OGE foram confirmadas quando dois riscos luminosos iluminaram as nuvens acima deles. Os três tripulantes ficaram esperando pelas explosões, mas não viram nem sentiram nada. Os mísseis deviam ter explodido muito longe da aeronave.

Parece que estamos a salvo.

— Eles ainda estão... ainda estão usando o radar de controle dos mísseis! — informou o OGE. — Mas...

— Na nossa direção? — Não, de jeito nenhum. Não sei...

— As bombas! Que merda! — exclamou Zacharias. — Estão rastreando as bombas! Havia quatro delas, as mais inteligentes das bombas inteligentes, caindo rapidamente agora, mas não tão rápido quanto um bombardeiro de mergulho. Cada uma delas sabia onde se encontrava no espaço e no tempo e também para onde ir. O computador do B-2 lhes fornecera todos os dados: posição, altitude, velocidade e direção da aeronave, velocidade e direção do vento; com base nessas informações, os computadores das bombas comparavam sua localização com a localização do alvo para o qual tinham sido programadas. Agora, em

plena queda, estavam ajustando continuamente a trajetória, de modo que a probabilidade de errarem o alvo era muito pequena. Entretanto, as bombas não eram invisíveis, porque ninguém pensara em fazê-las assim, e eram suficientemente grandes para ser rastreadas.

A bateria de Patriot ainda dispunha de mísseis para ser lançados e de uma base para defender; embora o bombardeiro tivesse desaparecido, havia quatro objetos na tela e o radar era capaz de segui-los. Automaticamente, o sistema de rastreamento começou a acompanhar os novos alvos, enquanto o comandante da bateria se censurava por não ter tido aquela ideia mais cedo. Obedecendo a um comando, o operador girou a chave que permitia que o sistema de mísseis funcionasse no modo autônomo. O computador não sabia que os alvos que se aproximavam não eram aeronaves. Estavam se movendo no ar, podia vê-los claramente e os operadores humanos diziam: derrube.

O primeiro dos quatro mísseis saiu do lançador e começou a transformar o combustível sólido em um risco branco no céu noturno. O sistema de direção rastreava os alvos através do próprio míssil; embora complexo, era praticamente imune a interferências e de grande precisão. O primeiro míssil engajou o alvo, transmitindo sinais para o solo e recebendo instruções dos computadores da bateria. Se o míssil tivesse um cérebro, teria sentido uma satisfação íntima ao acompanhar o alvo, escolhendo um ponto no espaço e no tempo para se encontrar com ele...

— Em cheio! — exclamou o operador, quando a noite transformou-se em dia e o segundo míssil começou a rastrear a segunda bomba.

A luz lá embaixo dizia tudo. Zacharias viu o reflexo nas encostas rochosas, cedo demais para que fossem bombas. Isso significava que a pessoa que planejara aquela missão não tinha nada de paranoica...

— Lá está o PI Dois — disse o copiloto, trazendo o coronel de volta à realidade.

— Alvo engajado — informou o OGE.

Dessa vez, Zacharias podia ver o alvo com clareza, uma mancha azul-escura, muito diferente do solo escuro daquela região montanhosa, e que terminava em uma faixa branca. Chegou a avistar as luzes da casa de máquinas.

— Alçapões abertos.

A aeronave subiu alguns metros quando as quatro bombas foram lançadas. Os controles de voo compensaram a súbita perda de peso; o bombardeiro fez uma curva para a direita e tomou o rumo leste, considerando a missão cumprida.

O comandante da bateria deu um soco no painel de instrumentos e um grito de satisfação. Conseguira acertar três das quatro bombas e o quarto míssil, mesmo errando o alvo, talvez tivesse explodido suficientemente perto da bomba

para desviá-la, embora tivesse sentido o solo tremer com o impacto. Pegou o telefone de campo e ligou para a casamata do comando de mísseis.

— Vocês estão bem? — perguntou, preocupado.

— O que nos atingiu? — quis saber o oficial. O comandante dos Patriot ignorou a pergunta.

— O que aconteceu com os mísseis? — Oito foram destruídos, mas acho que dois escaparam. Terei de ligar para Tóquio e pedir instruções.

O oficial estava surpreso com o fato de dois mísseis terem ficado intactos e seu primeiro impulso foi atribuir o fato à escolha do local. Os silos tinham sido cavados na rocha, o que ajudara a proteger pelo menos dois dos ICBM. Que ordens receberia, agora que os americanos tinham tentado desarmar seu país? Espero que mandem lançar os que sobraram, pensou o comandante dos Patriot mas não teve coragem de dizer isso em voz alta.

As últimas quatro bombas do terceiro B-2 foram lançadas sobre a represa hidrelétrica no final do vale. Tinham sido programadas para atingir de baixo para cima a parede de concreto armado, com a mesma precisão das bombas que tinham sido usadas contra os silos dos mísseis. Sem que ninguém visse ou ouvisse coisa alguma, caíram em fila indiana, separadas por apenas trinta metros.

A represa tinha cento e trinta metros de altura e quase exatamente a mesma largura na base; a estrutura estreitava-se progressivamente até um vertedouro de apenas dez metros. De construção sólida, tanto para suportar o peso do reservatório como para resistir aos frequentes terremotos que assolavam o Japão, vinha produzindo eletricidade havia mais de trinta anos.

A primeira bomba caiu setenta metros abaixo do vertedouro. Uma arma pesada, com uma espessa carcaça de aço endurecido, penetrou quinze metros no concreto antes de explodir, abrindo uma pequena caverna, no momento em que a segunda bomba atingia a imensa parede em um ponto cinco metros acima do primeiro.

A represa era guardada por um vigia, que acordou com o barulho das explosões do outro lado do vale. Ele estava imaginando o que acontecera quando viu o primeiro clarão, que parecia vir de dentro da represa. Ouviu quando a segunda bomba se chocou com o concreto e um segundo depois o choque quase o fez cair de costas.

— Conseguimos pegar todos eles? — perguntou Ryan.

Contrariamente à crença popular, e para frustração de Jack, os computadores do Escritório Nacional de Reconhecimento não estavam ligados em tempo real à Casa Branca. Por isso, era forçado a acompanhar a operação do Pentágono.

— Não temos certeza. Todas as bombas caíram perto do alvo... quero dizer,

quase todas, porque algumas explodiram antes do tempo...

— Como assim? — Parece que três bombas, todas do último bombardeiro, explodiram no ar. No momento, estamos analisando as fotos e...

— Sobrou algum silo intacto? — interrompeu Ryan, impaciente.

— Um, talvez dois, não temos certeza. O senhor pode me dar alguns minutos? — disse o analista, em tom de quem pede desculpas. — Outro satélite vai passar sobre o local daqui a alguns minutos.

A represa poderia ter suportado duas explosões, mas a terceira, a vinte metros do vertedouro, abriu uma fenda, ou melhor, soltou um bloco de concreto de forma triangular. O bloco escorregou para a frente e parou, mantido no lugar pelo imenso atrito. Por um segundo, o vigia imaginou que a represa fosse resistir. A quarta bomba atingiu o bloco bem no centro, fragmentando-o. Quando a poeira assentou, ele fora substituído por uma nuvem de espuma, enquanto a água precipitava-se por uma fenda de trinta metros na parede da represa. A fenda cresceu diante dos olhos do vigia, e só então lhe ocorreu ir ao escritório às pressas e avisar por telefone às pessoas que estavam no vale. Àquela altura, um rio renascido depois de três décadas de sono forçado estava descendo o vale que cavara durante centenas de milhares de anos.

— Qual é a situação? — perguntou uma voz, em Tóquio.

— Um dos mísseis parece intacto: o número nove. O número dois... o número dois pode ter sofrido danos leves. Ele está sendo examinado neste exato momento. Quais são as ordens? — Preparar para um possível lançamento e aguardar.

— Hai.

A linha ficou muda.

E agora, o que vou fazer?, perguntou-se o oficial de serviço. Era novo naquele trabalho e nunca pensara em cuidar de mísseis nucleares, um trabalho que realmente não queria, mas ninguém se dera ao trabalho de lhe perguntar. Lembrou-se das ordens que recebera, pegou um telefone (um telefone preto, comum; os japoneses não tinham tido tempo de adotar todo o aparato que cercava o uso de armas nucleares por parte dos americanos) e ligou para o primeiro-ministro.

— Alô. Quem fala? — Goto-san, aqui é do Ministério. Nossos mísseis foram atacados! — O quê? Quando? — perguntou o primeiro-ministro. — Os estragos foram grandes? — Apenas um dos mísseis está em condições de funcionar. Um sofreu danos leves e os outros provavelmente foram destruídos. No momento, estamos trabalhando no míssil avariado.

O oficial ouviu a exclamação de raiva do outro lado da linha.

— Em quanto tempo podem ser lançados? — Menos de uma hora. Já dei

ordens para iniciarem os preparativos. O oficial abriu um manual para ficar a par dos detalhes do lançamento.

Recebera instruções completas, é claro, mas agora, no calor do momento, sentia necessidade de ter um documento por escrito, enquanto os companheiros reuniam-se à sua volta, em um silêncio soturno.

— Agora preciso me reunir com o gabinete! — exclamou o primeiro-ministro, desligando.

O oficial olhou em volta. Viu algumas expressões de ódio, porém mais forte do que o ódio era o medo. Tinham sido alvo de um novo ataque e agora reconheciam a importância das incursões anteriores por parte dos americanos. Eles tinham descoberto onde estavam os mísseis e usado os ataques contra o sistema de defesa aérea japonês para esconder suas verdadeiras intenções. O que o Japão poderia fazer agora? Iniciar um ataque nuclear? Isso seria loucura. Era o que pensava o general, e percebeu que os colegas mais sensatos do centro de comando compartilhavam a sua opinião.

Fora quase um milagre. O silo número nove continuava praticamente intacto. Uma bomba explodira a apenas seis metros de distância, mas a rocha em torno do... não, constatou o oficial, a bomba não explodira. Havia um buraco no solo rochoso do vale, mas à luz da lanterna podia ver um objeto no interior. Era a bomba. Uma bomba inteligente com uma espoleta defeituosa. Não era incrível? Resolveu dar uma olhada no silo número dois. Enquanto se dirigia para o local, ouviu uma espécie de buzina e imaginou o que estaria acontecendo. Enquanto caminhava, admirou-se com o fato de os americanos não terem bombardeado a casamata de controle. Dos dez mísseis, oito tinham sido totalmente destruídos. Os vapores dos propelentes fizeram-no tossir e achou melhor colocar uma máscara contra gases que lhe cobriu o rosto e, infelizmente, os ouvidos.

O silo número dois fora atingido por uma única bomba. Atingido não era bem o termo. A bomba errara o alvo por mais de dez metros; embora tivesse deslocado toneladas de rochas e rachado o revestimento de concreto, tudo que tinham a fazer era remover o entulho; o míssil provavelmente estava intacto.

Malditos americanos'., pensou, tirando do bolso o rádio portátil para chamar a casamata de controle. Estranhamente, não houve resposta. Então notou que o chão parecia tremer, mas desconfiou que fossem apenas as suas pernas. Respirou fundo, mas os tremores não pararam. Um terremoto... e o que era aquele barulho de trovoada, que podia ouvir apesar da máscara contra gases? Quando viu o que estava acontecendo, não havia mais tempo para correr até as encostas do vale.

A guarnição da bateria dos Patriot também ouviu o barulho, mas ignorou-o. Os soldados encarregados do transporte tiveram mais sorte. Estavam na

extremidade do desvio, cuidando de um comboio com mais quatro mísseis, quando ouviram a parede branca explodir do outro lado do vale. Alguns conseguiram chegar a um local seguro antes que a onda de trinta metros de altura cobrisse o local.

A trezentos quilômetros de altura, um satélite cruzava o vale de sudoeste para nordeste, todas as nove câmaras acompanhando a passagem da onda.

45
LINHA DE COMBATE

— Lá vão eles — disse Jones.

As marcas a lápis no formulário contínuo eram quase idênticas: traços finos na linha de 1.000Hz, que indicavam que os sistemas Prairie-Masker estavam ligados, e traços semelhantes em baixa frequência característicos de motores diesel. Havia sete desses conjuntos, e embora as marcações ainda não estivessem variando muito depressa, isso poderia mudar a qualquer momento. Todos os submarinos japoneses estavam agora perto da superfície e na hora errada. Costumavam usar os respiradouros na hora certa, em geral uma hora depois de começar o turno, o que permitia que os homens que estavam entrando de serviço se acostumassem à rotina depois de um período de descanso e também que realizassem uma verificação no sonar antes de se colocarem em posição vulnerável. Entretanto, passava vinte e cinco minutos da hora certa, e todos tinham começado a usar os respiradores dentro do mesmo período de cinco minutos. Isso só podia significar que haviam recebido novas ordens. Jones pegou o telefone e apertou o botão do SubPac.

— Aqui é Jones.

— O que está acontecendo, Ron? — A isca que o senhor jogou na água está atraindo os peixes. Temos sete sinais — informou. — Quem está esperando por eles? — Não posso dizer pelo telefone, Ron — explicou Mancuso. — Como vão as coisas aí? — Tudo sob controle — respondeu Jones, olhando em volta. — Seus auxiliares eram pessoas competentes para começar; o treinamento extra deixara-os em excelente forma.

— Por que não traz os dados para cá, então? Você merece isso.

— Estarei aí em dez minutos — disse o empreiteiro.

— Sucesso total — declarou Ryan.

— Tem certeza? — perguntou Durling.

— Veja o senhor mesmo.

Jack colocou sobre a mesa do presidente três fotos que tinham acabado de chegar do NRO.

— Esta era a situação até ontem. — Não havia nada para ver, exceto a bateria de mísseis Patriot A segunda foto mostrava mais. Embora fosse uma foto de radar, em branco e preto, fora combinada com uma fotografia convencional

para oferecer uma visão mais precisa do campo de mísseis. — Esta aqui foi tirada há sete minutos — afirmou Ryan, apontando para a terceira fotografia.

— Parece um lago! O presidente levantou a cabeça, surpreso, embora já soubesse o que esperar.

O lugar está debaixo de trinta metros de água e permanecerá assim por mais algumas horas — explicou Jack. — Esses mísseis estão acabados...

— Junto com quantas pessoas? — perguntou Durling.

— Mais de cem — respondeu o conselheiro de Segurança Nacional, logo perdendo o entusiasmo. — Presidente... não havia outro jeito.

Durling fez que sim com a cabeça.

— Eu sei. Temos certeza de que os mísseis...? — As fotos tiradas antes da inundação mostram que sete dos mísseis foram destruídos. O oitavo provavelmente sofreu sérias avarias. Nada sabemos sobre os outros dois. Acontece que as tampas dos silos não aguentam muita pressão e a enxurrada deve ter carregado grande quantidade de detritos. Não, esses mísseis jamais serão usados, e conseguimos isso sem recorrer a armas nucleares. — Jack fez uma pausa. — Foi tudo ideia de Robby Jackson. Obrigado por me deixar recompensá-lo pelo feito.

— Ele está a bordo do porta-aviões? — Sim, senhor.

— Bem, parece ser o homem certo para o trabalho, não acha? — perguntou o presidente, de forma retórica, claramente aliviado com as últimas notícias. — E agora? — Agora, presidente, tentaremos resolver este problema de uma vez por todas.

Nesse momento, o telefone tocou. Durling atendeu.

— Oh. Sim, Tish? — O governo japonês anunciou que dispõe de armas nucleares e espera que...

— Não, elas não existem mais — disse Durling, interrompendo o diretor de comunicações. — E melhor fazermos logo nosso pronunciamento.

— Oh, sim — disse Jones, olhando para o mapa na parede.—Você conseguiu fazer isso em tempo recorde, Bart.

A linha fora formada a oeste das Marianas. O submarino mais ao norte era o Nevada. Cinquenta quilômetros ao sul, estava o West Virgínia. Mais cinquenta quilômetros ao sul, o Pennsylvania. O que estava mais ao sul era o Maryland. A linha tinha cento e cinquenta quilômetros de comprimento, sem contar o alcance dos navios das extremidades, que era de vinte e cinco quilômetros. Estavam trezentos quilômetros a oeste na linha de submarinos japoneses, que por sua vez estavam se deslocando para oeste.

— Isso faz lembrar outra guerra, não é? — observou Jones, reparando que aqueles submarinos tinham nomes de antigos encouraçados; mais do que isso, de

belonaves atacadas de surpresa em uma manhã de dezembro, quando ele nem era nascido. Os donos originais daqueles nomes tinham sido desenterrados da lama e enviados para tomar aquelas ilhas de volta, apoiando soldados e fuzileiros comandados por Jesse Oldendorf; certa noite escura, no estreito de Surigao... mas não estava na hora de falar de história.

— E os navios? — perguntou Chambers.

— Nós os perdemos de vista quando passaram pelas ilhas Bonin comandante. A velocidade e o curso mantinham-se praticamente constantes. Devem chegar ao local onde está o Tennessee por volta da meia-noite, hora local, e a essa altura nosso porta-aviões...

— Você já sabe tudo sobre a operação — observou Mancuso.

— Estou monitorando o oceano interior para o senhor. O que esperava? — Senhoras e senhores — disse o presidente, na Sala de Imprensa da Casa Branca. Estava falando de improviso, notou Ryan, usando apenas alguns lembretes escritos à mão, algo que sempre deixava o chefe do executivo pouco à vontade. — Esta noite, ouviram o governo do Japão anunciar que fabricou e instalou mísseis intercontinentais com ogivas nucleares.

"Há várias semanas que o fato é do conhecimento do governo deste país; é por esse motivo que a administração tem usado de extrema cautela ao lidar com a crise do Pacífico. Como podem imaginar, a possibilidade de um conflito nuclear afetou nossas decisões e norteou nossa resposta à agressão japonesa contra o território e os cidadãos americanos nas Marianas.

"Agora, posso informar a todos que esses mísseis foram destruídos. Eles não existem mais — declarou Durling, em tom incisivo.

"A situação atual é a seguinte: os militares japoneses ainda ocupam o arquipélago das Marianas. Os Estados Unidos da América não podem aceitar essa situação. Os habitantes dessas ilhas são cidadãos americanos e as forças americanas farão o que for necessário para restituir sua liberdade e seus direitos humanos. Repito: faremos o que for necessário para reaver essas ilhas.

"Hoje à noite, vamos pedir ao primeiro-ministro Goto que retire imediatamente todas as tropas japonesas das Marianas. Se não formos atendidos, teremos de retirá-las à força.

"Isto é tudo que tenho a dizer no momento. Qualquer pergunta será respondida pelo meu conselheiro de Segurança Nacional, Dr. John Ryan.

O presidente retirou-se para um canto da sala, ignorando um coro de perguntas, enquanto alguns cavaletes eram instalados. Ryan se dirigiu ao atril, fazendo todos esperarem enquanto se concentrava em falar pausadamente e com clareza.

— Senhoras e senhores, vou lhes falar a respeito da Operação TORNADO.

Primeiro, gostaria que vissem quais foram os alvos.

Foi mostrada a primeira foto, e pela primeira vez o povo americano pôde ver do que eram capazes os satélites de reconhecimento. Ryan pegou uma vareta e começou a explicar a cena, dando tempo para que as câmaras de TV a focalizassem de perto.

— Que merda! — observou Manuel Oreza. — Então foi por isso!

— Parece uma razão muito boa — concordou Pete Burroughs. De repente, a imagem desapareceu.

— Lamentamos informar que a transmissão da CNN foi interrompida temporariamente por motivos técnicos — informou uma voz.

— Motivos técnicos uma ova! — exclamou Portuga.

— O próximo alvo seremos nós, não acha?

— Já está mais do que na hora — disse Oreza.

— E aquela bateria de mísseis na colina? — perguntou a mulher de Oreza.

— Estamos preparando cópias de todas essas fotos para os senhores. Devem ficar prontas daqui a cerca de uma hora. Desculpem a demora — disse Jack.

— Temos estado muito ocupados.

"A missão foi executada por bombardeiros B-2, sediados na Base Aérea de Whiteman, no Missouri...

— De onde eles partiram? — perguntou um repórter.

— Sabe muito bem que essa informação é sigilosa — replicou Jack.

— Esses bombardeiros transportam armas nucleares — afirmou outra voz. — Então nós...

— Não. O ataque foi executado com armas convencionais de alta precisão. Próxima foto, por favor — disse Ryan ao homem que estava ao lado do cavalete. — Como podem ver, o vale ficou praticamente intacto...

Estava sendo mais fácil do que esperava; ainda bem que não tivera muito tempo para se preocupar com a apresentação. Ryan se lembrou da primeira vez que falara na Casa Branca. Ficara muito mais nervoso, embora não houvesse as luzes da TV para incomodá-lo, como agora.

— Vocês destruíram uma represa?

— Sim, destruímos. Tínhamos que estar absolutamente certos de que essas armas seriam destruídas e...

— E quanto às baixas?

— Todas as nossas aeronaves estão a caminho de casa. Talvez já tenham chegado, mas não tenho confirmação de que...

— E quanto às baixas dos japoneses? — insistiu a repórter.

— Quanto a isso, não tenho nenhuma informação — respondeu Jack, em

tom incisivo.

— O senhor se importa? — perguntou a repórter, tentando provocá-lo.

— Nossa missão era eliminar armas nucleares que ameaçavam os Estados Unidos, mantidas por um país que já atacara território americano. Está me perguntando se matamos japoneses? Sim, matamos. Quantos? Não sei. Nossa preocupação nesse caso era com as vidas dos americanos. Gostaria de lembrar à senhora que não fomos nós que começamos esta guerra, e sim o Japão. Quem começa uma guerra tem de suportar as consequências. Sou o conselheiro de Segurança Nacional do presidente e minha missão, antes de tudo, é ajudar o presidente Durling a proteger este país. Está bem claro? — perguntou Ryan.

As últimas palavras foram ditas com um pouco de irritação, e o olhar indignado da repórter não impediu que alguns dos seus colegas fizessem que sim com a cabeça.

— Mas vocês pediram à imprensa que mentisse, o que não pode ser considerado...

— Pare! — gritou Ryan, com o rosto vermelho. — Quer colocar as vidas dos soldados americanos em risco? Qual é o seu objetivo? O que espera ganhar com isso?

— Vocês forçaram as redes a...

— Esta entrevista está sendo transmitida para o mundo inteiro. A senhora sabe disso, não sabe? — Ryan fez uma pausa para tomar fôlego. — Senhoras e senhores, gostaria de lembrar que quase todos que estão nesta sala são cidadãos americanos. Falando agora em meu nome — prosseguiu, sem ter coragem de olhar na direção de Durling —, vocês percebem que o presidente é responsável pelas mães, pelos pais, pelos filhos, pelas esposas deste país que vestem um uniforme para defendê-lo? No momento, muitos deles se encontram em perigo. Seria bom que vocês da imprensa não se esquecessem disso.

— Minha nossa! — murmurou Tish Brown ao ouvido de Durling. — Presidente, acho que devíamos...

— Não. Deixe-o falar.

Houve um silêncio momentâneo. Depois, alguém gritou alguma coisa para a repórter, que ainda estava de pé, e ela se sentou, visivelmente envergonhada.

— Dr. Ryan, Bob Holtzman do Washington Post — disse outro repórter, desnecessariamente. — Quais são as chances de que este conflito seja encerrado sem mais violência?

— Isso só depende do governo japonês. Como disse o presidente, os habitantes das Marianas são cidadãos americanos e nosso país tem obrigação de defendê-los. Se o Japão retirar suas forças, poderá fazê-lo em paz. Caso contrário, continuaremos nossas operações.

— Obrigado, Dr. Ryan – disse Holtzman.

Jack se dirigiu apressadamente para a porta, ignorando novas perguntas.

— Bom trabalho — observou Durling. — Por que não vai para casa dormir um pouco?

— E o que é isto? — perguntou o fiscal da alfândega.

— Meu equipamento fotográfico — respondeu Chekov.

Abriu espontaneamente a maleta. Fazia calor no terminal; o sol dos trópicos que entrava pelas janelas panorâmicas estava levando vantagem sobre o ar condicionado. Tinha sido muito fácil cumprir as novas ordens. Os japoneses queriam jornalistas nas ilhas, tanto para cobrir a campanha eleitoral como para assegurar, com sua simples presença, que os americanos pensariam duas vezes antes de tentar uma invasão. O fiscal olhou para as câmaras e pareceu satisfeito ao constatar que eram todas japonesas.

— E isto aqui?

— Meu equipamento de iluminação é russo — explicou Ding, falando inglês com sotaque. — Fabricamos lâmpadas muito boas. Talvez um dia seu país se interesse em importá-las — acrescentou, com um sorriso.

— Pode ser — disse o fiscal, fechando a maleta e marcando-a com giz.

— Onde vão ficar?

— Não tivemos tempo de fazer reserva — explicou "Klerk". — Ainda vamos procurar um hotel.

— Não sabem o que os espera, pensou o fiscal. Estava todo mundo indo para as ilhas; tinha certeza de que os hotéis de Saipan estavam lotados. Mas isso não era problema seu.

— Podemos alugar um carro no aeroporto?

— Podem. É ali — disse o homem, apontando. O russo mais velho parecia nervoso, pensou.

— Está atrasado.

— Desculpe — disse Oreza. — Não tenho nada de novo para contar, talvez os caças estejam um pouco mais ativos, mas isso não...

— Vocês vão receber duas visitas — informou Jackson.

— Quem são? — Dois repórteres. Querem entrevistá-los — respondeu o almirante, que não podia ter certeza de que Oreza não estava nas mãos dos japoneses.

— Quando? — Devem chegar aí hoje mesmo. Está tudo bem com você, sargento? Primeiro-sargento, seu presunçoso, pensou Portuga.

— Tudo bem. Vimos parte do discurso do presidente e ficamos um pouco preocupados porque existe uma bateria de mísseis aqui perto e...

— Vão ser avisados com antecedência. Sua casa tem porão? — perguntou a voz.

— Não.

— Está bem. Fique calmo, certo? — Sim, senhor. Até logo.

— Sua casa tem porão?

— Não.

— Está bem. Fique calmo.

— Se está bem, por que você perguntou? Oreza tirou o telefone do aparelho, removeu as pilhas e foi até a janela. Dois Eagle estavam decolando. Parecia uma coisa tão mecânica... Algo estava acontecendo, mas não sabia o quê. Talvez os pilotos também não soubessem; só de olhar para as aeronaves era impossível adivinhar o que estavam pensando.

Shiro Sato fez uma curva para a direita com seu F-15J para sair das rotas comerciais. Se os americanos atacassem, fariam como no ataque ao Japão, partindo de ilhas distantes e reabastecendo os aviões em pleno ar. Wake era uma possibilidade, mas havia outras ilhas estrategicamente posicionadas para aquele tipo de operação. Teria de enfrentar aeronaves parecidas com a sua, equipadas com radar. Seria uma luta equilibrada, a não ser que os filhos da puta usassem aviões invisíveis. Malditos aviões invisíveis. Contra eles, nem os Kami eram suficientes. Mas os americanos tinham poucas aeronaves daquele tipo, e se voassem à luz do dia, se arriscariam a perdê-las. Pelo menos, não seriam apanhados novamente de surpresa. Tinham um grande radar de defesa aérea no ponto culminante de Saipan, e podiam contar com o apoio dos caças estacionados em Guam. Não, não seria fácil derrotá-los, pensou, subindo para a altitude de patrulha.

— Então, qual é o problema? — perguntou Chavez, olhando para o mapa.

— Se eu lhe contasse, você não acreditaria.

— Acho que devemos pegar a próxima à esquerda. — Chavez levantou os olhos do mapa. Havia soldados por toda parte e estavam cavando trincheiras, algo que já deviam ter feito havia muito tempo, pensou. — Aquilo ali é uma bateria de Patriot? — E o que parece.

O que vou dizer a ele?, perguntou-se Clark, entrando na rua sem saída. Sabia de cor o número da casa. Estacionou o carro, saltou e dirigiu-se para a porta da frente.

Quando a campainha tocou, Oreza estava no banheiro, tomando banho, enquanto Burroughs se encarregava de contar as aeronaves que pousavam e decolavam de Kobler.

— O que deseja? — Você não sabe? — perguntou Clark, olhando em volta. Quem seria aquele sujeito... — São repórteres, certo? — Isso mesmo.

— Está bem.

Burroughs abriu a porta e olhou para a rua, com ar desconfiado.

— Quem é você? Pensei que aqui fosse a casa de...

— Não pode ser! Você está morto! — Oreza estava de pé no corredor, usando apenas uma bermuda caqui, os cabelos do peito formando um emaranhado tão espesso quanto a única floresta que restava na ilha. Os cabelos pareciam ainda mais pretos pelo contraste com a palidez que tomara conta do corpo. — Você está morto! — repetiu.

— Olá, Portuga — disse Klerk/Clark/Kelly. — Há muito tempo que não nos vemos.

— Eu vi você morrer. Fui ao seu enterro! — Ei, conheço você! — exclamou Chavez. — Estava no barco onde nosso helicóptero pousou. Trabalha para a CIA? Oreza estava atônito. Não se lembrava do mais jovem, mas o mais velho parecia... não podia ser... mas era. Impossível. Mas era.

— John? — perguntou, incrédulo.

Foi demais para o homem que fora conhecido como John Kelly. Pousou a mala no chão e correu para abraçar o amigo, surpreso com as lágrimas que lhe vieram aos olhos.

— Sim, Portuga, sou eu. Como vai? — Mas como...

— No meu enterro não usaram a frase "na certeza de que o mar devolverá seus mortos"? Pois foi o que ele fez — concluiu, rindo.

Oreza fechou os olhos e tentou se lembrar do que acontecera fazia vinte anos.

— Foram aqueles dois almirantes, certo? — Acertou em cheio.

— O que você tem...

— Estou na CIA, cara. Eles acharam que precisavam de um...

— Eu me lembro muito bem dessa parte.

John não mudara muito. Parecia mais velho, mas com o mesmo cabelo e os mesmos olhos, tão abertos e francos como sempre, pensou Portuga, mas por baixo havia uma sugestão de algo mais, como uma fera enjaulada, mas um animal que tivesse a chave da jaula.

— Ouvi dizer que você está indo bem para um marujo reformado.

— Primeiro-sargento. — O homem sacudiu a cabeça. O passado podia esperar. — O que está acontecendo? — Passamos algumas horas sem notícias. Alguma novidade? — O presidente falou na televisão. A transmissão foi interrompida no meio, mas...

— Eles realmente tinham armas nucleares? — perguntou Burroughs.

— "Tinham?" — perguntou Ding.

— Conseguimos destruí-las?

— Foi o que o presidente disse. Quem é você, afinal? — quis saber Oreza.

— Domingo Chavez — respondeu o rapaz, estendendo a mão. — Estou vendo que você e Clark se conhecem.

— Meu sobrenome agora é Clark — explicou John.

Como era bom falar com alguém que conhecia seu verdadeiro nome, pensou.

— Ele sabe? John sacudiu a cabeça.

— Pouca gente sabe. Quase todos que sabiam estão mortos, entre eles, o almirante Maxwell e o almirante Greer. Uma pena. Foram eles que me salvaram.

Oreza voltou-se para o rapaz.

— É uma grande história, meu amigo. Ainda bebe cerveja, John?

— Especialmente quando é de graça — confirmou Chavez.

— Não compreende? Está tudo acabado!

— Quem mais eles pegaram? — perguntou Yamata.

— Matsuda, Itagake... os patrocinadores de todos os ministros, exceto você e eu — afirmou Murakami, omitindo o fato de que escapara por pouco.

— Raizo, está na hora de acabarmos com isto. Ligue para Goto e diga a ele que proponha a paz.

— De jeito nenhum! — exclamou Yamata.

— Não entende? Nossos mísseis foram destruídos e...

— Isso não quer dizer muita coisa. Podemos fabricar mais ogivas nucleares e ainda temos alguns mísseis em Yoshinobu.

— Sabe o que os americanos farão se insistirmos em ameaçá-los?

— Eles não teriam coragem!

— Você disse que o sistema financeiro dos Estados Unidos não iria se recuperar tão cedo. Disse que nossas defesas aéreas eram imbatíveis. Disse que nossos mísseis nucleares estavam bem protegidos — Murakami parou para tomar fôlego. — Você disse isso tudo... e estava errado. Agora chegou a minha vez de falar. Diga a Goto que proponha a paz!

— Eles jamais conseguirão tomar as ilhas de volta. Jamais!

— Diga o que quiser, Raizo. De minha parte, está acabado.

— Se é assim, procure um bom lugar para se esconder! — Yamata teria batido com o telefone, mas estava usando um celular. — Assassinos — murmurou. Passara a maior parte da manhã colhendo informações. Os americanos haviam eliminado seus amigos zaibatsu. Como? Ninguém sabia. Haviam penetrado nas defesas que os militares consideravam inexpugnáveis e destruído os mísseis intercontinentais.

— Como? — perguntou.

— Parece que subestimamos a qualidade das forças armadas americanas — respondeu o general Arima, dando de ombros. — Isso não é o fim. Ainda nos restam algumas opções.

— Ah, é? Parece que nem todo mundo se considera derrotado...

— Eles não podem invadir as ilhas, porque não dispõem de um número suficiente de embarcações anfíbias. Mesmo que conseguissem desembarcar uma força de invasão... teriam coragem de lutar no meio de seus próprios cidadãos? Claro que não. — O general Arima sacudiu a cabeça. — Não correriam esse risco. O que desejam é uma paz negociada. Ainda temos uma chance.... se não de um sucesso total, pelo menos de chegarmos a um acordo que nos permita ficar com as ilhas.

Yamata recebeu bem as palavras do general, olhando pela janela para a ilha que queria que fosse sua. Ainda podia ganhar as eleições, pensou. Para isso, bastava atacar a vontade política dos americanos, o que não seria muito difícil.

O comandante Sato estava surpreso com o grande número de passageiros na viagem do 747 de volta para Narita. Trinta minutos depois da decolagem, uma aeromoça contou-lhe pelo intercomunicador que dos onze passageiros com quem conversara, nove haviam dito que tinham negócios urgentes para tratar no Japão. Que negócios urgentes podem ser esses?, pensou. O comércio internacional do país estava reduzido a apenas alguns navios viajando entre o Japão e a China.

— A coisa não vai bem — comentou o copiloto, depois de uma hora de voo. — Olhe lá embaixo.

Era fácil ver navios de uma altitude de dez mil metros, e ultimamente Sato passara a viajar com binóculo para poder identificá-los. Apontou-os para o local indicado e viu as formas características dos contratorpedeiros Aegis, ainda rumando para o norte. Obedecendo a um impulso, mudou a frequência do rádio.

— Voo da JAL chamando Mutsu. Câmbio.

— Quem está falando? — respondeu imediatamente uma voz. — Saia desta frequência!

— Aqui fala o comandante Torajiro Sato. Quero falar com o comandante da frota! — disse, com voz autoritária.

A ordem levou apenas um minuto para ser atendida.

— Irmão, você não devia ter feito isso — repreendeu-o Yusuo.

O silêncio no rádio era não só uma formalidade mas também uma necessidade estratégica. Ele sabia que os americanos dispunham de satélites de reconhecimento; além disso, os radares SPY do seu grupo estavam funcionando. Se houvesse aeronaves americanas por perto, saberiam onde estavam os navios. Era um fato que na semana anterior não o teria incomodado, mas agora não

estava tão certo.

— Só queria dizer que confio em você e nos seus homens. Pode nos usar como alvo de prática para o radar — acrescentou.

No CIC do Mutsu, os controladores do sistema de armas já estavam fazendo isso, mas o almirante achou melhor não contar a Sato.

— Obrigado. Foi bom falar com você. Agora, se me desculpa, tenho muito trabalho para fazer.

— Entendido, Yusuo. Desligo. — Sato tirou o dedo do botão do rádio. — Está vendo? — disse ao copiloto. — Eles estão fazendo o trabalho deles e temos de fazer o nosso.

O copiloto não estava tão certo, mas Sato era o comandante do 747 e ele preferiu ficar calado. Como a maioria dos japoneses, estava acostumado a pensar na guerra como algo a ser evitado a todo custo. A novidade de um conflito com os Estados Unidos... bem, no princípio até que a ideia de ensinar uma lição aos gaijin lhe parecera interessante, mas logo percebera que aquilo não passava de uma fantasia. Pouco depois, sofrerá um duplo choque: a notícia de que o Japão construíra armas nucleares (o que lhe parecia uma loucura), imediatamente seguida pela declaração americana de que essas armas tinham sido destruídas. Afinal, o avião que estavam pilotando era uma aeronave americana, um Boeing 747-400PIP, com cinco anos de idade, mas representando o que havia de mais moderno sob todos os aspectos, robusto e confiável. Os Estados Unidos eram os líderes mundiais em engenharia aeronáutica; se podiam construir um avião comercial tão bom quanto aquele, como seriam suas aeronaves militares mais avançadas? Os aviões da Força Aérea do Japão eram todos cópias de projetos americanos, a não ser pelos 767 de guerra eletrônica de que tanto ouvira falar, primeiro para dizer que eram invencíveis e mais recentemente para noticiarem que, infelizmente, tinham sido quase todos destruídos. Aquela loucura tinha que parar. Será que não entendiam isso? Alguns, pelo menos, deviam entender. Se não fosse assim, por que aquele avião estaria cheio de pessoas que haviam preferido não ficar em Saipan, apesar do entusiasmo inicial? Entretanto, o comandante parecia pensar de forma diferente, pensou o copiloto. Torajiro Sato estava ali sentado a seu lado, olhando fixamente para a frente, como se tudo estivesse normal, quando na realidade não estava.

Tudo que tinha a fazer era olhar para baixo, para aqueles contratorpedeiros iluminados pelo sol da tarde. O que estavam fazendo? Protegendo a costa do Japão de um possível ataque inimigo. Isso era normal? — Aqui é o operador de sonar.

— Pode falar.

Claggett assumira o leme no turno da tarde. Queria que a tripulação o visse

trabalhando e, além disso, era bom para não perder a prática.

— Possíveis múltiplos contatos ao sul — informou o operador de sonar.

— Marcação um-sete-um. Parecem navios em alta velocidade.

Deviam ser eles, pensou o comandante, dirigindo-se para a sala do sonar. Sua intenção era ordenar que plotassem o curso, mas quando chegou lá, constatou que dois contramestres haviam iniciado a tarefa, e o analisador de raios já começava a imprimir os primeiros resultados. A tripulação agora estava bem treinada e as coisas aconteciam automaticamente. Melhor do que isso: além de agir, eles também sabiam pensar.

— Anda estão muito distantes, mas olhe para isto, comandante — disse o operador. Era claramente um contato real. Os sinais apareciam em quatro frequências diferentes. O operador prestou atenção no ruído dos fones. — Parece que há mais de um hélice; estou ouvindo muita turbulência e cavitação... sim, são vários navios, viajando em grupo.

— E nosso outro amigo? — perguntou Claggett.

— O submarino? Os sinais desapareceram. Deve estar viajando com a força das baterias, a cinco nós ou menos.

O submarino tinha sido detectado pela última vez a mais de trinta quilômetros de distância.

— Comandante, a distância inicial dos novos contatos é de cem quilômetros — informou outro técnico.

— A marcação é constante — observou o operador de sonar. — Devem estar vindo exatamente na nossa direção. Quais são as condições na superfície, comandante?

— Ondas de dois a três metros — respondeu Claggett. Cem quilômetros. Mais de cinquenta milhas náuticas. Os navios iriam passar bem por cima dela, mas tinha ordens para não atirar. Droga. Voltou para o leme.

— Leme dez graus à direita, novo curso dois-sete-zero.

O Tennessee mudou um pouco de curso para que os operadores de sonar pudessem rastrear melhor os contratorpedeiros que se aproximavam.

Em um ambiente mais teatral, na frente de câmaras, o clima talvez fosse outro; do jeito que as coisas eram, todos se sentiam apenas deprimidos e enregelados. Embora aqueles homens fossem soldados de elite, seria mais fácil combater o inimigo do que o desconforto. Os comandos, todos usando camuflagem branca, procuravam movimentar-se o mínimo possível, mas a falta de atividade física os deixava ainda mais vulneráveis ao frio e à monotonia, o pior inimigo dos soldados. Entretanto, isso era bom, pensou o capitão Checa. Para um único pelotão a mais de seis mil quilômetros de distância da base americana mais próxima (e essa base era a de Fort Wainwright, no Alasca), era

muito mais seguro sentir um tédio profundo do que ser estimulados por um combate no qual não podiam esperar qualquer tipo de apoio. Checa tinha de enfrentar um problema muito comum para os oficiais: estava sujeito ao mesmo desconforto e às mesmas dúvidas que os seus homens, mas não tinha direito de reclamar. Não havia outros oficiais a quem se queixar, e lamentar-se na frente dos seus comandados não seria bom para o moral, embora provavelmente eles fossem os primeiros a lhe dar razão.

— Vai ser ótimo quando estivermos de volta a Fort Stewart, capitão — comentou o primeiro-sargento Vega. — Já estou me vendo passando filtro solar no corpo e indo para a praia...

— Não vai sentir uma falta danada de toda essa neve, Oso? — É claro, capitão, mas já tive minha cota de merda quando passei a infância em Chicago.

Olhou em volta. Os comandos eram muito disciplinados; seria preciso chegar muito perto para conseguir enxergar os sentinelas.

— Está pronto para a missão desta noite? — Contanto que nosso amigo esteja à espera do outro lado daquela colina...

— Ele vai estar, tenho certeza — mentiu Checa.

— Nesse caso, estou pronto, capitão. — Se um podia fazer aquilo, por que não dois? pensou Vega. — Até agora tudo correu bem? Os pilotos estavam dormindo em buracos forrados com galhos de pinheiro e cobertos com mais galhos para protegê-los contra o frio. Além de vigiar os pilotos, os comandos tinham que cuidar do seu bem-estar, como se fossem crianças, uma missão estranha para soldados de elite, mas eram eles que em geral recebiam as missões mais estranhas.

— E que eles dizem. — Checa consultou o relógio. — Vamos acordá-los daqui a duas horas.

Vega fez que sim com a cabeça. Esperava que as pernas não estivessem duras demais para a caminhada.

O patrulhamento obedecia a um plano estabelecido com antecedência. A cada um dos quatro submarinos correspondia um setor de sessenta quilômetros e cada setor era dividido em três segmentos de vinte quilômetros. Os submarinos deslocavam-se apenas no segmento central, deixando vazios os segmentos ao norte e ao sul, que podiam atingir facilmente com suas armas. Os movimentos de cada submarino ficavam a critério dos respectivos comandantes. No momento, o Pennsylvania viajava para o norte a apenas cinco nós, como costumava fazer nas missões de patrulha do tempo da Guerra Fria, quando estava equipado com mísseis Trident. O submarino era tão silencioso que poderia correr o risco de ser abalroado por uma baleia se estivesse na época das baleias naquela parte do Pacífico, o que não era o caso. Atrás dele, na extremidade de um cabo comprido,

viajavam os hidrofones do sistema de sonar. De duas em duas horas, o submarino invertia o sentido do movimento; eram necessários apenas dez minutos para que o cabo ficasse totalmente esticado e o sonar voltasse a funcionar com a eficiência máxima.

O Pennsylvania se encontrava a duzentos metros, a profundidade ideal para o sonar, dadas as condições da água naquele dia. Estava anoitecendo lá em cima quando o primeiro sinal apareceu nas telas de sonar. Começou como uma série de pontos amarelos no monitor, que desciam bem devagar, deslocando-se para o sul, mas bem devagar. Provavelmente, pensou o chefe dos operadores, o alvo estivera usando as baterias durante as últimas horas; caso contrário, teria captado os sinais mais fortes dos motores diesel usados para carregá-las. Ali estava, porém, o contato, na linha de 60Hz, conforme esperava. Enviou os dados sobre o alvo aos encarregados do controle de tiro.

Era interessante, pensou o operador de sonar. Passara a vida inteira em submarinos lança-mísseis, rastreando alvos que sua embarcação manobrava para evitar, embora a frota de orgulhasse de dispor dos melhores torpedeiros da esquadra. O Pennsylvania levava apenas quinze armas a bordo; os torpedos ADCAP estavam em falta, e tinham decidido que nas circunstâncias seria inútil transportar armas menos sofisticadas. Também dispunham de três unidades parecidas com torpedos, que eram chamadas de LEMOSS, a abreviação de Long-Endurance Mobile Submarine Simulator (Simulador Móvel de Submarino de Longo Alcance). O comandante, outro veterano dos submarinos, explicara os planos de ataque à tripulação e todos haviam aprovado. Na verdade, a situação em que se encontravam era extremamente favorável. Os japoneses tinham que passar por ali. Era praticamente impossível que conseguissem transpor a Linha de Combate, como o comandante se acostumara a chamá-la, sem ser detectados.

— Atenção — disse o comandante, pelo sistema de alto-falantes. O volume estava quase no mínimo, de modo que os tripulantes tiveram que fazer força para entender. — Temos um contato provável em nosso setor. Vamos executar um ataque da forma planejada. Postos de combate — concluiu, no tom de alguém que estivesse pedindo um desjejum no Howard Johnson's.

Seguiram-se sons tão fracos que apenas um operador de sonar experiente poderia ouvi-los, e isso porque estava muito perto do centro de ataque. Tinha havido uma troca, de forma que apenas os homens mais experientes (e uma mulher) guarneciam os painéis de armas. Os tripulantes mais modernos espalharam-se pelo submarino em grupos de controle de avarias. Vozes anunciaram pelo intercomunicador ao centro de ataque que estavam todos a postos; em seguida, o submarino ficou tão silencioso quanto um cemitério à meia-noite.

— O contato continua firme — sussurrou o operador de sonar. — A marcação está mudando para oeste; no momento é zero-sete-cinco. Estou pegando o ruído dos hélices, muito fraco. A velocidade estimada é de dez nós.

Isso mostrava que era realmente um submarino. Não que houvesse alguma dúvida. O submarino movido a diesel também tinha seu sonar, que tentava usar da melhor forma possível, acelerando por algum tempo e depois reduzindo a velocidade para reduzir o nível de ruído e poder detectar sinais mais fracos.

— Os tubos um, três e quatro estão carregados com torpedos ADCAP anunciou um técnico em armas. O tubo dois está com um LEMOSS.

— Preparar para lançar — disse o comandante.

— A distância estimada para o alvo é de vinte e dois mil metros — disse o chefe do grupo de rastreamento.

O operador de sonar viu um sinal novo na tela e ajeitou melhor os fones.

— Transitório, transitório, parece um eco do Sierra-Dez. O alvo está mudando de profundidade.

— Aposto que está subindo — observou o comandante. — Vamos lançar o LEMOSS. Ajuste o curso para zero-zero-zero. Mantenha silêncio durante os primeiros dez mil metros e depois suba para o nível normal de transmissão.

— Sim, senhor.

O técnico apertou as teclas do painel de programação; o oficial de armas verificou as instruções e atestou que estavam corretas.

— Tubo dois preparado.

— O contato Sierra-Dez está ficando mais fraco, comandante. Provavelmente chegou à camada térmica.

— O sinal que vem do alvo é direto — afirmou o técnico de rastreamento.

— Tubo dois preparado — repetiu o oficial de armas.

— Disparar tubo dois — ordenou o comandante. — Carregar outro LEMOSS.

O LEMOSS foi ejetado, fazendo o Pennsylvania estremecer. O sonar pegou-o de imediato. Tinha sido lançado para a esquerda, mas logo mudou de curso, dirigindo-se para o norte a apenas dez nós. Construído a partir de uma velha carcaça de torpedo Mark 48, o LEMOSS era basicamente um tanque de combustível com um pequeno sistema de propulsão e um grande transdutor sônico que fazia o mesmo ruído que os motores de um submarino nuclear. Na verdade, fazia mais barulho que os submarinos da classe Ohio, mas ninguém parecia notar esse fato. Os submarinos de ataque sempre iam atrás dele, até mesmo os americanos, que deviam saber a diferença. O novo modelo podia se manter em movimento por mais de quinze horas, e era lamentável que tivesse sido desenvolvido apenas alguns meses antes de o último submarino nuclear ser

retirado de serviço.

Agora era preciso ter paciência. O submarino japonês diminuiu ainda mais a velocidade, provavelmente fazendo uma última verificação com o sonar antes de se dirigir para oeste com potência máxima. O operador de sonar continuou a rastrear o LEMOSS. O sinal estava quase desaparecendo quando o sistema de som foi ativado, a oito quilômetros de distância. Três quilômetros adiante, atravessou a camada que separava a água quente da água fria e o jogo começou para valer.

— O Sierra-Dez acaba de mudar de velocidade. A rotação dos hélices diminuiu, comandante — anunciou o operador de sonar.

— Devem ter um bom sonar — disse o comandante, que estava bem atrás do operador. O Pennsylvania subira um pouco, colocando os hidrofones acima da camada térmica para enxergar melhor o alvo, enquanto o submarino continuava abaixo da camada. Voltou-se para o oficial de armas. — Armas? — Os tubos um, três e quatro estão preparados. Temos soluções para todos eles.

— Ajuste os quatro para o curso inicial zero-dois-zero.

— Curso ajustado, comandante.

— Disparar tubo quatro — ordenou o comandante da porta da sala do sonar, acrescentando: — Carregar outro ADCAP.

O Pennsylvania estremeceu de novo quando a versão mais recente do venerável torpedo Mark 48 foi lançada e se dirigiu para noroeste, controlada pelo fio que saía de sua cauda.

Era como em um exercício, pensou o operador de sonar, só que mais fácil.

— Mais algum contato? — perguntou o comandante.

— Não, senhor.

O operador de sonar apontou para as telas. Só havia estática, e um monitor auxiliar fazia testes completos a cada dez minutos para assegurar que todos os sistemas estavam funcionando como deviam. Era curioso: depois de quase quarenta anos de operações com submarinos lança-mísseis e quase cinquenta anos de operações com submarinos nucleares, o responsável pela primeira vitória americana contra um submarino inimigo desde a Segunda Guerra Mundial seria um modelo praticamente ultrapassado.

Viajando muito mais depressa que os dois submarinos, o torpedo ADCAP atravessou a camada térmica a poucos quilômetros do alvo. Imediatamente, começou a usar seu próprio sonar ultrassônico, enviando os sinais para o Pennsylvania através do cabo.

— Contato firme, distância três mil metros. Todos os sistemas funcionando — disse o operador de sonar.

A ajudante do oficial de armas concordou com a cabeça, olhando para o seu

monitor.

— Vá para o inferno — murmurou o oficial de armas, observando os dois pontos se aproximarem no monitor.

De repente, o Sierra-Dez aumentou a velocidade e mergulhou abaixo da camada térmica. Entretanto, as baterias não deviam estar totalmente carregadas, e ele não conseguiu fazer mais do que quinze nós, enquanto o ADCAP viajava a mais de sessenta. A caçada durou apenas três minutos e meio e terminou com um clarão na tela e um barulho ensurdecedor nos fones de ouvido. Pouco depois, ouviram o ruído do aço sendo esmagado pela pressão da água.

— Alvo destruído, comandante. Alvo destruído.

Dois minutos depois, um sinal de baixa frequência ao norte mostrou que o West Virginia também fora bem-sucedido.

— Christopher Cook? — perguntou Murray.

— Ele mesmo.

Era mesmo uma linda casa, pensou o vice-diretor assistente, enquanto mostrava sua identificação.

— FBI. Preciso conversar com o senhor a respeito de seu relacionamento com Seiji Nagumo. Poderia me acompanhar? O sol ainda estava alto no céu quando os Lancer foram para a pista. Aborrecidos com a perda recente de um dos aparelhos, os tripulantes estavam participando da missão de má vontade, mas ninguém se dera ao trabalho de perguntar o que pensavam. Com os compartimentos de bombas tomados por tanques de combustível, os aviões levantaram voo, um por um, e subiram até seis mil metros, onde iniciaram a longa viagem para nordeste.

Era mais uma maldita demonstração, pensou Dubro, e imaginou o que alguém como Robby Jackson teria pensado, mas ele também tinha suas ordens e os dois porta-aviões se voltaram contra o vento, a oitenta quilômetros de distância um do outro, para lançar quarenta aviões cada um. Embora todos estivessem armados, tinham ordem para não atirar, a menos que sofressem algum tipo de provocação.

46
DESTACAMENTO

— Estamos quase vazios — afirmou o copiloto, em tom impessoal, depois de examinar a lista de passageiros como parte dos preparativos para a

decolagem.

— O que há com essa gente? — rosnou o comandante Sato, examinando o plano de voo e verificando as condições do tempo.

O tempo estava bom ao longo de todo o percurso, com uma zona de alta pressão tomando conta do Pacífico ocidental. A não ser por algumas rajadas de vento perto do arquipélago do Japão, os trinta e quatro passageiros a bordo teriam uma viagem muito tranquila até Saipan. Trinta e quatro!, pensou, revoltado. Em um avião capaz de transportar mais de trezentos!

— Comandante, teremos de sair daquelas ilhas em breve. O senhor sabe disso — disse o copiloto.

Para ele, estava tudo muito claro. As pessoas, os homens e mulheres comuns, não estavam mais confusos e sim amedrontados... talvez essa não fosse a palavra certa. Jamais vira algo parecido. Eles se sentiam... traídos? Os jornais estavam começando a questionar a política seguida pelo governo, e embora as críticas não fossem ainda contundentes, eram suficientes para mostrar que tudo não passara de uma ilusão. O Japão não estava mais preparado para a guerra no plano psicológico do que no plano material, e as pessoas de repente começavam a descobrir o que acontecera. Os rumores do assassinato (o que mais poderia ser?) de alguns zaibatsu importantes provocaram um rebuliço no governo. O primeiro-ministro Goto estava evitando aparecer em público para não ter de encarar perguntas que não podia responder. Entretanto, apesar de tudo, o comandante não perdera a fé, pensou o copiloto.

— Não, não vamos sair! Como pode dizer isso? Aquelas ilhas são nossas!

— O tempo dirá — comentou o copiloto, dando a conversa por encerrada.

Tinha muito que fazer: verificar novamente o combustível, a direção do vento e outros dados técnicos. Todas as coisas, em suma, que faziam com que operar um avião comercial moderno fosse muito mais complicado do que simplesmente entrar na cabina e decolar, como os passageiros pareciam julgar que faziam.

— Dormiu bem?

— Muito bem, capitão. Sonhei com um dia quente e uma mulher quente.

Richter levantou-se e os primeiros movimentos desmentiram suas palavras. Estou muito velho para essa merda, pensou o suboficial. Estava naquela missão quase por acaso. Ninguém tinha mais experiência com o Comanche do que ele e os colegas, e alguém achara que eram suficientemente inteligentes para fazer aquele trabalho sem nenhum coronel por perto para atrapalhar. Agora estava na hora de mostrar que tinham razão. Olhou para cima e viu que o céu estava claro. Podia ser melhor. Para aquele tipo de missão, preferia que houvesse algumas nuvens.

— Os tanques estão cheios.

— Um café viria bem — pensou em voz alta.

— Aqui está, Sr. Richter. — Era Vega, o primeiro-sargento. — Café gelado, como servem nos melhores hotéis da Flórida.

— Oh, muito obrigado, cara — disse Richter, pegando a caneca de metal com uma risada. — Alguma novidade? As coisas não iam bem, pensou Claggett. A linha dos Aegis se desfizera e agora um dos malditos contratorpedeiros estava a quase vinte quilômetros de distância. Pior ainda: tinham lançado um helicóptero não fazia muito tempo, de acordo com as informações da antena, que arriscara lançar, embora estivesse nas proximidades do melhor radar do mundo. Entretanto, três helicópteros do Exército dependiam dele, e pronto. Ninguém dissera que seria fácil entrar na briga.

— E nosso outro amigo? — perguntou ao operador de sonar. O homem sacudiu a cabeça.

— Saiu de novo da tela.

O vento na superfície era de trinta nós, o suficiente para interferir com o sonar. Estava ficando difícil até mesmo rastrear o contratorpedeiro, agora que reduzira a velocidade para quinze nós. O submarino ao norte desaparecera novamente. Talvez tivesse ido embora, mas não podia se fiar nisso. Claggett consultou o relógio. Tinha menos de uma hora para decidir o que fazer.

Estariam entrando na briga quase às cegas, mas isso era uma necessidade desagradável. Normalmente, teriam colhido informações com uma aeronave de observação; o mais importante no caso, porém, era o elemento surpresa. O porta-aviões e sua escolta tinham evitado as rotas aéreas comerciais, procurado se esconder debaixo das nuvens e, de modo geral, se esforçado ao máximo para não ser detectados durante o percurso. Jackson estava convencido de que tinham sido bem-sucedidos. Entretanto, para manter o segredo, teriam de se basear apenas nas informações a respeito das ilhas fornecidas pelos submarinos, que se limitaram a confirmar que o inimigo tinha várias aeronaves E-2C em operação, além de um monstruoso radar de defesa aérea. Seria uma grande batalha aérea. Bem, era para isso que tinham se preparado nas últimas duas semanas.

— Preciso de uma informação — disse o almirante a Oreza. — Kobler está sendo usado exclusivamente por aviões militares?

— Afirmativo, almirante. Depois dos primeiros dois dias, não vi mais nenhum avião comercial pousar aqui. — Teve vontade de perguntar para que o almirante queria saber, mas achou que seria perda de tempo. Bem, talvez uma pergunta indireta: — Quer que fique acordado esta noite?

— Como preferir, sargento. Agora posso falar com seus hóspedes?

— John? Telefone para você — anunciou Portuga, antes de se dar conta da

normalidade quase idiota do que acabara de dizer.

— Clark — disse John, ao atender. — Sim, senhor... está certo, almirante. Mais alguma coisa? Não? Até logo. — Apertou o botão de desligar. — Quem teve a ideia de instalar esse telefone?

— Fui eu — afirmou Burroughs, levantando os olhos da mesa de jogo. — Funciona, não é?

— Claro que funciona — concordou John, sentando-se novamente e jogando uma moeda de vinte e cinco centavos no meio da mesa. — Pago.

— Trinca de damas — anunciou o engenheiro.

— Você tem muita sorte — disse Clark, jogando fora suas cartas.

— Sorte uma ova! Esses filhos da puta estragaram minha viagem!

— John, quer que eu faça um pouco de café para esta noite?

— O café que ele faz é uma delícia — afirmou Burroughs, recolhendo o dinheiro. Ele estava ganhando seis dólares.

— Portuga, faz tempo que não bebo o seu café. Claro, vá em frente. Ele é chamado de café de carvoeiro, Pete. Uma velha especialidade dos marujos — explicou Clark, apreciando o dia de descanso.

— John? — perguntou Ding.

— Mais tarde, garoto.

Pegou as cartas e começou a embaralhá-las como um profissional. Fosse o que fosse, podia esperar.

— Tem certeza de que o combustível é suficiente? — perguntou Checa.

Entre os suprimentos havia tanques de combustível auxiliares, mas Richter sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe. São apenas duas horas até o ponto de reabastecimento.

— Onde fica? A mensagem do satélite de comunicações dizia apenas DIRIGIR-SE AO PONTO PRIMÁRIO.

— A duas horas de distância — respondeu o suboficial. — Segurança, capitão, segurança.

— Estamos ajudando a escrever a história, sabia? — Espero sobreviver para poder contar o que fizemos. — Richter fechou o traje de voo, ajeitou o cachecol e subiu a bordo. — Até a vista! Os comandos reuniram-se para vê-los partir. Sabiam que os extintores eram inúteis, mas alguém insistira para que os levassem. Um por um, os helicópteros decolaram, os vultos verdes desaparecendo rapidamente na escuridão. Logo depois, os comandos começaram a jogar o equipamento que sobrara nos buracos que haviam cavado durante o dia. O trabalho levou uma hora. Só restava caminhar até Hirose. Checa pegou o telefone celular e digitou um número que sabia de cor.

— Alô — disse uma voz, em inglês.

— Vejo você pela manhã — afirmou Checa, em espanhol.

— Estarei lá, señor.

— Montoya, vá na frente — ordenou o capitão. Iriam por dentro da floresta até onde fosse possível. Os comandos seguraram com força as armas, que até aquele momento não tinham sido usadas, e torceram para que continuassem assim.

— Recomendo dois torpedos — disse o tenente Shaw. — Vamos lançá-los fazendo um ângulo de dez graus, mudar o curso abaixo da camada térmica e acertá-lo ao mesmo tempo na proa e na popa.

— Gostei da ideia. — Claggett aproximou-se do mapa para um último exame da situação tática. — Pode executá-la.

— O que vamos fazer? — perguntou um dos sargentos do Exército, na entrada no centro de ataque. O problema com aqueles malditos submarinos era que não se tinha nada para fazer.

— Antes de reabastecermos aqueles helicópteros de vocês, precisamos nos livrar do contratorpedeiro — explicou um suboficial.

— Isso é difícil? — Acho que todos preferíamos que não fosse necessário. Vamos ter de revelar nossa posição.

— Está preocupado? — Não — mentiu o homem.

Nesse momento, os dois ouviram a voz do comandante.

— Sr. Shaw, pode anunciar postos de combate para lançamento de torpedo.

Os Tomcat decolaram primeiro, um a cada trinta segundos, até que doze estavam no ar. Depois foi a vez de quatro aeronaves de guerra eletrônica EA-6B, lideradas pela comandante Roberta Peach. Os quatro aparelhos dividiram-se em dois grupos de dois, que acompanhariam as duas esquadrilhas de Tomcat O comandante Bud Sanchez era o líder da primeira divisão de quatro aeronaves; não confiaria a mais ninguém aquele ataque do seu grupo aéreo. Estavam a oitocentos quilômetros de distância, rumando para sudoeste. Sob vários aspectos, aquele ataque lembrava uma operação que executara no início de 1991, mas com algumas diferenças, como o menor número de pistas disponíveis para o inimigo e um tempo maior para estudar suas rotinas. Os japoneses eram muito regulares nas patrulhas. Aquilo era uma consequência natural da rigidez da vida militar e uma tentação muito perigosa. Deu uma olhada para trás, para as aeronaves que comandava, e procurou concentrar-se na missão.

— Um e três preparados.

— Sincronizar cursos programados e disparar — disse Claggett, calmamente.

O técnico de armas deslocou a alavanca para e esquerda e depois para a

direita, repetindo a operação para o segundo tubo.

— Um e três lançados, comandante.

— Um e três no curso — anunciou o operador de sonar, logo depois.

— Muito bem — disse Claggett Já ouvira aquelas palavras a bordo de um submarino nuclear. Naquela ocasião, o torpedo errara o alvo, e só por isso estava vivo. Não conhecia a posição do contratorpedeiro tão bem quanto gostaria, mas não tinha escolha. Os dois ADCAP viajariam devagar durante os primeiros dez quilômetros, abaixo da camada térmica, antes de passarem para a velocidade máxima, de setenta e um nós. Com um pouco de sorte, o alvo não conseguiria descobrir de onde tinham vindo os torpedos. — Recarregar um e três com torpedos ADCAP.

O tempo, como sempre, era crucial. Jackson deixou a ponte depois que os caças decolaram e foi para o centro de informações de combate, de onde poderia coordenar melhor a operação. Os personagens seguintes a entrar em cena eram os dois contratorpedeiros Spruance, agora cinquenta quilômetros ao sul do porta-aviões. Isso o deixava nervoso. Os Spruance eram seus melhores navios antissubmarino; embora o SubPac houvesse comunicado que os submarinos inimigos estavam se dirigindo para oeste, onde havia uma armadilha à sua espera, preocupava-se com a possibilidade de terem deixado para trás um submarino capaz de inutilizar o último porta-aviões da Esquadra do Pacífico. Eram muitas coisas para coordenar ao mesmo tempo, pensou, olhando para o ponteiro dos segundos do relógio da parede.

Precisamente às 11:45:00, hora local, os contratorpedeiros Cushing e Ingersoll ficaram de lado para o vento e começaram a lançar seus mísseis Tomahawk, comunicando o fato via satélite. Quarenta mísseis de cruzeiro subiram no ar, descartaram os foguetes auxiliares de combustível sólido e mergulharam de volta no oceano. Depois do lançamento, que levou seis minutos, os contratorpedeiros aumentaram a velocidade para se juntar ao grupo de combate, imaginando se o ataque com os mísseis surtiria algum efeito.

— Qual será aquele ali? — murmurou Sato.

Já tinham passado por dois contratorpedeiros Aegis, visíveis apenas pela esteira em forma de V.

— Por que não fala de novo com eles? — Meu irmão não vai gostar, mas eles devem estar se sentindo sozinhos lá embaixo.

Sato mudou novamente a frequência do rádio e apertou o botão.

— Voo da JAL chamando Mutsu.

O almirante Sato teve vontade de dizer um desaforo, mas era uma voz amiga. Tirou o microfone das mãos do técnico de comunicações e apertou o botão.

— Torajiro, se você fosse um inimigo, estaria no papo.

Observou o monitor. Só havia aviões comerciais na tela. O radar SPY-1D mostrava tudo que existia em um raio de duzentos quilômetros e quase tudo em um raio de quinhentos. O helicóptero SH-60J do navio acabara de se reabastecer para mais uma patrulha antissubmarino, e embora estivesse no mar em tempo de guerra, podia se permitir uma brincadeira com o irmão que voava lá em cima em uma grande banheira de alumínio, certamente cheia de conterrâneos.

— Está na hora, comandante — disse Shaw, consultando o relógio digital.

Claggett fez que sim com a cabeça.

— Pode ativar.

O comando foi transmitido aos torpedos, agora separados por uma distância de mais de três quilômetros, um de cada lado do alvo. A versão ADCAP (additional capability) do Mark 48 dispunha de um sistema de sonar transistorizado no nariz. O torpedo lançado do tubo número um estava ligeiramente mais próximo, e seu computador reconheceu o casco do contratorpedeiro na segunda varredura. O torpedo desviou-se de imediato para a direita, rumando diretamente para o alvo.

— Torpedo inimigo em dois-três-zero! — gritou um operador de sonar. Sato olhou na direção da sala de sonar, e no momento seguinte um novo objeto apareceu no monitor. Que droga, pensou. O Kurushio disse que a área estava limpa! O submarino estava a apenas alguns quilômetros de distância.

— Contramedidas! — ordenou o comandante do Mutsu. Em questão de segundos, o contratorpedeiro jogou no mar um chamariz Nixie, projetado nos Estados Unidos. — Lançar helicóptero! — Irmão, o dever me chama. Faça uma boa viagem. Adeus. — O circuito de rádio ficou mudo.

A princípio, o comandante Sato atribuiu o fim da conversa ao fato de que o irmão realmente tinha muita coisa para fazer, mas de repente, lá embaixo, o contratorpedeiro fez uma curva fechada para a esquerda, enquanto a espuma na popa indicava que a velocidade havia aumentado bruscamente.

Alguma coisa está errada, pensou consigo mesmo.

— Nós o pegamos, comandante — anunciou o operador de armas.

— O alvo está aumentando a velocidade e se desviando para boreste — comunicou o operador de sonar. — Os dois torpedos engajaram.

— A distância do torpedo um para o alvo é de dois mil metros. A da unidade dois é de dois mil e duzentos. Os dois torpedos estão rastreando o alvo, comandante.

O operador de armas olhava fixamente para o monitor, pronto para assumir o controle caso o sistema automático cometesse algum engano. Àquela altura, era como se o ADCAP fosse um pequeno submarino camicase. Claggett ficou

satisfeito ao perceber que o comandante do contratorpedeiro não estava tentando contra-atacar, mas concentrara todos os esforços em salvar o navio. Era uma boa opção...

— Há outro à nossa frente, marcação um-quatro-zero!

— Eles nos pegaram — murmurou o comandante, olhando para o monitor e pensando que estava sendo atacado por dois submarinos ao mesmo tempo.

Tinha de tentar alguma coisa. Ordenou uma guinada para bombordo. O Mutsu tinha o centro de gravidade elevado, como os primos americanos, e inclinou-se violentamente para a direita. Assim que a curva foi completada, o comandante mandou inverter as máquinas, na esperança de que o torpedo passasse à frente da proa.

Não podia ser outra coisa. Sato estava perdendo a batalha de vista; por isso, desligou o piloto automático e fez uma curva fechada para a esquerda, enquanto o copiloto acendia apressadamente o aviso de apertar cintos. Podia ver com nitidez a cena à luz de uma lua em quarto crescente. O Mutsu fizera uma curva para um lado e depois uma curva para o outro. Viu uma luz piscar na popa quando o helicóptero se preparou para decolar e perseguir o que quer que... sim, tinha de ser um submarino, pensou o comandante Sato, um submarino covarde e traiçoeiro atacando o contratorpedeiro do irmão. Ficou surpreso ao ver o navio diminuir a velocidade até quase parar e imaginou qual seria o objetivo daquela manobra. Lembrou-se do axioma das aeronaves, que julgava aplicar-se também aos navios: Velocidade E Vida...

— Ruídos de cavitação. Parece uma parada de emergência, comandante — informou o operador de sonar.

O técnico de armas não esperou que Claggett se pronunciasse.

— Não tem importância. Vamos pegá-lo de qualquer jeito. Preparando o número três para explosão de contato, encontrando interferência magnética de um... devem estar usando o nosso Nixie, não é?

— Isso mesmo, marujo.

— Mas sabemos como a coisa funciona. O número um está a quinhentos metros de distância e se aproxima bem rápido.

O técnico desligou um dos fios, deixando que o torpedo entrasse no modo autônomo. O sensor magnético foi ativado, procurou e encontrou o metal do alvo...

O helicóptero decolou do contratorpedeiro, agora quase parado. Assim que o navio voltou a se mover, uma clarão esverdeado iluminou a água perto da proa, bem debaixo do depósito de mísseis. A silhueta afilada do casco ficou claramente visível naquela luz fantasmagórica. Diante dos olhos horrorizados de Sato, um dos mísseis explodiu, seguido por quarenta outros, e a metade dianteira

do Mutsu se desfez em mil pedaços. Três segundos depois, outra explosão teve lugar, e quando a fumaça se dissipou, só restava uma mancha de óleo na superfície da água. Como acontecera com o navio do mesmo nome no porto de Nagasaki, em 1943...

— Comandante! — O copiloto teve de arrancar o controle da mão do comandante antes que o Boeing perdesse sustentação. — Comandante, temos passageiros a bordo! — Meu irmão...

— Pelo amor de Deus, temos passageiros a bordo! — Sem resistência agora, ele estabilizou o 747, com a ajuda da bússola giroscópica. — Comandante1.

Sato ficou olhando para trás, mas perdeu de vista o túmulo do irmão, enquanto a aeronave retomava o rumo sul.

— Sinto muito, comandante Sato, mas temos um trabalho a fazer. — O copiloto ligou o piloto automático antes de se voltar para o colega. — O senhor está melhor? Sato olhou para a frente, para o céu vazio. Fez que sim com a cabeça e procurou controlar-se.

— Estou bem. Obrigado. Sim, estou bem — repetiu, com mais firmeza. Pelas convenções de sua cultura, tinha de colocar as emoções de lado. O pai fora comandante de um contratorpedeiro e sobrevivera para comandar um cruzador, no qual morrera ao lado de Samar, vítima de contratorpedeiros americanos e seus torpedos. Agora...

— O que foi isso? — perguntou o comandante Ugaki aos operadores de sonar.

— Torpedos, dois deles, ao sul daqui — disse um deles, um primeiro-tenente. — Afundaram o Mutsu.

— Quem os lançou? — Uma embarcação não identificada, comandante — respondeu o operador, timidamente.

— Rumo sul, velocidade oito nós.

— Isso nos levará diretamente para...

— Eu sei.

— Alvo destruído — declarou o operador. As imagens na tela do sonar não deixavam margem a dúvidas. — Não estou mais captando o ruído do motor, mas peguei uma explosão principal e uma secundária. Nós o pegamos, comandante.

Richter chegou ao oceano passando pela mesma cidade que o C-l 7 havia sobrevoado alguns dias antes, e embora alguém pudesse ter ouvido o barulho, já não estava muito preocupado. Além do mais, à noite todos os helicópteros eram parecidos. Levou o Comanche para uma altitude de cruzeiro de quinze metros e tomou o rumo sul, repetindo para si próprio que era óbvio que a Marinha estaria à sua espera, era óbvio que conseguiria pousar em um navio, era óbvio que tudo

daria certo. O vento de cauda o deixou satisfeito até que viu as ondas que estava provocando. Que merda...

— Senhor embaixador, como sabe, a situação mudou bastante — disse Adler, tranquilamente.

A sala de conferências jamais ouvira o som de mais de uma voz, mas agora parecia ainda mais silenciosa.

Seiji Nagumo, sentado ao lado do chefe, notou que a cadeira ao lado da de Adler estava ocupada por um desconhecido. Onde estaria Chris Cook? O que significava aquilo?

— Enquanto falamos — prosseguiu Adler —, aeronaves americanas estão atacando as Marianas. Enquanto falamos, navios americanos estão atacando navios japoneses. Devo lhe dizer que temos certeza de que nossas operações serão bem-sucedidas e conseguiremos isolar as Marianas do restante do mundo. A próxima etapa da operação, se for necessária, consistirá em declarar uma zona de exclusão marítima em torno do arquipélago do Japão. Não temos nenhum interesse em atacar seu país, mas estamos em condições de estabelecer um bloqueio de todas as rotas comerciais em questão de dias.

"Senhor embaixador, está na hora de colocarmos um ponto final neste...

— Como podem ver, um porta-aviões deixou a doca seca — afirmou o repórter da CNN, enquanto a câmara mostrava o USS Enterprise e um espaço vazio a seu lado. — Estamos informados de que neste exato momento o porta-aviões está comandando um ataque contra as ilhas Marianas, ainda nas mãos dos japoneses. O governo pediu-nos que participássemos de uma operação para despistar, e depois de examinarmos o assunto, chegamos à conclusão de que a CNN é, afinal, uma empresa americana de notícias...

— Filhos da puta! — esbravejou o general Arima, olhando para a estrutura de concreto, agora ocupada apenas por poças d'água e pedaços de madeira. Então o telefone começou a tocar.

Quando ficou óbvio que tinham sido detectados pelos E2-C japoneses, os dois AWACS da Força Aérea ligaram seus radares. Eles tinham começado a viagem no Havaí, chegando ali depois de fazer uma escala em Dyess, no atol de Kwajalein. Seria uma luta equilibrada em termos eletrônicos, mas os americanos tinham mais aviões no ar para se certificar de que a luta não seria equilibrada sob outros aspectos. Havia quatro Eagle japoneses no ar, e seu primeiro impulso foi rumar para nordeste, em direção aos invasores, para que os colegas tivessem tempo de decolar e se juntar à batalha. Ao mesmo tempo, as defesas de terra foram alertadas para a presença de aeronaves hostis.

Sanchez ligou o radar quando os caças japoneses estavam a mais de cento e

cinquenta quilômetros de distância, preparando-se para lançar os mísseis. Acontece que os japoneses estavam armados com mísseis AM-RAAM, e ele dispunha de mísseis Phoenix, que tinham um alcance duas vezes maior. Ele e três outros lançaram dois mísseis cada um. Os oito mísseis descreveram uma trajetória balística, subindo a trinta mil metros antes de mergulhar com uma velocidade de Mach 5 em direção ao inimigo. Os Eagle perceberam o ataque e tentaram esquivar-se, mas segundos depois dois dos F-15J foram varridos do céu. Os outros dois continuaram em frente. A segunda onda de Phoenix cuidaria deles.

— O que foi isso? — exclamou Oreza.

O ruído de muitas turbinas sendo ligadas interrompeu o jogo de cartas, e os quatro homens correram para as janelas. Clark lembrou-se de apagar todas as luzes e se apossou do único binóculo da casa. Assim que focalizou a pista, os primeiros aviões estavam decolando de Kobler. Eram monomotores, a julgar pelas chamas que saíam do cano de descarga.

— O que está acontecendo, John?

— Ninguém me contou, mas não deve ser difícil de adivinhar. Todas as luzes do campo estavam acesas. O que importava era colocar os caças no ar o mais depressa possível. A mesma coisa devia estar acontecendo em Guam, que ficava a uma boa distância dali; sendo assim os dois grupos de caças teriam de combater os americanos separadamente, o que anulava a vantagem numérica dos japoneses.

— O que é isso? A comandante Peach e seus aviões de guerra eletrônica também estavam em ação. O radar de busca podia ser potente, mas, como todos do seu tipo, captava ondas de baixa frequência, que eram as mais fáceis de gerar. A criação de alvos falsos tinha duas vantagens: impedir que o inimigo tivesse uma visão geral do ataque e diminuir sua capacidade de detectar os pequenos mísseis de cruzeiro. Na verdade, os caças que poderiam ser capazes de derrubá-los tinham passado por eles, deixando o caminho livre até os alvos da ilha. O radar de busca, no alto do monte Takpochao, captou os mísseis quando estavam a apenas cinquenta quilômetros de distância, e não cento e cinquenta, como esperavam, e tinha ainda que se preocupar com os caças. Os três operadores levaram um susto, mas eram homens bem treinados e logo entraram em ação. Um deles se encarregou de avisar às baterias de mísseis Patriot da ilha.

A primeira parte da operação estava correndo bem. A Patrulha Aérea de Combate fora eliminada sem nenhuma baixa, observou Sanchez, imaginando se um dos seus mísseis acertara no alvo. Isso era algo que jamais saberia. A tarefa seguinte era acabar com as aeronaves de observação japonesas antes que os outros caças chegassem. Para isso, uma divisão de quatro Tomcat atacou-as

diretamente com seus mísseis.

Os japoneses eram muito corajosos, observou Sanchez. Os Hawkeye deviam ter recuado e os Eagle que os defendiam deviam ter feito o mesmo, mas os pilotos preferiram enfrentar a primeira leva de caças. Provavelmente pensaram que se tratava de um ataque maciço e não apenas de uma missão preparatória. A divisão de quatro Tomcat, chamada Esquadrilha Cegante, cumpriu sua missão limitada de derrubar os aviões de radar inimigos e voltou ao John Stennis para se reabastecer. Agora, os únicos aviões de observação no ar eram os americanos. Os caças japoneses continuaram tentando repelir o ataque que não existia, procurando alvos cujo único objetivo fora atrair a atenção dos interceptadores.

De repente, os operadores do radar perceberam que a maioria dos mísseis estava indo na direção deles e não da pista de pouso. Não fizeram nenhum comentário a respeito porque não houve tempo. Viram os E-2 caírem, longe demais para que pudessem saber exatamente por que, mas as outras aeronaves de observação ainda estavam na pista de Kobler. Os caças decolavam às pressas, e os primeiros deles se aproximavam das aeronaves americanas, que, surpreendentemente, não estavam rumando diretamente para a ilha. Guam agora estava no rádio, pedindo informações ao mesmo tempo que anunciava que seus caças estavam decolando para repelir o ataque.

— Dois minutos para os mísseis de cruzeiro chegarem — disse um dos operadores pelo interfone.

— Diga a Kobler que mande os E-2 decolarem imediatamente — ordenou o oficial mais antigo da estação de radar, quando viu que os dois E-2 que estavam no ar tinham sido derrubados.

O caminhão de controle do radar ficava a cem metros do transmissor, mas não tinha ainda sido entrincheirado. Pretendiam fazê-lo na semana seguinte.

— Puxa! — exclamou Chavez.

Agora estavam do lado de fora da casa. Algum espertinho desligara a energia elétrica naquela parte de ilha, o que permitira que saíssem de casa para apreciar melhor o espetáculo. A oitocentos metros de distância, o primeiro Patriot foi lançado. O míssil subira apenas uns duzentos metros quando o sistema de controle o fez descrever uma curva fechada, dirigindo-o para um ponto abaixo do horizonte visível. Segundos depois, foi seguido por mais três mísseis.

— Aí veem alguns mísseis de cruzeiro — observou Burroughs.

— Aposto que vão acabar com aquela estação de radar no alto do morro — comentou Clark.

Seguiu-se uma série de clarões, que delinearam a montanha a leste. O ruído

das explosões levou um pouco mais de tempo para chegar. Outros Patriot foram disparados, e os civis viram quando a guarnição da bateria preparou-se para carregar outra carga de mísseis no caminhão. Também puderam ver que o processo estava levando tempo demais.

A primeira onda de vinte Tomahawk agora estava subindo. Tinham viajado apenas três metros acima das ondas em direção à escarpada costa leste de Saipan. Armas automáticas, não eram capazes de evitar ou mesmo detectar projéteis dirigidos contra elas. A primeira leva de mísseis Patriot se saiu bem, com doze disparos resultando em dez acertos, mas os dez Tomahawk restantes estavam agora subindo, todos apontados para o mesmo alvo. Mais quatro mísseis foram derrubados pelos Patriot e um quinto perdeu potência e explodiu contra o rochedo, em Laolao Kattan. Os radares dos Patriot perderam-nos de vista naquele ponto, e os comandantes das baterias enviaram mensagens de alerta para a estação de radar, mas era tarde demais; uma por uma, as ogivas de 2.500 quilos explodiram no alto do monte Takpochao.

— Caso encerrado — observou Clark, quando as explosões cessaram.

Parou para escutar. Outras pessoas tinham saído de casa para ver o que estava acontecendo. Os gritos da guarnição da bateria de mísseis foram abafados por uma salva de palmas.

Os caças ainda estavam decolando do campo de Kobler, quase sempre aos pares. As chamas azuladas das descargas das turbinas fizeram uma curva no céu antes de desaparecer, enquanto os caças japoneses manobravam para entrar em formação e enfrentar os atacantes. O último a decolar, apesar da advertência dos operadores de radar, agora mortos, foi o Hawkeye.

A ilha ficou silenciosa por alguns momentos, enquanto as pessoas tomavam fôlego e esperavam o segundo ato daquele espetáculo noturno.

A apenas oitenta quilômetros da costa, o USS Pasadena e três outros submarinos nucleares subiram quase até a superfície e lançaram seis mísseis cada um. Alguns foram apontados para Saipan. Quatro foram para Tinian e dois para Rota. Os restantes viajaram em direção à Base Aérea de Andersen, em Guam.

— Subir periscópio! — ordenou Claggett. O periscópio começou a subir. — Pare! — exclamou, quando a parte superior do instrumento saiu da água.

Girou lentamente o periscópio, à procura de luzes no céu. Nada.

— Certo, agora a antena.

A antena de UHF foi levantada. O comandante continuou a olhar pelo periscópio e fez um gesto com a mão direita. Estavam recebendo sinais de radar de transmissores distantes, mas nenhum capaz de detectar o submarino.

— CARROS INDY, aqui é o BOXE — disse o técnico de comunicações no

microfone.

— Graças a Deus! — exclamou Richter, ligando o microfone. — BOXE, aqui é LÍDER INDY, diga a senha. Câmbio.

— Foxtrot Whiskey.

— Charlie Tango — respondeu Richter, consultando o livro de senhas.

— Estamos a caminho. Câmbio.

— Prepare-se para pousar — disse o operador.

— Vamos para a superfície — ordenou Claggett. — Em seguida, pelo interfone: — Estamos subindo para a superfície. Manter postos de combate. Equipe do Exército, a postos.

Os equipamentos, especiais tinham sido guardados a meia-nau, entre a saída de emergência e o local onde ficava o sistema de controle dos mísseis balísticos. Um dos grupos de controle de danos do Tennessee tinha a missão de passar os equipamentos e um técnico se encarregaria de operar a mangueira de combustível.

— O que foi isso? — perguntou pelo rádio o piloto do INDY DOIS. — Líder, aqui é Dois, helicóptero ao norte. Repito. Helicóptero ao norte — Acabe com ele! — ordenou Richter, sem pestanejar. Não podia haver helicópteros amigos por perto. Voltou-se para olhar. O sujeito estava até com as luzes acesas. — BOXE, aqui é LÍDER INDY. Detectamos um helicóptero ao norte. Sabem de algum coisa? Câmbio.

Claggett não ouviu a mensagem. O Tennessee já estava na superfície e ele subira para o convés. Shaw se encarregou de responder.

— E provavelmente um helicóptero antissubmarino de um contratorpedeiro que afundamos há pouco. Acabem com ele, acabem com ele depressa! — Radar aéreo ao norte! — comunicou logo depois um técnico. — Helicóptero se aproximando! — Dois, acabe com ele! — repetiu Richter.

— Estou indo, Líder — respondeu o piloto do segundo Comanche, mudando de curso e baixando o nariz para aumentar a velocidade. Independentemente de quem fosse, era muito azar. Escolheu sua arma. Debaixo da aeronave, um canhão de vinte milímetros emergiu do receptáculo em forma de canoa. O alvo estava a oito quilômetros de distância e não viu o inimigo se aproximar.

O piloto americano constatou que se tratava de outro Sikorsky, provavelmente montado na mesma fábrica em Connecticut que o seu Comanche, a versão da Marinha do UH-60, um alvo fácil. Dirigiu-se diretamente para ele, esperando conseguir abatê-lo antes que se comunicasse com alguém pelo rádio. Não era provável. Arrependeu-se por não ter escolhido um míssil Stinger, mas era tarde demais para mudar de ideia. Enquadrou o alvo e disparou cinquenta

tiros, quase todos no nariz do helicóptero. O resultado foi instantâneo.

— Alvo destruído — anunciou. — Acabei com ele, Líder.

— Entendido. Como está de combustível?

— Tenho o suficiente para trinta minutos — respondeu Dois.

— Voe em círculos e fique de olhos abertos — recomendou o Líder.

— Entendido, Líder. — Quando chegou a cem metros, teve outra surpresa desagradável. — Líder, aqui é Dois. Radar ao norte. O sistema está indicando que é de um navio.

— Só faltava essa — rosnou Richter, aproximando-se do submarino. A área de pouso não era tão pequena assim, mas seria muito mais fácil se a maldita coisa não balançasse tanto. Richter se aproximou com cautela e baixou o trem de aterrissagem, preparando-se para pousar.

— Vamos ficar de frente para o vento — recomendou Claggett ao tenente Shaw. — Precisamos diminuir esse balanço.

— Está bem, comandante.

Shaw deu as instruções necessárias, e o Tennessee tomou o rumo noroeste.

— A postos nas escotilhas! — ordenou o comandante em seguida. Enquanto observava, o helicóptero desceu lentamente, com todo o cuidado, e, como de costume, o pouso o fez pensar em dois porcos-espinhos fazendo amor. Não era falta de disposição; mas não havia muita margem para erros.

Agora estavam frente a frente como dois exércitos medievais, pensou Sanchez, com os japoneses a trezentos quilômetros da extremidade nordeste de Saipan e os americanos quase duzentos quilômetros adiante. Aquele combate fora simulado pelos dois lados, às vezes usando os mesmos programas de jogos de guerra. Os dois lados contavam com radares de busca; os dois lados agora podiam ver e avaliar as forças inimigas; restava saber quem tomaria a iniciativa. Os japoneses estavam em desvantagem e sabiam disso. Os E-2C sobreviventes ainda não se achavam em posição. Pior do que isso: não conheciam as intenções dos adversários. A um comando de Sanchez, os Tomcat subiram rapidamente para lançar os mísseis Phoenix que restavam. Dispararam de uma distância de oitenta quilômetros, e mais de uma centena das sofisticadas armas se transformou em uma onda de chamas amarelas que subiram ainda mais antes de mergulhar em direção aos alvos, enquanto as aeronaves que as haviam lançado davam meia-volta e recuavam.

Aquele foi o sinal para uma movimentação geral. Os caças japoneses aumentaram a velocidade e investiram contra os americanos, na esperança de passar por baixo dos Phoenix e poderem lançar seus próprios mísseis. Era uma manobra extremamente delicada, difícil de executar sem o auxílio das aeronaves de observação, pelas quais não haviam esperado.

Não houvera tempo suficiente para treinar os tripulantes, mas mesmo assim um grupo de marinheiros segurou como pôde o helicóptero enquanto o pessoal do Exército amarrava o Comanche ao submarino. Em seguida, as mangueiras foram encaixadas nos bocais e as bombas começaram a funcionar, enchendo os tanques o mais rápido possível. Um tripulante passou a Richter um telefone na ponta de um fio comum.

— Como foi? — perguntou Dutch Claggett — Emocionante. Será que dava para me arranjar uma xícara de café? Quente, de preferência.

— Deixe comigo, garoto.

Claggett encomendou à cozinha uma xícara de café.

— Que helicóptero era aquele? — perguntou Richter, enquanto observava a operação de reabastecimento.

— Tivemos de nos livrar de um contratorpedeiro faz uma hora. Ele estava no caminho. Acho que lançou o helicóptero antes de afundar. Quer saber seu destino?

— Não é Wake?

— Negativo. Há um porta-aviões à sua espera em vinte e cinco norte, cento e cinquenta leste. Repetindo: dois-cinco norte, um-cinco-zero leste.

O piloto repetiu as coordenadas duas vezes e elas foram confirmadas pelo comandante. Um porta-aviões inteiro para pousar? Que droga, pensou Richter.

— Entendido e obrigado, comandante.

— Obrigado pela visita, INDY.

Um tripulante bateu com a mão na lateral do helicóptero e fez um sinal com o polegar para cima. Ele também entregou ao piloto um boné do Tennessee. Richter notou que havia uma saliência no bolso da camisa do homem, estendeu a mão e arrancou um maço de cigarros pela metade. O tripulante começou a rir e jogou-lhe um isqueiro.

— Afastem-se! — gritou Richter.

Os homens que estavam no convés recuaram, mas um tripulante apareceu na escotilha com uma garrafa térmica, que logo foi passada para o piloto. Menos de um minuto depois, o Comanche decolou, abrindo espaço para o Dois, e ficou voando em círculos. Trinta segundos mais tarde, o piloto estava bebendo café. Era diferente da marca usada pelo Exército, muito mais gostoso. Se pudesse pingar um pouquinho de conhaque, pensou, ficaria perfeito.

— Sandy, olhe para o norte! — exclamou seu companheiro, do banco de trás, no momento em que o Dois pousava no submarino. Os controladores do AWACS informaram que a primeira salva de mísseis tinha derrubado seis Eagle e mais dois estavam avariados e fora de combate. Sanchez não pôde ficar para ver, porque estava fugindo dos caças inimigos. De acordo com o plano, os

Tomcat seriam substituídos pelos Hornet. Estava funcionando. Os japoneses continuaram a persegui-los, afastando-se cada vez mais da ilha e aparentemente expulsando os americanos. O monitor de Sanchez informou que havia mísseis inimigos no ar, mas eram mísseis projetados pelos americanos e sabia exatamente o que esperar deles.

— O que foi isso? — perguntou Oreza.

A princípio, era apenas uma sombra. Por alguma razão, as luzes do campo de Kobler ainda estavam acesas e todos viram um vulto branco cruzar a cabeceira da pista. Fez uma curva fechada e começou a descer a pista. De repente, mudou de forma; o nariz abriu-se e pequenos objetos espalharam-se no concreto. Uns poucos explodiram; os outros desapareceram, pequenos demais para ser vistos daquela distância, a menos que estivessem em movimento. Depois apareceu outro, e mais outro, todos fazendo a mesma coisa, a não ser o que foi direto para a torre de controle, reduzindo-a a mil pedaços e com ela o sistema de rádio da esquadrilha de caças.

Mais ao sul, as luzes do aeroporto comercial também estavam acesas. Havia quatro 747 na pista, mas não foram atacados. A leste, a bateria de Patriot lançou vários mísseis e depois teve de parar para recarregar, o que levava tempo. Estavam conseguindo acertar alguns mísseis inimigos, mas não todos.

— Eles não quiseram destruir as baterias de Patriot — observou Chavez, pensando que deviam estar em um lugar mais seguro, mas... mas tinham ido todos para a rua, como se aquilo fosse uma colossal queima de fogos.

— Estão evitando áreas civis, Ding — explicou Clark.

— É muita gentileza deles. A propósito: que história é essa de Kelly?

— É meu nome verdadeiro.

— John, quantos daqueles filhos da mãe afinal você matou? — quis saber Oreza.

— Hein? — perguntou Chavez.

— Na época em que nós dois éramos crianças, seu chefe aqui se envolveu em uma guerra pessoal contra os traficantes de drogas — explicou Oreza.

— Isso jamais aconteceu, Portuga. — John sacudiu a cabeça e sorriu. — Pelo menos, ninguém pode provar — acrescentou. — Estou realmente morto, sabia?

— Nesse caso, escolheu as iniciais certas para seu novo nome. — Oreza fez uma pausa. — E agora, que vamos fazer?

— Sei tanto quanto você, amigo.

Segundos depois, alguém se lembrou de desligar a eletricidade no restante da ilha.

O helicóptero do Mutsu anunciara a presença de um submarino na superfície, mas nada mais. Isso fizera com que o Kongo lançasse seu Seahawk, que no momento estava se dirigindo para o sul. Duas aeronaves antissubmarino P-3C Orion também estavam se aproximando, mas o helicóptero chegaria primeiro, carregando dois torpedos. Ele estava chegando a sessenta metros, com o radar desligado, mas as luzes piscando.

— Isto aqui está ficando muito movimentado — observou Richter. — Estava a cento e cinquenta metros, e o alvo acabara de aparecer no horizonte.

— BOXE, aqui é LÍDER INDY. Temos outro helicóptero nas vizinhanças.

— Acabe com ele!

— Entendido.

Richter aumentou a velocidade para a interceptação. Em matéria de tomar decisões rápidas, ninguém ganhava da Marinha. Richter selecionou STINGER no menu de armas e disparou a oito quilômetros. Fosse quem fosse, não esperava encontrar aeronaves hostis na área, e a água fria do mar fazia um bom contraste para o sensor de calor do míssil. O Seahawk caiu sem explodir, e Richter imaginou se haveria algum sobrevivente. Entretanto, não estava em condições de executar uma operação de salvamento e não se aproximou o bastante para ter certeza.

O Dois já estava no ar e ficou voando em círculos, aguardando o líder. Richter sobrevoou pela última vez o submarino, para despedir-se, e foi embora. Não tinha nem tempo nem combustível para esperar mais.

— Já reparou que agora somos um porta-aviões? — perguntou Ken Shaw, enquanto o terceiro e último helicóptero era reabastecido.—Até derrubamos aeronaves inimigas...

— Quanto mais cedo voltarmos a ser um submarino, melhor — respondeu Claggett, nervoso.

Enquanto os dois observavam, o piloto do Três ligou o motor. Dois minutos mais tarde, o convés estava quase vazio. Um tripulante jogou o lixo no mar e entrou na escotilha.

— Evacuar a ponte! — ordenou Claggett — Deu uma última olhada em volta antes de apertar o botão do microfone pela última vez. — Vamos descer.

— Ainda não estamos estanques — protestou o chefe do barco, no centro de ataque.

— Você ouviu o comandante — replicou o oficial de quarto.

Os tanques principais de lastro começaram ser inundados. Um segundo depois, o símbolo da escotilha da ponte deixou de ser um círculo e transformou-se em um traço. Claggett apareceu logo depois e fechou a escotilha inferior, a última que faltava.

— Tudo pronto. Vamos dar o fora daqui!

— É um submarino — anunciou o tenente. — Está enchendo os tanques... preparando-se para mergulhar.

— Distância?

— Para isso, terei de usar o sonar ativo — advertiu o operador.

— Então faça isso! — ordenou Ugaki, em tom sibilante.

— O que são esses clarões? — perguntou o copiloto. Estavam aparecendo pouco acima do horizonte, à esquerda do lugar para onde iam. Era difícil calcular a distância, mas certamente eram muito fortes. De repente, um deles se transformou em uma linha vertical, que terminou no mar. Outras linhas apareceram na escuridão, quase todas da direita para a esquerda. O copiloto compreendeu o que eram. — Oh!

— Aeroporto de Saipan, aqui é o voo sete-zero-dois da JAL. Estou a trezentos quilômetros da pista. O que está acontecendo? Câmbio.

Não houve resposta.

— Vamos voltar para Narita? — propôs o copiloto.

— Não! Não farei isso! — respondeu Torajiro Sato.

Era preciso ser muito profissional para não perder a calma. O major Shiro Sato já conseguira se esquivar de dois mísseis e ainda não entrara em pânico, apesar de o ala não ter tido a mesma sorte. O radar mostrava mais de vinte alvos, fora do alcance dos mísseis, e embora alguns colegas tivessem disparado os AMRAAM, não os imitaria enquanto não estivesse mais próximo. O monitor também mostrava que havia vários radares rastreando sua aeronave, mas não havia nada que pudesse fazer. Pilotava o Eagle como um louco, fazendo manobras bruscas sem diminuir a velocidade. O que começara como uma batalha organizada era agora uma confusão total, com os caças totalmente entregues à própria sorte, como samurais na escuridão. Rumou para o norte, escolhendo os alvos mais próximos. O sistema IFF interrogou-os automaticamente, e a resposta foi negativa. Sato então disparou seus mísseis e rumou para o sul. Não estava sendo absolutamente o que esperava, uma batalha justa, perícia contra perícia em uma luta aberta. Aquilo fora um encontro caótico na escuridão, e ele simplesmente não sabia quem vencera. Agora estava na hora de recuar. Coragem era uma coisa, mas os americanos haviam-no atraído para tão longe que mal tinha combustível suficiente para voltar. Jamais saberia se os mísseis que lançara haviam acertado o alvo. Que pena! Aumentou a potência e desviou-se um pouco para a direita a fim de evitar os caças que chegavam do sul. Deviam ser os reforços vindos de Guam. Desejou-lhes boa sorte.

— PERU, aqui é LÍDER PERU. Abandonar ataque. Repito: abandonar ataque! Sanchez agora se encontrava bem longe da batalha, lamentando-se por não estar pilotando um Hornet. As notícias continuavam a chegar. Embora tivesse perdido algumas aeronaves e a batalha não transcorresse exatamente da forma como gostaria, sabia que estava sendo um sucesso. Dirigiu-se para o norte, mas com cuidado para não exceder as reservas de combustível. Foi então que viu luzes a dez horas e aproximou-se para investigar.

— Minha nossa, Bud, é um avião de passageiros! — exclamou o operador de radar. — E da JAL. A cegonha vermelha pintada no leme era inconfundível.

— É melhor avisá-lo. — Sanchez ligou as luzes da sua aeronave e falou pelo rádio: — 747 da JAL, 747 da JAL, aqui é uma aeronave da Marinha dos Estados Unidos à sua esquerda.

— Quem é você? — perguntou uma voz.

— Somos da Marinha dos Estados Unidos. Está havendo uma batalha aérea nesta região. Sugiro que inverta o curso e volte para casa. Câmbio.

— Não tenho combustível suficiente para voltar.

— Nesse caso, dirija-se para Iwo Jima. Há um campo de pouso lá, mas cuidado com a torre de rádio a sudoeste da pista. Câmbio.

— Obrigado — foi a resposta lacônica. — Continuarei a seguir meu plano de voo. Desligo.

— Idiota.

Sanchez não disse isso pelo rádio, embora ele e o operador de radar achassem que era exatamente o que o piloto do 747 merecia ouvir. Em uma guerra de verdade, teriam derrubado o avião sem piedade, mas aquela não era uma guerra de verdade ou pelo menos era o que seus chefes pensavam. Sanchez jamais conheceria as consequências do seu erro.

— Comandante, o que está fazendo é muito perigoso! — A pista de Iwo Jima não é iluminada. Vou me aproximar pelo oeste e não haverá problema — afirmou o comandante Sato, sem se deixar abalar pelo que acabara de ouvir.

Desviou o curso para oeste e o copiloto não disse mais nada.

— Sonar ativo a boreste, marcação zero-um-zero, baixa frequência, provavelmente um submarino.

Não era uma boa notícia.

— Preparar para lançar torpedo! — ordenou Claggett, imediatamente. A tripulação tinha praticado de forma exaustiva para essa possibilidade.

— Preparando tubo quatro — respondeu o suboficial encarregado das armas. O torpedo foi ativado. — Inundando tubo quatro. Tudo pronto.

— Curso inicial zero-um-zero — disse o oficial, observando o monitor, que não revelava muita coisa. — Cortar os fios, ajustar ativação para mil metros! —

Ajustado! — Lançar torpedo! — ordenou Claggett.

— Quatro disparado! — exclamou o marinheiro, depois de quase quebrar a alavanca.

— Distância, quatrocentos metros — anunciou o operador de sonar. — Grande alvo submerso. Temos um transitório... ele lançou um torpedo! — E o que vamos fazer. Lançar um, lançar dois! — gritou Ugaki. — Leme todo à esquerda — acrescentou, no momento em que o segundo torpedo foi lançado. — Toda a força à frente! — Torpedo na água. Dois torpedos na água, marcação zero-um-zero. Os torpedos estão no modo de busca! — anunciou o operador de sonar.

— Que merda! Já passei por isso antes — observou Shaw, lembrando-se de uma experiência muito desagradável que tivera a bordo do USS Maine. O oficial do Exército que estava a bordo e seu sargento mais antigo tinham acabado de entrar no centro de ataque para agradecer ao comandante sua cooperação na missão dos helicópteros. Eles pararam onde estavam e olharam em volta, sentindo a tensão reinante.

— Sala de seis polegadas, lançar chamariz! — Lançando chamariz.

Logo depois, ouviram um leve ruído, apenas um jato de ar comprimido.

— Temos um MOSS preparado? — perguntou Claggett.

— No tubo dois, comandante — respondeu o suboficial.

— Pode ligar.

— Feito, comandante.

— Certo.

O comandante Claggett respirou fundo e procurou pensar. Não tinha muito tempo para isso. Quão inteligente seria o torpedo japonês? O Tennessee estava fazendo dez nós e se encontrava a cem metros de profundidade. Certo.

— Sala de seis polegadas, preparar um conjunto de três chamarizes para lançar ao meu comando.

— Tudo pronto, comandante.

— Ajustar o MOSS para cem metros, fazendo a curva mais fechada possível. Ativá-lo assim que sair do tubo.

— Ajustando... pronto. Tubo inundado.

— Lançar.

— MOSS lançado, comandante!

— Sala de seis polegadas, lançar! O Tennessee estremeceu novamente quando os três chamarizes foram lançados, junto com uma isca em forma de torpedo. O torpedo inimigo tinha agora um falso alvo muito atraente para perseguir.

— Vamos subir! Subida de emergência! — Subida de emergência —

repetiu o chefe do barco, estendendo a mão para a válvula de ar. — Lemes de profundidade no máximo para cima! — Máximo para cima! — repetiu o timoneiro, puxando a alavanca de controle.

— Aqui é o operador de sonar. Torpedos inimigos continuam enviando sinais. Eles estão sendo recebidos pelo MOSS.

— Pessoal, esse torpedo é como nossos velhos 48 — disse Claggett, com toda a calma. Por dentro, estava morrendo de medo, mas esperava que a tripulação não percebesse. — Vocês se lembram das três regras de um 48. Tem de ser um alvo válido, tem de estar a mais de oitocentos metros de distância e tem de estar em movimento. Timoneiro, parada total.

— Parada total. Comandante, a casa de máquinas confirma parada total.

— Muito bem, vamos esperar — disse o comandante, na falta de coisa melhor.

Olhou para o pessoal do Exército e piscou o olho. Eles estavam muito pálidos. Bem, essa era uma das vantagens de ser preto, não era?, pensou Claggett.

O Tennessee inclinou-se para cima de um ângulo de trinta graus e perdeu velocidade tão rápido que vários tripulantes caíram no chão. Claggett teve que se segurar na roda vermelha e branca do periscópio para não cair também.

— Profundidade?

— Estamos chegando à superfície, comandante! — informou o CDB. Logo depois, houve uma série de ruídos do lado de fora e o submarino começou a balançar.

— Silêncio total a bordo.

O hélice agora estava parado. O Tennessee ficou boiando na superfície enquanto, cem metros abaixo e quinhentos metros atrás, o MOSS viajava em círculos em torno dos chamarizes. O comandante fizera tudo que era possível. Um tripulante enfiou a mão no bolso para pegar o cigarro e descobriu que perdera o maço.

— Nosso torpedo engajou o alvo! — informou o operador de sonar.

— Leme à direita! — ordenou Ugaki, tentando manter a calma, apesar de tudo.

O torpedo americano tinha ignorado o chamariz... como o seu torpedo havia feito, lembrou-se. Olhou em volta. Todos os olhares estavam voltados na sua direção, como da outra vez, mas agora o inimigo disparara primeiro, e bastava olhar para o monitor para ver que jamais saberia se o segundo ataque a um submarino americano tinha sido tão bem-sucedido quanto o anterior.

— Sinto muito — disse à tripulação.

Poucos tiveram tempo de responder com a cabeça ao pedido de desculpas.

— Em cheio! — anunciou o operador de sonar.

— Obrigado, sonar — agradeceu Claggett.

— Os torpedos inimigos estão fazendo círculos abaixo de nós, comandante... sim, estão perseguindo a isca... devem ter nos detectado, mas...

— ... mas os primeiros 48 ignoravam alvos estacionários — completou Claggett, em voz baixa.

Parecia que os dois eram os únicos homens vivos a bordo. Bem, nesse número também podia ser incluído Ken Shaw, que estava guarnecendo o painel de armas. O mais enervante era que ninguém podia ouvir o ruído ultrassônico do sonar de um torpedo.

— O combustível desses sacanas custa para acabar.

— É verdade — concordou Claggett — Levante a antena — acrescentou, em uma inspiração súbita.

O barulho da antena subindo fez todos se encolherem.

— Comandante, estou detectando um radar aéreo. Marcação três-cinco-um.

— Intensidade?

— Baixa, mas aumentando. É provavelmente um P-3, comandante.

— Muito bem.

Foi demais para o oficial do Exército.

— Vamos continuar aqui parados?

— Vamos.

Sato pousou o 747 guiado principalmente pelo instinto. Não havia luzes na pista, mas o luar era suficiente para que tivesse uma ideia do que estava acontecendo; mais uma vez, o copiloto admirou a perícia do companheiro, que se valeu do reflexo dos faróis do avião nas lâmpadas de terra. Tocaram a pista um pouco à direita da linha central, mas Sato conseguiu manter uma linha reta até pararem, dessa vez sem a olhadela de costume para o colega mais novo. Estava taxiando para fora da pista quando viram um clarão distante.

O Eagle do major Sato foi o primeiro a voltar a Kobler, depois de passar por duas aeronaves avariadas no caminho. Havia movimento em terra, mas os únicos sinais de rádio que conseguiu captar eram incoerentes. Entretanto, não tinha escolha; o tanque de combustível estava praticamente vazio. A pista também se encontrava às escuras, mas conseguiu descer no lugar certo. Nem chegou a ver a bomba do tamanho de uma laranja contra a qual a roda da frente se chocou. O nariz do caça tocou o solo e o Eagle começou a rodopiar, saindo da pista. Ainda havia combustível suficiente nos tanques para iniciar um incêndio, que logo provocou uma violenta explosão. Um segundo Eagle, quinhentos

metros atrás de Sato, atropelou outra minibomba e explodiu. Os outros vinte caças arremeteram, pedindo instruções pelo rádio. Seis deles foram para o aeroporto comercial. Os outros se dirigiram para as duas pistas de Tinian, sem saber que elas também tinham sido semeadas com minibombas pelos mísseis Tomahawk. Menos de metade sobreviveu ao pouso.

O almirante Chandraskatta estava na sala de controle, observando a tela do radar. Logo teria que chamar os caças de volta. Não gostava de arriscar os aviões e os pilotos em missões noturnas, mas os americanos estavam fazendo outra de suas demonstrações de força. Claro que podiam atacar e destruir sua esquadra quando quisessem, mas teriam coragem de fazer isso? No meio de uma guerra com o Japão, estariam dispostos a iniciar hostilidades contra outro país? Claro que não. A força anfíbia indiana já estava no mar; dali a dois dias, ao anoitecer, entraria em ação.

Os B-l estavam voando mais baixo do que nunca. A tripulação era constituída por reservistas, a maioria pilotos de linhas aéreas comerciais, convocados por um Pentágono mais compreensivo que de costume (graças à pressão de alguns membros influentes do Congresso) para pilotar aviões militares pela primeira vez em muitos anos. Nas missões de treinamento, que eram realizadas em terra, não podiam descer a menos de sessenta metros, porque mesmo as fazendas do Kansas tinham moinhos de vento, e as pessoas montavam torres de rádio nos lugares mais inesperados. No mar, porém, esse tipo de problema não existia. Ali estavam, a menos de quinze metros da superfície da água, e fumando, observou um piloto, confiando nervosamente a aeronave ao sistema automático de controle de altitude. O grupo de oito aviões estava se dirigindo para o sul, depois de mudar de direção sobre o cabo Dondra. Os outros quatro tinham tomado o rumo noroeste, usando um outro radiofarol. Havia muita atividade eletrônica à frente, o suficiente para deixá-lo preocupado, embora ainda não tivesse sido detectado. Entregou-se à satisfação de voar a mais de Mach-1, tão perto da água que o bombardeiro deixava uma esteira parecida com a de uma lancha de corrida, talvez cozinhando alguns peixes na passagem... Ali estava o alvo.

— Contatos ao norte, em baixa altitude!

— O quê? — O almirante levantou os olhos. — Distância?

— Menos de vinte quilômetros, diminuindo rapidamente!

— São mísseis?

— Não sabemos, almirante! Chandraskatta olhou para o monitor. Ali estavam, do lado oposto ao do porta-aviões americano. Seus caças não se encontravam no lugar certo para...

— Aeronave inimiga! — avisou um vigia.

— Engajar? — perguntou o capitão Mehta.

— Como? Chandraskatta correu para a porta, emergindo no convés de voo a tempo de ver a esteira branca no mar antes mesmo que a aeronave responsável por ela.

— Vou subir agora — disse o piloto, a poucos metros da ponte do porta-aviões.

Puxou o manche, e, quando o navio desapareceu, consultou o altímetro.

— Suba! — advertiu a voz feminina do sistema de alerta.

— Já subi, Marilyn.

O piloto da TWA achava aquela voz parecida com a de Marylin Monroe. Olhou para o indicador de velocidade. Estava a pouco menos de 1.800 quilômetros por hora. O ruído devia ter sido ensurdecedor...

O estrondo sônico gerado pela aeronave pareceu a explosão de uma bomba, derrubando o almirante e quebrando as vidraças da casa do leme, além de danificar algumas antenas. Outra se seguiu segundos mais tarde, e outras mais, enquanto o bombardeiro sobrevoava outros navios da esquadra. Chandraskatta se levantou, ligeiramente desorientado, e caminhou de volta, pisando em cacos de vidro. Por alguma razão, achava que o seu lugar era na ponte.

— Dois radares estão inutilizados — ouviu um suboficial dizer. — O Rajput comunica que os lança-mísseis pararam de funcionar.

— Almirante — chamou um tenente de comunicações, com um telefone na mão.

— Quem fala? — perguntou Chandraskatta.

— Aqui é Mike Dubro. Da próxima vez, será para valer. Quero que saiba que neste exato momento, o embaixador dos Estados Unidos está reunido com a primeira-ministra da Índia... — Será melhor para todos os envolvidos que as operações da esquadra indiana sejam imediatamente interrompidas — afirmou o ex-governador da Pensilvânia, depois das gentilezas de praxe.

— Não aceitaremos ordens dos Estados Unidos.

— Isso não é uma ordem, primeira-ministra, mas apenas uma constatação. Fui incumbido de informar a senhora de que meu governo convocou uma sessão extraordinária do Conselho de Segurança das Nações Unidas para discutir a possibilidade de uma invasão do Sri Lanka por parte da Índia. Vamos oferecer ao Conselho de Segurança os serviços da Marinha dos Estados Unidos para proteger a soberania daquele país. Perdoe-me a franqueza, mas não toleraremos mais qualquer atitude agressiva com relação ao Sri Lanka. Como disse, será melhor para todos os envolvidos que não haja uma confrontação direta.

— Não temos nenhuma intenção de invadir o Sri Lanka — declarou a primeira-ministra, surpresa com o tom do embaixador.

— Nesse caso, está tudo resolvido — disse o embaixador Williams, com um sorriso. — Vou comunicar o fato imediatamente ao meu governo.

Depois de uma eternidade, pouco mais de meia hora, no caso, o primeiro torpedo parou de circular e logo foi imitado pelo segundo. Não tinham achado o MOSS, um alvo suficientemente grande para ser atacado, mas também não tinham encontrado nenhum outro alvo.

— Qual é a intensidade daquele radar? — perguntou Claggett.

— Já é quase suficiente para nos detectar, comandante.

— Vamos descer, Sr. Shaw. Está na hora de darmos o fora.

— Sim, senhor.

Shaw deu as ordens necessárias. Dois minutos depois, o USS Tennessee estava debaixo d'água, e depois de mais cinco minutos estava a duzentos metros de profundidade, rumando para sudeste a uma velocidade de dez nós. Pouco depois, detectaram ruídos na superfície, provavelmente boias sônicas, mas o P-3 levaria algum tempo para colher dados suficientes para um ataque, e antes disso o Tennessee estaria longe dali.

47
VASSOURAS

— Sem muito alarde? — perguntou o presidente.

— Isso mesmo — concordou Ryan, colocando o fone no gancho.

As fotos dos satélites mostravam que além das baixas sofridas na batalha aérea, os japoneses tinham perdido mais quatorze aeronaves por causa das bombas colocadas nas pistas de pouso. Os principais radares de busca tinham sido destruídos, e eles tinham gastado uma boa parte dos mísseis terra-ar. O passo seguinte seria estabelecer um bloqueio aéreo e marítimo das ilhas, o que poderia ser feito até o fim da semana. Já estava sendo preparada uma declaração à imprensa para ser usada em caso de necessidade.

— Ganhamos a guerra — declarou o conselheiro de Segurança Nacional. — Agora é só convencer o outro lado.

— Você fez um bom trabalho, Jack — disse Durling.

— Presidente, se eu tivesse feito meu trabalho como devia, esta coisa nem teria começado — replicou Ryan, depois de pensar por um momento.

Estava se lembrando de que começara a agir nesse sentido com uma semana de atraso. Droga.

— De acordo com a mensagem que Dave William me enviou, parece que conseguimos isso no caso da Índia. — O presidente fez uma pausa. — Então, o que vamos fazer agora com o Japão?

— Nossa primeira preocupação deve ser a de conseguir um cessar-fogo.

— E depois?

— Depois oferecemos a eles uma saída honrosa.

Depois de explicar os detalhes, Jack teve a satisfação de contatar que o Chefe concordava com ele. Havia mais uma coisa que Durling não comentou, porque preferia pensar um pouco mais a respeito. No momento, era suficiente que os Estados Unidos ganhassem aquela guerra, que lhe garantiria a eleição, por ter salvado a economia e defendido os direitos dos cidadãos americanos. Tinha sido um mês interessante, pensou o presidente, olhando para Ryan e imaginando o que aconteceria se não tivesse contado com sua ajuda. Depois que ele saiu, deu um telefonema para o Congresso.

Uma vantagem dos radares aerotransportados era que facilitava a contagem dos acertos. Nem sempre se podia apurar que míssil abatera qual aeronave, mas eles sempre mostravam os sinais desaparecendo da tela.

— O Port Royal comunica que a recuperação foi completada com sucesso — anunciou um alto-falante.

— Obrigado — disse Jackson. Esperava que os aviadores do Exército não tivessem ficado muito decepcionados por pousar em um cruzador e não no Johnnie Rebb, porque aquele espaço no convés faria falta.

— Contei vinte e sete aeronaves destruídas — afirmou Sanchez. Três dos seus caças tinham sido abatidos, e apenas um dos pilotos fora resgatado. As baixas eram menores do que o esperado, embora isso não tornasse mais fácil para o comandante do grupo aéreo a tarefa de escrever para as famílias das vítimas.

— Não foi exatamente um passeio, mas conseguimos bons resultados. Pode acrescentar mais quatorze por conta dos Tomahawk Isso equivale a metade dos caças disponíveis e uma boa parte dos F-l 5. Além disso, ficaram apenas com um Hummer. De agora em diante, estão em séria desvantagem numérica. — O comandante da força de combate repassou o restante das informações. Um contratorpedeiro afundado e os outros Aegis longe da zona de combate. Oito submarinos destruídos. A estratégia consistira em separar primeiro os braços do corpo, como no golfo Pérsico, e isso se revelara ainda mais fácil de fazer no oceano do que no deserto. — Bud, se você fosse o comandante do outro lado, o

que tentaria fazer agora?

— Ainda não podemos invadir as ilhas. — Sanchez fez uma pausa.

— Não vejo nenhuma saída decente, mas da última vez que estivemos nesta situação... — interrompeu a frase no meio e olhou para o almirante.

— Bud, prepare um Tomcat Você vai me dar uma carona.

— Sim, senhor — disse Sanchez, afastando-se.

— Está pensando o que eu... — perguntou o comandante do Stennis, levantando uma sobrancelha.

— O que temos a perder, Phil?

— Um grande almirante, Rob — respondeu, em tom carinhoso.

— Onde ficam os rádios desta banheira? — perguntou Jackson, piscando o olho.

— Onde esteve? — perguntou Goto, surpreso.

— Escondido, depois que o seu patrão me sequestrou. — Koga entrou sem se fazer anunciar, sentou-se sem ser convidado e mostrou uma falta total de cerimônia que prenunciava sua volta ao poder. — O que tem a dizer em sua defesa? — perguntou o ex-primeiro-ministro.

— Não pode falar comigo nesse tom! — protestou Goto, sem a menor convicção.

— Muito interessante. Você leva nosso país ao desastre, mas faz questão de ser tratado com respeito por alguém que seu patrão quase matou. Foi com seu conhecimento? — perguntou Koga.

— Claro que não! E quem foi que assassinou os...

— Quem assassinou os criminosos? Eu que não fui — declarou Koga. — Mas tenho uma pergunta mais importante: o que pretende fazer?

— Ainda não decidi.

— Você quer dizer que ainda não falou com Yamata?

— Não preciso dele para tomar minhas decisões.

— Ótimo. Então decida agora mesmo.

— Não recebo ordens de você!

— Por que não? Logo estarei ocupando seu lugar. Você tem duas opções: ou renuncia agora ou hoje à tarde vou falar na Dieta e pedir um voto de desconfiança. Sabe que o voto vai ser aprovado por larga maioria. Goto, você está acabado — afirmou Koga, levantando-se para sair. — Pelo menos, saiba retirar-se com dignidade.

Quando o comandante Sato atravessou o saguão do aeroporto, escoltado por um militar, viu que as pessoas formavam filas nos balcões para comprar passagens para casa. Seu acompanhante era apenas um jovem tenente, um

paraquedista aparentemente ansioso para entrar em combate, o que era mais do que se podia dizer das outras pessoas presentes. Tomaram um jipe, que os levou diretamente para o aeroporto militar. Os nativos estavam na rua, ao contrário de antes, carregando cartazes que exigiam a retirada imediata dos "japonas". Alguns deles deviam ser fuzilados pela ousadia, pensou Sato, ainda traumatizado com o que acontecera. Dez minutos depois, entrou em um dos hangares de Kobler. Caças sobrevoavam a ilha, provavelmente com medo de se afastarem muito, pensou.

— Entre, por favor — disse o tenente.

Sato entrou no prédio com toda a compostura, o quepe do uniforme debaixo do braço esquerdo, as costas eretas, olhando para a frente. O tenente parou e descobriu o corpo.

— Sim, é o meu filho.

Felizmente, o rosto não estava desfigurado; provavelmente, fora protegido pelo capacete, enquanto o resto do corpo sofria queimaduras horríveis por causa do acidente com o caça. Quando fechou os olhos, o que viu foi o seu único filho se contorcendo na cabina, menos de uma hora depois que seu irmão se afogara. Como o destino podia ser tão cruel? Por que aqueles que defendiam seu país tinham de morrer, enquanto um mero transportador de civis era poupado?

— O comando da esquadrilha acha que ele derrubou um caça americano antes de voltar — informou o tenente.

Era uma mentira que acabara de inventar, mas tinha de dizer alguma coisa, não tinha?

— Obrigado, tenente. Agora preciso voltar ao meu avião.

Os dois não trocaram nenhuma palavra no caminho de volta para o aeroporto civil. O oficial deixou o piloto com sua tristeza e sua dignidade.

Vinte minutos depois, Sato estava na cabina do 747, agora totalmente lotado. Os americanos tinham prometido deixá-lo passar. O reboque puxou o Boeing para longe do túnel de embarque. Era dirigido por um nativo e o gesto que dirigiu ao piloto quando terminou a manobra não foi propriamente amistoso. O insulto final, porém, ocorreu quando já estava na pista, aguardando autorização para decolar. Um caça aterrissou à sua frente, não um Eagle pintado de azul, mas uma aeronave cinza com a inscrição NAVY nas carcaças dos reatores.

— Bom trabalho, Bud — disse Jackson, no momento em que pousaram.

— Faço o que posso, almirante — respondeu Sanchez, com voz cansada. Enquanto taxiava para a direita, o comitê de recepção aproximou-se.

Todos usavam uniformes verdes de faxina e carregavam rifles. Quando a

aeronave parou, encostaram uma escada de alumínio na porta. Jackson foi o primeiro a saltar; quando pisou o chão, um oficial superior bateu uma continência caprichada para ele.

— É um Tomcat — afirmou Oreza, passando o binóculo. — E aquele oficial não é nenhum japona.

— Tem toda razão — confirmou Clark, observando o oficial preto embarcar em um jipe.

Que efeito isso teria sobre as ordens que recebera? Por mais vontade que tivesse de pôr as mãos em Raizo Yamata, mesmo aproximar-se o suficiente para avaliar as possibilidades (suas instruções atuais) não era uma tarefa das mais promissoras. Também passara informações aos superiores a respeito da situação em Saipan, que, no seu entender, era boa. Os soldados japoneses que vira naquele dia não pareciam nem um pouco animados, embora alguns oficiais, principalmente os mais modernos, ainda parecessem muito entusiasmados com sua missão, independentemente de qual fosse. Era assim que se comportavam os tenentes em qualquer exército.

A casa do governador, que ficava ao lado do centro de convenções, era muito bonita. Jackson estava banhado em suor, porque o sol tropical estava muito quente, e o traje de voo de nomex era impermeável. Quando saltaram do jipe, foram recebidos por um coronel, que os conduziu para o interior da casa.

Robby reconheceu o general Arima imediatamente, pois tinha visto sua ficha nos arquivos do Pentágono. Os dois tinham mais ou menos a mesma altura e o mesmo peso. O general bateu continência. Jackson, sem quepe e em local coberto, estava impedido de fazê-lo pelo regulamento da Marinha. Pelo menos, não lhe pareceu a coisa apropriada a fazer. Por isso, limitou-se a cumprimentar o general com a cabeça.

— General, podemos conversar em particular? Arima fez que sim e conduziu Jackson até um cômodo que parecia uma combinação de sala de leitura e escritório. Robby sentou-se, e o general teve a gentileza de lhe oferecer um copo de água gelada.

— O senhor é...

— Sou o comandante da Força-Tarefa Setenta e Sete. Pelo que ouvi dizer, o senhor é o comandante das forças japonesas em Saipan.

Robby bebeu o copo de água de uma vez. Sentia-se constrangido por estar transpirando daquele jeito, mas não tinha como evitar.

— Isso mesmo.

— Nesse caso, general, estou aqui para pedir que se renda. Esperava que o general compreendesse a diferença entre "pedir" e "exigir", o verbo mais usado em ocasiões como aquela.

— Não estou autorizado a fazer isso.

— General, gostaria de lhe transmitir a posição do meu governo. Vocês poderão deixar as ilhas sem ser incomodados. Poderão levar as armas leves com vocês. Terão de deixar para trás os equipamentos pesados e as aeronaves, cujo destino será decidido mais tarde. No momento, todos os cidadãos japoneses terão de deixar a ilha e não poderão voltar até que sejam restabelecidas as relações normais entre nossos países.

— Não estou autorizado a...

— Estarei dizendo a mesma coisa em Guam daqui a duas horas. O embaixador dos Estados Unidos em Tóquio solicitou uma entrevista com o primeiro-ministro.

— Vocês não estão em condições de tomar esta ilha de volta, quanto mais todo o arquipélago.

— Isso é verdade – admitiu Jackson. — Também é verdade que podemos facilmente impedir que qualquer navio tenha acesso aos portos japoneses por tempo indeterminado. Também podemos impor um bloqueio aéreo e marítimo a esta ilha.

— Está nos ameaçando? — perguntou Arima.

— Estou, sim. O Japão não aguentaria por muito tempo uma situação como essa. A economia do país entraria em colapso. Ninguém sairia ganhando com isso. — Jackson fez uma pausa. — Até agora, os únicos a sofrer foram os militares. Somos pagos para correr riscos. Se essa guerra continuar, todos sofrerão, mas o maior prejudicado será o Japão. Haverá também ressentimentos de parte a parte, quando poderíamos restabelecer rapidamente a normalidade das nossas relações.

— Não estou autorizado a...

— General, há cinquenta anos o senhor poderia dizer isso; sei que os japoneses costumavam lutar até o último homem. Também costumavam tratar as populações dos países ocupados de uma forma que hoje vocês mesmos consideram desumana. Digo isso porque, desta vez, agiram de forma civilizada, sob todos os aspectos. Pelo menos, foi o que me disseram. Agradeço-lhe esse tratamento, general – prosseguiu Jackson, com toda a calma. — Não estamos nos anos quarenta. Quando a guerra terminou, eu ainda não tinha nascido e o senhor era uma criança. Este tipo de comportamento é coisa do passado. Não há lugar para ele no mundo de hoje.

— Meus soldados se comportaram com correção – confirmou Arima, sem saber o que mais dizer nas circunstâncias.

— A vida humana é um bem precioso, general Arima, precioso demais para ser sacrificado inutilmente. Limitamos nossas operações a alvos de importância

militar. Ainda não ferimos nenhum inocente. Nem vocês. Entretanto, se a guerra continuar, as coisas serão diferentes, e quem vai sofrer mais é o povo japonês. Ninguém deseja isso. Seja como for, agora preciso voar para Guam. Pode falar comigo pelo rádio, se quiser — concluiu Jackson, levantando-se.

— Preciso aguardar instruções do meu governo.

— Compreendo — replicou Robby, satisfeito porque Arima estava disposto a acatar as ordens... do governo.

Quando Al Trent visitava a Casa Branca, em geral fazia-se acompanhar por Sam Fellows, principal representante da minoria na Comissão Especial. Daquela vez, porém, foi diferente, porque Sam pertencia ao outro partido. Quem estava também presente era um membro da liderança do seu partido no Senado. O adiantado da hora fazia da reunião um encontro político; a maioria dos funcionários da Casa Branca já tinha ido para casa, e o presidente se permitia um atitude mais relaxada, depois de um dia de trabalho estafante.

— Presidente, ouvi dizer que as coisas estão indo muito bem. Durling fez que sim com a cabeça, com cautela.

— O primeiro-ministro Goto ainda não pôde receber o embaixador. Não sabemos por que, mas o embaixador Whiting acha que não há razão para preocupações. A opinião pública no Japão está mudando rapidamente.

Trent aceitou o copo que um sargento da Marinha lhe ofereceu. Os funcionários da Casa Branca deviam ter uma lista das bebidas preferidas dos políticos. No caso de Al, era vodca com água tônica, vodca finlandesa, um hábito que adquirira quarenta anos antes, quando estudava na Tufts University.

— Jack disse o tempo todo que eles não sabiam com quem estavam lidando.

— Ryan é um cara esperto — concordou o senador. — Já lhe prestou bons serviços, Roger. — Trent observou, irritado, que aquele baluarte do que gostava de chamar de "câmara alta" se achava com o direito de chamar o presidente pelo primeiro nome. Um senador típico, pensou o deputado.

— Foi uma boa recomendação de Bob Fowler — admitiu Trent. O presidente concordou com a cabeça.

— É verdade, e foi você que ajudou a convencê-lo a aceitar, não foi, Al? — Confesso-me culpado — declarou o deputado, rindo.

— Tive uma ideia que gostaria de compartilhar com vocês dois — disse o presidente.

O pelotão de comandos do capitão Checa chegou à margem da floresta pouco depois do meio-dia, encerrando uma jornada extremamente cansativa por um terreno coberto de neve e de lama. Tinham chegado a uma estrada estreita. Aquela parte da cidade devia ser frequentada apenas no verão, pensou o capitão.

Os estacionamentos dos hotéis estavam quase vazios, embora houvesse um miniônibus em um deles. Tirou do bolso um telefone celular e digitou um número.

— Alô.

— Senhor Nomuri?

— Ah, Diego! Há horas que estou esperando seu telefonema. Como foi a viagem ao interior? — perguntou o homem, rindo.

Checa estava pensando na resposta quando os faróis do miniônibus piscaram duas vezes. Dez minutos depois, todos os comandos estavam no interior do veículo, onde encontraram café quente e espaço para mudar de roupa. No caminho de volta, o agente da CIA escutou rádio, e os soldados viram que ele parecia totalmente relaxado. Levariam algum tempo para poder se sentir da mesma forma.

O comandante Sato realizou mais uma aterrissagem perfeita no Aeroporto Internacional de Narita sem prestar absolutamente atenção no que estava fazendo. Nem mesmo ouviu o elogio do copiloto quando completou a corrida pela pista. Aparentemente calmo, sentia-se vazio por dentro, executando o trabalho de forma automática. O copiloto não interferiu, talvez por pensar que a atividade mecânica ajudaria a distrair o capitão dos seus sofrimentos. Por isso, limitou-se a observar enquanto Sato taxiava o 747 em direção ao túnel de embarque, parando, como de costume, com precisão milimétrica. Em menos de um minuto, as portas foram abertas, e os passageiros começaram a saltar. Pelas janelas do aeroporto podiam ver a multidão que os esperava, a maioria mulheres e filhos de pessoas que tinham voado recentemente para Saipan com o objetivo de se radicarem na ilha como cidadãos japoneses. Agora estavam voltando para casa, e foram recebidos pelas famílias como se estivessem voltando de um pesadelo. O copiloto sacudiu a cabeça, aborrecido com o absurdo da situação, sem reparar que a expressão de Sato ainda não sofrerá nenhuma mudança. Dez minutos depois, a tripulação deixou o aeroporto. Outra tripulação levaria o 747 de volta a Saipan, para continuar a evacuação da ilha.

Ao saírem do aeroporto, viram que havia pessoas esperando nervosamente por outros voos. Algumas liam com sofreguidão as notícias dos jornais da tarde, que tinham acabado de ser distribuídos.

Goto Caiu, dizia a manchete. Koga se Prepara para Formar Novo Governo.

As filas para os voos internacionais estavam menores que de costume. A maioria dos passageiros eram europeus, que olhavam em torno com curiosidade, alguns deles sorrindo discretamente enquanto observavam os quadros de avisos, repletos de voos provenientes de Saipan. Seus pensamentos não podiam ser mais

óbvios, especialmente os das pessoas que aguardavam voos para o leste.

Sato também reparou no que estava acontecendo. Parou e olhou para uma banca de jornais, mas precisou apenas ler a manchete para compreender. Em seguida, olhou para os estrangeiros e murmurou: — Gaijin...

Tinha sido a única palavra desnecessária que pronunciara nas últimas duas horas e não disse mais nada a caminho do estacionamento. Talvez um pouco de sono lhe fizesse bem, pensou o copiloto, dirigindo-se para seu próprio carro.

— Não devíamos voltar lá e...

— E fazer o que, Ding? — perguntou Clark, guardando no bolso as chaves do carro depois de uma volta de trinta minutos pela parte sul da ilha. — As vezes é melhor deixar que as coisas simplesmente aconteçam. Acho que esta é uma dessas ocasiões, filho.

— Está dizendo que tudo acabou?

— Dê uma olhada em volta.

Ainda havia caças no céu. Uma equipe de limpeza acabara de remover os destroços da periferia do Campo Kobler, mas os caças ainda não tinham sido transferidos para o aeroporto internacional, cujas pistas estavam tomadas pelos aviões comerciais. A leste do conjunto residencial, as guarnições dos Patriot estavam de prontidão, mas os soldados que não se encontravam dentro dos caminhões se reuniam em pequenos grupos, conversando entre si, em vez de tentar confraternizar com a população. Os residentes agora estavam se manifestando, às vezes em altos brados, em vários locais da ilha, e ninguém tinha coragem de prendê-los. Em alguns casos, os oficiais, escoltados por guardas armados, pediam educadamente aos manifestantes que se mantivessem afastados das tropas; a população atendia prudentemente a essas advertências. No caminho, Clark e Chavez tinham assistido a meia dúzia de incidentes desse tipo, e era sempre a mesma coisa: os soldados pareciam mais envergonhados do que zangados. Não parecia um exército pronto para lutar, pensou John. Mais importante ainda era o fato de que os oficiais estavam vigiando seus homens de perto. Isso só podia significar que tinham ordens de cima para não se envolver em encrencas.

— Acha que tudo acabou? — insistiu Oreza.

— Com um pouco de sorte, acho que sim, Portuga.

O primeiro ato oficial do primeiro-ministro Koga depois de formar um gabinete foi mandar chamar o embaixador Charles Whiting. Uma indicação política de que as últimas quatro semanas no país tinham sido muito tensas e preocupantes, a primeira coisa que Whiting observou foi que a guarda de segurança em torno da embaixada reduzira-se à metade. Seu carro com placa do

corpo diplomático foi escoltado pela polícia até o edifício da Dieta. Havia câmaras para registrar sua chegada à entrada VIP, mas elas foram mantidas a distância e dois ministros recém-nomeados encarregaram-se de conduzi-lo à presença do primeiro-ministro.

— Obrigado por atender tão prontamente ao nosso convite, Sr. Whiting.

— Senhor primeiro-ministro, o prazer é todo meu.

Os dois homens apertaram as mãos e realmente pareciam satisfeitos por se encontrar, embora tivessem muitos assuntos delicados para discutir.

— O senhor está ciente de que nada tive a ver com... Whiting interrompeu-o com um gesto.

— Não precisa continuar. Sim, eu sei disso, e lhe asseguro que meu governo também sabe. Sua boa vontade não está em discussão. Minha presença aqui é prova disso — acrescentou o embaixador.

— E qual é a posição do seu governo? Exatamente às nove horas da manhã, o carro do vice-presidente Edward Kealty entrou na garagem subterrânea do Departamento de Estado. Agentes do Serviço Secreto conduziram-no ao elevador VIP que o levou ao sétimo andar, onde um dos assistentes pessoais de Brett Hanson o levou à presença do secretário de Estado.

— Olá, Ed — disse Hanson, levantando-se para cumprimentar o homem que conhecia fazia duas décadas, dentro e fora do governo.

— Olá, Brett.

Kealty não parecia triste. Nas últimas semanas, acertara as contas com muita coisa em sua vida. Em poucas horas, faria uma declaração pública pedindo desculpas a Barbara Linders e várias outras mulheres, que seriam citadas nominalmente. Antes disso, porém, tinha de fazer o que exigia a Constituição. Kealty enfiou a mão no bolso do paletó e entregou um envelope ao secretário de Estado. Hanson recebeu-o e leu os dois curtos parágrafos que comunicavam a renúncia de Kealty. Não precisava dizer mais nada. Os dois velhos amigos apertaram-se as mãos novamente, e Kealty se retirou. Dali iria para a Casa Branca, onde os assistentes arrumavam seus pertences. A noite, o escritório já estaria pronto para o novo ocupante.

— Jack, Chuck Whiting está apresentando nossa proposta, e ela é muito parecida com a que você sugeriu ontem à noite.

— As consequências políticas podem ser um pouco desagradáveis — observou Ryan, sentindo-se internamente aliviado porque o presidente Durling se dispusera a correr o risco.

O presidente sacudiu a cabeça.

— Não acredito, mas mesmo que seja verdade, não mudarei minha posição.

Daqui por diante, quero que nossas tropas se limitem a ações defensivas.

— Ótimo.

— As coisas levarão muito tempo para voltar ao normal. Jack assentiu.

— Sim, senhor, mas podemos conduzir a transição da forma mais civilizada possível. O povo do Japão não participou desta aventura. Quase todos os responsáveis estão mortos. Temos de deixar esse fato bem claro. Quer que eu cuide disso? — Boa ideia. Vamos conversar a respeito hoje à noite. Que tal trazer sua mulher para o jantar? Só nós quatro, para variar — sugeriu o presidente, com um sorriso.

— Acho que Cathy vai gostar.

A professora Caroline Ryan estava terminando uma operação. A sala de cirurgia lembrava mais um laboratório de eletrônica; a médica nem precisava usar luvas cirúrgicas. O paciente estava apenas levemente sedado, enquanto a cirurgia operava os controles do laser, procurando o último capilar doente na retina do velhinho. Ela colocou o ponto luminoso na marca com todo o cuidado e apertou um botão. Houve um breve clarão de luz esverdeada, e o capilar foi cauterizado.

— Terminei, Sr. Redding — disse Caroline, segurando a mão do paciente.

— Obrigado, doutora — agradeceu o homem, com a voz um pouco pastosa.

Cathy Ryan desligou o aparelho e se levantou, espreguiçando-se. No canto da sala, a agente especial Andrea Price, ainda disfarçada de professora do Hopkins, assistira a toda a operação. As duas mulheres saíram da sala e depararam com o professor Bernard Katz, cujos olhos brilhavam.

— Sim, Bernard? — disse Cathy, pensando no que iria escrever na ficha do Sr. Redding.

— Tem algum espaço livre em cima da lareira, Cathy? — perguntou o professor, conseguindo finalmente atrair a atenção da moça.

Katz passou-lhe um telegrama, ainda a maneira correta de transmitir aquele tipo de notícia.

— Você acaba de ganhar o prêmio Lasker, meu bem — disse Katz, abraçando-a com tanta força, que Andrea Price quase sacou da pistola.

— Oh, Bernie!

— Você mereceu. Pode ser, quem sabe, que também ganhe uma viagem à Suécia. Dez anos de trabalho. E uma grande descoberta, Cathy.

Nesse momento, outros professores apareceram, aplaudindo e apertando a mão da médica. Para Caroline Muller Ryan, doutora em medicina e membro do Colégio Americano de Cirurgiões, era um momento tão importante quanto o nascimento de um filho. Ou melhor, pensou, quase tão importante...

O bip da agente especial Andrea Price tocou, e ela se dirigiu para o telefone mais próximo. Depois de anotar a mensagem, voltou para o lado da médica.

— Esse prêmio é tão importante assim? — perguntou, afinal.

— O prêmio Lasker é nada menos do que o prêmio mais importante do país na área da medicina — afirmou Katz, enquanto Cathy se deliciava com os cumprimentos dos colegas. — Você ganha uma pequena reprodução da Vitória de Samotrácia, além de uma boa quantia em dinheiro. O mais importante, porém, é saber que seu trabalho foi reconhecido. Ela é uma excelente profissional.

— Não podia chegar em melhor hora — afirmou Andrea. — Agora, preciso levá-la para casa para se arrumar.

— Para quê?

— Para jantar na Casa Branca — respondeu a agente, piscando o olho. — O marido dela também fez um ótimo trabalho.

Boa parte do trabalho de Ryan era segredo para a grande maioria da população, mas não para o Serviço Secreto, para o qual não havia segredos.

— Embaixador Whiting, gostaria de pedir desculpas ao senhor, ao seu governo e à população do seu país pelo que aconteceu. Prometo que não acontecerá de novo. Prometo também que os responsáveis serão punidos de acordo com nossas leis — declarou Koga, de forma altiva, embora um pouco contida.

— Primeiro-ministro, sua palavra é suficiente para mim e para meu governo. Faremos o que for necessário para reatar nossas relações de amizade — prometeu o embaixador, comovido com a sinceridade do primeiro-ministro e arrependido, como muitos americanos, por ter lhe retirado o apoio seis semanas antes. — Pretendo comunicar imediatamente sua posição ao meu governo. Acredito que nossa resposta será altamente favorável.

— Preciso da sua ajuda — disse Yamata, muito sério.

— Que tipo de ajuda? — perguntou o interlocutor.

Tinha gastado a maior parte do dia para encontrar Zhang Han San e agora a voz do homem estava tão fria quanto seu nome.

— Posso pegar meu jato aqui e voar diretamente para...

— Isso seria encarado como um ato hostil contra dois países. Não, sinto muito, mas não posso concordar. — Seu idiota, teve vontade de dizer o chinês. Não conhece o preço para esse tipo de fracasso?

— Mas... mas somos aliados!

— Aliados em quê? — perguntou Zhang. — Você é um homem de negócios e eu sou um funcionário do governo.

A conversa poderia ter prosseguido por muito tempo sem levar a lugar

algum, mas a porta do escritório de Yamata foi aberta e o general Tokikichi Arima entrou, acompanhado por dois outros oficiais. Eles não tinham se dado ao trabalho de falar com a secretária na antessala.

— Precisamos conversar, Yamata-san — declarou o general.

— Ligo para você mais tarde — disse o industrial ao telefone, antes de desligar, sem saber que, do outro lado da linha, o chinês instruíra seu pessoal para dar alguma desculpa caso ele voltasse a telefonar. Não que fizesse muita diferença.

— O que deseja? — perguntou, dirigindo-se ao general.

— Tenho ordens para lhe dar voz de prisão.

— Ordens de quem?

— Do primeiro-ministro Koga em pessoa.

— Qual é a acusação?

— Traição.

Yamata fez uma careta. Olhou para os outros militares, que agora ladeavam o general, e não viu nenhuma simpatia nos olhos deles. Então era assim! Aqueles autômatos sabiam cumprir ordens, nada mais do que isso. Talvez pelo menos compreendessem o que era a honra.

— Com sua permissão, gostaria de passar alguns minutos a sós. O significado do pedido era evidente.

— Tenho ordens de levá-lo vivo para Tóquio — afirmou Arima.

— Mas...

— Sinto muito, Yamata-san, mas não poderá usar esse recurso para escapar.

O general fez um gesto para um dos oficiais, que deu três passos à frente e algemou o industrial. O frio do aço assustou Yamata.

— Tokikichi, você não pode...

— Estou apenas cumprindo meu dever.

O general lamentava não poder permitir que o... amigo? Não, não tinham sido realmente amigos. Mesmo assim, lamentava não poder permitir que Yamata pusesse fim à própria vida para expiar seus pecados, mas as ordens do primeiro-ministro tinham sido muito claras. Teria de conduzi-lo à delegacia de polícia que ficava ao lado do edifício do governo, onde seria vigiado por dois homens para evitar qualquer tentativa de suicídio.

Quando o telefone tocou, todos se surpreenderam ao perceber que era o telefone comum e não o aparelho de Burroughs. Isabel Oreza atendeu, esperando que fosse alguém do trabalho. Ouviu um pouco e depois chamou: — Sr. Clark?

— Obrigado — disse o agente, pegando o fone.

— Sim?

— John, aqui é Mary Pat Sua missão terminou. Pode voltar para casa.

— Devo conservar o disfarce?

— Afirmativo. Bom trabalho, John. O mesmo se aplica a Ding.

A linha ficou muda. A vice-diretora de operações violara as normas de segurança, mas a ligação durara apenas alguns segundos, e usar um telefone comum tornava a mensagem ainda mais oficial.

— O que foi? — perguntou Portuga.

— Querem que a gente volte para casa.

— Sem sacanagem? — perguntou Ding. Clark passou-lhe o fone.

— Ligue para o aeroporto. Diga que somos repórteres credenciados e talvez consiga lugares para nós. — Clark voltou-se para Oreza.

— Portuga, pode me fazer um favor e esquecer que me viu? A mensagem foi bem recebida, embora surpreendesse a todos.

O Tennessee logo tomou o rumo leste e aumentou a velocidade para quinze nós, permanecendo nas profundezas do mar. Na sala de oficiais, os tripulantes estavam mexendo com o tenente do Exército.

— Precisamos de uma vassoura — declarou o oficial de engenharia, muito sério.

— Temos uma a bordo? — perguntou o tenente Shaw.

— Nenhum submarino deixa o porto sem uma vassoura, Sr. Shaw. Já está conosco há tempo suficiente para saber disso — observou o comandante Claggett, piscando o olho.

— Do que é que vocês estão falando? — perguntou o tenente do Exército.

— Atiramos contra dois navios e afundamos os dois — explicou o engenheiro. — Isso significa que tivemos um aproveitamento de cem por cento. Assim sendo, vamos entrar em Pearl com uma vassoura amarrada no periscópio número um. É o que manda a tradição.

— Vocês marinheiros têm tradições muito estranhas — afirmou o único homem a bordo vestido de verde.

— E quanto aos helicópteros? Vamos colocar uma vassoura por eles, também? — perguntou Shaw ao comandante.

— Eles foram derrubados por nós! — protestou o oficial do Exército.

— Mas isso só foi possível porque vocês decolaram do nosso submarino! — observou o tenente.

— Puxa, vocês são fogo!

Toda aquela discussão ocorrera durante o café da manhã. O que aprontariam os marinheiros na hora do almoço? O jantar foi informal, servido no

mesmo andar da Casa Branca onde ficavam os quartos de dormir. A comida podia ser simples, mas estava deliciosa.

— Os dois estão de parabéns — disse o presidente.

— Como assim? — perguntou o conselheiro de Segurança Nacional, que ainda não sabia da novidade.

— Jack, ganhei o Lasker — explicou Cathy.

— Vocês são um casal vinte — declarou Al Trent, levantando o copo de vinho para fazer um brinde.

— Concordo plenamente — afirmou Durling. — Jack, se não fosse por você, não sei como teríamos saído desta confusão. Bom trabalho, Dr. Ryan.

Jack agradeceu com a cabeça, mas agora já estava calejado. Sabia que o presidente estava aprontando alguma para ele.

— Presidente, tenho orgulho de servir a meu país. Obrigado pela confiança e também pela paciência que teve comigo quando eu...

— Jack, o país precisa de pessoas como você. Cathy, você sabe tudo que Jack tem feito nos últimos anos?

— Jack? Contar alguma coisa para mim do trabalho? Muito engraçado! — exclamou a moça.

— Al?

— Cathy, pergunte-me o que quiser — observou Trent, para aflição de Jack.

— Há uma coisa que me deixou intrigada. Vocês dois são muito amigos, mas na primeira vez que se encontraram, eu seria capaz de jurar que...

— Está falando daquele jantar, pouco antes de Jack voar para Moscou? — Trent bebeu um gole do chardonnay da Califórnia. — Foi quando ele conseguiu que o antigo chefe da KGB passasse para o nosso lado.

— O quê?

— Conte a história, Al, temos tempo de sobra — sugeriu Durling. — A esposa, Anne, também parecia interessada. Trent acabou falando vinte minutos sem parar, contando várias histórias, apesar do constrangimento de Jack.

— Esse é o seu marido, Dra. Ryan — disse o presidente, quando Trent terminou.

Jack ficou olhando para Trent, desconfiado. Aonde ele e o presidente estavam querendo chegar? — Jack, o país precisa de você para mais uma missão — afirmou o deputado.

— Qual? — Qualquer coisa, menos uma embaixada, pensou. Durling colocou o copo sobre a mesa.

— Jack, nos próximos nove meses estarei empenhado na campanha para a reeleição. Gostaria de contar com você na minha equipe.

— Presidente, eu já estou...

— Quero que seja meu vice-presidente — afirmou Durling, com toda a calma. Todos na sala fizeram silêncio. — Como sabe muito bem, a partir de hoje o cargo está vago. Ainda não escolhi meu companheiro de chapa e não estou lhe pedindo que ocupe esta posição por mais do que... por mais do que onze meses. Como Rockefeller no governo de Gerry Ford. Preciso de uma pessoa que o público respeite, alguém que possa cuidar do país na minha ausência, alguém que entenda de política internacional. Sei que está querendo deixar a vida pública. Depois de servir como vice-presidente, não poderá ser convocado para um cargo permanente.

— Espere um momento. Nem ao menos sou do seu partido! — De acordo com a Constituição original, o vice-presidente seria o segundo candidato mais votado para a presidência. James Madison e os outros tinham certeza de que o patriotismo seria mais forte do que as divisões partidárias. Infelizmente, estavam errados — admitiu Durling. — Neste caso, porém... Jack, eu conheço você. Não pretendo usá-lo politicamente. Nada de discursos ou de beijar crianças.

— Jamais pegue uma criança no colo para beijá-la — recomendou Trent — Elas sempre fazem xixi em você e alguém sempre fotografa a cena. Beije sempre os nenéns no colo das mães.

O conselho prático teve o efeito de desanuviar um pouco a atmosfera.

— Seu trabalho será manter a Casa Branca organizada, cuidar das questões de segurança nacional e reforçar a equipe de política externa. Depois disso, prometo que o deixaremos em paz. Você será um homem livre, Jack. Livre para sempre! — Oh, meu Deus! — exclamou Cathy.

— É isso que você queria, também, não é? Caroline concordou com a cabeça.

— É, sim. Mas... mas eu não entendo nada de política. Será que...

— Você está com sorte — observou Anne Durling. — Em menos de um ano, não terá mais que se preocupar com ela.

— Acontece que tenho meu trabalho e...

— E nada a impedirá de continuar a fazê-lo. O cargo inclui uma casa muito bonita — acrescentou o presidente. — Que tal, Jack? — perguntou, voltando-se para Ryan.

— O que lhe faz pensar que o Congresso vai aprovar meu...

— Deixe isso conosco — interveio Trent, em um tom que deixava claro que aquela questão já estava resolvida.

— Não vai me pedir para...

— Prometo que não — assegurou-lhe o presidente. — Suas obrigações terminam em janeiro do ano que vem.

— Como vice-presidente, eu seria presidente do Senado. No caso de uma votação apertada, minha posição ficaria...

— E claro que tentarei convencê-lo a votar a meu favor, mas sei que votará de acordo com sua consciência e não tenho nenhuma objeção. Na verdade, se achasse que agiria de outra forma, não estaria lhe fazendo esta proposta.

— Além do mais, não estamos prevendo nenhuma votação apertada para os próximos meses — assegurou-lhe Trent.

Também haviam conversado sobre esse assunto na noite anterior.

— Acho que devemos prestar mais atenção aos militares — afirmou Jack.

— Se me apresentar suas recomendações, farei questão de incluí-las no orçamento. Já me ensinou uma lição e talvez possa me ajudar a repassá-la ao Congresso.

— Eles vão dar ouvidos a você, Jack — afirmou Trent.

Meu Deus, pensou Ryan, arrependido por ter abusado do vinho. Olhou para a mulher, como era de esperar. Seus olhos encontraram-se e ela fez que sim com a cabeça. Tem certeza?, perguntou Jack com o olhar. Cathy fez novamente que sim.

— Presidente, nos termos da sua proposta, e se é apenas para completar o atual mandato, a resposta é sim.

Roger Durling fez um gesto para uma agente do Serviço Secreto, avisando a ela que Tish Brown podia fazer a declaração à imprensa a tempo para que a notícia aparecesse nos jornais da manhã.

Oreza se dispôs a sair de barco pela primeira vez desde o dia em que Burroughs fisgara uma albacora. Eles deixaram o porto ao amanhecer e o engenheiro pôde encerrar a viagem com outra pescaria memorável antes de pegar um voo da Continental para Honolulu. Tinha muitas histórias para contar no trabalho, mas deixaria de fora o fato de que o dono do barco jogara fora uma mala cheia de equipamentos fotográficos assim que se afastaram da ilha. Devia ter um bom motivo para isso.

Clark e Chavez, ainda disfarçados de russos, conseguiram, depois de muita insistência, dois lugares em um voo da JAL para Narita. Quanto estavam embarcando, viram um japonês de terno sendo levado algemado por uma escolta militar, e de cinco metros de distância, quando o levavam para a primeira classe, Ding Chavez olhou nos olhos do homem que ordenara a morte de Kimberly Norton. Gostaria de estar com uma arma no bolso, mas infelizmente não estava. O voo até o Japão levou apenas duas horas e pouco e os dois foram logo para o terminal internacional com sua bagagem de mão. Tinham reservas na primeira classe para outro voo da JAL até Vancouver, de onde voariam para Washington em avião de uma empresa americana.

— Boa noite — disse o comandante, primeiro em japonês e depois em inglês. — Quem fala é o comandante Sato. Esperamos uma viagem tranquila até Vancouver. O vento está favorável. Chegaremos por volta das sete da manhã, hora local.

A voz soava ainda mais mecânica por causa dos alto-falantes baratos, mas a verdade era que todos os pilotos gostavam de falar como robôs.

— Graças a Deus — comentou Chavez baixinho, em inglês.

Fez alguns cálculos de cabeça e chegou à conclusão de que estariam na Virgínia por volta das nove ou dez da manhã.

— Concordo com você — disse Clark.

— Quero me casar com sua filha. Vou fazer o pedido oficial nos próximos dias.

Pronto, estava dito. A expressão de Clark ao ouvir essas palavras fez Ding encolher-se.

— Um dia você vai entender o que isso significa para um pai, Ding. Minha filhinha?, pensou, tão vulnerável no momento como qualquer homem, ou talvez até mais.

— Não quer um mexicano na família?

— Não se trata disso. É que... oh, que droga, Ding. É mais fácil soletrar Chavez do que Wojohowitz. Se ela estiver de acordo, por mim não há problema.

— Tão fácil assim? — Pensei que você fosse arrancar minha cabeça fora com uma dentada.

Clark se permitiu uma risada.

— Não. Prefiro usar um revólver para esse tipo de trabalho. Pensei que você soubesse...

— O presidente não podia ter escolhido melhor — declarou Sam Fellows no "Bom-dia, América". — Conheço Jack Ryan há quase oito anos. Há poucos homens tão inteligentes quanto ele no atual governo. Posso lhes dizer agora que foi um dos principais responsáveis pela rápida conclusão das hostilidades com o Japão, além de desempenhar um papel decisivo na recuperação do nosso mercado financeiro.

— Têm havido rumores de que o trabalho dele na CIA...

— Sabe que não estou autorizado a revelar informações confidenciais. — Outras pessoas se encarregariam de falar sobre aqueles boatos; os senadores dos dois partidos estavam sendo informados a respeito naquela mesma manhã. — O que posso dizer é que o Dr. Ryan serviu ao país com extrema dignidade. Não me lembro de outro agente de segurança que tenha conquistado a mesma confiança e respeito por parte do governo e da população.

— Mas dez anos atrás... o incidente com os terroristas. Nunca tivemos um

vice-presidente que já...

— Que já matou alguém?

— Fellows olhou para o repórter e sacudiu a cabeça. — Muitos presidentes e vice-presidentes serviram no Exército. Jack apenas defendeu a família de um ataque covarde, como qualquer americano teria feito em seu lugar. Eu lhe asseguro que no Arizona, minha terra natal, ninguém condenaria um homem por isso.

— Obrigado, Sam — murmurou Ryan, olhando para a TV do escritório. A primeira onda de repórteres deveria chegar em trinta minutos e ainda tinha de ler vários relatórios e a folha de recomendações escrita por Tish Brown. Não fale depressa demais. Não dê uma resposta direta a nenhuma pergunta política.

— Estou muito feliz por ter sido escalado — disse Ryan para si mesmo. — Espero corresponder às expectativas. Não é isso que costumam dizer os jogadores novatos? — pensou em voz alta.

O 747 pousou ainda mais cedo do que o piloto prometera, o que era ótimo, mas não os dispensava de esperar pela conexão. A boa notícia foi que os passageiros da primeira classe saltaram na frente e, melhor ainda, um funcionário do consulado americano recebeu Clark e Chavez na saída e ajudou-os a passar pela alfândega. Os dois tinham dormido durante o voo, mas seus organismos ainda estavam fora de sincronismo com a hora local. Um velho LIOU da Delta decolou duas horas depois em direção ao Aeroporto Internacional Dulles.

O comandante Sato continuou sentado na cabina. O problema das viagens internacionais era que todas se pareciam. Aquele terminal podia ficar em qualquer país do mundo, a não ser pelo fato de que todos em volta eram gaijin. Teria um dia de folga antes de voar para casa, certamente com o avião cheio de executivos japoneses deixando o país.

Era isso que o esperava para o resto da vida: levar pessoas que não conhecia a lugares que não o interessavam. Se pelo menos tivesse ficado nas Forças de Autodefesa... Era o melhor piloto de uma das melhores companhias aéreas do mundo; suas habilidades talvez tivessem feito alguma diferença. Agora, porém, estava tudo acabado e era apenas mais um piloto de mais uma aeronave comercial, a serviço de um país que deixara de ocupar o lugar que lhe cabia na história. Paciência. Levantou-se, recolheu os mapas de voo e outros papéis, guardou-os na maleta e desembarcou. A saída agora estava vazia e logo se viu no saguão do aeroporto. Pegou um exemplar do USA Today em uma loja e sua atenção foi despertada pela reportagem da primeira página. Hoje, às nove da noite? A ideia levou apenas um momento para tomar forma; na verdade, era

apenas uma questão de velocidade e distância.

Sato olhou em torno mais uma vez e depois se dirigiu para o setor de administração do aeroporto. Precisava de um mapa meteorológico. Já sabia exatamente o que fazer.

— Há uma coisa que eu gostaria de fazer — afirmou Jack, mais à vontade do que nunca na Sala Oval.

— O que é?

— Conseguir um indulto para um agente da CIA.

— O que foi que ele fez? — perguntou Durling, desconfiado.

— Matou algumas pessoas — respondeu Ryan, com toda a sinceridade. — Por coincidência, meu pai cuidou do caso quando eu estava na faculdade. Os homens que ele matou não valiam nada...

— Isso não é desculpa.

O futuro vice-presidente levou dois ou três minutos para explicar o que ocorrera. A palavra mágica era "drogas". Quando terminou, o presidente fez que sim com a cabeça.

— O que aconteceu depois?

— Ele tem sido um dos nossos melhores agentes. Foi quem cuidou de Qati e Ghosn na Cidade do México.

— Ah, é esse o homem?

— Sim, presidente. Acho que merece seu nome de volta.

— Está bem. Vou ligar para o secretário de Justiça e ver se podemos fazer a coisa discretamente. Não vai me pedir mais nenhum favor pessoal? — perguntou o presidente. — Para um amador, está aprendendo depressa. A propósito: fez um bom trabalho com a imprensa, esta manhã.

Ryan agradeceu o cumprimento com uma mesura.

— Também devemos muito ao almirante Jackson, mas acho que a Marinha se encarregará de recompensá-lo.

— Um pouco de interesse por parte do presidente nunca fez mal à carreira de um militar. Você tem toda a razão. Foi muita esperteza dele voar até as ilhas para conversar com os generais japoneses.

— Nenhuma baixa — afirmou Chambers. E tinham causado sérias baixas ao inimigo. Por que, então, não se sentia feliz? — O que aconteceu com os submarinos que afundaram o Charlotte e o Asheville? — perguntou Jones.

— Vamos tentar descobrir, mas pelo menos um deles deve ser sido destruído.

Era uma questão de probabilidade.

— Bom trabalho, Ron — disse Mancuso.

Jones apagou o cigarro. Agora teria de abandonar de novo o vício. Agora também compreendia o que era uma guerra e agradecia a Deus por não ter participado de nenhuma. Talvez fosse uma coisa apenas para homens bem mais jovens. Entretanto, fizera a sua parte e esperava que dali em diante não precisassem mais dele. Afinal, era muito mais agradável rastrear baleias.

— Obrigado, comandante.

— Um dos nossos 747 teve problemas mecânicos — explicou Sato. — Só vai ficar pronto daqui a três dias. Tenho de levar um avião até Heathrow para substituí-lo. Outro 747 tomará o lugar do meu na rota do Pacífico — concluiu, entregando o plano de voo.

O funcionário canadense examinou o papel.

— Vai levar passageiros?

— Não, mas vou precisar de combustível para a viagem.

— Espero que sua empresa nos reembolse, comandante — observou o funcionário, com um sorriso. Assinou o documento, guardou uma via e entregou a outra ao piloto. Deu uma última olhada no plano de voo. — Vai pela rota sul? São mais oitocentos quilômetros.

— Não estou gostando do vento — mentiu Sato.

Era uma mentira segura. As pessoas raramente questionavam os pilotos em decisões daquele tipo. O funcionário nem pestanejou.

— Boa viagem — disse, voltando a sua papelada.

Uma hora depois, Sato estava olhando para o avião, que se encontrava em um hangar da Ar Canada porque o espaço no terminal fora ocupado por outro jato de grande porte. O japonês realizou a inspeção de voo com todo o cuidado, procurando vazamentos de fluido hidráulico, rebites soltos, pneus em mau estado, qualquer tipo de irregularidade, enfim, mas constatou que estava tudo em ordem. O copiloto já estava a bordo, aborrecido com o voo não programado, apesar da perspectiva de passar três ou quatro dias em Londres, uma das cidades favoritas dos tripulantes dos voos internacionais. Sato terminou o exame e subiu a bordo, passando pela cozinha antes de se dirigir para a cabina.

— Tudo pronto? — perguntou.

— Tudo pronto — confirmou o homem, segundos antes que a faca penetrasse no seu peito. Os olhos se arregalaram mais de surpresa do que de dor.

— Desculpe, mas não havia outro jeito — disse Sato, apertando o cinto de segurança antes de iniciar a sequência de decolagem. O pessoal de terra estava longe demais para ver o interior da cabina e não tinha como saber que havia apenas uma pessoa viva a bordo.

— Torre de Vancouver, aqui é o voo extraordinário da JAL Cinco-Zero-

Zero, pedindo permissão para taxiar.

— Cinco-Zero-Zero liberado para a pista Dois-Sete-Esquerda. Vento em dois-oito-zero a quinze.

— Obrigado, Vancouver. Cinco-Zero-Zero liberado para a pista Dois-Sete-Esquerda — repetiu Sato, colocando a aeronave em movimento.

O piloto levou dez minutos para chegar à cabeceira de pista e teve de esperar mais um minuto porque o avião à sua frente era outro 747, cuja decolagem podia gerar uma perigosa turbulência. Estava prestes a violar a regra mais importante da aviação, segundo a qual os pilotos deviam fazer o possível para que o número de pousos fosse igual ao número de decolagens. Entretanto, seus conterrâneos já haviam violado essa regra no passado. Quando foi liberado pela torre, Sato aumentou a potência dos motores, e o Boeing vazio acelerou rapidamente, decolou e rumou para o norte para deixar o espaço aéreo controlado em torno do aeroporto. Em pouco tempo atingiu a altitude de cruzeiro de doze mil metros, para a qual o consumo de combustível era mínimo. O plano de voo o faria viajar paralelamente à fronteira entre Canadá e Estados Unidos, deixando o continente um pouco ao norte da cidade pesqueira de Hopedale. Logo depois, sairia do alcance dos radares de terra. Quatro horas, pensou Sato, bebendo chá enquanto o piloto automático dirigia a aeronave. Rezou uma prece pelo companheiro. Gostaria que a alma do copiloto estivesse em paz, como a sua estava.

O voo da Delta pousou em Dulles com apenas um minuto de atraso. Clark e Chavez descobriram que havia um carro à espera deles. Entraram no Ford com placa oficial e se dirigiram para a Interstate-64, enquanto o motorista que levara o carro até o aeroporto pegava um táxi.

— O que acha que vai acontecer com ele?

— Yamata? Vai para a cadeia ou coisa pior. Comprou um jornal? — perguntou Clark.

— Comprei. — Chavez desdobrou-o e passou os olhos pela primeira página.

— Essa é boa!

— O que foi?

— Parece que o Dr. Ryan vai ganhar uma senhora promoção.

Mas Chavez tinha outras coisas em que pensar enquanto se dirigiam para a costa da Virgínia, como por exemplo que palavras usaria para fazer a Patsy a Grande Pergunta. E se a moça dissesse que não? As sessões conjuntas do Congresso eram sempre realizadas no plenário da Câmara, porque era maior, e também, comentavam os membros da câmara "baixa", porque no Senado os assentos eram reservados, e aqueles filhos da puta não gostavam que ninguém se

sentasse no lugar deles. A segurança em geral funcionava muito bem. O Capitólio tinha sua própria força policial, que estava acostumada a trabalhar em colaboração com o Serviço Secreto. Alguns corredores tinham sido fechados com cordas e os guardas uniformizados estavam mais atentos do que de costume, mas isso era tudo.

O presidente chegaria ao Capitólio no carro oficial, todo blindado, acompanhado por vários carros Chevy Suburban ainda mais bem protegidos e carregados de agentes do Serviço Secreto armados até os dentes. Era como a caravana de um circo; como os artistas de circo, aquelas pessoas estavam sempre em processo de mudança. Quatro agentes, por exemplo, montaram lançadores de mísseis Stinger no telhado, nos locais de costume, examinando as vizinhanças para ver se as árvores não tinham crescido demais; elas eram podadas periodicamente para aumentar a visibilidade. O Grupo de Combate a Franco-atiradores do Serviço Secreto também se instalou em posições estratégicas no telhado do Capitólio e de edifícios próximos. Os melhores atiradores do país retiraram os rifles Magnum de 7mm, fabricados sob encomenda, de suas caixas forradas com espuma de borracha e usaram binóculos para examinar os telhados que não pretendiam ocupar e que não eram muitos, pois outros funcionários do serviço secreto usaram elevadores e escadas para chegar ao alto de todos os edifícios próximos ao que seria visitado pelo SALTADOR naquela noite. Quando escureceu, equipamentos de visão noturna foram ligados e os agentes beberam café para espantar o sono.

Sato agradeceu à Providência pela hora que tinham escolhido para a cerimônia e pela existência do Sistema TCAS. Embora as rotas transatlânticas nunca estivessem vazias, as viagens entre a Europa e a América eram programadas para coincidir com os hábitos de sono da maioria das pessoas, de modo que não havia muitos voos da Europa para os Estados Unidos àquela hora. O TCAS o alertaria para a presença de aeronaves próximas. No momento, não havia nenhuma: a tela mostrava a mensagem LIVRE DE CONFLITOS, o que queria dizer que nenhum avião fora localizado em um raio de cento e trinta quilômetros. Isso permitiu que entrasse com facilidade em uma rota para os Estados Unidos, que acompanhava a costa leste a uma distância de quinhentos quilômetros do litoral. O piloto comparou a hora com o plano de voo que tinha na memória. Os cálculos tinham de ser exatos, porque os americanos gostavam de ser pontuais. Às 20:30, tomou o rumo oeste. Estava muito cansado, pois passara a maior parte das últimas vinte e quatro horas no ar. O tempo estava chuvoso, e provavelmente teria de enfrentar alguma turbulência quando começasse a descida, mas nada muito sério para um piloto experiente como ele. A única coisa que lamentava era ter abusado do chá. Agora estava louco para ir

ao banheiro, mas não podia abandonar os controles. Ainda bem que teria que suportar o desconforto durante apenas uma hora.

— Papai, o que vai acontecer conosco? Teremos de mudar de escola? — perguntou Sally do banco traseiro do carro. Cathy se encarregou de responder.

— Não, e vão ter um motorista só para vocês.

— Que legal! — exclamou o pequeno John.

O pai deles estava arrependido, como sempre ficava depois de tomar uma decisão importante, mesmo sabendo que era tarde demais para voltar atrás. Cathy olhou para ele, adivinhou seus pensamentos e sorriu.

— Jack, será apenas por alguns meses e depois...

— E verdade — concordou o marido. — Depois poderei melhorar meu golfe.

— E ensinar. E isso que você quer fazer. E isso que você precisa fazer.

— Acha que não devo voltar ao mercado financeiro? — Não sei como conseguiu permanecer nele tanto tempo.

— Você é uma cirurgia e não uma psicóloga.

— Podemos discutir o assunto — disse Cathy, ajeitando o vestido de Katie.

O que mais lhe agradava era que depois de ocupar aquele cargo por menos de um ano, o marido não precisaria mais servir ao governo. Tinha sido um belo presente do presidente Durling.

O carro oficial parou em frente ao Edifício Longworth, onde ficavam os escritórios dos congressistas. O lugar estava quase vazio; apenas alguns assessores transitavam por ali no momento, observados por agentes do Serviço Secreto, que também escoltaram os Ryan para o interior do edifício. Al Trent os recebeu na entrada.

— Querem vir comigo? — Por quê...

— Depois que você for confirmado no cargo, vai entrar na sala para prestar o juramento e depois ocupará o lugar atrás do presidente, ao lado do presidente — explicou Sam Fellows. — Foi ideia de Tish Brown. Vai dar boa impressão.

— Isto não passa de teatro de ano eleitoral — observou Jack, friamente.

— E nós? — perguntou Cathy.

— Vocês compõem uma excelente imagem de família — afirmou Al.

— Não sei por que estou tão animado com tudo isso — queixou-se Fellows, de bom humor. — Quanto melhor nos sairmos, mais difícil vai ser novembro para todos nós. Já pensou nisso? — Não, Sam, eu não tinha pensado — respondeu Jack, com um sorriso tímido.

— Esta espelunca foi meu primeiro escritório — declarou Trent, abrindo a porta do conjunto de escritórios que vinha usando havia dez mandatos. — Eu a conservo porque me dá sorte. Sentem-se, por favor, e descansem um pouco.

Um dos assessores chegou com refrigerantes e gelo, sob os olhos atentos dos seguranças de Ryan. Andrea Price começou a brincar de novo com os filhos de Ryan. Isso parecia pouco profissional, mas não era. As crianças tinham de se sentir à vontade na sua presença, e já estava trabalhando nisso.

O carro do presidente Durling chegou sem incidentes. O presidente foi conduzido ao escritório do presidente, ao lado do plenário, para dar uma última olhada no discurso que estava prestes a pronunciar. JASMIM, a Sra. Durling, com seus próprios guarda-costas, tomou o elevador para as galerias. Àquela altura, o plenário estava começando a encher. Atrasos não eram vistos com bons olhos em cerimônias como aquela. Os congressistas reuniam-se em pequenos grupos de amigos e entravam no recinto, dirigindo-se a seus lugares, separados em dois blocos por uma linha invisível, porém muito real. Todos os nove juízes da Suprema Corte, todos os membros do Gabinete que se encontravam na cidade (dois não estavam) e os membros do Estado-Maior Conjunto, em seus uniformes de gala, foram conduzidos para a primeira fila. Em seguida, foi a vez dos chefes dos órgãos independentes. Bill Shaw, do FBI. O presidente da Federal Reserve. Finalmente, diante dos olhos nervosos dos agentes de segurança e dos funcionários do governo, estava tudo pronto.

As sete redes de televisão interromperam a programação normal. Foi anunciado que o Discurso do Presidente começaria em alguns minutos, dando tempo aos espectadores para ir até a cozinha preparar um sanduíche.

O porteiro da Casa, detentor de um dos cargos mais supérfluos do país (um excelente salário e praticamente nenhuma responsabilidade) foi até o meio do recinto e desempenhou sua função, anunciando, em tom pomposo: — Senhor presidente, o presidente dos Estados Unidos.

Roger Durling entrou na sala e caminhou pelo corredor central, com uma pasta vermelha debaixo do braço, parando a cada momento para apertar as mãos dos congressistas. Na pasta estava uma cópia impressa do seu discurso, para ser usada caso houvesse algum problema com o teleprompter. Os aplausos foram entusiásticos e sinceros. Mesmo os membros da oposição reconheciam que Durling cumprira a promessa de preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos, e por mais importante que fosse a política, também era preciso pensar em valores como honra e patriotismo, especialmente em ocasiões como aquela. Durling tomou seu lugar no atril, e foi a vez do presidente da Casa desempenhar seu papel na cerimônia: — Membros do Congresso, tenho o distinto privilégio e a elevada honra de apresentar o presidente dos Estados Unidos.

Todos aplaudiram de pé. Parecia que os dois partidos estavam competindo para ver quem batia palmas mais alto e por mais tempo.

— Certo, vou repetir mais uma vez...

— Não é preciso, Al! Eu entro, o presidente da Suprema Corte toma meu juramento e eu me sento. Tudo que tenho a fazer é repetir o que ele disser.

Ryan bebeu um gole de Coca e enxugou o suor da mão na calça. Um agente do Serviço Secreto foi buscar uma toalha para ele.

— Centro de Washington, aqui é o voo Meia-Cinco-Nove, da KLM. Temos uma emergência a bordo.

Pelo tom de voz, parecia coisa séria. O controlador de tráfego observou que o ícone alfanumérico triplicara de tamanho na tela e ligou o microfone. A tela mostrava o curso, velocidade e altitude da aeronave. Sua primeira impressão foi de que estava descendo rapidamente.

— Meia-Cinco-Nove, aqui é o Centro de Washington. Quais são suas intenções? — Torre, aqui é Meia-Cinco-Nove. A turbina número um explodiu e as turbinas um e três pararam de funcionar. A integridade estrutural é precária. O controle, também. Solicito vetor para Baltimore.

O controlador fez um gesto urgente para o supervisor, que se aproximou para ver o que estava acontecendo.

— Espere um momento. Quem está falando? Ele consultou o computador e não encontrou nenhuma informação a respeito do KLM-659.

— Meia-Cinco-Nove, identifique-se, por favor.

— Centro de Washington, aqui é Meia-Cinco-Nove da KLM, um voo charter para Orlando com trezentos passageiros a bordo — disse a voz. — Repetindo: estamos com duas turbinas paradas e danos estruturais na asa de bombordo e na fuselagem. Solicito vetor imediato para Baltimore! — Não podemos brincar com isso — disse o supervisor. — Fique com ele. Ajude-o a descer.

— Sim, senhor. Meia-Cinco-Nove, estou vendo você no radar. Altitude quatro mil metros, velocidade seiscentos quilômetros por hora. Recomendo mudar a rota para dois-nove-zero e descer para três mil metros.

— Meia-Cinco-Nove descendo para três mil metros, mudando a rota para dois-nove-zero — respondeu Sato.

O inglês era a língua oficial nas viagens internacionais, e o inglês de Sato era excelente. Até ali, tudo bem. Ainda conservava mais de metade do combustível nos tanques e faltavam menos de duzentos quilômetros para o destino, de acordo com o sistema de navegação de bordo.

No Aeroporto Internacional de Baltimore-Washington, o posto de bombeiros localizado nas proximidades do terminal principal logo foi alertado. Os empregados do aeroporto que normalmente tinham outras funções correram para o edifício, enquanto os controladores decidiam rapidamente quais aeronaves

poderiam pousar antes que o 747 avariado chegasse e quais teriam de esperar. Como em todos os grandes aeroportos, já existia um plano de emergência. A polícia e outros serviços foram alertados, e literalmente centenas de pessoas foram arrancadas da frente de receptores de TV.

— Quero lhes contar a história de um cidadão americano, um filho de policial, um ex-fuzileiro naval que ficou inválido depois de um acidente de treinamento, um professor de história, membro da comunidade financeira, marido, pai, patriota, servidor público e autêntico herói americano — disse o presidente, diante das câmaras de TV.

Ryan parecia constrangido com o discurso e mais ainda com os aplausos que se seguiram. As câmaras voltaram-se para Fiedler, o secretário do Tesouro, que falara com um grupo de repórteres financeiros a respeito do papel desempenhado por Jack na recuperação de Wall Street Até mesmo Brett Hanson estava aplaudindo, e com muito espírito esportivo.

— É sempre embaraçoso, Jack — comentou Trent, rindo.

— Muitos de vocês o conhecem, muitos de vocês trabalharam com ele. Hoje conversei com os membros do Senado. — Durling indicou com um gesto os líderes da maioria e da minoria, ambos os quais sorriram e fizeram que sim com a cabeça para as câmaras do C-SPAN. — Com a aprovação de vocês, gostaria de propor o nome de John Patrick Ryan para o cargo de vice-presidente dos Estados Unidos. Proponho ainda que os membros do Senado aprovem esta nomeação por voto simbólico.

— Isso é muito irregular — observou um comentarista, enquanto os dois senadores se levantavam.

— O presidente Durling foi muito hábil — replicou o analista político.

— Jack Ryan praticamente não tem inimigos nesta cidade e esta escolha bipartidária...

— Senhor presidente, senhor presidente, membros do Senado e amigos e colegas da Câmara — começou o líder da maioria. — E com grande satisfação que eu e o líder da minoria...

— Tem certeza de que isto é legal? — perguntou Jack.

— A Constituição diz que a sua nomeação tem de se aprovada pelo Senado, mas não especifica como — afirmou Sam Fellows.

— Torre de Baltimore, aqui é Meia-Cinco-Nove. Estou com um problema.

— Meia-Cinco-Nove, qual é o problema? — perguntou o controlador da torre.

Já podia ver na tela parte do problema. O 747 não obedecera ao seu último comando. Começou a temer pela sorte daquela aeronave.

— Meus controles não estão respondendo... não sei se vou conseguir...

Baltimore, estou vendo uma pista a uma hora... não conheço direito esta região... estou perdendo potência...

O controlador estudou a situação no monitor e chegou a uma conclusão.

— Meia-Cinco-Nove, o que você está vendo é a Base Aérea de Andrews. Eles têm duas pistas muito boas. Acha que consegue chegar a Andrews? — Acho que sim, acho que sim.

— Espere um momento. — O controlador tinha uma linha direta para a base. — Andrews, vocês podem...

— Estamos acompanhando o caso — informou o controlador de Andrews. — Fomos informados pelo Centro de Washington. Precisam de ajuda? — Ele pode descer aí? — Afirmativo.

— Meia-Cinco-Nove, aqui é Baltimore. Vou orientá-lo para pousar em Andrews. Pode passar para a rota três-cinco-zero? — perguntou o controlador.

— Acho que sim, acho que sim. A turbina não está mais pegando fogo, mas tenho um vazamento de fluido hidráulico...

— Voo Meia-Cinco-Nove da KLM, aqui é a Torre de Andrews. Estou vendo você no radar. Distância quatro quilômetros, rota três-quatro-zero, altitude mil e duzentos metros e descendo. A pista Zero-Um-Esquerda está livre e nossos carros de bombeiros já estão indo para lá — disse o capitão da Força Aérea. Ele já havia alertado a base e a equipe de emergência, bem treinada, entrara em ação. — Mude a rota para zero-um-zero e continue a descer.

— Meia-Cinco-Nove — respondeu Sato, em tom lacônico.

O piloto não compreendia a ironia da situação. Embora houvesse muitos caças estacionados em Andrews, na Base Aérea de Langley, no Centro de Testes da Aviação Naval de Patuxent River e na Base Aeronaval de Oceana, todas a menos de duzentos quilômetros de Washington, não ocorrera a ninguém manter uma patrulha aérea sobre a cidade; por isso, suas mentiras e manobras elaboradas eram totalmente desnecessárias. Sato mudou de rumo bem devagar, para simular um defeito mecânico, orientado o tempo todo por um controlador americano muito preocupado e competente. E isso, pensou, era uma pena.

— Sim! — Contra? Houve um silêncio geral, seguido logo depois por uma salva de palmas. O presidente se levantou.

— O porteiro da Casa admitirá o vice-presidente à Câmara, para que ele preste juramento.

— Está na hora. Vamos — disse Trent, levantando-se e dirigindo-se para a porta.

Os agentes do Serviço Secreto espalharam-se pelo corredor, conduzindo o cortejo pelo túnel que ligava o Edifício Longworth ao Capitólio, pintado de amarelo e decorado, estranhamente, com desenhos de crianças pequenas.

— Não há nenhum sinal de fumaça ou fogo — disse o controlador da torre, com os binóculos apontados para a aeronave. Ela estava agora a menos de dois quilômetros de distância. — Não estou vendo o trem de pouso! Meia-Cinco-Nove, seu trem de pouso está levantado! Repito, seu trem de pouso está levantado!

Sato poderia ter respondido, mas preferiu não fazê-lo. Não era mais necessário. Empurrou os aceleradores, aumentando a velocidade acima dos trezentos e vinte quilômetros por hora necessários para o pouso, mas conservando a altitude de trezentos metros. O alvo já estava à vista; tudo que tinha a fazer era dar uma guinada de quarenta graus para a esquerda. No último momento, acendeu as luzes externas, iluminando a garça vermelha da cauda.

— O que ele está fazendo?

— Não é da KLM! Veja! — apontou o tenente.

Quando estava exatamente acima da base, o 747 fez uma curva para a esquerda, perfeitamente sob controle, os quatro motores rugindo com a potência máxima. Os dois oficiais entreolharam-se, sabendo exatamente o que estava para acontecer e que não havia nada que pudessem fazer. Avisar ao comandante da base era apenas uma formalidade que não teria nenhum efeito prático. Mesmo assim, ligaram para o comandante e também para a Primeira Esquadrilha de Helicópteros. Feito isso, suas opções se esgotaram e eles se prepararam para assistir ao espetáculo cuja conclusão já haviam adivinhado. Levaria pouco mais de um minuto para terminar.

Sato estivera várias vezes em Washington e conhecia os principais pontos turísticos, incluindo o Capitólio, que visitara mais de uma vez. Era um edifício grotesco, pensou, vendo-o crescer à sua frente. Ajustou a trajetória da aeronave e começou a descer a Pennsylvania Avenue, em direção ao rio Anacostia.

A visão foi tão surpreendente que deixou paralisado o agente do Serviço Secreto que estava no telhado da ala da Câmara. A paralisia, porém, durou apenas um momento. O homem se pôs de joelhos e arrancou a tampa de uma grande caixa de plástico.

— Tirem o SALTADOR daí! Depressa! — gritou o homem, enquanto retirava o Stinger do invólucro.

— Vamos! — gritou um agente no microfone, tão alto que todos que estavam no interior do prédio levaram um susto.

Para os agentes do Serviço Secreto, a palavra significava que tinham de levar o presidente para longe. Instantaneamente, homens tão bem treinados quanto qualquer jogador de futebol profissional entraram em ação, embora não tivessem a menor ideia de qual era o perigo. Na galeria acima da Câmara, a

segurança da primeira dama tinha uma distância menor para percorrer, e embora uma das agentes tropeçasse nas escadas, conseguiu segurar Anne Durling pelo braço e arrastá-la para fora.

— O que foi? — perguntou Andrea Price, a única a falar no túnel.

Os outros agentes que cercavam a família Ryan sacaram suas armas, quase todas pistolas, embora também houvesse duas submetralhadoras. Olharam todas as direções, à procura de algum sinal de perigo, mas não viram nada.

— Abaixem-se! — Abaixem-se! — Abaixem-se! No plenário da Câmara, seis homens correram para o atril, também com armas na mão, em uma cena que milhões de telespectadores jamais esqueceriam. O presidente Durling olhou para o chefe dos agentes, perplexo, mas o homem se limitou a pedir que continuasse andando.

O agente que estava no telhado levou o Stinger ao ombro em tempo recorde e o sinal sonoro revelou que o alvo tinha sido engajado. Apertou o botão de disparo, mesmo sabendo que não faria a menor diferença.

Ding Chavez estava sentado no sofá, segurando a mão de Patsy, a mão onde estava a aliança, até ver os agentes sacarem as armas. O soldado que sempre haveria nele o fez aproximar-se da TV em busca de sinais de perigo; mesmo não vendo nenhum, sabia que o perigo estava presente.

O risco luminoso assustou Sato, e ele se encolheu um pouco, mais de surpresa do que de medo, ao ver o míssil se dirigir para a turbina interna do lado esquerdo. O ruído da explosão foi surpreendentemente forte, e os alarmas mostraram que a turbina tinha sido totalmente destruída, mas ele estava a apenas um quilômetro do edifício branco. A aeronave inclinou-se ligeiramente para a esquerda. Sato corrigiu automaticamente a trajetória, apontando para a ala sul da sede do legislativo americano. Estariam todos lá: o presidente, os congressistas, todos. Fez os últimos ajustes com a mesma precisão do que em qualquer pouso de rotina e seu último pensamento foi que teriam de pagar um preço muito especial por terem matado sua família e humilhado sua pátria. Seu último ato voluntário foi escolher o ponto de impacto, a dois terços do patamar superior da escadaria de pedra. Era o lugar ideal...

Quase trezentas toneladas de aeronave e combustível atingiram a face leste do edifício a uma velocidade de seiscentos quilômetros por hora. O 747 se desintegrou instantaneamente. Embora frágil como um pássaro, sua velocidade e massa já haviam pulverizado as colunas externas no prédio. Em seguida, foi a vez da própria construção. Assim que as asas se quebraram, as turbinas, que eram na verdade os únicos objetos maciços da aeronave, projetaram-se para a frente e um deles penetrou no plenário da Câmara. Não havia vigas de aço no Capitólio; o edifício pertencia a uma época em que pedra sobre pedra era

considerada a forma mais sólida de construção. Toda a face leste da ala sul do edifício foi reduzida a escombros, mas os danos de verdade levaram mais um ou dois segundos para ocorrer, o tempo necessário para que o teto desabasse sobre as novecentas pessoas que se encontravam na Câmara. Cem toneladas de combustível irromperam dos tanques despedaçados, vaporizando-se ao passar pelos blocos de pedra. Um segundo depois, o combustível explodiu, e uma imensa bola de fogo tomou conta do edifício. As chamas expandiram-se, procurando o ar nos corredores e fazendo com que uma onda de pressão se infiltrasse por todo o edifício, chegando até mesmo ao porão.

O impacto inicial foi suficiente para jogar todos no chão; os agentes do Serviço Secreto estavam quase em pânico. O primeiro instinto de Ryan foi agarrar a filha mais moça, empurrar o restante da família para o chão e cobri-los com o próprio corpo. Nesse momento, alguma coisa o fez olhar para trás, para a extremidade norte do túnel. O ruído vinha dali; um segundo depois, apareceu uma massa de chamas alaranjadas. Empurrou para baixo a cabeça da mulher e mais dois corpos o cobriram. Não havia nada a fazer, a não ser olhar para as chamas que se aproximavam...

... e passavam por cima de suas cabeças; o suprimento de oxigênio começava a se esgotar. A nuvem em forma de cogumelo projetou-se para cima, sugando o ar e os vapores de combustível para fora do edifício...

... mas parou de subir, a menos de trinta metros de altura, e começou a encolher, criando um vendaval que atravessou o túnel na direção oposta. Uma porta foi arrancada das dobradiças e arremessada na direção do grupo, mas não feriu ninguém. A pequena Katie começou a chorar, assustada. Cathy estava de olhos arregalados, olhando para o marido.

— Vamos! — gritou Andrea Price.

Os agentes ajudaram os membros da família a se levantar e os arrastaram de volta para o Edifício Longworth, deixando para trás os dois deputados, que tiveram de se arranjar sozinhos. Quando chegaram à extremidade do túnel, a agente especial Andrea Price foi novamente a primeira a falar: — Presidente, o senhor está bem? — Que foi que... — Ryan olhou para as crianças. Estavam muito nervosas, mas pareciam não ter sofrido nenhum ferimento. — Cathy?

— Estou bem, Jack. — Examinou as crianças, como fizera uma vez em Londres. — Elas estão bem, Jack. E você? Houve uma explosão que fez o chão tremer, e Katie Ryan começou a chorar de novo.

— Price para Walker — disse a agente, no microfone. — Price para Walker... responda, por favor! Qualquer um, por favor, responda!

— Price, aqui é RIFLE TRÊS. O estrago aqui foi muito grande. O teto desabou. Como está o ESPADACHIM?

— O que aconteceu? — perguntou Sam Fellows, ofegante. Andrea nem ouviu a pergunta.

— Afirmativo, afirmativo. ESPADACHIM, CIRURGIA e... que merda, ainda não escolhemos nomes para eles. As crianças estão... todos aqui estão bem — disse pelo rádio, enquanto o ar ainda passava por eles para alimentar as chamas que consumiam o Capitólio.

Aos poucos, os agentes começavam a recuperar a compostura. Ainda estavam com as armas na mão, e se um faxineiro aparecesse naquele momento no fim do corredor sua vida estaria em sério perigo, mas, um por um, respiraram fundo e se acalmaram um pouco, tentando se concentrar no que tinham sido treinados para fazer.

— Por aqui! — exclamou Andrea, indo na frente. — RIFLE TRES, vá buscar um carro no estacionamento... depressa!

— Entendido.

— Billy, Frank, abram caminho! — ordenou Andrea.

Jack não sabia que ela era a chefe da sua segurança pessoal, mas os dois agentes não discutiram. Saíram correndo na direção da saída. Trent e Fellows limitaram-se a observar a cena, acenando para que os outros fossem na frente.

— Tudo calmo! — disse um dos agentes, com uma Uzi na mão, no final do corredor.

— Presidente, o senhor está bem?

— Espere um minuto. O que aconteceu com...

— O SALTADOR morreu — informou Andrea, em tom lacônico.

Os outros agentes tinham ouvido a mesma notícia pelo rádio e formaram um círculo apertado em torno do novo chefe da nação. Ryan ainda estava tentando entender o que acontecera.

— Temos um Suburban esperando lá fora! — chamou Frank. — Vamos!

— Presidente, temos de tirá-lo daqui o mais depressa possível. Venha comigo, por favor — disse Andrea Price, baixando ligeiramente a arma.

— Espere um momento. O que está dizendo? O presidente, Helen...

— RIFLE TRÊS, aqui é Price. Alguém conseguiu sair?

— Ninguém, Price. Ninguém — respondeu o atirador de elite.

— Presidente, temos de levá-lo para um local seguro. Siga-me, por favor. Quando chegaram lá fora, encontraram não um, mas dois dos miniônibus à espera. Jack foi forçado a se separar da família e empurrado para o interior do primeiro.

— E a minha família? — perguntou, vendo agora a pira alaranjada no lugar que havia apenas alguns minutos fora a sede do poder Legislativo. — Oh, meu Deus...

FIM